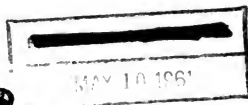
ANNAES

DO

CONSELHO ULTRAMARINO

PARTE NÃO OFFICIAL

SERIE I

FEVEREIRO DE 1854 A DEZEMBRO DE 1858

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1867

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

INDICE DAS MATERIAS CONTIDAS NA SERIE I.

FEVEREIRO DE 1854 A DEZEMBRO DE 1858.

ANNAES

DO

CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

INFORMAÇÕES DADAS AO GOVERNADOR DA BAHIA DE LOURENÇO MARQUES

SOBRE O

ESTADO DOS BOERS OU ANTIGOS COLONOS HOLLANDEZES DO CABO DA BOA ESPERANÇA, E QUE CONSTITUEM A REPUBLICA DA AFRICA AUSTRAL,

POR

João Albasine, e Avelino Xavier de Menezes.

Illustrissimo Sr.—Tendo em vista o officio, que V. S.ª se dignou dirigir-me, em data de seis do corrente, em o qual me pede uma exacta informação do estabelecimento dos hollandezes africanos, estabelecidos nas immediações deste porto de Lourenço Marques, tanto do numero da sua população, como fórma do governo, e maneira do commercio e estado de defeza, respondendo aos 17 artigos, no mesmo indicados: eu, pois, com todo o gosto farei quanto os meus limitados conhecimentos me ajudarem para tal fim.—A respeito do 1.º, em que V. S.ª me pergunta, que legoas calcúlo de distancia deste Presidio á cidade, aonde se estão estabelecendo os hollandezes africanos, e qual é o nome da cidade, ao que eu devo dizer a V. S.ª, que tenho calculado 120 legoas deste logar áquelle, e que a cidade é denominada a cidade de=Andries Orig*=nome este derivado do nome de um dos seus chefes, que se chama André. Em quanto na 2.º artigo, em que V. S.ª me pergunta a posição geographica em que elles se estão estabelecendo, se é ao Norte, ao Sul, ou a Oeste deste ponto; ao que eu devo responder, que ainda que sem instrumento proprio, que me indique o rumo, me parece que a cidade de =Andries Orig=está situada ao NO. de Lourenço Marques.—Respondendo ao 3.º, em que V. S.ª deseja saber a sua fórma de governo, devo dizer-lhe, que os hollandezes africanos, tanto ali como nas outras suas cidades d'onde tem saído, situadas na colonia ingleza do Cabo, é e sempre tem sido, d'um conselho composto de doze homens, pelo povo escolhidos, e dos quaes doze um faz de presidente.—Ao 4.º, a que devo responder, no qual V. S.ª pertende saber, qual é a extensão do terreno que occupam, não me é possivel calcular; e só o que posso asseverar a V. S.ª é que elles occupam tanto terreno, quanto é preciso para oito a nove mil pessoas, com gado vaccum, para mim incalculavel, e outras qualidades de criação.—Em quanto ao 5.º fica respondido, que calcúlo oito a nove mil pessoas.—Respondendo ao 6.º artigo, em que V. S.ª pergunta, em caso de guerra quantos homens poderão apresentar, eu sou a responder a V. S.ª, que tendo eu perguntado a esse respeito, me disseram que em caso de guerra por ora não apresentarão mais do que tres mil homens dispostos para guerrear.—Em quanto ao 7.º artigo, em que V. S.ª deseja saber se tem tropas arregimentadas e disciplinadas, ao que devo responder, que nenhumas, e que em caso de guerra todos pegam em armas para a defeza do commum.—Respondendo ao 8.º, em que V. S.ª deseja saber, se tem alguma fortaleza, digo, que tem dois quadros murados, sem mais outra defeza, que elles fizeram para defeza das suas familias, ha um anno e tantos mezes, quando foram ameaçados pelo negro, denominado Manicusse, que com uma grande guerra entrou por um dos lados e lhes desbaratou os seus rebanhos.—Em quanto ao 9.º artigo, em que pergunta, se vi ali alguns officiaes subalternos, ou mesmo

* O verdadeiro nome é Andriès Orig Stadt (cidade de André Orig) ou simplesmente Orig Stadt. Julga-se estar pelos 25 gráos de latitude Sul.

algum general, devo dizer a V. S.ª, que não vi naquella cidade official de qualquer graduação que fosse.—Em quanto ao 10.º artigo, em que V. S.ª pergunta qual é o seu estado de commercio, devo dizer, que pelos quatro a cinco mezes que com elles tenho praticado, conheci, que grande negocio se póde fazer com aquelles povos, mas que o negocio ali está inteiramente desanimado, por falta de pessoas que o cultivem e animem.—Devendo responder ao 11.º, em que V. S.ª pergunta quaes os generos ali mais procurados, e quanto poderão consumir dos ditos generos, direi, que não me é possivel o dizer exactamente a V. S.ª todas as qualidades de generos ali necessarios; pois que para isso seriam precisas algumas folhas de papel, o que não me parece acertado pôr neste logar; mas sim o que posso asseverar a V. S.ª é que são ali precisos todos aquelles generos para oito a nove mil pessoas, ainda que não seja para mais do que para vestir e calçar esta população; além de todos aquelles precisos para os arranjos de familias, agriculturas, manufacturas, e caça de elefantes, serviço este, em que elles mais se occupam; e em quanto ao consumo destes, não posso responder exactamente, por os não ter havido até agora e por isso os não tenho podido calcular.—No 12.º artigo V. S.ª me pergunta quaes os generos que os hollandezes africanos poderão exportar, respondo, que os generos por ora por mim conhecidos, são o marfim, pontas de arrenostro *, couros de boi e de bufalos, solas, bezerros e todas as mais qualidades de pelles curtidas (serviço este que elles muito bem conhecem), manteiga em grande quantidade, carne de boi para salgar, pelles de animaes do matto, obras feitas de pedra, pontas de boi, unhas, etc., assim como uma grande porção de tabaco, e para o futuro me parece, que tambem poderão exportar trigo, pois que sendo este o anno primeiro em que se occuparam dessa cultura, já tiraram para seu gasto com abundancia, e posso dizer que muito bom trigo.—Respondendo ao 13.º, em que V. S.ª pertende saber, qual o seu estado de agricultura, digo, que tendo eu ali chegado em o mez de Novembro proximo passado, naquella cidade encontrei muito bom trigo, milho, feijão de duas ou tres qualidades, excellente hortaliça de todas as qualidades, melão e melancia tal como a da Europa, e um grande numero de plantas fructiferas de diversas qualidades; assim como a plantação da sepa; pois desta plantagem ha lavrador, que tem dois mil pés, e me parece que dá esperanças de melhoramento; pois que quando eu d'ali sahi em Março proximo passado, havia entre elles uma grande influencia na cultura das terras.—Em resposta ao 14.º, ao qual V. S.ª me manda responder, e no qual me pergunta, se lhe conheço vontade de se demorarem, ou se sei que se queiram introduzir mais para o interior, ao que devo dizer a V. S.ª, que quando eu ali cheguei, achei todos os emigrados bastante descontentes por a falta de correspondencia com este porto; isto causado por não terem um caminho por onde elles possam transitar com os portuguezes, sem grande prejuiso nos seus gados, como tem acontecido até agora no caminho, que primeiro abriram, daquella cidade para este porto, que pelas escabrosas veredas, que são obrigados a passar ao travez das montanhas immensas, todo o gado tem morrido de quantas carretas tem vindo a este Presidio: dizem elles, que causado por uma quantidade de mosca venenosa que morde o gado; e a mim me parece que é das grandes estafas que o gado soffre nas muitas subidas das serras; mas com a ida ali dos portuguezes commerciantes, como foi Dionisio Manoel da Silva, Gouvêa, Avelino, e eu, os homens ficaram mais animados, principalmente quando eu lhe dei a noticia de existir um outro caminho, pelo norte, mais favoravel, e ao norte daquelle, que elles descobriram, no qual me parece, que não soffrerão tanto prejuiso, o qual caminho elles ficaram de cultivar, para poderem ter correspondencia com este porto, haverem delle o que necessitam, e darem sahida aos seus generos, o que muito ambicionam; não sei, se para o futuro a falta de generos proprios para o consumo de tal população, será a causa de elles se desgostarem, e procurarem outro logar, mas o que posso dizer a V. S.ª, é que elles tem já ali muito boas casas, e continuam a povoar, e com verdade direi, que me parece, que o que mete mais medo a esta gente, é a mortandade que soffrem no actual caminho, e que logo que achem outro, não sairão mais daquelle logar, onde se estão estabelecendo, o que julgo se poderá tornar de grande utilidade para a nação portugueza.—Em quanto ao 15.º, que V. S.ª me pergunta, se sei que elles tenham posto contribuição aos negros, ou se são por elles bem tratados, ao que devo responder, que não me consta que elles tenham posto contribuição alguma, e pelo contrario direi que elles conhecem melhor do que nós o methodo proprio para tratarem com os Cafres.—Respondendo ao 16.º artigo, em que V. S.ª deseja saber se elles têem operarios de officios mecanicos, sou a dizer, que ali encontrei bons carpinteiros, pedreiros, serralheiros, ferreiros, coronheiros; e direi mais, que elles fazem tudo quanto lhes é preciso para as suas habitações, para transitos e lavouras, comtanto que lhes não

* Rhinocerote.

faltem os materiaes e ferramentas.—No 17.°, V. S.ª me pede o informe de tudo o mais que eu veja merece a pena, a respeito dos hollandezes africanos; só o que direi é que certo é que em Portugal por ora se não sabe qual é esta especulação, porque se o soubessem, não faltariam pessoas que quizessem fazer girar os seus fundos em seu interesse e em beneficio da nação; e que muitas mais cousas eu poderia fazer vêr, a respeito dos hollandezes, se o tempo me permittisse, o qual se me torna escasso, em consequencia de me achar de prompta viagem para a cidade de Andries Orig.—Deos guarde a V. S.ª Lourenço Marques, 12 de Maio de 1847.—Illustrissimo Sr. José Antonio da Silveira, Governador interino deste Districto. = *João Albasine.*

Illustrissimo Sr. Governador. Em satisfação ao que V. S.ª me determina pelo seu confidencial de 27 de Julho ultimo, tenho a informar a V. S.ª—1.° Que a villa de Andris Orig dista deste Presidio quasi oitenta legoas, porém, os caminhos bastante tortuosos, e de serranias, fazem a jornada de cento e dez legoas pouco mais ou menos.—2.° Que a villa de Andris Orig me parece estar ao NO. deste Presidio. —3.° Que a sua fórma de governo, tendo sido no principio a voz do Chefe, que então era commum (A. H. Potquiter), hoje tem divergido em duas, sendo uma aquella mesma que fica dito, comprehendendo uma parte dos emigrados residentes naquella, e nos logares proximos até á distancia de cento e dez legoas ao interior, mais ou menos: todavia a authoridade do Chefe é sollicitada em caso de dividas a cobrar, ou heranças a partir; pois que reinando entre elles boa moral, não apparecem casos crimes. É da mesma maneira influente o Chefe em caso de guerra. A segunda fórma de Governo, a que pertence a outra parte dos emigrados, é administrada por um conselho de doze individuos, escolhidos pela maior parte delles, fazendo parte delle um Presidente, um Magistrado, e um Secretario, e se reune em identicos casos. Nem este nem aquelle partido tem leis por escripto, e só a voz do Chefe, ou o entender da pluralidade dos membros é que decide as cousas.—4.° Não posso dizer qual seja a extensão do terreno que occupam, só sim que uma grande distancia de territorio os separa d'uma a outra povoação.—5.° Da mesma maneira não posso dizer o numero da sua população; pois que morando distantes uns dos outros, elles mesmos ignoram a sua população.—6.° É pratica entre elles, quando se vêem aggredidos pelos negros, passarem aviso uns aos outros, o que de prompto os faz reunir, e então marcham todos a bater o inimigo com as unicas armas, que são espingardas reforçadas.—7.°, 8.° e 9.° Não têem tropa disciplinada, nem Officiaes subalternos, nem General, nem fortificação alguma, só sim dois quadros murados com seteiras, onde recolhem as familias, quando sejam atacados pelos negros.—10.° O seu commercio por em quanto é bastante precario; pois que não tendo este Presidio maneiras de dar sahida aos seus generos, que são gado, pelles, pontas, unhas de boi, etc., só se limita a marfim, e pontas de abada, que a maior parte delles caçam nos sertões.—11.° Os generos que elles precisam, são todos aquelles de que os homens brancos carecem no interior dos sertões, como fazendas de lã e algodão, café da India, ou Brazil, chá, assucar, bebidas espirituosas, ferro, ferramenta, chumbo, polvora, louça de cosinha e mesa, sal, arroz, armas, ou espingardas reforçadas, navalhas de algibeira, tintas e oleo.—12.° No estado actual elles não podem exportar senão marfim, pontas de abada; couros, lã, obra de pedra, marmore, em que trabalham bem, chifres e unhas de boi, assim como carne; porém, para o futuro poderão exportar as producções das suas culturas, em que todos se empregam.—13.° Não parece, que elles tenham muita vontade de ali se conservarem; por lhes ter morrido muito gado nos caminhos que conduzem para o Presidio, por causa de uma qualidade de insectos que temporariamente abunda em alguns sitios; e tanto que d'um e d'outro partido ao presente andam pelo interior á procura de melhor caminho, que os conduza sem aquelle prejuiso, não só para este Presidio, mas tambem para os portos do Norte.—14.° Não consta que tenham posto contribuição alguma aos negros, só sim procuram fazer-se respeitar delles; recebem oblatas d'elles, que recompensam. Deos guarde a V. S.ª Lourenço Marques, 6 de Agosto de 1847.—Ill.mo Sr. José Antonio da Silveira, Governador deste Districto. = *Avelino Xavier de Menezes.*

ITINERARIO DE UMA JORNADA

DE LOANDA AO DISTRICTO DE AMBACA, NA PROVINCIA DE ANGOLA,

por

Manoel Alves de Castro Francina.

No dia 22 de Junho de 1846, ás cinco horas da madrugada sahi de Loanda, acompanhado de alguns amigos; e ao passar do Penedo appareceu-nos Candido Augusto Fortunato da Costa, que foi meu companheiro de viagem até Golungo Alto. Ás 6 e meia chegámos ao Gaspar, donde voltaram os amigos de que já

fallei: neste sitio ha poucas cubatas, e alguma plantação de farinha, mas abunda de cajueiros. Ás 7 chegámos a Têba, onde existe uma patrulha de policia: vimos alguma plantação de milho—ha poucas cubatas; d'aqui começa a jurisdicção do Chefe da barra do Bengo, até onde a estrada é magnifica, plantada de arvoredo, posto que em alguns logares tenha secado e noutros sido arrancado. Encontrámos a chegar a este pouzo muitos pretos carregados de azeite de mendobim, denden, esteiras, marfim e cêra, e entre elles algumas pretas que levavam as cargas ás costas, sustidas por uma cinta passada pela testa: ás 7 e meia chegámos ao sitio chamado=Hota Amubanga.=Neste logar muito convinha a collocação de uma patrulha, por ser uma baixa onde se têem feito repetidos roubos, por estar distante das patrulhas do Cacuaco, e Teba. Ás 8 chegámos a Cacuaco onde ha grande povoação, sem plantações proximas: esta gente em geral vive da pesca, levando as mulheres a grandes distancias o peixe fresco, salgado e mesmo assado para o venderem. O Forte está bastante arruinado, e não sendo acudido com tempo, as cazinhas interiores que servem de quartel ao destacamento, e arrecadação, não resistirão ás proximas chuvas; existem no forte tres peças montadas, e muito convinha conservar-se em estado de defeza, no que a Fazenda nada dispenderia, por ter um Governador, nomeado sob condição de o ter sempre em estado disso. Ás 9 chegámos á Barra do Bengo, com cujo Chefe almoçámos. A casa do Estado, destinada para residencia do Chefe, está hoje deshabitada, porque o Chefe actual mora em propriedade particular, de sobrado com cinco quartos de frente, janellas correspondentes, e cinco ditas inferiores: tem boa vista para todos os lados, bastante vistoso, e alegre, caiado e coberto de telha. Em frente da antiga residencia, além do rio, ha uma povoação, maior que a d'aquem, que se denomina «Muxiluandas», os quaes vivem tambem, e unicamente de pesca: o seu serviço é só o do córte de capim para o esquadrão, no qual são effectivamente empregadas cem pessoas de ambos os sexos, que se rendem mensalmente, e o trabalho a que estão sujeitos não corresponde por certo á gratificação de 1$000 réis, que cada um recebe por mez. Á uma hora da tarde continuámos na nossa viagem: ás duas menos um quarto chegámos a Quinfangondo, grande povoação e feira sem plantações, apenas se avistam algumas além do rio: esta gente vive *de pesca*, aliás de quintadas de diversas cousas que tambem compram e revendem, como seja o peixe que vai da Barra do Bengo e de Cacuaco. Ás 3 e meia chegámos a «Quixiquelela», divisão deste Districto com o do Icollo: na estrada existe um pardieiro de pedra, e á esquerda se vê uma pequena igreja demolida, que uns dizem obra dos antigos jesuitas, e outros dos antigos frades capuxinhos, que além do rio possuiam uma bonita igreja denominada o «Hospicio de Santo Antonio», achando nesta opinião maior probabilidade. Poucas e pequenas cubatas vimos, e seus habitantes vivem de algumas plantações de farinha e milho que ali têem. Pouco adiante encontrámos um defunto que era levado ao hospicio para ser enterrado, acompanhado de muita gente com batuque, e cantarola que mais indicavam prazer do que enterro.

Chegámos a Funda ás 4 e meia; pequena povoação sem plantações visiveis, mas grande pouzo; aqui jantámos, e pernoitámos na casa de hospedagem, mandada fazer pelo Chefe actual do Districto, a qual me parece ter sido feita ha pouco tempo, e teriamos passado melhor a noute, se não fossem os mosquitos, que muito me incommodaram por não ter levado pavilhão. Neste pouzo dormiram mais de 200 pessoas, e ha grande falta de tudo por não haver feira.

23

Levantámos cargas ás 5 e meia da madrugada: ás 6 e meia chegámos aos curraes de Manoel Antonio Jorge de Carvalho e Sousa, onde comprámos leite, que tomámos e levámos, e bem assim queijos frescos: ás 7 chegámos ao grande pouzo denominado «Prata»: este sitio é alegre, e caminhando sobre os bongues (grandes elevações de terra que contém as aguas do rio nas grandes enchentes) chegámos d'ahi a pouco a casa do negociante de Loanda José V. da Silva, onde actualmente reside o Chefe; em ambas as margens do rio vimos muitas plantações, especialmente de bananeiras: ás 7 e meia seguimos, e ás 8 e meia chegámos a «Canga Riangombe» por uma estrada bastante larga e boa, com algumas arvores, mandada fazer por Joaquim Melitão de Gusmão, quando Chefe deste Districto; neste sitio está a antiga casa de residencia pertencente ao Estado, mandada fazer por C. V. Braga, quando Chefe do Districto em 1841, com a qual se dispendeu não pequena somma: hoje está inteiramente abandonada e inutil, e quasi por terra; ás 8 e meia descemos o alto do Foto, cuja passagem, com a abertura do morro mandada fazer pelo dito Constantino no mesmo anno, está actualmente suavisada: na baixa é um pouzo de pretos com cazebres, e alguma plantação de farinha; á esquerda vê-se uma pequena igreja arruinada, do Senhor Bom Jesus de Catete, que tambem se me disse ser dos antigos jesuitas, sendo depois melhor informado que era dos extinctos

frades de Santo Antonio: ás 9 e meia descemos o alto de Cabaia, cujo morro, mais alto que o do Foto, se acha tambem aberto em tempo do referido Constantino, e por isso melhorada a sua passagem, e descançámos sobre a ponte de Cabaia, braço do rio Bengo; ahi almoçámos: esta ponte é de muita utilidade, por isso digna de ser reparada, aliás em breve será por terra, pois que as columnas ou pilares que sustentam as duas casinholas das extremidades já apresentam grandes rachas, e talvez ás chuvas proximas não resistam, e então será difficultosa a passagem. Levantámos da ponte á uma hora da tarde, e até á distancia de uma legoa vimos grande plantação de farinha, com pequenos intervallos: á uma e meia passámos pela pequena povoação de « Mabuco », e depois de um quarto pela do «Ganzo», onde achámos um grande lobo malhado morto em armadilha: ás duas e meia chegámos a «Tanda Bondo», pequena povoação e pouzo com cubatas ridiculas sem plantações: existe uma patrulha de empacaceiros, que observámos ter mandado fazer uma apanha de pretos a pretexto de serviço, para estes lhe tributarem alguma cousa; ás 3 e 1 quarto chegámos a «Camutamba» pouzo com pequenas cubatas sem plantações; aqui se perde de vista até chegar a Ambaca o rio Bengo ou Zenza: este sitio é bastante pantanoso, por ser muito inundado nas enchentes do rio; aqui jantámos e pernoitámos n'uma mal acabada cubata.

24.

Levantámos cargas ás 5 e meia, e tendo encontrado a estrada real, depois de alguns minutos de marcha, encharcada de agua das ultimas chuvas, tomámos por um atalho cerrado do lado direito, por onde não podémos passar nem a cavallo, nem de tipoia, até tomarmos de novo aquella estrada; o caminho é o peior porque passámos, e se o Chefe do Districto tivesse visitado ou percorrido alguma vez a jurisdicção do seu commando, sem duvida o teria já melhorado, mas em geral supponho que bem poucos serão os chefes que o tenham feito: ás 8 horas chegámos á « Quincanga », onde existe uma patrulha de empacaceiros e soldados: neste pouzo existe uma cubata do Estado—não ha plantações: almoçámos ás 9, e depois de meia hora seguimos a nossa marcha: ás 10 e meia chegámos ao pequeno pouzo chamado « Camuginha », sem casas; e ao meio dia a «Quinjongo», riacho com pouca agua, que divide este Districto do do Zenza e Quilengues do Golungo: á uma hora chegámos a « Tenda-riaxico », onde existe um cabo de nomeação do Governo (sob o titulo de Repartição de Chocolo e Dangiandamba) com patrulha de soldados e empacaceiros; ha ali poucas cubatas, entre ellas uma grande do Estado, onde reside o cabo, feita em 1841, quando Chefe do Districto Antonio Caetano da Costa, pela qual se paga 300 réis (quem nella pernoitar), sendo 200 réis para a Fazenda, e 100 réis para o cabo, que neste caso fornece ao viandante agua e lenha: este sitio é alegre, e sem plantações; levantámos deste sitio ás 3 horas, e ás 4 chegámos a « Calucala », braço de rio, cuja corrente em tempo de chuvas é veloz, e quasi como a do rio Lucalla, da qual por isso toma o nome, mas que actualmente dá passagem a pé enxuto; este logar serve de pouzo, apezar de não ter casa; vimos vestigios de ponte estragada; aqui jantámos em uma bonita varzea ao pé do rio, e pernoitámos ao tempo, por termos acabado de jantar tarde.

25.

Levantámos cargas ás 6 da madrugada e chegámos a Calumguembo ás 9 e meia, grande feira e pouzo com cubatas, onde achámos seguramente mil almas: existe aqui um cabo de nomeação do Governo, com patrulha de soldados e empacaceiros: vimos bastante plantação de farinha, feijão e milho, e alguma de algodão viçoso com mais de 5 palmos de altura; encontrámos ali o destacamento que vinha do Duque de Bragança para a cidade, e algum gado vaccum; achámos muitos pretos ferreiros a trabalhar, vimos vender carne fresca, e indagando eu se havia algum imposto, ou pezos regulares, fui informado, que as mais das vezes se vende a carne calculada a olho, e que havia o imposto do vendedor dar ao cabo uma porção de carne para o seu jantar, por estylo antigo, a que chamam « Prato do Estado »: vendedores da feira tambem tributam ao cabo 50 réis, sal ou fazenda; e se a Fazenda publica fizesse arrematar em praça o rendimento diario da feira, tirava um interesse que actualmente percebe o cabo: partimos á uma e meia da tarde, e um pouco adiante está um pequeno pouzo denominado=Xavier:=ás 3 e meia chegámos a « Mongolo » onde vimos grande palmar de denden, e plantação de algodão: este pouzo tambem não tem casas á vista, passámos a pé inchuto o riacho do mesmo nome: ás 4 e 1 quarto chegámos a « Canzelengo » ou «Muchan», onde achámos uma patrulha de soldados e empacaceiros; tambem aqui é pouzo com casas, ainda que poucas, mas sem plantações: ás 5 e meia passámos o riacho «Xixe» com pouca agua, mas bastante pedregoso; pouzo sem casas; aqui finda a jurisdição do Zenga, e principia a do Golumgo Alto: ás 8 e meia

chegámos a « Calólo », grande pouzo com casas e patrulha, onde encontrámos aproximadamente 500 almas: dormimos mal, e sem jantar, por terem ficado atraz quasi todas as nossas cargas, em consequencia da escuridão da noite, e termos porfiado muito na marcha, e que na realidade foi puchadissima; as nossas tipoias nos serviram de camas. Até chegarmos a este sitio passámos por 14 bosques, qual o mais cerrado e medonho; achámos muitos pretos ferreiros, e muitos carregados de marfim.

26.

Levantámos cargas ás 8 horas da manhã sem que até ahi tivessem aparecido as nossas cargas, e chegámos a « Muria » ás 10, pouzo com patrulha e casas, onde existe um encarregado de nomeação do Chefe do Districto; não vimos plantações algumas, á excepção de muita bananeira, cujas bananas são as melhores do Districto, e mamoeiros: ali corre um riacho do mesmo nome com excellente agua, no tempo das chuvas é caudaloso, e a ponte que facilitava a passagem está por terra: ás 11 horas appareceram todas as nossas cargas que se haviam atrazado, e tratámos de almoçar: ás duas pozemo-nos em marcha, e ás 5 e meia chegámos a « Trombeta », onde reside o 2.º Tenente de sapadores Maia, na qualidade de cabo, sem diploma, mas de nomeação do Governo: este sitio é bastante alegre e povoado: nelle se achava estabelecida, desde então, a fabrica de ferro, mas tendo ardido o telheiro em que trabalhavam os pretos ferreiros, poucos dias antes da nossa passagem por ali, passaram a ir trabalhar no « Sange » debaixo das vistas do Chefe; jantámos com o dito cabo ás 7 da noute, e dormimos, tendo-nos tratado muito bem.

27.

Ás 8 da manhã levantámos cargas, depois de termos almoçado, e ás 10 horas chegámos a « Caxillo »; visitámos o capitão da companhia movel do Districto, Manoel Pereira Bravo, que ali mora, o qual talvez seja septuagenario, e bastante cansado; vimos bastante plantação de farinha, feijão e milho; o sitio não é bonito, mas muito habitado: pouco adiante está o pouzo com casas; finalmente, depois de termos feito os nossos cumprimentos continuámos a nossa marcha e chegámos ao pouzo chamado « NDelle » á meia hora depois do meio dia; aqui apenas ha pequenas cubatas, e alguma plantação de farinha, mas muitas bananeiras: á uma e 1 quarto montámos o grande alto ou outeiro chamado « Corombollo », cuja passagem está hoje mais suave com a abertura do morro em altura de 3 braças, pouco mais ou menos, mandada fazer pelo capitão Agostinho Aurelio (hoje fallecido) quando Chefe deste Districto, em 1841, mas que o tempo tem já estragado, a ponto de ter sido preciso passar por elle a pé em certa altura ou logar, pois que actualmente a maior parte dos viandantes, se não todos, passam por uma nova estrada mandada abrir á esquerda do outeiro, pelo actual Chefe do Districto, o major de exercito Izidro, de nomeção Regia; e depois da uma e 1 quarto chegámos ao « Sange », hoje « Aldêa Nova », onde reside o referido Chefe, e é sem duvida bem posto o nome, porque segundo fui informado é o bocado de matto, em todos os Districtos e Prezidios, onde as casas dos principaes moradores, com pequena excepção, são mais proximas, vivendo assim em mais harmonia, e fabricadas em melhor ordem: este sitio é bastante alegre e povoado: descançámos na casa do meu companheiro de viagem, onde fui hospedado, em cujo quintal tem uma bonita horta, pela qual corre um riacho de que é regada; vimos bastantes plantações de farinha, feijão, milho, e algum tabaco; ha ali grande feira, na qual, além de muitas cousas, se vende diariamente carne fresca; durante 3 dias que ali estive fartei-me de boa e tenra verdura, que abunda neste sitio, sem duvida pelo congresso de alguns europeus, habitantantes de « Aldêa Nova ». Vimos os libertos da Fazenda nutridos e bem tratados, muitos dos quaes vimos trabalhar de pedreiro e carpinteiro nas complicadas obras da casa da residencia, que se acha caiada e pintada, mas não acabada, e o Chefe nos informou que outros já trabalham de ferreiro e malhadores, mostrando-nos ferraduras batidas por elles; empregando-se os libertos na cultura do arimo do Chefe. O reconhecimento pede que eu confesse, que em quanto ali estive, não consentiu que comessemos fóra de sua casa, e com elle estavamos quasi effectivamente, até as noites, tratando-nos o melhor possivel, e não menos o meu companheiro, que igualmente me obsequiou quanto estava a seu alcance. No dia 29 appareceram a meu encontro alguns amigos de Ambaca, que foram tambem tratados, frequentando o Chefe, por quem foram mandados hospedar.

JULHO 1.º

Partimos d'Aldêa Nova ás 8 da manhã, e ao meio dia chegámos a « Quela », divisão deste Districto com o de Ambaca, e á meia hora a «Cabinda», pouzo com casas e patrulha de soldados, sem plantações; aqui almoçámos e ás duas proseguimos na viagem; ás 3 horas chegámos a « Calolo », outra vez jurisdicção de

Golungo Alto, pela annexação das terras do Soba Queta, outr'ora de Ambaca, áquelle Districto, mandada fazer pelo ex-Governador Geral Possollo, a pedido do Chefe do Golungo Alto, sem outro fundamento mais do que a circumstancia de ter este Sobado um braço de terra que entra pelo Golungo até «Caxilo», quando actualmente peior acontece, pois que pertencendo como está o Sobado de Queta a este Districto, mete igualmente um braço, e finalmente a maior parte das terras pelo Districto de Ambaca até «Quissembe» distancia talvez dez vezes maior do que aquella em que pelo Golungo Alto se intranhava quando pertencendo a Ambaca; neste sitio ha um pequeno casebre no fundo (ou pouzo): ás 3 e 40 minutos chegámos a «Zangariamucari», pouzo com pequenos cazebres sem plantações: ás 4 e meia chegámos a «Camuaxi», por onde corre um riacho do mesmo nome, junto do qual está o fundo com casebres, e alguma plantação de farinha: jantámos quasi noute em casa do morador Pedro Daniel, onde pernoitámos recebendo bom tratamento.

2.

Levantámos cargas ás 5 e 1 quarto da madrugada, e depois da uma hora de marcha passámos o riacho «Cuango», junto do qual ha um pequeno pouzo de pretos; aqui começa de novo a jurisdicção de Ambaca; colligindo daqui que sem duvida se hão de dar muitas vezes conflictos de authoridade com prejuizo do Serviço Publico, pois que não ha nada mais natural e facil, que um morador de Ambaca commetter qualquer crime e em poucos passos passar-se para o do Golungo Alto, sem que o Chefe daquelle Districto lhe possa lançar mão, e vice-versa, a não ser por meio de precatoria, e officialmente, o que não aconteceria se as terras de Queta fossem divididas pelo Rio «Calma», porque assim nenhum dos dois Districtos teria em si terras do outro, e neste caso ficando o actual Soba pertencendo a Golungo Alto, se nomearia outro para as que ficassem pertencendo a Ambaca: as 7 e 1 quarto chegámos ao pouzo de pretos chamado «Quibebula», sem casas, e ás 8 e 40 minutos a «Camba», onde reside o Chefe actual do Districto Manoel do N. e Oliveira, de nomeação do Governo, em casas do Capitão da 4.ª Companhia movel, Victoriano de Faria, por não ter o Estado neste Districto casa, para o que muito concorre a pouca estabilidade dos Chefes nos commandos, que não contando com a duração do poder, não tratam de fazer casa, e apenas de ganhar alguma coisa em quanto não são mudados, as mais vezes por infundadas representações deste povo difficil de governar. — Este sitio é descampado, mas não dos mais bonitos; em frente da casa da residencia, além da estrada, está o quartel do Destacamento, e prisão; á direita desta, um pouco separado, a casa do Escrivão, e nas immediações da cadêa, muitos casebres de palha, a que chamam «Quilombo», nos quaes permanecem os commandantes do serviço da residencia, que são rendidos em todos os quarteis pelo respectivo Soba, e as pessoas que de longe vem contender uns com outros, e assistir ás audiencias nas quartas e sabbados: mais abaixo, em distancia de 300 passos da casa da residencia, corre o rio Pamba, de excellente agua; á direita da residencia 100 passos está uma pequena casa em que achei morando o Capitão Faria, em torno da qual está a senzalla dos seus muitos escravos; á esquerda da residencia mandou o dito Capitão fabricar uma cubata, em igual distancia, de oito quartos, sendo cinco de frente, que se concluiu já á minha vista, a qual lhe serve actualmente de moradia; ao largo se avista, além do rio, a casa e senzalla do Capitão Gaspar Gonçalves dos Santos, em distancia de um quarto de viagem, e um pouco mais distante a senzalla de uma familia sem nome; em frente da casa da residencia estão plantadas diversas arvores fructiferas, arruadas, e alguns pés de café, tudo em pequena altura por ora, e no centro destas o pau da bandeira, e proximo á porta do lado esquerdo está o braço que sustenta as balanças em que se pesa o marfim e cêra que vae do sertão tomar ali guia: vi muitas plantações de farinha, feijão, mendobim, e tabaco, sendo as principaes lavras as do Capitão Faria, dos tres primeiros artigos, posto que fosse informado que os principaes lavradores do Districto são Antonio Cataleco, e Antonio d'Abreu. O Chefe tem mensalmente um destacamento de 20 soldados, um Sargento e Cabo, permanecendo 12 ditos com Sargento, tambor e Official no antigo Prezidio, de que adiante fallarei.

Não vi em Ambaca feira; apenas se vendem, em um logar chamado «Quibuna», Quitolo (garapa) e algumas vezes carne fresca de vacca, porco ou carneiro. O archivo deste Districto está reduzido a papeis desorganisados, amarrados em dois moitetes, dos quaes não consta por inteiro as correspondencias dos ultimos Chefes os Tenentes Cardoso, Guimarães, e Capitão Castro, existindo até os livros de registo com falta de folhas, principalmente do que pertence ao tempo do Tenente Cardozo, porque por morte do Capitão Patricio, que o foi succeder, durando apenas meia duzia de dias, ficou o governo entregue ao Fragoso (Capitão da 2.ª Companhia) e ao primo o Tenente

Manoel Mendes, que inutilisaram tudo quanto aquelle Chefe havia dito contra este; do estado do archivo o Chefe actual deu parte ao Governo, mas não teve resposta; hoje, porém, está regularisado, quanto ao tempo deste Chefe, e os papeis se acham em estante convenientemente separados.

No dia 23 de Julho ás 7 horas da manhã sahi da residencia, acompanhado do Chefe, e alguns amigos; ás 8 passámos o rio «Camuegi», cuja agua não é das melhores, com quanto seja boa; e um pouco adiante mostrou-me o Chefe o logar em que pertende assentar a casa da residencia, o qual é na realidade bastante alegre e bonito, descampado e alto, o que muito concorrerá para o gozo de saude, accrescendo a circumstancia de ficar ahi mais central a residencia; neste sitio vi os pardieiros da antiga casa da residencia, mandada fazer por Joaquim Germano de Andrade, quando Chefe deste Districto em 1818, o qual na occasião de ser rendido a vendeu (não sei com que fundamento) a Gaspar Fragoso dos Santos, pae do Capitão Manoel Fragoso dos Santos Cardoso, que se inculca senhor dos ditos pardieiros: ás 8 e meia chegámos á beira do grande rio « Lucalla », o mais caudaloso, e importante do Districto.—Este rio no tempo de chuvas toma grande altura, e alaga; e hoje, apezar de se me ter informado que estava baixo, sua profundidade excede a duas braças, e em certos logares chega a dar váo; sua largura é grande, e basta dizer que em algumas partes fórma ilhotas, algumas das quaes habitadas por mais de 60 fogos: embarcámo-nos na canôa do Estado, que já apresenta ruina, e pela altura que fomos tomar para atracar no ponto de desembarque d'além, colligi o quanto se torna difficil e perigosa essa passagem, quando cheia, porque a sua corrente sem duvida é mais precipitada: neste porto vi os alicerces de uma ponte de pedra que Antonio Garcia Fialho, quando Chefe do Districto, mandou fazer; este alicerce está á flor d'agua, e quando o rio abaixasse de todo, seria facillimo o acabamento della, havendo cal, que sem inconveniente poderia ir de Massangano, por não a ter o Districto, e bem assim seis bons pedreiros, entendedores de taes obras, como sejam os sapadores.

Este serviço é tanto mais importante quanto necessario em utilidade publica e particular, por se acharem já vencidas as principaes difficuldades, e a despeza que se fizesse dentro em pouco seria resarcida pela Fazenda, com pequeno imposto, podendo ficar depois livre a passagem, ou mesmo minorado, e arrecadado sob fiscalisação do Chefe, para acudir-se a qualquer despeza eventual; finalmente desembarcámos, e depois de uma hora de marcha chegámos ao antigo Presidio, que está actualmente quasi deserto. A igreja de Nossa Senhora d'Assumpção está caida desde 1842, as imagens e paramentos estão arrecadados em um quarto de uma casa velha do Estado, e as pratas recolhidas em cofre (que existe no quarto d'arrecadação de diversos pertences de artilheria, presentemente inutilisados) sob responsabilidade do respectivo Thesoureiro, o Alferes J. da Silva Rego, que na occasião se achava destacado ali; no mesmo quarto vi tambem sete peças da antiga fortaleza, e contiguo a elle está o quartel do destacamento em casas tambem do Estado, muito velhas, e ambas se acham em tal ruina, que o Official commandante do destacamento se vê na necessidade de alugar alguma cubatinha para morar.

A chamada fortaleza não tem o mais pequeno vistigio disso, e se me não tivessem mostrado o logar, em que outr'ora existiu, certamente que o não ficaria sabendo: almoçámos ás 11 horas em casa do Commandante do destacamento, e á uma hora voltámos para a residencia, onde chegámos quasi com a mesma viagem.

No dia 25 de Julho, pelas 7 horas da manhã sahi da residencia acompanhado do Chefe, e mais amigos, com destino a S. Joaquim de Lucamba, a examinar a obra da igreja que se está reedificando: ás 9 e meia chegámos a casa e sitio do Escrivão do districto, onde nos esperava com o almoço: almoçámos e passámos além do rio « Canavegi », e depois de poucos passos chegámos á chamada igreja, da qual apenas se acham feitas as duas paredes de fundo, e frente, e accrescentadas as lateraes com mais tres palmos de altura, tendo-se dado começo á obra em Agosto do anno proximo passado, e havendo a Commissão administrativa das igrejas de S. Joaquim e Assumpção feito já não pequena despeza: as imagens acham-se recolhidas em um quarto das casas do fallecido vigario do Districto, Garcia Fragoso dos Santos, hoje demolidas; os paramentos e joias não as vi, por se me ter dito em poder do Thesoureiro respectivo, o morador Domingos Antonio dos Santos Alemtejo, que, segundo informações que colhi, não tem a precisa estabilidade para garantir a segura guarda de taes bens, servindo assim este cargo de tanta importancia sem fiança; depois deste exame tornámos para a casa do Escrivão, e á uma hora voltámos para a residencia, tendo

porem jantado em casa do Capitão Gaspar Gonçalves dos Santos, que não nos deixou passar, onde chegámos ás duas e meia. Em ambas fomos mui bem tratados. Conversámos muito sobre o estado da obra, e o mencionado Capitão Gonçalves, Presidente da referida Commissão, a cujo cargo ella se acha, defendeu-se frivolamente da batida que lhe dei, lançando-lhe em rosto o nenhum zelo que têem empregado em uma obra publica, e religiosa; não deixando de recaír responsabilidade ao Chefe que, apezar de incansavel em suas ordens a respeito e a bem do serviço, devia obrar com mais energia para coagir a Commissão a tratar com mais interesse as obras publicas. Esta obra não tem á testa um Director capaz, e esta circumstancia basta para concorrer muito para o seu atrazo, o que é difficil de remediar neste Districto, onde o amor patrio, unico incentivo para o bom cidadão se empregar com esmero e actividade n'aquillo que convém para florescimento do paiz, e acreditar o seu povo, e muito mais aos encarregados de taes melhoramentos, só apparece malignamente.—Nada finalmente tratam que não lhes dê interesse proprio e immediato, posto que em tal obra não deixa de haver comedela.

———

No dia 28 de Julho ás 7 horas sahi da residencia em companhia do Chefe e mais amigos, com designio de irmos vêr uma obra admiravel da natureza, a que os naturaes de Ambaca chamam o «Puri de Careorombolo»; ás 8 e meia chegámos ao «Tuique», logar pouco esplanado, e que tem servido de residencia a alguns Chefes em casa particular; ahi almoçámos em casa do commerciante Antonio Rodrigues Neves; ás 3 e meia chegámos á «Tunga», onde mora o Tenente Sant'Anna, das Companhias moveis, em cuja casa pernoitámos, por termos acabado de jantar tarde, e no dia seguinte ás 7 da manhã seguimos com mais este companheiro para o «Puri», obra na verdade admirabilissima; ás 8 e 40 minutos chegámos ao logar da entrada em frente de uma grande rocha, para um subterraneo, cuja descida é algum tanto incommoda, por escarpada, e um pouco ingreme: entrámos, e logo abaixo do lado direito fica um lago, para o interior d'uma immensa abobada, cuja altura na parte mais elevada rastejará por vinte braças, ou pouco menos, e n'outros pela metade; esta abobada é esbranquiçada dos lados, formando o limo em altura de braça uma especie de barra verde, e apresentando por cima uma variedade de côres vivas, que o pintor mais habil talvez não igualasse: no centro do fundo está um grande torrão de pedra d'alto abaixo, formando para traz duas entradas; entre muitas cousas dignas de attenção está um buraco, n'este torrão, em fórma de capella, no qual está uma pequena *imagem de pedra*, digo, uma pequena pedra em bruto, que figura, ou representa a imagam da Sr.ª Sant'Anna, a que os moradores do Districto chamam «Nossa Senhora da Pedra preta», que tem a seu lado alguns papeis de promessas, que algumas pessoas por devoção têem ali hido collocar, e bem assim dois vidrinhos de azeite e vinho, causando este não pequena admiração áquella gente pela impossibilidade de ser hoje destapado, o que elles attribuem a supersticiosos motivos: passámos para o interior, e depois de alguns passos sobre grandes lages, perdemos quasi a claridade do dia; accendemos quatro vellas que de proposito levavamos, e depois de nos termos entranhado mais, a luz que ellas offereciam já não era bastante para nos aclarar a passagem; fazendo-nos retroceder a escuridade, o rumor de um riacho que se sente correr, e sobre tudo o receio de alguma fera que dentro estivesse acoitada, posto que estivessemos perto de cem pessoas. —Alguns dos nossos escravos mais afoitos, e que sabiam da communicação para outra abobada com saída para fóra, a que chamam porta do quintal, aproveitaram-se da nossa retirada, e sem nosso consenso, seguiram interiormente com fogachos de capim, em quanto nós buscavamos por fóra esta segunda entrada; e quando por ella entravamos, depois de dez minutos de marcha sobre a rocha, os encontrámos quasi a sairem, trazendo as pernas molhadas até pouco abaixo dos joelhos, da passagem do riacho de que já fallei: estes nada mais nos disseram que tinham passado por immensas lages, e depois por um riacho, e que apezar dos fogachos havia muita escuridão. Esta abobada, quasi circular, apenas terá duas braças de altura, sendo n'outras partes muito mais alta, mas nunca ou em nenhuma tanto como naquella: a largura desta é grande, e daquella apenas será de 3 ou 4 braças: seguimos até certa altura, e logo que demos com o riacho em frente, parámos, tratando a cada passo de admirar todos nós esta prodigiosa obra da natureza, digna de uma seria analyse de pessoa entendida: esta abobada em diversas partes está continuadamente a filtar ou a distillar agua, que com o frio local se gela, e representa diversas exquisitices. Depois de bem satisfeitos de nossas observações ou antes admirações, retirámo-nos para a casa do Tenente Sant'Anna, onde almoçámos: á uma hora seguimos para o «Tuique», onde jantámos, e ás 6 recolhemo-nos á residencia. Muitos dos ha-

bitantes d'Ambaca desconhecem esta obra, e talvez mesmo todos os Chefes que Ambaca tem tido; e a não ser a instancias minhas, instigado da maior curiosidade, pela noticia que o actual Chefe me havia dado transmittida pelo europeu José Maria da Costa, ali casado, e estabelecido, que tambem nos acompanhou, todos quantos foram ao «Puri» continuariam na ignorancia de tão admiravel obra da natureza.

DA GUARNIÇÃO DE AMBACA.

A guarnição de Ambaca, compõe-se de 4 companhias moveis, ou como já disse, guerrilheiros, por lhes faltar a uniformidade e apparencia, e sobre tudo a disciplina militar, o que é commum em os soldados dos mais Prezidios e Districtos, e com pequena differença nos das companhias pagas ou de linha. A cada companhia, em sua criação, foram dadas 74 baionetas; mas hoje seu numero se acha alterado para mais, em consequencia de que os pretos ambaquences, para fugirem do serviço do carreto sob titulo de *brancos* *, se vão alistar soldados em casa dos commandantes das companhias, a troco de dadivas que estes recebem; ficando assim isentos do serviço militar os filhos dos moradores estabelecidos que estão no caso disso; para esta mesma isenção tambem se tributa, e isto deu motivo a que o actual Chefe, chamasse asi os pés de listas: seu armamento total não excede a 80 armas arruinadissimas e incapazes de serviço: correiame não tem; e se o Governo não dér mais attenção a esta classe de servidores do Estado, será cada vez mais irrisoria a sua existencia e de nenhuma utilidade. Na mostra do 1.° de Agosto, apresentaram-se todos desarmados e no maior desarranjo possivel: neste mesmo estado destacou a força do costume, trazendo alguns jaquetas em logar de fardetas, e bonés com listas incompetentes: os respectivos officiaes tambem se apresentaram desarmados, e alguns com uniformes tambem incompetentes; allegando em seu favor a falta de aviso official para a mudança dos vivos e canhões das fardetas, segundo o ultimo plano de uniformes mandado publicar em Loanda. Possuido eu do desejo de os exercitar um pouco, e com permissão do Chefe, os metti em fórma, porém, todos os meus esforços foram baldados, e creio que me não engano em affirmar que exercicio é cousa de que muitos nem têem ouvido fallar, por quanto nem marchar sabiam: os mesmos officiaes não souberam desenvolver-se em cousa alguma, exceptuando-se o Alferes João Pedro Fragoso, que da tatica militar entende algum tanto, por o ter sido do batalhão de voluntarios caçadores da Rainha, onde teve bom instructor, sem o qual será o mesmo que não existirem estas companhias.

* Os pretos do interior em usando de çapatos querem ser considerados como brancos. São conhecidos por Camundelles.

DOS MEIRINHOS DE JUSTIÇA.

Achei neste Districto uma porção de homens, chamados Meirinhos, Alcaides e Porteiros: o seu numero é excessivo, e a sua nomeação, por erronea e antiga pratica, unicamente dos Escrivães. A extincção de taes funccionarios foi uma das melhores medidas que o Chefe poz em pratica, em resultado de ordens do Governador Geral da Provincia; pois que esta classe de empregados não era mais que um bando de corregedores, que imbuidos com as idéas de *brancura*, se empenham e tributam (como os soldados) para serem nomeados Meirinhos, etc., tornando-se depois sanguexugas nas diligencias diarias que fazem a grande distancia, muitas vezes de 4 e mais dias de viagem; hoje, porém, é muito natural que o seu numero se limitte e só se altere quando de todo o exija o serviço publico, porque a sua nomeação d'ora em diante fica privativa do Chefe.

DOS SOBAS *, E O MODO POR QUE SE TIRAM CARREGADORES EM SUAS TERRAS.

O numero dos sobas de Ambaca é extraordinario, mas 4 ou 5 são os que verdadeiramente podem ter tal nome; os principaes são: «NGonga a Muisa» — «Caculo Cacabaça» — «NDala Ceia» — «Pari a mulenga» — e «Cassoba Cagingi»; — todos os outros são pouco importantes, e muitos delles são Sobetas de meia duzia de fogos, que mais conveniente seria extingui-los, e annexa-los aos Sobas mais proximos, e de muitos pequenos tornar poucos, mas grandes. — Os Sobas dão annualmente duas vezes carregadores, conforme a sua população (que além do dizimo real, tambem pagam outro aos respectivos Sobas) e não attendem a extraordinarios pedidos, pois que mesmo o numero de carregadores que são obrigados a dar, para o completarem torna-se necessario longo tempo, e algumas vezes ameaças, e prisões dos ditos Sobas. O processo é o seguinte: —

* Pequeno potentado, senhor de terras, e Chefe da sua povoação.

Logo que o Chefe recebe ordem para dar carregadores, passa portaria a um encarregado para os ir tirar deste ou daquelle Soba—apenas chega quer logo que o Soba lhe « passule », isto é, que lhe dê viveres para seu sustento, ao que immediatamente se satisfaz, porque todo aquelle povo está convencido de que é por obrigação; e se o Soba é dos miseraveis, desampara a casa, e foge para o matto, onde se conserva, até que aquelle delapidador se retire, gemendo neste caso os respectivos macotas* : depois de 3 dias, mais ou menos, passa o Soba ou os macotas a ordenar aos patrões a apresentação dos carregadores, que sempre se effeitua por meio de violencia, e amarrações, e nunca sem faltas, porque em quanto apparece quem se quer resgatar por dadivas, o numero pedido não se preenche, vindo então pela maior parte camundelles que se não sujeitam ao carreto, nem mesmo ás leis dos Sobas, e que sendo forçados a descalçar os chinellos, para serem dados como carregadores, fogem logo que podem, ou desamparando a carga ou levando-a.—Os Sobas de Dongos são os que têem mais camundelles, e por isso mui poucos carregadores dão, e quando o encarregado lhes apparece pedindo-os, alguns ha que lhe apresentam qualquer dadiva, e instrumento cortante, dando-lhe a escolha, e o encarregado já se vê que abraça o que menos fere. Os Sobas do Lombe são rebeldes em todo o sentido do serviço, e apenas se sujeitam ao pagamento do dizimo.—Este serviço de tirar carregadores é appetecido por muitos moradores de Ambaca, porque tiram delle interesses, como fica dito, e o peior é que o Chefe, vendo-se na necessidade de nomear a alguem, as mais das vezes o deixam compromettido com as extorsões que fazem, as quaes logo que chegam ao conhecimento do Chefe, este procede em harmonia com o Soba; fazendo retirar o encarregado, que depois é correccionalmente castigado, e substituido por outro com quem se não melhora, porque tal gente taes costumes. Ás vezes se dão tambem desattenções ou rebeldias da parte dos Sobas; neste caso é chamado e castigado com dias de prisão, segundo a gravidade do crime, quando elle se apresenta, porque outros ha que o não fazem por insolentes, e o Chefe não tem força capaz para os fazer conter nestas continuas e diarias desobediencias.

O numero de carregadores que se pede nunca se dá de uma só vez, e sem delongas, como fica dito, porque se julgam isentos de tal serviço os parentes dos mais abastados moradores, ainda em o mais remoto grão, os dos soldados e meirinhos, os agregados ás senzalas dos grandes, que os protegem, os devedores de negociantes desta Praça, e finalmente a parentalha de qualquer antigo empacaceiro, cujo titulo ou serviço julgam dever herdar, e todos estes motivos são os que difficultam o rapido cumprimento de ordens superiores, e que torna este genero de serviço mais pezado: e a não serem estes o Chefe não hesitaria de dar um só carregador que se lhe ordenasse, porque dahi utiliza a gratificação que sempre os feirantes de moto proprio dão, e sobre tudo o galardão de agradar ao Governo com a execução de suas ordens. O Chefe muitas vezes quer leva-los pacificamente, para evitar violencias, que dão motivos a falsas accusações, e prejuizos imaginarios com que aquelle calumnioso povo repetidas vezes incommoda o Governo. Fallar deste objecto seria escrever e não acabar.

* *Fidalgos* que formam a Côrte dos Sobas, e que desempenham nos sobados varias funcções.

DOS USOS E COSTUMES AMBAQUENCES.

Os usos e costumes desta gente são difficeis de descrever, maximè quando a minha estada ali apenas foi de 30 dias, tendo estado alguns doente, e outros em restabelecimento, e por isso impossibilitado de sair da residencia para longe; todavia, segundo as melhores informações, o mais notavel entre elles é a maneira por que fazem os seus *cazamentos, enterramentos*, e *obitos*. Nos casamentos observa-se o seguinte:—Depois de um explendido jantar, quando elle dá para isso, o noivo é quasi violentado a recolher-se com a noiva ao quarto preparado, onde com antecipação se põe ao pé da cabeceira da cama uma arma carregada: depois de duas horas, mais ou menos, os parentes da noiva impacientes por saber se ella foi ou não achada intacta, e se o noivo é ou não varão perfeito, batem fortemente á porta com immensa gritaria, sem duvida ajudada pelo Baccho, que em taes occasiões sempre se gasta (ou caxaça) até que o noivo dê signal de si, e da honradez de sua mulher, disparando um tiro por uma janella, com a arma de que já fallei, ao qual correspondem todos com applausos e repetidos tiros, ficando depois os noivos tranquillos o resto da noite, em quanto os parentes e amigos folgam contentes e satisfeitos. Se o noivo não dá o tiro, provado fica que o matrimonio não está consumado ou que em alguns delles ha falta; neste caso ficam tristissimos, e tratam logo de indagar de onde ella provém. Se o homem accusa a mulher de falta de honradez, o sogro ou outros parentes tratam, por meio de dadivas de re-

solve-lo a que não faça o caso mais publico por meio de separação, ao que quasi sempre se annue; mas se pelo contrario ella accusa o homem de impotente, o casamento é immediatamente desmanchado, e fica o homem por este facto mal visto e aborrecido.—O mesmo observam os não casados, servindo-se de uma garrafa cheia de agua-ardente para provar a honradez da amasia, e meia para o contrario. —Outros ha casados, que tem o estado de casado como nada, porque sendo-o, têem em casa (por grandeza) além de pessoas livres (por amasias) um sem numero de mucambas, em quartos preparados no fundo de seus grandes quintaes, onde não entra um só escravo (homem) em que supponham já malicia: as respectivas mulheres são mudas expectadoras. »

Nos enterramentos e obitos seguem o seguinte: declarada a molestia em qualquer preto ou preta, é logo mudado da casa do amasio ou amasia para a de seus parentes, para ser tratado, e acontecendo fallecer é então carregado para a propria habitação, a fim de se tratar do enterramento, antes do qual procede-se a muitas nigromancias, fazendo até deitar o morto com a amasia, ou vice-versa, para terem copula; depois d'isto feito corta-se ao morto algum cabello, e as unhas, e metendo-as com diversos milongos em um pequeno embrulho, são levados a enterrar em logares privativos a que chamam «Quindos», levantando sobre a sepultura um tumulo, onde assentam diversas quinquilherias, como figuras de barro, pratos, tigellas, garrafas, etc., o qual é abrigado por uma casinhola que se faz de pé para a mão, a que dão o nome de «Quindumbila». Este logar é diariamente varrido por pessoa de familia, ou escravo reservado, e de tempos em tempos lançam sobre o dito tumulo algumas bebidas, e manjares em signal de commemoração: depois de todo este processo são ambos levados em tipoias differentes para a casa do sogro, a que elles chamam «Sogaragem»; ahi fica o que sobrevive, e levam então a enterrar o cadaver no cemiterio mais proximo (por haver muitos); concluido o enterramento, aquelle é levado ás costas de pessoa do mesmo sexo á borda do 1.º rio, que encontram, onde é lançado para ser lavado, ao que elles chamam tirar o «Usse», e sendo depois reconduzido para a sua casa fica encerrado por oito dias, privado de comer cosido, de lavar o rosto, e até mesmo de fallar a pessoa de differente sexo; tambem fica privado de ter claridade no quarto: nestes dias de obito se matam muitas criações para sustento dos hospedes, que tambem presenteam ao individuo de nojo, para mais continuação e sustentação dos grandes batuques, constituindo-se assim successivos banquetes, em quanto duram os meios, nos quaes nada mais realça que completo prazer, e satisfação. Muitos ha que não tendo meios para fazer brilhante o obito, lançam mão de algum parente, e o vão hypothecar por dinheiro ou fazenda, a quem dão o nome de «Gunge». Depois de oito dias é que se varre o quarto, podendo então ter claridade, e comer quente, e convocando-se então todos os parentes fazem sentar o filho mais velho, quando os tenha, em uma benza (pequeno assento quadrado, feito de bordão), põe-se-lhe á cabeça uma caginga (especie de solideo feito de palha de palmeira desfiada), e se lhe pede a apresentação de todos os papeis do defunto, para verem se ha liberdade a fazer valer, quando não possam annulla-las, e finalmente apresentando todos os bens que houver; o tio do «Cabingano» (entre nós o primeiro herdeiro) tudo leva, por ser este entre elles o considerado legitimo herdeiro (sendo irmão materno), e o desgraçado filho fica sem nada, principalmente sendo menor, e que não tenha podido subtrahir alguma cousa.—O viuvo ou viuva conserva-se por um anno guardando castidade, e só depois deste tempo se póde unir a outra pessoa quando o fallecido não tenha deixado parente em grão mais chegado, com quem neste caso deve amancebar-se: para se declarar o desembaraço do viuvo ou viuva convoca-se de novo a parentalha, mata-se então um cabrito, e uma galinha, que cozinham com certas mindraculas para todos comerem; e se aquelle não prova da tal comezana, o accusam de incastidade, fazendo-lhe recaír criminalidade, de que facilmente são convencidos, expiando-a depois com dadivas por elles arbitradas, e convencionadas.

Os da classe mais elevada passam pela maior parte destas cousas muito em segredo.

As mulheres de Ambaca logo que parem são levadas a um rio para serem lavadas, ou em gamelas em casa, segundo a posição dellas, sem que disso lhes resulte o menor mal.

DAS OPANDAS OU ADULTERIOS.

Quando qualquer preto desconfia da fidelidade de sua amasia, ou mesmo não desconfiando pertende com ella ganhar alguma coisa, força-a por meio de pancadas, a dizer que tem commettido opanda com este, ou com aquelle, e se o não faz é victima de seus furores; naquelle caso o amasio manda chamar

logo um dos parentes della, que de ordinario é o tio, e fazendo-lhe patente a declaração, o encarrega da cobrança da expiação do crime, arbitrada em enormes quantias; o sugeito que o não tem commettido, mas, a quem é attribuido o crime, se recusa pagar, é citado para a presença do Chefe, e quando mesmo assim não é por testemunhas convencido, se resolve depois a pagar dentro em pouco tempo, por temer os feitiços, de que se servem muito a miudo. Com esta accusação de infidelidades nem por isso o accusador se separa da accusada, porque deste procedimento lança mão muitas vezes, attribuindo opandas ora a um, ora a outro. Se a preta ajudada por seus parentes se resolve a separar-se de tal monstro ou flagello, este faz logo conta aos dispendios que tem feito desde os seus primeiros amores, e ella ou seus parentes, resignados a não querer que continue a viver em companhia de similhante homem, pagam toda a despeza, levando-se então em conta alguns offerecimentos que della tenha recebido, ou de sua familia, formando-se assim uma conta corrente. —O mesmo ajustamento de contas se faz quando uma mulher *lembada* por qualquer preto, isto é, buscada da casa de seus paes, a troco de dinheiro adiantado, é achada por este imperfeita: ou estando unidos por um, ou quando muito dois annos, não tenham tido filhos; e neste caso são obrigados a separar-se dandose a mulher a outro, porque suppõem que o defeito sempre está no homem, a quem dão então o nome de «NBaco ou Xole.»

DO DISTRICTO DE AMBACA EM GERAL, SEUS HABITANTES, E MANEIRA DE VIVER.

O Districto de Ambaca é abundante de gado ovelhum, cabrum, e especialmente do vaccum, de que os naturaes só se utilisam no trafico, e nos casos de que já tratei, aproveitando os touros para montar, furando-lhes as ventas, por onde fazem passar uma corda, como redeas para governo, chamando-lhes «Bois-Cavallos.»

Este Districto é menos montanhoso que o de Golungo Alto, mas é mais cortado de rios, e os principaes são=o Lucalla=que é o maior e mais caudaloso=o Cariombea=o Quiongua do Hari=o Quiongua do Piri=o Lutette=e o Lucome. Está dividido em sete cabados, que são=Piri=Lucalla=Hari=Zenza d'aquem=Zenza d'além=Zamba=e Lombe. Tem immensas arvores resinosas, e varias qualidades de ochre, como seja amarella, côr de rosa, azul claro, e verde, de que alguns se servem para pintar casas. Suas comidas, á excepção dos da primeira classe, são hervas, ou folhas de mandioca, feijão, gafanhotos, etc., porque os seus viveres não lhes servem de nada mais que para acudir a suas precisões, como já expliquei. O seu vestuario é em alguns calças, jaquetas, e chinelos, e as mulheres não passam de uma tanga tecida de algodão amarrada á cintura, trazendo o cabello cortado atraz da cabeça, e crescido na frente, penteado e azeitado (a que chamam «Quindumba.»)—As suas habitações são mui distantes umas das outras, em rasão da pouca união que entre elles se dá, ao passo que pela maior parte são aparentados em gráo mais ou menos remoto, ou por afinidade. As casas dos principaes moradores são de pau a pique, e algumas rodeadas de parede de adobe, cobertas de palha, e esbranquiçadas com uma especie de pedra calcarea, chamada «Pemba» dissolvida e cozida em agua, ajuntando-se-lhe azeite, ou sem elle, dissolvida simplesmente em agua fria, mas neste caso não liga tanto; e dos mais pobres são pequenas macacas todas de palha, que não parecem casas, as quaes com facilidade se mudam.

O povo de Ambaca é talvez o mais civilizado do dos nossos Districtos e Presidios, pois é raro o preto ambaquista que não saiba lêr e escrever, ainda que mal, ou pelo menos assignar o seu nome; geralmente são portuguezões, e amantes dos termos empolados e pouco communs, nas suas extensas escriptas.

Logo que cheguei a este Districto fui visitado por muitas pessoas, e por algumas obsequiado, e retribuindo depois as visitas áquelles por quem tive maiores sympathias, em distancia de mais de legoa, observei que mesmo as estradas centraes do Districto estavam limpas, merecendo louvores o Chefe actual neste ramo de serviço de tanta utilidade publica e particular, posto que pareça exageração minha por ser elle meu pae.

Tudo quanto tenho dito ácerca dos usos e costumes desta gente, extende-se aos moradores de Golungo Alto, por ter sido em outro tempo uma só familia; e seis dias que estive neste Districto de Golungo me convenceram disto, por algumas informações que colhi.—A marcha de tirar carregadores é a mesma.

No dia 3 de Agosto parti de Ambaca acompanhado de alguns amigos e do Chefe, depois do almoço em casa do Capitão Victoriano de Faria, e fomos dormir na Banza* do Soba NDalla

* Povoação importante na qual reside o Soba.

Seia, que demarca com Golungo Alto, ahi jantámos, e no dia seguinte, depois de termos almoçado, me despedi do Chefe, que voltou para a residencia, e eu segui com alguns amigos—pela difficuldade com que este Soba nos suppriu dois carregadores para substituir outros que se deram por doentes, mais me convenci do que havia observado, e se me havia dito, ácerca de carregadores.

4.

Partindo da Banza (que é mui ridicula) e consta de pequenas cubatas em numero limitadissimo, ás 8 horas da manhã, tendo ali chegado ás 4 e meia da tarde antecedente, não pude observar nada, mas fui ali informado que nas terras destes Sobas ha bastantes plantações de tabaco, farinha, mendobim, feijão e milho, queixando-se-me o Soba que soffrêra neste anno grande prejuiso pelo estrago feito pelos gafanhotos: ás 3 da tarde chegámos a casa da viuva de José Ramos Barreto, e pondo-nos em marcha ás 4 chegámos á Aldéa Nova pouco depois das 5; aqui fomos recebidos e tratados pelo Chefe como anteriormente; nos poucos dias que aqui estive nada mais observei que a fonte de Capopa, digna de melhor tratamento, d'onde vinha agua para o General Possolo, e a banza do Soba Bango, singular entre os mais Sobas em todo o seu tratamento, dignidade, e fórma de governo —a sua casa é grande, e maior que a de alguns Chefes, que tenho visto; em circulo da banza tem, segundo fui informado pelo Chefe, 780 fogos, e na verdade é bem de acreditar, porque se vêem mui grande numero de pequenas cubatas, e todos lhe rendem cega obediencia. Este Soba é casado, e traz a mulher de vestido, e bem trajada. Elle tem tanta força phizica, e moral sobre os seus subordinados, que á excepção do Dembo Caboco de Cambambe, é o unico que apresenta carregadores, sem que seja preciso mandar-lhe encarregado para os tirar por meio de amarrações, porque não admitte em suas terras Camundelles, e este Districto apenas tem uma familia nobre que é a dos Bravos. Todos os mais são reconhecidos como negros, e como taes sujeitos ao carreto; em quanto que em Ambaca é o contrario, sendo as principaes familias as dos Fragosos, Mendes, e Regelles.— Achei lançados os alicerces ao tilheiro dos ferreiros. Do archivo deste Districto nada posso informar com verdade.

7.

Parti do Sange ou Aldea Nova, ás duas horas da tarde, fui jantar a Trombeta, onde cheguei ás 6 e meia, e ahi pernoitei.—As estradas de Golungo Alto apenas se acham limpas na jurisdicção do Trombeta.

8.

Levantei de Trombeta ás 11 do dia, e fui chegar a Calolo ás 5 e meia; ahi jantei e dormi.—Em Muria achei já madeira cortada para a ponte.

9.

Levantei de Calolo ás 5 e meia da manhã, almocei em Muchau, onde cheguei ás 10, e partindo á uma hora fui jantar a Calunguembo, onde cheguei ás 4 e meia; ahi dormi, por não haver proximamente pouzo com casas.

10.

Levantei de Calumguembo ás 5 da madrugada, fui almoçar ás 8 e meia a Calucalla, onde achei já madeira cortada para a reedificação da ponte, e cheguei á residencia do Chefe do Zenza ás 3 e meia;—no dia seguinte pela manhã me foi mostrar uma porção de madeiras de Silveira e espinho, cortadas e conservadas em cercado no Rio Zenza. A casa da residencia está em bom estado, e situada em frente de uma rua de bananeiras, ananazes e coves, que vai até o porto, á esquerda uma boa e larga estrada (hoje pouco tratada), mandada fazer pelo tenente Feltro, quando Chefe do Districto, até á divisão do Icollo, em distancia de duas leguas; e á direita outra que não acabou por ter sido mudado logo do commando. Vi muitas plantações de farinha, e bastantes larangeiras e coqueiros. As estradas deste Districto estão quasi limpas todas, com pequenos intervallos, que brevemente desapparecerão.—Vi o archivo deste districto, e achei-o em bom arranjo e ordem, pois os papeis existem em estantes competentemente separadas, e com rotulos: o Chefe creou muitos registos que não havia.

12.

Parti do Zenza ás 9 horas da manhã, depois de ter almoçado; ás 11 descancei em Quicanga, e levantando cargas á uma hora da tarde fui a muito puxar ao Foto, onde cheguei ás 7 e meia com bastante escuridade; ahi dormi sem jantar, por se terem atrazado as minhas cargas.

13.

Puz-me em marcha ás 5 da madrugada e ás 6 e meia cheguei ao «Prata», onde des-

cancei e almocei, e dirigindo-me depois a casa do Chefe com elle passámos o dia e muitas outras pessoas, retirando-se algumas á noute. Do archivo deste Districto não posso dizer nada com conhecimento. As estradas do Icollo estão todas limpas.—Do actual Chefe recebi mui bom tratamento.

14.

Levantei cargas ás 6 da madrugada, acompanhado por alguns amigos até á Funda, onde almoçámos ás 9, em companhia do 2.° Tenente Simplicio, nomeado Chefe dos Dembos, que ali encontrámos. Cheguei a Quifangondo depois de uma hora, e depois, tendo apenas descançado um pouco, segui para a Barra do Bengo, onde cheguei ás 2 e meia. Não pude fallar ao Chefe, porque o seu estado de saude o não permittia, e continuando na marcha ás 8 e meia entrei na cidade por ter descançado em alguns pontos. As estradas deste Districto estão famosas, achando-se feitas duas novas mais curtas que o antigo trilho, por serem em linha recta—uma dellas é da Barra a Quifangondo, e outra deste sitio á Funda. O archivo deste Districto tem por mim sido visto mais de uma vez; e com quanto o não tenha nunca examinado, devo comtudo crêr que esteja em ordem, porque em estante competente existem papeis separados.

Tudo quanto digo a respeito das estradas da Barra do Bengo—Icollo—Zenza—e Golungo Alto, é só relativo á estrada real, porque as mais são tapadas, e cerradas de capim com mui estreito trilho.

Manoel Alves de Castro Francina.

NOTICIAS RECENTES.

TIMOR:

Receberam-se recentemente noticias de Timor e Solor, datadas de 4 de Novembro de 1853. Esta Possessão Portugueza continuava a gozar de socego, e o seu Governador proseguia n'alguns melhoramentos encetados, e intentava outros, taes como a reedificação da Egreja de Dilli, e o encanamento de agua até a praia, para facilitar aos navios o fazerem aguada.

Naquelle paiz, cujo solo e de grande fertilidade, começavam a fazer-se algumas novas plantações de café nas proximidades de Dilli.

O cacau, o tabaco, o trigo e milho, assim como o algodão e a cana do assucar dão-se alli perfeitamente.

Os generos de commercio que se encontram em Dilli mais promptamente, são: a cêra e o sandalo, algum café e algodão, trigo e milho.

Os direitos que se pagam em Timor são: por entrada 6 por cento, e por saida 5 por cento.

ANGOLA.

As noticias recebidas de Mossamedes, datadas de Outubro, são muito satisfatorias. As copiosas chuvas que tinham caido na estação propria tinham dado muita vida ás plantações, e animaram muito os colonos, que estavam cheios de grandes esperanças do resultado dos seus trabalhos agricolas.

O colono Bernardino de Figueiredo, homem activo e intelligente, tinha prompto o seu engenho de moer a cana de assucar; e houvera já dado principio aos trabalhos no dia 12 do sobredito mez, se não estivesse esperando pela resposta do Governador Geral da Provincia e do Prelado da Diocese ao convite que lhes fizera; áquelle para lançar a primeira cana na moenda; e ao segundo para benzer o engenho, conforme parece ser pratica em taes objectos. O engenho, segundo as informações recebidas, estava muito bem montado.

Alguns colonos que haviam desamparado Mossamedes, para irem para Benguella, já tinham voltado; e esperavam-se quasi todos.

O colono, que já nomeámos, Bernardino de Figueiredo, tinha tambem uma soffrivel plantação de algodão; e outros, animados pelo seu exemplo, e pelos bons resultados do ensaio da cana de assucar, igualmente se empregavam na cultura da cana, do algodão e da mandioca, principal alimento da povoação.

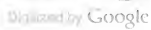
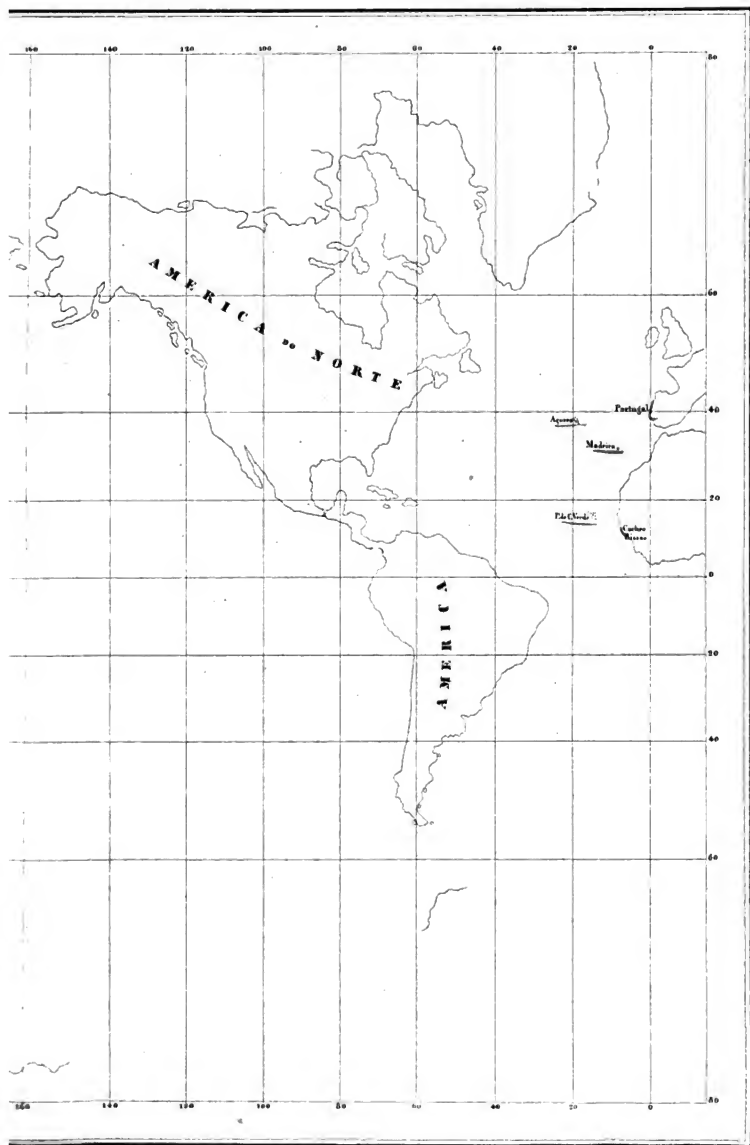
No Bumbo, sitio para o interior, a algumas leguas de Mossamedes, ía prosperando a cultura da cana e da mandioca. O colono José Leite de Albuquerque era o que alli mais se distinguia pelos seus trabalhos agricolas. Outros colonos seguiam o seu exemplo, empregando-se activamente na cultura dos ferteis terrenos que têem á sua disposição, e de que tanto proveito podem tirar.

Constava que alguns colonos tinham chamado para ali as suas familias e parentes.

Damos neste numero um Planispherio, em que particularmente se vê indicada a situação dos diversos territorios da Monarchia Portugueza. Muitas vezes havemos de dar mappas particulares das Regiões, Provincias, Districtos e Ilhas, de que quizermos dar especial noticia: pareceu, porém, acertado darmos um mappa geral, em que, em um só lanço de vista, se podessem abranger todas as regiões e estabelecimentos portuguezes; em que se podesse comparar a sua situação; e ao qual se podessem referir quaesquer mappas particulares.

Estamos certos que nada haverá tão proprio, como a vista de um tal mappa, para fazer apreciar o valor das nossas Possessões.

EUROPA
ASIA
AFRICA
CHINA
INDIA
AUSTRALIA
Portugal
Ajuda
Loanda
Benguella
Mossamedes
ANGOLA
MOÇAMBIQUE
C. Delgado
Sofala
Inhambane
B. de L. Marques
Dio
Goa
Macao
Timor
0
20
40
60
80
100
120
140

160
140
120
100
80
60
40
20
0
80
60
40
20
0
20
40
60
80
AMERICA DO NORTE
AMERICA
Portugal
Madeira

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

INFORMAÇÃO DADA AO CONSELHO ULTRAMARINO
SOBRE O
ESTADO DO ESTABELECIMENTO DE AJUDÁ E O COMMERCIO DAQUELLA COSTA PELO SR. JACINTO PEREIRA CARNEIRO.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Tenho a honra de accusar a recepção do Officio de V. Ex.ª de 14 do mez passado, debaixo no N.° 241 do L.° 1.° da 2.ª Repartição, no qual V. Ex.ª exige de mim algumas informações ácerca do commercio do nosso estabelecimento de S. João Baptista de Ajudá, a cuja exigencia vou satisfazer como melhor puder, e souber.

Este estabelecimento, que no tempo do resgate de escravos na costa da Mina era de summa importancia para o commercio portuguez, deixou de lhe ser proveitoso depois da separação do Reino do Brasil; porque outro qualquer negocio que não fosse o trafico de escravatura era feito em pequenissima escala, limitando-se apenas a algumas pipas de azeite de palma, pannos de algodão riscado fabricados no paiz, limo ou cebo vegetal (especie de pomada com que os negros se untam), grandes cuias, balaios ou cestos, esteiras finas, e finalmente, certas especies aromaticas, e picantes *(pezelecum*, e *lelecum)* para condimento da comida feita com azeite de palma; mas todos estes generos só tinham consumo especial na Provincia da Bahia, por serem quasi exclusivamente do Golfo de Benim os escravos para ali transportados. Da avidez porém do commercio de escravatura resultou o desenvolvimento do commercio licito; a essa avidez se deve o estado consideravel em que agora se acha o fabrico do azeite de palma; porque, chegando a ser a procura de negros muito superior á quantidade que podia fornecer o mercado, a accumulação de generos, e em deterioração por falta de consumo, fez procurar-lhes uma saída, que não podia ser outra senão a compra do azeite de palma, a procura do qual desenvolveu progressivamente a sua fabricação.

Não era da Costa da Mina e Golfo de Benim d'onde os hespanhoes proviam de escravos as suas possessões das Antilhas, era sim de Galinhas, dos Calabares, e dos portos do Sul do Equador, como Loango, Cabinda, e Zaire; mas em 1822 começaram tambem a esquipar seus navios para o Golfo de Benim, e em 1826 já tinham ali grande numero de navios, o carregamento dos quaes reduzia-se a dinheiro em ouro e prata, e a algumas mercadorias de nenhuma extracção n'aquella Costa, faltando-lhes os principaes generos, que eram a aguardente (cachaça) e o tabaco de fumo em rolos de duas arrobas, encapados em couro. Os navios brasileiros, amestrados no commercio daquella Costa, levavam boas carregações, pelo que os hespanhoes não podiam concorrer com elles na compra de escravos. Em taes circumstancias a avidez do ganho fez com que os feitores brasileiros comprassem os carregamentos aos hespanhoes por certo numero de escravos, e a um tempo dado, servindo-se para este contrato dos generos de seus navios, mandando não obstante vir do Brasil quantidade de generos para supprir a falta dos seus. Mas a tardança das remessas e a abundancia das compras fizeram o mercado insufficiente, augmentaram o valor dos escravos, e tornaram impossivel o cumprimento dos contratos da parte dos feitores brasileiros; de sorte que, fornecendo Ajudá 4 a 5:000 escravos por anno, haviam 20 navios de 300 a 600 cada um, os quaes só em 2 annos é que poderiam ser aviados, o que effectivamente aconteceu, e deu causa ao desenvolvimento de uma pirataria dos navios hespanhoes contra os brasileiros, de qualquer porto da costa d'onde saissem, roubando-lhes os escravos e dando-lhes uma ordem para o feitor seu devedor lhes pagar os escravos roubados. Esta pirataria estendeu-se até Cabinda, aonde era ainda permittido o trafico de escravos, do que se seguiram graves reclamações dos roubados contra os negociantes hespanhoes de Havana, em consequencia das quaes vieram a um accôrdo de estabelecerem feitorias de Sociedade,

sendo os pontos principaes Ajudá e Onim, o que foi levado a effeito em grande escala.

Em 1832 o agente da feitoria de Ajudá, João Baptista Bellarra, homem intelligente e emprehendedor, conhecendo que não estava longe a completa abolição do trafico de escravos; que do negocio do azeite se podia tirar grande proveito, e que lhe era forçoso dar saída á grande porção de generos que tinha a perderem-se nos armazens, lançou os fundamentos deste commercio, começando methodicamente a contratar a compra com os negros que negociavam no interiór do paiz, e vendendo o mesmo azeite aos navios inglezes que ali faziam escala. Este commercio foi pouco a pouco progredindo, mesmo apezar da morte do feitor Bellarra; e offerecendo consideraveis interesses, animou a Casa *Victor & Louis Regis Frères* de Marselha a estabelecer ali uma feitoria, a qual ainda ali existe (desde 1840) e tem um movimento annual de 1.000:000 de francos.

O augmento do commercio do azeite não se limitou ao porto de Ajudá, desenvolveu-se tambem com a mesma força em Porto Novo (30 milhas a E.) d'onde sáem 10 a 15 navios por anno de 150 a 300 toneladas; e em Onim no Rio da Alagôa, d'onde sáem tambem o mesmo numero de navios, pouco mais ou menos.

A exportação do azeite regula actualmente em Ajudá de 3:500 a 4:000 toneladas por anno; seu preço nas transacções para esta exportação é, desde 6 annos, 3 *galões* (medida de vinho) por 1 peso, ou pataca hespanhola; este negocio, porém, é feito a troco de aguardente, tabaco, louça de faiança, tecidos de algodão, lençarias, etc., como se póde ver na nota junta, que mostra os generos principaes para o Golfo de Benim, e seus valores nas transacções da compra do azeite.

O peso, ou pataca hespanhola, e o *ake* de ouro em pó, que é meia oitava de peso Inglez, e que tem o valor de um peso forte, são a moeda adoptada para as transacções com os navios que vão negociar n'aquella Costa. Mas para com os negros do paiz ha uma divisão que começa em Cabo Lahou. D'este Cabo, que é d'onde começa o commercio do ouro em pó d'além do Cabo das Palmas, são feitas as transacções por *akes* até Acra; mas deste ponto até ao Rio da Alagôa servem-se de uma moeda imaginaria, a que chamam *onça* (em Benim e Calabares ha moeda imaginaria chamada *barra*, e considera-se no valor de meio peso).

Um rolo de tabaco, um barril de polvora de 25 arrateis, uma espingarda de munição, uma peça de tecidos de algodão de 28 jardas, etc. tem o valor, cada um destes generos, de uma *onça*; mas sendo objectos de maior valôr, como v. g. a pipa de aguardente, que vale 20 *onças*, eleva-se o preço ás *onças* convencionadas. Para os generos de menor valor é dividida a *onça* em *cabeças* (advirta-se que não são cabeças de escravos, é sómente o nome que se dá á primeira divisão da *onça)*: as *cabeças* são *grandes* ou *pequenas*, e são representadas por *buzios*, ou *cauris*.

Divide-se a *onça* em 4 *cabeças grandes*, ou 8 *pequenas*; a *cabeça grande* em 20 *gallinhas*, a *pequena* em 10; a *gallinha* em 5 *toques*, o *toque* em 40 *buzios*; de sorte que a *onça*, conforme a divisão que fica indicada, tem 16:000 *buzios*, ou *cauris*. Usa-se desta moeda nas pequenas transacções, e nas despezas miudas. A onça divide-se tambem em 8 *pesos*; e então, dando ao peso o valor de 1$000 réis, o toque vale 20 réis da nossa moeda.

Estando eu em Calcutá em 1817, em cujo paiz os *cauris* são a moeda circulante para as pequenas despezas da gente pobre, tive a curiosidade de comparar o seu valor em relação á *rupia*, e ao *paiçá*. 200 *cauris* representavam um *paiçá*; um *anaz* (ou 4 *paiçás)* continha 800 *cauris*; 8 *anazes*, ou uma *rupia*, 6:400 *cauris*; por conseguinte valendo a pataca hespanhola 2 *rupias* (naquelle tempo valia mais 2 a 4 *paiçás*), contém esta moeda, digo, o *peso*, 12:800 *buzios*, isto é, seis oitavas da *onça*. Por esta comparação conheci em Africa o grande interesse que haveria nas carregações dos navios, se uma parte d'ellas fosse representada por *cauris*, mandando-os vir da India, como tive depois occasião de conhecer que assim o praticavam os negociantes inglezes; mas devem ser verdadeiros *cauris*, e não os da costa oriental de Africa, que, apesar de se assimilharem aos da India, não tem valôr algum, pela sua pouca consistencia. Fiz a experiencia em 1829, levando do Rio de Janeiro algumas toneladas deste buzio; os negros não o queriam receber, reputando-o *buzio* falso.

A medida pela qual os negros vendem o azeite denomina-se *curbá* (especie de tina ou celha), que varia de capacidade segundo as localidades. O *curbá* de Ajudá é de 18 *galões* (medida de vinho), e custa uma *onça* de generos; o *curbá* de Onim é de 7 ½ *galões*, e custa uma *cabeça grande*; estes preços porém variam segundo a abundancia ou escacez do azeite, e dos generos de importação.

Desde o anno passado que os inglezes se senhorearam de todos os pontos do Golfo de Benim, nos quaes ainda não tinham podido estabelecer a sua dominação, estando já de posse dos consideraveis estabelecimentos Di-

namarquezes de Accará, e Quitá, comprados ao Governo daquella nação, penso que por 300 mil francos. De Quitá tem faceis communicações pela Alagôa com todo o litoral. Esta Alagôa vem do Rio da Volta, um pouco ao O. do Cabo de S. Paulo, e segue pelo interior, a pouca distancia da praia, até quasi a Porto Novo, aonde é interrompida pelo monte deste nome; mas segue logo por Badagri e Onim até ao Rio de Benim.

Os inglezes estabeleceram um rigoroso bloqueio entre Quitá e Onim para obrigar os chefes das Povoações do litoral, e o Rei de Agomé a assignarem um tractado para a abolição do trafico de escravos; com alguns mezes de bloqueio conseguiram o seu fim; e tambem o de commerciarem, e terem consules ou agentes do Governo inglez em todos esses pontos. No logar aonde provaram maior resistencia foi em Onim; mas uma guerra de successão facilitou-lhes os meios de tudo conseguirem. Pozeram-se da parte do chefe deposto, entraram em lanchas no Rio da Alagôa, e apesar da resistencia de 2 a 3:000 homens bem armados, apossaram-se da povoação, queimaram a maior parte das casas, e fizeram reconhecer o chefe que auxiliavam, o qual se pôz logo debaixo da protecção da Inglaterra. Levantaram um plano da embocadura do Rio da Alagôa, e conheceram que a barra podia dar entrada a pequenas embarcações até 100 toneladas; e então aquelle porto vai tornar-se para o commercio do azeite muito mais consideravel do que Ajudá e Porto Novo.

Estando os Inglezes senhores das duas extremidades do litoral, Quitá e Onim, e tendo as communicações faceis pela Alagôa com todos os portos intermedios, não póde duvidar-se que o commercio desta nação vai necessariamente dominar todo o commercio d'aquella costa; pois que suas feitorias podem ser soccorridas a tempo, tanto por Quitá como por Onim, sem ser preciso esperar o bom tempo para desembarcar na costa, o que mesmo se tornaria impossivel para outras embarcações que não sejam canoas feitas apropriadamente para passar o banco de areia que borda toda a costa, a cem braças pouco mais ou menos da praia, baluarte inexpugnavel a qualquer ataque que se pretenda dirigir a todos os portos daquella costa, e que os Inglezes em todos os tempos não tem podido vencer.

O Forte de Ajudá é situado a uma legua de distancia da praia, tendo intermedia a Alagôa; e a distancia de um tiro de espingarda estão os Fortes francez, e inglez, chamados, tanto estes como aquelle, impropriamente Fortes, porque são apenas parapeitos de barro em completa ruina. Cada um destes tres Fortes, tem uma povoação a que chamam *Sarame* composta de casas de barro cobertas de palha, e habitadas por negros livres do paiz e escravos. O Rei de Agomé não permittia, nem aos brancos, cobrir as casas de telha; ultimamente concedeu a alguns, por graça especial, essa permissão.

Além d'estes tres Sarames, chamados Portuguez, Francez, e Inglez, ha o Sarame do Avogá, ou Governador de todo o paiz em nome do Rei de Agomé, que tem authoridade sobre todos os habitantes, sejam do paiz, ou de fóra; aquelles são vassallos, sobre os quaes o rei tem o direito de vida e de morte; os de fóra, isto é, os brancos, e os considerados taes, são isentos das penas dos vassallos logo que são remidos pelas grossas multas que lhe são impostas, quando commettem delictos, ou infracções contra as Leis (não escriptas), usos, e costumes do paiz.

Permitta-me V. Ex.ª que lhe cite um exemplo de um delicto que não foi possivel remi-lo com menos de 400 *pesos;* por elle póde V. Ex.ª julgar de outros muitos a que está sujeito o branco que alli vae habitar, ainda que seja de passagem. A cóbra (Bôa) é reverenciada em Ajudá como o boi no Egypto; ha uma casa aonde estão recolhidas um montão dellas; são mantidas á custa do povo, e tem padres que dirigem o seu culto. Estes reptis costumam ás vezes fugir, e introduzirem-se nas casas dos habitantes; aconteceu pegar fogo em uma destas casas, aonde tinha entrado uma cobra sem seu dono saber, pois que, se o soubesse, tinha obrigação de dar parte ao padre para ír busca-la; ardeu a casa, e foi encontrada a cobra morta no montão das cinzas: o dono da casa teve que pagar 400 *pesos* para poder remir-se do crime que commetteu o fogo!

A questão levantada depois do delicto até ao pagamento da multa chama-se *palavra.* A *palavra* de pouca consideração, ou aquella sobre a qual não se levanta questão de preço, é decidida pelo Avogá; a de maior vulto depende da deliberação do Rei. Quando ha *palavra* com qualquer branco, sobre tudo sendo Feitor de casa de commercio, a primeira cousa que o Avogá faz é mandar apregoar por toda a parte, que os caminhos ficam fechados para aquelle branco; e então cessa completamente o commercio com elle; tem havido occasiões em que fica n'uma rigorosa excommunhão; não sendo branco que mereça alguma consideração, está sujeito a ser mettido em rigorosa prisão, ou ir amarrado de pés e mãos, mettido n'um cesto, conduzido á cabeça dos negros até á capital, a 30 leguas no interior, para o Rei fazer d'elle o que lhe aprouver.

Francisco Felix de Sousa, conhecido mais pelo appellido de *Xáxá*, ultimo Almoxarife do Forte Portuguez, tendo prestado grandes serviços ao actual Rei, pois que foi a causa principal da sua elevação ao Throno, promovendo e sustentando uma revolução em todo aquelle Reino, foi elevado á alta dignidade de Avogá dos brancos, com authoridade sobre o Avogá, Governador do paiz, por isso que só por sua intervenção, ou sendo previamente consultado, é que se decidiam as questões entre os brancos, e todas as *palavras* do paiz; depois porém de sua morte, sendo posto seu filho Isidoro Felix de Sousa em seu logar, não tem conservado o prestigio de seu pae, do que tem resultado o ter tomado o Avogá preto toda a authoridade no paiz, mesmo a respeito do Avogá dos brancos.

O Governador de S. Thomé e Principe, fazendo uma visita áquella possessão em Abril do anno passado, creou ali uma Companhia de Milicias, tendo anteriormente dado a patente de Tenente Coronel ao supra indicado Isidoro, e commissionando-o no emprego de Governador do Districto de Ajudá. Vou pôr aqui o que a este respeito me escrevem d'ali em data do 1.° de Março: « O Governador Isidoro quer ter uma authoridade suprema, mas infelizmente quer esta authoridade para obrigar a cumprir todos seus caprichos. V. sabe do que elle, e todos os filhos do Xáxá são capazes, pois que os conhece a todos: filhos do serralho, creados, e educados pelos negros, têem d'elles todos os costumes, usos, e inclinações; são vassallos do Rei de Agomé, e tem muita honra nisso. Houve quem lhe disse, que se elle continuasse, haviam de representar contra elle ao Governador de S. Thomé. —Que me importa, respondeu elle, sou subdito do Rei de Agomé, elle me defenderá, se tentarem vir cá a terra, o que é impossivel; porque é preciso pedir licença ao Banco, mas o Banco não lh'a dá. —Apesar da investidura que lhe deu o Rei, ninguem se importa com elle, vão ventilar suas questões perante o Avogá. O Governador fáz o mesmo, leva os que lhe desagradam a casa do Avogá, e fal-os pagar multas, como aconteceu com Francisco de Miranda Vasconcellos, e Francisco de Sousa Maciel, que pagaram 400 *pesos* de multa cada um. A Companhia de Milicias apenas tem 34 praças, mas para completa-la será preciso mandar fazer soldados de barro; para chegar porém áquelle numero, foram obrigados a assentar praça os pretos Minas deportados do Brasil. São soldados no nome, e quando por acaso se chegam a reunir, excitam o escarneo, e as gargalhadas de riso. »

Se tenho entrado em certos detalhes ácerca do nosso estabelecimento de Ajudá, é para fazer conhecer, que o Rei de Agomé é senhor absoluto de todo aquelle paiz; que lhe pagam tributos, a que dão o nome de *costume* todos os navios, sejam de que nação forem, que ali vão negociar; e que, finalmente, recebe direitos de todas as mercadorias que elles importão ou exportão; e é tambem para fazer sentir que se quizermos recuperar o nosso antigo prestigio perdido, não o poderemos conseguir senão imitando a politica que os Inglezes foram obrigados a adoptar nas suas Possessões da Costa da Mina. Senhores alli do Castello de Cabo Corso, tão forte como o de S. Jorge da Mina, seu dominio limitava-se ao recinto de suas muralhas; porque tentaram por meio da força estender seu dominio ao interior do paiz; por isso tiveram que sustentar uma guerra desastrosa com os Achantis, que durou muitos annos sem nada adiantarem; desenganados, porém, fizeram a paz a muito custo. Foi então que elles começaram a mandar educar na Inglaterra os filhos do Rei, e dos maiores potentados do paiz, e tomaram outros como creados a bordo de seus navios, tanto de guerra como mercantes, todos os quaes voltando á sua terra concorreram poderosamente para estabelecer as relações intimas que agora existem; e pouco a pouco, com esta politica civilisadora, conseguiram o que não lhes foi possivel com o emprego da força.

Em Ajudá porém, não ha muralhas, não ha um desembarque facil como em Cabo Corso; as communicações com a costa tornam-se impossiveis, mesmo no bom tempo, se uma opposição, ainda que pequena, se apresentar no desembarque, porque então tudo acabará no Banco.

No entanto, para começar, parece-me que o unico meio que ha, para tirar algum partido em Ajudá, é estabelecer ali uma feitoria para a compra do azeite de palma, a qual terá que luctar, é verdade, com a concorrencia da que ali está estabelecida ha muitos annos; mas se o feitor for homem habil, que se sirva do prestigio que ainda ali tem os portuguezes, devido a antigas tradições, para ganhar a amisade do Rei e dos grandes, indo investido de uma authoridade consular, e munido de presentes para o Rei, é provavel que reganhemos o credito e a preponderancia que temos perdido, do que o nosso commercio deve tirar, sem duvida alguma, maiores vantagens do que o das outras nações.

Deve haver nesta Capital alguns Capitães de navios que conheçam o negocio d'aquella costa; um conheço eu, vindo d'ali ha pouco

tempo, João Maximiano Pitta, que para a escolha dos generos apropriados, e para um sortimento conveniente, estou certo que se prestará de boa vontade; isto no caso de alguma tentativa se operar para estabelecer a feitoria que indico.

Não me occorre nada mais a dizer ácerca de Ajudá, parecendo-me que com isto tenho preenchido, ainda que mal, os desejos de V. Ex.ª a respeito de informações d'aquelle paiz. Deos guarde a V. Ex.ª=Lisboa, 31 de Maio de 1853.=Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Conselheiro *José Ferreira Pestana*, Vice-Presidente do Conselho Ultramarino.

Jacinto Pereira Carneiro,

Deputado ás Côrtes.

Nota dos generos principaes de importação nos portos do Golfo de Benim desde Cabo de S. Paulo até ao Rio da Alagôa, com os valôres correspondentes na moeda imaginaria do paiz, chamada — Onça.

Genero	Valor
Agoardente, pipa	20 Onças.
Tabaco da Bahia, Rollo de 2 arrobas	1 d.º
Dito em folhas, Americano 50 arrateis	1 d.º
Polvora, barril de 25 arrateis	1 d.º
Espingardas de munição inglezas	1 d.º
Louça de fayança (ingleza) pratos rasos, canecas, bacias, jarros, etc. tantas peças por	1 d.º
Miçangas de massa (de Veneza) conforme o tamanho do masso e qualidade procurada, 8 massos	1 d.º
Coral verdadeiro, conforme o tamanho, arratel	2 a 10 d.ºs
Algodões crús largos de 28 jardas, peça	1 d.º
Chitas azues, Saten Streps, de duas ou mais côres, peça	1 d.º
Riscados Inglezes ou Francezes, mas não de quadros (as Chitas, Coromandeis, e outras fazendas da India da mesma qualidade, não tem sahida alguma no paiz) peça	1 d.º
Remóes Inglezes de 15 lenços, 2 peças	1 d.º
Fazendas brancas, como madapolões e Calicós, peça	1 d.º
Vinhos, e mantimentos para consumo dos Europeus; os preços regulão a pezos, ou akés.	

NOTICIAS

SOBRE O

COMMERCIO DA COSTA OCCIDENTAL DA AFRICA AO NORTE DO EQUADOR DESDE O RIO GAMBEA, ATÉ ONIM, OU LAGOS.

Pelo Sr. Jacinto Pereira Carneiro.

Uma especulação commercial, para a Costa Occidental d'Africa ao Norte do Equador, não póde emprehender-se com o unico objecto de ser dirigida a um ponto dessa Costa, para ahi fazer a permuta completa do carregamento do navio, ainda mesmo que esse carregamento seja apropriado para o consumo do paiz; porque não ha probabilidade de encontrar generos de retorno, equivalentes ao carregamento do mesmo navio.

Quem especula naquella Costa, deve preparar-se para percorrer todo o litoral, principalmente os pontos em que ha estabelecimentos europeus, começando no Rio Gambea, ou em Serra Leôa. Esta direcção levam todos os navios americanos, francezes, hamburguezes, e inglezes que commerceiam com aquelles paizes, estendendo alguns a sua derrota á costa ao Sul do Equador, e contando com a viagem de um anno.

Dirigindo a viagem para Santa Maria na embocadura do Rio Gambea, ou para Serra Leôa, encontrar-se-ha ali extracção portugueza, como, vinhos em pequenos barris, e engarrafado, conservas alimentares, principalmente hortaliças e legumes, fructas em conserva, e sêccas, ervilhas, batatas, farinha de trigo, bolaxinhas, biscoutos, etc., etc. N'estes dois portos é prohibida a importação de aguardente, espingardas, polvora e toda e qualquer provisão de guerra; não assim em todas as outras possessões da costa, nas quaes são admittidos os mesmos generos, que, com o tabaco em folha, americano, e em rolo da Bahia, fazem as partes principaes dos carregamentos dos navios.

As trocas são ali effectuadas por generos do paiz, dinheiro, ou letras de cambio sobre Inglaterra. Os generos são: gengibre, mendobi, azeite de palma, algum marfim, e pau para tinturaria, a que chamam *camwood*, que vale na Inglaterra 15 libras esterlinas, pouco mais ou menos, a tonelada.

Os generos de importação em Serra Leôa pagam de direitos 3 por cento *ad valorem*, dos preços na factura, pagos geralmente pelo comprador; os de exportação 5 schellings por tonelada. A ancoragem é de 50 schellings por viagem; a pilotagem 5 schellings por cada pé que calar o navio.

Os navios que percorrem aquella costa tomam em Serra Leôa ou na costa da Mala-

gueta, entre Cabo Mesurado e Cabo das Palmas, alguns pretos marinheiros, a que chamam *krumans*, para os trabalhos de bordo, e serviço das embarcações miudas, o que serve de grande utilidade para poupar os marinheiros europeus a expôr-se demasiadamente ás inclemencias do clima. Tem-se o serviço destes krumans por duas ou tres peças de fazenda por mez, cada um; o seu principal sustento é o arroz, que póde haver-se muito barato na costa da Malagueta, custando um *krou* (medida de capacidade que pesa uns 30 arrateis) braça e meia de fazenda, ou outros quaesquer generos de valor em proporção.

Para melhor emprehender esta viagem é preciso percorrer a costa desde o mez de Outubro a Maio, tempo em que não reinam os fortes ventos do Sudoeste, a que chamam *ventanias*; porque nesta estação as communicações com a terra são difficeis, e muitas vezes arriscadas, por causa do muito mar, em uma costa que não offerece ancoradouro algum abrigado, nem desembarque seguro, e aonde se arriscam os navios a perder todas as ancoras.

Partindo do porto da Serra Leôa, e querendo tocar nas povoações da costa da Malagueta, as trocas nesta costa são principalmente o arroz e o milho; póde porém acontecer encontrar algum marfim, azeite de palma, e *camwood*, sobre tudo na villa de *Monrovia*, junto a Cabo Mesurado ao Oeste delle. Esta villa é a capital da Republica de *Libéria*, povoada de emigrados americanos, mulatos e pretos, independentes da metropole, cuja republica está debaixo da protecção dos Governos americano, inglez, e francez.

Exceptuando Monrovia, em toda esta costa as permutas devem ser feitas a bordo, por meio dos corretores do paiz, e em canoas da terra; os capitães devem abster-se de saltar em terra, para evitar muitas reclamações, presentes, e *costumes*, que lhes exigirão sem motivo os chefes e principaes das povoações.

As povoações do litoral de toda a Costa, mesmo além do Cabo das Palmas, são compostas de corretores que negoceiam com a população do interior, havendo mesmo em certos logares, longe da beira-mar, mercados ou feiras; por isso exigem com mil promessas, que os capitães lhes fiem os generos para as trocas nessas feiras. É sempre prejudicial este methodo de commerciar, que só é admissivel nas feitorias estabelecidas nos principaes pontos da costa; porque nunca pagam inteiramente os generos ajustados, e o que mais cobra dos fiados perde pelo menos 30 por cento.

Em todos os pontos, que não são estabelecimentos europeus, o negocio é sempre precedido do ajuste e pagamento do *costume*. O *costume* é o presente que o capitão deve dar ao chefe ou chefes da povoação, para poder negociar no paiz, o que equivale aos nossos direitos de porto, e é ajustado segundo a probabilidade da somma das trocas que se podem fazer.

A navegação pela costa da Malagueta, e mesmo por toda a costa que se segue, póde fazer-se a pouca distancia da terra; só no Cabo das Palmas é que ha um baixo que é preciso evitar. A navegação assim é conveniente para poder reconhecer as povoações em que ha algum negocio a fazer; na falta de outros dados, pelas canoas da terra, que vem a bordo de todos os navios que passam, pois que sendo a terra baixa e igual, tem uma falta quasi completa de pontos de reconhecimento.

Partindo de Monrovia, ou de Cabo de Monte, 18 leguas mais atraz, encontrar-se-hão muitas povoações, até Cabo das Palmas; as principaes são: — Gram-Bassa, Pequeno-Bassa, Novo Cesto, Sanguin, Krou-setre, etc., aonde ha os mesmos productos que atraz mencionei. Na Serra Leôa, e na costa da Malagueta, cultiva-se tambem em grande escala a pimenteira chamada *Malagueta*, o fructo da qual, sêcco, compram em grande abundancia os americanos, e importam nos Estados-Unidos.

Em toda esta costa, e até Cabo Lahou, além do Cabo das Palmas, a unidade monetaria chama-se *barra*: a barra considera-se no valor de meio peso duro, mas esta unidade é imaginaria. Os generos, tanto de importação como de exportação, são comparados com esta unidade para a realisação das trocas; e assim, uma peça de lenços remóes calcula-se em 6 *barras*; uma peça de bajutapós 6 *barras*; uma espingarda 6 *barras*; duas garrafas de aguardente 1 *barra*; um arratel de polvora, etc., etc.

As espingardas inglezas, a polvora, a aguardente e o tabaco, são, como já disse, os principaes generos do commercio, em toda a costa até Onim, no fundo do golfo de Benim. Ha porém, em quanto ao tabaco, uma extraordinaria differença na fracção da costa até Accará, e na que se lhe segue até Onim, que vem a ser: naquella preferem o tabaco de folha americano, de folhas compridas; nesta não querem outro que não seja o rolo da Bahia, de duas arrobas, encapado em couro.

Os generos de exportação são vendidos por uma medida de capacidade, que varia segundo as localidades, e os generos; a esta me-

dida chamam *krou*; e assim, um *krou* de azeite de palma contém 4 *galões*, medida de vinho ingleza, e pesa 30 arrateis; um *krou* de arroz pesa de 25 a 30 arrateis. É preciso, antes de tractar o negocio, examinar o peso do *krou* nos differentes generos, e convenciona-lo em barras.

Dobrando o Cabo das Palmas, é prudente não aproximar da terra, e mesmo leva-la alagada, até ao Cabo Lahou, a fim de evitar relações com os habitantes do Rio de Santo André e suas immediações, os quaes em grandes canoas costumam atacar os navios, que julgam indefesos, para os roubar: n'estes logares os navios só se poderiam aprovisionar de viveres frescos.

Passando esta fracção de costa, aborda-se ao Cabo Lahou, Jaque-Lahou, e Jaque-Jaque, povoações consideraveis, situadas no meio da enseada formada pelo Cabo das Palmas, e Cabo das Tres Pontas. Nestas povoações começa o commercio do ouro em pó; ha tambem bastante azeite de palma e algum marfim. Nestes logares ha muita facilidade em commerciar, pelo habito em que estão da concorrencia de navios; mas é preciso desconfiar sempre das promessas dos negros; porque, quando podem, não deixam de enganar; o mesmo se deve entender em toda a costa. Os negros reconhecem nos brancos mais intelligencia: engana-los é uma prova de grande habilidade!

Passando estas povoações, começam os estabelecimentos europeus; os primeiros são: Gram-Bassam, e Assiné, pertencentes á França, situados na embocadura dos rios do mesmo nome. N'estes pontos, só por casualidade se podem effectuar algumas transacções, visto que as feitorias desta nação absorvem todo o commercio do ouro em pó que ali ha em abundancia; comtudo, no bom tempo nada se perde em ahi tocar.

Cinco leguas antes de chegar ao Cabo das Tres Pontas está o pequeno Forte hollandez Axem, e passando o Cabo, está o porto inglez Dixcove: tanto naquelle como neste algumas permutas se podem realisar.

Desde Cabo Lohou até Accará, e em todos os estabelecimentos europeus nesta costa, a unidade monetaria é o *ake* de ouro em pó, que pesa meia oitava ingleza, e tem o valor de meio peso duro. O *krou* nesta fracção de costa eleva-se quasi ao dobro do peso que tem na costa da Malagueta, regulando 50 arrateis, pouco mais ou menos.

Entre Dixcove e o castello de S. Jorge da Mina estão situados os pequenos Fortes de Sacundé, Sâma, e Commendo; em ahi passando podem effectuar-se algumas pequenas trocas.

Depois de Commendo, segue-se o primeiro grande estabelecimento europeu, que é o Castello de S. Jorge da Mina, pertencente á Hollanda, edificação portugueza, e que outr'ora foi o mais importante estabelecimento da nossa nação: o segundo é o Castello de Cabo Corso, pertencente á Inglaterra, um á vista do outro. Nestes dois pontos podem effectuar-se algumas transacções, mas de generos que não sejam de producção ingleza, porque a grande affluencia de navios d'esta nação no commercio de toda aquella costa, abastece o mercado de todos os generos para o negocio com o interior, havendo mesmo em Cabo Corso depositos dos fabricantes da Inglaterra; de sorte que a aguardente (cachaça), o vinho e viveres como os indicados para a Serra Leôa, que a Inglaterra não póde fornecer mais barato, será ao que se limitarão as transacções; podendo tambem effectuar-se com vantagem algumas trocas por fazendas e louça, para sortimento da factura, no negocio que tenha a fazer-se no resto da costa.

No Castello da Mina paga-se de ancoragem 12 pesos duros cada viagem, sem outros direitos de importação ou exportação. Em Cabo Corso, porém, a ancoragem é de 25 schellings; os direitos de importação são de meio por cento *ad valorem* do preço da factura; os de exportação, nada.

Do Cabo Corso segue-se a Annamabou, pequeno forte Inglez, em outro tempo abandonado, mas que ha alguns annos tem o commercio tomado ali algum desenvolvimento. A este forte seguem-se outros em ruinas, nos quaes poucas transacções se podem realisar, se não for em Winebah e Apam: o milho encontra-se em abundancia por estes logares, algum azeite de palma, e ouro em pó.

Alongando a costa, encontra-se o grande estabelecimento inglez de Accará, no qual tem actualmente duas fortalezas. A primeira, de S. James, edificada por elles ha muitos annos, a segunda, de Christiamburg, comprada á Dinamarca, com todas suas possessões naquella costa, no anno de 1850.

Seguem-se-lhe os pequenos estabelecimentos de Ningo, passados os quaes se vae dobrar o Cabo de S. Paulo, um pouco a leste do Rio da Volta.

Geralmente fallando, os pontos em que se espera realisar transacções commerciaes de algum vulto, desde o Cabo das Tres Pontas até o Cabo de S. Paulo, são: Castello da Mina, Cabo Corso, e Accara.

Os outros estabelecimentos, ou as povoações dos negros, devem ser visitados como em observação para realisar, ou não, algumas

permutas. Tem acontecido effectuarem boas transacções nos pequenos pontos, e nenhumas nos grandes estabelecimentos.

Desde Cabo de S. Paulo até Onim, ou Lagos, acham-se situadas por todo o litoral, isto é, n'uma extensão de 50 leguas, muitas Aldeias, ou povoações de negros que se correspondem entre si, por meio da Alagôa que ha no interior a pouca distancia da praia, e então o commercio afflue nos pontos principaes, que são: Quitá, Pópó-pequeno, Ajudá, Porto Novo, e Onim.

O commercio em todos estes pontos era de escravatura; ha alguns annos porém tem tido grande desenvolvimento o do azeite de palma, ou *dêndên*, o producto do qual monta a mais de 7:000 toneladas por anno, embarcado para a America, França, e Inglaterra.

Nesta fracção da costa, não ha estabelecimentos europeus, propriamente ditos; mas em Ajudá, Porto Novo, e Onim ha feitorias europêas, e pessoas moradoras no paiz, que commerceiam com os navios, como nesses estabelecimentos.

Nas povoações d'entre Cabo de S. Paulo e Pópó-pequeno ha abundancia de viveres frescos muitissimo baratos.

Na costa comprehendida entre Cabo das Tres Pontas e Cabo de S. Paulo póde haver sempre communicações com a terra, em todos os estabelecimentos aonde ha fortes, porque ha nestes pontos um abrigo que offerece desembarque nas embarcações miudas. Na costa, porém, entre este ultimo Cabo e o Rio de Benim, é impossivel em todos os tempos o desembarque, não sendo em canoas construidas de proposito para este fim, porque borda toda esta extensão de costa um banco de areia, na distancia, pouco mais ou menos, de 100 braças da praia, a arrebentação do qual defende de outro modo a communicação com a terra; e mesmo assim no tempo das *ventanias* passam-se muitos dias (ás vezes tres semanas) que essas communicações ficam interrompidas: estas canoas haas para as descargas e cargas dos navios, em todos os pontos que venho de indicar.

Em Ajudá, Porto Novo, e Onim, podem realisar-se avultadas transacções a troco de azeite de palma, mesmo carregamentos inteiros.

Os capitães habituados ao commercio d'aquella Costa, conhecedores da capacidade e meios das pessoas estabelecidas no paiz, vendem suas mercadorias a prazo de tres a seis mezes, aos individuos mais acreditados; e remontando a costa no tempo dado, vem receber os seus pagamentos. Mas, para este negocio, é preciso muito habito do commercio d'ali, e conhecimentos especiaes dos individuos.

Os americanos, principalmente, trazem carregamentos apropriados para toda a costa, comprehendendo as Ilhas de S. Thomé e Principe, e costa do Sul, Loanda e Ambris; e largando os generos fiados, como disse, nos differentes pontos do Norte, e nas referidas Ilhas, vão findar as vendas no Sul, por onde se demoram até ao tempo da cobrança, aproveitando este negocio, na estação das ventanias, na costa do Norte.

Cada fracção de costa tem a sua novidade monetaria, e medida de capacidade differentes. Já dei uma idéa das que se usam na costa da Malagueta (a *barra*, e o *krou*, de 30|arrateis) e na de Cabo Lahou a Accará (o *ake*, e o *krou* de 50 arrateis); no resto porém da costa, de Cabo de S. Paulo a Onim, a unidade monetaria, e a medida, são inteiramente differentes. As transacções neste pedaço de costa são feitas por uma moeda imaginaria, chamada *onça:* 1 rolo de tabaco, de duas arrobas, uma barril de 25 arrateis de polvora, uma peça de tecidos de algodão de 28 jardas, etc., reputam-se uma *onça ;* mas sendo o genero de maior valor, como uma pipa de aguardente (que vale 20 *onças*), eleva-se o preço ás *onças* convencionadas.

Para os generos de menor valor divide-se a *onça* em *cabeças ;* as *cabeças* são *grandes* ou *pequenas* e representadas por *buzios* ou *cauris*. A *onça*, pois, tem 4 *cabeças grandes*, ou 8 *pequenas*; a *cabeça grande* divide-se em 20 *gallinhas*, a *pequena* em 10; a *gallinha* em 5 *toques*, o *toque* em 40 *buzios*; de sorte que a *onça*, conforme o que fica indicado, contem 16:000 *buzios*. Usa-se das *cabeças*, *gallinhas*, e *toques*, nas pequenas compras, e despezas miudas.

A medida de capacidade, pela qual os negros vendem o azeite de palma, e outros generos, como, farinha, milho, feijão, etc., chama-se *curbá* (especie de tina, celha, ou pote) que varía segundo as localidades. O *curbá* de Ajudá contém 18 *galões*, e custa uma e duas *onças*; o *curbá* de Onim contém 7 ½ *galões* e custa duas a quatro *cabeças grandes*; mas estes preços variam consideravelmente, segundo a abundancia ou escacez do azeite, e dos generos de importação.

As unidades monetarias, e medidas de capacidade que vão indicadas nos differentes logares, são usadas no commercio com os negros; com os europeus, porém, ou com os habitantes mulatos ou pretos, considerados como brancos, as transacções são feitas em moeda, pesos, e medidas europeas. Em ge-

ral, usa-se do pêso duro, e da medida e pêso inglez, conservando o *ake* de ouro em pó, porque vale effectivamente um pêso duro. O preço do azeite de palma para estas transacções é de 3 *gallões* por um *peso*, ou 1 schelling e 6 pences o *gallão*.

O commercio dos rios de Benim, S. Braz, Bóni, Calabar, e Camarões, é todo de azeite de palma, e feito exclusivamente pelos Inglezes. Nestes rios não temem elles a concorrencia das outras nações, porque, habituados os povos daquelles rios, e do interior, aos generos das fabricas inglezas, confeccionados a seus gostos, não só para o trafico de escravos, no qual se empregavam exclusivamente estes generos, como tambem para o commercio do azeite, as outras nações têem tentado em vão introduzir com vantagem seus productos. Além d'estes inconvenientes, o clima é o mais insalubre de toda a costa d'Africa, a ponto de fallecerem as tripulações inteiras de alguns navios, vendo-se por isso, quasi todos os annos, obrigados os commandantes dos navios de guerra a tripula-los com seus marinheiros, para poderem regressar á Europa.

O commercio das Ilhas de S. Thomé e Principe, se bem que se tem desenvolvido ha alguns annos, não offerece ainda grandes vantagens a um especulador; porque os productos d'aquellas Ilhas tem estado estacionarios, isto é, não tem augmentado a cultura. Em quanto não augmentar a producção do café, fornecendo-se ao paiz braços africanos de que tanto carece; em quanto não for animada, com capitaes e braços, a cultura da cana de assucar, para a fabricação da aguardente e do assucar, as transacções commerciaes serão as mesmas, a demasiada concorrencia não fará senão dar prejuizos ás expedições para ali tentadas.

Pelo mappa da importação e exportação annual, isto é, o termo medio dos annos de 1850, 1851 e 1852, se póde formar uma idéa exacta do que levo dito, e do que se póde aventurar com uma especulação commercial para aquellas Ilhas.

Concluo ajuntando uma relação dos principaes generos para o commercio da costa, na qual dou os esclarecimentos que possuia pela pratica de alguns annos; e tambem ajunto uma nota, em que vão notados os preços de alguns generos em relação á *barra*, ao *ake*, e á *onça*.

Observar-se-ha que os nomes de todos os tecidos d'algodão são inglezes; e acontece, que alguns tecidos das fabricas das outras nações, e que são feitos á similhança dos inglezes, conservam os mesmos nomes.

Relação dos principaes generos para o commercio da costa occidental d'Africa, desde Cabo do Monte até Onim, ou Lagos.

Aguardente (cachaça).
Tabaco em folha americano (folhas compridas).
Espingardas inglezas (tower-guns, e dam-guns).
Polvora grossa, em barris de 25 arrateis.
Tabaco de fumo da Bahia, rôlo de duas arrobas.
Bacias d'arame, de aba larga.
Panellas de ferro pequenas (trempes).
Barras de ferro.
Espelhos pequenos.
Barretes de lã.
Facas de cabo de pêso.
Missangas.
Coral fino, e grosso.
Louça de faiança, e de vidro, ingleza.
Machetes.

Tecidos de Algodão.

Tom-coffee, peças de 15 lenços.
Satins Streeps.
Glasgow-dams.
Siamoises.
Nicanis.
Bajutapós.
Chiloes.
Remoes, peças de 15 lenços.
Madapolons de 28 jardas.
Algodões crús, ditos largos.

Nota dos preços de alguns generos em relação á *barra*.

1 Peça de Nicanis	7	barras.
» de Bajutapós	7	»
» de Remões	7	»
» de Chilós	7	»
1 Espingarda	6	»
1 Bacia d'arame	2	»
1 Panella de ferro	1	»
50 Pedreneiras	1	»
2 Garrafas d'aguardente	1	»
2 Barretes de lã	1	»
1 Arratel de polvora	1	»
1 Barra de ferro de 12 arrateis	1	»
5 Cabeças de tabaco	1	»

Preços de alguns generos em relação ao *ake*

1 Peça de Satin Streeps	2 ½	akes
» de Madapolon	2 ½	»
» de Tom-coffee	1 ½	»
100 arrateis de tabaco de folha	16	»
1 Rôlo de tabaco de fumo	8	»

1 Galão de aguardente......	1	ake.
1 Barril de polvora	2 ½	»
Missangas, masso...........	1 a 2	»
Coral fino, grosso, fio	20 a 25	»

Preços de alguns generos em relação á *onça*.

1 Pipa de aguardente	20	onças.	
100 Arrateis de tabaco de folha......	2	»	
1 Rôlo de tabaco de fumo...........	1	»	
1 Barril de polvora de 25 arrateis.......	1	»	
1 Espingarda ingleza.	1	»	
1 Peça de algodão crú de 28 jardas.....	1	»	
1 dita de madapolon, dito............	1	»	
1 dita de chita riscada, dito.........	1	»	
Louça de faiança e vidros (pratos, vasos, bacias, jarros, canecas, etc.)......	1	»	
Coral fino conforme o tamanho.........	2 a 20	»	a libra.

MEMORIA

SOBRE O SERTÃO DE CASSANGE.

Duas cousas me convidam a fazer esta memoria sobre Cassange, e são: 1.° A importancia deste sertão, porta dos sertões da Lunda, por onde vem o grosso do commercio d'Angola; e 2.° os acontecimentos que ali ultimamente tiveram logar.

Tendo ido em 1850 a Cassange á testa da Divisão Portugueza, que acabava de submetter o sertão do Bondo aonde depuz o Soba Andulla Quissua, e fiz collocar no estado o leal e prudente Quissua Camoaxe, que hoje bem governa aquelle importante sertão, e havendo sido eu obrigado por dignidade do Governo Portuguez a invadir a Capital do Estado do Jaga Cassange, D. Pascoal Machado, por circumstancias hoje bem conhecidas, para que de novo as relate, e mesmo porque acabo de o fazer no Diario que escrevi daquella expedição, e tendo ouvido a alguns velhos a historia de Cassange, desde o tempo em que aquelle paiz foi occupado pelos ditos Cassanges, não achei destituida de interesse a narração que me fizeram, para deixar de tomar alguns apontamentos sobre ella, certo de que será de bastante curiosidade para muita gente o conhecimento desta Memoria.

Capitulo 1.°

Cassange, propriamente dito, fica nas terras entre o Bondo Songo, e Rio Quango, que é o Zaire.

Avançar um passo sobre a historia deste paiz antes da occupação delle pelos Cassanges cousa é por certo impossivel, sem talvez caír em equivocações. Sabe-se comtudo que este paiz se achava occupado pelos povos Quilambas, divididos em differentes pequenos Estados, ou Sobados, taes eram Quilamba — Muauzumbe — Quizinga — Quicungo — Quiaupenge, — Cunga — Muxinda — Lubollo — Bango Aquissua — Dambe Aquisua — Indúa Quisua.

Cassange é uma extensa planicie cercada por uma cordilheira de montanhas, que começando nas margens do Quango na extrema do Quembo vem descrevendo uma curva em volta da planicie, servindo de fronteira ao Songo Bondo, e passando o Hiongo vem terminar outra vez no Quango. Comtudo as terras na proximidade do Quango, ou Zaire, não são todas planas, porque ha algumas montanhas, ainda que não de grande altura.

O Potentado Colaxingo era dos regulos sujeitos ao Matiamo da Lunda, e sendo expulso daquelle Estado veio habitar o paiz que fica entre o Districto de Ambaca e o Golungo-Alto, mas sendo muito turbulento foi lançado fóra daquellas terras, e com seu povo foi formar suas senzalas nas terras em que hoje se acham estabelecidos, e mudaram o nome á terra dando-lhe o titulo de seu Jaga. Nada se póde referir a epochas certas, porque a fonte donde tirei estes apontamentos foram, como já disse, os velhos Maquitas, que recebendo de seus paes e avós por tradição estas noticias, já se vê que nada podiam dizer das datas de sua historia. O primeiro Jaga estabelecido em terras Portuguezas chamava-se Colaxingo, e pela sua morte sua familia tomou por appellido o nome de seu Chefe, e foi desta familia que, por não sei quanto tempo, se tiravam os Jagas que governavam o Estado, até que de Libollo veiu o regulo por nome Gonga, poderoso, e assentou com seu povo a sua residencia em terras de Cassange, e por ser temido foi convidado pelos Cassanges para com os de sua familia entrarem no Estado, succedendo aos de Colaxingo, no que convieram; mas os de Colaxingo, mais por medo que por sympathia, propozeram este pacto, pois temiam muito os da familia Gonga, e assim ficaram sendo estas duas familias as unicas que tinham direito ao estado de Jaga; algum tempo depois veiu dos Estados do Rei Ginga outro regulo chamado Calunga, e pelas mesmas circumstancias que concorreram em Gonga foi

convidado a ter entrada no Estado, e é esta a origem de estar hoje o Estado de Cassange nas tres familias de Colixingo — Gonga — e Calunga. — Começaram os Songos a transitar o caminho da Lunda para Cassange, caminho muito mais curto do que o do Songo Grande, e d'ahi vem a origem da Feira de Cassange, porque alguns Portuguezes começaram a ir ali commerciar pela abundancia de marfim que os Cassanges traziam da Lunda: os Jagas consentiram no estabelecimento da feira, mas conservando o caminho occulto, e não consentindo que Portuguez algum passasse além do Rio Zaire ou Quango.

Capitulo 2.°

Eleição do Jaga, e ceremonias que se seguião a este acto.

Tratei no Capitulo antecedente do estabelecimento dos Cassanges nas terras em que actualmente se acham, e da fórma por que se estabelecem para a successão: — trato agora da fórma da eleição, que se seguia a este acto. Morto o Jaga, é o Tendalla quem convoca o collegio eleitoral, que é composto dos Macotas, Cazas, Catondo, e Tendalla, que reunidos começam por descortinar e examinar a qual das familias pertence o Estado: decidida esta questão, trata-se de vêr qual a pessoa que deve ser eleita; e aqui ha sempre grandes questões, e ás vezes chegam a vias de facto, quero dizer, a pegar em armas, para por ellas decidir a contenda; mas ordinariamente não se chega a tanto, porque os Macotas têem o cuidado de guardar grande segredo sobre quaes são os que tem votos, ou são indicados por cada um dos membros do collegio eleitoral. Terminadas estas questões, e decidido definitivamente quem deve ser o eleito, passa o Catando a formar uma casa e quintal que deve receber o novo Jaga, assim como os outros Macotas a fazerem suas casas proximas áquella, e a esta senzala se chama Quilombo do Catando; marcada a hora para a ceremonia, vae o Tendalla ao logar em que está o eleito, entra na casa, e, á maneira de que agarra um assassino, o conduz fóra da casa, e ahi, reunido o povo, começa a grita, e toques de marimbas, e tambores, e o novo Jaga é levado ás costas de seus filhos até ao logar de Quilombo: é mettido na casa que lhe está preparada, e por espaço de muitos dias ninguem mais o vê, a não ser dois parentes, e o Tendalla. Passados dois mezes vae o Jaga habitar por 20 ou 30 dias uma casa de antemão preparada na margem do Rio Undua, (rio celebre por dar o nome ao terrivel e mortal juramento) e nesta casa é o Jaga presente a depor todos os Maquitas do Estado, e aqui nomeia os Macotas da segunda ordem, e mais dignidades de Quilambo, que são vitalicios, á excepção dos tres eleitores que são hereditarios nos sobrinhos, e aqui escolhe a sua Bansacuco, principal mulher do Jaga. No fim do tempo marcado, vem o Jaga acompanhado de todo o estado para o logar em que deve formar o seu Quilombo, e depois de concorrerem todos, o Jaga arma o arco, dispara uma frecha, e aonde ella fôr cair é nesse logar que se edifica a sua casa, a que se chama — Semba — e em volta della se formam as casas da Bansacuco, e das outras concubinas, que ás vezes chegam a 50, que tantas teve o Jaga Bumba: depois seguem as pequenas senzalas das casas dos Macotas, suas concubinas, e mais povo, que pertencia ao antecessor do eleito Jaga, isto é, o povo que elle trouxe da senzala, aonde era Maquita. Resta o Sambamento, ultima das ceremonias para o Jaga ficar no pleno gozo da sua soberania. Não tem marcada a epocha do Sambamento depois da eleição, pelo menos, se se acha, os Jagas o não têem cumprido, porque até alguns o não têem feito, e têem morrido sem esse barbaro estilo. (O ceremonial do Sambamento foi abolido, quando se celebrou o baptismo do Jaga D. Fernando, permittindo-se comtudo o banquete, mas sem derramamento de sangue humano.) Quando o Jaga resolve fazer o Sambamento, manda ao Songo a alguns dos Sobas buscar o nicango, que é um preto que não tenha relação de parentesco algum com elle Jaga nem Macota algum: chegado o nicango, é tratado no Quilombo da mesma maneira que o Jaga, nada lhe falta, e até se cumprem as suas ordens como emanadas do Jaga. Designado o dia do Sambamento, são avisados todos os Maquitas, e o maior numero de pessoas delle que possa vir ao Quilombo, e no dia marcado, na frente da casa do Jaga se collocam todos os Maquitas e Macotas no circulo, e reunido em volta o povo, senta-se no centro o Jaga no banco de ferro, que tem um palmo de alto com o assento em fórma circular, concavo, e furado no centro, e colloca-se ao lado a Bansacuco, e mais concubinas, e começa o Cassange Cagongue a tocar no Gongue, que são duas campas de ferro unidas na parte superior por um arco de ferro, com um varão de palmo de comprido, tangendo o Cassange Cangongue as campas durante o ceremonial; é trazido o nicongo, e voltado de costas na frente do Jaga, este com um cutello de meia lua abre o nicango pelas costas até lhe arrancar o coração, que trinca e lança fóra, para depois ser quei-

mado. Findo isto, os Macotas pegam no corpo do nicongo, e voltam sobre o ventre do Jaga todo o sangue que sáe pelo furo da cavidade aonde estava o coração; tendo caído no banco, sáe pelo furo que tem, e immediatamente os Maquitas, esfregando as mãos no logar em que cáe o sangue, esfregam o peito e barba, fazendo grande grita, exclamando que o Jaga é grande: e estão cumpridos os ritos do Estado. O nicango é levado para distancia, aonde é esfolado, dividido em pequenos bocados, e cozinhado com carne de boi, cão, gallinha, e outros animaes, e prompta a comida é servido o Jaga, depois os Macotas, Maquitas, e todos os do povo reunidos, e desgraçado do que lhe repugnar tal comida, porque é vendido como escravo, e toda a familia; e depois de muitas danças, e cantorias termina o Sambamento. Era costume mandar ao Director da feira de Cassange uma perna do nicango, mas o Director voltava a offerta com o tributo de uma ancoreta de aguardente, e fazendas, sem o que o Jaga não consentia que lhe voltasse o que havia mandado, e houve um Jaga, que por o Director repugnar a offerta, e não mandar o tributo, quiz obriga-lo como seu subdito a comer da carne do nicango, o que se compoz, satisfazendo o Director ao costume. O Jaga que tivesse sambado ordinariamente não vivia mais que dois annos depois desta cerimonia, porque o matavam, não só porque os interessados queriam ir ao Estado, mas porque os Macotas recebem nas eleições muitos presentes. Além deste assassinato, quando o Jaga sonhava com algum dos seus antecessores, no dia immediato mandava-lhe dois escravos de presente, e estes desgraçados eram esquartejados sobre a sepultura do presenteado: isto era muito ordinario, como se póde suppôr em gente tão supersticiosa.

CAPITULO 3.°

Morte e funeral do Jaga.

Quando os Macotas viam que a doença que accommettia o Jaga era grave, tratava-se de despedir todos da casa, e este entregava ao sobrinho herdeiro (Bumba Ata) todos os escravos, e mais haveres do Jaga, deixando só seis escravos para o caso de morte, como abaixo se vê, e o enfermo era ordinariamente suffocado, e esta era a maior parte das vezes a morte do Jaga de Cassange. Morto o Jaga, é conservado no logar em que morre tres dias, no fim dos quaes o Tendalla lhe arranca um dente, que é entregue ao herdeiro, que o deve apresentar ao novo Jaga para ser collocado com os dos outros Jagas na caixa das malungas (attributos do Estado, sem os quaes Jaga algum póde exercer o estado); depois é vestido com os melhores pannos, e na propria casa em que morre se fórma uma especie de carneiro, aonde é collocado com os seis escravos vivos, e depois de cheio de terra o carneiro, por todo o espaço do Quilambo, se plantam arvores, e é abandonado por todo o povo; os que pertenciam ao defunto vão habitar outra senzala com o herdeiro, que fica sendo Maquita, com o nome do Jaga, e os que pertencem aos Macotas vão com seus senhores formar senzalas até nova eleição.

CONCLUSÃO.

Em consequencia da conquista feita das terras de Cassange e Hiongo, pela rebellião do ex-Jaga Bumba, e dos assassinatos dos dois Feirantes, ficou Cassange sujeito á Corôa como dominio Portuguez, e por essa occasião ficaram abolidos todos os usos gentilicos, que fossem contra a Religião Catholica, e Leis Portuguezas. É de esperar que o Governo, tomando em consideração tão util acquisição, como é a vassallagem de Cassange (donde nos vem todo o marfim, e grande parte da cera que se exporta de Angola), dê todas as providencias para a conservação do que com tanto trabalho se alcançou, porque d'ali depende o pouco commercio que tem a Provincia de Angola. — Loanda, 20 de Abril de 1853. — *Francisco de Salles Ferreira*, Major de Infanteria.

* Algumas palavras vão n'esta Memoria, escriptas de dois differentes modos: seguimos fielmente o modo por que estão no manuscripto original, porque não lemos podido verificar qual seja a melhor leitura, e presumindo que talvez se digam de um e de outro modo. (*O R.*)

TECHNOLOGIA.

Como dissemos na *Advertencia preliminar*, a parte *não official* d'estes Annaes é destinada para conservar e divulgar todas quantas noticias directa ou indirectamente possam interessar as Provincias Ultramarinas. Conforme este intento iremos successivamente dando as noticias que parecerem mais uteis ao progresso da industria das nossas Provincias, as quaes noticias poremos debaixo do titulo especial de *Technologia*.

Começaremos hoje pela noticia do Arcano do Dr. Stollé, porque não so respeita a um

dos ramos de industria que mais utilmente se póde introduzir ou augmentar nas nossas Provincias Ultramarinas, qual é a fabricação do assucar; mas igualmente porque poucos descobrimentos parecem dever ter tão grande influencia n'esta fabricação como é esta de que fallâmos.

E temos o gosto de annunciar, que o governo, a instancias do Conselho Ultramarino, já mandou vir uma porção de arcano para ser remettido para os logares onde o seu uso se pode já ensaiar, e onde por isso mais util póde ser. Em tempo opportuno daremos informações dos resultados que se obtiverem do uso do arcano no territorio portuguez.

SEGREDO PARA A FABRICAÇÃO DO ASSUCAR, PELO DOUTOR EDUARDO STOLLÉ.

O novo segredo (arcano) do Doutor Stollé para a clarificação do assucar, já experimentado em grande escala na fabricação na Jamaica, Ceylão, Surinam, etc., e cuja qualidade inoffensiva á saude não admitte duvida, tem produzido um assucar que se assemelha, quanto á fórma exterior e á côr, ao assucar branco refinado, e que, guardando-se no seu acondicionamento original, se conserva sem alteração e preservado da influencia da humidade, tanto nos paizes frios como nos mais callidos.

Uma instrucção pregada, ou collada em todas as bocetas do segredo (arcano), á maneira de rotulo, ensina e explica em lingua ingleza, franceza, hespanhola, hollandeza e portugueza, o methodo muito simples de applicar este tão poderoso depurativo, que possue a propriedade antiseptica, ou força contra a fermentação, tão efficaz, que mesmo nos tropicos, e com especialidade nas Antilhas, onde o caldo do assucar, que continha uma pequena porção homœpathica n'elle dissolvida, se conservou livre de fermentação, durante dez dias, o que, como é sabido, até ao presente era reputado impossivel sómente no espaço de outros tantos minutos.

Para obter este fim, apenas é necessario deitar no caldo do assucar — o arcano reduzido a pó grosso, ou em pedaços do tamanho de ervilha, — porém isto deve ser no momento em que o caldo é extrahido da canna, ou, fallando technicamente, quando elle corre do moinho do assucar.

Os resultados que por este meio se obtêem, são: a clareza do caldo, e como consequencia a sua maior aptidão para a crystallisação, e a notavel belleza do assucar, o qual, pelo seu grão agudo, brancura e clareza, se distingue, como o dia da noite, do assucar de côr suja e escura, obtido pelo methodo antigo; e este é o motivo por que o assucar manipulado na Jamaica com o arcano de Stollé, se vendeu ainda ultimamente em Londres mais caro 6 $\frac{1}{2}$ schellings, 2 $\frac{1}{2}$ dolars da Prussia, em 112 arrateis, do que o outro da mesma plantação preparado pelo antigo systema.

A despeza que se faz com a applicação do arcano do Doutor Stollé é de $\frac{5}{8}$ até 1 $\frac{1}{8}$, termo medio, não excedendo a 4 ou 5 pences em 112 arrateis de assucar, para ficar sobejamente clarificado; de modo que, sendo regularmente manipulado, apresentará o ganho liquido de 6 schellings por 112 arrateis, sem embargo do augmento de quantidade obtida pela maior aptidão para ser crystallisado.

Outra vantagem do novo methodo de Stollé, e que se não deve perder de vista, consiste, segundo a propria experiencia de Lord Howard de Walden, mencionada no Morning Chronicle de 6 d'Agosto de 1851, em que ao mesmo tempo a quantidade e qualidade do rhum (espirito), obtido depois d'esta preparação, é maior e superior.

O que ainda mais recommenda o methodo, para os paizes que fabricam assucar, é, que elle se póde pôr em pratica sem grandes despezas na modificação dos engenhos de fabricação, por ser exequivel em todo e qualquer logar.

O arcano do Doutor Stollé, acondicionado em grandes bocetas de metal, é inaccessivel ao ar e á agua, e a sua conducção, em caixas de 200 arrateis, franca até Hamburgo.

As ordens ou encommendas podem ser dirigidas ao inventor e proprietario, com sobrescripto = Doutor Eduardo Stollé — em Berlim — Reino da Prussia. =

APPENDICE.

Para poder com acerto calcular de antemão quanto arcano é necessario para uma plantação, servirão de norma os algarismos seguintes, baseados sobre a experiencia.

Ordinariamente, uma caixa do arcano do Doutor Stollé, contendo 200 arrateis, é sufficiente para 15 toneladas de assucar. Uma plantação que produza 150 toneladas (300:000 arrateis) de assucar em bruto, precisa, para preparar esta quantidade, 10 caixas; para 300 toneladas, 20 caixas, etc., etc.

As mais despezas de Hamburgo a Amster-

dam, ou Londres, importam por uma caixa 9 schellings ou 3 por %, incluindo o seguro e commissão.

Finalmente devemos ainda observar aos fazendeiros, que fabricam assucar, a fim de evitar que elles se exponham a comprar o arcano falsificado, ou imitado, o que seria em seu prejuizo, que devem comprar o arcano do Doutor Stollé, unicamente de seu descobridor e proprietario em Berlim, ou dos seus agentes, cujos nomes serão publicados nas folhas locaes.

Julgâmos dever fazer esta bem entendida advertencia, no proprio interesse dos fazendeiros do Ultramar.

Copia de uma carta dirigida por Lord Howard de Walden e Scafold, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade Britanica em Bruxellas, ao Dr. Eduardo Stollé, em Berlim, relativamente ao resultado do ARCANO *(inventado pelo Dr. Stollé) na fabricação do assucar nas Colonias.*

Emfim, meu caro Dr. Stollé, é verdadeiramente um bom resultado! Remetto-vos uma carta de *Deville.** As amostras D e M são mui bellas, e muito me contentam.

Escrevo á pressa para vos dar um prazer ha tanto tempo diferido, e que vós tanto mereceis. Adeus. O resultado que alcançastes causa-me a mais viva sympathia.

Vosso amigo

Lord Howard de Walden.

Extracto da Carta de Mr. Deville, de Montpellier estate *(na Jamaica), recebida por Lord Howard de Walden, em* 19 *de Março de* 1852.

... O arcano do Dr. Stollé tem dado mui bellos resultados!...

... a 160° Fahrenheit 4 lbs. para um sifão de 600 *gallões;* a 180° F. dissolução de 4 lbs. de arcano em 20 partes de agua que deitei no sifão: mexi por algum tempo o caldo para que a dissolução se fizesse por igual: a 195° F. suspendi a fervura (para a desecação); puz um saco de flanella na torneira: um licor claro e puro, côr amarella de ambar, de oiro brilhante, e pesando 15° Baumé, passou de caldeira em caldeira: chegando ás duas pequenas, eu proprio o cozi, tendo cuidado de bater bem o assucar, isto é, de mexer continuamente, para que as molleculas se dividissem bem, e a cosedura se fizesse mais rapidamente. Chegado á ultima caldeira, suspendi a fervura a 235 F.; o assucar passa a um resfriador, e no dia seguinte de manhã o passo ás machinas centrifugas, e obtenho assim em resultado a amostra D; continuei a coser e a bem deseccar, e obtive barrica e meia do mesmo assucar.

Vamos continuando a servir-nos do *arcano-Stollé*; com a differença unica de que em vez de o dissolver em agua, deixo este cuidado ao caldo que passa do engenho para o sifão: *este meio é melhor que o primeiro* e evita *toda a fermentação!...* Tenho em um vaso um meio *gallão* de licor (caldo da cana) *ha dez dias*: nada absolutamente de fermentação: só o contacto do ar tem alterado levemente a côr.

Ha duas semanas que se contínúa a fazer uso do arcano do Dr. Stollé; e sempre com bom resultado. M é a amostra do assucar que este anno se ha de fazer em Montpellier.

* Mr. Deville é o empregado especialmente encarregado da fabricação do assucar em *Montpellier estate*, plantação na Jamaica, que pertence a Lord Howard de Walden.

Extracto de uma carta dos srs. Wittering Irmãos, de Amsterdam, que já no anno antecedente tinham mandado umas trinta caixas de arcano-Stollé *a Surinam, para se fazer ali o ensaio do processo.*

Amsterdam, 13 de Maio de 1852.

Ao Sr. Dr. Stollé, Berlim.

Tende a bondade de nos mandar, por via de Hamburgo, 25 caixas do vosso arcano. Os resultados que se obtiveram em Surinam são bons.

Wittering Irmãos.

Extracto de uma carta de Lord Howard de Walden, de 17 *de Maio de* 1852.

Bruxellas, 17 de Maio de 1852.

Meu caro Dr. Stollé.

Chegaram finalmente de Montpellier-estate (Jamaica) algumas barricas de assucar tratado pelo vosso arcano: e juntamente mais cinco bem clarificadas segundo o methodo antigo. Na Jamaica não se notava muita differença

na qualidade dos dois productos; mas na chegada a Londres, a differença foi muito sensivel!... As seis barricas tratadas pelo vosso arcano foram vendidas à rasão de 30 schellings por Cwt., em quanto as outras (pelo methodo antigo, posto que tratadas pela machina centrifuga) não poderam alcançar mais que 23 sch. e 6 p. (N'estes preços não entram os direitos.) Escrevem-me tambem de Montpellier-estate, que os *ultimos* assucares fabricados (com o arcano) são muito superiores aos primeiros; mas eu duvido, pois que as seis barricas (ultimamente vendidas em Londres) são realmente bellissimas; em quanto os outros assucares (feitos pelo antigo methodo) são muito inferiores.

Todo vosso

Howard de Walden.

Na Carta de 23 de Maio de 1852, em que Lord Howard de Walden faz uma nova encommenda de arcano para a colheita seguinte, S. Ex.ª faz menção de que *Lord Elphinstone* (que em 1851 tambem tinha mandado umas doze caixas de arcano para a sua plantação de assucar em Ceylão) tinha recebido noticias favoraveis do resultado obtido por meio do *arcano-Stollé.*

Finalmente, em data de 17 de Junho de 1852, Lord Howard escreve:

Bruxellas, 17 de Junho de 1852.

Meu caro Dr. Stollé.

Tenho a satisfação de vos dizer que foi avaliado o assucar (fabricado com o arcano) em Ellis Caymanas (outra propriedade de Lord Howard na Jamaica) muito alto., 45 schellings por cwt.! Entra agora na cathegoria desgraçadamente superior: e assim os direitos da entrada (na Inglaterra) são de 14 sch. 8 p. em logar de 10 sch.

Howard de Walden.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

OBSERVAÇÕES

SOBRE

ALGUNS IMPORTANTES OBJECTOS RELATIVOS AO ESTADO DA INDIA PORTUGUEZA.

(Escriptas no Rio de Janeiro em 1815.)

POR DIOGO VIEIRA TOVAR DE ALBUQUERQUE

Religião.

Sendo a Religião Christã, e a promulgação do seu Evangelho um dos principaes motivos, que levavam as nossas armas ás Regiões Asiaticas, de tal maneira se enlaçaram os interesses religiosos com os politicos, que uns e outros progrediram de mãos dadas, o que necessariamente havia de acontecer, por motivos tão obvios, que seria escusado referi-los. Antes que as nações da Europa principiassem pelo fim do seculo decimo sexto a serem não só nossas rivaes na Asia, mas nossas inimigas; absolutos senhores das vastas possessões que conquistámos, demos a lei sem embaraço ou opposição; e os nossos missionarios, levando a voz do Evangelho a diversos Estados dos Potentadas da Asia, onde só o glorioso nome dos Portuguezes, e não as nossas armas tinham penetrado, prégando a Religião Christã, estabeleceram com a sua moderação e suave jugo o amor aos portuguezes, a tendencia para os seus costumes, o desejo de fallarem a sua lingua, e a predisposição para as suas leis; daqui veiu que os Soberanos de Portugal, foram soberanos d'estes povos antes mesmo de serem conquistados; os nossos missionarios sendo Parochos d'aquellas Christandades, foram por ellas acclamados seus Juizes Civis e Criminaes, e tiveram a desteridade de espalharem a nossa lingua nos vastos continentes, que abrangem as duas costas do Malabar e Coromandel, o que se arreigou de uma maneira tão viva, que ainda hoje a lingua portugueza é, para assim me explicar, a lingua franca dos povos Asiaticos, e os Parochos Catholicos os juizes das suas Christandades, mesmo á face dos régulos seus soberanos, ou das nações europeanas, que os conquistaram.

Que gloria para os Soberanos de Portugal, terem a nomeação de Bispos e Parochos em povos estranhos aos seus dominios, e de Bispos e Parochos que não só são juizes da lei da Igreja, mas juizes das leis do Estado? Que gloria para os Soberanos de Portugal nomearem Bispos e Parochos para povos sujeitos, a titulo de conquista, a diversas nações da Europa? Os hollandezes, conhecendo a grande preponderancia dos nossos Parochos sobre os povos, formaram uma intriga, para serem expulsos os nossos missionarios da Costa da Pescaria, (parte dada em 13 de Janeiro de 1719 á nossa côrte).

Os inglezes expoliaram pelos mesmos motivos os Parochos portuguezes de Bombaim, contra o Tratado por que lhes cedemos aquella cidade (assim se deu parte á côrte em 22 de Janeiro de 1712), querendo anteriormente obrigar os christãos a cousas contra a nossa Religião; procurando, que todos fossem nossos inimigos, (parte dada á côrte em 10 de Janeiro de 1715). Tendo tambem querido obrigar os Reitores Christãos a orarem na Collecta pela Companhia ingleza (parte dada em 2 de Janeiro de 1715).

A perda do nosso legitimo Soberano, e o dominio intruso de sessenta annos, debaixo do qual gemeu Portugal, produziu em todas as nossas Conquistas fataes consequencias; os dominios d'Asia foram envolvidos n'estas desgraças de uma maneira muito afflictiva, e até hoje irremediavel: deixando de parte outros pontos voltemos ao do que se trata.

A obstinação da côrte de Roma, para fautorisar, n'aquella desgraçada epocha, com os negocios politicos de Hespanha em não confirmar os Bispos nomeados pelo nosso legitimo Soberano, o senhor Rei D. João IV, deixou viuvas não só as Igrejas de Portugal, porém todas as do Regio Padroado nas posses-

sões e mais territorios Asiaticos: não contente com isto, obteve o collegio *de propaganda fide* em Roma, a faculdade de metter Prelados e Parochos, nas nossas igrejas da Asia, que estivessem sem Pastores, para cujo fim se mandaram de Roma varios Bispos, o que sendo conhecido na côrte se expediu para a India, em 23 de Março de 1660, uma ordem determinando, que os Bispos de Roma que se mandassem para a India Portugueza, se não deixassem entrar sem carta de Sua Magestade, e se com effeito chegassem á India fossem recolhidos, e remettidos para o Reino.

Em 3 de Janeiro de 1713 deu o Governo da India parte a Sua Magestade das usurpações do seu Padroado, e da escandalosa maneira com que se portavam os Prelados propagandistas.

Em 13 do mesmo mez do anno seguinte se remetteu pelo governo da India á côrte a descripção dos vexames, que faziam os propagandistas ás Christandades d'Asia, e os motivos por que os propagandistas se tem introduzido.

Em 7 de Janeiro de 1715 se referiram para a côrte os excessos indignos commettidos por um Bispo da propaganda, que, sendo expulso pelo Rei Sunda, se acolheu aos inglezes; e se acrescenta n'este officio, que os mesmos inglezes não perdem occasião de molestar-nos.

Em 16 de Março de 1712 determina a côrte que se não publiquem nem executem os breves de que ía munido o Cardeal de Tornon, que nem ligam as censuras por elles fulminadas; isto era ácerca da celebre e bem conhecida questão dos ritos Sinicos, muito prejudicial ao Regio Padroado.

Em 13 de Janeiro de 1719 se deu parte á côrte de que os ministros da propaganda se acolhem ás feitorias inglezas e hollandezas.

Em 2 de Fevereiro de 1742 se deu da India parte das questões suscitadas pelos propagandistas, entre o Bispo de Cochim e o Comodoro d'aquella cidade, e os Franciscanos, com um Bispo da propaganda, no Pegu e Ava.

Em 28 de Abril de 1777 se dá parte de que não entrem na China Missionarios de propaganda sem primeiro darem juramento de fidelidade a Sua Magestade, e das questões que houve por este respeito entre o Bispo e o Governador de Macau; e que o Governador dera licença para entrarem, sem darem o juramento.

Em 12 de Fevereiro de 1789 se dá parte á corte de que os inglezes convem em que o Arcebispo de Gôa nomeie Vigarios para Bombaim, e serem expulsos os propagandistas; porém em 30 de Setembro de 1791 se torna a dar parte de que o Governador de Bombaim entregára outra vez a administração das igrejas aos propagandistas, excluindo o Arcebispo Primaz. Comtudo a prudencia do fallecido Arcebispo D. Fr Manuel de Santa Catharina pôde obter tornar a nomear vigarios para Bombaim; apesar de varias difficuldades que occorreram, e mesmo d'elle nos ultimos dias de sua vida se ter um pouco precipitado a este respeito. Porém no pouco tempo em que governa esta Metropole o actual Arcebispo D. Fr. Manuel de S. Galdim, já tem havido grandes contendas, e o resultado é termos já perdido a igreja de Mahim de Nossa Senhora da Salvação, e estarmos a ponto de perder outra em Marsagão.

Os Arcebispos de Gôa tem faculdade concedida pelo Soberano, como Grão-Mestre da Ordem de Christo, para nomearem não só Parochos, mas até Governadores Ecclesiasticos para as igrejas vagas, a fim de se obviarem os inconvenientes ponderados; comtudo o já dito fallecido Arcebispo Primaz me disse a mim mesmo repetidas vezes, que todos os annos pedia á côrte se nomeassem Prelados Sagrados para aquellas Dioceses, e creio que o actual tem feito as mesmas requisições.

O mesmo Governo da India pediu muito instantemente Bispos para as nossas Conquistas em 5 de Maio de 1800, e em 9 de Fevereiro de 1803 os tornou a pedir, dizendo que a necessidade era absoluta; estes officios são do passado Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral; e o actual Vice-rei pediu bispos, se bem me lembro, em o anno de 1810, e por conhecer que o captiveiro do Pontifice fazia, que os Bispos nomeados, senão podiam sagrar por falta de confirmação, deixou de fazer novas requisições, até que, cessando aquelle embaraço, novamente fez na proxima Monção de 1814, uma viva applicação a este respeito, e agora parece, que mais que nunca se precisam Prelados Sagrados.

Cochim é uma Igreja que não deve estar sem Pastor Sagrado, porque o seu Bispo é quem governa, segundo as concessões pontificias e ordens regias, toda a Metropole, indo para Gôa tomar conta do Arcebispado, na falta do seu Arcebispo (ordens de 24 de Março de 1689, e de 31 do mesmo mez de 1716, que se acham com a cópia do Breve, a fl. 93 do livro 5.º das ordens reaes na secretaria de estado da India, e fl. 120 do livro 82.º), Cochim ou a sua Christandade, depois de cansada de requerer ao Arcebispo actual a nomeação de um Governador, que já os tinha governado espiritualmente com muito tento, e utilidade do real padroado, o pediram ao Vice-rei por uma carta assignada pelos principaes d'aquella Christandade. O Vice-Rei re-

metteu tudo ao Arcebispo, que annuiu, e nomeou o Governador pedido, que é o Padre Mestre Fr. Thomaz de Noronha, da Congregação de S. Domingos, sem duvida um dos Padres de melhor conceito das congregações de Gôa, e que fora promotor do extincto Santo Officio, donde fôra pedido a supplicas muitos instantes do virtuoso Arcebispo fallecido, para ir, como foi, governar o Bispado de Cochim, e Arcebispado de Cranganor. Foi participado a este padre, que elle tinha sido nomeado para ir novamente governar a Igreja de Cochim, a supplicas d'aquella Christandade : elle representou de tal maneira a impossibilidade de ir, por causas nascidas do Arcebispo, que o Vice-Rei se resolveu participa-lo á côrte, n'esta monção, pois que o Arcebispo, bem ás avessas dos seus predecessores, quer de Goa governar todos os bispados do Oriente, e corta e limita, como lhe parece, a jurisdicção dos Governadores ecclesiasticos; o que é contra direito, porque a jurisdicção de taes Governadores é determinada e taxada pelos Canones e Bullas, e jámais póde ser restricto, ao arbitrio do Metropolita: accrescendo além d'isto, que pertencendo a nomeação de taes Governadores ao Arcebispo, unicamente por concessão especial do Augusto Gram-Mestre, elle nas cartas que lhes passa não tem pejo de dizer que tal nomeação lhe pertence na qualidade de Metropolita: novo erro de direito canonico, porque mesmo quando estes Bispados não fossem do Regio Padroado, já mais pertence ao Metropolita dar Governadores ecclesiasticos ás Dioceses sem Bispos; mas sim ao Bispo mais visinho da cadeira vaga.

O querer o mesmo Arcebispo governar de Goa todas as Dioceses, deu occasião, se bem me lembro, a graves questões com o Governador Ecclesiastico de Madrasta, com uns Missionarios da propaganda, a quem o mesmo Arcebispo fautorisa contra os interesses do Real Padroado, por serem frades da sua ordem; facto este, que o refiro, porque vi cartas a este respeito, que me parece acompanham o Officio do Vice-rei de que acima fallo, porque o Vigario Geral da ordem de S. Domingos, o Padre Mestre Fr. Paulo de S. Thomaz d'Aquino, no meu conceito, e no do publico, um dos mais dignos, por não dizer o mais digno ecclesiastico de Goa, por conhecimentos, conducta e virtudes, apresentou aquellas cartas ao Vice-rei, como muito zeloso do Real Padroado, para ver se poderia dar algum remedio a tão escandalosas contendas, e tão prejudiciaes ao Real Padroado. Tal o estado das Christandades da India, onde existe um só Prelado Sagrado, o Arcebispo de Goa, para tão grande territorio, e tantas Dioceses! Os Bispos até agora nomeados por S. A. R., para aquellas regiões, não tem ido, porque lhes parece melhor em Portugal comerem as congruas, que lhes está pagando a fazenda real de Goa, e os seus Bispados ao desamparo, acontecendo escandalosa e prejudicialmente, que os Bispos da propaganda, nossos inimigos, são os que ordenam por demissorias os Clerigos das nossas Christandades.

A nomeação de Bispos virtuosos, sabios e zelosos dos interesses do Regio Padroado é o unico meio de pôr termo a tão graves prejuizos espirituaes e politicos; digo politicos, porque conhecendo os inglezes a influencia que tem os Prelados nos povos, sempre chamam ao seu partido os Governadores ecclesiasticos para ali nomeados, os quaes, por serem ás vezes mal escolhidos, outras vezes por se receiarem serem removidos a arbitrio do Arcebispo (tambem contra direito), facilmente se deixam seduzir; o que jámais acontecerá a um Bispo que seja portuguez, e honrado, e que casado para sempre com a sua Igreja ha de infallivelmente interessar-se pela sua felicidade e prosperidade.

O meu zêlo pelo bem do real serviço, de que creio ter dado provas cabaes, em oito annos, que servi o melhor dos Principes, no Estado da India, e agora tanto mais adstricto por envolver este objecto a salvação das almas, a propagação do Evangelho, a conservação das nossas Christandades, e a deferição do Regio Padroado, me anima a dizer que os melhores Bispos para taes Bispados são aquelles que têem um cabal conhecimento dos costumes dos povos, que governam, costumes absolutamente estranhos, até por annos, a um europeu, que chega da Europa; que sabem a lingua natal d'aquelles povos; e que conhecem a intriga da propaganda, fautorisada pelos inglezes. As religiões de Goa tem, supposto que poucos, alguns Padres d'este toque, e dos quaes alguns têem governado muito bem alguns d'aquelles Bispados.

Cochim, pelo motivo apontado, não é conveniente, que esteja sem Bispo; o que o era, Fr. José da Soledade, foi de Goa remettido para o reino em 1803, por ter assassinado, pela sua propria mão, um Missionario nosso, Franciscano; este desgraçado Bispo morreu, ou ao menos o Almanak dá o Bispado por vago; portanto póde-se prover o Bispado.

Malaca, outro Bispado que pelas relações continuas com os inglezes tambem não deve estar vago, e tanto mais por ser tambem Prelado de Timor, sem duvida a melhor, e a mais abandonada colonia de S. A. R., de Ca-

bos a dentro; o que é Timor, e o quanto póde vir a ser, e o seu lamentavel actual estado, se póde ver nas instrucções dadas pelo Vice-Rei da India, para Timor em 30 de Abril de 1811, e que foram remettidas a esta corte, á Secretaria de estado competente: eu que fui quem as formalisei, sei que por ellas se conhece o estado de Timor, o que elle foi, é, e póde vir a ser, se não continuar a ser abandonado como até agora. O Bispo de Malaca acha-se actualmente Arcebispo da Bahia; elle deve já ter resignado o Bispado de Malaca e Timor, e portanto póde-se nomear Bispo para aquella Diocese.

Meliapor, Bispado muito mais importante, pelas mais intimas relações com os inglezes, e onde os propagandistas, bem como em Cochim, mais têem entrado. O seu Bispo acha-se governando o Bispado da ilha da Madeira, Funchal, elle deve ter resignado o Bispado de Meliapor, e quando assim não tenha sido, póde S. A. R. nomear um Bispo titular *in partibus infidelium*, para governar Meliapor.

É bem conhecido o respeito que os povos de Asia ainda conservam ao nome portuguez, ou, para melhor dizer, a veneração que ainda nos têem; não é justo nem politico fazer pouca monta d'esta disposição, ou extingui-la por uma mais longa separação dos seus paes espirituaes; unicos funccionarios portuguezes, que nós podemos introduzir n'aquelles territorios, pela maior parte pertencentes a conquistas inglezas; será este o unico remedio para o presente e futuro.

Quanto ao passado não sei se será um dever, não só politico, mas até de consciencia, fazer todas as diligencias, para reintegrar no Real Padroado, as muitas igrejas, que lhe tem sido tiradas pela propaganda. Um ministro habil na côrte de Roma poderia fazer estas requisições, uma vez que estivesse ao facto de quanto deve estar sobre tal assumpto; isto é, da intriga da propaganda a respeito do Real Padroado, nas obrepções e violencias que ella tem praticado nas Christandades do Padroado; na fautorisação de potencias não catholicas, na India, que tem protegido os propagandistas, contra os interesses do Padroado; nos direitos inherentes ao Padroado; e principios de direito publico ecclesiastico, etc.

Concluo este importante artigo dizendo, que, a nomeação de Bispos para os bispados orientaes, tirados dos Padres Mestres mais capazes das Religiões de Gôa, não só traz comsigo os interesses, que deixo ponderados, porém tambem a certeza de que elles vão para os seus Bispados, o que não acontece, como a experiencia tem mostrado, quando se nomeiam outros, que estão em diversas regiões; e tambem animarem-se os padres das Congregações de Gôa, e irem por este motivo Padres de Portugal, que com o tempo se façam respeitaveis e uteis aos Conventos de Goa, cujas Religiões se acham no ultimo abatimento, e muito faltas de Padres dignos, quando elles ali, mais do que em parte alguma das nossas colonias, se fazem precisos; pois que eu apesar das opiniões do tempo sempre direi, que as Congregações religiosas são o mais firme apoio da nossa Sagrada Religião. Tal foi a politica com que se governou a India nos antigos tempos, em que os Vice-Reis propunham ao Soberano tres sujeitos dignos da India, para Bispos dos Bispados vagos. O Vice-Rei Conde da Ega, ultimo Vice-rei que governou com aquelle titulo antes do actual, ainda propoz a El-Rei tres pessoas para Bispo de Malaca, em 2 de Fevereiro de 1760.

Politica.

O Estado da India, na situação actual da sua decadencia, pouco tem a fazer com negociações politicas; porque confinando nós com os inglezes, e com o Bonsuló, quanto a este, elle se acha no ultimo estado de abatimento; a politica do Governo da India, e da nossa côrte tem sempre sido procurarmos meio de o conservar, por ser mais conveniente ter um visinho fraco, do que um poderoso. Comtudo um artigo separado e secreto, celebrado por occasião de um tratado entre o Estado da India e o Bonsuló, em 1788, pelo qual as provincias da Nova Conquista, que por elle ficaram na nossa mão, se declara, que é até a resolução e indemnisação de Sua Magestade, tem dado occasião a algumas requisições do Bonsuló, uma logo no primeiro anno do governo do actual Vice-Rei (por não fallar em outras mais antigas), a qual elle desvaneceu, formando um campo de tropa, na fronteira confinante com o Bonsuló; outra em 1809, por intervenção da côrte de Ponem, que mandou a Gôa um Enviado a pedir aquellas Provincias a bem dos Bonsulós. O Vice-Rei não deu audiencia a este Enviado, porque não vinha revestido do caracter proprio para tratar pessoalmente com o Vice-rei, segundo a etiqueta diplomatica portugueza na Asia. Eu, na qualidade de Secretario do Estado, que então era, tive com elle as conferencias necessarias; cujo resultado foi ausentar-se elle muito contente, do bom acolhimento que teve, porém sem nada ter conseguido, nem ao menos a mais leve esperança, porque a final se lhe respondeu, que tendo posteriormente ao tratado rebellado-se do Estado aquellas Provincias em 1795, foram novamente conquistadas

pelo magestoso Estado, que hoje as possue, não em virtude d'aquelle artigo separado, e secreto, mas por novo titulo de conquista: isto junto com a debilidade do Bonsuló, e não menos da côrte de Ponem, produziu a retirada do Enviado. Por esta occasião o Vice-Rei fallou com o Enviado inglez residente em Gôa, para elle saber do seu residente em Ponem o estado d'este negocio; elle pediu ao Vice-Rei uma cópia do artigo separado, que se lhe deu, não por minha vontade, porém o Vice-rei me disse a este respeito, que como o artigo estava com os Bonsulós, e elles o tinham communicado á côrte de Ponem, os inglezes o podiam ali obter pelo seu Enviado, e mesmo porque o Enviado de Gôa já tinha uma cópia não authentica, que talvez lhe teria sido dada por algum individuo de Gôa. Hoje têem os inglezes a posse de algumas terras do Bonsuló, visinhas ao Estado da India Portugueza, como Vingurlá e Neutim; será bom sempre ter em vista, que os Bonsulós secundados pelos inglezes, ou estes como senhores, talvez para o futuro, das suas terras, não venham pedir estas Provincias, que pela maior parte se acham guarnecidas unicamente com tropa, sem fortificações, e o caracter dos seus habitantes é bastante revoltoso.

Confinâmos tambem com os inglezes, e esta nação hoje tão poderosa na Asia está sempre em relações muito immediatas com todos os d'aquelles vastos territorios; porém que negociações politicas se podem fazer na India com uma potencia, para assim me explicar, tão monstruosa? E que mais é composta de uma junta de negociantes, do que de um gabinete politico; esta é a propria expressão da nossa côrte fallando para o governo da India, a respeito da companhia ingleza, e cuja ambição é cabalmente conhecida: eu já ponderei em outro papel quanto tinha a dizer a este respeito. Creio que nas actuaes circumstancias o passo mais vantajoso que se podia dar politicamente, era fazer saír por bom modo o actual Enviado, que ali reside; elle presentemente só serve para entregar as cartas do governo de Bengala, e receber as suas respostas; isto se póde fazer, como antes sempre se fazia, por correios, e até hoje a correspondencia d'este governo é muito pequena, e quasi de nenhuma consequencia. A nossa côrte já conheceu o quanto não era conveniente a residencia em Gôa de taes individuos, como se vê do seguinte Officio expedido ao Governo da India em 5 de Março de 1783:

«Manda a Rainha, Nossa Senhora, participar a V. S.ª que seria mais conveniente que V. S.ª não tivesse admittido os ditos agentes, com o justo motivo de não ter ordem d'esta côrte para o fazer, os quaes devem ser tratados com toda a civilidade em quanto ahi residirem, e se fizerem dignos d'ella; acontecendo, porém, que os ditos agentes se ausentem, não deve V. S.ª admittir outros n'esta qualidade sem ordem expressa da mesma Senhora.»

Não obstante, Francisco Antonio da Veiga Cabral recebeu o de que se trata sem ordem e sem motivo. Este agente ou enviado serve muito principalmente para pesquisar todos os meios de fazer mal ao nosso pequeno commercio, de communicar até as mais pequenas cousas que nos pertencem, conhecer a força da nossa tropa, rendas do Estado, etc., etc., e formar partidos a seu favor, e dos interesses da companhia: os vexames e damnos, que elles nos causaram no tempo que as suas tropas estiveram em Gôa são bem conhecidos por diversos Officios do Vice-Rei, e nos quaes se declaram as cabalas urdidas por elles, combinadas com alguns individuos bem conhecidos de Gôa. Sobre estes pontos já apresentei duas memorias, a que me refiro, uma comprehende tudo desde que os inglezes passaram á India, até que as suas tropas occuparam amigavelmente Gôa; expressão bem pouco decente de que elles se serviam; e outra desde então até ao presente. Eu sei que se chegar á noticia dos inglezes, ou dos seus apaniguados o que eu digo e provo a este respeito, serão todos meus inimigos, e procurarão perder-me, porém para mim primeiro está a honra de portuguez fiel aos interesses do Meu Augusto e Amado Principe, do que á minha felicidade, e teria muita honra em ser victima, por tão honroso motivo.

Devo tambem fallar do Rajá de Sondem, de quem nós hoje possuimos varias terras.

Quando Aydar Alican, pae do celebre Tipú, atacou as possessões do Rajá de Sondem, elle se acolheu ao nosso Estado da India, que o recebeu, e com elle parte das suas terras, que ainda hoje possuimos, as quaes Aydar respeitou. A côrte sempre teve em vista este Rajá, e hoje seu filho, determinando muitas vezes ao governo da India, que não o deixe saír do Estado, prohibindo que elle tenha qualquer communicação, entre outros com os inglezes (Officio de 8 de Março de 1784, e de 20 do mesmo mez e anno); inculcando este já alguma desconfiança com os inglezes. Comtudo, não obstante tantas repetidas ordens para elle não saír do Estado, o deixaram fugir em 1800 (parte dada em 7 de Maio do mesmo anno), e para peior, para casar com a filha do rei, ou Rajá de Corga, de quem hoje tem muitos filhos; e sendo apanhado alcançou

licença do Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral, para sair do Estado, e ir effectivamente casar, tudo a sollicitações, ou para melhor dizer, por intriga do Enviado inglez, que então estava em Gôa, o Coronel Clark, que eram aquelles mesmos cuja correspondencia a côrte prohibira (Parte dada á côrte em 20 de Março de 1805).

Esteve muitos annos fóra de Gôa, e em 1813 mandou para o Estado um filho com pretenção de se lhe pagar por inteiro a congrua com que se sustenta, que lhe foi reduzida a dez mil xerafins, quando saiu do Estado; respondeu-se-lhe que havia ordem da côrte, para se lhe pagar por inteiro, que é de vinte e tres mil xerafins, logo que elle se recolha; com effeito se recolheu em 1814, e ficava em Gôa. Elle pediu ao governo inglez alguma cousa para poder subsistir; o Governador mandou ouvir o Enviado residente em Gôa, que disse lhe deviam dar alguma cousa, porque era pouco o que lhe dava o Principe Regente de Portugal. Eu sabendo isto, ponderei ao Vice-Rei, que este Rajá, cujas terras possuímos em parte, sem titulo, a quem Sua Alteza chama primo, a quem manda dar Alteza, não era politico, nem decente que recebesse uma consignação dos inglezes, até mesmo para não os ligar mais com elle, e em observancia das ordens da côrte, que prohibem a sua communicação com os inglezes, não obstante pedir elle aquella consignação em contemplação das terras, que sendo suas, os inglezes tomaram ao Tipú, cujo pae lhas tinha conquistado. Eu saí de Gôa n'este tempo, nada mais sei; será muito conveniente pensar muito sisudamente a respeito d'este Rajá, que póde pelo tempo ter pretenções, por si, ou por outros, ás terras suas, que possuimos sem titulo; digo sem titulo, porque de algumas temos titulo legitimo, mas de outras não: e é muito para receiar alguma cabala.

Concluo com outro objecto importante: certos Dessaes do Estado, que tem questões com as suas familias, ou porque se não compõem, ou porque se decidem, como não póde deixar de ser, contra uma das partes, a que fica mal foge, e vem roubar dentro do Estado, o que na India se chama *fazer pondaquins;* estas desordens antes não aconteciam, principiaram no Governo do Conde da Ega, e tem até agora continuado, e o mais é, porque de dentro do Estado ha sempre quem os proteja, e dividem os roubos, ou roubam em seu nome; e ainda mais, a sublevação da provincia de Pernem em 1795 foi uma cabala urdida por individuos de Gôa, por desintelligencia que tinham com o Governador, que então era Francisco Antonio da Veiga Cabral; e daqui adiante poderá acontecer o mesmo; porque isto é antigo na India, e data do tempo do celebre Henrique Carlos Henriques, famoso nestas velhacadas, que a final a côrte bem conheceu, antes illudida, a cujo respeito se podem ver os Officios da côrte de 10 de Fevereiro de 1767, 24 de Janeiro de 1770, e sobre todos o de 29 de Março de 1786. Seria muito justo pôr por uma vez termo a tão escandalosas, como perigosas intrigas; eu pudera produzir factos, e até papeis, porém não é do meu intento senão desejar que se evitem taes cousas para o futuro.

Estado Militar.

Eu pouco poderei dizer a respeito do Estado Militar, por ser um objecto absolutamente estranho aos meus conhecimentos; direi, porém, aquillo que é obvio.

S. A. R. paga na India, quero dizer, em Gôa e provincias adjacentes, a um exercito de oito a nove mil homens. No primeiro de Julho de 1814 pagava o Thesoureiro geral das tropas a 8:295 (não contando a marinha, e cousas que lhe dizem respeito, nem tres regimentos de milicias, e as ordenanças). A população do Estado em 1814 era de 265:693 almas portanto, segundo o calculo de todos os politicos, deviamos ter em tempo de paz 2:656 homens pagos; porém como estamos em uma colonia, parece que bastaria o dobro, a saber 5:312, e nem é conveniente, e nem jámais uma nação bem regulada, entretem em tempo de paz o mesmo numero de tropa que em tempo de guerra. A tropa da India é composta de um regimento de artilheria, dois de infanteria, duas legiões cada uma com duas companhias de cavallaria, o corpo volante de Sipáes, e os pés de Castello. O corpo de Sipaes tem subido a um numero muito grande, a 2:027 praças; elle na sua origem foi limitado a certo numero de companhias, ou partidos, e em pequeno numero; augmentou-se, porém, tanto, que em 1773 se mandou com elle acabar de formar a legião de Pondá, para guarnecer a provincia de Bicholim, e ficou o corpo reduzido, porém tornou-se a augmentar tão rapidamente, que em 1786 se tornou d'elle a mandar formar outra legião chamada de Bardez para guarnecer a provincia de Pernem, e ficou o corpo reduzido; porém hoje acha-se outra vez com o numero de praças que acima digo, numero que nunca teve. Na Secretaria de Estado da repartição existe um Officio do Vice-Rei muito circumstanciado a este respeito, e a que se respondeu, que S. A. R. se deliberava a regular este corpo, e que no entanto se não

provessem mais partidos, além daquelles que vagando pertencessem, por antigos pactos a alguns Dessaes. Esta reforma é da primeira necessidade, e devo advertir que a legião de Bardez, creada para guarnecer Pernem, se acha com os seus quarteis em Bardez, provincia central, e onde está o 2.° regimento de infanteria; a de Pondá, cuja metade deve estar destacada, segundo a sua creação, em Bicholim, não está; e vindo d'aqui a proceder que estas provincias fronteiras se guarnecem com Sipáes, e por isso se faz preciso um tal numero. As companhias de cavallaria, a existirem no estado em que se acham, é melhor que não existam, por quanto para o serviço são quasi nullas, por maus cavallos, e nenhuma disciplina, e fazem uma grande despeza.

Os pés de Castello foram abolidos por ordem da côrte em 3 de Março de 1773, e se tornou a recommendar a sua abolição em 3 de Janeiro de 1776; comtudo nunca foram abolidos, e no anno de 1806 subia o seu numero a 858; a maior parte eram cosinheiros, marinheiros, etc., de varias pessoas de Gôa; apesar de soffrerem uma grande reforma, ainda no anno de 1814 havia 577, os quaes cómem o soldo sem irem ás suas praças; eu achei até praças de menor idade em pés de Castello: por esta occasião reflicto, que nos corpos arregimentados, ha demasiadas praças de menor idade, e é preciso pôr a isto um limite.

Os soldos dos officiaes e soldados são mui diminutos, principalmente os primeiros, porém eu não vejo modo de elles se augmentarem sem se reduzir o numero da tropa; d'aqui nascem as malversações, que se observam em licenças, pagamentos de soldos subtrahidos, e de pão aos soldados. Hoje, a requerimento meu, se passaram a pôr em execução entre outras cousas o § 14.° do alvará de 28 de Abril de 1773, e capitulo 9.° do novo regulamento, que manda passar revistas de seis em seis dias ao pagar o pret, o que fez cohibir muito o grande numero de licenças dadas a soldados que jámais iam aos seus corpos, cujos soldos pagava a fazenda real, sabe Deus a favor de quem; eu tenho na minha mão mappas assignados por diversos Commandantes de companhias, onde com a maior impudencia se declaram estas licenças dadas a beneficio particular; penso que com a minha retirada tudo tornaria ao antigo estado; e seria conveniente, que uma ordem da côrte mandasse pôr em indefinitivel execução o decreto citado.

Com effeito admira, mås é um facto, o 2.° regimento de infanteria não tinha livro mestre havia muitos annos, quando eu fiz que se lhe désse; e os duplicados destes livros que o decreto mencionado manda que hajam na thesouraria das tropas, ou contadoria da fazenda real, e que todos os mezes uns sobre outros subam á presença de quem governa o Estado para examinar o seu estado com os mappas mensaes dos corpos, apesar de se fazerem e riscarem em 1774, nunca se escreveu nelles; eu requeri a sua existencia, e quando eu saí de Gôa os havia, e eram todos os mezes presentes ao Governo, e eu mesmo assistia ao exame, que o decreto determina, hoje não sei o que será. A requisição minha ordenou a corte em 3 de Maio de 1811, que todos os annos se licenciasse a nossa tropa (não de europeus) segundo determina o decreto do 1.° de Janeiro de 1800, e segundo a maxima do grande Frederico, isto produz a beneficio da fazenda real sessenta e tantos mil xerafins, por anno, e os soldados estimam muito estas licenças, pois até pedem prorogação dellas; ha comtudo pessoas a quem não é conveniente que ellas se dêem desta maneira, isto é a beneficio da fazenda real, por que ellas sempre se deram, mas a beneficio particular. Será justo determinar novamente, que ellas continuem, pois receio bem que hoje mesmo, ao menos estejam muito diminuidas.

A requisição minha ordenou a corte em 31 de Maio de 1810, que senão promovessem mais Officiaes de Marinha suspendendo as suas promoções. O numero dos Officiaes era immenso, e sem proporção alguma com os vasos que tinhamos: haviam seis Chefes de Divisão, oito Capitães de Mar e Guerra, e mais Officiaes em maior numero nas outras classes, e havia uma só pequena, e velha fragata, um brigue muito pequeno, e uma corveta, esta já se perdeu. Será conveniente continuar com esta suspensão.

Podéra notar muitas malversações, que existem, principalmente com alguns dos corpos de tropa, e tenho mesmo na minha mão documentos authenticos que as provam, porém uma vez que se occorra á sua continuação, como deixo ponderado, é quanto basta. S. A. R. em Officio de 3 de Maio de 1811, reconheceu parte das maquinações a este respeito, sem que eu tivesse fallado nas que S. A. R. reconheceu; donde se vê que houve mais quem as annunciasse.

Estado Civil.

Limito-me neste objecto a ponderar o que já foi presente a S. A. R. em um officio meu, pois elle deve existir na secretaria d'Estado da repartição, uma vez que delle fez menção o Conde das Galvêas; em resumo, os ouvidores de Gôa, Bardez e Salsete, são leigos, e

pela maior parte não só muito ignorantes, porém ainda muito mais timidos, segundo o caracter daquelle povo, os Canarins; e os Generaes das Provincias, logares que Sua Magestade mandou abolir em 24 de Fevereiro de 1776, substituindo em seus logares os Mestres de Campo, que ainda hoje existem, mas que em 30 de Março de 1791 foram suscitados de novo por arbitrio do Governador da India, unicamente com o fundamento de dar mais aquelle soldo a alguns Coroneis; estes Governadores arrogam toda a jurisdicção civil, que se acha em mãos tão debeis, decidem causas civeis, e criminaes, fazem partilhas e inventarios, e até eu já fui citado como Procurador da Corôa e Fazenda, pelo despacho do General da Provincia de Bardez, que é o mais acerrimo em querer ser Juiz de Fóra, Corregedor, Ouvidor, Provedor, etc. etc. etc. Eu já remetti a S. A. R. varios despachos deste individuo, e agora tenho outros por onde se mostra a sua prepotencia e mesquinhos conhecimentos, a cuja vista propunha eu, que se extinguissem estas ouvidorias, unindo-se a de Bardez á de Gôa, para o que estava muito proprio o Ouvidor Geral do Civel, que é um Desembargador, e para a provincia de Salsete crear-se um logar de Juiz Letrado, que podia tambem servir na Relação nos casos em que são precisos seis Juizes, e mesmo assim estas ouvidorias ficam muito pequenas, quanto á extensão, e intenção, e se lhes deviam unir os logares de Juizes das communidades, pelos mesmos motivos, e como se praticou em 1774, quando para ali foram Juizes Letrados. S. A. R. foi servido mandar responder a esta minha proposição, em officio de 28 de Setembro de 1813.=*E tendo S. A. R. tomado em consideração assim o proposto arbitrio de V. Ex.ª, como o que sobre a mesma providencia havia judiciosamente suggerido o Secretario do Estado, Diogo Vieira, se propõe S. A. R. a dar na monção seguinte, aquella providencia que parecer mais conforme á melhor administração da justiça, e serviço daquella Relação.*=Seria muito conveniente adoptar este arbitrio; bem como fazer pôr na mais viva execução as repetidas ordens que ha na India, para se sindicar dos Governadores de Damão e Diu, para cohibir as escandalosas prepotencias absolutas, e roubos que se tem practicado n'aquelles infelizes, e desamparados vassallos de S. A. R.; eu fiz uma longa exposição a este respeito em uma memoria de 15 de Janeiro de 1812, que deve estar na Secretaria de Estado, mas o que não produziu effeito, por motivos particulares, que se oppozeram ao bem publico. Refiro-me a esta memoria, sobre a mais ampla e exacta exposição.

Devo tambem ponderar que os povos das Novas Conquistas, contiguas ás nossas antigas Provincias, e que fazem a mais consideravel parte do Estado, ao menos quanto á extensão, governam-se por suas leis particulares, para o que tem um Juiz Intendente Geral, que é um dos Ministros da Relação. Seria muito justo, e politico ir pouco a pouco e com moderação, chamando estes povos ao systema da nossa legislação, para o que póde muito concorrer o seu Juiz Intendente, quando seja homem habil; daqui resultaria, que estes povos dentro em pouco tempo ficariam mais unidos a nós, e talvez em termos, que jámais se podessem rebellar, como até aqui por vezes tem feito; pois que as nossas leis são mais suaves do que as que os governam. A politica e o bem do Estado assim o pedem.

Finanças.

Seria preciso escrever um volume, para dizer quanto ha a este respeito; direi porém sómente o que parece mais essencial, e quando seja preciso, posso responder com bastante conhecimento de causa aos objectos que se ordenaram.

A receita do Estado da India póde-se calcular uns annos pelos outros, de 1:700:000 xerafins a 1.900:000, e a sua despeza quasi a mesma como se póde ver do seguinte mappa:

Anno 1806.
Receita........... 1:830$427:0:43:19/24
Despeza.......... 1:821$052:3:24:1/2
1807.
Receita........... 1:956$703:0:07:[illegible]
Despeza.......... 1:959$044:4:27:3/4
1808.
Receita........... 1:908$337:2:09:13/24
Despeza.......... 1:908$066:3:23:1/2
1809.
Receita........... 1:794$681:1:40:[illegible]
Despeza.......... 1:779$509:4:26:1/4
1810.
Receita........... 1:955$713:3:52:[illegible]
Despeza.......... 1:837$403:0:15:1/12
1811.
Receita........... 1:810$931:4:59:5/12
Despeza.......... 1:810$166:0:13:1/4
1812.
Receita........... 1:739$455:3:44:1/4
Despeza.......... 1:694$411:2:59:3/4
1813.
Receita........... 1:728$912:0:00:[illegible]
Despeza.......... 1:726$802:0:28

Os motivos porque as receitas são variaveis, são, primeiro as alfandegas que rendem mais

ou menos; as rendas principaes que sobem ou diminuem, e mesmo o rendimento territorial, que tem diminuido. A alfandega de Gôa tira o seu principal rendimento dos direitos que pagam os navios, que vão de Portugal, ou Brazil, buscar pannos da Costa de Malabar, para o commercio da escravatura, e como estes navios vão uns annos mais, outros menos, e até têem deixado de ir alguns annos, d'aqui provém a differença do rendimento.

As rendas principaes algumas têem diminuido; a dos dizimos progressivamente, bem como a do tabaco de pó, que foi em outro tempo a mais essencial do Estado, e que por isso mereceu ter uma junta para a sua particular administração, hoje acha-se reduzida a bem pouco. A do tabaco de folha, que principiou por um ensaio do tabaço de folha do Brazil, em 1777, é hoje a principal do Estado, e tem-se progressivamente augmentado, não obstante ter abatido no ultimo arrendamento, mas isto foi por terem evacuado Gôa as tropas inglezas; pois feito o calculo do consumo, que fazia o campo inglez, ainda a venda veiu a subir, feita a devida proporção.

As rendas territoriaes tem diminuido e diminuirão, já porque o coco, principal producção do paiz, tem perdido quasi todo o seu preço (a este respeito me remetto á referida memoria de 15 de Janeiro de 1812, onde muito largamente fallei sobre este objecto, ponderando o remedio mais obvio), já porque a fazenda real tem menos fazendas do que tinha, porque, no governo de Francisco Antonio da Veiga Cabral, se venderam algumas das melhores propriedades da real fazenda, cujo preço elle gastou, e cujos rendimentos hoje faltam. Entre fazendas que se venderam, trastes de ouro e prata, que mandou reduzir a dinheiro, que eram do espolio dos jesuitas; e dinheiros, capitaes que venciam juros, que elle distratou, e consumiu importam em 1.216:249:2:26 ¼ xerafins; e ainda mais 112:000 xerafins do importe que os inglezes pagaram pelo preço de uma fragata nossa que os inglezes pediram emprestada, e elles perderam; e mais uma grande somma que elle pediu ao cofre dos defuntos e ausentes, da qual ainda uma boa parte se pagou no tempo do actual Governo, e mais a contribuição que elle impoz ás camaras geraes da terça parte do liquido do seu rendimento, que importava cada anno em quasi duzentos mil xerafins, e que ha oito para nove annos só se recebe metade, por se conhecer, que isto ia arruinar de todo estes tão uteis estabelecimentos. Além d'isto a fazenda real perde todos os annos em foros, porque, havendo ordem para se aforarem dos confiscados jesuitas pelo calculo feito pelo rendimento de cinco annos proximos, bem se vê que este fôro é mais uma renda do que fôro, e a poucos passos os miseraveis foreiros, em soffrendo duas novidades más, ficam perdidos, e vão entregar o prazo á fazenda real, onde não ha remedio senão acceita-lo.

As dividas activas da fazenda real são immensas, e ha muita omissão em ellas se cobrarem; eu sempre fiz toda a diligencia que pude como Procurador da Corôa e Fazenda, porém como não tinha na minha mão os meios de coacção, nada pude fazer mais de effectivo.

As alfandegas do Estado estão muito mal arranjadas; quanto á de Gôa mesmo, refiro-me a officios que vieram de Gôa na monção passada, e na de 1814, os quaes devem ser examinados com muito tento, porque o objecto é essencial, e eu seria muito extenso se quizesse agora ponderar o que ha a este respeito, quando se acha tudo elucidado n'aquelles officios.

Quanto ao tabaco de pó, falta dizer que esta renda, que tem progressivamente augmentado, e que é ainda muito susceptivel de augmento tem soffrido alguns tropeços, 1.° a falta de tabaco que alguns annos se tem experimentado, 2.° o ser elle de pessima qualidade, como sempre tem acontecido; a venda d'este tabaco estende-se a Gôa, e provincias de Bardez e Salsete; as outras provincias, a saber: Pondá, Bicholim, Sanquelim, Pernem, e Canacona, não o consomem, pois fumam tabaco do paiz, onde elle muito abunda: d'aqui provém, 3.° que o contrabando é muito facil de se introduzir nas provincias onde existe a renda pela visinhança e trato continuo dos habitantes de umas e outras provincias; e para fallar a verdade, os destacamentos da tropa, e os quarteis dos soldados são os primeiros armazens d'este contrabando. Seria muito conveniente estender esta venda a todas as provincias que compõem o Estado da India; e supposto se não devam quebrar os privilegios dos povos da Nova Conquista, isto se poderia conseguir com desteridade, convidando estes povos a fumarem tabaco do Brazil, que é muito superior em bondade, e preferivel por todos aquelles habitantes; porém para isto seria preciso introduzir tabaco do Brazil, n'aquellas provincias, por preço muito modico, até se costumarem os povos a elle, e depois estabelecer a renda, pois que depois de costumados ao tabaco do Brazil jámais o deixarão; era portanto preciso haver abundancia de tabaco, e muito bom.

S. A. R. tem mandado pagar na India, ha annos, o preço do tabaco de pó, e folha: isto é um impossivel, e é mesmo querer perder o Estado da India. Ha poucos annos ia para a

India de Portugal dinheiro em moeda (ainda foi em 1793), para soccorro do Estado; ia fardamento para a tropa, munições, armamentos, petrechos, e generos para o arsenal, tudo em grande quantidade; agora ha annos nada tem ido; e de mais tem-se mandado vir para esta côrte este dinheiro; que vem a ser o mesmo que cortar o couro e cabello ao Estado da India, e portanto quere-lo perder: não é occulta a pessoa de quem foi o conselho, affiançando ao ministerio a facilidade da sua execução; porém tambem não é occulto o motivo particular por que assim aconselhou.

Damão e Diu pedem continuamente a Gôa soccorros de dinheiro, e se lhe tem mandado; torno a referir-me á memoria, aonde largamente fallo de Diu e Damão. Com effeito, é desgraça nossa vermos os males, conhecermos os remedios, e não os applicarmos!

Commercio e Fabricas.

A memoria que tantas vezes tenho accusado, foi feita propriamente sobre o commercio da India portugueza, ella abrange todos os damnos que nós temos causado ao nosso commercio, os que lhe têem causado as nações estrangeiras, os meios que a côrte tem empregado para o vigorisar; e considerando finalmente o commercio da India no seu estado actual, aponta os meios conducentes para o vigorisar; por esta occasião fallei de todas as nossas colonias, que ligam commercial ou politicamente com Gôa, e das suas fabricas, rendas, alfandegas, forças, etc., e portanto nada mais faço do que referir-me a ella, e accrescentarei sómente algumas cousas de que ali não fallei.

O alvará de 14 de Fevereiro de 1811, feito sobre o commercio da India, tem erros ponderaveis de omissão e commissão. S. A. R. foi informado por pessoas que não tinham os necessarios conhecimentos das cousas da India.

O unico commercio, que engrossa as alfandegas do Estado da India é o dos pannos de Malabar, que se compram na Costa, e despacham em Gôa para o commercio dos negros, e este commercio vae acabar como se diz, e como ha de acontecer infallivelmente, porque assim o querem os inglezes (elles não hão de perder a presente occasião da perdição de Bonaparte, para apressarem a epocha de acabar a escravatura) acaba de todo o pequeno resto do nosso commercio na Costa de Malabar; o commercio da do Coromandel, supposto que continuará, nada influe, nem aproveita a Gôa, nem aos outros nossos estabelecimentos asiaticos. O Estado da India não póde subsistir com o *deficit*, que as suas alfandegas devem experimentar, e convem que S. A. R. e os seus ministros, com antecipação hajam de prover a este inconveniente, antes que o raio cáia, se bem que o trovão já sôa. O Estado da India não apresenta genero algum de recursos; tudo ali é pobre, e todos ali vivem, mais ou menos, da real fazenda; que desgraça se um dia as suas rendas não forem bastantes!

Eu teria muito a dizer sobre as consequencias fataes e muito proximas da abolição do trafico da escravatura, sobre os motivos publicos e particulares da nação philantropica, que a exige até com ameaças; do modo como esta mesma nação, que não quer que se commerceie em escravos, mudando unicamente os sentidos ás palavras, tem escravos, e commerceia em escravos. Eu queria que pela nossa parte se lhe expozessem as series necessarias dos desgraçados acontecimentos, que vão realisar-se sobre a costa do Brazil, Africa, e dos mais dominios de S. A. R. na costa do Malabar. Se a filantropia é a favor dos negros, porque não será tambem a favor dos que os inglezes chamam seus antigos alliados? Aquelles estabelecimentos, pelas suas localidades no globo, por suas producções naturaes, e pelos seus enlaces politicos, estão de tal maneira dispostos, que com uma pouca de actividade, viria, em pouco tempo, o nosso Soberano a ser o senhor dos mares, e a ter a chave do commercio do Brazil, Africa e Asia, pois que o esqueleto do corpo politico que nós fomos em outro tempo, tendo ainda a cabeça recostada no paiz dos heroes, que fazendo encher de espanto o mundo todo, ainda hoje mostravam que são quem d'antes eram, toca com os seus braços, Brazil de uma parte, Africa de outra, e estende os seus membros aos melhores pontos da Asia; Gôa, pela sua posição; Damão, a mais propria para a construcção de vasos maritimos; Macau, com a exclusão de todas as outras potencias, o estabelecimento hoje o mais commerciante dos portuguezes, guardada a devida proporção; e Timor, a melhor pedra que compõe a corôa portugueza na Asia. Mas talvez este mesmo conhecimento seja a causa de se pretender a nossa aniquilação.

Desejava eu que se procurasse do governo philantropico: Se acaso quereis que a escravatura acabe, será acaso permittido ás nações que tem colonias não comprar escravos, mas engajar negros, como vós fazeis? Será permittido reter os negros dez ou mais annos em nosso poder, em paga de lhes ensinarmos os principios de Religião como vós fazeis? Ser-nos-ha permittido no espaço d'estes annos casa-los e estabelece-los em o nosso paiz do

Brazil, como vós fazeis, nos vossos de Ceylão, Cabo da Boa Esperança, e Serra Leôa? Ser-nos-ha permittido irmos engajar negros ás suas terras, para sentarem praça, e jurarem para sempre nossas bandeiras, como vós fazeis na Asia? Ser-nos-ha licito tomar as embarcações inglezas, processar os emissarios da companhia ingleza, que não só compram escravos aos seus senhores, para os engajarem ao seu serviço, mas até os levam sem os pagarem, e que infringirem os tratados sobre a abolição da escravatura, assim como vós tomaes os nossos? E finalmente, os principios da vossa philantropia consentirão que o Soberano de Portugal, assim como agora manda vir um exercito de Portugal para o Brazil, assim como tem mandado, por diversas vezes, ir casaes dos seus vassallos das ilhas para Portugal, etc.; ser-lhe-ha livre mandar vir dos seus Estados Africanos casaes dos seus vassallos negros para se estabelecerem, não como escravos, no Brazil? Estas explicações parecem muito importantes, para evitar questões, e vexames para o futuro. Se a ellas responderem que sim, poder-se-ha dizer que a sua philantropia é verdadeira; se disserem que não, então cada um pense como quizer.

O amor da humanidade para com os povos reduzidos á escravidão não tem sido desconhecido aos nossos Augustos Soberanos, e ás suas leis; antes bem pelo contrario. Assim como, quando Portugal enchia o mundo de admiração, e abrangia com os seus vigorosos braços as mais remotas regiões das quatro partes do mundo, a Inglaterra envolvida em guerras de Religião, e dissenções domesticas apenas saindo de uma historia sanguinosa e barbara, era como tal conhecida no Universo; assim quando os nossos Soberanos se lembraram de beneficiar os escravos, ainda a sociedade dos amigos dos negros em Inglaterra não existia, nem era sonhada. Logo desde a fundação da monarchia portugueza publicaram os nossos Soberanos leis tendentes a destruir o governo feudal, e a final nas nossas ordenações, tit. 42.° do liv. 4.°: Que não sejam constrangidas pessoas algumas a pessoalmente morarem em algumas terras ou casaes, tirada já da Manoelina liv. 2.° tit. 48.° Deixando quanto o Senhor Rei D. Sebastião determinou em 20 de Março de 1570, e os Monarchas que se lhe seguiram, direi que o Senhor D. Pedro II aboliu toda a escravatura das Indias e do Brazil em o 1.° de Abril de 1680, e lhe restituiu a liberdade das suas pessoas, commercio e bens, o que confirmou mais amplamente o Senhor Rei D. José I em 6 de Junho de 1755, e em 19 de Setembro de 1761 aboliu a escravidão dos negros em Portugal, e agora S. A. R. acaba de minorar os males que experimentavam os negros que se transportavam para o Brazil.

Tornemos a fallar de Damão, este estabelecimento offerece tudo quanto se póde desejar, para construcções maritimas; a melhor madeira de teca de toda a Costa, se bem que hoje se tem roubado muito á fazenda real, e das partes mais visinhas aos estaleiros, estaleiros feitos pela natureza os mais seguros; excellentes constructores, e a mão de obra tão barata, que parece incrivel.

Uma fragata de 48, feita em Damão, custou em 1772, 111:970:2:34 ½ xerafins; e outra de 64, custou 176:956:0:29 xerafins, como se póde vêr em um officio do governo de Gôa dirigido á Secretaria de Estado d'esta repartição, em data de 27 de Fevereiro de 1772. A primeira importou em dinheiro forte 17:915$260 réis, e a segunda 23:312$960 réis; creio que no anno de 1811, ou 1810, se mandou do Governo da India um mappa exacto de quanto podia custar uma fragata fabricada em Damão, segundo as proporções do mesmo mappa; seria conveniente aproveitar aquella madeira, que se perde e furta, os obreiros que cada dia se vão retirando, e felicitar aquelle estabelecimento, mandando ali fabricar vasos, se acaso elles se precisam. Damão agora trabalha menos depois que, pelo tratado de 19 de Fevereiro de 1810, sobre a legitimidade dos navios dos portos nacionaes, deixaram os inglezes de ali fabricarem. O actual Governador de Damão tem obrigado a que se trabalhe de graça em construcções suas proprias, e tem afugentado os proprietarios de novas construcções, impondo-lhes contribuições pesadas para elle Governador; tenho sobre isto documentos na minha mão.

Será justo tambem fallar no quanto se póde interessar em mandar fazer em Gôa amarras de cairo, e cabos de linho, para a nossa marinha: elles são summamente baratos e muito bons. Quando o Senhor Infante Almirante General mandou fazer, em Gôa, uma encommenda d'esta natureza, de Gôa se remetteram as contas do seu importe (apesar de que as pagou a fazenda real de Gôa), e por ellas se póde conhecer se é util, ou não, esta especulação.

Resta-me fallar da Directoria Portugueza em Surrate; os negociantes de Gôa, e os sobrecargas dos de Lisboa e Brazil, queixam-se da existencia d'aquella Directoria: eu já fallei largamente a este respeito, para esta côrte, em 1808. Em 9 de Abril de 1799 diz para a côrte o Governador Francisco Antonio da Veiga Cabral, que ella é prejudicial aos estabelecimentos de Damão e Diu. Em 4 de Abril

de 1800, diz, que ella é prejudicial ao commercio, e principalmente na mão dos Loureiros. E em 28 de Janeiro de 1801, informa para a corte, que ella deve ser abolida; e sendo ouvidos os negociantes de Gôa, os Deputados da Junta da Fazenda Real, e mais pessoas de conceito, dizem em o 1.° de Maio de 1800 depois de uma larga exposição de motivos, deve esta feitoria ser abolida. Eu tenho a cópia de todos estes papeis, e estou ao facto de tudo quanto diz respeito a esta Feitoria, e sendo do real agrado fallarei extensamente a este respeito, supposto que, se acabar o trato da escravatura, por si mesmo acaba esta Feitoria, porque as grandes sommas, que ella agora rende ao director, se tornam nullas.

Ouvi tambem dizer, que Rogerio de Faria, um negociante, vassallo portuguez, natural de Gôa, estabelecido em Bombaim, propozera para a côrte, que se o nomeassem director de Surrate, elle se compromettia a ter em Gôa as cargas promptas para os navios portuguezes, o que seria de summa utilidade: porém que os Loureiros, que querem possuir esta Feitoria como em herança, fizeram que tal representação não fosse, ou apresentada, ou não attendida: eu não assevero o facto; refiro só o que ouvi.

Eu tambem pudera dizer, que os pannos de Belagate, que descem a Gôa pelos Gates visinhos, são da maior utilidade para o nosso commercio, como experimentou o navio *Balsemão* a ultima vez que foi á Costa de Malabar em 1811; porém como isto lesava inteiramente os interesses dos Directores de Surrate, procurou-se meio de não continuar aquelle commercio, que principiava, apesar das vantagens reconhecidas, e ponderadas pelo Vice-Rei em um officio para esta côrte a este respeito, ao qual me refiro, e até nem da côrte attenderam ás propostas que n'elle se faziam para promover o dito commercio; porém se o trato da escravatura acabar, acaba com elle este projecto, e de todo o commercio portuguez na Costa de Malabar.

Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1815.

Diogo Vieira de Tovar e Albuquerque.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

MEMORIA

SOBRE

UM SYSTEMA PARA AS COLONIAS PORTUGUEZAS

OFFERECIDA

AO ILL.^mo E EX.^mo SR. VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA,
MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO HONORARIO,
DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE,
DIGNO PAR DO REINO, ETC., ETC., ETC.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira.=É com o maior respeito, e reverencia, que rogo a V. Ex.ª a graça de conceder-me a licença de offerecer-lhe esta memoria das nossas Possessões da Africa Oriental. Este pequeno trabalho é insignificante, pelo mal limado, e por todos os motivos mal feito; comparado á materia bruta, e por isso com pouco valor, mas de boa qualidade, e que na mão do artista habil e perfeito, tornar-se-ha um chefe de obra; tal foi a esperança que concebi ao emprehende-la. Não estando ao meu alcance poder dar-lhe mais perfeição, e pô-la em estado de merecer valor, e mesmo de ser vista sem indulgencia; sempre grato, e conservando na lembrança a continua protecção que tenho achado em V. Ex.ª e confiado, porque ainda a não desmereci, de que não m'a recusaria uma vez, é por isso que a destinei a V. Ex.ª como um tributo de homenagem, e por ser a pessoa competente tanto pela sua posição social, como conhecimentos, etc. de po-la em estado de obter valor, que só assim poderá merecer. O assumpto da memoria, que é despido de todo o sentimento estranho, é simplesmente o que me dicta a razão, sendo objecto que merece attenção, é o que me animou a emprehender tal tarefa, sem base alguma sciêntifica; mas o que falta por este lado, sobra em bons desejos, e pela persuasão em que estou, de que, só as nossas colonias nos podem tirar do apuro em que estamos, e das difficuldades porque vamos caminhando. Oxalá continue a achar o benefico acolhimento com que V. Ex.ª se tem dignado honrar-me. Deos Guarde e prospere por dilatados annos a vida de V. Ex.ª

Setubal, 2 de Janeiro de 1850.=De V. Ex.ª Servo muito grato, e reverente=*Antonio Candido Pedroso Gamitto.*

MEMORIA

SOBRE UM SYSTEMA PARA AS COLONIAS PORTUGUEZAS

PELO SR. ANTONIO CANDIDO PEDROSO GAMITTO.

A residencia constante durante dezesete annos na Africa Oriental, continuamente empregado em commissões e governos, especialmente em rios de Sena, Sofala, e Lourenço Marques, faz com que sinta o mais vivo interesse por esta provincia, e punge-me o total abandono em que tem estado. Ella, pela sua riqueza, extensão e fertilidade, está em circumstancias de ser um forte apoio, e mesmo desaffrontar o Governo de embaraços financeiros. Com quanto se formem supposições vantajosas sobre a riqueza d'esta provincia, todavia a realidade excede muito qualquer juizo.

Não é facil avaliar a sua importancia sem um estudo pratico e assiduo. Todos os elementos de riqueza e prosperidade apparecem virgens, assim como a civilisação. Em quanto esta, e as mais colonias pertencerem a Portugal, nutro esperanças lisongeiras de que ainda virá um dia em que o Governo, conhecendo os verdadeiros interesses da nação, tirará d'ellas todos os recursos de que carece; que a uma rotina antiga e pessima de administração colonial, substituirá um systema adequado, segundo tem mostrado os das colonias de outras nações, que tanto têem prosperado, tornando-as por isso um dominio util e de importancia real. Continuando as provincias ultramarinas a serem administradas pelo systema seguido, isto é, de abandono e desleixo, bem longe de serem de utilidade, tornam-se um fardo pesado, e a sua perda é certa, e talvez não esteja mui distante, e en-

tão teremos a lamentar uma falta irreparavel, e sem esperança de restaura-las, attendendo não só á distancia, como aos meios de que para isso se carecem. As provincias ultramarinas só são bastantes para restaurar o nosso commercio, agricultura, industria e navegação. Os melhoramentos e impulso que tem tido a Africa Occidental são palpaveis, e podem vir a ser de grande interesse; todavia, providencias e melhoramentos de tal natureza devem ser de grande escala, e por isso pedem meios fortes e grandes despezas com que o nosso estado de finanças não póde, e muito menos acudir a todas; porque despezas parciaes esgotam o thesouro, são sacrificios sem esperanças de resultados vantajosos e aggravam o mal geral.

As nossas possessões da Africa Oriental, d'onde trato especialmente, são demarcadas de 10° a 26° de latitude sul, mas para o interior temos a posse de grande extensão de territorio, posto que todo elle inculto, e apenas povoado por duzentos europeus, o maximo, limitando-nos assim a pequenos fortes mal construidos, mal armados, e mesmo mal defendidos, de fórma que apenas com grande esforço podem oppor uma fraca e curta resistencia aos cafres, por quem constantemente são atacados.

Á vista do que fica referido e debaixo d'este ponto de vista passo a descrever

O estado presente. As providencias de que carece. E os resultados que ha a esperar.

O meu fim não é historiar, nem escrever para mera curiosidade; é unicamente com a intenção de ser util, dando assim n'estas mal alinhavadas frases, e em termos muito vulgares e singelos, uma exposição demonstrativa pela qual se conheça que estamos perdendo interesses reaes, e os unicos com que ainda podemos prosperar.

MOÇAMBIQUE.

A pequena ilha de Moçambique terá de comprimento, pouco mais ou menos, duas milhas, e de largura meia; tem soffriveis edificios e ruas alinhadas, e é n'ella que residem as Authoridades superiores da provincia. Na extremidade norte da ilha avulta a fortaleza de S. Sebastião, respeitavel na verdade, mas começando a corresponder em ruina com a provincia, pelo abandono em que jaz, porque em varias partes começa a muralha a damnificar-se, bem como as cisternas: com quanto não sejam precisas, por ora, grandes despezas para seu reparo e conservação, comtudo indica que de proposito se quer a sua destruição. Na outra extremidade sul da ilha jaz o pequeno forte de S. Lourenço, quasi em ruina e sem armamento, porém ainda de facil reparo. É d'esta pequena ilha que os nossos antepassados fizeram o emporio do seu commercio, que hoje está anniquilado, e a sua decadencia vae em progresso, como tudo quanto é nosso. A população europea é limitadissima, e apenas chega de 80 a 100 individuos, e isto em occasião de chegada de nau de viagem do reino, e em consequencia dos Officiaes e degradados; mas em poucos mezes fica reduzido o numero pelos que morrem. Proximo á ilha jaz o continente onde temos um soffrivel territorio, sendo parte d'elle occupado por propriedades rusticas, mas quasi incultas, e principalmente a orla da praia são palmares com boas casas; porém estes terrenos, bem como o resto, estão como os pinhaes e charnecas da Europa.

Quanto á ilha, está no caso de tornar-se um dos estabelecimentos mais salubres da provincia, removendo-lhe os agentes morbificos que a infectam, o que é mui facil.

Insalubridade.

A duzentos passos, pouco mais ou menos, ao sul, onde terminam as ruas da cidade, estão parallelos, tomando a largura da ilha, o lavadouro publico, o cemiterio, e o hospital. O lavadouro, chamado Marangonha, consta de uma cova onde nasce agua salgada, tem a fórma de tanque, feito de alvenaria, e cercado por um muro alto com uma cancela que o fecha, mas que não tem uso, ou está em desuso fechar-se. Este tanque está mais baixo do que o mar algumas braças e cercado de dunas, e por conseguinte sem escoante algum: é ali onde lavam a roupa; e como se não póde esgotar, quando suja a agua, corrupta e cheia de limos pretos, tiram parte d'ella com panellas e lançam-na fóra do muro, contentando-se em tirar-lhe uma pequena parte, que é substituida por outra que lhe nasce, mas que, juntando-se á corrupta e lodosa, fica logo como ella. A continuação d'esta operação tem feito pequenas lagôas infectas. Tanto estas como o tanque exhalam emanações insupportaveis, que realçam com a intensidade do sol. Proximo trinta passos jaz o cemiterio publico, com uma capella da invocação de Nossa Senhora da Saude, onde diariamente ha enterros, tanto do hospital, como da cidade: com quanto a destruição seja rapida, todavia as exhalações corrompem o ar. A trinta passos do cemiterio está o hospital militar de S. João de Deus; pela affluencia

dos doentes e pouca policia lança de si vapores infestos. Todos os negros que morrem na ilha, uns são mal enterrados na areia, e é mui frequente verem-se os cães com pedaços de negros. Segundo as ordens estabelecidas, os negros que morrem são depositados na ponta do sul da ilha, para serem levados e enterrados no continente, o que dá logar a demorarem-se ali no deposito dois e mais dias, esperando que se juntem mais, e quando a final são conduzidos (por galés, em um barco para isso destinado) a maior parte das vezes, ou são lançados ao mar, ou os deixam expostos no continente, pela falta de fiscalisação que ha. A reunião de palhotas ou cabanas, mui juntas e immundas, habitadas por escravos, vadios e meretrizes, só por si seria um agente poderoso para infeccionar qualquer clima, quanto mais aqui onde já ha bastantes. São essencialmente estas as causas locaes da insalubridade da capital, e que tanto tem compromettido o seu clima, que, não obstante todos estes inimigos da vida humana, não ha epidemias, nem assim mesmo a mortandade é excessiva, talvez por ser ventilada todos os dias pela viração do mar.

Fortificação.

A ilha de Moçambique é fortificada pela praça de S. Sebastião, que domina a barra, o porto e a cidade, e pelo forte de S. Lourenço, que fica fronteiro ao Lumbo, ponta do continente, mas mui proximo, e por isso defende esta entrada do porto chamada a barra pequena ou do sul. A barra verdadeira ou do norte é formada por duas pequenas ilhas: em uma d'ellas ha um pau de bandeira, e uma pequena bateria onde estão montadas duas bocas de fogo, que só servem para signaes.

No continente não ha fortificação alguma, e apenas os alicerces para um forte com a invocação de S. José de Mussuril, mas não passa de alicerces.

Territorio.

O territorio pertencente á capital é soffrivelmente extenso, incluindo Sancul, a cujo districto pertence a bahia de Mocambo, interessante na verdade pela grande affluencia de baleias que ali concorrem, e de que os Americanos, principalmente, todos os annos fazem abundantes pescas, e nem Portugal nem a mesma provincia tiram utilidade alguma. Sutucut é sujeito á capital e tem um cheque nomeado pelo governo da provincia, com o vencimento mensal de trinta cruzados. O districto da Quitangonha ou Conducia, em outro tempo totalmente sujeito ao Governo, hoje apenas o é na apparencia, posto que o seu cheque vença cincoenta cruzados mensaes; todavia ainda se presta a córtes de madeiras e outros serviços similhantes, mas por condescendencia, porque está mui rico e poderoso.

Milicia.

A organisação militar da capital consta de uma bateria de posição, uma companhia de sapadores e uma dita de caçadores, denominada de veteranos. Todos estes corpos apenas terão umas duzentas praças, sem disciplina, mal armados e equipados; e estranhos totalmente ás armas a que pertencem, e por isso de nenhuma utilidade; além de que os primeiros dois corpos, pela maior parte, são compostos de degradados, a quem se lhes senta praça logo que chegam, e tem o vencimento diario de 120 réis fracos ou 45 réis fortes, e [illegible] de alqueire de milho, feijão ou arroz, em logar de pão: isto para nada lhes chega, resultando d'ahi o continuarem em roubos, jogo, etc., etc.; terminando sempre por novos degredos e outros castigos severos, e muitas vezes mesmo o fuzilamento, mas sempre uma morte prematura.

A força armada e a segurança publica está sempre confiada a esta gente, que mais de uma vez tem posto a capital em perigo, e muito principalmente por ter o seu quartel na praça de S. Sebastião. Os povos que circumdam o seu territorio são cafres e mouros, as suas forças são numerosas, em relação ás nossas. A sua tactica é em correrias e debandada, e as suas armas constam de espingardas, arcos, flexas e azagaias. Por um resto de respeito antigo, e mesmo de dependencia commercial, conservam-se ainda inclinados a nosso favor.

Edificios publicos.

Os principaes edificios publicos que aqui temos, são: a casa da camara e cadeia, a casa da junta da fazenda, o palacio do governo, a antiga casa da junta da fazenda, que é mesquinha, o convento de S. João de Deus, que de ha annos pertence á nação, e está occupado pelo hospital militar e quartel, hoje de caçadores veteranos, a casa da Misericordia, sem Misericordia: hoje não tem hospital, nem cousa que se lhe assimelhe, e mesmo no templo não se celebram os Officios divinos; tem varios predios, que se têem arruinado por não haver quem cure d'isso; o edificio está bem conservado. O convento de S. Domingos, que foi supprimido segundo a ordem geral, já está alguma cousa damnificado por estar deshabi-

tado. Ha a Sé que é muito bom templo. Todos são mui bons edificios. Além dos referidos, ha uma boa casa, que o ultimo bispo de S. Thomé, e Prelado de Moçambique, comprou á sua custa e deixou para residencia dos Prelados. Não sei quem tem hoje a sua administração. Temos no continente o palacio de Mussuril e umas paredes de uns quarteis, mas que para nada servem.

Industria, Commercio, Agricultura, Rios.

Não temos fabricas de qualidade alguma. Em 1841 estabeleceu-se uma no convento de S. Domingos, de tecidos de algodão; mas logo n'esse mesmo anno, por principio de opposição particular e rivalidade, foi desfeito este estabelecimento no seu começo, que promettia ser importantissimo, bem como foi desfeita uma companhia de agricultura que se tinha creado na mesma epocha. Geralmente ha carencia de officiaes mechanicos de todos os officios. Na agricultura, assim como em todos os trabalhos braçaes, são empregados os escravos, com quem se não faz outra despeza que o sustento e vestuario, que tudo é insignificante. No districto da capital não ha matas, mas na Quitangonha, que é hoje moralmente sujeita a ella, ha-as das melhores madeiras. No rio Mocambo, todos os annos, nos mezes de Julho, Agosto e Setembro, os Americanos fazem importantes carregações de azeite de baleias pescadas ali mesmo; mais ao sul está o rio de Angoxe, que além de muitas outras povoações, banha a do Sultão, e entre este e aquelle rio ha outros, mas a que a debilidade do nosso commercio não dá importancia alguma. Ao norte está o rio Conducia, navegavel muitas milhas para o interior, e ao norte d'este a bahia e rio de Fernando-Velloso, onde os Americanos fazem igual pesca de baleias; todos estes rios são fecundos de bons peixes. Não se conhece, ou antes, não tem havido exploração alguma mineral. Ha não mui longe de Sancul uma fonte de aguas thermaes, dizem que mui boas; mas nem analyse, nem uso algum se tem feito d'ellas.

As estradas constam de estreitos trilhos, em muitas partes obstruidos por arvores derribadas, e são tão estreitos que apenas dão passagem a um homem. Está em desuso o emprego de animaes para transportes. Os animaes domesticos que ha n'este districto são: vaccum, em pouca quantidade; cabrum, em menor, assim como arietino; abunda em suino e tambem de jumentos de boa raça, mas d'estes nenhum proveito se tira, porque em nada os empregam. A ilha de S. Lourenço ou de Madagascar fornece com abundancia toda a especie de gados, e o preço regular, ali, de uma rez (gado vaccum) são cinco duros hespanhoes. As producções agricolas reduzem-se a mandioca, e côcos, de que fazem algum azeite; todas as mais estão em abandono, e mesmo esses dois objectos são em tão pouca quantidade, que não chegam para o consumo. Um alqueire de farinha de mandioca regula pelo mesmo de uma arroba de azeite de côco; isto é, 2$400 réis fracos ou 960 fortes: são estes os preços medios, por isso importa não só d'estes generos, como de todos os mais que são necessarios para a subsistencia, e que lhe trazem os arabes de S. Lourenço, Zanzibar e Anjoanes, etc., etc.

Arsenal.

O chamado arsenal de marinha consta de um espaço de praia, fechado por um lado com umas barracas, e montado de tal fórma, que apenas se tem construido más lanchas e nada mais; e tendo sido mister fazerem-se concertos de embarcações maiores, estes tem sido feitos por arrematação de particulares, por faltar no arsenal tudo quanto se carece.

Colonisação.

Até hoje não tem havido systema algum de colonisação, e os degradados, como fica dito, são nocivos da fórma por que são empregados; as mulheres, que os acompanham, e que mais ou menos vão todos os annos, geralmente são da ultima classe da prostituição, e tanto aquelles como estas desmoralisam a sociedade, pela sua relaxação e escandalosa vida, e por isso tem retrogradado de civilisação.

Exercito.

Forçoso é tornar a fallar no chamado exercito, porque é indispensavel para esclarecer a materia. Em toda a provincia de Moçambique o exercito ou força armada é um corpo chimerico. O seu estado completo é de mil homens, mas raras vezes chega a seiscentos effectivos; comtudo n'este mesmo caso torna-se sempre inutil e mesmo prejudicial, pela falta de disciplina, subordinação e tactica: os seus officiaes, com honrosas e raras excepções, sem instrucção alguma, estão a par dos soldados, de que resulta sobrecarregar todo o peso do serviço, e commissões melindrosas, sobre os que têem alguma intelligencia, prestimo e aptidão, sem que por isso tenham mais vantagem, porque, logo que se trata de promoções, apparecem os mais estupidos, na verdade carregados de annos (contam o ser-

viço desde que sentam praça, mas esta segundo o costume antigo, logo que nascia um filho a paes abastados, tinha praça de cadete em um dos corpos, por uma portaria do General da capitania, vencendo soldos e antiguidade desde que nascia) e leves de serviços, constando ainda os mais relevantes de guardas e rondas á guarnição da ilha com todas as commodidades.

Transitos.

A communicação que ora tem a capital com o resto dos estabelecimentos da provincia é por mar, e regularmente de anno a anno, e aos mais distantes tem faltado assim mesmo: isto tem causado prejuizos incalculaveis, tanto ao serviço como ao commercio. A communicação por terra não está em pratica, pelas difficuldades que ha, tanto pelo obstaculo que oppõem os cafres pela nossa falta de forças, como pelos do caminho, de desfiladeiros, bosques povoados de feras, rios sem pontes nem barcas: todos estes tropeços obstam aos transitos, mas são faceis de remover; o obstaculo dos cafres nasce de estarem sempre em rivalidade uns com os outros, e na persuasão de que as fazendas, que passam pelas suas terras, vão para os seus rivaes, e por isso a cubiça e inveja os instiga a apoderarem-se d'ellas, porque ninguem viaja sem fazendas, e os brancos nunca mandam gente para o sertão sem ellas, e só para commercio; tal é a persuasão dos cafres. Eis em resumo o estado da capital da provincia da Africa Oriental. Passemos agora ao sul, e começarei a tratar de Quilimane e Rios de Sena, o districto mais extenso, mais fertil e mais rico que temos n'aquella parte, que merece e tem mais consideração na mesma provincia, e d'onde sáem os principaes recursos d'ella.

QUILIMANE.

A 18° e 10′ de latit. sul jaz a barra do porto de Quellimane, não mui franca, pelo banco de areia que a obstrue, e a 17° 43′ da mesma latit. está assentada a villa d'este nome, sem ordem, nem regularidade de edificios em grandes distancias uns dos outros, comtudo de soffrivel apparencia e cobertos de telha, mas edificados entre bosques, lagôas e pantanos semeados de arroz; e no tempo das chuvas, para passar-se de umas para outras casas, é preciso ir por dentro de agua estagnada e arrosaes, que exhalam um vapor fetido e insupportavel, alimentado por um calor intenso.

Causas de insalubridade.

Na ausencia do sol quasi sempre ha uma nevoa mui humida, mas quente e sem vento, nem aragem alguma: quando chove apparece uma tal abundancia de rãs de todos os tamanhos, com as primeiras gotas de agua, que parece sáem da athmosphera. Na estação do estio, de Maio a Outubro, não são tão grandes os pantanos, mas sempre existem, uns com agua corrupta, outros apenas em lodo, mas sempre com bastante immundicie, e por conseguinte em fermentação com os vegetaes que tem nutrido, e que n'esta estação entram em decomposição. Pelo que fica referido em resumo, bem clara se vê a causa principal da insalubridade d'este importante e rico estabelecimento.

Commercio, Agricultura, Industria.

É exclusivamente importante por ser o emporio do commercio do interior, e apesar de estar, assim como todos os mais, em decadencia, todavia os seus habitantes são ainda hoje os mais abastados de toda a provincia, mas unicamente pelo commercio, porque pouco têem curado da agricultura, e absolutamente nada da industria. Ha total carencia de officiaes mechanicos, porque os poucos que ha são mui imperfeitos. Á excepção de mineraes, até agora inexplorados, é rico em todos os reinos naturaes. Pela sua posição estão os seus interesses ligados de tal fórma com os estabelecimentos do interior, que logo se resente de qualquer transtorno commercial que occorra ainda no mais remoto ponto do interior. Em todos os trabalhos, inclusivè transportes, são empregados os cafres, e d'estes os que mais avultam são os escravos, e o jornal que vencem, quando trabalham para os senhores, é uma ração de milho ou de legumes. Este districto é coberto de matas de boas madeiras, mas que não têem outra applicação do que construcção de casas. Todo este territorio é cortado de rios; e todos elles são navegaveis por lanaes, coxos, e almadias, e mesmo por embarcações maiores, o seu curso quasi geral é para o sul, e com grande cabedal de aguas. Não consta haver cachoeira alguma; todos os rios são povoados de hipopotamos, mas a sua pesca está quasi em abandono; este ramo é mui lucrativo, tanto pelo seu bello marfim, como pela abundancia de azeite. As producções agricolas que fazem a base da subsistencia d'estes povos são: o arroz, milho fino e grosso, e alguma mandioca. Exporta algum arroz para a capital, mas mui pouco comparativamente para o que devia ser.

Ha uma producção espontanea e abundante de cana de assucar, tabaco, algodão, anil, e algum café, e boa producção de trigo e linho, mas tudo geralmente em total abandono e desprezo, pelo nenhum caso que se faz da agricultura.

Territorio.

O territorio pertencente ao districto d'esta villa é todo dividido em prazos, ou sesmarias de muita extensão e cortados de rios navegaveis por maiores ou menores embarcações, havendo alguns que por desleixo se tem deixado obstruir por arvores derribadas, e por lodo amontoado, todavia de facil desentulhamento. O terreno é plano, e tem a vantagem de ter todos os annos uma irrigação pelo rio Zambeze, que com a retirada das aguas fica coberto de nata. Ao norte jaz o districto do Quizungo, ha annos em poder dos cafres, por não se ter feito caso d'elle, posto que mereça attenção e seja de summa importancia.

A unica igreja que ha n'este districto é a Freguezia com a invocação de Nossa Senhora do Livramento, com um Vigario da vara, e tem a seu cargo o ensino primario, mas de pouca utilidade, porque tendo pingue rendimento, pouco curam em aturar rapazes. O numero dos christãos é limitadissimo, e assim mesmo os seus usos e costumes em nada diferem dos dos cafres gentios, com a differença que não ousam pratica-los em publico, mas manifestam-os quando podem e querem, sem obstaculos. A desmoralisação n'esta villa é superior a todo o escandalo, e o sexo feminino, seja qual fôr o seu estado, faz gala da sua devassidão, de que os homens não fazem caso, ou pouco se importam com as leviandades de suas mulheres, irmãs ou filhas, e por aqui se poderá fazer idéa da educação d'este povo:

«Ditosa condição, ditosa gente. etc.»
CAMÕES.

Ha aqui todas as proporções para construcção de navios de todos os portes.

Transitos.

Não ha estradas, nem pontes e barcas nos rios, o que é de grande obstaculo aos transitos e transportes. Estão em desuso os carros e animaes empregados em transportes. Ha escacez de gados de todas as especies, por se ter desprezado a sua creação, e esse pouco que ha só é empregado na cosinha.

Fortificação e milicia.

Em todo este districto não ha fortificação de qualidade alguma, e a força que o guarnece consta de uma chamada companhia de infanteria, de oitenta e tantas praças, incluindo officiaes e inferiores, mas que raras vezes tem metade, e assim mesmo mal armados e sem disciplina, e por isso de pouca utilidade. Ha ali duas bôcas de fogo de campanha de calibre tres, que só servem para salvas, e não ha quem saiba trabalhar com ellas senão materialmente, de que tem resultado algumas desgraças, o que é mui vulgar em todos os pontos da provincia onde ha esta arma. Todos os homens, que não pertencem á primeira linha, e que andam quasi decentes, são Officiaes de Milicias, ordenanças, ou dos sertões, ou ainda com estranhas denominações, comtanto que usem uniformes e que pareçam militares e tragam banda; motivo porque esta está depreciada, e a provincia não tira d'ahi utilidade alguma, por que o que fica expendido acontece em todos os pontos d'ella. Ha um commandante da Villa que tem a ingerencia militar e administrativa na ausencia do Governador. Quasi sempre estes logares são occupados indevidamente, e por pessoas que têem a seu favor o dinheiro, e por elle o obtem, passando milagrosamente de paizanos a coroneis de milicias. Os povos que cercam este territorio, são cafres Macuas, as suas armas são arcos e flexas, azagaias, machadinhas e facas; a sua tactica de guerra é em correrias e debandada.

Itinerario para Sena.

Subindo, com o fluxo da maré, pelo rio acima e a obra de tres leguas, chega-se a uma paragem por nome *Nhasunge*, onde é forçoso esperar outra vez a maré: a praia do desembarque é lodo que atola até ás côxas, e não ha ahi outro abrigo para o viajante senão uma barraca feita entre o Mangal ou Mangue, vertendo agua salgada por todos os lados. Daqui com o fluxo da maré segue ávante, e a igual distancia, pouco mais ou menos, chega ao sitio Interre, onde tem de esperar outra vez a maré.

Este pouso não dá mais commodidade do que o precedente. Segue d'aqui ao sitio Mugurumba, com o fluxo da maré, mas já a agua tem pouca força e é doce: se a embarcação é pequena, ainda chega ao sitio Mambuxa, aliás toma ali carregadores, em que não ha difficuldade, pagando um capotim ou duas braças de fazenda a cada um, 1$000 réis fracos ou 400 réis fortes, para conduzir as fazendas e car-

gas que houverem, seja o seu peso ou volume qual for, para o dito sitio Mambuxa, tres leguas, com pouca differença, d'onde despede os carregadores, ou antes elles se retiram, e toma outros pelo mesmo preço até ao sitio Mangarra, onde faz o mesmo até ao Mazáro ou Bosca do Rio, onde acaba o districto de Quilimane. Todo este terreno de Quilimane até aqui, para um e outro lado da ria por onde se navega, é inundado no tempo das cheias, mas muitas milhas, de fórma que fica o terreno todo coberto e alagado, e por esta causa os cafres construem as suas choupanas sobre estacas levantadas do chão 8 e 10 palmos, e mesmo assim alguns annos acontece irem algumas com a cheia. N'esta epoca fazem abundantes caçadas de toda a especie de animaes do monte, e é da fórma seguinte.

Caçadas dos cafres durante as cheias.

As cheias geralmente vem de repente, surprehendem a caça que anda pastando, que procura immediatamente o sitio mais elevado, quasi sempre os morros de Muxem (que são uns montes de terra em fórma de cóne, mais ou menos altos, feitos por umas formigas a que chamam Muxem, e no Brasil Cupim, e de que ha grande quantidade) ali vêem-se apinhados em perfeita paz o leão, a gazela, o bufalo, o elefante, etc., esquecendo-se de toda a ferocidade: é então que concorrem os negros de todas as partes, em almadias e armados de azagaias de hastes compridas, e assim vão sangrando n'ella, que ferida e amedrontada lança-se á agua, onde com mais facilidade a acabam de matar, fazendo assim grande provimento de carne. A cheia não se demora muitos dias, mas deixa a terra com uma fecundidade immensa, de que nada aproveita por ficar baldia.

Se o transito para Sena é feito durante a cheia, e a bôca do rio está aberta, então não ha conducção alguma por terra, de que resulta grande commodidade e economia. Aliàs continuando na marcha em que tenho vindo até ao Mazaro, ali torna-se a embarcar para subir o rio Zambeze, e segue o itinerario seguinte. Largando de manhã do Mazaro, vai pernoitar á Chupanga, d'ahi vae a Inhamunho, no dia seguinte ainda pernoita no mesmo prazo Inhamunho; saindo d'elle vae pernoitar ao chamado Caia, no dia seguinte ainda no mesmo, saindo d'elle vae ao de Inhangôma; no seguinte ainda n'elle; no outro dia ao de S. Domingos, depois do que chega no outro dia á Villa de Sena, 60 leguas ao ONO. de Quilimane. Esta navegação do Zambeze é feita, ora a remos, a varas, e á sirga, segundo o local, porque, sendo de pouco fundo e com corrente, anda-se a varas: encostado á praia ou barreiras, e de muito fundo e corrente, então é á sirga, e finalmente em remansos ou para atravessar o rio, então é a remos, e com estes é que menos se navega, ou as menos vezes que se servem d'elles. Este itinerario pelo rio acima é na hypothese de estar o rio na sua maior pobreza, que é de Julho a Outubro, porque aliàs varía para muito mais do dobro. O transito por terra está impraticavel, por estar deserto e cheio de feras.

VILLA DE SENA.

Chegando á Villa de Sena vê-se edificada na baixa de um oiteiro, a que chamam Baramuana, e apenas desafogada pelo nascente, vento que poucas vezes reina ali: consta apenas de umas treze casas feitas de adobes e barro, mas pela maior parte cobertas de telha, são mais ou menos grandes, sem regularidade, nem arruamentos, e em grandes distancias umas das outras, e na margem occidental do rio Zambeze. Da parte exterior d'ella proximo ao rio jaz um recinto de figura quadrilongular com 250 passos de comprido e 125 de largo e com 15 palmos de alto, feito de adobes assentes em barro, a que chamam fortaleza, e tem duas bocas de fogo apeadas e meias enterradas, e com os ouvidos excessivamente largos: no centro d'este tapume vê-se uma barraca comprida feita dos mesmos materiaes, e coberta de colmo, que serve de aquartelamento da guarnição: a um lado proximo a esta jaz outra, mas mais pequena e feita de alvenaria, coberta de telha vã, que serve de feitoria, deposito de fazendas, polvora, munições, etc.

Esta chamada praça tem a invocação de S. Marçal. Proximo a ella está a casa, em outro tempo convento de S. Domingos, que tem servido de Freguezia; é uma massa informe de adobes e barro coberta de colmo, e os sinos estão em um quintal suspensos em estacas.

Insalubridade.

Este estabelecimento passa por ser um dos mais insalubres, mas que não será talvez outra a causa senão o de ser abafado, visto que sómente no tempo das chuvas é que as aguas das vertentes se demoram em quanto ellas duram, aliàs não é pantanosa.

Milicia.

A força que guarnece este territorio consta de uma chamada companhia de caçadores,

sem differença alguma, e no mesmo estado da de Quilimane; além d'ella ha officiaes de milicias, ordenanças de sertões, etc., um Coronel militar, que vence 15 pannos por mez que fazem 7$500 réis fracos, ou 3$000 réis fortes, sem mais attribuição alguma do que conservar a cobertura de colmo no quartel da fortaleza: esta alta personagem tem a patente e usa dos uniformes de Coronel. A fortificação e guarnição estão em harmonia, e correspondem completamente em nullidade, e por isso são um onus pesado para a fazenda e sem utilidade.

Territorio.

O territorio pertencente a esta villa é dos mais extensos que temos, todo dividido em prazos ou sesmarias, os mais rendosos de toda a provincia, ferteis e importantes, em grande parte pelo commercio de ouro e marfim, que n'elles se fazia, e pelas muitas e optimas madeiras. Hoje estão totalmente desertos e abandonados pela fraqueza dos moradores da Villa.

Agricultura.

A agricultura é totalmente nulla n'este districto, bem como toda a especie de industria: a população é limitadissima, e não chega a trinta individuos brancos de ambos os sexos. O seu commercio tambem é insignificante: em outro tempo, e ainda no principio d'este seculo, esta villa foi riquissima e populosa, e ainda se percebem vestigios de grandes edificios, tanto particulares como publicos, sendo d'estes a Sé e o Collegio de S. Paulo dos Jesuitas, e já foi a capital da então capitania, e a residencia de Bispos e Generaes. Hoje é um ermo!

Manica.

A villa de Sena fornecia o presidio da Manica, de tropa e fazendas, e os seus moradores tiravam d'ali grandes lucros pelo commercio de ouro e marfim, e aquelle estabelecimento extrahia grande quantidade de fazendas de todas as especies, que importava de Sena. Hoje está invadido e em poder dos cafres por não haverem forças para sustenta-lo.

Báruè.

Até 1830 os Reis do Báruè não eram coroados, nem acclamados sem auctorisação dos Portuguezes, para o que ia um dos mais abastados moradores e de mais representação, que depois das ceremonias cafriaes lançava pela cabeça do novo Rei um frasco de agua, que para isso levava, e que os cafres suppunham ser benta, e com esta ultima etiqueta ficava reconhecido Rei, e a sua pessoa inviolavel, sem o que não era acclamado. Julgo não ser fóra de proposito descrever aqui a coroação dos Reis do Báruè.

Successão, e acclamação dos Reis do Báruè.

Morto o Rei, todos os Principes de differentes dynastias, e por mais remotos que sejam, são pretendentes, e os povos dividem-se em partidos, e assim fazem-se uma cruenta guerra, que por via de regra dura annos, em que sempre as nossas terras e o commercio do sertão padecem muito, até que por fim um dos pretendentes, tendo supplantado todos os mais, e reunido a maioria absoluta dos partidos, apresenta-se como unico pretendente, muitas vezes com direito remoto de successão; e como tal manda dar parte ao Governador de Rios de Sena. Ora é preciso advertir que, durante a guerra ou contenda civil, são mui frequentes os bandos de salteadores, que não têem outro fim senão roubar, e é por estes que as nossas terras fronteiras são roubadas. A noticia de ter apparecido um Rei do Báruè sempre é recebida em Sena com alvoroço, porque assegura o commercio do sertão, e a paz; porque o mesmo pretendente não tolera bando algum seja por que pretexto for, e por isso os salteadores acolhem-se a elle para não serem perseguidos. O Governador nomeia um dos moradores, que esteja em circumstancias de fazer as grandes despezas que são inevitaveis e dos usos, costumes, etc. de caracter generoso, porque representa immediatamente o governo portuguez, e leva comsigo, além dos seus cafres armados, alguma tropa para mais respeito. Logo que elle entra nas terras do Báruè, todos os cafres que se encontram com elle, apenas o avistam, lançam-se por terra em attenção á Maziamanga, agua benta, que suppõem levar para coroar o Rei, e logo que chega ao logar onde estão, e onde ha de ter logar a ceremonia, a primeira cousa que faz, é exigir vêr o pretendente, se o não conhece pessoalmente. O enviado é alojado nas melhores palhotas e hospedado o melhor que podem, e sempre tratado com o maior respeito, e geralmente no dia immediato á sua chegada começa a ceremonia. Ora é preciso que o enviado tenha muito cuidado e vigilancia, e mesmo faça despezas para que o proprio pretendente seja o coroado, porque logo que passa a ser encerrado fica totalmente desamparado e sem apoio algum, sujeito totalmente aos grandes, que são os encarregados ou a quem pertencem todas estas ceremonias; são inexoraveis em não poupar cousa

alguma dos usos e costumes, e já tem acontecido ter sido assassinado por elles o pretendente, e apparecer, posto por elles, outro em seu logar, o que causa um descontentamento geral, e após elle nova desordem; e é por isso que o nosso enviado, tendo n'este caso toda a responsabilidade, exige vê-lo antes, para depois não ser enganado, ameaçando-os sempre, que não deitará a agua senão sobre o proprio que conhece. Como disse, começa a ceremonia encerrando o pretendente em uma casa, onde está tres dias, quasi em completo jejum; d'ahi passam-o para outra, feita expressamente, onde pela parte de baixo lhe fazem constantemente fumo desde manhã até á noite, que o tiram e levam ao rio, onde o lavam, e tornam a encerrar em outra casa, onde já está um crocodilo vivo, mas de fórma seguro que não possa fazer damno, e sobre elle cohabita com a parenta mais proxima que tem, como mãe, irmã, etc., com quem passa a noite em completo escuro sem a ver, nem mesmo saber quem é, posto que não ignore que é parenta, porque tanto um como outro teriam como de mau agouro o reconhecer-se. Logo que antemanhã se aparta d'ella nunca mais a torna a ver, porque vae para o logar mais distante do reino, onde vive como senhora soberana em o districto que lhe destinou. No dia seguinte antemanhã tiram-o, e depois de bem vestido ao seu uso, é conduzido a um logar espaçoso, onde está um assento ou banco de pau a que chamam Quite, que está cercado de numeroso povo, e sentando-se é applaudido com grande alarido: então o enviado portuguez, chegando-se a elle, e reconhecendo-o, despeja-lhe sobre a cabeça a agua que leva n'um frasco, e que elle recebe com submissão, ao mesmo tempo que todo o concurso se lança por terra, depois do que o acclamam com muitas vozerias e alaridos, e em logar de ungido fica lavado. Proximo ao Quite, onde está assentado, estão um arco e flexas e uma enchada: depois de receber a agua e ter dado tempo á expansão publica, levanta-se e lança mão de uma das cousas, e faz o accionado de fazer uso d'ella; se contra a espectativa publica é o das armas, divisa-se logo um descontentamento geral, porque manifesta que só quer a guerra, de que o povo está farto e cansado; mas este caso é rarissimo, e geralmente toma a enchada, e cavando com ella duas ou tres vezes, a larga e volta a assentar-se, onde recebe as geraes acclamações do povo por ter-lhe declarado que o seu reinado será de paz e de abundancia. O jejum e o fumo, dizem elles, é para que o Rei saiba e sinta a fome e os trabalhos para poder remediar e acudir aos seus filhos (os cafres tratam assim todos os seus subditos), porque sem nunca os ter passado não os conhece, e por isso não os póde avaliar. Tomem os povos, que se chamam civilisados, uma lição dos selvagens. Se outro tanto acontecesse na Europa, talvez não houvesse tantos infelizes, tantos ambiciosos tantos !... e mesmo guerras civis. Deixo aqui um assumpto de materia vasta, e um campo extenso de meditação. A noite do crocodilo é um sortilegio supersticioso e nada mais. Todos os que pertenceram ás differentes parcialidades, inclusivè os chefes, que o Rei, então pretendente, supplantou, e que até este dia andaram escondidos e assustados, apresentam-se em concurso com o mais povo, e são abraçados pelos seus irmãos, e depois acolhidos pelo Rei, como se entre elles houvera sempre a maior harmonia, e não carecem de amnistia para reconciliação e segurança dos vencidos e força dos vencedores. Em 1830 foi a ultima vez que se praticou esta ceremonia, restos do antigo costume de ir um ecclesiastico lançar a agua do baptismo ao Rei, sem o que não era reconhecido, e os báruistas prostravam-se por terra em reverencia ao Sacramento.

A Villa de Sena importava do Bároè muito ouro, marfim, cêra, etc., e havia consideravel commercio.

Itinerario de Sena para Tete.

Saíndo da Villa de Sena para Tete rio acima, vae pernoitar, no 1.° dia ao prazo Sórre, no 2.° ao Chemba, no 3.° ao Inhacaranga, no 4.° entre este prazo e o Anquéra, no 5.° ao Anquéra, no 6.° aos limites d'este mesmo prazo, no 7.° ao Chiramba, no 8.° a Miringonde, pertencente á Chiramba, no 9.° a Inharussue (já é territorio dos cafres Botongas, e limitam por esta parte com o de Sena) 10.° dia ao Chituze, 11.° a Chigôgo, 12.° a Matópe, 13.° a Bandar. Até ao 12.° dia temos navegado pela margem esquerda ou do poente do Zambeze, mas agora no 13.° está o viajante na margem direita d'elle e na bôca da Lupáta. Aqui costumam os Cafres demorar-se o tempo competente, tres dias, para reformar as sirgas, que são feitas de folhas de palmeiras, para a continuação da viagem até á Villa de Tete, e que começa d'aqui a ser mais trabalhosa por ter que navegar por entre rochas.

Saíndo d'este pouso no 14.° dia vae a Mocómaze, no 15.° a Cancôma, fim da Lupáta, e começa o districto de Tete, no 16.° dia vae ao Luane (casa da habitação do emphyteuta do prazo Sungono) 17.° ao Chióze, 18.° Inhancôma, 19.° a Domue, 20.° ao Cassanha, 21.° ao Inhalupanda, 22.° a Inhabaruaro, 23.° ao Ben-

ga, 24.ª á Villa de Tete. O transito por terra é pouco frequentado, e só por negros. Do Bandar até Tete, é a navegação pelo lado direito do rio.

TETE.

Está assentada a Villa de Tete em terreno um tanto elevado e fragoso, na margem occidental do Zambeze, cobrindo-a pelo sul a serra Caruera Está 60 leguas distante de Sena; demora a ONO. Esta Villa, em outro tempo rica e prospera, hoje apenas conta umas trinta casas construidas de pedra e barro amassado, e cobertas de colmo: assim mesmo são bastante consistentes, e duram muito em quanto preservadas as paredes, e sobre tudo os topos, da agua; mas logo que esta se lhe introduza, em pouco tempo está uma casa desmoronada e em terra.

Territorio.

Em outro tempo o territorio que pertencia a esta Villa era em seguimento d'ella, e soffrivelmente extenso, dividido em prazos da corôa; porém em 1807, em resultado da guerra que houve com o Monomotapa, e em que pela traição do Capitão da guarnição de Tete, filho d'ali mesmo, Antonio José da Cruz, foi assassinado o Governador Antonio Norberto de Barbosa de Villas Boas Troão, pelos Munhaes do mesmo Imperador, tendo-os já vencido em differentes encontros, com quanto o traidor pagasse o seu infame crime no patibulo, todavia a decadencia rapida d'esta villa data d'essa epocha, e então nem só perdemos a força physica, como a moral, e todo o territorio que ahi tinhamos: hoje ainda conservâmos uma pequena e insignificante parte d'elle, porém devassado e sujeito aos vexames continuos dos Munhaes (são os vassallos do Imperador), por não termos forças para conte-los em respeito. Da mencionada epocha para cá temos alargado o nosso dominio da margem de além, do nascente do rio Zambeze, já comprando e conquistando terreno aos Maraves, que hoje é bastante extenso, e todo dividido em prazos da corôa, mas de pouco rendimento em rasão de estarem desertos pelos vexames que os sesmareiros fazem aos colonos. O terreno é fertilissimo, e o clima salubre.

Commercio.

O commercio de hoje é limitadissimo, consta de ouro e marfim: tanto um como outro vae resgatar-se ao sertão, e aquelle, principalmente, vae commerciar-se aos Muzuzuros, e Zumbo, com os cafres d'aquellas paragens. Além d'este os moradores mineram com as suas escravaturas nos Báres (nome que dão ás paragens onde estão escravos empregados na mineração do ouro, e por conta dos portuguezes) de que pouco interesse lhes resulta, pelo abandono e desleixo com que tratam este importante ramo.

Povoação.

A povoação europêa é insignificante, e a mestiça e de filhos da India tambem é limitada, e a que mais avulta é a indigena, ou cafrial, e assim mesmo está mui minguada, em consequencia de ter abandonado as nossas terras, e ter-se refugiado nas dos Maraves, pelos vexames e violencias que lhes fazemos, e não ha resolve-los a voltar a povoar os prazos, com receio de serem exportados, e por se não fiarem em nós, que tantas vezes os temos enganado, e abusado da sua boa fé. São estas as causas principaes de estar deserto o territorio portuguez de Rios de Sena.

Industria e Agricultura.

A industria está a par da dos mais estabelecimentos da Provincia, pois não ha um só ramo que mereça este nome. A agricultura, este importante ramo de todas as sociedades bem governadas, n'esta Villa, com quanto tenha mais actividade, e se trate com mais algum cuidado, está comtudo mui distante da perfeição em que poderia estar, mas comparativamente ás mais povoações tem uma differença sensivel. Ora é preciso attender todavia a uma fecundidade prodigiosa do torrão, e á benignidade do clima. Fabrica-se ali o assucar, e magnifico; a farinha de mandioca, vulgo, de pau, grande quantidade, e variedade de oleos; cultivam o algodão, trigo, tabaco, tudo isto com abundancia para consumo do paiz, e não exporta pela difficuldade da conducção, e carestia de transporte; e por tal motivo só fazem conta unicamente com o consumo interno, e assim os preços são diminutos pela abundancia dos generos. Esta parte da Provincia é rica em mineraes, como ouro, ferro e carvão, e este ultimo acha-se mui proximo ao rio Revugo que desagua no Zambeze. Tem magnificas madeiras de construcção civil e marceneria. Abunda em todas as especies de animaes domesticos, assim como de monte. Não é todavia mui abundante em gado vaccum, por não se terem dado a esta creação, posto que prospere muito, e haja bons pastos.

Fortificação e Milicia.

A força que guarnece este Districto não é melhor do que a dos mais pontos, e por isso

chimerica, e nulla: consta de duas chamadas companhias de caçadores, com a denominação, uma da guarnição, a outra do Zimbáoé; esta em outro tempo estava ás ordens do capitão-mór do Monomotapa, e a titulo de guarda d'este potentado, de que hoje só conserva o titulo. Escusado é repetir a insignificancia d'esta milicia, tanto pelo seu mau estado de armamento, como de disciplina; aliàs os soldados são valentes, caprichosos e fieis. A fortificação que cobre a Villa consta de um forte, no sitio mais baixo d'ella, e na margem do rio, construido de pedra e barro, de figura quadrangular, com quatro bastiões nos angulos, mas sem artilheria, nem plataformas, e na cortina que faz frente á villa, eleva-se uma casa de primeiro andar coberta de colmo: o pavimento superior serve de quarteis, e o inferior, ou lojas, a que ali chamam churros, servem de calabouço e cadeia, arrecadações, feitoria, paiol, etc. Ha modernamente feitas duas baterias, mas de pouca utilidade pela sua má construcção. A fortaleza tem a invocação de S. Thiago maior.

ZUMBO

Saíndo de Tete rio acima a 120 leguas para o Norte jaz o Zumbo, em outro tempo mui florescente pelo commercio que ali se fazia, e de muito lucro: hoje está invadido, e foi abandonado por nós por não haver forças para o conter em respeito. A reunião d'este estabelecimento ao territorio de Rios de Sena é de uma conveniencia e riqueza summa, e a sua recuperação é facil.

SOFALA.

Saíndo de Rios de Sena para Sofala ha tres caminhos a tomar; o 1.° da Villa de Sena sempre pelos prazos da corôa, o 2.° de Quilimane, tambem pelos prazos, e o 3.° é por mar. Quanto ao 1.° partindo da Villa de Sena sempre por territorio portuguez, com o rumo de NO., e com oito dias de marcha regular, chega-se ao prazo Cheringoma, e á borda do mar no sitio do Bango, ahi se embarca, e com o rumo de Sul, a tres ou quatro leguas chega ao Districto de Sofala. O 2.° partindo de Quilimane é mais trabalhoso, por ter rios a atravessar, onde não ha barcas, nem pontes, e por isso mais difficil. O 3.° é por mar, e o unico em pratica, e por isso pertence á navegação, e a sua frequencia depende do desenvolvimento do commercio. Por não estar com repetições, direi que n'este Districto não temos senão um pingue e vasto terreno, riquissimo nos tres reinos da natureza, reunidos com profusão, em todos os seus productos, principalmente mineraes e vegetaes; abunda em ouro, marfim, cobre, aljofares, ambar, ferro, salitre, vermelhão, ou almagre, breu, cêra, mel, maná, gado vaccum, e algum arietino, excellentes madeiras, e com abundancia para construcção naval, civil, e marceneria; tem jaspe e cristal. Todo este litoral é cortado de rios navegaveis por maiores ou menores embarcações, augmentando-lhe a sua importancia o limitar com o territorio de Sena, e por isso ligado a elle.

INHAMBANE.

Jaz esta povoação em 23° 30′ de lat. Sul, quasi debaixo do Tropico de Capricornio, e banhada pelo Oceano. Está a par das mais; todavia ainda hoje tira interesses commerciaes, e unicamente d'este ramo. O seu territorio é soffrivelmente extenso, e pingue, porém está no mesmo abandono. É guarnecida por uma companhia de infanteria, mas em nada melhor que as precedentes, bem como as fortificações.

BAHIA DA LAGOA OU DE LOURENÇO MARQUES.

A 26° de latit. Sul está a Bahia de Lourenço Marques, onde só temos um presidio, que consta de um Governador, e uma companhia de linha para sua guarnição, montada como as mais, mas de summa utilidade; com quanto seja tão disciplinada como as mais, são comtudo os unicos individuos empregados em obras e faxinas de toda a especie, sem mais despezas do que o soldo; são fieis e valentes. Ha um Feitor da Fazenda com attribuições de Juiz commissario. Não ha templo algum, nem ecclesiastico. Este estabelecimento é o primeiro que se encontra apenas dobrado o Cabo da Boa Esperança. A importancia d'este ponto é da maior transcendencia, pelo que póde e deve vir a ser. A barra é franca, e a bahia é ampla, e dá abrigo a muitos centos de navios de todos os portes. A nossa povoação está formada em terreno baixo, torneada por um plano inclinado que totalmente a domina, não exceptuando o forte que é sotoposto a dunas, e, a meio alcance de fuzil, está assentado á margem do rio, dominando unicamente o ancoradouro. Esta fortificação é de figura quadrada, com tres baluartes mesquinhos e irregulares, é construida de alvenaria, e guarnecida por nove bôcas de fogo de differentes calibres, porém mal montadas, e municiadas. O territorio que pertence a este estabelecimento é dos mais pequenos de toda a Provincia, porém é fertil

e salubre. A sua população não excede a doze individuos, que são adventicios traficantes, pouco abastados. O commercio actual consta de marfim, dentes de hippopotamo, pontas de abada, e ambar. Ha quantidade sufficiente de madeiras de construcção naval. Este estabelecimento acha-se no mesmo estado de abandono. Este Presidio é torneado por differentes potentados, mas doceis e dedicados aos portuguezes, quando o Governador do Presidio é recto e justo, porque não conheço povos Cafres que tenham as virtudes d'estes; são reconhecidos e gratos a beneficios, e vingativos, em summo grau, a offensas, mas sobretudo são doceis. Tanto dentro da Bahia, como na costa Norte da Magaia, tiram os Americanos todos os annos grande quantidade de azeite de baleias e espermacete, sendo nós meros espectadores, e algum se lhes compra a troco de viveres e aguardente. Abunda em pescado saboroso, e algum da mesma especie do que ha na Europa, como salmonetes, pargos, caxuxos, gorazes, etc. Ha pastos para nutrir toda a qualidade e quantidade de gados que se queiram crear e sustentar, sem receio de escacez ou mingua.

ILHAS DE CABO DELGADO.

Ao Norte de Moçambique na latit. de 12° jazem as Ilhas de Cabo Delgado, ou do Ibo, mui proximas ao continente, e contiguas umas ás outras; d'estas só cinco são povoadas, isto é, tem gente, e vem a ser, Arimba, Carimba, Ibo, Malemne e Anize. Ibo é a capital, e a principal de todas, e as mais são quasi despovoadas. N'ella reside o Governador, e a guarnição militar, que em nada se avantaja ás mais, assim como a povoação. Tem uma soffrivel fortaleza, dois fortes e uma bateria. O territorio comprehendido n'estas Ilhas é importante, não pela sua extensão, mas pelo rendimento e fertilidade. Abunda em tartarugas, café, maná, gomma copal, calumba, pescado, cêra, mel, ambar, e nas visinhanças baleias. No continente, marfim, optimas madeiras de construcção naval, civil e marceneria.

Eis em resumo o estado em que se acham as nossas Possessões, e estabelecimentos da Africa Oriental, e por aqui se vê que não é possivel prosperarem de fórma alguma, e bem longe de servir-nos de auxilio, são um encargo pesado que temos, mas peior será se as perdermos.

Aqui deixo um vasto campo de meditação aos politicos, e áquelles a quem pertence a direcção dos negocios, e o bem-estar e prosperidade da nação. Repito: não escrevo por mera curiosidade; e se me persuadisse que este pequeno trabalho para nada serviria, tinha-me poupado a elle, porque assim evitava as maguas que me causam as recordações d'aquellas bellas Possessões, e de que somos pobres, porque não queremos, ou não sabemos aproveitar os immensos recursos que temos; e que, pelos interesses ficticios da agiotagem, se perdem os reaes

(Continúa.)

TECHNOLOGIA.

A pagina 28 d'esta parte dos *Annaes* inserimos algumas noticias do *Arcano* do Dr. Stollé. Julgámos acertado inserir tambem a seguinte *Instrucção* para o seu uso, dada pelo mesmo Dr. Stollé, e se acha impressa tal como a damos, em lingua portugueza, nas caixas do *Arcano*.

Arcano — Stollé — para fabricação do assucar.

Maneira de ser empregado.

Uma libra de Arcano-Stollé (ou menos segundo a qualidade do caldo da cana) mistura-se na porção de 100 galons de caldo na primeira caldeira, para evitar a fermentação; elle (o arcano) opera a dissolução espontaneamente, com tanto que seja reduzido em pó.

A caldeira de clarificação quando tiver caldo de cana, que chegue ao meio, ou aos $\frac{3}{4}$, deve ser aquentada, tendo-se o cuidado de mexer com uma pá o conteúdo para maior facilidade da dissolução do *Arcano*. Quando a caldeira estiver completamente cheia deve ser o calor elevado a 155 graus de Fahrenheit: n'essa occasião deve-se-lhe ajuntar uma porção de leite de cal sufficientemente para neutralisar o azedume do caldo. Depois de ferver cinco minutos apaga-se o fogo, e deixam-se precipitar os corpos estranhos: é então que se filtra o caldo, e concentra-se pela maneira usada. Seria muito vantajoso tratar o assucar pelo apparelho centrifugo do mesmo Dr. Stollé.

O methodo acima indicado é considerado como o melhor: póde-se porém obter igualmente bom resultado se o *Arcano* é lançado na caldeira clarificadora depois do leite de cal, mas antes de ferver. N'este caso sempre é bom ajuntar uma pequena porção no caldo apenas esprimido e saído da moenda.

Este agente efficazmente depurativo, e que não contém materia alguma nociva, acha-se genuino em casa do Dr. Eduardo Stollé, em Berlim, no Reino da Prussia.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

MEMORIA

SOBRE

UM SYSTEMA PARA AS COLONIAS PORTUGUEZAS

Pelo Sr. A. C. Pedroso Gamitto.

(Continuado de pag. 56.)

DOMINIOS ULTRAMARINOS.

Debaixo d'este titulo são comprehendidas todas as nossas Colonias, e por isso seja qual for o systema que se adoptar, deve abranger todas ellas tendo em vista: 1.°, que no estado em que se acham, mais cedo ou mais tarde, se perdem, e sem remedio; 2.°, que a reforma, ou providencias que se tomarem, ou hão de ser feitas e sustentadas pelo Governo, sem a mais pequena influencia, ou dependencia estranha, ou por uma Companhia Soberana, a quem o Governo conceda todas as attribuições como tal, reservando unicamente a fiscalisação do abuso, que porventura possa haver d'esta soberania, mas deixando-lhe todavia, plena liberdade: aliás nem Colonias, nem Governo, nem Companhia. Em qualquer dos casos dependem todos os bons resultados dos individuos que se empregarem, tendo a maior attenção na sua capacidade e honradez, comtudo presididos sempre por uma escrupulosa fiscalisação, sem o que todos os esforços são nullos, e jámais podem sortir bons effeitos. Os grandes interesses que ha a tirar das provincias são infalliveis, e certos, em todos os ramos, para o que são indispensaveis duas providencias essenciaes: a 1.ª, um fundo pelo menos de *quatro mil contos* effectivos; 2.ª, o emprego de individuos habeis e de reconhecida probidade, devendo preferir-se antes esta sem aquella, do que vice-versa, porque a falta de honra perde tudo, e o empregado probo faz mais com menos habilidade, do que o venal, e corrupto com ella. Afastando desde já e para sempre a idéa de n'estes empregos procurar-se o meio de occupar gente que não saiba fazer a sua obrigação, e que pela reconhecida incapacidade não possa achar emprego no Reino, porque longe de fazer bem, serão o motivo de incalculaveis males.

Com quanto tenham sido importantes os melhoramentos desenvolvidos ha alguns annos, a pró de Cabo-Verde, e toda a Africa Occidental, pelo Governo, principalmente no Ministerio do Sr. Falcão, todavia o estado de finanças e affluencia de negocios, obrigam sempre o Ministro a uma continua diversão, impossibilitando-o por isso da constante applicação que lhe é indispensavel para as promptas e dispendiosas providencias que geralmente reclamam as Colonias para poderem corresponder aos interesses que podem dar. No estado de destruição a que estão reduzidas, todos os palliativos, ou providencias parciaes e em pequena escala, são sempre onerosas e infructuosas ao Governo, e aggravam o mal, porque desviam esses poucos meios que faltam para outros encargos, sem que por isso se obtenham os recursos de que tanto carecemos, e que sem duvida apparecerão quando se olhar para esta parte da Monarchia, com as providencias e energia de que tanto carece. Para isso só o meio já apontado poderá corresponder a todos os interesses, levando ainda o nosso agonisante commercio, industria e navegação a um estado florescente, trazendo por isso a nossa prosperidade, isto é, a creação de uma Companhia forte e soberana, a quem se invista do governo das Colonias por um determinado numero de annos, que não será menos de *cincoenta*, tendo por modelo a companhia ingleza da India, com as modificações adequadas aos nossos usos, leis, etc.

Todos os interesses que d'ella resultarem serão ramificados por toda a nação, porque todas as classes d'ella terão de applicar-se para ali. Esses grandes lucros da agiotagem converter-se-hão em riqueza real de numerario. O emprego de individuos, que, achando uma subsistencia decente e abundante, fará diminuir o flagello que nos tem opprimido e enfraquecido com as guerras civis, e pondo em actividade a nossa industria e todos os

mais elementos de riqueza, empregando por isso muita gente de todas as classes, que definha á mingua, e que estando occupada não lhe ficará tempo, nem mesmo motivo de intrometter-se em politica, quando a nação prospéra. Resultam d'aqui as vantagens seguintes: 1.ª, a segurança e posse dos dominios, que pelo seu estado de abandono estão prestes a perder-se; 2.ª, pela gente e muita gente que carece empregar-se, abrangendo todas as classes e capacidades sociaes; 3.ª, pelo desenvolvimento que dá á nossa industria exportando todos os seus productos, alimentando-a por isso com a importação de outros que se pagam ao estrangeiro por alto preço; 4.ª, pela marinha que é mister empregar, e por isso restabelecer-se este ramo, hoje em decadencia e reduzido a nada; 5.ª, finalmente, pelo numerario real em circulação e giro em todos os ramos, e por conseguinte o restabelecimento do credito publico com os meios que d'aqui lhe provêem. Tenho a lembrar uma verba em que é preciso empregar avultadas sommas ao principio, e vem a ser a marinha, economisando uma boa parte de fundos com vantagem da companhia, e da nação; e vem a ser, dar o Governo todas as embarcações, principalmente de alto bordo, e que puder dispensar, por uma avaliação, e por elle serem a todo o tempo restituidas, ou as mesmas melhoradas, ou outras de igual porte, ou segundo as convenções que se fizerem, mas com tanto que sejam construidas em estaleiros portuguezes. É este um artigo de muita transcendencia, e que merece particular attenção. Com quanto hajam todas as proporções para construir uma boa marinha, todavia, para os primeiros transportes precisam-se vasos, e estes levam muito cabedal. Com taes providencias julgo indispensavel a creação de um novo Ministerio especialmente das Colonias, e o pessoal d'esta Secretaria ser occupado unicamente por individuos que tenham servido n'ellas, e que sejam destinados a ir para ellas, e toda esta Repartição ser paga pelos seus cofres.

Providencias geraes.

É geralmente sabido que em todas as terras do Reino, mais ou menos vagueiam jovens de ambos os sexos, perfeitamente vadios, sem applicação nem domicilio, cobertos de andrajos, dormindo pelos fornos, arcadas, etc.; estes infelizes, então membros inuteis da sociedade, depois enervando-se no vicio e prostituição, tornam-se corruptos, e por fim nocivos pelos crimes. Em quanto estão no primeiro caso, conviria muito que a todas as Authoridades Administrativas, fosse incumbido faze-los clausurar, e depositar em edificios proprios, onde recebam os rudimentos de uma educação propria e analoga, para serem depois remettidos para as Colonias, onde devem ser acabados de educar, e distribuidos pelos misteres para que mostrarem mais aptidão, mas havendo o maior cuidado em conservar-lhes a disciplina até que tenham adquirido o habito do trabalho e regularidade de vida. Assás de familias ha que, encerradas em infectas habitações, com falta de vestuario, dormindo sobre palhas, não tendo por alimento senão lagrimas, e n'uma palavra cobertos de miseria, dando em resultado prostituição, e o pejamento nocturno das ruas, mendigando o sustento, e não poucos perpetrando crimes, a que os obriga a miseria. É d'esta gente que com mais economia, e proveito se deve engajar, porque, melhorando de sorte, tornam-se membros uteis da sociedade sobre que estavam pesando, e d'esta fórma vão-se povoando as Colonias sem tirar os braços uteis á mãe patria. Com taes providencias deve observar-se com o maior rigor a prohibição do trafico da escravatura, como o mais nocivo de todos os males para as Colonias Africanas, porque lhes tira, e afugenta a população, e os braços.

Povoação.

Bom seria que não fossem degradados; mas como talvez não seja possivel, deve-se em tal caso tirar todo o partido, melhorando a sorte d'estes miseraveis, fazendo-os uteis á Colonia. O mesmo acontece a respeito de muitas mulheres que para lá vão em todas as monções, e da ultima escoria: tanto estas, como aquelles desmoralisam com a sua escandalosa vida e costumes. Convém não deixar saír do Reino nenhuma mulher d'esta classe com degradado, sem ser casada; logo que cheguem ao seu destino serem alistados, e adiantar-se-lhe um anno de soldo, e mais vencimentos a cada um d'elles, assim como á mulher, e metade a cada filho que então tiverem de 12 annos para cima, e o terço aos que tiverem menos.

Com este capital, sendo reunidos em districtos, fazerem-se-lhes casas, dando-se-lhes um casal de cada especie de animaes domesticos, ferramentas, sementes, etc., um casal de pretos, e o sustento para seis mezes. Depois de formado este estabelecimento, se houver saldo a favor do cofre que o abonar, ser este depois indemnisado pelo producto do seu trabalho.

Os trabalhos do primeiro anno serão feitos em commum, e ainda mesmo nos seguintes, e só depois de estar bem augmentado, e em

prosperidade, é que cada um irá tomando conta, e trabalhará de per si no que lhe pertencer. Devem estar armados, o que é essencial, em consequencia de feras, roubos de negros, etc. Todos os mezes, ou ainda mesmo todos os quinze dias, deverão ser inspeccionados por officiaes de fazenda, administração, ou outros quaesquer; além de que cada estabelecimento d'estes deverá ter um director para fiscalisar e dirigir os seus trabalhos com o maior escrupulo e exactidão, e logo que qualquer dos seus membros prevarique, já com maus exemplos, incorrecção, ou por outro qualquer motivo se torne prejudicial ao estabelecimento, immediatamente ser tirado d'elle, e removido para outro; ou para logar de trabalhos publicos, sendo reincidente, e sempre acompanhado da competente informação circumstanciada da sua conducta e costumes. Devem ir logo de um jacto tres mil homens, dois terços de tropa regular, mancebos, comprehendendo duzentos de cavallaria para ali serem montados, trezentos de artilheria, e o resto de caçadores e infanteria, todos competentemente armados e equipados, e os restantes mil que devem, todavia, fazer parte do exercito expedicionario, devem ser compostos de artifices de differentes officios, incluindo mesmo camponezes, horteIões, moleiros, lagareiros, marroteiros de marinhas, fabricantes, tintureiros, pescadores, etc., e com as suas familias. Este exercito apenas ali appareça, estou bem certo que não lhe será preciso combater, porque logo que conste a sua existencia será bastante para conter o respeito, disciplinar os nativos, e dar força ás Authoridades para as reformas; todavia, no primeiro anno será mister conserva-lo no seu pé e prompto a operar, e no segundo, ou logo que se conhecer que não é absolutamente necessario, ou mesmo ao passo que se forem disciplinando os nativos, no mesmo districto onde estiver de guarnição faz a sua colonisação, como fica indicado, ficando por este meio a força sempre prompta quando seja mister, alliviando assim o Thesouro d'esta despeza, que cessa apenas estabelecidos, começando desde o principio a disciplinar os nativos. Como só na capital da Provincia de Moçambique ha um Juiz de Direito despachado pela Côrte, em todos os mais pontos as Authoridades são leigos, e até donatos, porque taes ha onde os Juizes, Escrivães e Empregados Publicos, mesmo não sabem ler; muito conviria que para ali fossem homens formados, restabelecendo-se os logares de Juizes de Fóra para todos os pontos subalternos.

Raras vezes têem ido ali Engenheiros, Naturalistas, Mineralogistas, etc.: seria de summa importancia o irem para ali pelo menos tres de cada uma d'estas sciencias, creando na capital uma escóla para se ensinarem, não omittindo o desenho.

As freguezias estão vagas, e sendo preenchidas por egressos, tirariam muitos homens virtuosos da miseria, dando-lhes a abundancia, porque todas ellas são de pingues rendimentos. É de absoluta necessidade o instruir os nativos, quanto seja bastante, para poderem ser uteis, por terem a seu favor o clima, e o conhecimento dos idiomas, usos e costumes; mas esta instrucção devem recebe-la lá mesmo.

Communicação entre os estabelecimentos.

A unica communicação que ora tem os nossos estabelecimentos é, como já disse, unicamente por mar, e a de terra não está em pratica, tanto pelo obstaculo que oppõem os cafres na passagem de umas terras para outras que ha a transitar, por se persuadirem que o interesse vae para ellas, como porque os caminhos ainda os mais trilhados, não passam de veredas. É de absoluta necessidade a abertura de estradas de communicação de uns para outros pontos, e estabelecer pontes e barcas nos rios, para o que basta quem dirija os trabalhos, porque todos se fazem e conservam com mui pouca despeza em rasão da mão de obra ser feita pelos cafres, tendo apenas que dar-se uma pequena gratificação aos regulos em cujos districtos se fizerem, e pelos seus subditos. O importante ponto de Quilimane e rios do Sena não têem outra via de communicação senão o rio Zambeze, e este pela velocidade da sua corrente, que é de sete a nove milhas, e mais, conforme as cheias, torna a sua subida mui morosa, e mesmo perigosa, o que não acontecerá sendo navegado a vapor. O transito por terra, além das difficuldades geraes já notadas, accrescem aqui o estarem os prazos por onde se transita infestados de ladrões e feras: estes dois ultimos obstaculos removem-se com a população e continuo transito.

Da Ilha de Madagascar e da costa da Arabia pode importar-se uma boa porção de camelos, e muito em conta; porque ali ha muitos, e servem para açougue, e sendo importados, repartirem-se pelos differentes districtos para servirem de transportes.

A communicação de Quilimane com o rio Zambeze é impedida por uma porção de areia de tres milhas de extensão, pouco mais ou menos, que no tempo em que o rio está baixo obstrue esta passagem, mas com a cheia abre e fica então navegavel, e á proporção que ella diminue começa a accumular-se a areia.

É mui facil desfazer este obstaculo, conservando esta passagem transitavel em todo o tempo, que é de uma vantagem e interesse extraordinario para o commercio, pelas commodidades e economias que offerece para os transportes das Villas e estabelecimentos do interior. Toda esta Colonia é cortada de rios, mas pouco ou nada explorados, e a navegação, principalmente a vapor, tornará facil, e augmentará muito o seu commercio. Convém estabelecer o uso dos correios com regularidade por terra.

Fortificação e segurança.

Pouco ha a temer dos cafres logo que appareça uma força respeitavel, e sempre prompta a tomar satisfação de offensas feitas a subditos Portuguezes, e a proteger o grande numero de povos que nos são affectos, e que procuram o nosso apoio. Depois de feita a principal despeza de transporta-la para lá, e mante-la o primeiro anno, vae esta diminuindo, e acabará por dar lucro ao Thesouro, sendo da fórma indicada, ou ainda por outra que pareça melhor, isto é, ser feita a colonisação formando aldeias e villas, por companhias ou batalhões, passando então ao estado de milicias, e empregando-se nos seus officios e artes.

De Quilimane para o Sul é mui util e vantajosa a arma de cavallaria, tanto em rasão do terreno, como dos povos que por lá habitam; e por isso duzentos cavallos são sufficientes para guarnecer os differentes pontos, como adiante mostrarei. Quanto aos cavallos podem obter-se por baixo preço, tanto do Cabo da Boa Esperança, como da India e Arabia, em quanto os não ha do paiz, e mantem-se mui bem tratados com insignificante despeza, pela barateza e abundancia de grão, e das forragens de melhor qualidade, como é o capim, que não pedem outra despeza do que o ceifa-las, e sempre verdes todo o anno.

Esta arma e a artilheria são as que os cafres, ainda os mais aguerridos, temem e respeitam mais. Devem crear-se caudelarias, experimentando onde se dão melhor, e das melhores raças, assim como de camelos. Todas as nossas fortificações estão em ruinas, e muitas d'ellas mal collocadas e construidas. Um engenheiro, por mediocre que seja, remediará com facilidade esta falta.

MOÇAMBIQUE.

Moçambique, como se sabe, é a Capital da Provincia Oriental, e a séde das primeiras Authoridades que a governam. Primeiro que tudo convem prover á hygiene publica, estabelecer a sua segurança physica, e torna-la respeitavel, fazendo-lhe os reparos que o abandono tem causado, e pôr o Continente no mesmo estado de respeito.

Systema sanitario.

Convem melhorar o clima quanto for possivel, mantendo uma severa policia, e por este meio torna-lo bom, removendo-lhe os agentes malignos. É mister desbastar a missanga, fazendo evacuar d'ali para o continente todos os vadios e individuos de escandalosos costumes, abrindo ruas largas e arejadas, e as casas com janellas: o cemiterio colloca-lo na ponta do Sul da Ilha, entre a horta chamada do Guedes e o forte de S. Lourenço: entulhar o lavadouro, Marangonha, cubrindo-o com a areia de que está cercado. Para substituir este não ha mais do que aproveitar um poço que jaz proximo ao chamado forte de Santo Antonio, por estar em logar elevado, e não carecer de outra despeza senão um tanque proprio para lavagem, que todos os dias póde ser despejado para o mar, para onde tem bastante escoante. Para manter-se uma boa policia, e em conservação, conviria que os Mainatos, isto é, lavadeiros, fossem arrolados, e submettidos a uma capatazia, tirando-se-lhes um modico tributo com applicação para reparos, e conservação da obra, cabendo ao Capataz, não só a superioridade, mas com ella a responsabilidade, tanto do aceio, como da conservação, havendo fiscalisação n'esta parte, que seria a cargo da Camara.

O cemiterio, isto é, o local onde deixa de existir, depois de mui bem purificado, etc., deveria ser convertido em hospital, levantando o edificio proprio para isso, por estar em sitio elevado e arejado. Os poços publicos devem ser fechados durante a noite, e as chaves devem ficar, ou na guarda mais proxima, ou em poder dos cabos de policia. Os enterramentos dos cafres finados serem feitos, ou por conta da Camara, ou de outra qualquer Repartição, com tanto que sejam sepultados, e não expostos no Continente, mediante um pequeno estipendio (que existe de 800 réis), mas acabando-se com o pessimo abuso de lança-los ao mar, ou deixa-los expostos. Tudo fica providenciado havendo no Continente, uma valla, que se abra e feche todos os dias, e os conductores entregam os finados com guia, e voltam com o competente recibo, com o qual deve receber o estipendio arbitrado, indo referendado pelo Thesoureiro ou Authoridade competente da Repartição, e d'esta fórma não poderá haver illusão. A mais escru-

pulosa fiscalisação policial na venda do pão azedo e cru, no peixe frito em azeite de côco rançoso, e refrito de uns dias para outros, e em todos os viveres corruptos que se encontram nos bazares e nas esquinas das ruas, e que a sêde do ganho faz prevalecer a todas as conveniencias e respeitos pela falta absoluta de policia, e mesmo porque a desconhecem pela não verem praticar; não têem recato algum, nem escondem taes objectos, por mais prejudiciaes que sejam, e é esta uma das causas que muito concorre para a morte de grande numero de europeus. No Continente, logo que comece a colonisação, entulhados os pantanos, e arroteadas as terras, e com uma policia bem regulada, infallivelmente se alcançará a salubridade. Carece a capital de boticas bem providas e de facultativos, tanto para si, como para fornecer os differentes pontos da Provincia, de sua dependencia, e mesmo carece de uma Escóla Medico-Cirurgica e de Pharmacia, ensinando-se ao mesmo tempo, mas com a maior extensão possivel, Botanica, porque, sendo os nativos instruidos sufficientemente n'estas sciencias, farão importantes descobertas.

Commercio.

Moçambique sempre foi o emporio de todo o commercio, com diversos portos e com os estrangeiros, e estes pagam na alfandega, se bem me recordo, 42 ½ por % de importação, sobre a avaliação, regulando-se por uma velha pauta. Conviria muito que se fizesse ali o deposito de todas as mercadorias da China e India, transportadas em navios que regularmente navegassem para aquellas paragens, e aqui as fossem buscar os navios da Europa, porque estes, para irem á China, precisam 18 mezes, e mesmo dois annos, quando aqui apenas gastarão menos de metade do tempo, poupando assim este, despezas e risco.

Industria.

Havendo aqui grande variedade e abundancia de materias primas, seria mui lucrativo o saírem aperfeiçoadas, augmentando-lhe por isso o seu valor commercial, e sobre tudo muito conviria crear-se aqui, ao menos, uma fabrica de tecidos de algodão, tanto dos ordinarios, que correm no sertão, e que se importam da India, como dos mais finos, e que tanto uns, como outros, são pela maior parte manufacturas inglezas. Para crear-se este estabelecimento, mandam-se vir da India os sufficientes operarios, teares, etc., e que, sendo aperfeiçoados pelos nossos fabricantes europeus, no fim de dois annos podem ser despedidos, depois de estabelecida a fabrica, e ensinados os indigenas. Este ramo absorve grandes sommas, que annualmente vão em retorno de fazendas d'esta especie que se importam da India, e que revertem em proveito dos gentios sujeitos aos inglezes. Para este estabelecimento ha ali um soffrivel edificio, que é o convento de S. Domingos, e que está devoluto. Havendo bons marceneiros, podem fazer um ramo lucrativo em objectos de muito valor, augmentado pela qualidade das madeiras, e de todos os materiaes precisos n'este genero. Este ramo de industria deixa muito proveito á India ingleza. No Continente será bom estabelecer-se um lagar, todo o anno terá que fazer, extrahindo azeite de côco, gergelim, amendobi, pevides, carrapato, purgueira, etc. Convém da mesma fórma um moinho, porque sendo hoje o grão moído em pequenas atafonas, e á força de braços, occupa muita gente, e a farinha fica mal feita, e não póde chegar para o consumo quando cresça a população. Os engenhos de assucar e mandioca devem estabelecer-se aqui, dando-lhes mais perfeição, isto é, a estes, porque aquelles não existem, nem bons, nem maus: deve dar-se a estes dois objectos a importancia que merecem como agentes commerciaes. Como fica dito, todos os annos entram na bahia do Mocambo muitos navios estrangeiros, e ahi fazem a pesca das baleias. Esta entrada deve ser-lhes vedada, porque o rio é nosso, e no tempo competente, sem mais despeza de custeio de navios para ella, e apenas com as canotas e apparelhos, empregando-se os nossos pescadores ou arpoadores*; e os peixes, depois de mortos, encostados á praia, e ali em terra ser feita a extracção do azeite, como já se fez em outro tempo, e ser então guardado em armazens, d'onde póde ser exportado como outra qualquer mercadoria, poupando-se d'esta fórma as enormes despezas de custeio dos navios que de positivo são empregados n'estas pescas de longa viagem. O que fica dito do Mocambo comprehende da mesma fórma Fernão-Velloso, Quitangonha, Ilhas do Ibo, e Lourenço Marques, com igual successo de interesse. Tambem não devem ser desprezadas as pescas de muitos e saborosos peixes que povoam estes rios e mares, tanto para fornecimento e consumo, como ainda mesmo para commercio, tanto sêcco como o bacalhau, como o salgado. Bons artistas em todos os generos podem levar a industria ao maior ponto de interesse e prospe-

* Quasi todos os baleeiros americanos trazem grande numero de arpoadores, filhos dos Açores e Cabo Verde, e são mui estimados pela sua habilidade e intrepidez.

ridade. Não se deve omittir uma Imprensa e Lythographia, mas sujeita ao governo.

Marinha e Arsenal.

Sendo o porto de Moçambique seguro e abrigado como é, é do maior interesse o estabelecimento de um arsenal provido de bons artistas, e de tudo mais que é preciso para a navegação. No Cabo da Boa Esperança soffrem muito os navíos que passam n'essa paragem, tanto á entrada, como á saida, e frequentemente de tal fórma, que são obrigados a arribar para reparar-se, e como não acham providencias em outra parte, correm á ilha de França, que apezar de ser mau porto, e de levante, e mais distante, e tudo a peso de ouro, todavia, sujeitam-se a tudo porque só ali encontram o que carecem, o que de certo não succederá havendo-as aqui, e em Lourenço Marques, com a differença de que, nas Mauricias, importa-se tudo, e aqui, tanto as madeiras, como a maior parte dos objectos, tiram-se da Colonia. Não deve omittir-se o estabelecimento de uma Cordoaria e Fundição bem montadas, tendo em vista a abundancia de linhos, ferro e outros metaes, e que por isso póde ser de muito proveito.

Agricultura.

A agricultura, este ramo de riqueza publica, que nas Colonias Portuguezas é zero, offerece todas as proporções, tanto para abastecimento e consumo interno, como para o commercio. Trigo, milhos, arroz, legumes de muitas especies, amendobi, gergelim, purgueira, carrapateiro (estas duas especies podem plantar-se com dobrada vantagem e economica em relação ao terreno, formando com ellas os vallados), o café, cana de assucar, algodão, tabaco, anil, mandioca; os pomares de espinho são individuos de muito interesse, mesmo no estado presente, em que é só a natureza quem obra: a sua producção é abundante; e o que seria applicando-se-lhes um pouco de cuidado? Todas as fazendas têem muita e boa agua, e em poços soffrivelmente construidos, mas não ha um só que tenha nora, engenho, ou machina, tanque, cano, etc., e as regas que se fazem ás hortaliças são á força de braços, tiradas a balde, e applicadas com regadores e barrís. As vantagens d'este agente da vegetação são bem conhecidas, e a sua introducção augmentará o dobro da riqueza agricola. Os instrumentos agrarios encerram-se todos n'uma enxada. Além de algum gado vacum que ha, abunda em uma casta de jumentos corpulentos e fortes, de côr alvadia, e que não têem de domesticos senão o procurarem o aprisco para recolher-se á noite, andando a prado com o outro gado, e na mesma manada ou rebanho, mas nem uns, nem outros são empregados em serviço algum. As terras não recebem beneficio algum de adubos, que são desprezados e deitados fóra. Para praticamente ensinar á gente do paiz, e introduzir-lhe o uso que devem fazer da agua, adubos, e dos differentes gados que ha, deve-se em preferencia mandar degradados que tenham sido quinteiros, moleiros, carreiros, almocreves, e outras differentes artes, como carpinteiros e ferreiros, conseguindo-se assim instruir e habituar os indigenas com pouca despeza da Fazenda publica.

Fortificação e Milicia.

A segurança physica da capital, e da sua immediata dependencia, deve ser tal, que imponha respeito, e muito respeito, em rasão de ter feudatarios poderosos que a torneiam; mas é da maior importancia que da força physica seja inseparavel a força moral, portando-se as Authoridades com a mais severa rectidão e justiça, circumstancia que se torna aqui mais precisa do que em outra parte, para a civilisação e moralisação de povos barbaros e rusticos, habituados a ver e praticar má fé, ambição, mentira e toda a casta de vicios, e por todas as classes da nossa sociedade, a quem elles chamam brancos, não excluindo, na verdade, força é confessa-lo, os mesmos europeus, a quem cabe uma boa parte. A ilha está convenientemente fortificada, quando sejam reparados alguns estragos que tem, e que por ora são de pouca monta. Quanto ao Continente, precisa de tudo, porque nada tem, e por isso ao engenheiro, d'isso encarregado, pertence determinar os pontos. A capital deve ser um dos pontos de deposito militar da colonia, d'onde devem ser soccorridos os differentes pontos que o precisarem; e por isso o seu estado completo deve ser indeterminado, assim como deve ser aqui a escóla militar, onde se instruam os individuos dedicados a este ramo de serviço publico, fazendo-se observar rigorosamente o serviço de campanha, instruindo e disciplinando os nativos; mas dando-lhes officiaes e sargentos europeus, porque é assim que se póde obter um bom exercito com menos despeza, e sem tirar os braços ao Reino. A instrucção é indispensavel aos officiaes, porém, n'esta parte da Monarchia, é tão essencial, que sem ella servem mais de peso, do que de utilidade á Nação, porque frequentemente se acham em commissões em que, sem ella, não só são nullos, mas prejudiciaes, e as percas que temos

soffrido é por dar-se este caso. Além da instrucção ordinaria, muito convirá que a tenham de desenho, historia natural e mineralogia, e, ainda que não completa, ao menos quanto seja bastante para poderem relatar com exactidão e acerto as observações que houverem feito, que devem dar em resultado descobertas importantes, o que não póde acontecer no estado presente, em que uma grande parte d'elles mesmo não sabem ler. Eu mesmo sou uma prova, porque, se tivesse a instrucção necessaria quando para lá fui, ou ainda mesmo a podesse ali adquirir, seria de grande utilidade: felizmente, por ter sido sempre protegido pela Providencia, tive a fortuna de não ser dos que menos resultados colheram nas differentes commissões importantes de governos e commandos de que fui encarregado, mas em que nada houve de extraordinario; antes, pelo contrario, pertenceu ao estado regular das cousas, mas essa mesma circumstancia é ali raras vezes desempenhada. O que vi e observei, se tivesse conhecimentos, poderia ter feito importantes descobertas, que ficarão ignoradas como d'antes, e apenas so posso dizer: Vi muita cousa até então não explorada, fez-me impressão, mas não pude, nem soube classificar, nem designa-las: foi um cego que apalpou um lavor de grande primor. Eis o motivo por que se precisa a instrucção indicada.

Tendo tratado da fortificação e milicia, ou da segurança interna, convem lembrar a externa; esta não é de menos importancia, para o que basta uma esquadrilha bem armada para guarda-costa, de dois brigues ou escunas, e algumas canhoneiras, tanto para proteger o commercio da costa, como para obstar ao contrabando, principalmente dos Arabes.

ILHAS DE CABO DELGADO.

Pela proximidade em que estão estas ilhas da capital, é para aqui que primeiro nos dirigimos; e a primeira providencia que ha a dar é abrir uma estrada de communicação entre aquella e estas, fazendo responsaveis os Cheques pela sua segurança e conservação, o que se consegue sem difficuldade. Após esta providencia convem povoa-las, o que se faz pela fórma indicada.

Systema sanitario.

Pouco ha a fazer para corrigir o clima, porque é soffrivelmente sadio, e apenas uma boa policia é bastante para torna-lo tão salubre como a Europa. Deve estabelecer-se um Hospital, Botica e Facultativos.

Commercio.

O commercio das ilhas do Ibo é feito pelos Arabes de Zanzibar, Quiloa, Mombaça, e ilhas do Comoro, que importam as suas fazendas por contrabando em embarcações miudas, e exportam calumba, gomma copal, marfim, escravos, ambar, maná, dentes de peixe mulher, azeite, tartaruga, de que elles mesmo fazem a pesca: de todo este commercio não temos o menor interesse, nem ainda mesmo nos direitos, e mais parece dominio arabe do que portuguez.

Quando tenha logar a reforma geral, esta parte da Provincia póde desde o começo fornecer um bom contingente em interesses commerciaes, estabelecendo uma Feitoria bem provida de tudo, com preços fixos para vender e receber, ou resgatar, não só dinheiro, mas mesmo effeitos do paiz, com preços igualmente fixos e rasoaveis; mas sobre tudo é preciso estabelecer a boa fé, mesmo pela vantagem de moralisar os povos.

Industria.

A não ser a pesca, tanto de baleias, como de excellente pescado, de que abundam estas paragens, não acho que seja aqui o logar de estabelecimentos industriaes; todavia, a experiencia mostrará o que melhor convirá. Em toda esta costa não ha parte alguma nem tão abundante, nem tão rica em variedades de conchas, como as ilhas do Ibo. A pesca da tartaruga é um ramo importante de interesse, e o primeiro a que se deve prestar attenção, bem como a creação de gados de todas as especies.

Marinha e Arsenal.

Não ha capacidade para navios de grande porte, mas podem construir-se brigues e escunas; todavia, pela proximidade em que está da capital, poderiam ir para ella as madeiras já apparelhadas para a construcção naval, e mesmo civil.

Agricultura.

Sendo o torrão magnifico e de boa producção, está em baldio, e do que menos se cura é da agricultura. O café produz espontaneamente, e é levado pelas aves: este ramo é de muita importancia, e muito mais porque só carece de attenção. Todos os cereaes e pomares se dão excellentemente, assim como todas as plantas dos tropicos.

Fortificação e Milicia.

Reparadas e melhoradas as fortificações que existem, pouco mais será preciso ampliar: quanto á guarnição, é indispensavel, pelo menos, 140 infantes, e 30 artilheiros; comtudo, a colonisação determinará o seu armamento, advertindo que a fortificação essencial d'este porto é de marinha, constante de duas, ou tres embarcações ligeiras bem armadas e equipadas, tanto para obstar ao contrabando, como para proteger o commercio.

QUILIMANE E RIOS DE SENA.

A primeira providencia que ha a dar é abrir uma estrada de communicação de Mussuril para Quilimane, formar pontes nos rios que as admittirem, e barcas n'aquelles onde se não puderem construir aquellas, o que se faz pelos subditos dos Regulos, mediante uma pequena gratificação a estes. Segue-se a povoação, que será feita pelo systema adoptado de colonisação. É preciso que se tenha em vista, que as estradas não precisam calçadas, e nada mais do que conserva-las desobstruidas de troncos e mato.

Systema sanitario.

Não sei se conviria antes abandonar o local onde está edificada a Villa de Quilimane, e assenta-la mais acima em terreno mais firme, ou aproveitar esta melhorando-a. No primeiro caso, ao engenheiro d'isso encarregado compete a escolha do sitio, e mais circumstancias. No segundo, estando a Villa assentada na margem do rio d'este nome (um ramo do Zambeze) e n'um pantano cheio de lagôas, bosques e florestas, e a seis leguas dentro da foz; a primeira providencia, que convém tomar, é o entulhamento das lagôas que forem susceptiveis d'isso, e abrirem-se ribeiros para as aguas da chuva se não demorarem, escoando-as para o mar, prohibir absolutamente a plantação do arroz, não só dentro da Villa, mas ainda mesmo em determinada distancia na circumferencia d'ella, abrir e desbastar os bosques e florestas, fazendo com que o terreno, assombreado e humido, seque e possa ser ventilado; manter uma escrupulosa policia sanitaria, especialmente fazendo enterrar os mortos que os cafres costumam deixar expostos. A agua que se bebe é de poços, e estes estão circumdados de arrozaes, o que torna as aguas nocivas: removida a causa cessa o effeito. Deve haver aqui um Hospital bem montado, uma boa Botica e Facultativos, tendo em vista que n'esta Villa deve ser o deposito geral dos estabelecimentos do interior.

Commercio.

Este ponto, por todos os lados que se encare, é importantissimo, e muito mais por ser o emporio do commercio do interior; mercadeja em separado para o sertão, e com todos os estabelecimentos centraes. O commercio da escravatura importou-lhe sommas consideraveis; porém estas desappareceram com a mesma facilidade com que se adquiriram, e o paiz ficou pobre, sem braços nem cultura, e os seus moradores, costumados á abundancia, sem trabalharem, perderam o amor a este, e tornaram-se mais infelizes.

O commercio que ora se faz é marfim, ouro e arroz, podendo, aliás, ser consideravel e extensissimo, tanto em rasão do que já existe explorado, como das descobertas que necessariamente se hão de fazer.

Industria.

As commodidades e proporções que esta Villa apresenta, para ser manufactureira e industrial, dão logo na vista: em primeiro logar possue, e vem-lhe de perto, e em grande quantidade, todas as materias primas. O algodão, anil, tabaco, cana de assucar, gommas, ferro, oleos, couros, salitre, optimas madeiras, e muita abundancia de aguas. Deve estabelecer-se a creação de gados de todas as especies, em grande escala, não exceptuando caudelarias, assim como de camelos, que muito facilitará a commodidade dos transportes, porque são incommodos e dispendiosos, por serem feitos ás costas de negros, que têem o habito de dizimarem as cargas sempre que podem.

Marinha e Arsenal.

Esta Villa é um dos pontos que póde fornecer um bom contingente de navios de todos os lotes, tanto por ser logar accommodado para estaleiros, como pela abundancia de optimas madeiras, estopa, ferro e cobre; basta levar para ali artistas capazes para isso, incluindo cordoeiros para manufacturar os optimos linhos. Não só podem saír navios a navegar, como ainda mesmo em peças numeradas e promptas para armar-se em outra parte, e servir de incentivo para o augmento da marinha mercante, pela facilidade, barateza e commodidade com que se podem fazer os navios. A barra é obstruida por um banco de areia, por onde não dá entrada senão em cabeça de aguas vivas, onde então tem tres braças e meia de fundo, ou 25 pés, e é então quando

entram embarcações maiores, posto que com risco. Talvez não houvesse grande difficuldade em remover mais este obstaculo, de que resultariam grandes vantagens, tanto ao commercio, como ao serviço.

Agricultura.

Este districto não é menos rico no reino vegetal, e a sua producção não deixa nada a desejar, apesar de ser o que está em mais abandono. Produz quasi sem industria agricola todas as especies de cereaes, grãos, ou legumes, hortaliças, fructas, etc. Só este districto seria sufficiente para abastar toda a Provincia. Introduzidos que sejam os instrumentos agricolas e o uso de adubar as terras, e com alguma perfeição n'esta materia, deve-se contar côm um resultado seguro. D'este ponto, póde, no fim do segundo anno do seu estabelecimento, exportar-se alguns centos de arrobas de assucar de differentes qualidades, assim como algodão, tabaco, anil e arroz, além de muitos outros objectos commerciaes. Ha tambem umas arvores frondosas e de boa madeira, de troncos mui direitos, a que chamam Panha, que dão umas cabaças cheias de optima sumauma que parece seda.

Fortificação e milicia.

Na hypothese de aproveitar-se a mesma povoação que existe, e estando ella n'uma extensa planicie, bastará para fortifica-la e pô-la a coberto, levantar-lhe algumas baterias, ou reductos. Quanto aos pontos onde devem ser collocados, ao engenheiro d'isso encarregado incumbe o designa-los. A sua força para guarnição não será menos de 25 praças de artilheria, 2 obuzes de 5 ½ pollegadas, 25 praças de cavallaria e 200 de caçadores. Esta força é preciso manter-se em effectividade durante o primeiro anno, e em quanto se não disciplinam os nativos, fortifica o Governo, e emfim, em quanto se não arreigam as reformas que se fizerem; porque no fim d'este prazo já a maior parte da força se póde dispensar, já colonisando-se e passando ao estado de milicias, ou removendo-se para outra parte, ficando todavia no mesmo estado de effectividade a cavallaria e artilheria, cujas armas deverão ser exclusivamente de europeus.

Abertura dos rios.

É do maior interesse desembaraçar os rios e riachos, que são e podem ser navegados, que cortam todo este territorio, pela facil commodidade que dão aos transportes commerciaes do interior. N'estes rios parciaes poucas escavações ha a fazer, e o que mais carecem é limpa-los e desembaraça-los de arvores e troncos que os atravessam e obstruem. O rio Mucâcâmue, que communica de Quilimane com o rico e fertilissimo prazo Luabo, e com o rio Cuama, acha-se tambem obstruido por arvores derribadas, e está no mesmo caso que os acima ditos. O mais importante de todos, e que reclama prompta providencia, é a abertura da boca do rio, isto é, a communicação do rio Zambeze com o rio de Quilimane, cujo entulhamento terá umas tres milhas de extensão, sobre umas oitenta braças de largura, mas de areia solta: esta communicação começa no sitio Mazáro, e n'uma grande curva que o rio ali faz. No tempo das cheias, regularmente Janeiro e Fevereiro, as aguas rompem este dique, e torna-se então franca e navegavel a sua passagem; e á proporção que ellas vão entrando no seu leito, vão-se acumulando as areias até que de todo fecham a passagem, e fica a agua a babujar, mas seguindo a corrente na curva que faz o rio. A melhor epoca para esta obra, segundo o meu sentir, é quando o rio começa a empobrecer, de Maio até Outubro, e então conseguindo-se pelo meio de escavação fazer passar as aguas n'esta quadra, não se precisam maiores despezas para conserva-lo em estado navegavel. A exigencia d'esta obra é de um interesse tão palpavel e de tanta vantagem, que as mercadorias e mais objectos embarcados em Quilimane vão a Sena e Tete sem ter que fazer desembarques em parte alguma. Esta é a obra, d'este genero, de mais circumstancia que ha a fazer n'este districto, porque todos os mais encanamentos são de pouca despeza e de muito interesse. O interessante rio Xire ainda até hoje não foi explorado, o que muito conviria.

De Quilimane para Sena transita-se por territorio portuguez, porém com grande incommodo, difficuldade e despeza, por ser ás costas de negros e por trilhos. Convém abrir uma estrada até ao Mazáro, e em distancias proporcionadas estabelecer casas de posta, e com bois, ou cavalgaduras, mas talvez que mais conviesse aquelle gado em carros. No sitio onde termina a estrada, estabelecer-se uma boa barca para atravessar o rio, e no sitio fronteiro do desembarque a continuação da estrada até Sena, e com os mesmos meios de transporte. Parecerá á primeira vista, que serão precisos grandes fundos para montar este estabelecimento, mas note-se que um boi pode custar, o maximo, cinco duros, 4$500 réis fortes, e o sustento nada, e os braços pretos empregados fazem cada um a despeza diaria de 25 réis para andarem bem manti-

dos; mas tudo isto é ao principio, porque depois cultivam para seu sustento, e mesmo devem haver sobras. As despezas de transportes são excessivas e com muito incommodo, e com as providencias indicadas, o viajante gastando metade terá commodidade e segurança, e a empreza terá grandes lucros. Toda esta extensão de terreno é fertilissimo, e por isso crescendo em população augmentarão os meios de transporte.

VILLA DE SENA.

A Villa de Sena é importante pela sua posição central, e pela riqueza de seus prazos, sendo os mais rendosos de toda a Provincia: hoje estão desertos e invadidos, mas com facilidade entram outra vez em obediencia. Primeiro que tudo convém começar pela colonisação, e com ella as estradas e os meios apontados de communicação; e então este districto indemnisará com generosidade em interesses agricolas e commerciaes.

Systema sanitario.

Talvez conviesse mais reedificar a Villa de Sena um pouco mais ao poente, apoiando-a com a serra Bára-muana, mas o que não entra em duvida, é que jazendo n'uma baixa, torneada por terreno elevado, e este coberto de bosques e florestas infestadas de feras, e pouco ou nada ventiladas, seja uma causa essencial da sua insalubridade: por conseguinte, cortados os bosques e cultivados, será talvez bastante para melhorar o clima. É indispensavel uma botica e facultativo.

Commercio.

É essencialmente pelo commercio que a Villa de Sena póde prosperar, porque é o centro do Borovo, do Bárue, e da Manica, sendo os prazos Gorongoza e Cheringoma o interposto d'elle, concorrendo com profusão, ouro, marfim, cêra, mel e gado. O sal é um objecto de grande commercio, e que se importa para exportar para o sertão. Ha um objecto de que se não faz caso, e está em desprezo, e vem a ser os dentes e azeite de hippopotamo. Convem estabelecer aqui uma Feitoria bem provida de todos os generos de extracção, da fórma que fica indicada no commercio das ilhas de Ibo.

Industria.

Julgo que a não ser pelo lado agricola, não haverá a esperar grandes cousas da industria d'este ponto; todavia a experiencia poderá mostrar o contrario.

Agricultura.

É tambem n'este ramo que o districto d'esta Villa póde tambem florecer pela sua fertilidade, e além dos cereaes, grãos, legumes, oleos, etc., para consumo do paiz, póde fornecer com abundancia, café, assucar, algodão, anil, tabaco, mandioca, além de outros objectos que a experiencia mostrará a sua utilidade e interesse.

Fortificação e Milicia.

A fortificação d'este districto, á vista da colonisação é que se poderá determinar: quanto á guarnição para sua defeza, e para pô-la a coberto, e em respeito, serão sufficientes 25 praças de artilheria, 25 de cavallaria e 200 de caçadores. Talvez seja preciso empregar esta força no principio do estabelecimento até que seja conhecida, e o territorio posto em sujeição, e então póde diminuir-se, ficando composta de nativos disciplinados, devendo comtudo ficar em effectividade a artilheria e cavallaria, que deverão ser europeus.

Manica.

Partindo da Villa de Sena para o poente, além dos caminhos parciaes para todos os prazos, convem abrir uma estrada geral de communicação com a Manica, estabelecimento este que nos pertence, e que abandonámos em 1838 ou 1839, por não termos forças para resistir á invasão dos cafres Vatuas. Este ponto é de maior interesse, por ser mui abundante em ouro, marfim e gado, e deve sê-lo tambem em pedras preciosas e outros mineraes, havendo exploração.

Aqui só devemos ter por ora uma pequena povoação, onde haja uma Feitoria bem fornecida de todos os effeitos de extracção para o commercio, que deverá ser apoiada por uma força de 10 praças de artilheria com duas bocas de fogo de campanha, e 160 praças de caçadores. Estabelecer-se em determinadas distancias os meios de transportes já notados. Tanto este estabelecimento como o do Zumbo devem ter um regulamento commercial, e que deve ser observado restrictamente, aliás pelas ambições e rivalidades de interesses perde-se o seu commercio, como tem acontecido sempre. São estes dois estabelecimentos, que especialmente precisam de um regulamento peculiar, por serem pontos destacados, e unicamente commerciaes.

TETE.

Da Villa de Sena, rio acima, vae-se a Tete: como temos que transitar pelos prazos, convem abrir a estrada entre estas duas Villas, e os mesmos meios de transporte. No Záro, ou Mazáro, isto é, começo da Lupáta, deve estabelecer-se uma barca para atravessar o Zambeze, assim como no rio Revugo, quasi fronteiro a Tete, e o mesmo na Villa para passar o dito Zambeze. A estrada vem de Sena ao Záro pela margem poente do rio, e atravessa embarcando para o nascente, e andando por esta parte atravessa a serra Caverantenga (que é a que fórma a Lupáta), e continua a transitar pelos prazos da coròa pertencentes ao districto de Tete, até chegar ao Matundo, em que torna a passar o Zambeze, desembarcando na Villa de Tete.

VILLA DE TETE.

Esta villa está assentada em terreno elevado, e fragoso; convém povoa-la e abrir estradas de communicação. É importantissima não so pela sua salubridade, como pela abundancia dos seus productos naturaes, especialmente na parte mineralogica.

Systema sanitario.

Tanto na Villa como em todo o seu districto, o clima é dos melhores da Provincia; todavia muito convirá aperfeiçoa-lo por meio de uma escrupulosa policia, limpando-lhe as florestas, vigiando no enterramento dos cadaveres, etc.

Commercio.

O commercio d'esta Villa foi extenso, e mui lucrativo; mas hoje, como tudo quanto é nosso, tem caido em decadencia, e está reduzido a nada. Não é difficil o seu restabelecimento, começando por promover o resgate do ouro dos Muzuzuros e Mixonga e dando impulso fiscalisando os Bares da Maxinga, Xindundo, Capáta, Jássa, Mano, etc. Explorar com toda a attenção o interessante riacho Mússupuze, que corre entre serras no territorio Marave, e proximo ao Mano; este riacho é riquissimo em mineralogia; ahi apanhei palhetas de ouro, pequenas esmeraldas e rubins, e as suas quinas, ou arestas não estavam gastas, o que prova que não vem de longe, mas a falta de conhecimentos, fez com que não podesse distinguir outras preciosidades naturaes. Todos os logares acima referidos, não só são interessantes pelas preciosidades que em si contêem, mas por serem pontos commerciaes, estabelecendo-se ali feitorias bem providas para commutação de marfim, dentes de hippopotamo, etc., com todo o sertão. Sendo esta região montanhosa, está claro, que os fragmentos preciosos acima notados, e que se encontram com profusão, são levados pelas enxurradas das vertentes das serras. Este districto é um dos mais ricos em mineralogia, e este objecto não é para desprezar, mesmo porque desde o seu começo póde dar grandes lucros.

Industria.

É n'este districto que convem estabelecer os principaes engenhos de assucar de mandioca, prensas para enfardar algodão, e alambiques; mas tudo em grande escala. A muita profusão que ha de linhos, tanto dos mais ordinarios para cordoaria, como dos mais finos para tecidos, merecem não menos attenção, para o que é mister conduzir para ali artistas proprios, ou sómente para porem estes linhos em estado de serem fiados, e assim serem conduzidos para outra parte, ou estabelecer juntamente officinas para manufactura-los. Este ramo póde ser elevado a grande escala, mesmo desde o seu começo. O ferro é em tanta abundancia, que não ha receio de extingui-lo, e a sua qualidade é tal, que em quente é maleavel como chumbo, e em frio é rijo como aço, e é do que os cafres se servem para as suas ferramentas, armas, etc. Este ramo de industria deve ser mui interessante, creando-se uma boa fabrica e fundição, tanto de obras, como para barras de todas as dimensões com que este util metal costuma andar no commercio, e assim ser exportado; pois ha aqui todas as proporções, mesmo em attenção ás ricas e extensas minas de carvão mineral, que começam no prazo Inhamacaza, quasi na margem do rio Revugo. Não será fóra de proposito o estabelecimento de um lagar e um moinho.

Navegação.

Estando a Villa de Tete edificada na margem do rio Zambeze, que pela commodidade, economia e facilidade de transportes, deve ser navegado a vapor, é por isso que n'este ponto devem estar as principaes officinas e aprestos para elles, e mesmo porque tem á mão todos os materiaes para isso, tanto de combustivel, como de construcção e reparos.

Agricultura.

A agricultura n'este districto póde tomar um logar distincto, e florescer. Conviria em primeiro logar crear-se uma fazenda modelo, na qual se aclimatassem todos os vegetaes

exoticos que se julgassem de utilidade, e onde se ensinasse a industria agraria, e o uso dos seus instrumentos, que são ali totalmente desconhecidos. Este clima é o mais proprio para isso. Hortaliças não as ha melhores nem mais saborosas. O anil cresce espontaneamente muito viçoso e alto. O algodão está no mesmo caso, e conhecem-se tres especies, uma chamada Cafreal, é trigueiro mas com a fevera mui forte, este, especialmente, cresce em toda a parte, e sem cultura; outra é o herbaceo, é um pouco mais claro, e a terceira é chamado do Brasil, cresce muito e dá muito, é bastante alvo, mas a fevera não é tão forte: a industria saberá convenientemente empregar todas as especies. O café dá-se excellentemente, e sitios ha onde é mato como no prazo Domue, que por superstição não o colhem. O tabaco passa por ser o melhor de toda a Provincia. A cana de assucar é de uma abundancia excessiva. Em uma palavra, nada deixa a desejar este districto; só carece facilidade de exportação, e animar-se pelo meio da população.

Fortificação e Milicia.

A fortificação e milicia d'este districto deve conservar-se sempre respeitavel em rasão da visinhança do Monomotapa, com a população e reforma pouco haverá a receiar d'este potentado, mas convem conte-lo em respeito. Á vista do risco que tomar a Villa se fará a sua fortificação. Para a sua guarnição serão bastantes 25 praças de artilheria e 200 de caçadores, em rasão do terreno ser geralmente montanhoso e coberto de bosques. Com facilidade se acham n'este districto bons soldados, quando sejam disciplinados. Devem permanecer em rios de Sena um engenheiro e dois naturalistas.

Abertura e navegação dos rios.

Tanto o rio Zambeze, onde todos vem desaguar, como esses mesmos que ramificam para o interior, podem ser navegados por maiores, ou menores embarcações, sendo por isso de maior conveniencia propagar os vapores o mais possivel, tanto pela facilidade do combustivel, como por ser por meio d'esta navegação que se póde tirar mais vantagem da velocidade das correntes dos mesmos rios, e poder-se entrar mais pelo sertão, e com menos despeza, e commodidade pelos rios Xire, Aruenba, Revugo, Aruangoa, e outros muitos que se frequentarem. Convem remover um pequeno obstaculo que veda a navegação pelo Zambeze de Tete para o Zumbo, como adiante se verá.

Tete para Zumbo.

O Zumbo foi um estabelecimento que muito floresceu pelo seu commercio, mas hoje está abandonado pelo mesmo motivo porque o está a Manica. Precisa-se em primeiro logar, fazer desapparecer uns fragmentos de rocha que n'um curto espaço embaraçam a navegação, tomando toda a largura do rio apparecendo fóra de agua as pontas das pedras, mas em pouca profundidade de agua. Tornar-se novamente a occupar o Zumbo, que é de summa importancia pelo seu lucrativo commercio de ouro, marfim, e gados, mas da mesma fórma organisado, como na Manica, e deve ser apoiado por uma força de 10 praças de artilheria com duas bocas de fogo de campanha, e 160 praças de caçadores. Muito conviria formar um estabelecimento na Chicova, por ser ponto intermedio entre Tete e Zumbo, e por distar um do outro 120 leguas, e por isso este ponto deve ser aproveitado, tanto para deposito, como ainda mesmo para commercio, e mineralogia; todavia este objecto é secundario, e só depois de tudo estar em estado normal. O estabelecimento do Zumbo é da maior importancia, e o não estarmos hoje occupando-o é pela falta total de gente.

(Continúa.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

MEMORIA

SOBRE

UM SYSTEMA PARA AS COLONIAS PORTUGUEZAS

Pelo Sr. A. C. Pedroso Gamitto.

(Continuado de pag 68)

Rios de Sena para Sofala.

Tanto de Sena como de Quilimane convem uma frequencia activa com Sofala, abrindo-se as estradas d'estes dois pontos, collocando pontes e barcas nos rios, e estabelecendo todos os meios de transito. A visinhança d'estes estabelecimentos, e a sua importancia recíproca, demandam a frequencia da communicação, e por isso augmentarão os seus interesses commerciaes, agricolas e industriaes, que infallivelmente se desenvolverão.

SOFALA.

Sofala, esta rica possessão onde os nossos maiores primeiro se estabeleceram, hoje acha-se reduzida a nada: com quanto não seja tão extensa como a de Rios de Sena, é comtudo a immediata em superficie, e em nada lhe cede em fertilidade, riqueza e salubridade. A sua povoação, sendo hoje zero, é por isso mesmo que com mais facilidade e vantagem se póde formar, porque não ha a luctar com vicios arreigados n'um povo antigo. Além da estrada geral que se deve abrir para Inhambane, é de todo o interesse abrir outras parciaes para todos os prazos do territorio portuguez.

Systema sanitario.

O local onde hoje está a fortaleza, e proximo a ella algumas palhoças a que chamam Villa, está entre dois riachos de agua salgada; um d'elles do poente fica sêcco em todos os refluxos da maré, e o do nascente fica sempre com alguma agua, ainda mesmo na baixa-mar da lua; além d'isso a povoação fica sempre cercada até grande distancia d'um terreno alagado de agua salgada estagnada, e de densos bosques de mangue. Em primeiro logar a Villa deve formar-se no sitio chamado Mahôto, por ser elevado e sêcco, e com todas as proporções para uma boa povoação, e não dista mais de meia legua da antiga. Este onde hoje está deve ser conservado simplesmente para canteiro, fabrico de navios e officinas fabrís. O clima é sadio, e póde tornar-se muito melhor com uma policia bem dirigida. Carece um hospital, botica e facultativo.

Commercio.

O commercio d'esta possessão deve ser importantissimo; porque abrange ouro, marfim, dentes de hippopotamo, aljofares, ambar, cobre, ferro, salitre, vermelhão ou almagre, breu, cera, maná, gados, especialmente vaccum, pedras jaspe, cristaes e preciosas, havendo exploração, muita variedade de linhos, e alguns ha que não cedem em qualidade aos da Europa pela sua alvura e finura natural, e estopas para calafetos. A mafurra, materia oleosa e como sebo, mas sem mau cheiro, deve ser magnifica para as artes, serve tambem para luzes; é tirada com abundancia do caroço de uma fructa de que ha muita. Abunda em vegetaes de que se extrahe bom azeite, bem como em algodão, anil, cana de assucar, café, tabaco, gomma elastica, etc. Todos estes objectos que apparecem nas mãos dos Cafres como amostras, podem levar-se a grande escala. As muitas e optimas madeiras devem merecer igual attenção, tanto para construcção naval, como civil e marceneria. Em consequencia do referido convem promover este commercio e explorar todos os objectos indicados no nosso territorio, fazendo cultiva-los, e ensinando a fórma mais conveniente de entrarem no commercio; feito isto, curar então no de fóra como Quiteve, ilhas de Bazaruto, etc. Deve estabelecer-se aqui uma Feitoria bem provida de todos os effeitos commerciaes da fórma já indicada.

Industria.

Tambem não deve merecer menos consideração pela parte industrial, porque sendo a natureza tão prodiga e rica em todos os seus productos, podem muitos d'elles saír de Sofala com grande augmento de valor, sendo levados pela industria ao estado de serem empregados immediatamente no consumo. É indispensavel um lagar, e um moinho, assim como engenhos para assucar e alambiques. Ao sul de Sofala, mas em terreno portuguez, jaz uma extensa planicie por onde não transitam senão de noite: este terreno é alagado pelas aguas do mar em todas as marés de lua, e tem-se cristalisado ali sal de fórma que a sua superficie tem formado uma crusta de algumas pollegadas de grossura, e por isso torna o transito muito incommodo e penoso de dia pelos reflexos do sol. Esta salina, feita só pela natureza, é bastante para fornecer toda esta região.

Marinha e Arsenal.

A fortaleza, com a denominação de S. Caetano, está edificada na extremidade Sul da povoação, sobranceira ao rio chamado da Quissanga, com um espaço que póde conter para mais de cem navios de todos os portes. Este Quissanga recebe a agua do rio que faz o porto, por uma bôca que apenas terá umas 40 ou 50 braças. Este espaço com pouco dispendio, proporcionalmente, póde tornar-se a melhor doca de Portugal, tanto por estar ao abrigo de todos os ventos, como por estar formada por si. No local que hoje occupa a chamada Villa, até á fortaleza, devem estabelecer-se edificios, barracões, com todo o trem necessario de construcção, fundição, cordoaria, e mais officinas navaes; por que póde ser elevado a tal escala, que seja um dos que mais concorra para o restabelecimento da marinha portugueza. Convem melhorar a barra, que, como a de Quilimane, está obstruida, mas em baixa-mar de aguas de lua, deixa descobertos uma grande parte dos seus alfaques, e talvez por isso seja mais facil este trabalho.

Agricultura.

Não é de menos importancia a agricultura, porque sendo todo este territorio fecundissimo, e a tal ponto que produz todos os generos, não só dos Tropicos, como ainda mesmo exoticos, e sem outro beneficio do que a natureza, assim mesmo com boas producções, e optimas qualidades. Deve crear-se uma fazenda modelo como a de Tete, tanto para naturalisar as plantas que mais convenha propagar, como para habituar e ensinar os povos a aperfeiçoar a agricultura com os instrumentos proprios, e emprego do gado. Deve estabelecer-se aqui uma caudelaria. A planicie chamada Langua das Cerimonias, no prazo Chiparo, é de tal extensão que parece o Oceano, sem arvore alguma, e apenas no centro com algumas de ébano, mas mui pequenas: não costumam transitar por ella senão de noite por causa do sol. Na estação invernosa costuma ser parte d'ella inundada pelo rio Buzio que sáe do seu leito, e lança as suas aguas a grande extensão, mas com pouca altura. Este vasto terreno está sempre de baldio, e totalmente inculto, pascendo grandes rebanhos de ruminantes selvagens de todas as especies. Basta ver-se o que fica dito para conhecer-se o grande interesse que póde dar este terreno, tanto em cultura, como em pastagens ao mesmo tempo. Ha muitas outras planicies, posto que de menos extensão, todavia de igual qualidade, e da mesma fórma em baldio, porque os Cafres não gostam de cultivar senão entre mato.

Fortificação e Milicia.

Não me é possivel determinar a fortificação d'este ponto, e ao engenheiro incumbido de formar a nova povoação, e á vista d'ella, pertence cobri-la convenientemente. Quanto á sua guarnição serão sufficientes 25 praças de artilheria, com um obuz de 5 ½ pollegadas, 50 praças de cavallaria, 100 de caçadores, e 100 de infanteria. Esta força não é grande em rasão de ter que cobrir um terreno bastante extenso: devem permanecer aqui um engenheiro, e dois naturalistas, mais habeis especialmente em mineralogia e botanica. É com a mais saudosa recordação que fallo na milicia de Sofala; estes soldados sem disciplina, nem tactica, em 1836 succumbiram todos em torno do seu chefe, o Capitão-Mór das terras da corôa José Marques da Costa, que tendo comsigo quarenta e tantos d'estes valentes, foram accommettidos por 10 a 12 mil Vatuas; succumbiram, nem podia deixar de ser; mas estavam todos em circulo rodeados de cadaveres dos barbaros, e á maior parte das armas foi preciso tirar as bayonetas dos corpos dos inimigos atravessados. Estes valentes soldados, não teriam acabado se fossem bem commandados; porque a sua perda procedeu da sua múita bravura, porque a não ser ella, poderiam ter evitado um combate tão desigual, e retirar-se para a praça, onde eu com 12 recrutas defendi a povoação d'essa mesma multidão, que soffreu grande perda. Faço esta referencia por ser um acto de justiça, e para que se conheça, que os soldados d'esta parte são dos melhores da provincia.

Abertura e navegação dos rios.

Este districto tambem não cede aos mais em ser cortado de rios, que podem ser navegados por maiores, ou menores embarcações, que muito facilitarão o commercio. Necessariamente precisarão de limpeza para mais facilidade da navegação; mas estas obras não são de grande despeza.

Sofala para Inhambane.

Saíndo de Sofala para o Sul, convem abrir a estrada até ao prazo Mambóne, um dos mais extensos e rendosos que tem o districto de Sofala. Até aos limites d'este prazo devem estabelecer-se tres pontos, não só para commodidade do transito, mas ainda mesmo para o commercio, sendo um dos principaes defronte da ilha de Chiluane, que é nossa, e importante pela creação de gados que se dão ali mui bem. Saindo d'este prazo, estrada para Inhambane, um dos pontos deve ser defronte das ilhas de Bazaruto, que apenas estão afastadas do continente algumas braças. A importancia d'estas pequenas ilhas é consideravel, pela sua abundancia de aljofares, perolas, e tartaruga, devendo ser protegidas por uma chalupa ou lancha canhoneira. Esta paragem, além dos artigos mencionados, é de muito interesse pela commutação de marfim e cera, que ahi concorre.

INHAMBANE.

O ponto de Inhambane é importante, tanto na parte commercial, como na agricola, tendo a vantagem de ser porto de mar, e o seu territorio cortado de rios. A sua população está a par das mais, e por isso o systema de colonisação deve ser o mesmo já indicado; o seu territorio sendo o penultimo em extensão, é comtudo consideravel. Convem abrir estradas parciaes para os prazos.

Systema sanitario.

Este estabelecimento está assentado em chão apaulado e alagadiço, coberto de bosques e arvoredos; não obstante é saudavel, isto é, não mui doentio, o que mostra que melhorando-lhe o terreno, seccando-lhe os pantanos, e arejando-lhe o solo, junto a uma policia bem dirigida, ficaria a par dos mais salubres. Convem estabelecer hospital, botica e facultativo.

Commercio.

O commercio é um dos ramos principaes que deve fazer florescer este ponto em grande escala, principalmente em cobre, marfim, dentes de hippopotamo, cera, mafurra, e um outro azeite que póde competir com o de azeitona. Deve estabelecer-se aqui uma Feitoria bem provida, e da mesma fórma já indicada. Ainda hoje existe aqui um estabelecimento monopolista com a denominação de companhia, como se verá chegando a Lourenço Marques.

Industria.

Não julgo este ponto proprio para estabelecimentos industriaes, todavia a experiencia talvez mostre o contrario. Não se deve entender com a industria agraria, porque essa é essencial. É indispensavel um moinho, e um lagar.

Marinha e Arsenal.

Primeiro que tudo convem desobstruir a barra, que como as mais está empachada por bancos de areia, e esta obra, sendo de grande importancia talvez não seja mui difficil. Abunda em optimas madeiras para construcção naval, civil e marceneria, e muitas proporções para um estaleiro.

Agricultura.

A producção vegetal nada deixa a desejar, e por isso não cede n'esta parte aos pontos mais fecundos, como Tete; e como ali, com as mesmas providencias, dará os mesmos resultados, tendo aqui de mais o arroz, que é mais abundante e saboroso.

Fortificação e Milicia.

Cumpre cobrir a Villa com um ou mais reductos que a ponham em coberto para com os Cafres, e construir uma fortaleza no sitio chamado Linga-Linga na foz do rio, que seja de registo dos navios, e força que defenda a barra. Para guarnecer este districto serão sufficientes 30 praças de artilheria, 50 de cavalleria, 100 de caçadores, e 100 infantes, e um obuz de 5 ½ pollegadas; sendo conveniente ter uma canhoneira, tanto para proteger esta parte da costa, como para auxiliar os mais pontos que o houverem mister.

LOURENÇO MARQUES OU BAHIA DA LAGOA.

De Inhambane para Lourenço Marques deve estabelecer-se uma estrada de communicação; mas esta empreza é um tanto mais difficil, principalmente no principio, e por isso será prudente que se faça depois de organisado o estabelecimento de Lourenço Marques, e ter

adquirido a marcha normal. A sua população deverá ser feita pelo systema indicado.

Systema sanitario.

Este estabelecimento, que ora tem a denominação de presidio, consta de umas 18 palhotas de figura quadrangular, cobertas de colmo, e de umas barracas mal construidas de alvenaria, com a designação de *Feitoria da Companhia Commercial*, mas deshabitadas: em um extremo a beber no rio está um pequeno forte de figura quadrada, mas irregular. Todos estes edificios estão em uma baixa torneada por terreno elevado, mas em escarpa suave. Este logar deve conservar-se para o estabelecimento que passo a indicar; mas a povoação principal deverá ser feita na altura, no sitio Mafumo. A população deve crescer com rapidez, pela gente que é preciso empregar em todos os ramos. Como o territorio que de facto possuimos aqui é limitado, as estradas de communicação se farão á proporção que forem precisas. O clima é sadio e menos mau. Convém haver aqui um bom hospital, uma botica bem provida e facultativo.

Commercio.

O commercio n'este ponto é consideravel, principalmente em marfim, dentes de hippopotamo, e pontas de abada; todavia ha muitos outros objectos que se podem aproveitar com vantagem. É mui abundante de viveres, gado e caça. Em 1824 ou 1825 o Senhor D. João VI concedeu o privilegio exclusivo do commercio do marfim a uma companhia nos dois pontos de Inhambane e Lourenço Marques, obrigando-se ella a condições vantajosas para o paiz; mas logo faltou a todas, começando por associar a si as authoridades superiores da Provincia; e em vez de ser uma companhia commercial e agricola, tornou-se um foco de monopolio e contrabando, aproveitando-se do exclusivo para fazer o commercio da escravatura, e por todos os motivos e abusos, tornou-se tão odiosa ao paiz, que em 1834, foi abolida pela reclamação geral. As pequenas companhias, pelo menos n'esta Provincia, formam-se com facilidade, mas os resultados são pessimos; porque abusando sempre das prerogativas que podem obter, em nada mais curam do que em tirar todos os interesses e por todas as fórmas, sem embaraçar-se nos meios; porque todos acham justos; e tendo sempre receita, no fim somem-se os fundos pelas mãos dos directores, sem se saber como, e acabam sempre sem estrondo nem bulha, definhando gradualmente. A experiencia tem mostrado, que companhias pequenas e parciaes são nocivas, tanto á Colonia como á Fazenda Publica.

Industria.

A industria n'este ponto deve consistir em tudo quanto pertence á navegação. É n'este ponto onde se deve crear a principal caudelaria, assim como todas as especies de gados, mas em grande escala. A pesca das baleias está aqui no mesmo caso, e requer as mesmas providencias que ficam notadas para o Mocambo; bem como a respeito dos saborosos peixes de que abundam estas paragens.

Marinha e Arsenal.

Convem ser aqui o porto principal onde os navios que soffrem no Cabo da Boa Esperança, e que por isso se vêem na precisão de arribar para reparar-se, achem todas as providencias que carecerem, devendo contar-se com lucros certos e infalliveis, tanto pela proximidade em que está d'aquella paragem, como pela segurança e commodidade do porto. É essencial para isso haver aqui um Arsenal muito bem provido, tanto de artifices, como de tudo mais que é mister para a navegação, não exceptuando fundição e cordoaria. Sendo este ponto essencialmente maritimo e commercial, devem promover-se e tratar-se com o maior esmero estes dois ramos tão importantes, e da maior transcendencia. É preciso attender que tanto o districto, como a provincia produz a maior parte dos objectos precisos para fornecimento, tanto d'este, como dos mais arsenaes que se crearem. Convém haver aqui sempre um bom deposito de viveres de todas as especies, para que tem todas as proporções.

Agricultura.

Com quanto não seja de grande extensão o territorio pertencente a este estabelecimento, comtudo, é sufficiente para produzir em demasia para o seu consumo, por muito que cresça em população; tanto pela fertilidade do torrão, como pela benignidade do clima, e não só dá boa producção em individuos dos tropicos, como ainda mesmo dos exoticos.

Fortificação e milicia.

Sendo fundada a povoação da fórma que fica indicada, bastam tres reductos para pô-la a coberto, e a sua guarnição permanente de 30 artilheiros, 50 de cavalleria, 100 infantes e 100 caçadores, e 1 obuz. É indispensavel

o estudar os povos com quem ha a tractar, para poder tirar vantagens. Todos os povos que torneiam este estabelecimento são Olandins, sujeitos inteiramente aos Vatuas: posto que as suas qualidades sociaes em geral sejam selvagens (é forçoso confessar, que os brancos, pelos seus maus exemplos, ambição e injustiças, lhes têem incutido todos os vicios que tem a nossa sociedade), comtudo assim mesmo são melhores do que os outros cafrés do Norte, havendo n'elles uma singularidade que os caracterisa, e vem a ser: odio e vingança implacavel a offensas e injustiças; reconhecimento e gratidão a beneficios; e de tudo isto ha repetidos exemplos. Os Vatuas com quem se está em contacto pelo commercio, são os povos selvagens que conheço com mais virtudes sociaes: odeiam a mentira, são leaes, e é rara a traição praticada por elles. O nosso procedimento e costumes tem destruido parte das boas qualidades d'estes povos, despertando-lhes as más, e de tal fórma que estão sempre prevenidos contra nós; todavia é mui facil perde-las, quando tractem com gente em quem confiem. Estabelecida a segurança physica do territorio, deve desde logo dirigir-se o governo d'elle com a mais escrupulosa rectidão e justiça, para adquirir a confiança, e com ella a força moral, com que se tornará não só authoridade portugueza, mas ainda mesmo cafreal, porque será o arbitro do sertão. Convém estabelecer o costume de fazer respeitar no sertão os tratados de amisade e livre transito aos commerciantes do estabelecimento e ás suas fazendas; porque pelos usos cafreaes, encontrando-se um commerciante no sertão com gente de guerra, posto que amigos ou neutraes, é do estilo ser roubado, sem que por isso haja motivo de questão; porque a gente armada e em marcha tudo lhe é permittido, e por isso muitas vezes está o commercio paralisado muito tempo, por causa de guerras estranhas, e com receio de serem encontrados, ainda mesmo fóra dos dominios de qualquer dos contendores. Este costume é geral em toda esta região oriental.

Territorio em geral.

O que deixo expendido é tão sómente relativo ao territorio que em todos os pontos da provincia oriental nos pertence de facto e direito, e que não temos precisão alguma de alargar; e bom será que prestemos a attenção que merece, porque é esta a possessão que continua a estar no ultimo abandono: ella nos indemnisará com generosidade; e um dia em que a povoação, a agricultura, commercio, industria e navegação, adquiram um grau de desenvolvimento, que precisemos de mais extensão de territorio, póde obter-se este sem injustiças, nem usurpações. É preciso attender que somos ainda uma das nações com mais extensão de terreno colonial, e talvez a primeira pela sua fertilidade e riqueza. A exploração mostrará um dia a evidencia do que deixo expendido.

Governo.

O governo geral da Provincia deverá residir em Moçambique, assim como todas as authoridades superiores, que não serão senão europeus; porém o governo geral do Oriente deverá residir em Gôa, onde deve haver uma direcção immediata á de Lisboa, isto só para poder providenciar de prompto a qualquer occorrencia repentina. O poder supremo da Provincia deverá residir no Governador em conselho, e este deverá ser composto, d'elle como presidente, do chefe da magistratura, do commandante da força armada, que todos serão da approvação do Rei; do chefe da administração da Fazenda, que será o procurador d'ella, e dos primeiros dois directores da companhia, que tanto aquelle, como estes serão directamente nomeados por ella. O systema por que são governadas as colonias inglezas, tanto as que estão debaixo da administração da companhia da India, como immediatamente do Rei, é bem conhecido, e por isso omitto o que se segue a este respeito, podendo modificar-se segundo as nossas leis e usos. Não se deve perder de vista o ter sempre prevenida a successão, e sempre em europeus, na falta do Governador, e assim mesmo das mais authoridades. Tanto aquelle, como estas não terão tempo determinado; mas estarão em quanto servirem bem, ou até pedirem rendimento. Quando forem rendidos entregarão ao seu successor um relatorio em que circumstanciadamente mostrem, tanto a politica e systema, com que governaram, como as providencias que deram, as que deixam em começo, e mesmo em projecto, e tudo mais que for tendente a esclarece-lo e instrui-lo na marcha governativa; e o mesmo praticarão todas as primeiras authoridades da Provincia. De fórma alguma, nem debaixo de pretexto algum, serão admittidas juntas governativas, nem governos provisorios, como o peior de todos os systemas, e o que mais desmoralisa e arruina as colonias.

Governos subalternos.

Quilimane e rios de Sena formarão um governo, que deverá ser dirigido por um Gover-

nador europeu, sem designação de capital, podendo residir em qualquer das Villas, como melhor convier ao serviço. A sua marcha governativa terá por base as instrucções que receber do Governador geral da Provincia; comtudo em cada uma das Villas haverá um conselho composto das authoridades locaes, para deliberarem sobre qualquer occorrencia extraordinaria durante a sua ausencia; todavia dando-lhe immediatamente parte, e cessando-lhe todas as funcções e poderes governativos logo que elle chegar; não obstante poderá ser convocado por elle, todas as vezes que o julgar a proposito, mas com voto consultivo. Sofala, Inhambane e Lourenço Marques, constituirão um governo, sem permanencia constante, mas residindo ora n'um, ora n'outro d'estes pontos, e tendo para isso uma embarcação escuteira sempre ás suas ordens. Em cada uma das Villas haverá um commandante militar que presidirá ao conselho, que como o de Rios de Sena será composto pelas authoridades locaes. Em todos os pontos subalternos ha um Feitor da Fazenda Nacional; este emprego deverá continuar, porém deverá ser o director e procurador da Fazenda, e bom seria que fosse formado. Segundo o que fica dito, restabelecidos os Juizes de Fóra, em cada Villa deverá haver um. Deve entender-se que todos os logares publicos deverão ser occupados unicamente por europeus. Todas as freguezias, que pela maior parte estão vagas, devem ser preenchidas por ecclesiasticos; mas de boa vida, costumes e instrucção, tendo a seu cargo, como clausula, o ensino primario.

Politica.

Como a população é limitadissima, sem transgredir a lei, seria de grande vantagem a suspensão da representação nacional, em quanto não tiver o numero sufficiente de fogos e eleitores, e adquirir a civilisação precisa para isso: durante este tempo presidir o Governador geral a uma assembléa composta de membros escolhidos entre os notaveis de todos os pontos da Provincia, sendo sempre a maioria de europeus, com completa exclusão dos asiaticos nas provincias Africanas: a esta junta ser incumbida a formação das leis, e regulamentos peculiares da provincia, tendo comtudo de vir receber o beneplacito á Metropole; mas ficando em execução depois de deliberadas lá, cabendo a responsabilidade dos maus resultados aos membros da referida junta. A nomeação de todas as authoridades e empregados das colonias só recairá em europeus, e sem tempo determinado, mas em quanto bem servirem, e com ordenados com que possam manter uma independencia decente. Logo que as authoridades chegarem ás colonias, serão totalmente estranhas a qualquer partido que haja em Portugal, muito embora seja o dominante; e o que devem seguir invariavelmente é a execução das ordens, regulamentos, etc.; e mesmo não darão nunca occasião a conversas publicas tendentes a politica, e em uma palavra, sejam quaes forem as suas opiniões politicas, jámais as manifestarão em quanto estiverem em territorio colonial. Todos os Governadores devem exigir dos regulos a entrega de todos os individuos que fugirem para as suas terras; a segurança do transito aos nossos sertanejos por ellas, impondo-lhes a maior responsabilidade, e castigando com promptidão os que faltarem a isso; bem como aos que forem nossos amigos e affectos toda a protecção, dando-lhes por isso estabilidade e força contra a ambição de seus inimigos, sendo elles tambem obrigados a conservar as estradas, pontes, barcas, etc., que tiverem nos seus districtos, em bom estado. Estas circumstancias são do maior interesse. Todas as authoridades devem dar-se ao respeito o mais que for possivel; a par do muito respeito, devem manter uma escrupulosa justiça e rectidão. Ora, a causa do que fica dito, é porque uma grande parte d'aquelles habitantes, tendo saido de uma baixa esphera e sem principios, nem educação, desconhecem totalmente o equilibrio que é mister haver na sociedade entre as jerarchias de que é composta; e como lhes faltam todos os principios, sem reflexão alguma attribuem a mais pequena familiaridade e deferencia a um dever, a que tem jus pelas suas graduações e teres, que geralmente são obtidos ob e subrepticiamente, commettendo a cada instante grosserias; e quando lhes quizerem dar o remedio já é tarde, de que nasce muita desordem, pela competencia que querem ter uns com outros, mettendo as mesmas authoridades n'um labyrintho de intrigas, o que se evita dando-lhe o remedio logo de principio. É preciso que as authoridades tenham bastante prudencia em qualquer medida que dependa de segredo concernente ao sertão; porque a maior parte dos moradores estão interessados com os regulos por differentes motivos; e por isso nada se faz ou projecta fazer, que não sejam logo avisados; de que resulta sempre mau exito pela prevenção. Sendo a religião a base d'onde deve dimanar a politica e a civilisação de um povo, é um axioma, que onde ella falta, existe a barbaridade e crueldade. Partindo d'este principio é indispensavel estabelecer nas nossas colonias missões, ensinando o Evangelho por meio de missionarios expedidos para differentes partes do sertão,

em que não ha perigo algum, e apenas alguns incommodos; adquirindo-se por isso a vantagem de civilisar e adoçar os costumes dos selvagens. Os individuos a isso destinados deverão primeiro aprender a lingua cafreal, que é mui facil, e se consegue em pouco tempo.

Systema de Fazenda.

A pratica até hoje seguida na administração da Fazenda é, na capital, todas as despezas serem feitas em moeda cunhada, e assim mesmo todas as transacções com os cofres publicos, e é 150 por ₀⁄₀ mais fraca do que a de Portugal; mas em todos os outros pontos da Provincia são feitas em fazendas. Este systema não tem de mau senão a má fé da operação, porque depois de a Fazenda Publica ter soffrido dilapidações dos seus fiscaes com a compra das fazendas, o são igualmente os que as recebem, tanto pela sua má qualidade, como no valor intrinseco, e sobre tudo pela troca das sorteações, mandando para uns portos o que não corre n'elles, ou corre com depreciação, e trocando assim as remessas. Ha dois meios de regular este importante ramo de serviço publico. O 1.º, é pagar geralmente em toda a parte aos empregados em moeda cunhada. O 2.º é o até hoje seguido, isto é, mandando-se da capital o fornecimento em fazendas para as despezas dos portos, e estabelecimentos subalternos, quer sejam de industria colonial, quer comprados em hasta publica, como se pratica; mas tanto esta compra, como a remessa deverá ser feita com audiencia de uma commissão composta de individuos que tenham bastante pratica, e conhecimento de cada um dos pontos para onde hão de ser remettidos, e pelo mesmo valor intrinseco, que lá tiverem. Em quanto não tivermos fabricas coloniaes, e que cheguem para fornecimento dos portos, é necessario compra-las em hasta publica. O primeiro systema seria o melhor em attenção a haver ouro, que se exporta em pó como mercadoria, o cobre que só os Cafres empregam, e por isso talvez conviesse estabelecer uma officina na capital, e unicamente ali, para cunhar moeda: esta providencia daria muito interesse, e recursos proporcionando mais meios de circulação, todavia talvez que este systema por em quanto não seja tão exequivel como parece, porque tem muitos inconvenientes, e por isso requer muita prudencia, e meditação pratica para este ensaio.

Duas palavras sobre Prazos.

Os territorios de Quilimane, Sena, Tete, Sofala e Inhambane são divididos em prazos, que são dados em sesmarias por tres vidas. A sua instituição foi com vistas de povoar a Africa de raça portugueza, e recompensar serviços, e por isso as mercês eram feitas a filhas ou viuvas de officiaes europeus: este costume caducou, e os prazos principiaram a andar em almoeda, sendo dados a quem mais dava por elles. Os prazos devem ser todos chamados ao Governo, e proceder-se a uma demarcação exacta em todos elles. * As mercês que se fizerem de qualquer porção de terreno, só terão logar como recompensa de serviços prestados, ou para estabelecimentos industriaes, continuando a pagar foros e dizimos, como até agora, mas em especies dos seus productos; e não serão por vidas, mas por direito de successão, não podendo comtudo serem alienados por pretexto algum, pertencendo, como é de justiça, ao Governo, o direito de directo senhor. D'esta fórma estes terrenos serão bemfeitorisados como propriedade, e por conseguinte ao foreiro muito lhe convirá que ella augmente em rendimento e producção; e mesmo porque deverá ter por condição, que quando o terréno peiore, a não ser por motivo justificado, voltar ao senhor directo para ser dado a quem melhor o trate. Este esboço parece-me que será bastante para dar idéa, e servir de base ao que pertence a este objecto, que é de muita circumstancia.

Conclusão.

Em todos os nossos estabelecimentos em que hajam freguezias, deve ser incumbido aos parochos o ensino primario.

Em todos os estabelecimentos, á excepção da capital, onde houverem boticas, devem ser os mesmos facultativos que componham os remedios.

É essencial a remessa de artilheria de differentes calibres, tanto de muralha como de campanha, para guarnecer as fortificações, porque alguma que ainda por lá existe está em pessimo estado. Seria de um interesse incalculavel o mandar ir da Asia, ou de outra qualquer parte, ainda que com grande despeza, homens habeis para domesticar elefantes, o que será de um valor extraordinario em todos os sentidos. Eis em resumo o que me parece essencial para tirar estas possessões do estado de nullidade em que jazem, e pol-as em estado de dar-nos os recursos de que tanto carecemos, e que só n'ellas podemos encontrar. Oxalá que este pequeno trabalho mereça in-

* Tenho á vista o *Diccionario Geographico das Possessões Portuguezas do Ultramar;* está muito bom e o mais exacto que tenho visto, menos a demarcação dos prazos, que é imaginaria. *(Do auctor.)*

teresse, ache favoravel acolhimento, e desperte o lethargo dos nossos politicos de theorias: muito embora não se adoptem estas idéas, ao menos haja alguma cousa que melhore o nosso estado. Quer de uma, quer de outra fórma, resta-me para recompensar-me, a intenção com que desejo ser util á minha patria, sem outras vistas que não sejam ella.

Depois de concluido este pequeno trabalho, consultei alguns escriptos a que me apoiasse com mais segurança, e entre elles vi a—*Noticia do estado do commercio de Portugal com as suas possessões ultramarinas*—pelo socio e vice-secretario da Associação Maritima e Colonial, o sr. Tavares de Macedo: á vista do que tão judiciosamente ali se acha expendido, fiquei desanimado, porque nem de longe o pude imitar; mas já não me cabia no possivel deixar de concluir, e por isso remetto o leitor que quizer estudar esta interessante materia, áquella noticia, onde achará bem escripto, o que não encontra aqui senão mal alinhavado.

Na memoria estatistica do sr. Sebastião Xavier Botelho, adiante do commercio de Moçambique, achará o leitor uma relação circumstanciada dos effeitos de extracção d'aquella parte da Africa, com toda a exactidão.

Resumo da força precisa para guarnecer a Colonia Oriental d'Africa.

LOCALIDADE DOS QUARTEIS	ARMAS				SOMMA	OBSERVAÇÕES
	ARTILHERIA	CAVALLARIA	CAÇADORES	INFANTERIA		
Moçambique	100	»	415	415	930	
Ilhas do Ibo	30	»	»	140	170	
Quilimane	25	25	200	»	250	2 obuzes de 5 e meia polleg.
Sena	25	25	200	»	250	
Manica	10	»	160	»	170	2 bôcas de fogo de campanha.
Tete	25	»	200	»	225	
Zumbo	10	»	160	»	170	2 bôcas de fogo de campanha.
Sofala	25	50	100	100	275	1 obuz de 5 e meia pollegada
Inhambane	30	50	100	100	280	Idem.
Lourenço Marques	30	50	100	100	280	Idem.
Total	310	200	1635	855	3000	

Disciplinar os nativos, e, com officiaes europeus, metter esta milicia em serviço, e ir passando o primeiro corpo de europeus para milicias, colonisando-os, respeitando, e tolerando aos nativos a sua crença religiosa.

Offerecida ao Ex.^{mo} Sr. Visconde de Sá da Bandeira, em 2 de Abril de 1850, pelo Major de Infanteria,

Antonio Candido Pedroso Gamitto.

N. B.

Inserimos nos *Annaes do Conselho Ultramarino* a Memoria do sr. Gamitto, pelas muitas noticias e observações locaes que n'ella se acham, dignas de muita attenção, por ter o sr. Gamitto residido por muito tempo e em muitos logares da Provincia de Moçambique. Devemos porém notar que ella está escripta com um certo amargor, que nem sempre parece merecido. Devemos tambem pedir aos leitores dos *Annaes* que attendam á data da Memoria. O sr. Gamitto faz justiça ao Governo reconhecendo os esforços que este tem feito para melhorar as Provincias da Africa Occidental, confessando os muitos melhoramentos que ellas têem tido, e os muitos progressos que têem feito. O Governo não se esquecia de Moçambique; e já antes de 1850 poderiamos apontar beneficas providencias dadas pelo Governo, algumas é verdade que geraes, mas que por isso mesmo abrangiam aquella Provincia, e outras especiaes. Mas depois de 1850 tem sido tantos e tão importantes as medidas especiaes em beneficio da Provincia de Moçambique, que seria induzir a erro os leitores dos *Annaes*, não lhes observarmos que as mais importantes medidas lembradas pelo sr. Gamitto, tem sido ordenadas; ou ás necessidades para que elle as propunha, se tem occorrido com outras que a sabedoria do Governo e do Conselho Ultramarino tem julgado mais acertadas. Sentimos muito que a parte do *Boletim do Conselho* que contém a Legislação Novissima não esteja mais adiantada, porque aqui citariamos com muita satisfação as paginas em que se devem ler as importantes medidas a que nos referimos.

Fiquem pois attendendo os leitores que a inserção de quaesquer escriptos n'estes *Annaes* não significa adhesão ao que n'elles se diz ou confirmação do que ali se lê. O nosso intento é publicar noticias importantes a respeito do Ultramar, e não duvidâmos publicar quaesquer opiniões, que nos pareçam proprias para esclarecer as questões que possam suscitar-se relativamente ás Provincias Ultramarinas.

O Redactor.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

CATALOGO

DAS

SEMENTES DE PLANTAS

COLHIDAS PELO DR. FREDERICO WELWITSCH

EM ALGUNS PONTOS EM QUE TOCOU NA SUA VIAGEM PARA ANGOLA, E PRINCIPALMENTE N'ESTA REGIÃO, E POR ELLE MANDADAS AO JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

O Sr. Dr. Frederico Welwitsch, sabio naturalista, bem conhecido não só entre nós, mas igualmente no mundo scientifico, especialmente pelos seus trabalhos botanicos, foi encarregado, por Decreto de 10 de Abril de 1852, de explorar como naturalista as Provincias Africanas, achando-se já o Governo authorisado pela Carta de Lei de 17 de Março de 1851, para fazer a despeza indispensavel.

Foi uma fortuna para as nossas Provincias Africanas que um homem tão distincto quizesse encarregar-se de tal exploração, e esperâmos poder brevemente dar importantes noticias dos trabalhos do Sr. Welwitsch; porque é bem sabido que aos seus muito profundos e variados conhecimentos reune, como é facil presumir, grande zêlo dos progressos da sciencia. Foi munido dos instrumentos mais proprios e mais aperfeiçoados para as observações mais importantes, que um naturalista, um physico, e mesmo um geographo, podem fazer com mais utilidade em uma viagem de exploração.

Com razão dizemos que foi uma fortuna para as nossas Provincias Africanas que o Sr. Welwitsch quizesse encarregar-se da sua exploração scientifica; porque nenhum paiz póde fazer grandes progressos, nem dar o desenvolvimento possivel á sua industria e ao seu commercio, sem que sejam convenientemente reconhecidas a sua riqueza natural e as forças productivas que recebeu da natureza, e que os homens hão de aproveitar para seu proprio bem. E parece-nos que com muito acerto se deu principio á exploração pela Provincia de Angola, que é uma das nossas possessões menos conhecidas no ponto de vista scientifico. A conquista de Angola emprehendeu-se quando os progressos, que o Brazil ia fazendo, exigiram augmento de braços, que segundo a pratica geral de todas as nações que então tinham Colonias na America, se iam procurar por meio de escravatura.[1] Assim a posse de Angola buscou-se como uma fabrica de escravatura, materia necessaria para a cultura do Brazil. Nem de outro modo viram as cousas os Hollandezes, quando em-

[1] Não ignoro que os nossos escriptores deram como principaes fundamentos para a occupação de Angola o desejo da conversão dos naturaes, e a persuasão de que ali havia mui ricas minas de prata. (*Telles*—Chron. da Comp. Liv. VI, Cap. 27.=*Severim*—Noticias de Portugal Disc. VI, § IV., e outros). É muito possivel que estas fossem as rasões por assim dizer mais salientes, que deram occasião ás *primeiras relações* com Angola e ao *principio* da sua occupação. Mas a epocha em que esta occupação teve logar, e a immensidade de escravatura que logo d'ali principiou a saír, mostra evidentemente que a grande e verdadeira importancia da conquista de Angola estava na exportação de escravos; a qual foi tão grande que já antes de 1647 tinha diminuido a tal ponto a população, que era necessario recorrer á authoridade dos antigos para certificar a immensidade d'ella no tempo da occupação. (V. *Telles* — Chron. da Comp. Liv. VI, Cap. 29). Em plena confirmação da nossa opinião bastará ponderar, que quando em 1602 chegou a Angola o Governador João Rodrigues Coutinho, quasi todo o interior tinha deixado de obedecer á Corôa Portugueza; e todavia o commercio de escravatura continuava em grande actividade. «Quando ha dous annos «chegou a Angola o Governador João Rodrigues Conti«nho, que Deus tem (diz o P. Fernão Guerreiro) nem «um so (Soba) avia que reconhecesse por Senhor a Sua «Magestade, de mais de cento e cincoenta que d'antes «lhe obedeciam. Nem se tratava de mais que *de fazer* «*fazenda, negociar em escravos*, sem se ir por diante «n'uma conquista tão gloriosa, em que se podem ganhar «para Deos tantos milhares de almas, e para Sua Mages«tade tanta riqueza, das minas de prata, que n'aquelle «Reyno ha.»

(*Relações Annaes*—Vol. II (1602 e 1603) fol. 126 v.)

Veja-se tambem *Historia delle Guerre di Portogallo* da Alessandro Brandano, Liv. IV, p. 181.

prehenderam assenhorear-se do Brazil; e por isso logo que se consideraram possuidores de uma bella porção d'aquelle paiz, dirigiram uma expedição a occupar Angola. Porque sem o trabalho dos Negros, *nem se podem lavrar as minas nem a cultura se póde sustentar* (diz um historiador hollandez): e porventura que era o pensamento dos Hollandezes não só prover-se de escravatura em Angola, para as terras que nos haviam usurpado na America; mas tambem tinham em vista serem os principaes vendedores de escravos; pois que a expedição teve por fim, como declara o historiador citado, *chamar a Companhia* (das Indias Occidentaes) *a si os grandes lucros de tal mercancia,* por quanto Angola não só podia exportar grande numero de escravos; mas os levados d'este paiz eram reputados, como testifica o mesmo escriptor, *os mais laboriosos;* talvez com superioridade a todos os outros, depois de se terem os mesmos Hollandezes já assenhoreado dos estabelecimentos e do Castello de Mina, donde saiam para o Brazil os escravos mais estimaveis.[1]

Dizendo isto não temos outro objecto em vista, se não explicar a rasão mais importante, porque as outras producções de Angola (á excepção das acreditadas minas de prata) ficaram por assim dizer sem chamarem maior attenção do Governo e dos Commerciantes. Mas não devemos por isso persuadir-nos que Portugal via com indifferença nas suas possessões Africanas quanto não era o commercio de escravos. Para fazer inteira justiça n'este ponto á nação portugueza, seria necessario entrar em pormenores da sua historia Colonial, que nem o espaço, nem a occasião permittem. Mas consinta-se-nos ao menos recordar ás pessoas instruidas, e fazer notar aos outros, alguns factos, que mostram verdadeira sollicitude do melhoramento das regiões Africanas, mediante o conhecimento, e consequente aproveitamento dos seus recursos e producções naturaes. Para isto poderia, se quizesse ir longe, fallar do famoso João Fernandes, que ainda em vida do Infante D. Henrique, se deixou ficar sete mezes em Africa com os indigenas, *para vêr particularmente as cousas d'aquelle sertão, que habitam os Azenegues, e d'ellas dar rasão ao Infante,* como diz *Barros;* ou para *veer e trazer novas ao Iffante, quando quer que se acertasse de tornar,* como se expressou *Azurara.* Poderiamos, e talvez seria acertado, vir seguidamente enumerando todos os factos e tentativas, com o mesmo fim, (e não são elles tão poucos), de que temos conhecimento,[1] para mostrar a attenção que, mais ou menos, quasi continuamente, se deu ao verdadeiro melhoramento e progresso das Colonias Africanas; posto que o triste commercio de escravatura tornava inuteis e mallograva todos os esforços.[2] Nem mesmo fallaremos das importantes medidas e providencias do tempo de El-Rei D. José, não querendo agora fallar se não do reinado da Senhora D. Maria I, e assim mesmo só dos trabalhos de exploração scientifica. Em quanto ao Brazil era mandado explorar a sua historia natural, o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, levando em sua companhia por desenhadores Joaquim José do Cabo e Jose Joaquim Freire; (incumbencia a que o Dr. Ferreira satisfez com zêlo e intelligencia)[3]; á exploração de Moçambique era mandado outro naturalista Manuel Galvão da Silva, que similhantemente levava em sua companhia o desenhador Antonio Gomes. Não temos noticias dos resultados d'esta exploração: mas a lembrança e a diligencia não faltou em quem d'isso devia cuidar.[4] No mesmo reinado foi

[1] *Illic cum maximum esset momentum Nigritarum in Angolæ regno, sine quibus nec regiis fodinis, nec Brasiliensium molis suus constat labor, placuit Mauritio eo quoque bellum mitti; quo ejus mercaturæ vim commodaque ad se transferret Societas: quæ Nigritarum venditione et emptione istic quam maxime viget.*

(Barlæi = Rerum per octennium... Historia. p. 203.)

Tertia mancipiorum classis Afrorum est, quorum omnium laboriosissimi Angolenses.

(Id. p. 128.)

[1] Quando se nos offereça occasião opportuna trataremos de *Thomé Pires, Garcia da Horta, Christovão da Costa, e outros* sabedores da Historia natural, que ainda no XVI seculo procuraram reconhecer as producções dos paizes em que tratavamos, ou em que nos estabelecemos: e não serão as noticias d'esta natureza as menos curiosas e interessantes da nossa historia colonial; posto que geralmente até agora postas de parte pelos historiadores.

[2] «Em Angola os grandes lucros que dava o commer-«cio da escravatura, faziam com que toda a gente a elle «se applicasse directa ou indirectamente, e que todos os «outros ramos da industria permanecessem abandonados «em soffrimento, faltando-lhes os cabedaes e o incentivo «do interesse, que o trafico dos negros absorvia quasi «exclusivamente.»

(Escrevia em 1814 *Ant. de Saldanha de Gama,* depois *Conde de Porto Santo,* Governador que fôra de Angola de 1807 a 1810).

«O numero dos escravos exportados para o Brazil «desde 1816 até 1819, isto é, no decurso de tres an-«nos, subiu a 53:427; de Benguella sairam em um destes «annos 4:048; de sorte que a quantidade de escravos des-«pachados nas Alfandegas chega a perto de 22:000 por «anno. Se a este numero se juntarem os que sairam de «outros portos subtrahidos aos direitos, poderá conhe-«cer-se a que ponto monta a perda de povoação, que «poderia empregar-se na cultura, pesca e mineralisação «das possessões da Africa occidental.»

(Feo Cardoso, Memorias de Angola, pag. 336.)

[3] Existem os escriptos do Dr. A. R. Ferreira; e ignoramos o motivo de não se haverem publicado, como tanto conviria. O Governo Brazileiro tem procurado haver uma copia d'elles; e talvez que se resolva a publica-los.

[4] O territorio de Moçambique foi recentemente explorado por um habil naturalista Prussiano, o Dr. Peters, cujos trabalhos se estão actualmente publicando.

mandado ás Ilhas de Cabo-Verde, João da Silva Feijó, na qualidade de naturalista; o qual, segundo elle mesmo deixou escripto, devia compor uma *historia geral e philosophica d'aquella Colonia*. Convém aqui advertir que por *historia philosophica* se entendia assim a *historia natural* do paiz, como a noticia do seu estado social e economico. Cremos que não chegou Feijó a concluir a grande obra que tinha emprehendido, e a que se julgava obrigado; mas existem da sua penna tres Memorias relativas ás Ilhas de Cabo Verde; a primeira, *sobre a fabrica de anil da Ilha de Santo Antão;* a segunda *sobre a urzella de Cabo Verde;* e a terceira *sobre o estado economico das Ilhas por* 1797: e seria injustiça não reconhecer que n'ellas se mostra o seu Author capaz de desempenhar aquillo a que se havia compromettido, e que do seu trabalho lhe havia resultar muita honra, e muito bem ao paiz. [1]

E ainda que o estudo das producções naturaes da Africa não continuasse, como se havia principiado, outras explorações, especialmente geographicas e commerciaes, foram posteriormente intentadas, com que podemos gloriar-nos de sermos dos primeiros, ou, por melhor dizer, os primeiros que intentamos a exploração da Africa interior, depois de sermos os primeiros que visitamos o seu litoral. [2]

Nos ultimos annos em que tantos esforços se tem feito para elevar as Provincias Ultramarinas ao grau de civilisação e riqueza, a que com rasão devem aspirar, não podia esquecer a continuação dos estudos necessarios para aquelle fim, e em que esperâmos se continuará com toda a actividade possivel. Hoje publicâmos por assim dizer uma amostra dos trabalhos do Sr. Dr. Frederico Welwitsch, de que brevemente havemos dar mais ampla noticia; e já os leitores d'estes *Annaes* hão de ter lido na Parte Official a Portaria de 31 de Maio d'este anno pelo qual foi igualmente permittida ao Dr. Salis Celerina a exploração dos territorios portuguezes e interiores da Africa Austral, de cujos trabalhos daremos tambem, em tempo competente, a devida noticia.

O Redactor.

[1] Acham-se estas *Memorias* impressas na Collecção das *Economicas* da Academia Real das Sciencias. Vol. 1, pag. 407, e Vol. V, pag. 145 e 172.

[2] Será um trabalho bem curioso, e no seu genero bem importante, mostrar quaes são, segundo os conhecimentos que hoje ha, as terras que os nossos antigos visitaram no interior da Africa, e em especial determinar se o *Tungubutu* de Barros é o *Tombuctu* ou *Tembuctu* dos modernos.

Cabe aqui notar que são portuguezas a maxima parte das memorias de que se serviu o distincto Geographo Inglez *Cooley*, para a composição da sua=*Inner Africa laid open, etc.* Londres 1852.

SEMINA PLANTARUM

AFRICAE TROPICAE OCCIDENTALIS, IN *INSULIS CAPITIS VIRIDIS*, NEC NON IN *CONTINENTE AFRICANO*, IMPRIMIS IN *REGNO ANGOLENSI* LECTA,

HORTO BOTANICO CEL. UNIVERSITATIS CONIMBRICENSIS GRATO ANIMO OFFERT

M. Dr. Fridericus Welwitsch.

Continet praesens collectio, 98 species.

Loanda, 24—1—54.

1

Frutex humilis erect. foliis crassis fere cylindricis—frequens in ora maritima sabulosa *Insulae St. Vicentii Capit. virid.*=flores non vidi.
Aug.—1853—leg. *Welw.*

2

Indigofera spec. (fruticosa)—In *Insulae Principis* interioris collinis sylvaticis (non frequens)—Frutex 6—8 pedalis!
Sept.—1853—leg. *Welw.*

3

Suffrutex maxime elegans e *Leguminosarum* familia—affinis generi=*Thephrosia*= ad margines stagnorum prope *Loanda* rarissime obv.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

4

Tavaresia Angolensis. Welw. in litt. ad *Loand.* Novum genus e tribu *stapeliacearum?* —In argillaceo-arenosis territorii Loandensis caespitose crescens—Corolla tubu 3 pollicaris et rigiditate coriacea, laciniis 10 et insignis!
Dec.—1853 —leg—*Welw.*

5

Isatis spec.—In collinis maritimis *Insulae Madeira.*
Aug.—1853—leg. *Welw.*

6

Cyperus spec?—In herbidis ad Oceanum *Insulae Principis* sparsim.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

7

Arbor mediocris, ramis dependentibus, foliis simplicibus fructub. viridib. stellatim dehiscentibus intus coccineis=*Grecoiacea?*=In sylvis *Ins. Principis* rarior.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

8

Desmanthus spec. — Frutex 5-7 pedalis, elegans, floribus flavis: ad stagna prope *Quifandongo* juxta flumen *Bengo*, rarius prope *Loanda* obv.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

9

Planta herbacea volubilis, *habitu convolvulaceo*, *floribus speciosis aureis*, — flores *Thunbergiae* simulantibus — Magnum erit hortorum decus!

10

Leguminosa herbacea, trifoliolata, scandens, floribus flavis.—Ad lacum de *Quizembo* in Congo Austro-Occid.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

11

Labiata herbacea—floribus longe spicatis —In palmetis densis *Insulae Principis* socialis cum Caladio bicolore!!
Sept.—1853—leg. *Welw.*

12

Frutex 6 ped. alt. spinosus, foliis carnosis, baccis nigris—(Flores necdum vidi)—*Praia do Penedo* prope Loanda.
1853—leg. *Welw.*

13

Portulucacea suffruticoza, caulibus distortis rubris, foliis glaucis—In arena *Insulae Loanda* prope Loanda—(Flores rosei).
Octob.—1853—leg. *Welw.*

14

Malvacea suffrutescens ad ripas flum. *Bengo* rarior.
Decemb.—1853—leg. *Welw.*

15

Mimosa spec. —Frutex 5-7 ped. alt. valde spinosa, floribus roseis, leguminibus hispidissimis—ad marg. fluminis *Quizembo* in Congo Austro-Occident. freq.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

16

Arbor parva, ex *Euphorbiacearum* familia —foliis multifidis, floribus corymbosis coccineis—(Elegantissim.)—Ad sepes prope *Freetown* in Serra Leoa.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

17

Gramen elegantissimum, caulescens, generi *Chloris* affine.—In maritimis prope *Cacuaco.*
Dec.—1853—leg. *Welw.*

18

Ficus spec. aff. *religiosae*—Arbor procerrima atque pulcherrima, baccis pisiformibus— Ad vicum *Quibança* in Congo Austro-Occident. territor. Ambrizensis.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

19

Amarantus spec.—ad ripas fluminis *Bengo* prope S. Antonio.
Decemb.—1853—leg. *Welw.*

20

Cassia spec. — In pascuis prope *Freetown* in Serra Leoa
Sept.—1853—leg. *Welw.*

21

Polygonum Senegalense—ad ripas fluminis *Bengo* prope *Quifandongo*—5-7 pedale! Planta spectabilis.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

22

Scoparia dulcis—In humidis prope *Ponta de Ambriz* in Congo Austro-Occid.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

23

Composita Squarrosa—habitu carlinaceo— In sterilibus prope *Maianga do Povo* agri Loandensis.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

24

Cucurbitacea probabiliter gen. novum. *Suffae* affine—Scandens, glauco-glaberrima baccis coccineis operculatis elegantissima!!—prope *Loanda.*
Jan.—1854—leg. *Welw.*

25

Composita subscandens—floribus aureis— In humidis ad lacum de *Quibança* in Congo Austro-Occident.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

26

Chinchonacea parva—florib. albis capitato

—spicatis.—In decliviis *Insulae St. Jacobi* Capit. Virid.
Aug.—1853—leg. *Welw.*

27

Cassia spec. — In *Insula S. Jacobi* Cap. Virid.—Suffrutex humilis.
Aug.—1853—leg. *Welw.*

28

Leguminosa late scandens leguminibus tetrapteris nigris (flores necdum vidi)—ad lacum de *Quibança* in Congo Occid.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

29

Falkia Angolensis Wel. — in humidis territorii Loandensis prope *Teba* rarior.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

30

Anona spec.—fructu magno—capitis infantis molle, edulis—*Ilha de S. Thiago*—Colitur—arbor mediocris—flores non vidi.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

31

Indigofera spec?—In Congo Austro-Occident. prope *Quibanda* de Mosul.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

32

Ipomoea spec.—Lat. scandens, floribus corymb. paniculatis magnis speciossimis—Ad margines fluminis *Quizembo* in Congo Austro-occident.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

33

Abrus (precatorius Lin.?)—In dumetis Angolensibus longe lateque scandens—prope *Cacuaco*.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

34

Solanum (spec. nova)—Folia glauco-tomentosa, crassiuscula—flores caerulescentes; baccae coccineae — (Fruticulus elegans) — ad margin. flum. *Bengo*.
Jan.—1854—leg. *Welw.*

35

Bixa Orellana L.?—Confer *Bixa Urucusana* Willd.—In *Insulae Principis* editioribus subspontanea—anne olim introducta.
Sept.—1853—leg *Welw.*

36

Plantago (arborescens Poir?) In Insulae *Madeira* rupestribus prope Camara dos Lobos—Frutex est nec arbor!!
Aug—1853—leg. *Welw.*

37

Ipomoea spec. (aff. I. *pescaprae)*—In sabulosis ad Oceanum prope ostia fluminis *Dande*.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

38

Composita floribus violacis globosis—admodum elegantibus—In humidis ad stagna prope *Teba* vel *Malembo* territor. Cacuacensis Angolae rarior.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

39

Phaseolus spec.?—a Nigritis hinc inde, nec non a colonis ad pagos cult.—N.B. Folia ad cataplasmata emolientia adhibentur—ad *Maianga do Rei*.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

40

Cyperacea — videtur species *kylingiae* in herbidis inter S. Antonio et Pico de Papagaio.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

41

Anona spec.—Angolensibus *Fruta de Conde.*—Colitur ad flumina *Bengo* et *Dande*.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

42

Nymphaea (Caerulea Savigny?)—anne potius N. *micrantha* Guill.?—in lacu de *Quizembo* in Congo Austro-Occident.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

43

Frutex (leguminos.) 8 pedalis foliis trifoliolatis, floribus luteis magnis.—*Ponta do Ambriz*.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

44

Solanum spec.—Suffrutex floribus cyanescentibus—*Serra Leoa*.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

45

Eryngium spec.—In humidis umbrosis editioribus *Insulae Principis!*—Umbelliferae inter tropicos rarissimae!!
Sept.—1853—leg. *Welw.*

46

Racemi *Abri precatorii?*—Januar.—1854 prope *Penedo* lecti.
Welw.

47

Cleome — prostrata — 3-1 phylla — flor. violaceis—In arvis prope *Loanda* R. Angolensis.
Octob.—1853—leg. *Welw.*

48

Sterculia spec. — arbor mediocris; flores absque foliis Octob. & Nov. pervenientes.— In Insula *Loanda.*
Octob.—1853—leg. *Welw.*

49

Leguminosa—suffrutex parv. floribus coccineis ad sepes Euphorbiacearum prope *Loanda.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

50

Leguminosa alte lateque scandens, culta in hortis Angolensibus, probabiliter originis Asiaticae.
Jan.—1854—leg. *Welw.*

51

Composita herbacea gracilis, floribus albis —In humidis ad lacum de *Quizembo* in Congo Austro-Occidental.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

52

Cæsalpina pulcherrima—Circa pagos a Nigritis culta prope *Quibança* regni Ambricensis.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

53

Frutex 3-5 ped. alt. sempervirens, foliis ellipticis rugoso-venosis, scabris, fructu spherico pomiformi polypyreno.—Flores nondum vidi—ad sepes prope *Ambriz* in Congo Austro-Occid.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

54

Indigofera spec. ?—Suffrutex 2 pedalis, scoparie ramosus—Flores non vidi—In siccis prope *Loanda.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

55

Solanum spec.—frutex 6-8 pedalis, omni respectu spectabilis; folia discoloria, flores magni albi.—Ad ripas fluminis *Dande.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

56

Planta herbacea *Leguminosa*—longissime in arenis maritimis excurrens, foliis trifoliolatis crassis, carnosis—flores non vidi— *N.B. Estas sementes servem no Ambriz de moeda pequena para trocas com os pretos.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

57

Arbor parva, sempervirens, e *Leguminosarum* familia—flores non vidi—Legumina oligosperma, cultriformia coriaceo-elastica. Habitus *Afzeliarum*—prope *Ponta de Ambriz.*
1853—leg. *Welw.*

58

Tabernaemontana spec. elegantissima—Frutex spectabilis sempervirens foliis lucidis, floribus albis fragrantissimis, fructo magno aurantiaco—In sylvis elatior. de *Serra Leoa.*
Sept.—1853—leg. *Welw.*

59

Scaevola (Senegalensis Pressl?)—Frutex 3-4 ped. alt. ramis distichis, foliis carnosis crassissimis, floribus flavis, baccis nigris—Corolla *Lobeliacearum*, ast stigmatis fabrica diversa—in maritimis de *Ponta de Ambriz*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

60

Leguminosa suffruticosa (foliis pinatis?)— flores non vidi—in dumetosis territorii Loandensis.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

61

Nasturtium spec. (Anne *Erys. Barbarea* Forsk?)—ad stagna in subumbrosis juxta ripas fluminis *Bengo* rarius.—Prope *Panda.*
Decemb.—1853—leg. *Welw.*

62

Leguminosa suffrutescens—Nec flores nec folia vidi—in glareosis ad flumen *Dande.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

63

Hibicus spec.—Caules crassi, stricti; folia 5-7 lobato-palmata, capsulae magnae, lignosae, tenacissimae—flores non vidi. (Folia edulia dicuntur) In arvis Mandiocae prope *Loanda.*
Dec.—1853—leg. *Welw.*

64

Frutex densus spinosus, foliis pinnatis *unijugis*, fructibus pendulis, pruniformibus belle aurantiacis—Magnum erit hortorum decus!! —In siccis prope *Loanda* non rar.
Jan.—1854—leg. *Welw.*

65

Liliacea (sensu latissimo)—Herba aloëfor-

mis, 2-3 pedalis, foliis crassissimis obtuse tetrangulis, e viridi et albo variegatis, durissimis, tenacissimisque.—Flores nondum vidi—Fructus baccatus, baccis 2 vel 3 coccis coccineis—Nigritis dicitur—*Ifi.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

66
Heliotropium (indicum?)—In apricis *Insulae Principis.*
Sept.—1853—leg. *Welw.*

67
Frutex sempervirens, elegans foliis imp. pinnatis, baccis aurantiacis edulibus gratissimis, a Nigritis *Buene-Buene* nuncupatis—ad lacum *Quibança* in Congo Austro-Occid.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

68
Capsicum Comarim—In Congo Austro-Occidentali a Nigritis freq. cultum—omnium specierum, quas cognosco, maxime idoneum ad condimentum Mulango.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

69
Cucurbitacea humilis littoralis, fructu sulphureo echinato—ad littora *Loanda.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

70
Composita herbacea—floribus axillaribus pedunculatis albis—In humidis prope *S. Antonio.*
Sept.—1853—leg. *Welw.*

71
Glinus spec. affin. *Glin.-lotoid.* vel ipsissim.—ad paludes agri Loandensis.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

72
Anne Genus novum?—Frutex sempervirens, 4-6 pedalis foliis lucidis, floribus cymosis intense caeruleis, baccis aurantiacis—Stirps elegantissima—In dumetis agri Loandensis passim.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

73
Talinum spec.?—Suffrutex amabilis, foliis carnosis—floribus roseis sub-pendulis—Prope *Mosul* ad flum. *Sangano.*

74
Physalis spec.—In *Insula St. Jacobi* Cap. Virid. frutex frequens.—Baccae coccineae!
Aug.—1853—leg. *Welw.*

75
Frutex scandens floribus pulcherrimis!—ad sepes in montosis prope *Freetown* in Serra Leoa.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

76
Planta herbacea, humilis, caulibus flagelliformibus prostratis, foliis multisectis—flores non vidi—In dumetis prope *Loanda.*
Dec.—1853—leg. *Welw.*

77
Euphorbia (hypericifolia?)—In humidiusculis ad flumen *Bengo* non frequens.
Dec.—1853—leg. *Welw.*

78
Acanthacea—In dumetis prope *Loanda.*
Octob.—1853—leg. *Welw.*

79
Planta herbacea, heliotropoidea, forsan *Heliotropium?*—In humidiusculis territor. Loand. prope *Cacuaco.*
Jan.—1854—leg. *Welw.*

80
Suffrutex 1½-2 pedalis *Lupinorum* habitu, floribus violaceo-albo variegatis, in dumetis de Serra Leoa prope *Freetown* rarissim.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

81
Mollugo spec.—ad palludes prope *Ponta do Ambriz.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

82
Amarantacea herbacea—floribus sordide albis spicatis—in dumetis prope *Loanda.*
Jan.—1854—leg. *Welw.*

83
Hibiscus spec.—affin. H. *trionum* ast divergens, in dumetis prope *Loanda.*—Flores magni!!
Dec.—1853—leg. *Welw.*

84
Tamarix Senegalensis Decand?—In maritimis *Insulae St. Vicentii* Capit. Virid. unica arboris species!
Aug.—1853—leg. *Welw.*

85
Cucurbitacea fructu spherico durissimo 3 poll. diametri, extus e viridi-albo maculato—

In palmettis *Insulae Principis*—(Flores non vidi).
Sept.—1853—leg. *Welw.*

86
Graminea elegantissima — anne *Chloris* spec.?—In humidis prope *Loanda.*
Dec.—1853—leg. *Welw.*

87
Suffrutex floribus coccineis aff. generi *Jatropha.*—In dumettis arenosis prope *Penedo* (agri *Loanda).*
Dec.—1853—leg. *Welw.*

88
Leonotis affin. *nepetaefoliae*—In sylvaticis prope *Freetown* in Serra Leoa.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

89
Cardiospermum spec?—ad ripas fluminis *Bengo.*
Dec.—1853—leg. *Welw.*

90
Amarantus spinosus?—In apricis *Insulae Principis* sparsim.
Sept.—1853—leg. *Welw.*

91
Genus nov. *Labiatarum? Plectranthus* spec. sensu latissimo. Frutex 4-6 pedalis, floribus elegantissimis violam simulantibus albo-violaceis—In dumetosis territor. Loandensis rarior.
Jan.—1854—leg. *Welw.*

92
Caryophylacea, forsan? *Pharnaceum.* Plantula elegantissima, paucos inter dies nascens, florens et disparens—inque sabulosis circa *Loanda* crescens.

93
Amomum grana Paradisi Lin.—In palmettis densis *Insulae Principis*—N.B. Egregia stirps, culturae omni respectu dignissima!
Sept.—1853—leg. *Welw.*

94
Bulbi plantae littoralis, *Ornithogali* facie, seminibus complanatis uti in genere *Urginea* —Flores necdum vidi—In aridis prope *Ambriz* & *Quibança* sparsim.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

95
Leguminosa herbacea, 3-4 pedalis, cujus solummodo caulem et legumina vidi, prope *Teba* agri Loandensis.
Nov.—1853—leg. *Welw.*

96
Malvacea aut *Sterculiacea*—Frutex parv. potius suffrutex ramis virgatis, floribus lacteis elegantissimis, quos exactius examinare necdum tempus licuit. Culturae dignissima stirps —In palmettis ad flumen *Dande.*
Nov.—1853—leg. *Welw.*

97
Canna spec.—Caule elato, foliis viridiglaucis, floribus coccineis—In sylvaticis Insulae Principis ad stagna omnino spontanea!
Sept.—1853—leg. *Welw*

98
Malvacea elegans, hortis recommendanda —*fida?*—Suffrutex floribus aureis et foliis admodum eleganter vestitis.—In dumetis proper *Loanda.*
Octob.—1853—leg. *Welw.*

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

TECHNOLOGIA.

Entre as numerosas producções com que a mão do Creador enriqueceu a Zona intertropical, poucas são talvez tão preciosas, como em geral são as diversas especies da numerosissima familia das palmeiras. Sem fallar agora da *palmeira tamareira*, cuja elegancia a faz entre nós tão estimada, e cujo fructo é um dos principaes alimentos dos povos de origem arabe, é de uma ou mais especies de palmeiras que se tira a preciosa fecula, conhecida pelo nome de *sagú;* de outra se come o olho em quanto herbaceo; de outra se colhem quantidades immensas do chamado *azeite de palma*, objecto hoje de um commercio vasto e riquissimo; mas não só a todas as palmeiras, mas ainda a todas as outras arvores dos tropicos, excede o *coqueiro* ou a *palmeira dos cocos (Cocos nucifera* dos Botanicos.) Um nosso escriptor antigo deu uma noticia tão interessante das utilidades d'esta planta, que sentimos não a poder aqui transcrever pela sua extensão: mas elle mesmo se resume a si n'estas palavras: « De modo que d'estas palmei« ras se colhe mantimento, como são cocos, « maçãs, palmitos e cordas, quatro castas de « vinho e tres de vinagre, mel e assucar, azei« te, agua, madeira, carvão, cordas, velas « para embarcações, cobertura para casas, e « lenha para queimar. Além de tudo isto os « palmares em si são formosissimos, e delei« tosos á vista, porque todo o anno estão ver« des, e frescos, e fazem mui boas sombras. « E com razão podem estas arvores ser tidas « pelas melhores e mais proveitosas que ha no « mundo. » Até aqui o nosso *Fr. João dos Santos* na sua *Ethiopia Oriental*. E outro escriptor igualmente nosso, *Fr. Gaspar de S. Bernardino*, depois de enumerar as muitas utilidades que se tiram d'esta arvore, conclue: « E porque os negros d'esta Costa (falla da « Costa Oriental d'Africa) não usam de pre« gos em suas embarcações, mas sómente com « uns pontos que lhes dão, cozendo-as com « cairo, supprem a falta d'elles, vimos a con« cluir que só da palmeira se arma uma nau « á vela, e se carrega de todo o mantimento « necessario, sem levar sobre si, mais que a « si mesma. » Seria quasi um nunca acabar, se quizessemos adduzir aqui os elogios dados ás palmeiras só pelos nossos escriptores; mas como se vê, seria trabalho bem escusado, porque são ha muito conhecidas as utilidades d'esta arvore, nas regiões equatoriaes, ao menos nas de além do Cabo da Boa Esperança. Mas isto que dizemos das utilidades do coqueiro, a que de ordinario chamam na India *palmeira*, não o podemos igualmente dizer da mais aperfeiçoada, e por isso mais lucrativa cultura da mesma arvore. Já na escolha do terreno, já na da semente, já na transplantação, já na subsequente cultura, já na colheita dos cocos, se podem commetter erros ou usar de processos, com que menos se aproveite ou muito se utilise, na possessão e na cultura dos palmares. É com o fim de ministrar aos habitantes do Ultramar, especialmente aos das Provincias Africanas, conhecimentos em que muito podem utilisar, que resolvemos imprimir n'estes Annaes a *Arte Palmarica*, a que estas palavras servem de prologo. É obra attribuida a um Jesuita, que por largos annos cuidou da cultura dos extensos palmares, que a sua corporação possuia na India Portugueza, e que consignou por escripto o fructo da sua longa experiencia. A edição que damos agora é conforme um manuscripto offerecido á *Sociedade Maritima e Colonial*, conferido com a edição feita em Gôa em 1852 pelo Sr. Filippe Nery Xavier, *Parte segunda* do seu *Bosquejo historico das Communidades &c.*, pag. 45 a 55.

Apesar, porém, do que dissemos do conhecimento dos proveitos da palmeira, incluindo este opusculo nos *Annaes do Conselho Ultramarino*, é tambem nosso intuito chamar a attenção dos habitantes de alguns territorios, especialmente da Africa Occidental, não só para o aperfeiçoamento da cultura dos palmares, mas tambem ás conveniencias de dar

maior extensão á mesma cultura em muitos pontos, onde ella póde ser de grandissima utilidade; podendo ahi obter-se alguns dos productos do coqueiro, cujo transporte á Europa ficará muito mais barato do que actualmente é o da India. Na Europa, especialmente na Inglaterra, importa-se grandissima quantidade de cocos, de que se extrahe uma substancia oleosa, propria para illuminação e para sabão, posto que differente do chamado *azeite de palma*, que é producto de outra differente planta, ainda que da mesma familia. Um dos paizes que exporta maiores quantidades de cocos é a Ilha de Ceylão. No estado em que está a Africa Portugueza, e na grande epocha de transição em que está entrada, nada póde ser indifferente, de quantos meios possa haver de lhe dar materia a commercio licito, e de dar modos de industria aos seus habitantes.

O Redactor.

ARTE DA AGRICULTURA PALMARICA

EM QUE SE ENSINA O MODO DE PLANTAR AS PALMEIRAS, CONSERVAR E GRANGEAR OS PALMARES.

ADVERTENCIA AO LEITOR.

A arte que se vai lêr, é o fructo do trabalho e longa experiencia de um Leigo Jesuita, que esteve á testa das grandes e numerosas fazendas, que aquella riquissima ordem possuia na Provincia de Salsete. Não consta que fosse impressa, a não ser que ha pouco tempo se estamparam algumas paginas. Só existe na mão de alguns curiosos, mas tão inçada de erros dos copistas ignorantes, que verdadeiramente a tornam inintelligivel em muitas partes. Não fiz portanto mais de que, confrontando varias copias, purga-la d'estas manchas grosseiras; e explicar em notas especialmente alguns nomes e termos usados na India e em Gôa, e que debalde se procurarão nos Diccionarios da lingua portugueza.

1845. *Vale.*

ARTE PALMARICA

Ars dux certior quam natura.
Cicero.

NOTICIA PRÉVIA.

Assim como em outras partes do mundo ha variedade de fazendas, de que vivem os Senhores d'ellas, assim tambem n'esta Asia ha outras muitas diversas das de Europa, Africa, e America. As principaes, mais commuas, e rendosas, porque mais fructiferas, são os palmares, cujas arvores (o que em nenhumas outras se acha) dão fructo doze vezes no anno,[1] qual a arvore que S. João viu no seu Apocalypse, porque cada mez produzem um cacho de cocos maior ou menor, segundo o trato, que os palmeireiros lhes fazem, e qualidade do chão, em que estão plantadas. E palmeiras ha que dentro de um anno dão quinze e dezeseis cachos, como eu vi em uma, da qual em um só colhimento colhi cento e noventa e seis cocos todos bons e bem criados. E cachos ha de muito maior numero, como se viu em uma fazenda de Guddem, na qual se achou um cacho, que tinha trezentos e tantos.

Além d'isto a palmeira é a arvore mais util e de maior serventia que nenhuma outra; porque d'ella se tira vinho, azeite, vinagre, doce, agua, e mantimentos. O seu fructo tem saída para todas as partes, e n'ellas grande estimação e valor. Serve nos sacrificios, que os gentios fazem aos seus idolos, e nas grandes festas e casamentos, principalmente depois de secco. N'esta India entram geralmente para tempero em muita parte dos guisados, ou seja tirando-se d'elles leite, ou puramente ralados. Com a sua madeira e folhas, a que chamam *olas*, se cobrem as casas; da mesma madeira se fazem ancoras para embarcações; e outras muitas cousas, que por brevidade se deixam. Mas para dizer tudo em resumo, com o que sáe das palmeiras se póde pôr no mar uma embarcação á véla com todo o necessario de casco, mastros, vergas, véla, cordas, amarras, ancoras, agua, vinho, azeite, vinagre, mantimento, doce, e carga. [2] E por todas estas rasões se póde com toda a verdade, e sem encarecimento, dizer da palmeira, que leva a todas as mais arvores a palma.

Em Gôa, Salcete e Bardez, são os palmares mais em numero, pela grande extracção que se faz dos seus fructos para o Norte e interior do sertão; e se não houvesse este genero de fazendas nas ditas Provincias, é sem duvida que a gente d'ellas seria pobrissima, e não teria de que se podesse sustentar, porque dos seus rendimentos se sustentam não

[1] E não só duas ou tres vezes no anno, como se persuadiram alguns Naturalistas.

[2] Não só isto é possivel, mas o Padre Leonardo Paes, se merece algum credito, diz (no seu *Promptuario das Diffinições Indicas*, Trat. 1.º, Cap. 3.º), apoiando-se na authoridade de Fr. Manuel dos Anjos na sua *Historia Universal*, que realmente das Ilhas Maldivas sáem embarcações bastantemente grandes e perfeitas com todos os aprestos necessarios para a viagem, só das ditas palmeiras, e que similhantes embarcações não pagam direitos em porto algum.

só os ricos, mas tambem os pobres, com o que ganham nos grangeamentos d'ellas. [1] E não duvido que os palmares seriam ainda mais rendosos, se todos os homens afazendados fizessem os seus plantamentos, e grangeamentos, como e quando deviam.

Como, porém, uns por ignorancia e outros por miseria, não fazem o que devem, e perdem similhantes fazendas, segundo tem mostrado e mostram as experiencias e observações tantas vezes feitas, por isso muitas d'estas fazendas não medram, e a maior parte d'ellas no tempo presente estão arruinadas, e se lhe não acudirem acabarão totalmente, e com muita especialidade as que estão plantadas em chão viciado com uma casta de doença, a que chamam *Monddolly*, cuja qualidade até agora se não sabe; porque uns dizem que procede de muita frialdade, e outros de nimio calor da terra; e isto parece o mais provavel e quasi certo, porque similhante doença não começou, senão quando houve uns grandes terremotos pelas partes mais chegadas ao mar, com os quaes a terra exhalou de si grandes vapores quentes, cujas fumaças se viram saír ainda do mesmo mar, e por isso a terra, aonde ha esta doença, até na côr mostra estar tão abrasada como se a queimassem com grande fogo.

O que supposto, para que todos possam ter fazendas boas d'este genero lhes quero ensinar n'esta Arte, como as hão de plantar, crear, e proceder nos seus grangeamentos pelo tempo adiante. E se observarem as regras, que aqui lhes apontarei, tenham por sem duvida que as suas fazendas serão muito fructiferas e rendosas, em breve tempo darão fructo, e se conservarão sempre vegetas e conhecidamente boas, como a experiencia me tem mostrado, nas que por estas regras se plantaram e grangearam, com pasmo e admiração de todos os que as viram; e tanto que me chegaram a perguntar que cousas fazia eu, para que as minhas palmeirinhas e jaqueirinhas se lograssem, quando das suas, repetidas vezes plantadas em annos continuados, escassamente lhes escapavam algumas, mas tão fraquinhas, que ou vinham a morrer, ou em muitos annos não medravam, nem davam fructo. E se persuadiam os que isto me perguntavam que eu tinha algum livro particular, pelo qual me guiava e regia. Mas o certo é que eu não fazendo caso dos costumes, que os naturaes observavam n'esta materia, só me governava e governo pelo meu discurso, observações e experiencias fundadas em boa rasão.

[1] No tempo em que esta Arte foi escripta, a palmeira era quasi exclusiva a Gôa, e tinha o coco saída para o Norte e Sertão, como n'ella se diz, e por um preço quatro vezes maior que o actual; porém, havendo-se generalisado esta cultura em outras terras, a exportação do coco de Gôa, apesar de ser da melhor qualidade, hoje é diminuta, e por mui baixo preço, que mal dá para as despezas da cultura; é por isso que as fazendas de palmeiras estão hoje geralmente abandonadas sem grangeio, colhendo-se o que a natureza dá espontaneamente. Não se fazem novas plantações, senão nos terrenos que não possam ter outra serventia, e os antigos palmares se vão redusindo a vargeas; e por conseguinte as fazendas d'esta natureza têem decaído muitissimo do seu antigo valor.

Gonçalo Teixeira Pinto de Magalhães, Desembargador que foi da Relação d'este Estado, fallando das palmeiras, nas suas *Memorias sobre Gôa*, diz o seguinte... « A palmeira é um dos vegetaes, que recebe pelas folhas o *pabulum vitæ*. Parece que n'ella se verifica á risca o systema de Ingenhauz, e outros naturalistas, que tribulam ás plantas a propriedade de depurar o ar viciado servindo-lhes este de nutrição; pois que nos logares epidemicos, e impregnados de effluvios putridos, ella produz maravilhosamente; e em terrenos ligeiros, areientos, ventilados, é tanto mais viçosa e fructifera, quanto é maior o numero dos moradores dentro dos palmares. »

Veja-se a nota da primeira columna da pag. 93, no ultimo periodo.

CAPITULO I.

Do modo como se hão de escolher os cocos para semente.

De ser ou não ser boa a semente dos cocos vae muito para as palmeiras serem ou não serem boas. Alguns se persuadem que os cocos de semente só se hão de tomar de taes ou taes palmares, como se da qualidade do chão dependesse a bondade d'esta semente. D'aqui vem que uns buscam os cocos da Ilha de Juary, outros da Aldeia Carmoná, tendo por melhores os que se criam n'estes terrenos do que os que produzem os palmares de outras partes. [1] Mas é certo que em quanto eu não fiz as minhas observações d'estas partes os mandava buscar para fazer os plantamentos necessarios nas fazendas, que tinha ao meu cargo, e me succedia tão mal, que finalmente me desenganei e deixei de buscar semente de fóra, e a tirava dos mesmos palmares da minha administração, e tudo me succedia sempre bem, diversificando-me sempre em tudo do que os mais obravam, e ainda hoje obram alguns que não têem communicado comigo n'esta materia.

O que os mais regularmente fazem quando querem tirar cocos de semente, é escolher nos colhimentos de Fevereiro e Maio cocos seccos dos montes, que nos taes colhimentos se fazem, e estes guardam para semearem. Porém n'isto erram em duas cousas: a primeira, é que os cocos tirados do monte não se podem conhecer de que palmeiras são, se de palmeiras velhas, se de novas, ou se de annos com-

[1] Hoje geralmente se tiram as plantas de Benaulim de Salcete, e tão crescidas e frondosas que devem necessariamente soffrer os prejuizos e inconvenientes ponderados no Capitulo seguinte.

petentes; se de palmeiras fracas, ou de palmeiras fortes, e de boas cabeças; se de boa casta ou má, porque nem todas as castas de cocos são boas para semente. A segunda cousa, em que erram, é que, ainda dado que se conhecesse a bondade da palmeira, e a qualidade de cocos, como estes são derrubados, e caidos na terra da eminente altura das palmeiras, com a grande pancada, que dão no chão, ou se quebram, ou alluem. Se quebram, apodrecem e não nascem; se alluem, nascem as palmeirinhas muito fraquinhas, e por mais que tratem d'ellas sempre ficam debilitadas, e como taes ou não dão fructo, ou dão muito pouco e muito ruim, ainda que o palmeireiro lhes faça bom grangeamento.

Pelo que, para os cocos de semente se escolherem com acerto, antes de se começarem os ditos colhimentos (dos quaes só se devem tirar cocos para semente, porque os de Agosto e Novembro são muito fracos e de pouca substancia), quem tiver palmares os passeie, e amarre uma ola em cada uma das palmeiras, de que houver de tirar semente, e esta não deve ter menos de trinta annos, mas d'ahi para cima, deve ser forte, ter boa cabeça e bons cachos. Entre estas palmeiras ha umas, que dão cocos de casca vermelha, outras produzem cocos de casca muito verde; e estas sempre carregam bem, posto que os cocos não são dos maiores, mas para quem os vende a numero estes são os de maior utilidade. Em quanto houver d'estas palmeiras não se tirem sementes de outras; mas se de outras se houver de tirar, as palmeiras, além da sobredita condição dos annos, força e cabeça, não tenham as olas hirtas para cima, mas sejam de olas curtas e largas.

Assignaladas as palmeiras na fórma sobredita, não se faça d'ellas colhimento, mas reservem-se para se colherem d'ahi a um mez e meio; porque como os cocos do segundo e terceiro cacho não estão ainda perfeitamente maduros, se os colher logo então, não sairão depois as palmeirinhas boas; por isso se lhes deve dar o seu tempo competente para amadurecerem bem: quando muito se poderão colher os cocos do primeiro cacho, pelo modo que agora direi.

Tanto que os ditos cachos tiverem o seu tempo completo, não se devem derrubar, mas mandar pessoa acima das palmeiras, a qual vá tirando coco por coco, e mettendo em um cesto, que deve levar comsigo amarrado com uma corda da altura das palmeiras, pela qual lance os ditos cocos mettidos no cesto para baixo sem dar pancada. E d'estes cocos nem todos servem, mas só se devem escolher os que tiverem olho grande e a casca de fóra bem roliça e de nenhuma sorte chapada, ou com rugas; porque é signal, que os cocos dentro não estão bem creados, e por tanto não servem para semente.

Tirados e escolhidos os cocos pelo sobredito modo, ponham-se em parte, aonde lhes dê o sol, com os olhos para cima até que se sequem ao menos duas partes de agua, que tiverem dentro. Então se abram as *alengas* (escava) no principio do Inverno de sufficiente altura, em que os taes cocos se semeiem, de sorte que só fique o mate um ou dous dedos sobre os olhos de cocos; porque com a regadura, que deve ser quotidiana, ou ao menos em dias interpolados, se irá o mate abatendo de sorte que fiquem os olhos dos cocos apparecendo. No fundo das alengas se lance sal misturado com cinza em sufficiente quantidade, para que o *cariá* [1] não rôa as cascas e damne os cocos, que sem duvida não nascerão, e por cima d'elles, principalmente sobre os olhos, se faça o mesmo antes de os cobrir com o mate. E depois de estarem nascidos levemente se tirem das alengas, e estas se tornem a reformar com novo sal e cinza, e se observe o mais que na primeira vez que se semearam.

CAPITULO II.

Do tempo e modo, como se hão de plantar as palmeirinhas depois de nascidas.

Quando os cocos são escolhidos e semeados pelo referido modo, com facilidade nascem dentro de quatro ou cinco mezes, sendo o chão bom, e tendo boa regadura. Pelo contrario succede quando os cocos não são d'esta sorte escolhidos, e se enterram demasiadamente, como eu vi em cocos semeados por outros, os quaes nem ainda em oito ou nove mezes nasceram, porque além de não serem bem escolhidos, os enterraram quasi um palmo de baixo da terra. E tanto que nasceram em tendo o seu *combo*, ou olho de altura de um palmo, ou menos, então se transplantem se for conveniente, como logo direi.

Não o fazem assim os que commummente fazem este genero de plantamentos, porque

[1] Dá-se o nome de *cariá* a um bichinho vivo e esperto de côr branca, que roe livros, roupa, madeira, e até alguns metaes. Tem a propriedade de tudo quanto roe reduzir a terra de côr vermelha, mui fina, e glutinosa: d'esta terra, tirada dos ninhos que o *cariá* fórma nos campos, se servem os garfadores para barrar o pé do garfo, e a parte do tronco, em que se faz o mesmo garfo, a fim de que fechados bem os intersticios não se introduza a humidade. É este bicho tão roaz que em menos de 24 horas é capaz de destruir e reduzir a pó uma grande livraria, ou uma casa cheia de roupas preciosas. O unico meio que se conhece para o fazer affugentar é o sal, a cinza de fogão, a cal viva, e assafetida como modernamente se conheceu.

esperam que as palmeirinhas tenham um anno e mais, e então as transplantam ou no fim de Maio, ou em Agosto na estrella de *Mogó*.[1] Mas nem em um, nem em outro tempo se devem fazer os taes plantamentos, nem depois de serem as palmeirinhas tão antigas. A rasão de tudo é, porque transplantando-se depois de tão antigas, ao tempo em que as arrancam se lhes quebram as raizes, e as que se não quebram é necessario corta-las, o que ellas muito sentem por serem plantas tenras, e semeando-as sem raizes no tempo do inverno quando já a terra está fria e encharcada em agua, ou morrem, ou melam, como eu muitas vezes vi e experimentei. E se as semeiam no fim de Maio, como então ou pouco depois no principio de Junho vem a invernada e as acha ainda sem raizes, tem o mesmo mau successo.

Pelo que o tempo mais proprio de as transplantar é de Novembro por diante em conjuncção de lua nova;[1] porque transplantando-se então ainda pequenas, como tenho dito, não tem as raizes fóra da casca, ou se tem alguma é tão pequena que nem é necessario corta-la, nem sentem o arranca-las da terra; e no chão em que se transplantam, começam logo a lançar raizes, como em terra propria. E n'este tempo se podem fazer, e é bom que se façam covas fundas, em que se transplantem as palmeirinhas sem perigo de apodrecerem; porque como só tem a agua da regadura, e esta com facilidade se some, deixando só a terra humida e fresca, não ha logar para terem o sobredito prejuizo, como o tem no tempo do inverno; motivo por que os que n'elle fazem os plantamentos, as transplantam á flor da terra, e se depois se lhes não lançam grandes entulhos sempre as palmeiras ficam fracas, e facilmente cáem com os ventos fortes.

Pelo sobredito modo e tempo as transplantei sempre, depois que vi que transplantando-as como os mais, me succedia muito mal; porém depois que me apartei do estylo commum sempre me succedeu bem, logrando-se todas as palmeirinhas, e com muita força, sem me morrer mais que alguma rara por força do cariá, ou de outra alguma doença; e ultimamente, tendo transplantado n'este verão quasi setecentas d'ellas, só me morreram cinco pelas sobreditas causas, e as mais saíram tão fortes e perfeitas, que causaram admiração a todos.

Depois de plantadas assim estas palmeirinhas, costumam todos fazer-lhes suas rodas, e n'ellas ordinariamente plantam leiteiras; e perguntando eu em certa occasião aos *mocadões*,[1] porque rasão faziam estas rodas de mate ás palmeirinhas, e as fortificavam com leiteiras:[2] responderam-me que as faziam para ficarem frescas e defendidas dos gados. Mas eu lhes mostrei evidentemente que se enganavam; porque, em primeiro logar, no tempo do inverno se enchem as taes rodas de agua, na qual se afogam as palmeirinhas e morrem, por lhes apodrecerem as raizes, e no tempo de verão tão fóra está de as refrescar, que antes são causa de se aquentarem mais; porque não só lhes imprime o calor directo do Sol, mas tambem o reflexo que dá pelas bordas das

[1] O Calendario Indiano conta por mezes lunares, e estes divididos por certos periodos de sete a quinze dias, a que dão o nome generico de *estrellas*, e o particular de certos astros ou constellações segundo a sua mythologia.

A *Estrella de Mogó* recáe mais ou menos a 10 e dura até 24 de Agosto. Dá-se ás chuvas, que cáem durante este periodo, uma influencia extraordinariamente benigna para todas as producções da natureza, e para a saude dos homens.

[1] Mr. Olbers, um dos melhores medicos de Allemanha, e celebre astronomo, que descobriu os Planetas Vesta e Pallas, publicou uma Memoria sobre a influencia da lua nas estações. Entre o muito que elle diz, só copiaremos o seguinte: « A influencia da lua sobre o tempo é tão pequena que ella se perde totalmente no numero infinito das forças e causas, que alteram o equilibrio da nossa movel atmosphera. Sendo tão pouco sensivel a influencia da lua sobre o tempo e atmosphera, devemos ter uma justa desconfiança da sua pretendida influencia sobre os homens, animaes e plantas. Effectivamente é devida quasi em totalidade ás illusões e prejuizos... Os mais celebres agricultores, assim como os melhores naturalistas, são de opinião que a lua crescente ou minguante não tem influencia nas sementeiras nem no crescimento das plantas, nem na rapidez do seu desenvolvimento, nem finalmente sobre a sua qualidade... Em geral, é preciso ler com muita desconfiança os authores, que contam tantas cousas sobre a influencia das phases lunares nas doenças: acontece com isto como com os duendes, que se vêem só quando se acredita n'elles. »

Estas observações são corroboradas por outras de Mr. Arago, *Le Nouveau Géographe Manuel*, 3.ª edição, Paris 1828, pag. 376.

O *Spectacle de la Nat.*, Tom. 1, entre outras authoridades de grande nome, traz para confirmar o referido, a pag. 502, a de Mr. Normand, Director dos Pomares do Rei de França, a qual diz: « Entre um grandissimo numero de experiencias feitas com a ultima exacção em differentes annos, sobre cada uma das operações da agricultura, não tenho achado alguma, que favoreça a servil sujeição dos nossos antigos aos diversos aspectos da lua.» A outra em igual sentido é a de Mr. De la Quintinie seu antecessor. Vejam-se tambem os exactos e persuasivos argumentos do nosso Padre Theodoro de Almeida na sua *Recreação Philosophica*, Tom. 6.º, Tarde 29. § 7.º

[1] *Mocadão* se chama em Gôa tanto ao arraes da lancha, como ao caseiro e fazendeiro, que cuida, por conta do senhorio, dos predios rusticos.

[2] *Leiteira* é uma planta, que cresce em arbusto, de casca muito verde, que por qualquer leve incisão deita abundante succo espesso e branco como leite, d'onde lhe vem o nome, e bastantemente caustico: o seu pau sarmentoso e muito leve, como o de cardo (ao qual genero parece pertencer; talvez seja o *cardo leiteiro*), serve para carvão nas fabricas de polvora, por isso por ordem do Governo se mandaram plantar estes arbustos de leiteira nos palmares; hoje se traz grande porção d'elle de Diu, onde abunda.

taes rodas e reflecte para as palmeirinhas. E para lhes fazer isto mais evidente, mandei quebrar uma roda e se viu claramente que as bordas d'elle tinham o mate queimado, como se lhe tivessem posto fogo.

Accrescenta-se que as leiteiras são de si quentissimas, e a sua sombra muito nociva; uma e outra cousa bastaria para matar as palmeirinhas; e por isso todas as que são cercadas d'esta sorte ficam fraquinhas, amarellas e como tisicas. Além de que as mesmas leiteiras abafam e tomam o vento de que as palmeirinhas necessitam: e por ultimo chupam a si toda a frescura da terra, que ás palmeirinhas se havia de communicar. No que respeita a defenderem estas rodas as palmeirinhas para que os gados as não comam, tambem é cousa evidentemente falsa. Porque sem impedimento algum podem come-las como mostrei aos mesmos mocadões, e póde claramente ver qualquer palmeireiro.

O que eu costumo fazer, e fazem outros á minha imitação, é plantar as palmeirinhas em campo razo sem rodas de mate, e cerca-las ou com pontas de bambu, ou com espinhos, ou com outra cousa equivalente, que as defenda dos gados, e não empeça entrar e saír o vento, e d'esta sorte se logram bem, e a seu tempo desmanchando estas cêrcas com muita facilidade se póde lavrar ou cavar, e nada d'isto se póde fazer sendo as palmeirinhas cercadas do primeiro modo. Bem sei que d'esta sorte se fazem mais algumas despezas; mas tambem sei que melhor é faze-las do que morrerem as palmeirinhas, come-las o gado, ficarem como tisicas, e andar fazendo por estas causas plantamentos sem fructo, e sem proveito. Quem se resolve a fazer plantamentos de similhantes arvores, não deve reparar em despezas, a fim de que se logrem; porque tambem as recompensarão mais depressa com o fructo, que as palmeiras darão mais cedo.

CAPITULO III.

Do tempo em que se ha de dar regadura a estas palmeirinhas.

De serem ou não serem bem regadas as palmeirinhas em quanto pequenas depende tambem o saírem, ou não saírem boas; porque assim como as creanças, em quanto pequenas, se lhes não dão a porção necessaria de bom leite, sáem fracas e doentias, e nunca ao depois tomam força por mais que comam e bebam; assim tambem as palmeirinhas, se são ao principio bem regadas sáem fortes, criam boas raizes, e ao depois dão bom fructo. O modo que eu observo nos plantamentos, que faço, é o seguinte. No primeiro dia em que as transplanto mando lançar a cada uma tres *calões* (cantaros) de agua em diversos tempos, no segundo dois, e nos trinta dias seguintes a cada uma um calão, e passados os primeiros trinta dias, um dia por outro se lança a cada uma um calão de agua, e assim se continua até entrar o inverno.

A alguns parece grande despeza estar regando estas palmeirinhas desde Novembro ou Dezembro até Junho, e para a evitarem fazem os seus plantamentos no inverno. Mas não tem rasão para repararem n'esta despeza: primeiro, porque se elles, segundo o estylo de todos observado, hão de regar as palmeirinhas tres annos, sob pena de lhes não saírem fortes, ou de lhes morrerem, começando mais cedo com a regadura, mais cedo acabarão com ella, sem que por isso façam mais despezas, porque não ha mais differença que começar mais cedo e acabar mais cedo, ou começar mais tarde e acabar mais tarde. Segundo, porque dado e não concedido que se gaste mais alguma cousa, essa maior despeza se deve dar por bem empregada, logrando-se as palmeirinhas, que se perdem por falta de regadura, e porque é necessario repetir uma e muitas vezes os plantamentos com maiores gastos, sem medrar alguma das palmeiras, e com perda dos fructos, que mais cedo poderiam dar se tivessem rega competente.

Em quanto duram as regaduras das palmeirinhas, além de cinza e sal, que se deve lançar no fundo das covas, em que se transplantam, e nos olhos das mesmas palmeirinhas, para as preservar de que o cariá as coma ou rôa, depois de fechadas as covas se lhes deve lançar alguma cinza na alenga sem mistura de sal, e assim se deve continuar cada dois mezes para as palmeirinhas ficarem fortes, e bem creadas e livres do cariá, porque a experiencia tem mostrado que fazendo-se assim dentro de um anno ficam as palmeirinhas tão formosas que parecem de tres ou quatro annos.

CAPITULO IV.

Da disposição do chão, em que se hão de fazer os plantamentos, distancia que hão de ter as palmeirinhas entre si, e o modo como os canteiros se hão de armar, e quando.

Muitos ou quasi todos os que fazem plantamentos de palmeiras, não fazem mais que abrirem as covas nos chãos, e metter-lhes as palmeirinhas, ainda que os chãos dos plantamentos estejam tortos e alcantilados, reservando o endireita-los para quando as palmeirinhas já estiverem grandes. Mas n'isto não

obram com acerto, porque antes de se plantarem as palmeirinhas é que o chão se deve endireitar, o que talvez depois se não poderá fazer sem muito grandes despezas, ou sem grande prejuizo das palmeirinhas. E se para evitarem uma e outra cousa o deixarem alcantilado nunca as palmeiras medrarão, porque toda a agua dos invernos lhes faltará, e ficando as palmeiras sem frescura e humidade nos pés, tambem ficarão sem fructo. Bem sei que ha alguns chãos incapazes de se endireitarem e pôrem rasos; mas em tal caso façam-se ao menos taboleiros uns mais altos que os outros, mas cada um sobre si tão direito e plano, que possa a agua do inverno communicar-se igualmente a todas as palmeiras. E quando nem estes taboleiros se possam inteiramente fazer planos, façam-se ao menos canteiros cada um sobre si, mas direitos e iguaes, de tal largura, que possam ao menos lavrar-se com um arado.

Estes canteiros e quaesquer outros, que nos palmares se fizerem, não devem ser muito grandes, mas taes que só levem seis, oito, ou nove palmeiras; porque sendo pequenos, com muita facilidade e pouca despeza se endireitam, e quando se quizerem fazer entulhos razos, com menos despeza se conclue este serviço. Advirto, porém, que quando os plantamentos são novos, devendo o chão estar direito, não se lhes armem os canteiros, senão depois de terem tres annos e sairem da regadura. E a rasão d'isto é, porque se logo lhos armarem, quando vier o inverno se encherão os canteiros de agua e farão apodrecer as tenras raizes das palmeirinhas, que morrerão afogadas com muita agua. Passados, porém, os tres annos, como já então terão sufficientes raizes, quanto mais agua receberem os canteiros tanto mais medrarão as palmeirinhas e mais engrossarão.

Quanto á distancia que entre si devem ter as palmeirinhas, digo que os naturaes absolutamente dizem que devem ter de distancia o comprimento de um *bambu*, isto é, nove mãos em quadro, e a rasão, em que se fundam, é porque não ficando na dita distancia ficarão as palmeirinhas muito bastas, e umas tomarão o vento ás outras, e sem vento não darão o devido fructo como mostra a experiencia. Eu, porém, digo que esta regra não deve ser tão universal que seja erro fazer o contrario: pelo que julgo que se deve attender á qualidade dos chãos, em que se fazem os plantamentos; se estes forem muito fortes e viçosos deve-se observar a dita regra, e ainda dar-se mais distancia; se forem fracos, menos distancia basta; e quanto mais fracos forem tanto menor distancia bastará; porque, como n'estes chãos as palmeiras não criam grandes cabeças, umas não impedem o vento ás outras, e assim cessa o motivo por que se requer em chãos fortes e succosos a distancia de nove ou dez mãos.

Quando, porém, os plantamentos se façam em vallados, que só levem uma ou duas carreiras de palmeiras, então menos distancia basta, v. g., de cinco ou seis mãos, e talvez menos; a rasão d'isto está clara, e se vê com os olhos nos plantamentos de similhantes vallados; porque as palmeiras n'elles plantadas, ao compasso que vão crescendo se vão afastando as cabeças de umas e outras, porque não têem nos lados quem lhes empeça esta separação, a fim de tomarem todas o vento, de que necessitam.

Nos plantamentos, porém, em que ha muitas palmeiras, como umas não podem fugir das outras com as cabeças, se ficarem sem a distancia já dita, ficarão abafadas, e não darão fructo, ou este será muito pouco e mal creado; motivo por que muitas vezes se tem mandado desbastar palmares, que estavam muito juntos para que podessem dar fructo, o que certamente se consegue, cortando-se, v. g., de tres palmeiras a que fica no meio. E eu vi palmares, os quaes foi necessario desbasta-los, não uma só, mas tres ou quatro vezes, porque como o chão era muito forte e viçoso, ao compasso que as palmeiras iam crescendo, ia tambem conhecendo que era entre ellas necessaria maior distancia.

CAPITULO V.

Do modo com que se devem fazer os entulhos dos palmares.

Dois modos ha de entulhar os palmares: a um chama-se *entulho razo*, e a outro *entulho ao pé*; e ambos se fazem por differentes modos. O entulho ao pé é aquelle, que só se lança aos pés das palmeiras de tempos em tempos, v. g., de tres em tres, ou de quatro em quatro annos; porque, como as palmeiras chupam a substancia da terra, em que estão plantadas, para se nutrirem, passados os ditos annos fica a terra tão fraca que já lhes não póde communicar substancia alguma, e por isso é necessario lançar-lhes ao pé nova terra ou mate, de cujo succo se possam nutrir e tomar novas forças para fructificarem.

Este novo mate ou terra, ou póde ser da mesma especie de que é o chão do palmar, ou de especie differente. Se o chão do palmar é de areia, póde entulhar-se com areia succosa; mas se houver commodo para isso, melhor será que se entulhe com mate vermelho do

outeiro, porque este é mais forte e substancioso, e a experiencia tem mostrado que faz uma tal mistura, que as palmeiras ficam muito fortes, e carregam bem de cocos. E a rasão d'isto a meu ver é, não só por ser a terra do outeiro mais forte, senão tambem porque esta se não une tanto com a areia; antes por meio de uma e outra terra se estendem mais facilmente as raizes das palmeiras para attrahirem a si de mais longe o succo e substancia, de que se possam nutrir, o que não succede assim quando o entulho é de areia, porque esta se une e colliga mais com o chão da areia do palmar.

Se, porém, o chão dos palmares for de mate vermelho de outeiro, podem entulhar-se com a mesma especie de mate. Se, porém, houver commodo para se entulharem com areia succosa, será melhor. Porque tambem a experiencia têem mostrado as grandes utilidades, que de similhantes entulhos se tem seguido em chão de mate vermelho; porque assim como o mate vermelho não deixa unir e colligar-se entre si areia com areia, assim tambem a areia não consente que se colligue o mate vermelho com o mate vermelho, apertando as raizes das palmeiras, e impedindo a estas o attrahirem pelas raizes o succo, que recebem dos logares visinhos, por onde as taes raizes se espalham, quando não ha quem as empeça.

O modo, com que este entulho ao pé se deve fazer, não é o que observa a maior parte dos palmeireiros por falta de advertencia; porque estes se contentam com lançarem ao pé de cada palmeira vinte, trinta, quarenta e ás vezes mais cestos de mate, imaginando que têem feito um grande entulho, de que lhes ha de resultar grande lucro nos colhimentos seguintes. Mas na realidade enganam-se, porque, em logar de fazerem bem, fazem um grande mal, e ficam frustradas e sem proveito as despezas de similhantes entulhos, e por respeito d'estes serão obrigados a fazer outras maiores despezas, o que mostro claramente.

Os entulhos ao pé feitos por este modo, por uma parte fazem que as palmeiras criem raizes sobre a terra, e percam a força as que estão dentro d'ella, e faltando ás antigas raizes ás palmeiras, não só lhes faltarão os fructos, mas ficarão mais expostas a cairem com os ventos; e claro está que uma e outra cousa é grande ruina e perda. Em segundo logar quando, a agua da chuva começa a cair pelos pés das palmeiras abaixo, leva comsigo este mate do entulho, afastando-o dos pés das palmeiras, e afastado d'ellas este mate já por nenhum modo lhes póde aproveitar. *Tertio*, dado que a chuva não leve todo o mate dos entulhos, quando as palmeiras se lavram, os arados o acabam de levar e apartar, e d'esta sorte, ficando os palmares com aquelle, ficam as palmeiras sem entulho; e d'aqui vem que, ainda que as entulhem d'esta sorte todos os annos, nada aproveitam similhantes despezas. Quarto, se algum mate fica ainda em monte aos pés das palmeiras, faz que a agua se não communique aos pés das mesmas, porque a agua como corpo grave sempre ha de ir buscar o logar mais baixo. E se quizerem que a agua lhes chegue será necessario afastar o mate com uma enxada, e já lá vae o entulho; e será preciso fazer novo entulho razo para igualar o chão, e já lá vae outra grande despeza, que seria escusada se o entulho ao pe se fizesse, como era necessario, para se evitarem todas estas despezas e damnos. O que supposto, o dito entulho se deve fazer pela maneira seguinte:

Passado o mez de Dezembro em qualquer dos mezes seguintes até meado de Maio, se ainda não chover (porque com mate molhado não se deve fazer entulho), se abram as alengas das palmeiras largas e fundas; largas para que o entulho abranja as raizes, que estão afastadas dos pés das palmeiras; e fundas quanto podér ser sem prejuizo das mesmas raizes, para levarem bastante mate, e no fundo de cada alenga se espalhará um cesto de cinza boa, e se esta for de palha de vargea salgada ainda será melhor, porque é menos quente e mais succosa. E se não houver cinza em tanta abundancia, ao menos se lhes lance e espalhe meio cesto, e sobre ella se vá lançando tanto entulho que encha a alenga toda, de sorte que fique sobre o plano do palmar altura de quatro até seis dedos, os quaes com a chuva se assentam e se abatem, e fica todo o entulho igual ao chão: e d'esta sorte nem as palmeiras criam raizes em cima, nem a chuva lhes apartará o mate dos pés, nem os arados o levarão para fóra, nem o chão ficará desigual, e as palmeiras lograrão o beneficio dos entulhos; e por fim não será necessario fazer entulho de tres em tres annos, porque os que d'esta sorte se fizerem conservarão por mais tempo a substancia da terra para nutrição das palmeiras.

Tenho dito o que pertence ao entulho ao pé, agora direi o que toca ao entulho razo. Este se faz por um de dois motivos, ou por ambos juntamente. O primeiro motivo póde ser para igualar o chão, que em umas partes esteja alto, e em outras baixo. Se por este motivo se fizer, claro está que só se deve lançar nas partes mais baixas para que o chão fique todo igual.

O segundo motivo póde ser para cobrir as raizes das palmeiras, que estejam descobertas,

e fóra da terra, e por lhes faltar a substancia, que da terra haviam de receber, estão fracas e não dão fructo, ou o dão muito mal creado. E se este for o motivo de se fazer o entulho razo, já se deixa ver que deve ser tão alto, quanto for preciso para cobrir as ditas raizes e dar substancia ás palmeiras, porque espalhar sòmente um pouco de mate por modo de quem lança sementes na terra, como muitos fazem, de pouco ou nada aproveitará, ficará o palmar com mais este mate, mas as palmeiras sem entulho, e o palmeireiro com as despezas feitas sem a utilidade que pretendia ou devia pretender, porque os palmares não se devem entulhar por costume, ou por ceremonia, mas por necessidade e conveniencia.

CAPITULO VI.

Do tempo de encinzar os palmares, e com que cinza se ha de fazer.[1]

É costume commum dos palmareiros encinzar os palmares todos os annos, porque dizem que a cinza refresca muito as palmeiras, no que se enganam egregiamente; porque se a cinza por sua natureza é quente, como póde refrescar as raizes das palmeiras, e as mesmas palmeiras para darem melhor fructo?

O principal effeito da cinza, lançada em tempo competente, é communicar ás palmeiras a sua virtude salsuginosa, com a qual tem mostrado a experiencia, que os coquinhos se conservam, sem caírem dos cachos com grande perda dos palmareiros. E para o dito effeito se costumam encinzar os palmares duas vezes por anno, a primeira no tempo do verão, e a segunda no inverno no tempo da estrella *Mogó*. Porém a larga experiencia me tem mostrado que aproveitando muito ás palmeiras a cinza lançada no inverno, a que lhes lançam no tempo do verão nenhum proveito lhes faz, por lha lançarem fóra do tempo, *v. g.*, de Dezembro por diante: e eu a tenho achado repetidas vezes tão crua e secca depois de muito tempo, como na mesma hora, em que lha lançaram.

Pelo que quem houver de encinzar os palmares duas vezes, a primeira o faça logo depois da ultima chuva do inverno, quando a terra ainda está com a humidade; porque como a cinza é esponjosa, á maneira de uma esponja embebe em si a mesma humidade, e a conserva no pé da palmeira, e só d'esta sorte é que a cinza refresca. A segunda vez o faça logo no principio do inverno, para que mais depressa se desfaça a cinza com a chuva e participem logo as palmeiras da sua virtude salsuginosa, que pelas raizes se communica ao coração das mesmas palmeiras. E como para a cinza se lançar é preciso abrir as alengas das palmeiras, nas mesmas se conservará por mais tempo a agua, e as palmeiras attrahirão maior succo para se utilisarem e darem fructo mais copioso.

Advirto, porém, que em um e outro tempo melhor é a cinza feita de palha de vargea salgada, do que a cinza de fogão, por ser esta muito mais quente. Porém no inverno a cinza de fogão bem se póde lançar nas palmeiras, ainda em grande quantidade; porque a agua da chuva modifica e destroe a sua demasiada quentura.

Se alguem tiver commodo para isso, melhor será lançar no fim do verão aos pés das suas palmeiras lodo salgado feito em pó; porque o lodo, tendo o salgado da cinza, tem a substancia, que a cinza não tem, e dura mais tempo do que a cinza. E por experiencia se tem visto que mais aproveita um cesto de lodo salgado, sècco e reduzido a pó, lançado ao pé de uma palmeira, do que muitos cestos de cinza. E d'esta sorte, sendo maior a utilidade, as despezas são menores, porque se o lodo está perto, com o que se compra um cesto de cinza se compram cinco cestos de lodo fresco, ou dois e meio de lodo secco, como eu muitas vezes tenho comprado: e sendo necessario lançar todos os annos cinza aos pés das palmeiras, quem lhes lançar lodo, bastará que cada tres annos o faça, principalmente se ao pé de cada palmeira lançar quatro, ou

[1] Os estrumes, de que as plantas derivam os seus alimentos, podem ser do reino animal, vegetal, ou mineral. Os dois primeiros, que são mais abundantes n'estes succos nutrientes, só produzem o seu effeito quando por meio da humidade e calor tem sido fermentados e decompostos. O calor da fermentação não só põe em movimento as differentes substancias, de que se formam estes estrumes, para se dividirem, dissolverem, e misturarem reciprocamente, e se introduzirem pelos ductos ou poros capillares das raizes; mas promove tambem a evaporação de uma parte d'ellas, a qual em fórma de gaz se espalha na atmosphera, e vae servir de alimento ás plantas. Entre os corpos dos tres reinos da natureza os do mineral contém e produzem menor quantidade das substancias, que alimentam as plantas; porém obram em beneficio da vegetação: primeiro como estimulantes, que dispoem e auxiliam nos alimentos das plantas o estado de perfeita dissolução, que facilita a entrada d'elles nos orgãos vegetaes: segundo como corpos, que attrahem a humidade e gazes de atmosphera, e facilitam d'este modo o proveito que as plantas recebem d'estes dous agentes, o que se pode conseguir com a cal, com o gesso, e até com o *marne* ou *marga*: terceiro como substancias, que diminuem e temperam a excessiva tenacidade das terras, por exemplo, a areia; ou que modificam a sua demasiada soltura e porosidade como o barro.

D'aqui se conhece pois que a vigorosa e perfeita vegetação, que se observa nos palmares, em que ha grandes habitações e curraes de gado, é devida á abundancia das substancias animaes, que não só se deposita na terra, mas tambem se eleva no ar atmospherico.

cinco cestos de lodo fresco, mas enxuto, ou tres de lodo já secco e reduzido a pó.

Aonde não ha cinza, nem lodo, se faz uma de duas coisas; porque ou se lança ao pé de cada palmeira medida e meia de sal, que tambem faz muito proveito com a sua virtude salsuginosa, e com ella suppre o salgado de lodo e de cinza; mas deve-se lançar ao tempo de chuva, assim por ser quente, como para que logo se desfaça: ou se lhes lança folhagem do matto, da maneira que agora direi.

Tanto que começar a chover bem no tempo do inverno, abram-se bem as alengas das palmeiras, e se encham de folhas de *Combiyó*, de *Dinóm*, *Ecuxi*, e outras varias, que ha no matto, e depois de estarem as alengas bem cheias, se cubram de matte sufficiente, porque com este mate e com a chuva apodrecem, de sorte que se reduzem a cinza, e a experiencia tem mostrado que esta cinza é mais proficua ás palmeiras, do que outra qualquer. E d'este remedio se póde usar em logar de cinza e lodo, n'aquellas partes em que os palmares ficarem junto dos oiteiros. D'esta sorte se fazem de uma vez dous serviços; porque se abrem as alengas para em si receberem a agua, e se encinzam as palmeiras.

CAPITULO VII.

Se é ou não é conveniente que nos palmares haja arvoredos e quaes estes devem ser.

Sem duvida que quanto os palmares mais desabafados estiverem, e mais livres de quem lhes empeça o vento, tanto melhor serão, regularmente fallando; porque as larga experiencia mostra que a falta de vento nos palmares lhes é muito prejudicial. E d'aqui vem que os palmares muito fechados e bastos, em que as palmeiras estão muito juntas, ou dão pouco fructo, ou totalmente nenhum; motivo por que é preciso desbastar as palmeiras como já fica dito. Porém não se póde negar que ha muitos palmares em que por necessidade se devem plantar arvoredos pelo meio das palmeiras, para que lhes façam alguma sombra aos pés, mas não tão bastos, que totalmente lhes empeça tomar vento. Taes são os palmares de mondolly, e outros de chãos quentes e sêccos, em que o sol com o seu calor faz maior impressão; porque estes necessitam de arvores, com cuja sombra se defendam do damno, que o calor lhes fará, se a não tiverem.

As principaes arvores que servem, não só para o dito effeito, mas tambem com o seu fructo accrescentam o rendimento, são mangueiras e jaqueiras. As mangueiras devem ser enxertadas, assim porque não sobem tanto, como porque o seu fructo é melhor e mais lucroso. E esta enxertia se deve fazer de boas castas, não só no tempo de *Mogó*, como alguns erradamente cuidam, mas tanto que começa o inverno; porque assim terão humidade em todo o tempo para pegarem bem os garfos; seja, porém, em occasião de lua cheia, porque então está todo o succo das arvores espalhado pelos troncos, e pegam os garfos com mais segurança. E quanto estes enxertos se fizerem mais no ponto de lua cheia, tanto mais se assegurarão.

Se, porém, esta enxertia se não puder fazer por alguma causa na conjuncção da lua cheia, faça-se ao menos de quarto crescente até á dita conjuncção, quando ainda o succo das arvores se vae espalhando pelos seus troncos; porque fazendo-se depois da lua cheia, como n'este tempo o succo se vae recolhendo para as raizes, faltando este para os garfos, correm grande risco de não pegarem. E para este effeito se busque enxertador perito, que corte bem os garfos, que se hão de metter entre a pelle ou casca do tronco e o mesmo tronco, que os aperte bem, que com mate de cariá [1] tape bem todas as rachas e aberturas, para que lhes não entre agua, e que finalmente cubra bem as cabeças dos troncos enxertados para que a agua não cáia n'ellas, e de algum modo não penetre dentro da casca e damne os enxertos.

As jaqueiras devem ser de boas castas, e d'estas dizem alguns que melhores são as *baricas* do que *as giriçaes*. [2] Outros seguem a opinião contraria, mas o certo é que ha jacas baricas que excedem as giriçaes, e ha giriçaes que excedem muito as baricas. Porém, ou nos palmares se semeiem jacas baricas, ou giriçaes, o certo é que muitas vezes degeneram; porque de giriçaes ficam baricas, ou de baricas ficam giriçaes. No modo commum de semear ou plantar esta casta de arvores ha muitos modos, e tambem muitos erros. Uns fazem buracos no chão bastantemente fundos e sufficientemente largos, os quaes enchem com pó de bosta sècca e de olas sêccas, das que serviram nas casas, misturado com bom mate, e dentro semeiam o caroço quasi á flor da terra, o qual arrebentando, como acha a cova fofa, começa logo a lançar raizes profundas e a crescer grandemente, e em breves annos se faz arvore e dá fructo, principalmente se nos primeiros tres annos lhe continuam com boa regadura.

[1] Veja se a nota da 2.ª col. da pag. 88.

[2] As *jacas baricas* tem os bagos mais seccos e duriusculos, e talvez mais saborosos do que os da *giriçal*. O ananaz *barico* tem os olhos da casca ou epiderme exterior mais grandes e arredondados, e na doçura e fragrancia é superior ao *giriçal*.

Outros enterram no chão uma jaca inteira, que tenha ainda o seu pé, o qual amarram por uma corda na ponta de um bambú, que de outra parte enterram no chão, ficando o bambú arqueado violentamente, e assim se conserva até que apodrecendo a jaca com a força de bambú sáe para cima o seu tutano interior, ficando só os bagos da jaca dentro da casca, os quaes a seu tempo nascem todos juntos, e tanto que estão um pouco crescidos, os amarram ou enleiam fortemente uns com os outros, e por virtude d'este aperto se vão unindo com o tempo entre si, de sorte que se vem a fazer um só tronco, que dentro de breves annos dá fructo em abundancia. Eu não vi este modo de crear jaqueiras, mas ouvi dizer que se praticava em algumas partes, e os sujeitos me affirmaram, que o tinham visto; porém os troncos das jacas creadas por este modo de nenhuma sorte servem para madeira, como os que se criam pelo primeiro e mais modos, que logo direi.

Outros costumam semear em abril ou maio muitos caroços de jacas em algum chão, aonde todos nascem e se vão creando até a estrella de *Mogó*, e então os arrancam um por um, e os transplantam a onde lhes parece. E este é o modo commum, com que os naturaes fazem estes plantamentos, mas regularmente com mau successo. Porque as jaqueirinhas são arvores tão melindrosas que não consentem que se lhes toque nas raizes, sob pena de morrerem todas ou de escaparem rarissimas, e essas muitas fracas, como eu muitas vezes experimentei, quando imitei os naturaes. Porém depois que me occorreu outro modo, todas se me lograram com bom successo, e em breves annos se fizeram arvores. O modo de que agora uso é o seguinte:

Tanto que tenho noticia que ha jacas boas, por qualquer via as procuro, ainda que cada uma me custe dobrado, ou maior preço. Mando fazer cestinhos de bambú de altura de dous palmos e meio, e tres ou quatro de circumferencia. Mando-os encher de bom mate, e em cada um metto tres castanhas ou sementes de jaca, e as mando regar ao principio todos os dias, e depois um dia por outro até chegar o principio do inverno: então enterro totalmente cada um dos cestinhos em logar competente, faço-lhes sua cêrca, que defenda as jaqueirinhas do gado, e apodrecendo logo os cestinhos com a chuva, lançam as jaqueirinhas livremente as raizes pela terra sem offensa ou sentimento algum.

E como regularmente semeio estes caroços ou castanhas em janeiro ou fevereiro, desde então até junho crescem nos cestinhos e ficam de altura de mão e meia, ou duas mãos, e plantadas depois no chão, dentro de um anno se fazem mais altas que um homem de boa estatura, principalmente se as regam bem, e se ha cuidado de lhes cortar os raminhos que rebentam pelos lados da hastea, deixando-lhes sómente as guias. A causa por que semeio em cada cestinho tres castanhas, é porque muitas vezes não nascem todas, e se nascem algumas ficam fraquinhas, porém depois de nascerem todas as jaqueirinhas, deixando sómente a mais forte, corto ou arranco as mais, para que se logre melhor; e d'esta sorte tenho creado grande numero de jaqueirinhas; e outros fizeram o mesmo á minha imitação.

Se agora me perguntarem, qual d'estas duas especies de arvores é mais util e menos nociva nos palmares; respondo que ambas são uteis pelo seu fructo e rendimento, mas a jaqueira mais util pela sua madeira, que é excellente e a melhor na India, depois da de teca. E sendo a mangueira nociva ás palmeiras com a sua sombra, de que muito fogem, com a sombra e visinhança da jaqueira se dão bem, sem que uma se affaste de outra, como se deixa ver de todos os que observam estes diversos effeitos.

Devem, porém, estas arvores plantar-se pelos lados dos palmares, e se por dentro d'elles for necessario plantar algumas, o seja no meio dos valladinhos, ou bem nos angulos dos canteiros, para que não empeçam as lavouras. Das mais arvores não se consintam no meio dos palmares, principalmente as arvores de teca, nem tamarinheiros, porque são mui nocivas com a sua sombra. E supposto que os tamarinheiros são rendosos com o seu fructo, e as tecas com a sua madeira, mais é o lucro que impedem e o damno que causam, do que o proveito, que só dão depois de quarenta ou cincoenta annos. Para este genero de arvores são proprios os oiteiros, aonde livremente e sem medo se podem semear.

CAPITULO VIII.

De outras cousas concernentes ao beneficio e grangeamentos dos palmares.

Muitas outras cousas são precisamente necessarias, para os palmares serem bem tratados e darem fructo. Uma é que sempre andem limpos de arbustos agrestes, porque estes, além de tirarem a força da terra, impedem fazerem-se as lavouras bem. A segunda é que todos os annos, do meiado de julho por diante, se reformem os valladinhos dos canteiros, para se conservar n'elles a agua necessaria para bem dos palmares.

Disse do meiado de julho por diante, por-

que se antes se reformarem, sendo os palmares de terra de areia, a muita força de chuva os quebrará logo, e será a despeza escusada. E se o palmar estiver plantado em terra de oiteiro, como esta não é tão bibula, os canteiros ficarão muito cheios de agua, a qual ficando represada é nociva ás palmeiras por duas rasões; porque lhes faz apodrecer as raizes, sem asquaes não darão fructo, e porque amollecendo a terra com muita agua, as grandes ventanias que então ha, juntas com o peso dos cachos e das olas, darão com as palmeiras em baixo com grande perda dos palmareiros. Reformando-se, porém, os ditos valladinhos do meiado de julho por diante, como já nem as chuvas são tantas, nem os ventos tão rijos, não ha os sobreditos perigos, e as palmeiras ficarão com a frescura de agua necessaria para a sua conservação.

A terceira cousa muito precisa aos palmares, são as lavouras repetidas, e quantas mais forem, tanto mais proficuas lhes serão. Mas devem ser feitas de sorte que o chão fique bem cortado, para que as palmeiras possam estender livremente as suas raizes e a agua calar bem a terra, porque o mais é arranhar e não lavrar. Estas lavouras em terra de areial se podem começar em qualquer tempo, mas o costume é começa-las no tempo de chuva de *Mogó*, que regularmente começa pelos dias 9, 10, ou 11 de Agosto, e assim se vão continuando as seis lavouras costumadas até Outubro, mettendo de permeio entre uma e outra quinze dias.

Isto se deve entender em palmares de areial que se póde lavrar em todo o tempo; porém nos palmares de oiteiro devem as lavouras começar mais cedo, pelo perigo de faltarem depois as chuvas, sem as quaes se não podem lavrar similhantes chãos. Depois de cada duas lavouras se deve dar uma taboa, que não só serve para matar a palha, mas tambem para endireitar os chãos, cousa muito precisa nos palmares, e em que bem pouco ou nada cuidam.

Acabado o inverno ainda se costumam fazer mais duas cousas nos palmares. A primeira é a que chamam dobrar as alengas, e consiste em tornar a encher as que estavam abertas por respeito da chuva, cinza ou lodo. Porém este serviço, regularmente fallando, se faz com pouco ou nenhum proveito; porque só se lança algum pouco de mate nas ditas alengas do que está mais visinho a ellas. Eu, porém, mando puxar do que está pelo meio dos canteiros, e não está tão cansado, e com elle mando encher as alengas, de sorte que este novo mate sobrepuja quatro ou cinco dedos sobre o plano do palmar, e d'esta sorte ficam as palmeiras cada anno como entulhadas e capazes de resistir aos calores do sol.

A segunda cousa é renovar outra vez os valladinhos dos canteiros, mas é despeza totalmente escusada por duas rasões. A primeira é porque os valladinhos só se fazem e se renovam para sustentar a agua nos canteiros; e como já n'aquelle tempo não ha agua que conservar, bem se deixa vêr ser desnecessaria esta despeza e beneficio. A segunda é porque os taes valladinhos não se conservam em ser até o inverno seguinte, mas no tempo do verão os quebram os gados e a gente que passa pelos palmares; só será conveniente raspar a enxada toda a palha, que pelos valladinhos houver, para que os gados a não venham comer, e por esta occasião os destruam totalmente, e comam as palmeirinhas, pequenas mangueirinhas, jaqueirinhas, e enxertos, que nos palmares houver.

CAPITULO IX.

Ensina-se como se hão de plantar e conservar nos chãos de monddoly, não só as palmeirinhas pequenas, mas tambem as grandes.

É a doença de *monddoly* tão perniciosa aos palmares, que não só não deixa lograr as palmeirinhas pequenas, que nos chãos infectos com esta peste se plantam, mas tambem mata as palmeiras grandes. Por esta causa grande parte dos palmares de areias da Provincia de Salsete estão totalmente perdidos e desertos, e os senhores d'elles se não atrevem a fazer nos taes chãos novos plantamentos, porque até agora ninguem descobriu efficaz remedio com que se cure tão grande e pernicioso mal. Eu, porém, que costumo reparar em tudo o que vejo nas fazendas, observei muitas vezes que em alguns palmares, que estavam ao meu cuidado, havia em muitos logares duas palmeiras juntas, e ambas muito viçosas, sendo o chão de *monddoly*. Perguntei aos mocadões que já eram antigos, como e por que rasão tinham plantado aquellas palmeiras juntas,— quando ainda outra maior distancia era precisa ás palmeiras.—Responderam-me, que a causa fôra porque estando algumas palmeirinhas quasi mortas, e sem esperança de escaparem, lhes plantaram outras ao pé; e não só lograram as segundas, mas tambem as primeiras reviveram, e estavam tão formosas, como eu via, sem que se podesse distinguir quaes fossem as primeiras, e quaes as segundas.

Á vista d'esta resposta comecei a entrar em discurso, e quasi adivinhando a causa d'este segredo, ordenei a cinco mocadões, que me

eram subordinados, que cada um no seu districto plantasse logo cinco palmeirinhas junto das outras cinco, que em chãos de *monddoly* estivessem quasi mortas. Assim se fez, e a seu tempo achei que não só escaparam todas as vinte e cinco, que de novo se plantaram nas mesmas covas das moribundas, mas tambem estas reverdeceram e ficaram tão formosas, que só pelos signaes, que mandei pôr, se podia conhecer quaes eram as primeiras e quaes eram as segundas; e me confirmei no meu pensamento.

E se alguem me perguntar agora qual seja a causa d'isto, respondo, que a verdadeira e genuina só Deos a sabe; mas o que eu posso conjecturar é uma de duas cousas. A primeira é que como a doença de *monddoly* é muito forte, e as palmeirinhas de novo plantadas são tenras plantas, em quanto a primeira estava só, a doença se empregava toda n'ella e a matava; porém depois de se plantar a segunda, dividia-se o mal por ambas, e já então uma e outra palmeirinha, não só o podiam tolerar, mas prevalecer contra elle.

A segunda é que assim como nas mais cousas ha suas sympathias e antipathias, assim tambem as haverá n'estas pequenas plantas. E para que a primeira ficasse (digamo-lo assim) como senhora do logar, que a segunda lhe queria tomar, se esforçaria de sorte que não ficasse vencida da segunda; e esta pela mesma causa não quereria ceder á primeira. Seja, porém, o que for, o certo é que isto assim me succedeu e assim o experimentei. D'onde se infere já qual haja de ser o remedio para não morrerem as palmeirinhas, que se plantarem n'estes chãos. Só me faltou observar se o mesmo succedia plantando logo juntamente duas palmeirinhas na mesma cova. Mas o que eu por inadvertencia deixei de fazer podem agora os palmareiros experimentar, e se lhes succeder o mesmo têem o remedio na sua mão.

Bem sei que me poderão dizer que vingando duas palmeirinhas na mesma cova uma tomará o vento e a substancia da outra; mas não ha que ter este receio, porque eu vi em varios logares que de um só coco nasceram tres pés de palmeiras realmente distinctas que ao compasso que iam crescendo, se iam afastando umas das outras, e todas davam fructo sem nenhum dos perigos temidos. E por que o não farão assim duas palmeiras nascidas de dous cocos diversos enterrados na mesma cova?

Outra cousa observei mais n'este particular, e foi que passando por palmares infeccionados d'este mal, reparei que o seu mate pela parte superior estava muito fino por modo de farinha, e parecia podre, e mandando cavar o interior do chão, achei que o mate era muito diverso, porque era mais encorporado e de differente côr, e assentei comigo que a principal força d'esta doença estava na superficie da terra, e por isso morriam as palmeirinhas que se costumam plantar não muito profundas.[1]

Pelo que em dois palmares ou chãos, em que ellas tinham estado, mandei que se cavasse o mate na altura de uma mão ou mão e meia, este se tirasse a cestos e com elle se fizessem vallados á roda dos ditos chãos, que estavam totalmente abertos e expostos aos gados; e nos planos que ficaram mandei armar os canteiros e plantar palmeirinhas, que em um foram mil e seiscentas, pouco mais ou menos, e em outro perto de setecentas, e todas com universal admiração saíram excellentes e se conservaram em quanto corri com aquellas fazendas, posto que depois morreram algumas com a entrada do inimigo Maratá,[2] e pelo pouco, ou nenhum cuidado, que d'ellas houve. Quem quizer tomar esta lição cuide em saber o que experimentaram outros que d'este ou pouco differente modo fizeram alguns plantamentos, os quaes eu vi, e se conservaram tendo d'elles bom cuidado.

Resta agora ensinar meio para não morrerem as palmeirinhas grandes plantadas n'esta casta de chãos; e tambem o apontarei tirado das observações, que fiz. Nos palmares com que corri, e nos outros por onde passei, reparei que as palmeiras grandes descansadas em *arvores de gralha*,[3] que se tinham creado das forquilhas ou estacas, que antes lhes arrimaram para não cairem, estando enleiadas com as raizes das ditas arvores, todas eram antigas e davam muito fructo, como costumam as palmeiras plantadas n'estes chãos, signal de que são muito fortes: e discursando sobre as causas d'isto assentei, comigo, que morrerem as palmeiras que não estavam enlaçadas com as raizes das ditas arvores, e viverem tanto as que com ellas se abraçavam, provinha de um de dois principios, porque a arvore de

[1] Este vicio da terra será effeito da alteração, e falta do *humus* vegetal? Uma analyse geologica talvez nos descortinasse este segredo, e fizesse acertar com o remedio.

[2] Parece que falla da invasão acontecida no governo de Pedro Mascarenhas no anno de 1739, em que o Bounsuló entrou em Bardez, e o Maharatá em Salsete.

[3] Chama-se vulgarmente arvore de *gralha* (porque estas aves são gulosas das suas pequenas fructas) á que no paiz tem o nome de *Oddo*, e os europeus nas suas descripções denominam arvore *Baniane*, ou *Figueira dos Pagodes*, porque pela muita sombra que faz se costuma plantar ao pé dos Pagodes (e tambem das Igrejas Christãs), onde dão frescura e abrigo ao concurso do povo, e debaixo das quaes se armam as feiras por occasião das festividades religiosas.

gralha, ou attrahia a si a doença das palmeiras, ou lhes communicava alguma qualidade, que lh'a matava: e ainda agora sou d'este parecer, e o serei em quanto me não constar o contrario.

Pelo que, tanto que as palmeiras d'estes chãos tiverem pé sufficiente, lhes arrimem logo estacas de arvores de gralhas, e como estas crescem depressa, depressa se abraçarão as suas raizes com as palmeiras; poderá ser que por este meio escapem, e se conservem, o que a experiencia mostrará. Bem sei que me hão de dizer que d'esta sorte os palmares se não poderão lavrar. Mas pouco importa que se não lavrem, com tanto que se conservem e dêem bom fructo, que é o que os palmareiros pretendem. Em logar de lavouras mande-se-lhes cavar os pés, e talvez que seja com maior proveito, e certamente será com menos despeza.[1]

Isto assim é o que entendo n'estas materias, e já o teria posto por papel, como muitos naturaes ha muitos annos me tinham pedido, mas nunca tive tempo para poder fazer muito bem ao publico, e como muito desejava. Agora, porém, que por justas causas m'o pede quem m'o podia absolutamente mandar, satisfaço a obediencia e a caridade. Queira Deus que estas regras aproveitem, e certamente aproveitarão se houver quem use d'ellas, não se afastando um ponto do que n'ellas digo; porque me não guiei n'estas materias por costumes, como fazem os naturaes, mas sigo os dictames da rasão fundados em observações, e experiencia. Deus, que é author de todo o bem, disponha que tudo succeda prosperamente para a sua maior gloria, e bem universal de todos.

[1] Pratica-se tambem com grande proveito outro remedio, que parece d'entre os conhecidos o melhor, e consiste em se abrirem de espaço a espaço umas vallas estreitas, chamadas *sangrias*, que dêem vasão ás aguas de chuvas, as quaes parece levam comsigo este mal de *monddoly*.

Ha outra molestia, que a palmeira padece, e de que não falla esta arte, e se chama *Morem*. Consiste em distillar a palmeira na sua copa junto aos pés dos cachos umas lagrimas, ou pingos de agua, com que a arvore se vae seccando e morre. Algumas vezes este humor maligno faz deposito em um só logar, e então ordinariamente vae-se seccando esta parte, que é preciso logo amputar para não lavrar o mal, e salva-se a palmeira, ainda que enfraquecida. Se o mal não faz deposito conhecido, é preciso em certa altura do chão, de ordinario pouco acima de uma braça, furar o tronco de parte a parte, de modo que possa dar passagem á mão com o punho fechado; por este furo se vae escorrendo o tal humor, e deixa de atacar a copa.

(Todas as notas que acompanham esta = Arte Palmarica = são tiradas da copia offerecida á Associação Maritima e Colonial)

O Red.

Não parecera estranho que no fim de um tratado da cultura de uma especie de palmeira, accrescentemos a seguinte noticia, tirada do *Journal général de l'Instruction publique*, sobre as utilidades da *palmeira anã* da Africa, que entendemos ser a nossa *palmeira das vassouras* de Brotero *(Chamærops humilis)* ou *Palma* do Algarve. Sabemos, e todos sabem, que no Algarve se emprega bastante trabalho em obras de palma, desde as mais grosseiras até ás de uma grande belleza e perfeição. Todavia podemos ainda dar novas applicações á palma; e o que ainda mais temos em vista, é, com esta noticia, e com este exemplo, fazer sentir quantos recursos estarão ainda por descobrir nas nossas Provincias Africanas; sendo muito para attender de quanta utilidade se tornou, quasi de repente, para os Colonos de Argel uma planta, que pouco tempo antes era considerada como uma praga d'aquella região.

O Red.

«A *palmeira anã* foi por muito tempo o maior objecto de afflicção para os agricultores da Argelia. Era reputada a tal ponto inutil, que se tinham dado premios para a sua extirpação, muito difficultosa pelas raizes profundas e resistentes da planta. Entretanto algumas tribus Arabes se serviam do fio que se tira da haste d'esta palmeira, para fabricarem, com mistura de pello de camello, a fazenda para a cobertura das suas tendas; outras faziam cestinhos das folhas; e geralmente todas se serviam de cordas grosseiras feitas com a planta inteira torcida.»

«Estas praticas inspiraram o pensamento de empregar a palmeira anã na fabricação de papel; e esta tentativa teve o melhor resultado. Podem-se colher na Argelia milhões de quintaes, e o preço do quintal de folhas verdes não passa de dois francos (320 a 360 réis). Ora, como o trapo em França é cada vez mais caro, e custa de 20 a 50 francos o quintal (3$200 a 9$000 réis), sem fallar dos 20 a 30 por cento, que tem de perda, não póde duvidar-se de que com os progressos actuaes da industria, se possam obter importantes resultados do emprego d'esta planta.

«Já agora se póde tirar da palma um fio similhante á clina, e que é ao mesmo tempo consistente e muito elastico: usa-se em tapetes ou esteiras em grande escala, e então lhe chamam clina vegetal ou clina de Africa. Tambem com este fio se fazem cordas melhores que as de esparto, e que se usam em todos os portos de França; o que é muito vantajoso a este paiz, que deixa de pagar um

tributo á Hespanha na compra das cordas de esparto, substituidas pelas de palma.

«Mas ainda aqui não está tudo; porque ultimamente se descobriu, que tirando-lhe o gluten que os une, os fios da palmeira anã são susceptiveis da maior divisão; e que, apesar do seu pouco comprimento (25 a 40 centimetros), são quasi tão finos como os do linho, e podem ser com utilidade empregados em tecidos.

«Aqui temos pois quatro industrias consideraveis (papel, tapetes ou esteiras, cordas e tecidos), alimentadas por esta planta, d'antes reputada um dos flagelos da Argelia, e que hoje se tornou para os Colonos um manancial de productos de consumo certo e vantajoso.»

DA GUTTA-PERCHA.

Extracto das lições de Mr. Payen no Conservatorio das Artes e Officios.

Esta gomma, a que no paiz da sua producção chamam *gutta-taban*, extrahe-se de uma arvore da familia das *Saponarias*, de que fazem parte os generos *Achias* e *Bassia*, mas indevidamente, como sentem alguns auctores.

A arvore de que fallâmos, originaria da India, tem de 20 a 25 metros de altura, e 60 centimetros a 1 metro de diametro. Na sua elevação e aspecto assimilha-se muito ao *Durioribethinus*, mas differe nos caracteres botanicos, de que aqui não trataremos. É muito difficil obter as suas flores e fructo. O lenho não tem valor. O fructo dá um oleo, de que os naturaes do Archipelago Indico se servem para temperar o comer. Abunda na Ilha de Singapura, nos bosques do Djohore, na extremidade da Peninsula de Malaca, na Costa SE. de Borneo, em Keli, e em Senaroc, onde lhe chamam *niato*.

O primeiro modo de extracção era tão simples, como estragador; cortava-se a arvore, e se lhe tiravam apenas 10 a 15 kilogrammas de gomma. Este processo prejudicial foi felizmente substituido pelo das *incisões*. Mas esta preciosa producção continuava a ser de muito limitado uso, quando os Senhores de Montgomery e Joseph de Almeida o mandaram á Sociedade Real das Sciencias de Londres, que deu uma medalha de oiro ao primeiro.

Até 1844 o commercio europeu ignorava as utilidades da gutta-percha, que só servia para se fazerem cabos de uma especie de machado a que chamam *parang*. Mas quatro annos e meio depois já Singapura tinha remettido 1.303:656 kilogrammas, no valor de quasi dois milhões de francos (mais de trezentos contos de réis).

Desde esta epocha a procura multiplicou-se; e as auctoridades locaes especularam n'esta nova riqueza, que foi monopolisada pelos soberanos.

Hoje emprega-se em muitos objectos, tanto em Inglaterra como em França.

COLONISAÇÃO.

BREVE NOTICIA DO ESTABELECIMENTO FRANCEZ NO RIO GABÃO E DO SEU COMMERCIO.

«O commercio francez, que ha um certo numero de annos parecia ir acabando, começa a prosperar. As importações e exportações do primeiro trimestre de 1853 chegam juntas a 118:420 francos, em quanto as do quarto trimestre de 1852 apenas chegavam a 14:500 francos. Os Capitães dos navios acabaram finalmente de conhecer toda a importancia das transacções que se podem fazer no Gabão; e pelas conversações que tenho tido com muitos d'elles, tenho rasão para esperar que as nossas relações commerciaes continuarão a crescer; mas para isto é de desejar que os Francezes imitem os Inglezes, que tão bons resultados têem conseguido na Costa occidental da Africa. Não se devem contentar, como até agora tem feito, de tratarem só com os habitantes das margens do Gabão, que nem sempre são de boa fé, e gastam infinito tempo em irem aos rios interiores buscar a madeira necessaria para a carregação de um navio, o que obriga os Capitães que têem feito adiantamentos a demorarem-se quatro e cinco mezes á espera dos productos que os Gabanezes lhe devem trazer, depois d'estes terem tratado com a gente do interior. É tempo de dispensarmos o intermedio dos habitantes da beira do rio, que propriamente só são corretores: cumpre, como fazem os Inglezes, que vamos tratar directamente com os naturaes; que é o que elles mais desejam.

«Em um terreno tão rico como é o do Gabão, é impossivel que se não façam magnificas transacções: mas para obter bom resultado, torno a repeti-lo, é necessario que os Francezes sigam o modo de commerciar dos Inglezes.

«Um Capitão mandado por uma casa do Havre trouxe uma pequena goleta, que elle manda aos rios para tratar directamente com os naturaes, em quanto corre a costa com o seu navio para trocar os generos francezes

pelos productos do paiz. Este Capitão, que navega ha muito tempo para a Costa d'Africa, conheceu quanto se podia lucrar; e se, como eu quero crer, elle obtem bons resultados, persuado-me que outros seguirão o seu exemplo.

« As nossas relações com os Chefes indigenas são excellentes: quasi todos têem já vindo ver o Commandante da Feitoria, e lhe têem affirmado serem inteiramente affeiçoados aos Francezes. Vivem em paz nos seus territorios, mas não têem influencia alguma nos seus subditos. Notei com sentimento que não reinava boa intelligencia entre os habitantes de Glass e os de Denis. A tenção do Commandante é reunir alguma vez os principaes chefes, para lhes fazer entender, que só com perfeita harmonia é que poderão contribuir para a prosperidade do seu paiz.

« A povoação de Libreville cresce todos os dias: muitas habitações, que iam caindo em ruinas, tem sido substituidas por casas novas de palha, mas mais espaçosas, e especialmente construidas com mais gosto. Os habitantes d'esta pequena Colonia quasi todos são casados, e vivem em boa intelligencia. Assistem regularmente com seus filhos aos officios do Domingo, e ás explicações que costuma fazer um Missionario. Começam a conhecer o espirito de familia, e a trabalhar para bem de seus filhos. Todos se empregam resolutamente na agricultura, e já muitas fazendas se estendem a mais de um kilometro para o interior: tenho-as visitado, e tenho visto com prazer magnificas plantações de pistacias: tem tambem plantado muito inhame, mandioca, e grande quantidade de bananeiras. Ultimamente pediram arroz para semear, e promptamente lhes foi fornecido.

« Os nossos missionarios, e as religiosas, não contribuem pouco para a prosperidade de Libreville, com o seu zêlo e dedicação.

« A cêrca da Feitoria é mil vezes bem tratada; Mr. Aubry tem n'ella singularissimo cuidado; todo o seu desejo é que seja uma fazenda de modelo. Além das hortaliças, que já são abundantes, tem um muito bonito viveiro de cafeteiros, cacoeiros, mangueiras, larangeiras, e outras muitas arvores fructiferas, com que hão de ser ornadas as ruas e praças de Libreville. »

(Revue Coloniale.)

ESTADO DAS SCIENCIAS NO JAPÃO.

Em uma das ultimas sessões da Sociedade das Sciencias naturaes de Bonn, M. de Siebold, author da grande obra sobre o Japão, geralmente conhecida, leu uma memoria *Sobre o estado das sciencias no Japão.*

Começa mostrando como as Sciencias e as Artes passaram do Continente da Asia pela Corea ao Japão á sombra da religião e da moral de Confucio. A data d'esta aurora litteraria deve ter sido entre os annos 219 antes de Christo e 310 da era Christã. Ao principio os Japões persuadiam-se ver alguma cousa de divino nas cousas novas que se lhes apresentavam: assim uma raiz disforme, uma pedra extraordinaria, etc., lhes causavam espanto e respeito. Os nobres e os ricos que cuidavam disveladamente da sua saude, iam elles proprios procurar as hervas salutares importadas da China, e recommendadas pelos medicos. Isto explica esta phrase que se encontra nos annaes do Japão, ao anno 611: «*Hoje o micado* (soberano) *fez com toda a Corte uma caçada ás hervas.*» A obra de Historia Natural em lingua Chineza *Pen-tsa*, impressa por 1107, serviu de modelo aos sabios do imperio do Japão.

A collecção de manuscriptos respectivos a historia natural, trazida á Europa por Mr. de Siebold, passa de cem, e comprehende alguns centos de volumes. Para dar aos membros da Sociedade uma idéa exacta do estado das Sciencias no Japão, o author apresentou uma escolha de livros, desenhos e manuscriptos, entrando um mappa do Imperio do Japão, mostrando todas as montanhas e volcões, devida ao artista Buntsjo, que se empregou, em quanto viveu, em visitar e desenhar as innumeraveis elevações de terreno, de que aquelle paiz é cheio. Os sabios geologos que assistiam á sessão admiraram muito este trabalho. N'esta occasião Mr. de Siebold lhes contou, que os Japões tinham adoptado antigamente o systema dos seus visinhos que dividem os objectos naturaes em pedras, hervas, arvores, insectos, peixes, molluscos, aves e mamaes. Os antigos livros populares são concebidos segundo o antigo methodo chinez.

Mas os naturalistas actuaes conhecem os systemas dos sabios da Europa; o de Linneu é muito conhecido, e a edição d'este celebre botanico por Houthyn se acha nas mãos de muitos Japões instruidos. Modernamente até foi traduzida debaixo da direcção de Siebold a *Flora Japonica* de Thunberg, e se imprimiu com gravuras em madeira. Os seus discipulos fundaram com os mais celebres naturalistas do imperio, em Owari, uma sociedade, que já tem publicado tres volumes de dissertações.

Entre os livros e desenhos de Botanica apresentados á sociedade de Bonn, merecem especial attenção um diccionario de Historia Natural, contendo os nomes nas linguas Chineza e do Japão de 5:300 objectos; uma descripção ornada de gravuras exactas, de todas as plantas uteis; um calendario de flores; e algumas monographias de plantas de ornamento. Foi tambem muito admirada uma *flora* de uma das Ilhas Kourilas, feita pelo medico imperial Pasuragawa; e finalmente o author abriu um grande mappa da mina de oiro de Quinsan, em que se vê o modo de cavar o chão para extrahir o metal.

(Journal général de l'Instruction publique.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

DESCRIPÇÃO

DA

VIAGEM FEITA DE LOANDA COM DESTINO ÁS CABECEIRAS DO RIO SENA, OU AONDE FOR MAIS CONVENIENTE PELO INTERIOR DO CONTINENTE, DE QUE AS TRIBUS SÃO SENHORES, PRINCIPIADA EM 24 DE ABRIL DE 1843.

Por Joaquim Rodrigues Graça

ENCARREGADO por S. Ex.ª, o fallecido Governador, José Xavier Bressane Leite, de explorar os territorios dos Regulos por onde transitasse, de examinar seus usos e costumes, Religião, superstições, fórma de seus Governos, conhecimentos de agricultura, rios, suas nascentes, navegaveis, ou innavegaveis, mineraes, e todos os mais objectos em geral, por instrucções que me foram dadas em 18 de Março de 1843: objectos estes de serviço nacional para bem e interesses da Nação.

DERROTA EM DIREITURA DE LOANDA ÁS CABECEIRAS DO RIO SENA, QUE POR ESPECULAÇÃO COMMERCIAL, E INSTRUCÇÕES DADAS PELO GOVERNO, EMPREHENDI EM 18 DE MARÇO DE 1843, FORMALISADA DO MODO SEGUINTE.

1843—Abril 24—Leguas 3.

Partimos de *Bango-aquitamba*, Districto do *Golungo-alto*, e acampámos em o sitio denominado *Camilugo*, do mesmo Districto, terreno montanhoso, cortado de riachos, e ferteis nascentes.—Sem mais novidade.

A. 25—Leg. 1.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Cão*, do mesmo Districto, terreno sem alteração.

A. 26—Leg. 2.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Quibinda*, do mesmo Districto, terreno sem elevação.

A. 27—Leg. 2.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Camuaxe*, Districto de *Ambaca*, terreno o mesmo acima; tempo chuvoso.

A. 28—Leg. $2\frac{1}{2}$.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Pamba*, do mesmo Districto, o mesmo terreno, tempo chuvoso.

A. 29—Leg. $1\frac{1}{2}$.

Seguimos, e acampámos no porto *Lucalla*, á margem d'este rio.—Sem mais novidade.

A. 30.

N'este dia não prosegui por occupar-me em mandar passar a carregação para além do rio.

Maio 1.

N'este dia occupei-me no mesmo que no dia antecedente.—Sem mais novidade.

M. 2—Leg. 3.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Alla*, Districto de Ambaca, terreno em partes montanhoso.

M. 3—Leg. 1.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Quizenga*; o mesmo terreno, sem elevação.

M. 4—Leg. $3\frac{1}{2}$.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Caheto*, o mesmo terreno, do mesmo Districto.

M. 5—Leg. 3.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Meruxe*, terreno plano, mato rasteiro e fechado, terras do Districto de Ambaca, pouco habitado.—Sem mais novidade.

M. 6—Leg. $3\frac{1}{2}$.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Quissequelle*; o mesmo terreno, o mesmo mato.—Sem mais novidade.

M. 7—Leg. $4\frac{1}{2}$.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Canguenhe*, terreno plano, matos rasteiros, deserto a maior parte d'este caminho.—Sem mais novidade.

M. 8—Leg. 8.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Lombe*, fronteira das terras avassalladas; terreno plano com matos: n'este sitio está um pequeno destacamento, commandado por um cabo com quatro empacaceiros, e quatro soldados da companhia movel; elle é conservado nas fronteiras para prevenir qualquer invasão por parte dos pretos limitrofes, que muitas vezes vem guerrear os Sobas visinhos; mas não sei como tão diminuta força possa

manter em o devido respeito o gentio, oppondo-se-lhe; sendo certo que n'aquellas conjunturas vêem-se na collisão de desampararem o seu posto, refugiando-se em Ambaca, para não serem victimas da carnificina d'essas hordas selvagens, que tudo assolam. O *Lombe* é um rio caudaloso nas estações das chuvas; a sua nascente é a léste, sua direcção ou curso a oeste; e tributa suas aguas ao grande *Quanza*.—Sem mais novidade.

M. 9—Leg. 6 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Malange;* seus matos rasteiros, terreno montanhoso em partes.

Este Soba chama-se *Quibangana;* tributa homenagem ao Districto de Ambaca, por ser visinho das fronteiras: o seu terreno é plano, fertil de milho, feijão, e creações; terra propria para toda e qualquer agricultura. N'este sitio ha um pequeno riacho, que em todo o tempo não impede o viajante. Offerece poucas vantagens commerciaes; cera em pouca quantidade, alguns escravos.

Este Soba habita dentro de uma grande cerca de pau a pique, para se defender das guerras, que fazem uns aos outros.

As armas que usam são as chamadas portuguezas, lanças e frechas; vivem do roubo, vestem couros de feras, não deixando de apreciar um bocado de qualquer fazenda; possuindo boas fardas, chapeus armados; porém só d'elles usam, quando dão as suas audiencias: são de má indole, pois que, ainda que visinhos, não guardam respeito aos portuguezes, que transitam por seu territorio, e buscam meios de os roubarem, se da parte do viajante encontram fraqueza. É o que colligi d'este povo, e a sua religião é idolatra.

M. 10—Leg. 7 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Calulo;* seu terreno é plano, mato rasteiro, cortado de riachos, poucos povos, esteril, gente pertencente ao dito Soba: nada mais que mereça referir-se pude observar.

M. 11—Leg. 4 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Ponde;* seu terreno plano, matos rasteiros, pantanoso na estação das chuvas, fertil de farinha de mandioca, milho, feijão, etc. Este Soba é subdito de um outro por nome *Marimba-Angombe:* nada mais observei; a sua religião é idolatra.

M. 12—Leg. 3 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Cuge;* seu terreno plano, pouco mato. Cuge é um rio caudaloso: no tempo das chuvas, não se póde passar o vau, as mercadorias, quer as do interior, quer as que vem da capital, pagam passagem ao dono do porto: é fertil de milho, feijão, creações; nenhumas vantagens commerciaes se offerecem, que animem o negociante. A nascente d'este rio vem de léste; sua corrente é regular, e faz pagar tributo ao Quanza; são differentes as Tribus, que occupam a margem d'este rio, de má indole, ladrões, supersticiosos, idolatras.—Nada mais observei digno de menção.

M. 13—Leg. 4 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Cazella-Menha;* seus matos fechados e rasteiros, terreno plano, abundante em cereaes, como milho, feijão, farinha, e creações; nenhumas vantagens commerciaes, costumes e religião como os descriptos, etc.

M. 14—Leg. 6 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Cassunge*, com matos altos e fechados, terreno plano, pantanoso na estação das chuvas; produz milho, feijão, e farinha de mandioca, criações etc. Este Soba chama-se *Chacabeto*, vive entre matos, é subdito do potentado *Cunga-Palanca e Quindange;* é de má indole, facinoroso, tem confiscado fazendas aos negociantes, que transitam para o interior, como para o *Bihé*, *Songo*, *Quanza*, *Camexe*, etc. Não ha vantagens commerciaes, que animem o negociante. Tem n'este sitio um rio perigoso para passagem de cavalgaduras, é pantanoso; todo este transito é deserto.

M. 15—Leg. 8 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Luchexe;* seus matos rasteiros e fechados, terreno plano, deserto em todo este transito. Luchexe é um pequeno rio, que se passa em ponte feita pelo viajante, que se dirige ao interior; aqui habitam alguns povos.—Nada mais a mencionar.

M. 16—Leg. 7 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Mugire;* seus matos altos e fechados, terreno plano e em partes pantanoso; produz milho, feijão e farinha de mandioca, etc. Este Soba é subdito do outro por nome *Quindange*, de que já fallei.

M. 17—Leg. 8.

Seguimos, e acampámos em a Banza do Regulo *Quindange*, seus matos altos e fechados, terreno plano, fertil de mantimentos e creações, muito povoado; inclinados ao roubo uns contra os outros, e com mais vontade contra o caminhante se arremeçam, e desgraçado este se o não repelle por meio da força. Offerece em commercio cera, marfim e escravos. Este é sobrinho do outro já referido Cunga-Palanca, um dos maiores potentados do Songo; sua religião é idolatra.

M. 18—Leg. 2 ½.

Seguimos, e acampámos em a margem do

rio *Loando*, seus matos rasteiros, terreno plano; este rio é caudaloso no tempo das chuvas, chega a ter de fundo 10, 12 e 14 braças em partes, com uma corrente impetuosa, mui piscoso em todo o tempo; possue cavallos-marinhos, jacarés em quantidade. A sua nascente é a léste, e é tributario do Quanza, navegavel em partes; alaga uma extensa campina propria para cana, arroz, feijão, etc.; no tempo de chuvas obstrue o caminho, impedindo o transito ao viajante, que se dirige ao Bihé, Songo, e Camexe: tem cera, marfim e escravos, etc.—Nada mais observei.

M. 19.

N'este dia occupei-me em mandar passar a carregação.

M. 20.

N'este dia occupei-me no mesmo acima.

M. 21—Leg. 3½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Mussulumba*, deserto, seus matos altos e fechados em parte, e n'outras rasteiro, terreno plano, pantanoso em tempo de chuvas; tem grande quantidade de elephantes; n'este deserto não póde o viajante proseguir sem ter uma grande comitiva para intimidar as féras, como o leão, que são tantos, que atacam o viajante em seu acampamento; bem como os gentios, que na caça do elefante, encontrando os que transitam desapercebidos, atacam, roubam e matam; os que são pretos ficam escravos, e aos que são brancos assassinam, se podem; n'este fundo não se póde dormir pelo horroroso bramido do leão, e mais féras. Muito soffre o feirante, que se arrisca, e emprehende uma viagem pelo interior; a seus olhos se offerece o rancor de animaes ferozes, que só se saciam em sangue, continuamente o aspecto do gentio tanto ou mais obstinado na pilhagem (o seu motu contínuo) e na crueldade, que pratica actos revoltantes, só proprios de homens tão embrutecidos como as féras, que povoam tão vasto continente; occasião havendo em que se vê desamparado, pelo abandono dos carregadores, largando as fazendas do mato; e summa constancia a toda a prova, uma energia rara não são predicados, que possua o viajante; ai d'elle, que vendo-se cercado de tantos obstaculos, perde a esperança, e com esta o alento, e definhando morre. Deve ser de constituição vigorosa para supportar tantos e tão repetidos accidentes, e se por infelicidade succumbiu sob o peso d'esses males, a sua fazenda será a préa dos proprios carregadores; porém a Divina Providencia vela por estes infelizes!

M. 22—Leg. 3.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Camaingua;* deserto, seus matos altos e fechades, terreno em partes pantanoso: costumes como os descriptos, etc.—Sem mais novidade.

M. 23.—Leg. 7.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Guri;* seus matos altos e fechados, terreno pantanoso na estação das chuvas, esteril: antes de chegar a este sitio ha um pequeno rio de nome Nungonbe, caudal no tempo chuvoso a ponto de alagar uma grande campina, que não dá passagem. N'este ponto habita um regulo por nome *Guri*, dentro de uma quimbaca de pau a pique, contendo dentro da mesma quinze a vinte fogos; é subdito do grande regulo *Colongo;* seu commercio é o da caça de elefantes.

M. 24—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Colongo*, á margem do rio Quanza; seus matos rasteiros, terreno plano e infecundo.

Este regulo se chama Colongo, é de má indole; offerece para o commercio cera, marfim e escravos, seus povos são salteadores, e de varias nações: produz mandioca, feijão, milho em pouca quantidade; empregam-se em a caça, e colhem bastante cera, etc. São idolatras.

M. 25—Leg. 4½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Quibuagana-Coquinai*, seus matos rasteiros, terreno plano, cortado de riachos. Este Soba era potentado, mas nas guerras dos seus visinhos *Andulo*, *Bailundo*, *Camexe*, ficou sem povos; comtudo o pouco que lhe resta, lavra para si, e abastece qualquer caravana, que por ali passe: para permutação offerecem cera, escravos; e são idolatras, etc.

M. 26—Leg. 5.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Binga-Anzamba*, seus matos altos e fechados, terreno com suas elevações, subindo pela ceira do rio Quanza: este Soba vive entre um valle na margem do mesmo rio, é de má indole, guerreiro, dado ao roubo, ora emprega a força, ora a frivolos pretextos arma laços em que vae caír o pobre do viajante, se não tem forças para repellir tal aggressão, e se apanhado é morto, e os carregadores amarrados e escravisados. Este regulo não tem alliança com algum outro, apesar de que a maior parte d'elles vivem em republicas; alguns ha, que as tem secretas para se coadjuvarem, quando tenham guerras, com armas, polvora, etc. mas não com forças pessoaes; adoram os idolos, tem cera, marfim pouco. —Nada mais a referir.

M. 27—Leg. 6.

Seguimos, subindo pela margem do rio Quanza, e acampámos em o sitio denomina-

do *Capelle*, á margem do mesmo; seus matos altos e fechados, terreno com suas elevações, abundante de milho, feijão, e farinha de mandioca, gallinhas, e porcos, cera em grande abundancia; marfim pouco, mas bom; escravos. Este Soba é sobrinho do grande potentado *Camexe*, é de boa indole, pacifico, e aguarda e respeita as ordens de Sua Magestade A Rainha, ao contrario que seus povos são perversos, ladrões, facinorosos; mas o governo do actual os tem contido, fazendo-os seguir melhor vereda, conseguindo por este meio que os negociantes passem incolumes por seu territorio. Muito cooperou para esta tão benefica mudança as instrucções publicadas a seu tio *Camexe*, e inclino-me a crer que elle prestará obediencia ao Governo de Sua Magestade, uma vez que se estabeleça uma feira, que seu tio e estado pediram. Adoram os idolos.—Nada mais observei, etc.

M. 28.

Avisinhei-me á beira do porto para passar cargas n'este dia.

M. 29.

Occupei-me com o mesmo trabalho.

M. 30.

Ainda n'este dia passei a occupar-me com o mesmo trabalho.

M. 31—Leg. 7.

Seguimos, e acampámos no mato deserto e alto, fechado; terreno plano.—Sem mais novidade.

Junho 1—Leg. 5.

Seguimos, e acampámos no meio do mato bem perto da capital do regulo *Camexe*, matos altos e fechados, terreno montanhoso e fertil. Este regulo é um dos maiores potentados do *Songo grande*, todos os seus antecessores tem sido guerreiros, tem assolado os seus visinhos; é de má indole, e tambem seus povos, salteadores, roubando carregações de fazendas aos negociantes, que passam para o Bihé; porém modificou o seu proceder depois que lhe foram publicadas as instrucções, e achando-se em idade decrepita já não consente, que seus povos roubem, como o têem feito; ao contrario tem prestado auxilio a alguns feirantes, que se tem visto atacados por ladrões, salvando algumas carregações, como ha pouco o fez, salvando a vida e fazendas de um aviado de D. Anna Joaquina dos Santos Silva, de que o explorante foi testemunha, acompanhando a força para salvar o infeliz, e as fazendas. Este potentado é senhor de um vasto dominio, que tem mais de cento e cincoenta leguas; sua capital é formada dentro de uma grande muralha de pau a pique fingindo uma fortaleza, tendo tres portões. Ao pôr do sol fecha-se o principal, e ás oito horas, mais ou menos, os dois igualmente: tem bom armamento, sendo a maior parte de armas reunas; casa de polvora com barris de uma a duas arrobas, frasqueiras embaladas: usa em suas guerras de bacamartes grandes, e tem tudo em mui boa ordem, e prompto á primeira voz ao brado de guerra contra qualquer regulo seu rival; usa de caixas de guerra feitas do tronco de uma arvore, clarins feitos de marfim por suas proprias mãos, flautas, trompas, etc. Quando parte para a guerra é levado em uma tipoia; uma de suas escravas (a mais estimada) lhe conduz a cadeira aonde se costuma sentar, quando descansa; a segunda escrava em graduação leva o cachimbo em que fuma; são ellas que o servem em tudo que elle pede, e collocado no centro do povo, acompanhado de seus macotas e parentes, amigas, filhos e filhas formam o prestito; aquelles, porém, que por ordem o precedem, em respeito, viram o cano da espingarda para diante. Por onde elle passa, o seu sequito deixa tudo assolado, talando as cearas; apoderam-se de tudo que encontram, sendo costume e permittido entre elles por suas leis; porém os potentados visinhos, tendo noticia que este ou aquelle pretende fazer guerra, ordenam por bando a seus povos, que ponham em segurança seus viveres e criações, se os não querem perder; não é licito, porém, ao povo guerreador occultar seus mantimentos, antes prestar-lhe todo o auxilio, mesmo pessoal, sob pena de ser considerado rebelde, confiscando-se-lhe toda a sua casa, familia, e visinhos, e tudo vendido para fornecimento da guerra. Todos os seus povos têem restricta obrigação de o acompanharem armados, sendo commandados pelos seus Seculos (Capitães); e logo que chegam ao acampamento apresentam-se a seu amo para receberem ordens. O regulo é quem fornece toda a sua força de rações diarias, como munições de guerra, armamento etc.: antes de romper o fogo contra os seus rivaes todos os guerreiros vestem os seus melhores pannos, ou couros, e marchando em continencia a dois de fundo ajoelham aos pés do regulo, e recebem suas ordens. Elle com um ar soberano pega em um pouco de barro branco, e desfazendo nos dedos deita nas mãos, e nos braços, bem como espalha aquelle pó do barro pelo seu povo, ceremonia que equivale a—o regulo deitou o pemba para por meio d'elle sermos felizes.—Depois do que é conduzido para o centro da sua força, no meio de seus instrumentos, e caixas gentilicas, e atiram-se ao fogo, como leões. Adoram seus idolos. Ha abundancia de cera, escravos; marfim pouco.—Nada mais pude observar.

J. 2—Leg. 6½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Camathia*, terras pertencentes ao mesmo Soba: Camathia é um filho do regulo, e é quem governa este territorio debaixo das ordens de seu pae: seus matos altos e fechados, terreno montanhoso em partes; abunda em milho, feijão, mel, criações poucas. Distante d'este sitio ha um rio caudaloso na estação das chuvas, innavegavel por ser coberto de arvoredos, chega a ter na maior força de inverno de fundo oito braças, sendo perigosa a sua passagem por ser coberto de arvoredo, e de jacarés que tem devorado immensas pessoas, que ali passam no tempo das chuvas, e por ser deserto entre o mato aonde ninguem o póde soccorrer. Tem sua nascente ao norte, e paga tributo ao Quanza; chama-se este rio *Cunge*, é a demarcação com as terras do potentado *Quissende*, ficando-lhe a Provincia de Camexe ao norte: seu terreno em partes montanhoso, em partes plano, matos altos e fechados, possue a pedra de ferro em grande abundancia, e de superior qualidade.

Observação.

O modo como o gentio funde o ferro.

Faz uma grande cova ou rego bem fundo, que tenha de altura quatro ou cinco braças, pouco mais ou menos; o rego é comprido. Logo que se acha prompto, deitam-lhe porção de pedra, outra de carvão até que a cova fique quasi cheia; depois tocam noite e dia uns pequenos folles em o numero de quinze ou vinte de todos os lados, e logo que conhecem que a pedra se acha derretida, tratam de tirar o ferro, e o mais é aço. Offerece em commercio com vantagem cera, e alguns escravos; aqui soffre-se roubos. São estes povos de má indole, inconstantes em seus tratos. Aconteceu ao explorante engajar o numero de cento e cincoenta carregadores para lhe conduzirem uma factura de fazendas do Districto do Golungo alto para a Provincia do *Bihé;* e tendo tratado com elles, e feito avultadas despezas, acompanharam o explorante, e recebendo as cargas em companhia de quatrocentos *Quimbundos*, que igualmente foram engajados, pozeram-se a caminho para o Bihé, e logo que chegaram em sua jurisdicção e sitio de que faço menção, largaram os ditos carregadores as cargas no meio do mato, exigindo o pagamento por inteiro, como se as tivessem levado ao seu destino. Attendendo eu a que partido nenhum podia tirar com selvagens, não tive remedio senão pagar-lhes, escolhendo elles as melhores fazendas, resultando ao explorante o prejuizo de réis 2:500$000, além do empate de trinta dias que soffremos para reunião de novos carregadores, motivo para que os outros carregadores do Bihé exigissem, além do que com elles havia ajustado, mais a importancia de réis 1:600$000, em fazendas todas de valor, como zuartes, lenços, armas, coral e polvora, além das armas que lhes havia fornecido para defeza do gentio por onde haviamos de passar, e para recebe-las foi preciso ameaça-los com guerra, e presas, e foi mister engajar o Soba do Bihé para mandar intimar o Soba Quissende, governo dos ditos carregadores, para este obrigar seus filhos a que fizessem entrega do que haviam recebido, visto acharem-se pagos á sua satisfação; e recebendo-se parte, e não tudo completo, apresentei-me ao dito regulo, fazendo-lhe ver o roubo que havia tido de seus filhos, além do bom tratamento que lhes tinha dado em viagem. O que ha de responder o barbaro? «Pois bem, o que é o que me traz?! eu não posso fallar sem primeiro me dar uma ancoreta de aguardente, uma arroba de polvora, uma resma de papel, um capote agaloado, cem pannos de fazenda azul fina, sendo zuarte, chita, pintado, lenços; que seus filhos verdade é que estavam pagos por suas mãos, e que tinham ido de encontro ao trato, que eu com elles havia feito em sua presença, mas que tratasse de dar o que se lhe pedia para então decidir» o que cumpri, mandando-lhe entregar tudo quanto havia pedido, e respondeu: «O Quinder (branco) que trate de engajar outros cento e cincoenta carregadores para pegarem nas cargas que meus filhos largaram, ajustando primeiro com elles, e pagando-lhes adiantado, que desde já ordeno para que todo aquelle, que quizer ganhar dirija-se ao acampamento do Quinder.» Eis as boas ordens que deu o bom do regulo, e disse que tinha cumprido a sua obrigação. Despedi-me do barbaro, e tratei de me retirar, e seguir viagem, como pude, estando com cara alegre ouvindo estas determinações.

J. 3—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Mibamba*, subdito do mesmo regulo. O governo d'este sitio é o *Seculo* (capitão) *Libamba*, sobrinho do mesmo. Igualmente trinta carregadores, filhos do mesmo, largaram trinta fardos, praticando o mesmo que seus companheiros, e achando-me segunda vez empatado, mandei participar o succedido ao regulo Camexe para me auxiliar com cento e setenta carregadores, o qual por um bando ordenou se me apresentassem os mesmos, para que, alistando-os, carregassem todas as cargas, e as conduzissem á Provincia do Bihé, mandando um dos seus macotas acompanha-los,

e mais cabos, a fim de que a fazenda chegasse intacta ao seu destino, o que fielmente executaram, e pagando-lhes voltaram aos seus domicilios. Caso raro e admiravel, nunca pelo mesmo praticado, talvez resultado das admoestações que lhe havia feito para que largasse uma vida tão errada, que não consentisse que os negociantes que transitavam por suas terras fossem roubados, que os respeitasse, e seguindo elle estes dictames, que veria affluirem os feirantes a permutarem suas fazendas por seus productos, colhendo elles estas vantagens. Seus matos altos e fechados, cortados de riachos e nascentes, bellas aguas, abundante de milho, feijão, criações miudas. Tem cera e pouco marfim. Adoram os idolos, etc.

J. 4—Leg. 5.

Seguimos, e acampámos no sitio denominado *Calungo*, jurisdicção da Provincia do *Bihé*, seus matos altos e fechados, terreno plano, fertil de mantimentos proprios do paiz, como milho, feijão, farinha de mandioca, genguba, abobora, etc. A demarcação das terras do regulo *Quissende* com a Provincia do Bihé, é o rio denominado *Cunge*; é pequeno e de pouca consideração, comtudo no tempo das chuvas impede ó viajante algumas vezes dois dias e mais por causa das cheias. Seu terreno plano, matos rasteiros; vantagens que offerece ao commercio é cera e escravos, etc. Sua religião é idolatra. Nada mais.

J. 5.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Boa-Vista;* mato rasteiro, terreno plano. Boa-Vista é aonde reside o major Francisco José Coimbra, chefe d'esta Provincia (o Bihé) feito pelo governo provisorio de Loanda, no tempo em que o fallecido bispo, Leonardo José Villela, Candido Francisco da Silva, e Innocencio Mattoso d'Andrade Camara, foram membros do Governo. Deu-se-lhe instrucções para, por fallecimento dos portuguezes residentes na Provincia do Bihé, elle tomar conta dos bens, inventaria-los, e fazer d'elles remessa ao chefe de *Pungo-andongo* para d'ali serem remettidos para Loanda a entregar á competente authoridade: este chefe é homem abastado de bens, negociante; é natural do presidio de *Caconda*, homem pardo, alto e reforçado, hospitaleiro, mas não impõe o devido respeito para com o Soba que hoje rege a Provincia, que é D. Antonio Lourenço de Alencastro (*Quingilla*) cheio de superstição, praticando ainda actos gentilicos com aquelles que lhe requerem justiça, e outros mais que omitto.

J. 6—Leg. 4.

Seguimos viagem, e acampámos em o sitio denominado *Caquenha*, terreno plano e cultivado, cortado de riachos, e nascentes com bellas aguas: n'este sitio governava uma mulher, irmã do regulo referido; é má, ladra, cheia de mil superstições, residuo da familia do Soba *Congombe*.—Nada mais observei.

Observação.

Por todo o continente que tenho transitado, além dos rios principaes, de que tenho feito menção, o mais consideravel e mais caudaloso é o *Quanza:* por todos estes legares se encontram bellas aguas, aonde o viajante sacie a sede. Deve haver muito cuidado, prestando-se a maior vigilancia, tendo as armas carregadas, patrona á cinta, e á primeira voz, a fim da comitiva se defender dos assaltos do gentio, que aguarda a meia noite, e ao despontar da aurora para conseguir seus fins; principalmente se o negociador é novel, e que o apanha incauto, por certo é roubado, e graças á Providencia, se tem agilidade para escapar por meio da fuga; se, porém, já conscio de seus latrocinios elle está prevenido com a força o rebate, e timorato foge. Para fazer-se respeitar convém que tenha uma caixa de guerra, que lhe servirá ao mesmo tempo de signaes para chamar pelo som ao acampamento muitos carregadores, que tem succedido transviarem-se e perderem-se, sendo ou devorados pelas feras, ou apanhados pelo gentio, e escravisados. Logo que descansar para pernoitar cumpre mandar limpar todo o terreno aonde arrumar as cargas, e o circumvisinho, para se preservar do fogo, collocando a fazenda em cima de paus bem grossos e sêccos por causa da humidade, e cobri-la de palha, se o tempo fôr chuvoso, assistindo por si mesmo, e não se fiando em pretos, que nunca cumprem á risca o que se lhes ordena, pois primeiro tratam do seu commodo, e a muito custo se movem para fazerem os trabalhos indispensaveis a quem está continuamente a dormir no mato: prompto o aposento convem fazer em circulo uma estacada que o defenda. Logo que rompe o dia manda-se tocar a reunir a patrões, a saber que novidades houveram por seus carregadores; respondem sim, ou não, e logo em seguimento os *Caissongos* (Chefes dos Carregadores do Bihé) mandam levantar cargas, e por um bando ordenam aonde devem ficar aquelle dia. É como se transita entre o gentio, que só tem em mira o roubo e assassinio, devendo-se andar sempre bem prevenido de polvora e bala, pederneiras, papel, assim como de ferreiros, carpinteiros, alfaiates, etc. O chefe da expedição, que houver de emprehender uma via-

gem tão remota, deve ser homem esforçado, que se dê ao respeito com os carregadores, tratando-os bem, e ao mesmo tempo castigando-lhes seus erros, e remunerando-os quando bem desempenharem os seus deveres. Tendo em vista estas regras, póde romper por estes vastos sertões, não lhe faltando a fazenda para as indispensaveis despezas, como tributos que é devido pelo costume dar-se aos Sobas, e outros potentados, retribuindo a maior parte com creações, mantimentos, etc.; e se o negociante, por mesquinho, d'elles se quer isentar, sáe-lhe mais caro, empatando-o, ameaçando-o com fogo, e se não cede, rouba-o; ao contrario que distribuindo algumas fazendas, segundo o costume, é bem tratado pelos povos, que sabem, que o negociador offertou isto ou aquillo ao Soba Fuão, tornando-os seus amigos. O gentio, apesar da cegueira em que vivem, e de estarem acostumados á pilhagem, não deixa de agradecer o beneficio, que se lhe faz; succedendo terem salvado a vida e fazendas a muitos commerciantes, que tem sido assaltados por outros, e quando têem noticia, avisam-nos, e auxiliando-os com armas, os conduzem por differentes logares até que os põem a salvo. Quem se propozer a viajar por climas tão inhospitos, cumpre ir animado de muita coragem, ser forte para superar mil obstaculos, e incommodos que encontrará, falto de medicamentos, exposto ora aos ardores de um clima abrasador, ora ás chuvas, e ao frio, que lhe regela os membros, a passar pantanos, a dormir mal, e a outras innumeraveis inclemencias, que omitto.

DESCRIPÇÃO DA PROVINCIA DE BIHÉ.

Esta Provincia se acha no centro das riquissimas possessões dos potentados do *Andullo*, *Bailundo*, *Camexe*, *Bunda*, *Ambuellas*, *Quibocó*, *Mazaza*, *Cassaby*, e *Lumbige*, donde tem vindo em todo o tempo marfim, cêra, e mais generos de consumo do paiz, que d'aqui tem saído effectivamente para as duas differentes praças de Loanda e Benguella, e que tem feito a fortuna dos habitantes d'essas praças.

O terreno d'esta Provincia, em geral, é plano, seus matos rasteiros, sua agricultura consiste em milho, feijão, mandioca; produz a canna do assucar, trigo, tabaco, hortaliça de toda a qualidade, que se planta ou semeia. A sua temperatura é fria, e por isso se torna saudavel, clima temperado, bem similhante ao da Europa (Portugal). O seu inverno principia em 15 de Outubro, e finaliza em fins de Maio, chovendo no decurso d'esse tempo com abundancia, chegando a impedir o viajante; é rigoroso, e tão frio, que gela a agua nas lagôas, etc. O verão principia em Junho e finaliza em Outubro. É mui abundante de minas de ferro e aço: suas aguas são crystalinas e leves; a cada passo se encontra um ribeiro, e em qualquer parte acha o viajante agua que lhe mitiga a sede; muitas creações de todas as qualidades. É cercada pelo extenso rio Quanza; a nascente d'este rio é a Leste, sua direcção a oeste, sua largura em partes 15, em outras 40 braças e mais, em profundidade 10, 14, 28, pouco mais ou menos, em outras 3, 4, 6, 10, 12, 13, 14, 15, 20 palmos, em partes navegavel, em outras não, pelos grandes recifes de pedra, por seu leito, coberto de arvoredo, e ilhas: comtudo, segundo meu fraco entender, com pouco dispendio e trabalho, se conseguiria torna-lo navegavel, e que grandes resultados não colheria a nação e o commercio?! Tornava-se esta Provincia opulentissima com a navegação a vapor; com muita brevidade se sujeitariam todas as tribus, que habitam suas margens, abrindo-se com ellas um vasto commercio; chamaria os outros povos mais longinquos a virem aqui permutarem os seus productos, e se facilitaria a conducção, que presentemente é tão onerosa. Dado este passo grandioso, a este litoral concorreriam diversas nações, e uma espantosa emigração da metropole para esta succederia, e então feliz seria o sólo portuguez na Africa! Em quanto, porém, uma empresa gigantesca não facilite e faça desapparecer d'esta parte do continente africano os obstaculos que o cercam, e que tem sido causa do seu atrazo, que a tem feito marchar no mesmo terreno; aplanando-lhe o caminho por onde a leve á prosperidade, a mesquinha sorte, que por partilha lhe coube, a perseguirá, e tão cedo não teremos a dita de a vermos medrar!

Cuquema, sua nascente é ao norte, e tributa suas aguas ao Quanza, é de pouca consideração; comtudo no tempo das chuvas não offerece passagem por ser coberto de matos; sua corrente regular, mui abundante de peixe em todo o tempo, e cavallos marinhos, etc. Este rio é a demarcação do *Bihé* com *Ganguellas*. Os do Bihé são muito bellicosos, inclinados á industria; amigos de viajar por todos os regulos visinhos do interior, ambiciosos, curiosos, trabalham de carpinteiro, fazem portas, janellas, mezas, marquezas, cadeiras, tudo quanto emprehendem conseguem; amantes da lavoura. Têem ferreiros que fazem fechaduras, concertam armas, deitam qualquer mola nos feixos de espingardas, fazem coronhas, limas, toda e qualquer ferramenta. Usam das armas chamadas portuguezas, pol-

vora embalada, atiram á caçadora, dando fogo de emboscada; apreciam mais morrerem na guerra, do que serem prisioneiros, porque assim acontecendo são escravisados, e vendidos, e quando acontece que os não queiram comprar, obrigam á força, ou são roubados, como por muitas vezes tem acontecido. Suas guerras são feitas do 1.° de Setembro até Maio, e costumam guerrear qualquer potentado, que não obedeça ao seu; ou por questões que tem uns com os outros; ou dividas, e não as pagam; ou por qualquer outro principio, bem como a outro qualquer que conheçam com bastantes povos, a fim de os escravisarem; e se por acaso succede serem derrotados pelos seus rivaes, fazem sua retirada em ordem, acampando-se no mato mui pouco distante d'elles, até que se possam reforçar. A maior parte de suas acções são travadas ao romper da aurora; principia o fogo de um e outro lado, e dura até que acabe-se a polvora, e qualquer d'elles, sendo vencedor, o prisioneiro é mandado assassinar pelo vencedor, cortada a cabeça, e collocada no logar do conflicto; reduzem as suas habitações a cinzas; os prisioneiros conduzidos em grandes levas; é proclamado o vencedor, e levado em triumpho ao som de suas caixas de guerra e outros instrumentos bellicos; chegando á sua capital, o regulo trata primeiro de distribuir os prisioneiros por aquelles cujos parentes pereceram na guerra, em recompensa de suas vidas; outros tocam em partilha aos feridos; outros aos que se prestaram com auxilios de comestiveis, polvora, bala, papel; outros finalmente ao Soba como seu despojo.

Acontecendo que o Soba prisioneiro tenha parentes, e bens com que possa ser resgatado, não é assassinado, ou mesmo que o vencedor se condôa do seu collega, em tal caso, formam os potentados um conselho secreto, sem que as suas forças sejam sabedoras, e fazem-no transportar pelo mato para outro qualquer districto, que lhes pareça, e no dia seguinte publicam a sua fuga, porém é se elle contar linha de parentesco; e a não ser resgatado, é morto, como digo.

Quaesquer d'estes selvagens indo em viagem para qualquer parte que seja, e por acaso aconteça no caminho caír um pau atravessado na estrada, voltam a suas casas, ou mesmo que lhes appareça, atravessando a estrada, uma cabra ou um veado, tratam de fazer suas adivinhações, e depois de terem adivinhado isto ou aquillo, untam-se com certos unguentos que fazem de hervas e raizes de paus, que as tem em panellas enterradas debaixo da cama onde dormem, bem como ao entrar da porta, e depois d'isto feito proseguem na viagem, e dizem que era o Ima; Ima é um idolo, que as tribus têem por ma fé.

Sua indole.

São inconstantes em seus tratos, inclinados a roubar tanto uns aos outros, como aos portuguezes residentes em seus territorios, facinorosos, e cheios de superstições.

Seus costumes.

Fallecendo qualquer filho d'este Soba, o corpo não é sepultado, senão quando esteja presente toda a geração; e por este motivo fica o corpo insepulto por uns poucos de dias, até que se reuna toda a parentella, depois do que é o fallecido amarrado a um pau em que é conduzido para a sepultura, acompanhado pelos mencionados parentes; fazem suas adivinhações, e perguntam ao morto quem foi que o matou: um de entre elles fingindo as respostas do finado, diz:

Foi Fuão, por isto ou aquillo. Tornam: Pois não foi Sicrano, ou algum feiticeiro, ou roubaste alguma cousa? ou foste morto por Debe? (Quer dizer, por qualquer outro fallecido): e dada a resposta que não foi por commetter roubos, nem pelos mortos, nem por feitiços, sim pelo feiticeiro Fuão ou Sicrano, dão-lhe a sepultura, recolhem-se a suas choupanas, fazem adivinhações, e n'ellas cada qual vae suggerindo as inimisades, que o finado, tivera, e a um a quem lhe querem fazer mal, imputam-lhe a morte, dizendo: Tal sujeito pouco antes do nosso parente se ter finado teve umas desavenças com elle, de cuja inimisade resultou a molestia, e em consequencia a morte: e combinando elles do conselho para declararem o infeliz indigitado por feiticeiro, accordam em levar a resolução ao conhecimento do Soba para a confirmação da sentença, para em seguimento prenderem tambem a toda a familia do desgraçado, que fica escravisada em recompensa da morte.

Sua religião.

Seus idolos são o *Sande*, *Candundo*, *Goullo*. Sande é o deus da fortuna; Candundo das enfermidades; Goullo da desgraça. O que nasce debaixo do signo de Sande, é feliz; os que, porém, nascem sob o de Candundo são infelizes; da mesma sorte o que viu a luz debaixo da influencia de Goullo. Uns adoram um chifre de veado, e dentro lhe deitam unhas de certos passaros, pennas de aves, raizes de paus; de tudo fazem uma mistura,

enchem-n'o, e cobrem-n'o com uma pelle de macaco, dentro do maior deitam tres chifres menores de veado, qne tenha um mez de nascido, ligam-n'o no meio d'essa massa, e quando querem impetrar do seu deus isto ou aquillo, apitam por um d'elles, e deitando-lhe polvora largam-lhe fogo, depois seguem as adivinhações, cantando, dançando, etc.; além d'isto trazem uma cinta de panno ou couro, dentro pós de páu, cabeças de certas cobras, unhas de certos passaros, que conhecem contra seus males. Superstições estas observadas pelos regulos como suas leis.

O Sova do *Biké*, o muito poderoso *Camexe*, o grande *Bomba*, *Quindange Babunde*, *Cunga Palanca*, e *Jaga Cassange*, cada um d'estes potentados vive em republica, e não tem alliança uns com os outros.

Seus fallecimentos.

Fallecendo qualquer d'estes potentados não é dado ao prelo senão passado um mez, ou dois, menos o Jaga Cassange; este no fim de oito dias, ou dez; e se qualquer, ainda que saiba, se descuidar em publicar a morte, incorre no crime de ser decapitado, e sua familia proxima e remota toda é vendida; e se por acaso acontece não haver quem os compre, são todos conduzidos á beira de um rio, e pelo algoz, que chamam *Samba Golambole*, são degolados, e as cabeças collocadas nas entradas de sua capital, e o corpo esquartejado, e mandado lançar ao rio para exemplo.

Fórma de seu governo.

O Regulo que tem de exercer o governo, passados seis mezes, manda reunir todos os seus subordinados á sua capital; reunidos em uma praça, mata-se um boi, um carneiro branco, um pombo dito, ou cinzento, e muitas outras victimas são sacrificadas pelo Samba Golambole, bem assim um preto de cada nação por elle dominada, cáe sob o alfange do algoz, e levadas em triumpho, mostrando-se ao seu povo ao som de caixas, marimbas, e outros instrumentos gentilicos, as cabeças dos desgraçados, manda cosinhar a carne d'elles de mistura com a dos outros animaes! e depois distribuido por aquelles dos principaes e chefes tão opiparo banquete!! O Sova apodera-se da cabeça de uma victima, e agarrando-a com os dentes tambem dança ao som da musica. No dia seguinte manda tocar um bando, fazendo ver a todos os feirantes e mais povos de seu territorio para que d'ali em diante não despachem suas fazendas para qualquer parte que seja, em quanto não se ultimarem seus ritos, e acontecendo que qualquer despache fazendas, ou outros generos, o gentio tudo rouba, e o Regulo não tem direito de mandar restituir em virtude de suas leis, resultando d'esse abuso que o negociante soffre o empate d'um mez ou mais, em quanto ordem em contrario não vem alliviar tão dura condição.

Finalisada esta cerimonia vão acompanha-lo á caça, e apanhada esta que seja, é conduzida em procissão á capital, e tocando o regulo em uma das pontas d'um veado, o predestinado e symbolo d'esta ceremonia, no meio da assembléa de seus grandes, vestido com pelles de feras, adornado com penas de passaros proprios de seus ritos, dançando e cantando ao som de musica, está reconhecido e empossado no governo, respeitado por seu povo, e pelos outros potentados seus visinhos, com pleno poder de mandar matar, roubar e outras dilapidações, sem que ninguem lhe tome conta.

Do corpo do Regulo fallecido.

É cosido em um couro de boi, que lhe serve de mortalha, e depois ligado em um pau é levado em procissão, e posto no meio do campo acompanhado de todo o seu estado e povo, é interrogado por um dos maiores de seu estado: — Quem foi que te matou? Foi este ou aquelle? Responde. Porque fizeste isto ou aquillo, faltaste com a justiça? Consentiste em roubos em tuas terras? Não guardaste os ritos de teus antecessores? Responde o fallecido: — Não morri de feitiço, não roubei, davam-me, não faltei com a justiça a meus povos, mereci a sua estima. É redarguido pelo maioral: — Declara quem foi o causador de tua morte? Foi o teu antecessor, porque não cumpriste com os deveres que te estavam impostos, porque não governavas como elle? Responde o fallecido: — Sim, foi o meu antecessor, não observei como devia a nossa religião, violei a sua familia, roubei quanto pude por me ser concedido, e por esse acto mereci a estima de meus subditos, etc. Se quando elle vae á caça do veado, e se apanha femea, o regulo não tem confiança, nem é seguro o seu governo, e duram mui pouco tempo; fallecendo elle, seus filhos não têem direito a exercer o governo, por não ter sido reconhecido pelos seus maculos, isto é, no tempo das chuvas, e fóra d'ellas, e fazem muitos sacrificios indignos de mencionar-se, e por suas barbaridades aborrecidos. Desgraçados estes selvagens, se o recurso da escravidão não os livrasse quasi sempre da morte, seriam, como são, quando não comprados, lan-

çados ao mato, depois de consummado o assassinio, e devorados pelas feras.

Derivação da palavra = *Quingure*. =

Procede do Regulo filho da rainha *Ginga* pela parte paterna, e do[1] . . . . . . pela materna: ainda hoje é este titulo por todos os regulos, de que tenho feito menção, reconhecido, e d'onde derivam suas leis. Este barbaro tinha por costume mandar matar um preto diariamente, e a sua carne servia de refeição, e em observancia de tão barbaro quão execravel costume, é que todos estes potentados immolam annualmente milhares de victimas, e hoje um dos mais observantes é o Jaga Cassange, oriundo da linhagem de *Quingure*. Não admira que o gentio pratique tão ridiculos costumes, quando em os nossos Presidios e Districtos, taes como o de *Pungo-andongo*, *Encoge*, *Ambaca*, *Cambambe*, *Muxima*, *Zenza do Golungo*, Provincia dos *Dembos*, *Duque de Bragança*, estão sujeitos a alguns d'esses costumes, alguns d'elles tendo á frente Reverendos Padres. Adoram, ou ao menos guardam acatamento, a um chifre de veado, á concha de um cágado, *Muambas*, *Quibucos*, etc.; e não só esses, filhos do paiz ha, se não adoração, ao menos respeito, ou antes temor elles consagram; e se algum chefe mais religioso se dirige aos Domingos a ouvir missa, alguns d'esses senhores o acompanham mais por comprazer, que por devoção. Eu que escrevo estas regras rasão tenho para conhecer de tudo quanto relato, residente e viajando entre elles desde 1835 até o presente, fixando a minha morada em o Districto do Golungo-alto, em o sitio denominado a *Bem-posta* de *Bango-aquitamba*, e emprehendedor do ramo de café n'aquelle Districto. Se um Chefe energico e prudente dirigisse o governo d'esta possessão gentilica tão rica, captando a vontade do Sova, e fazendo-se respeitar, seria um passo vantajoso para a pouco e pouco avassallar este territorio, e isto conseguido, abriamos a porta para maiores emprezas, conseguindo domar-se um vasto continente, rico de productos raros e variados, empreza grande, mas susceptivel de realisar-se.

OBSERVAÇÃO.

Em 1841 para 1842 governando o Bihé o Sova de appellido *Gullo*, este teve a ousadia de mandar matar tres subditos de Sua Magestade A Rainha, naturaes do Districto de Ambaca, que achavam-se negociando nas terras do Soba *Quilungo*, na margem do rio *Loando*, que sendo mandados vir para a dita Provincia por um sobrinho do dito Sova chamado *Quilupia*, para o fim de, por meio de feitiços, assassinarem o Regulo *Gullo*, e logo que elle teve noticia, mandou prende-los, e vende-los, sem mais justificação, e não havendo quem os quizesse comprar em consequencia de ordens, que tinham dimanado de Loanda e Benguella para sómente comprarem marfim e cera, qual foi o resultado? manda-los entregar ao algoz, e conduzidos á margem de um rio ahi foram mortos os tres, e um quarto pediu que não o assassinassem, que o conduzissem á Feitoria do negociante Guilherme José Gonçalves para o mesmo o resgatar; e sendo levado á sua presença, prestando-se o infeliz pediu para que o comprasse a fim de escapar á morte, que o ameaçava; com effeito condoendo-se o dito Guilherme o resgatou para lhe salvar a vida. Esse preto existe em poder de Jacome Filippe Torres, em Benguella. Isto tudo succedido perante uma authoridade instaurada pelo Governo, que nem tomou conhecimento do facto, nem, segundo me consta, informou ao governo.

Não seja eu, que bem alheio são os meus fins, que faça subir ao conhecimento do Governo o desregramento de seus Delegados n'esses Districtos: a concussão por algum d'elles praticada constrange os seus governados a, por meios tão licitos, representarem contra este ou aquelle, não tendo, segundo consta, havido a menor rebellião, que mostre espirito revoltoso; ao contrario são submissos, são pacificos.

Acha-se nas margens de alguns rios d'esta o formoso passaro *Faizão-argos*, que se encontra em quasi todo o territorio da Provincia, não sendo só reconhecido na Tartaria, como alguns querem.

Sendo mui limitados os conhecimentos do explorante, por isso não marca a longitude, e latitude d'esta Provincia, de que pede desculpa.

CÓPIAS DE OFFICIOS.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. = Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que tendo chegado a esta Provincia em 24 de Janeiro do presente anno, e tendo em muita consideração a execução das sabias instrucções, que me foram dadas pelo fallecido Governador Geral José Xavier Bressane Leite, e ultimamente approvadas pelo antecessor de V. Ex.ª o Sr. Possollo, constante de seu Officio de 12 de Julho de 1845, pela Secretaria Geral, Secção

[1] Este espaço está em branco no original.

Civil, L. 1.°, n.° 1288, em que determina, que sejam cumpridas, e como me é de urgencia d'esta regressar até ás Possessões do Regulo *Matianvo*, ou mais adiante, sendo-me possivel; em consequencia de não poder n'esta Provincia permutar uma factura de réis 40:000$000 em compra de cera e marfim, bem como não me acho seguro n'esta Provincia em consequencia dos roubos, que a cada momento estão fazendo aos Portuguezes, que aqui residem com suas feitorias; cumpre-me communicar a V. Ex.ª que em virtude da commissão de que me acho encarregado, tenho explorado desde as fronteiras, terras de Sua Magestade, por todos os regulos do transito, até esta Provincia, sua indole, usos, costumes, religião, superstições remarcaveis, fórma de seus governos, conhecimento de agricultura, ou de qualquer ramo de industria, e sobre quaesquer outros objectos em geral, bem como uma descripção de todos os regulos e potentados por onde tenho transitado; e como regresso d'aqui para o interior do Continente, pretendo explorar todo o transito por onde puder chegar para o fim de dar o devido cumprimento á commissão de que se me encarregou, e no regresso que tiver a fazer do interior para essa Capital terei a satisfação de apresentar a V. Ex.ª um relatorio circumstanciado de toda a viagem. Cumpre-me mais levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que dando cumprimento ás instrucções, que me foram dadas em 18 de Março de 1843, em observancia do artigo 4.° e 8.° das mesmas instrucções, tratei de engajar por nossos fieis alliados o potentado Regulo *Camexe*, bem como avassallar-se, e prestar juramento de fidelidade a Sua Magestade A Rainha, assim como todo o seu Estado; fiz capacitar o mesmo Regulo, e todo o seu Estado das grandes vantagens, que lhes devem resultar de serem vassallos de Sua Magestade A Rainha, por quanto os seus povos tinham uma vida errada, e por isso que dotados de má indole, andando cobertos de pelles de feras, saindo e atacando as caravanas, que se dirigiam para o interior do Continente, assassinando, roubando os subditos de Sua Magestade, imputando-lhes crimes de mucanos falsos, e por estes principios é que os negociantes se afastavam de seus territorios, provenientes do roubo e assassinio, que têem soffrido os Portuguezes; perdas estas que não só se tem tornado em grande prejuizo do commercio, como dos interesses da nação, e que, logo que o mesmo regulo se avassallasse, e seu Estado, seriam felizes e respeitados não só pelos seus subordinados, como dos regulos visinhos. Ao que, ouvindo esse convite, não só o potentado *Camexe*, como seu Estado, em audiencia que tive com os mesmos em sua Capital, a que elles chamam *Banza*, em 26 de Dezembro do anno passado, unicamente responderam, que agradeciam a S. Ex.ª o Sr. Governador Geral o convite d'esse enlace amigavel, e que estavam promptos a prestar o juramento de fidelidade a Sua Magestade A Rainha, e que para se avassallar espera que V. Ex.ª lhe conceda uma feira como a de Cassange, bem como nomear-lhe um chefe para governar os subditos de Sua Magestade, que vierem residir com suas carregações na mesma feira, essa authoridade com instrucções de V. Ex.ª para de accôrdo com o regulo *Camexe* governar os Portuguezes que lhe forem subordinados, bem como outros, que largando os seus lares por esta nova Provincia residirem de uma vez, desertando dos Presidios e Districtos pelo despotismo que soffrem dos Chefes, que regem os mesmos; e estes, Ex.mo Sr., têem dado motivos a que os subditos de Sua Magestade desertem, como têem desertado não só das duas differentes praças Benguella e Loanda, como de Presidios e Districtos, e por ali se acham sujeitos ás leis gentilicas; e sendo de grande vantagem este regulo avassalar-se, ou por nosso fiel alliado, sem que a nação faça grandes despezas, e conformando-me com as instrucções que tenho a bem da prosperidade publica, e dos interesses da nação, ordenei a todos os subditos de Sua Magestade, que ali se achavam negociando, se reunissem todos em um logar onde julgassem ser mais conveniente, para que reunidos estabelecessem suas feitorias, e que reconhecessem aquelle logar como feira a bem de seus interesses e do commercio, bem como da nação, em quanto S. Ex.ª o Sr. Governador Geral não mandar o contrario. E n'aquelle mesmo acto ordenei ao regulo *Camexe* para que tomasse em muita consideração os subditos de Sua Magestade, visto sujeitar-se a ser vassallo, cumprir e guardar todas as ordens que lhe forem mandadas pelo mesmo Ex.mo Sr., e o fiz responsavel por qualquer roubo perpetrado a qualquer feirante n'aquella feira, ou fóra d'ella. Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que esta nova Provincia se acha no centro de riquissimas possessões dos regulos Bailundo, Andullo, Bihé, Quindange, Bomba, e Ganguellas, cercada pelo rio Quanza, que com bem poucos trabalhos se tornaria navegavel, e seria para o futuro de grande proveito á nação; que vastos terrenos, Ex.mo Sr., se acham baldios pela margem d'este rio, terrenos proprios para tabaco, canna, algodão, etc., e que de cereaes não se poderia transportar d'esta nova Provincia para essa Capi-

tal! que povoações ou feitorias se poderiam estabelecer pelas margens d'este rio, e a emigração que os Portuguezes tem feito, e estão fazendo para o Brazil, das Ilhas, o fariam para estas possessões, se Sua Magestade A Rainha lhes facultasse meios para se poderem para aqui vir estabelecer, e faziam suas fortunas, e para o futuro seria de grande proveito á nação. É o quanto cumpre-me communicar a V. Ex.ª que mandará o que for servido. Deus guarde a V. Ex.ª Provincia do Bihé, 23 de Fevereiro de 1846.=Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Governador Geral do Reino de Angola, e suas dependencias.=(Assignado) *Joaquim Rodrigues Graça.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.=Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que dando o devido cumprimento á commissão de que me acho encarregado de tratar de estabelecer relações amigaveis com os chefes das Tribus por onde transitar, entabolando com elles os contratos e negociações que me parecessem vantajosas, bem como as disposições necessarias para se estabelecerem feiras em logares de conveniencia, e como n'esta possessão no tempo do licito trafico da escravatura aqui se havia estabelecido uma feira, de Benguella e Loanda vinham grandes carregações de fazendas para serem permutadas em cera, marfim, e escravos, e pela grande frequentação de seu commercio n'ella se estabeleceram grandes feitorias, e para esta emigraram das duas differentes praças immensas familias portuguezas, náo só filhos do Reino, como dos Presidios e Districtos de Sua Magestade; achando-se na mesma uma authoridade portugueza occupando o extincto titulo de Capitães-móres, e como finalisasse o tratado do licito trafico da escravatura, os negociantes das duas differentes praças ordenaram a seus *aviados* para que finalisassem suas negociações, e findas recolherem-se a prestar contas a seus armadores: em consequencia d'estas ordens foi esta feira abandonada, e como os negociantes residentes na mesma feira empregavam immensos portuguezes, e com a retirada dos mesmos por aqui ficaram de uma vez encostados ao regulo d'esta Provincia, e sujeitos ás leis gentilicas do mesmo regulo, visto que a mesma authoridade foi mandada retirar, e por estes principios é que immensos Portuguezes aqui ficaram com suas familias sobrecarregados de filhos, e a maior parte d'elles hoje fallecidos, deixando ficar seus bens, e seus filhos não serem senhores d'elles, roubados pelo gentio, ficando estas familias ao desamparo, vestidos á moda gentilica, sujeitos a serem vendidos, como tem sido a maior parte d'elles pelo gentio, males estes que muito bem se podiam remediar.

Cumpre-me mais levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que me foi de urgencia officiar ao Chefe d'este Districto, o Sr. Francisco José Coimbra, para que o mesmo Sr. mandasse reunir a todos os subditos portuguezes, filhos d'esta Provincia, bem como negociantes volantes, e outros negociadores, filhos dos Presidio e Districtos, para o fim de comparecerem na Capital do regulo D. Antonio de Alencastro, em 8 do corrente, assistirem á publicação do artigo 4.° e 8.° das instrucções que tenho, bem como tratar por modos amigaveis de avassallar este Sova, e tratar negociações com o mesmo; de novo se estabelecer uma feira para os Portuguezes, que se acham dispersos, interlacionados com o gentio, vivendo com elles, comendo mucanos uns aos outros, não serem vendidos, e tomarem uma nova vida a fim de ampararem suas familias; e tendo o dito Chefe mandado notificar os mais visinhos e conhecidos para que comparecessem no dia estipulado, não compareceu a maior parte d'elles, e só se apresentaram os da relação inclusa, bem como a mesma authoridade portugueza; e apresentando-me na capital do mesmo regulo á espera do Chefe, e seus subordinados, passados dois dias me foi presente uma Portaria do mesmo Chefe, constituindo as suas vezes em o portuguez e negociante, o Sr. Guilherme José Gonçalves, cuja incluso remetto a V. Ex.ª. Como conheci que esta authoridade com frivolos pretextos não compareceu a bem do serviço de Sua Magestade, tratando todas estas obrigações de menoscabo, tratei de mandar intimar o regulo d'esta Provincia D. Antonio de Alencastro, e seu Estado; e um grande de seus subordinados os fez ajuntar em uma praça no centro de sua capital, e a meu lado os subditos portuguezes constantes da relação, e nomeando para meu interprete ao Portuguez José Vaz Pereira dos Santos, fazendo-lhe prestar o juramento dos Santos Evangelhos, e pondo-lhe as penas da lei para que publicasse os artigos 4.° e 8.°, e tudo o mais que lhe dissesse em voz alta, e no idioma do paiz, e que não augmentasse, nem escondesse palavra alguma, o que cumpriu com desempenho as funcções de *tendalla*, o que o mesmo regulo e seu povo bem entenderam. Cumpre-me mais communicar a V. Ex.ª, que tratei de estabelecer com o mesmo regulo e seu Estado, que de ora em diante não consinta que os seus subordinados roubem,

como tem roubado, os subditos de Sua Magestade, que residem em seus territorios, e como filhos de Sua Magestade os reconheçam, bem como os negociantes de mar fóra, e outros de Presidios e Districtos; por quanto tem sido roubados por mucanos falsos, quituxes, etc., além de serem atacados em suas proprias feitorias á força de armas pelos intitulados fidalgos, filhos dos fallecidos regulos d'estes territorios, acompanhados de seus chamados filhos, e por estes principios é que os negociantes das duas differentes praças se acham no desembolso de avultadas quantias, que por seus filhos têem sido roubadas a seus aviados, e estas grandissimas perdas não só se tem tornado em grande prejuizo aos negociantes, bem como aos interesses da nação. Fiz mais capacitar ao mesmo regulo o quanto lhe era vantajoso ser nosso fiel alliado, ou avassallar-se, prestar o juramento a Sua Magestade A Rainha, de fidelidade, a fim de ser respeitado não só pelos regulos visinhos, bem como de seus subordinados: que obrigasse seus filhos, que satisfaçam o que devem a seus armadores de Benguella e Loanda para o fim de se acreditarem, que não ataque a Portuguez algum, como bem proximamente foi atacado Antonio Francisco Ferreira Porto á força de armas em sua propria feitoria, e defendendo-se foi gravemente ferido pelo fidalgo Munha, e seus povos, e que estes attentados se tornavam vergonhosos, que era uma falta de respeito, não só aos subditos Portuguezes, bem como a uma authoridade portugueza, que n'esta Provincia se acha. Respondeu que elle e seu Estado muito agradeciam a S. Ex.ª o Sr. Governador Geral o convite de amisade, e que não põe duvida em ser nosso alliado, ou ainda vassallo; pois que sempre ouviram fallar do poder do Maneputo, e sabe das perdas que os negociadores têem soffrido nas suas terras; mas que a falta de fazendas como n'outro tempo vinham, é a causa de similhantes males, e que o castigo que elle podia dar a ladrões era manda-los agarrar, e vende-los, porque não usam, segundo seus usos e costumes, de prisões, como faz o Maneputo. Respondeu mais, que não tinha respeito á authoridade portugueza, que o tinha como um Sova, e não como Chefe de homens brancos, e disse mais por que elle não compareceu á ordem do Maneputo? e como quer elle que os mais lhe obedeçam?!» Respondi: «que não me competia nomear uma authoridade á sua vontade, bem como á de seu povo, que sim faria chegar ao conhecimento de V. Ex.ª todas estas faltas, e que V. Ex.ª mandaria o que fosse servido.» Cumpre-me mais levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que D. Antonio de Alencastro, Sova d'esta Provincia, pede a graça que V. Ex.ª haja por bem de ordenar ao Chefe do Presidio de Pungo-andongo, que faça intimar ao mercador Manuel Antonio Pires, e outro Manuel Estevão de appellido Candumba, para que não mandem capturar os filhos, que d'aqui quotidiana e livremente transportam para essa capital grandes carregações de cera e marfim, e no regresso que fazem d'essa para esta tem sido capturados pelos mesmos, ou seus subordinados, e roga que V. Ex.ª mande pôr cobro a estes males. Respondeu ainda mais, que respeitará as ordens do Maneputo, e logo que eu me recolhesse do interior para essa capital me entregaria seus officios, acompanhados de seus macotas para d'elles lhes fazer entrega, e receberem as ordens de V. Ex.ª, e que annue a que os negociadores que se acham em suas terras, se reunam em um logar, que julgarem melhor a bem de suas negociações; e passava a mandar avisar a seu povo para que não fizesse mal a negociador algum, tornando-o responsavel. Cumpre-me mais levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que se os subditos Portuguezes, que n'esta se tem achado, e aqui têem sido mal tratados pelo gentio, e perdido suas carregações, tem sido pela inacção das authoridades, que para esta tem sido nomeadas, que em vez de punirem pelos direitos dos subordinados, chama-los por sua authoridade á ordem, reconcilia-los em suas questões, pelo contrario têem tratado todas estas obrigações de menoscabo, e por estes principios é que os Portuguezes têem sido mal tratados; estes tem sido, Ex.^{mo} Sr., os maiores males que têem dado motivos a que a nação tenha perdido essa riquissima possessão, que só d'ella temos o titulo, mas não o dominio; mas logo que V. Ex.ª possa fazer cessar esses males, poderemos ser senhores d'ella, sem que a nação faça grande despeza. Cumpre-me mais levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que achando-se n'esta Provincia um grande numero de Portuguezes, e de uma vez residentes, filhos naturaes d'esta mesma, além de feirantes das duas differentes praças, bem como dos Presidios e Districtos, e achando-se aqui uma authoridade Portugueza para governar os subditos de Sua Magestade, estes lhe não obedecem por achar-se sem força alguma militar por onde possa ser respeitada, não só dos regulos e gentio, como dos mesmos Portuguezes; e acontecendo, como tem acontecido, novidade, e seja preciso leva-la ao conhecimento de V. Ex.ª, o não podem fazer; bem como fallecendo qualquer subdito de Sua Magestade, e deixando ficar seus bens, esta authoridade sem força não póde tomar conta

do espolio de qualquer que falleça; por quanto o mesmo Sova tem uma parte, o gentio rouba outra, e quem mais força tem mais apanha: eis-aqui, Ex.^{mo} Sr., o motivo por que ficam as familias dos fallecidos desgraçadas, e sujeitas á escravidão, como se acham immensas, além da falta de um escrivão de orfãos e ausentes, para poder haver um archivo, a fim de se inventariar os bens dos fallecidos, e d'esta serem remettidos a essa Capital; e por estes principios é de urgencia haver aqui uma authoridade capaz de cumprir com as funcções de seu ministerio, bem como estabelecer-se uma Companhia de Voluntarios, para fazer corpo á mesma authoridade, pois estabelecida que seja, e tomando-se as medidas necessarias, poderá a nação em bem pouco tempo contar mais duas possessões avassalladas. É o quanto cumpre-me communicar a V. Ex.ª Deus guarde a V. Ex.ª Provincia do Bihé, 25 de Fevereiro de 1846. = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Governador Geral do Reino de Angola e suas Dependencias. = (Assignado) *Joaquim Rodrigues Graça.*

(Segue-se uma relação de 101 *habitantes da Provincia de Bihé, Portuguezes ou descendentes de Portuguezes, que por menos interessante se omitte, mas n'ella se incluem seis Europeus.)*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. = Cumpre-me remetter a V. Ex.ª por primeiras e segundas vias os officios inclusos n.^{os} 1 e 2, bem como a descripção d'esta Provincia, a qual já foi presente a V. Ex.ª, bem como a derrota, a qual não remetto por não ter finda a commissão de que me acho encarregado, e no regresso que tenho a fazer do interior para essa capital, terei a satisfação de apresentar a V. Ex.ª com as observações que julgar interessantes a bem da prosperidade publica, e dos interesses da nação. Cumpre-me pedir a graça a V. Ex.ª de que, se os serviços que tenho a honra de levar ao sabio conhecimento de V. Ex.ª, forem dignos de louvor, espero que sejam mandados registar na Secretaria Geral, e aonde mais tocar, e logo que se offereça occasião leva-los ao alto conhecimento de Sua Magestade A Rainha. Deus guarde a V. Ex.ª Provincia do Bihé, 1.º de Março de 1846. = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Governador Geral d'esta Provincia. = (Assignado) *Joaquim Rodrigues Graça.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. = Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que sendo da approvação de V. Ex.ª formar-se uma Companhia de Voluntarios para fazer corpo ao Chefe que rege esta Provincia, e mesmo para esta authoridade ser respeitada, não só pelos moradores, constantes do mappa incluso, bem como do regulo da mesma, e seus povos respeito nenhum guardam, e tem a liberdade de dizerem, que Sua Magestade não tem forças para desaffrontar qualquer insulto, que façam á mesma authoridade, ou aos subditos Portuguezes n'esta estabelecidos, bem como familias que ficaram dos mesmos já fallecidos. Eis aqui, Ex.^{mo} Sr., por que julgo de urgencia formar-se a dita Companhia, visto acharem-se os Portuguezes do mappa incluso de uma vez estabelecidos, bem como outros desertando dos Presidios e Districtos, e sujeitando-se a que suas questões sejam decididas pelas leis gentilicas. Convém remediar-se estes males, que com isso nada se perde, pelo contrario se torna honroso haver n'esta Provincia uma força Portugueza para defesa dos mesmos, e honra da nação.

(Segue aqui uma relação de recommendados para os postos da Companhia, e conclue depois do modo seguinte):

É o quanto me cumpre levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que mandará o que for servido. Deus guarde a V. Ex.ª Provincia do Bihé, 1.º de Março de 1846. = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Governador Geral da Provincia de Angola e suas Dependencias. = (Assignado) *Joaquim Rodrigues Graça.*

Ill.^{mo} Sr. Governador. = Cumpre-me remetter por primeiras e segundas vias a V. S.ª os officios n.^{os} 1 e 2, e logo que se offereça occasião, espero que os faça chegar a S. Ex.ª o Governador Geral da Provincia de Angola, na primeira embarcação de guerra da nação, ou mercante, empregando todos os meios para que não tenha extravio, pois que são objectos de serviço, e de muita consideração. Igualmente peço para que se passe recibo ao portador da entrega dos mesmos para sua descarga. Provincia do Bihé, 25 de Março de 1846. = Ill.^{mo} Sr. Governador da Cidade de Benguella. = (Assignado) *Joaquim Rodrigues Graça.*

(Continúa.)

(Esta viagem do Sr. J. R. Graça, vai impressa inteiramente conforme o manuscripto original com a unica differença de não irem sommadas as leguas da viagem, pelo não permittir o formato dos Annaes.)

O Red.

Do Instituto, publicação periodica do *Instituto de Coimbra*, transcrevemos o seguinte artigo:

O DR. WELWITSCH E O JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

O sabio e infatigavel naturalista, o Dr. Welwitsch, a quem o Jardim Botanico da Universidade de Coimbra deve algumas das suas mais preciosas collecções de sementes e plantas da Flora Angolense, acaba de offerecer a este estabelecimento uma nova collecção de estacas, bulbos e sementes de vinte e quatro especies das mais raras e estimadas d'aquella Flora, algumas das quaes o illustre botanico assevera, que se não encontram em jardim algum da Europa.

Os exemplares recebidos chegaram em bom estado de conservação, e foram logo plantados com as necessarias cautelas em attenção ao excessivo frio da presente estação. Em quanto, porém, se não construir no Jardim Botanico uma estufa tal, como o pede um tão grandioso e importante estabelecimento, é inevitavel a perda de algumas d'aquellas e de outras especies de plantas da Africa e da Asia, que sem estufas nem abrigadouros não podem resistir ao rigor dos nossos invernos.

Felizmente as Côrtes votaram um subsidio para se dar principio á construcção d'aquella estufa; e se nos seguintes orçamentos continuar o mesmo subsidio, como é de esperar, dentro em poucos annos o Jardim Botanico da Universidade se achará habilitado para conservar plantas de todas as partes do mundo, e promover a aclimatação das que mais uteis forem para a agricultura e para os diversos ramos da industria nacional.

Entretanto a Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra, justa avaliadora dos eminentes serviços, que o sabio Dr. Welwitsch tem prestado á historia natural, e em particular á Botanica n'aquellas inhospitas terras da Africa, e no meio de climas tão insalubres, não podia deixar de dar um solemne testemunho de louvor e reconhecimento ao illustre naturalista, que tanto tem enriquecido os annaes da sciencia com suas importantes descobertas e estudos praticos, não só no reino, mas tambem nas nossas possessões ultramarinas, tão pouco conhecidas, se não quasi ignoradas debaixo do ponto de vista scientifico; e resolveu por isso unanimemente, que se fizesse muito honrosa e distincta menção, no livro das suas actas, do nome do Dr. Welwitsch, e que o Secretario do Conselho transmittisse ao Prelado da Universidade uma cópia authentica da respectiva acta para ser remettida áquelle insigne Botanico para sua satisfação.

J. M. de Abreu.

MAPPA DO NUMERO DE EMIGRADOS DO REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E IRLANDA NOS ANNOS 1853 E 1854, DISTRIBUIDO POR MEZES.

1853

Mezes	Colonias na Australia	America Britannica	Estados Unidos da America	Diversos logares	Total
Janeiro	3:063	8	6:626	236	9:933
Fevereiro	3:381	13	13:338	167	16:899
Março	7:738	364	22:725	70	30:897
Faltou lançar nestes 3 mezes	2:585	261	292	—	3:138
Abril	6:033	8:349	32:766	126	47:274
Maio	6:680	6:077	25:293	147	38:197
Junho	4:665	5:417	19:745	223	30:050
Julho	5:335	3:605	18:136	243	27:319
Agosto	5:007	3:356	20:799	359	29:521
Setembro	2:930	2:338	25:011	348	30:627
Outubro	3:918	362	20:811	208	25:299
Novembro	4:821	184	14:489	269	19:763
Dezembro	3:775	229	5:227	532	9:763
Total...	59:931	30:563	225:258	2:928	318:680

1854

Mezes	Colonias na Australia	America Britannica	Estados Unidos da America	Diversos logares	Total
Janeiro	3:090	—	3:759	173	7:022
Fevereiro	3:223	192	10:998	267	14:680
Março	4:711	633	21:310	209	26:863
Abril	5:977	10:509	27:374	141	44:001
Maio	7:469	7:454	23:954	148	39:025
Junho	8:552	8:637	16:340	306	33:835
Julho	8:422	7:620	16:420	250	32:712
Agosto	9:400	1:251	18:642	583	29:876
Setembro	9:109	901	19:806	513	30:329
Outubro	7:997	135	16:245	184	24:561
Novembro	6:631	49	9:975	265	16:920
Dezembro	7:173	—	3:725	200	11:098
Total...	81:754	37:381	188:558	3:239	310:922

NOTICIAS RECENTES.

MACAU.

Nada havia occorrido de extraordinario n'aquelle estabelecimento até á data de 12 de Janeiro ultimo. Continuava a guerra civil na Provincia de Cantão com variado successo para os partidos belligerantes até aos ultimos dias, em que os rebeldes, que occupam a Cidade de Fat-Shan, alcançaram uma grande victoria sobre os Imperialistas que a cercavam por mar e terra, perdendo estes grande numero de embarcações. Este estado de cousas tinha produzido algumas vantagens para Macau: as Lorchas tem augmentado em numero, contando-se já umas 95, e estão-se afretando por preços enormes; algumas vencem 1:200 e 1:500 patacas por mez. Os portuguezes que as guarnecem ganham exorbitantes soldadas, taes como 20 e 25 patacas mensaes, e empregam-se quantos appareçam, não sendo preciso ter pratica de embarque para receber taes soldadas. O preço das casas em Macau tem igualmente crescido em consequencia do grande numero de familias que ali se tem refugiado. Tambem tem melhorado o commercio, tanto interno como externo, affluindo ali para exportação muito chá e sedas, tabaco, e outros objectos que d'antes saiam directamente de Cantão. Todas estas circumstancias, reunidas ao estado de perturbação em que se acham as visinhanças de Macau, têem feito subir extraordinariamente os preços de todos os generos n'esta Cidade: os que menos se tem elevado, custam hoje 50 por cento mais do que ha dois annos, e alguns ha que têem dobrado e triplicado de preço.

MOÇAMBIQUE.

Segundo as noticias ultimamente recebidas, o commercio prosperava em todos os portos da Provincia, á excepção de Quilimane, pelas desordens que tem havido no interior. Os negros haviam novamente atacado Tete. O Chefe Joaquim da Bamba continuava nas suas desordens e malfeitorias; comtudo o outro Chefe Choutama mostrava-se disposto a prestar obediencia.

Era notorio que o Governador ia mandar para Lourenço Marques um Cirurgião, e alguns artistas para a execução das obras que ali se tem mandado fazer.

ANGOLA.

Receberam-se ultimamente noticias e Boletins do governo de Angola.

A Provincia estava em socego, continuando-se no Districto de Mossamedes a dar grande desenvolvimento não só á cultura da canna de assucar, mas á do algodão. Tinham já ali chegado duas machinas de descaroçar o algodão, que o governo mandou de Lisboa ao Director da Colonia Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro.

O Governador d'este Districto, Fernando da Costa Leal, tinha feito uma exploração ao rio Cunene, conseguindo reconhecer e demarcar o local da costa em que aquelle rio vem entrar no mar. No proximo numero daremos a este respeito noticias circumstanciadas.

No Boletim n.º 483 vem inserto o auto de reconhecimento de preito e vassallagem prestado pelo Rei de Molembo, por meio de seus Embaixadores, nas mãos do Governador Geral de Angola, em audiencia publica.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

CONTINUAÇÃO DE VIAGEM COM DESTINO ÁS CABECEIRAS DO RIO SENA.

Por Joaquim Rodrigues Graça

(Começado a pag. 101.)

DERROTA DA VIAGEM DA PROVINCIA DO BIHÉ Á POSSESSÃO DO REGULO MATIANVO.

1846—Maio 4—Leguas 3.

Partimos do sitio Caquenha, e acampámos em o da *Boa-vista;* terreno plano e limpo, boas aguas.—Sem mais novidade.

M. 5—Leg. 3 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio denominado *Quitice;* com matos altos e fechados em parte; este potentado obedece ao Soba do Bihé.—Sem mais novidade.

M. 6.

Occupei-me n'este dia a ajuntar carregadores.

M. 7.

Occupei-me no mesmo acima.

M. 8.

Occupei-me no mesmo acima.

M. 9.—Leg. 4 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Lucata;* terreno plano e limpo: este Soba é irmão de D. Antonio de Alencastro, governa o territorio das *Ganguellas*, gente de má indole, ladrões, de tudo formam um crime; a sua maior occupação é roubar os negociadores, que passam por seus dominios, imputando-lhes crimes que imaginam a seu bel-prazer, como: «ha tantos annos aqui passou fulão, e pisou a minha lavoura, perdi o meu mantimento, ou aqui passou conduzindo um dos seus escravos doente em uma rede, deixando a peste nas minhas terras, de qual resultou a morte de alguns de meus filhos; pague a vida d'elles.» Se o pobre viajante não tem forças para fazer face a taes prepotencias, não tem remedio senão sujeitar-se ao que quer o Soba. A primeira cousa que lhe pedem é uma cabra, depois um porco, servindo este de ajuste ao phantastico delicto; mas se o negociante é esperto, e conhecedor de tão nefandos costumes, dá-lhe sómente sessenta pannos, sendo a cabra regulada por vinte pannos, e o porco por quarenta, consumindo tres e quatro dias em decidirem este mucano (crime). Adoram os idolos.—Sem mais novidade.

M. 10.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Calongo.;* deserto, matos altos e fechados.—Sem mais novidade.

M. 11.

Estivemos parados no mesmo logar por causa da molestia de alguns carregadores.—Sem mais novidade.

M. 12.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Cassa-Capuebo;* deserto.—Sem mais novidade.

M. 13.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Camochito;* deserto.

M. 14—Leg. 7.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Gombe;* margem do rio Quanza; este Soba é irmão do Regulo *Sinde*, tem bastante povo, e de má indole, ladrões por natureza, bastante supersticiosos, inconstantes em seus tratos, facinorosos; terreno fertil. Para o commercio offerece cera, marfim, escravos; seu terreno é plano, e proprio para toda e qualquer agricultura; avista a margem do rio Quanza, é senhor de um vasto continente, assolando com suas guerras os Ganguellas.—Nada mais a referir.

M. 15.

Seguimos, e acampámos n'um porto do mesmo regulo, e ahi estivemos fornecendo a caravana dois dias para passarmos além do rio.—Sem mais novidade.

M. 16.

Estivemos no sitio retró fornecendo a caravana, como no primeiro dia.

Observação.

Que extensas e lindas varzeas não possue este potentado nas margens do Quanza, proprias para canna, arroz, tabaco!!! Que estabelecimentos se não poderiam fazer n'este ame-

no solo!! Que reditos não percebe este Regulo! Só o artigo fretes de seus portos, dos viajantes que transitam para o interior como Quiôco, Bunda, Quiengo, Bomba, Luena, Luvar, Ambuellas, Cangilla, Cambaca, Cassaby, etc. com suas cargas, regulando cada uma a um panno, equivalente a quatrocentos réis, a quanto não orça?!! O que perde a nação em não possuir estes territorios; já as passagens dos portos, já os dizimos, que seriam pagos em cera e marfim, recompensariam a perda de outros dominios, que a nação tem soffrido, sendo espoliada, e voltando suas vistas para esta parte do continente se enriqueceria, libertando-a do olvido a que ha sido devotada.

M. 17—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Caconde;* este regulo obedece ao Sinde. O terreno é plano, matos rasteiros, cortado de riachos e fertil. Possue cera, marfim e escravos. Adoram os idolos, etc.—Nada mais digno de menção.

M. 18—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos em terras pertencentes ao regulo *Quiengo*, bem perto da sua Banza, em o mato; terreno plano e fertil. Este potentado é senhor de uma vasta possessão, são da nação da Bunda, e Ganguellas, andam nús, só com um couro de qualquer animal silvestre cingindo-lhe a cintura; são pouco animosos, usam em suas guerras de arco e frecha, lanças, e tambem de armas portuguezas, porém frequentemente da frecha.

Tem sempre sido derrotados pelos regulos Sinde e Bomba. São inconstantes em seus tratos, ladrões, mui supersticiosos, adoradores de idolos, e tudo mais conforme fica descripto.

M. 19.

Mandei n'este dia intimar o dito regulo por André Francisco Jeronymo, e outro, para tratarmos negocios de consideração, bem como o presente do costume que lhe mandei levar, o qual recebeu, e me mandou dizer, que no dia seguinte se apresentaria, e seu estado para conferenciarmos; e assim cumpriu.

M. 20.

Apresentaram-se-me os macotas, e á frente d'elles o seu chefe das dez para as onze horas da manhã, e logo mandei reunir a caravana no meio do acampamento, e offereci-lhe assento, dando-lhe a direita; perguntei-lhe: «Quem sois vós?» Respondeu: «Sou Muana, Angana, Quiengo, Quiatalla, neto do regulo Gombo das Ganguellas.» Continuei eu: «Que fins vos trouxeram a este acampamento?» Respondeu «que elle, e os seus macotas foram chamados pelo mondelle (branco) para fallarlhes, não sabendo sobre que,» e depois de ouvi-lo com toda a attenção, eu assim lhes fallei.

(Segue-se um discurso ao Quiengo para viver em sujeição ao Governo Portuguez, e abraçar a Religião Christã, do que lhe havia de resultar a protecção de Portuguezes, com muita utilidade d'elle regulo e de seus povos.)

Respondeu elle «que ficava certo dos desejos do Maneputo (nome que geralmente dão ao Governo dos homens brancos), e da sua vontade, que muito sentia se a escravatura se acabasse, porque os seus criminosos são punidos sendo vendidos, que os prisioneiros de guerra tambem o eram, e que elle achava melhor do que manda-los matar; mas que se o Maneputo se obrigava a mandar negociadores ás suas terras com fazendas, e que não quizessem comprar escravos, que muito custaria o não vende-los; mas que precisando elles das fazendas as haviam de trocar por cera e marfim. Que elle faria para que d'ali em diante os seus filhos não roubassem os negociadores, que fossem, ou passassem por suas terras. Pediu mais para que eu, como mandado do Governo, fizesse com que o Soba do Bihé, um dos maiores potentados, obrigasse os Regulos Sinde e Bomba a não lhe fazerem mais guerra, com que os derrota annualmente, reconhecendo-o como amigo. O que tudo me foi explicado no idioma portuguez pelos interpretes André Francisco Jeronymo, Vicente Ferreira da Roza, Manuel Francisco da Conceição, Gaspar Antonio Ferreira, todos subditos de Sua Magestade, e naturaes da Provincia de Angola.

Observação.

Estivemos tres dias n'este territorio fornecendo-nos de mantimentos para passarmos um deserto, e durante este tempo observei o regosijo que aquella gente manifestava: logo que o regulo e seu povo se recolheu ás suas habitações cantaram e tocaram cantigas em louvor do seu Deus da guerra, porque tive a curiosidade de perguntar a que fim tendia a sua alegria; responderam-me, que como o Maneputo se tinha lembrado d'elles, o regulo, em recompensa, ordenára a seus povos, que festejassem os idolos, pela mercê que acabavam de receber, mandando o Maneputo procura-os, e receber a sua amisade, promettendo-lhes livrar da guerra de seus oppressores, que foram as almas dos seus macullos (defuntos) que tinham conseguido de seu Deus que abrandasse a ira de seus inimigos, e que seus filhos, que escaparam da morte, se achavam defendidos pelo Deus da guerra do Maneputo. Disseram-me tambem que n'aquelles dois dias tinham sido apanhados dois negociantes com

fazendas, naturaes do Presidio de Caconda; mas que sabendo o regulo das ordens do Maneputo os mandára soltar, entregando-lhes as fazendas, isso fizeram por crimes de outros negociadores. Que as ordens já se tinham dado para os povos não roubarem os negociadores que passassem com fazendas. Depois mandou-me uma cabeça de gado para sustento da minha comitiva; e notando que todos elles andavam pintados de barro branco, e perguntando o que aquillo significava, responderam-me, que era seus enfeites em honra ao Deus da guerra, porque tinham recebido as ordens do Maneputo.

É o quanto passei com este regulo, e seu povo, que, apezar de selvagem, temem as armas pela destruição que fazem.

M. 21—Leg. 5.

Seguimos, rompendo matos, e acampámos á margem do riacho denominado *Bemdica;* deserto, matos altos e fechados, terreno plano, em partes pantanoso, cortado de riachos, nascentes. Qualquer viajante que transitar por estas terras não póde fazer viagens grandes, porque de quarto em quarto de legua, pouco mais ou menos, encontra pantanos; e se leva montada, precisa mandar fazer pontes, aliás perderá o animal.—Sem mais novidade.

M. 22—Leg. 6.

Seguimos, e acampámos á margem de um riacho *Cotia*, deserto, matos altos, em partes rasteiros. O Cotia é caudaloso no tempo de inverno, sendo no verão de pouca consideração; tem sua nascente ao norte, e tributa suas aguas ao rio *Cuiba*, e este ao Quanza. Tem de largo em partes quatro e cinco braças, pouco mais ou menos, em partes fundo, e não se passa a vau, só por meio de pontes. Este rio estende-se por uma grande campina, que alagando não dá passagem ao viajante.

M. 23—Leg. 5 $\frac{1}{2}$.

Seguimos, e acampámos em o riacho *Caluemba*, deserto, matos altos e fechados em parte, e areaes. É caudaloso este rio no tempo de inverno, sua nascente é a léste, sua direcção a oeste, é tributario do Cuiba, largura em partes quatro braças, fundo em consequencia de correr por entre duas serras; terreno montanhoso.—Sem mais novidade.

M. 24—Leg. 6.

Seguimos, e acampámos em o logar denominado *Mona-Cuquia*, deserto, matos rasteiros, em partes altos e fechados, cortado de riachos com boas aguas.—Sem mais novidade.

M. 25.—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos em *Della-Guenga*, deserto, seus matos os acima referidos, cortando grandes valles, e pantanos cheios de mosquitos, e uma mosca similhante ao abelhão, que, mordendo, immediatamente inflamma a parte offendida.

Muito padece o pobre viajante.—Sem mais novidade.

M. 26.—Leg. 5 $\frac{1}{2}$.

Seguimos, e acampámos em a margem do rio *Muangôa;* é de pouca consideração, e tributa suas aguas ao rio *Cassaby;* passámos na cabeceira d'elle; matos altos, terreno arenoso.—Sem mais novidade.

M. 27—Leg. 8.

Seguimos viagem pela margem do mesmo rio, e acampámos em o sitio denominado *Camussamba*, fronteira dos dominios do regulo *Canhica-Catembo*, do Quiôco, mato fechado; tendo partido do fundo ao romper da aurora, chegámos ao sitio mencionado das tres para as quatro horas da tarde, tendo marchado por um grande areal.—Sem mais novidade.

M. 28—Leg. 5 $\frac{1}{2}$.

Seguimos viagem, e acampámos em o sitio chamado *Cassango*, distante tres leguas da capital do regulo *Canhica*, e logo que abarracámos ordenei ao interprete André Francisco Jeronymo, e outros, para que no dia seguinte se apresentassem na capital do mesmo a cumprimenta-lo, e pagar-lhe o competente tributo do costume, pois que são direitos que se não dispensam a pessoa alguma; e logo que o negociante chega, se não tem o cuidado de mandar-lhe o que é devido, elle envia os seus impungas (officiaes) ao acampamento, a fim de cobrar, e n'esse caso exigem o dobro do que se lhe deveria dar; e marchando os interpretes no dia determinado, encontraram o regulo e seu estado, e o cumprimentaram, entregando-lhe a offerta, que lhe havia mandado, valor de 40$000 réis em fazendas de bom gosto: n'essa occasião o mandei convidar para se apresentar no acampamento, bem como o seu estado, para tratarmos negocios de consideração, e que se tornavam reciprocos, a bem de sua prosperidade e de seus povos, por ordens que tinha a publicar do Maneputo (Sua Magestade); e recebendo o regulo o seu tributo teve a liberdade de me mandar dizer pelos meus interpretes, e seus officiaes: «Recebi o que o Quinder (branco) me manda, porém não estou satisfeito; porque o que me mandou é pouco á vista de tanta fazenda que leva; não tem vergonha de me mandar só isto?!, que me mande dois barris de polvora, dois fardos de baeta e panno, oito armas, um capote, uma farda, e chapéu armado, espada, e que mande vestir os meus filhos, e macotas. Se quer que eu vá ao seu acampamento, que é o que de mim quer o Maneputo de Loanda?! o que é que me manda? manda-me procurar para tratar negocios; que negocios tem

comigo? elle precisa de mim, por isso é que me manda convidar; eu não preciso d'elle, pois que de minhas terras é que lhe vae a cera;» e atreveu-se a mandar-me esta boa resposta, e logo carregadores para eu lhe mandar tudo quanto me tinha pedido; e ouvindo tal resposta, ordenei aos intrepretes para lhe communicarem, que o Maneputo d'elle não precisava; que se o mandava convidar era para interesses reciprocos, e talvez mais uteis a elle regulo, a fim de o trazer á boa ordem, e se as intenções do governo não fossem justas, que elle tambem podia sobre ellas pensar, e que eu despresava o modo por que, por via dos interpretes, me respondeu; que se o Maneputo quizesse, para o castigar do seu atrevimento, bastava prohibir que por suas terras passassem fazendas; que a cera se compra em todas as partes, e assim elle reconheceria o seu erro, e se veria obrigado a vestir couros de animaes, e a comerem a cera, e que tarde se arrependeria de não abraçar a amizade e alliança, para sua felicidade, e augmento do seu estado; o que tudo lhe mandei explicar em lingua propria, que bem entenderam, e accrescentei que nada mais tinha a mandar-lhe, que já tinha pago os direitos, que lhe competem, e que se elle se valesse da força, que eu o considerava como ladrão, que se ía expôr ou a vencer ou a morrer em bocas de fogo: e dada esta resposta aos seus emissarios, na presença d'elles mandei reunir a minha força, e fazendo-lhe ver em poucas palavras a insolencia do Canhica, exigindo, além do que já tinha recebido, uma porção de diversos generos e fazendas, que nos preparassemos para rechaçar os seus insultos, e mesmo porque nos achavamos entre ladrões, distribuindo cartuxame para a primeira voz; e estavamos promptos não só para a defensiva, como para a offensiva, meio este ultimo que nunca o poriamos em pratica; esperei o seu ataque, mas não se atreveram. Compunha-se a minha força de quinhentas armas de fogo, sem fallar em bacamartes, estando bem fornecido de polvora e bala. — Nada mais occorreu.

Sua religião.

Adoram os idolos denominados *Caanda*, e *Muquixi*. Caanda é a quem adoram por seu Deus.

Muquixi é outro idolo, que está posto dentro de um cercado de palha, no meio de uma vargem, perto de fonte, ou rio, aonde tiram agua todos os dias; e qualquer d'estes selvagens, todas as vezes que ali passam, chegam-se, e deitam-lhe ou um pouco de barro branco, ou uma especie de farinha de milho, ou uma mandioca, acompanhando a offerta a sua competente arenga em a lingua d'elles, depois do que seguem a jornada: Devo notar a particularidade de que esses idolos só podem ser visitados, ou por aquelles que são circumcidados, ou pelas virgens, os mais passam de largo, virando a cara para a parte opposta, e repetindo outras palavras.

M. 29.

Occupei-me em fornecer a caravana de mantimentos. — Sem mais novidade.

M. 30 — Leg. 4 ½.

Seguimos viagem, e acampámos em o sitio *Bossohi*. Aqui governa o Muana Angana Monce, sobrinho do regulo *Canhica-Calembo*: seus matos altos e fechados, terreno pantanoso, esteril. — Sem mais novidade.

M. 31 — Leg. 3 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio de *Muana-Angana*, irmã do mesmo regulo; matos rasteiros, terreno plano, e esteril, com pantanos. — Sem mais novidade.

Junho 1 — Leg. 6.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Muata-Macuto*, terreno montanhoso com areaes, cheio de riachos e pantanos, pedregoso e esteril. — Sem mais novidade.

J. 2 — Leg. 6.

Seguimos, e acampámos em a margem do riacho *Lumegi;* matos altos e fechados, terreno montanhoso, e arento. — Sem mais novidade.

J. 3 — Leg. 5 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Luaxi*, Sobeta do Muana-Angana Donge; terreno montanhoso, esteril. — Sem mais novidade.

J. 4 — Leg. 3.

Seguimos, e acampámos em o sitio do regulo *Moma*, na margem do rio; o mesmo terreno, e o mais segundo fica referido. — Sem mais novidade.

J. 5 — Leg. 4 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Muquinda*, á margem de um pequeno riacho, que tributa suas aguas ao rio *Luaque;* matos altos, terreno montanhoso, e esteril. — Sem mais novidade.

J. 6 — Leg. 5.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Massango*, no mato; terreno plano, cheio de pantanos, esteril. — Sem mais novidade.

J. 7 — Leg. 4 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Lussagi*, no mato, terreno plano, matos altos e fechados, em partes rasteiros. — Sem mais novidade.

J. 8 — Leg. 5.

Seguimos, e acampámes em o sitio *Loangrico;* é um rio que tributa no Cassaby; matos rasteiros, terreno plano. — Sem mais novidade.

J. 9—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Quissangano*, pertencente ao Donge; matos rasteiros, terreno plano e arenoso.—Sem mais novidade.

J. 10.

Seguimos, e acampámos em o mesmo sitio, não só porque foi preciso abastecermo-nos de viveres, como tambem para mandar sepultar um carregador, que falleceu ao despontar da aurora, chamado Francisco Luiz, natural do districto do Golumbo-Alto, Soba Quilombo, sendo isso feito occultamente, em consequencia do gentio não entrar no conhecimento; pois que fallecendo qualquer pessoa em territorio gentilico não se póde mandar sepultar sem que se faça participante ao governo que rege aquella terra; e o viajante é muitas vezes empatado quatro e cinco dias, tratando em pagar o crime, porque o regulo exige as mais das vezes o valor de 100$000 réis em fazendas, ou em outro qualquer objecto, que corresponda áquella somma.—Sem mais novidade.

J. 11—Leg. 5.

Seguimos, e acampámos em a margem do rio *Catuibi;* terreno plano, matos rasteiros, pantanoso e esteril.—Sem mais novidade.

J. 12—Leg. 6.

Seguimos, e acampámos á margem do riacho *Ruli*, seus matos altos e fechados, terreno plano e fertil.

Este regulo se chama *Canjanga*, tem para permutação cera, escravos. Assentando o nosso campo ordenei aos interpretes para que se dirigissem á capital do regulo, que ficava perto, a fim de o cumprimentarem, e offerecerem da minha parte o tributo do costume; e entregando o valor de 20$000 réis em fazendas de bom gosto, o que ha de dizer o bom do regulo? Eu não me contento só com isto, quero que em cima d'esta fazenda me ponha uma farda agaloada, um chapéu armado, uma espada, uma arroba de polvora, e um fardo de fazenda para vestir a minha familia; por quanto sou um homem grande, e senhor d'estas terras por onde está passando este Quinder (branco). E voltando os interpretes com o presente, que lhe havia mandado, fazendo-me ver tudo quanto fica exposto; mandei-lhe dizer por seus officiaes, que acompanharam os interpretes, que nada devia ao regulo, e nem lhe mandava a fazenda que pedia, que tinha cumprido com o costume estabelecido, mandando-lhe o tributo, e que como elle não queria receber, que muito agradecia a sua generosidade; o resto do dia passei a comprar mantimentos, e não houve mais novidade.

J. 13.

Seguindo viagem, mandando pegar em cargas, indo já adiantada a maior parte dos carregadores, eis quando o regulo, no meio dos seus povos, armados de frechas, corre para cortar-me a estrada, e fazer preza em algumas cargas; logo que se me participou a sua intenção, mandei tocar a reunir, e expedi ordem aos que se tinham adiantado para voltarem, e junta que foi toda a caravana, largaram cargas, tomaram armas, mando avançar, e dividindo a força em tres pelotões, um tomando conta da fazenda e guarda d'ella, outro cortando-lhes a retaguarda, e o terceiro tomando-lhes a frente: assim que os apanhei no meio ordenei ao commandante da força, que no conflicto elegi, que prendessem o regulo, mas que não lhe fizessem mal, conduzindo-o á minha presença, e executando as minhas ordens. Cercado elle e o seu povo, e não havendo meios de evasão, se entregou á discrição, dizendo-me que seus fins não eram offensivos, que vinham pedir licença para passarem o dia entre nós, e que se eu consentisse que suas mulheres nos vendessem mantimentos, que estava prompto a receber a offerta feita, e que eu havia de partir com um presente d'elle, o que tudo lhe concedi, e que estava ás ordens. Quando o gentio não leva a effeito os seus intentos, usa de enganos para que apanhando incauto o viajante possa então tirar o partido, que sempre tem em vista (o roubo); mas estes a nada se atreveram, e levaram o resto do dia em obsequiar os carregadores com vinhos do paiz, cabras, etc.: comtudo, porém, não me fiei, logo que anouteceu, mandei distribuir rondas, postei sentinellas em volta do acampamento, e eu rondando-as; e como a Banza do Soba era visinha do campo em que me achava, presenciaram todos estes preparativos, e ao amanhecer nem uma só pessoa me appareceu; mandei levantar, pegar em cargas sem haver quem nos impedisse. Ora se um punhado de homens armados dita a lei a um Soba, e seu povo, o que não faria uma força disciplinada propria e de proposito mandada para avassallar este ou aquelle potentado? Tendo já marchado umas tres leguas, vieram em nosso seguimento dois macotas do mesmo regulo, e chegando-se, disseram-me, que seu amo lhes havia ordenado para acompanharem o Quinder até o fim de seus territorios; á vista d'esta offerta, d'ella desconfiei, comtudo dando providencias seguimos viagem sem haver mais novidade; acompanharam-me os dois tratando-os bem, até que se retiraram.

J. 14—Leg. 5.

Seguimos viagem, e acampámos á margem do rio *Luaxi*, territorio do regulo Muana-Angana Tanga; matos rasteiros, terreno

plano, pantanoso, esteril. — Sem mais novidade.

Fins de todo o dominio do regulo *Cabita-Catembo*.

DESCRIPÇÃO DO QUIÔCO, TERRAS DO POTENTADO CABITA-CATEMBO.

Esta provincia se acha no centro das terras dos regulos Bomba, Bunda, Ohegy, Minungo, Loena, e Cassaby. O seu clima é frio em consequencia de ser coberto de grandes matos, cheio de riachos e pantanos, esteril, por não ser o seu terreno proprio para qualquer agricultura; sómente produz milho miudo, massango, feijão e mandioca, mas esta mesma é de má qualidade, amargosa; muito abundante de gallinhas, e de boa qualidade, de cabras, ovelhas, mel, etc. Qualquer viajante que transitar por esta para o interior, precisa precaver-se de mantimentos, e ter uma força capaz, e que tenha um chefe corajoso para commandar; e descontar tambem as faltas d'estes selvagens; deve ser cordato, não mandar fazer fogo sem que primeiro seja provocado, tomando todas as cautelas precisas para defesa da caravana; porque de ordinario vivem entre os matos, no meio de suas lavouras, tendo por habitação um pequeno cercado de palha, á similhança de animaes silvestres.

Sua indole.

Inclinados ao roubo, não respeitam branco algum, que passe por suas terras, ainda que conheçam ser bastante intrepido. Ha em grande abundancia a cera; d'aqui annualmente se transportam para o Bihé e Cassange immensas carregações: com segurança posso affirmar, que a maior parte da cera que se transporta de Benguella e Loanda d'aqui procede, e da Bunda; e que de fazendas se não perdem para a compra d'este genero roubadas pelo selvagem. Se o negociador cuspiu perante um preto, ou preta do paiz, paga o valor de 40 a 50$000 réis, dando graças a Deus de não ser assassinado. Se por acaso ali fallece ou negociador, ou famulo, ou escravo, ou se tiver um cão, além de lhe confiscarem tudo quanto tiver, sacam-lhe a propria roupa do corpo, e o desgraçado trata de ausentar-se de noite, aliás é apanhado e vendido, quando tem a felicidade de o não matarem. É crime o passar-se de tipoia pelas suas lavouras, ou mesmo em frente de suas choupanas; porque, dizem elles, que o Mundogo (naturaes dos presidios avassallados) lhe havia conduzido a morte á sua lavoura, e d'esta á sua habitação, e seriam mortos quando fossem colher o seu mantimento; em fim talvez seja n'este dominio aonde os negociadores dos districtos e presidios tem perdido maior quantidade de fazendas, em razão d'esses abusos, e ciladas armadas aos incautos pelo gentio; e quem mais tem commerciado entre elles tem sido os Suistas, isto é, aquelles, que levam de 100 a 200$000 réis, pois que introduzem-se pelo interior em compra de cera, e os que levam maior carregação de fazendas não se dão a esse negocio pelo grande trabalho de a fundirem, pois que o gentio a traz virgem; além do risco a que se expõe de ser roubado, ou mesmo assassinado, não valendo a pena tanto incommodo. Se forças houvessem para derrotar estes povos, subjugando-os, para tributarem annualmente cera, e tirar os embaraços, diminuindo os prejuizos que elles tem causado ao commercio; a nação colheria abundantes fructos d'esta terra rica de cera, porque parece que o Supremo Architecto compensou a esterilidade d'este solo com abundancia de cera, que emprega todo este gentio da sua colheita. Elles não tem morada certa, são errantes, á excepção de todos os outros povos por onde transitei, que ou melhores, ou peiores fabricam suas cubatas; estes, porém, vivem dispersos, ás vezes no meio de suas lavras, tendo sómente por domicilio um cercado redondo, expostos á inconstancia do tempo; comtudo no rigor do inverno é que cobrem esta cabana, mas finda que seja a estação, descobrem-na, tendo por tecto o firmamento, com madeira em abundancia para bem construirem suas moradas: estes homens tão brutaes, como os outros habitantes das selvas, são indignos de commiseração, porque não são bons para si, nem para os mais. Andam nús, sómente com dois couros de veado, um atrás, outro adiante, cabeça nua cheia de azeite de mamona, seu cachimbo, arco e frecha, assim como as pretas; alguma fazenda que compram não a vestem, julgam-se indignos de traja-las. Nem o mesmo regûlo tem capital, que o faça respeitar, como todos os outros; vive n'um grande mato, e n'elle com seus povos, por domicilio uma cubata em que elle, e sua concubina residem; porém no verão manda-lhe tirar o tecto, e fica descoberta, e segundo seus costumes outra moda de viver lhes não é permittida. Este uso tão singular e extravagante sómente se vê n'este gentio, que os demais tem suas capitaes, segundo o gosto do regulo, melhor, ou peior, etc. Os Quimbundos (pretos carregadores do Bihé) bastante guerreiros, tem elles, e outros mais habitantes do Bihé, perdido muita fazenda n'estas terras, e seriam os primeiros, que se poriam promptos para derrota-los, e até avassalla-los, pois que lhes fica distante doze dias de viagem.

—Foram as informações que colhi e presenciei.

J. 15—Leg. 5.

Seguimos, e acampámos em a margem do rio *Lueli*; matos altos, terreno plano, sem habitações.—Sem novidade.

J. 16—Leg. 6 ½.

Seguimos, e acampámos em a margem do rio *Cassaby*; este rio é tributario do Sena, caudaloso em tempo de chuvas, e mesmo arrebatado em qualquer tempo, não se póde vadear, é innavegavel pelos grandes penedos, que obstruem o seu leito; sua nascente é ao norte, e vae rompendo todo este territorio, e do Matianvo; terreno plano, matos rasteiros, esteril.

J. 17—Leg. 5 ½.

Seguimos, descendo pelo mesmo rio, e acampámos em o *Mueu*, perto da capital do potentado Muana-Angola Diaubamo, sobrinho do poderoso Catendo, á margem do mesmo rio, montanhoso em partes, matos altos e fechados, abundante de milho, feijão, farinha de mandioca, milho miudo, massango, etc.

J. 18.

No mesmo sitio occupei-me em fornecer a caravana de mantimentos, e ordenei aos interpretes André Francisco Jeronymo, e outros para que fossem á capital do regulo cumprimenta-lo, e apresentar-lhe a minha offerta do costume, e dizer-lhe que elle e seu estado se deveriam apresentar no acampamento para lhe communicar ordens que tinha, e tratarmos negocios de interesse para ambos; recebendo a mensagema gradeceu, respondendo que muito folgava ter ali chegado, e que no dia seguinte se apresentaria, e seus macotas para saber o que eu queria. Das quatro para as cinco horas da tarde mandou visitar o acampamento, e offerecer cabaças de vinho do paiz para refresco da comitiva, bem como duas cabras, uma porção de fuba; e este dia se passou sem mais novidade.

J. 19.

Amanhecendo, mandei cumprimentar o regulo e seu estado, praticando elle o mesmo comigo; mandou-me avisar que das nove para as dez horas do dia elle e seu estado se apresentariam no acampamento, e na hora aprazada compareceu na frente de seus instrumentos, e recebendo-o com affecto e respeito devido á sua pessoa, dei-lhe assento á minha direita, e depois de reciprocos cumprimentos, ordenei aos cabos que ao som de caixa mandassem tocar a reunir para que todos assistissem á publicação das ordens de que vinha, munido por parte do meu governo; e estando tudo disposto na melhor ordem, passei a dirigir-lhe a seguinte falla.

(Segue-se aqui um discurso ao Catende, para que reconheça sujeição ao Governo Portuguez, e ponha termo ao commercio da escravatura, o qual, por extenso, se omitte.)

Depois de tudo isto lhe ser explicado pelos mencionados interpretes em a sua propria lingua, que bem entendeu, assim me respondeu: O Mantianvo me entregou o governo d'estas terras, e me ordenou que o meu povo não roube, nem maltrate os negociadores, que o procuram. Que conhece a vantagem de alliar-se com o Maneputo, e que de tudo ficava certo; mas como eu ia para o Matianvo, que com elle trataria o que fosse bom a todos, e o que elle fizesse estava bem feito. Que pelas muitas fazendas que passam por suas terras é que elle fazia idéa da grandeza do Maneputo, que nunca os mandou procurar, senão agora. Que não estando elles muito contentes com o Matianvo, era occasião, se o Maneputo quizesse, d'elles rebellarem-se, porque nada possuiam, que não estivesse sujeito aos desejos do Matianvo, e que ao menor desagrado era cortada a cabeça ao delinquente, havendo dia de muitas cabeças serem cortadas. Perguntei-lhes porque elle, e os mais potentados soffriam tão feroz despotismo? Quem nos protegerá se rompermos com o Matianvo? Só o poder do Maneputo: do contrario que tinham medo de perderem a acção, e que depois eram victimas. Inteirado por estas respostas do descontentamento que conheci haver contra o Matianvo, ainda uma vez lhe disse: É muito, estaes acostumado a um governo tão barbaro! Respondeu-me: Que farei? Se tivesse quem me soccorresse me declarava livre do Matianvo, e dava obediencia ao Maneputo. Estou convencido que não se despresando o meio de frequentar todos estes Sobas, pouco e pouco, sem interferir o poder da força, sem maior dispendio se alcançaria, senão o preito de homenagem e obediencia, ao menos a sua alliança tão util e tão necessaria, encarada por qualquer dos lados, quer pelo politico, quer pelo moral. Ainda me disse, que se o Matianvo não estivesse pelo que lhe communiquei, que elle e seu povo acceitavam a minha proposta, porém que o Maneputo o não desamparasse. O que tudo me foi explicado no idioma portuguez pelos interpretes. Concluida a audiencia dei vivas a Sua Magestade A Rainha, a S. Ex.ª o Governador Geral de Angola, á Nação Portugueza; e ao ultimo viva correspondiam vinte e um tiros de espingarda.

No mesmo acto o regulo Catende pediu licença, e mandou dar tambem vinte e um tiros. Catende, 19 de Junho de 1846.

J. 20—Leg. 4.

Seguimos viagem, descendo pela margem do rio *Cassaby*, terras do Muana-Angana Na-

melambo; seus matos altos e fechados, terreno montanhoso, esteril.—Sem mais novidade.

J. 21.

Seguimos pela margem do mesmo rio, e acampámos perto da capital do regulo *Catende-Mucanzo*, avô do que fica mencionado. Este é um potentado posto pelo Matianvo para governar estas terras. É homem pacifico e obediente, cordato; terá pouco mais ou menos setenta annos, esbelto e reforçado; trajava um panno de baeta encarnada, e á cinta uma tira de couro preto, que o cingia, da largura de um palmo: na mão o seu alfange, acompanhado do seu estado.

Logo que acampámos ordenei aos interpretes para que se dirigissem á sua capital a cumprimenta-lo, e pagar-lhe o tributo do costume, e pedir-lhe para comparecer no acampamento para contratos que tinha a fazer. Respondeu, que descansasse, que no dia seguinte se apresentaria e seu estado; e cumpriu, como mandou dizer.

J. 22.

Apresentando-se elle, e seu estado das dez para as onze horas da manhã, e tendo-o recebido com toda a dignidade, offereci-lhe assento, e aos seus maioraes, e feitos os devidos cumprimentos, dirigi-lhe a palavra.

(Aqui se segue um discurso em que procùra persuadir ao Catende que lhe convém acabar a venda de escravos, e dar segurança aos negociantes que vierem ás suas terras, que se omitte por conter idéas já sabidas; ao qual elle respondeu:)

Que agradeciam ao Maneputo este convite e que por elle e por seu povo estão promptos a observar os preceitos que lhe acabava de annunciar, sem ordem mesmo do Matianvo, a quem obedecia; que este lhe havia confiado o governo do Cassaby, e dos outros postos das suas fronteiras, e lhe ordenára que quando os filhos do Maneputo se dirigissem ás suas terras que os reconhecesse como taes, e lhes não pozesse embaraços em suas negociações, e os que se dirigissem a elle, que lhes désse um macota para os acompanhar e ensinar-lhes o caminho, até os pôr em outros dominios; e que dirigindo-me eu á capital do Matianvo, e fazendo-lhe as propostas que acabavam de lhe ser presentes e aos mais potentados, que se persuadia que duvida alguma se offerecia por parte do Matianvo em annuir; pois as julgava uteis, e mesmo porque nenhum d'elles podia ir de encontro ás ordens do Maneputo; que elles precisavam de fazendas; e o Maneputo o que d'elles necessitava? O que tudo me foi explicado pelos interpretes.

Finda a pratica para infundir-lhes respeito mandei dar vinte e um tiros: e os *vivas* a Sua Magestade A Rainha, á Nação Portugueza, ao Governador Geral, e ao regulo Catende.

Observação.

Finda a cerimonia conheci que o regulo se achava possuido de jubilo, e muito de seu povo, que calculei de tres a quatro mil pessoas; não largaram todo o dia e parte da noite o acampamento, tocando ao som de marimbas e caixas; os macotas mostravam-se pensativos, e ás vezes praticavam uns com os outros, percebendo um dos meus interpretes o seguinte dialogo. O Maneputo manda-nos procurar, que senão observarmos as suas ordens prohibe a entrada de fazendas; e o Matianvo em que nos é util?! É considerado forte, porque todos os dias manda cortar cabeças! Antes tributarmos ao Maneputo, do que vermo-nos privados de fazendas: a opinião d'este potentado, e os desejos do seu povo combina com os desejos e opinião do Catende, o neto, e de seu povo.

Religião.

São idolatras, e seus usos e costumes já se acham mencionados. Para o commercio offerece marfim, cera, e escravos muitos.

J. 23—Leg. 3.

Seguimos viagem, descendo pela margem do rio Cassaby, acampámos bem perto da residencia do Muana-Angana Quinhama, sobrinho do regulo Catende Mucanzo. Este governa um districto das terras de seu tio.—Sem mais novidade.

J. 24—Leg. 4 $\frac{1}{2}$.

Seguimos pelo mesmo rio, e acampámos á margem do riacho *Cazona;* matos rasteiros, terreno plano e deserto.—Sem mais novidade.

J. 25—Leg. 6.

Seguimos, deixando o rio do lado esquerdo, e tomando e rumo de léste, acampámos em a margem de dois pequenos rios *Luana* e *Cassamba;* deserto.—Sem mais novidade.

J. 26—Leg. 4.

Seguimos pela margem do mesmo Luana; matos altos e fechados em parte. Este rio na estação invernosa é caudaloso, em consequencia de ser fundo; tributa suas aguas ao Cassaby. N'este sitio tem uma pequena habitação; esteril porque não a plantam, matos altos e fechados, terreno plano.—Sem mais novidade.

J. 27—Leg. 5.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Caaim*, poucos povos, e esteril.—Sem mais novidade.

J. 28—Leg. 5 $\frac{1}{2}$.

Seguimos, e acampámos em a margem do riacho *Canhaje*, no sitio *Muata Cabango*, com

matos altos e fechados, esteril por falta de povos, terreno plano.—Sem mais novidade.

J. 29—Leg. 6.

Seguimos, e acampámos em a margem do riacho *Hixa*, matos altos e fechados, esteril e deserto.—Sem mais novidade.

J. 30—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos nas margens do riacho *Cassamba;* matos altos, esteril. —Sem mais novidade.

Julho 1—Leg. 4 ½.

Seguimos, e acampámos em o sitio *Quissambo*, *Muata do regulo Quibuica;* matos altos e fechados, terreno plano.—Sem mais novidade.

J. 2.—Leg. 5.

Seguimos, e acampámos á margem do rio *Cassaby*, pouco distante da Capital do regulo *Quibuica;* matos altos e fechados, terreno plano. —Sem mais novidade.

J. 3.

No mesmo sitio mandei fazer acampamento e feitoria, e remettendo o tributo ao regulo, o mandei convidar para se apresentar na minha residencia com o seu Estado para ajustarmos negocios de reciproco interesse, o que cumpriu.

J. 4.

Apresentando-se-me o dito regulo e seu estado, acompanhado de immenso povo armado, armas gentilicas, como zagaias, lanças, arcos e frechas, alfanges, etc. O seu Chefe, montado nas costas de um preto, trajava um panno encarnado ornado de missangas e coraes de diversas côres, tudo muito bem feito, cingindo-lhe a cabeça uma trança de missangas variegadas e com symetria, adereçando-lhe a fronte um cocar de certas aves exquisitas e de seus ritos, bem como outras pennas de indúa e pavão, acompanhando-o seus instrumentos, tangidos por homens e mulheres. Chegado ao meu acampamento com todo este apparato, mandei rufar a caixa, reunir em fileira a comitiva, e designando-lhe o melhor assento, depois de o saudar, mandei-lhe perguntar: «Quem sois vós?» Respondeu: «Sou *Quibuica.*» «A quem rendeis homenagem?» «Ao Matianvo,» respondeu. «Qual o motivo por que vos apresentaes armados, quando o meu convite foi amigavel, e não hostil?» Respondeu: «É o poder de um grande, como eu; quando sáio de minha casa trago armada a gente que me acompanha; e não sabeis, que nós, habitando n'estes matos, temos sempre á vista os nossos inimigos? O leão, o tigre, o elefante, e muitos outros? Não havendo rasão de offensa da vossa parte, antes o bom acolhimento com que me recebestes, e que vos agradeço, existiria em mim, ainda que preto, perfidas intenções de vos atacar?!! Filho do Maneputo, sou preto, mas tenho bom coração. Authorisado pelo Matianvo para guardar esta vasta possessão, e do qual sou parente, tenho recommendação, e não consinto que o branco seja maltratado; algum o terá sido, mas quem o offendeu, tem sido castigado. Não reconheço que sois branco para vos guardar respeito? Venho, pois, cumprir o vosso aviso, e ouvir o que tendes de dizer-me.»

(Aqui segue um discurso em que o viajante aconselha ao Quibuica a sujeição ao Governo Portuguez, e que dê protecção e segurança ao commercio, porque se o não fizer se lhe poderá impedir a entrada das fazendas: ao qual discurso respondeu:)

«Se o Maneputo não consentisse que viessem mais fazendas ao Matianvo, póde contar que se levantavam todos os potentados que lhe prestam obediencia. Não fallastes, Branco, com o Catende avô e neto, e ouvistes a sua opinião? Ainda tendes de ouvir o grande Challa, e se passasseis para lá do Matianvo ainda outros muitos ouvirieis, que só esperam occasião de se rebellarem. Que elle mesmo viera para este logar para se ver livre das maldades dos dois ultimos Matianvos; e ali estabelecêra a sua casa, e que apesar da distancia de 25 a 30 dias, que elle e o Catende, se achavam distantes do Matianvo, comtudo todos os mezes se viam perseguidos, mandando-lhe pedir tributo de marfim e escravos: e que quando os Caquatas do Matianvo eram mandados n'esta mensagem, assolavam os campos e povoações por onde passavam, amarrando filhos alheios e levando quanto marfim encontravam; mas que nas terras do Catende não praticavam tantos despotismos, porque eram espancados por sua ordem, e que elle tambem esperava occasião de rebellar-se. Estou certo, continuou elle, que o Maneputo não toma os bens de seus filhos. Sei que tambem pagam tributos, mas são pequenos, e não pela força. Não podemos vestir um panno bom, que não se nos tire: até nossos filhos nos são arrancados, e perante elle conduzidos.

«É melhor acabar isto. Vós ides ao Matianvo, veremos o que elle fará.»

Concluida a conversação, que me foi bem explicada pelos interpretes, julguei util dar os seguintes vivas:

Á Sua Magestade A Rainha.

Á S. Ex.ª o Governador de Angola.

Á Nação Portugueza.

Ao Regulo Quibuica, acompanhados com 21 tiros.

Sua religião.

É idolatra, e seus usos e costumes os notados.

Tem cêra, marfim e escravos. É tão grande a quantidade de elefantes em Catende e Qui-

buica, que andam aos rebanhos, como o gado; porém poucos são os caçadores, porque muitos tem acabado a existencia na caça d'elles, que é bastante perigosa, em consequencia do grande instincto de que é dotado este animal. Deve o caçador ter toda a cautella em não ser pressentido, por que, se visto fôr, arremette, segura-o com a tromba, pisa-o, e o faz em pedaços, depois quebra ramos d'arvore, e cobre o corpo. Se a arma do caçador, tendo-lhe feito o tiro, o não matar logo, e deitando elle a fugir, a deixa, é apanhada com a tromba, e feita em pedaços; e se apanha o caçador mata-o, vae á patrona aonde está a polvora, e a calca aos pés. Matam-nos a tiro uns, com zagaias envenenadas outros, tambem com frechas, e muitos em fossos muito largos, grandes, e afunilados, e feitos aonde elles costumam frequentar; e por ali passando cáem muitos, e ali ficam imprensados, e os acabam a tiros, mas, assim mesmo, desgraçado do inexperto, que d'elle se avisinhando, que sendo alcançado com a tromba, é victima. Todo este territorio do Cassaby tão rico e abundante de elefantes pertence ao Catende e Quibuica. Estes povos sustentam-se de carne, e peixe dos rios, e lagoas, plantam feijão, porém pouco uso fazem, vendem-no aos negociantes, quando não, conservam-no até apodrecer, mas nunca deixam de plantar em tempo proprio. Nada mais a referir.

J. 5, 6 e 7.

Estivemos todos estes dias na Banza do regulo *Quibuica* até 24 do corrente, refazendonos de mantimentos, e dando descanço á comitiva, observando ao mesmo tempo as vantagens commerciaes, dando tempo a restabelecer os enfermos a fim de podermos passar um deserto, que temos a seguir do regulo *Sacambuge* até o rio *Lurna*.

J. 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18.

Na mesma occupação acima.

J. 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25—Leg. 6.

Seguimos, descendo pelo rio Cassaby, e acampámos em mato deserto, á margem do mesmo rio.—Sem mais novidade.

J. 26—Leg. 4.

Seguimos viagem, e acampámos na margem do mesmo rio, no porto do regulo *Sacambunge*, matos altos e fechados, terreno plano, esteril. —Sem mais novidade.

J. 27.

N'este dia passei a carregação para além do rio, territorio do regulo *Sacambunge*.

J. 28.

Occupei-me em passar a carregação para além do rio.

J. 29 e 30.

Idem, idem.

J. 31—Leg. 6.

Seguimos viagem, e acampámos em a Capital do regulo *Sacambunge*, terreno plano e limpo.—Sem mais novidade.

Agosto 1—Leg. 3.

Seguimos viagem, e acampámos á margem do mesmo rio *Cassaby*.—Sem mais novidade.

A. 2.

N'este dia occupei-me em mandar conduzir a carregação para o outro lado do rio.—Sem mais novidade.

A. 3.

Passou-se toda a carregação, e acampámos do lado opposto, no mato, em terras do potentado *Defunda*.—Sem mais novidade.

A. 4—Leg. 5.

Seguimos viagem, descendo pelo rio, e acampámos em o sitio do Muanna angana *Defunda*, matos rasteiros, terreno plano, esteril por falta de trabalho, etc.

A. 5.

Seguimos, e acampámos em um sitio do regulo *Defunda*, terreno plano, matos altos e fechados em partes, pantanoso, fertil, e muito povoado.—Sem mais novidade.

A. 6.

No mesmo sitio fornecendo a caravana para passarmos um deserto.—Sem mais novidade.

A. 7—Leg. 5.

Seguimos, deixando o rio Cassaby á direita, e seguindo o rumo de leste, entrámos em matos altos, vallas, pantanos, e deserto. —Sem mais novidade.

A. 8—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos á margem de um riacho pequeno, matos altos e fechados, deserto.

A. 9—Leg. 5½.

Seguimos, e acampámos no mato deserto. —O mais como acima.

A. 10—Leg. 6.

Seguimos, e acampámos do lado do mato, deserto, terreno plano.—Sem mais novidade.

A. 11—Leg. 5½.

Seguimos viagem, e acampámos no sitio do Muata *Cabula-puto*, terreno plano, matos altos, e fechados, esteril.—Sem mais novidade.

A. 12—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos em a Banza do regulo *Muana-angana Cassegi*, parente do Matianvo, matos altos e fechados, terreno com suas elevações.

A. 13—Leg. 6.

Seguimos, e acampámos á margem do rio *Lurua*, terreno plano e limpo. Este rio é abundante de peixe, e de boa qualidade; agua salitrosa, innavegavel, cheio de rochedos.—Sem mais novidade.

A. 14.

N'este dia occupei-me em passar a Caravana.

A. 15 e 16.

Idem, idem.

A. 17.

Passei toda a carregação para o outro lado. —Sem mais novidade.

A. 18—Leg. 6.

Seguimos viagem, e acampámos em terras do regulo *Massongo*, irmão do regulo *Muzaza*, terreno montanhoso pela banda do rio Lurua. —Sem mais novidade.

A. 19—Leg. 5½.

Seguimos, e acampámos em o sitio do Muata *Cadalla*, terreno plano, pantanoso, cortado em parte de riachos.—Sem mais novidade.

A. 20.

No mesmo sitio, em consequencia de ter ficado atraz um carregador doente, foi mister esperar para o mandar conduzir.—Sem mais novidade.

A. 21—Leg. 6½.

Seguimos viagem, e acampámos na Capital do regulo *Challa*, terreno plano em partes, em outras montanhoso e limpo.—Sem mais novidade.

A. 22.

Mandei cumprimentar o Regulo, e offerecer-lhe o tributo do costume, e ao mesmo tempo convida-lo para elle e seu estado se apresentar no meu abarracamento, a fim de manifestar-lhe os artigos 4.º e 8.º das Instrucções; agradecendo a mensagem respondeu que no dia seguinte compareceria.

A. 23.

Apresentou-se-me elle e seu estado ao amanhecer, e cumprimentando-o, designei-lhe assento, e aos demais, conforme suas graduações. Achei-o benevolo, com semblante sereno, expressava-se com facilidade, e alguma differença tambem notei que o distinguia dos mais com quem tenho communicado; depois de lhe ter mandado explicar aquelles artigos, dirigi-lhes a palavra por meio de interpretes.

(Segue um extenso discurso para persuadir ao Challa, que reconheça a Soberania Portugueza; e que trate de se empregar em verdadeira industria, especialmente na mineração, por quanto o commercio de escravatura vae acabar de todo; e lhe aconselha que dê protecção aos negociantes, porque não a dando, se impedirá a entrada das fazendas.)

O *Challa* respondeu:

Filho do Maneputo! Tenho ouvido e o meu povo, o que me tendes dito. Dou graças a Deus do Maneputo me mandar procurar, e obedeço ás suas ordens, como se fossem do Matianvo. Julgo ser o tempo de realisar-se o que disse o fallecido Matianvo *Quinanezi* estando para morrer: «Eu não morro, transformo-me em morto para ir visitar o Maneputo, meu irmão; não sei d'elle, quero saber de sua grandeza, e vós lá me deveis tributar: e quando não cumprires, meu irmão vos castigará, obrigando-vos a tributar, como meu herdeiro, e senhor d'estes matos; e ainda continuou, voltando-se para os seus macotas: Não vos lembraes, quando o irmão do Quinanezi foi morto na guerra do Caniquinha, que dissera: Eu morro em desafronta dos meus povos, porém o nosso irmão no Mema virá um dia perguntar-vos por mim, e será senhor de todos vós, que cançados de guerrear me desamparam n'estes matos, e se recolhem para suas terras.»

«É um costume» respondeu «desde os nossos primeiros governos, que elles, uns falleçam por molestia, outros, d'esse numero o actual, na guerra: é porque, quando assentamos que Matianvo tem consumido o estado por meio de muitos tributos, que tem vivido muito, lhe dizemos que é tempo de guerrearmos os nossos inimigos; elle diz que sim; vamos com elle e toda a sua familia, e na guerra tendo nós perdido bastante gente, retiramonos para as nossas casas; passado algum tempo voltamos segunda vez, e principiado o combate que dura tres e quatro dias, perdendo ainda mais gente, outra vez nos retiramos, deixando o Matianvo e sua numerosa familia no acampamento entregues á discripção dos inimigos. Desamparado no campo, manda levantar o seu throno, e ajuntando toda a familia que adquiriu em o seu governo, elle sentado manda chamar sua mãe, esta se ajoelha a seus pés, e lhe corta a cabeça; seguem-se todos os seus filhos, mulheres, e parentes; apparece a mulher que elle mais estima, offerece a cabeça, a cuja lhe chama—Anacullo— Acabada a mortandade, o Mantianvo vestido, com todos os seus uniformes, espera a morte que manda o Caniquinha por um dos seus. Cortam-lhe as pernas e braços pelas juntas, e depois corta-se-lhe a cabeça.

Todos os seus potentados fogem d'elle para não verem tal morte, mas não o abandono eu, o Challa, sou testemunha, ou tenho sido d'essas mortes, bem como do logar onde se deposita a cabeça, braços e pernas do Matianvo; guardadas por seus inimigos Canhica e Caniquinha; estes dois poderosos tomam conta dos bens do Regulo, e os de sua familia em geral, e levando tudo cuida em mandar sepultar o corpo do Matianvo. Concluido o enterro o Challa retira-se para sua capital, afim de nomear novo governo, e assim feito, volto ao logar em que se tinham guardado pernas,

braços, etc. cujos membros são resgatados por quarenta escravos, sendo entregue toda a fazenda, que existia em deposito dos dois potentados para ser entregue ao novo Matianvo: é o que succede ao Matianvo, e sua falia, que só acabará se aquelles dois regulos tão poderosos forem derrotados, ficando nós senhores de suas terras; tambem morrem aquelles a quem o Canhica incumbiu de matar o Matianvo.»

Depois de ouvi-lo respondi: «Challa, são crueis as vossas leis, são barbaros esses costumes, são leis de sangue. Entregaes o Matianvo ao furor de vossos inimigos, desamparando-o quando o devieis defender á custa de vosso sangue, e do povo que lhe é subordinado; já que lhe aconselhaes que marche para a guerra á vossa frente. Isso julgo uma traição, que só se pratica entre barbaros.

Respondeu «Não fico offendido pelo que me acabaes de dizer, sei que isso é justo, mas são nossos usos e costumes, os quaes acabarão se triumpharmos de nossos inimigos. É tambem motivo esse para que o Matianvo, e seus fidalgos abracem a vossa proposta. Este toca-lhe morrer nas guerras, e se já não principiaram, é porque tivemos noticia da vossa vinda, por isso me encontraes aqui, por que já se tinham dado ordens para os differentes potentados a fim de se reunirem com seus povos; mas sabendo-se da vossa estada no Sacambuge, foram outras em contrario, recolhendo-se ás suas terras os respectivos chefes, e para verdade ainda encontrareis o Matianvo no acampamento, em o novo Quilombo, e todo seu estado.» Continuou: «Eu como seu visinho e alliado, sou o que nomeio o Matianvo, e acceitando elle, deve-me ouvir em suas deliberações, e então o aconselharei que abrace a proposta do Maneputo, reconhecendo-o como seu fiel amigo e alliado, e que cumpra as ordens que lhe forem mandadas, e as mande executar por seus potentados.» Que muito havia custar o elle prohibir o negocio de escravos, porque estando elles ha tanto tempo acostumados, era preciso outros meios que satisfizessem suas precisões e desejos, cujo meio só encontravam na venda de seus criminosos, por lhes faltar outros castigos que dar aos delinquentes por crimes de assassinio, roubo, adulterio, etc. Que o Maneputo manda seus filhos criminosos para outras terras, e que elles fazem o mesmo.

Sua religião.

São idolatras, bem como todos os mais.

Fertil e agradavel o seu terreno: este regulo é bastante poderoso, possuidor de vastas campinas, e mattas virgens, parecendo esta terra com a de Ambaca e Golombo-alto; vem render-lhe homenagem o grande e caudaloso rio Lurua e Cassaby, cabeceiras do rio Sena, fazendo um só corpo. Applicam-se muito á lavoura, offerece vantagens ao commercio, e aqui estabeleci uma feitoria a compra de marfim: tendo sido larga a conversa que com elle tive, e aproveitando-se da sua illusão, ainda lhe fallei:

«Muito deveis estimar, Challa, de que seja esta a occasião de se cumprir em vosso tempo a profecia do fallecido Matianvo, Quinanezi, sobre a vinda de seu irmão o Maneputo ás vossas terras: conheço não ser esta a occasião de eu tratar d'este tão importante assumpto; porém, em nome do meu Governo, eu chamo a vossa attenção para combinar o quanto se conforma com a verdade a predicção d'aquelle finado regulo, quando elle por aquellas palavras vos fazia conhecedor da vossa cegueira. É por estes motivos que o Governador de Angola, em nome de Sua Magestade, vos convida para uma alliança para reciprocos interesses.» Procurei fazer que estes povos guardassem muito respeito ao nome de Sua Magestade, sem me apartar da verdade, e servi-me da origem que davam ao seu Governo para mais authoridade á embaixada: por ultimo respondeu: «Acceito o que me tendes dito por parte do Maneputo; vamos, porém, ver como o Matianvo vos recebe.» E depois de longa pratica que tivemos, dei vivas a Sua Magestade A Rainha, á Nação Portugueza, ao Governador Geral de Angola, ao regulo Challa, acompanhados por vinte um tiros; e retiraram-se muito satisfeitos, etc.

A. 30.

Seguimos viagem, e acampámos no mato visinho a uma povoação, terreno montanhoso em partes; no meio d'este terreno tem um rio por nome *Quihengo*, caudaloso na estação das chuvas, e fóra d'ella offerece passagem a pé em qualquer parte.—Sem mais novidade.

A. 31—Leg. 5.

Seguimos, e acampámos em terras do neto do regulo Matianvo por nome *Quissende;* terreno cortado de riachos, e grandes valles, esteril.—Sem mais novidade.

Setembro 1.

Seguimos, e acampámos em o rio *Luiza:* o mais como acima, fertil, etc.—Sem mais novidade.

S. 2—Leg. 3.

Seguimos, e acampámos em uma mata pertencente ao Matianvo: o mesmo terreno, etc. —Sem mais novidade.

S. 3—Leg. 4.

Seguimos, e acampámos em o *Quilombo* do regulo Matianvo, hoje sua Capital, das onze

horas para o meio dia: terreno limpo, montanhoso, cheio de grandes povoações, e grandes varzeas de palmeiras, cercado de riachos, bellas agoas, fertil de milho, feijão, farinha de mandioca, azeite de palma, amendoim e carne secca de animaes silvestres, etc.

S. 4.

Achando-se abarracada a caravana, ordenei aos interpretes para que da minha parte se apresentassem na residencia do regulo Matianvo, avisando-o de que no seguinte dia eu o iria cumprimentar, e ficando certo da minha participação, respondeu, que se achava prompto a toda a hora, que o quizesse visitar. Entregou aos interpretes uns poucos de escravos carregados de bebidas, e comestiveis para os carregadores, e mais pessoas que comigo tinham vindo. Destinei o dia 6 do corrente mez, e n'esse dia fui visitar o regulo, que avisado pouco antes, saiu a receber-me ao portão principal com todo o respeito, não só por ser branco, como por lhe mandar dizer, que era enviado do Maneputo. Tomando-me o braço, e por politica dando-lhe a direita, conduziu-me a uma praça dentro de sua residencia, e alli tomou assento em cima de uns couros de leão e onça com desembaraço e gravidade. Mandou logo que eu me sentasse na cadeira que eu havia levado de proposito; fez signal a seus nobres para se retirarem; outro tanto fiz aos cabos, que me faziam corpo, chegaram os interpretes, mandou-lhes dar assento, ficando sua mão apertada á minha, e feitos os cumprimentos, assim lhe fallei:

(Segue-se um discurso ao Matianvo, persuadindo-o a que estabeleça a segurança dos negociantes no seu paiz, e que deixando seus barbaros costumes, abrace a religião Christã.)

Depois de me ouvir fez muitas perguntas ácerca da politica de Sua Magestade, como governava os seus povos? Como eram os crimes castigados? Se quando o Maneputo fallecia se era de molestia, ou se na guerra, quantas victimas eram sacrificadas para serem sepultadas com elle, fazendo-lhe guarda? Perguntou mais se o fogo das nossas peças era natural, se por industria humana, ou arte de feitiços? Que numero de mulheres tinha o Rei, como se ensinava a fallar ás creanças, se o ler, e escrever era natural, ou se aprendia, de que era feita a polvora? Respondi-lhe que o fogo das nossas peças era por industria, que o Rei só tinha uma Senhora por mulher, que era A Rainha. Perguntou mais, quantos filhos tinha: quantos homens, quantas mulheres; o modo por que era conduzido quando saia fóra que idade tinha? Respondendo-lhe satisfiz a todas as suas perguntas, e acrescentei: «Feitiços só existem entre vós: por morte do Rei não se tira a vida a ninguem; elle é sepultado com a pompa e grandeza; que lhe são devidas, em logares proprios, e já destinados, e o sentimento de sua morte manifesta-se por um luto, que dura por tempo certo. A polvora é industria humana. O modo como Sua Magestade é conduzida é em seu coche muito rico, puxado por oito excellentes cavallos, acompanhada dos grandes do Reino, no meio de um corpo de soldados a cavallo, fazendo-lhe guarda; por onde passa tocam as musicas, e outras muitas honras, que lhe são devidas. Ouvindo tudo isto muito attento, e pasmado, voltando-se depois para os seus nobres, que se achavam em certa distancia respondeu:

«Tendes ouvido a grandeza de meu irmão, o Maneputo, como os seus povos o tratam e respeitam; não anda se não guardado no centro de seus soldados; eu quero ir ás lavras, só me acompanham os meus escravos, e as minhas muares (mulheres). Pediu lhe dissesse tudo quanto S. Ex.ª me havia ordenado para lhe communicar, pois que se não zangaria; pelo contrario que estimava de chegar a hora de se cumprir o que havia dito o Matianvo *Quinanezi* de seu irmão, o Maneputo, o mandar procurar para ter com elle amisade, e que eu dissesse um dia para elle e seu estado irem á minha Feitoria, e alli de novo diria tudo quanto seu irmão lhe mandára avisar para que seus povos soubessem da verdade do que dissera o Matianvo *Quinanezi* com a vinda do Maneputo; e então lhe respondi: Que o mandaria avisar com antecedencia, a fim de que, reunidos os seus nobres, assistissem á nova publicação, porque ainda restava que communicar-lhe, além do que já havia dito, e ficando sciente me retirei.

(Continúa.)

O RIO CUNENE.

A paginas 113 da Parte Official d'estes *Annaes*, damos os documentos officiaes relativos á exploração recente da embocadura do rio Cunene. Sabem todas as pessoas que se interessam na geographia da Africa occidental, a importancia d'esta exploração, que vem por uma vez esclarecer uma questão geographica tão controvertida, a da ultima direcção e fim d'aquelle rio. Pareceu por isso que muito acertado seria inserir no mesmo numero diversas noticias anteriores relativas ao mesmo objecto, e que sobre elle lançam muita luz.

I.

Em um officio do Sargento Mór Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, datado em Benguella em 4 de Outubro de 1785, dirigido

ao Capitão General de Angola, em que dá conta do modo como fizera o reconhecimento da Angra do Negro (hoje Porto de Mossamedes), diz que ali achára varias inscripções gravadas em uma pedra branda, que faz uma ponta no fundo da Angra do Negro, da parte do Sul, junto ao novo porto de Mossamedes.

Estas inscripções, que se limitam a nomes de individuos que ahi aportaram, e a datas, são em numero de 27, datadas desde 1645 até 1770. Entre ellas acharam-se as duas seguintes:

«Rio Cunene.»

«O Capitão Jose da Rosa Alcobaça passou por aqui indo para o Cunene, no patacho *Nossa Senhora da Nazareth*, em 4 de Janeiro de 1765.»

II.

O Coronel Pinheiro de Lacerda diz em 1787:

«O Cunene é o maior rio do Zaire ao Cabo de Boa Esperança. Nasce em Candumbo, perto de Caconda. Recebe os rios Cobango e Cotato, atravessa os Sovados de Lobando e Luceque a 30 leguas da sua origem; ha ali canoas de passagem. Corre depois dirigindo-se a leste, e recebendo varios rios, depois entra no Humbe, aonde tem de largura 600 toezas, a 50 leguas da sua nascença, e continúa para leste.»

III.

O Governador de Benguella Botelho de Vasconcellos dizia em 1799:

«O rio Cunene nasce no Huambo, passa por Galangue, Caconda e Quilengues, e vae-se metter no mar em Cabo Negro, que lança muitas trombas.»

Elle accrescenta:

«Dizem que o Cunene antes da sua barra fórma tres ilhas, em que ha tres Sovas; que ao pé da barra está o Sova Cabolle.»

VI.

Em 1824 o navio de guerra inglez *Espiégle*, Capitão Chapman, descobriu na Costa de Africa um rio, cuja foz se achava em 17° 15 de latitude S. e 11° 48′ de longitude O. de Greenwich; e deu-lhe o nome de Nourse River.

A respeito d'este rio acha-se em uma carta escripta, datada de Londres em 17 de Setembro de 1853 pelo Capitão Emery, o qual em 1824 servia no referido navio, em resposta a certas perguntas do geographo M. W. Cooley, o periodo seguinte:

«Quanto ao rio Nourse receio que a minha memoria me atraiçoe para d'elle dar uma exacta noticia. Lembra-me perfeitamente que n'elle entrei no escaler do *Espiégle* com o Capitão Chapman, e como não observámos signal algum de haver uma barra, não sondámos, nem a entrada, nem em qualquer outra parte do rio; mas com os remos avançámos com toda a pressa que podémos, a fim de explorar o rio tanto quanto o dia no-l'o permittisse.

«Achámos o rio tortuoso, e que corria em um terreno plano: sendo a sua largura de 20 a 30 *yards* (de 9 a 14 braças mais ou menos).

«Subimos o rio, creio que umas boas 15 milhas, e não vimos obstaculo algum que possa embaraçar um pequeno barco de vapor.

«As margens do rio tinham muito arvoredo que cobria o terreno até onde a vista o podia observar.

«Não tenho duvida alguma de que o rio tem um curso muito longo no interior do paiz.

«Nos logares onde desembarcámos, vimos grandes quantidades de excrementos de hippopotamos ou de elefantes, não sei dos quaes, ainda que, tendo poucos dias antes desembarcado na Costa, encontrámos ahi duas manadas de elefantes, com as suas crias, cada uma das quaes tinha mais de 300 cabeças.

«Todo o tempo que nos demorámos n'esta Costa, a atmosphera estava tão bella que podiamos ancorar todas as noites.»

V.

Extracto da viagem de *Francis Galton*.

Galton, achando-se em 1851 em Ondonga no paiz de Avampo, que está na latitude de Cab..., teve uma conversa com o Chefe Nagoro, regulo d'aquella terra, a respeito do grande rio que corre ao N. do Ovampo, na distancia de uns quatro ou cinco dias de marcha.

O regulo disse que os commerciantes portuguezes chegam á sua margem, mas que o não atravessam; mas que a gente d'elle Nagoro o passa em canoas que pertencem aos Ovapangares, para irem negociar com os ditos commerciantes.

Galton diz, que tinha ouvido fallar n'este rio; que a maior parte dos Ovampos tinham estado nas suas margens, e muito Darmaras tambem. Que em Ovampo havia alguns escravos fugidos de Benguella, que conheciam todos os logares marcados nos mappas, taes como Caconda, Bihé, Quimbundo, etc.; e que fallavam com admiração em casas de varios andares.

Que lhe disseram, que o rio corre de leste para oeste, com uma velocidade muito grande; a qual é tal que as canoas nunca o podem subir, mas sómente o atravessam de uma á outra margem.

Que a sua largura é tão grande, que posto que os gritos de um homem possam ser ouvidos de uma a outra margem, comtudo as palavras não podem distinguir-se.

Que o rio está cheio de jacarés.

Que corre até ao pé do mar, e que acaba em uma grande lagoa, sumindo-se, ou filtrando depois por entre as areias.

Que n'esta lagoa ha grande numero de cavallos marinhos.

E que o areial que havia entre a lagoa e o mar, era de uma consistencia tão molle que um homem não podia andar por cima d'elle.

Que os commerciantes que vêem a este rio apparecem algumas vezes montados em cavallos.

Que elles trazem aguardente, missangas e azagayas, que trocam por marfim e gado.

Que entre os Ovampos e os Portuguezes senão commerceia em escravos.

Galton accrescenta, que o rio deve ter um curso muito longo, e uma corrente rapida; porque, posto que desde Ondonga haja um consideravel declive até ás suas margens, comtudo ainda assim o seu leito, no logar de que se trata, não póde estar a menos de 3:000 pés acima do nivel do mar.

Diz mais, que fôra informado, que a oeste, e da parte do norte, o rio é formado pela confluencia de outros tres rios, e que n'estas terras vivem os Ovabundjas, os quaes, por ser o paiz pantanoso, e sujeito a inundações, habitam em cabanas construidas em cima de estacas.

Galton é de opinião que a importancia commercial d'este rio deve ser grande, porque parece que elle poderá constituir uma grande via de communicações para o centro da Africa.

Que sendo o rio bem conhecido, e frequentado por commerciantes de Benguella, não haverá difficuldade em o explorar completamente, partindo d'aquella Cidade, ou melhor ainda de Mossamedes.

Que o paiz de Ovampo póde tornar-se um logar importante para o adiantamento da civilisação da Africa central: que elle é extremamente sadio, e muito bem situado para que de ali se possa exercer grande influencia nas terras visinhas, e que elle deve ser accessivel desde a costa do mar.

Que as terras ao longo da costa mais visinha, são um deserto de areia, e que é além d'este deserto que se acham os paizes habitaveis.

Galton tambem recommenda o paiz de Ovampo como muito proprio para os trabalhos dos missionarios, e diz que os missionarios protestantes allemães que se acham estabelecidos nas terras dos Damaras, donde communicam com o Cabo da Boa Esperança, por via da bahia de Walfisch, a 22° de latitude, ha muito tempo que desejam introduzir-se em Ovampo.

VI.

Extracto de uma carta de Ladislau Magyar, escripta nos Cambos em 21 de Março de 1853.

No paiz de Camba atravessei o caudaloso rio Cunene, que tendo a sua origem nas serranias de Galangue, perto do presidio de Caconda, em seu curso de N. a SSO., percorre os paizes dos Ambuellas, separando os estados de Molando, Camba, Humbe, Donguena, do Reino de Quanhama, e depois de engrossar os seus affluentes, sobre um solo areento leva as suas aguas placidas pelo paiz das Mucimbas, e ao S. do Cabo Negro entra no mar Atlantico.

No mez de Outubro do anno passado (1852) vieram-me achar em Quanhama tres portadores, naturaes de Hai-Donga, paiz situado a SSE. de Quanhama, dizendo-me: que lá appareceram tres brancos, dois montados em cavallos, e um em boi, vindos do sul pelo paiz dos Mucimbas. Apesar de lá haver um pombeiro que fallava portuguez, comtudo não os pôde entender; só chegou a saber d'elles, que eram inglezes, o que condizia com a descripção que os naturaes me deram d'elles: olhos azues, cabello e barba ruivas; diziam elles. Ao saber isto tratei de avisar os ditos brancos que me esperassem, ou viessem ter comigo para nos entendermos, pois a distancia que nos separava era só de tres dias; [1] porém com grande pesar soube que n'esse intervallo tinham abalado, porque os naturaes tencionavam de os assassinar, pelo motivo de não quererem comprar marfim, e por terem ido visitar, sem a licença d'elles, as minas de prata e cobre que possuem com o nome Cimana Holomunda.

VII.

Extracto de uma carta de B. J. Brochado, datada em Mossamedes em 13 de Março de 1854.

O rio Cunene deve, com toda â probabilidade, ter a sua foz entre 17 a 18° de latitude S., seguindo a sua digressão no interior; porque tendo a sua nascente em Galangue (no Sertão de Nanno), e banhando as tres terras do Humbe, 30 a 40 leguas (proximamente) no interior da Costa, as quaes devem estar situadas pelos 16 ou 16° e meio de latitude, caminhando sempre o rio a rumo SO. e SSO., é de presumir que entre no mar n'aquella latitude: o que é ainda mais evidenciado por alguns navegadores darem um rio n'estas alturas.

A ser o mesmo rio (como creio), e que offereça entrada a embarcações ao menos pequenas, sem cataractas, cachopos ou tropeços de igual natureza, até essas 30 ou 40 leguas do paiz indicado e conhecido por mim, d'ahi ávante

[1] Galton, diz que Ondonga está, segundo o informaram, a quatro ou cinco dias de jornada do grande rio, que corre ao norte d'esta terra.

Ladislau Magyar diz que o territorio de Quanhama, situado ao Sul ou Sudoeste do rio Cuneni, dista tres dias de jornada de Hai-Donga.

Ondonga e Hai-Donga parece ser o nome da mesma terra, escripto um pouco diversamente por pessoas de nações differentes. As distancias indicadas entre o rio e a povoação tambem concordam, e por isso tornam provavel a identidade do logar.

posso asseverar ser navegavel por 60 ou mais leguas, em tempo de sêcca, por embarcações do tamanho de lanchas, mas de construcção especial para esse fim; e em tempo das aguas (desde Janeiro até Maio ou Junho) pela abundancia d'ellas, por outras de maior lote.

A exploração d'este rio, é indubitavelmente necessaria, não só porque possue um bello clima e fertilissimas margens; mas tambem por que no paiz que banha, se encontram todas as proporções para poder tornar-se dentro de poucos annos em uma rica Provincia.

COLONIAS ESTRANGEIRAS.

O *Moniteur* annunciou do modo seguinte haver a França tomado posse da *Nova Caledonia*.

«Em virtude das ordens do Imperador, o Ministro da Marinha e Colonias determinou no 1.° de Maio (de 1853) ao Vice-Almirante, Febvrier-Despointes, Commandante em Chefe das forças navaes francezas no Oceano Pacifico, que se dirigisse á Nova Caledonia. O governo desejava, havia muito tempo, possuir no Ultramar alguns logares, onde podesse, se assim conviesse, fazer alguns estabelecimentos penitenciarios. A Nova Caledonia apresentava todas as condições requeridas.

«Conforme as instrucções que tinha recebido, o Vice-Almirante Febvrier-Despointes, depois de se ter certificado que não tremulava na Nova Caledonia bandeira de qualquer nação maritima, tomou solemnemente posse d'esta ilha e suas dependencias, entrando a *ilha dos Pinheiros*, em nome e por ordem de S. M. o Imperador dos Francezes, Napoleão III.

«Esta é a cópia dos autos de posse, datados de 25 e 29 de Setembro de 1853.

«Sabbado, 24 de Setembro de 1853, ás 3 horas da tarde.

«Eu abaixo assignado, Augusto Febvrier-Despointes, Vice-Almirante Commandante em Chefe das forças navaes francezas no mar Pacifico, em cumprimento das ordens do meu governo, declaro tomar posse da Ilha da Nova Caledonia e suas dependencias, em nome de S. M. o Imperador dos Francezes, Napoleão III.

«Portanto a bandeira franceza é arvorada na dita ilha (Nova Caledonia), a qual, desde hoje 24 de Setembro de 1853, fica sendo, com as suas dependencias, Colonia Franceza.

«A sobredita posse é tomada na presença dos srs. officiaes da curveta *Phoca*, e dos srs. Missionarios francezes, que comnosco assignaram.

«Feito no sitio de *Balade* (Nova Caledonia) na hora, dia, mez e anno *supra*.

(Seguem-se as assignaturas.)

«Quinta feira, 29 de Setembro de 1853.

«Eu abaixo assignado, Augusto Febvrier-Despointes, Vice-Almirante, Commandante em Chefe das forças navaes francezas no mar Pacifico, em cumprimento das ordens do meu governo, declaro tomar posse da *ilha dos Pinheiros*, em nome de S. M. o Imperador dos Francezes, Napoleão III.

«Portanto a bandeira franceza é arvorada na dita ilha dos Pinheiros, a qual, desde hoje 29 de Setembro de 1853, fica sendo, com as suas dependencias, Colonia Franceza.

«A ilha continuará a ser governada pelo seu Chefe, sujeito immediatamente á authoridade da França.

«A sobredita posse foi tomada com assistencia dos srs. Missionarios francezes, Officiaes da *Phoca*, e Chefe Ven-de-Gon, que comnosco assignaram.

«Feito em terra, em duplicado, na bahia da Assumpção, dia, mez e anno *supra*.

(Seguem-se as assignaturas.)

«Logo que a bandeira franceza foi arvorada nas terras da Nova Caledonia, foi saudada com 21 tiros de artilheria, e com *vivas ao Imperador* pelo estado-maior e equipagem.»

NOTICIAS RECENTES.

As ultimas noticias de Macau alcançam a 12 de Fevereiro.

Em Cantão continuavam as cousas no mesmo estado, não se podendo presumir que a cidade esteja proxima a caír nas mãos dos revoltosos; antes parecia que estes tinham sido rebatidos nos ultimos ataques contra os Fortes da Barreira, a quatro milhas da cidade. Os chinas da cidade mostram mais confiança; tem vindo de noite alguns reforços; e os homens que têem que perder prestam-se com os seus haveres para sustentar o governo não por amor que lhe tenham, mas por entenderem que os rebeldes não são se não ladrões, que farão em Cantão, o que fizeram em Fatchan, que depois de ter sido saqueada por duas differentes partidas rebeldes, foi queimada por uma terceira que já não achou que roubar.

Macau gosava de perfeito socego, tirando muito partido do actual estado da China, que lhe permitte fazer extraordinario negocio. Tudo ali está carissimo, mas todos ganham proporcionalmente: só os empregados publicos se resentem d'este estado. O numero de lorchas vae augmentando, e andam todas empregadas no commercio entre Cantão e Macau, o qual actualmente se faz todo em embarcações estrangeiras; porque os rebeldes que occupam o rio não permittem a passagem das embarcações chinas. Cantão está sendo abastecida pelas lorchas portuguezas, e por algumas inglezas; os fretes são enormes. Ainda não tinha havido motivo de queixa do proceder dos rebeldes a respeito da bandeira portugueza.

Entre os numerosos emigrados Chinas, vindos para Macau, acham-se alguns dos antigos *Hãos*, que já tem aberto os seus estabelecimentos.

(Veja-se na Parte Official, a pag. 113, *a exploração do Rio Cunene, e a pag.* 118 *o extracto de um officio sobre Mossamedes.)*

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

CONTINUAÇÃO DA VIAGEM COM DESTINO ÁS CABECEIRAS DO RIO SENA.

Por Joaquim Rodrigues Graça

(Começado a pag. 101.)

Em 10 de Setembro do corrente mandei avisar o regulo para, em virtude de seu pedido, se achar no meu acampamento no dia 18 d'este mez, a fim de perante o seu estado, potentados, e mais nobres eu lhe communicar o mais, que deixei de dizer-lhe, ao que respondeu: «que ficava sciente, e que já tinha ordenado a todos para estarem promptos para quando eu avisasse.» No dia aprazado, 18 do corrente, se apresentou o regulo, mãe, irmã e sobrinha, e seus macotas, além de um grande numero de fidalgos, vindo elle conduzido em umas andas, vestido com um panno de veludo encarnado, trazendo na cinta uma faxa de couro de boi preto, um alfange, um grande collar feito de certas conchas pequenas com simetria, nos braços um enfeite de pennas de diversas aves, de cores differentes, com coraes variegados, tudo de muito bom gosto, e regularidade; na cabeça um grande pennacho de pennas de indira, pavão, e outras aves desconhecidas e de gosto exquisito; quatro dos maiores fidalgos, dois de cada lado, lhe serviam de assessores; um grande numero de pretas, suas concubinas, que excediam a 500, compunham o cortejo; seu irmão, da mesma forma, sua mãe trajava um manto de velludo encarnado lavrado a ouro, muito rico, um collar semelhante ao de seu filho, na cabeça uma como mitra de missangas mui miudas feita com toda a delicadeza e primor; sua sobrinha tambem adornada com riqueza; seus maioraes vestidos de panno encarnado da cintura para baixo, e com caudas estes trajes, tocando todos os seus instrumentos, suas mulheres dançando. Vinha carregado o Matianvo por oito escravos, a mãe por seis, a sobrinha por igual numero; seus grandes e nobres a pé, vindo muito de vagar, que distando o meu acampamento obra de mil passos de sua morada, levou bem perto de tres horas, davam quatro passos paravam, e assim vinham vindo, e logo que se aproximou, ordenei aos Cabos e Chefes da Caravana que se formassem em ordem com todos os Carregadores, que carregassem as armas para o receber debaixo de fogo, o que assim succedeu, e recebido que foi, o conduzi a uma grande sala, que de proposito havia sido preparada com seus competentes assentos, e distinctivos, estimando elle muito estas honras prodigalisadas á sua pessoa.

Collocada uma cadeira em uma especie de throno, que mandei erigir para elle sentar-se, forrado de panno encarnado, e a seus pés de panno azul, dando igual tratamento e distincção a sua mãe, irmão e sobrinha, e todos os mais em pé, e feito o devido cumprimento, obsequiei-os com fazendas escolhidas, copos, pratos, canecas, almandrilha, anneis e brincos, que muito estimaram, e tomando o regulo pela mão, conduzindo-o a um logar mais reservado, lhe offereci uma farda, chapeu, espada, bem como a seu irmão, tudo muito rico, que logo vestiram, e tornando a sentar-se fardado, os seus nobres e povo entraram a bater palmas, e o regulo não cabia em si de contente, mostrando-se a seu povo lhes dizia, que agora era irmão do Maneputo, e que queria a sua amisade, e abraçar as suas leis, usos, e costumes, e accrescentou. «Vós logo ouvireis o que elle me mandou dizer;» e dando-me signal mandei chegar os interpetres, e imposto silencio ás turbas, assim lhe fallei:

(Segue-se outro discurso, aconselhando ao Matianvo, que consinta um presidio portuguez nas suas terras, pela protecção que n'elle ha de achar, e que procure destruir as praticas horriveis que usam, e que faça applicar o seu povo á caça do elefante e outros animaes, bem como á agricultura.)

«Filho do Maneputo do Calunga! (respondeu o Matianvo) Não conheceis os nossos usos e costumes, por isso me accusaes! e se entre nós vivesseis, estarieis por elles, e lhe darieis desculpa.

«Quando me entendi os achei, e quando morrer os deixarei. Não ponho duvida em cumprir o que quer o meu irmão, o Maneputo, pois não desconheço o seu poder e grandeza.

«Não o tenho tambem mandado procurar, porque acho-me muito distante. Tenho ouvido dizer que já não compram tantos escravos, e que mais procuram cêra e marfim; e a prohibição d'elles tem causado a falta de fazendas, e mais generos do nosso consumo, é motivo porque os negociadores tem soffrido prejuizos: são innumeraveis os meus povos, os tributos que recebo de meus potentados são escravos, marfim, cêra, ferro, cobre, enxadas, pelles de feras, além de que está em pratica escravisar os que commettem crimes de assassinio, roubo, adulterio, desobedientes, feiticeiros, e não havendo quem os compre, somos obrigados a manda-los matar para exemplo dos mais, e se o Maneputo prohibir a venda d'elles, outro meio não me resta para puni-los.

«Foram mais felizes os meus antecessores, porque commerciaram em escravos, elles eram procurados n'estas terras; havia abundancia de fazendas, agora faltam. Estou prompto a cumprir suas ordens debaixo das seguintes condições: Ha de o Maneputo conceder a compra de meus escravos para o Calunga, e que seja o commercio como no tempo dos meus antecessores.

«Poderá, se quizer, mandar para aqui os seus criminosos, que serão tratados conforme suas ordens. Mandará uma força, para, por meio d'ella, sujeitar os meus inimigos, que me não querem obedecer.» Ao que lhe respondi:

«Matianvo! O que a lei do Maneputo ordena, não desfaz; e achando-se abolido o trafico de escravos, não se póde conceder a sua exportação. Podeis vende-los em vossas terras, mas elles serão empregados na lavoura, pesca, caça, e em outros mais officios, que nos são uteis; empregae os tambem na agricultura, e na caça, de que tanto abundam as vossas matas. Demais tendes o direito de escolha, ou rejeitar, ou abraçar os meios que vos proponho. Se annuirdes, o Governo fará em vosso beneficio o que puder, para cujo fim vos prestareis com um donativo, e se não abraçares, não vos deveis queixar do resultado.»

«Á vista do que me haveis dito, respondeu, obedeço a meu irmão o Maneputo, como seu amigo, e peço para que venham fazendas a minhas terras, e que o meu povo fique satisfeito, e como somos irmãos tambem estas terras lhe pertencem. Darei parte aos meus potentados que este logar será a residencia da força, que meu irmão houver de mandar. Quando partires para a Capital de meu irmão vos acompanharão os fidalgos de minha maior confiança, bem como o meu tio *Quiota*, para em meu nome se apresentar ao Maneputo a fim de receber suas ordens, porque eu não posso largar o meu estado, e para mais me respeitarem peço que para aqui venham forças, que me ajudem a sujeitar os potentados *Canhica*, e *Canhiquinha*, e outros donos de grandes terras, em que ha cobre, marfim, azeite, ferro e escravos. Os que me prestam obediencia são os seguintes regulos: o grande *Cazembe-mucullo*, *Muzaza*, *Quimbundo*, *Catende*, *Quinhama*, *Chinde*, *Canonguessa*, *Muxima*, *Muço-Cadanda*, *Mueneputo das praias*, *Luvar*, *Sacambuge*, *Quibóco*, *Cabinza*, *Chavahua*, *Difunda*, *Challa*, *Cabo-Caconda*, *Muatamibanda*, *Zan-vi*, *Cassongo*, *Catena-Callende*, *Quiria*, *Milondo*, *Massoje*, *Cagengi*, *Cha-huta*, *Cassóngo*, e outros muitos, todos estes grandes, que possuem muitas terras, e tem muito cobre; marfim, por lhes ficar longe, não o procuram. Os que me não obedecem são Canhiquinha, Cassongo, Mutombo-mucullo, Muene-Calage, etc.»

E acabando de fallar, e sendo tudo explicado pelos interpretes em portuguez, dei os seguintes vivas:

A Sua Magestade A Rainha,
Á Nação Portugueza,
A S. Ex.ª o Governador Geral de Angola,
Ao Regulo Matianvo.

Oito dias consecutivos durou o regozijo publico na Banza do Matianvo, manifestado por danças, canticos, etc.

Matianvo, 19 de Setembro de 1846.

NOTA.

Perguntei que canticos e danças eram essas. Responderam-me: «São em consequencia de estar para realisar-se a prophecia do regulo *Quinanezi*, quando falleceu nas guerras do Canhica, em sermos procurados pelo Maneputo.

Observação.

Este regulo, para assim dizer, é o imperador dos outros de que tenho feito menção, é poderosissimo, e muito rico; em consequencia de que em todo o seu territorio o maior commercio hoje é o de marfim, por haver em grande quantidade; cada um de seus potentados lhe tributa constantemente marfim, ferro, cobre, enxadas, arcos, flexas, zagaias, louça, facões, azeite de palma, viveres, criações, fazendas, pannos de palha, pelles de todas as feras, etc.

Seu governo é despotico e barbaro, por isso que suas ordens se cumprem sem contradição.

Seus costumes.

O regulo quando sente falta de generos de seu consumo, despacha Caquatas aos seus visinhos a ajustar os negociadores, que encontrar, para que se dirijam com suas fazendas á sua Capital, e no seguinte dia da chegada apresenta-se e exige do feirante, ou negociador, que lhe apresente a fazenda toda; e assim feito, aparta tudo que lhe agrada, e manda conduzir para a sua residencia; porém isto faz a negociadores miudos, e passados alguns dias o manda chamar para saber em que deseja receber o seu pagamento, se escravos, ou marfim, e quantos; e dizendo-lhe este tantos banzos recebestes, deves-me tantas pontas de marfim, e tantos escravos, responde elle: «Bem, deves descançar, esta terra é vossa, e no entanto hide vendendo o resto ao meu povo.» O pobre negociador espera e desespera, e muitas vezes o demora um anno, quando não o faz por dois; ainda que lhe peça o seu pagamento, responde-lhe: «Que pressa tens, eu não costumo a tomar nada a pessoa alguma, logo vos despacho;» e quando muito bem lhe parece é que paga, mas que pagamento! que muitas vezes não corresponde ao valor do que se vendeu, e que recurso tem o negociador se não receber?! Do contrario perderá tudo. Igualmente acontece que, quando o negociante por grosso se destina a vir á sua jurisdicção, o regulo o recebe com muito agrado, e presenteia-o com comidas, bebidas, e refrescos, etc.

Manda na mesma noite tocar um bando prohibindo a todos os seus povos para que não possam ir á feitoria do negociante vender-lhe genero algum, impondo pena capital aos que não observarem esta determinação. O regulo assim que o negociante estabelece a feitoria, e tem recebido todas as cargas, manda dizer que em tal dia se apresentará para ver todos os generos e fazendas, e vindo no dia indicado, depois de tudo visto, manda apartar as fazendas de bom gosto e de mais custo, como pannos, baetas, etc., e retirando-se, diz: «Tal dia virei para entrarmos em ajuste, e ver os generos que quer receber em seu pagamento.» Se o negociante não lhe der em fazendas o valor de 50$000 réis, um de seus filhos chega-se ao pé do feirante, e assim lhe diz: «O Matianvo tem por costume e quizilia, que todas as vezes visitando o branco, deve-se-lhe offerecer alguma cousa, sem o que não se póde retirar, pois que é um homem grande;» e elle á espera em suas andas que se lhe dê alguma cousa, e para o negociante se ver livre d'elle, manda-lhe entregar um banzo equivalente a 50$000 réis, e muitas vezes mais, e elle recebendo a fazenda, mostrando-a aos seus, que o acompanham, aperta a mão ao negociante em signal de agradecido, e retira-se. Quando bem lhe parece manda avisar para no dia tal lhe ter prompta a fazenda e mais generos que separou para a vir receber, e ajustar, e apresentando-se, carrega com tudo que havia apartado e tratado. Logo depois faz o mesmo sua mãe, se a tem; seu irmão por nome Chanamalope, e tambem sua sobrinha, a quem lhe dão o nome ou titulo de I. N. Banza, seguem-se os fidalgos, etc., e o resto que fica é para seu povo. O negociante vende os seus generos á vista, e elles dizem que os seus pagamentos se acham promptos, e apanhando as fazendas em suas mãos detem o negociante um e dois annos, despachando as fazendas para outras partes, negociando com ellas, e exasperado o negociante, enfastiado de mandar cobrar, lhes diz: «Pague-me, ou retiro-me, e fiquem-se comtudo;» então vão pagando, mas como? Exigindo-se por uma ponta de marfim o triplo do valor em fazendas, e são estes os motivos por que os negociantes evitam mandar seus aviados a estas terras, e fundando-me n'este principio lhe disse, «que á vista de seu procedimento, dos prejuizos que tem causado áquelles que elle manda procurar, e a outros que a esta Banza tinham vindo, motivos eram fortes para elle sentir falta de fazendas, e generos de seu consumo, e que essas faltas tem dado logar a que o Governo lhe faça ver que espera se não reproduzam actos taes, que buscará cohibi-los.» Muito me serviu para dar força á embaixada a illusão da profecia, que o Challa me tinha communicado, e fallar-lhe francamente, pois que com gentio nunca se mostra fraqueza, ainda mesmo que conheça que partido algum se póde tirar.

Igual procedimento queria usar com o explorante, porém não o póde o regulo levar a effeito, porque me oppuz ás suas ordens, e me desmascarei com elle. Logo que cheguei a esta, cuidei de mandar fazer o acampamento debaixo de ordem; a feitoria no centro, cercada de uma grande cerca de pau a pique, tendo dois portões, e depois d'elle prompto tratei dos negocios: teve a confiança de mandar occultamente um bando, ordenando a seus povos, para que não viessem á feitoria comprar nem vender genero algum, sem que elle tivesse primeiramente recebido tudo quanto precisava: tambem expediu ordem a fim de não se vender marfim a qualquer pessoa que fosse á compra d'elle, impondo pena de morte, a mais conhecida por elle; determinação esta que obstou a que eu recebesse o que tinha vendido a sua mãe, irmão, sobrinha e fidalgos,

para ser pago á vista, porque estes tambem tinham mandado negociar no Sena, e outros logares. Acontecendo fallar com um dos seus, disse-lhe: «Onde é que se viu prohibir a cada um o vender os seus generos? Muito mal entendidas são as ordens do vosso governo, que se tornavam em prejuizo de seus subordinados, não sendo senhores de vender ou comprar áquillo que precisassem, e que só estas ordens se encontravam n'este regulo, quando nenhum outro o prohibia, e que nenhum governo tem direito nos bens de seus subordinados, sómente certos tributos que compensem as despezas do Estado.» Ao que me respondeu: «Sabemos que o Maneputo é o senhor d'estas terras, e d'outras mais; que seu povo faz negocio com quem quer, só lhe dão um pequeno tributo, e nós é o que sabes, somos seus escravos. Estimavamos antes que o Maneputo tomasse conta d'estas terras, que melhor seria.» E depois disse ainda: «Eu tenho em minha casa uma ponta de marfim, veja se me manda de noite um de seus Mezumbos, conduzi-la para a feitoria, e depois virei ajusta-la; mandando-a conduzir aconteceu ser vista por um dos guardas do regulo, e teve a liberdade de entrar pelo acampamento, e tirar a referida ponta da casa do Mezumbo, e no seguinte dia a fez presente ao regulo. Sciente do acontecido, monto a cavallo, mando pegar em armas, e apresentome na Banza do regulo com um bom reforço, e dirigindo-me a elle, assim lhe fallo: «Matianvo! Que ordens déstes esta noite? Um dos meus caixeiros havia recebido uma ponta de marfim de um seu devedor filho do Jaga Cassange (e foi preciso dizer que a ponta não tinha sido recebida de um seu subordinado para o livrar da morte), a qual sendo recolhida, um dos vossos guardas teve a confiança de entrar de noite no acampamento, na casa do caixeiro. e carregar com a ponta. São mal entendidas as vossas ordens, não tendes direito de mandar pôr guardas aos commerciantes que vos procuram, salvo se pela força; mas tambem a tenho para repellir vossos ultrajes. Além de já teres recebido as fazendas e generos que escolheste, assim como vossa mãe, e irmão, sobrinha e fidalgos, é justo que tambem compre o vosso povo, e venda para remediar suas precisões; em parte alguma se dão similhantes ordens! São ordens impostas a escravos que têem perdido o ser de homens! E se o vosso guarda fosse assassinado o que dirieis? Sobeja é a rasão, agora é que acredito dos que se queixam de vós! Exijo se me apresente o guarda, bem como a ponta.» E lançando a vista para um dos lados, vejo o guarda com a presa a seus pés; e bastante encolerisado, como me achava, por um tal procedimento, e pondo um véo nos perigos que me podiam resultar, lanço mão da espada, aponto-a aos peitos do guarda, e dando-lhe uma bofetada foi beijar o chão, caindo aos pés do regulo. Foi uma temeridade de que poderia ter sido victima, por ter sido feita na Banza e em presença do regulo, cercado de seus maioraes e de immenso povo, que ficaram estupefactos, olhando uns para os outros; nada ousaram dizer. Obriguei que elle conduzisse a ponta d'onde a tinha tirado, e que ordens se dessem em contrario, ameaçando-o com polvora e bala. Vendo o regulo a minha resolução, pediu-me que socegasse, que elle não tinha dado taes ordens, e voltando-se para os caixeiros reprehende-os, dizendo-lhes, que para a outra vez, quando succedesse um caso similhante, não fosse logo participar ao branco para desasocega-lo por uma cousa de pouco valor; deverieis-me dar parte para eu mandar entregar, sem que participasseis ao vosso amo; isto depois me disseram os caixeiros. Aplacada a cólera, ordenou o regulo para se me entregar a referida ponta, conduzida por um de seus escravos á feitoria, pois não remettia pelo guarda com receio de que elle fosse preso no acampamento; pedindo-me que desculpasse aquella falta, e depois de ter remettido a ponta fallei-lhe: «Matianvo! Se casos similhantes se derem d'ora ávante, eu vos não asseguro o socego que tão necessario se torna entre nós; quanto a mim, que encarregado por S. Ex.ª para propor-vos meios de uma duradoura amisade, desejo mantê-la a vós, porque repellido o meio que temos concordado para chegarmos aos fins, tereis o desgosto de não veres aqui mais negociador algum, além de outras medidas que o Governo tomará em consideração para desaffrontar os vossos insultos. Foram razões sufficientes para o chamar á boa ordem, e disse-lhe que se considerasse vassallo de Sua Magestade, se não queria perder o nome de Matianvo, e que se lembrasse que se achava cumprida a profecia do *Quinanezi*, e que eu aqui tinha vindo em Nome de Sua Magestade, para que, tendo recebido a sua embaixada, houvesse de receber suas ordens, devendo-se conformar com ellas. O explorante a bem dos interesses da nação, e do commercio, tem não só arriscado a sua existencia, como a de seus interpretes e famulos, para a restauração d'esta rica possessão, tendo empregado todas as forças physicas e moraes, além de immensas despezas que tem feito não só com este regulo, como com os outros potentados do transito, desde as fronteiras. Tenho-me occupado diariamente em sondar suas paixões, tomando conhecimento dos

seus usos e costumes, de suas forças, experimentando se o que lhe tenho communicado, tem achado entrada em seu espirito; pois pelo que me parecia, assento que tem concordado; mas sendo refalsado o animo do gentio, por isso não acredito nas demonstrações de amisade que mostra. Muito precisa se tornará aqui uma força militar, se o Governo deseja possuir, sem grande dispendio, este vasto territorio, mesmo para coadjuvar o regulo contra seus rivaes e tão poderosos inimigos. Seria medida util, que em vez de se mandarem degradados para os Presidios e Districtos, fossem enviados pará esta; estabelecendo-se um Presidio, melhoraria a sorte d'estes desgraçados, pois que elles amam o que é bom e util, gostam de vestir bem, e acham-se aborrecidos do governo despotico do regulo, e estando elles certos dos fins que aqui me trouxeram, dizem que querem pertencer ao Maneputo. Desejos tinha o explorante de passar além do Matianvo, para chegar até o Sena, mas havendo um deserto a passar de quarenta dias, além de não ter sido auxiliado pelo Governo para uma empreza de tanta magnitude, comtudo emprehendeu a concepção de pôr em pratica tão util idéa, engajando para esse fim o numero de quinhentos carregadores naturaes do Bihé, para o acompanharem; estes pegando nas cargas largaram-nas em o Bihé, não querendo proseguir, e exigindo ali seus pagamentos a contento; e soffreu ali um empate desde 7 de Julho de 1843 até 4 de Maio de 1846, que d'aquella Provincia regressou para esta; achando-se empatado não só por falta de surtimento, em consequencia de roubos que soffreu, offertas a differentes Sovas, despezas de carregadores, fretes de portos, etc., se viu obrigado a officiar d'ali ao então Governador da Provincia de Angola, o Sr. Possollo, do qual officio não teve resposta, com tudo não affrouxou de continuar na empreza apesar que ardua, antes tomando em muita consideração, a ponto de lhe ser necessario regressar do Bihé a esta capital para surtir-se de novas fazendas, e receber novas ordens do Governo, a fim de seguir o seu destino, mas levando ao conhecimento do Ex.^mo^ Governador já mencionado, que sem auxilio de carregadores avassallados nada conseguiria, porque de carregadores gentilicos não ha que fiar, fazendo-lhe ver os prejuizos que já tinha soffrido, e que não estava mais para expor uma factura de grande importancia; S. Ex.^a^ attendendo a tão justas razões houve por bem ordenar ao Chefe do Districto do Golungo Alto, o Major Izidro José Fragoso, por Portaria expedida da Secretaria Geral, para que a bem do serviço auxiliasse o explorante com cem carregadores para seu transporte, e cincoenta empacaceiros fornecidos de armamento pelo explorante. Eis-aqui como fui coadjuvado para uma tal empreza, commissão esta de tanta importancia, e de que tantos interesses poderiam resultar para o futuro á nação; e se a outro fosse incumbida talvez para seus interesses sómente lançasse as vistas, e não para esta incumbencia tão trabalhosa e cheia de despezas, sem outro algum galardão mais que a nomeação de Major dos moradores do Districto do Golungo Alto, a qual sem o Régio Beneplacito torna-se nulla, esse que o explorante cuidou de obter, mas que até agora não tem tido solução; porém não se arrepende de ter trabalhado a prol da nação e do commercio, prestando um serviço que para o futuro se tornará valioso, e persuade-se que chegando elle ao Alto Conhecimento de Sua Magestade, o tomará em muita consideração.

DESCRIPÇÃO DA PROVINCIA DO MATIANVO.

Esta Provincia se acha collocada no interior e a leste, ficando-lhe a Provincia de Cazembe a lessueste.

O seu terreno, a maior parte, é plano; matos altos nos logares de pantanos, com madeiras de construcção: fertil de farinha de mandioca, feijão de todas as qualidades, amendoins, azeite de palma, bananas curtas, ou de S. Thomé, e das compridas muito doces e saborosas, batatas da terra, inhames, como os do Brazil, carás, aboboras, gado vaccum em grande quantidade pertencente ao Estado, ananazes, abundante de toda a qualidade de caça, peixe dos grandes rios, carneiros poucos, mas em Cazembe grandes rebanhos. O seu clima é quente, mas saudavel. Seu inverno principia em fins de Julho, e finaliza nos meados de Maio, conforme as estações, em todos estes mezes chove constantemente, é muito sujeita a raios no tempo proprio. Cortada geralmente de riachos, muitas nascentes de agua, logares alagadiços intransitaveis no tempo das chuvas, abastecido de frondosos arvoredos. O verão principia em Maio; no tempo proprio cuidam de plantar, e muito se assimelha este clima com o do Brazil. É cercada pelo caudaloso rio *Cassaby*, bem como o *Lurna*, ou *Ru-zu*, de que já fiz menção na derrota. O Lurna é abundante de peixe, pesca-se a boa tainha, o roballo, além de outras qualidades de bom gosto; e conforme as apparencias entendo que tem communicação com o mar; sua agua salobra com cheiro a maresia, innavegavel em partes por grandes pedras que obstruem o seu leito. O gentio que habita suas

margens, pesca com redes de malha muito compridas, fazendo cerco, e de noite com fachos, olhando-se, porém, para o costume barbaro d'este povo, admira encontrar-se alguma industria, tendo objectos de uma nação civilisada. Rica de vastas campinas cheias de elefantes e muitos outros animaes silvestres, e de muitos palmares, de que extrahem o azeite; a canna de assucar ha em grande quantidade e de boa qualidade, etc.

Ao descortinar tão vastas campinas, quem sáe da espessura das mattas, fica extasiado, desenrolando a seus olhos um panorama encantador. O caminhante, fatigado de tão longa e trabalhosa jornada, quando entra n'esta mansão, parece-lhe ter esquecido tantos incommodos e mil dificuldades que teve a superar. Immensos logarejos apinhados de choupanas fabricadas segundo o gosto de cada um, e no centro dominando, como maioral, a modo de uma torre, a habitação do regulo feita com muita regularidade, cercada de um muro de grossos paus em quadrado com dois portões, tudo com muito aceio e simetria; um horizonte dilatado e mui claro, o paiz risonho e fertil, abraçando uma verdura perenne, realça a vista do espectador. Não é a ficção que descrevo, é a realidade que já testemunhou algum dos brancos que pisaram este sólo, se elles deixando o terror panico de que vão apoderados pela noticia das crueldades do regulo, apreciando o grande e o bello só aformoseado pela natureza, e deixando por algum momento as idéas do interesse, admirariam por certo um quadro tão magestoso!

Julga-se o viajante achar em um paiz civilisado, a policia que encontra, limpeza de ruas em linha recta, praças espaçosas aonde concorrem os seus generos diariamente, esperando achar, segundo o costume, a confusão e a desordem, encontra a belleza, a ordem, o o aceio, e muitas outras boas disposições tão raras entre o gentio; tudo isto confunde, e, como digo, deixa absorto o espectador, desapparecendo o susto de quem vem apoderado de idéas tão melancolicas e tristes. Á vista de tanta magnificencia espargida n'estas terras pela natureza contrastada com a fereza de seu governo, move a ousadia de um genio emprehendedor a vir conquistar este paiz; e a quem cumpre este feito? Quem com mais direito terá de levar as luzes áquelles povos? Á nação portugueza, que sem muito custo dominará em um territorio tão rico e fecundo. Quanto mais felizes não seriam estes povos! Ver-se-hiam livres da escravidão em que se acham, não sendo senhores de nada, nem de seus proprios filhos; tudo nasce escravo, tudo sujeito ao despotismo do regulo!

Fórma do seu governo.

O seu governo é despotico e barbaro; são seus adjuntos sua mãe (se a tem), irmão e sobrinha. Suas terras são divididas por governos, que lhe tributam, e tudo o mais pertence ao regulo.

Os filhos não têem direito ao Estado; apenas lhes dá algumas terras para d'ellas receberem o seu tributo, isto é, aquelles que merecem a sua confiança e estima; quanto aos mais são considerados escravos, trabalham, caçam, e tudo entregam ao pae. Quando algum de seus escravos commette algum crime, o regulo manda participar a sua mãe: « Fulano fez isto ou aquillo, deve ser morto. » São ouvidos a mãe, irmão, e sobrinha; se porém decidem estes membros que o reu seja perdoado, e em taes casos vendido, concorda com a decisão; não havendo quem o compre, é morto, e seu corpo lançado no mato, para ser devorado pelas féras; dia nenhum ha em que este barbaro não mande decepar cabeças por bem leves culpas. Todo aquelle que tentar a communicação com alguma de suas pretas, manda-o castrar, e depois é morto, a mesma sorte tem a preta. O regulo habita no meio de um grande quadrado de pau a pique, com um serralho de quinhentas concubinas, entrando n'este numero filhas, sobrinhas, irmãs, etc. Conta até á presente data duzentos filhos de ambos os sexos; sua idade pouco mais ou menos setenta annos, de mediana estatura, mais delgado que robusto, labios grossos, nariz chato, rosto comprido, retinto de côr, calvo, usa de cabelleira, obra de suas mãos, que tão bem feita é, que á primeira vista se não conhece; seu traje diario um pano de qualquer fazenda comprido da cintura para baixo, o corpo nú, seus enfeites de coraes no cabello, e buzios de differentes côres, munido sempre do seu alfange; não anda a pé e sim em umas andas, carregado por oito ou mais escravos; sua diaria occupação é na caça e lavoura, acompanhado sempre por seus escravos e concubinas, e onde quer que se ache dá audiencia e recebe tributos; ao raiar da aurora põe-se fóra, e parte para o mato, todos os seus nobres, mulheres, e escravos, o seguem. Não mora com elle senão suas mulheres, e um certo numero de escravos destinados para o serviço domestico; em cada um dos dois portões tem um porteiro para fechalos ás oito horas da noite, bem como abrir ao amanhecer. Residem em separado sua mãe, irmão e sobrinha, com seus cercados quadrados e porteiro, etc. Tem duas grandes praças de mercado, uma em frente da residencia do regulo, principia ás 10 horas da manhã,

e acaba ás duas da tarde; a outra, defronte da morada da mãe do regulo, desde as tres horas até á noite, além de muitas outras menores em differentes logares. Suas ruas mui compridas, largas, acceiadas e alinhadas, todos os dias são varridas, e todo aquelle que se descuida da limpeza é multado em uma cabra ou uma ponta de marfim, tendo cada rua um inspector, que fiscalisa o aceio d'ella; tambem nas praças é o terreno limpo á vassoura, não se encontra pedra nem pau. Os fidalgos não andam a pé; quando querem ir a alguma parte montam a cavallo em um de seus escravos, que já tem adestrados para esse fim; cada um d'elles tem seus instrumentos, e todas as vezes que acompanham o regulo são obrigados a leva-los: este não vae para parte alguma sem que seja acompanhado por seus instrumentos; quando quer ir ás suas lavras manda tocar uma caixa, e logo que seus escravos a ouvem, pegam nas enchadas e seguem-no; todos os seus bandos são por pregões; emfim é um segundo Sultão; tem differentes residencias, em cada uma das quaes tem suas lavras, manda tocar uma caixa, faz reunir o seu povo, e o reparte a fim de trabalharem em diversos logares distantes duas leguas uns dos outros, e em cada uma d'essas habitações tem um sem numero de mulheres; vestem sómente um pano de palha da largura de dois palmos que lhe cobre as partes, porém muito limpas de corpos, e apesar da sua insignificante vestimenta, parece que não põem o pé no chão; são muito corajosas, dotadas de animo varonil, acompanham seus maridos na guerra e investem com mais impeto que não os homens.

Suas indoles.

São inconstantes em seus tratos, inclinados ao roubo, não atacam a pessoa alguma, mas cobiçam tudo que vêem, e vão carregando se encontram fraqueza da parte do negociador, são familiares, obsequiadores, mas se o fazem é com a mira no interesse; se offerecem uma gallinha é para receber o triplo, e se o negociante receber do gentio alguma offerta, trate de recompensa-lo em o tresdobro, se não quer soffrer algum prejuizo, porque elles não dão, vendem por bom preço, etc.

Seus costumes.

O regulo quando come não falla a pessoa alguma, nem em caso de urgencia; n'essa occasião tocam os instrumentos: quando espirra todos batem palmas. É commerciante, compra por atacado, mas quem com elle contratar deve ser corajoso, e que tenha conhecimento de seus usos e costumes, não lhe vender sem ajustar primeiro, paga o que deve, porém com grande demora, frequenta a miudo a feitoria, acompanhado sempre de suas concubinas, e quaes outras harpias arrebatam tudo o que encontram, e se houver descuido da parte do negociante, que não tenha tudo bem arrecadado, será infallivelmente roubado pela confusão de seu povo, que de proposito o traz para esse fim, e quantas vezes vae á feitoria, tantas se occupa em mandar contar tudo o que vê, concorrendo o seu numeroso sequito em dar busca a todos os cantos da casa, a ver se o negociante occultou algumas fazendas. De todas as suas possessões tem um macota ás suas ordens, a quem lhe chamam —Quilolo;—as fazendas que compra, e as que recebe de tributo, não as tem em seu poder, espalha pelas casas de seus fidalgos, e um dia sim outro não lhe são apresentadas.

Suas guerras.

Quando qualquer de seus subordinados lhe desobedece, ou falta com os tributos, ordena a um de seus potentados, que levante armas contra o desobediente, e que sendo preso o conduza á sua presença, e se resistir que o matem; cumprindo o encarregado as ordens, se acontece o rebelde resistir, ficando derrotado, o Chefe da expedição se recolhe, e um dia antes de entrar na capital acampa as suas forças, e manda participar ao regulo que ali se acha, e que espera as suas ordens; manda que ali se conserve um mez e mais, e quando bem lhe parece, manda que entrem, o que se executa do seguinte modo:

No dia determinado todos os seus Quilolos com seu povo, fidalgos, etc., se apresentam na praça armados com todos os preparativos de guerra para receberem em triumpho os que se recolhem da campanha. O regulo apparece cercado de seus nobres e escravos, senta-se em um throno forrado de pano encarnado em cima de um tapete de panno azul, vestido com um pano de velludo encarnado da cintura para baixo, guarnecido de varias cores, com uma banda feita de buzios e conchas, coraes de diversas côres debaixo de symetria, dos joelhos até o tornozelo argolas de metal mui fino da grossura e feitio de um bordão de guitarra, no pescoço um collar feito de conchas pequenas, coraes e buzios, muito bem feito, na cabeça um grande pennacho de pennas de diversas aves, de bom gosto.

Cada um de seus Quilolos e fidalgos vem entrando pelo portão principal á frente de seus escravos, trazendo na mão um escudo forrado de pano encarnado feito com ordem, em outra

uma lança, seus subordinados vestidos de pelles de feras, armados de arcos, flechas e zagaias, marchando ao som de seus instrumentos, desenrolada a bandeira, na cabeça seus pennachos, no pescoço seus collares cada um de differente feitio, e dos joelhos ao tornozelo adornados com argolas de cobre e ferro. Logo que se aproximam do regulo, marcham em continencia em volta do seu throno duas vezes, e na terceira perfilam pelos muros de sua residencia, todos os mais vão seguindo por ordem, e alinhando-se: dispostos todos, marcham á frente seus commandantes com o escudo na mão, e na outra empunhando a lança, se apresentam ao regulo para receberem as suas ordens. O regulo com um ar serio e magestoso ordena-lhes, que se ponham á frente de seus soldados até segunda ordem. Logo depois principiam a entrar os que se recolhiam da guerra, marchando em continencia assim como os outros, e tomando logar no meio do acampamento: os encarregados davam em alta voz conta da empreza, em cuja narração bastante se prolongavam, expondo o modo como tinham batido os contrarios, e nos intervallos os escravos dançando acompanhados por seus instrumentos, trazendo nas mãos as caveiras dos infelizes, que haviam sido apanhados na guerra, e por ficarem vencedores davam descargas de fogo. Depois do que, vem cada um apresentar ao regulo a caveira, expondo-lhe como o tinha vencido. Os prisioneiros que escapam da morte, são todos entregues ao regulo; aos combatentes recem-vindos manda-lhes distribuir comida e bebida em abundancia. Vendo os Quilolos e potentados que está desempenhada a sua commissão, e satisfeitas as etiquetas, mandam que seus escravos vão tocar as armas victoriosas dos que se recolheram, e se retiram para suas residencias. Foi este acto celebrado em 19 de Dezembro de 1846, para o qual fui convidado pelo regulo para assistir ao recebimento, mandando eu aprompar 400 armas commandadas pelos cabos e caixeiros a pedido do regulo, o que muito agradeceu. Tem instrumentos bellicos, e seus toques apropriados, e por elles entendidos, bem como outros destinados para a lavoura, e os toques na guerra servem muitas vezes de anima-los no conflicto: os instrumentos são uma flauta feita de uma canna grossa, e uma especie de caixas, que fazem de troncos de arvores adelgaçados por dentro, marimbas, etc. Formam seus batalhões em ordem, deixam alguma gente de reserva para soccorrer aos que perigam, investem com ferocidade espantosa; quando atacam, dão gritos muito altos, e descompassados para atemorisar o inimigo, porém sentindo-se feridos fogem, e nada os faz retroceder para entrar em linha de combate; é por isso que muito temem as nossas armas, que vomitando a morte os deixa horrorisados.

Seus funeraes.

O cadaver é lavado, unhas cortadas, cabello entrançado, dentes limpos, posto em um ataúde é acompanhado por seus amigos e parentes ao logar em que deve ser sepultado, havendo jazigo proprio para cada familia: no meio d'esse immenso cemiterio existe uma espaçosa casa subterranea forrada de pano azul, em que se deposita o corpo do regulo, que de molestia fallece na sua capital, tendo um escravo de guarda, fazendo a limpeza diaria, o que não encontrei, nem soube se se pratica em outras tribus, porque aqui acompanham o morto em procissão com grande choro e alarido; o fallecido é immediatamente amortalhado com seus melhores panos, e não passa mais o dia em casa.

Sua configuração.

Os homens são de estatura regular, robustos, feições delicadas, muito limpos e aceiados, sómente trazem por vestimenta dois couros de qualquer animal, cabello trançado. As mulheres são altas e reforçadas, retintas, de lindas feições, muito limpas, andam sómente com um pano de palha da largura de dois palmos, cubrindo-lhe o pubis, são corajosas, investem a quem quer que as offenda, fazem todo e qualquer serviço, com o mesmo desembaraço como qualquer homem, são amigas do negocio, compram e vendem, propensas á costura, fazem um pano de palha com primor, são amaveis, estimam os estrangeiros, por estes desprezam os seus amantes, etc.

Suas leis.

Se por casualidade acontece vir o menstruo a qualquer preta, estando na praça, é logo denunciada pelas outras, e ahi mesmo lhe manda o regulo cortar a cabeça, e ali ficará o corpo, que será consumido pelos cães, se algum parente, impetrando o consenso do regulo, a não mandar sepultar. Assim tambem se qualquer preto é encontrado com alguma de suas mulheres, sem mais justificação é o delinquente amarrado, corta-se-lhe o membro, o nariz, as orelhas, isso no meio da praça; estes desgraçados soffrem quotidianamente estes barbaros castigos, dias havendo de sessenta que o soffrem, e n'esse numero muitos de pena capital; além dos chamados feiticeiros, que estes são mandados dependurar no mato em

uma arvore, e ali acabam os seus dias; tão habituada anda a morte por estes selvagens, que a preferem a outro qualquer castigo!!!

Todos os seus trabalhos principiam e acabam em cantigas e danças; cuidam primeiramente dos trabalhos do regulo, depois dos de sua mãe, se a tem, irmão, sobrinha, fidalgos, etc. Esta communidade de trabalhos campestres e de innocentes prazeres inspira no coração d'este povo a mais terna benevolencia; elles olham, apesar de tanta crueza, para o regulo e seus fidalgos como seus paes; é para elles sagrado tudo o que provém de seus governos, e o que se lhes ordena. Nada mais prohibido entre elles, como a ociosidade, por isso que estão convencidos de que ella é a origem de todos os crimes, e arrasta após si a degradação de alma, e do corpo: têem elles muita rasão, porque o preguiçoso não pecca sómente contra si, condemnando-se á miseria, mas tambem contra a sociedade, dissipando os fructos dos homens laboriosos, sem contribuir com a sua quota para a prosperidade geral. Os mesmos velhos e estropeados, que outro serviço não podem prestar, acompanham os mais, para servirem de guarda, afugentando os passaros da seara. Nenhuma mulher póde ter communicação com o homem, sem que lhe appareça o menstruo, e sem que primeiro seja desflorada por seu pae, e com ella continue por algum tempo até que a ponha em estado de a entregar ao pretendente, e achando-se habilitadas procuram sem o menor escrupulo. Achando-se qualquer feirante nas suas terras, se com o regulo tiver alguma questão, ainda que de pouca monta, vinga-se em mandar tocar um bando para que ninguem possa vender viveres, nem bebidas ao negociador; e são estas ordens cumpridas á risca, e por este meio consegue do feirante tudo o que elle quer. Todos os seus fidalgos e parentes são commerciantes, porém faltos de palavra em seus tratos; porque ajustando-se o negocio á vista, logo que se apanham com a fazenda, mandam-n'a negociar ás possessões visinhas para tirarem o lucro, e para pagarem levam um e dois annos; por isso o melhor modo de negociar é o seguinte. O negociante que se destinar a emprehender qualquer especulação, deve ter um sortimento completo até que finalise a negociação; e deve tomar os pontos que noto:

1.° Muzaza: deve ahi estabelecer uma feitoria para negociar com os regulos Catende, Quiôco, Luena, e todo o territorio do Cassaby: em todos estes pontos é abundante o marfim e cêra, e offerece vantagens no mercado.

2.° No regulo Sacambuge deve fazer feitoria, podendo despachar para as terras dos potentados Quibuica, Canáu, Musso-condanda, Muxima, Quinhama, Canunguessa, Mane-Defunda, etc.: em todos estes logares tem marfim em grande quantidade, e offerece vantagens.

3.° Deve estabelecer a terceira feitoria nos dominios do rei Cazembe: este ponto é de grande vantagem, porque d'elle póde despachar para o Lubege, Lua, Luvar, e toda a possessão de Cazembe é abundante de marfim e tira-se partido.

4.° Lurua: despachando por todos os regulos, que occupam as margens d'este rio.

5.° Challa: optimo ponto, e tem muitos logares para onde despachar fazendas.

6.° Matianvo: devo notar que aquelle especulador, que emprehender uma negociação para esta em compra de marfim, antes de chegar a este ponto tomará todos os outros, e dividirá a factura em proporção, e com igual sortimento; se tomar estas medidas deve ser bom o resultado, e para esse fim convém deixar caixeiros capazes em cada um dos pontos, e antes de estabelecer a feitoria deve ter uma audiencia com o regulo, que governar o logar; tratando com elle para que durante a negociação não possa pagar crimes de adulterio commettidos por seus famulos: obtida esta concessão, ainda que lhe faça uma boa offerta, é uma providencia util e de grande vantagem; pois se não tomar esta medida soffrerá grande prejuizo pelos crimes, que os carregadores e famulos quotidianamente commettem com as familias do povo em que estabelecer a feitoria; porque, apesar das advertencias do negociante, estão a reincidir no crime que é punido com a escravidão por parte do gentio, e recolhendo-se o negociante, se perdeu alguns carregadores por crimes que fizeram no sertão, ficando lá escravos, estes ainda têem o atrevimento de requererem contra o feirante para lhe restituir o seu filho ou parente, quando elles mesmos em terras avassaladas uns entre os outros comem mucanos pelo mesmo crime. O commerciante deve surtir a factura dos generos seguintes: baeta azul clara, ferrete, e meia côr, encarnada, pano azul ferrete, ou claro, e encarnado, zuarte azul, pintado, lenços de ramagem largos e de bom gosto, fazenda de lei, o quanto chegue para sustento e despeza dos portos, e sortimento dos banzos, missanga branca grossa, coral apipado, que não seja estalado, almandrilha de bom gosto, canecas de meia canada e quartilho, copos, campainhas, guizos, tachas amarellas, buzio; estes generos são os de prompta saida em todas estas terras; armas poucas, por que não pagam, não lhe dão o seu valor; polvora igualmente; o sustento e

feito com missanga e coral; porque a missanga é o seu dinheiro, e sem ella se não faz compra alguma, e tambem se compra marfim miudo de dez a vinte arrateis, bem como escravos. Além do que tenho ponderado deve, na occasião das marchas, ter o cuidado de levar carregadores devolutos, reservados para supprirem aos que enfraquecerem, bem como prevenir-se de mantimentos para que a caravana não padeça fomes; por quanto tem de passar desertos de 4, 6, 8, 10 e 12 dias, e a maior parte dos carregadores tem succedido ficarem atrás, uns caídos no matto com desmaios por causa da fome, outros por molestias que os atacam, outros enfraquecidos, por isso necessario se torna o deixar carregadores de sobrecelente na retaguarda, bem como paus, e redes para carregarem os que tiverem enfraquecido; assim tambem oito ou dez carregadores carregados com carne assada, farinha e agua para soccorrer os que tiverem desmaiado de fome; é uma medida salutar, não perder carregador algum. Todos estes successos experimentou o explorante, porém o não achou desprevenido; porque pela pratica que tem dos sertões teve o cuidado de conduzir redes, carregadores desoccupados, muitas vezes soccorreu-os com a sua propria matalotagem, e andar até a pé para os mandar conduzir em suas tipoias, e de taes medidas resultou que nenhum se perdesse por falta de recursos, nem desamparado; além do que deve ter uma botica para accudir ás molestias conhecidas, contendo porção de massa caustica, purgantes, fios, unguentos, etc., porque estes pretos são muito afeitos a pontadas, diarrheas, escorbuto; macella, quina em pó, e quem saiba sangrar; bom será levar ferreiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros para o que fôr preciso, de outra fórma não se póde transitar por estas regiões faltas de todos os recursos precisos.

Observação.

O regulo possue o numero de quinhentas a seiscentas pretas, dentro de sua residencia, além das mais que tem em differentes pontos das suas lavouras, aonde costuma passar de tempos a tempos alguns dias, e para que fim? É para que em sua ausencia suas mulheres se introduzam nos cubiculos dos famulos e carregadores do feirante, a terem com elles communicação, e por este meio exigir do negociante que lhe pague o crime chamado—Opanda—valor de dois banzos, importancia de 80$000 réis e mais; por isso se tem perdido immensas fazendas n'esta, e mais partes d'este continente. O explorante antevendo esses prejuizos, que lhe poderiam resultar, logo que chegou, na primeira falla que teve com o regulo, cuidou de cortar esse abuso, que redundava em seu damno, fazendo ver que apanhados os delinquentes, o carregador ou famulo seria á frente dos mais castigado para exemplo, e elle corrigisse a sua preta, como lhe aprouvesse; e foram apanhados em flagrante alguns filhos do Sova Quilombo, do Districto do Golungo-Alto, e foram castigados, apesar do que o regulo por duas vezes exigiu o pagamento de dez carregadores, filhos do referido Sova, que seriam escravos, ou resgatados, pois foram encontrados com mulheres do Matianvo, vindo ellas de proposito introduzir-se no acampamento, tudo por conselho do mesmo regulo; porém oppuz-me, fundado no que tinha tratado, e não pôde levar a effeito o seu intento.

Ja não aconteceu assim com o finado Romão, que tendo vindo a esta com uma negociação, teve de resgatar muitos carregadores por crimes que commetteram; por não tomar as precisas medidas, acautelando e tratando com o regulo. É a razão porque tem escravisado muitos carregadores dos Districtos e Presidios, ficando perdidos por lá: abusando das ordens do feirante, e esquecendo-se do perigo a que se expõe, vão ter com as mulheres do gentio, e depois tem seus parentes a confiança de dizerem que o feirante vendeu o seu filho ou parente, não se lembrando que se elle se perdeu foi por crimes que commetteram, chegando á petulancia de requererem contra o feirante, para lhe dar conta de seu filho. Culpado seria o feirante se não lhes fizesse ver, não os admoestasse que não fizessem crimes; mas apesar de tudo, commettem, não fazem caso: e dizem que não podem passar sem mulheres, que são o seu sustento. Fui testemunha ocular de um assassinato ordenado pelo regulo na pessoa de um seu escravo de linda figura, e que horrivel acabamento teve!! Em 16 de Abril de 1847 foi apanhado no cubiculo de uma de suas amasias, e sua sobrinha por nome J N Banza, successora a seu Estado, e de quem tem um filho, um preto, o qual foi apresentado ao regulo, e sem mais justificação foi mandado matar, e depois esquartejado e dado a comer a um gentio seu subordinado, por nome—Canandas—pavorosa e lastimada scena! Convidado pelo regulo para assistir, no theatro da morte, á representação de um drama tão tragico, empreguei meus esforços para obter o perdão da victima; mas nem a minha mediação, nem as rogativas de sua mãe, e supplicas de seus fidalgos, moveram o coração endurecido do homem, ou antes do tigre, faminto de sangue: apertado por tão fortes em-

penhos para ceder, respondeu: « que a mim, enviado do Maneputo, já tinha servido em outras vezes que lhe tinha pedido o perdão de criminosos condemnados á morte: » e assim foi, a ponto de n'uma occasião, apresentar-me no logar do supplicio, e arrancar o cutello da mão do algoz, fugindo este e o condemnado para o meu abarracamento, tendo a precaução de mandar apresentar o alfange a sua mãe, que mandando-o quebrar, avisou estar perdoado, e recolhendo-se elle ao seu aposento com ordem de ninguem lhe fallar, ordenou a execução da morte. Ainda palpitante o corpo do desgraçado, feito em pedaços, foi ali mesmo devorado pelo indicado gentio. O infeliz pediu que á pena capital substituisse a de captiveiro, que lh'o vendesse, ao que respondeu: « Quem não observa as minhas leis, quem me não respeita, menos servirá ao Maneputo! São desgraçados estes povos, e ainda mais os que estão sob as vistas do regulo; porque a mais pequena falta é punida com a escravidão, poucas vezes, e a morte, quasi sempre; pedindo elles sempre que sejam vendidos, e por isso mais felizes aquelles que conseguem, em vez da morte, a escravidão.

NOTA FINAL.

Do succedido com o regulo.

Depois do explorante ter esgotado todos os meios, que estavam a seu alcance, em virtude de ter sido encarregado para engajar por nossos alliados a todos os regulos, e mais potentados do transito até esta possessão; e tendo eu em muita consideração esta importante commissão, que tão util se torna á nação e ao commercio; e trabalhando para torna-los menos barbaros, modificando seus usos e costumes por meio de meus conselhos; tirando embaraços a que o commercio estava sujeito; fazendo caducar os crimes de adulterio, que tão perniciosos se tornavam ao negociador pela frequencia d'elles praticada pelos carregadores e famulos, destruindo o abuso de cobrarem por crimes feitos por outros, e pagos pelos que de novo vinham negociar: fixei preços em seus generos para animar o feirante, e para este tirar vantagem, visitando todos os dias o Matianvo, tendo audiencias com os seus nobres, mostrando-lhes a vantagem que lhes resultava de alliarem-se, ou avassallarem-se a Sua Magestade, a Rainha, dando-lhes offertas de valor, e fazendo-lhes ver a cegueira em que viviam, entrando a fundo em suas forças, fazendo-lhes perguntas sobre os tributos que se recebem annualmente de seus povos e potentados, para, por este meio, conhecer o redito annual, a extensão de suas terras, etc. Conseguindo felizmente entrar em todos estes conhecimentos, e engaja-lo por nosso fiel alliado, bem como a todos os seus potentados do transito, fiz com que o Matianvo apromptasse grande porção de marfim e escravos, que calculei em 10 a 12:000$000 réis, pelo preço medio, bem como destinasse um de seus filhos de 15 a 16 annos, para ser remettido a S. Ex.ª afim de educar-se.

Outro sim ordenára a todos os potentados do transito para cada um d'elles acompanhar seu filho e macotas, e receberem as ordens de S. Ex.ª; bem como fornecerem a caravana de mantimentos em toda a viagem até o fim de seus dominios. Não se passava dia algum durante a estada do explorante, que o Matianvo lhe não remettesse mantimentos, cabeças de gado, assim como refrescos e fructas do paiz, tudo em regosijo. Acontece, porém, o regulo faltar a todas as promessas, e votos de fidelidade; rebellando-se, e todo o seu estado, entra a tratar o explorante, seus interpretes, e cabos da caravana, de menoscabo: falta com seus pagamentos, ferimentos nos carregadores, já não existia aquella amizade anterior, já as queixas não são ouvidas, todos olhados com desdem, quando até aqui seus povos se não atreviam a maltratar carregador algum; porque, sendo o regulo sabedor, eram castigados rigorosamente; considerados como seus filhos, tinham ampla liberdade de poderem tirar mandiocas de suas lavras sem que pessoa alguma lhe fosse ás mãos. Entrando no conhecimento d'esses actos tão contrarios aos precedentes, descobri o seguinte:

Chegando a esta possessão um Antonio Bonifacio Rodrigues, homem pardo, natural de Bailundo, e residente em o Presidio de Pungo-Andongo, aviado de D. Anna Joaquina dos Santos Silva, bem como uma escrava d'esta, de nome Eufrozina, e outros por nomes Panzo, Mafanha e Domingos, mandados por sua senhora a esta, trazendo uma offerta ao Matianvo, constante de cassas avariadas e rotas, em retalhos, meia peça de pano encarnado, vinte covados de velludo, uma duzia de condeças de menor a maior, umas canecas e quatro pares de brincos francezes de ouro falso, toda esta offerta remettida ao regulo sem que a mencionada D. Anna tivesse escripto ao explorante, como seu socio, avisando-lhe d'esse presente, que por seu intermedio é que devia ser entregue ao Matianvo, remettendo tudo debaixo de segredo, etc.: a que fim se dirigia esta remessa não sendo por direcção do explorante?! Não quero formar juizos, a mandante que o confesse; cumprindo-me asseverar, que a algum ponto attingia esse mimo dirigido ao regulo!!

Vamos ás consequencias, que se seguiram. Os seus enviados, achando-se n'esta possessão cheios de orgulho, dizendo ao regulo, que o explorante não era ninguem, meramente um socio de sua ama, que as ordens que se haviam publicado eram falsas, que taes ordens não haviam; que em Loanda só sua ama é que tinha o direito de mandar ordens ao regulo, e a seus potentados; que a senhora de Angola era ella; que o explorante havia enganado o regulo e seu estado, para, por este meio, fazer o seu negocio e fortuna, acrescentando a escrava Eufrozina, que se o Matianvo mandasse a sua ama os seus macotas receber suas ordens, como Dembo e Alala, senhora de todas estas terras, que ella lhe dava uma peça de artilheria, visto que os Matianvos com tanta instancia a tem pedido para grandeza de seu Estado. Rasões sufficientes foram estas para o regulo se rebellar, perder o respeito ao explorante e seus interpretes, e cabos de sua caravana. O regulo ás occultas e de noite manda chamar os mandatarios, faz-lhes perguntas, se o explorante havia ou não sido mandado por S. Ex.ª com poderes para os engajar, e publicar as ordens, que lhe tinha communicado: asseveraram ser falso tudo o que eu tinha dito ao Matianvo, que elle se não fiasse, pois que só em Angola governava sua ama, como Dembo e Alala, senhora de todos estes matos. Ávista d'este desmentido, ao qual deu o Matianvo todo o credito, viu o explorante, compungido de dôr, desmoronar-se o edificio que acabava de consolidar; viu, com lagrimas nos olhos, fugir-lhe a gloria, que lhe estava preparada, conduzindo a esta Cidade o filho do grande regulo, e um como tributo dirigido a S. Ex.ª computado em 10 a 12:000$000 réis; viu, contristado, a nação perder um feudatario sem dispendio, que tão util se tornaria para o futuro, e apoz elle os outros potentados; viu desvanecidas as doutrinas pelo explorante espalhadas desde as fronteiras até esta remota região; viu definhada pelo sopro da mais perfida traição encarregada a escravos, a planta da religião, que mais tarde se ramificaria por este solo tão barbaro hoje; viu inutilisadas as instrucções do Governo, e vilipendiado o seu caracter!!! Olhados com desdem os seus interpretes, e mais cabos, e até mesmo o explorante; quando mandava cobrar do regulo e seu estado, o que lhe devem, eram descompostos, dizendo-se-lhes: «Quem sois vós? Não fostes mandado pelo Maneputo, vieram-nos enganar: Maneputo é Dembo e Alala. Os pobres dos interpretes tornavam uma vez e outra, eram despachados com a mesma resposta. Ultimamente vendo-se o explorante sem gastos para a sua comitiva d'esta para a capital, viu que o melhor expediente era ir despedir-se do regulo, e de seus nobres, e devedores, pedindo-lhes que lhe pagassem; tiveram o atrevimento, insinuados pelo regulo, de dizerem, que entregasse todas as armas e polvora, que a caravana tinha para sua defesa; e que se o não fizesse, não havia pagamento, nem caminho para a Cidade, ameaçando os interpretes com o assassinio. Assim decorreu algum tempo até que o explorante jurou morrer como homem, e não coberto de vergonha, e despresado pelo gentio. Tratou de se pôr em marcha para a Capital, tomando as medidas precisas para segurança da caravana. O regulo vendo que não lhe entregavam as armas e polvora, tratou de mandar fechar o caminho, expedindo uma força gentilica para o regulo Challa, ponto em que o explorante tinha deixado uma feitoria para compra de mantimentos, a fim de fornecer a caravana, e restabelecer os doentes, que para ali foram mandados; alem d'isso preparou-se para mandar sequestrar a caravana, e tudo que pertencesse ao explorante; porém, como não encontrasse fraqueza, tratou de recorrer a seus feitiços, incumbindo a seus Cirurgiões para que, apanhando de noite a caravana em descuido, e no melhor do somno, lhe tirasse as armas e polvora, mas não levou a effeito seu negro plano em consequencia das medidas que se tómaram; o que poz o regulo em execução, foi mandar tres pretos com duas pontinhas de marfim dizendo «que seu amo mandava aquella offerta a fim do explorante esperar alguns dias para elle lhe mandar o pagamento». Não deixou o explorante de desconfiar do presente, e dos emissarios; porém não se illudiu: comtudo das 9 para as 10 horas da noite tiveram elles a astucia de se introduzirem no acampamento, entrando na barraca, saquearam um caneco, um casaco de riscado, dois lenços, um chapéu, e uma arma lazarina sem cão; é o que poderam roubar; foram expulsos, e suas vidas correram risco, e não foram mortos por não querer dar motivos. Tem mais o explorante o dissabor de deixar ficar em poder do regulo e seu estado 418 pontas de marfim por 418 banzos de fazenda, sendo aquelle todo de lei, valor correspondente, termo medio, a 30:000$000 réis pertencentes ao explorante, e a D. Anna Joaquina dos Santos Silva, por sociedade constante de tratos commerciaes; perda, que se resultar, se deve á dita D. Anna; pois se tal offerta e quejandos mandatarios por ella não fossem a esta enviados, o regulo e seu estado tudo satisfariam, e o explorante com gloria desceria, apresentando-se a S. Ex.ª com o filho, tributo e vassallos de tão forte potentado!!!

Tocado do mais doloroso sentimento vê o explorante perdidos seus trabalhos desde 1843 a 1847; e perdida a esperança de reconquistar o animo do Matianvo, salvo se ali tornar revestido de um caracter, que faça conter o despeito do regulo, dando credito ás minhas palavras. Para esta empresa deixou o explorante sua sesmaria e escravos, deixou suas filhas ao desamparo no sitio do Bango, Districto de Golumbo-Alto, vindo achar sua casa varejada, suas filhas nuas, seus escravos foragidos pela prepotencia de sua socia!! D. Anna Joaquina dos Santos é authora de todos estes males. Para coroa-los, depois d'estes successos, os escravos de sua Socia, que tinham sido enviados ao Matianvo, deitam fogo á feitoria do explorante, podendo-se apanhar dois d'elles por nomes Mafanha e Panzo, de nação Muxi-Congos, promettendo queimar a ultima barraca, que o explorante mandasse fazer para se recolher, apanhando-o na força do somno, premeditando tambem incendiar todo o acampamento dos carregadores e famulos; attentados que concorreram a que o regulo acreditasse não ser o explorante pessoa de consideração, e que eram falsas as ordens que eu tinha publicado!! Divulgando-se a noticia de que Dembo e Alala, appellido que os pretos dão a D. Anna Joaquina, tinha mandado ao regulo um seu aviado e escravos com a offerta, cuidou o explorante logo de mandar o caixeiro Ignacio Eugenio da Silva, bem como um escravo da sua Socia, de nome Possidonio, avisa-los para que estivessem debaixo de suas ordens, e cumprissem tudo que lhes fosse dito a beneficio da negociação, e da commissão de que vinha incumbido; foram porém baldadas estas medidas, por que nem o referido Antonio Bonifacio Rodrigues, nem a escrava Eufrozina, a fiel de sua senhora, e os outros tres, mais obedeceram ao que se lhes tinha ordenado: á vista d'esta falta de respeito, e de tantos e tão graves prejuizos, que estes malvados causaram, mandados por sua senhora, espera o explorante que V. Ex.ª, tomando em devida consideração estes males, pelos prejuizos que soffre o explorante e a nação, faça, pela competente Authoridade, tomar conhecimento do succedido, capturados os tres réus que faltam; porque dois póde o explorante conduzi-los presos, sejam punidos com o rigor das leis, e o explorante indemnisado de perdas e damnos, por quem foi a causadora dos prejuizos, e pede justiça. Provincia, e Banza do Matianvo, 20 de Outubro de 1847.

Loanda, 16 de Junho de 1848.

Joaquim Rodrigues Graça.

Interpretes d'esta commissão.

André Francisco Jeronimo, natural do Districto de Ambaca, e residente na Provincia do Bihé.

Vicente Ferreira da Rosa, natural do Presidio de Caconda, e residente na Provincia do Bihé.

Manuel Francisco da Conceição e Silva, natural do Districto de Ambaca.

Gaspar Antonio Ferreira, natural de Ambaca.

Eugenio Ignacio da Silva Ferreira, natural de Ambaca.

Orçamento dos reditos que o Matianvo percebe annualmente de seus potentados.

Catende	tributa marfim,	escravos	e	fazenda	4:000$000
Cauau	»	»	»	»	800$000
Cabinda	»	»	»	»	600$000
Quibuica	»	»	»	»	2:000$000
Sinde	»	»	»	»	8:000$000
Canungueça	»	»	»	»	8:000$000
Quinhame	»	»	»	»	8:000$000
Muxima	»	»	»	»	4:000$000
Quirametondo	»	»	»	»	8:000$000
Catema	»	»	»	»	12:000$000
Musso candanda	»	»	»	»	10:000$000
Cazembe grande	»	»	»	»	8:000$000
» pequeno	»	»	»	»	4:000$000
Cacoma Mulonga Libeje	»	»	»	»	14:000$000
Quiaguelle	»	»	»	»	12:000$000
Sacambuge	»	»	»	»	4:000$000
					107:400$000

	Transporte.....				107:400$000
Quibundo	tributa marfim,	escravos	e	fazenda	2:500$000
Manzaza	»	»	»	»	2:500$000
Zabo-mutondo	»	»	»	»	2:500$000
Cassongo	»	»	»	»	12:000$000
Cabo Catenda	»	»	»	»	4:000$000
Jambo	»	»	»	»	4:000$000
Defunda	»	»	»	»	5:000$000
» pequeno	»	»	»	»	600$000
Challa	»	»	»	»	4:000$000
Mane Domingas	»	»	»	»	6:000$000
Mane Quitage	»	»	»	»	14:000$000
Mane Quininga	»	»	»	»	8:000$000
Mutombo Mucullo	»	»	»	»	8:000$000
Cananda	»	»	(anthrophagos)	»	8:000$000
Comalage	»	»	»	»	12:000$000
Caniquinha	»	»	»	»	14:000$000
Canhoca (o poderoso)	»	»	»	»	16:000$000
Cassongo das Praias	»	»	(Costa Oriental)	»	16:000$000
Cabairundo	»	»	»	»	8:000$000
Caende	»	»	»	»	12:000$000
					266:500$000

VIAGEM DE UM VAPOR AO INTERIOR D'AFRICA.

São de alto interesse as noticias que Aug. Petermann recebeu ha poucos dias sobre os descobrimentos na Africa central. Todos se podem lembrar de que em Junho de 1851, Barth descobrio um grande rio chamado Benué, isto é, *mãe das aguas*. Pela sua importancia e direcção, e segundo conjecturas antigas, devia crer-se que este rio era o Tchadda: e é isto o que acaba de ser comprovado pela navegação de um vapor, o *Pleiadas*, que partiu de Fernão do Pó, actualmente porto inglez. Este vapor tinha sahido de Inglaterra em 30 de Maio de 1854, equipado por doze marinheiros europeus, a que em Africa se juntou um certo numero de naturaes.

Este navio tornou a Inglaterra são e salvo, depois de ter subido o Kuarra (Niger), e depois o Tchadda até Yola, no paiz de Adamua.

Foi em Julho que o *Pleiadas* subio o Kuarra; a 7 de Novembro tornou a entrar em Fernão do Pó, depois de quatro mezes de navegação, e depois de ter penetrado mais 250 milhas no interior do continente Africano, do que as antecedentes expedições.

Parece resultar desta viagem que as observações do Dr. Barth situaram aquelles logares muito a E.; resultado que concorda com as observações do Dr. Vogel.

A expedição foi inteiramente bem acolhida pelos indigenas, gente pacifica e de costumes doces.

Portanto é possivel, dentro de seis semanas, sahir de um porto inglez, e chegar ao coração d'Africa, sem nada ter que temer, nem do clima, nem dos habitantes.

De 66 homens que iam no navio, nenhum morreu, e muito poucos adoeceram. Dos 118 dias que durou a expedição, 73 foram gastos na volta, donde se póde concluir que os viajantes devem ter feito grande copia de observações de toda a especie. Esta expedição abre um campo novo e vasto aos descobrimentos d'Africa; e marcará uma nova era para a exploração do paiz, para as relações commerciaes com a Europa, e para a civilisação daquelle vasto continente.

(Boletim da Soc. de Geogr. de Paris.)

Os tabacos de Argel já eclypsam os do Egypto e da Grecia: os da Hungria tem o gosto menos agradavel; os do Kentucky nem são mais finos, nem ardem melhor; e os de Maryland tem uma falta de elasticidade e um gosto amargo, que não tem os de Argel. Deste modo a França tem ao pé de si tabacos preferiveis aos da Hungria e da America. *(Idem.)*

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

ANGOLA.

EXTRACTO DA RELAÇÃO DE UMA VIAGEM Á ROÇA DOS CAVALLEIROS, EM MOSSAMEDES, PELO PRIMEIRO TENENTE DA ARMADA JOÃO FRANCISCO REGIO DE LIMA.

A Roça do Sr. Bernardino situada na encosta d'uma montanha, na margem do S. do rio *Bero* ou *Rio de mortes,* occupa a melhor posição que em todas aquellas proximidades se póde achar; pois que além de que o terreno ali se torna um pouco favoravel á cultura, aproveita a corrente de agua, unica ali no tempo das cheias, que lhe passa quasi pelo centro da fazenda; e é á falta d'ella, quando faltam as chuvas, que se deve a cultura não poder ter aquella animação que devia.

Entretanto aos esforços do Sr. Bernardino, que com tantos inconvenientes, desvantagens e falta de material e pessoal tem arrostado, se deve o haver hoje proximo a Mossamedes um engenho de moer cana de assucar, casa para cristalisar, purgar, etc., e distillador para extrahir aguardente da melhor que tenho visto, e em grau muito subido.

A roça compõe-se de um grande barracão, coberto de palha, mas perfeitamente arranjado, o qual se acha repartido ao meio, existindo n'uma das metades o engenho para moer a cana pela força de bois.

O engenho é simples: compõe-se de uma grossa barra vertical, girando sobre dois eixos nos seus extremos, a qual por meio de um systema de rodas dentadas põe em movimento tres cylindros quasi tangenciaes e dispostos a formarem os seus eixos um prisma triangular. Da barra vertical saem quatro barras um pouco inclinadas para baixo, ás quaes se ligam dois bois a cada uma, que a fazem girar, pondo em movimento todo o engenho. Os cylindros postos em movimento, introduz-se a cana por um dos lados entre elles, indo sair pelo opposto, porem reduzida quasi unicamente ao bagaço, tendo deixado o succo todo, o qual passa para uma pia que se acha inferiormente, d'onde depois passa para outras caldeiras.

Na outra metade do barracão acham-se dispostas quatro grandes caldeiras, com as competentes fornalhas, para as quaes passa o succo da cana extrahido no engenho; ahi elle toma o ponto ou consistencia necessaria, passando depois á purgação.

Em seguida a este barracão acha-se um armazem de grande comprimento, o qual dos dois lados é guarnecido de vigas, sobre as quaes se acham dispostas taboas com buracos onde se introduzem uns vasos de barro da fórma de uma pyramide conica, cujo vertice fica para baixo e no qual elles têem um pequeno orificio: estes vasos são dispostos simetricamente em alinhamentos, passando pelos orificios dos vertices de todos elles calhas que vão terminar em dois grandes tanques de pedra no extremo do armazem. N'estes vasos se deita o liquido que sáe das caldeiras, o qual ali se vae solidificando e cristalisando, saindo o melaço e mais impurezas pelo orificio, passando para a calha e dahi para o tanque. É a esta operação que dão o nome de *purgação do assucar*. Na occasião em que ali estivemos, achava-se o armazem completo de um lado, tendo muito proximamente quatrocentas arrobas de assucar a purgar; e um pouco que o Sr. Bernardino nos mostrou, vimos ser muito claro, e como não suppunhamos que se podesse extrahir logo directamente.

Em seguida á casa da purgação, passado um pequeno espaço, existe um outro armazem bastante comprido, no extremo do qual tenciona o Sr. Bernardino montar um engenho, para da mandioca fazer a farinha de pau: depois seguem-se tres casas que servem de depositos, sendo uma d'ellas onde presentemente se faz a farinha n'um pequeno engenho movido por braço de pretos: perpendicularmente a este armazem segue-se uma correnteza de casas terreas, n'um só edificio, das quaes metade servem de depositos para guardar differentes objectos, e a outra metade serve de

morada aos habitantes da roça, em quanto ella não toma uma fórma mais regular; pois que o intento do Sr. Bernardino é fecha-la em quadrado, deixando no centro uma especie de pateo: pelo lado de trás da casa que serve de morada, existe o curral que serve para o gado, com um ripado de dois metros de altura, o qual o leão não poupa, pois que segundo nos contaram ali saltou dentro algumas vezes, tornando a saír saltando pelo ripado com um boi sobre o costado.

Em seguida á morada existem uma pequena cabana para negros, e um pequeno telheiro, coberto de palha, para alojar gado durante o dia. No ponto determinado proximamente pelo encontro das linhas tiradas da casa do engenho e da cubata do gado, e pelo qual o Sr. Bernardino tenciona formar o quadrado para o completo estabelecimento da roça, está uma pequena barraca onde está o alambique destinado á distillação da aguardente. Compõe-se de um barracão onde existem tinas alinhadas de encontro ás paredes, aonde o melaço e mais succo da cana destinado á formação da aguardente se lança, e onde fermenta, e das quaes só passado certo numero de dias, dependente da qualidade do liquido, da qualidade da tina e da posição em que ella se acha, passa ao alambique, do qual se extrahe pura aguardente de 29 e 30 graus, tão clara e limpida que se poderia confundir com agua pura a não ser o cheiro activo que possue. O alambique collocado fóra do barracão é mui pequeno, e o Sr. Bernardino tenciona em breve montar um outro de muito maiores dimensões.

Como a lenha não é em abundancia, serve o bagaço ou resto que fica da cana, depois de extrahido o succo todo, para sustentar o fogo no alambique, sendo este mais um proveito que a cana póde fornecer.

Para E. da casa do engenho e deposito estendem-se por toda a margem do rio as plantações de cana perfeitamente dispostas, bem como muitas bananeiras, por um espaço muitissimo longo, tendo já em muitos lugares encanamentos arranjados para quando as aguas começam com muita força.

A povoação de Mossamedes, situada no fundo da excellente bahia d'aquelle nome, e pelos inglezes denominada *Little Fish Bay* algum incremento tem tomado depois da sua fundação, principalmente n'estes ultimos annos.

A povoação da primitiva da fundação achase quasi abandonada, hoje substituida por outra, formada proxima, separadas por uma ponta denominada a *Ponta Negra*, a qual se estende um pouco para o NO, e sobre a qual está collocada a fortaleza.

Admiramo-nos que em Mossamedes não houvesse uma igreja, pois que apenas existem tres paredes no local onde ha muito está destinado o faze-la: a fortaleza era formada de pedra solta; agora é que se lhe começaram a fazer as muralhas de alvenaria, tendo, quando ali estivemos, já prompta a cortina que olhava para o mar, com sete canhoneiras completas, tudo formado com bastante solidez, e toda a obra devida aos esforços do Capitão Leal, que ali se achava governando. Além d'isto em Mossamedes apresentam-se as difficuldades a todos os momentos; pois que quasi ao mesmo tempo falta o material e o pessoal: para a construcção da muralha utilisaram-se de dois soldados servindo de pedreiros, outro para picar a pedra, e um outro servindo de serralheiro; acontecendo, em quanto ali estivemos terem as ferramentas todas estragadas e não terem um pouco de carvão de pedra para lançarem na forja para novamente as arranjarem, valendo-lhe um pouco que nós lhe podemos fornecer. É a falta de material e pessoal, o mesmo mal de que o Sr. Bernardino se queixa para o arranjo completo da roça.

A povoação moderna compõe-se de dois alinhamentos de casas, das quaes as que estão á beira-mar são as de melhor apparencia, e passando entre ellas uma unica e principal rua; o piso é todo de areia solta, e o comprimento da povoação não excede a 400 metros. A povoação antiga formada de casas soltas, mas algumas de boa apparencia, acha-se quasi abandonada, achando-se n'ella proximo á fortaleza o logar de ha muito determinado para a igreja onde existem unicamente tres paredes, d'onde podémos concluir que ali se não ouvia missa, mesmo porque tambem não vimos um unico padre. Admiramo-nos que não exista em Mossamedes um caes ou uma ponte para desembarque, quando aliás a praia, em alguns pontos offerece boas proporções para a construcção de uma ponte, effeituando-se o desembarque ás costas de negros. A casa do Governo tambem não é das de melhor apparencia, e é coberta de palha.

A fortaleza, ainda que com a boa vontade do Governador fique completa, tem apenas oito peças muito velhas e antigas, das quaes algumas é muito arriscado o fazer fogo com ellas; além d'isso os reparos parece que em breve não poderão com a carga; addicionando-se a isto o haver entre ellas tres a quatro calibres differentes.

Ao N. da povoação e no logar onde passam as aguas do Bero acham-se estabelecidas differentes hortas, das quaes uma é do Governo, tirando-se d'ellas muito boa hortaliça e muitas frutas, algumas proprias da Europa.

A abundancia de gado vaccum e de peixe poderia ser um excellente ramo de commercio entre Mossamedes e outros logares: o peixe ali apanha-se com extrema facilidade, e em muita abundancia.

A população de Mossamedes é mui diminuta e quasi exclusivamente composta de negros, alguns brancos estabelecidos e negociando com o sertão, e um punhado de homens a que chamam soldados, formando uma uma denominada companhia, e dos quaes a maior parte são degradados enviados de Lisboa, que apenas chegados á Africa são feitos soldados, gosando os mesmos privilegios que os voluntarios, e guardando as habitações dos cidadãos livres e pacificos, que algumas vezes são roubados pelas proprias patrulhas.

COLONIAS ESTRANGEIRAS.

A ILHA DE CUBA.

Cuba, a maior ilha do archipelago americano, e que tambem se póde chamar a mais fertil, a mais seductora pelo seu admiravel clima, tinha, segundo o ultimo recenseamento (o de 1850), 945:000 habitantes; a saber, 460:000 brancos, e 485:000 pessoas chamadas *de côr;* e d'estas, pouco mais ou menos, uma quarta parte livre, e as outras tres escravas. Tem-se calculado que o augmento da população em cada decennio desde 1790 tem sido em Cuba de 29 por cento. Ora, segundo Michel Chevalier *(Histoire et description des voies de communication aux Etats-Unis)*, o augmento igualmente por decennio na União Americana terá sido de 33 por cento. Não será pois muito consideravel a differença entre os dois paizes, se se tomam em conta os immensos recursos que offerece ás emigrações o Occidente Americano; e deve accrescentar-se que Cuba póde ainda cultivar cerca de um quinto do seu territorio. É verdade que o trafico da escravatura, apezar das prohibições do Governo, ainda concorre para augmentar a população colonial. Nao sabemos que numero de pretos se poderão hoje introduzir clandestinamente: mas crê-se que em 1844 ainda entravam 10:000 pretos, e que este numero diminuindo successivamente estaria reduzido a 5:000 por 1850 a 1851. É ainda avultado. No Brazil a repressão do trafico parece ter sido mais efficaz, e de mais rapido effeito: tendo-se em 1847 introduzido 56,172 pretos, em 1851 apenas seriam 3,287.

Mas apezar da indolencia que fazem natural, e quasi diremos desculpavel, nos colonos hespanhoes, a extrema fecundidade da terra, e a voluptuosa doçura do seu bello clima, Cuba está hoje rica em officinas e estabelecimentos agricolas: em 1827 contavam-se 510 engenhos de assucar; em 1846 já chegavam a 1:442. O numero dos estabelecimentos agricolas era na primeira epocha 13:947, e na segunda deitava a 25:292. As *vegas* ou glandes, plantações de tabaco, passaram de 5:534 a 9:102. A isto devem accrescentar-se 5:542 fazendas menores; 1:670 cafetaes (aqui ha diminuição, porque em 1827 havia 2:064); 69 plantações de cacau; 14 de algodão; e 1:734 fabricas ruraes, de distillação, de curtimentos, fornos de cal, etc.

O gado vaccum apresentava 1.027:313 cabeças; e as cabeças de gado cavallar e muar eram 242:727. As minas que se conheciam na ilha chegavam a 112, sendo 86 de cobre, 7 de petroleo, 4 de prata, e as restantes de carvão de pedra e de ferro, desgraçadamente pela maior parte não laboradas. Quanto á producção d'estes mananciaes de riqueza territorial, cujo valor era calculado (com exclusão das minas) em 323 milhões *(de francos)* não podemos dar d'elle melhor idéa do que fazendo conhecer as exportações dos tres productos que por si sós constituem quasi toda a riqueza de Cuba, o assucar (de que a ilha colhe tres vezes tanto como as duas Antilhas Francezas e Bourbon reunidas) e depois o café, e o tabaco. Eil-as aqui nas duas epochas comparadas:

	Media de 1841-45.	*1852.*
Assucar......	248 milhões de kil.	282 milhões
Melaço.......	62 »	100 »
Café.........	15 »	$8\frac{1}{2}$ »
Tabaco em folha	3 »	$4\frac{1}{2}$ »

Como se vê, só o café tem diminuido, e póde presumir-se que esta producção continuará ainda a diminuir em vista da cultura mais productiva da canna. Muito diversamente acontece com a cana e o tabaco, devendo addicionar-se aos quatro milhões e meio de tabaco em folha que sairam de Cuba em 1852, 181.610:000 charutos, e 1.847:000 caixas de cigarrilhas. Tal é a enorme quantidade de tabaco, que Cuba manda para todas as partes do mundo. Julgue-se agora da extensão

de campos que é necessario cultivar de *nicociana*. Quando ha hoje exactamente trezentos annos, João Nicot mandava a Catharina de Medicis as primeiras amostras de *petum* colhidas em Cuba, mal podia elle prever o successo d'este acre vegetal, então só querido dos selvagens, e hoje, quanto parece, inseparavel da civilisação... E ainda se deve notar que esta grande exportação de Cuba não impede de sorte alguma que Hamburgo e Bremen aproveitem a grande reputação do «Havana puro» para deitarem ao mundo igual quantidade de tabaco allemão ou hungaro; perfeitamente empaquetado em caixas imitando escrupulosamente as hespanholas, e com o competente letreiro das fabricas de Havana. Que maravilhosa cousa é a confiança!

Se ao assucar, ao café, ao tabaco, ao melaço, se juntarem 25 a 30:000 toneladas de mineral de cobre, 2 a 3 milhões de pau de Campeche, de cedro ou de mogano, 50 a 55:000 hectolitros de rhum, teremos quasi toda a exportação de Cuba, que em geral, e só com a excepção do café, como vimos, tem mais que dobrado nos ultimos vinte annos. Vejamos agora o valor das trocas.

A media do quinquennio de 1826-1830, do commercio externo de Cuba, que se concentrava principalmente nos portos da Havana, de Santiago e de Matanzas, dava, exportações e importações reunidas, um total de 152 milhões de francos; dez annos depois, isto é, a media do quinquennio de 1836-1840, appareciam já 217 milhões; outros dez annos depois (1846-1850) eram 282 milhões; e finalmente em 1852 eram 309 milhões; isto é cerca de um quinto do commercio dos Estados Unidos. É pois em vinte ou vinte e dois annos um augmento de mais do dobro. É a metropole, a Hespanha, que colhe o maior lucro d'este commercio?—Não é isto o que se vê: posto que a bandeira nacional gose de privilegios, pois que só ella faz a communicação entre Cuba e a mãe-patria, a somma das transacções que fizeram em 1852 não passou de 76 milhões. É apenas um quinto da totalidade; e por consequencia os estrangeiros gosam os outros tres quartos. Os Estados Unidos apparecem em primeira linha, 110 milhões em 1851, 95 em 1852, sendo dois terços exportações de Cuba; depois seguem-se a Inglaterra e a Allemanha; e depois a França com 45 a 50 milhões, em que entra Porto-rico, a segunda das Antilhas hespanholas, e que sem igualar a importancia de Cuba, é tambem de grande riqueza e de notavel fertilidade.

Cuba é um importante mercado para generos francezes, vinho, sedas, metaes, luvas, perfumarias, etc.: e os Francezes tem nas ilhas 80 a 100 estabelecimentos importantes, rodeados de uma especie de colonia de homens laboriosos oriundos dos Departamentos visinhos de Hespanha. Mas em commercio e industria, é força reconhece-lo, os Estados Unidos têem em Cuba uma incontestavel preponderancia. São elles quem depois de Hespanha faz maior numero de transportes navaes: de 911:695 toneladas transportadas, tinham elles de 444:389, ou perto de metade; de 499 embarcações entradas em Matanzas, 323 tinham bandeira americana; em Cardenas eram 380 de 414, ou 91 por cento. É a bandeira americana que exporta a maior quantidade do assucar, do café, e do tabaco da Ilha; e por isso é quem tambem leva a maior quantidade de farinha, de bacalhau, de carnes salgadas, quinquilherias, machinas, e generos de mercearia; e igualmente, cousa muito importante, os mais habeis contra-mestres, os mais perseverantes agricultores, e os melhores operarios que empregam as numerosas officinas e granjas da colonia: emfim, é ás casas americanas, estabelecidas em Cuba, especialmente no litoral do norte, que a ilha deve mais a sua actividade commercial: além de vivificarem o paiz communicando-lhe o espirito de especulação que fórma o fundo do caracter do *Yankee*, facilitam a entrada na ilha aos carpinteiros, serralheiros e outros artistas da *Federação*, os quaes, graças á visinhança e á frequencia das passagens, podem facilmente ir e demorarem-se na ilha os seis ou sete mezes do maior trabalho; e não tendo necessidade de levarem as suas familias se contentam com salarios menos elevados. É por isto que sem artilheria, sem soldados, nem diplomaticos, se faz em Cuba uma invasão da raça americana; invasão pacifica, mas, mais que nenhuma outra, certa da sua conquista, a melhor, e certamente a mais legitima de todas as invasões, pois que é a da intelligencia e do trabalho.

CHEMIN DUPONTÈS.

(Annuaire de l'Economie politique et de la Statistique pour 1855.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

Damos n'este numero dos *Annaes*, diversos documentos de muito interesse.

São os primeiros, dois relatorios sobre os progressos e estado da colonia de Mossamedes. Não são noticias recentissimas; pois têem já alguns mezes de data, mas nem por isso merecem menos ficar estampados n'esta publicação, que deve conter as memorias e noticias que de qualquer fórma possam servir para a historia das Provincias Ultramarinas, e muito especialmente para a historia dos trabalhos e estabelecimentos que têem por fim introduzir a civilisação nas regiões Africanas. A sorte de Mossamedes chama, e com rasão merece, a attenção de todos os que se interessam na prosperidade das nossas Provincias Ultramarinas: pois como dizia em 1850 ás Côrtes o Ex.^{mo} Visconde de Castellões no relatorio que lhe fez em 15 de Março: «Póde dizer-se que «ainda se não havia emprehendido nas nossas «Provincias d'Africa, ao menos nos tempos mo-«dernos, uma colonisação com tantos elemen-«tos de prosperidade e progresso; assim pelo «numero e qualidade dos colonos, como pelos «auxilios prestados pelo Governo.»

Segue-se a noticia de uma viagem executada por uns mouros, de Benguella para Moçambique (em direcção a Cabo Delgado, segundo parece), pelo interior de Africa.

É verdade que esta noticia pouco mais declara do que o nome das povoações que successivamente encontraram: comtudo como dá alguma idéa da importancia d'essas povoações, e estas estão designadas segundo a ordem da viagem, estamos certos que será vista com muito interesse por todos os apaixonados pelos estudos geographicos, e mais ainda pelos que desejam os descobrimentos do interior da Africa em auxilio da prégação do Evangelho, e para augmento do commercio e das relações de amisade entre todos os povos do mundo, com a extincção não só do trafico de escravatura, mas tambem de toda a escravidão em todas as regiões do globo.

Damos por fim as bases para uma *Sociedade da propagação da Fé e da Colonisação e Civilisação no Ultramar*. Entendemos que não deviamos demorar mais a publicação de tão agradavel noticia, não só porque uma tal instituição é verdadeiramente um acontecimento importantissimo, e que levada a effeito ha de produzir grandes resultados, e assegura, por assim dizer, os continuos progressos das nossas Possessões, tanto na ordem moral como na economica; mas tambem porque podemos asseverar, que posto que a Sociedade não esteja ainda legalmente organisada, as bases estão assignadas por um grandissimo numero de pessoas das mais elevadas cathegorias da ordem ecclesiastica, politica, litteraria, etc. bastando aqui mencionar, o Em.^{mo} Cardeal Patriarcha de Lisboa, o Ex.^{mo} Duque de Saldanha, e mais membros do Governo, e muito grande numero de Pares e Deputados.

Vê-se pois, que é instituição séria, importante e respeitavel, por qualquer lado que se considere: e por isso nos pareceria faltar ao nosso dever se omittissemos esta noticia, ou não consignassemos um documento, que, ao mesmo tempo que serve para nutrir bem fundadas esperanças da prosperidade e da progressiva civilisação das Provincias Ultramarinas, mostra com toda a evidencia qual seja o modo como hoje em Portugal se encaram as questões que respeitam ás nossas relações com aquellas Provincias.

COLONIA DE MOSSAMEDES.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. = Em 10 de Janeiro do anno passado dei a V. Ex.^{a} uma resumida noticia d'este districto, e uma idéa das vantagens agricolas e commerciaes, que d'elle se podiam tirar. Com mais anno e meio de experiencia e observações, pouco tenho a accrescentar, a não ser o augmento que tem tido a cultura, e o maior numero de braços que a ella se dedicam.

É certo que fazendo Benguella a Mossamedes uma guerra declarada, e mesmo Loanda, devem ter havido noticias desfavoraveis d'este districto; mas por mais que digam e façam, já estão lançados fundamentos que não será facil destrui-lo.

Bem vejo que para invejosos é arduo ver que terras que têem tres seculos e meio de existencia, nunca mostrassem saber dedicar-se, senão ao vil trafico, mormente Benguella, onde tem bons terrenos nos Dombes Grande e Pequeno, para algodão e mandioca, e na Catumbella até ao Lobito, para plantações de cana: ora é preciso desculpar com a insalubridade, que torna mais os habitantes de Benguella uns desertores de cemiterio, do que homens vivos: condemna-os a uma necessaria indolencia, que os faz limitar a lhe trazerem a casa as mercadorias, para ahi as trocarem ao gentio por escravos e outras mercadorias. Ora, como o maior commercio do sertão de Benguella é o trafico, porquanto os povos do Nano têem por profissão as guerras, que eu chamo correrias, em que escravisam quantos pretos de todas as idades e condições apanham, por isso tambem o maior commercio é a escravatura, e a prova é, que ha bem pouco tem feito quatro embarques, não o podendo obstar o actual honrado Governador.

Queixa-se Loanda e Benguella de que Mossamedes lhe fica muito caro, isto em rasão da prestação mensal que para aqui mandam para sustentar a tropa e empregados: tal dito, que se ouve repetir todos os dias, faz rir de taes capacidades: muito sinto que V. Ex.ª não julgasse opportuno fazer com que aqui se creasse uma alfandega, como lembrei nos apontamentos sobre Mossamedes, e que, só constasse de Director, Escrivão e Thesoureiro, a fim de demonstrar que Mossamedes não só não carecia de prestação; mas a daria maior. É muito engraçado perceberem os reditos pelas alfandegas, e julgarem grande favor pagarem aos empregados: mas creia V. Ex.ª que apenas mandam para Mossamedes o que absolutamente não podem deixar de mandar; e para que se não diga que fallo sem fundamento, ahi vão factos.

Manda o Governo dezoito ilhéos para a Colonia de Mossamedes, chegam a Loanda, dão-lhe outra direcção, e qual o resultado? Muitos morreram, e o resto me dizem que lá voltaram para as ilhas para dizerem aos seus concidadãos: «Nada de irem para a Africa, que aquillo lá é um inferno:» e com rasão, e a causa d'isto foi não virem para o seu destino; e teriamos mais dezoito braços no trabalho. Agora hão de custar a conseguir.

Outro facto bem recente. Manda o Governo quatro peças montadas para Mossamedes. Vem no *Moçambique;* passa com ellas por aqui, não as quer deixar o Commandante, leva-as para Loanda, e até agora, que já lá vão quatro mezes, nada de peças que é para Mossamedes. Pois saiba V. Ex.ª que era tal a necessidade, que este Governador evita, e com rasão, salvar, pois é rara a vez que ha salva, que não aconteça desgraça; tal o estado de umas peças que existiam n'uma historia a que até agora chamavam fortaleza de S. Fernando: digo que até agora, porque já começa a ter essa feição. O actual Governador Fernando da Costa Leal, que aqui está ha quatro mezes, logo debutou o seu governo com uma obra, que o ha de immortalisar. O arranjo da caserna da companhia, e da secretaria, feita no seu tempo, é bem boa obra, mas não se póde comparar com a bateria que leva quasi prompta de pedra de cantaria para o lado do mar: é obra de vulto, e se em quatro mezes com bem poucos recursos tem já este serviço, se o habilitassem, dava prompta a fortaleza em um anno; mas que? Lá vae outro facto. Pediu para Loanda, onde ha uma companhia de sapadores, que lhe destacassem para aqui dois pedreiros e dois carpinteiros, que tinha começadas obras, e que carecia de artistas: até agora, nada de virem: ora, se se avaliassem os serviços que faz um empregado de tal ordem, deviam anima-lo, pois saiba V. Ex.ª que além de uma pequena gratificação dada aos operarios, não faz outra despeza; e assim teremos uma obra de valor sem custar aos nove contos, como custou uma pessima barraca, chamada Antiga Regencia: e eis-aqui em que Mossamedes tem ficado caro, mas que culpa tem elle d'estas comedelas? (perdoe-se-me a expressão, mas é a mais propria).

Ainda outro facto. Já V. Ex.ª está informado de que aqui ha falta absoluta de madeiras, e como se me metteu em cabeça levantar um engenho, que não sendo uma obra que admire, para o local, é alguma cousa; preveni o governo geral no tempo da administração de Antonio Sergio, das madeiras de que carecia, e fiz a requisição d'ellas no tempo da administração do Graça: e sabe qual foi o resultado? Mandaram-me um pedaço de um mastro velho, que não dava a grossura, e que para d'elle fazer um gigante ou estilete, foi preciso compo-lo de vinte e sete peças, para o que gastei mais de tresentos mil réis, não prestando para nada, porque careço de arranjar outro. Dou por testemunha o ex-Governador Botelho, que foi bom Governador, e que como era trabalhador, e foi no seu tempo que ultimei o engenho, no que me auxiliou bastante, sabe bem avaliar as difficuldades com que luctei.

Muito deve Mossamedes ao dito Governador, pois que tirou a administração de um cahos:

durou pouco, e o mesmo agouro d'este, que é tão zeloso, como Botelho foi pela fazenda, e tão trabalhador como elle; muito habil e intelligente em dirigir obras, fazendo os riscos com perfeição. É um habil engenheiro. Obste V. Ex.ª a esta continua mudança de Governadores, que é um mal incalculavel. Ainda nem conhecem o districto, e logo vem outro a quem acontece o mesmo.

Ora é preciso dizer que não mandou o governo geral só o pedaço do mastro velho, falle-se a verdade, tambem mandou tungas, meias vigas e taboas para a casa de purgar, as quaes chegaram para metade, e já requisitei mais no tempo da administração do Visconde do Pinheiro.

Agora requisitarei um pau para o novo gigante.

Não enfadarei mais a V. Ex.ª com outros factos; direi do estado da Colonia, e de suas necessidades.

Bem era de esperar que os elementos com que começou a Colonia, isto é, os braços vindos do Brazil, quasi todos costumados a medir covados de chita, haviam de custar a acostumar ao trabalho; mas eu que previa isto, deixava fallar, e ía continuando na lucta, trabalhando sem resultado, de fórma que me constituí n'uma posição má, esgotando todos os meios; mas nem assim desanimei; e quando vi que o desalento desamparava o Bumbo, que julgo de interesse, lá fui, e á custa de sacrificios o sustentei até ao ponto, em que elle começava a prometter utilidade. Felizmente os sacrificios aproveitaram, pois bem podia te-los feito com mau resultado.

A Colonia já tira a subsistencia do seu trabalho, e começa a dar utilidade. Os colonos, que logo desde o principio começaram a dedicar-se ao trabalho, estão hoje bons agricultores, e vão tangendo a enchada menos mal, muitos dos que abandonaram a cultura voltaram para ella, porque viram que os seus companheiros se iam arranjando bem; uns que ainda viviam no districto, outros que regressaram de Benguella: portanto cresceu o numero dos braços, que é o que constitue a riqueza: e não só se augmentou no numero de braços brancos, mas tambem pretos, porquanto alguns colonos já com o producto da agricultura têem comprado escravos.

Durante este anno levantou-se o primeiro engenho=Purificação da Lucta=Foi a fortuna sairem bons os seus laboratorios. O engenho começou a moer no dia dois de Fevereiro, que foi justamente quando devia ter acabado; por quanto a cana tinha passado o seu estado de maturação; e apertada com o sol começou a fermentar, e assim uma dava mau assucar, outra nenhum: esta primeira safra foi perdida. Fiz esforços; mas não pude conseguir primeiro que o engenho moesse. Este anno promette ser pouco favoravel: as chuvas carregaram para o norte; entretanto ha muita cana plantada, e vae-se desenvolvendo.

N'este mesmo anno já foram para o Bumbo as peças mais pesadas do segundo engenho. Ha ali bastante cana, e por estes seis mezes deve começar a moer-se.

Ha um terceiro engenho a levantar-se, e conviria colloca-lo na Boa Esperança, (local onde estão mais colonos estabelecidos); todos têem mais ou menos cana, de fórma que daria ali que fazer a um engenho. Estou cansado, porém ainda me obrigaria a ir levanta-lo, uma vez que V. Ex.ª fizesse determinar ao governo geral que me enviasse seis vigas de sessenta e cinco palmos de comprido; podiam vir do Principe; quatro traves de trinta e cinco palmos para almanjarras, de sucupira, de silveira ou tacula; um pau de dezoito palmos de comprido e tres de diametro para o gigante, trinta meias vigas de mangue, seiscentas tungas, quatro mil varas de bordão e duzentos labões para a casa de purgar.

Á excepção das vigas e tabuões, que servem, em tendo quatorze a quinze palmos de comprido e tres quartos de palmo de bitola, é facil ao governo geral a remessa da outra madeira.

A povoação de colonos, onde carece levantar-se o engenho, dista d'este engenho quasi duas leguas, de fórma que não é possivel virem cá moer, ou se possivel, muito difficil e de nenhuma utilidade.

Outra necessidade é, no caso que se levante o engenho, vir um alambique, que leve de liquido a sua caldeira mais de pipa. Na Colonia veiu só um que vae para o Bumbo; aquelle de que me estou servindo, e é pequeno, comprei-o.

De grande conveniencia era uma Colonia militar de cem praças, homens pela maior parte casados, na Huilla; devia d'ahi vir já organisada, e com dois officiaes, melhor se fossem casados; e trazer seis a oito campinos do Alemtejo, entendidos de creação de cavallos, a fim de ali se montar uma caudelaria, no terreno das Zebras, Huilla e Humpata: trazendo pedreiros, carpinteiros e bons ferreiros, que ha ali muito ferro. Se V. Ex.ª ali creasse esta colonia com uma caudelaria, veria em bem poucos annos florescer a nossa Colonia de Africa, que hoje se julga nada valer. A falta de animaes cavallares e de carga causa um grande transtorno ao commercio, á agricultura e ás commodidades da vida.

Outra necessidade é a creação da Alfandega: é preciso tirar Mossamedes da tutela, sem o que pouco póde florescer Mossamedes, cujo districto é o unico ponto da costa de Africa, onde progride a raça branca, e até com bellas figuras, onde se gosa boa saude, e onde a producção é bem soffrivel.

Ha outra necessidade urgentissima, e vem a ser: a remessa de um bom cirurgião, e de um bom sacerdote, medico para a alma e para o corpo. É preciso que se acabe a igreja, e se faça o cemiterio, mas d'isto trata o Governador; e se lhe mandarem artistas, em breve veremos uma e outra cousa promptas.

Parece-me que já tenho sido bastante extenso, e em linguagem bem enfadonha, por pouco limada; porém, o meu interesse, é que V. Ex.ª me entenda, pois estou convencido de que deseja, como eu, que Portugal, a nossa Patria, floresça, o que não é possivel sem colonias, que rendam.

Esqueçamos a perda do rico Brazil: tornemo-nos ao que resta, e eduque-se de melhor fórma, para o que muito urgente é uma reforma na organisação militar, e que .... e quejandos não governem districtos. Ficará para outra occasião algumas reflexões, que ousarei fazer a tal respeito, pois já V. Ex.ª estará mais que enfadado de me aturar. Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos.=Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente do Conselho Ultramarino. Engenho Purificação da Lucta, 5 de Julho de 1854. =*Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.=Com effeito chegaram as duas machinas de descaroçar o algodão: uma no seu estado de perfeição, outra inutil, porque lhe faltam as duas rodas motrizes. Não posso deixar de agradecer a V. Ex.ª esta remessa; pois ha muito que tinham chegado a Lisboa, e não tinham sido remettidas.

Creio que V. Ex.ª se dará por bem pago com a noticia que lhe vou dar. Por mais que prégasse que tratassem de plantar algodão, que era de prompto a salvação d'esta Provincia, por quanto sendo carga de volume substituiria a urzella, que ia diminuindo, e assim continuariam a vir navios com commercio licito, e tirando-se do algodão muito maiores vantagens, ninguem se resolvia: chegaram as machinas, e sem mais argumentos logo surgiram plantadores, de fórma que até agora offerecia e mandava sementes, agora vejo-me perseguido por ellas. Muitas vezes está o movimento em uma pequena força.

Devo dizer a V. Ex.ª que o preço das duas machinas é de tresentos e trinta mil novecentos e cinco réis fortes, segundo avisa o Ex.^{mo} Ministro da Marinha, o que me não fez pasmar, mas o frete para Loanda isso é lesão enorme, pois o aviso é de cento e dezesete mil novecentos e vinte e cinco réis.

Aqui ha engano sem duvida, pois a machina que veiu sem rodas motrizes não tem o volume de uma pipa, nem o peso: a outra não chega ao volume e peso de duas pipas, e assim a muito estender o frete não devia ser mais de trinta mil réis. Se eu estivesse muito rico não faria caso, mas estou ainda bastante empenhado, como é de presumir: sou o primeiro emprehendedor, e me tem sido préciso crear tudo.

A cultura vae em notavel progresso, supposto que o anno não foi lá muito favoravel; mas já a arte vae substituindo.

Felizmente não transtornou Mossamedes o infame trafico, o que bem podia acontecer em rasão de ao norte do districto se fazerem embarques, em que foram escravos e donos das feitorias de urzella: a visinhança do mal podia pegar-se, e sempre creio que houve algumas vistas nos traficantes, pela acintosa opposição que tem feito ao actual Governador, o qual não lhes tem deixado pôr pé em ramo verde: medidas energicas e bem combinadas tem-lhes tirado toda a esperança, se é que a tinham, mas em troca tem-n'o atormentado. Elle tem genio forte; é novo, e é a primeira vez que governa, e por isso se afflige, porque persuadido que só faz o bem, contava com geral apoio. Está descontente e quer pedir a demissão: mas não lh'a devem acceitar. Está novo, que trabalhe.

Além de ir administrando menos mal, tem já concluida a bateria da fortaleza sobre o mar, toda de cantaria, e com quatorze canhoneiras: denominou-a bateria *Pedro V.*

Vae uma boa obra.

Devo francamente dizer a V. Ex.ª, que sem se acabar com o trafico, por certo não cresce esta Provincia, e por isso lhe rogo que solicite medidas repressivas as mais energicas e fortes, mesmo d'essas que os traficantes chamam despoticas e arbitrarias. Creia que esta Provincia está difficil de governar, e que é um escôlho em que hão de naufragar todos os funccionarios, mormente os Governadores Geraes, pois ou elles se oppõem ao trafico, ou são coniventes com elle; se se oppõem, ahi têem a intriga e opposição geral; se são coniventes, ahi têem os inglezes pela prôa.

A respeito de inglezes ouso dizer a V. Ex.ª, que ou o Governo portuguez de seu motu pro-

prio emprega medidas para acabar com o trafico, ou é obrigado a emprega-las pelos inglezes, e assim teremos a soffrer mais essa injuria, e é bem feita, pois é immoral e degradante um tal trafico. Creio que está nomeado Governador Geral o Governador de Benguella: é optima escolha; mas nada de interino. Sendo nomeado Governador Geral, e com carta branca para acabar com o trafico, estando aqui Governador o actual, e mandando um com honra e intelligencia para Benguella, lembro o Botelho, que d'aqui saiu, creia que acabará o degradante commercio.

Sei que já a estas horas se ha de ter forjado uma grande intriga contra Amaral, pois como é honrado e intelligente, não o querem ver Governador Geral, nem pintado, mas muito póde V. Ex.ª para que o Governo de Sua Magestade leve a cabo esta medida.

Um empregado que me parece bem bom, e que hoje é regente do Golungo Alto, é Antonio do Canto e Castro. Veiu aqui syndicar do Botelho, e o olhei honrado, muito intelligente, e de uma sagacidade pouco trivial.

N'esta mesma data me dirijo ao Ex.^{mo} Ministro da Marinha, accusando a recepção das machinas, reclamando pelo exagerado frete, e pedindo que o pagamento seja feito em Lisboa, onde é o mercado do algodão, e não em Loanda. Fique V. Ex.ª certo de que em Outubro é que começa a colheita, e que o primeiro algodão d'essa primeira safra é para pagar as machinas. Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho Ultramarino. Engenho Purificação da Lucta, em Mossamedes, 27 de Agosto de 1854. = *Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro.*

VIAGEM DE BENGUELLA A MOÇAMBIQUE.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. = Aos 12 de Novembro chegaram a esta Capital alguns Mouros, Negociantes, que em 9 de Junho de 1853 saíram de Benguella, sendo portadores de um Officio do Governador de Angola: com elles saíu de Benguella Antonio Francisco da Silva Porto, que ficou em Cutonge, depois de cento e sete dias de jornada: é para lamentar que em toda a jornada não podessem ser acompanhados por uma pessoa instruida, porque d'elles poucos esclarecimentos se podem obter; encontraram grandes povoações e agasalho em toda a parte, tiveram a passar quatro grandes rios, para o que fizeram jangadas; encontraram algumas povoações, onde o marfim quasi que era despresado; é isto pouco mais ou menos a meia jornada, principalmente na povoação *Chamupá* na margem direita do *Charnuriro*, rio grande e que não dá vau; ali abunda o mantimento, e os habitantes são de trato docil, e têem bons gados. Remetto o Itinerario que deram sem que se podesse obter esclarecimentos. Deus Guarde a V. Ex.ª Moçambique, 27 de Dezembro de 1854. = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = *Vasco Guedes de Carvalho e Menezes.*

Roteiro das terras e rios que encontraram os Mouros que atravessaram o Continente desde Angola até Moçambique.

Dia em que saíram de Benguella .	Em 9 de Junho de 1853.
Direcção que tomaram	Sul.
Dia em que saíram de Cutonge...	Em 22 de Setembro de 1853, passaram o rio Nambuate, e caminharam por uma encosta de matos fechados á margem esquerda. Terreno fertil.
Evianda....................	Gastaram tres dias.
Nameliö....................	Pequena povoação.
Namecaque	Rio fundo, 100 braças de largo, corre de norte a sul, suas margens são planas e cultivadas.
Inane	Pequena povoação.
Metondo	Idem. Poucos moradores.

Chontongo	Pequena povoação, poucos moradores.
Molonde	Idem.
Nuhete Cassilura	Idem.
Luana	Idem.
Rio Tuanhete	Dá vau.
Poinge	Povoação pequena.
Mussangue	Idem.
Cambira	Idem.
Hate	Idem.
Macomba	Poucos moradores.
Mulugane	Mato. Tiveram falta de agua.
Ohcoingo	Rio grande—Chamoriro—corre com direcção sul.
Chamopa	Grande povoação, muito mantimento, e terras cultivadas.
Haycolom	Povoação ordinaria.
Pacapiço	Rio pequeno.
Mecomalache	Idem.
Tagumbe	Pequena povoação.
Pasmube	Idem.
Xambia	Mato.
Cartacorbo	Povoação.
Ococalhe	Idem.
Hobambe	Idem.
Coguem	Povoação pequena.
Ponhina	Idem.
Laquié	Idem.
Muiasse	Idem.
Vicicú	Idem.
Pacacello	Idem.
Capane	Povoação.
Rumbue	Idem.
Guiner	Idem.
Coimba	Povoação grande, terras cultivadas, e bastante mantimento
Cocussilmba	Povoação.
Oramba	Idem.
Rupachasse	Idem.
Pansuanrba	Povoação, e terra bastante cultivada, mas os habitantes são muito ladrões.
Corimba	Rio. Dá váu.
Sund	Idem.
Paringa	Povoação de Muizas. Não acharam de comer.
Semdá	
Pacalem	
Chuma	
Musambe	
Quelebia	
Rusanga	Todas estas terras são habitadas, e cultivadas por Muizas; têem muita gente, e em geral hospitaleira e boa.
Mataracuens	
Mussana	
Timbore	
Pararo	
Ruangua, rio grande	
Runga	Povoação pequena.
Cambille	Idem.
Muito	Mato.
Quicusse	Povoação com muita gente.
Tumbuca	Mato.
Utura	Povoação com muita gente e muitos gados.
Patuama	Idem, idem.
Tagume	Idem, idem.

Uamache	Povoação pequena.
Tabiá	Idem com pouca gente.
Tambuca	Idem.
Muache	Idem.
Cocassura	Idem.
Moache	Idem.
Caiora	Idem,
Utumbuca Pambraculima	Tem bastante povoação e mantimento em abundancia.
Utumbuca Modóne	Não tem povoação; tem rio. Demoraram-se um dia.
Nhaça Buhá	É povoação, tem pouca gente, muito mantimento. Demoraram-se um dia.
Nhaça Pamucamba	Idem.
Nhaça Paherere	Idem.
Nhaça Pamira	Idem.
Nhaça Pachicoca	Idem.
Nhaça Pacamonga	Idem.
Nhaça Paquasi	Idem.
Nhaça Paquasi	Povoação grande, tem muita gente, mantimentos, combateram-se 9 dias, mataram 65 pessoas, e ficaram 8 feridos, perdendo elles tambem que lhe mataram 3 pessoas.
Nhaça Pachámonga	Tem povoação.
Nhaça Pomoro	Idem.
Nhaça Mamutamlarasa	Idem.
Nhaça Pamunabombi	Idem.
Nhaça Papache	Idem.
Nhaça Pamacouba	Idem.
Nhaça Pacafurmira	Idem.
Nhaça Passifuri	Idem.
Nhaça Chamuconde	Idem.
Jana Pacamussicusa	É povoação, tem muita gente.
Jana Passimororo	Idem.
Jana Pamudicula	Idem.
Jana Pajimucudo	Idem.
Jana Paruere	Idem.
Jana Pamuganbo	Idem.
Uvuma	Idem, com muita gente.
Maconde	Povoação, e muito mato.
Miquindane	Povoação, muita gente (mouros) onde existe uma grande Mesquita (Igreja).
Mucimbua	Povoação com muita gente boa.
Ibo	Idem.

SOCIEDADE DA PROPAGAÇÃO DA FÉ, DA COLONISAÇÃO E CIVILISAÇÃO NO ULTRAMAR.

Artigo 1.° Instituir-se-ha uma sociedade, que será denominada =*Sociedade da Propagação da Fé, e da Colonisação e Civilisação no Ultramar.*=

Art. 2.° Será composta de todos os individuos nacionaes e estrangeiros que se inscreverem como sociös, pagando a quota mensal de sessenta réis, ou aquella com que, além d'esta, quizerem subscrever.

Art. 3.° A séde da assembléa e direcção geral será estabelecida em Lisboa, e haverá commissões filiaes e correspondentes nas capitaes dos districtos administrativos do continente do reino e ilhas adjacentes, das Provincias Ultramarinas, e das do imperio do Brazil; e onde mais convier.

Art. 4.° Cada uma d'estas commissões filiaes e correspondentes nomeará um socio residente em Lisboa, o qual juntamente com os socios installadores formarão a assembléa geral.

Art. 5.° Os fins da sociedade são:

1.° A propagação da fé e moral christã, catholica, apostolica romana, nas Provincias Ultramarinas.

2.° O estabelecimento de colonias agricolas nos logares mais convenientes do Ultramar.

3.° Promover a extincção da escravatura e os melhoramentos materiaes e moraes das classes pobres e desvalidas, que mais careçam de instrucção, soccorros e protecção.

Art. 6.° A sociedade empregará os meios justos possiveis e mais convenientes.

1.° Para habilitar competentemente, e enviar Sacerdotes sabios, virtuosos e zelosos do serviço de Deus e da salvação das almas, que possam ser empregados pelos respectivos Prelados Diocesanos do Ultramar como professores de seus seminarios ecclesiasticos; como parochos das Colonias que se estabelecerem, ou de outras povoações e territorios que d'elles careçam; e como missionarios e cathequistas, que zelosamente procurem a conversão dos infieis e a instrucção religiosa, moral e civil dos christãos das Possessões Ultramarinas ou territorios do padroado da Corôa Portugueza.

2.° Para edificar e prover do necessario as igrejas parochiaes das colonias, ou parochias, que for necessario erigir de novo.

3.° Para enviar a cópia possivel de livros lithurgicos, cathecismos e bons compendios de doutrina e moral christã, e de instrucção primaria, para, de accôrdo com os respectivos prelados, serem gratuitamente distribuidos pelas parochias mais necessitadas.

Art. 7.° A dotação da sociedade será formada:

1.° Do producto da quota mensal de cada socio.

2.° Dos donativos voluntarios que qualquer socio offerecer, indepedentemente da sua quota.

3.° Das doações ou legados que os individuos pertencentes, ou não, á sociedade fizerem.

4.° Dos donativos feitos em reuniões publicas ou particulares, e productos de reprepresentações theatraes, concertos, etc.

Art. 8.° As colonias agricolas serão compostas das classes dos desvalidos e indigentes do reino e ilhas adjacentes, que forem activos, robustos e laboriosos; bem como das familias e individuos de que trata o artigo 10.° d'este projecto.

Art. 9.° A sociedade proverá os colonos de transporte e comedorias, de casas e moveis, vestidos, mantimentos, facultativo e remedios, e de instrumentos, machinas e utensilios de lavoura, sementes, gados e mais animaes domesticos; procurará obter-lhes a concessão de terrenos, e lhes fará dar instrucção pratica de agricultura e economia rural.

Art. 10.° As administrações dos asylos ou quaesquer outros estabelecimentos de beneficencia publica, e as pessoas caritativas serão admittidas a contratar com a sociedade para assegurar o estabelecimento de alguma familia ou individuos, concorrendo com a quota que entre ellas e a mesma sociedade for convencionada.

Art. 11.° Para dar prompto desinvolvimento á organisação da sociedade é formado um centro installador, que será composto dos subscriptores abaixo assignados, a quem incumbe principalmente a nomeação das commissões filiaes e correspondentes, promover assignaturas para a mesma sociedade, e constituir a assembléa geral, logo que o julgar possivel, em conformidade com o artigo 4.°

Art. 12.° A assembléa geral deverá coordenar os estatutos da sociedade, para serem submettidos á approvação do Governo.

BIBLIOGRAPHIA.

Publicou-se a obra intitulada=*O Muata Cazembe e os povos Maraves, Chevas, Muizas, Muembas, Lundas e outros da Africa Austral.* —Diario da Missão Portugueza commandada pelo Major Monteiro, que foi dirigida áquelle grande Imperador, e que percorreu as terras dos ditos povos em 1831 e 1832.=Redigido pelo Major Gamitto, segundo Commandante da expedição.

Esta obra forma um volume em oitavo grande de mais de 500 paginas, e contém um consideravel numero de estampas que representam o Muata Cazembe dando audiencia aos Portuguezes; alguns individuos das diversas nações de que se falla no Diario; varios instrumentos de musica, armas, habitações e differentes objectos mais. É acompanhada de um mappa itinerario do paiz percorrido pela Expedição entre Tete e Lunda, e de alguns Appendices contendo vocabularios de linguas cafriaes, e outras noticias interessantes: e encontram-se n'ella muitas informações novas sobre a geographia e os costumes dos povos que habitam esta parte da Africa.

Acha-se na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.° 8.—Preço 1$000 réis.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

SERRA LEOA VISTA Á LUZ DO CHRISTIANISMO.[1]

Serra-Leôa. — Quem ha que tome algum interesse na evangelisação e civilisação do mundo, que não conheça este nome, que tem sido causa de tantas lagrimas e tristeza, para os missionarios inglezes e allemães, e igualmente de tantas enchentes de maravilhosos successos? Muito interessante e solemne é a *historia* de Serra Leôa, porém não é agora nossa intenção narra-la; mas sómente desenhar o aspecto d'esta Colonia como ella actualmente é, e ver a que ponto tem chegado a obra da religião e da civilisação. Estamos firmemente persuadidos que ninguem nos acompanhará na nossa resenha d'este nobre monumento do zêlo dos missionarios e da philantropia christã da Grã-Bretanha na Africa Occidental, sem ficar convencido que o christianismo tem obtido uma grande victoria em Serra Leôa; que tem dado passos seguros na região chamitica; e que os grandes sacrificios que a Igreja tem feito de vidas preciosas e dinheiro, não têem sido perdidos, mas estão já recebendo a devida recompensa.

O nome hespanhol *Sierra Leone*, isto é, Montanha de Leões, foi primeiramente dado á corda de montanhas que fórma o corpo principal da peninsula actualmente designada por aquelle nome.[1] Não se sabe se os primeiros descobridores d'aquellas montanhas lhes deram aquelle nome, porque realmente as achassem infestadas de leões; ou porque, em certos tempos do anno, retumbam com espantosos echos de trovões, que podem muito bem comparar-se ao rugido dos leões. Originalmente esta pequena peninsula, que tem apenas vinte e cinco milhas de comprimento e cerca de dez de largura, era occupada pela tribu Bulama, que ainda occupa a parte visinha do Continente, a saber, a chamada Costa de Bulama ao norte, e o territorio *Sherbro*, ou antes *Mampa Bulama* ao sul. Mas desde que foi comprada pela benevolencia britannica, e convertida em Colonia de libertos, tornou-se em habitação, e por assim dizer em uma segunda patria para muitos milhares de pobres negros, que tendo sido arrebatados da sua terra natal pela avareza e crueldade de deshumanos negociantes de escravos, íam já de caminho para a America para serem convertidos em meras machinas de trabalho para enriquecer homens brancos. Estes constituem a actual população da Serra Leôa; em quanto os originarios habitantes se recolheram á mal povoada costa da terra firme, e só vem á Colonia, como outros muitos naturaes do interior, por motivos de commercio.

[1] Este artigo de Mr. Koelle, missionario protestante, foi ha pouco tempo publicado no *Church Missionary Intelligencer*. Pareceu-nos tão interessante, que estamos certos, que as pessoas que o lerem nos não hão de perguntar, por que rasão o inserimos nos Annaes do Conselho Ultramarino. Quem, como nós, possue tão vastas possessões nas duas Costas d'Africa (Oriental e Occidental) deve de quando em quando lançar os olhos ás possessões ou estabelecimentos dos outros povos; porque da comparação ou tirará motivos de satisfação ou aprenderá cousas que lhe sirvam de lição, e verá sempre cousas que o levarão a graves reflexões.

Era quasi escusado advertir que Mr. Koelle é protestante: por isso no seu escripto não só resumbram certas doutrinas da sua crença, mas em dois ou tres paragraphos emitte manifestamente opiniões, sobre objectos de que não queremos tratar, nem pertencem á materia d'esta publicação. Pareceu-nos comtudo mais acertado dar o artigo de Mr. Koelle tal, qual elle o escreveu, para não alterarmos em nada um escripto, que não obstante a divergencia das crenças, é muito importante debaixo do ponto de vista dos progressos coloniaes. Tendo prevenido os nossos leitores de qual seja a religião de Mr. Koelle, os leitores dos Annaes não darão attenção ás opiniões do protestante, para reflectirem com seriedade sobre o que a nação ingleza, pelos meios de religião e da politica, tem podido fazer em Serra Leoa, ou mesmo com elles não tem podido fazer. As pessoas verdadeiramente piedosas pedirão a Deus que illustre os entendimentos dos missionarios protestantes, para que confessem que só a Religião Catholica Romana é a verdadeira Religião de Jesus Christo. *(O Red.)*

[1] No hespanhol e no portuguez, bem como no latim, *serra* applica-se propriamente a uma cadeia de montes, que, á similhança de uma serra de serrar, tem no seguimento do seu cume uma serie de picos. *(Nota do auctor.)*

Cumpre-nos aqui advertir que sem fundamento usam os estrangeiros da fórma hespanhola das palavras *Serra Leoa*: pois que este nome lhe foi dado pelos portuguezes. *(O Red.)*

A localidade para esta Colonia parece ter sido admiravelmente escolhida; porque o porto de Freetown é talvez o melhor que se póde achar em toda a costa d'Africa, com espaço e ancoradouro seguro para grande numero de navios: o largo rio de Serra Leôa é uma commoda via para uma certa porção do interior, pois que a enchente da maré é sensivel por mais de cincoenta milhas pelo rio dentro, circumstancia que não é de pouco valor em um paiz tão pobre de rios; e a estupenda pilha de montes a que a peninsula deve a sua existencia parece escolhida pela natureza, como o local mais proprio para uma Colonia contra a escravidão, que devia ser um logar de refugio, firme como castello sobre montanha, para o despojado e opprimido negro.

E' averiguado que em quanto toda a Costa Occidental d'Africa, desde o Sahará até ás serras de Aquapim na Costa do Ouro, é toda quasi uma planicie, apenas interrompida aqui e além com alguma pequena elevação; só a Serra Leôa é uma magestosa montanha extensa, com diversos picos levantados alguns milhares de pés acima do nivel do mar. E assim como estas pedregosas montanhas se mettem pelo mar, e annos sobre annos resistem sempre sem alteração ao furor das ondas, constituindo uma muralha impenetravel na frente do continente combatido; do mesmo modo a Colonia ingleza de Serra Leôa é um baluarte protector para a indefensa raça negra, que a salva da destruição de que a ameaçava o nefando trafico de escravatura.

Ao aproximar da terra, depois de uma viagem de Inglaterra, de cêrca de tres semanas em vapor, ou de cinco semanas em navio de vela, primeiro avistaes confusamente as montanhas distantes, e mal podeis distinguir se são montes, se nuvens; mas ao chegar mais perto, vêde-las diante de vós em placida magestade, cobertas desde o cume até á raiz de uma rica flora tropical de variada verdura. É verdade que os vossos olhos não vêem prados formosamente cobertos de gado, ou fazendas bem amanhadas, divididas por vallas e seves; ou parques cuidadosamente cultivados, com tortûosas ruas de arvoredo levando a pacificas habitações, nem outras muitas bellezas ruraes, a que estaveis costumados; mas em logar d'isto vêdes variadas plantações de mandioca sobre as encostas dos montes, as quaes são para os negros mais pobres o que são os batataes para os nossos pobres e aonde o terreno não admitte cultura, está coberto de uma grama que cresce como canas, a ponto de encobrir o gado que anda pastando. O cume dos montes mais altos está ainda coberto de bosques de arvores incultas, quasi impenetravel, habitação de macacos, gazellas, leopardos, e outros animaes silvestres; mas as faldas dos montes, logo acima do nivel do mar, são adornadas de lindas grinaldas de elevadas palmeiras, cujos pés sem folhas são coroados de uma copa de troncos ou folhas, que de sua immensa altura estão pendendo para o chão, verdadeira imagem de placida tranquillidade e segurança. É logo por baixo d'esta corôa de ramos que nascem em grandes cachos os cocos de que se tira o bem conhecido azeite de palma, empregado em tanta quantidade na Europa na fabricação de sabão e de velas, tão utilisado para deitar nos eixos das carruagens de vapor, e muito util tambem aos negros, porque lhes suppre a falta da manteiga e de toucinho. Os negros tambem furam a arvore, e assim obtem o vinho de palma, de que são especialmente apaixonados, depois de tornado em bebida embriagante, em virtude da prompta fermentação em que entra. Além do immenso numero d'estas palmeiras, ha outras muitas arvores que logo caracterisam o paiz como intertropical. A bananeira de largas folhas, quasi curvada até ao chão pelo peso de seus enormes cachos de fructos: aquell'outra arvore encobrindo os seus enormes pomos entre as folhas verde-escuras que a ornam: ali se vê tambem a rica folhagem da mangueira intermeiada com os seus innumeraveis fructos amarellos; e acima de todas se levanta a arvore gigantesca do algodão, toda coberta de longos e agudos espinhos, e deixando todos os annos caír o seu macio algodão que vae ser espalhado pelas brizas da terra e do mar. Toda a vegetação em roda de vós tem um aspecto novo, proprio do tropico, e vos convence ao primeiro lanço de vista que tendes chegado a uma terra distante e de sol intenso.

Depois de terdes notado os montes e arvores levantados para o céu, como dedos da natureza que apontam ao homem racional da creatura para o Creador, observaes outro notavel objecto, em quanto ainda o navio que vos conduz, vae entrando no porto da Serra Leoa. Este objecto, ainda que não filho da simples natureza, mas producção do homem, é uma das vistas mais agradaveis em toda a Costa da Africa: fallo da cidade de Freetown.[1] A Africa é a terra da escravidão: os negros são a raça captiva; são *os servos dos servos;* e acham ali um territorio em cujo ambito a palavra escravo é um termo sem significação; achar uma cidade que se chama Freetown (cidade livre), porque todos os seus habitantes são politicamente livres, não póde deixar de ser uma vista muito agradavel. Freetown está lindamente situada em um outeiro de figura conica, que ella in-

[1] Freetown significa *povoação ou cidade livre.*

teiramente rodeia. As encostas d'este outeiro parecem nuas, por falta de arvoredo; mas os seus dois cabeços estão formosamente coroados por edificios de um aspecto particular. Os do cabeço mais baixo são a residencia do Governador; e os do mais elevado são os quarteis em que alguns centos de soldados pretos, pela maior parte libertos, são adestrados no serviço militar por um certo numero de Officiaes europeus. A situação d'estes edificios publicos é sem duvida das mais saudaveis de toda a Colonia, por serem constantemente refrescados pela fresca e animadora briza do mar. A parte de Freetown que fica entre este outeiro e o porto é superior ao resto, e póde denominar-se o bairro europeu. Ali são as maiores e mais bellas casas, algumas das quaes são habitadas por negociantes europeus, e as outras pelos pretos e mulatos mais ricos. Quasi no centro d'este bairro a espaçosa igreja de S. Jorge, actualmente a unica cathedral protestante na Africa Occidental, fórma com a sua torre quadrada um dos objectos que mais avultam. Ali se junta todos os domingos um numeroso auditorio, composto de europeus e naturaes, para ouvirem a prégação da palavra de Deus da bôca do zeloso Bispo. Mais adiante á parte direita podeis ver um campo comprido, todo cheio de habitações humildes e pequenas hortas: e o populoso bairro chamado Kroo-town, Grassfield, e Soldier-town. Que ampla provisão se faz para as necessidades religiosas d'esta parte de Freetown, se conhece pelos dois grandes edificios novos, que entre as pobres habitações que os rodeiam parecem gigantes entre anões. Um d'elles é o templo de Christo, construido pela sociedade das missões; o outro a capella de Buxton, pela sociedade das missões Wesleianas. Ainda mais á direita vos attrahe a attenção um grande edificio caiado á borda da agua no principio do porto, é a escola Wesleiana, King Tom. Á esquerda do outeiro dos quarteis, a terra que se levanta vos encobre grande parte da povoação de Gibraltar, da povoação Fula, e da povoação dos mahometanos ou Fura-Bay, com a formosa igreja Kissey-Road, encommendada a um ministro nativo ainda mancebo, e varias capellas de dissidentes. Mais adiante á esquerda, e no extremo da cidade, os vossos olhos são sem quererem attrahidos por um grande e formoso edificio dentro de um campo de elevadas palmeiras, em uma porção de terreno que algum tanto se estende onde o porto começa a alargar-se: é este o importante estabelecimento de Fura-Bay, onde ao mesmo tempo o Bispo tem estabelecido a sua residencia provisoria. Estes são os objectos que mais avultam á vossa vista, quando entraes no porto de Freetown.

Se desejaes conhecer bem a Colonia, fazei uma digressão nas montanhas a Waterloo e a Kent. Partindo de Freetown, ides a Wilberforce, cousa de uma hora de jornada, caminho agradavel, entre seves sempre verdes, que tambem passa sobre um pequeno esteiro por meio de uma ponte de pedra de consideravel extensão; e depois, tendo insensivelmente subido alguma cousa, chegaes á ingreme montanha onde está situada Wilberforce, e depois ao verdadeiro cume, á frente da modesta, mas aceiada habitação do missionario. Das janellas d'esta casa gosaes de uma extensa e muito encantadora vista: de um lado montanhas irregularmente levantadas aqui e ali com massas immensas de rochas quebradas; e exactamente na frente, no fundo do valle, a parte occidental de Freetown, com suas ruas largas, regulares, alumiadas com os brilhantes raios do sol dos tropicos. Atraz de Freetown, em grande distancia, se vêem ainda as voltas do rio de Serra Leôa, e estando o tempo claro, se podem tambem ver algumas pouco elevadas e soltas montanhas dos paizes de Timne e Mende. Do outro lado do rio a vossa vista cáe na baixa, monotona e paludosa costa de Bulama, que é talvez uma das causas da insalubridade de Serra Leôa: e atraz de vós, ao occidente, a grande distancia, a vossa vista dá em nevoas que parece unirem a terra com o céu. A encantadora vista que se gosa de Wilberforce já merecia bem a pena da jornada. Mas Wilberforce, que tomou este nome em honra do grande homem que tão nobremente advogou a causa dos negros no parlamento inglez, quasi até ao ultimo momento da sua vida, merece uma visita de todos os amigos da causa das missões, que acaso toquem em Serra Leôa; porque não sómente tem os Wesleianos ali um consideravel numero de convertidos, mas igualmente a sociedade das missões, que só recentemente tornou a occupar aquelle logar como estação de missão, tem já uma avultada congregação em Wilberforce, e estações filiaes de muita esperança nas pequenas povoações em roda.

De Wilberforce por um caminho estreito e solitario, sobre o outro lado dos montes, quasi sempre entre scenas selvagens, se chega a Regent, em duas horas. Está situada em um valle fundo, e lhe corre pelo meio um regato d'onde tirou o seu primeiro nome, Hogbrook. Sendo uma das mais antigas estações de missão, a sua populacão, de alguns milhares de almas, é quasi toda christã, com proporcionado numero de commungantes. Nos seus principios teve uma beneficente visita de Deus, na prompta conversão de muitos libertos recentemente livres da escravidão, mediante o ministerio do zeloso missionario allemão, Mr. Johnson.

Se quizermos saír da direcção principal que levamos, uma boa estrada para carruagens nos leva a Gloscester, socegada aldeia na montanha, onde achareis uma congregação excellentemente morigerada e bem ordenada, em uma igreja aceiada e de grossas paredes de pedra, servida unicamente por pastores e mestres-nativos; mas se não tendes tempo para isto, continuae a caminhar no mesmo valle estreito em que está situada Regent, e andando pouco mais de meia hora chegamos a Bathurst, aonde achamos uma modesta igreja e casa de escola em um espaçoso campo, terminado de um lado pela estrada e do outro pela humilde residencia do pastor. Este é um ministro, ou cathechista nativo, cuja obra tem pouco do caracter missionario, porque só restam ali muito poucos gentios e mahometanos, e o seu trabalho é apascentar o rebanho formado pelo ministerio dos seus predecessores europeus. N'outro tempo em uma visita que ali fiz, fez-me profunda impressão a sinceridade da conversão de um mahometano, que havia sido de nascimento Burnu. Estava posto em mui difficeis circumstancias havia mais de quinze annos, quando sua mulher, que o endurecia contra a influencia do Evangelho, se separou d'elle, e foi viver com outros homens para o paiz de Timne. Assim virtualmente reduzido ao estado de viuvez, soffreu este acontecimento com placida resignação, e não sómente continuou a ter uma vida exemplar, mas tambem aproveitou muito para fortalecer seus irmãos mais fracos na fé, e veiu a ser um verdadeiro ornamento da Igreja n'este retirado valle. Considerando a forte propensão dos negros para a sensualidade, exemplos como este, são testemunhos que por si fallam, da renovação que nos individuos opera o christianismo.

Apenas na distancia de uma milha de Bathurst ha outra aldeia similhante, de igual caracter christão, chamada Carlota, onde tambem os ministros são nativos. No caminho para aqui tendes montanhas como as da Suissa, levantadas de um e de outro lado, onde se podem ver manadas de gado pastando entre herva altissima. Na estação das chuvas tambem vedes um magnifico espectaculo da natureza em uma grande cataracta do lado direito; um lençol de agua de dez a vinte passos despenhando-se com o estrondo do trovão em uma ravina escura, coberta de arvoredo, apresentando á vista uma esteira de escuma branca como o leite, passando sobre immensas massas de rochedos, que a espaços lhe impedem a passagem. Em Carlota o edificio mais prominente, depois da boa igreja de alvenaria, é a escola para as raparigas negras libertas, a qual é dirigida pelos agentes da sociedade das missões, á custa do Governo. É a mesma escola onde a heroica Anna Kilhom, pertencente á Sociedade dos Amigos, costumava ensinar as pobres raparigas pretas. Todas as raparigas que são achadas nos navios de escravatura, capturados, são trazidas a esta aldeia para ahi serem educadas e instruidas, variando assim o seu numero com a actividade do trafico de escravatura. Nos ultimos annos o numero tem variado de sessenta a cem. Ensinam-lhes a ler, escrever, contar, trabalhos de agulha, e a religião, tendo todas aprendido primeiro o inglez, que inteiramente ignoram quando chegam á Colonia. Modernissimamente a escola foi posta em muito excellente estado pela actividade e maternal desvello de uma senhora suissa, viuva de um mancebo missionario, que foi victima do clima depois de um mui breve periodo de trabalho no serviço do Senhor. Visitando a escola, é um encanto ver os rostos alegres d'aquellas creanças, que claramente mostram que tem achado uma mãe terna na sua mestra, e uma agradavel habitaçao na sua escola. Muitas d'ellas tem já dado muito bellas mostras do que a obra da Graça tem feito nos seus corações, e tem pedido e recebido o baptismo. Estas raparigas continuam na escola até á idade de casarem, e então muitas d'ellas passam a uteis membros da sociedade que se está formando em Serra Leŏa, como esposas e mães.

Passando Carlota, o valle entre montanhas, pelo qual temos vindo, alarga-se e desce a formar uma planicie junto ao rio, a qual está toda cultivada. Depois de descer a esta planicie por um caminho estreito e aspero, ao longo do Hogbrook, passaes por uma aldeia muito moderna, Grafton, com sua casa de escola, e catechista nativo, e depois uma estrada larga e macia vos leva a Hastings. Esta é considerada uma das estações de missão mais bem organisadas e adiantadas, contribuindo largamente para os seus doentes necessitados, e tambem para a obra geral das missões. Os Wesleianos têem ali muitos membros; e tanto a sua congregação, como a dos missionarios da Igreja anglicana, estão entregues ao cuidado de pastores nativos. Mais um passeio de tres horas, por varias povoações e aldeias, onde os nativos são os unicos mestres religiosos, e chegaes a Waterloo. Ainda que seja logar comparativamente moderno, pois a povoação começaria ha vinte e cinco annos, e a obra das missões havera quinze, é já quasi igual a Freetown em grandeza e importancia. O terreno em roda de Waterloo é muito fertil, e proprio para a cultura, e attrahe o agricultor das aldeias das montanhas que são mais estereis, a virem aqui estabele-

cer-se. Waterloo gosa ainda de um missionario europeu, cujos trabalhos têem ainda mais propriamente o caracter missionario, do que em outros muitos logares; porque esta missão começou modernamente, e ha ainda ali muitos gentios. Comtudo os pacificos e incessantes esforços do missionario, têem sido tão abençoado de Deus, que já tem uma numerosa congregação christã, que todos os annos cresce, e uma escola muito florescente e frequentada. Quando teve a escolher sitio para construir a sua habitação, fixou-a em um logar que era olhado com supersticioso terror pelos cegos pagãos, e lhe chamavam=*cova do diabo;*=e agora sacrificios de louvor e acções de graças são todos os dias offerecidos ao Deus vivo, no mesmo logar onde outr'ora se derramava o sangue das victimas em honra do espirito das trevas. Isto póde certamente considerar-se um prognostico significativo, de que não sómente em Waterloo e suas visinhanças hão de os servos do Senhor vencer o demonio, *e subjuga-lo pelo sangue do Cordeiro, e pela palavra do seu testemunho*, mas que effectivamente a causa de Christo ha de triumphar em toda a terra, e o seu Reino se ha de estabelecer sobre as ruinas do imperio de Satanaz.

De Waterloo caminhaes na direcção do sul junto á raiz de montanhas, que estão ainda cobertas de bosques primitivos: e no caminho para Kent passaes por um territorio selvagem, sem cultura, com um canaveal impenetravel, e extensos pantanos mais para a esquerda. O caminho passa por entre Tumbo e Russell, duas aldeias onde o christianismo e a civilisação tem feito menos progressos, do que em outras partes da Colonia, posto que cada uma d'estas aldeias tenha seu mestre nativo. Russell, que primeiramente se chamou Loko Town, differe a alguns respeitos das outras povoações de Serra Leoa, pois que é este o unico logar onde a maioria dos habitantes não é de escravos libertados, mas de immigrados. Por muitos annos os naturaes do paiz de Landoro, visinho da Serra Leôa, foram opprimidos pelos seus visinhos Timnes, mais poderosos, até que, em consequencia de mui repetidos combates, ficaram reduzidos a mui pequeno numero, e foram obrigados a passar ao inhospito pantano na fronteira da Serra Leôa. Mas ainda ahi foram perseguidos pelos seus crueis inimigos, os Timnes; e então, para não serem de todo destruidos, pediram ao Governador de Serra Leôa, licença para se estabelecerem em territorio inglez. A prompta concessão d'este pedido foi o principio da povoação de Landoro ou Loko Town.

Um exemplo bastará para dar idéa do atrazamento d'este povo em civilisação. Por algum tempo residiu entre elles um missionario inglez, e na occasião de uma visita que eu lhe fiz, me disse, que quando elle viu que elles não tinham portas, mas sómente penduravam esteiras na entrada da casa, elle offereceu *gratis* fechaduras e lemes e mais ferragens a quem quizesse pôr portas de madeira; mas com grande espanto seu, quasi não houve quem se quizesse aproveitar da sua benevola offerta. O simples viajante não se demora ali mais do que não póde deixar de ser, e um agradavel passeio de poucas horas o leva a um local mais civilisado,

Kent faz um agradavel contraste com aquellas duas aldeias, por ter gosado muito tempo da residencia de um missionario europeu. Está agradavelmente situada junto do mar, e tem sempre sido considerada como a povoação mais saudavel de Serra Leôa. Um missionario allemão esteve por muitos annos encarregado d'esta estação; e o seu intelligente braço deu-lhe a mais bonita igrejinha de toda a Colonia. Acabou tambem recentemente uma habitação accommodada e bem distribuida, que ha de concorrer muito para a conservação da saude do missionario europeu. O missionario encarregado de Kent tem tambem a seu cargo as Ilhas Banana, que distam umas cinco milhas do Cabo Shilling, que é a ponta mais meridional da Serra Leôa. Os singelos, industriosos, e bem procedidos ilheus, vivem em duas aldeias onde recebem o ensino christão de homens da sua propria côr. Deve dizer-se em credito seu, que até agora tem-se sempre opposto á abertura de lojas de bebidas espirituosas.

Esta rapida visita tem-nos trazido por toda a estensão da Colonia, e voltando para Freetown embarcados, vimos bem junto da Costa para podermos ver York, com a sua igreja de pedra ultimamente construida, e uma bonita capella Wesleiana, e logo adiante Lumley, Aberdeen, e outras aldeias com suas capellas e casas de escola.

Assim em uma só volta temos corrido as mais importantes villas e aldeias da Serra Leôa, á excepção de Kissey e Wellington, a ambas as quaes se póde ir de Freetown em uma tarde. São situadas na raiz dos montes, e a pouca distancia do rio, pois que Kissey está a quatro milhas de Freetown, e Wellington umas tres milhas mais adiante. Em Wellington ha um avultado corpo de Wesleianos, e tambem uma numerosa congregação da Igreja anglicana. Esta ultima tem tido por muitos annos um experiente e habil catechista, com que tem augmentado muito.

Kissey é uma das nossas mais antigas e mais extensas estações, com cerca de uns quatrocentos christãos commungantes, e outro maior numero de pessoas que professam o christia-

nismo, que assistem á prégação da palavra de Deus, em uma grande igreja de alvenaria, que todos os domingos se enche de ouvintes. O pastor europeu é muito auxiliado no seu ministerio por alguns mestres nativos, zelosos, de sorte que por muitos annos tem podido tomar grande parte na missão dos Timnes. Como em todas as villas e aldeias, tambem em Kissey o cemiterio é afastado da igreja, e a alguma distancia da povoação. O cemiterio de Kissey distingue-se por um grande grupo de sepulturas, que guardam os restos mortaes de muitos missionarios europeus, e de suas heroicas esposas, que heroicamente sacrificaram as suas pouco adiantadas e preciosas vidas, trabalhando para levar os libertos de Serra Leôa áquella mais nobre liberdade de filhos de Deus, pela qual sómente se é verdadeiramente livre. Aquellas elevações cobertas de relva hão de sempre ser um solemne despertador á nova igreja de Serra Leôa, para que mostre o mesmo amor christão, e inteira abnegação propria, para levar o Evangelho aos seus cegos irmãos do interior d'Africa, que outros mostrarão trazendo-lh'o a elles.

Os dois hospitaes, e a escola normal ultimamente estabelecida em Kissey tambem merecem especial menção. O maior ou hospital de cima, com casa para o cirurgião europeu e seu ajudante nativo, está no cimo de uma elevação, terminado pela igreja, e este é para todas as doenças. Ali são tambem levados os doentes dos navios de escravatura conduzidos á Serra Leôa pelos cruzadores inglezes. Depois da chegada de taes embarcações podeis muitas vezes encontrar muitas procissões d'estas pobres e desfallecidas creaturas, levadas em macas á cabeça de dois homens. O outro ou hospital de baixo está a alguma distancia de Kissey, na borda do rio, e só serve para alienados, de que ha ali uns vinte a trinta, que passam seus dias em furiosa exaltação ou em estupida indolencia.

A escola normal differe das escolas ordinarias elementares, servindo só para rapazes achados nos navios de escravatura capturados, e assim corresponde ao collegio de raparigas de Carlota, que já visitámos. Tem uns cem rapazes, que vivem e dormem em uma grande sala, e são instruidos nos ramos ordinarios da educação geral, e juntamente em trabalhos manuaes. O mestre d'esta escola é nascido nas Indias Occidentaes, e foi expressamente ensinado para mestre, em Londres, na escóla normal de ensino de Highbury. É um dos poucos nascidos nas Indias Occidentaes, que parecem ter comprehendido que, em vez de irem atraz da raça caucasica na America, devem antes considerar que o ministerio a que Deus os destinou é voltarem com o thesouro das verdades christãs, dos habitos da civilisação, dos conhecimentos uteis, e das artes mechanicas, voltaram, digo, com este thesouro adquirido em terra estranha, á terra da sua origem que é visivelmente destinada pela Sabedoria do Creador para habitação do negro, para se empregarem no bem de seus irmãos, com quem têem em commum a descendencia de Cham. Parece-nos muito para desejar que os pretos e mulatos dos Estados Unidos e das Indias Occidentaes se cheguem a convencer de que uma tal missão não só é um dever, mas tambem um alto privilegio. Então conhecerá o mundo que o benefico despenseiro do destino das nações tem fins de amor e de misericordia, mesmo quando permitte a praga do trafico de escravatura.

Por esta fórma uma volta pela Colonia não só nos deu occasião de conhecer o aspecto christão do todo, mas tambem nos familiarisou com o aspecto natural. Devemos, porém, lembrar-nos, que este não é o mesmo nas differentes estações. Em quanto durante a estação das chuvas a natureza se enfeita com um manto de luxuriante verdura, entresachada de innumeraveis flores e fructos maduros de differentes fórmas e côres, na estação sêcca toma um aspecto languido e resequido. Não é fóra de logar fazer aqui mais algumas observações sobre as estações e o clima da Serra Leôa. É quasi escusado dizer que o clima da Serra Leôa é intertropical, e a sua temperatura tão quente em todo o anno, que não se vê ali neve, nem gêlo, nem mesmo chuva de pedra. Ha comtudo alguma differença na temperatura das differentes estações. A estação mais quente em Serra Leôa é de Fevereiro a Maio, quando na Europa nós temos inverno e primavera; e a mais fresca no fim de tempo das chuvas por Agosto e Setembro, ou em Janeiro quando venta o Harmatan. Poderia dizer-se que ha só duas estações, a quente ou secca, e a chuvosa. Mas como a transição de uma para outra é sempre feita por um curto periodo de trovoadas, podemos tambem fallar das quatro estações do anno. As primeiras trovoadas ordinariamente apparecem em Abril, apresentando um espectaculo natural summamente espantoso. Depois de por uns quinze dias se ter observado o horisonte da parte do nascente illuminado todas as tardes com listas de fogo, e ouvido algumas vezes o som do trovão ao longe da parte da terra, avisinhando-se e crescendo todos os dias, de repente em uma tarde, sem vento e oppressivamente quente, se vê uma nuvem subindo do nascente, e estendendo-se a pouco e pouco pelo firmamento, parecendo uma mui bem lançada linha recta

na direcção do zenith. O sol, inclinando-se para o occaso continua a lançar seus raios sobre aquelle massiço de nuvens imminentes, como para as mostrar em toda a sua negridão, e fazer a sua vista o mais temerosa possivel. Em quanto todos estão anticipadamente olhando com terror para aquellas massas de vapor carregadas de fogo, encastelladas umas sobre as outras, e já chegadas ao zenith, subitamente aquella mortal calmaria é interrompida por um vento furioso, saido das nuvens, correndo por alguns minutos com tal furia que mal poderia um homem suster-se contra elle. N'isto uma viva lavareda de fogo corta o ar, immediatamente seguida de um estrondoso trovão, e de grossas pingas de agua. Agora propriamente está formada a trovoada; as nuvens tem-se estendido por todo o céu, lançando taes torrentes de chuva que escurecem o ar. Esta escuridão como o crepusculo é de quando em quando rapidamente interrompida por vivos relampagos, seguindo-se uns a outros em rapida successão, e mostrando os seus zigzags em todas as direcções. Enche-se o ar de um cheiro de enxofre; e não raras vezes espheras de fogo sáem das nuvens, que se podem ver estalando e caindo no chão. Repetidos trovões de differentes lados, que abalam as casas até aos alicerces, fazem um concerto que ensurdece, echoando na terra e no mar. Este desordenado tumulto da natureza, em que céu, terra e mar parece confundirem-se, e em que fogo, vento e agua tudo parece igualmente instrumento de destruição, regularmente não dura mais que meia hora, depois passa ao mar, e perde-se no horisonte occidental. A atmosphera carregada e oppressa, e que antes da trovoada parecia pesar em todos os membros, acha-se agora leve e clara, e um completo socego se segue immediatamente á mais temerosa bulha dos elementos, de sorte que custa a imaginar como tão inteiro socego e bonito sol póde ter sido precedido de tão tremenda confusão. Depois da primeira trovoada não apparece outra por uma semana; mas depois vão sendo mais frequentes até que em Maio ha quasi todos os dias uma ou mais de uma. Á proporção que a estação se vae adiantando a chuva vae durando mais depois de cada trovoada, e por vezes vem pancadas de agua sem trovões, nem relampagos, até que em Junho o estrondo do trovão já se não ouve, e a estação das chuvas está em toda a sua força. Esta estação é caracterisada pela frequencia das chuvas, e ausencia de trovões e de relampagos, e não, como algumas pessoas cuidam, por chuvas sem interrupção! Chove, é verdade, muitas vezes, mas as cataractas do céu não estão sempre abertas. Pelo contrario ha ás vezes um dia inteiro, e algumas vezes dias successivos de tempo claro. Mas tambem acontece outras vezes haver dias successivos de continuada chuva; e quando chove é em taes torrentes, que difficultosamente se verá cousa similhante em clima temperado, e as estradas ha occasiões em que parecem rios. A terra satura-se tanto de agua, e a atmosphera está tão cheia de humidade, que mal se póde seccar alguma cousa ou conserva-la sêcca. Esta é a estação propria da vegetação. Todas as plantas crescem em todas as direcções com tal rapidez, que quasi vos podeis persuadir que as vêdes crescer; e as bordas das estradas enchem-se de hervas, fortes como canas, tão altas que em muitos logares encobrem um homem a cavallo. Mas esta estação tão favoravel para a vegetação é muito damnosa aos animaes, especialmente ao homem. Julho é considerado o mez mais doentio para os pretos, e Agosto para os brancos. Poucos europeus deixam de padecer sesões e febres durante a estação das chuvas. Causam satisfação os primeiros clarões dos relampagos e o som dos trovões ao longe, que mostram ser chegada nova estação de trovoadas, que vem acabar o tempo das chuvas, assim como o haviam precedido. Outubro é outra vez tempo de trovoadas, e em Novembro a pouco e pouco vão faltando. É então o outomno de Africa, talvez a mais agradavel parte do anno. Tudo está cheio de flores, e innumeraveis fructas maduras encantam os olhos e o paladar. A terra vae-se agora seccando, ainda que de vagar; mas a densa vegetação que a cobre não a deixaria seccar bem unicamente pela acção do grande calor, se Deus, na sua sabedoria, não tivesse disposto outro meio, qual é dos torradores ventos de Harmatan, que são o melhor antidoto para os effeitos da estação chuvosa. São frescos e seccos, de modo que penetram tudo; vem do nascente, e sem duvida, por passarem pela immensa extensão do deserto, trazem tal quantidade de areia finissima, que parece estar a atmosphera cheia de uma nevoa densa, pela qual o sol parece um disco côr de sangue. Os ventos de Harmatan de ordinario começam nos fins de Dezembro, e duram Janeiro todo. Os seus effeitos no fim de poucos dias são muito notaveis. O verde viçoso dos campos torna-se n'um prado de feno: as plantas tenras seccam-se; as folhas das arvores murcham; os moveis nas casas, que no tempo da chuva tinham inchado, agora seccam, e ás vezes dão tão grandes estalos, que chegam de noite a assustar; e a areia finissima que anda nos ares, entra pelas menores fendas e vae depositar-se nos logares mais fechados. É considerada esta estação a mais saudavel do

anno, porque a terra, e a enorme quantidade de substancias vegetaes que cáem, seccam-se, e consequentemente cessa uma quantidade immensa de exhalações nocivas.

Ha muitas pessoas que pensam que o clima da Serra Leôa deve ser mais quente do que outros muitos dos tropicos, em rasão da sua notoria insalubridade; mas está longe de ser assim: o thermometro em quasi todo o anno varia de 80° a 90°. A insalubridade de Serra Leôa não é pois devida á simples intensidade do calor; mas é provavel que mais aos pantanos da borda do rio, e á excessiva humidade do tempo das chuvas, que converte em paúes os montes mais elevados. Pouco poderá pois melhorar-se o clima, e só com muito tempo; pois que isto depende da destruição de causas, que, ainda que custe o dize-lo, não se podem destruir de todo. Em taes circumstancias, é para dar graças a Deus, e muito para satisfazer, que o clima pareça já ter-se tornado mais sadio; o que se deve, certamente, áquella pequena quantidade de enseccamentos de terras, que até agora se tem feito: e mais ainda á extensão da cultura, o que tem diminuido a quantidade de vegetaes que apodrecem; e tambem a ter-se cortado a maior parte dos bosques primitivos, o que parece ter causado diminuição na quantidade da chuva annual. A actual melhoria na saude dos europeus, deve, comtudo, attribuir-se não só á modificação do clima, mas tambem ao melhor tratamento medico das febres; como, por exemplo, a substituição do quinino ás enormes doses de calomelanos; ao melhoramento das habitações, todas as quaes hoje tem vidraças, em quanto ha vinte annos, nada havia para impedir a entrada do ar humido da noite na estação das chuvas; e a que os Europeus tem mais cuidado em si, e se expõem menos, lição que devem á dolorosa experiencia dos que os precederam.

(Continúa.)

RECEITA E DESPEZA, ORÇADA, DAS POSSESSÕES COLONIAES HOLLANDEZAS, NO ANNO DE 1852.

India Oriental.

RECEITA	FLORINS	DESPEZA	FLORINS
Producto das contribuições....	35:192:122	Administração Colonial na India	52:631:451
Producto da venda dos generos coloniaes..............	34:750:669	Despeza na mãe-patria........	15:821:469
		Excedente da receita.........	1:489:871
	69:942:791		69:942:791

Indias Occidentaes, e Costa de Guiné.

		RECEITA	DESPEZA	DEFICIT
Surinam....	florins	1:006:150	1:106:150	100:000
Curação e ilhas dependentes....	»	219:779	473:673	253:894
Costa de Guiné....	»	2:800	72:300	69:500

O cofre das Indias Occidentaes e de Guiné é auxiliado pelo das Indias Orientaes.
O *florim* (moeda nova de conta) anda por 385 réis.

RECEITA E DESPEZA DA INDIA INGLEZA, SEGUNDO FORAM CALCULADAS PARA O ANNO DE 1851-1852.

RECEITA	RUPIAS	DESPEZA	RUPIAS
Contribuição predial.........	142:829:680	Exercito..................	100:956:040
		Administração de Justiça.....	19:582:604
Alfandegas...............	19:745:560	Marinha..................	5:532.853
Sal.....................	12:413:841	Juros da divida (na India e na Inglaterra).............	26:984:603
Opio....................	26:878:184	Pensões aos principes indigenas, clero, instrucção publica, etc.	44:853:088
Outros rendimentos.........	45:280:823	Despezas em Inglaterra a cargo da India...............	25:000:000
		Outras despezas............	28:021:177
	247:148:088		250:930:365

A *rupia* anda por 450 réis.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

SERRA LEOA VISTA Á LUZ DO CHRISTIANISMO.

(Continuado de pag. 161.)

Depois d'esta resenha do aspecto e do estado actual da Serra Leôa, vamos agora examinar a população; e se geralmente interessa mais observar um povo do que o paiz que elle habita, acharemos que isto se verifica especialmente em Serra Leôa. A grande maioria dos habitantes d'esta Colonia são libertos, que sendo tirados das garras dos seus roubadores pela magnanima intervenção dos cruzadores britannicos, e recebendo a liberdade n'aquelle immenso Oceano, que elles cuidavam ser caminho para um captiveiro sem esperança, e por isso mais temeroso, foram trazidos á sua actual habitação, aonde acham, se não correntes de leite e mel, ao menos, com certeza, meios de obterem facil subsistencia, e, melhor ainda que tudo, aquella maravilhosa arvore do Evangelho, cujas folhas são o remedio das nações. Uma das mais interessantes feições da população de Serra Leôa é a grande diversidade das suas antigas patrias: os seus paizes nataes estendem-se a quasi todas as partes d'aquelle vasto e ainda mysteriosamente ignorado continente Africano. Deparaes entre elles com naturaes do grande Deserto costumados a visitar Bilma; com Kandins e Tubos; com individuos creados no Darfur, que fizeram viagens ao Kordofan, tendo assim chegado á visinhança do Egypto; com homens que combateram no Sahara Sahel, e vagaram nas desertas regiões do Adirar e Beran. Podem-se ter ali informações dadas pelos naturaes das grandes cidades da Africa Central, Tombuctu, Sokato, Kano, Yakuba, Kugawa, etc.; ou de membros das differentes tribus Mandingas que occupam as regiões elevadas do Sudan Nor-Oeste. Ali, quasi sem intervallo, podeis ouvir as vozes das mais differentes linguagens, segundo encontraes Fulos, ou Yulas, Filhans ou Tshehans, Nalus ou Balus, Barba ou Bambaral, Basas ou Gbeses, Legbas ou Limbas, todos fallando nas suas proprias linguas maternas. Em Serra Leôa podem achar-se representantes de quasi todas as numerosas tribus, que habitam as margens do Niger, desde o seu principio no paiz de Kuranko, até ás suas bocas em Benim, ou a costa do Atlantico desde a Senegambia até ás possessões portuguezas. Poderosas nações da Africa Central, como Burnus, e Bagermis, Mandaras e Wadais, Kururofas e Kambalis, Bodes e Goalis, todas têem, sem sua vontade, mandado filhos e filhas á pequena região da Costa Occidental, onde a escravidão só é conhecida por tradição. Os paizes da metade meridional d'aquelle continente pouco menos são representados do que os do norte. Devemos aqui mencionar as diversas tribus geralmente conhecidas em Serra Leôa pelos nomes de Atams, Mokos, e Kongos; mas que na realidade comprehendem individuos do mais interior de Africa, d'aquellas partes que ordinariamente se vêem em branco nos nossos mappas. Ouvireis fallar a estes homens de cidades, que exigem um dia ou mais para se atravessarem de um extremo a outro; de caudalosos rios, largos e profundos, abundantes em peixes e monstros aquaticos; e fallam com horror em tribus de canibaes, de guerreiros altos e selvagens, uns inteiramente nus, outros cobertos com pelles de pello comprido de macacos pretos; e, em inteiro contraste com isto, de uma tribu inteira de caçadores pigmeus, com tres até quatro pés de altura, e em geral agradaveis pelos seus habitos liberaes e genio pacifico. Até se póde dizer que Serra Leoa une a Costa Oriental á Occidental de Africa; porque entre os seus pescadores, que cada dia vão lançar as suas redes no Atlantico, ha alguns que outr'ora pescaram na Costa do Oceano Indico, e na sua mocidade alongaram a vista sobre o estreito de Moçambique.[1]

Quando um homem branco passa por meio d'esta variada multidão nas ruas de Freetown,

[1] Para a noticia das localidades d'estas entre si tão distantes tribus, e suas linguas, remettemos a nossos leitores á *Polyglotta Africana* do Rev. S. W. Koelle, e Mappa que a acompanha. (*Nota do Ch. Miss.*)

e com a firme convicção da propria superioridade, apenas se digna attender á sua respeitosa saudação, mal suspeita quanto esta gente interessa pelas suas naturalidades, e quasi a considera um mero conglomerado de negros.

Para dissolver em individuos esta massa collectiva, e descobrir as suas differenças caracteristicas, necessitaes vir a intimo contacto com elles, como faz o missionario; é necessario ver-lhe bem o rosto, e sentar-se junto d'elles, como um amigo entre amigos.

Então brevemente reconhecereis que as suas differentes nacionalidades litteralmente estão gravadas nos seus corpos. Isto tem logar na infancia pelo costume geral de *se ferrarem.* [1] Maiores ou menores cicatrizes, no rosto ou em outras partes do corpo, poucas ou muitas em numero, com esta ou aquella figura, designam as nacionalidades. É mesmo estilo em algumas partes terem signaes particulares de familia, além dos que indicam a nacionalidade. Comtudo a prática de se ferrarem não é observada em todos os paizes de negros, e em Serra Leôa é inteiramente desusada. Não fallando n'estas cicatrizes, muitos dos negros têem um aspecto muito menos desagradavel do que de ordinario se costuma imaginar. O que muitas vezes se representa nos livros como typó da physionomia dos pretos, deve ser considerado por muitos d'elles como uma caricatura, ou quando muito, como typo das tribus mais desfavorecidas do que a generalidade d'ellas. É verdade que ha tribus, especialmente as que habitam os paizes baixos e humidos da costa ou as margens pantanosas dos rios e lagos interiores, em quem as feições caracteristicas do negro são tão desenvolvidas, que parecem deformes ao europeu; mas por outro lado ha tambem tribus nas regiões montanhosas do interior com testas largas e desenvolvidas, narizes regularmente formados, e quasi tão delgados como os nossos proprios; e a celebrada alvura de marfim dos seus dentes poderia ser invejada de muito europeu bello. Logo que tendes vencido a preoccupação da côr, chegaes mesmo a descobrir feições de grande belleza, e muita sympathia em grande numero de semblantes pretos. Em estatura e corpulencia os negros pouco são abaixo de nós: a sua altura media regula por cinco pés.

Eu proprio medi um natural de Munio, ou Manga, que tinha seis pés e tres pollegadas e meia, o que seria consideravel altura mesmo no exercito inglez; e elle disse-me que havia muitos dos seus compatricios tão altos e ainda mais do que elle. Relativamente aos seus talentos e capacidade intellectual, tambem os negros mostram que são verdadeiro ramo da familia humana.

Pelas relações de cinco annos como mestre no estabelecimento da Bahia de Fura, e pelo muito trato com os pretos em geral, para o fim de estudar as suas linguas, eu posso bem fallar d'este objecto. Se se chega a percebe-los, como elles intelligentemente, e naturalmente bons, conversam nas suas proprias linguas; se se chega a perceber o espirito dos seus proverbios, comparações e figuras; e a ouvi-los repetir as suas engraçadas fabulas, contos e romances, sente-se forçosamente o desejo de que se informem melhor aquellas pessoas que ainda fallam dos negros como de uma especie de chimpanzés, um grau entre o animal irracional, e o racional europeu ou americano.

Por outro lado devemos reconhecer que a Africa é um paiz não civilisado, e que por isso muitos talentos naturaes dos seus habitantes têem ficado dormentes por longo espaço de tempo, e só podem gradualmente desenvolver-se pela acção da religião e da civilisação christã. Mas mesmo quanto á civilisação ou antes á falta d'ella, cumpre fazer alguma differença. O império de Bornu, e alguns estados Fulas, têem uma especie de meia civilisação, abaixo da qual ha ainda muitos graus inferiores, isto é, até ao estado de selvagens, que em algumas regiões chega a andarem inteiramente nus, um ou ambos os sexos, e mais ainda até ao canibalismo. A religião de um tal povo póde facilmente imaginar-se qual seja: é cruel e malefica. Alguns homens em Serra Leôa vos dirão terem visto, em tal e tal occasião, vintenas de entes humanos sacrificados ás suas sanguinarias divindades: outros vos dirão que nas suas terras, o crocodilo o leopardo, a hyena, ou diversas especies de serpentes, são sustentadas como deuses, pela mão dos sacerdotes; e outros ainda vos dirão: «Nas nossas terras não temos sacerdote nem culto, idolo nem feitiço, altar nem sacrificio: comemos, bebemos, dormimos e combatemos; e além d'isto não temos idéa de mais nada.» Estes são os elementos de que se compõe a população de Serra Leôa; assim foram, e assim são ainda os seus patricios no interior.

Agora podemos devidamente apreciar a influencia do christianismo em Serra Leôa, o que vamos agora estudar.

Já a existencia de Serra Leôa como asylo para os libertos é um dos mais visiveis effeitos do

[1] Esta é a expressão de que se serviram os nossos antigos para designar a pratica usada por muitas nações selvagens de fazerem na pelle da cara, dos braços, e de outras partes do corpo, diversas figuras ou desenhos: que é o mesmo a que os francezes chamam *tatouer.*

(*O Red.*)

christianismo; um dos mais nobres monumentos de magnanima philantropia, que nos offerece a historia. A philantropia em geral, é verdade que tem commiseração das dôres da humanidade; mas aonde é que a simples philanthropia levou uma nação a fazer tão grandes e tão continuados sacrificios como a Gran-Bretanha tem feito em favor da Serra Leôa? É a philantropia *christã* que tem feito isto; é só a philantropia christã quem o podia fazer. Ainda conhecemos aquelles grandes homens, e as pisadas de alguns ainda são nobremente seguidas por seus filhos e filhas, aquelles ardentes amigos da Africa, defensores da causa dos negros, um Granville Sharpe, William Wilberforce, Sir Fowell Buxton, e outros, collocavam-se no campo christão. Nenhuma sabedoria humana, mas só o christinismo lhes ensinou a considerar os pobres, abatidos, escravisados e desprezados negros como seus irmãos: e nenhuns motivos egoistas sustentam agora o braço do governo inglez em defeza dos negros; mas só a firme vontade de uma illustrada nação christã. Porém não é n'este ponto de vista que nós vamos considerar os effeitos do christianismo em Serra Leôa, mas sim até onde elles são visiveis na sua população; e se compararmos o estado presente de Serra Leôa com o das outras partes d'Africa, confirmar-nos-hemos na convicção de que o christianismo é o verdadeiro meio de levantar os mais baixos, de civilisar os mais barbaros, e de converter os mais pervertidos da raça humana.

Certificaram-me muitos habitantes de Serra Leôa, que lá nas suas terras é tal o sentimento da falta de segurança, e ha tanto fundamento para isso, que nunca um homem vae á povoação visinha, ou mesmo á sua propria fazenda, sem ir armado com uma espada, ou um chuço, com a aljava ou com uma arma de fogo: em quanto em Serra Leôa o espirito da legislação christã tem de tal sorte penetrado nos seus habitantes, que tantos homens de tão differentes tribus vivem todos em perfeita harmonia, até aquelles que nas suas antigas terras eram mortalmente inimigos; e póde dizer-se que Serra Leôa gosa tanto socego e segurança publica como outro qualquer paiz christão.

Em muitas partes d'Africa o vestido é tão pouco, que mal se póde considerar uma propriedade. Em alguns paizes as mulheres só põem sobre si folhas ou vergas de plantas, e em outras ambos os sexos andam em estado de inteira nudez. Em Serra Leôa todos andam decentemente vestidos, e na igreja, no domingo, com aceio e uma certa graça. Alguns cavalheiros e senhoras pretas apparecem mesmo com sedas e setins; e o uso das mulheres andarem com os peitos descobertos cada vez vae sendo mais raro.

Nos paizes onde se anda vestido, a ultima e muitas vezes a unica particula de propriedade que um escravo possue é apenas uma tira de um tecido; mas logo que é mettido em um navio de trafico, é obrigado a deitar fóra este ultimo resto de propriedade movel. Em tal estado de inteira miseria foi achada pelos cruzadores inglezes quasi toda, ou talvez toda a população de libertos de Serra Leôa. Foi-lhes dado vestido immediatamente, e depois de desembarcados em Serra Leôa foram providos, pelo governo, de vestido e de sustento por seis mezes. Qual é hoje o estado d'esta gente? Um grande numero tem meios de viverem em uma posição respeitavel, e alguns têem um giro de commercio tal, que importam em mercadorias inglezas um valor de quatro e até de oito mil libras por anno. Muitissimas vezes fazem excellente uso dos seus bens terrenos, dando á sua propria custa a seus filhos uma educação acima do ordinario na escola secundaria, e a suas filhas no estabelecimento para o sexo feminino em Freetown, e outras vezes mesmo mandando-as a Inglaterra. A gente mais pobre paga por semana um penny *(quasi um vintem)* pelo ensino de cada um dos seus filhos n'uma escola elementar; e além d'isto todos os membros da Igreja ingleza contribuem semanalmente com meio penny *(quasi dez réis)* para as despezas da missão, e outro meio penny para soccorro dos doentes e necessitados. Os individuos mais ricos dão annualmente sommas maiores para a sociedade das missões, para a sociedade biblica, e outras obras de caridade. Assim tem melhorado as cousas em Serra Leôa; e os que n'outro tempo receberam a caridade, já hoje concorrem para ella.

Aqui somos naturalmente levados a perguntar, como se adquire a riqueza em Serra Leôa, ou em que se occupa aquella gente? Este quesito vem directamente ao objecto de que tratâmos—á influencia do christianismo; porque a religião christã não podia tolerar aquelles habitos de preguiça, que muitos tinham contrahido; nem aquelle estado de selvajaria em que só pensavam em comer, beber e dormir. A actividade e industria que hoje têem, devem-na aos esforços reunidos dos missionarios e dos agentes de um governo christão. Estes esforços têem conseguido muito: e não é necessario esforço para ver claramente a grande superioridade industrial e commercial de Serra Leôa, comparada com os paizes gentios que lhe são visinhos.

O commercio é, e sem duvida ainda ha de

continuar a ser, o principal emprego dos habitantes de Serra Leôa; porque a isto os leva a posição geographica do paiz. O commodo porto de Freetown convida os navios de commercio de todas as nações civilisadas, os quaes levam ali avultadas quantidades de manufacturas e generos estrangeiros para os trocarem pelas producções de Africa, o oiro em pó, as gommas, o marfim, couros, algodão, café, gengivre, pimenta, e outros objectos valiosos. Muitas das tribus do interior estão tão atrazadas em civilisação que ainda não fazem o commercio de caravana; e os navios europeus são repellidos dos rios da costa pela atmosphera pestilente que ali se encontra; por isso era necessario um meio de communicação entre o negociante estrangeiro e os paizes do sertão; esta ligação é feita pelo Africano Liberto de Serra Leôa, que já tem um certo grau de civilisação, conhece o commercio europeu, falla a lingua dos brancos e dos pretos, e está affeito ao clima. Bastava isto para explicar por que tão grande numero de habitantes de Serra Leôa são negociantes; mas além d'isto a maior parte das tribus tem inquestionavel gosto e talento para o commercio, tanto de transporte, como de compra e venda. Os mercados diarios são sempre cheios de mulheres, e pelas ruas de Freetown andam sempre mercadores ambulantes desde o rapaz ou rapariga, que outra parte do dia está a estudar o alphabeto, até ao homem de cabellos brancos já muito velho e fraco para outro trabalho. Indo ás aldeias encontraes frequentes vezes duzias de mulheres, que com seus filhos seguros ás costas, trazem cestos com gengibre, massarocas de milho, inhames, etc., e tudo isto ellas vão a Freetown trocar por dinheiro. Freetown mesmo está cheia de lojas em todas as ruas, travessas e becos, e em toda a parte se vê comprar ou vender; mas nos domingos todas as lojas e barracas se fecham, e os activos commerciantes mostram-se christãos que guardam o dia do Senhor.

Ainda que em Serra Leôa não abundam os mercadores de grosso trato, acham-se comtudo vendedores de carne e padeiros, alfaiates e sapateiros, tanoeiros e carpinteiros de navios, ferreiros e ourives, pedreiros e carpinteiros.

De marinheiros e pescadores não ha falta em Serra Leôa. Os melhores marinheiros são os Kromens, os Bazas, e os Bagas, e estes ultimos são bons mergulhadores: e são de muita utilidade não só nos navios mercantes, mas tambem nos navios de guerra. A occupação dos pescadores é muito lucrativa, pois que ha muito peixe por toda a costa, e a gente ordinaria é de que mais se sustenta. Crê-se que se vendem annualmente em Serra Leôa uns poucos de milhares de libras esterlinas, só de peixe. O rio está muitas vezes coberto de canôas, aqui e além, podendo-se contar trinta e até cincoenta; e os barcos de pesca maiores que vão a uma certa distancia no mar, vêem-se ás vezes voltar juntos aos quinze e aos vinte.

Como a cultura da terra em muitos paizes de Africa é trabalho de mulheres e de escravos, tambem em Serra Leôa é considerado baixo; e o mancebo nascido em Serra Leôa, que aprendeu a ler e a escrever, geralmente considera abaixo de si empregar-se na agricultura. É uma das rasões por que a agricultura não tem feito mais progressos; mas outra, que parece ser a mais forte, é que a fórma montanhosa, e o terreno pedregoso da peninsula, deixa pouco espaço proprio para agricultura, e por isso a natureza parece dar a preferencia ao commercio. Não obstante isto a terra é cultivada em bastante extensão, e estes são os principaes objectos que se cultivam; para o consumo domestico cultivam-se varias especies de vegetaes, que servem para coser, e milho que se prepara para comer, antes de maduro, cosendo-o ou assando-o. Searas de arroz poucas se vêem em Serra Leôa; o povo recebe o arroz e milhinho dos seus visinhos Cherbros, Timnes e Mandingas. Os principaes artigos de comida são duas plantas tuberosas, o inhame e a mandioca, que são para os naturaes o que o pão e as batatas são para nós. O inhame é superior á mandioca, em gosto, facilidade de digestão, e nutrição. É uma raiz de um a dois pés de comprimento e da grossura do braço ou da perna de um homem. Cosido é como batata doce, e uma só raiz basta muitas vezes para satisfazer uma familia inteira. A raiz da mandioca é mais comprida que o inhame; mas muito menos grossa, como o pulso de um homem. Dá alimento ao gado vaccum, ás ovelhas, ás cabras e á gente. Se se prepara para gente, ou se assa com pelle, ou então se pella e cosinha como batatas; ou tambem crua se pella, e se rala, e se faz em grossas bolas brancas, a que chamam *fufu*, que depois se cosem e comem com molho, azeite de palma, ou peixe. Para exportação cultivam a pimenta de Cayena, o gengibre, o arrow-root: e actualmente se começa a cultivar o algodão, que é planta indigena. É pena que não cuidem mais do café, pois que os cafeeiros podem dar-se nos montes, e até em roda das fazendas. O arrow-root é uma planta tuberosa, que terá um pé de comprimento, e da grossura do dedo pollegar de um homem ou do pulso de uma creança. A farinha branca de *arrow-root*, que na Europa estimâmos tanto para alimento de doen-

tes e de creanças, obtem-se pizando a raiz pequena em um gral, e depois se deita em um panno branco que se pendura sobre um vaso, e se lhe lança agua fria, até que tenha levado toda a farinha, ficando no panno, como residuo, as fibras duras. Esta lavagem repete-se duas vezes, escorre-se a agua, e o deposito que fica, similhante a pós de gomma, secca-se em pedaços. Logo que tem seccado está prompto; e não só parece neve caída de fresco, mas tambem quebra como a neve, signal certo de que não é adulterada.

Ainda que estas obras de industria no negro naturalmente indolente, e o rapido progresso do seu estado exterior no negro originalmente abatido e selvagem, não possam deixar de ser consideradas como resultado da instrucção christã, e agradaveis mostras de progresso da civilisação christã, mais claramente reconheceremos os effeitos do christianismo, se mais directamente considerarmos a Colonia debaixo do ponto de vista religioso ou christão.

Serra Leôa é um dos mais notaveis exemplos do successo dos trabalhos dos missionarios modernos. É verdade que se mandaram missionarios a Africa Occidental quasi logo no principio d'este seculo; mas só de 1816 para 1820 é que elles começaram a ter Serra Leôa como principal campo dos seus trabalhos; e então, quão grandes e quasi invenciveis não eram os obstaculos que se lhe apresentavam! Quantos missionarios não ceifou o Anjo da morte, logo quasi á sua chegada a Serra Leôa! Quão tão inuteis não deviam parecer ao Missionario que ía vivendo, todos os esforços para vencer a verdadeira confusão de Babel, de tantas linguas que o rodeavam, sem ter á sua disposição meios de que se ajudasse, e isto em um clima tão abrazado, e onde se perdem tanto as forças! Quão longo, por outro lado, se devia representar o meio de dar a primeira instrucção ao liberto inglez, a fim de lhe poder dar a instrucção religiosa na sua propria lingua! Mas, isto não obstante, quão visiveis não são hoje os effeitos do Christianismo; quão completos não são os fructos da missão! Serra Leôa póde já considerar-se no todo como paiz christão, a Igreja estabelecida, e o Christianismo como plantado ali; pois que conforme o recenseamento official, não menos de dois terços da população professam a religião Christã. O Christianismo tem de tal sorte crescido no paiz, e de tal sorte tem tomado os corações d'aquella gente, que se hoje todos os missionarios europeus de lá sahissem, e se retirasse todo o auxilio externo, ainda que a religião havia de receber um abalo, que nós certamente quizeramos evitar, todavia ella não havia de perder-se, antes havia de restaurar-se, viver, crescer, florescer, lançar novas raizes, e mais fructos. Estamos convencidos d'isto, não sómente pela invencivel energia que caracterisa o Christianismo, pela presença do espirito de Deus, que é força, luz, e vida, e pela promessa de Christo que a sua Igreja ha de durar, e que as portas do inferno não hão de prevalecer contra ella; mas igualmente pelas provas visiveis que já temos. Ha actualmente em Serra Leôa communidades christãs, independentes, sem auxilio nem soccorro de Europeus, que se conservam, escolhem os seus ministros, e com seu governo ecclesiastico, e não só não diminuem, mas incessantemente augmentam o numero dos seus membros. Ora, se o seu Christianismo alterado com enormes imperfeições tem ainda bastante força para se conservar, quanto mais não devemos nós esperar o mesmo de uma religião mais pura e mais biblica, propagada por constantes missionarios Europeus, e pelos agentes do paiz sob a sua direcção.

Como o Christianismo é destinado a ser a religião da humanidade, devemos confiar que elle seja seguido, ou antes que elle ennobreça e santifique as nacionalidades e as particularidades psychologicas das differentes familias da raça humana, de modo que assuma em Africa um certo exterior modificado do que elle tem na Europa, e apresente na India um aspecto differente do que deve ter na China. Podemos agora prever as particulares feições que caracterisarão o christianismo quando estiver estabelecido em toda a raça negra. Os pretos distinguem-se mais pela força do que pela profundidade do sentimento. Por isso elles facilmente manifestam por signaes externos o que interiormente os agita; e são sujeitos a violentas explosões de sentimento. Quando se sentem criminosos, podereis ouvi-los accusar-se amargamente, e dizer em voz alta: *Deus se compadeça de mim peccador;* e quando se alegram pela confiança do perdão de seus peccados, e que Deus os terá na sua graça, ve-los-heis com demonstrações de alegria exclamando em alta voz: *Alleluia, Gloria a Deus nas alturas.* Consequentemente se os Africanos, na extensão de raça, chegam a converter-se, elles hão de, provavelmente, praticar mais a religião e respeita-la mais nas suas relações politicas e sociaes, do que acontece na Europa. O Christianismo é religião de amor. S. João, diz: *N'isto se manifestou o amor de Deus para comnosco, que Deus enviou a seu Filho unigenito ao mundo, para que por elle vivamos;* e logo depois: *Amados, se Deus assim nos amou, tambem uns aos outros nos devemos amar.* A disposição natural dos pre-

tos é benevola, terna e affeiçoada. Ora, assim como o caracter ardente de S. Paulo, ainda depois da sua conversão, era differente do naturalmente brando e amoroso de S. João, assim similhantemente a futura Igreja de Africa se ha de distinguir da nossa Igreja Europea mais Pauliniana, apresentando um aspecto mais parecido com o de S. João, uma similhança mais viva com *o discipulo a quem Jesus amou*. Por isto quando a Africa estiver convertida, se dirá novamente como no principio da Igreja: *Vêde como estes Christãos se amam uns aos outros.*

Quanto ás pessoas individualmente, o Evangelho produz n'ellas em Serra Leôa os mesmos effeitos que em todas as outras partes. Descobre a profunda corrupção do coração; mostra-nos criminosos aos olhos de Deus; e aponta-nos ao sangue de Christo, como a fonte para lavar o peccado e a corrupção; e a sua morte como a expiação das nossas culpas; e gradualmente leva o homem que tem fé, ora caindo, ora levantando-se, a conformar-se com Christo. Permitta-se-nos citar um exemplo para mostrar que o espirito de Christo os purifica do mesmo modo que a nós. Uma vez, conversando com um estudante do Estabelecimento de Bahia de Fura, sobre objectos religiosos, disse-me elle, que n'uma das noites antecedentes tinha-se deitado na cama sem fazer as suas devoções, mas não podia descansar; e sentiu-se tão incommodado que já depois da meia noite levantou-se e foi procurar socego na oração e na communicação com Deus. Mas é no leito da morte que mais brilham a sua fé e a sua esperança, ao ponto de chegarem a alegrar-se no prospecto da sua dissolução, no triumpho de morte, e desejo de «se ausentar do corpo e estar com Christo.» É fóra de duvida que o que dá alegria na hora da morte, o que dá esperança de immortalidade, quando este mundo desapparece de nós, deve ser uma realidade, deve ser a fé de que Christo é principio e fim.

É esta fé que os nossos Missionarios procuram plantar e cultivar entre os pobres negros. Vejâmos quaes são os meios que regularmente se empregam para este fim, limitando-nos aos actos da Sociedade das Missões Anglicanas. O Missionario Europeu trabalha principalmente com a palavra e doutrina. Faz dois serviços completos todos os domingos, e um nas quintas feiras, além das mais funcções religiosas; e, se a saude lhe permitte, preside á escola do domingo, e superintende a escola diaria. Nos seus sermões é tão simples quanto póde ser; e não obstante só é bem entendido por uma parte do seu auditorio. Por isso recorre a outros meios para se tornar ainda mais intelligivel. Quasi todos os dias ha uma lição de Biblia em que o auditorio não é tão variado como no templo; mas são ensinados de cada vez aquelles que estão em quasi iguaes circumstancias para aprenderem, e assim o Missionario póde melhor accommodar-se á intelligencia dos ouvintes. Ha uma classe para os commungantes; outra para os candidatos á ceia do Senhor; outra para os que se preparam para o Baptismo; outra para os naturaes da Colonia que aspiram a commungantes,[1] e outra para os peccadores-publicos arrependidos. Estas lições são dadas pela manhã cedo antes da gente ir para o seu trabalho, ou á noite depois de voltarem d'elle: regularmente começam por um cantico e uma oração, depois do que se lê uma porção da Escriptura, que é explicada com a maior simplicidade. Ordinariamente isto é feito em fórma de catechese; não sómente se fazem perguntas ás diversas pessoas presentes, mas cada uma póde fazer as perguntas ou propor as questões que lhe parece; e este plano se tem achado ser mais proveitoso para dar instrucção, do que os sermões com solemnidade. Até onde a força e o tempo lh'o permittem, o Missionario tambem vae levar a verdade áquelles que nem na aula nem na igreja o ouvem, visitando os pobres pagãos e mahometanos em suas proprias casas. N'este trabalho, bem como nas classes de Biblia, elle é coadjuvado pelos commungantes mais adiantados, pelos mestres das escolas, e pelos catechistas. Os pastores nativos que se tem ordenado, e que cada vez mais vão substituindo os Missionarios Europeus, procuram continuar esta obra pelo mesmo systema que seguiam os seus predecessores.

Outro meio importante para infundir o espirito christão e para civilisar a Colonia, está nas escolas de semana, e do domingo. Nas nossas escolas diarias da semana não recebem a instrucção menos de 3:000 creanças de ambos os sexos; e não fazem menos progressos do que fazem as creanças na Inglaterra em similhantes escolas. Junto a cada igreja ha uma escola de domingo, onde achareis juntos homens e mulheres encanecidos, mancebos e creanças de um e outro sexo, todos reunidos a aprenderem o alphabeto, ou a soletrarem, ou a lerem a palavra de vida em que aprendem igualmente os meninos, seus paes e seus avós.

Além d'estas escolas geraes, ha tres estabelecimentos para uma educação mais elevada, a saber: o estabelecimento da educação femi-

[1] Temos usado da palavra *commungantes*, por ser a que nos pareceu mais propria para significar aquella classe de pessoas que nas seitas protestantes, em rasão da sua intelligencia e conhecimentos, são julgados aptos de serem admittidos ao Sacramento da Ceia segundo as crenças das mesmas seitas. *(O Trad.)*

nina; a escola grammatical; e o estabelecimento da Bahia de Fura. Os mestres das escolas e os catechistas havia muito que estavam acima do geral da população pela sua mais aperfeiçoada educação, e se tinham mostrado mais ou menos capazes de animarem os outros; mas havia uma grande falta de mestras devidamente habilitadas, e em geral o sexo feminino apparecia tão inferior em educação, que os mancebos bem educados não podiam achar esposas que lhes conviessem. Este foi o motivo de se formar o Estabelecimento de educação feminina. Sob a habil superintendencia de uma senhora Europea tem prosperado tanto, que conta em poucos annos mais de vinte pupillas. A escola grammatical foi estabelecida alguns annos antes, e já tem mais de oitenta alumnos que aprendem os ramos superiores do ensino nas escólas do sexo masculino, como é a arithmetica, e algebra, geometria, a historia, a geographia, o latim, o grego, etc. Esta escóla é destinada para os filhos das pessoas mais ricas, que podem pagar mais do que se pede nas escolas das aldeias, e está aberta para todas as familias em taes circumstancias. O estabelecimento da Bahia de Fura é mais limitado no seu objecto. Aqui, aquelles mancebos que se julgam aptos pela sua piedade e intelligencia, são educados para o fim de serem catechistas e ministros em Serra Leôa, ou para serem mandados na qualidade de Missionarios aos seus irmãos do interior. A educação aqui é geral, mas mais particularmente theologica; o estudo da Biblia é reputado o de maior importancia. Ensinam-se as linguas latina, grega, hebraica e arabe. Actualmente não passam de vinte os estudantes n'este estabelecimento, ainda que póde admittir muitos mais; e póde esperar-se que talvez venha a ser a universidade de toda a Costa da Africa Occidental.

O que fica dito póde bastar para nos convencer que se tem feito em Serra Leôa uma grande obra: que Deus tem acceitado e abençoado os trabalhos da Sociedade das Missões Anglicanas, e mais sociedades do mesmo genero; que se aproxima o tempo em que Serra Leôa póde passar de uma missão para uma Igreja estabelecida: e que a arvore do Evangelho tem lançado tão profunda raiz que póde já ser deixada á sua propria vitalidade, e força inherente, e que ha de crescer, dar flores e produzir fructos n'esta região chamitica.

Lancemos agora a vista sobre Serra Leôa, considerando-a como chegada áquelle tão desejado estado de toda a missão abençoada, quando o missionario e o evangelisador regularmente passam a ser pastores e mestres estabelecidos.

1. Ha hoje em Serra Leôa pertencentes á Sociedade das Missões Anglicanas sessenta catechistas e mestres de escola nativos, muitos dos quaes, por um longo tempo de serviço, têem dado provas de zêlo, devoção, e aptidão para a obra de que estão encarregados. Algumas das congregações das aldeias tem estado por annos a cargo de catechistas nativos, e não só tem conservado, mas tem mesmo augmentado o numero dos seus membros. Muitos visitadores, cujo officio é correr as casas e levar-lhes mais perfeitamente a palavra prégada, tem sido instrumentos abençoados para a conversão de grosseiros idolatras. O Estabelecimento da Bahia de Fura é destinado, com a benção de Deus, para dar candidatos para ministros ainda com mais perfeita educação do que se requer na Colonia: e dentro de seus muros tem residido annos um bispo, que os ordena para aquelle santo ministerio; e os seus benévolos e judiciosos conselhos são perfeitamente apropriados para que sigam o caminho direito, e igualmente para os auxiliar no cumprimento dos seus deveres. Portanto, não ha falta de agentes nativos para continuarem a obra com efficacia.

2. A Sociedade das Missões Anglicanas tem começado a introduzir em Serra Leôa o systema dos recursos proprios, e está dirigindo os Christãos do paiz em via de sustentarem os seus pastores e mestres indigenas, e de contribuirem para a erecção de novas igrejas e reparação das antigas.

3. Os convertidos ao Christianismo têem já systematicamente estabelecido meios de soccorrer os doentes e necessitados. Refiro-me ao que elles chamam «Companhias Christãs.» Como o principio de associação tem muita força nos negros, elles logo nos principios estabeleceram muitas sociedades de soccorro mutuo; mas como isto foi feito em tempo em que a maior parte d'elles eram pagãos, os estatutos resentiam-se de paganismo, e eram causa de immoralidades. Entretanto os energicos esforços dos missionarios para remediarem este mal tem sido tão afortunados, que em logar d'aquellas antigas companhias ha actualmente em cada congregação uma companhia unicamente christã, com regulamentos christãos, e onde unicamente se admittem membros da Igreja; de sorte que não vão já ligados o crente e o pagão.

4. A nova Igreja de Serra Leôa possue um bem — e oxalá que nunca se veja privada d'elle —que é muito acertado, fazendo-se d'elle bom uso, para se conservar o caracter de pureza comparativa: é a pratica de disciplina ecclesiastica. Os membros que cáem em peccados publicos são excluidos das prerogativas dos

membros da Igreja, exceptuando unicamente a assistencia á prégação publica da palavra de Deus: e esta pratica tem sido um sal saudavel, e um grande bem para esta nova Igreja.

5. Os christãos de Serra Leôa não se esquecendo, «da rocha de que foram tirados, ou do barro de que foram formados» têem ha muito tempo manifestado um vivo desejo de mandar o Evangelho aos seus co-naturaes que vivem em trevas fóra da Colonia. Não só contribuem regularmente para o fundo geral da Sociedade das Missões; mas acham-se tambem entre elles desejosos de se offerecerem no altar de amor. Já tem sido enviado um bom numero de missionarios nativos ao paiz de Aku, onde estão sendo instrumentos abençoados da conversão de muitos dos naturaes: outros ha que procuram segui-los.

Certamente ao ponderar isto tudo, podemos exclamar: «Que obras tem feito o Senhor!» e achâmos grande motivo para «louvar a Deus, e encher-nos de confiança.» O Evangelho tem conseguido uma grande victoria em Serra Leôa. Já ali triumpha, como ha de vir a triumphar em todo o mundo. O grande sacrificio de vidas preciosas, de lagrimas amargas, de tristeza, e de trabalho, já hoje é correspondido com respostas de paz pelo Senhor da seara, por cuja causa elle foi feito. Podemos cada vez mais estar certos, que nada que se faz por Christo é perdido. Nem um pucaro de agua fria, dado em seu nome, ha de ficar sem recômpensa. Podemos já ter a esperançosa confiança que Serra Leôa está ganha para a Igreja.

Mas ficaremos agora com os braços cruzados, comprazendo-nos no que se tem feito? Longe esteja isto do christão, a quem é mandado trabalhar em quanto é dia, que a noite logo vem. Devemos tomar estas palavras tambem no ponto de vista do Missionario. «*Eis que venho presto, guarda o que tens, para que ninguem tome tua corôa.*» (Apoc. 3. 11.) Ora se alguma cousa se tem feito, quanto não resta ainda por fazer! «O campo é o mundo» diz o nosso Salvador. Por isso

> Descansar não póde a Igreja
> Sem que ao mundo todo alegre
> Do Evangelho a voz sagrada.

O que tem sido feito em Serra Leôa não é senão o typo e o penhor do que se deve fazer em todo o mundo, e especialmente n'aquelle vasto e negro Continente Africano. Tribus de quasi todas as partes do Continente chamitico, norte e sul, nascente e poente, e mais remoto interior, ainda desconhecido, estão representados em Serra Leôa—esta interessante Africa *in nuce*. Todos elles são *homens da Macedonia*, que nos acenam «*que venhamos e os auxiliemos.*» Quem é então o benevolo ouvinte que diz com o Propheta: *Eis-me aqui, a mim me envia?* (Is. 6. 8.) Que cousa póde haver melhor, mais nobre, mais digna de todos os nossos esforços, de toda a nossa vida, do que trabalhar no bem de espiritos immortaes, e promptificar-nos para a obra de estender o reino de Deus? Nenhuma obra póde ser mais do agrado de Deus do que a Missão. Por isso, bemdito aquelle que toma parte n'ella, e assim se faz cooperador da obra de Deus. Isto, como tudo quanto é de Deus, ha de realisar-se: a semana de trabalho ha de terminar em um dia do Senhor sem fim; e então os que trabalhavam com Deus hão de tambem *entrar com elle no seu descanso.*[1]

S. W. Koelle.

[1] Os votos que faz o Missionario Anglicano pelos progressos do Christianismo em geral, mas que elle sem duvida entende das communhões protestantes, fazemos nós pela extensão da Religião Catholica Apostolica Romana. (*O Red.*)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

CULTURA DO ALGODÃO NOS ESTADOS UNIDOS.

Se consultarmos as estatisticas dos Estados Unidos ficaremos maravilhados da rapidez com que a cultura do algodão tem crescido n'este paiz, e da enorme riqueza, cada vez maior, que este producto rende annualmente.

Em 1790 a exportação d'este genero era avaliada em 42:285 piastras. Em 1851 a mesma verba já chegava a 112.500:000 piastras; e depois ainda tem crescido.

Distinguem-se varios periodos na historia financeira d'este producto: o primeiro dura de 1785 a 1805 (nove milhões e meio); o segundo comprehende os vinte e cinco annos seguintes, e começando em 15 milhões, acaba em 30 no anno de 1830; o seguinte principia com 65 milhões e chega a 71 em 1850; finalmente o periodo actual começando por 112.500:000 piastras em 1851, tem crescido depois gradualmente, e chegaria em 1875 a uma quantia impossivel de prever, se os Estados Unidos continuassem a ser os unicos productores, por assim dizer, d'este genero, que é uma das mais importantes materias primas de todas as industrias. Nada prova tão claramente como aquelles algarismos o progresso d'esta cultura nos Estados Unidos; nada prova com tanta certeza o rapido desenvolvimento que ella póde ter em outros paizes.

É consideravel o numero das variedades cultivadas nos Estados Unidos; e todos os dias o catalogo cresce como algumas especies, já de grande valor, já insignificantes. O anno de 1853 viu apparecer o *algodão doirado*. Diz-se ser de grande producção, e parece já tomar logar entre os melhores de fio curto. No mesmo anno appareceu tambem em Texas um algodão natural do Novo Mexico, onde os Indios Pinos mais propriamente o apanham do que o cultivam.

Nos Estados Unidos dividem o algodão em duas grandes cathegorias: 1.ª, o de semente verde adherente á fibra, e que se dá nas terras do interior: é conhecido pelo nome de *Upland Short-staple* ou *bowed Georgia cotton*, algodão de fio curto, que fórma mais de 90 centesimos da producção americana; 2.ª, o de semente preta solta, que gosta dos terrenos mais visinhos do mar. É o *sea island* ou *long staple cotton*, algodão de fio comprido. Este algodão foi experimentado em 1785 na Costa da Georgia. Desde então, á excepção de alguns pontos da Florida e de Carolina do Sul, era exclusivo da Georgia; mas a Luiziana parece tambem querer entrar em concorrencia, e entre os primeiros algodões de fio comprido, que tem produzido, alguns ha que parecem superiores aos que se negoceiam em Savannah. É aqui logar para fazer uma observação importante sobre esta cultura; e é, que em quanto na Georgia nunca se tinha cultivado o algodão senão em ilhas[1] ou terrenos á borda de agua, onde ha areia misturada com detritos de plantas, ou fragmentos de conchas, mas onde o chão está elevado acima do nivel da agua, na Luiziana conseguiram cultiva-lo n'aquelles immensos pantanos, muitas vezes cobertos de agua do mar, que quasi inteiramente os rodeia, desde o rio das Perolas até á Sabina. Esta observação póde ter util applicação em outros paizes.

É admittido nos Estados Unidos que ha dez especies de algodão conhecidas: primeiramente as cinco classificadas por Linneu: Gossipium *herbaceum* — *arboreum* — *hirsutum* — *religiosum* — e *barbadense;* e depois outras cinco, *indicum* — *micranthum* — *vitifolium* — *latifolium* — e *peruvianum*, que todas reduzem a tres classes os homens praticos: *algodão herbaceo; algodão arbustivo; algodão arboreo*.

Era necessario mencionar estas divisões, porque a opinião aqui parece admittir que as especies herbaceas que hoje se cultivam, vieram a ser taes por degeneração da especie arbustiva ou da arborea. Esta observação não deixa de indicar, que seria util tentar novos ensaios n'este sentido na Argelia, com as sementes das diversas especies, que plantadas na parte me-

[1] Talvez fosse melhor dizer *Lezirias*.

(O Red.)

ridional das possessões francezas de Africa, ahi talvez se dessem excellentemente, ou permittiriam melhorar por cruzamento as especies ja existentes. Estes ensaios deixam entrever a esperança de obter um algodão argelino, como acontece com o algodão de Luiziana, cuja superioridade incontestavel se attribue a cruzamento de um algodão de Siam e de S. Domingos, importado pelos Francezes em 1786 e 1795, com a especie de fio comprido, que foi introduzida em grande quantidade logo depois da cessão d'este paiz aos Estados Unidos, e tambem com as especies trazidas do Novo Mexico em diversas epochas.

O algodão de fio comprido é, segundo a opinião aqui geralmente admittida, considerado como uma degeneração do algodão *arboreum*, trazido da Persia ás Antilhas, e introduzido d'ahi nas Ilhas de Bahama, d'onde foi levado para os Estados Unidos. Affirma-se que se tem visto algodoeiros d'esta especie viverem na Georgia quatro e cinco annos, e crescerem até tomar as dimensões de uma pequena arvore. N'este caso particular os casulos mais tardios não chegavam a amadurecer. O *Upland cotton* é attribuido a uma degeneração do algodão *hirsutum* natural de Jamaica. A experiencia tem provado aqui que o algodão de fio curto não teme o rigor dos invernos, com tanto que este seja compensado com a duração e constancia dos verões. O algodoeiro tem florecido e fructificado no Maryland, posto que o thermometro ali desça a zero de Fahrenheit (17-50 centigrados). Quanto ao *sea island*, na Georgia, onde elle prospera, chega muitas vezes a haver 5 ou 6 graus centigrados abaixo de zero.

Póde perguntar-se, no ponto de vista dos interesses da Argelia, por que rasão, ao mesmo tempo que a cultura do algodão de fio curto se tem prodigiosamente estendido no Estados Unidos, a do algodão de fio comprido se tem conservado estacionaria. As estatisticas provam effectivamente, que as quantidades d'esta especie, colhidas na Carolina do Sul e na Georgia, e reunidas nos mercados de Charlestown e Savannah, davam, em 1805 e em 1832, o mesmo numero de saccas.

Ha aqui um facto que póde ser de uma lição muito proveitosa para o futuro da França Africana; e é o que resulta da experiencia de um paiz onde faltam os braços em proporção da terra que ha para fecundar, e onde o juro do capital é elevado: é necessario pois estuda-lo.

O Americano em todos os graus da Sociedade, e o agricultor tanto como os outros, é bom calculista, é um perfeito negociante, que se importa pouco com a superioridade do genero, e o que tem antes de tudo em vista é o maior lucro possivel. A experiencia tem-lhe mostrado que o algodão de fio comprido, posto que por arratel se venda muito mais caro do que o *upland cotton*, lhe vinha no fim a dar menos lucro. No terreno da America, n'um campo de uma dada extensão, o seu rendimento e muito menor em quantidade: 150 a 300 libras por acre em vez de 1:000 a 1:500. A cultura do primeiro pede mais cuidado: mas o facto mais importante, e que não permittirá nunca que esta producção rivalise com a outra, em quanto o obstaculo subsistir, é que até hoje, a separação da semente e do fio tem de se fazer, por assim dizer, á mão.

Desde o tempo de Elias Whitney, o inventor da machina Americana, cuja acção rapida tem feito possivel o augmento prodigioso da cultura do algodão de fio curto nos Estados Unidos, muitos melhoramentos parciaes se tem feito na machina primitiva; mas o fundamento tem sido sempre o mesmo, e atégora têem sido inuteis todos os aperfeiçoamentos relativamente ao algodão *long staple*.

Ainda hoje não ha machina que permitta separar promptamente a semente d'este algodão, e na verdade, ao ver tantos esforços inutilmente feitos para conseguir isto, inclina-se a gente a acreditar, que o cylindro armado de serras circulares que passam nos intersticios de uma grade metallica bastantes estreitos para não deixarem passar a semente, e o ventilador armado de escovas, não poderão nunca, como até agora não tem podido, serem applicaveis ao algodão d'esta natureza. Todas as machinas, sem excepção, que actualmente se conhecem, cortam o fio e o embrulham, e por isso como d'antes acontecia, é ainda hoje indispensavel limpar quasi á mão uma colheita inteira do algodão de fio comprido.

Mão de obra immensa, lucros diminuidos, braços tirados á cultura da terra, são circumstancias que explicam porque não augmente nos Estados Unidos o algodão de fio comprido, e que convinha fazer bem conhecidas. Vimos figurar na exposição um algodão magnifico vindo da granja-modelo de Oran. Excitou a admiração dos Americanos; mas logo ponderavam os cuidados e o trabalho que custava; e o impedimento que fazia ao rapido progresso da industria do algodão no territorio argelino. Ignoravam que o peso d'estas considerações, absoluto nos Estados Unidos, póde ser compensado na Argelia pelas necessidades das fabricas francezas.

Esteve no Palacio de Crystal uma machina de descaroçar algodão, devidamente reputada como o instrumento mais perfeito do seu genero. E. Carver, o auctor dos aperfeiçoamentos conseguidos, tem consagrado a sua vida a esta especialidade; e tem-se empregado uni-

camente na solução de um problema, cujos elementos constam de uma infinita variedade de pequenas difficuldades em miudezas, que não é possivel enumerar, e que variam para cada qualidade de algodão. Foram necessarios oito annos de observações assiduas e de experiencias continuadas, para conseguir conhece-las e classifica-las. Este engenho é perfeito para os algodões de fio curto, ainda os mais delicados. Carver ainda não póde conseguir fazer um engenho conveniente para o algodão de fio comprido.

Uma machina de Carver com sessenta serras, podendo apromptar por dia 1:500 a 2:000 libras de algodão descaroçado, segundo as qualidades, e exigindo, na rasão de 250 revoluções por minuto, o trabalho de tres machos e dois homens, custa aqui 240 piastras. Podem-se ter de maior dimensão; mas as que só têem dez ou vinte serras sáem proporcionalmente por maior preço.

Entre os objectos reunidos no Palacio de Crystal havia um, que tem intima ligação com o que estamos tratando; é a semente do algodão, e o oleo que d'ella se póde tirar: estavam duas garrafas d'este oleo vindas da Nova Orleans, onde um individuo, unico em toda a União, o fabrica. Uma continha o oleo como comestivel, e a outra o destinado a luzes, proprio tambem para as machinas, e para sabão. Em ambas o oleo era extrahido da semente do algodão descascada, variando unicamente no maior cuidado na fabricação. Quanto ao primeiro é duvidoso que possa nunca servir para a comida; porque além da sua qualidade levemente purgante, tem um gosto acre, e acha-se grosso na bôca, como as gorduras animaes. Mas posta de parte esta applicação, ainda restam os outros usos: parece ser bom azeite para luzes, e de facil saponisação. Os machinistas que o têem experimentado, preferem-no, segundo se diz, ao oleo de espermacete que de ordinario usam, e o *Instituto Americano* deu ao inventor uma medalha de prata. Diz-se geralmente que este oleo se não faz graxo, nem enceba as machinas.

Apesar d'estas recommendações, convem ainda suspender o juizo, attendendo á facilidade com que taes testemunhos se obtem nos Estados Unidos: convém por isso esperar algum tempo de experiencia para ajuizar da importancia d'esta applicação especial.

Mostremos a importancia d'este producto, hoje deitado ao vento, procurando mostrar que sobre uma extensão de terra capaz de produzir aqui um fardo de algodão de 400 libras, com o valor medio de 40 piastras, fica na semente um valor aproximadamente de 66 piastras, que se não aproveita.

A experiencia tem provado nos Estados Unidos, que se deve contar com tres libras de semente por libra de algodão limpo (o rendimento de algodão descaroçado varia de 250 a 350 libras por cada 1:200 libras de algodão com caroço);

Que um *bushel* de semente pesa pouco mais ou menos 25 libras, e que $1\frac{3}{64}$ bushel de semente, que vem a pesar 26 libras e um sexto, dá um *gallão* de oleo;

Que este olco não vale menos de uma piastra por gallão.

Vamos agora sobre estes dados:

Um fardo de algodão de 400 libras corresponde a um rendimento de 1:200 libras de semente, isto é, com pouca differença, quarenta e seis vezes as 26 libras e um sexto, que dão um gallão de oleo; temos pois 46 gallões de oleo nas 1:200 libras de semente, ou um valor de...................... 46 piastras
mais o valor do residuo que se póde,
feitos os descontos convenientes,
avaliar em................. 20 »
Somma... 66 »

Vamos ainda insistir n'este objecto, calculando as sommas fabulosas que annualmente se perdem nos Estados Unidos, abandonando esta semente á fermentação putrida.

Tomemos para exemplo a ultima colheita que chegou a 3.00 :000 sacas de 400 libras, ou 1.200:000:000 libras.

A semente correspondente ha de ter sido 3.600:000:000 libras, com o volume de 140.000:000 bushels (a 25 libras o bushel), equivalente de 50.909:090 hectolitros.

Um hectolitro de semente corresponde a 11:48 litros de oleo. Nos 50.909:090 hectolitros de semente havia 6.082:616 hectolitros de oleo: o hectolitro corresponde a 22 gallões.

A uma piastra o gallão, um hectolitro (ou 22 gallões) vale 22 piastras, e os 6.082:616 hectolitros representam 133.817:552 piastras perdidas na ultima colheita, isto é, uma somma superior aos 120.000:000 piastras, valor aproximado das 3.000:000 sacas de algodão colhido, avaliadas em 40 piastras a saca.

Esta quantia, de cuja exactidão se não poderá duvidar, cresce ainda com outra que se póde calcular aproximadamente (o valor do bagaço ou residuo da fabricação).

O gallão de azeite de semente de algodão (na densidade 0,90) pesa, pouco mais ou menos...................... 4 kil. 088
O bushel pesa 25 libras ou 11 kil. 34.
o bushel e $\frac{3}{64}$ que dão um gallão de azeite, pesam portanto....... 11 kil. 870
O bushel e $\frac{3}{64}$ sendo equivalente de 0,38048 hect., resta para o peso correspondente do residuo (bagaço d'esta ultima quantidade de semente, depois de espremido o azeite) a differença entre as duas sommas acima............... 7 kil. 782

Isto é, em 30.909:090 hect. de semente mais de 1.000:000:000 de kilogrammas de bagaço proprio para sustento de gado, para fertilisar as terras, e tambem bom combustivel.

Se este residuo se avaliar aproximadamente a 6 piastras ou 30 francos os 100 kilogrammas, o seu valor deitará a 60.000:000 piastras ou 20 piastras por saca
de algodão, que addicionadas a .... 133.817:552 »
dão a somma......... 193.817:552 »
expressão do valor util, mas perdido, do azeite e bagaço utilisaveis, deixados sem proveito, que constituiam a semente correspondente a 3.000:000 de sacas de algodão colhidas em o anno de 1852 nos Estados Unidos, no valor de 120.000:000 piastras.

Deduzindo 10 por cento, como equivalente da quantidade que deve ficar em reserva (e esta quantidade parece excessiva), restam ainda 174.435:797 piastras, como expressão do valor real e positivo que se perdeu nos Estados Unidos em 1852.

Talvez se creia que esta semente é empregada como estrume; mas em geral não é assim, deixam-n'a em monte, e ahi se perde.

A extracção prévia do azeite em nada diminuiria a sua qualidade a este respeito, e ainda a faria mais facil de transportar.

Estes algarismos talvez pareçam eloquentes de mais; mas, apesar de que trabalhámos para os diminuir, não se póde deixar de reconhecer a sua certeza.

Fica dito acima que o azeite da semente de algodão é um producto novo, resuscitado de 1836. Ora, é certo que n'esta epocha se tinha formado no Sul uma companhia poderosa. O logar dos seus principaes estabelecimentos era em Natchez, onde ainda existem os restos das suas officinas, que hoje servem de armazens. Para esta associação de especuladores, fazer azeite era infelizmente cousa secundaria: especular sobre uma carta de banco, segundo a moda de então, era o principal: e quando veiu a grande crise de 1837 a 1842, o banco caiu, o seu activo liquidou-se, os immoveis venderam-se para um lado, os moveis para outro. O publico ficou crendo na impossibilidade de fabricar com lucro azeite de semente do algodão, que foi o que a companhia deu como a principal causa da sua ruina, e por isso ninguem pensou mais em tal até 1853, em que tornou a reviver.

E é uma circumstancia digna de notar-se, a aversão que todos os agricultores da America parecem ter á cultura de plantas oleoginosas. A excepção do oleo de linhaça, e do de ricino, que os fazendeiros do Oeste começam a fazer para luzes e para consumo domestico, não ha outro nos Estados Unidos de que se possa fazer menção.

O agricultor americano só quer o que cresce, amadurece e produz immediatamente, o que se dá por si e sem cuidados; por assim dizer, o que basta semear-se. O que, pelo contrario, exige cuidados constantes, uma applicação scientifica, uma vigilancia assidua, não é para elle. Só se exceptuam d'este regra a Nova Inglaterra e os Estados do Norte, onde o homem tem a luctar com um clima rigoroso, e os logares do Sul onde o negro recebe a direcção do senhor. Mas na immensa região agricola do Occidente, que vae desde os montes Allegany até ás Montanhas de rocha, as culturas são pouco variadas: trigo, milho, feno, aveia, mais algum cereal, tabaco, canhamos, e linhos, algumas plantas para fazer farinhas, algumas arvores de fructa, alguns pés de vinha, constituem toda a sua cultura. Bois, vaccas, carneiros, porcos e aves, que se engordam ou nos campos sem fim que a mão de Deus sustenta, e a do homem não cultiva, ou nas matas, onde o carvalho de seculos produz sem cultura o seu rendimento annual, estes são os productos secundarios, que completam, com os licores espirituosos e os acidos que se tiram da fermentação das farinhas e das feculas, os productos accessorios.

Descendo para o Sul, e chegando aos Estados de escravatura, onde, á excepção do tabaco, já cultivado no Norte, se encontram mais especialmente o algodão, o assucar e o arroz, que constituem quasi toda a producção da terra, se vêem cultivados alguns generos de cultura mais delicada; mas apparece logo um facto muito notavel. Cada uma d'estas tres producções principaes é acompanhada de uma substancia accessoria, aproveitavel e mesmo preciosa, mas que deixam perder. Já vimos o caso que fazem da semente de algodão; deixam da mesma sorte perder a palha de arroz, que poderia empregar-se tambem na fabricação do papel. A canna de assucar dá tambem o alcali abundante no seu bagaço, e que se o não quizessem extrahir, poderiam restitui-lo á terra d'onde o tiraram, em logar de o perderem, deixando apodrecer á borda das ribeiras o residuo que o contém.

Aqui estão pois tres productos, que bastaria não os perder para obter com pouco custo um valor, que quasi igualaria o dos generos que hoje são os mais principaes. A difficuldade de applicar o trabalho dos escravos a cousas diversas é a unica rasão que parece poder allegar-se para auctorisar um tal desleixo.

Nesta nomenclatura de producções da terra, á excepção do linho e do ricino, em parte

nenhuma apparecem as sementes oleosas. O que dissemos a respeito do algodão, prova que estes objectos são desperdiçados, ainda quando os ha, e que o seu aproveitamento custaria muito pouco. Diversos ensaios tentados, por simples particulares, ou com o concurso do governo central, para naturalisar plantas d'este genero, todos tem sido abandonados. A oliveira é um dos exemplos; mas era necessario esperar: outros exigiam muito cuidado.

A população agricola dos Estados Unidos é o exemplar de uma raça de rara actividade para augmentar o que ella sabe fazer, e de uma invencivel antipathia a adoptar o que lhe é novo.[1] O americano pede azeite ás baleias que os seus marinheiros vão pescar longe: e gordura aos porcos, que se engordam com os fructos das suas matas; mas não lhes quer applicar os cuidados da cultura. E todavia não será impossivel que antes de muito tempo os productores de algodão, com os 6.000:000 hectolitros de azeite, que elles podem produzir e vender por baixo preço, dêem um golpe forte nos interesses da pesca da baleia, viveiro dos marinheiros americanos. Para isto bastam apenas apparelhos simplices, e processos de facil execução nas mãos dos cultivadores de algodão.

O algodão, como a experiencia tem provado, degenera facilmente, quando não ha o maior cuidado na escolha, na preparação e na conservação da semente. O bom agricultor separa, para colher a semente, os cazulos de melhor apparencia; escolhe os que a planta dá a meia altura, e rejeita os mais enfesados das pontas do ramos. A semente escolhida é conservada á sombra, e abrigada da humidade. Bem preparada a semente póde aturar dois annos pelo menos, sem differença nos resultados.

Quanto ao terreno proprio para esta cultura, as terras leves, de natureza calcarea, com uma certa quantidade de humus, parecem ser as que mais lhe convém. Mas a grande experiencia que se tem feito em todo o territorio da União, prova que o algodão póde dar-se bem em todos os terrenos, exceptuando todavia os que se cobrem de agua estagnada, ou inteiramente cansados.

O producto é mais ou menos abundante. A planta cresce tres ou quatro pés nas terras aridas da Georgia, em quanto algumas vezes chega a doze nos ferteis terrenos da Luiziana e do Mississipi: mas em toda a parte produz bastante para pagar o trabalho do agricultor.

Agora quanto ás immensas variedades de algodões que se exportam dos Estados Unidos, talvez se podessem designar as naturezas dos terrenos mais proprios para cada uma, e distinguir as que vegetam melhor do que outras nos terrenos pobres; mais isto deveria ser objecto de longo exame, mesmo nos logares da producção, e de observações colhidas, pelo menos em vinte centros differentes.

A boa preparação da terra é de grande importancia n'esta cultura. Deve ser bem attenuada com amanhos profundos, para que as raizes não apodreçam. Tem-se dito ser muito acertado o methodo, que consiste em dar uma lavra antes do inverno, dando um rego profundo na linha onde ha de depois ficar o algodão, enterrando n'este rego os pés da ultima colheita, e cobrindo-os com a terra dos dois regos dos lados, vindo a ficar uma inclinação de cada um dos lados. No fim do inverno repete-se a lavra, e attenua-se a terra com instrumentos proprios. Um bom lavrador cuida em semear cedo; mas a experiencia tem mostrado que é melhor esperar para tempo conveniente, e não ter muita pressa de semear. A planta tenra do algodão é muito sensivel aos frios, e uma sementeira repetida nunca é boa.

Quando chega o momento da sementeira, os bons agricultores dividem a sua gente em tres esquadras: a primeira, formada dos melhores negros, abre no cimo das leiras um pequeno rego, alargando-o de quando em quando, em distancias iguaes, nos sitios onde se deve lançar a semente. A segunda esquadra, composta da gente de trabalho mais inferior, deita em cada logar cinco ou seis sementes separadas; e os trabalhadores medianos, que formam a terceira, vem logo atraz, e cobrem a semente á enchada.

A distancia em que o algodão deve ser semeado varia segundo a qualidade da terra, e a natureza da variedade que se semeia, desde pé e meio até quatro pés. A experiencia e quem ensina, partindo do principio, que a planta crescida necessita que o ar circule livremente em roda.

Logo que a planta deitou as primeiras duas folhas, sacha-se á enxada, sem mecher nos pés do algodão. Quando tem quatro folhas, escolhe-se o pé mais vigoroso, e arrancam-se os outros, chegando a terra ao que fica, e limpando tudo em roda. Quando a planta começa a alargar-se, dá-se então um amanho maior, deitando com a charrua a terra para o pé do algodão, para evitar a secca, que é tão prejudicial como a humidade de mais.

As chuvas favoraveis á primeira vegetação impedem algumas vezes estes trabalhos; a sêcca, pelo contrario, sobrevem quando o algodão começa a estar forte. N'este tempo não se deve mecher a terra ao pé da planta, mas

[1] Esta observação só é applicavel á producção agricola.

antes chegar-lhe terra até que tenha chegado ao seu crescimento.

A colheita do algodão faz-se á mão, e dura até vir o frio, á proporção que os cazulos vão amadurecendo. E é tambem á mão que o algodão com as suas sementes se tira das capsulas.

Tem havido quem tenha proposto capar os algodoeiros para fazer que se não perca a seiva nos fructos imperfeitos da extremidade dos ramos. Estes ensaios parece terem dado bons resultados; mas tambem não parece a experiencia ainda bem decisiva, para que se deva aconselhar esta pratica. Basta dar noticia d'isto.

Feita a colheita resta prepara-la para vender.

Já fallámos das machinas usadas para separar a semente, e da falta de bons instrumentos proprios para o algodão de fio comprido. Deve esperar-se que esta falta tão sensivel será remediada.

O algodão em rama exporta-se em sacas ou em fardos. O primeiro modo é reservado para os algodões de fio comprido. A formação dos fardos dos algodões de fio curto opera-se por prensas de parafuso ou de alavanca; as primeiras são as que mais geralmente se usam. Uma d'estas prensas póde dar até cincoenta fardos por dia: mas, bem entendido, que fallâmos das de maior força, chamadas *prensas de Nowel*.

Os fardos pesam regularmente 400 libras americanas: sabido isto, é facil determinar, reconhecidas as dimensões, qual é o maximo da pressão além da qual não devam passar para se não alterar o valor do genero.

Estes fardos, que se cobrem de um tecido grosseiro e ralo, são seguros por tres cordas em distancias iguaes no ponto de compressão dado; mas estas cordas cedem, e calcula-se que os fardos augmentam um sexto do seu volume primitivo. Este facto obriga a uma segunda pressão no porto do embarque, e torna necessarias, como consequencias dos transportes, manipulações consideraveis, e o emprego de intermediarios assalariados. Ha nos Estados Unidos quem procure evitar estas despezas, usando, em logar de cordas, de ferro soldado, sobre o fardo: mas este meio tambem trazia inconvenientes no commercio para as amostras, e só poderá bem ter logar, quando o consumidor esteja em relação immediata com o productor.

Devemos por ultimo dizer que não ha nos Estados Unidos obra especial sobre a cultura do algodão. *(Revue Coloniale.)*

CULTURA DO CAFÉ E DO ALGODÃO NO BRAZIL.[1]

Cultura do Cafeeiro. — Colheita e preparação do Café.

O cafeeiro gosta das encostas ou terrenos altos, e de um clima fresco; sem que todavia a temperatura desça tanto que haja geadas, porque este grau de frio destruiria a producção. É nos districtos elevados da provincia do Rio de Janeiro que o cafeeiro se dá melhor no Brazil. Prefere a todos os terrenos roteados de fresco; e produz pouco nas terras que já deram outras producções.

Não se semeia logo o café nos terrenos destinados para a sua cultura: a sementeira faz-se em viveiros, onde se abrem regos pouco fundos, nos quaes se deitam os grãos de café em pouca distancia uns dos outros, cobrindo-os logo com alguma terra. Preferem-se para estes viveiros os terrenos planos, ou melhor ainda os que têem leve inclinação, porque se evita, sem trabalho, a estagnação das aguas, sempre perniciosa á germinação da semente e ao crescimento das plantas tenrinhas. A estação que no Brazil se julga propria para a sementeira do café é a dos mezes de Agosto, Setembro, e Outubro. Desde o tempo da sementeira até ao da trasplantação tem-se o cuidado de sa-

[1] Depois do interessante artigo sobre a cultura do algodão, transcripto de *Revue Coloniale*, entendemos que os leitores dos Annaes lerão tambem com muito interesse as duas noticias que em seguida lhe apresentâmos, sobre a cultura do café e a do algodão no Brazil. Estamos persuadidos que a comparação do que se passa em dois grandes paizes da America, um onde a cultura do algodão cresce todos os annos (ainda que parte fique estacionaria) e outro onde a mesma cultura successivamente vai decaíndo, explicadas as rasões como estão no que se lê em ambos os artigos, ha de levar os habitantes das provincias ultramarinas a serias reflexões, e os deve esclarecer muito sobre o que lhe convem fazer para que os generos da sua producção possam affrontar a concorrencia dos outros paizes, quando um dia lhes falte a grande protecção que hoje encontram nas Alfandegas da metropole: tanto mais que a vastidão d'aquellas provincias deixa prever um tempo, em que, se seus habitantes quizerem entrar seriamente nos trabalhos industriaes, sem os quaes aquellas regiões não podem saír da nullidade, em que por tanto tempo estiveram, o mercado de Portugal será muito pequeno para dar extracção a todos os generos que devem produzir; e por isso terão de entrar em concorrencia com os outros paizes onde iguaes generos se produzem.

As noticias sobre a cultura do café e do algodão no Brazil são tiradas de um artigo sobre a *Agricultura do Brazil*, escripto por *José de Ribeiro*, ex-Ministro do Brazil em França, e publicado no numero 16 (de 20 de Agosto) d'este anno, do *Journal d'Agriculture pratique*.

char frequentes vezes a terra, e de a afofar em roda dos cafeeiros: quando estes estão em estado de se poderem transplantar, prepara-se o terreno que lhes é destinado, cavando-o e abrindo as covas onde hão de ser plantados. Todo este amanho se faz á *enchada*, que se deve considerar a charrua do Brazil.

Plantam-se ordinariamente os cafeeiros em linhas. Antigamente não se punha de distancia entre pé e pé mais que dois metros e meio; mas como a experiencia mostrou que era melhor dar-lhe mais distancia, os agricultores actualmente plantam-n'os com tres pés de distancia, e mais; de sorte que n'um quadrado de tres metros de lado, ha quatro pés de café, um em cada canto. Tambem algumas vezes plantam ainda em maior distancia, para pôrem depois um pé no meio, vindo assim a ficarem plantados em quincunce.

No primeiro anno da plantação, e ás vezes ainda no segundo, póde-se semear milho, e legumes nos intervallos dos cafeeiros; mas logo que começam a dar, o que de ordinario tem logar no terceiro anno, não se cultiva no terreno mais nada; antes é necessario sachar a terra muitas vezes, porque qualquer planta que cresça junto dos cafeeiros, os faz dar menos consideravelmente.

Os cafeeiros crescem até aos sete annos; mas logo que tem um metro e 30 ou 40 centesimos começam a poda-los, não só cortando-lhes a parte mais alta, mas tirando-lhe os olhos inuteis que apparecem entre os ramos pelo tronco acima. Esta operação tem por fim evitar a grande altura da planta, o que difficultaria a colheita, e dar mais seiva aos ramos que dão fructo. Tratando o arbusto como deve ser, póde durar muito, e dar ainda bastante producção aos trinta annos. É só d'esta idade por diante que no Brazil reputam os cafeeiros velhos.

A apanha do café começa no mez de Abril; e como este fructo amadurece com muita desigualdade, acontece muitas vezes que em Novembro ainda ha café para apanhar. Em geral para fazerem a colheita põem cestos em certa distancia uns dos outros, na parte da plantação onde se faz a colheita, sacodem então os arbustos, e depois de apanharem o que caiu em roda, apanham á mão o que não caiu, mas parece estar maduro. Quanto se colheu, depois dos cestos cheios, é levado ao seccadouro. O uso de outros paizes de pôrem esteiras ou pannos debaixo dos cafeeiros antes de os sacudirem, não se pratica no Brazil.

Ainda não ha muito tempo que no Brazil se não conhecia senão um modo de seccar o café, e era pôrem-no ao sol em eiras, á proporção que o iam colhendo. No fim de vinte dias bons, o café estava bastante secco para poder ser levado aos pilões, para lhe tirar todas as cascas; limpava-se depois o grão joeirando-o, e o café estava prompto para se vender. O cuidado unico que exige este methodo de sécca, é mecher o café muitas vezes, não só para facilitar a evaporação, mas tambem para que o café se seque com igualdade. Ha alguns annos que os lavradores Brazileiros se acharam na necessidade de adoptar um methodo de sécca, que não está muito no seu gosto de cousas faceis, mas que faz o genero muito melhor, e lhe dá maior valor. O que os obrigou a isto foi o desfavor em que íam caindo os seus cafés nos mercados da Europa, onde se vendiam por preços inferiores, porque diziam que tinha um certo gosto acre e desagradavel, que o tornava inferior. Pretendia-se que este gosto provinha de se seccar o café sobre a terra com toda a carne do fructo; de sorte que antes de seccar completamente passava por uma fermentação, que por força havia de communicar ao grão um certo gráu de acrimonia. Estas considerações pareceram bem fundadas: e por isso muitos lavradores trataram de mandar vir as machinas usadas nas Antilhas para tirar a polpa do café, e facilitar assim a sécca do grão. Foi na Provincia do Rio de Janeiro, onde mais se introduziram estas machinas: entraram a usar d'ellas, e convenceram-se, com a experiencia, que o café secco, depois de separado do involucro polposo, era muito superior ao outro, e por isso obtinha preço mais elevado. Desgraçadamente esta convicção não tem tido todo o resultado que se devia esperar: o uso das novas machinas ainda não é geral; e até tem acontecido que alguns agricultores, que primeiro as tinham adoptado, depois as deixaram. Entenderam que as machinas não faziam bastante trabalho; que o seu serviço pedia muito tempo aos trabalhadores, e que portanto só podiam convir a agricultores, que só tivessem a preparar pequenas quantidades de café.

Quasi pelo mesmo tempo se fez tambem a experiencia de estufas para seccar o café; mas, ou seja que estas experiencias fossem mal dirigidas, ou que realmente este meio artificial não valha o bello sol do paiz, o facto é que nenhum plantador Brazileiro quiz ter estufa, nem seccar o café senão com o calor do sol.

Nos ultimos tempos a cultura do café tem augmentado de tal fórma, que a media das quantidades exportadas nos ultimos tres annos chega a dois milhões de saccas, ou 160.000:000 de kilogrammos. É pouco mais ou menos o terço da producção total d'este genero no mundo inteiro.

Cultura do Algodoeiro.

A extensão que tem tido a cultura do café no Brazil veiu muito a proposito para compensar a diminuição da do algodão, que não podendo resistir á concorrencia que lhe fazem alguns Estados da União Americana, vae sempre diminuindo, em quanto a dos Estados Unidos vae successivamente enchendo todos os mercados da Europa.

O algodão cultiva-se em todo o Brazil; mas é só na parte septentrional, entre a Bahia e o Amazonas, que se cultiva para exportação. Nas provincias de Minas, Goyazes, S. Paulo, Santa Catharina, e Rio Grande, o pouco que se colhe é quasi unicamente empregado na fabricação de tecidos muito imperfeitos, fabricados pelos habitantes para seu uso, em teares de mão.

Quanto ao commercio externo, desde que entrou a tremenda concorrencia americana, a exportação do algodão, como diziamos, tem sempre ido diminuindo no Brazil: nem hoje se póde já calcular em mais de dois terços do que era ha trinta ou trinta e cinco annos. Lembra-nos ainda o tempo em que a França importava uma quantidade muito consideravel de algodão brazileiro, que, em rasão do seu fio comprido, os fabricantes de Ruão preferiam ao algodão americano; mas estes fabricantes adaptaram depois os seus engenhos ao algodão do fio curto, e hoje é quasi só do algodão americano que estas fabricas se alimentam.

A cultura do algodoeiro não póde ser mais facil: apenas pede metade ou o terço do trabalho que exige a do café ou a do milho. Semeia-se o algodão nos mezes de Setembro e de Outubro, enterrando a semente em distancia de metro e meio a dois metros. Em geral esta sementeira fez-se no Brazil sem symetria; por isso nos campos de algodão não se vêem aquellas fileiras regulares que aformoseiam as plantações de cafeeiros. O algodoeiro começa a produzir logo no primeiro anno, e basta sachar a terra, em que elle está, duas ou tres vezes no anno. Nos primeiros cinco annos não lhe fazem poda nenhuma; mas d'este tempo por diante, depois de feita a colheita, cortam-lhe os ramos e uma parte do tronco. Este arbusto ordinariamente dá boa producção seis a oito annos, depois d'este tempo é necessario fazer nova sementeira. Tem ás vezes um inimigo terrivel, que é uma lagarta, que come as folhas e estraga uma seara inteira.

A colheita do algodão costuma durar tres mezes; começando em Maio acaba em Agosto. Segundo M. de Saint-Hilaire este é o modo como esta operação se faz nas provincias centraes do Brazil: «Para fazerem a colheita dei«xam as capsulas abrirem-se e seccarem-se, e «depois tiram os quatro molhinhos de algodão «sem arrancar o casulo. Como se passa tempo «desde que a capsula começa a abrir até ao «momento de estar bastante aberta para se «lhe poder tirar as sementes, o algodão apa«nha n'este intervallo pó e orvalho, e muitas «vezes a parte superior do algodão adquiriu «uma côr amarellada. O algodão que cobre a «terra e se perde é prova da imperfeição d'este «methodo de colheita e da negligencia dos cul«tivadores »

Os habitos do algodoeiro, observados nos Estados-Unidos da America, tem feito crença geral, que esta planta para dar productos bons e abundantes necessitava absolutamente de viver na proximidade do mar. E com effeito o algodão que se cria n'este paiz nas costas das Carolinas e da Georgia, e nas pequenas ilhas visinhas, é sem duvida alguma um dos melhores algodões que ha. Tem-se tambem observado no mesmo paiz, que sempre que se estruma o algodoeiro com vasa do mar, ou se mistura no estrume uma certa quantidade de sal marinho, a quantidade da producção augmenta e a qualidade melhora. Finalmente até se tem chegado a fixar a distancia do mar além da qual a cultura do algodão não daria lucro ao lavrador americano. Estas observações verdadeiras quanto aos Estados-Unidos e ás Antilhas[1] não têem applicação ao Brazil, onde o algodão se dá mal na Costa, e só prospera nas regiões interiores. Parece que os districtos maritimos d'este paiz são ao mesmo tempo quentes e humidos de mais para a natureza d'esta planta, de sorte que não produz bem senão a grande distancia do mar. O melhor algodão brazileiro que se conhece, é, como todos confessam, o de Minas Novas, a mais de 400 kilometros distante do mar. É a esta anomalia, a esta opposição de circumstancias, que os Brazileiros principalmente devem o não poderem sustentar a concorrencia americana; porque como o algodão não prospera no Brazil senão nos logares do interior, o transporte para os logares do embarque em um paiz onde ha poucas ou nenhumas estradas é sempre difficil, e muito dispendioso, para que possa ser vendido pelo mesmo preço do algodão americano. O que ainda augmenta as desvantagens do algodão brazileiro é que os lavradores do imperio não têem todo o cuidado que deviam ter na apanha, e na tiragem da semente, bem como no ensacar do algodão, de sorte que este genero do Brazil é sempre mais sujo, e menos bem preparado, do que o algodão americano, e por isso ha de por força vender-se por preço menor.

[1] Pelo que se lê no artigo da *Revue Coloniale* verão os leitores se estas asserções são dignas de inteiro credito. *(O Red.)*

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

BIBLIOGRAPHIA.

Demonstração dos direitos que tem a Coroa de Portugal sobre os territorios situados na Costa Occidental de Africa entre o 5.° grau e 12 minutos e o 8.° de latitude meridional, e por conseguinte aos territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz; pelo Visconde de Santarem. Lisboa 1855.

Tal é o titulo de um folheto de apenas 40 paginas, que ha poucos dias saiu da Imprensa Nacional, sobre uma das questões mais graves da Politica Colonial; mas em que nos parece que o seu illustre auctor foi particularmente feliz. D'este folheto pela sua materia, e pelo modo como foi tratada, nos julgâmos obrigados a dar sufficiente noticia n'estes *Annaes*.

Os limites *vulgarmente* attribuidos ao que antigamente se chamava *reino*, e hoje se chama *provincia* de Angola, são o 8.° e o 16.° graus de latitude meridional. Entretanto o Governo Portuguez nunca admittiu officialmente que estes fossem os limites do territorio nacional n'aquella região, ou por outra fórma que estes fossem os limites do territorio a que a nação Portugueza tinha direito. Por isso quando no artigo x do Tratado celebrado com a Grã Bretanha em 19 de Fevereiro de 1810 se estipulou a prohibição da continuação do trafico da escravatura nos territorios que não pertenciam *actualmente aos Dominios de Sua Alteza Real* (o Principe Regente de Portugal), logo se declarou que ficava distinctamente entendido, que as estipulações d'aquelle artigo não seriam consideradas como invalidando ou affectando de modo algum os direitos da Corôa de Portugal aos territorios de Cabinda e Molembo, etc., estando Sua Alteza Real (continua depois o artigo) o Principe Regente de Portugal resolvido a não resignar, nem deixar perder as suas justas e legitimas pretenções aos mesmos territorios.

Quando posteriormente no Tratado de 22 de Janeiro de 1815 se convencionou a prohibição do trafico em quaesquer logares ao Norte do Equador, se mencionou no artigo 2.°, que continuava a ser permittido aos navios portuguezes o commercio de Escravos ao Sul da linha, ou seja nos actuaes dominios da Corôa de Portugal, ou nos territorios sobre os quaes a mesma Corôa reservou o seu direito no mencionado Tratado (o de 19 de Fevereiro de 1810).

Em 28 de Julho de 1817 se celebrou a Convenção addicional ao Tratado de 22 de Janeiro de 1815. E ahi no n.° 4.° do artigo 1.° se declara illicito o commercio da escravatura por navios portuguezes que se destinassem para um porto qualquer fóra dos Dominios de Sua Magestade Fidelissima. O artigo 2.° declara os territorios em que o trafico continua a ser licito (melhor fôra dizer não prohibido) aos vassallos de S. M. F., quaes são

1.° Os territorios que a Corôa de Portugal possue nas Costas de Africa ao Sul do Equador, a saber: na Costa Oriental da Africa, o territorio comprehendido entre o Cabo Delgado e a Bahia de Lourenço Marques; e na Costa Occidental, todo o territorio comprehendido entre o 8.° e 18.° grau de latitude meridional.

2.° Os territorios da Costa de Africa ao Sul do Equador, sobre os quaes Sua Magestade Fidelissima Declarou reservar seus direitos, a saber;

Os territorios de Molembo e de Cabinda na Costa Occidental[1] da Africa, desde o 5.° grau e 12 minutos até o 8.° de latitude meridional.

É pois exactamente sobre estes territorios que o Ex.^mo Visconde de Santarem procurou mostrar, que a reserva de direitos não fora

[1] No texto portuguez do Tratado lê-se *oriental*, e não parece erro de impressão, pois que no texto inglez impresso ao lado se lê *the territories of Molembo and Cabinda upon the Eastern Coast of Africa*. Comtudo é erro tão grosseiro collocar Molembo e Cabinda na Costa Oriental de Africa que a ninguem poderá passar pela imaginação attribui-lo a dois homens tão distinctos como o Conde (depois Duque) de Palmella e Lord Castlereagh, os dois negociadores da Convenção Addicional de 22 de Janeiro de 1815, e que tambem o haviam sido do Tratado de Vienna de Austria de 22 de Janeiro de 1815. É fóra de toda a duvida um lapso de cópia, que para clara intelligencia do que vamos dizendo, nos pareceu acertado corrigir.

uma pretenção vã, pois que estes direitos assentam nas melhores doutrinas de Direito inter-nacional. Os publicistas têem variado muito sobre qual seja o mais solido principio do direito de um governo (ou de uma nação) a um territorio qualquer: mas a difficuldade cresce muito mais quando se trata de um territorio que era occupado, e mais ou menos densamente povoado por outro povo qualquer. Em epochas em que a arrogancia da força julga identificar-se com o direito, chega a fallar-se em *direito de conquista;*[1] mas quando se trata de harmonisar a moral com a politica, o argumento da força bruta fica sem força de rasão, quando não concorrem outras circumstancias que a venham legitimar. Por isso, como dissemos no principio, nos parece que o sr. Visconde de Santarem foi muito feliz no seu systema de argumentação para mostrar os direitos da Corôa Portugueza aos territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz, como já vamos dizer.

Dividiu o sr. Visconde de Santarem a sua demonstração em cinco partes, que constituem outros tantos argumentos, que cada um de per si parece satisfazer a uma doutrina ou uma theoria de Direito inter-nacional, mas de tal fórma ligadas estas provas, que umas se não destroem ás outras, mas antes mutuamente se fortalecem e corroboram. Quiz pois o illustre escriptor mostrar que a Soberania Portugueza ou os direitos da Corôa Portugueza n'aquelles territorios tem a seu favor:

1.° a prioridade do descobrimento:

2.° a occupação e posse que d'elles tomaram os Portuguezes:

3.° a introducção da civilisação n'aquelles paizes, especialmente pela prégação do evangelho:

4.° a conquista feita sobre povos barbaros:

5.° finalmente o reconhecimento dos regulos e chefes dos habitantes, constituindo-se feudatarios e tributarios da Corôa Portugueza.

Cada um d'estes argumentos poderia por si só ser objecto de volumoso escripto; mas o sr. Visconde de Santarem limitou-se a apontar as provas que lhe pareceram bastantes ou mais principaes.

E não lhe faltava rasão para isto; assim quanto ao primeiro argumento (o de prioridade do descobrimento), além de ser objecto muito conhecido, e em que os esforços de um illustre escriptor francez, sem duvida possuidor de mui vasta litteratura historica,[1] que tem procurado tirar esta gloria á nação Portugueza, não só tem sido victoriosamente rebatidos, mas não tem mesmo podido obter o assentimento dos seus compatriotas mais desprevenidos, este objecto, dizemos, foi já pelo sr. Visconde tratado com bastante extensão na sua *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos dos Portuguezes na Costa de Africa Occidental*, impressa em Paris em 1841. A grande collecção de Mappas-mundi, portulanos e outros monumentos geographicos da idade media, publicada pelo mesmo sr. Visconde, bem como o seu *Ensaio sobre a historia da Cosmographia na idade media*, não tem quasi outro fim, do que levar á ultima evidencia, por meio de provas incontestaveis, a gloria da nação Portugueza, na prioridade do descobrimento das terras da Africa Occidental.[2] O segundo argumento, que fórma a materia do paragrapho segundo, é a posse que os Portuguezes tomaram d'aquelles territorios, posse conservada por seculos, e reconhecida pelos Soberanos da Europa.

Aqui vem em proprio logar a menção dos celebres padrões que o Senhor Rei D. João II mandou collocar em diversos logares da Costa de Africa, e seja-nos permittido transcrever as proprias expressões do grande Barros.

«Alguns por louvor do Infante D. Henri-
«que escreviam o motu de sua divisa... *Talant
«de bien faire*. Porque sómente esta memoria
«escripta na casca dos dragoeiros haviam que
«bastava por posse, do que descobriam, e al-
«gumas cruzes de páo (D. I. L. I. Cap. II.)

E depois em outro logar, tendo fallado da fundação do Castello da Mina, torna a tratar do mesmo objecto da posse, pelas seguintes palavras:

«Ao tempo que El-Rei (D. João II) mandou
«fazer esta fortaleza de S. Jorge da Mina, já
«foi com proposito que por ella tomava posse

[1] Ainda no Tratado de paz entre Portugal e Hespanha, assignado em Badajoz em 6 de Junho de 1801, estipulando-se no artigo 3.° a entrega de todas as praças que os Hespanhoes haviam tomado, se diz em continuação que «*Sua dita Magestade* (El-Rei de Hespanha) *conservará em qualidade de Conquista para a unir perpetuamente aos seus dominios e Vassallos, a Praça de Olivença, e povos desde o Guadiana.*»

[1] Todos sabem que fallâmos de Mr. d'Avezac. Ninguem que tenha visto os seus escriptos deixará de reconhecer, que se fosse possivel recusar á nação Portugueza a gloria de ser a primeira da Europa cujos navegadores viram as costas da Africa Occidental, este illustre escriptor poderia ser Hercules para vencer este novo trabalho; mas como não é possivel fazer que o que foi deixe de ter sido, inuteis tem sido todos os seus trabalhos n'este sentido, e a gloria Portugueza é confessada geralmente por todos os escriptores estrangeiros, inclusivamente pelos Francezes desapaixonados.

[2] Não podemos deixar de lembrar n'este logar um pequeno escripto, mas de alto valor, do sr. D. Francisco de S. Luiz, Cardeal, Patriarcha de Lisboa: *Reflexões geraes ácerca do Infante D. Henrique e dos descobrimentos de que elle foi auctor no seculo XV*. Este breve escripto de 46 pag. de 4.° pequeno, impresso na Typographia Nacional em 1841, foi depois com permissão do seu auctor reimpresso no vol. 1.° dos *Annaes Maritimos e Coloniaes*, pag. 495 e seguintes.

«de toda aquella terra que habitavão os ne-«gros... Nem d'ahi por diante consentiu que «os Capitães que mandava a descobrir esta «costa pozessem cruzes de pau por os logares «notaveis d'elle; como se fazia em tempo de «Fernão Gomes, quando descobria ás quinhen-«tas leguas de costa por condição do contrato «que fez com El-Rey D. Affonso. Mas orde-«nou que levassem um padrão de pedra de «altura de dous estados de homem com o es-«cudo das armas reaes d'este reyno, e nas «costas d'elle um letreiro em latim, e outro «em portuguez, os quaes diziam, que rey «mandou descobrir aquella terra, e em que «tempo, e porque Capitão fora aquelle padrão «ali posto. E o primeiro descobridor que le-«vou este padrão foi Diogo Cam Cavalleiro de «sua casa, o anno de 484, e indo já pela «Mina como logar onde se prover de alguma «necessidade, e de ahi foi demandar o Cabo «de Lopo Gonçalves que está um grau da banda «do sul. Passado o qual Cabo e assi o de Ca-«tharina que foi a derradeira terra que se des-«cobriu em tempo d'elRey D. Affonso, chegou «a hum notavel rio na boca do qual da parte «do Sul meteo este padrão, *como quem tomava «posse por parte d'elRey de toda a Costa que «deixava atraz*. Por causa do qual padrão, «peró que elle se chamava S. Jorge, por a sin-«gular devoção que el-Rey tinha com este «Santo, muito tempo foi nomeado este rio do «Padrão, e ora lhe chamam de Congo.» (D. I. L. III. Cap. III.)

E para que á auctoridade do historiador não faltasse a confirmação dos monumentos *ainda ha poucos annos existia em Cabo Negro uma columna de jaspe com as armas de Portugal: e no anno de* 1786 *Sir Home Popham e o Capitão Thompson andando examinando a Costa Occidental da Africa, acharam uma Cruz de marmore em um rochedo junto á Angra Pequena, na latitude a* 26° 37′, *a qual tinha as armas de Portugal, e uma inscripção que já se não podia ler, e mostrava ser um dos antigos padrões.*[1]

Ao argumento historico dos padrões acrescenta o sr. Visconde de Santarem o reconhecimento da posse nos tratados e correspondencias diplomaticas, desde o seculo xv até aos tempos modernos.

O terceiro argumento é a introducção da civilisação pelo Christianismo nos povos barbaros de Africa que habitam as regiões do Congo.

Este argumento tem mui pouco desenvolvimento no escripto do sr. Visconde de Santarem, e é no nosso entender um d'aquelles a que conviria dar bastante desenvolvimento; ainda que

[1] Esta noticia é extrahida dos Annaes da Marinha Portugueza do Vice-Almirante Quintella. Tom. I. pag. 196 e 202.

reconhecemos, que elle pela sua vastidão exigiria maior escriptura para ser devidamente tratado; pois que em rigor abrange a historia toda das missões Portuguezas n'aquellas regiões.

E não é sem muita consideração que dizemos que muito conviria tratar este objecto com bastante desenvolvimento; porque ou o mal entendido patriotismo de alguns estrangeiros, ou outros motivos, tem por diversos modos procurado negar, ou ao menos encobrir a gloria portugueza nas suas differentes faces Ainda não ha muitos annos, que n'uma publicação séria e de muito merecimento a diversos respeitos, se escrevia o seguinte, fallando-se da Africa Occidental. «Que logar «occupa a verdadeira religião na historia d'es-«tes povos, por tanto tempo assentados na som-«bra da morte? Qual é o seu estado actual? «Foi pelo anno de 1500 que a Fé foi annun-«ciada no Congo por um padre Portuguez: «mas na Guiné Septentrional a epocha foi «um pouco mais tardia. Á Sagrada Congrega-«ção de Propaganda competia ser a primeira «a ministrar-lhe este beneficio; na sua assem-«bléa de 14 de Julho de 1634, decidiu que se «estabelecesse uma missão na *velha* Guiné, etc.»

Se não nos parecesse mais justo attribuir a ignorancia o que n'este periodo se escreve, não poderiamos deixar de o attribuir a má fé. Como é assim possivel negar, ou ao menos encobrir, a conversão da Casa real do Congo, quasi dez annos antes d'aquelle em que se diz que *um padre* portuguez annunciou á Fé no Congo? Que caso se faz dos trabalhos Apostolicos de tantos Sacerdotes Portuguezes, que tantas corporações pretendiam pertencer-lhe, e que, como parece mais provavel, quasi todas tinham rasão, posto que a não tivessem inteira, negando ás outras uma honra a que tambem tinham direito?[1] Que caso se faz das Missões de Benim? e da Mina já por 1482? Como se pretendem encobrir os santos trabalhos dos Jesuitas no Congo, tão interessantemente narrados nas suas historias, e de que os proprios Missionarios nos deixaram tão venerandas memorias?[2]

[1] Diversas Ordens Religiosas (Dominicos, Franciscanos, Loyos, etc.) sustentavam cada uma ter sido ella a quem coube a gloria da primeira missão do Congo: mas o que parece mais provavel é que áquella missão foram membros de diversas Corporações.

[2] Ninguem lerá certamente, sem se interessar muito em tal leitura, as noticias das Missões dos Jesuitas na Africa. Vejam-se — *Tellez*, Chron. da Comp. — as *Relações annuaes* do Padre Fernão Guerreiro — *Diversi Avisi* particulari dall'Indie de Portogallo ricevuti dall'anno 1551 sino al 1558.

Fazemos mais especial menção das Missões dos Jesuitas por ser muito notavel que a publicação que mencionámos no texto mostre decidida tendencia a escurecer os serviços d'esta celebre corporação, e quanto parece, porque nos seus membros havia numerosos sujeitos de coração portuguez.

Tornando ao escripto do sr. Visconde de Santarem, repetimos que nos parece que o argumento da introducção da civilisação nas terras do Congo merecia ser tratado com bastante extensão, e seria justo mostrar tambem que não sómente pela Fé procuraram os Senhores Reis Portuguezes a civilisação do Congo, mas igualmente por outros modos consentidos e approvados pela religião.[1]

Os ultimos dois argumentos da *Demonstração* do sr. Visconde de Santarem, a conquista, e o reconhecimento, são terminados por um documento authentico de grande interesse n'esta questão, que é um Termo ou Auto de vassallagem do Marquez de Mossulo, Sovas e Macotas, seus potentados, feito em Loanda, onde o Marquez de Mossulo D. Antonio Manuel, e os outros individuos mencionados, vieram reconhecer a soberania da Corôa Portugueza no dia 25 de Abril de 1792. E n'esta occasião abstemo-nos de maior extensão n'estes objectos, porque com muita brevidade vae apparecer outro escripto, onde cremos que estes dois argumentos serão tratados com bastante extensão por penna competente. Cumprindo-nos concluir com dizer que se o sr. Visconde de Santarem não disse tudo quanto se poderia dizer n'esta questão, a sua *Demonstração* foi excellentemente concebida, e muito bem sustentada.

NOTICIAS RECENTES.

MOSSAMEDES.

Pelas ultimas noticias de Mossamedes, em data de 27 de Julho proximo passado, consta que vão tendo ali incremento algumas obras publicas, e que se desenvolve a agricultura, especialmente a do algodão.

A Igreja da Villa, a casa do Parocho e a Fortaleza estão quasi concluidas.

A fazenda que ali possue o Director da Colonia, Bernardino Freire de Figueiredo, póde-se chamar uma granja modelo, tem uma grande plantação de cana de assucar, algodão, mandioca, cará, batatas, feijão e milho, e presentemente trata de plantar pomares.

O engenho do Bumbo estava montado, e devia começar a moer no 1.º de Agosto ultimo. O da Equinuir tambem estava quasi prompto para moer, e ao proprietario d'elle chegaram do Rio de Janeiro cinco muares com que o pretende fazer mover.

Entretanto este engenho e o do Bumbo limitam-se por ora a fazer aguardente.

Segundo a opinião do actual Governador d'aquelle Districto, o Capitão F. Costa Leal, a Huilla e campos da Humpata são logares que, pela sua grande fertilidade e optimo clima, se prestam á fundação de Colonias agricolas; mas a grande falta que ha de braços europeus torna por em quanto impossivel essa fundação.

A Humpata é riquissima em pastagens, de que se aproveitam grandes manadas de zebras, e de gado vaccum, e deve prestar-se muito ao estabelecimento de uma caudelaria, da qual se tirariam vantajosos resultados sendo dirigida por um homem entendido e zeloso, que fosse da Europa, porque ali não o ha.

D'aqui viria o acabar-se com o pessimo costume das cargas serem levadas ás costas de negros; não só porque repugna ver um negro feito besta de carga, mas porque se evitaria a subtracção de braços á agricultura, e o commercio reduziria as suas despezas de transportes.

[1] «O vigario pediu a el-Rei *(do Congo)* que lhe désse «alguns moços abiles, para os ensinar, do que el-Rei «levou tanto contentamento que além de logo lhos dar, «mandou dentro de huma grande cerca fazer muitas «casas, em que poz mil delles todos filhos de homens «nobres com mestres pera os ensinarem a ler, e escre- «ver, e gramatica, e os instituirem nas cousas da nossa «Sancta Fé, etc.» (*Goes.* Chron. de D. Man. P. IV Cap. III.

Em uma Memoria (Descobrimento e posse do reino do Congo pelos Portuguezes) impressa nos Annaes da Associação Maritima e Colonial, o sr. J. J. Lopes de Lima havia já tocado algumas especies sobre a introducção da civilisação no Congo.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

DESCRIPÇÃO

DAS

TERRAS DO HUMBE, CAMBA, MULONDO, QUANHAMA, E OUTRAS,

CONTENDO UMA IDÉA DA SUA POPULAÇÃO, SEUS COSTUMES, VESTUARIOS, ETC.

POR B. J. BROCHADO.

NADA direi desde Mossamedes á Huilla, e o mesmo farei até este ponto (Gambos), por já o haverem feito, e o pretenderem fazer pessoas mais entendidas. Partirei dos Gambos para o interior, Humbe, Camba, e Mulondo, as tres terras que povoam as margens do rio Cunene.

Largando-se d'esta terra, se deixam as montanhas e pedras, e só se encontram extensas planicies, cujo terreno é um tanto arenoso, e em diversos logares inteiramente areia, salvo no caminho do Humbe, que em grande parte é barrento, em rasão de correr ao longo da margem esquerda do rio Caculo Var. Este rio, tendo sua nascente quatro a cinco leguas ao NE. da Huilla, passa duas a tres leguas ao nascente das pequenas terras de Mucuma e Hay, banha Quihita, da qual serve de limites, e estendendo-se pelo centro d'esta, a corta ao meio em seu maior comprimento, e seguindo ao Humbe, quatro dias de marcha regular, faz o mesmo na largura d'aquella terra, onde desagua no Cunene. Elle com o ser pequeno e de bem insignificante corrente em tempo de sêcca, é comtudo bastante caudaloso no tempo das chuvas: entre os Gambos e Humbe fórma em diversos logares grandes fundões á similhança de lagoas, onde abunda em jacarés e mesmo cavallos marinhos; mas na força das aguas se torna perigoso em todos os logares. Todo o caminho é coberto de abundantes matas de regulares arvoredos, sendo comtudo alguma cousa incommodo nas proximidades do dito rio, pelos muitos espinheiros e lamaçaes. O Humbe acha-se situado vinte e quatro a vinte e cinco leguas distante da borda d'esta terra dos Gambos, a rumo de S. ou SSE. estendendo-se em largura de umas oito a dez leguas até ao Cunene, e mais de vinte em comprimento, ao longo do mesmo. A sua população é talvez igual ou mesmo superior á dos Gambos, apesar de seu terreno ser menos espaçoso; podendo-se-lhe calcular de sessenta a setenta mil almas. As terras limitrofes, são Camba, a E., seis ou sete leguas; Dongona e Solle, ao O., cinco ou seis; o rio Cunene ao S.; e ao N. os Gambos.

No caminho que segue para a Camba, logo que se deixam as ultimas libatas d'aqui, segue um mato mui denso a que o gentio chama *tunda*, por espaço de umas oito leguas; onde com muito custo passa um homem com carga, e difficilmente a cavallo, findo o qual se chega a um logar cujo terreno fórma a vista de um rio chamado Affe, e onde se faz o oitavo dia de marcha; ahi precisamente se deve dormir, por haver agua em certo tempo.

Segue-se no outro dia duas horas d'este pessimo caminho, e quatro ditas de um outro mais incommodo talvez, de areia ainda mais solta, e mui fechado de arvoredo rasteiro, *Sepia-sopia*, findo o qual se entra em uma planicie, de chão duro e limpo de arvoredo, ficando este a alguma distancia nas margens; e n'este bello terreno se anda até quasi ao pôr do Sol, e onde se dorme. Todos estes matos são povoados de animaes de todas as especies, com especialidade de elefantes e zebras, que rara é a vez em que deixa de se encontrarem em grandes manadas; dorme-se ahi no terceiro dia, e só no quarto se chega á terra «a Camba.»

A Camba acha-se situada vinte e quatro a vinte e cinco leguas a rumo de S.E., prolongando-se em largura até ao rio, de duas e meia a tres, e de tres e meia a quatro leguas em seu maior comprimento ao longo do mesmo. A sua população póde, sem grande erro, ser calculada em sete a oito mil almas. Foi n'outro tempo (ainda não ha muitos annos) igual a Mulondo; porém a desmarcada ambição de seus Hambas a têem reduzido áquelle estado, pelas frequentes guerras, procurando á força entrar no Es-

tado. As terras limitrofes são Humbe ao poente; Mulondo ao nascente cinco a seis leguas; Gambos ao NO., e o rio pelo SE.

O caminho que segue para Mulondo em tudo e por tudo é o mesmo que o da Camba, tambem com a mesma falta de aguas, ao menos até ao tempo das chuvas. A distancia deve ser a mesma, de vinte e quatro a vinte e cinco leguas a rumo de E. ou ESE. sendo em sua maior largura, até ao rio, duas a duas e meia leguas e oito a nove de comprido, tambem ao longo do mesmo. Sua população se poderá levar de dezeseis a dezoito mil almas. Em outro tempo foi tambem mais populosa, mas as frequentes guerras de seus visinhos, pelas casmurrices de seu actual Soba, a tem tornado mais pequena. As terras que com ella demarcam são Luceque ao nascente, vinte a vinte e cinco leguas (ultima terra ao O. do Nano); Camba ao poente; Quipungo ao N., vinte a vinte e duas leguas; Gambos pelo ONO.; e o rio por E. e ESE. Estas tres terras são da mesma raça e formam uma só nação; porque seus usos, costumes, lingua e vestuarios, é tudo o mesmo, e todos vulgarmente se chamam Muhumbes; e para se differençarem se lhes acrescenta o nome da terra, ou do Soba, que é inalteravel, para o que está no Estado; *v. g.* a Mulondo, Humbe do Pumbo; Camba do Gongo, e Humbe propriamente dito, Humbe do Quihahungo. N'estas terras o gentio é mais dado e familiar com os brancos, que os d'aqui, Huilla, etc.; jámais as mulheres, que sendo geralmente as mais bonitas d'estas partes, têem grande sympathia com os brancos, e desejariam que estes lhes fossem mais inclinados.

A nenhuma d'estas terras iam antigamente Europeus, em rasão das calças, comtudo fui a Mulondo em 1844, e depois de fazer uso da sáia por algum tempo, púde obter licença do Soba para usar calças por todo o logar da terra, menos na propria Libata grande (residencia do Soba) onde era preciso regaça-las até ao joelho, cobrindo-as por cima com a dita sáia; a mesma mania havia na Camba; mas em 1846 que ali fui a primeira vez, me fiz esquecido ao avistar o Soba, ficando logo revogada a tal antipathia; só no Humbe, conservam ainda a mesma aversão, sendo este um dos motivos de nunca ali ter querido ir.

O actual Soba de Mulondo, de idade de sessenta a sessenta e cinco annos, Pumba Bua Nancar, é ladrão, bebado e desordeiro incorrigivel, ao mesmo tempo perdulario com a sua gente, sendo este o motivo de se conservar no Estado. Não conserva boas relações com seus visinhos, jámais com aquelles com quem póde medir suas forças.

O da Camba, de idade de cincoenta a cincoenta e cinco annos, ou porque sua terra seja pequena, ou por ser dotado de melhores intenções com todos, já ali ha viajantes, e conserva boa amisade.

A terra do Humbe é a mais rica em gado de todas áquem do Cunene, o que para isso concorre o ser maior, e por consequencia menos perseguida de guerras; comtudo é de todas a de gente mais orgulhosa, o que para isso deve influir a sua riqueza.

O actual Soba, de idade de oitenta a noventa annos, tendo herdado o Estado em 1845 de seu irmão mais velho, é de boas intenções para com os brancos, e até escrupuloso para o que lhes diz respeito, o que bem prova o Bando por elle publicado em 1848, que d'aquella data em diante, tudo quanto eram pombeiros e quimbares, que se servissem de alguma mulher alheia, não seriam sequestrados, como era antigamente, que as fazendas com que andam, não são suas, e sim dos brancos das praias; podendo só tirar-se-lhes, objecto proprio do individuo, como arma, zagaia, etc., o que antigamente não succedia; onde se perdiam muitas fazendas com taes deboches.

Depois de Julho ou Agosto até Novembro ou Dezembro, em pouca segurança se consideram estas terras, pelas continuas guerras e assaltos do Quanhama e mais circumvisinhos, por ser este tempo aquelle em que o rio em alguns logares dá vau, e como os atacantes não usam armas de fogo, não dão por isso signal de si com o estrepito das armas, accommettendo repentinamente uma ou mais libatas que se achem mais proximas, e matando quanta gente encontram, fugindo com os gados; isto mesmo succede ao Humbe, que por maior e mais rico é tambem mais perseguido.

Religião.

Crêem na existencia do Ente Supremo, a quem designam *Suco*, e algumas cousas lhe são attribuidas de um poder maior e sem remedio; ha comtudo outro poder, a quem tambem invocam, este é *Callunga* (o mar), que sendo considerado por elles uma cousa grande, qualquer dos dois poderes é invocado indistinctamente; *v. g.* isto ou aquillo aconteceu, *Suco* ou *Callunga* assim o quiz. São supersticiosos com feitiço e almas do outro mundo, no que cegamente acreditam, resultando d'isto, ser rara a pessoa que morra, cuja morte não seja attribuida a feitiços, seguindo-se d'ahi o acarretar sobre quem recaiu a tal adivinhação, ou a sua desgraça, ou questões e pagamentos; sendo para notar, que quasi sempre re-

cáe sobre quem tem bens de fortuna, e quando o não podem fazer d'esta maneira é attribuido ás almas dos seus parentes que o vieram buscar. Aos Sobas convem estas questões, até as promovem, por comerem de ambas as partes.

Costumes.

A sucessão é como no geral do gentio d'estes sertões; tem preferencia irmão (só de mãe) immediato em idade, e na sua falta sobrinho (o mais velho) filho de irmã; observam a mesma regra quanto a linhagem do povo, para herdar; filho nunca herda do pae, salvo o que o mesmo lhe haja dado em vida. Estas terras são governadas pelos Sobas com assistencia de grande numero de macotas, os que decidem qualquer questão; o Soba ouve as partes, e querendo dar a decisão definitiva, cinge-se em tudo ao parecer dos macotas.

É licito a cada individuo ter quantas mulheres possa sustentar, segundo suas posses, ou numero de gado que possue; *Sechulas* (donos de libatas e de sitios) ha com tres, quatro, e mais. Os Sobas têem grande numero d'ellas: o de Mulondo, mais de vinte; o de Camba quatorze; e o do Humbe, dizem que grande numero d'ellas, regularmente proporcional ao tamanho de seu estado.

N'estas terras gastam fazendas em muita abundancia, grande variedade de missangas e mais contarias, dando assim grande consumo a estes generos, supposto não usarem as mulheres vestirem missanga, dongo, etc., na cintura. O vestuario d'ellas é panno adiante e atraz, missanga ou cassungo no pescoço, coraes mui variados e cassungo na cabeça; o penteado d'ellas é uma pequena elevação de cabello, desde a nuca á frente da testa, muito bem feito, cobrindo as orelhas com umas rodas de cabello natural, preparado com tal arte, que se assemelha ás orelhas da girafa. Os homens usam a cabeça rapada, com dois ou tres rabixos quasi no alto da cabeça, cassungos ou missangas no pescoço, fazenda adiante, e couro atraz. Não usam taculos e outras immundices, de que se servem outros gentios, apenas o ingunde (manteiga de vacca) juntando-lhes algumas folhas e raizes aromaticas, para darem no corpo a fim de o conservarem luzidio.

Os mantimentos que usam semear é a macamballa, massango, macunde, e uma especie de feijão que dá debaixo da terra, como a genguba, a que chamam *lingomene*, e algumas aboboras; não usam de milho, por serem pouco affeiçoados a elle, apenas alguns pés para comerem em quanto verde; comtudo são ferteis d'estes mantimentos, supposto ser chão de areia, já por terem a industria de estrumarem as terras com bosta de gado, e já as chuvas, que por mais regulares tambem os ajudam.

Estes terrenos abundam em fructas silvestres, algumas das quaes são saborosas como a laranja do mato ou maboque, o nombe, muhande, matundo, e gongo, que pela extraordinaria abundancia d'esta ultima fazem uma bebida, extrahida do summo, que depois de frementada por dois ou tres dias, embebeda tanto ou mais que o nosso vinho ordinario; o tempo d'esta bebida dura tres mezes de Fevereiro a Abril.

Em certos mezes do anno ha peixe de escama saboroso, pescado no rio e abundantes lagoas de suas margens; não o havendo todo o anno, pela pouca e rustica industria que para isso empregam.

Depois que finalisam as chuvas até que chegam as novas do anno seguinte, são estas terras muito affectadas de feras de todas as especies, que arribam para as proximidades do rio, obrigadas pela sede que soffrem pelos matos, onde o leão, oleo pardo, onça, etc., fazem estragos não só nos gados, como nas creaturas.

É n'este tempo que usam fazer grandes escavações nas margens do rio, cobertas por cima com pequenas varas, folhagem, e capim, a que chamam *mahinas*, onde cáem grande numero de animaes, como o elefante, abáda, dure (dromedario), panda, empacaça, zebra, leão, e outros.

Ha ali grande abundancia de elefantes, de maneira que se tal gente fosse dada á vida de *Caçador*, aquellas terras se tornariam de mais commercio de marfim; porém é vida pela qual não trocam a de pastor, unica para que parece a natureza já os formou com algum prestimo.

Quando morre um Soba não é logo vulgarisada a noticia, conservam-no dentro da propria casa, fazendo-se espalhar que está muito doente; um dos grandes *macotas* que se conserva na porta faz sentar a alguma distancia quem vem para cumprimentar o Soba, fazendo que lhe transmitte a pessoa que ali se acha, e o motivo que o traz, como se com effeito estivesse vivo, e debaixo do mesmo engano, fazendo dar attenção ao que o Soba lhe diga, assim falla com o individuo, e para mais impostura as mulheres são rendidas como em vida, debaixo de grande pena se o vulgarisarem.

Assim se continua este engano, até que a putrefacçao tenha consumido a carne, e a cabeça se tenha despegado do corpo, para o que é pendurado pelo pescoço; é n'esta occasião que tal noticia se publica e são expedidos em-

baixadores para as terras de relações e amisade, bem como ao herdeiro do Estado, se este se acha ausente, o que quasi sempre acontece, por ser raro que o Soba o consinta na mesma terra, o primeiro que lhe ha de succeder, com medo a ambição não o cegue a ponto de commetter algum attentado, antes de tempo.

Ainda não contentes com o irem adivinhar o motivo da morte de qualquer parente, depois de estar o morto prompto a enterrar, bem açaimado de cocaras, joelhos ao longo do corpo, a cabeça entre elles, as mãos unidas ao rosto, e com os cotovellos sobre as verilhas (se o corpo não quer obedecer a estas macaquices, quebram-lhe os ossos á força de diabite): mettem-o dentro de fazenda ou couro (para o que matam um boi todo preto, se é pessoa de consideração, isto sem que parente de sangue ou mesmo de linhagem possa d'elle comer), é carregado por dois ou quatro homens a pau e corda, e proximo ao logar, onde o vão enterrar, é interrogado pelo parente mais chegado e idoso, sobre o motivo da sua morte; quem foi o feiticeiro, etc.; estas perguntas são feitas estando o morto carregado ainda ás costas de quem o conduz, e o interrogador e mais povo a alguma distancia; então lhe diz aquelle: A tua molestia foi por isto ou aquillo, vem; se por tal motivo, vem, etc., assim vão perguntando, até que os que o carregam quererem avançar para o individuo; (de cada pergunta fazem que andam, mas que o corpo não consente): se o feiticeiro foi algum dos presentes, vem; se com effeito sobre quem querem que recáia, é presente, correm sobre elle; e se é ausente, vão nomeando uma extensa carta de nomes, até que nomeiam aquelle sobre quem querem recáia, avançam sobre o interrogador.

A maneira de fabricarem suas libatas é mais commoda que a dos Munhaneccas, por serem menos ociosos que estes; depois de um grande cerco de espinhos por fóra, segue-se outro de paus, dentro do qual formam suas casas; ficando o curral sempre no centro; as casas que servem de cosinhas e guardarem seus cacareos e mantimentos, supposto que tambem redondas, são maiores, não excedendo comtudo a quinze e vinte palmos de circumferencia; as de dormir são menores alguma cousa, e mais baixas, sendo preciso para entrar faze-lo de joelhos.

Os homens de todas as terras, áquem do Cunene, são circumcidados; folia que usam fazer de annos a annos, tendo unicamente logar, quando o Sôba tem filhos, entre dez e quinze annos, que são os donos da festa: o tal barbaro baptismo custa a vida a muitos, unicos que são enterrados, sem serem adivinhados, imputados a feiticeiro, nem tão pouco chorados.

Usam armas de fogo e juntamente zagaia; são pouco destros n'esta arma, e mui relaxados para se munirem de polvora; negro ha que carregando arma, não tem dentro da patrona um só cartuxo, outros têem um, dois, tres; e d'esta fórma vão para a guerra: o que bem prova a sua relaxação n'este ponto; é diminuta a quantidade de polvora que consomem estas terras, comparativamente com os demais gentios. É comtudo o gentio que se conhece com mais certeza para o jogo do porrinho, pelo que alguma cousa são respeitados dos mais; negro ha tão experiente, que querendo dar com a cabeça do porrinho ou com a extremidade do cabo, o faz mesmo em um pequeno alvo, a distancia de sessenta a oitenta passos!!

É geral em todas estas terras, tanto áquem, como álem do rio, o conservarem de tradição em tradição qual a sua linhagem, tanto de pae como de mãe; descendendo uns da raça dos elefantes, outros do boi, cabra, bode, lobo, cão, chuva, abelha, etc., etc., e assim se dão por parentes, e se reconhecem como tal, se são saidos da mesma linhagem, principalmente por parte de mãe, que é o verdadeiro sangue, e não de pae, que apenas é um parentesco por cortezania.

RIO CUNENE.

Este rio, tendo sua nascente em Galangue, no centro das terras do Nano, depois de banhar varios Estados d'aquelles sertões, e recebendo varios rios e riachos, que se lhe reunem em sua passagem, chega ao Luceque (ultima terra ao poente do Nano), onde recebe mais dois, um *Ilé* e outro *Culo Var*, seguindo ao mesmo rumo quatro dias de boa marcha por Mulondo, onde se lhe junta mais o rio Quintanda, vindo da Handa e Nhembos, segue a Camba e Humbe, a meio do qual se lhe reune o Caculo-Var, e continuando a banhar Dongona, Solle e mais varios povos, pouco conhecidos, da raça dos Mohumbes, onde dizem já não mui distante do mar, se prolonga ao longo da Costa por alguns dias de marcha, a rumo SSO. até que desagua no Oceano; suppõe-se ser este rio o que na desembocadura do mar chamam das Trombas; no tempo da sêcca o seu leito (fallo nas terras do Humbe) tem de cincoenta a sessenta braças de largo, e fundo sufficiente a navegar uma lancha; mas na força das aguas trasborda, e suas margens abrangem em alguns logares, meia legua e mais. Todo elle é coa-

lhado de jacarés e cavallos marinhos, onde parece a natureza ter sido mais prodiga, que n'outra parte, com a criação d'estes amphibios.

QUANHAMA.

O Quanhama acha-se situado a quinze ou dezeseis leguas das margens do rio Cunene, e estende-se até trinta e seis a trinta e oito a rumo de SE. partindo da terra da Camba, tendo em seu maior comprimento vinte a vinte e duas leguas, de NO. a SE. e na maior largura dezoito a vinte, de NO. a SO. A população póde-lhe ser calculada em cento e vinte a cento e trinta mil almas. As terras que tem por limitrofes, são Var ao N. tres a quatro leguas; Handa ao NNE. doze a treze; Caffima ao ENE. seis a sete; Donga ao ESE. quatorze a quinze; Quambe ao SE. sete a oito; Gangella ao S. dezoito a vinte; Qualude ao SSO. doze a treze; Quimbande ao SO. quinze a dezeseis; Quamato de Nay Binga, ao OSO. oito a nove; Quamato de Nay Cuba ao O. sete a oito leguas.

Em todas estas terras não ha rios nem montanhas, tudo são extensas planicies; não ha uma só pedra, e alguma que de longiquas terras obtem a muito custo, apenas lhes servem para amollar seus ferros cortantes e armaduras.

Todo o caminho desde que se larga o rio até ao Quanhama, e por mais terras, ainda que terreno de areia quasi solta, é vegetal e abundante em matos, mesmo dentro da terra; muito abunda em uma madeira que em Loanda chamam tacula, comtudo a grande quantidade é a que o gentio chama uffate, uma especie de mangue. Os terrenos por serem fracos costumam annualmente estrumar-se com bosta de seus numerosos curraes de gado, em que muito abundam. Sendo a unica riqueza d'este gentio o gado em grande quantidade, o qual pouco gosam em consequencia do diminuto tempo que nas terras se demora, que não excede de dois a tres mezes, tendo de o levar o restante do anno para sitios distantes, por não haver nas proximidades mais pastos; tambem ha carneiros e cabras em algum numero, bem como porcos de soffrivel raça: esta creação não está ainda generalisada por todas as terras visinhas, salvo alguns Sobas; mas no Quanhama, Seculos, e com especialidade o Soba, tem curraes de quatrocentos e quinhentos.

Os mantimentos que usam semear tambem é unicamente a macamballa, massango, o tal lingomene, e algum macunde. As chuvas por estas partes são regulares, mas não quanto áquem do rio. O sol é excessivamente ardente; de Setembro em diante, principalmente em Dezembro e Janeiro, o que muito concorre, para as frequentes doenças de olhos e sezões, de que são achacadas aquellas terras. Não deixei de notar as muitas molestias de escrotos e pernas inchadas de que os naturaes são accommettidos em quantidade.

Supposto não haver rio algum n'estas terras, são comtudo ferteis de boas aguas, servindo-se fazer cacimbas, na passagem das aguas das chuvas, estas têem de cem a cento e cincoenta palmos de boca, e quarenta a cincoenta de fundo; quando finalisam as chuvas em Abril, ficam cheias, conservando-se até ao principio das novas em Novembro, tendo cuidado em as limpar e rectificar annualmente. N'estas cacimbas se cria algum peixe, não só bagre, como um a que no Brazil (provincias do sul) chamam trayra, e algum de escama, pequeno: esta creação é saida do Var, quando enche a grande lagoa saida do Quintanda, trasborda, e suas aguas alagando aquelles terrenos, vae deixando pelas lagoas, poços e cacimbas esta creação.

Costumes.

N'aquellas partes a primitiva está em todo o seu auge; se ha primitiva em gentio, é n'estas terras, conhecimento que obtive em dois annos de assistencia. Se ha entre dois individuos alguma pequena questão, passam logo ás armas; se um mata outro, e esta queixa vae ao Soba, manda pagar ao matador seis bois pelo corpo, uma pedra de sal pela cabeça, e uma quiranda canhameira (especie de dongo) pelas tripas; isto se entende na classe do povo, pois que se o matador é algum Hamba, nem queixar-se póde, do contrario arrisca-se a lá ficar; porque dizem *se matou foi o seu escravo*. Não ha mez nem semana que não seja gente morta pelo Soba, já pelo insignificante roubo, pela minima falta de respeito, por deixarem de cumprir a menor de suas ordens, já pelas taes scismas de feitiço; e já finalmente pela simples vontade de querer matar, sem que sangue e amisade seja respeitado; em um só dia matou dez mulheres suas imputadas de o quererem matar com feitiço; outra vez um proprio filho de seu irmão; e uma pequena dor de cabeça que teve custou a vida a vinte e sete individuos!!... tanto assim, que é costume perguntar-se em seguida ao cumprimento a pessoa saida das proximidades da Libata Grande: *Então hoje matou-se gente na Libata Grande?* (!!!) É tal a cegueira de obediencia, que qualquer individuo mandado chamar a leguas de distancia, ainda mes-

mo quando saiba que é para o matarem, vem religiosamente!!... É costume mandarem matar toda a sua parentagem de Hambas, de annos a annos, deixando apenas duas mulheres e outros tantos homens, por não acabar a geração; porque dizem, havendo muitos pretendentes ao estado, tanto este como o Soba não podem gosar socego. Não se matam lobos sem concessão dos Sobas, em rasão de consumirem os corpos dos que elles mandam matar (os quaes não são sepultados), considerando-os como seus amigos, pelos ajudarem assim a cevar mais suas vinganças.

Rara é a pessoa que morre que não seja enfeitiçada, resultando d'ahi o arrastar irremediavelmente outro á morte, que é o imputado de feiticeiro; recaindo sempre sobre quem tem bens de fortuna; indo todo o gado para as mãos dos Sobas, dando-se d'isso parte aos parentes do morto.

Segundo as suas brutas idéas não é admittido defeito algum da natureza; assim logo que uma mulher dá á luz uma criança defeituosa, é logo morta, da mesma maneira não admittem haver duas creanças de um parto; por consequencia uma é morta, preferindo que fique o macho, no caso de o haver; além d'isto, ainda é preciso que a libata onde houver tido logar o parto seja curada, sem o que se não podem avistar com o Soba, sob pena de morte, estendendo-se esta ainda a toda e qualquer pessoa, pertencente á dita libata, mas se ao contrario ha um parto de tres creanças, antipathia alguma ha com isso; a mãe toma conta de um, e dois ficam com o Soba para mandar crear, e a não ter quem o faça, dá vaccas de leite e cabras á mãe para esse fim.

Custa a crer, que sendo estes gentios tão brutos, acreditem na existencia do Ser Supremo, a quem tambem designam *Suco*, e perguntando-se-lhes, onde existe? Apontam para o ar. Ha a mesma admissão do mar, *Callunga;* que da mesma fórma dos Mohumbes, é tambem invocado indistinctamente, Suco ou Callunga; mas só lhes são attribuidos productos da natureza, quando n'elles fallam, como astros, rios, montanhas, matos, animaes, etc., porque o mais attribuem ao seu Soba, como abundancia de chuvas, para o bom resultado das colheitas, o serem bem succedidos na guerra, o não terem mortandade no gado, etc., e se algum d'estes casos falha, é que então dizem: «Suco ou Callunga não o quiz.» E o gentio mais destro nas armas de zagaia e flecha, de quantos povos se conhecem por estas partes, concorrendo para isso o serem dados desde pequenos ao exercicio da carreira, e o seu vestuario nada os estorvar; quando vão á guerra andam doze, quinze, e mais leguas por dia, não carregando senão duas armas e uma pequena cabaça amarrada no braço esquerdo, onde levam sua matalotagem, que não excede a uma pouca de farinha de mantimento misturada com agua sufficiente para a ligar. Para uma terra distante cinco e seis dias de viagem, elles vem, atacam e voltam em quatro e cinco dias; o que já não succede ao mais gentio, porque já além das armas os embaraçarem mais, levam grandes matalotagens, cabaças, panellas e mais trem indispensavel, que muito os estorva de fazerem grandes marchas. As flechas que usam para a guerra são envenenadas, e matam logo que façam sangue, não durando o individuo mais que uma ou duas horas depois de ferido; conhecendo elles um antidoto, o qual produz effeito se é applicado de prompto. Estes gentios não fazem prisioneiros de guerra (escravos) como é geral: se são terras onde vão só pelo costume do roubo, tudo quanto encontram, homens e mulheres, é passado á zagaia; porém se são terras com que estejam em guerra, até a propria innocencia é sacrificada, conservando apenas a vida a duas ou tres creaturas, que trazem para a terra, para serem mortas, a fim de fazerem, segundo dizem, seu curativo, o qual consta de lhes serem cortadas em vida as cabeças dos dedos dos pés e das mãos, orelhas, nariz, beiços, palpebras dos olhos, e penis; tendo o Soba, e bem mais dois empregados seus, de comerem estes objectos.

N'estas terras não ha macotas; os Sobas considerando-se senhores das vidas e fortunas de seus povos, a que tudo chamam escravos, elles tudo decidem, unicamente com assistencia das partes.

Tambem é licito cada individuo ter quantas mulheres possa sustentar, segundo seus haveres, sendo mais inclinados a ter maior numero d'ellas do que os Mohumbes; sechulos ha com dez e doze; e assim é preciso para abastecer a terra de gente; de contrario os taes Hambas, em breves annos, despovoariam as terras, com tanto barbarismo. A Tembo (Rainha) n'estas terras não é morta com pau, ferro, corda, etc.; quando por algum motivo se querem desfazer d'ella, é enterrada viva até ao pescoço.

No Quanhama ha seis carrascos, um de Hambas, outro de mumbandas (mulheres dos Sobas), mocandonas (raparigas), e tres da classe do povo. N'estas terras não são circumcidados senão os Sobas, e tres ou quatro empregados seus principaes. A fórma de fabricarem suas libatas é a similhança dos Mohumbes, porém com maior trabalho, pelos muitos repartimentos e corredores enfadonhos, mui estreitos, por

onde mal cabe uma pessoa; as casas de dormir não têem mais comprimento que o occupado pelo individuo; a porta de entrada é tão pequena que a muito custo permitte a entrada a uma pessoa: não usam como os Mohumbes pôr os curraes de gado no centro, mas sim por fóra da moradia, em roda, mas proximo.

Tambem têem uma festa particularmente no Quanhama, que á similhança da Gelua, ou Gerua, usada nos Gambos, elles chamam Punra; tambem depois da colheita dos mantimentos, a qual consta em se recolherem todos os gados da terra, cada um em suas libatas, e o proprio Soba, o qual consta de umas poucas de mil cabeças, conserva-se nos curraes até ás dez horas da manhã, tornando a entrar ás quatro horas da tarde, em quanto se acha presente ha grandes cantarolas e danças, a que o mesmo Soba assiste com todo o seu grande estado de mulherio, parentes, e grandes da terra; e na ausencia do gado ha divertimento de exercicio da carreira, manejo de zagaia e flecha, para ir vendo os que são mais destros; dura este divertimento tres dias, sempre acompanhado de grandes quantidades de bebidas, feitas de mantimento (macamballa); no ultimo dos quaes ha a grande dança do arremate da festa, a que o mesmo Soba vae com todas as pessoas de consideração (a que eu mesmo fui obrigado no primeiro anno), finalisando com grande matança de gado, para repartir, mas pessoa de consideração dá um boi inteiro a cada um, isto depois de morto, porque a etiqueta é derramar o sangue onde se dançou. É n'esta occasião que uns tres ou quatro velhos são interrogados, para que partes aquelle anno devem ir pastar os gados, e para que terras devem ser as frequentes guerras? e depois d'estes darem a sua opinião, falla o Soba e diz: O gado deve ir para tal parte, e as guerras para tal; e assim finalisa. A regra de successão é a mesma dos Mohumbes, e geral por estes sertões.

Caracter

Este gentio (particularmente no Quanhama) é franco e hospitaleiro, mais que por outras partes que tenho percorrido, amigo de tratar bem, mesmo sem vistas ou sentido de interesse, a toda a gente saida de outras terras, jámais aos que lhes levam suas missangas: ao mesmo tempo são vingativos e traiçoeiros, pela menor offensa, principalmente em casos de mulheres, pelo que são muito ciosos. Têem uma desmarcada ambição por missangas, sendo o que os obsta aos roubos mesmo praticados dentro da terra, o serem castigados pelo Soba com pena de morte por mais pequeno que o roubo seja; não sáem para fóra dos limites das suas terras se não a pastar seus gados, ou na guerra: toda a mais gente mandada pelas mais terras é saída de outras partes, e não são Muquanhamas propriamente ditos.

Vestuario.

Vestem-se do que é unicamente saído dos seus gados, não usam fazendas, nem quando lhe seja dada de graça, e o mesmo succede com armas de fogo. Os homens desde as nadegas até quasi á boca do estomago usam uma grande tira de couro cingido á barriga, e por cima todo coberto de tiras do mesmo, tão finas como fio de vela; tres punhados dos mesmos pendentes, um ao meio das nadegas, e dois aos lados sobre cada uma das ilhargas; por diante em logar de panno, é um bucho de boi bem surrado, e por traz um barrete como o de clerigo, de couro cru ou com cabellos, com uma orelha ao lado, como a de mulla, mais alta que a borda do mesmo, e do centro sáe um rabo como o de uma caçarola de ferro; este barrete é preso a grande quantidade de correias, por duas orelhas: usam as cabeças todas rapadas. As mulheres usam as mesmas tiras e correias na barriga; mas, em logar de tres punhados, são quatro, dois adiante, e outros dois atraz; o mesmo bucho de boi, e em logar dos barretes dos homens, é um couro grande preto com cabello, caído da cintura por baixo das ditas correias, até á cava do joelho com umas retenidas que amarram para diante, por baixo do dito bucho, servindo para não se lhe ver a parte exterior das coxas. O amarrado do cabello, é o mesmo que um soeste, com a differença que aos lados da testa sáe um rabo de cada banda do comprimento de um palmo, e duas ditas para as costas, saídas da aba que cobre o pescoço, como do dito soeste. Sobre o couro trazem uma especie de saiote, feito de missangas de varias cores; desde a cintura até á extremidade do mesmo couro; nos braços, maiores ou menores arames de cobre, pouco mais finos que o dedo minimo, e nos pés argolões de dois até doze arrateis de peso, do mesmo metal, um até dois em cada pé: no pescoço grande quantidade de missangas, cobertas por cima com dongo polido, ou coraes variados: estes enfeites condizem com a riqueza do homem a quem pertencem: mulher ha, que traz comsigo, só em missanga, dongo, etc., mais do valor de quinze a vinte bois. Usam untar-se com azeites extrahidos de differentes fructos silvestres, de pessimo cheiro, misturado com tacula em pó, tornando-se insupportavel este aroma, a quem não está acos-

tumado, e como isto é considerado aceio, quando têem de se apresentar ao Soba, ou pessoa que respeitem, untam-se em tanta quantidade, que com o sol vae todo o corpo escorrendo.

AYMBIRE

E SUAS QUALIDADES

O actual Soba do Quanhama é homem de setenta e cinco a oitenta annos, bem conservado, alto e apessoado; poucas vezes se lhe vêem os dentes, jámais pessoa de seu povo, a quem sempre mostra um ar serio, até severo, serve para impor a auctoridade que exerce; tudo quanto falla, o faz em poucas palavras, mui expressivas e com certa arrogancia: algumas pessoas do povo, quando se apresentam a fallar-lhe, se lhes conhece e vê o coração palpitante, talvez com o lembrar-se, que com uma simples vontade, póde dizer: «mata» É bastante orgulhoso, e por ser a sua terra a maior e os mais destros para a guerra, aproveita-se d'isso para querer dar a lei ás mais terras, que muito o temem, e quasi seguem suas vontades e caprichos. Todas as pessoas idas em sua terra, jámais indo fazer negocio, chama seus hospedes e trata como taes, não consentindo sejam offendidos por seus escravos.

Formava antigamente boa idéa dos brancos; quando lá estive fui bem tratado, em quanto não fugiu para seu poder um meu escravo; mas hoje estou persuadido já nos não tenha em boa reputação, por zizanias que lhe tenha mettido o dito meu escravo; o que bem prova a perseguição que soffri o anno passado quando tentava passar ao Mucuço. Unico Soba não só das terras que tenho percorrido, bem como das mais, segundo informações (á excepção das do Nano), que se reconhece pelo aceio e enfeites do seu vestuario ser elle o principal da terra. O tratamento que lhes dá a gente quando lhe falla é, Iay-Muane-Vitta, que quer dizer dono ou senhor da guerra. Tem mais de cem mulheres, e todos os annos é reformado este grande numero por novas que vão substituir as que matou aquelle anno: com esta grande quantidade de mulheres não tem filhos mais que dois, tidos antes de entrar no Estado; dizem ter sido curado para os não ter, a fim de se não envelhecer. Aymbyre, com o ser bruto, não é comtudo de más intenções; mas o malvado de um irmão por nome Mulundo conserva tamanho odio a brancos, jámais depois que me viu, que por seu gosto eu ali teria sido victima, e de certo correrá este risco outro que ali tente ir.

TERRA DO VAR.

É de gente da mesma raça que a do Quanhama, tem os mesmos usos, costumes, lingua, etc. O Soba actual, Hamandinga, de quarenta a cincoenta annos de idade. Terá esta terra quatro leguas de comprido e tres de largo, e a sua população deverá ser a mesma que a da Camba, de sete a oito mil almas. Nada tem de particular mais que a grande lagoa saída do rio Quintanda, que entra até mais de meia terra.

HANDA.

É menor que a precedente, dizem ter sido outro tempo alguma cousa poderosa, mas a ambição dos Muquanhamas a reduziu ao estado em que está de pequena e pobre. A sua população é da raça dos Mohumbes, conservando os seus usos e costumes; e terá duas a tres mil almas: unica terra áquem do Cunene isenta de barbarismo. Seu Soba, Cahube (nome de estado), terá setenta a setenta e cinco annos. Occupam pequeno espaço de terreno para se conservarem mais unidos. Proximo a esta terra ha uma grande mina de ferro, da qual Aymbire se serviu da sua preponderancia para monopolio, não deixando tirar ferro d'ella senão a esta terra (debaixo de cuja guarda se acha), Caffima, Mulondo e Camba, quando está em relações amigaveis; isto para forçar as mais terras a levarem-lhe os objectos de que carece, como sal, cobre, veneno para as flechas, e canhamira.

CAFFIMA.

Tem gente dos mesmos usos, costumes, lingua, vestuario, etc. dos Quanhamas: foi terra poderosa n'outro tempo, hoje pequena como a precedente ou ainda menor, reduzida a este estado por Aymbire; comtudo seu actual Soba, Hepunja, de cincoenta a sessenta annos, trata de a augmentar, por meio de escravos comprados, já por gado, marfim, e pela astucia de ter grangeado grande quantidade de Mucuancallas, gente errante que só vive de caça, e lhes dão as pontas de elefantes que matam; além d'isto, teve a industria, para se pôr a coberto das guerras, de formar um grande fosso, com estacas agudas enterradas no fundo, em circumferencia á roda das libatas, formadas todas juntas, seguindo-se cercas de paus mui fortes com uma unica entrada; depois do que tem sido mais respeitado.

DONGA.

Sendo da mesma raça, alguma differença ha comtudo no vestuario, lingua, etc. Em logar dos barretes dos homens é um simples couro, do feitio de uma pá de ferro de forno, com um recorte a meio, e duas tiras compridas que amarram as correias: as mulheres já não usam o tal soeste, e sim quatro grandes torcidas redondas, duas aos lados das fontes, caídas até aos peitos, e duas outras para traz das costas. Este gentio ainda é mais bruto e barbaro que os Mucuanhamas. Seu actual Soba, Nangola, de cincoenta e cinco a sessenta annos, é homem de uma altura e gordura disforme, e o homem mais alentado que o gentio tem visto; da maneira que o descrevem, bem se lhe póde chamar o *homem monstro;* o seu sustento dizem ser sufficiente para oito ou dez pessoas. O tamanho da terra dizem ser pouco mais de metade do Quanhama, podendo dar-se-lhe cincoenta a sessenta mil almas. É mui fertil em sal, que faz um dos ramos do seu negocio com seus visinhos.

Nas costas d'esta terra, vinte a vinte e cinco leguas, ha um mato habitado por Mucuancallas, que, differentes da mais raça, têem residencia fixa, sendo donos das grandes minas de cobre, que é sabido existirem n'estas partes, e abunda todos os sertões, e o que faz toda a sua riqueza. Só esta gente communica com elles, levando-lhes em troca do cobre, tabaco, algumas missangas e pungo (liamba); comtudo ignoram aonde o proprio logar da dita mina, cuidado que elles têem de occultar, recebendo-os e fazendo com elles estas trocas a grande distancia de suas habitações. Á excepção d'esta gente do Dongo, tudo o mais quanto encontram pelas proximidades de seus limites, com receio que lhe vão vigiar suas minas, é morto immediatamente. O mesmo Aymbire com todo o seu poder e orgulho não communica com elles directamente.

QUAMBE.

É dos mesmos costumes, usos, lingua e vestuario da precedente, tendo o mesmo tamanho em terra e população. É a gente mais barbara áquem do Cunene; quando vão á guerra, têem mais ambição em derramar sangue humano, do que em fazer presas; são temidos por todos os seus visinhos, não pelas suas forças, mas por barbaros e sanguinolentos. O actual Soba de menor idade, Handidella, herdou o estado em 1848, até cuja data estava outro do mesmo nome, que tinha um irmão, que empregando todos os recursos para o matar, e não lhe sendo possivel faze-lo, então dispoz-se com toda a resolução a entrar pela terra dentro só (isto para entrar no governo); quantos o íam vendo, ficavam quedos e abysmados de tal atrevimento, até que chegando á propria Libata grande, entra com a mesma arrogancia; o Soba que o avista, fica aterrado, pucha da muconda (faca de dois cortes á maneira de punhal), o outro faz o mesmo, e se apunhalam um ao outro, caindo cada um para seu lado!

GANJELLA.

É dos mesmos usos, costumes, vestuario, e lingua das duas precedentes, porém é a gente mais dada e familiar de todas áquem do rio, já por natural inclinação, já por serem mais laboriosos, percorrendo annualmente grande quantidade d'esta gente por todas as terras, tanto áquem como além do Cunene, com o seu negocio de sal, ferro, e cobre, veneno para flechas e canhamira, em que muito abundam. Seu actual Soba, Quiha-Nica, é de quarenta a quarenta e cinco annos; dizem ser igual em população ao Quanhama; outros suppõem que, supposto não abranger tanto terreno, tem comtudo mais povo. Foi a primeira terra que se fundou á quem do rio, d'onde descendem alguns dos seus visinhos; o que bem prova sua antiguidade a grande falta de matos e lenhas, tanto dentro como nas proximidades da terra, onde a lenha é supprida por bosta secca de boi, tanto para cozinharem, como para se aquentarem. Ha n'esta terra, bem como em parte do Donga, Quambe, Qualude e Quimbande, um barbaro e jocoso estylo. Quando as raparigas chegam ao estado de mulheres, passam ao tal ficanamento, o qual aqui consta de lhe cortarem a extremidade do *quicore* (o que as mulheres têem dentro da natureza feminil pela parte superior), põem-o no alto da cabeça, mettido entre porção de cabellos para isso preparado, passam-lhe em roda uma capa de mateba, e a face de cima é enfeitada com missangas e conchinhas; este bello enfeite fórma ao todo o volume de uma laranja. Têem uma superstição extraordinaria com isto: em suas terras é um crime de pagar-se com grande quantidade de gado, o tocar-lhe o homem; e pelas demais terras por onde andam, visto não vogarem suas leis e costumes, seria bastante o pegar-se-lhes para se matarem de paixão; não se lhes pergunta o que é, nem tão pouco se lhes olha attentamente para a cabeça.

QUALUDE.

Terra pequena, pouco menos que o Var; raça de Muhimbas; conservam usos e costu-

mes, e vestuario dos precedentes. Não se assimilham á raça a que pertencem, senão no que diz respeito a não se sujeitarem a ter Soba.

QUIMBANDE.

Quasi metade do Quanhama; muito rica em gados; da mesma raça e costumes da precedente: tambem sem Soba.

QUAMATTO.

São duas terras com este mesmo nome, e ambas ellas formam um quarto do Quanhama: os Sobas, um, Nay-Binga, de trinta e cinco a quarenta annos; outro, Nay-Cuba, de setenta a oitenta. Tanto uma como outra são da mesma raça, usos, costumes, lingua e vestuario do Quanhama. É nas costas d'estas terras, a meio dia de viagem, que se estende um cordão continuo de terras, tendo seu principio nas margens do Cunene, alargando-se até perto do mar, prolongando-se para o interior até ás proximidades do Mucuço, raça, tudo de Muhimbas, tornando-se nada tratavel com o mais gentio, pela muita riqueza de gado que possuem; receiosos sejam pretextos para lhes vigiarem os gados e guerrearem, por isso só conservam relações com os da mesma raça.

POR INFORMAÇÕES.

Ao nascente da Hamba, dois dias de marcha, principiam as terras das Nhimbas, que se estendem do N. a S. para o interior, abrangendo até ao rio Cabango, saído das terras do Nano, do mesmo tamanho ou maior que o Cunene. Este rio que serve de demarcação ao poente dos extensos sertões dos Ganguellas, que conduzem e circundam o Bihé, é o mesmo que segue para os vastos sertões do Mucuço, onde se lhe junta outro do mesmo tamanho, tambem partido do Nano, por nome Cuitto, tornando-se aqui já um caudaloso e importante rio.

Para se ir do Quanhama ao Mucuço, não obstante este se dizer a rumo de SE. ou SSE, é preciso comtudo dar uma volta de principiar por Caffima, e só depois de um rodeio de dez dias de marcha (mato), se encontra o Cubango, seguindo-se mais quatro pela margem do mesmo, ao fim dos quaes se chega á primeira terra das que conduzem ao Mucuço, chamada Quangar. Esta volta é necessaria fazer-se em rasão dos Mucuancallas, mencionados na descripção do Donga, o que não aconteceria, se a derrota fosse feita por esta, ou por Quambe, por onde se poupariam alguns dias de marcha. Depois que se chega ao Quangar até ao Mucuço, as terras não formam mais que um extenso cordão de libatas, a uma e uma, pela margem do rio, não occupando mais largura do que o terreno necessario para arimarem. A distancia d'esta primeira terra á immediata, Bunja, são dois dias de viagem, outros dois d'esta ao Sambio, e igual á quarta Derico; tendo de andar dentro d'ellas, da primeira seis dias, dois da segunda, um da terceira, e tres d'esta ultima. No centro d'ella é onde fazem juncção os dois rios já mencionados. O rio Cuitto serve de limites aos grandes e afamados sertões das Amboellas, pelo N., assim como ao Poente o fica sendo o mesmo, depois de se unir ao Cubango, e segue para o Mucuço, propriamente dito, onde se gastam mais dois dias. Esta terra é a maior das precedentes, e seu actual Soba não consente que pessoa alguma, ida para negociar, passe ao interior, astucia de que se serve para monopolisar o negocio do centro, porque a elle é dirigido para dispor, do que tira excessivos lucros.

As terras por estas partes são immensas; n'uma circumferencia de oito a dez dias tem mais de trinta a quarenta terras, por muito proximas umas das outras, tanto áquem como além (já Amboellas) do rio. A dez dias de marcha do Mucuço, se lhe junta outro ainda maior do que estes dois reunidos, saído de entre S. ou SE. servindo de limites pelo E., e depois de juntar-se ao outro, o fica sendo tambem pelo N. e NO. a uns povos que vestem roupa de couro, e pela descripção que d'elles fazem, quando não sejam os *Hottentotes*, é talvez alguma raça d'elles saída, ou que se lhes assimilha.

Possuem gado de tão extraordinario tamanho, que uma vacca regular, para se mungir (o que elles não usam), se põe um homem por baixo da barriga, em pé com a vasilha presa ao pescoço; algum ha nas terras do Mucuço, não sendo comtudo mais affeiçoados a elle, com receio de excitar ambição de Aymbire e mais Sobas visinhos, e serem por isso perseguidos de guerras, que muito temem por suas barbaridades.

Ao nascente do Mucuço no centro dos Amboellas, dizem ter um rio maior que todos estes, o qual segue para o centro do continente, uns dizem que para ir desaguar ao N. de Loanda, e outros na Costa Oriental. Seu tamanho é tal que fórma grande quantidade de ilhas pelo centro; e é habitado por um gentio que se sustenta unicamente de peixe e raizes silves-

tres que apanha pelas margens. O nome que dão a este rio é Liambeje ou Diambeje.

É afiançado por todos quantos vão ao Mucuço, que todos aquelles povos das margens dos rios, quando sentem guerra repentinamente nas terras, se deitam dentro de agua, onde por meio do mergulho se occultam e conservam horas, andando assim por baixo de agua, tanto para a margem opposta como ao longo do rio, levantando apenas de tempos a tempos a cabeça para tomar ar e vigiar o que se passa em terra: ora, supposto não haver uma pessoa que deixe de o afiançar, comtudo julgo ser exageração, ou por ser gente que pelos seus rusticos conhecimentos tomam as cousas superficialmente, pois que para assim ser era preciso que a natureza os formasse semi-amphibios (!); no emtanto ficará a averiguação d'este facto para as pessoas que dotadas de conhecimentos o possam julgar competentemente. Todos os matos quantos separam umas de outras terras jámais nas margens dos rios, são habitados por Mucuancallas, povos com côr amulatada, com usos, costumes, vestuario e lingua particular: vivem errantes pelos matos que mais abundam em caça, o essencial de seu sustento, bem como fructas e raizes silvestres e mel, o qual comem com tudo que é contido, como cera, nova creação de abelhas, etc. Não gastam fazenda, e quasi nenhumas missangas, supposto abundar em muito marfim; mas como não têem residencia fixa, ha grande difficuldade em se procurarem, só o acaso o póde permittir: ao que dão grande estimação, e se lhes compra o marfim quasi de graça, é com tabaco e pango (liamba). São francos com viajantes; se têem um elefante morto, e estes chegam, tiram as pontas e uma pouca de carne, deixando-lhes o resto.

ANIMAES IRRACIONAES.

PANDE E DROMEDARIO.

Além dos animaes já sabidos, originaes de Africa occidental, hoje ao alcance de todos seu conhecimento, fallarei em dois animaes, que julgo ser novo o conhecimento de um, o *dromedario*, e ignora-se a existencia do outro, *pande*, da especie ou da mesma familia da *abada*, conhecida, pelos gentios d'estes sertões, por este nome. Tamanho, altura, côr, etc., representa a mesma *abada*, com a differença unicamente que em logar de ter uma só ponta, como este animal sobre a tromba superior, tem mais outra no queixo inferior, por metade do tamanho da outra, tambem flexivel, mas uma vez embravecido toma igual consistencia, tem uma pequena curva virada para baixo, e a extremidade inclinada para a frente, servindo para suspender os objectos prostrados por terra, aos quaes quer offender com a ponta inferior que em todos os casos é a mais offensiva. Este animal é mais temido que a *abada;* para esta o gentio tem o costume de prostrar-se por terra quando já não póde fugir-lhe, e ella saltando-lhe por cima segue em sua carreira; o que já não succede com a *pande*, porque com a ponta inferior suspende do chão os objectos, para os estrangular com a superior.

Tem este animal a grande singularidade de ter no peito uma pequena ferida do tamanho de um pero, de nascença, por onde sempre corre uma certa reima; é tão callida sua carne, que essa mesma pouca gente que a come, fazendo uso d'ella por alguns dias, lhe rebentam feridas pelo corpo, e raras vezes deixa de produzir diarrhéa de sangue.

Hoje póde asseverar-se a existencia do *dromedario*, nas margens tanto áquem (poucos), como além (em grande abundancia) do rio Cunene; eu os vi, e pela distancia a que me deixaram aproximar para os examinar, não resta a menor duvida, além de prova evidente, não serem mui bravios; talvez facil o apanharem-se e domesticarem-se. Os naturaes pouco usam matar estes animaes, aos quaes dão o nome de *dure*, pelo pouco prestimo que lhes conhecem; porque não tendo ponta ou outro qualquer objecto de que lhes resulte lucro para venderem, e ser sua carne das mais ordinarias, unicamente fazem uso do couro para *alparcas*, pela grossura ser um pouco menor que o da *abada*.

Gambos, 1.º de Setembro de 1850.

B. J. Brochado.

TECHNOLOGIA.

Ill.^mo Sr.—Tive muita satisfação de receber o Officio de V. S.ª de 9 do corrente mez, dando uma interessante noticia ácerca de dois dos productos das nossas Provincias Ultramarinas, que faziam parte da collecção que o Conselho Ultramarino mandou para a Exposição Universal de Paris, e um dos quaes, o denominado *mafurra*, V. S.ª diz que attrahiu a attenção

de todos os homens eminentes que se consagram ao estudo das applicações industriaes da chimica.

Respondendo pois ao dito Officio, vou agradecer a V. S.ª, em nome d'este Conselho, aquelle seu trabalho; e ao mesmo tempo declarar-lhe que elle foi tido em tanto apreço, que o mesmo Conselho o vae mandar publicar com este Officio no *Diario do Governo*, para que o Commercio e a industria fabril possam tirar proveito dos valiosos esclarecimentos que V. S.ª n'elle lhes offerece.

Quanto ao mais que sobre o mencionado Officio o Conselho tenha a dizer a V. S.ª, reserva-se para o fazer opportunamente.

Deus guarde a V. S.ª Lisboa, 13 de Dezembro de 1855.=Ill.^mo Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel.=*Sá da Bandeira*, presidente do Conselho Ultramarino.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr.—V. Ex.ª tem mostrado sempre, em todas as epochas da sua vida publica, um interesse tão decidido e tão esclarecido pelo melhoramento e prosperidade das nossas Possessões Ultramarinas, que me auctorisa a acreditar que a noticia que tenho a honra de communicar-lhe será por V. Ex.ª acolhida com todo o favor.

Entre os productos da interessante collecção que o Conselho Ultramarino, que V. Ex.ª preside, apresentou na Exposição Universal de Paris, figurava um que attrahiu a attenção de todos os homens eminentes que se consagram ao estudo das applicações industriaes da chimica.

Era este um oleo concreto, ou sebo vegetal, vindo de Moçambique com o nome de sebo de mafurra [1]; um producto inteiramente novo, e desconhecido até agora na Europa.

Por estas rasões, e porque elle figurava unicamente na exposição portugueza, resolvi-me a fazer o seu estudo chimico, e a apresenta-lo á Academia das Sciencias de Paris, porque este era o meio mais conveniente de fazer conhecido em todo o mundo um producto, cuja exploração póde enriquecer uma das nossas melhores provincias do Ultramar.

Para a melhor execução d'este importante trabalho, associei-me com o meu amigo Julio Bouis, que dispõe de um dos melhores laboratorios de Paris no Conservatorio Imperial das Artes e Officios, e que se tem já distinguido entre os sabios por trabalhos analogos de merecimento incontestavel. A coadjuvação de Mr. Bouis foi para mim muito util e muito agradavel, e elle mostrou n'ella todo o desejo de pôr ao serviço de Portugal, na execução d'este trabalho, o seu saber e a sua experiencia. Eu creio que o Governo de Sua Magestade não deixará, por certo, de agradecer-lhe este serviço; e V. Ex.ª, que conhece melhor do que ninguem a grande importancia dos estudos d'esta ordem e a influencia que elles têem no progresso da industria, não deixará de o recommendar, e de prestar todo o apoio da sua influencia para que este serviço, prestado com tão boa vontade e com tanto zêlo por um sabio estrangeiro de tanto merecimento, não fique sem ser galardoado, como é proprio da generosidade do Governo portuguez.

Agora permitta-me V. Ex.ª que eu lhe dê aqui uma breve noticia do estudo que eu e Mr. Bouis fizemos da *mafurra*, que, apesar de ser um estudo puramente scientifico, tem uma grande importancia industrial e commercial, principalmente para nós; e que deve produzir consideraveis vantagens para o engrandecimento das nossas provincias da Africa.

Na execução do trabalho a que me refiro servimo-nos de uma pequena porção do sebo vegetal de *mafurra* e das sementes de onde este se extrahe, que o Conselho Ultramarino havia mandado á Exposição de Paris, e tambem de umas amostras do acido solido extrahido do mesmo sebo na fabrica do Sr. Ignacio Hirsch, pelo processo ordinario que se emprega na fabricação das velas stearicas; amostras que o mesmo senhor me remetteu n'essa occasião para París, pedindo-me conselho sobre o processo mais conveniente para branquear aquelle producto.

É de rigorosa justiça que eu diga por esta occasião a V. Ex.ª, que, sendo o Sr. Hirsch uma das primeiras pessoas que em Lisboa teve conhecimento da existencia do sebo vegetal de *mafurra* em Moçambique, concebeu immediatamente a idéa de o empregar na fabricação das velas stearicas, e creio até que para esse effeito requereu o privilegio exclusivo.

Como tinhamos á nossa disposição o sebo de *mafurra* e as sementes d'onde elle se extrahe, ainda que as quantidades de que podiamos dispor não fossem avultadas, tentámos

[1] O Sr. Major Salles Ferreira, que conhece muito os sertões de Angola, tendo visto esta semente, dá a informação seguinte:

«A semente chamada *mafurra* em Moçambique tem em Angola o nome de *guimbi*. A arvore que a produz acha-se em abundancia no districto de Encoge, e no Songo, districto de Talla-Mugongo.

«O sebo ou manteiga que contém este fructo usa-se como remedio contra a sarna.»

Em presença d'esta noticia, o commercio poderá desde iá fazer para Angola as suas encommendas.

verificar se das sementes, a que se dava no catalogo da Exposição Portugueza o nome de *mafurra*, se poderia extrahir a materia que tinha de ser o objecto do nosso estudo. A experiencia confirmou a exactidão do catalogo, e ficámos plenamente convencidos de que o sebo vegetal que iamos estudar era, sem a menor duvida, extrahido de sementes identicas ás que acompanhavam aquelle producto.

As sementes ou amendoas da *mafurra*, nome que se lhe dá em Moçambique, pertencem, segundo a sua apparencia indica, a uma planta da familia das *euphorbeaceas;* são de fórma oval e cobertas de uma tenue casca de côr vermelha, tendo uma pequena mancha negra no meio do lado externo. Cada amendoa pesa, termo medio, 0,^{gm}660; a menor pressão é sufficiente para destacar o involucro, cujo peso é igual a 0,^{gm}187, de sorte que a semente descascada tem o peso de 0,^{gm}473. As amendoas da *mafurra* assemelham-se um pouco aos grãos do cacau; são, pela maior parte, chatas do lado interno e convexas do lado externo, e dividem-se facilmente, como as de todas as *dicotilodoneas*, em duas partes no sentido longitudinal.

Têem um sabor amargo, e os diversos productos que d'ellas se tiram conservam pertinazmente este amargume. A amendoa da *mafurra* é dura, e exhala pela trituração o aroma caracteristico do cacau: submettidas á simples pressão a frio não cedem senão uma muito pequena quantidade de materia gorda, e é necessario recorrer ao emprego da agua quente ou aos dissolventes usuaes dos corpos gordos para a despojar completamente. O emprego do ether ou da benzina mostrou-nos que se póde extrahir d'aquellas sementes descascadas 65 por 100 de materia gorda: o residuo contém 4,3 por 100 de azote, e por isso é eminentemente proprio para ser empregado como adubo na agricultura.

Estas sementes cedem aos diversos agentes uma materia extractiva, uma substancia muito amarga e um producto particular que os alkalis coram fortemente; mas o ponto essencial sobre que fixámos com particularidade a nossa attenção foi o exame da materia gorda. A côr d'esta materia é ligeiramente amarellada; o seu aroma é o da manteiga de cacau; é menos fusivel que o sebo; o alcool fervente dissolve-a em pequenas proporções; o ether quente facilmente a dissolve, e abandona-a pelo resfriamento em pequenos crystaes estrellados. Os alkalis saponificam-a, corando-a notavelmente de pardo; porém a maior parte da materia córante é arrastada pela dissolução alkalina. O oxido de chumbo transforma-a igualmente em sabão, e a glycerina, que se separa n'esta operação, apresenta o seu caracter assucarado unicamente depois de lavada com o ether, que se apodera da substancia amarga. Os acidos gordos provenientes da decomposição dos sabões alkalinos crystallisam, e são formados de um acido gordo liquido muito corado, e de um acido solido branco, que entra por 55 por 100 do peso total da materia.

O acido liquido solidifica-se pela acção do acido hypoazotico, e dá um producto analogo ao acido elaidico: a distillação sêcca decompõe este acido em carburetos de hydrogenio e em acido sebacico: fórma tambem com o oxido de chumbo um sal soluvel no ether; finalmente possue todas as propriedades caracteristicas do acido oleico.

O acido solido no estado de pureza é perfeitamente branco e scintilante, o seu ponto de solidificação é fixo a 60,°5 do T. C., e apresenta-se o acido em massa crystallina e friavel: as suas dissoluções alcoolicas solidificam-se em massa pelo resfriamento. Este acido dá um sal ammonial soluvel a quente e insoluvel a frio na agua distillada: os saes que fórma com a potassa e com a soda decompõem-se pela acção da agua: o seu sal de chumbo funde a 115°, e pelo resfriamento coagula em massa opaca e amorpha; o ether que fórma com o alcool é solido e fusivel a 24°; finalnalmente apresenta todas as propriedades do acido ethalico ou palmitico, estudadas e descriptas por Mrs. Dumas e Stas.

As analyses repetidas que fizemos do acido, do ether, dos saes de chumbo e de prata, convenceram-nos de que a composição do acido existente no sebo de *mafurra* deve ser representada pela fórmula $= C.^{32}\ H.^{32}\ O.^{4} =$

Á vista d'este nosso estudo, a palmitina contém-se em abundancia não só no oleo de palma mas tambem no da *mafurra*, e são estas as substancias vegetaes até hoje conhecidas que a podem fornecer de uma maneira vantajosa para os usos industriaes; porque não podêmos aqui metter em linha de conta a existencia do mesmo principio que Mr. Rochleder indicou em proporção minima nos grãos do café.

Alguns ensaios de um outro genero nos fizeram conhecer a facilidade com que o sebo da *mafurra* distilla, depois de haver sido saponificado pelo acido sulfurico, dando por este processo productos perfeitamente brancos e com todas as condições requeridas para a fabricação das velas.

Esta mesma materia, como já disse a V. Ex.ª, havia sido tratada na fabrica do Sr. Hirsch, pelo processo ordinario da saponificação calcarea; e submettida á pressão a frio e a quente

deu excellentes resultados, salva a deficiencia do branqueamento; assim nós entendemos que na exploração industrial d'este producto, para a fabricação das velas, o processo mais conveniente será o da distillação, como o que já hoje se applica no tratamento do oleo de palma, excepto se for possivel obter que da Africa venha o sebo perfeitamente branco e isento de materia corante.

Aqui tem V. Ex.ª muito em resumo o extracto do trabalho que eu e Mr. Bouis apresentámos á Academia das Sciencias de Paris, e que foi impresso nas actas da mesma Academia. O extracto publicado n'aquellas actas appareceu excessivamente resumido, por falta de espaço, e porque, estando eu ausente de Paris, não pude rever as provas, resultando até d'essas circumstancias a suppressão de uma parte do nosso trabalho, em que davamos ao Instituto a noticia de um outro producto natural das nossas Colonias, que promette um grande interesse industrial: tal é a *castanha de Inhambane*, fructo de uma trepadeira de Africa, muito rico de oleo que congela facilmente, e que contém tambem em grande quantidade um acido solido branco e crystalisavel, analogo, se não é identico, ao acido ethalico.

Este fructo fazia tambem parte da Exposição do Conselho Ultramarino, e não se via entre os productos dos outros paizes. O seu estudo vae ser objecto de um novo trabalho de que me occuparei incessantemente, logo que tenha á minha disposição a quantidade indispensavel da materia.

Se os productos de que tenho fallado, se principalmente a *mafurra* se produz em grande abundancia, como asseveram as noticias vagas que temos de Moçambique, se ella se póde ainda colher nas outras provincias de Africa, principalmente na Costa Occidental, nenhuma duvida póde haver de que o partido que o Estado póde tirar d'esta producção é de summa importancia. O sebo de *mafurra* é, no meu entender, um producto mais rico do que o oleo de palma; e V. Ex.ª deve lembrar-se que este ultimo entrava na importação da Europa, no principio d'este seculo, só por algumas dezenas de toneladas, e que hoje só a Inglaterra consome d'elle muitos milhares de toneladas.

Acabarei aqui este meu longo arrazoado; e a V. Ex.ª, como Presidente do Conselho Ultramarino e como enthusiasta dos melhoramentos das nossas Colonias da Africa, cabe promover o estudo de tantos productos maravilhosos que possuimos n'essas regiões ainda tão incultas, mas que encerram os elementos de uma grande riqueza e de immensa prosperidade. A Africa pede-nos a civilisação; a Europa pede, em troco d'ella, productos novos de que está sequiosa; faze-los pois conhecer é uma obra de progresso e de civilisação digna do Conselho Ultramarino, e do talento e da actividade do espirito illustrado de V. Ex.ª

Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Lisboa, 9 de Dezembro de 1855. = Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira. = *Julio Maximo de Oliveira Pimentel.*

BIBLIOGRAPHIA.

Quando no numero dos *Annaes* do mez de Outubro ultimo annunciámos a publicação da Memoria do Sr. Visconde de Santarem sobre os direitos da Corôa de Portugal aos territorios de Molembo Cabinda e Ambriz, ahi dissemos que sabiamos que estava a saír do prélo outra Memoria sobre o mesmo objecto com desenvolvimentos diversos, para confirmar os os direitos já demonstrados pelo Sr. Visconde de Santarem. Effectivamente já se publicou a Memoria a que então alludiamos, a qual tem o seguinte titulo: = *Factos e considerações relativas aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz, e mais logares da Costa Occidental d'Africa situada entre o 5° grau 12 minutos e o 8° grau de latitude austral, pelo Visconde de Sá da Bandeira.* = É um folheto de 63 paginas com dois mappas.

D'esta Memoria transcrevemos os seguintes paragraphos, sentindo não termos espaço para mais.

«O Governo portuguez mandando occupar o porto do Ambriz teve em vista os seguintes motivos:

1.° Punir o Regulo do paiz pelos insultos praticados e roubos commettidos de propriedade portugueza, e pela insolencia com que tratou as advertencias e intimações do Governador Geral de Angola.

2.° Acabar com o trafico da escravatura, que por aquelle porto se tem feito em grande escala.

3.° Proteger e promover o commercio licito.

4.° Exercer o direito de soberania que a Corôa de Portugal tem sobre aquelle territorio.

«1.° Motivo.—O castigo das offensas praticadas pelo Regulo não só era de utilidade

para os commerciantes portuguezes, mas tambem o era para os commerciantes inglezes e outros, que soffriam os seus insultos e roubos, como aconteceu no mez de Novembro de 1849, em que os negros do Ambriz queimaram dois barracões, com as mercadorias que continham, pertencentes a uma casa de Liverpool, cujo prejuizo, segundo participou o Consul britannico em Lisboa ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, em Fevereiro de 1850, era calculado em 10:000 libras esterlinas; e, como ainda no mez de Março do presente anno succedeu, tirando o Regulo aos feitores os serventes com que estavam satisfeitos, e obrigando-os a receberem outros em que não tinham confiança; de cuja violencia resultou, além de outros excessos, que a uma feitoria ingleza foram roubados noventa e nove barris de polvora.

«Para trazer o Regulo á rasão, por este ultimo attentado, foi o Commandante da Estação Naval portugueza, com o Commandante da corveta americana *Dale*, e com o Commandante do brigue inglez *Linnet*, fallar com elle, e admoesta-lo. O que não teve resultado satisfatorio.

«Tudo isto consta do Officio do Commandante da Estação Naval portugueza de 20 de Março ultimo, no qual expõe a necessidade de se infligir ao Regulo um exemplar castigo, por aquellas e outras violencias e roubos que havia praticado nos ultimos tempos.

«Outras advertencias foram feitas ao mesmo Regulo pelo Governador Geral de Angola sem effeito algum; e as cousas chegaram ao ponto de serem insultados alguns officiaes da marinha de guerra portugueza, que officialmente tinham ido ao logar da residencia do mesmo Regulo.

«Além d'estas offensas, diversas outras havia este praticado contra os portuguezes residentes no Ambriz, sendo ainda recente a destruição da casa de um d'elles.

«Tendo o Governo ouvido o Conselho Ultramarino sobre este objecto, e havendo-se conformado com a sua opinião, ordenou ao Governador Geral de Angola, que, sem demora, procedesse ao restabelecimento da antiga auctoridade da Corôa portugueza sobre aquella parte da costa e do paiz visinho.

«O Governador Geral Coelho do Amaral, para cumprir a ordem recebida, embarcou em Loanda no dia 14 de Maio do corrente anno, com a tropa que julgou necessaria, a bordo da fragata *D. Fernando* e de outros navios, debaixo das ordens do Capitão de Fragata Rodovalho, Commandante da Estação Naval, e navegou para o seu destino, onde chegou no dia seguinte.

«Para se ajuizar da maneira como a occupação foi levada a effeito, daremos aqui o seguinte extracto de um Officio, que o Governador Geral dirigiu ao Ministro da Marinha e Ultramar, datado do Ambriz em 21 de Maio de 1855:

«=No dia 15 desembarquei no Ambriz com o Commandante da Estação Naval e cincoenta homens de marinhagem.

«Os feitores queriam fugir com o receio dos pretos. Consegui aquieta-los.

«Os pretos fizeram algazarras a grande distancia.

«16—Vieram os pretos com negocio, segundo o costume; mas davam mostras de muito agastados. Escrevi ao Regulo.

«17—Recebi a resposta do Regulo em tom ironico. Escrevi outra vez ao Regulo.

«18—Appareceram os pretos em força consideravel e attitude de guerra, com bandeiras despregadas, e fazendo grandes gritarias.

«Conservaram-se a distancia; mas alguns d'elles, sem serem vistos, poderam aproximar-se de tres casas que estavam fóra da nossa linha, e largaram-lhes o fogo: como todas são de pau a prumo, forradas de esteiras e cobertas de palha, era impossivel atalhar o incendio, apesar de saír a força armada para o fazer; em presença da qual retiraram-se todas as forças dos negros.

«De noite appareceu o fogo em outra feitoria.

«As perdas n'aquelles incendios foram diminutas, porque os donos tinham acautelado o melhor, e do resto pôde ainda a tropa salvar parte.

«Tendo eu pedido ás casas americanas e inglezas, aqui estabelecidas, que não permutassem polvora com os pretos n'esta occasião, responderam-me com uma negativa polida. O encarregado da casa franceza, que aqui existe, prestou-se logo. Eu paguei-lhes a sua recusa, offerecendo guardar-lhes as casas por soldados, a fim de que os pretos não viessem queima-las por engano. Acceitaram, e agradeceram muito.

«As casas incendiadas eram feitorias portuguezas.=

«Pelo precedente extracto se poderá apreciar a maneira como foram tratados os commerciantes portuguezes e estrangeiros, que na occasião do desembarque da expedição residiam no Ambriz; sendo certo que a tropa saltou em terra sem opposição; que o Governador Geral offereceu aos feitores soldados para guardarem as suas barracas, offerecimento que acceitaram: e que alguns d'elles continuaram, apesar do pedido do Governador Geral, a fazer o commercio de polvora com os negros que estavam em armas contra os portuguezes.

«Parece pois evidente que aquelles feitores deviam experimentar um sentimento de gratidão para com o Governador Geral, pelą attenção que com elles teve, e pela segurança em que as suas pessoas e propriedade haviam de ficar da oppressão e roubos dos negros; e pela certeza de que em perfeita liberdade poderiam para o futuro occupar-se das suas transacções commerciaes.

«Se houve ali alguma destruição de propriedade, foi ella causada pelos negros rebeldes, em casas e generos pertencentes a subditos portuguezes.

«2.º Motivo.—Já na secção precedente se viu como no porto do Ambriz se fazia em grande escala o trafico da escravatura, e que o unico meio de ali o acabar consistia em occupar por forças portuguezas aquelle logar.

«Já dissemos que o Governador Geral, á sua chegada, achou ali varios barracões com escravos destinados para embarque. O numero d'estes excedia a 150. E é notavel que ninguem reclamou perante o Governador Geral o direito de propriedade sobre os mesmos escravos. E todos elles foram logo, segundo as leis, declarados libertos; alguns mandados para Loanda, e os outros ficaram no Ambriz para trabalharem na obra do forte que se erigiu: e consta por Officio do mesmo funccionario, que tres mezes depois da sua libertação, nem um só dos mesmos libertos havia fugido, apesar de andarem soltos; o que é prova de que haviam sido bem tratados.

....

«E para impedir o trafico da escravatura n'este porto era urgente a occupação, pois que este commercio tem augmentado nos ultimos tempos, como se póde inferir do desembarque de 11:400 escravos africanos que teve logar na ilha de Cuba no anno de 1854, como se lê nos documentos apresentados ao parlamento britannico em 1855.

....

«3.º Motivo.—Protecção ao commercio licito.—Nas notas acima citadas, de Mr. Southern, de Lord Palmerston e do Conde de Clarendon, declara-se que no interesse do commercio inglez o Governo Britannico pretende manter o direito, que diz possuir, de uma communicação não restringida com esta parte da Costa.

....

«A occupação do Ambriz póde ser desagradavel a uma ou duas casas inglezas ou americanas, que faziam ali rapidos e consideraveis lucros, tanto maiores quanto maior era a actividade do trafico de escravatura n'aquelle porto, vendendo aos traficantes suas fazendas. Mas de certo ha de ser de mui grande conveniencia para a Inglaterra e Estados Unidos, porque tende a reprimir o trafico, e por isso a diminuir a necessidade de cruzeiros numerosos, e assim a despeza que com elles se faz; e tende a assegurar o commercio licito de todos os negociantes das mesmas nações.

....

«4.º Motivo.—O exercicio de um acto de soberania sobre os territorios em questão era um dever para o Governo portuguez, desde que o Governo britannico, dando uma nova intelligencia aos Tratados, pretendeu que por elles não havia reconhecido os direitos da Corôa de Portugal aos mesmos territorios; porque poderia inferir-se que elle acceitava a nova interpretação, e abandonava direitos que durante tres seculos haviam sido possuidos pela mesma Corôa. Portanto, se aquelle acto não fosse praticado, o Governo portuguez commetteria uma gravissima falta das suas obrigações para com a Nação e para com o Rei.

«E se este acto de soberania não foi levado a effeito logo depois que em Novembro de 1846 se apresentou ao Governo portuguez a nova interpretação do Governo britannico, proveiu isso, sem duvida, de que no tempo em que essa communicação foi feita existia em grande força a guerra civil em Portugal, a qual não terminou senão em 1847; e de que nos seguintes annos se não gosou do socego politico necessario para se cuidar das medidas adequadas.»

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

NOTICIA

DE

ALGUNS TERRITORIOS, E DOS POVOS QUE OS HABITAM,

SITUADOS NA PARTE MERIDIONAL
DA PROVINCIA DE ANGOLA,

POR

B. J. BROCHADO.[1]

Lançado pelas vicissitudes da vida n'este sertão de Mossamedes, fui instigado pela curiosidade a que roubasse algumas horas aos meus affazeres, e as destinasse á observação dos objectos mais salientes d'elle, comprehendidos desde a conhecida terra do Dombe ao Sul de Benguella, incluindo a vasta extensão do territorio dos Mucubaes, até um pouco ao Sul do Cabo Negro. A este exame superficial, seguiu-se-me o desejo de escrever os apontamentos que tinha colhido, a fim de me não esquecerem certas minuciosidades gentilicas, que não deixam de ser importantes, consideradas debaixo do ponto de vista descriptivo.

MUCUBAES.

Esta região, desde a margem do mar e na sua maior extensão de largura abrange de vinte a trinta leguas, e no maior comprimento, desde as proximidades do Dombe até ao Cucutiumgimbe, noventa a cem.

Demarcação.

Ao S. com os Muximbas; ao N. com o Dombe; a L. com o interior servindo de demarcação a Cordilheira de montanhas conhecida n'estes logares; ao O. com o Oceano.

[1] Esta noticia, escripta pelo auctor da viagem publicada no ultimo numero dos *Annaes* (pagina 187 e seguintes), serve de supplemento á mesma viagem; e é por este motivo que só imprimimos aqui a parte em que trata de territorios differentes dos que se acham descriptos na viagem.

Divisão.

Em muitas tribus, cada uma d'ellas com seu chefe. Estas tribus são quasi independentes umas das outras, prestando todavia estes Chefes alguma obediencia a quatro outros principaes.

Fórma de governo.

Ainda que com tendencia ao despotismo, todavia não deixam os Sobas de deliberar cousa alguma, sem préviamente serem ouvidos seus *Macotas*, conselheiros.

Qualidade do terreno.

É montanhoso, dando seus intervallos passagem ás rarissimas aguas das chuvas que os tornam vegetaveis, salvo nas margens de alguns rios filiaes da Cordilheira de montanhas supramencionada, onde a vegetação é mais ou menos permanente.

Clima.

É ardentissimo, sendo mais temperado nas proximidades do mar. É doentio, concorrendo para isso as más aguas, que no geral são salobras.

Caracter dos habitantes.

Sem excepção, são timidos, vingativos, dados ao roubo e a ociosidade, limitando-se unicamente a pastarem seus gados vaccum e ovelhum, em que abundam, e que constituem a sua riqueza e unicos alimentos, sendo o principal o leite.

Religião.

Não se lhes conhece principio algum religioso, não sendo mesmo idolatras: todavia ha entre elles uma idéa vaga da existencia do auctor da natureza, não lhe prestando culto algum; são assaz credulos no feiticismo, uso geral em quasi todo o gentio da Africa.

Vestuario.

O dos homens é assaz simples, constando apenas de um pequeno couro de carneiro com que encobrem o assento, e outro com que encobrem as partes genitaes, usando além d'isso de uma grande trunfa redonda, ornada pelo

proprio cabello, constituindo esta um signal distinctivo e o unico indicio de luxo entre elles. O das mulheres consta igualmente dos mesmos dois couros de carneiro e igualmente collocados, porém grandes, tendo em torno da cintura grande quantidade de missangas, indicio de luxo entre ellas: usam trazer na cabeça um couro com dois bicos, amarrado de tal sorte que, a não ser a falta de outro bico, se assimilha ao chapeu de uma auctoridade ecclesiastica.

Armas.

São unicamente a flexa, a azagaia e o porrinho, sendo-lhes desconhecida outra qualquer arma, a não serem os que vivem nas proximidades dos brancos, que alguns já se inclinam ás armas de fogo.

Productos naturaes.

Sal commum em pequenos cristaes, que elles depois agglomeram formando um cone, unica industria entre elles. Este gentio, pouco dado á caça, tem todavia algum marfim.

Não cultivam mantimentos, salvo alguns que vivendo proximos ás terras que os cultivam, o fazem, mas ainda em pequena quantidade.

QUILLENGUES.

Esta terra d'ista de Benguella quarenta leguas a rumo de S., e comprehende vinte a vinte e cinco leguas em quadro.

Demarcação.

Ao N. com o Dombe e Benguella; ao S. com a raça dos Munhanecas; a E. com o Nanno; ao O. com a Huilla e Cobães.

Fórma de governo.

A mesma que a precedente, todavia ha ali uma auctoridade portugueza com o titulo de Regente, que é subalterno ao governo de Benguella, estendendo-se a sua auctoridade unicamente aos brancos e filhos do paiz que vivem isentos das leis gentilicas; pois no caso contrario depende da approvação do Soba, tornando-se por assim dizer quasi um governo mixto.

Existe ali uma insignificante defeza, quasi com apparencia de um reducto, porém constituida de madeira, tendo quatro pequenas bocas de fogo e alguns soldados.

Esta terra que se póde considerar uma das maiores e mais opulentas d'este Sertão, deve em grande parte o seu estado de grandeza á concorrencia de muitos herdeiros de differentes outros Estados, que sendo perseguidos pelos chefes dos Estados, que lhes devem pertencer, se refugiam n'esta terra, formando pequenas tribus, mas obedientes e debaixo do poder do Soba d'ella.

Qualidade do terreno.

É uma planicie semeada de montanhas, e circumdada por outras maiores; na mór parte é arenoso, comtudo varía em outros logares: as chuvas são regulares, como no geral d'esta costa (de Novembro a Abril); no entanto dá-se o caso de faltarem varios annos, do que procede haver n'essas epochas falta consideravel de mantimentos. Os terrenos são no geral ferteis em vegetação.

Clima.

É quente e doentio, sendo por isso mui frequentes as molestias geraes da Africa, com especialidade na estação chuvosa.

Caracter dos habitantes.

É falso em grande parte; não deixando de serem ladrões, são comtudo hospitaleiros: não são dados á guerra, pois quasi no geral são cobardes e mesmo ociosos como o gentio precedente e a cuja raça pertencem, pelo que o Soba toma o nome de Muane Sucuballa, que quer dizer—Senhor dos Cobães—visto ser elle o Soba mais apotentado d'aquella raça.

Religião.

A mesma, comtudo muito gentio ha inclinado ao baptismo, abraçando isto como um uso nosso, e não como crença sua.

Vestuario.

O mesmo que os precedentes quanto aos homens, porém as mulheres usam sobre a cabeça de tres rolos do proprio cabello, adelgaçados para as extremidades, dispostos no sentido da testa á nuca; no mais o mesmo que as precedentes, isto com a raça propria de Quillengues, pois as differentes tribus refugiadas conservam os usos e costumes da terra a que pertencem.

Armas.

Além das usuaes, usam mais das armas de fogo, a que são muito inclinados, introducção feita pelos brancos.

População.

Póde bem calcular-se sem muito erro, de oitenta a cem mil almas.

Productos.

Farinha de mandioca, milho, macamballa (especie de milho miudo), massango (similhante á alpista). Os brancos têem ali introduzido algumas fructas, não só proprias da Europa, como da America.

MUNHANECAS.

Esta raça é dividida em seis tribus ou Estados independentes, e composta de sete Sobados, que são: Huilla, Jau e Umpata que só formam um Estado, Hay, Quihita, Gambos e Quipungo.

Demarcação.

Ao S. com o Humbe; ao N. com Quillengues; a E. com o Nanno; e ao O. com os Cobães.

Fórma de governo, religião, armas e productos, o mesmo que o precedente, exclusivo a farinha de mandioca.

DESCRIPÇÃO DE CADA UMA EM ESPECIAL

HUILLA.

Confina ao N. e O. com os Cobães, servindo de limites (em parte) a grande cordilheira; a E. com Quillengues; e ao S. com Hay e Gambos.

Está situada entre seis e dez leguas dos Cobães, vinte de Quillengues, e do Hay e Gambos nove a dezoito leguas. Tem tres a tres e meia leguas em quadro.

Qualidade do terreno.

É montanhoso por ser situada proximo do cume da grande Cordilheira, com soberbas planicies ferteis o mais possivel, toda cortada de pequenos rios e riachos de excellente agua, que coadjuvam a sua fertilidade, sendo susceptivel, em grande parte, das producções da Europa.

Clima.

O mais temperado em todo aquelle sertão, com estações regulares, e até alguma cousa similhante ao de Portugal, jámais desde Maio a Setembro.

Caracter dos habitantes.

Além das qualidades dos da precedente, são corajosos para a guerra, devido talvez á necessidade de defender seu pequeno territorio.

Vestuario.

Os homens usam cabeça rapada; no entanto alguma cousa varía segundo o gosto do individuo; encobrem o assento com um couro pequeno de boi, com umas azelhas que seguram a uma correia que trazem em torno da cintura, e pela frente usam de outro que enfia pela correia e dobra sobre si mesmo, havendo muitos que já usam panos de fazenda, ao que já hoje dão a preferencia. As mulheres usam de um grande couro cortado quasi com o feitio de uma toalha, porém com maiores bicos, sendo seguro por grande quantidade de missanga. O modo por que amarram o cabello tambem differe, constituindo isto differença entre as diversas raças. Usam em logar dos tres rolos das de Quillengues, quatro, com a mesma fórma, saidos do cume da cabeça e rematando nas fontes.

População.

Póde dar-se-lhe, sem grande erro, de tres a tres mil e quinhentas almas.

JAU.

Demarcação.

Esta terra tem doze a quatorze leguas em quadro. Confina ao O. com os Cobães; a E. com Quipungo; ao S. com os Gambos e ao N. e O. com a Huilla; distando duas leguas dos Cobães, dezoito a vinte de Quipungo, quinze a dezeseis dos Gambos, fazendo limites entre ella e a Huilla o pequeno rio Quipumpunhime.

Qualidade do terreno

Supposto achar-se tão proximo da Huilla, alguma cousa varía; no entanto pouco differe do d'aquella, tendo grande parte do terreno incapaz de cultura, por se achar situada sobre o cume da grande cordilheira

Clima e o mais, o mesmo que a Huilla.

População

Dez a doze mil almas.

UMPATA.

Este pequeno Estado é pertencente ao Soba do Jau, do qual é tributario, conservando-se ali aquelle chefe com o nome do Soba, por um antigo costume entre elles, por ter sido este povo e o de Hay, os primeiros povoadores d'aquellas partes.

Demarcação.

Fica comprehendida na antecedente, pois fórma tudo a mesma terra, bem assim todos os mais artigos.

HAY.

Este pequeno Estado se acha debaixo da protecção do Soba dos Gambos em rasão de suas pequenas forças.

Demarcação.

Tem meia legua em quadrado. Confina ao S. com os Gambos; ao N. com o Jau; a E. com Quipungo; ao O. com os Cobães; distando dos Gambos oito a nove leguas, seis do

Jau, dezeseis a dezoito de Quipungo, e cinco a seis dos Cobães.

Qualidade do terreno.

Pouco differe do do Jau, comtudo é o logar de todo o sertão onde ha mais abundancia de mantimentos, não só porque aquelle povo capricha sobre isso, como tambem por o terreno o facilitar; tambem é onde se encontram os melhores pastos para gado.

Clima.

Pouco ou nada differe do do Jau, não só pela pouca distancia, como tambem por se achar quasi na mesma elevação.

População.

Não se lhe poderá dar mais de mil a mil e duzentas almas.

QUIPUNGO.

Demarcação.

Tem sete a oito leguas em quadro. Confina ao N. com Quillengues; ao S. com Mulondo; ao O. com o Jau; a E. com os vastos sertões do Nanno: dista de Quillengues doze leguas, quinze do Nanno, vinte de Jau, e vinte e quatro de Mulondo.

Qualidade do terreno.

É bastante montanhoso e alguma cousa mais quente que os precedentes.

População.

Terá de oito a dez mil almas. Este povo é o mais ladrão de toda esta raça. Chegam a acommetter comitivas de viandante pelas estradas, resultando d'isso o serem poucas as terras que tenham com elles boa amisade.

QUIHITA.

Esta terra tem meia legua em quadro.

Demarcação.

Confina ao S. com os Gambos, servindo de limites o rio Caculo-Var; ao N. com o Hay, cinco leguas; a E. Quipungo dezoito; ao O. com os Cobães oito leguas.

Qualidade do terreno.

É o mesmo que os Gambos, junto ao qual se estabeleceram para se porem a cuberto de seus inimigos, sendo fundado este pequeno Estado por um fidalgo da terra da Huilla, que sendo expulso por seus habitantes, se refugiou n'este logar com o povo que o quiz acompanhar; isto, segundo dizem, haverá uns trinta annos.

Clima.

Já é mais quente que os precedentes, por ficar em posição menos elevada. Aqui já vão finalisando as montanhas.

População.

Deverá ter de mil a mil e duzentas almas.

GAMBOS.

Este Estado tem de vinte a vinte e duas leguas de comprido de N. a S. e oito a dez de E. ao O.

Demarcação.

Ao S. com o Humbe vinte e quatro leguas; ao N. com o Hay e Jau; a E. com Mulondo vinte e quatro leguas; e ao O. com os Cobães, duas a tres.

Fórma de governo.

É a mesma que as precedentes; comtudo tem a observar-se que nas terras de gentio quanto maiores, mais despotismos e arbitrariedades commettem os Sobas, porque é de sua crença assim faze-lo, para se tornarem temidos e respeitados pelo seu povo, o que já não succede aos das terras pequenas, que lhes convem afagar.

Qualidade do terreno.

É pouco montanhoso, por ser onde finalisam as ramificações da grande cordilheira, começando aqui as extensas planicies de todo o resto do interior. O terreno é barrento em grande parte, mui irregular e variado; tem força de vegetação na estação chuvosa, mas logo que as chuvas deixam de ser regulares, acaba, devido isto á fortidão demasiada do terreno.

Clima.

Alguma cousa já differe do da Huilla e Jau, porquanto achando-se menos elevada do que estas, já é alguma cousa mais callido, principalmente na estação chuvosa, em que não só os brancos, como os indigenas, são accommettidos ordinariamente de febres intermittentes.

Caracter dos habitantes.

Supposto que não são tão valentes como os da Huilla, comtudo não se podem chamar cobardes, concorrendo muito para isso o orgulho de que são possuidos, visto ser a terra mais populosa d'esta raça.

População.

Póde dar-se-lhe de cincoenta a sessenta mil almas.

Productos naturaes.

Em todas estas terras ha cera em alguma abundancia, com especialidade na Huilla, Jau e Quipungo. Tambem ha algum marfim, sendo

em maior numero nos Gambos, em rasão de serem os mais dados á vida de caçador.

Tambem ali (Gambos) existe grande quantidade de pedra iman, bem como porção de minas de ferro, e por isso talvez outros metaes, o que se ignora, por não haver inda ali ido um homem entendido sobre tal materia.

MUHUMBES.

Tres Estados differentes são comprehendidos n'esta raça, a saber: Mulondo, Camba e Humbe.

Demarcação.

Ao N. e NO. com os Gambos; ao O. com as terras do Solle e Dongona (raça Muximba) tres a quatro leguas; a E. com terras pertencentes ao Nanno, S. e SE. com o rio Cunene, o que serve de limites a estas terras.

MULONDO.

Este Estado tem oito a nove leguas em quadro.

Demarcação.

Confina ao N. com Quipungo vinte e quatro leguas; ao S. com o rio Cunene; a E. com o Luceque vinte e cinco leguas; ao O. com a Camba, seis.

Fórma de governo, religião e armas, o mesmo que o geral.

Qualidade do terreno.

É arenoso, mas fertil nas estações chuvosas, tendo extensas planicies. Não tem rio nenhum mais que o dito Cunene, na margem do qual é situada a terra, estendendo-se ao longo por elle no maior comprimento.

Clima.

É mais quente que o dos Gambos, não deixando comtudo de ser igual, quando não mais salubre.

Caracter dos habitantes.

São os mais ladrões e tambem laboriosos d'esta raça, e valentes para a guerra, mas não tanto como os da Camba. São hospitaleiros como o geral n'estas tres terras.

Vestuario.

Os homens usam a cabeça rapada, dois ou tres pequenos rabichos no alto da cabeça, fazenda adiante, e couro de boi atraz. As mulheres não usam missangas na cintura como as demais terras até aqui descriptas; usam de pano adiante e atraz, cassungas e missangas no pescoço mui variadas e o mesmo na cabeça. O amarrado do cabello é, desde a nuca até á testa, mui similhante á parte superior de um capacete grego, e terminando lateralmente por duas rosetas de cabello natural similhantes ás orelhas da girafa.

Productos.

Além dos que produzem nas outras terras, com excepção o milho que semeiam pequena porção, por serem pouco afeiçoados, é notavel por uma especie de feijão que dá debaixo da terra, bem similhante ao mendobim, com gosto particular, ao que os naturaes dão o nome de *lingomene*.

População.

Poderá ter dez a doze mil almas.

CAMBA.

Tem quatro leguas em quadro.

Demarcação.

Confina a N. e NO. vinte e quatro leguas; a E. com Mulondo; ao O. com o Humbe, oito a nove leguas; S. e SE. com o rio Cunene.

Caracter dos habitantes.

Os mais familiares, jámais com brancos; são os mais destros para a guerra, pelo que são temidos por terras poderosas.

População.

Cinco a seis mil almas.

HUMBE.

Tem dezeseis leguas em quadro.

Demarcação.

Ao N. Gambos, vinte e quatro leguas; ao O. as terras do Solle e Dongona, tres a quatro leguas; a E. a Camba; ao S. e SE. o rio Cunene.

Caracter dos habitantes.

São mais fracos para a guerra que os dois precedentes povos, sendo além d'isto bastante orgulhosos, o que para isso concorre serem os mais ricos em gados; no entanto os brancos não deixam de ser ali bem tratados.

População.

De cincoenta a sessenta mil almas.

N'estas terras, o gentio é o mais destro que se conhece no jogo do porrinho, de que tiram vantagem sobre todos os outros povos.

Nas duas ultimas não ha cera, salvo em Mulondo, que a aproveitam, tornando-se assim mais um ramo não pouco importante comparativamente com outras terras, o que já não

succede á Camba e Humbe, que esperdiçam o bagaço da cera depois de haverem chupado o mel.

Tambem ha marfim em alguma quantidade, pois não obstante haverem caçadores, empregam mais a pequena industria de fazerem grandes fossos nas proximidades do rio, coberto por cima com ramos e folhagem, onde cáem grande numero de elefantes, na occasião que vem beber agua.

O Humbe é cortado pelo rio Caculo-Var, que tendo sua nascente ao NE. da Huilla, quatro a cinco leguas, depois de receber d'ali alguns riachos, e o rio Quipumpunhime, passa por Quihita, corta os Gambos ao meio no seu maior comprimento, segue ao Humbe, e desagua no Cunene.

DESCRIPÇÃO DO RIO CUNENE.

Este rio tendo sua nascente em Galangue, no centro das terras do Nanno, depois de banhar varios Estados d'aquelles sertões, e recebendo varios rios e riachos, chega ao Luceque (ultima terra ao poente do Nanno), onde recebe mais, um Hè e outro Culo-Var; e seguindo ao mesmo rumo (poente) vinte e cinco leguas, chega a Mulondo, onde se lhe junta mais o rio Quintanda (vindo das Nhembas e Handa, a rumo de E. e ESE.) segue a Camba e Humbe, a meio do qual se lhe reune o Caculo-Var e continuando a banhar Dongona, e Solle e mais varios povos pouco conhecidos da raça de Muximbas, dizem que já não mui distante do mar, se prolonga ao longo da costa por alguns dias de marcha a rumo de entre S. e SO., até que desagua no Oceano. Suppõem-se ser este rio o que na desembocadura do mar chamam = das Trombas. = No tempo da secca o seu leito (fallo nas terras do Humbe ou Muhumbes) tem de cincoenta a sessenta braças de largo, e fundo sufficiente a navegar uma lancha, mas na força das aguas trasborda e suas margens abrangem meia legua e mais.

Todo elle é coalhado de jacarés e cavallos marinhos, onde a natureza parece ter sido mais prodiga que n'outra parte, com a propagação de similhantes amphibios.

O exame d'este rio, é indubitavelmente necessario, pelas importantes vantagens que d'elle podem resultar a este districto, taes são a fertilidade de suas margens, localidade, havendo abundantissima quantidade de matas e excellente temperatura, sendo para lamentar que da parte do Governo tenha havido tanta inacção, desprezando offerecimentos de pessoas que, com algum conhecimento do sertão, coadjuvados por elle em algumas despezas, se prestariam levar ao cabo tão util empreza!...

MUXIMBAS.

Ao poente dos Gambos, vinte a vinte e cinco leguas, e ao S. onde finalisam os Cobães, dez a quinze leguas, principia a ser habitado por esta raça, que em grande parte se póde dizer não terem residencias fixas; elles vivem onde mais commodidades encontram para pastagens de seus numerosos gados, considerados por assim dizer quasi errantes; comtudo sempre dentro dos limites d'aquellas partes, onde não habitam outros povos. Esta raça se estende desde quarenta a cincoenta leguas de Mossamedes a rumo do S., até ao rio Cunene, onde nas margens áquem do mesmo, e ao O. do Humbe, formam as duas poderosas terras do Dongona e Solle, abrangendo até as proximidades do mar, mais ou menos povoado.

Passando a outra banda do rio, segue o mesmo cordão de immensas terras, tudo da mesma gente, que circumdando as terras limitrophes ao Quanhama pelo O. até á costa do mar, se prolongam até mais de 150.

Estes singulares povos são selvagens o quanto é possivel; não communicam com seus visinhos, logo que sejam de outra raça; nem tão pouco consentem ninguem dentro de seus limites, com medo que lhe vão vigiar seus gados para lh'os irem roubar com guerra, para o que são valentes em defeza de seu territorio, e preferem antes morrerem devorando seus inimigos, do que serem prisioneiros d'elles. As proprias mulheres fazem tanto estrago nas guerras, como os mesmos homens. São amantes de seu paiz natal, a ponto que se não sujeitam a escravidão, como os demais povos; preferem antes serem devorados pelas feras ou acabarem á mingua em suas repetidas fugas, ao melhor tratamento que se lhes dê. Não cultivam mantimento nem cousa alguma para sua manutenção, unicamente se alimentam de leite, carne e fructas silvestres. As unicas armas são azagaia, porrinhos e flechas envenenadas.

Fórma de governo.

Assimilha-se ao republicano. Não tem Soba, nem quem os governe; quando se trata da defeza do paiz, a causa é commum, e quando ha alguma questão, são chamados dois ou tres dos visinhos mais velhos, e o que elles decidem é considerado como sentença definitiva; no mais, todo o Chefe de familia é senhor absoluto nos seus limites, e sobre o que lhe pertence.

VARIEDADES.

Os progressos da exploração do interior da Africa são um objecto de tanta importancia, não só debaixo do aspecto scientifico e geographico, mas mesmo debaixo do ponto de vista economico, especialmente pela influencia que póde ter no estado social e economico das terras do litoral, que os nossos leitores estimarão ver em breve quadro a extensão, e de alguma sorte o alcance das viagens do Dr. Barth. Para isto aproveitámos a noticia que d'ellas publicou um illustre sabio e geographo, M. A. Petermann. E podemos acrescentar que a viagem do Dr. Barth se está imprimindo em Gotha, debaixo da direcção do illustre viajante, e brevemente se publicará.

O Dr. Barth embarcou em Marselha em 8 de Dezembro de 1849, em companhia de Overweg. Chegados a Tripoli, os dois viajantes exploraram os montes Gharios, depois do que se dirigiram, a 23 de Março de 1850, para o lago Tchad, com Richardson, que ao depois veiu a fallecer. Atravessando os Oasis de Ilessi e de Chiati, Murzuk e Jerdalus, chegaram a 15 de Julho ao Cassar-Junun, ou *palacio dos demonios*, na visinhança de Ghat. Em quanto exploravam este grupo de collinas, o Dr. Barth perdeu-se no deserto, e esteve a ponto de morrer. Esteve vinte e oito horas sem beber agua, e matou a sede com o seu proprio sangue. Tendo passado por Ghat, Talesseles, e Aison, os viajantes entraram no reino de Aïr ou Arben. Aqui o Dr. Barth pelo seu aspecto energico e resoluto diante de um bando de Tuariks, que queriam embaraçar-lhes a passagem, salvou a expedição de uma vergonhosa retirada. Posteriormente, deixando os companheiros em Tintellust, emprehendeu só uma viagem a Agadez (de 4 de Outubro a 6 de Novembro), e com esta exploração augmentou muito os nossos conhecimentos da geographia da Africa Septentrional.

A expedição entrou no Sudan no 1.º de Janeiro de 1851, e a 11 chegou a Tegelal, onde os viajantes se separaram, e Barth se dirigiu para Kachna e Kano. N'este ultimo ponto colheu preciosas indicações para indagações posteriores. Na sua viagem para Kuka recebeu a triste noticia da morte de Richardson, que tinha acontecido a 4 de Março em Ungurutua. Correu a toda a pressa a este logar para cumprir os ultimos deveres ao seu companheiro de viagem. Tomou conta de todos os seus papeis e mandou-os para Londres, onde pouco depois foram publicados.

Chegando a Kuka a 2 de Abril, Barth achou a expedição em inteira desordem; não havia provisões nem meios de transporte, e os fundos estavam acabados. Conseguiu que o vizir de Bornu lhe emprestasse dinheiro, pagou as dividas de Richardson, e salvou assim segunda vez a expedição de um desastre, que, se elle não fôra, seria inevitavel.

A 29 de Março de 1851, Barth fez a sua memoravel viagem a Adamawa, e n'ella descubriu o rio Binué, cujo curso ficou sendo para a sciencia e para o commercio um meio para penetrar em regiões até então desconhecidas e inaccessiveis da Africa central.

Voltando a Kuka a 22 de Julho Barth explorou o Kanem na companhia de Overweg, depois seguiu até Musgo, e ainda além. A sua estada n'estes paizes prolongou-se até ao 1.º de Fevereiro de 1852. Tornando a ficar só n'esta epocha, emprehendeu nova viagem em outra direcção, e atravessando o rio Chary, entrou no Bagirmi até Mansenha, capital d'este paiz: e enriqueceu com conhecimentos novos e positivos a geographia dos paizes situados a Sudoeste do lago Tchad até á bacia do Nilo.

A 27 de Setembro de 1852, Barth perdeu o seu unico companheiro e amigo Overweg, que morreu perto do lago Tchad. Triste, mas não desanimado com esta perda, o intrepido viajante resolveu continuar só as suas explorações, e emprehendeu então a sua aventurosa viagem de Tombuctu. Deixou Kuka a 25 de Novembro de 1852, chegou a Kachna em 23 de Fevereiro de 1853, a Sakatu no principio de Abril, e entrou em Tombuctu em 7 de Setembro. Depois de uma residencia de perto de um anno n'esta celebre cidade, voltou a Kano, onde estava a 17 de Outubro de 1854, e no 1.º de Dezembro encontrou o Dr. Vogel de caminho para Kuka. D'ahi atravessou o Sahara até Tripoli, e, como é bem sabido, chegou a Marselha a 8 de Setembro (1855). Foi para Londres dar conta dos seus trabalhos ao Governo e á Sociedade de Geographia.

M. A. Peterman já depois da chegada do Dr. Barth recebeu uma carta d'elle, datada de Murzuk em 20 de Julho; carta que não perdeu da sua curiosidade, por dar noticias de outro sabio explorador que ficou em Africa, o Dr. Vogel. Este havia chegado até Yakoba, a celebre cidade dos Fellatás, aonde Lander, Overweg, Barth, e a expedição do

Tchad em vão tinham tentado penetrar. Vogel é o primeiro europeu que tenha entrado n'esta cidade. Eis-aqui, segundo as observações do sabio viajante, a situação d'este logar: 10° 17′ 30″ latitude; 9° 28′ 0″ longitude de Greenwich: o que differe consideravelmente da posição que até aqui se lhe tinha supposto, e a transporta muito mais para o noroeste. De Yakoba, Vogel propunha-se a continuar a sua viagem para o sul, e atravessando o Binué, entrar no Adamawa, e effectuar a ascensão da grande montanha Alantika, situada ao sudoeste de Yola, na intenção de penetrar até Tibati e Baya, para tornar depois ao nordeste, e tentar a exploração do Waday.

Consta pelos jornaes allemães que o senado da cidade de Hamburgo, patria do Dr. Barth, tinha resolvido que se cunhasse em honra do joven e corajoso sabio uma medalha de oiro. Muitas corporações scientificas, e em primeira linha a academia das sciencias de Berlim, têem admittido o Dr. Barth no seu seio.

NOTICIAS RECENTES.

ANGOLA.

Em Officio n.° 11 de 23 de Setembro de 1855, participa o Governador Geral, que fez expedir a todos os chefes de districto e commandantes de presidios uma circular, que se acha publicada no respectivo Boletim Official n.° 521 da mesma data, chamando a attenção d'estes empregados sobre as grandes vantagens que podem resultar á Provincia de Angola da exportação do tabaco, pela grande escala de consumo que este genero offerece; tomando por essa occasião todas as providencias que lhe pareceram conducentes a obter o maior incremento da cultura d'aquella planta.

Tambem houve noticias de Mossamedes, das quaes consta, que n'aquelle estabelecimento progrediam os trabalhos agricolas, principalmente da cultura do algodão.

MACAU.

Em Officio n.° 13 de 12 de Setembro de 1855, participa o Governador de Macau, por occasião de remetter o balanço da receita e despeza d'aquella provincia relativo ao anno economico de 1854-55, que o estado da fazenda publica é tão satisfactorio, que tendo já no anno economico anterior começado a diminuir a mezada, por que sacava sobre Londres, ia cessar inteiramente de o fazer, esperando que não lhe será mais necessario recorrer a similhante meio, para fazer face ás despezas ordinarias do estabelecimento.

Em Officio n.° 14 de 12 de Outubro do mesmo anno, acompanhando o orçamento da receita e despeza d'aquella provincia para o anno economico de 1856-57, informa o dito Governador, que o deficit que tinha progressivamente diminuido desde 1851, desapparece inteiramente n'este orçamento, havendo ainda um saldo provavel de 1:226 patacas.

TIMOR.

Por um officio do Governador Manuel de Saldanha da Gama, datado de Dilly aos 14 de Setembro de 1855, consta o seguinte:

O rendimento da alfandega de Dilly no anno economico de 1854-55 foi o dobro do do anno anterior.

A exportação de milho para a Australia vae augmentando todos os dias.

O Governador espera que em poucos annos esta colonia terá sufficientes meios para fazer face á sua despeza.

O Capitão da barca *Resolução*, que havia de saír para Lisboa no dia 15 de Setembro, vem bem informado dos generos de Portugal que em Timor podem ter venda, dos que se podem exportar, e da estação em que os navios ali devem tocar.

A Companhia Commercial comprou uma escuna, na qual foi para Singapura uma carga de sandalo, genero que começa a ter saída.

No anno economico de 1854-55 entraram no porto de Dilly:

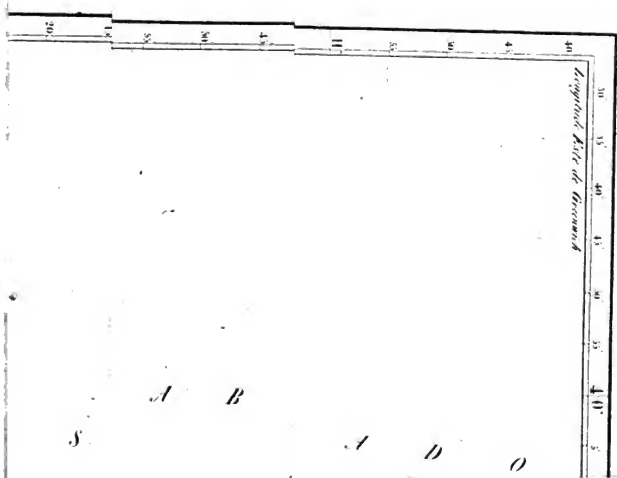
Navios	Toneladas
3 Portuguezes	362
20 Hollandezes	790
4 Inglezes	554
27	1706

A exportação consistiu em cêra, milho, arroz com casca, café, batatas, trigo, cebolas, tartaruga, sandalo, e oitenta e cinco cavallos.

Longitude Este de Greenwich

30' 35' 40' 45' 50' 55' 40° 5'

40 45 50 55 11° 45 50 55 1 20

S A B A D O

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

MEMORIA

ACERCA DO

DISTRICTO DE CABO DELGADO

PELO SENHOR

JERONYMO ROMERO

SEGUNDO TENENTE DA ARMADA.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira. —Quando, depois de ter servido na Provincia de Moçambique por espaço de oito annos, governei as Ilhas de Cabo Delgado e suas dependencias, tratei de colligir materiaes que me habilitassem a escrever uma Memoria descriptiva d'este Districto.

Emprehendi este trabalho, porque as noticias d'aquelle vasto e importante territorio andam muito escassas em todas as obras, que se tem publicado com referencia á Costa Oriental de Africa.

O interesse que V. Ex.ª toma pelo progresso e civilisação das nossas Possessões Ultramarinas suscitou-me a lembrança de offerecer a V. Ex.ª um tributo do meu reconhecimento, dedicando-lhe esta Memoria.

Foi preciso vencer muitos receios para esta deliberação, por isso que afeito á vida do mar, com quanto ella não seja incompativel com a das letras, tenho mais uso da linguagem dos ventos e das tempestades do que da dos homens cultos.

Empreguei o maior cuidado em conservar a verdade dos factos na sua maior pureza, já que os não podia revestir das bellezas da expressão.

Digne-se, pois, V. Ex.ª aceitar esta homenagem da minha alta consideração, e do meu maior respeito. =De V. Ex.ª creado, venerador e obrigadissimo. =Lisboa 15 de Março de 1855. =*Jeronymo Romero.*

DESCRIPÇÃO DO DISTRICTO DE CABO DELGADO.

O Governo das Ilhas de Cabo Delgado ou de Querimba, sexto Districto militar da Provincia de Moçambique, comprehende, alem do Archipelago das mesmas Ilhas, o Continente que se estende ao longo da Costa na distancia de 170 milhas desde a margem esquerda do rio Lurio, situado lat. Sul 13° 31′, e 40° 28′ E. do meridiano de Greenwich até Cabo Delgado, que está em 10° 41′ de lat. S. e 40° 35′ de long. E. do mesmo meridiano, e que põe termo aos limites d'aquella Provincia pela banda do Norte.

ARCHIPELAGO DAS ILHAS DE CABO DELGADO.

Este Archipelago, que jaz na lat. 12° Sul, compõe-se de vinte e oito Ilhas, das quaes a maior, Amiza, tem de comprimento 8 milhas, e 1 e meia de largura; a saber: Quipaco, Quiziba, Fumbo, Calaluhia, Samucar, Querimba, Ibo, Matemo, Rolas ou Crianvé, Molandulo, Inhate, Macaluhé ou Mahâto, I. dos Mastros, Xanga, Zanga, Minhuge, Timbuza, Namego, Zuno, Luhamba, Mistunso, Numba, Quia, Amiza, Caiamimo, Longa, Cungo, Ticoma; não fallando nos baixos, restingas, corôas de areia e pedras á flor de agua, a que alguns escriptores têem dado o nome de Ilhas. São actualmente quatro as Ilhas povoadas; Ibo, Querimba, Fumbo e Matemo. As demais estão deshabitadas. Todas ellas ficam proximas umas das outras, formando com a terra firme um canal, cuja largura varia de uma até dez milhas, abrigado de todos os ventos e do mar, por onde navegam com toda a segurança embarcações de pequenos lotes, que se empregam no commercio de cabotagem. Ha entre ellas muitos ancoradouros seguros e abrigados para navios de alto bordo. Afora a Ilha do Ibo, todas as outras do Archipelago são propriedade do Estado. Arrendam-se de 3 em 3 annos, em hasta publica, perante a Delegação da Junta de Fazenda da Provincia, por pequenas quantias pagas em prestações annuaes. Os rendei-

ros arrematam o exclusivo da pesca da tartaruga, a extracção do maná, e a apanha da urzella na Ilha ou Ilhas que arrendaram, recebendo alem d'isso, nas que são povoadas, o dizimo.

ILHAS HABITADAS.

IBO.

Esta Ilha está situada na lat. 12° e 20′ S., e long. do meridiano de Greenwich 40° 37′ 57′ E. A sua maior extensão é de 5 milhas, e de 3 e meia a maior largura. É terra baixa e rasa, assente em rocha calcarea, de que se faz extracção para construcção de casas e fabrico de cal.

Tem sómente uma povoação, a Villa do Ibo, habitada por 2:422 individuos de ambos os sexos, de todas as idades, de differentes religiões e condições, sendo

Christãos livres	467
Mouros	143
Bancanes	12
Batiás	8
Christãos escravos	1:355
Mouros	437
	2:422

Cria-se ali gado vacum, cabrum, suino e asinino em porção sufficiente para satisfazer ás necessidades dos habitantes. Ha tambem aves domesticas e do mato.

Em volta da Ilha, junto á praia, dá-se bem a mangue ou mangal, que produz excellente madeira para construcção de casas; boa lenha, e urzella de inferior qualidade. Do mesmo modo vegeta abundantemente o coqueiro, que é uma das arvores mais interessantes da Africa pelas suas variadas e uteis producções.

A planta do anil, que muito avulta pela sua importancia commercial, nasce por toda a parte, vive e morre sem cultura e desaproveitada!

São muito escassas as colheitas de café, algodão, pimenta, milho miudo e grosso, feijão, mandioca, maná, e maçã brava. É pouco cultivada esta Ilha por ser muito pedregosa, tendo os agricultores de mandar fazer á terra firme as suas plantações. A Villa do Ibo é a Capital do Districto, onde reside o Governador, a Camara Municipal, o Juiz Ordinario, o Parocho, o Sub-Delegado do Procurador Regio, o Thesoureiro Almoxarife, e o Capitão-Mor e Sargento-Mor das terras firmes.

Ha n'esta povoação, para defeza d'ella, uma fortaleza e dois pequenos fortes.

A fortaleza, a que se dá o nome de S. João, ergue-se junto á praia, demorando ao NO. É construida de pedra calcarea em fórma de uma estrella, com muralhas de 16 pés, e sem fosso. Está guarnecida de 15 peças de artilheria, de ferro, e 2 de campanha, de bronze, cujos reparos se acham em menos mau estado. Dentro d'esta fortaleza ha quarteis para alojar com alguma commodidade 300 praças. Reside actualmente n'elles a companhia de infanteria de linha, que tira o nome da Villa, cujo effectivo é de 60 a 70 praças de nativos. Esta força, que é a unica destinada para a guarnição de todo o Districto, destaca annualmente 10 praças para Moçambique. É subordinada e resiste muito aos rigores do clima; porém falta-lhe a instrucção, o garbo, a disciplina, a actividade, o valor e o brio do soldado europeu, que vive n'estas paragens melhor do que em outra qualquer localidade da Provincia.

Na pequena casa de arrecadação que ali se encontra faltam armamentos, petrechos, munições e mais trem de guerra, não podendo fornecer-lh'os o Governo Geral da Provincia por estar tambem desprovido d'elles.

Não tem agua, mas fica fóra em pequena distancia um poço em que a ha salobra, e que serve para beber.

Dos dois fortes, o que é chamado de S. José, e que demora a SO., fica tambem junto á praia, defronte do porto onde fundeiam as pequenas embarcações, que se empregam na pesca e no trafego da cabotagem. É de pedra calcarea, com muralhas de 9 pés de altura. Está artilhado com 7 bôcas de fogo, de ferro, de pequeno calibre. A guarnição consiste na guarda ali postada de 1 cabo e 4 soldados.

Tem dentro um armazem menos mal reparado, que serve de alfandega. Ha tambem ali uma prisão, onde são retidos os escravos encontrados de noite pela policia em desordem ou vadiagem.

O outro que se denomina de Santo Antonio, e que demora a SE., está situado nos arredores da Villa, olhando para o interior da Ilha. É tambem de pedra calcarea, guarnecido com 6 canhões de ferro.

No centro se eleva á altura de 20 pés um torreão onde está assestada uma peça de ferro de calibre 6, e erguido um mastro em que se iça a bandeira nacional.

D'este torreão se descortina toda a Ilha e o mar. É aqui onde o europeu vae frequentes vezes derramar a vista pelo vasto horisonte que se lhe offerece, fitando-a na direcção em que fica a Europa, para offerecer um tributo de saudade á sua patria, á sua familia e aos seus amigos. Moram n'este forte um sargento e tres soldados de veteranos.

A Villa do Ibo segue por uma planicie arenosa desde a praia pela terra dentro um quarto de milha.

Conta 8 a 10 ruas regulares, guarnecidas de 15 a 20 casas terreas de pedra, sendo algumas d'ellas de um andar com terraço, e de 400, pouco mais ou menos, de madeira de mangal, barradas e caiadas por dentro e por fóra, e cobertas de camadas de folhas de coqueiro, a que os naturaes da terra chamam *macuta*.

No centro d'esta povoação topa-se um bello passeio publico, symetricamente arruado, das arvores mais frondosas d'aquellas terras, junto ao qual fica de um lado a Igreja Matriz, que se acha em bom estado, e do outro a nova residencia do Governador.

Á saida da Villa, indo para o interior, vèem-se mais de 300 palhotas, mal construidas e alinhadas, onde se recolhe a escravatura dos moradores. Esta sorte de povoados é conhecida na Costa Oriental de Africa pelo nome de *Missanga*.

Entre a Ilha do Ibo e a de Matemo, que distam uma da outra 4 milhas, descobre-se uma corôa de areia chamada de *S. Gonçalo*, a qual no praiamar fica coberta. O intervallo que vae d'esta corôa á restinga da Ilha do Ibo, que se alarga em distancia de uma milha, é a embocadura da barra, por onde vão surgir em fundo de areia de 20, 15, 10, 5 e 3 braças, as embarcações que demandam o porto d'aquella Villa. Este ancoradouro é seguro e abrigado dos ventos NE. e SO., que reinam em todo o anno n'aquelles mares. São conhecidos ali pelos *ventos das monções*.

A monção de SO. declara-se depois de 21 de Março, havendo ainda até ao fim de Abril ventos variaveis e bonançosos, do 1.° e 2.° quadrante, e terral de NO. e O.

Até principios de Agosto sopram os ventos do 3.° quadrante, frescalhões, com tempo claro, secco e algum tanto frio, marcando o thermometro 70° a 75°, pouco mais ou menos. Raras vezes succede haver n'esta quadra aguaceiros ou ventos variaveis ou bonançosos. De madrugada rondam ás vezes para o terral de O., voltando pelas 9 ou 10 horas da manhã para SSO., onde se demoram algum tempo com grande força. A monção de NE. principia regularmente em 21 de Setembro, acontecendo haver desde o mez de Agosto até 15 de Outubro, pouco mais ou menos, calmarias, ventos variaveis do 1.°, 2.° e 3.° quadrante, com pouca força e raros aguaceiros. O NE. fresco declara-se no fim de Outubro, ou antes, reinando até Janeiro. N'esta epocha raras vezes apparecem ventos do 2.° quadrante, e muito menos do 3.° Algumas vezes rondam de madrugada para o terral de NO. até ás 9 ou 10 horas da manhã, tornando para o NE. ou ENE., e raras vezes para E.

Desde Outubro até ao fim de Dezembro o tempo é quente, claro e secco, sendo mui raros os aguaceiros. N'estes mezes marca o thermometro 80°, 85°, 88°, e algumas vezes 90°.

Desde o fim de Dezembro até Março ha quasi sempre chuvas com abundancia, ventos fortes e variaveis de todos os quadrantes, com especialidade do 4.°, de cuja banda descarregam grandes trovoadas, que duram em algumas occasiões um dia e noite.

Nos fins do mez de Janeiro, em diversos annos, tem caido sobre Moçambique um tufão, a que chamam *monomocaia*, o qual saltando para todos os quatro quadrantes com uma força espantosa, ha produzido consideraveis estragos, tanto no mar como na terra.

Os desastrados effeitos d'estes terriveis tufões, sentidos sómente em circumferencia d'aquella Cidade na distancia de 20 a 25 leguas, não têem chegado ao Districto de Cabo Delgado onde os mares são pacificos e bonançosos, e não carregam os temporaes que se encontram na Costa ao Sul da Provincia.

QUERIMBA

Ao Sul da Ilha do Ibo, em distancia de um quarto de milha, vê-se a de Querimba, cujo comprimento é de 3 milhas e um quarto, e uma e meia de largura. Em maré vasia passa-se a vau de uma para a outra. É a Ilha mais fertil de todo o Archipelago, e a que tem melhor agua de poço. Foi em tempos antigos, quando era Capital do Districto, muito povoada, tendo bons edificios, entre elles a Parochial Igreja de Nossa Senhora do Rosario.

O mau ancoradouro do seu porto, e sobre tudo os frequentes roubos e invasões dos mouros da Costa da Arabia e de Zanzibar, foram, segundo a tradição dos naturaes da terra, as causas que levaram as auctoridades a irem residir para a Villa do Ibo, onde trataram de fortificar-se, continuando a povoação de Querimba a ser habitada. Vieram infelizmente para aquella Ilha, os fins do seculo passado em que os Sacalaves de Madagascar, atravessando o canal em pequenas embarcações de um só pau cada uma, a invadiram, roubando, destruindo e queimando tudo quanto encontraram. Diz-se que os habitantes, havendo sido surprehendidos, e não tendo meios de defeza, abandonaram as casas, os estabelecimentos e o mais que possuiam, fugindo para a Ilha do Ibo. da qual sairam depois algumas familias para Moçambique, onde actualmente existem descendentes d'ellas.

N'esta precipitada fuga foram perseguidos, por uma parte dos invasores, até junto das fortificações da Villa do Ibo que, achando-se guarnecidas de gente e artilheria, obrigaram a retirar o inimigo, que logo se embarcou para levar á terra natal os despojos de sua ousadia, bem como as boas novas da sua feliz empreza.

Ainda hoje se descobrem as paredes mestras da Igreja, que era de pedra e de solida construcção, e bem assim vestigios de muitos alicerces e ruinas de grandes casas, que mostram ter sido aquella terra muito povoada.

Não se encontra n'esta Ilha povoação regular. Os indigenas que a habitam, vivem dispersos por toda ella, sem terem residencia fixa. Moram hoje em um logar entre coqueiros e mangaes, cultivando as terras que mais se lhes avisinham, e ámanhã, feitas as colheitas, desfazem as casas que são de madeira e cobertas de folhas de palmeira, e as transportam a outro sitio, onde vão pousar, para se empregarem no amanho de outras terras.

Assim andam de terreno em terreno, por toda a Ilha, sem terem estabelecimentos seus, nem por aforamento nem por compra, sendo cultivado por uns o chão que foi abandonado por outros.

Como a producção dos terrenos de novo roteados é ali abundantissima, por isso que elles contém em si muitos adubos vegetaes, que vão dar ás sementes grande força vegetativa, é claro que estes agricultores, continuando a cultura dos mesmos terrenos, sem lhes restituir por meio de novos adubos as forças que perderam, não poderiam vir a colher senão fracos e escassos fructos. É esta a rasão do continuado movimento d'este povo, bem como do das Ilhas de Fumbo e Matemo, o qual de ordinario tem logar de 2 em 2 annos.

Habitam n'esta Ilha 212 moradores.

Christãos livres	58
Mouros	7
Christãos escravos	107
Mouros	40
	212

A sua producção é de milho miudo e grosso, mandioca, gergelim, aboboras, tabaco, anil, urzella, madeiras e feijão.

Ha ali algum gado, bem como aves de creação e do mato. Nas praias apanham-se tartarugas e busios.

FUMBO.

Fica esta Ilha quatro milhas ao Sul da de Querimba. Seu comprimento é de duas milhas e meia. A largura quasi de duas.

Residem ali em pequenas casas de madeira 85 individuos.

Christãos livres	29
Mouros	5
Christãos escravos	30
Mouros	21
	85

Colhe a mesma qualidade de producções que se dão na Ilha de Querimba, mas em mui pequena quantidade. Ha n'esta Ilha bem como nas de Matemo e Querimba, alem do Capitão-Mór e Sargento-Mór, um Chefe da policia que se denomina Capitão dos Adinos, o qual está tambem encarregado da cobrança do dizimo.

MATEMO.

Está ao Norte da do Ibo em distancia de 4 milhas e meia, tendo de comprimento 4 milhas e 3 quartos, e de largura 2 e 1 quarto.

É das quatro Ilhas habitadas a menos fertil pelo terreno ser muito pedregoso, e por haver grande carestia de agua.

Tem 110 moradores.

Christãos livres	15
Mouros	8
Christãos escravos	55
Mouros	32
	110

Apanham-se nas praias tartarugas e cauril. É mui diminuta a colheita de cereaes e a apanha de urzella.

Encontra-se muita abundancia e variedade de peixe; o que é geral em todo o Districto.

ILHAS DESPOVOADAS.

Em algumas das vinte e quatro Ilhas deshabitadas apparecem vestigios de que houvera já n'ellas moradores.

Vi, na Ilha de Quiziba, as ruinas de uma casa e cisterna, que conservava ainda agua, de que bebi alguns goles; na de Macalué os alicerces de um edificio; na de Amiza, parte das paredes de uma Ermida, que se diz ter pertencido aos Jesuitas que ali tinham Hospicio; e na de Namego um poço com agua salobra a uma braça de profundidade.

Contam os velhos da Villa do Ibo, que na maior parte d'estas Ilhas residiram, em epocha não mui remota, alguns indigenas; tendo sido a causa do seu abandono a má qualidade de agua em umas, a falta d'ella em outras, juntamente com as frequentes invasões dos Arabes e Sacalaves no seculo passado: entretretanto, é certo que aquelles terrenos são susceptiveis de dar boas producções. Podem viver bem os povos que ali forem residir, se derem á terra a necessaria cultura, aproveitando como em Moçambique a agua das chuvas.

Na actualidade só se encontram pela terra dentro espessos bosques de arvores e arbustos de diversas especies, abandonados aos destinos do tempo, e pelas praias, aqui e acolá, um ou outro escravo, que os rendeiros fazem ir á pesca da tartaruga e á apanha da urzella e cauri.

A tartaruga poderia dar áquelle Districto um importante ramo de commercio, se na pesca d'ella houvesse o cuidado, a vigilancia e actividade que em taes occasiões se requer, procedendo pela mesma fórma que praticam os povos que n'ella se empregam em grande escala e com muita vantagem. A tartaruga é um amphibio de grande estimação. Ella dá ao commercio as codeas osseas que encerram seu corpo, em proveito dos povos civilisados que destinam a differentes usos estes despojos.

Os naturalistas conhecem diversas especies de tartaruga. A chamada *carrete* é a que se encontra com mais abundancia nos mares do Districto de Cabo Delgado. É especie muito estimada pela grossura e qualidade da sua concha, que chega a ter o peso de 5 libras e meia. Tambem se encontra em pequena quantidade a denominada *franca*, cuja carne é mui saborosa.

Vive no mar a grande distancia das praias, indo a femea, na estação das chuvas, que é desde Novembro até ao fim de Março, fazer as suas posturas em areaes desertos. Cada postura é de 70 a 90 ovos, e ás vezes mais. Os ovos são redondos, do tamanho de uma noz, á similhança da gemma de ovo de gallinha, tendo a casca lisa e calcarea.

É durante a noite, e com especialidade quando faz luar, que ella sáe á terra, e ahi, junto á praia em sitio secco, depois de ter feito uma cova, põe n'ella os ovos, e cobrindo-os de areia, volta para o mar. As maiores apanhas tem logar na occasião das posturas. Dias antes de irem á terra pôr os ovos, sáem do mar as tartarugas a reconhecer a localidade em que os hão de enterrar, deixando impressos na areia os vestigios d'esta sua curta digressão. Á vista d'elles, escondidos a pequena distancia, vigiam os pescadores praticos, durante a noite, com o maior cuidado a sua saida. Então, depois de lhes dar o tempo necessario a fazer a postura, correm sobre ellas com paus e as viram de costas, ficando n'esta posição, em quanto as não matam, por não poderem revirar-se, em consequencia da força empregada pelo seu pequeno movimento não poder vencer a do peso das suas conchas.

Esta pesca faz-se nos areaes de todas as Ilhas do Archipelago, nos do Continente e no mar. A que tem logar nas Ilhas é feita como já se disse, por conta dos arrematantes d'este monopolio. A outra toda é livre. Os escravos a quem está confiado este serviço dormem de noite, e só ao romper da manhã, quando a maior parte das tartarugas tem recolhido ao mar, é que elles vão correr os areaes em procura d'ellas, encontrando então já muito poucas.

As suas maiores diligencias empregam-se em busca dos ovos, que são saborosissimos. Aonde encontram a areia mexida, cavam n'esse sitio. Se os ovos que desenterram já se acham chocos, esmagam-n'os. Se estão ainda frescos, comem-n'os. Por este modo, em logar de apanhar, vão destruir milhares de tartarugas.

D'aqui vem ser ali insignificante esta apanha, que anda de 10 a 12 arrobas.

Tambem se pesca alguma tartaruga no mar ao anzol, mas é muito pouca.

TERRA FIRME.

São 9 as principaes povoações do Continente pertencentes ao Districto de Cabo Delgado; a saber: Lurio, Montepes, Pangane, Pemba, Quissanga, Mucimba, Arimba, Lumbo, Tungue.

Alem d'estas ha outras de menor importancia, onde vivem sobre si no estado selvagem alguns cafres da Macuana.

D'aquellas 9 povoações, 6, que vem a ser: Arimba, Montepes, Quissanga, Lumbo, Pangane e Mucimba, estão debaixo da jurisdicção das auctoridades do Ibo. Tem cada uma d'ellas seu Capitão-Mór, Sargento-Mór, e Cabo das terras, que é o Chefe da policia.

Nas outras 3, Lurio, Pemba e Tungue, ha Regulos que as governam, os quaes estão sujeitos á Corôa Portugueza. Não se encontram no Continente nem fortalezas, nem soldados, nem igrejas.

POVOAÇÕES SUJEITAS ÁS AUCTORIDADES DO IBO.

ARIMBA.

Está situada em 40° 32′ de long. E. do meridiano de Greenwich, e lat. 12° 37′ S. É terra baixa, grossa e muito fertil.

Tem porto seguro, onde podem surgir com facilidade embarcações que demandem de 12 a 15 pés de agua.

A sua população é de 331 habitantes.

Christãos livres	63
Mouros	50
Christãos escravos	115
Mouros	103
	331

Exporta para o Ibo milho miudo e grosso, arroz, feijão, gergelim, cocos, bananas, ananazes, melancias, aboboras, calumba, macuta, e madeiras para construcção. É pobre de gados.

Vegetam aqui prodigiosamente os coqueiros, cujos fructos apparecem no fim de 5 annos.

Alguns moradores do Ibo possuem n'este sitio estabelecimentos agricolas, que consistem em palmares, arrozaes e varzeas de milho, feijão de varias especies, e gergelim.

MONTEPES.

Em distancia, pouco mais ou menos, de 2 leguas ao longo das margens do rio Montepes, que jaz na long. E. do meridiano de Greenwich 40° 25', lat. 12° 29', encontram-se aqui e acolá pequenas palhotas em que vivem 600 moradores, sendo

Christãos livres	58
Mouros	73
Christãos escravos	203
Mouros	266
	600

Dá-se a esta ribeira o nome do rio.

A sua producção é de milho, feijão, arroz e gergelim. Tem algum gado.

Exporta para o Ibo arroz, milho, feijão, cocos e madeiras. Entre os estabelecimentos agricolas contam-se alguns que pertencem a moradores d'aquella Villa.

O porto é seguro; entram sómente n'elle lanchas e canoas.

QUISSANGA.

Fica em 12° 24' de lat. S., e long. do meridiano de Greenwich 40° e 31'. É aldeia de 150 casas de madeira, bem construidas, todas ellas terreas e cobertas de macuta, onde habitam 1:514 individuos, sendo

Christãos livres	5
Mouros	219
Christãos escravos	287
Mouros	1:003
	1:514

São diligentes e laboriosos os moradores d'esta povoação. Uns cuidam no amanho das terras, outros empregam-se no commercio do sertão, e outros dedicam-se á construcção de pequenas embarcações para o serviço de cabotagem e da pesca, ás quaes chamam pangaios, bateis e canoas.

É terra chã e muito fertil, coberta de arvoredos, de cereaes e legumes. Exporta marfim, arroz, milho miudo e grosso, feijão, ananazes e bananas.

Ha aqui machambas [1], que são de individuos da Villa do Ibo.

Alem do Capitão-Mór e Sargento-Mór, existe um Capitão dos Mouros, o qual é nomeado por elles, recaíndo sempre a escolha em um dos mais velhos, e de maior consideração da terra. Este Capitão é subordinado áquelles dois Officiaes.

LUMBO.

O rio Caramacoma fica fronteiro á Ilha do Ibo na lat. S. 12° 16' 30", e long. do meridiano de Greenwich 40° 26' 30" E. É nas margens d'este rio, junto á sua foz, que se encontram, em pequenas palhotas de madeira cobertas de macuta, 615 habitantes, sendo

Christãos livres	68
Mouros	57
Christãos escravos	210
Mouros	280
	615

São conhecidos estes logares pela denominação de povoações do Lumbo.

A producção d'esta terra consiste em milho miudo e grosso, gergelim, feijão, aboboras, pepinos, gonçalinhos e tomates. Acha-se gomma copal, urzella e café silvestre. Construem-se ali pequenas embarcações denominadas *coches*, que são de madeira, cosidas com cairo, tendo um pequeno mastro, e vela de esteira.

No praiamar de aguas vivas podem entrar n'este rio embarcações que demandem até 10 pés de agua, tendo fundo de 5 braças a dis-

[1] Machamba é nome que em Moçambique se dá aos predios rusticos cultivados.

tancia de 3 leguas, pouco mais ou menos, da sua foz.

PANGANE.

Está em 12° de lat. S. e 40° 29' E. do meridiano de Greenwich. A população d'esta Aldeia consta de 320 individuos.

Christãos livres	7
Mouros	40
Christãos escravos	163
Mouros	110
	320

É terra baixa, indo a duas horas de caminho, pouco mais ou menos, prender com encostas que vão dar a terras montanhosas, em cujas paragens se encontram alguns pretos Macuas, bravios, ladrões e assassinos. Estes Cafres nunca se aproximam ao litoral, por não encontrarem apoio nos moradores das praias, que constantemente os afugentam. Ha n'este sitio milho miudo e grosso, gergelim, arroz, urzella, calumba, cocos, madeiras e gomma copal, de cujas producções exporta para o Ibo uma insignificante porção.

Tem algum gado, aves domesticas e do mato.

MUCIMBA

Pela banda do Norte, junto á embocadura do rio Mucimba, situado na lat. S. 11° e 19', e long. do meridiano de Greenwich 40° 19' E., vê-se a povoação do mesmo nome do rio, onde residem 398 habitantes.

Christãos livres	29
Mouros	32
Christãos escravos	187
Mouros	150
	398

Este povoado é notavel pelo fabrico, que todos os dias ali vae adquirindo mais importancia, de lindas esteiras de palha de variadas côres, e charuteiras da mesma palha. O filamento vegetal de que são formados estes tecidos é extrahido das folhas de uma especie de palmeira anã, que cresce á altura de 7 até 8 pés.

As côres são dadas com infusão de raizes de certas plantas, cujos usos e applicações sómente elles conhecem, fazendo d'isto grande segredo. Para este preparado têem excellente agua de uma nascente que fica um quarto de legua fóra da terra. Exporta para o *Ibo* e *Moçambique* esteiras, gomma copal e urzella. No rio só podem entrar canoas, coches, lanchas, e outros barcos d'estes lotes.

TERRAS SUJEITAS AO GOVERNO DE REGULOS.

LÚRIO.

Nos terrenos estendidos por uma e outra parte do rio Lurio topam-se pequenos povoados de pretos, sujeitos ao Regulo Amad-Macesse, onde se vêem junto a espessas matas de cafeeiros silvestres e de outras que dão excellente variedade de madeiras, largas campinas fartas de milho de diversas qualidades, gergelim, urzella, tabaco, anil, cocos e bananas. Este Chefe conserva relações de amisade e obediencia com as Auctoridades portuguezas. O rio dá entrada sómente a pangaios, lanchas, bateis e outras pequenas embarcações de que ali fazem uso. Entre os animaes montezinos que habitam o sertão pertencente ao Districto de Cabo Delgado, notam-se o elefante, o leão, o tigre, o javali, o rhinoceronte e outros mais.

PEMBA.

Na lat. S. 12° 55' 48'', e long. do meridiano de Greenwich 40° 33' e 9 E. existe uma ponta de terra, defronte da qual se descobre uma outra da banda do Sul. A distancia de milha e meia que medeia entre ambas é a bôca da magestosa bahia de Pemba, destinada a ser, quando quizerem que o seja, o porto de uma rica e populosa Cidade, que dê ao commercio de diversos Estados as suas variadas producções de madeiras, materias tincturiaes, textis e sacarinas, café, tabaco, cereaes, legumes, drogas, especiarias, e tantas outras de que o terreno se presta a dar copiosas colheitas.

Esta bahia é segura e abrigada, havendo n'ella excellentes ancoradouros para toda a qualidade de embarcações. Estende-se de N. a S. em distancia de 9 milhas, e de 6 de L. a O. Não tem barra. A entrada é franca a toda a hora, e com qualquer tempo. Dentro encontram-se em diversas direcções algumas corôas de areia e pedra, para cujo resguardo cumpre ao navegador ir sondando o fundo, como é pratica em taes circumstancias.

Em volta d'esta famosa bahia vêem-se espaçosas vargeas ricas de cereaes, arroz e gergelim, bem como de cerrados bosques de grande e frondoso arvoredo, que se alongam pela terra dentro até rematar em terrenos montanhosos. Ha n'este sitio, da banda do Sul, um povoado, junto ao qual rebenta uma nascente farta de agua, de que são abastecidas as embarcações que d'ella carecem. São fieis e submissos os pretos nativos que ali moram, cujo maioral é o Regulo Macesse, que vive no meio d'elles. Ao Norte da mesma bahia apparece outra Aldeia, onde reside e governa o Regulo

Said-Ali. Os Cafres que vivem n'este logar são um pouco desleaes e desconfiados. Nos mezes de Julho, Agosto e Setembro, que é o tempo das colheitas, vão a esta bahia muitas embarcações de Moçambique e do Ibo carregar de milho miudo e grosso, arroz e gergelim.

A jornada por terra d'este porto ao Ibo, apesar de não haver estradas, faz-se em dois dias, e a Moçambique em seis.

TUNGUE.

Defronte da ponta de Cabo Delgado, em distancia de 8 milhas para a banda do Sul, descobre-se uma outra a que dão o nome de Sanga, formando ambas a embocadura da grandiosa bahia de Tungue, cuja entrada está dividida em duas pela Ilha de Ticoma ou de Jecamagi, que fica entre ellas para o lado do mar. A entrada do Norte é franca a toda a hora e com qualquer tempo para toda a sorte de embarcações. A do Sul é um estreito canal por onde só podem navegar pequenos barcos.

Esta bahia é muito abrigada e segura em todas as estações, tendo de fundo de 15 até 4 braças, areia. Desemboca n'ella ao O. o rio Meninquene que tem boa agua doce. As margens d'este rio são ricas de canna sacarina mais grossa que a do Brazil, milho miudo e grosso, arroz, mandioca, gergelim, urzella, anil, batata doce, café do mato, e grande variedade de madeiras. Ha tambem gallinhas, cabritos, carneiros, porcos e patos de diversas qualidades.

Ao Norte, junto á bahia, em distancia de 4 milhas do rio, fica uma povoação onde habitam pretos nativos e Arabes Mujojos, sujeitos ao Sultão de Tungue, Amad-Sultane, cuja auctoridade se estende a outros povoados que se encontram em volta da bahia e pela terra dentro. São pacificos e hospitaleiros estes moradores, inclinando-se muito para a religião musulmana, por isso que, sendo pouco tratados pelos portuguezes, têem estabelecido as suas relações commerciaes com os Arabes de Zanzibar e outros povos ao Norte de Cabo Delgado, que frequentam aquellas paragens, levando ali diversos effeitos, para receber em retorno marfim, tartaruga, gomma copal, urzella, gergelim e cereaes. Para o Ibo vão sómente esteiras e gomma copal.

Amad-Sultane, durante o tempo do meu governo, conservou constantemente relações de amisade com as Auctoridades do Ibo. Ha pouco tempo, porém, em consequencia, segundo se diz, de desintelligencias que houve entre elle e aquellas Auctoridades, permittiu o dito Sultão ao Imamo de Mascate que estabelecesse ali uma Alfandega.

Esta usurpação de territorio não póde ser sustentada com boas rasões da parte do mesmo Imamo, devendo as cousas voltar ao antigo estado, sendo Cabo Delgado o limite da Provincia de Moçambique pela banda do Norte, se este negocio for dirigido com prudencia, zêlo e intelligencia.

É incontestavel o direito da Corôa Portugueza á bahia de Tungue, cujo dominio data desde remotos tempos.

Na Convenção ou Tratado de commercio e amisade, celebrado aos 28 de Março de 1828 entre o Governador e Capitão General de Moçambique, Sebastião Xavier Botelho, e o Imamo de Mascate, em quanto a limites de territorio, nada mais se fez do que firmar aquelle direito anteriormente reconhecido, bem como o do Imamo ás terras de Mugau, situadas ao Norte de Cabo Delgado.

Os antecessores do actual Sultão, depois da conquista da Costa Oriental de Africa pelos seus descobridores, têem constantemente reconhecido esse direito, prestando preito e homenagem ao Governo portuguez que arbitrou a muitos d'elles estipendio para sua manutenção.

Amad-Sultane tambem assim o entendeu e praticou até ao ultimo dia do meu governo. Tendo sido censurado por admittir contrabando n'aquelle porto, representou-me que a falta de meios de subsistencia o obrigavam a lançar mão d'aquelle recurso, visto que se achava privado do soldo, que em outro tempo percebiam os seus antecessores, e que elle por varias vezes tinha reclamado.

Quando mandei áquella bahia uma lancha canhoneira tripulada por 10 marinheiros, e guarnecida com 15 soldados de infanteria commandados pelo Tenente José Maria Rebocho, para lhe intimar que eu estava resolvido a fazer com que ali fossem cumpridas as ordens do Governador Geral da Provincia, acabando de uma vez com o contrabando, esta força, durante 6 dias que ali se demorou, foi muito bem recebida e obsequiada, apresentando por essa occasião Amad-Sultane perante aquelle Official protestos de amisade e obediencia.

Havendo-me dias depois communicado Amad-Sultane, em Officio de 1 de Julho de 1852, que se achava fundeado n'aquelle porto o palhabote francez Delfina, a fazer contrabando, tratei logo de mandar capturar esta embarcação pela Escuna de Guerra Quatro de Abril. Por esta occasião reiterou aquelle Sultão os seus protestos de amisade e obediencia na presença do Commandante da dita Escuna e do destacamento.

Um ponto de tão grande importancia deve, quanto antes, ser occupado, estabelecendo n'elle um posto fiscal.

DO DISTRICTO DE CABO DELGADO, EM GERAL.

POPULAÇÃO.

A população d'este Districto, não entrando a de Lurio, Pemba e Tungue, consta de 1:440 individuos livres, e de 5:154 escravos, alem dos indigenas que são muito numerosos nos vastos sertões que fazem parte d'este Districto [1].

É gente docil, obediente e hospitaleira, sendo a maior parte indolente e habituada ao uso de bebidas espirituosas. A linguagem mais seguida entre este povo é uma mistura do dialecto *macúa* com o idioma *arabico*. Seus usos, costumes e superstições são com pouca differença os mesmos que se praticam em Moçambique, e outros Districtos da Provincia, sendo já conhecidos por varias publicações. Ha, porém, entre elles os seguintes, que são especiaes d'aquella localidade, tornando-se notaveis pela sua singularidade.

Depois da morte de qualquer individuo, os parentes e amigos d'elle, de ambos os sexos, no ultimo dia do nojo se dirigem pela madrugada á praia para lavar os pés e as mãos, indo depois fazer as suas petições e supplicas sobre as sepulturas dos mouros. Dão a esta ceremonia o nome de *mariála.*

Quando começam a construir alguma casa, cortam a cabeça a um carneiro ou cabra, lançando nos alicerces o sangue, bem como uma porção de milho torrado, comendo depois a carne em um banquete, para o qual convidam os parentes mais proximos. Sem esta formalidade suppõem que não é possivel haver felicidade n'aquella habitação.

Pela occasião de alguma doença, e para preservativo de qualquer malignidade, pedem aos mouros orações escriptas em papel com caracteres arabicos, ás quaes chamam *irivi.* As creanças trazem sempre ao pescoço 3, 4, e ás vezes mais, em consequencia de cada *irivi* ter sua virtude: um, por exemplo, é contra o ar corrupto, outro contra o quebranto, outro contra certos feitiços, etc. Os homens e mulheres usam dos *irivis* nos braços ou na cintura, encontrando-se alguns individuos com elles cosidos na copa do chapéu. Para ter boa viagem quando navegam para Moçambique, lançam ao mar uma pequena quantidade de milho defronte de uma pedra a que chamam *muária,* a qual fica entre a bahia de Pemba e a ponta de Arimba.

Esta pratica é seguida tanto pelos naturaes do paiz, como pelos europeus e filhos da Asia, que nunca faltam a ella, ou por estarem convencidos da sua virtude, ou por condescendencia com os cafres marinheiros das embarcações.

AGRICULTURA.

Este ramo de industria acha-se em grande atrazo, porque alem de serem em geral desleixados e indolentes aquelles que n'elle se empregam, os seus trabalhos agrarios não saíram ainda da rotina cafreal, cujas praticas se reduzem a cavar á superficie da terra, lançar n'ella a semente, e esperar pela maduração do fructo para o colher. Ali não conhecem outros instrumentos agricolas senão a enxada. Ignoram os systemas de agricultura actualmente seguidos em outros paizes. Não sabem distinguir os terrenos para as diversas culturas de plantas, nem adubar as terras, nem cuidar dos pastos e gados, nem tratar das arvores, resultando de tudo isto não haver no Districto a grande cultura, que só se obtem quando se empregam gados, estrumes e instrumentos de lavoura. É necessario portanto, para dar á agricultura um impulso energico, desarreigar e destruir aquella rotina, introduzindo e propagando as novas praticas, e os conhecimentos de economia rural em que ellas se fundam.

COMMERCIO E INDUSTRIA.

Tem sido de pequena consideração o commercio d'este Districto, por isso que, fechados seus portos ás especulações estrangeiras contra todas as rasões economicas, os habitantes fugiam de promover transacções, que, sendo prejudicadas pelo monopolio dos negociantes de Moçambique, não lhe podiam dar, segundo a experiencia, senão maus resultados. O Decreto de 17 de Outubro de 1853, creando novas Alfandegas na Provincia de Moçambique, entre as quaes se conta a da Villa do Ibo, foi outorgar a liberdade á circulação de muitos, variados e interessantes productos. Pouco tempo decorrerá sem que a agricultura, a industria, o commercio e a colonisação venham a sentir a benefica influencia d'este importan-

[1] A extensão da costa da nova colonia ingleza do Natal é menor do que a do districto de Cabo Delgado: o interior do sertão é dominado por alguns poucos fortes, que servem para manter a tranquillidade entre os negros, cujo numero se calcula em 100:000 pelo menos. Em 1849 impoz o Governo colonial o tributo de 7 shellings (1575 réis fortes) por cada cabana ou fogo d'estes negros, podendo ser pago em dinheiro ou gado ou generos. Os contribuintes pagaram sem o minimo constrangimento, e rendeu no primeiro anno mais de 9:000 libras esterlinas ou uns 40:000$000 réis fortes. Nos annos seguintes tem este imposto rendido mais. A população de todo o districto de Cabo Delgado não deve ser inferior em numero á do Natal. *(O R.)*

tissimo melhoramento, que foi dar áquellas terras elementos para a sua grandeza e prosperidade. Como artigos de retorno offerece actualmente este Districto, em pequena quantidade, marfim, tartaruga, urzella, gomma copal, maná, cauril, esteiras, buzios, arroz, milho, mandioca, feijão, gergelim, calumba e madeiras. As importações consistem principalmente em algodão americano, zuartes, morins, missanga, louça ordinaria, manilhas de latão, ferro em barra e em obra, aguardente de canna e de cajú, vinho, roupa feita, sapatos, chapéus, moveis de casa e quinquilherias.

Sobre a industria em geral, pouco ha a dizer visto o seu grande atrazamento. Apenas se nota o fabrico de esteiras de palha de lindas e variadas cores, e de charuteiras da mesma palha coberta de missanga. Encontram-se 3 ourives gentios naturaes da India, que se empregam na feitura de cordões de ouro, manilhas de prata, anneis, argolas, fivelas, colheres, etc., obras estas que são fabricadas com muita imperfeição. Ha soffriveis carpinteiros, ferreiros, calafates, pedreiros e marinheiros.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

É mau o estado em que se acha este ramo de administração. Ha na Villa do Ibo uma aula de instrucção primaria, regida por um professor regio, natural do paiz, que, com quanto empregue todos os esforços para servir bem, não póde desempenhar com proveito publico as funcções de que está encarregado, por não ter as necessarias habilitações.

Alem d'esta ha outra para meninas, tambem de instrucção primaria, dirigida, na falta de mestra, por um professor a quem a Camara Municipal arbitrou um subsidio.

Estas aulas eram frequentadas em 1853 por 30 alumnos e 8 alumnas.

Na Quissanga existe um mouro que ensina mal o arabe. Os principaes habitantes d'esta povoação mandam seus filhos a Zanzibar para aprender aquelle idioma.

SAUDE PUBLICA.

Os europeus dão-se muito bem tanto nas Ilhas como no Continente. Os ares são ali muito sadios, apparecendo apenas na estação das chuvas algumas febres intermittentes, que, em geral, são de caracter benigno.

Não ha no Districto nem botica, nem boticario, nem cirurgião. O importante ramo do serviço de saude é dirigido por curandeiros cafreaes, que applicam para cada enfermidade certos e determinados medicamentos, cuja manipulação é feita por elles, de raizes, folhas, flores e succos de plantas de que conhecem a virtude, fazendo de tudo grande segredo.

A melhor qualidade que se encontra n'estes improvisados facultativos é o curarem ou matarem por insignificantes quantias.

FORÇA MILITAR.

É de absoluta necessidade dar á força militar da Provincia uma nova organisação, acabando com as companhias isoladas.

Para guarnecer o Districto de Cabo Delgado, occupando, como convem, as bahias de Pemba e Tungue, e outros pontos importantes da terra firme, são necessarias 150 praças, das quaes a maior parte devem ser europeus.

COMMUNICAÇÕES.

Da fixação e regularidade das communicações entre a Metropole e Moçambique resultam grandes vantagens economicas e administrativas.

Sem correspondencias regulares e frequentes não póde a administração attender ás necessidades publicas, faltando por isso á alta missão de que está incumbida, nem é possivel ao commercio organisar-se de modo que sendo auxiliado e esclarecido se ache habilitado a dirigir convenientemente as suas operações.

Esta providencia, pois, sendo altamente reclamada por grandes conveniencias sociaes, torna-se de dia para dia mais instante. Ella póde levar-se a effeito por meio de barcos a vapor, ou por embarcações de véla.

O estabelecimento de carreiras por vapores, quer seja por conta do Estado ou de uma Companhia, é, sem questão, o meio de communicação que offerece mais vantagens; todavia as muitas difficuldades que se apresentam, estorvam na actualidade que se realise por este modo aquelle grande melhoramento.

Em quanto se não consegue a navegação a vapor, póde este serviço ser feito por duas escunas de 100 a 120 toneladas cada uma, bem construidas e veleiras, com camara corrida até ávante do mastro grande, tendo camarotes fechados para passageiros.

Com estes dois paquetes, que devem ser bem commandados, fica o Governo Provincial habilitado para estabelecer uma linha de communicação entre aquella Provincia e Lisboa, ou pelo Sul até ao porto do Natal; ou pelo

Norte até Aden, em cujos portos existem carreiras organisadas de barcos a vapor inglezes.

A linha do Sul, que póde ligar Moçambique com a Metropole, alem de ser demorada e irregular, é tambem difficil e perigosa, por causa dos ventos contrarios, correntes fortes e temporaes desfeitos, que reinam n'aquelles mares, offerecendo muitas occasiões para haver accidentes, cujas avarias não se podem evitar ainda que se observem as maiores precauções. Por esta via não podem chegar regularmente a Moçambique as correspondencias antes de 60 a 80 dias, levando de 40 a 60, pelo menos, de Lisboa ao porto do Natal, onde algumas vezes se encontra interrompida a carreira ingleza, em consequencia das tormentas que caem no Cabo da Boa Esperança, e d'esta carreira não estar ainda bem estabelecida.

Todas as considerações aconselham que se dê preferencia á linha do Norte, a qual, sendo mais breve, mais regular, e menos perigosa, vae prender Moçambique com a Metropole, com a China, com a Australia e com a India portugueza e ingleza, a cujos mercados leva o commercio annualmente os productos de maior valor da Costa oriental de Africa. Estabelecida esta carreira póde haver regularmente entre Lisboa e Moçambique correspondencias de 40 a 45 dias, e entre esta e a India de 25 a 30, abrindo-se em Aden um mercado, onde a sobredita Provincia póde levar com vantagem as suas excellentes laranjas e outras fructas, bem como legumes e toda a qualidade de generos, de que ha carestia n'aquelle porto inglez, activando ali as suas relações commerciaes com diversos paizes.

A linha de communicação de Moçambique a Aden póde ser percorrida sem grande inconveniente nos mezes de Setembro até Fevereiro em 30 a 35 dias, regressando n'estes mezes em 15 a 18; e nos mezes de Março a Agosto em 15 a 18 dias, voltando em 25 a 30.

A construcção das duas escunas póde importar em 15 a 16:000$000 réis, sendo o seu custeamento annual de 5:000$000 réis pouco mais ou menos. Mas o transporte de passageiros, de correspondencias, de encommendas e de carga, ainda que pequena, deve produzir uma boa receita, que ajude a fazer face a estas despezas, destinadas a satisfazer a primeira necessidade da Provincia.

As communicações entre a Villa do Ibo e a Capital da Provincia são feitas ordinariamente por meio de bateis, lanchas e outras pequenas embarcações. Porém, em caso urgente, as auctoridades do Ibo mandam áquella Cidade, por algum dos mouros da Quissanga, a correspondencia official, pelo que pagam a quantia de 10 a 12$000 réis fortes, conforme a estação. Este correio vae do Ibo a Moçambique por terra em 10 dias, gastando de 21 a 22 na ida e volta. Segue sempre o mesmo itinerario, pernoitando nas povoações seguintes: Arimba, Pemba, Lurio, Samuco, Memba, Fernão Velloso, Matibania, Conducia, Cabaceira pequena, Moçambique.

Esta jornada seria de certo mais curta e facil se houvesse estradas, e não fosse necessario ao viandante fazer extensos rodeios para poder atravessar os rios que encontra durante o transito.

COLONISAÇÃO.

A colonisação é uma necessidade para os povos, que, dispondo de vastissimos terrenos ermos e incultos, procuram aproveitar-se das diversas riquezas que n'elles se encontram. Sem esta alavanca não é possivel mover-se a machina governamental no sentido dos melhoramentos que a civilisação e as conveniencias publicas reclamam. Póde o Governador das Ilhas de Cabo Delgado, empregando energicos esforços, effeituar uma ou outra obra de proveito publico, cujos resultados tenham mui curto alcance, mas nunca lhe será permittido conseguir, sem povo que trabalhe, o desenvolvimento dos importantissimos recursos que d'aquelle Districto se poderiam extrahir, fazendo d'elle uma possessão rica e proveitosa para a Metropole.

Em toda a Africa portugueza não se encontram, de certo, paragens que reunam maior somma de condições favoraveis para estabelecer colonias, como são as terras desde o rio Lurio até Cabo Delgado, com especialidade as bahias de Pemba e Tungue.

Ali, como já se disse, alem de terrenos fertilissimos que podem produzir com abundancia os preciosos fructos que se dão na zona torrida, existem mares pacificos, portos francos, abrigados e com bons fundeadouros, clima sadio, fartura de boa agua, habitantes do Sertão doceis e hospitaleiros, e finalmente faceis communicações com os diversos estados vizinhos.

É verdade que a colonisação faz grandes despezas a quem a promove. Mas tambem é certo que, sendo gradual e bem dirigida, póde obter-se com vantagem e sem grandes sacrificios.

Bem inferiores em grandeza e qualidade são os terrenos da Ilha de Zanzibar, e apesar d'isso ali se vêem largas e formosas campinas cheias de girofeiro e da moscadeira, e de outras plantas de igual importancia, bem como verdejantes prados onde pastam grandes manadas de gado cavallar e bovino.

Zanzibar exporta entre outros generos

400:000	frázelas [1]	de gergelim.
350:000	»	de cravo girofe.
30:000	»	de gomma copal.
14:000	»	de marfim.
10:000	»	de pimenta.

Frequentam annualmente este porto:

12 Navios	americanos	de 200 a 300	ton.
6 ditos	francezes	de 400 a 600	»
6 ditos	hamburg.	de 190 a 200	»
2 ditos	inglezes	de 150 a 200	»
3 ou 4 ditos	do Imamo	de longo curso.	

Muito pequena é a Ilha de Mayota em comparação da fertilidade e extensão dos nossos territorios, e todavia desde que, ha poucos annos, deixou de ser do Rei de Anjoanes para ficar debaixo do dominio da França, por toda a parte se topam campos cultivados de café, tabaco, algodão, anil e canna de assucar, para cujo fabrico já se acham em serviço alguns engenhos.

Os generos alimenticios de primeira necessidade são no continente do Districto de Cabo Delgado em abundancia e muito baratos, podendo o colono no fim de um anno estar nas circumstancias de sustentar-se pelo seu trabalho.

Portanto ficará resolvido de um modo conveniente o problema de colonisação, se o Governo adiantar ao colono, alem das despezas do transporte, as necessarias para a compra de instrumentos de lavoura, sementes, gados e alimentos para um anno na rasão de 100 réis por dia a cada um; e se o Governador do Districto, passando á terra firme, mandar construir em logar proprio casas de madeira, o que se póde effeituar com bem pouca despeza.

GOVERNANÇA.

O encarregado da ardua missão de dirigir, sem recursos, povos de differentes usos, costumes e religiões, cheios de vicios, sendo o dominante d'elles a ociosidade, deve empregar todos os esforços em promover melhoramentos. Quando o Governador trabalha assiduamente, soffre ali a sociedade uma revolução, tornando-se os homens diligentes e prestadios.

Nas representações dos povos que governei, bem como nas informações dos superiores debaixo de cujas ordens servi, se póde ver o modo como desempenhei as funcções de Governador das Ilhas de Cabo Delgado. N'esta materia são elles os competentes.

TRAFICO DA ESCRAVATURA.

Em presença das occorrencias que tem havido sobre este assumpto, pesando sobre mim accusações cujo julgamento está affecto á decisão dos Tribunaes, não devo por modo algum entrar n'esta materia.

Limitar-me-hei sómente a dizer que, na qualidade de cruzador em diversas epochas, e por espaço de 8 annos, correndo por meio de difficil e perigosa navegação todos os portos da Costa da Provincia debaixo dos rigores do clima e através de fortes temporaes, não encontrei em todo este longo periodo um unico individuo que, invejando a minha sorte, tratasse, na minha ausencia, de deprimir-me para se apossar do exercicio d'esse serviço de que eu estava encarregado. Qual será o motivo por que, desde o momento em que fui nomeado Governador do Districto de Cabo Delgado, se apresentou então um homem a dirigir denuncias depois de publicadas pela imprensa, debaixo do anonymo, a um Tribunal respeitavel, nas quaes eu era declarado connivente no trafico dè escravos! Por mais que indague, não posso encontrar outro que não seja ter esta minha nomeação morto a esperança d'esse homem, que pretendia tornar a haver, pelo mesmo modo, n'aquelle Governo a fortuna que alcançára em outro, talvez para a dissipar de novo.

Se foi movido sómente pelo bem publico que este accusador teve em vista a minha punição pelos crimes de que me accusava, para que se recusou, depois de ter solicitado o meu julgamento, a comparecer perante o Tribunal de Primeira Instancia de Moçambique, que chamou por editaes de 30 dias todos os individuos que quizessem depor contra mim, na conformidade dos artigos 891.° e 892.° da Reforma Judicial, ou por via de querella, e mesmo por denuncia em segredo, nos termos do Alvará de 14 de Abril de 1785!

A rasão é bem clara. A lei das syndicancias estabelece penas rigorosas aos accusadores, denunciantes e testemunhas convencidos de terem accusado, denunciado ou deposto com falsidade; mas não impõe castigo ao denunciante, que induzido por considerações ou respeitos pessoaes, foge dos Tribunaes, para fazer chegar ás Secretarias e outras Repartições Publicas as suas calumniosas accusações.

Tenho a consciencia de que cumpri os meus deveres. Honra-me muito o resultado da minha syndicancia.

[1] Cada *frázela* equivale a 34 libras portuguezas.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

NOTICIA
HISTORICA, DESCRIPTIVA, E ESTATISTICA
DOS
PROGRESSOS MATERIAES E INTELLECTUAES DA COLONIA DO CABO DA BOA ESPERANÇA DESDE 1844 ATÉ 1855.

PRINCIPIO.

O Cabo da Boa Esperança foi descoberto pelo navegante portuguez, Bartholomeu Dias em 1546[1], e a Colonia foi fundada pelos hollandezes em 1652, debaixo da direcção de Johan Anthon van Riebeek, primeiro governador hollandez; e foi conquistada pelas armas britannicas em 1795, commandadas por Sir James Craig, primeiro governador inglez. Esta Colonia foi restituida á Hollanda pela paz de Amiens em 1802, e tornada a tomar em 1806 por Sir David Baird; mas só ficou pertencendo definitivamente á Inglaterra em 1815, nos termos de uma convenção aceita por El-Rei de Hollanda.

SITUAÇÃO E CLIMA.

Este paiz está situado quasi na mesma latitude de Cadiz na Hespanha. O grande calor que parecia proprio d'esta parte do continente africano, é temperado pelo vento do Sudoeste, que domina quasi constantemente no verão, e ás vezes sopra com violencia; de sorte que o clima, excepto nas repentinas mudanças de temperaturas, que são o seu caracter distinctivo, tem todas as qualidades hygienicas das zonas europeas, com quem tem igualmente similhança na ordem successiva das estações.

QUALIDADES SANITARIAS.

São quasi desconhecidas as doenças contagiosas e epidemicas (exceptuando as bexigas, que geralmente apparecem em periodos de trinta annos, e fazem os maiores estragos na população preta); nem ha paiz no mundo onde a saude publica seja tão boa.

CONDIÇÃO DAS CLASSES OPERARIAS.

Ha falta de operarios; por isso os que ha são pagos por grandes preços. Um simples trabalhador, empregado na cultura da terra, recebe, feita a conta a tudo, um salario equivalente a seis francos de moeda franceza (ou mais de 1$000 réis).

Os operarios obtem facilmente o que necessitam para viver, e sem grande custo, em rasão de grandes quantidades de gado pertencentes aos creadores da Colonia, da abundancia e da excellente qualidade de peixe que se apanha em toda a costa, e do infallivel recurso da caça. Ainda ha grande quantidade de terras publicas sem habitantes por falta de população; e estas terras, geralmente proprias para a creação de gado e cultura de cereaes, dão-se aos que immigram na Colonia com condições muito favoraveis[1].

Podemos concluir do que temos dito, que a Colonia do Cabo de Boa Esperança, sem prometter aos immigrados a esperança d'aquellas fabulosas fortunas, que nos nossos dias só existem na imaginação de certos escriptores de romances, póde todavia offerecer uma carreira livre e bastante prospera a muitas victi-

[1] Nenhum leitor deixará de notar o grande erro que ha n'esta data, tendo sido a viagem de Bartholomeu Dias em tempo do Sr. D. João II, e annos antes do fim do XV seculo; não quizemos porém alterar o original para dar aos nacionaes e estrangeiros mais um exemplo do cuidado com que se deve ler o que em paizes estrangeiros se escreve relativamente ao nosso paiz e á nossa historia. *(Nota do R.)*

[1] Dois shillings cada *morgen* (dois acres inglezes), pela acquisição perpetua. Em casos excepcionaes tambem se fazem concessões gratuitas aos immigrados pobres. Na compra de propriedades particulares, o modo mais ordinario de pagamento é um quarto do preço pago logo, e o resto fica na mão do comprador, a juro de 6 por cento ao anno, até effectuar o pagamento, para que se lhe dá grande largueza.

mas da concorrencia industrial na Europa: e todos os dias ouvimos casos d'estes, principalmente de Irlandezes sem recursos, que promptamente têem obtido, pela sua industria e economia, um modo de vida honesto e independente.

Vamos agora lançar a vista mais miudamente sobre a organisação social da Colonia durante os ultimos dez annos (do 1.° de Janeiro de 1844 ao 1.° de Janeiro de 1854) a fim de formarmos idéa do notavel progresso, tanto intellectual como material, que a civilisação tem feito n'esta parte da Africa, onde os nossos missionarios francezes, tanto catholicos como protestantes, auxiliados por seus irmãos e amigos, na religião, de todos os paizes do mundo, emulam uns com os outros, ha muitos annos, em zêlo e caridade, na obra de restaurar a terra de S. Paulo á doutrina de Christo.

POPULAÇÃO.

Em 1844 a população (branca e negra) da Cidade do Cabo andava por......	22:543 almas	
A das outras partes da Colonia................	160:396	
		182:939
Em 1853 a população (branca e preta) da Cidade do Cabo andava por......	24:491	
A das outras partes da Colonia................	201:148	
		225:639
Differença em favor do censo de 1853..........		42:700

N.B. A população preta é calculada em um terço mais do que a branca.

Na differença cotada de 42:700 almas podemos considerar 1:948 almas como pertencentes ao augmento da população na Capital.

Em quanto tomâmos em consideração o augmento proporcional proveniente do maior numero dos nascimentos comparado com o das mortes, é igualmente acertado attribuir um quarto d'esta mesma differença total ao augmento da immigração, que tem dado annualmente, desde 1844, um augmento de 1:000 pessoas.

A Cidade do Cabo tem actualmente 3:547 casas particulares, 372 armazens, uns 40 edificios publicos, em quanto que em 1825 sómente tinha 1:520 edificios entre publicos e particulares. Podemos portanto vir á conclusão, que tem havido um augmento de 700 edificios nos ultimos dez annos, e uma extensão em superficie de mais de metade no espaço de vinte annos.

EDUCAÇÃO E INSTRUCÇÃO PUBLICA.

O systema uniforme de educação e instrucção publica, actualmente adoptado pelo Governo Colonial, foi proposto pelo celebre astronomo inglez, Sir John Herschell, e tem sido posto em pratica desde 1841. Este systema, de que os limites d'este escripto nos não permittem dar mais larga noticia, tem já dado excellentes resultados. A Colonia possue actualmente

1 Collegio na Cidade do Cabo;

15 Escolas elementares na parte occidental e 9 na parte oriental.

(Divisões da Colonia respectivas á população agricola.)

14 Escolas de Missionarios na Cidade e visinhanças para a população preta:

8 em Winberg e Rondebosch, com igual destino;

9 nas divisões do Cabo, Stellenbosch, Worcester, Malmesbury, e Paarl.

6 Escolas de Missionarios na provincia occidental, e 8 na oriental.

E por ultimo 38 Escolas particulares, espalhadas por differentes partes da Colonia, debaixo da inspecção do Governo, do qual todavia não recebem subvenção alguma: em summa 69 escolas (sem fallar de outros estabelecimentos) dando educação e instrucção a quasi 17:000 alumnos.

INSTITUIÇÕES LOCAES.

Em 1844 a Colonia contava dentro em si sessenta estabelecimentos de utilidade publica, applicados a fins religiosos ou de caridade, aos estudos, ao serviço publico, ou á protecção do commercio.

Entre os que novamente se têem feito nos ultimos seis annos, basta mencionar os seguintes: — Um jardim botanico, estabelecido em 1850, na Cidade do Cabo; a Sociedade de Beneficencia na Cidade do Cabo; a Sociedade Biblica da Africa meridional (auxiliar da da Inglaterra); o Instituto mechanico; a Companhia de Seguros de fogo; a Sociedade de Seguros mutuos de vida; a Companhia de Seguros de vidas da Provincia oriental; a Companhia de Seguros do porto Elisabeth, a Companhia de minas de oiro da Africa meridional; a Sociedade providente da Igreja de Inglaterra; a exposição de Bellas Artes na Cidade do Cabo; a Sociedade de Protecção dos Marinheiros pertencentes á Colonia; ultimamente um Projecto approvado para a formação de uma sala para a instrucção publica de sciencia e litteratura.

EDIFICIOS RELIGIOSOS.

Durante os ultimos dez annos, trinta e nove igrejas tem sido construidas em differentes pontos da Colonia, sendo trinta e duas de Protestantes de differentes seitas, cinco Catholicas, duas d'estas na terra do Natal; uma synagoga, e uma mesquita para o culto mahometano.

OBRAS DE UTILIDADE PUBLICA.

No mesmo periodo têem sido construidas cinco pontes, para se poderem atravessar em todo o tempo outros tantos rios, perigosos de atravessar quando vão cheios; um caes no centro e outro na parte meridional do porto da cidade; dois depositos de carvão, feitos de ferro; uma fabrica de gaz; um caminho destinado ao transporte do caes central da Bahia da Mesa para o logar do embarque do carvão de pedra que necessitam os vapores; dois tanques de agua fluctuantes para serviço da Bahia da Mesa; quatro faroes, dois d'elles construidos de pedra, em Mouille Point e no Cabo das Agulhas, um de madeira no Ilhéu dos Passaros, e um fluctuante na Bahia de Simon; emfim, prisões, mercados, etc., em varias partes da Colonia.

AGRICULTURA.

A cultura e a economia rural têem feito grandes progressos nos ultimos dez annos. D'antes só se usava o pesado arado do Cabo, que necessitava de seis e oito juntas de bois. Depois da introducção dos instrumentos inglezes, americanos e suecos, o trabalho tem sido reduzido a menos de metade, o que é de grande importancia n'esta Colonia, por falta de braços. O resultado, portanto, d'este progresso é uma grande reducção no capital empregado na agricultura; e de mais o grande lucro que resulta de não ser necessario deixar grandes porções de terreno para a creação dos animaes de tiro. Só um d'estes novos engenhos, a machina de ceifar, é bastante com o serviço de tres homens, para fazer o trabalho que d'antes exigia doze a quinze homens. O trigo do Cabo que é o melhor que se conhece, e que é já artigo de exportação, ha de com o augmento da população vir a ser um dos mais valiosos elementos da riqueza colonial.

A producção de lã tem pela sua parte feito notaveis progressos, como se verá pelo mappa que vae adiante. Não ha mais de vinte annos que o gado ovelhum que, com raras excepções, se encontrava na Colonia, eram os carneiros do Cabo de grande rabo, os quaes não dão lã. Hoje em dia vêem-se, em todos os districtos de pastos, rebanhos da mais fina lã, provenientes das melhores raças conhecidas no mundo.

Os vegetaes e fructos do Cabo são de todas as variedades que se conhecem na Europa; são de notavel belleza e aroma. Contribue para a sua generalisação e perfeição a importação annual de sementes de plantas da Europa, da India e da America.

Não ha Colonia entre a Europa e a India com tantas vantagens, no ponto de vista hygienico, para tomar refrescos para as embarcações.

ESTRADAS.

Este genero de obras está confiado á administração de uma junta central em que entram tres membros que não têem caracter official, estabelecida por um Regulamento do Governo em 1843. Por esta fórma têem sido dirigidas as principaes obras de utilidade publica, que vamos enumerar.

A primeira e talvez a mais importante d'estas empresas, é a estrada do Cabo a Stellenbosch[1]. Em 1840 era ainda necessario ir em um *wagon* puxado por oito cavallos, e gastar uma libra para andar em doze horas este caminho de areia solta, que actualmente é pisado, um anno por outro, por dez mil vehiculos de todas as especies. Está hoje macadamisado, e não tem menos de trinta milhas de extensão. Póde-se andar em tres, quatro ou seis horas segundo a importancia do transporte. A economia annual resultante d'esta obra póde bem ser calculada em 25:000 libras esterlinas.

Duas pontes (na estrada do Cabo para Stellenbosch) foram construidas uma sobre o rio Salgado, e a outra sobre o rio Eerste: uma estrada macadamisada de sete milhas e meia, começando no rio Eerste até alem de Sir Lowry's Pass (Montes hollandezes dos Hottentotes); uma ponte sobre o rio Bot; uma ponte no rio Palmiet; o Sir Lowry's Pass melhorado em toda a sua extensão; uma nova passagem através do Houw Hoek Montain; uma estrada macadamisada para Caledon; o inteiro melhoramento da estrada entre Caledon e o rio Bufeljagts, uma das mais perigosas torrentes da Africa meridional, sobre a qual se construiu uma ponte aberta á circulação em 1852; o passo Montagu através das montanhas do Districto Jorge; ao cume das quaes, de tres mil pés de altura, póde facilmente subir um car-

[1] Foi projectada e executada debaixo da direcção do fallecido Hon. John Montagu, Secretario da Colonia e Presidente da Junta Central dos Commissarios das estradas publicas, na Cidade do Cabo.

rinho puxado por um só cavallo. Este passo veiu evitar a passagem do de Cradock, um dos mais perigosos, em rasão do empinado e da altura de seus precipicios. Graças a estes melhoramentos os conductores de wagons, fazem hoje em tres horas um caminho em que d'antes gastavam desoito, e com perigo de vida. A estrada entre o porto Elisabeth e Graham's Town, juntamente com Michell's Pass (extensão de cinco milhas), através das montanhas do Bokkeveld, um dos Districtos mais ferteis da Colonia, já tambem está completa.

Antes da abertura d'este ultimo passo (1848) os fazendeiros eram obrigados a conduzir os seus generos ás costas de bois, mulas e cavallos, e podiam-se considerar felizes podendo passar o Mosterd' Hoek com segurança, e igualmente quando no transito não perdiam mais de 10 por cento do que conduziam.

O passo do engenheiro Mr. Boin (um dos mais notaveis do mundo, e que a todos faz lembrar o Simplon), de dezoito milhas de extensão através de uma serie de montes altos que separam Wellington do Hex River, e que continua em uma estrada plana de obra de trinta milhas até Worcester. Póde-se hoje fazer em dez horas, por esta nova estrada, uma jornada em que d'antes se gastavam quatro dias, e não sem graves perigos, tanto na ida de Worcester ao Cabo, como na volta.

Podemos ainda mencionar uma das mais bellas pontes, que se tem construido na Colonia, lançada em 1852-1853 sobre o rio Beg, um dos mais profundos e perigosos, á entrada da povoação de Wellington. Finalmente podiamos ainda mencionar muitas obras de menos importancia, pontes, estradas, postos de degradados, passos, etc., em que actualmente se trabalha, e que têem por fim completar em breve praso um systema de meios de communicação proprio para levantar ao maior auge o commercio e os interesses d'esta Colonia.

Temos ainda a acrescentar, que as sommas applicadas a estas obras apenas têem chegado nos dez annos a libras 322:000, entrando os concertos annuaes e a conservação, e damos uma idéa completa dos importantes recursos materiaes creados com tão pouca despeza, e em tão pequeno espaço, pela Junta encarregada da execução d'estas obras.

CORREIOS.

Nas duzentas e setenta e cinco subdivisões de que se compõe esta Colonia, ha perto de cem correios, metade dos quaes foram estabelecidos nos ultimos dez ou doze annos. O systema das estampilhas foi adoptado ha dois annos. Os numerosos melhoramentos introduzidos n'este serviço, á imitação do systema de Londres, durante este ultimo periodo, tornam o correio central do Cabo uma estação tão completa quanto é possivel.

BANCOS.

Ha hoje dezoito bancos publicos distribuidos pela seguinte maneira:

Divisão occidental.

1	Banco do Cabo	Na cidade do Cabo.
2	Banco da Africa meridional	
3*	Banco colonial	
4*	Banco União	
5*	Banco Commercial do Cabo	
6	Savings Bank [1]	
7*	Banco de Paarl	em Paarl.
8*	Banco da Provincia occidental	
9*	Banco commercial em Worcester	em Worcester.
10*	Banco de Swellendam	em Swellendam.
11*	Banco de Beaufort	em Beaufort.
12*	Banco agricola de Caledon	em Caledon.

Divisão oriental.

13*	Banco do porto Elisabeth	no porto Elisabeth
14*	Banco commercial	
15	Banco commercial e agricola da fronteira	em Graham's Town.
16	Banco da Provincia oriental	
17*	Banco de Graaf Reinet	em Graaf Reinet.
18*	Banco central de Africa austral	

Doze d'estes bancos (os designados com asterisco) têem sido instituidos nos ultimos dois, quatro, seis ou oito annos. Está a ponto de se formar um novo banco em Stellenbosch.

Vamos agora dar uns mappas comparativos dos dois annos 1844 e 1853:

1.° Do valor declarado das mercadorias de toda a qualidade importadas na Colonia em navios inglezes e estrangeiros.

2.° Do valor declarado das mercadorias de toda a qualidade exportadas da Colonia em navios inglezes e estrangeiros.

3.° Da navegação geral da Colonia.

4.° Da renda actual do Thesouro colonial.

[1] Este banco tem numerosas delegações em toda a Colonia.

IMPORTAÇÃO.

1844				1853			
Destino	Por navios inglezes	Por navios estrangeiros	Total dos navios	Destino	Por navios inglezes	Por navios estrangeiros	Total dos navios
	£	£	£		£	£	£
Cidade do Cabo	610:696	54:643	665:339	Cidade do Cabo	1.157:734	105:935	1.263:669
Simon's Town.....................	4:655	1:344	5:999	Simon's Town.....................	6:653	11:836	18:489
Porto Isabel	132:204	3:717	135:921	Porto Isabel.	560:511	18:525	579:036
				Londres Oriental	244	—	244
Total.	747:555	59:704	807:259	Total.	1.725:142	136:296	1.861:438
				Differença a favor de 1853	977:587	76:592	1.054:197

EXPORTAÇÃO.

1844									
D'ONDE SE EXPORTOU	POR NAVIOS INGLEZES			POR NAVIOS ESTRANGEIROS			TOTAL DOS NAVIOS		
	Productos coloniaes	Productos não da Colonia	Total	Productos coloniaes	Productos não da Colonia	Total	Productos coloniaes	Productos não da Colonia	Total
	£	£	£	£	£	£	£	£	£
Cidade do Cabo........	152:618	52:990	205:608	1:680	3:939	5:619	154:298	56:929	211:227
Simon's Town.........	612	6:320	6:962	—	—	—	612	6:320	6:962
Porto Isabel............	110:953	7:909	118:862	—	—	—	110:953	7:909	118:862
Total. ...	264:213	67:219	331:432	1:680	3:939	5:619	265:893	71:158	337:051

1853									
D'ONDE SE EXPORTOU	POR NAVIOS INGLEZES			POR NAVIOS ESTRANGEIROS			TOTAL DOS NAVIOS		
	Productos coloniaes	Productos não da Colonia	Total	Productos coloniaes	Productos não da Colonia	Total	Productos coloniaes	Productos não da Colonia	Total
	£	£	£	£	£	£	£	£	£
Cidade do Cabo........	189:622	175:902	365:524	29:879	10:817	40:696	219:501	136:719	406:220
Simon's Town.	147	1:250	1:397	—	—	—	147	1:250	1:397
Porto Izabel.	337:097	7:446	344:543	15:580	4:797	20:377	352:677	12:243	364:920
Total......	526:866	184:598	711:464	45:459	15:614	61:073	572:325	200:212	772:537
Differença a favor de 1853	262:653	117:379	480:032	43:779	11:675	55:454	306:432	129:054	435:486

NAVEGAÇÃO.

1844

Logares da entrada e saída dos navios	Entradas: Numero de navios	Entradas: Tonelagem	Saídas: Numero dos navios	Saídas: Tonelagem	Total de entradas e saídas: Numero de navios	Total de entradas e saídas: Tonelagem
Cidade do Cabo ..	294	102:739	300	104:312	594	207:051
— Cabotagem	173	21:190	180	23:719	353	44:909
Simon's Town ...	47	18:185	42	16:515	89	34:700
— Cabotagem	6	532	4	335	10	867
Porto Isabel.....	51	10:185	41	8:622	95	18:817
— Cabotagem	63	10:011	69	10:418	132	20:429
TOTAL						
Navegação de longo curso.......	392	131:119	386	129:449	778	260:568
— de Cabotagem	242	31:733	253	34:472	495	66:205
	634	162:852	639	163:921	1:273	326:773

1853

Logares da entrada e saída dos navios	Entradas: Numero de navios	Entradas: Tonelagem	Saídas: Numero de navios	Saídas: Tonelagem	Total de entradas e saídas: Numero de navios	Total de entradas e saídas: Tonelagem
Cidade do Cabo...	546	232:242	538	224:889	1:084	457:131
— Cabotagem	207	20:086	216	22:304	423	42:390
Simon's Town....	55	27:689	48	23:091	103	50:780
— Cabotagem	9	1:773	11	3:965	20	5:738
Porto Izabel	107	26:675	94	24:816	201	51:491
— Cabotagem	66	9:819	82	12:708	148	22:527
Londres Oriental.	14	1:475	21	1:895	35	3:370
— Cabotagem	35	4:135	25	3:205	61	7:340
TOTAL						
Navegação de longo curso......	722	288:081	701	274:691	1:423	562:772
— de Cabotagem	317	35:813	335	42:182	652	77:995
	1:039	323:894	1:036	316:873	2:075	640:767
Differença em favor de 1853...	405	161:042	397	152:952	802	313:994

MAPPA COMPARADO DA RENDA LIQUIDA DO THESOURO COLONIAL DESDE 1848 ATÉ 1853.		1848	1849	1850	1851	1852	1853
		£	£	£	£	£	£
Receitas effectuadas		211:937	207:811	219:431	215:768	265:082	281:164
— orçadas		Ignora-se	211:937	207:811	219:431	215:768	265:082
Differenças	para mais	—	—	11:620	—	49:314	16:082
	para menos	—	4126	—	3:663	—	—

N.B. A renda annual provém principalmente das Alfandegas, contribuição territorial, direitos de transferencia, 4 por cento, direito de leilões, sêllo de licenças, portes de cartas, multas e emolumentos judiciaes, receitas especiaes e eventuaes, juro de dinheiro, etc.

Desejáramos poder comparar a renda de todos os dez annos de 1844 a 1853; mas, como foi observado pelo Hon. Rawson W. Rawson, Secretario da Colonia, em uma falla na Assembléa Legislativa, só desde 1848 se tem seguido um systema uniforme de contas, e por isso só desde então se póde apresentar um mappa exacto dos rendimentos publicos.

Resulta dos totaes geraes dados nos mappas:

1.° (Quanto á importação): Que a somma das importações de 1853 está para a de 1844 como *dois e um terço* para *um*.

2.° (Quanto á exportação): Que a somma da exportação de 1853 está para a de 1844 igualmente como *dois e um terço* para *um*.

3.° (Quanto á navegação): Que a somma total da navegação (entradas e saidas) de 1853, está para a de 1844, com pouca differença, como *dois* para *um*.

4.° (Quanto ao rendimento do Thesouro): Que a somma da receita de 1853 está para a de 1848 como *um e um terço* para *um*.

Ainda que não damos mappa comparativo de despeza colonial durante o mesmo periodo, póde dizer-se que tem sido balanceada com a receita, havendo n'esta consideravel differença a maior no fim do anno de 1853.

Podemos agora, pelos dados que temos apresentado, evidenciar o progresso que a Colonia tem feito, material e intellectualmente, n'este curto espaço de tempo; e não deixaremos este objecto sem fallar do estado de uma producção indigena, que deve vir a ser uma fonte muito importante da riqueza futura da Colonia. Fallâmos da lã.

QUANTIDADE DE LÃ, PRODUCÇÃO DO CABO DA BOA ESPERANÇA, EXPORTADA DESDE 1830 ATÉ 1853.

Annos	Quantidade de lã exportada.	Annos	Quantidade de lã exportada.	Annos	Quantidade de lã exportada.
	Libras		Libras		Libras
			1:360:212		1:297:6946
1830	40:122	1838	490:754	1846	3:271:158
1831	54:335	1839	585:977	1847	3:719:037
1832	67:890	1840	911:118	1848	3:670:920
1833	113:077	1841	1:016:807	1849	5:024:946
1834	143:893	1842	1:428:793	1850	5:912:927
1835	215:868	1843	1:754:737	1851	5:947:252
1836	373:203	1844	2:233:946	1852	7:773:505
1837	351:824	1845	3:194:602	1853	7:864:608
Segue	1:360:212	Segue	12:976:946	Segue	56:161:299

É fóra de duvida que este producto colonial ha de brevemente rivalisar, a muitos respeitos, com as mais valiosas qualidades de paizes de melhor producção. Suppõe-se que a tosquia de 1855 ha de deitar 8.500:000 arrateis, só para exportação; e calcula-se que a Colonia póde produzir, dentro de quinze a vinte annos quando muito, uma quantidade de 30 a 40.000:000 de arrateis.

Acrescentaremos como simples informação, que o preço médio d'este genero no mercado de Londres é de 1^{sh} 2^{d} a 1^{sh} 4^{d} o arratel; e que o frete para a Europa anda 1½^{d} a 1¾^{d} por arratel.

Até a Austria tem recentemente pedido grandes quantidades das especies do Cabo, para creação [1].

Taes são os documentos que, n'uma vista geral, nos pareceram mais proprios para dar prova innegavel do progresso geral feito por uma Colonia, cuja prosperidade commercial se póde já esperar que toque o seu auge commercial dentro de um curto periodo, só pela applicação das suas forças a quatro principaes artigos de producção.

Lã — que ha de algum dia competir com as melhores qualidades conhecidas.

Cobre — mais abundante e mais rico que em outra nenhuma parte do mundo.

Trigo — que algumas vezes dá cento e vinte sementes, e não tem rival em qualidade.

Vinho — que com um acertado modo de o fazer, ha de dar cinco ou seis qualidades, que hão de ser altamente apreciadas em muitos mercados estrangeiros [1].

NOTICIAS DIVERSAS.

O Director da Colonia de Mossamedes Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, em Officio de 24 de Novembro de 1855, dirigido ao Presidente do Conselho Ultramarino diz o seguinte:

. . . .

No limite do Districto já ha tres engenhos: — o da Purificação da Luta, no qual falta sómente concluir uma casa de distillação que está em obras, e para a qual ainda falta um alambique; o do Bumbo que só faz aguardente; e o da Equimina, que está quasi concluido. Em breve deve levantar-se o quarto...

Tem já o Districto dez plantadores de algodão, e têem sido distribuidas terras para outros dez.

Pela nota junta concluirá V. Ex.ª que já é de alguma consideração o rendimento agricola, e creio que no tempo que Mossamedes tem de existencia, pouco mais era de desejar, mórmente com os poucos recursos que ha.

É certo que os dois primeiros annos foram perdidos; não havia sementes, faltaram as inundações; ignoravam-se os tempos de semear; em summa foi mister crear tudo.

A constancia e vontade forte podem muito.

. . . .

Mais de cincoenta homens brancos se dedicam seriamente á cultura, e vão n'ella creando seus filhos, que crescem admiravelmente.

Calculo aproximado do rendimento agricola do Districto de Mossamedes no presente anno de 1855.

No engenho — Purificação da Luta:	
Aguardente e assucar.........	6:000$000
Farinha de mandioca 1:000 cazungueis a 800 réis........	800$000
Batata ingleza 400 @ a 800 réis preço medio..............	320$000
Milho 500 cazungueis a 600....	300$000
Feijão 200 cazungueis a 100...	200$000
Algodão 200 @ a 4:000........	800$000
Cará 1:000 @ a 600..........	600$000
Todos os mais agricultores no limite:	
Farinha de mandioca 18:000 cazungueis a 800............	14:400$000
Batata ingleza 12:000 @ a 800.	9:600$000
Milho 1:000 cazungueis a 600.	600$000
Cará 15:000 @ a 600.........	9:000$000
Feijão 100 cazungueis a 1:000.	100$000
Cana saccarina vendida a retalho.	1:000$000
Alhos, cebolas, aboboras, melancias, melões e hortaliças.....	500$000
No Bumbo:	
Aguardente.................	3:000$000
Farinha de mandioca 2:000 cazungueis a 800............	1:600$000
	48:820$000

[1] Consulte, quem queira, sobre esta producção a *Mémoire sur la situation de l'industrie lainière du Cap de Bonne Espérance*, dirigida pelo auctor ao Ministro dos Negocios Estrangeiros (de França) em 1852, e publicada por extractos no *Moniteur* de Setembro de 1854, e nos *Annales du commerce extérieur* do mesmo anno.

[1] *Este artigo é traducção litteral da primeira Parte de um folheto publicado por Mr. Blancheton, Consul de França no Cabo da Boa Esperança, intitulado Universal Exhibition* 1855. Cap Town 1855. *(O Red.)*

Objectos commerciaes que se exportam de Mossamedes.

Marfim.
Cera.
Abada.
Urzella.
Gomma arabica.
Azeite de peixe.
Peixe secco.
Carne secca.
Couros.
Chifres.

A exportação d'estes productos excede a 200:000$000 réis.

Extracto d'uma carta do Dr. Physico-mór da Provincia de Angola, Jacques Nicolau de Sallis, sobre o estado da Colonia de Mossamedes.

Aportámos a Mossamedes no dia 20 de Novembro (1855). Esta Colonia está em progresso. O Governador do Districto, Fernando da Costa Leal, edificou de pedra a igreja, que ficou muito bonita; e tambem construiu de pedra a parte da fortaleza do lado do mar.

Vimos plantações extensas de algodão a uma legua e a duas distantes de Villa; nos Cavalleiros ha plantações riquissimas de canna saccarina, algodão, mandioca, batata européa e do Brazil (Cará) de 3 até 10 e 11 arrateis cada uma.

Esta plantação dos Cavalleiros pertence ao incansavel e intelligente Director da Colonia, Bernardino de Figueiredo.

Vimos moer a canna, coser e preparar o assucar, e distillar aguardente de excellente melaço. Vimos as duas machinas de descaroçar algodão em movimento. O algodão é bello, tão bom ou melhor do que o de Moçambique, que ainda é silvestre. O Director Bernardino exporta por anno cincoenta arrobas d'este genero. Vi seis qualidades de feijão, repolhos grandes, excellente hortaliça etc. etc. As uvas dão duas vezes por anno, e são saborosas.

No paiz dos Gambos e dos Huilas ha bello trigo duas vezes por anno, tão bom como o das margens do Zambeze; e tudo isto promoveu aquelle laborioso colono com trinta negros, em quatro annos, edificando officinas etc. Com mais tres ou quatro annos terá elle um rendimento para viver na Europa como um fidalgo.

Aqui vi pela primeira vez na Africa o uso de carros puxados por bois, e com estes moer a canna. Vi o arado de ferro, invenção moderna, e vi finalmente que a agricultura não só é possivel, mas proveitosa e recompensadora na Africa.

O Commercio foi pouco este anno. Exportaram-se 600:000 arrobas de peixe secco. O azeite de peixe (cação) faz-se em abundancia na bahia das Pipas, cinco leguas ao norte da Villa. Um morador (Paiva) disse-me que o anno passado se vendeu entre 50 e 100$000 réis a pipa. O movimento commercial foi no dito anno de 200:000$000 réis.

Ha tres moinhos de assucar, e vae montar-se o quarto.

A exportação da batata foi consideravel n'este anno.

O clima é excellente. Vêem-se boas côres nos habitantes; vê-se grande numero de lindas creanças, cheias de vida e saude, e a Villa augmenta todos os dias.

OS PORTUGUEZES E OS HOLLANDEZES NO ULTRAMAR.

O famoso viajante francez Tavernier, que no seculo 17.º correu a Asia e outras partes do mundo, fallando da Ilha de Santa Helena, e dos estragos que n'ella fizeram os hollandezes durante a guerra que tiveram com os hespanhoes, cortando as arvores fructiferas, e matando os gados ali deixados pelos portuguezes, a fim de que os hespanhoes que aportassem á mesma Ilha não podessem aproveitar-se d'elles, diz o seguinte:

«Ha aqui um grande numero de limoeiros, «e algumas laranjeiras, que os portuguezes «haviam plantado em outro tempo. Porque «esta nação tem isto de bom, que nos logares «em que está procura fazer alguma cousa «para beneficio d'aquelles que no futuro de«vam vir aos mesmos logares; os hollandezes «fazem o contrario, e procuram destruir tudo, «a fim de que aquelles que possam vir depois «d'elles não achem nada.»

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

NOTICIA

DE

UMA EXPLORAÇÃO DA COSTA OCCIDENTAL DA AFRICA

AO

SUL DE BENGUELLA [1].

Tendo promettido dar-vos a informação que eu alcançasse das visinhanças do grande lago Ngami da banda da Costa Occidental, sobre o caminho seguido por Charles John Anderson, eu devo primeiro dizer que quando eu andava examinando a Costa Occidental nos annos de 1846, 47 e 48, a existencia d'aquelle lago era inteiramente ignorada, e ainda que eu fui ao interior desde *Walwich Bay* até Onanis; comtudo eu nada ouvi do principal povo (o Junker) para ter idéa da sua existencia. Visitando *Little Fish Bay* [2], a primeira noticia que eu tive de um lago, ou antes de uma supposta cadeia de lagos, foi por um Major Portuguez, que tinha vindo por terra de Moçambique a Benguella: elle situa a parte septentrional do lago por 18 grans N. *(sic)*, e percorreu junto do seu extremo septentrional cêrca de 60 milhas. Era difficultoso chegar á agua; tão densas eram as canas. O lago era cheio de hippopotamos. Os naturaes disseram-lhe que communicava com outro lago ao S. ou a SE. Os lados occidental e meridional eram baixos e arenosos. Não podia dizer qual fosse a extensão, pois que a terra do lado do Sul era tão longe que se não podia avistar. Elle encontrou naturaes que tinham vindo da Costa occidental, visinhanças do Porto Alexandre, e tinham gasto sessenta e tres dias no caminho. *(Ha aqui algumas palavras de difficil intelligencia por não fazerem sentido.)*

Quanto ás producções elles (portuguezes) receiam principalmente que os Inglezes saibam quaes ellas são. Eu pude saber que o marfim era abundante. A gomma copal era tambem em abundancia; mas não havia escravos que se comprassem para a conducção d'aquelles generos, e muitos dos bois de cavallaria tinham morrido [1].

Ao Norte do lago todo o paiz se vae levantando a consideravel altura, o clima é benigno e a vegetação formosa. Elle ali se restabeleceu de uma febre que tinha tido. Tornando ao Sul, a Walwich Bay, eu dei conhecimento d'estas circumstancias a Mr. Scheipman, o Missionario do Rheno, o qual me disse que John Swartboys, Capitão norueguez, tinha encontrado alguns Bittiannas, que tinham ido do rio Orange para o Nascente; tinham estado junto a um grande lago, onde tinham achado marfim; mas elles representavam a gente como monstros, com um só olho no meio da testa, nutrindo-se de carne humana, segundo o uso dos antigos gigantes; uma creança era nada para elles; isso engoliam elles inteiro. Mr. Scheipman projectava fazer uma viagem para pôr estas informações fóra de duvida, e eu havia de acompanha-lo; mas as circumstancias impediram-m'o; e a morte levou um dos melhores e mais infatigaveis homens, que jamais foi mandado *annunciar as novas de alegria*.

A borda de mar mais proxima do lago é a Costa occidental; mas é duvidoso se Walwich Bay é o melhor ponto de partida. A vantagem d'este caminho é viajar-se no leito secco do

[1] Esta noticia foi primeiro publicada em Londres no *Mercantile and Shipping Gazette*, e depois reimpressa em um jornal do Cabo da Boa Esperança. Os Annaes do Conselho Ultramarino não podiam deixar de admittir nas suas paginas uma noticia tão curiosa, onde apparecem informações dadas por portuguezes, sobre uma região tão pouco conhecida. *(O Red.)*

[2] Little Fish Bay é o nome que os inglezes dão á Bahia de Mossamedes. *(O Red.)*

[1] Os leitores sabem que n'estas regiões se usa montar em bois, que para isso têem apparelho apropriado. *(O Red.)*

rio Swakop, onde se póde achar agua, e os naturaes são até certo ponto inoffensivos; mas pelo que tenho observado, eu creio que é melhor partir mais do Norte. Isto deduzo eu das seguintes observações que fiz na minha viagem de Walwich Bay para Benguella.

Cincoenta milhas ao norte de Walwich Bay estão as bôcas de dois rios; ou como eu me persuado, duas bôcas de um mesmo rio. Havia ali immensa quantidade de grandes arvores em varios estados de decomposição, trazidas, muito provavelmente, pelas suas enchentes periodicas; e digo *periodicas*, porque se póde claramente distinguir cada differente deposito. O seu curso deve ser consideravel, pois que raras vezes, ou nunca, chove até 150 milhas da costa, e as arvores, algumas das quaes eram grandes, não crescem n'esta extensão. Havia bom pasto a menos de cem jardas da borda do mar, e abundancia de agua. A corda de montanhas a trinta milhas no interior abaixa, e não torna a apparecer até defronte do Cabo da Cruz [1]; n'este intervallo passa o rio, segundo me persuado. Seguindo a costa ao Norte d'estes rios, ha uma planicie de areia, junto á qual a agua é funda, sem ponto algum notavel até ao Cabo do Padrão; junto ao qual os navios podem ancorar. O Cabo é uma altura de rocha nua, onde está uma cruz (padrão) levantada por Dias, seu primeiro descobridor: conserva-se ainda em bom estado, tendo sómente caido um dos braços. Dez milhas ao interior se encontra a tribu dos Bug Damaras, que vivem em um valle junto de uma alta montanha: têem agua, e muitas cabras, mas não têem gado vaccum. Passando ao Norte do Cabo do Padrão, pela latitude de 21 graus, começa a costa a ser denteada, guarnecida de baixos e rochedos. Dizem haver por aqui um porto chamado pelos portuguezes Angra de Santo Ambrosio, e o Capitão Americano Morell põe um porto n'esta localidade, a que chama *Hayden's harbour* (Angra de Hayden); mas no fim de quinze dias de baldada procura, no navio e nas lanchas, não o pude achar. Acham-se sitios conformes á descripção; mas todos tapados com areia. Creio que se entulharam, como sabemos que tem acontecido em outros logares. Como o vento é quasi sempre constante de um lado (SSO.) tem accumulado musgos e immensa quantidade de areia, a ponto que logares onde eu conheci montes de areia, tornaram-se planicies em poucos mezes.

O logar immediato que tenho a mencionar é a entrada do rio Cunene [1] (Nourse River). Senti que passando por aqui fosse tanto o vento que seria loucura tentar desembarcar; mas claramente vimos o rio cheio de agua, provavelmente accessivel a botes. A praia ao Norte estava coberta de grandes troncos de arvores. Podia-se ter obtido grande quantidade de lenha na Peninsula dos Tigres, que fórma o lado occidental da Bahia dos Tigres *(Great Fish Bay)*. Uma palmeira ainda estava verde, e não podia haver muitos dias que tivesse caido na agua.

A bahia dos Tigres (Great Fish Bay) tem consideravel extensão, algumas dezoito milhas de Norte a Sul e seis a sete de largura, diminuindo gradualmente até ao fundo. É formada por uma estreita peninsula de areia, de cêrca de meia milha de largura: para a extremidade é muito mais larga, talvez duas milhas (viam-se ali muitos ossos de baleia; trez sepulturas com inscripções portuguezas, todas da mesma data, das quaes eu colligi que alguns dinamarquezes estiveram ali, e uma grande tabua com inscripção da Cidade do Cabo, estava bastante cravada na areia. Talvez que os Portuguezes fossem mortos em algum combate com os naturaes. Vimos isto na retirada: se o tivessemos visto na chegada, teriamos sido mais cautelosos dos naturaes: e isto explica o arreceiarem-se tanto de nós) elevada muito poucos pés acima do nivel do mar; é realmente tão estreita esta garganta que um partido de dez caçadores póde fazer recolher a um canto todas as hyenas de que é infestada. Na descripção (do Capitão Owen, creio eu) a bahia é representada como livre de perigos; mas umas dez milhas ao Sul da ponta ha um baixo em que tocámos. Da bôca d'esta bahia fizemos uma excursão ao interior. Ainda que não entrámos mais de cincoenta milhas em linha recta, sou levado a crer que foi mais do que nenhum homem branco ainda tenha feito n'esta direcção.

Partindo da entrada da bahia, caminhámos umas dez milhas ESE. sobre immensas cabeças de areia e ravinas curiosamente formadas. Achámos então uma aldeia de naturaes composta de umas cincoenta familias. Eram os mais bellos negros que se póde ver; quasi nenhum abaixo de seis pés, e um bello rosto aberto. As mulheres eram particularmente bellas como negras, notavelmente cheias e nutridas Não vimos gado grosso, nem miudo. Parece viverem de caça, pois se viam restos de numerosas antilopes e zebras, alem de

[1] Cabo da Cruz chama o auctor ao que nós chamâmos *Cabo do Padrão*. *(O Red.)*

[1] Os mappas inglezes chamam ao rio Cunene *Nourse River*. Sobre este rio se acham n'estes Annaes importantes noticias. V. pag. 113 da Parte Official, e pag. 129 da Parte não Official. *(O Red.)*

montes de conchas e espinhas de peixe. Em quanto estivemos com elles, um negro de uma grandeza atlantica trouxe uma gazela. As armas de que parecem usar, são um forte arco, maior ainda do que elles: as settas são lindamente feitas, com barras de ferro; as azagaias similhantes ás dos Cafres, mas mais compridas. A principal mulher trazia no cabello alguns botões; em roda do pescoço moedas portuguezas (moedas de cinco tostões) e algumas contas. Todos elles tinham manilhas de cobre em roda dos braços e tornozelos, mui limpas, e tinham de tal sorte a apparencia e peso do oiro, que eu cuidei que o eram, até as experimentar com agua forte. Fiquei maravilhado de ver o logar d'onde tiram agua, que era de dura rocha de granito, e ainda que a quantidade era pequena, era summamente pura. Receberam-nos com temor; e observaram-nos por algum tempo, tendo-se sumido as mulheres e creanças, e os homens continuamente passavam os dedos pelo pescoço, como quem queria saber se tinhamos ido para os matar. Eram particularmente atemorisados das armas de fogo, e por caso nenhum as queriam tocar. Fomos obrigados a pôr as armas debaixo de um penedo, e então as mulheres e creanças foram apparecendo. As creanças mais pequenas nunca nos deixaram toca-los; mas os maiores logo ganharam confiança, e começaram a examinar a nossa pelle com muita curiosidade. Não sei até que ponto se teriam familiarisado comnosco, se nós lh'o tivessemos permittido.

Depois de uma estada de algumas quatro horas na aldeia, caminhámos ainda na direcção de ESE., na direcção de uma montanha pedregosa, quatro ou cinco milhas. Ainda que no sitio da aldeia não havia a menor vegetação, agora iamos entrando gradualmente em um mato pobre, onde eram numerosos os rastos da caça. Aqui accendemos lume e nos preparámos para ficar a noite, mas tivemos sempre sentinella, porque, nas minhas viagens, nem antes nem depois, eu nunca senti tão espantosas vozes de hyenas ou lobos, e toda a noite em roda de nós; só se dispersaram exactamente quando o dia estava para romper. No dia seguinte inclinámo-nos mais para o Sul, pois que eu estava desejoso de chegar á margem do rio Cunene. O mato ia sendo mais denso, e vimos ao longe numerosos rebanhos de caça, mas muito presentida; não nos podémos aproximar d'ella. Na tarde d'este dia chegámos á raiz de uma corda de montanhas pedregosas moderadamente elevadas, correndo NE. a SO., do outro lado da qual nos esperavamos ver o rio. Por estimativa estavamos a trinta e cinco milhas da bahia: achámos aqui agua, mas salobra. Caminhámos no dia seguinte, fazendo boa jornada, mas sem vermos tanta caça como tinhamos visto, nem agua. O calor era intenso. No dia antecedente tinhamos tido uma brisa refrigerante, mas n'este dia houve calmaria; e a areia era tão quente que queimava os pés. Os marinheiros começaram a cansar (eu tinha quatro comigo). No outro dia caminhámos, e, já tarde, de uma altura, avistámos o rio ao longe; parecia uma corrente consideravel. Não tinhamos achado agua, e a nossa provisão estava quasi exhaurida. A minha gente recusou continuar para diante; e no dia seguinte voltámos. Não vimos ente humano, desde que deixámos a aldeia, até que voltámos a ella. Procurei convencer alguns dos naturaes para que viessem comigo a bordo; mas elles recusaram. Um rapaz queria, mas foi retido pelo pae e pela mãe; de facto por toda a aldeia: por isso supponho que elles têem ouvido ou sabido alguma cousa do systema portuguez do trafico de escravos. Tinhamos estado dez dias ausentes do navio, e calculei que durante aquelle tempo, tinhamos andado bastante acima de cem milhas. Achámos a arvore da gomma como em Ichaboe. Vimos entre os naturaes uma pequena semente similhante á alpista: moiam-n'a entre pedras, e faziam d'ella uma massa misturada com mel. Tinham tambem um vegetal como um pequeno pepino; mas differente no gosto. Os cestos de conduzir agua eram exactamente como os Zulus do Natal fazem os seus; mas são trabalhados com maior perfeição.

Vimos cestos cheios de favos de mel, e a quantidade das abelhas era grande. Não vimos uma só arvore, nem mesmo arbusto de mais de tres a quatro pés de altura; e isto leva-me a crer que o rio Cunene, que traz arvores tão grandes, como vimos na Costa, deve ter consideravel extensão; provavelmente tem a sua origem em uma cadeia de lagos que eu creio se deve achar no interior d'esta parte da Africa. É tambem possivel que uma lancha possa subir o rio consideravel distancia, e talvez seja este o melhor modo de chegar ao lago Ngami. O rio está por 17 graus e 30' de latitude, e do mar se deve inclinar para ENE. como vimos da nossa posição. O lago põe-no o portuguez na latitude de 18 graus N. *(sic)*. Nós sabemos que até ao parallelo de 14 graus a terra é alta, e pelo luxo de vegetação deve ter consideravel humidade. A corrente d'esta é para o Sul, e acha-se nivellada com uma cadeia de lagos.

A linguagem dos naturaes soava muito á falla dos Cafres do Natal. Elles entendem « *Manzi* » por agua, e usavam do U M para muitos dos seus proprios nomes. Eu não creio

que os que vimos na Bahia dos Tigres (Great Fish Bay) sejam da mesma tribu que os do Porto Alexandre [1].

Deixando a Bahia dos Tigres continuámos para o norte até ao Porto Alexandre, e penetrámos no interior até onde as circumstancias permittiram. O seguinte é uma breve narração do acontecido:

Tendo ancorado já tarde, foi só na seguinte manhã que desembarcámos. Tinham evidentemente estado durante a noite muitos naturaes na visinhança do navio, como se via pelas pegadas na areia. Caminhando ao Norte duas milhas demos com uma partida de pescadores, e esta foi a primeira amostra de navegação dos naturaes que eu vi na Costa desde o porto do Natal em roda da Africa meridional. Consistia em catamarans: peças de pau ligadas, com seis pés de largura e doze de comprimento: serviam-se d'elles para a pescaria. Depois de dar a alguns d'elles algumas pitadas de tabaco, e o fumo de um cachimbo, tomamos dois mancebos por guias. Tendo passado sobre uma elevação, que fórma a parte oriental do porto, chegámos ao leito secco do rio dos Flamengos, e subindo-o obra de cinco milhas, viemos a uma aldeia de naturaes. Aqui me deleitei pela primeira vez depois de muitos mezes que tinha deixado o Cabo, de achar alguma cousa como vegetação, porque os naturaes têem em consideravel extensão hortas cultivadas de milho, grãos e aboboras. Vimos numerosos rebanhos de gado, que pareciam em excellente estado; e á proporção que subiamos o rio, ou antes valle, as aldeias augmentavam em numero. As choupanas d'esta gente pareciam construidas para aturar, e eram habitações commodas. Era um regalo, depois de tanta areia, sentar-se á sombra de uma palmeira. Estivemos n'esta localidade tres dias, examinando tudo que podiamos. Os naturaes possuem numerosos rebanhos de gado grosso e miudo. Tinham tambem marfim de elefante e de cavallo marinho: se obtido longe ou perto, não o pude saber. Vi maças feitas de corno de rhinoceronte, e grande abundancia de mel e cera de abelhas. Era visivel que os naturaes não confiavam em nós: temiam chegar-se a nós, e mandavam retirar as mulheres e creanças. Eu quiz aproximar-me a algum gado para o examinar, mas elles fizeram-n'o retirar a toda a pressa. Não consentiram que dormissemos nas suas choupanas: tivemos de pernoitar na areia, e elles velaram-nos toda a noite, mas deram-nos tudo o de que necessitavamos, sem exigirem pagamento. Nós festejámos muito algum leite, milho e bolos feitos não sei de que com mel. Conseguimos uma vantagem, ganhámos a confiança dos nossos guias, e elles vieram a bordo comnosco. Grande foi a sua surpreza de verem a sua imagem reflectida nos espelhos da camara, e a entrada do gato na camara fe-los fugir para a tolda. Perguntaram por *aqua denti*, mas quando lhe dei alguma, depois de a provarem, não quizeram beber. Fizeram por muitas vezes signaes, perguntando se nós lhe queriamos cortar o pescoço e come-los; e as facas postas na mesa para o jantar, fizeram-n'os tremer tanto que eu as mandei tirar. Não quizeram dormir em baixo, mas ficaram acordados toda a noite na tolda. De manhã mandámos-l'os embora, vestidos com camisas e calças de marujos, com presentes para elles de inestimavel valor, algumas moedas de pennis, com o nome do navio e a data da nossa visita. Imagino que nunca tinham sido d'antes tratados tão cortezmente por homens brancos.

Na margem septentrional do rio dos Flamengos a terra é elevada de quinhentos ou seiscentos pés acima do mar, do alto da qual eu trouxe alguns lindos fosseis de conchas que estavam em camadas, no mesmo estado e no mesmo lodo, em que quando estavam submergidos; tão notavel era o lodo que pareciam que acabavam de se levantar do mar: fosseis de algas, coral, e de todas as especies de producções marinhas. Perdeu-se com o navio uma bella collecção, mas Mr. Wilson, da Cidade do Cabo, tem alguns que eu lhe dei.

O Porto Alexandre havia de ser um bom logar para formar uma feitoria para o commercio n'esta parte da Costa, e seria uma fortuna para os naturaes. Por muitas circumstancias sou inclinado a crer que os portuguezes têem tentado o commercio de escravatura, posto que em Mossamedes e na sua bahia pouco conheciam de tal logar, fazendo perguntas ao commandante relativas ao estabelecimento de uma feitoria. Elle respondeu que havia de considerar do seu dever impedir qualquer cousa n'este genero sem a sancção do seu governo. O limite meridional das Possessões portuguezas n'esta costa é Cabo Negro, lado septentrional do rio dos Flamengos.

Era d'ali que eram os naturaes vistos pelo Major G., junto ao lago interior. O paiz é muito accessivel; abundante de agua, e de bois para montar e para carga: os naturaes doceis, e alguma benevolencia havia de ganhar-lhes a confiança.

Deixando o Porto Alexandre, logo visitá-

[1] O Porto Alexandre dos Inglezes é o nosso Porto de Pinda ao S. de Angola, muito differente, como se vê, do celebrado Porto de Pinda no Zaire. *(O Red.)*

mos Mossamedes, povoação portugueza no lado do SE. da bahia do mesmo nome. Faz-se aqui com o interior consideravel commercio em marfim de elefante e de cavallo marinho, cornos de rhinoceronte, chifres, coiros e pelles, cera e mel, e não duvido que em escravos: em todo o caso os brancos possuem consideravel numero de escravos; mas não posso dizer se para exportação. Os bois são numerosos e baratos; usam dos bois para todo o serviço, para sella e para carga; póde-se tirar do rio uma excellente agua umas tres milhas ao N. da povoação; e ha algumas bellas hortas, das quaes os soldados nos ministraram vegetaes, inhames, mandioca, cassava, favas, ervilhas, tomates, etc. Aqui começa o paiz que produz a urzella, e se estende até ao N. de Benguella.

Não ha negociantes estabelecidos; mas meramente commissarios dos negociantes de Loanda ou de Benguella; e a consequencia é que nunca podeis vender, nem comprar em certa extensão; alem do que os direitos da alfandega são excessivos, e todos os funccionarios desde o Governador até ao ultimo exigem presentes; seja o que for, nada se recusa.

Passando ao N. para Benguella visitei muitas bahias pequenas, em todas as quaes havia estabelecimentos, principalmente para a compra da urzella, que é mandada a Benguella, e carregada debaixo da vista do Governo, para Portugal. O Governo é o unico comprador, e não se permitte vende-la a estrangeiros ou carrega-la em navios estrangeiros. Tive mesmo difficuldade em obter uma amostra de uns dez arrateis: é da melhor qualidade.

É fóra de duvida que todos estes estabelecimentos estão envolvidos em trafico de escravatura. Debaixo de uma rocha, no fundo de uma bahia, havia amarração para um navio junto á Costa, e tão acertada, que a rocha impede o navio ao largo de ver o navio fundeado dentro. Um caminho de pé posto seguia pela altura, que pelas numerosas pégadas, devia ter sido recentemente seguido por muita gente. A agua na visinhança era abundante. Tomando tudo em geral, eu nunca vi logar mais apropriado para tal fim.

Não vamos agora escrever sobre Benguella. Tenho examinado quasi cada pollegada de costa, ilha ou bahia, desde Walwich Bay até Benguella sem achar o que eu procurava — guano ou nitrato de soda. A ponta do Pelicano parece ser o limite septentrional do pinguim, o principal depositador do guano. Antilopes *(Gannets and Shags)* eram mui poucas: o seu principal ninho ao N. parece ser a Ilha dos Passaros de Hollem. Em roda das bahias havia numerosos flamengos, pelicanos e.... .... (sand birds); mas notámos que nunca se juntavam em sufficiente numero para formarem grandes depositos.

Quanto ao nitrato de soda, eu não digo que elle não exista: não o pude achar, posto que passei por extensas planicies salgadas de muitas milhas de extensão. Palavras não podem explicar o trabalho de uma tal viagem, cada passo crava na crusta do chão algumas pollegadas: acrescente-se a isto um sol dos tropicos, sem uma nuvem, batendo na superficie branca do solo, o que é muito penoso para os olhos. Um calor de torrar, o thermometro chegando a 100, a 110, e até a 120 graus; uma carga de peso de quarenta ou cincoenta arreteis aos hombros; porque cada um tem de levar agua, provisões e espingarda; tal é o prazer de viajar em Africa. Requer o soffrimento do camello e a coragem do leão.

Ha numerosas producções n'esta parte da Africa, tanto no mar como na terra, que eu não tenho mencionado, mas tenho tudo no meu diario, que minuciosamente descreve quanto achei e vi. Toda esta parte da Africa está em branco nos mappas, e é pouco conhecida e frequentada.

Se as precedentes observações forem de algum valor, podeis fazer uso d'ellas com o meu nome para as auctorisar. Sou fielmente o vosso = *William Messum*. = Londres, Janeiro de 1855.

CARTA AO GOVERNADOR DE BENGUELLA, SOBRE O INTERIOR DA AFRICA AUSTRAL.

Ill.^{mo} Sr. = Ao chegar a esta vindo da minha segunda expedição do interior de Africa, com extraordinario gosto tenho entendido do Boletim Official o grande zêlo e actividade que o Governo de Sua Magestade Fidelissima tem desenvolvido, e continua a desenvolver para descobrir o interior d'este vasto continente, abrindo uma communicação do littoral occidental até ao oriental, não poupando sacrificio nenhum, para alcançar um fim tão louvavel, animando com recompensas e honras o intelligente, intrepido viajante, que saíndo do occidente percorresse os sertões interiores, até Moçambique ou Quelimane, rectificasse o mappa geographico hoje tão erroneo, e com especialidade o seu systema hydrographico, que é muito abundante e interessante, e, pelo que tenho descoberto, pouco ou nada conhecido pelos geographos.

Á vista do exposto julguei não dever ficar mais na obscuridade, e apesar da minha fraca capacidade, depositar sobre o altar das sciencias o fructo ainda que escasso das mi-

nhas descobertas de cinco annos consecutivos no interior da Africa, coadjuvando, em quanto me fosse possivel, o Governo de Sua Magestade nas suas emprezas em prol das sciencias e humanidade

Fiando-me n'esta hypothese, tenho a honra de enviar a V. S.ª, de quem a vasta capacidade litteraria é conhecida, um curto esboço das minhas descobertas; supplicando a V. S.ª, no caso que d'ellas possa resultar bem commum para a sociedade, se digne levar ao conhecimento do Governo Geral de Sua Magestade o seguinte:

No anno de 1849, no principio do mesmo, saí de Benguella com a direcção E., e passando o montanhoso Amba e Bailundo, cheguei até Bihé, descrevendo quanto me era possivel a geographia physica dos ditos paizes, determinei o curso e manancial d'uma parte dos rios que se deitam ao mar entre os graus nove e doze, latitude Sul, como os rios: Longa, Cuvo, Novo Redondo, Quicombo, Egypto, Rio Tapado e Anha. Observei estes paizes em sentido geognostico, botanico e metallurgico, que é abundante e interessante. Depois d'uma demora de alguns mezes no Bihé, me levantei para seguir na mesma direcção; e passando o caudaloso Quanza, com duas observações astronomicas determinei o manancial d'este rio, pois muito me interessava em saber este ponto importante até hoje tão erradamente descripto nos mappas da Africa. D'aqui na direcção ENE. n'uma direcção diagonal atravessei os dilatados reinos de Lu-chasi e Bunda, notei o curso de muitos rios navegaveis como são: Vindica, Carima, Cuima, Cambale, todos elles tributarios do grande Quanza. No reino de Cariongo, mudando a direcção para E. nos dilatados e desertos matos de Quiboque, alcancei o ponto culminante do Continente Africano no hemispherio do Sul; este ponto debaixo de 10° 6' Lat. S. e 21° 19 Long. E. de Greenwich, com calculo barometrico, achei-o 5:200 pés acima do nivel do mar.

Duvido que se ache um ponto mais interessante para um geographo do que este; pois que n'um pequeno perimetro de 30 a 40 leguas quadradas, aqui tomam origem muitos rios caudalosos, deitando uns as suas aguas para O. no mar Atlantico; outros com direcção opposta no Oceano Indico; portanto, com justa rasão se póde chamar o reino de Quiboque a mãe das aguas Africanas no hemisferio do S. Aqui tomam a sua origem os rios acima mencionados: Vindica, Cuima, Cazima, Cambale, o enorme e volumoso rio Cassabi, o qual no seu curso para E. divide os reinos de Lobar e Catema-Cabita do extenso imperio de Lunda, onde, depois de se unir com o rio Luloa, muda a direcção para NE.: e com uma largura de uma legoa, entrega as suas aguas ao Oceano Indico em um logar por ora desconhecido; os rios Lu-gebungo, Lu-tembo, Lumegi, Lume, Luena, Quifumage, todos caudalosos e aptos para navegação, e são affluentes do grande Diambege, que supponho ser o mesmo Zambeze ou Sena, que ao pé de Quelimane entra no mar.

Na minha demora de um anno e tres mezes n'estes sertões da Africa, onde penetrei até 4° 41 Lat. S. e 25° 45 Long. E., nas Cabeceiras do rio Diambege, procurei obter os mais amplos conhecimentos possiveis sobre a geographia de muitos dilatados reinos até hoje desconhecidos, sobre a estatistica e politica dos seus povos, dos tres reinos da historia natural, e ter em ordem diaria as minhas observações meteorologicas; pois julguei não dever omittir nada que possa illustrar a geographia, até hoje desconhecida, d'estes vastos Paizes.

Nas vesperas do meu regresso para Benguella, no fim do mez de Maio de 1851, appareceu-me em Chaquilembe, no reino de Lunda, uma carta escripta em arabe, trazida pela minha gente que tinha fóra na outra banda do Diambege, de uns mouros com quem lá se encontraram; não sabendo porem o arabe não pude dar solução á dita carta. Estes, depois unindo-se á gente do Sr. Major Coimbra, foram com ella até Quissembo, no reino de Bunda, onde se achava negociando, o dito Sr. Major, com quem segundo consta chegaram até Benguella; tendo tido eu antes de lá chegar uma procedencia de cinco mezes, de maneira que já me achava outra vez no interior em o Quanhama, quando soube por uma carta particular da chegada d'elle.

A segunda expedição que tenho feito saindo de Benguella com rumo ESE., passando por Quilengues, Gambos, Humbe, Camba, o Canhama, até o 20° 5' Lat. S., e 22° 10 Long. E. não tem sido menos interessante. Tudo aqui para o Sul muda de aspecto: a historia natural d'estes paizes, em grande parte aridos, apresenta uma grande mudança, comparativamente com aquella dos sertões do Norte, a indole e modo de vida d'estes povos, em parte pastores e nomades, e de um caracter eminentemente feroz e selvagem, e o transito por entre elles difficultoso e perigoso, em virtude de guerras continuas em que vivem. No paiz de Camba atravessei o caudaloso rio Cunene, que tendo a sua origem nas serranias de Galangue perto do Presidio de Caconda, em seu curso de N. a SSO percorre os paizes dos Ambuellas separando os estados de Molando, Cambá, Humbe e Don-

guena, do reino de Quanhama, e depois de engrossar os seus affluentes, sobre um solo areiento, leva as suas aguas placidas pelo paiz das Mucimbas e ao S. de Cabo Negro entra no mar Atlantico. No extenso reino de Quanhama, onde me demorei nove mezes tive tempo de descobrir muitos paizes extensos e bem povoados, dos quaes até hoje a Geographia nem os nomes sabe.

Sendo amigo particular e protegido do poderoso Regulo de Quanhama, Aimbiri, este me facilitou os meios de communicar e penetrar entre aquelles povos barbaros e ferozes, aonde jámais consta, que Europeu nenhum tivesse penetrado.

Fiz a hydrographia correcta, quanto me era possivel, de muitos paizes até agora ignorados, que a SE. e S. de Quanhama, se extendem até as possessões Inglezas de Cabo de Boa Esperança, notei a politica e estatistica dos seus povos. A hydrographia d'estes paizes é muito mesquinha, e exceptuando o caudaloso Cubango, que tendo o seu manancial nas serras de Galangue com o seu curso volumoso do O. a SE percorre em parte estes paizes aridos, e no paiz de Indirico, unindo-se ao rio Cuito, e assim engrossando, entrega as suas aguas ao Riambege, nos paizes das Mococotas, nenhum outro rio digno de mencionar-se tenho encontrado.

Muito rico e variado se apresenta ao contrario o reino mineral em muitas qualidades de metaes, principalmente prata, cobre e estanho.

No mez de Outubro do anno passado de 1853 vieram-me achar em Quanhama tres portadores, naturaes de Hai Donga, paiz situado a SSE. de Quanhama, dizendo-me: que lá appareceram tres brancos, dois montados em cavallos, e um em boi, vindos do Sul, pelo paiz dos Mucimbas. Apesar de lá haver um pombeiro que fallava Portuguez, comtudo não os podia entender, só chegou a saber d'elles que eram Inglezes, o que condizia com a descripção que os naturaes me deram d'elles; olhos azues, cabello e barba ruivas: diziam elles. Ao saber isto, tratei de avisar os ditos brancos que me esperassem, ou viessem ter comigo para nos entendermos, pois a distancia que nos separava era só de tres dias; porém, com grande pezar, soube que n'esse intervallo tinham abalado, porque os naturaes tencionavam de os assassinar, pelo motivo de não quererem comprar marfim, e por terem ido visitar sem a licença d'elles as minas de prata e cobre que possuem com o nome Cimana Holomunda. Passados alguns dias soube de Aimberi, que os ditos brancos que vinham do Sul, pertenciam a uma grande comitiva de outros brancos, quasi todos montados em cavallos, os quaes armados invadiram o paiz dos Mucimbas e Mugangelas, tirando aos primeiros parte das suas minas, e aos ultimos muito gado vacum, tendo tido previamente com o dito gentio muitos conflictos em que estes ultimos succumbiram, e muitos espavoridos vieram buscar asylo em Quanhama. Indaguei dos refugiados em que distancia ficaria o logar em que tiveram o encontro com os brancos, e soube que a 9 ou 10 dias de distancia de marcha regular para o Sul, pelo que supponho ficar este logar entre 25 e 26 graus Lat. S.; e supponho serem os mencionados tres brancos viajantes curiosos, que vinham em descoberta d'estes paizes tão abundantes em ricas minas de differentes metaes. Resta saber se a dita expedição armada sairia da Colonia do Cabo da Boa Esperança, ou de Algoa Bay, (Bahia de Lourenço Marques), por ordem d'algum Governo, ou meramente composta de aventureiros que ao engodo de abundante rapina em gado por sua conta e risco percorriam estas vastas comarcas.

Na volta aos Gambos fui tratado com a mais cordeal hospitalidade pelo Ill.^mo Sr. Regente Francisco Godinho Cabral de Mello, o qual me fez ver quanto o Governo de Sua Magestade se interessa no descobrimento do interior de Africa, e quanto tem em alta consideração de effeitua-lo por todos os meios possiveis. O respeito e gratidão me obrigam a dizer alguma cousa a respeito da grande capacidade e aptidão d'este digno Official. Delegado pelo Governo Geral para a regencia d'este sertão, onde ha pouco tempo o gentio ainda era selvagem e intratavel, pois elle sem recurso quasi nenhum de força que o appoiasse no exercicio da sua auctoridade, só com as suas maneiras brandas e affaveis no tratamento, soube levar este gentio a tal ponto de docilidade, incutindo-lhe ao mesmo tempo respeito para com o Governo de Sua Magestade, que agora o gentio dos Gambos é inteiramente domesticado, o que serve de grande vantagem, pois o commercio aqui gira livre e sem comstrangimentos alguns, as vidas e bens dos feirantes estão em completa segurança; tudo isto é devido ao grande zêlo e actividade do Ill.^mo Sr. Francisco Godinho Cabral de Mello.

Tenho exposto em um curto detalhe o que julguei conveniente para intelligencia dos illustrados; e logo que ao Governo de Sua Magestade approuver encarregar-me da redacção das minhas viagens, onde fiz novas descobertas, com grande gosto o farei por extenso, subdividindo em geographia, physica, politica e estatistica, e tendo feito as minhas no-

tas astronomicas dos logares descubertos, terei cuidado de formar um novo mappa geographico do hemisferio do sul de Africa, pois vejo que os mappas mais modernos dos geographos mais acreditados, como Balbi, Malte-Brun, Stein, etc. pollulam de erros. Reinos extensos e bem povoados são totalmente ignorados; outros com nomes trocados ou suppostos; direcção e posição astronomica falsa; não fallo do systema hydrographico que é totalmente ignorado, sendo este aliás o principal vehiculo das descobertas da civilisação e prosperidade. Grandes e caudalosos rios, aptos para a navegação se ramificam em differentes direcções n'este vasto continente, e pela maior parte d'elles o gentio communica entre si por centenares de leguas, segundo o farei ver na minha relação. Indicarei ao Governo de Sua Magestade a direcção mais vantajosa, tanto para as sciencias como para o commercio, que deve seguir o viajante que atravessar o continente Africano como a mais segura, pois grande parte d'estas longitudes foram já trilhadas por mim com o desejo de contribuir quanto me fosse possivel para o bem das sciencias, o qual desejo o Governo de Sua Magestade tanto leva em consideração de effeituar o mais efficazmente possivel para bem da humanidade e gloria da Nação Portugueza.

Deus Guarde a V. S.ª, Gambos, 21 de Março de 1853. = Ill.mo Sr. Governador do Districto de Benguella. = Assignado, *Ladislau Amerigo Magyar*.

NOTICIAS DIVERSAS.

Do Boletim do Governo da Provincia de Moçambique n.º 11, de 17 de Março de 1855.

As difficuldades que por muito tempo foram tidas como invenciveis em fazer caminho através dos sertões que separam a parte oriental da Africa da parte occidental, pela segunda vez acabam de ser vencidas por alguns Mouros, que saindo da costa de Zanzibar a commerciar para o interior, se acharam, depois d'alguns mezes, para a parte occidental de Cazembe, e na esperança de melhor commercio, se foram adiantando, e faltando-lhes já fazendas para commerciarem, se foram dirigindo para Catamba, onde lhes diziam pode-las haver em troca do muito marfim e algum oiro que já possuiam. Em Catamba foram encontrar um negociante de Benguella, e resolvidos por este a acompanharem-n'o chegaram áquella cidade, depois de tantos mezes de caminho, não dando noticia aterradora, antes as mais favoraveis para o commercio. Fizeram caminho pelas seguintes terras — Balamoio, Terras de Giroaso, do Cuto, Segoxa, Coyo, Toagana, Morungo, Cazembe, Catanga, Cahava, Macacoma, Cobita, Banda, Quanza, Bilhé e Benguella; algumas d'estas terras são muito povoadas, e n'ellas ha abundancia de mantimento e marfim: entre Cahava e as povoações de Cabita corre o rio Leambeje, que póde acreditar-se ser o Zambeze que deságua em Quilimane.

De volta para esta costa afastaram-se do primeiro itinerario, e as principaes terras e povoações de que dão noticia são as seguintes: Chamopa, Mastangona, Camimbe, Macungo, Passitubalumbe, Pachabora, Caiomba, Pamumba, Utumbuca, Bamba, Culima, Naaca-pumunabambi, Nhaca-pacafurmera, Jana-pamudicula, Janapamugambo. Em todas estas povoações ha abundancia de mantimentos, boas aguas e muito gado; passaram alguns rios, sendo o principal o Wumearque, que tem para mais de cem braças de largura e muita profundidade, e para o passarem tiveram que construir uma jangada. Sairam de Benguella em 7 de Junho de 1853, e chegaram a esta cidade (Moçambique) em 12 de Novembro de 1854.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE.

RESTABELECIMENTO DA FEIRA DE MANICA E QUITEVE.

Extracto de um officio do Governador Geral de Moçambique, datado no 1.º de Abril de 1854.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — Tenho a satisfação de levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que á Villa de Sena, no Districto de Quelimane, acabam de chegar mensageiros dos Reis de Manica e Quiteve com um Principe de sangue, parente do primeiro, pedindo que os Mozungos (brancos portuguezes) se vão estabelecer nas suas terras; e solicitando ao mesmo tempo a nomeação de um Capitão-mór, para julgar e decidir as suas questões, como acontecia antigamente quando tivemos estabelecimentos no Zumbo, no Quiteve e na Manica.

Apenas tive noticia d'este acontecimento immediatamente nomeei Capitão-mór o Coronel de Milicias Izidoro Correia Pereira, homem de muita influencia e sympathias nos sertões dos Rios de Sena, com a obrigação de partir para o interior na companhia do Principe negro e sua comitiva, e fazer um relatorio a este Governo, sobre maneira como nos havemos estabelecer com solidez n'aquellas longinquas paragens.

As continuas guerras, a que os Cafres se entregam continuadamente, e que mostram a quem os observa de perto, que o estado natural do homem negro é a guerra, o roubo e o direito do mais forte, levou-lhes a convicção que o estabelecimento dos Portuguezes entre si é um elemento de ordem, de paz, commodidades e gosos commerciaes; e é este o motivo por que elles de tempos a tempos se nos vem lançar aos braços: mas este governo por mais de uma vez tem deixado perder a occasião de se estabelecer, com força e vantagens, no reino de Quiteve e da Manica, no melhor clima, no centro do commercio e das minas de oiro.

O estabelecimento dos Portuguezes no reino da Manica e do Quiteve é uma necessidade, logo que ali nos possamos estabelecer definitivamente e em força; para o futuro esta Provincia (e talvez ainda nos nossos dias) deverá ser uma nova California e Australia, em consequencia das muitas minas de oiro que possue: a historia dos Rios de Sena, todas as informações officiaes e particulares, e o oiro, que ainda hoje os Cafres extrahem da terra (á superficie) e que vem para esta Capital, levam a acreditar o exposto. Colonos, soldados e alguns homens da sciencia é o que se pede ao Governo, e nada mais [1].

Officio das auctoridades da Villa de Sena ao Governador do Districto de Quelimane.

Ill.^mo Sr. = Apressâmo-nos de levar ao conhecimento de V. S.ª, que dará a consideração que os interesses do Estado e do commercio o insinuarem, que tendo feito diligencias com o Sr. Governador, antecessor de V. S.ª, para que interpondo a sua auctoridade fizesse-nos restituir o marfim, que tres Regulos visinhos tinham roubado ou represado, que do sertão *Changue* vinha comprado pelos nossos mercadores, tratou sómente do roubo feito pelo *Macombe Rei de Barui*, com fundamento de que, tendo remettido alguns dentes de marfim ao Major Antonio Maria de Sá Magalhães, quando commandava este Districto, não satisfizera a sua total importancia, e sem esperar a ultimação d'este negocio se retirou para Quelimane, deixando no esquecimento os outros dois Regulos, que são o Rei de Manica e o Macone. O prejuizo que soffriamos era maior; o Governo, tornando-se indifferente áquelle

[1] Havendo sido communicado na Villa de Sena, aos Principes de Manica e do Quiteve, que o Coronel de milicias Izidoro Correia Pereira havia sido nomeado Capitão-mór de Manica, elles mostraram-se muito satisfeitos, e regressaram para as suas terras, devendo voltar áquella Villa no mez de Agosto de 1854, para acompanhar o mesmo Capitão-mór na sua viagem para Manica.

violento roubo, feito ás propriedades portuguezas, não deixára esperanças, para sermos indemnisados; n'estas circumstancias tratámos de applicar todos os esforços possiveis a ver se podiamos alcançar, e com conhecimento do commandante da Villa, dirigimos portadores, vencendo todas as difficuldades, ao Rei de Manica, para saber do motivo que teve para perpetrar aquelle roubo, insinuando aos portadores, que, no ultimo desengano, lhe declarassem, que o Governo de Sua Magestade a Rainha tinha forças bastantes para, reprimindo taes violencias, exigir os roubos.

É para admirar, que foram bem agasalhados os portadores (signal de amisade); a mensagem bem recebida; as propostas para restituição do marfim, ouvidas com agrado, apresentado o marfim aos portadores para se certificarem, que existia tal e qual como fôra apresado, allegando que o motivo unicamente fôra, para fazer recordar aos Mozungos (senhores) das antigas relações de amizade, digo de commercio, que existiam, e de que ha muitos annos tinham sido esquecidos, e que se não fôra aquelle procedimento, os Mossungas jámais se lembrariam d'ellas, como agora acontece; e immediatamente nomeou um Principe da sua familia, e alguns empregados maiores para acompanhar os nossos portadores, para assegurar, que deseja com a maior brevidade o Capitão-maior, e o restabelecimento da antiga Feira, a quem está prompto a dar todas as garantias antigas; pede que mande os carregadores para conduzir o marfim represado, e o Principe está resolvido a não sair d'esta Villa senão em companhia do Capitão-mór. Ao passo que tratámos de enviar portadores ao Rei de Manica, lembrámos de mandar tambem aviso ao Rei de *Quiteve Memane;* e exigindo que pela sua influencia e prestigio, que gosa em os seus visinhos, e sendo elle alliado do Estado, interviesse n'este negocio, caso que o Rei de Manica o negasse; felizmente porém, não sendo necessaria a interferencia, mandar tambem seus portadores para assegurar que sempre estará prompto para auxiliar o commercio portuguez no interior do sertão. Tanto os enviados de Manica, como do Quiteve, em numero de trinta pessoas, estamos mantendo n'esta Villa, apesar de flagellantes circumstancias da fome. O restabelecimento da antiga Feira de Manica, que com quanto fosse recommendado pelo Governo da Metropole, foi sempre desejado pelo Governo Geral da Provincia, seguros do seu importante commercio; o Sr. Marquez de Aracaty de saudosa memoria, pretendendo aquelle restabelecimento, a morte lhe privou de o encaminhar; o que vendo o Conselho do Governo, que lhe succedeu, deu o impulso, remettendo sessenta fumbas de fazendas, para exclusivamente empregar nas despezas, para o mesmo restabelecimento: o resultado não correspondeu áquelle desejo, talvez por novas circumstancias sobrevindas, que não permittissem detratar d'aquelle negocio; todos os senhores Governadores têem desejado a ultimação de similhante negocio, e cousa alguma alcançaram; agora, porém, da nossa necessidade vem derivar aquelle restabelecimento tantos annos desejado, que póde realisa-lo querendo o Governo, porque todos os embaraços estão cortados pelos nossos esforços, e despezas que temos feito; a V. S.ª pertence decidir e providenciar, como julgar conveniente, e mais interessante ao Estado e ao commercio em geral, devendo insinuar-nos como devemos responder ao Principe, que está resolvido a não sair d'este Districto, sem levar na sua companhia o Capitão-mór e mercadores, quando queiram ir commerciar.

Deus Guarde a V. S.ª, Sena, 28 de Janeiro de 1854. = Ill.^{mo} Sr. Jeronimo Romero, Governador de Quelimane e Rios de Sena. = Anselmo Henriques Ferrão, Brigadeiro da segunda Linha, Joaquim de Sant'Anna Garcias de Miranda. = Está conforme, Frederico José Francisco, Capitão.

(A redacção julga util publicar por esta occasião a seguinte viagem inedita.)

RELAÇÃO DA VIAGEM FEITA PELAS TERRAS DA MANICA POR MANUEL GALVÃO DA SILVA EM 1788.

Não foi senão pelo meiado de Agosto de 1788 que pude emprehender a viagem da Manica; posto que com este designio me achasse na Villa de Sena havia dois mezes, embaraçado por uma parte pela invernada, que fazia o tempo improprio para uma viagem tão longa, e em cuja passagem se encontram muitos rios caudalosos; impossibilitado por outra parte pelo ataque de um pleuriz bastardo, que me sobreveiu no principio de Julho, e do qual não suppuz escapar. Porém, logo que mudou a estação, e fui cobrando algumas forças, mal convalescido ainda, ajuntei Cafres para o meu transporte, e no dia 19 de Agosto me puz a caminho para a terra chamada Santa, prazo da Corôa, onde cheguei ao quarto dia de viagem, e me demorei nove, em quanto ajuntava novos Cafres para supprirem o logar dos que para ali me tinham transportado de Sena.

Posto de uma vez a caminho no primeiro

de Setembro, passei a terra Sungue, tambem prazo da Corôa, e fui ao quarto dia dormir d'ali perto á borda do rio Muázi, nas terras do Barui [1]. Na manhã do dia seguinte fui caminhando sem embaraço algum até ás duas horas da tarde, que me appareceram dois Cafres manamucates (enviados) do Macombe, principe que governa o reino do Barui, o qual ainda que fica muito desviado da estrada, tendo noticia de que eu passava pelas suas terras, os tinha mandado ali pôr, para me pedirem algum fato, como é costume usarem com todos os viajantes. Não houve mais remedio que contentar os manamucates, fazendo ao Principe e a elles o seu presente, pâra me deixarem livre o passo, que continuei por mais tres horas, e fui pássar ao norte ao pé de uma ribeira distante uma legua do rio Xitora. No dia 6 de Setembro tendo-me levantado muito cedo, fui passar ás onze horas da manhã o Inhazonha, rio que, pela sua grande corrente, e muitas pedras que tem o seu leito, se não póde vadear ainda no verão sem summa difficuldade. Logo adiante uma legua appareceram outros manamucates, que fizeram com que os meus Cafres pozessem as cargas no chão, e esperassem pelo Mambo (Principe) d'aquelle logar, que pretendia fallar-me [2]. Emfim, depois de mais de uma hora de espera, appareceu o negro acompanhado da sua comitiva, e em seguimento de uma longa pratica, concluiu pedindo-me de vestir. Foi preciso ceder á sua importunação, e quando imaginava poder seguir a minha viagem, vi-me novamente importunado por elle para ir passar o restante do dia e aquella noite na sua povoação, onde, dizia elle, queria mostrar-me o seu bom coração. Como vi os Cafres que me acompanhavam inclinados a seguirem a vontade do Mambo, temeroso de alguma desordem a rejeitar a offerta que se me fazia, e que com effeito não poderia passar adiante sem algum enfado, tomei o partido de ir-me hospedar em sua casa. Logo que ali cheguei, mandou repartir uma cabra e algum milho pelos meus Cafres, fazendo-me a mim toda a boa hospitalidade, que eu não me descuidei de pagar ao centuplo, tornando-o a vestir e á sua mucaranga (mulher grande). Pela manhã ao romper do dia, querendo despedir-me, veiu com taes arengas, que d'ellas me não pude desenvolver, senão dando-lhe ainda mais fato e missanga, o que nâô duvidei fazer, por ver-me de uma vez livre do tal negro, e poder alcançar d'elle o dar-me por guia do caminho um seu irmão para conduzir-me aos limites da Manica, e d'este modo livrar-me de tornar a encontrar algum outro embaraço. Com effeito, acompanhado d'este manamucate, fui até o rio Aruângua, que divide os Estados do Barui d'aquelles da Manica, sem impedimento algum.

Da outra parte do Aruângua, á entrada do reino da Manica, está uma commandancia portugueza, da qual o unico commandante fórma hoje toda a sua guarnição, ainda que mostra ser em outro tempo mais bem defendido aquelle passo; porque existem ainda ali duas peças de calibre dois, montadas sobre umas forquilhas, e um d'estes pedreiros de recamara separada.

Tendo descansado n'este logar um dia, parti no outro para a Feira de Manica, e parte do caminho a pé, parte mettido na manchilla, fui observando o que ia occorrendo pelos logares por onde passava, sem acontecimento memoravel, á excepção dos alaridos e vozearias de milhares de negros, que evacuando as povoações corriam muitos d'elles em meu seguimento, mais de uma legua, para lhes dar alguma missanga. Sobre a tarde fui ficar ao pé de uma ribeira chamada Mavuzi, querendo antes soffrer uma noite de rigoroso frio exposto ao sereno, do que as importunações dos Cafres de uma povoação visinha; e ao outro dia pelas tres horas da tarde cheguei á Feira.

A Feira da Manica, isto é, o logar onde os Portuguezes assistem, terá pouco mais ou menos duas milhas de circumferencia: dois rios, o Revui e o Mucuromazi, e alguns riachos formam os seus limites: um presidio de quinze homens patricios, com um capitão e um alferes portuguezes, fórma presentemente toda a guarnição da Feira. A fortaleza com a qual se não deixa de fazer certa despeza annual nos seus concertos, e que não tem obra alguma interior ou exterior de fortificação por que mereça este nome, é um quadrado feito de pedra e barro, cujos muros são cobertos de palha; mas que os invernos os desfazem em parte, e é preciso sempre renova-los: sem uma só peça de artilharia, sem canhoeiras, e sem ao menos uma seteira d'onde se possa disparar um arcabuz, conserva apenas

[1] O reino do Barui, que cerca todas as terras de Sena para a banda de Tete, é separado d'ellas pela terra Sungue, e confina com ellas pelo interior da Tambara, Tipui e Maçangano, Prasos da Corôa, que principiam á borda do Zambeze, e vão acabar muitas leguas. É separado o Barui de Tete, ou da parte dos Estados do Monomotapa, pelo Aruenha, rio que corta o Zambeze, e divide as terras de Tete do continente de Sena; e é separado do reino da Manica por aquella parte da Feira, pelo rio Aruângua.

[2] Ainda que no Barui, como em todos os Estados dos Cafres d'esta parte da Africa, haja um em quem reside o summo poder, não deixa comtudo de haver quantidade de pequenos Principes, que todos tomam o nome de Mambos, e governam as suas terras; e são ou filhos ou parentes do Rei.

a um canto um mastro, que serve para n'elle se arvorar a nossa bandeira. A unica serventia d'este muro, se alguma tem, é servir de recinto a uma pequena igreja, construida tambem de pedra e barro, e coberta de palha, que serve de Freguezia com o titulo de Nossa Senhora do Rosario: Ainda que esta é hoje a fortificação dos Portuguezes na Manica, vêem-se comtudo não muito longe da Feira, e em situação mais commoda, as ruinas de duas fortalezas regularmente construidas, trabalho dos seus primeiros conquistadores.

Com effeito, tendo em outro tempo os Portuguezes atravessado pela banda de Sofalla todo o reino de Quiteve, e descoberto a Manica, foram-se fortificando, ao mesmo passo que iam dilatando e estendendo as suas conquistas até á serra da Abutua, para se conservarem com algum respeito, que vieram a perder pelas desordens de um Commandante da Manica, por ter açoitado, como dizem, por duas vezes a um filho do Changamira [1], o que moveu este Principe a assolar tudo com guerra, e a expulsar-nos por uma vez d'aquellas partes, conquistando e fazendo-se senhor de terras que lhe não pertenciam.

É d'este tempo que o Changamira, mais cuidadoso da conservação dos seus Estados e das suas novas conquistas, poz um Mambo que conserva o nome de Chicanga, para governar o reino da Manica, e vigiar sobre as suas revoluções.

Expulsos de uma vez os Portuguezes, fechadas todas as minas, principalmente as da Abutua, das quaes se tiravam os maiores interesses, vimo-nos obrigados a recorrer ao Changamira, que nos concedeu na Manica uma porção de terreno para fazermos Feira, e continuarmos o commercio, com a condição de um birzo [2], tributo que annualmente se paga, e é tirado dos soldos do Capitão-mór, e repartido entre o Chicanga, os Principes da Manica e o Changamira: além d'esta pensão annual, paga ao Chicanga uma peça de cotonia, que ali vale vinte cruzados de oiro, cada um dos Moçambazes, isto é, dos nossos Cafres, que se distribuem por todo o reino da Manica a commutar as fazendas, não fallando no que são obrigados a pagar aos Regulos ou Principes, em cujas terras fazem o commercio.

Ainda que o logar da Feira nos fosse concedido pelo Changamira para ali vivermos como senhores d'aquelle terreno, tem-se comtudo ido de dia em dia perdendo esta posse, de sorte que hoje tem ali o Chicanga posto uma das suas mulheres, que vive perto da Feira, e se diz Princeza d'ella, e cobra por isso uma peça de fato, que, sendo ao principio pequena, é hoje grande, e vem a formar um novo tributo, que é obrigada a pagar toda a pessoa que entra na Feira, a qualquer negocio que seja.

Com estas e mil outras sujeições, não deixam de ali ir ou mandar seus caixeiros os moradores de Sena, introduzindo, não só na Feira, e por todo o reino da Manica, mas pelos do Quiteve e Barui, as fazendas que têem consummo n'aquelles paizes. Consiste o nosso negocio em algum velorio branco e azul em pouca quantidade, em calaim ou estanho, em as manchillas, que são tecidas nos Rios de Sena, e em todas as teias de algodão, brancas e pintadas, que correm nas mais partes d'esta Africa oriental; porém os zuartes, e principalmente os dotins que são peças mais largas, e do comprimento de oito braças, tem maior extracção por todas as terras da Manica, onde os Cafres, costumados a ver mais abundancia de fato, a julgar melhor da sua qualidade, e que o podem haver por mil modos differentes, são os senhores da escolha, não succedendo assim para o Quiteve, e terras do Embixe, pertencentes ao Barui, onde corre toda a especie de teias, avançando o seu valor em rasão da distancia d'estes logares ao duplo do da Feira. O que tirâmos em troca dos nossos generos é oiro, algum marfim, algumas enchadas, que são de uma boa tempera, e mais estimadas do que as dos Maraves, que se tiram por Tete, e do que as que trazem os Mujaos a Moçambique, e algum cobre que vem de Duma, distante da Feira por seis dias de caminho.

Logo que cheguei á Feira da Manica principiei a examinar os marondos; assim se chamam as aberturas que fazem os Cafres para tirarem o oiro quando as minas vão profundas: estas aberturas, que elles fazem perpendiculares e rasgam em redondo uma braça, e quando muito duas de diametro, fórma o seu maior trabalho, do qual, não obstante tirarem bastante utilidade, se desgostam logo pela difficuldade de levarem a maior parte do dia em esgotarem a agua sem bombas, que reveem ás minas (abertas de ordinario junto aos rios) até ficarem em estado de serem trabalhadas. Como as negras são as que mais se occupam

[1] Como entre os Cafres os filhos e os vassallos do rei se confundem com o mesmo nome de filhos, não se póde saber a qual classe pertencia o Cafre que foi açoitado.

[2] Este birzo é pago em fato, algum velorio, e alguma bebida. O Capitão-mór, quando o paga, manda fazer um termo em presença dos Cafres, para no anno seguinte não pedirem de mais, e elles da sua parte não se descuidam de entregar á memoria o que lhes é devido, ainda que sempre movem duvidas sobre a bondade das peças de fato.

n'este trabalho, rarissimas vezes profundam as minas, e se contentam de buscarem o oiro á superficie da terra, e pelas margens dos rios, principalmente quando estes trasbordam, depois de grandes chuvas que lhes tenham trazido o oiro que encontram pelos logares mais altos, e pelos montes visinhos. É n'estas inundações, a que os Cafres chamam mafussureiras, que se tira sempre dobrado oiro do que se costuma tirar nos annos em que não ha cheias.

Depois de ter examinado todas as minas que ficam visinhas á Feira, e ter recolhido as suas amostras, apromptei Cafres para me levarem á terra de um Regulo chamado Manáca, onde se tira um oiro que os Maniqueiros chamam muçonso, e os nossos mercadores oiro branco, que é extrahido de uma mina de quartzo branco. Com effeito, tendo chegado ao logar, e pretendendo ir observar a mina, encontrei mil obstaculos da parte do Regulo, até embaraçar-me por fim, ainda que por bons modos, o fazer d'ali caminho para outras terras de minas; e d'este modo vi-me obrigado a recolher-me á Feira, depois de alguns dias de inuteis tentativas, tendo comtudo recolhido ás furtadellas alguns pedaços da mesma mina, que por acaso achei ao pé da casa onde morava, que ali os tinham posto para serem moídos e lavados.

D'esta viagem veiu a acontécer que informado o Chicanga, não só de todas as observações que fizera logo que entrei na Manica, mas ainda das que fizera por Tete, e pelas terras dos Maraves, armou-me o grande milandó (crime)[1] pelo qual fui condemnado, a bom salvamento, em cem peças grandes de fato, que valem ali quatro pastas de oiro corrente da Feira, que vem a importar tres pastas e vinte meticaes, dando por motivo que lhe ía espiar as suas terras para lhe levar guerra, e que queria enfeitiçar-lhe as minas para desapparecer o oiro[1], armado de um instrumento (era uma marreta) de que se não usava n'aquelles paizes, e do qual em sua vida elle jámais tivera noticia. No caso, porém (mandava dizer o Chicanga) que o Capitão-mór não quizesse estar por aquillo, faria tocar na Feira o tambor de guerra, para d'ella saírem todos os Mozungos, e que eu seria conduzido pelos seus Biugas (soldados) até ao Aruângua, onde, como disse ao principio, confina o reino da Manica com o de Barui.

Eu tivera saído da Feira com similhante noticia senão víra, que a minha retirada ás escondidas daria causa a um novo milando; e que satisfeito o Chicanga com o fato, tinha deixado de me importunar. D'este modo vi-me obrigado a viver mettido na minha palhoça, e a dar menos passeios pelos arredores da Feira, onde parece haver grande abundancia de oiro, que, á imitação das nossas minas do Brazil, nasce entre a piçarra e o cascalho, como dizem os mineiros, mas que os Cafres não procuram, contentes com o que apparece á superficie da terra.

Passado algum tempo, e posto tudo em quietação, tendo ajuntado, como pude as amostras de muitas minas de oiro, e varias outras, parti para Sena, em companhia do Capitão-mór, que se recolhia doente, e tomando um caminho differente d'aquelle por onde tinha entrado na Manica, muito mais comprido, porém todo por planicies, viemos fazendo a nossa jornada sem novidade alguma até o terceiro dia, que de repente nos vimos envolvidos em uma guerra, por terem os nossos Cafres aprisionado um Maniqueiro que tinha saído de uma povoação visinha, á estrada, ao encontro de um rancho de negras, que vinham adiante

[1] Qualquer crime que se imputa a uma pessoa, ou qualquer demanda que corre, chama-se Milando; a julgação da causa se diz Tongar, e a condemnação do que perde a causa se chama Chibinga.

É d'estes Milandos que se vêem acossados os portuguezes, servindo a cousa mais indifferente de pretexto aos Cafres para nos vexarem e roubarem. Seria um milagre entrar alguem nas terras dos Cafres, e d'ellas saír sem passar por algum milando, sendo o artificio de que se valem para os seus roubos. Entre alguns milandos ridiculos de que fui expectador, alguns dos quaes por decencia devo calar, vi armar este a um Cafre cozinheiro do Capitão-mór, e pelo qual pagou uma chibinga de algumas peças de fato. Este cozinheiro, que já ali tinha estado de outra vez, era Chamuar (amigo) de um Maniqueiro, o qual vindo a visita-lo um dia trouxe comsigo uma sua filha, para a qual olhando o cozinheiro lhe perguntou se era sua filha aquella creança tão parecida a uma sua que lhe morrêra. Isto bastou para lhe dizer o Maniqueiro: Esta mesma é a tua filha, eu fui o feiticeiro que a matou, e como ella resuscitou, toma conta d'ella para lhe dares de comer e vestir. Foi emfim condemnado o cozinheiro, por ter comparado uma pessoa viva com uma morta, conforme ouvi dizer á negra Princeza da Feira, por quem foi julgado o milando em casa do Capitão-mór. Não devo passar em silencio que o Capitão-mór tonga ou julga os milandos, que contra nós ou os nossos Cafres põem os Maniqueiros; e a tal Princeza e o Chicanga os dos Maniqueiros postos por nós; mas de nada servem as julgações do Capitão-mór se não agradam aos Cafres; porque recorrem ao Chicanga que julga como bem lhe parece, e com o direito da maior força.

[1] O maior crime que ha entre os Cafres é o de ser feiticeiro; todo o mal que lhes acontece procede de feitiços; uma doença, a morte, e qualquer acaso, nada é natural: a um apparece um tigre, a outro lhe sobrevem uma molestia, a outro finalmente lhe morreu a mulher; todos consultam o Ganga (adivinho): aquelle para saber quem lhe mandou aquelle tigre; este para se informar de quem lhe matou a mulher, e miseravel d'aquelle em quem o Ganga poz a bôca, que depois de lhe darem uma bebida venenosa, que é o seu juramento, se fica atordoado o queimam vivo.

com algumas cargas, e tinha a uma d'ellas roubado uma manchilla.

Dos gritos que deu o Cafre se amotinou toda a povoação, e pegou em os arcos e as machadinhas de que usam; e não querendo o maioral d'ella accommodar-se por fórma alguma sempre gritando milando, nem ceder ao que lhe dizia o Capitão-Mór, de vir para a Aruângua, que ficava perto, para ali se julgar do succedido, querendo, com o embaraço que nos punha para não passarmos adiante, aproveitar-se da noite que se avisinhava para nos roubarem, foi preciso usarmos da força com os Cafres para nos darem passagem; sendo de notar que não passando os Maniqueiros de 30 até 35, logo que principiaram ás frechadas, pozeram em fugida a mais de 400 Cafres da comitiva do Capitão-Mór [1]; ficando apenas firmes tres meus e outros tantos do dito Capitão-Mór. Comtudo, ajudados das espingardas que traziamos, ficaram tres d'elles mortos e um ferido, e da nossa parte só um Cafre com duas frechadas de pouca consequencia [1]. Pacificados os negros, vendo que não tiravam as melhores, e por se lhes terem acabado as frechas, ajuntámos a nossa gente e continuámos a jornada para a Aruângua, onde passámos toda aquella noite com cuidado não viessem os Cafres dar-nos alguma guerra e queimar-nos as palhoças; e d'ali, depois de dois dias, passámos ao Barui e viemos com todo o socego á Villa de Sena, aonde chegámos aos 14 de Novembro de 1788 [2].

[1] Ainda que os Maniqueiros não são tão valentes como os Cafres do Quiteve e do Bárui, comtudo a seu respeito os nossos Cafres são fraquissimos, principalmente os Butongas ou Cafres forros, que habitam nas terras da Corôa, e era de quasi toda esta gente que se compunha a comitiva do Capitão-Mór.

[1] Os Maniqueiros não têem costume de envenenarem as frechas, como fazem os do Barui e os do Quiteve; por isso as suas frechadas não são de perigo, a não offenderem alguma parte principal da vida.

[2] Foi este o unico caso em que não houve milando, porque o Chicanga era inimigo, e desejava castigar o Principe, em cuja povoação se levantou a guerra.

GAMBOS.

CALCULO FEITO Á TERRA DOS GAMBOS, PELO QUAL SE VERÃO OS LOGARES DE QUE É COMPOSTA, HABITANTES, GADOS, ETC.

Logares	Fogos	Indigenas	Brancos	Gado vaccum	Gado cabrum	Gado lanigero	Observações
Macungongo........	45	675		1:350	25	11	
Munhande.........	35	525		1:050	10		
Chela.............	30	450		900			
Caingongo.........	60	900		1:800	100	80	
Guerengue.........	100	1:500		3:000	500	250	
Guari............	50	750		1:500	80	95	
Chiquenguer.......	40	600		1:200			
Guébe............	35	525		1:050			
Nhamsala.........	20	300		600			
Muheque..........	36	540		1:080	50		
Chihange.........	42	630		1:260	90	100	
Chirombo..........	50	750		1:500	100		
Nongoe...........	50	750	2	1:500	150	50	
Pócóllo..........	200	3:000		6:000	300	1:200	
Jômbi............	150	2:250		4:500	50	300	
Hacahona.........	50	750		1:500	150	1:000	
Noncônco.........	52	780		1:560	300		
Biheque..........	43	645		1:290			
Chirunga.........	45	675		1:350			
Palanga..........	42	630		1:260			
Tunda............	38	570		1:140			
Chincômbo........	41	615		1:230			
Somma......	1:254	18:810	2	37:620	1:905	3:086	

Logares	Fogos	Indigenas	Brancos	Gado vaccum	Gado cabrum	Gado Lanigero	Observações
Transporte. . . .	1:254	18:810	2	37:620	1:905	3:086	
Gari-chibero.	50	750		1:500			
Chincondo.	42	630		1:260			
Cambo.	65	975		1:950			
Nambay	32	480		960	100	150	
Muntuámboa.	41	615		1:230	200	120	
Chiôatto	40	600		1:200			
Cabinde	30	450		900			
Buma	40	600		1:200			
Cáube.	72	1:080		2:160			
Côndo.	112	1:680		3:360	700	2:200	
Binguiro.	52	780		1:560	300	400	
Mulóla.	53	795		1:590	100	50	
Chiátena.	60	900		1:800	500	1:200	
Ginda.	35	525		1:050	100	70	
Canga.	100	1:500		3:000	1:400	2:500	
Macópe.	42	630		1:260	300	150	
Guébe.	30	450		900	200		
Camube.	25	375	1	750	100		
Chibéque.	44	660		1:320	200	100	
Nhóca.	57	755		1:710	300		
Mahuço.	45	675		1:350	100		
Chicóle.	42	630		1:260	350		
Muhanjaracata	100	1:500		3:000	800	300	Logar do iman.
Uyba.	45	675		1:350			
Panda.	40	600		1:200			
Lubéque	38	570		1:140	100		
Biryambundo	58	870		1:740	200	120	
Chiamaullo.	42	630		1:260	150		
Jamba.	33	495	4	990			
Mucuio-iónôna.	50	750		1:500			
Muholo.	25	375		750			
Các0.	70	1:050	4	2:100			Casa da mãe do Soba.
Balla.	49	735		1:470	120	50	Residencia do Soba.
Canna.	45	675		1:350	50		
Mipápa.	32	480		960	50		
Chire-mauê.	60	900		1:800			N'esta se acaba a 1.ª ord.
Muhanja	15	225		450			N'esta principia a 2.ª ord.
Háombe	12	180		360			
Cahunga.	11	165		330			
Quindo.	13	195		390	30		
Penbanda.	17	255		510			
Epa.	16	240		480			
Hehanga.	15	225		450			
Muquengues.	13	195		390			
Munhere-hunga	10	150		300			
Nautique.	18	270		540			
Manha.	18	270		540	70	35	Logar do iman
Hóndondo.	14	210		420			
Chibébe.	15	225		450			
Cábira.	15	225		450			
Chinua-Gollo	9	135		270			
Somma.	3:261	48:815	11	97:830	8:425	10:531	

Logares	Fogos	Indigenas	Brancos	Gado vaccum	Gado cabrum	Gado lanigero	Observações
Transporte....	3:261	48:815	11	97:830	8:425	10:531	
Chipéta...........	13	195		390			
Chibi.............	10	150		300			
Lupembe..........	17	255		510	100	300	
Mongobia..........	13	195		390			
Pánana............	16	240		480			
Chibembe..........	17	255		510			
Curica............	14	210		420			
Cumbe-iam-gongollo	13	195		390	50		
Munhande 2.º......	10	150		300			
Catunda...........	10	150		300	50		
Cánalla...........	12	180		260	300		
Namqueze..........	14	210		420			
Caxana............	18	270		540			
Hay-combo.........	17	255		510			
Cahole............	13	195		390	35		
Cabamgulle........	12	180		260			
Huri..............	14	210		420			
Mumbim............	10	150		300			
Capúzi............	9	135		270			
Chimbandoa........	11	165		330	30		
Mahôndoa..........	15	225		450			
Lutônga...........	16	240		480			
Pátunda...........	13	195		390			
Somma......	3:568	53:420	11	106:840	8:990	10:831	

Por este calculo se póde ver que o numero dos fogos é de 3:568; o de habitantes de 53:420; o de brancos de 11; o de gado vaccum de 106:840; o de gado cabrum de 8:990; e o de gado lanigero de 10:831. Quanto a estes dois ultimos, foram os que soffreram destruição pela guerra, ficando algumas terras sem nenhum.

As terras de primeira ordem se poderão ver, principiando Macungôngo até Chire-maué, tendo estas todas os seus respectivos chefes de nomeação do Soba, servindo esta especie de auctoridades de manterem em seus respectivos logares o socego publico; estes chefes tomam o nome das terras de que se acham encarregados antepondo-lhe apenas a palavra de Moené, bem como Moené-Chiheque, Moené-Luheque, Moené-Macungôngo, etc., etc. Quasi todos estes chefes das terras que se acham em primeira ordem, alem do poder governativo de seus logares, têem tambem o direito de expenderem suas reflexões sobre qualquer questão, até mesmo perante o Soba, onde algumas vezes prevalecem as suas opiniões áquellas do mesmo Soba, e por isso são chamados pelos habitantes — velhos da terra —, expressão esta que quer dizer sabios. Os que se acham em segunda ordem tomam os mesmos nomes que os primeiros; porém limitando-se o seu poder ao governo de seus respectivos logares.

Gambos, 25 de Setembro de 1853. = *Manuel Almeida Soares.*

N. B. *Esta noticia estatistica do territorio de* Gambos, *deve-se considerar como esclarecimento addiccional ao que d'este territorio se lê nas paginas* 206 *e* 239 *d'esta Parte dos Annaes.*

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

Damos em seguida tres relações com que continuâmos as noticias dos trabalhos do Dr. Welwitsch de que demos algumas noticias no n.° 7 (Agosto de 1854) pag. 73.

A primeira é uma relação de sementes de diversas plantas remettidas ao Jardim Botanico da Universidade de Coimbra, e é verdadeira continuação da outra similhante relação que ali publicámos.

A segunda é uma relação de plantas vivas da Flora Angolense remettidas ao Jardim Botanico da Universidade e a outros estabelecimentos horticolas.

A terceira finalmente, e não é ella a menos importante, é uma relação das collecções que até certo tempo havia já feito o Dr. Welwitsch em parte do territorio de Angola, e que por si basta para mostrar a diligencia e o saber d'aquelle habil explorador.

Em tempo competente havemos de continuar estas noticias.

RELAÇÃO DAS SEMENTES DE ARVORES, ARBUSTOS ETC. DA FLORA ANGOLENSE, QUE FORAM REMETTIDAS DE LOANDA, EM 9 DE SETEMBRO DE 1854, AO CONSELHO ULTRAMARINO PELO DR. FREDERICO WELWITSCH, COM O DESTINO DE SEREM ENVIADAS PARA O JARDIM BOTANICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

N.° 99 — *Maerua angolensis*.— Decandole. — *Capparidea* arborea, foliis glaucis, floribus ex albido-virescentibus. — Matollo. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.° 100 — *Caesalpinia pulcherrima*. — Sw. *var.* — (Poinsetia pulcherrima auct. mod.) *aurantiaca*. Stirps elegantissima. — Circa pagos indigen. frequenter culta ob virtutem medicatricem radicis et foliorum. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.° 101 — *Acacia spec.* (sensu Linneano.) — Arbor mediocris, ramosissima, valde frondosa et spinosa, floribus spicatopaniculatis flaviusculis. — In glareosis pr. Quicuxe. — Maio 1854. leg. Welw.

N.° 102 — *Bauhinia spec.* — Arbuscula valde ramosa, habitu et foliorum forma insolita hortis grata. (Ad stagna et in humidiusculis.) — Jul. 1854. leg. Welw.

N.° 103 — *Amomum spec.* (A. Afzelii Rosc.) — Ad flumina in umbrosis. Scitaminea spectabilis, floribus coccineis. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.° 104 — *Hibiscus spec.* — Floribus sulphureis, capsulis magnis vetustate belle purpurescentibus. Folia edulia. Inter mandiocae plantationes. Aug. 1854. leg. Welw.

N.° 105 — *Spondias tuberosa*.— Arbor frondosa, foliis pinnatis, fructu pruniformi eduli grate acidulo.

N.° 106 — *Elacis guineensis*. — Linn. (Palmeira de azeite.) In nemoribus ad flumina Dande et Bengo. — Palma elegantissima atque utilissima. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.° 107 — *Adansonia digitata*.— Florae totius Provinciae Angolensis decus et miraculum, incolis summae utilitatis. — Aug. 1854. leg. Welw.

N.° 108 — *Combretum spec.* — (Comb. Psidioides Welw. ad inter.) *Combretaceae*. Fam. *Combretacea*.— In dumetosis interioris Provinciae Angolensis, rarior arvis. Arbuscula elegans foliis maximis, habitu exacte *Psidiorum*. Quicuxe.— Jul. 1854. leg. Welw. *(N.B.* Flores nondum vidi.)

N.° 109 — *Ipomoea maritima*. R. Br. — In sabulosis ad Oceanum pr. *Samba grande* et in insula *Loanda* summum litoris decus. *Obs.* Sarmenta seu stolones saepe 30 usque 50 ped. long. — Maio 1854. leg. Welw.

N.° 110 — *Indigofera spec.* ♃ — Ob flores *cinnabarinos* per totum fere annum obvios stirps culturae dignissima. (In siccis rarior obvia pr. Loanda.) Morro das Lagostas. — Aug. 1854. leg. Welw.

N.° 111 — *Frutex amabilis, 2-4 pedalis.* — *Columnifera Endl.* Floribus ex albido roseis nutantibus. Stirps elegans culturae dignissima, nondum quoad *genus* a me examinata, forsan omnino nova; certe Sterculiaceis vel Bittneriaceis adnumeranda. In dumetis sic-

cis. Dande et Cacuaco. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.º 112 — *Brotera. (Obovata Cav.)*—Fruticulus 1-2½ ped. altit. foliis tomentosis. Ad lacos et paludes interioris rarior. Quicuxe. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.º 113 — *Combretum (nova spec.)* — Fam. *Combretaceae D. C.* — Frutex 5-6 ped. altit., sempervirens, floribus albidis spicato-paniculatis. In collinis dumetosis pr. Penedo. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.º 114 — *Gramen caespitosum.* — Fam. *Gramineae.*— Floribus belle violaceis nitidis, habitu *airae* ♃. In collinis herbidis pr. Cacuaco. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.º 115 — *Strychnos spec. (vid. nova).* — Fam. *Loganiaceae.* (Strychnos suberosa Welw. mspt.) Frutex 5-8 pedalis, cortice suberosa, fructu pomiforme eduli grate acidulo. In dumetis collin. pr. Loanda. — Maio 1854. leg. Welw.

N.º 116 — *Bixa Orellana* Linn. — In umbrosis humidiusculis interioris. — Inter Icolo et Golungo — 1854. Welw.

N.º 117 — *Cailliea nutans.* (Endl.) — Dichrostachis-Benth.—Acacia nutans auct. vet. — Frutex 5-8 pedalis; floribus bicoloribus elegantissimis, culturae dignissima.

N.B. Inter acacias stirps haec representat Fuchsias. Quicuxe. — 10 Aug. 1854. leg. Welw.

N.º 118 — *Ocymum spec.* — Suffrutex aromate gratissimo insignis. Boa Vista. — Cacuaco. — 10 Aug. 1854. leg. Welw.

N.º 119 — *Acanthaceae.* — Frutex 2 pedalis, glauco-pruinosus, floribus belle aurantiacis creberrimis. In dumetis pr. Morro das Lagostas. — Aug. 1854. leg. Welw.

N.º 120 — *Acanthacea.* — Frutex amabilis, 3-4 pedalis, foliosus, floribus caeruleis, calicibus spinoso-ciliatis. (Samba Grande.)—Aug. 1854. leg. Welw.

N.º 121 — *Arduina spec.* (e sect. carisae.) — Frutex pulcherrimus 6-15 pedalis, floribus creberrimis roseo-albidis suavissime fragrantibus; fructu eduli. Dumeta Loandensia. — Mart. 1854. leg. Welw.

N.º 122 — *Hyphaene spec. aff. Coriaceae Gartn.* — Palma elegantissima, trunco DICHOTOMO, foliis flabelliformibus in apice truncorum vel stipitum congestis tenacissimis. — Obs. A pelle de fóra tirei-a por causa dos insectos, que são avidos d'ella. Ad ostia flum. *Dande* fructific etc. flore legi Welw.

N.º 123 — *Aloës spec. arborescens.* — Aloë palmiformis, trunco 5-7 pedali, florum coccineorum panicula 4 usque 6 pedali et imo quondam altiore. (In collinis siccis petrosis gregaria.) Cacuaco. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.º 124 — *Solanum (dazyphyllum* Schum.) — Fructiculus fere sempervirens, baccis intense coccineis creberrimis, chartaceis, insignis. Ad rupes pr. *Samba grande.* in territor. Loandensi. — Apr. 1854. leg. Welw.

N.º 125 — *Cucurbitacea,* valde elegans, caule foliisque glaucis, fructub. baccatis glandiformibus operculatis, intense coccineis. Longe lateque scandens. In dumetis.—Feb. 1854. leg. Welw.

N.º 126 — ♄ *v. Jasminum spec. (Aff. J. Sambac.)* — Flores albi suavissime fragrantes. In agri Loandensis arboribus, Adansoniis etc. alte lateque scandens.—Feb. 1854. leg. Welw.

N.º 127 — *Dalechampia spec.*—Planta scandens, ex Euphorbiacearum familia; habitu, foliorum forma et crescendi modo exacte Ipomoeam vel convolvulum fingens, ad dumeta pr. S. Pedro. (Sporadica.) — Mart. 1854. leg. Welw.

N.º 128 — *Gynandropsis spec.* — Annua, 2-4 ped. alt. ramosa, foliolis 3-7, floribus lacteis. — *Decembro* et iterum Aprili florens. Herba Nigritis *edulis.* — Feb. 1854 pr. Loanda leg. Welw.

N.º 129 — *Solanum spec.* — Frutex 2-4 pedalis, sempervirens, foliis tomentosis, floribus speciosis violaceis. In collinis siccis. — Jul. 1854. leg. Welw.

N.º 130 — *Starchytapheta spec. Verbenaceae.* — Suffrutex 3-4 pedalis, floribus magnis albis speciosis. In humidis agri Loandensis rarior; e Novembre ad Februarium floribus ornata. — Feb. 1854. leg. Welw.

N.º 131 — *Ipomoea thunbergioides. Welw. ad inter.* (Fortan nov. genus). Convolvulacea elegantissima, late scandens, floribus aurantiacis, tubo intus violaceo-purpureo, quam Thunbergiae alatae duplo majoribus; per totum fere annum florens. In arvis et dumetis ad vias pr. Loanda.—Initio Mart. 1854. leg. Welw.

N.º 132 — *Phyllanthus spec.* — Frutex 6-7 pedalis, sempervirens, habitu Buxi, baccis caeruleo-nigris Nigritis edulibus, subdulcibus. Ad ripas flum. Bengo.—Maio 1854. leg. Welw.

N.º 133 — *Hippocratea spec.* Fam. *Hippocrateaceae.* (Confer Hippocr. paniculata Vahl.) — Frutex alte scandens, sempervirens, foliis coriaceis lucidis, floribus ex viridi flavis (ad Samba grande in Adansoniis scandens). Pauca semina legi. — Januar. 1854. Welw.

N.º 134 — (Flores needum vidi) *Rubiaceae.* — *Frutex habitu oleae,* sempervirens (baccis nigris pruinosis) 3-5 pedalis. In dumetis inter Quicuxe et Matollo, ast solummodo sporadice obvenit. — Jul. 1854. leg. Welw.

Secretaria do Conselho Ultramarino, em 27 de Janeiro de 1855. = *João de Roboredo*, Secretario.

RELAÇÃO DAS PLANTAS VIVAS ETC. DA FLORA ANGOLENSE, QUE FORAM REMETTIDAS DE LOANDA EM 21 DE AGOSTO DE 1854 AO CONSELHO ULTRAMARINO PELO DR. WELWITSCH COM O DESTINO DE SEREM ENVIADAS AO JARDIM BOTANICO DE COIMBRA, E A OUTROS ESTABELECIMENTOS HORTICOLAS DE LISBOA.

Observação.

Contém esta collecção a maior parte dos vegetaes caracteristicos da Flora Angolense desde o litoral até cinco ou seis leguas no interior, e julgo que quasi todas as especies poderão viver, depois de serem cultivadas por algum tempo com esmero, ao ar livre em Portugal; nem todas as plantas que mando actualmente chegarão em bom estado, mas os bulbos e algumas outras especies supportarão sem duvida a longa viagem.

A collecção principal é destinada para o Jardim Botanico de Coimbra, e para esse fim será bom tirar todas as plantas dos dois caixotes, quando estes chegarem a Lisboa, revistar os exemplares, e reunir em um caixote só o que deve ou póde ser mandado para Coimbra.

Peço as competentes informações sobre o estado em que chegam as plantas d'esta presente remessa, para poder no futuro emendar os erros que fiz, e supprir as faltas. A maior parte das especies que mando, nem nos riquissimos jardins de Inglaterra se encontra até o dia de hoje. E a Flora Nigritiana, publicada ha poucos annos, toca só em tres ou quatro d'ellas como seres duvidosos!

De cada uma das vinte e quatro especies, que se acham nos caixotes, *um exemplar* traz o numero correspondente á enumeração que agora segue:

	Numero dos exemplares.
N.º 1 — *Sanseviera Angolensis*. Welw. mspt.	15
Planta gorda do porte aloëino com flores muito cheirosas na fórma de uma dracaena. É o *ife* ou *ifi* dos indigenas; e dá excellentes fibras para cordas etc. O privilegio do Sr. Matoso é baseado sobre a fabricação de cordas d'esta planta.	
N.º 2 — *Sanseviera guinienses*. Sims. e Willd. var. *longiflora*. Sims.	12
O porte não é menos singular e interessante; flores cheirosas em penachos grandes de ½ palmo. Dá fibras excellentes.	
N.º 3 — *Aloë spec*. (Aloë arborescens nob. ad interim).	15
Eleva-se até 12 e 15 *palmos* em fórma de uma palmeira, as flores em paniculas de 4-7 palmos de comprimento. As folhas abundam em *resina* de *Aloës*, e julgo que se poderia extrahir d'ellas muita e valiosa resina igual á de Aloë soccotrino.	
N.º 4 — *Aloë spec*. (Affinis aloës pita.)	7
Esta especie não se eleva tanto como a precedente, mas recommenda-se para jardins, pelas flores de um escarlate e lustro que faz bellissimo effeito.	
N.º 5 — *Euphorbia spec*. (Euphorbia candelabrum Welw mspt).	20
Arvore de 30 até 45 pés de altura em fórma de candelabro; faz matas densas em sitios pedregosos e seccos; é a arvore mais caracteristica da Flora Africano-equinocial, e estando com flores, que são rôxas e em innumeravel quantidade, faz lindissimo effeito.	
N.º 6 — *Cissus spec*. (Talvez Cissus 4 pterus Hook ?).	10
Trepadeira mui singular, que representa os *Cereos* do novo mundo na Africa; trepa nas Sterculias e Adansonias muito alto, e pende depois em fórma de cordas quadrangulares, balançando-se continuadamente; é, em quanto eu saiba, o unico exemplo de uma especie d'este porte na familia das videiras. As uvas d'ella (bagas) são comidas pelos pretos.	
N.º 7 — *Crinum spec*. (Julgo ser o Crinum Broussonetii dos auctores.) Bulbos.	20
Cebola monstro que se encontra no interior do Paiz a uma até tres leguas da costa em sitios humidos. As flores são brancas com riscos purpurescentes e de um cheiro forte e mui agradavel; merece toda a attenção e por isso não me cansei em desenraizar muitas cebolas.	
N.º 8 — *Kalanchoë crenata* Haw. Pés e estacas	7
Planta gorda de bello porte e flores (em corymbos) amarellas. É a unica *crassulacea* que encontrei até agora.	
N.º 9 — *Bryophyllum spec*. (Aff. Br. Calycino).	7

Numero dos exemplares.

Esta planta trouxe eu da Serra Leoa e cultivei-a no meu quintal. As folhas inferiores são singelas; as superiores *trifoliadas* e as de cima são *pinnuladas;* cada folha posta sobre terra humida lança logo raizes e dá muitas plantinhas.

N.° 10 — *Tavaresia angolensis* Welw. —(Heurnia Tavaresii nobis. Flor ang. mspt)........................ 5

Planta da familia das Stapeliaceas, mas de flores mui singulares tuboloso-campanulaceas; é a unica especie d'esta familia que até agora foi encontrada na Africa tropical.

N.° 11 — *Euphorbia spec.* (Euph. Rhipsaloides Welw. ad interim.)...... 15

Arbusto de 8 até 12 pés de altura (no Ambriz arvore de 20 pés) do porte das Ripsalides. Chama-se cá *Cassoneira*, e emprega-se para tapumes.

N.° 12 — *Sarcostema Daltoni.* Desc. Estacas......................... 4

Arbusto pequeno de ramos pendulos, e tambem do porte de uma Rhipsalis. É da Ilha de S. Vicente, d'onde eu a trouxe em estacas que pegaram promptamente em Loanda.

N.° 13 — *Sarcostema spec.* (S. spirale nobis ad interim.) — Estacas...... 8

Do mesmo porte que a antecedente, mas é trepadeira; as flores são amarellas e a capsula de 3 pollegadas de comprimento.— *N. B.* Gosta de trepar horisontalmente.

N.° 14 — *Scilla spec.* (Parece-me ser a *Scilla numidica.* Poir. — Bulbos.... 11

Planta bulbosa, talvez nova, de porte da Scilla autumnalis, mas de folhas largas e maculadas como as das Lachenalias.

N.° 15 — *Urginia spec.* (Talvez Urginia Senegalensis auct.?) — Bulbos... 15

Parece-me um genero novo, intermedio entre *Urginia* e o genero capense *Albuca;* o porte é exactamente o do *ornithogalum pyrenaicum*, mas as sementes são de uma Urginia.

N.° 16 — *Caladium bicolor.* — Tuberculos........................ 3

Esta bella planta ornamental é mui frequente nos logares humidos ao pé do Pico de Papagaio na Ilha do Principe, e por conseguinte não *sómente americana*, como dizem os auctores. Eu trouxe alguns tuberculos d'aquella ilha para Loanda, onde promptamente deram lindos exemplares, mas até agora não floresceram.

N.° 17 — *Dioscorea alata* auct. Flor. nigrit. Tuberculo............... 1

É da Serra Leôa, cultivada no meu quintal em Loanda; é uma linda trepadeira.

N.° 18 — *Orchidea terrestre.* (Limodorum spec. sensu Linneano.) Tuberculos.......................... 3

Vegeta dentro das matas da Euphorbia candelabrum, no sitio de *Cacuaco*, em terras argilosas, e dá lindas espigas de flores grandes amarellas.

N.° 19 — *Amaryllis spec.* (Hoje um genero diverso.) Bulbos............ 3

É do Pico de Papagaio na ilha do Principe. Dá bellissimas e grandes flores côr de laranja e purpura, e floresce frequentemente.

N.° 20 — *Planta oleracea.* Estacas.... 3

É mui aromatica, chamada hortelã da India, cultivada pelos curiosos. As folhas são mui gordas e quebradiças, mas de um aroma forte e agradavel para caldos, etc.

N.° 21 — *Cucumis spec.* — (Provavelmente Cuc. Chrysocoma Schum.) — Fructos....................... 6

Planta rasteira ⊙ do litoral, cujos fructos amarellos fazem lindissimo effeito entre a verdura das folhas.

N.° 22 — *Cucurbitacea* de um novo genero. Tuberculo................ 1

Esta planta que é assás rara nos districtos litoraes, dizem-me ser mais frequente no Golungo-alto, onde lhe chamam = Bumbe-riaxole =, applicando a raiz em pó como remedio certo contra o carbunculo. Até agora não cheguei a conhecer senão a planta feminea (pois ella é dioica), e é por isso que a posição d'ella entre os generos das Cucurbitaceas ficou incerta. Ha tuberculos muito maiores do que aquelle que aqui mando.

N.° 23 — *Cucurbitacea*, provavelmente genero novo. Tuberculos......... 3

Linda trepadeira de flores peque-

	Numero dos exemplares.		Numero dos exemplares.
nas, mas de fructos glandiformes operculados de um escarlate vivissimo. D'esta e de muitas outras mandarei tambem sementes.		Planta gorda que é indigena da India e Arabia, e que abunda em *soda;* quer areia secca.	
N.° 24 — *Arthrocuemum indicum*, pés. .	3	São pés exemplares, etc.	200

Loanda, 21 de Agosto de 1854. = Dr. *Frederico Welwitsch.*
Está conforme. Secretaria do Conselho Ultramarino, 20 de Abril de 1855.

N. B. As especies n.os 20 e 24 chegaram mortas.

RELAÇÃO DAS COLLECÇÕES DE OBJECTOS DE HISTORIA NATURAL, FEITAS ATÉ AGORA NOS DISTRICTOS DE GOLUNGO-ALTO, CAZENGO E N'UMA PARTE DO DE AMBACA.

1 — Um *Herbario* cuidadosamente preparado de todos os vegetaes que encontrei até agora nos Districtos acima apontados. Esta collecção contém actualmente perto de mil e cincoenta especies, em mais de seis mil exemplares, todos primorosamente conservados, e deve servir de base para a publicação da *Flora Angolense.*

2 — Uma collecção de *amostras de madeiras* e de *trepadeiras* mui curiosas, contendo setenta exemplares escolhidos. Esta collecção não é sómente destinada a provar a immensa riqueza de variadas madeiras que offerecem estes Districtos, mas servirá tambem para o estudo de tecidos lenhosos, muito pouco conhecidos até hoje respectivamente a arvores tropicaes.

3 — Uma collecção *carpologica* de cento e dez especies de differentes fórmas de fructificações, cuja maior parte até presentemente é desconhecida na sciencia.

4 — Uma collecção *mycologica* constando de muitos e bem preparados exemplares de *fungos* e *cogumelos*, que destroem as madeiras, servindo esta mesma collecção para o estudo da Flora mycologica d'estes sitios, e bem assim para o estudo da nosographia florestal dos paizes tropicaes em geral.

5 — Uma collecção de *plantas*, *raizes*, *cascas*, *paus* e *fructos medicinaes*, que se acham em uso entre os curandeiros pretos d'este sertão.

6 — Uma collecção de amostras de varias especies de *gommas* e *resinas*, que encontrei nas arvores d'estes Districtos.

N.B. Estas collecções n.° 5 e n.° 6 são destinadas a ser offerecidas á Sociedade Pharmaceutica de Lisboa, a fim de esta, depois de ter estudado e examinado os objectos, publicar os resultados das suas investigações.

7 — Uma collecção de *plantas textis* e *tintoriaes*, que encontrei n'estes sertões, para servir de base á *enumeração dos mesmos vegetaes* que me foi pedida pela Portaria n.° 356, em 15 de Fevereiro d'este anno corrente. [1]

8 — Uma collecção de *flores e fructos* dos generos mais importantes d'esta Flora, conservados em espirito de vinho, para servir ao exame morphologico dos mais generos em tempo opportuno.

9 — Uma collecção completa de todos os *vegetaes cultivados* n'estes Districtos, a fim de poder compor uma *Flora agricola* d'elles, e ao mesmo tempo apontar as *plantas uteis* de outras *regiões tropicaes*, cuja introducção para o futuro se torna conveniente e proveitosa para esta Provincia.

10 — Uma collecção escolhida e bem conservada de cento e cincoenta especies de *sementes*, *plantas*, *arbustos* e *arvores* d'estas regiões, para serem distribuidas aos jardins scientificos e ornamentaes de Portugal, e nominalmente ao real jardim das Necessidades, e ao jardim botanico de Coimbra.

11 — Uma collecção de *plantas vivas* em caixotes, contendo até agora perto de 60 especies de plantas ornamentaes, como *Palmeiras*, *Orchideas*, *Liliaceas*, *Fetos*, etc. etc. Esta collecção tambem é destinada para o Real Jardim das Necessidades em Lisboa.

12 — Uma collecção *entomologica* de perto de tresentas especies de insectos, principalmente *coleópteros*, parte d'elles em exemplares seccos, e parte em espirito de vinho. To-

[1] Portaria do Conselho Ultramarino n.° 679 de 13 de Outubro de 1854.

da esta collecção contém mais de mil e duzentos exemplares.

13 — Uma collecção *malacologica*, contendo perto de cem exemplares de *molluscos terrestres* e de *agua doce*.

14 — Uma collecção de *reptis* e *peixes*, e outra de *arachnides*, em espirito de vinho, consistindo em cêrca de cento e trinta exemplares dos animaes acima nomeados.

15 — Uma pequena collecção de *rochas*, cuja decomposição principalmente influe na formação da *terra-humus* dos terrenos cultivados, modificando a quantidade e a qualidade dos productos agricolas.

Residencia do Districto do Golungo-alto, em 16 de Agosto de 1855. = Dr. *Frederico Welwitsch*.

COPIA DAS INSTRUCÇÕES SOBRE A CULTURA DA BARRILHA ENTREGUES AO COMMANDANTE ESCRIVANIS DO BRIGUE DO ESTADO S. BOAVENTURA, PARA ENTREGAR AO EXCELLENTISSIMO GOVERNADOR DA PROVINCIA DE CABO VERDE.

Para que a barrilha prospere é indispensavel que a terra se prepare e adube, isto é, lavrar e estrumar; feito isto se escolhe e aplana a mesma terra o melhor possivel. N'estas ilhas Canarias se semeia em Dezembro, Janeiro e Fevereiro, e pelo motivo de ser a semente tão miuda e a fim de que se não semeie amontoada, se mistura com duas partes de areia ou terra para uma de semente, e alem d'isto se atira longe. Espera-se para semea-la que a terra esteja humida, porque verificando-se em secco os passaros e insectos comem a semente, attendendo que depois de lançada á terra a semente não se revolve, e fica segundo cáe n'ella. Póde-se transplantar quando nasça mui junta, arrancando-a quando tenha quatro folhas a planta, cuidando que a terra esteja bem molhada ao tempo de fazer esta operação. Logo que a planta comece a estender seus talos se monda, arrancando toda a classe de herva que não seja barrilha. Estando em sua perfeita madureza, se arranca e se deixa no campo em pequenos montões até que se ache perfeitamente secca, podendo-se então queimar, e para isso se recolhe, e se leva ao sitio onde haja o forno, transportando-a pela manhã cedo, estando humida do sereno, porque do contrario se esmigalha e desfaz em pó. O forno para queima-la se faz de pedra secca, redondo e de uma vara de diametro, accendendo-se o fogo no forno com alguns ramos ou hervas seccas, e estando estas bem accesas se vae pondo a rama da barrilha; esta se derrete, e tendo o forno cousa da quarta parte de liquido que póde conter, se revolve muito bem com um pau ou pá, e se repete a mesma operação por tres ou quatro vezes, á medida que se vae queimando a rama, pois do contrario não se petrificaria, e ficaria em cinza; para tira-la do forno se deixa esfriar dois ou tres dias; então se desmancha o forno e se tira. Para tirar a semente estando bem secca se lava a rama em vazilhas grandes, esfregando-a com força se desgrana, e fica a semente no fundo, e depois de bem secca se guarda.

Ha uma classe de barrilha silvestre vulgarmente chamada *cosco*, cuja semente que se entrega, vae marcada com o n.º 2, a qual se cria em terras incultas espontaneamente depois de semeada uma vez, sem necessidade de cultivo algum, se colhe e queima nos mesmos termos que a primeira; sendo iguaes os seus effeitos como os da barrilha n.º 1, cultivada segundo antecede. Para conhecer promptamente a madureza de uma e outra barrilha, basta que principiem a seccar as pontas dos ramos, e que se abram as cachopas que contém a semente; a colheita se faz regularmente em Julho e Agosto.

Santa Cruz de Tenerife, 2 de Agosto de 1837.

COLONIAS ESTRANGEIRAS.

Da feitoria franceza no Gabão (Costa occidental da Africa). [1]

O seguinte artigo traduzido dos *Novos Annaes das Viagens* foi escripto por Mr. *Baumes*, sobre uma memoria do Capitão *Vignon*, que foi Governador do Gabão.

[1] Ainda que já mais de uma vez temos dado noticias d'este estabelecimento, não pareceu improprio transcrever este artigo, nem deixará de lhe dar a devida attenção quem considerar a posição d'esta feitoria.

« O Gabão é um braço de mar que entra pela terra dentro algumas vinte leguas perpendicularmente á Costa. No fundo d'este estuario entram muitos rios, cujos cursos e nascentes são pouco ou mal conhecidas: estes rios em geral só podem ser navegados por embarcações de grandeza mediana: a largura media do Gabão é de tres leguas, e a sua posição meio grau ao N. do equador.

« A feitoria franceza está situada na margem direita do Gabão, a cousa de quatro le-

guas da embocadura sobre uma altura que sobe docemente. A sua situação é a cincoenta metros acima do nivel do mar, e está rodeada de muitos ribeiros de excellente agua, que serve para regar as numerosas hortas que estão nas suas margens: um d'estes ribeiros alimenta a aguada dos navios.

« O forte é cercado de uma palissada de cem metros de lado, com uma bateria de seis peças de grosso calibre para a banda do mar. Sobe-se ao posto por duas rampas acompanhadas de arvores, que dão flores e gomma elastica : os lados da grande rua que vae da borda do mar aos grandes edificios foram plantados de arvores fructiferas logo no principio da occupação.

« O posto principal compõe-se de dois edificios de alvenaria com pavimento inferior e um superior, com frente para o mar, e separados por uma rua de seis metros de largura. Um d'estes edificios serve de quartel ao Governador, aos Officiaes e aos empregados das diversas repartições: o outro de hospital e de quartel das tropas negras da guarnição. Fóra do posto estão as repartições de engenheria, a habitação das *irmãs* da communidade de Castres, a cêrca dos bois, e uma bella e extensa horta, que debaixo da habil e activa direcção do Commissario M. Aubry dá todo o anno a todos os funccionarios hortaliça e fructos em abundancia.

« Do lado opposto ao jardim do posto ficam os estabelecimentos da estação, que consistem em muitos barracões, que servem de armazens, o posto dos animaes, e uma grande horta regada por duas ribeiras. Esta horta é obra do Tenente Bouët (Augusto), Commandante da gabarra da estação *l'Oise:* os marinheiros de estação têem ali hortaliças bastantes para os Officiaes e toda a tripulação, recurso precioso depois de uma viagem extensa.

« Atraz do forte está a povoação de *Libreville*, fundada no governo de Mr. Bouët-Willaumez, com os negrinhos de ambos os sexos achados no navio negreiro *Elisia*, tomado por um dos nossos cruzadores. Esta população já franceza abençôa a toda a hora o paiz, que dando-lhe a liberdade, lhe deu ao mesmo tempo protecção, e um bem estar igualmente precioso. Todos os habitantes de *Libreville* são casados, christãos e proprietarios de muitos terrenos onde cultivam o mandobi, o milho, o arroz, a mandioca, a batata doce, o inhame, a canna do assucar, o algodão, e hortaliças da Europa.

« O commercio do Gabão é feito por navios inglezes, americanos e francezes.

« Os capitães chegam com generos apropriados ás necessidades do paiz; dirigem-se de ordinario a estabelecimentos creados pelas respectivas casas, e dirigidos por feitores que se vão succedendo, isto é, o primeiro guarda livros passa a feitor, e assim successivamente acontece o mesmo a todos os agentes subalternos. Por este estylo os feitores conhecem perfeitamente as necessidades dos indigenas, e conservam constantemente com elles relações commerciaes, que tendem a desenvolver as necessidades d'aquella gente, e consequentemente a sua industria e os seus recursos.

« Cada embarcação se demora doze a dezoito mezes na Costa. Este tempo é empregado em visitar as feitorias para lhes entregar os generos que necessitam, e receber os productos do paiz, comprados no intervallo das viagens, o que dá tempo aos feitores para receberem o pagamento dos generos que adiantaram aos indigenas, e é raro com este estylo que os capitães soffram perdas serias.

« O principal deposito de mercadorias inglezas é na povoação de Glass, em feitorias temporarias, porque não é permittido aos estrangeiros terem estabelecimentos permanentes no rio Gabão.

« D'este modo para ir bem n'estas transacções, é indispensavel ter feitorias em muitos pontos, e abrir creditos para doze a dezoito mezes.

« Deve-se tambem recommendar aos Capitães que tenham a mais escrupulosa boa fé nas suas relações com os indigenas. Estes difficilmente confiam, e se uma vez os enganam é quasi impossivel tornar a tratar com elles.

« Os principaes artigos de commercio são pedreneiras, polvora, fazendas, rhum, bacias de cobre a que chamam neptunos, campainhas, louça, barretes, vasos de cobre, etc. Recebe-se em troco marfim, ebano, gomma copal, gomma elastica, patacas e outras moedas que correm no paiz.

« O marfim do Gabão é o mais bello que ha. Os inglezes, que são quasi só quem o compra, pagam-n'o geralmente a 10 francos o kilogramma.

« A importancia do commercio americano é muito abaixo da do commercio inglez. Os capitães americanos trazem quasi as mesmas mercadorias que já dissemos, e recebem paus de tinturaria e gomma elastica : negoceiam pouco marfim, vão buscar este genero á Costa oriental da Africa, onde, segundo dizem, é muito menos caro e mais facil de trabalhar. Ha duas feitorias americanas na Costa, uma em Cammas, e a outra em Benito.

« O Capitão Lawlin, que administra as suas feitorias, usa de um meio excellente para fa-

zer negocio seguro; não vende senão por generos do paiz a prompto pagamento.

« O commercio francez, depois de ter sido por muito tempo pouco importante, tem singularmente crescido nos ultimos annos, e tende ainda a crescer. As causas da nossa inferioridade n'este movimento commercial eram de muitas especies.

« Os nossos Capitães não tinham perseverança: nenhum d'elles queria resignar-se a esperar, mais de um até dois mezes, o retorno: alem d'isto a maior parte das suas mercadorias eram de qualidade mediocre ou pouco proprias para os usos dos indigenas; não estabeleciam feitorias em diversos pontos da Costa; finalmente o principal genero do paiz, o marfim, não era pago como o pagavam os inglezes.

« Para fazer negocio no Gabão é isto o que parece que se deve fazer:

« Collocar o principal estabelecimento á borda do mar, tão perto quanto for possivel da feitoria fortificada: um edificio de madeira com primeiro andar será muito melhor do que uma barraca de bambus. Este estabelecimento servirá de armazem de venda, e de deposito para as mercadorias europeas e para os generos do paiz comprados na Costa: os outros pontos mais favoraveis para estabelecer feitorias são as povoações do Cabo Lopes, Cammas, Benito, Bimlia, Mondah e Donger.

« Os armazens de venda devem ter estantes para pôr as mercadorias do uso dos indigenas: é importante po-las de maneira que estejam bem á vista; e por caso nenhum offender ou maltratar os compradores, e ter com elles muita paciencia: os indigenas são doceis, não são malfazejos, e é muito facil viver com elles em boa intelligencia. Todos os estabelecimentos devem ser rodeados de uma palissada para evitar os roubos de noite.

« Alem dos navios destinados para prover a feitoria central de generos europeus, e para a remessa dos productos do paiz, é forçoso ter uma pequena embarcação ou cuter, que exija pouco fundo d'agua, para ir aos rios levar fazendas e trazer os generos comprados nas feitorias da Costa.

« As mercadorias que os naturaes mais querem, são: fazendas tecidas variadas, com preto e côres, polvora embarrilada, aguardente e rhum ds 20 graus, tabaco em folha, espingardas de pedreneira, espadas de uma certa fórma, bacias de cobre, panellas de ferro, frascos de cobre, campainhas maiores e mais pequenas, caixas com fechaduras, vidrilhos, camizas brancas com pregas, gravatas pretas ordinarias, barras de ferro, chapéus de sol de seda e de algodão, espelhos, cachimbos de barro, copos de vidro, loiça variada, pratos de pó de pedra de côr, barretes de differentes côres, fuzis, navalhas de barba, caixas de tabaco, tesouras, brincos das orelhas de oiro (vasios), vélas, pedreneiras, machadinhas, chapéus finos e ordinarios, sabão de Marselha, garfos e colheres de ferro estanhado: generos comestiveis e conservas alimenticias acham tambem bom consummo nos europeus que residem no Gabão. As nossas fazendas de algodão e as nossas aguardentes são preferidas pelos indigenas ás de Inglaterra e da America.

« Todas as estações são boas para fazer commercio; comtudo para comprar ebano e sandalo o melhor tempo são os mezes de Junho, Julho, Agosto e Setembro, isto é, o tempo em que não chove.

« Convem escolher para corretores os chefes das aldeias: dão mais segurança de se receber o retorno. Os nossos Capitães farão bem em se informarem com o Commandante do estabelecimento.

« Os generos que os indigenas dão em pagamento dos que recebem são os seguintes: marfim, dentes de hippopotamo, gomma copal, gomma elastica, mandobi, ebano, sandalo; depois os generos modernamente descobertos, o pando, o gien, o uissa, o dika, o poga, que são sementes oleosas, e finalmente a resina *elemi*, que os indigenas chamam *uitch*, que póde substituir o incenso.

« Os corretores naturaes do Gabão têem tido até agora o monopolio do commercio com as populações do interior, isto é, com os Balus, os Bukalés, e os Pahuins. A maior parte d'estes corretores hábitam nas aldeias de Glass; mas não tarda o momento em que o nosso commercio, libertando-se do seu jugo, irá tratar directamente com os indigenas, que é o que elles mais desejam.

« Estas noticias servirão, ao menos assim o esperâmos, para animarem os nossos armadores a irem ao Gabão. E já sabemos que, ha algum tempo, casas importantes de Marselha, do Havre, de Nantes e de Bordeaux têem principiado ou tratam de principiar a estabelecer serias operações com este ponto cada dia mais importante da Costa occidental da Africa.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

DO ALGODÃO SEA-ISLANDS NA CAROLINA DO SUL [1].

O algodão de fio comprido [2] ou de semente preta cultiva-se na Carolina do Sul umas trinta milhas (48 kilometros) distante do Oceano. Debaixo do ponto de vista do producto conhecem-se tres especies muito distinctas, que são designadas no commercio pelos nomes de *Sea-Islands*, *Mains* e *Santees*. A primeira (um arratel da qual de primeira qualidade, reduzida a renda superfina, se vende actualmente de 8 a 15 guinéus (38$000 a 72$000 réis) e tem algumas vezes chegado ao enorme preço de 100 guinéus (180$000 réis) [3], é a mais productiva das diversas variedades que se cultivam para exportação em qualquer parte do mundo. Quanto ás variedades da planta cultivadas nas visinhanças do mar, o seu numero é provavelmente muito maior do que até agora se tem reconhecido. Actualmente não conhecemos senão dez a quinze, que se distinguem umas das outras por differenças que ainda que perfeitamente visiveis para um lavrador que é observador, escapam á vista d'aquelle que se não tem dado ao estudo da botanica, até ao momento em que a colheita vem mostrar a existencia de uma differença sensivel. É regra sem excepção, a fecundidade da planta é contrabalançada pela qualidade inferior do producto; e pela mesma fórma, quanto mais precioso é o fio, menor é a colheita. Isto está em harmonia com a sabedoria que a natureza mostra em todas as suas obras. A analogia nos convence que são inuteis os nossos continuados esforços para descobrirmos uma planta que reuna a fecundidade da producção com a superior qualidade d'ella, no mesmo grau em que nós achâmos estas qualidades em variedades differentes de algodão.

Desde a introducção do algodão na Carolina do Sul até uma epocha recente esta cultura era de excellente rendimento; hoje custa ao lavrador a tirar o juro legal dos seus capitaes. Desde 1821 até 1830 inclusivamente a somma total das colheitas chegou a 107.294:930 libras. Nos dez annos seguintes já não foi senão 79.041:596 libras; differença para menos 28.253:334 libras. O producto medio annual, de 1805 a 1817, durante um periodo de nove annos (tirando os quatro de guerra e de embargo), excedeu em 797:033 libras o dos nove que se passaram de 1832 a 1840.

[1] Este artigo que traduzimos da *Revue Coloniale* foi extrahido das *Memorias da Sociedade de Agricultura da Carolina do Sul. (O Red.)*

[2] Este algodão que se suppõe originario da Persia, e que foi trazido de Anguilla (Indias Occidentaes) ás Ilhas de Bahama, foi em 1786 importado d'estas ilhas e naturalisado na Georgia por alguns americanos realistas refugiados, que se tinham estabelecido nas Ilhas de Bahama no fim da guerra da revolução. (*Baines*. Da fabricação do algodão.)

[3] A famosa cassa de Dacca, que os indios na sua linguagem hyperbolica chamam *ar tecido*, e que segundo a expressão de W. Ward, missionario em Serampour «deixa de ser visivel quando, lançada sobre a herva, foi molhada pelo orvalho» é feita com um algodão de qualidade inferior ao que se exporta da Carolina do Sul. Uma libra de algodão de Dacca deu um fio de 185:609 metros e 16 cent., em quanto igual fio feito do algodão de algumas das nossas terras e fabricado em Inglaterra dá 268:870 metros. Depois como experiencia se tirou um fio que deu 344:540 metros.

«A maior finura que se tem podido obter para as cas-«sas tecidas em Inglaterra, diz Baines, (convem attender «a que a obra de Baines foi publicada em 1835) é de «um fio por arratel que dá 192:500 metros; mas é muito «raro que o fio mais fino de que se faz uso deixe de «ser de um grau de finura menor que a cassa de Dacca «de que fallavamos acima.»

(Parece acertado transcrever aqui o que diz o Padre João de Loureiro: «Conta-se do Imperador Orangzeb.... «que notára uma vez na Princeza sua filha o estar ves-«tida com menos decencia do que convinha ao seu es-«tado e ao seu sexo; mas ella se desculpou dizendo, «que estava cingida de não menos de sete voltas do pre-«cioso tecido de algodão que a cobria. Tal era a subti-«leza d'aquella peça, que, ainda dobrada sete vezes, po-«dia menos sentir-se d'ella o calor que o decoro.» *Memoria sobre o algodão, sua cultura e fabrico*, nas Mem. Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa. T. I, pag. 33.) *(O Red.)*

Posto que se não possa fixar com certeza o numero de geiras em que actualmente se cultiva o algodão, crê-se que é pelo menos superior em um terço ao que era em 1820, e dobrado do que era em 1804. Por isso em rasão da diminuição successiva das exportações, não obstante o augmento de população nas diversas partes do mundo, os extraordinarios melhoramentos das machinas, a superioridade dos processos de fiação e tecelagem, a diminuição dos preços do trabalho, e dos direitos de importação, finalmente, não obstante as qualidades superiores do algodão que hoje se cultiva, o valor do algodão de fio comprido é n'este momento inferior ao que era ha trinta e cinco annos. Póde pois perguntar-se se o lavrador é sufficientemente pago dos seus trabalhos e da aptidão que tem adquirido com a experiencia, e se é possivel que o preço da conversão em tecidos, de uma libra de algodão, que custou 70 a 100 centesimos (de dollar) seja de 70 a quasi 500 dollars, preço de alguns artigos feitos com este fio.

Deixando estas considerações interessantes, e que merecem um estudo immediato e profundo, examinemos por que rasão em certos periodos extensos a producção tem sensivelmente diminuido, e por que rasão, ha alguns annos, segue uma marcha tão rapida e tão regularmente decadente [1]. Achar-se-hão respostas satisfactorias a estas questões: 1.°, no resultado de algumas medidas tomadas pelo governo federal: 2.° e principalmente, no facto que as nossas terras perdem cada anno uma notavel porção da sua força productiva, sem receberem o equivalente em forma de estrume ou de outras substancias restauradoras; 3.°, finalmente, na cultura inconsiderada, e inapropriada ás qualidades da terra, das mais bellas qualidades de algodão.

Para ver os effeitos desastrosos do systema de prohibição, basta lançar os olhos ao quadro das exportações. Desde 1827 até 1833 inclusivamente, epocha durante a qual a politica das pautas seguiu uma marcha ascendente, o preço medio do algodão de fio comprido conservou-se pouco mais ou menos 5 pences (90 réis) abaixo de outro qualquer periodo correspondente anterior ou posterior. Em 1825 o preço medio foi 28 pences e meio (535 réis). Em 1830, 1831 e 1832, epocha de crise politica, o preço caiu a 14 pences e meio (273 réis), não obstante a pouca producção, como nunca, d'estes mesmos annos. Posto que o preço, depois do melhoramento da legislação, se tenha conservado comparativamente elevado, todavia nunca chegou á elevação que faziam presumir os factos que temos exposto. As leis das alfandegas, fazendo uma ferida mortal nos interesses particulares, expulsaram da Carolina do Sul a maior parte dos agricultores mais emprehendedores, os quaes abandonaram aquellas terras, e foram procurar em outra parte terras que podessem compensar-lhes, com a quantidade da colheita, o que cá tinham perdido na qualidade. Isto explica em parte por que muitas terras ficam abandonadas em muitas freguezias. Estas fazendas, que por si só abraçam grande parte do territorio do Estado, poderiam, attentos os conhecimentos que temos adquirido sobre os melhoramentos das terras, e com um pequeno augmento de despeza, tornarem a ser outra vez mananciaes de riqueza e de prosperidade.

Insistiremos primeiro na terceira das causas acima indicadas, a que mais prejudica os nossos interesses, e diremos que nenhum acontecimento poderia dar golpe mais cruel na agricultura das visinhanças do Oceano. Por muito tempo M. Kinsey-Burden, da Ilha de S. João, obteve pela sua colheita mais de 1 dollar (900 réis) por libra, em quanto os agricultores seus visinhos não podiam alcançar mesmo metade d'este preço. Mas como os espiritos trabalharam, o segredo descobriu-se, e logo que se soube que o maior valor do algodão de M. Burden provinha da escolha da semente, desappareceu a difficuldade de lutar com elle na producção da mais magnifica lã vegetal do mundo. Alguns dos insulanos foram alem do plantador de Colleton, no preço da colheita. Em pouco tempo a animação foi geral.

Então principiou uma epocha de preços encobertos; meio pouco honroso, adoptado pelos compradores para diminuirem a somma do seu desembolso, á custa dos devidos lu-

[1] Isto é devido em parte á diminuição das encommendas, resultado da mistura praticada modernissimamente, na fabricação de certos tecidos, dos algodões de fio comprido e de fio curto; e tambem porque ainda bem recentemente as altas classes da sociedade têem substituido as rendas por outros generos de ornatos. « As rendas, diz M. Baines, tendo-se vulgarisado, e tendo-se « posto ao alcance de todas as fortunas, têem perdido o « seu attractivo para o mundo elegante, onde eram mais « estimadas, desorte que as rendas muito ricas já não são « procuradas. E muitos artigos de vestuario, que d'antes « nas salas de baile eram feitos das rendas mais custo- « sas e mais perfeitas, são actualmente abandonados e « substituidos por outros tecidos. »

O consummo semanal medio do algodão Sea-Islands, em Inglaterra, foi:

Em 1820 de	409	fardos
» 1825 »	360	»
» 1830 »	460	»
» 1834 »	498	»
» 1835 »	354	»
» 1836 »	379	»
» 1837 »	310	»
» 1838 »	317	»

cros do lavrador. Em quanto este ia crendo que era do seu interesse encobrir aos seus visinhos as suas transacções mercantis, acontecia muitas vezes, o que naturalmente devia ser, que o seu algodão era vendido abaixo do seu verdadeiro valor, e que os seus concorrentes recebiam pelas suas colheitas preço muito mais alto que o que elle tirava da sua. Quando todos os lavradores quizerem reflectir no que lhe convem, esta alliança anormal entre os compradores e certos vendedores, alliança tão damnosa a estes, ha de acabar-se; e esperâmos que para mais não voltar.

Se se perguntasse, se os lavradores têem tirado alguma vantagem da elevação dos preços resultante da producção de uma qualidade superior, seriamos obrigados a responder negativamente. Todos os lavradores, á excepção talvez de um em vinte, têem soffrido grandes perdas de dinheiro por terem inconsideradamente seguido os conselhos insidiosos que lhes davam. É de 1829, epocha em que a cultura de uma semente escolhida tinha dado a todos uma energia e uma actividade dignas de melhor sorte, que data a diminuição sensivel nos lucros d'esta lavoura. Não vendo ainda a verdadeira causa d'esta decadencia, o lavrador attribue as suas desgraças á acção de agentes naturaes, cuja influencia perniciosa toma hoje, segundo elle crê, maior actividade que no passado: com uma tenacidade pouco commum, agarra-se á fragil esperança, que tempo ha de vir em que o seu genero lhe dê um lucro remunerador.

Estamos comtudo inclinados a crer que esta illusão em pouco tempo se ha de dissipar, e não durará muito a opinião, tão vulgar como funesta, pela qual o vendedor de algodão a 80 centesimos de dollar (720 réis) imagina que necessariamente ganha mais do que aquelle que se desfaz do seu genero, 50 por cento mais barato. O agricultor deve sempre procurar o maior lucro do seu algodão; por outras palavras, deve procurar as especies mais apropriadas aos seus terrenos. N'esta materia o mais necessario é que confie só em si. Aproveite as asperas lições que a experiencia lhe tem dado, para auxilio dos seus conhecimentos praticos e da sua industria, e não duvide de um bom resultado. Alguns agricultores, e isto não negâmos nós, cultivando algodões de qualidade superior, entraram n'um caminho de interesses; mas persuadimo-nos tambem que este exemplo tem causado graves perdas a outros muitos. Se todos possuissem terras iguaes áquellas cuja producção é tão vantajosamente conhecida nos paizes estrangeiros, este systema poderia ser sempre seguido. Algumas das ilhas dos rios da Carolina de Sul parecem ser a verdadeira patria d'esta fibra macia, que excedendo em todas as qualidades essenciaes, quaesquer variedades de que os outros estados se possam gloriar, domina sem rival nos mercados da Europa. De mais só as porções melhores se separam com destino especial; todas as outras variedades se misturam para se fiarem. As qualidades inferiores do algodão de fio comprido têem usos especiaes; e o algodão de fio curto tem igualmente applicações especiaes. Lembremo-nos tambem de que o valor relativo do algodão se calcula actualmente pela sua finura. O preço da materia bruta regula o preço dos tecidos ordinarios, em que o trabalho avulta pouco: mas, ao contrario, nos tecidos finos a materia prima é de consideração secundaria, pois que o preço necessario é principalmente fundado nas despezas da fabricação. Todas estas considerações levam a crer que não ha entre nós escolha escrupulosa dos terrenos empregados na cultura d'este precioso genero. O obstaculo que o lavrador tem actualmente a vencer é o conhecimento imperfeito das qualidades do seu terreno, e dos meios mais proprios para lhe restaurar a fertilidade. Em quanto elle não attender a estas condições importantes, nunca a sua industria, por mais activa e intelligente que por outro lado seja, poderá lutar com o pouco valor da sua colheita. É hoje fóra de duvida que certa variedade de terreno é mais propria do que outra qualquer, para uma certa variedade de algodão. O nosso proprio interesse nos deve levar a procurarmos conhecer estas condições de conveniencia reciproca. Os algodões de primeira qualidade não podem cultivar-se sem perda, senão nas ilhas do mar (Sea-Islands). Nas partes do continente visinhas do mar as qualidades inferiores devem dar bom lucro. Á medida que se vae afastando do mar[1] é claro que é necessario ir cultivando as variedades mais communs.

E primeiramente tomando a experiencia por guia, é absolutamente necessario escolher um terreno elevado, um chão rico, compacto e de côr amarellada. Consequentemente, toda a parte da granja, qualquer que seja a sua extensão, que tiver estes caracteres, deverá ser destinada á cultura do algodão. Como esta substancia fina é indispensavel ao mundo

[1] Koster pretende que o algodão de Pernambuco, o primeiro em valor depois do *Sea-Islands*, ainda que lhe seja muito inferior, degenera na visinhança do mar, e torna a tomar as suas boas qualidades á proporção que se vae afastando do mar. O mesmo acontece no Egypto; o algodão das Provincias Altas, a muitos centos de milhas do mar, é superior ao do Delta.—Viagens de Saint-Jones, vol. II, p. 438.

elegante, e como a quantidade da producção é limitada pela combinação das condições necessarias para a sua cultura, um bom producto liquido, apesar da pouca fecundidade da planta, e uma venda facil, serão premio infallivel para o lavrador perseverante. Se, pelo contrario, elle se obstina em semear os melhores algodões em toda a qualidade de terras, podem-se-lhe predizer, e com certeza, perdas successivamente repetidas, e talvez mesmo uma ruina total.

Até a uma epocha moderna a cultura do algodão *Sea-Islands* não era emprehendida senão em terras altas, e nunca nas baixas. A sagacidade e a perseverança de dois membros[1] da Sociedade de agricultura de S. João, (Colleton) conseguiram fazer uma mudança, de que não é facil predizer quaes serão as ultimas consequencias. Não ha hoje na Carolina do Sul terreno nenhum, que, semeado de algodão de fio comprido, renda mais durante uma serie de annos seguidos, do que estas immensas extensões de terras situadas perto do logar onde se misturam as aguas doces com aguas salgadas. Mais perto do mar, o terreno é baixo, em partes coberto de agua e demasiadamente salgado para poder ser logo aproveitado. Alem do ponto do encontro das aguas, a falta total dos principios salinos faz a terra melhor para cereaes do que para o algodão. Da especie de terrenos de que acabâmos de fallar, ha nas parochias visinhas do Oceano milhares de *acres* que estão incultas. É a grande região plana de paiz baixo, que, pela sua inexhaurivel fertilidade, poderia produzir tanto algodão superfino, quanto parece que o commercio poderia pedir n'este quarto de seculo. Todavia como estes terrenos paludosos estão quasi a nivel com o Oceano, seria necessario abrir numerosas vallas. Mas feito uma vez bem este trabalho, a riqueza do terreno é tal, que logo no primeiro anno a colheita será bastante copiosa para indemnisar bem o lavrador.

[1] MM. William G. Baynard e E. Mickell Seabrook.

Convem fazer notar aqui que a opinião geral parece considerar os terrenos baixos e planos como pouco proprios para a cultura do algodão superfino. Assenta esta crença em algum raciocinio solido? Tomando por guia a analyse do terreno d'esta ilha, pelo professor Shephard, busquemos a differença que ha entre as terras altas e as baixas. Ambas ellas são arenosas: em ambas falta, em proporção quasi igual, a materia organica, e o poder de absorpção é em ambas ellas quasi o mesmo. Onde o chão tem conveniente profundidade, e onde a camada inferior é de argila, factos que facilmente se podem verificar, a elevação do terreno só por si é provavelmente de pouca importancia. O erro que ha a este respeito provém, segundo se crê, da falta de numero sufficiente de vallas para esgotar as aguas superfluas. Todas as variedades de algodão exigem terreno secco. Planta de raizes profundas, o algodoeiro resiste bem aos effeitos da seccura. Todas as vezes que as raizes têem excesso de humidade, infallivelmente apparece uma molestia fatal á colheita, a *queima*.

Se á força de trabalho se póde chegar a vencer este excesso de humidade, deixa de haver rasão solida, que se dê para justificar a opinião por tanto tempo admittida. Até a uma epocha muito recente consideravam-se as terras pretas como de todo improprias para a cultura das ervilhas. Actualmente, graças aos estrumes e aos enseccamentos, temos chegado a cultivar este legume em taes terras, com tão bom resultado, que é um dos nossos principaes generos alimenticios.

(Continua.)

A planta do cha na India Ingleza.

Em Julho do anno passado o Capitão Verner, superintendente de Cachar, fez saber ao Governo de Bengala, não só que se acabava de achar no paiz a arvore do cha, mas tambem que era indigena. Apresentarem-se amostras ao exame do Dr. Thompson, do Jardim Botanico, o qual reconheceu que era verdadeiramente cha (variedade d'Assam.). Remetteram-se tambem amostras a Mr. Williamson, que tem uma propriedade no Assam, o qual declarou desejar que se lhe concedessem quinhentos *acres* das terras onde a planta tinha sido achada, para começar uma plantação quando viesse o inverno. O Governo accedeu, e, para animar a empreza, declarou que não exigiria renda do terreno no primeiro anno. Acha-se principalmente em sitios elevados. Quasi todo o terreno não tem dono, e por isso está á disposição do Governo, o qual tinha resolvido tomar medidas para assegurar a conveniente cultura das terras proprias para cha.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

DO ALGODÃO SEA-ISLANDS NA CAROLINA DO SUL.

(Continuado de pag. 260.)

Não é nossa intenção dar uma noticia circumstanciada dos melhores methodos de cultivar o algodão *Sea-Islands*. Os nossos Jornaes agricolas contêem a este respeito quanto se póde necessitar saber. Entretanto antes de entrarmos em questões mais graves julgâmos dever apontar alguns erros de cultura, a que se deveria dar prompto remedio. Ponhamos antes de tudo em principio:

1.° Que as terras destinadas á cultura do algodão devem ser amanhadas immediatamente depois da apanha, e não em epocha mais adiantada.

2.° Que se deita á terra pouca semente.

3.° Que os desbastes que se fazem nas searas do algodão são muito repentinos.

4.° Que se não trata bastante do enseccamento das terras.

5.° Finalmente, que não ha a devida escolha da semente reservada para semear.

I. As plantas não podem receber o sustento senão debaixo de duas fórmas, *soluvel* ou *gazosa*. As materias vegetaes e animaes não contêem elementos nutritivos para as plantas, senão quando estes elementos são attenuados de modo que possam ser absorvidos pelos vasos infinitamente pequenos, que compõem a substancia cellular das raizes e das folhas. Para chegarem a este estado tres cousas são necessarias: ar, calor e humidade. Quando a herva cessa de vegetar, as chuvas e as geadas do inverno preparam as plantas para a metamorphose que ha de causar o ar tepido da primavera. A decomposição começa então, e continua durante todo o tempo do crescimento. Por outro lado se se differe até Fevereiro a preparação da terra, que é o costume geral, as raizes delicadas do algodão acham-se envolvidas em uma materia vegetal secca e inerte. Não sómente a planta não se aproveita do estrume misturado com a terra; mas as raizes perpendiculares são embaraçadas exactamente no mesmo em que conviria ajuda-las a profundar. Se portanto o algodoeiro na sua infancia tem uma côr amarellada ou morbosa, deve-se, pelas observações que temos feito, attribuir isto á falta de alimento. É por esta rasão, a não conversão da materia vegetal em humus [1] (que por muito tempo se suppoz constituir o unico alimento das plantas), [2] que uma terra nova não dá no primeiro anno boa colheita de algodão; mas sim dá trigo, porque a superficie se transforma em alimento em consequencia do contacto com o ar. Se todavia houvesse o cuidado de fazer n'esta terra nova uma valleta de um pé de profundidade e de bastante extensão, de modo que deixasse livremente circular o ar, e assim produzir a fermentação, daria no primeiro anno uma colheita de algodão quasi tão boa como no segundo. Se a decomposição começa quando a estação está já adiantada, o calor a acaba muito depressa, e d'ahi vem excesso de estimulante e padecimento da planta proporcional a este mesmo excesso. Se no momento em que uma secca prolongada tem suspendido o effeito dos agentes nutritivos, sobrevem aguas copiosas, aquelles agentes recobram logo a sua actividade e o seu poder; apparecem novos rebentos, tudo annuncia uma segunda vegetação, que é sempre seguida, conforme as leis de physiologia vegetal, da perda de todos os fructos ainda em embrião. Ora, por outro lado, mesmo tendo-se a preparação da terra feito em tempo opportuno; se, como hoje se pratica, se lança o estrume em uma linha es-

1 Substancia escura que resulta da completa decomposição do estrume, e que enegrece o chão, formada de residuos das plantas, e muito rica em carbone. *(O Professor Lindley.)*

2 Liebig pretende que « o humus, tal como existe na terra, não dá alimento algum ás plantas; » apenas o considera como um gerador de acido carbonico.

treita directamente debaixo da raiz perpendicular, hão de necessariamente apparecer os mesmos accidentes, posto que em grau menos damnoso. É pois necessario espalha-lo bem no terreno: é o unico meio de evitar os perigos do antigo systema.

II. Antes da introducção dos algodões finos, o costume era semear um *boisseau* (alqueire) por *acre*. Actualmente todos têem tanto desejo de se distinguirem nos mercados, que para evitarem o trabalho aborrecido da escolha das sementes, trabalho que deve ser feito pelo proprio lavrador, este apenas emprega ordinariamente um *peck* (9 lit. 0869) por acre, e até algumas vezes emprega muitissimo menos. D'aqui se segue que as plantas pela sua constituição particularmente delicada, não tendo protecção artificial, não podem resistir ás ventanias de leste que apparecem na primavera. Mas ao contrario quando as hastes estão bastas, defendem-se mutuamente, e é muito raro que as injurias causadas por agentes externos sejam bastante graves para prejudicarem a todas. De mais a sombra que faz a visinhança das folhas promove o crescimento da planta, e se acceleram as phases por que ella deve passar antes de chegar á madureza. Livrar os algodoeiros da acção do vento, principalmente no principio da primavera, é precaução tão importante, que todo o lavrador, que entende o que lhe convem, abriga o seu terreno com uma sebe de arbustos. Modernissimamente tem-se conseguido muito entremeiando os algodoeiros com trigo, que se semeia de quatro em quatro, cinco em cinco, ou sete em sete fileiras, conforme a fertilidade da terra, logo que esta se acabou de preparar. Não sómente o trigo, que cresce comparativamente muito mais depressa, serve de abrigo ás plantasinhas de algodão que lhe ficam visinhas; mas mesmo se crê que sem nada diminuir no valor da colheita do algodão, salvo o caso de ser em chão pobre, uma terra semeada d'este modo dá mais producção do que outra terra semeada só de trigo, segundo o costume ordinario.

III. Não se póde obter frutificação na parte inferior das plantas, sem que estas estejam largas; mas arrancar muito cedo grande numero de plantas é cousa que as pessoas praticas reconhecem que é prejudicial. Nas circumstancias ordinarias a força productiva do algodão não se desenvolve senão quando a planta tem chegado a uma certa idade. Em um terreno rico a planta fórma-se mais depressa do que em um terreno mais pobre; mas nunca mostra um só rudimento de fructo sem se ter revestido da sua capa de casca (*until they have put on their coat of bark*), o que é obra de tempo ou da abundancia de alimento ou talvez de ambos. Se nenhum accidente se devesse receiar, bastaria uma planta em cada monticulo logo quando se começa a desbastar; porque é fóra de duvida que a planta já fóra da infancia tem tomado força bastante para chegar bem á madureza. Mas muitas vezes parece que tudo se levanta contra a sementeira, e por isso o dever do lavrador é conservar-se na defensiva. Segundo a opinião dos nossos lavradores mais praticos, a primeira vez que se sacha, é necessario que seja uma sacha funda, e que se procure attenuar bem a terra. Na segunda sacha devem arrancar-se metade das plantas, nos logares em que pela pobreza do terreno se semearam de tres *pecks* a um alqueire de semente por acre, se todas ellas estão bem vigorosas; e metade das que ficaram quando se torna a fazer igual trabalho. E ultimamente, conforme a temperatura, a fecundidade natural ou artificial da terra, o estado da sementeira, e outras circumstancias faceis de estudar, não se deve deixar mais do que uma, ou quando muito duas plantas em cada monticulo. A este respeito devo apontar duas regras geraes que é indispensavel observar rigorosamente: 1.ª, não desbastar muito quando o tempo vae frio ou ventoso: 2.ª, não separar tanto as plantas, em tempo nenhum, que fiquem expostas sem abrigo á acção directa dos raios do sol, antes que a casca as defenda; por outras palavras, é necessario não embaraçar o crescimento das plantas, o que infallivelmente ha de acontecer se se desprezam as precauções que acabo de indicar.

IV. No Sea-Islands não se póde dizer que a drainagem [1] seja um trabalho agricola regular. Apenas é considerada como objecto de importancia secundaria; e por isso as abrições não só se fazem inconsideradamente, mas é mesmo raro que o numero d'ellas esteja em relação com o fim para que são feitas. Muito raros são os agricultores que reflectem, que os seus estrumes serão completamente neutralisados, ou antes ficarão inteiramente inuteis, em quanto a terra for receptaculo das propriedades nocivas que produz o excesso de humidade. As terras baixas, que por sua natureza são, em regra, as partes mais ricas da propriedade, deterioram-se, esfriam, e ficam improductivas por culpa do lavrador não empregar n'ellas uma parte do tempo

[1] A palavra *drainagen*, poderia muito propriamente traduzir-se por *enseccamento*; mas modernissimamente se tem adoptado para significar o enseccamento feito por meio de tubos de barro dispostos debaixo da terra, a maior ou menor profundidade segundo as circumstancias.

que elle gasta inutilmente ensaiando diversos modos de melhoramentos que elle imagina.

Assim, por pura negligencia, não só uma grande parte do nosso territorio fica improductiva, mas a humidade constante da terra, no tempo dos calores do verão, infecciona a atmosphera e torna-se causa de epidemias que chegam a grandes distancias. Em quanto a agua na terra não é visivel, crêem que a terra está secca. Comtudo esta opinião é muitas vezes um grande erro. Os nossos terrenos arenosos absorvem a agua da chuva quasi no momento em que cáe. Se pois a superficie da terra apparece logo secca, d'ahi não se segue que as plantas tenras não soffram. Quando o sub-solo é formado de argila ou de areia compacta, a agua pára logo que chega a esta camada impermeavel; e no caso em que por falta de saída não possa escorrer, os funestos effeitos da estagnação não tardam a fazer-se sentir. É por isto que convem ajudar as terras elevadas, quando são planas, a deitarem fóra o excesso de humidade. A regra que o agricultor deveria seguir é esta: regular de tal sorte o numero e a dimensão das abertas, que, impedindo estas de se encherem com as regas dos campos visinhos, a agua possa descer com promptidão e ficar abaixo das raizes das plantas. Na execução d'este trabalho e para prevenir as innundações e estragos, as motas feitas para a sementeira do algodão devem ser perpendiculares ao declive, e toda a terra tirada das regas deve ser levada á parte mais baixa da sementeira. Bastará uma aberta para cincoenta pés nos terrenos baixos e planos.

V. A escolha da semente destinada para deitar á terra é objecto a que se dá muito pouca attenção: parece que de proposito se tem desviado o espirito dos lavradores de um objecto tão importante. Estão ha algum tempo tão cegos com o desejo de mandarem aos logares de venda o algodão mais macio e mais estimado, que nunca lhes viria á idéa que apesar dos seus esforços para conseguirem este fim, elles talvez prejudicassem bem o que tinham em vista.

Os lavradores que cultivam a mais bella qualidade de algodão de fio comprido, não expõem a sua colheita ao sol. O uso ordinario é estende-lo em camadas tão delgadas quanto é possivel, em casas ou alpendres construidos de proposito. Este processo é evidentemente vicioso: e a prova é que o algodão mesmo levemente amontoado, o que geralmente acontece, tem por baixo uma camada inferior em força, muitas vezes atacada de bolor, e até algumas vezes inteiramente podre. Em nenhuma fazenda ha espaço bastante para seccar o algodão á sombra; e ainda que o houvesse, não deixava de ser necessaria a força do sol. Só o sol póde extrahir a agua que os flocos contém nas primeiras duas ou tres semanas depois da colheita. Estando o tempo humido no principio da colheita, duas horas de exposição ao sol darão uma diminuição de vinte por cento, por effeito da evaporação.

As quatro principaes qualidades do algodão de fio comprido, na sua ordem relativa, são: força, comprimento, finura, igualdade de fio. As tres ultimas não podem ser alteradas pela acção do sol, a não ser por uma exposição excessivamente prolongada, caso em que o fio privado das suas qualidades oleosas se faria branco e quebradiço. Quanto á força, que é a primeira qualidade, a humidade sem duvida lhe é nociva.

O algodão que não foi secco póde perder a côr pela acção do oleo da semente; quando está exposto a uma temperatura elevada, com difficuldade se lhe separa a semente e se limpa: finalmente facilmente se amaça, e a final a semente é imperfeita.

Todos os annos costumâmos fazer escolha, mas só para o algodão superfino: e então com uma certa simplicidade seguimos um dos meios mais proprios para tornar a semente improductiva. A rasão parecia indicar que a melhor semente deveria ser a que se acha em casulos bem cheios e apanhados de um pé perfeitamente são; mas a experiencia mostra que se devem escolher os casulos medianos. Dever-se-íam empregar alguns pretos em procurarem estes casulos na occasião em que começam a amadurecer, e na escolha da semente. Quem seguir exactamente a regra que acabâmos de dar, expondo-se depois judiciosamente o algodão aos raios do sol, e a final sendo posto em um alpendre secco e arejado, póde, sem receio de se enganar, nutrir a esperança de uma colheita magnifica no anno seguinte.

D'entre os muitos methodos que os lavradores conhecem para melhorar ou enriquecer o terreno, só tres até agora têem sido empregados pelos cultivadores das terras baixas: 1.°, a mistura das terras para melhorar a consistencia do terreno. 2.° e 3.°, estrumar com substancias excrementicias ou não excrementicias. Mas antes de entrar n'estas questões, julgâmos dever fazer algumas breves observações sobre o tapume das terras, e a rotação das sementeiras, dois methodos de melhoramento ha muito tempo usados n'outros paizes, e que geralmente são preferidos a todos os outros. Se se buscar a causa por que os lavradores têem abandonado inteiramente o primeiro, achar-se-ha a causa, primeiro no excessivo preço da madeira, e depois no exces-

sivo numero do gado. A madeira poderia com vantagem ser substituida por sebes vivas. E quanto ao gado, a experiencia de cada dia mostra que deveria ser reduzido talvez a metade. Melhor carne para açougue, maior extensão da manufactura dos lacticinios, estrumes mais ricos, um consummo infinitamente menor de substancias vegetaes, que faltam na maior parte das terras, taes são algumas das vantagens que, segundo ensina o raciocinio e a analogia, se tirariam de se seguir este conselho. Ninguem espere restituir á terra a fecundidade que a cultura lhe diminue, se, em logar de a deixar repousar, se consente que o dente dos animaes lhe leve toda a herva.

Os tapumes são considerados como o auxiliar menos dispendioso e mais efficaz que a necessidade ensinou ao lavrador. Em todos os paizes de cultura aperfeiçoada é o primeiro recurso do fazendeiro. Graças ao simples processo de fechar uma parte da propriedade com os meios que se offerecem, a natureza póde effectuar por si a sua obra de munificencia e de regeneração. Nas visinhanças de Napoles, afamadas pela fecundidade da terra, os cereaes são cultivados ha seculos sem estrume. As terras semeiam-se de tres em tres annos: e nos outros dois dão pasto ao gado.

« O segredo da renovação, diz Liebig no seu admiravel tratado sobre a chimica organica agricola — « parece achar-se na evaporação « ou na dissolução do alcalis que a terra « tem » ; ou tambem, como elle diz em outra parte « na destruição ou conversão em hu« mus dos excrementos *(excremts)* que ella con« tém, o que tem logar durante o periodo em « que o terreno não é amanhado, e na pro« pria occasião em que elle é exposto a uma « desaggregação ulterior. »

Tem-se opposto a isto que os tapumes augmentam a leveza e soltura da terra. Se assim é, um effeito inteiramente opposto poderia ser produzido pelo aplanamento do terreno. E na verdade aplanar um terreno e sacha-lo depois são consequencias do plano de que agora tratâmos. Não se faça uma nem outra cousa, e particularmente da segunda, achar-se-ha em certos casos perda em vez de lucro. O aplanamento do terreno torna mais compactas as terras muito leves; e d'ahi resultam tres vantagens bem sensiveis: 1.ª, o terreno fica menos exposto a levantar; 2.ª, os estrumes evaporam-se com menos facilidade; 3.ª, a materia vegetal produz-se em maior abundancia. Se de duas porções de terra pegadas se aplana sómente uma depois da colheita, ver-se-ha esta na primavera seguinte cobrir-se de um fofo tapete de herva, em quanto na outra a herva seria muito rala.

Nos Sea-Islands, as terras mais elevadas são reservadas unicamente para algodão: os lavradores nunca empregam n'esta cultura as terras baixas, senão quando a necessidade os obriga. D'ahi vem que um anno sim, outro não, a terra dá a mesma producção. Crê-se que não seria possivel introduzir n'esta pratica mudança que seja importante: e todavia não ha partes d'estas fazendas constantemente empregadas na cultura das plantas alimenticias, que sendo cavadas á enxada seriam facilmente tornadas em terras muitissimo productivas de algodão? Se assim é, poder-se-ia na mesma proporção adoptar vantajosamente o systema da rotação das sementeiras. Supponhamos que em uma propriedade de 500 *acres* de terra, 125 são destinados um anno sim, outro não, á cultura do algodão, e 125 *acres* á das plantas alimenticias. Se d'estes segundos se applicam 25 *acres*, mediante as convenientes abrições e estrumes, ao modo de cultura que recommendâmos, então bastará semear de algodão esta parte de quatro em quatro annos. D'este modo um sexto de sementeira do algodão aproveitaria as vantagens que resultam do systema de rotação[1]. As batatas restituem á terra uma grande porção de materia vegetal. Quando se der á terra que deu uma colheita d'esta planta tão preciosa e tão desprezada, um anno inteiro de descanso, e no terceiro anno se lhe semear algodão, ter-se-ha seguido o melhor methodo de melhorar a terra sem estrumes que conhecem os lavradores dos *Sea-Islands*. As ervilhas, semeadas na primavera, e amanhadas unicamente para colher em secco, são tambem um excellente meio de melhoramento, quando se quer fazer depois uma sementeira de algodão. O milho cansa a terra: o mesmo fazem a aveia e o centeio: mas se se deixa em descanso uma terra que deu qualquer d'estes cereaes e depois se semeia o algodão, a colheita será muito mais consideravel do que se a ultima colheita tivesse sido o algodão. O mesmo acontece sempre sem excepção, quando a plantas de raizes horisontaes, e que penetram pouco na terra, succedem plantas de raizes profundas.

(Continua.)

[1] Uma superficie de 25 *acres*, tirada de um terreno de cultura de algodão deveria ficar em repouso ou ser cultivada de plantas alimenticias, tendo cuidado de variar todos os annos os 25 *acres*.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

DO ALGODÃO SEA-ISLANDS NA CAROLINA DO SUL.

(Continuado de pag. 264)

A theoria da rotação de sementeiras que merece mais confiança é a de De Candolle. Segundo elle as plantas segregão pelas raizes certas substancias que são inuteis ou nocivas á mesma especie de plantas, sendo semeada no mesmo terreno, mas que podem ser assimiladas por outras plantas, o que afasta estes principios maleficos, e torna novamente o terreno proprio para a cultura das primeiras. As plantas, assim como o terreno em que ellas vegetam, são compostas de pequeno numero de elementos essenciaes. As variedades do reino vegetal são formadas pelas diversas combinações d'estes elementos. Todos os vegetaes devem restituir ao terreno uma quantidade de certas substancias que podem servir de alimento a uma geração subsequente; e a experiencia prova, que, apesar da abundancia dos mais fortes estrumes, a producção de muitas plantas diminue quando as cultivam no mesmo terreno muitos annos a fio. Alem d'isto certas plantas dão-se melhor quando estão umas ao pé das outras; e outras plantas pelo contrario incommodam-se tendo outras visinhas. Do que se tira que no primeiro caso a benefica influencia que se observa provém de uma troca de alimento entre aquellas plantas; e no segundo o mal vem da acção destruidora das secreções de umas em relação ás outras.[1] Estas considerações talvez não têem importancia no objecto de que tratâmos: limitar-nos-hemos a este unico facto, que em um certo numero de annos successivos uma terra não póde sem estrumes ser semeada da mesma especie de semente; em quanto usando de uma rotação de sementeiras cada colheita será de igual producção.

D'esta tão clara lei da natureza se póde sem hesitar tirar uma ou duas consequencias: 1.ª, que cada planta só escolhe as substancias que ella póde assimilar: 2.ª, que ella absorve indifferentemente substancias que tornam á terra em fórma de secreções improprias para a nutrição.

Nós não sustentâmos que a rotação de sementeiras, ainda mesmo formada sobre principios, restitua á terra o seu primeiro valor. Só a considerâmos como um meio facil de melhoramento. As nossas terras necessitam de materia vegetal. Por isso nenhum melhoramento será sensivel, se se não podér dar ao terreno este genero de alimento, em quantidade superior ao que é absorvido pela vegetação das plantas semeadas. Se o cultivador quer dirigir o seu trabalho com segurança e lucro, é absolutamente necessario que elle conheça a fundo as plantas que cultiva, assim como a terra que amanha, e os diversos modos de fertilisação que lhe são applicaveis. Nos trabalhos que o lavrador emprehende a este respeito elle foge de todas as suggestões da theoria; busca unicamente *factos, porque estes*, diz elle confiadamente, *nunca enganam*. Mas n'isto ha erro; os factos tambem enganam.

Todas as vezes que se não faz uso da intelligencia para explicar um effeito, cuja causa não é positivamente conhecida, não é possivel tomar guia mais incerta do que o que chamam experiencia. Se um cultivador vê uma parte do seu terreno dar uma boa colheita, elle attribue este resultado á acção de algum estrume particular. No anno seguinte espera confiadamente um resultado similhante por usar dos mesmos meios fecundantes. E então qual não é a sua surpreza! mal recolhe tanto como semeou. A experiencia do primeiro anno exaltou-lhe o espirito; a do segundo abate-o. Por isso a experiencia deve

[1] Liebig.

ser esclarecida pelas luzes que dão as investigações scientificas: por outras palavras, a theoria e a pratica devem sempre andar unidas. Nós pedimos aos nossos collegas agricultores, que não se sujeitem cegamente á opinião dos escriptores de obras de agricultura, mas que busquem em todas as fontes ao seu alcance luzes sobre os importantes deveres da sua profissão. Entao darão o devido valor ao conhecimento dos factos seguintes, isto é, que os vegetaes são dotados de um principio activo: que cada especie tem uma organisação regular que exige para a sua conservação um consummo continuo de alimento: que cada planta tem seus periodos de crescimento, de saude, de doença, de decadencia e de morte; e finalmente que a terra, que segundo as leis da natureza é o leito commum das plantas e o receptaculo do seu sustento, se exhaure á força de ser cultivada: do que se segue, por forçosa consequencia, que dar repouso á terra e restituir-lhe as substancias que a cultura lhe póde ter tirado, é cousa que não só aconselha o senso commum, mas o proprio interesse bem entendido. Agora d'onde provém a força restauradora do repouso? Como se corrigirá judiciosamente a terra sem se conhecer o que se lhe tirou? Em todos estes pontos, bem como em outros muitos de igual importancia, o agricultor puramente pratico ha de infallivelmente continuar a perder-se no labyrintho da duvida e da incerteza.

Nenhuma parte do Estado é tão abundantemente provida de materias proprias para enriquecer a terra como a *Sea-Island*. Em muitos logares não ha propriedade que não tenha em seus limites uma ou mais *conchas* (ou pequenas bahias). Ali as plantas marinhas e o lodo são, por assim dizer, inexhauriveis: se estes dois agentes fossem habilmente aproveitados, não se ouviriam queixas de falta de colheitas pela esterilidade da terra. Não sómente o caniço das terras salgadas é superior em tudo aos juncos, mas é, especialmente para o algodão, o primeiro dos estrumes vegetaes. Para o aproveitar bem é necessario mette-lo na terra no verão; e quanto mais cedo isto se fizer, melhor. Acabados os trabalhos da colheita, manda-se um certo numero de homens activos em barcos ou jangadas. O que se corta em um dia é levado á terra no dia seguinte, e enterrado sem demora, ou melhor é lançar sobre o caniço alguma terra da parte mais alta das motas. E como estas escavações feitas á enxada não seguem uma linha continua ao longo das motas, mas são espacejadas umas das outras, seis a oito pollegadas, segue-se que o estrume só em partes fica coberto. A quantidade de caniço necessaria para um *acre* anda por vinte cargas de carreta. Quando a terra é muito leve, bastam dezeseis cargas; porque se a taes terras se não applica o estrume com moderação e vem depois uma estação irregular, é de toda a probabilidade que appareça o *mal azul (blue disease)*.

Consequentemente é necessario abster-se cuidadosamente de deitar caniço nos terrenos favoraveis á producção do algodão azul *(sic)*. O habito tão geral de amontoar esta planta, para se usar d'ella mais tarde, trazendo comsigo a decomposição, consequencia da exposição ás chuvas e aos calores do verão, faz perder ao caniço, pela evaporação, um terço das suas qualidades nutritivas; e consequentemente um terço do tempo e do dinheiro gasto para o recolher, é inteiramente perdido, o que parece ser cousa inteiramente indifferente ao lavrador. Se se faz um monte de vinte cargas de carreta de caniço, quantidade necessaria para um *acre*, e assim se deixa de o empregar immediamente, ha de achar-se uma diminuição de oito carretas, quando se for buscar; e ver-se-ha mesmo pela colheita que o estrume é de qualidade comparativamente inferior.

Um homem deve encher tres carretas em um dia. Calculando sobre este dado, comparemos os resultados effectivos dos dois systemas, dos quaes o mais seguido é o que consiste em estrumar no inverno. Dez homens em trinta dias farão novecentas carradas, que se tivessem sido enterradas serviriam para quarenta e cinco *acres*. Por outro lado demorando-se a operação até Fevereiro, a quantidade do estrume estará reduzida a seiscentas, o que apenas chega para trinta *acres*. Logo pelo systema que nós recommendâmos que se siga o lucro é igual ao trabalho de dez homens durante dez dias. E ainda não está aqui tudo: alcançam-se outras vantagens, que não desmerecem serem aqui mencionadas. Em nenhum tempo os negros trabalham tão pouco como durante a apanha dos estrumes. Têem sido inuteis todos os meios que atégora se tem empregado para conseguir o bom emprego do dia. O nosso systema ha de vencer esta difficuldade, até ao ponto que o póde conseguir uma responsabilidade e uma vigilancia mutua. Cada dia se empregam tres ranchos de trabalhadores a fazerem um trabalho, mas separadamente; é este o enterramento do estrume em uma certa porção de terra. Um rancho enterra o estrume, outro transporta-o, e o outro corta-o. Como o trabalho de uns depende dó dos outros, não se perde um momento. Por este modo, se o chefe

das carretas, que deve ser sempre um homem de confiança, não faltar ao seu dever, póde-se estrumar n'um dia *acre e meio* de terreno. Suppondo necessario o serviço de quatro carretas para a conducção do caniço, e quatro mulheres para o enterrarem, o gasto total para estrumar *acre e meio* de terreno depende do trabalho de um dia de nove individuos, tres dos quaes podem ser rapazes, e de quatro bestas.

As objecções que se fazem ao estrumar no verão, são : 1.ª, que por esta fórma se expõe a terra á acção do sol, quando conviria te-la coberta ; 2.ª, que se damnificam os pastos ; e 3.ª, que quando se deita o caniço nas terras muito leves ou em terras baixas, póde receiar-se que appareçam certas doenças conhecidas, como são o *mal azul (blue disease)* e o murchar *(flaggy disease)*. Quanto á primeira objecção, notaremos que o alto das motas geralmente não tem verdura por falta de humidade ; se se seguir rigorosamente a regra que démos acima de não tomar senão uma pequena quantidade de terra do alto das motas, a perda, se a houver, ha de ser tal que não valerá a pena de a tomar em consideração, principalmente attendendo á vantagem manifesta que resulta da pratica geral do nosso systema. Mas a nossa opinião é que nenhum mal póde resultar. Com effeito, se existe, durante um certo periodo, o descobrimento de uma pequena parte de terra, o deposito que se faz na mesma terra de uma grande quantidade de ricas materias vegetaes dará em pouco tempo, se a estação for humida, nascimento a uma porção de verdura, onde os carneiros hão de poder pastar. Por esta fórma, tomando-se as precauções convenientes, melhora-se com o caniço a qualidade dos pastos.

Ao mesmo tempo que nunca (ao menos é a opinião geral) uma estação má ou irregular produz algodão azul nas terras estrumadas com o caniço decomposto e enterrado no inverno ; o emprego inconsiderado d'este estrume no verão, e a sua decomposição debaixo da superficie da terra, poderia algumas vezes causar este mal em certas localidades, e em circumstancias particulares resultantes da temperatura. No primeiro caso, isto é, estrumando no inverno, o estrume tendo perdido as suas propriedades excitantes, já não tem acção bastantemente forte : no segundo caso o excesso do estimulo, augmentado pela rapida fermentação, produzida pelo muito grande calor e pela humidade em proporção de porosidade e friabilidade do terreno, perturba as funcções das plantas e acaba provavelmente por destruir as forças creadoras *(procreative powers)*. Esta é verdadeiramente a rasão que faz que quanto mais leve é a terra, mais provavel é o perigo se se empregam os caniços no verão. Mas não é difficil vencer esta difficuldade. Em taes terrenos usae com parcimonia d'este estrume, ou accrescentae-lhe lodo salgado, o maior antidoto do veneno azul *(blue poison)*. Ainda mais um conselho para usar nas terras baixas : faça-se o trabalho á enxada, que é um auxilio essencial para conservar os algodoeiros em bom estado, e prevenir a disposição que poderiam ter para murchar.

Quanto acabâmos de dizer relativamente ao enterrar o caniço no verão, se applica com maior rasão ao junco. A decomposição d'este é lenta, e como encerra menos principios nutritivos, são necessarias sete ou oito cargas de carreta para cada tarefa [1]. É um estrume de muita confiança, e proprio para toda a qualidade de terreno. A rama ou folhas dos pinheiros é de pouco valor como estrume, excepto tendo sido moida pelo gado. Até não deveria ser empregada, senão nos terrenos altos e mais seccos, pois que a sua principal propriedade é recolher e conservar a humidade. Para a ajudar n'este serviço, e igualmente para destruir os insectos de que ella é receptaculo, será acertado empregar o sal em proporção conveniente.

Não entra no nosso plano fallar extensamente do lodo salgado *(salt clay mud)*, posto que a melhor qualidade d'este estrume (a que tem maior proporção de raizes de caniços) contenha todos os ingredientes necessarios e no termo mais perfeito, é comtudo verdade que nem sempre dá colheita abundante de algodão. E não poderá isto provir de algumas circumstancias relativas ao modo como é lançado nas terras? Ordinariamente junta-se entre o tempo da sacha e o da colheita, para se empregar mais tarde : ou então se é logo transportado á terra, é sómente para ali estar junto até Janeiro ou Fevereiro. Vê-se claramente n'esta epocha, que este estrume tem tido consideravel diminuição, á qual se espera achar compensação na facilidade com que elle se divide, em rasão da exposição do lodo á acção atmospherica. Quando se lança no inverno o lodo é logo enterrado. Por isso conserva toda a virtude : e comtudo se a massa não é completamente dividida, uma grande quantidade de lodo só dará pequena quantidade de estrume. ***Dez cargas de carreta bem pulverisadas valem mais que quinze carradas mal quebradas.*** Se o lodo, logo que é apa-

[1] *Task*, trabalho que um homem póde fazer em um dia.

nhado no verão, é levado sem demora ás terras e ahi dividido á enxada, obter-se-hão em grande escala as vantagens principaes dos dois systemas. A conducção ás terras e a pulverisação muito pouco augmentariam a despeza, se é que a augmentassem, pois que este processo exige muito menor quantidade de materia. Um campo que dois annos a fio tem sido semeado de algodão, conserva as porções de lodo em um estado identico ao em que estavam quando foram enterradas. É pois evidente, que a materia vegetal que encerram, não exerceu toda a sua força, posto que fosse para isto que o lavrador a empregou. Quaes são pois os agentes que têem auxiliado a planta? Unicamente as propriedades salinas e alcalinas do lodo, e algum pouco alimento dado pela superficie das porções do lodo. Se alem d'estas vantagens se combina com a terra a argila, parte essencial do lodo, o que não póde effeituar-se senão por meio da pulverisação; se se separam de todo as raizes do caniço que devem formar metade, pelo menos, de cada porção de estrume, e se dividem em porções miudas, a fim de facilitar a sua dissolução, então se poderá com rasão dizer, que em um pequeno numero de annos o lodo argiloso salgado será o mais vantajoso de todos os estrumes usados para o algodão. Os lavradores desprezam estas considerações, á primeira vista pouco importantes, e é por isto provavelmente, a esta negligencia que se deve attribuir o pouco proveito que até agora os lavradores têem tirado d'este estrume, quanto ao bom estado e á producção das suas sementeiras de algodão. Como elle por sua natureza é frio, não é nunca acertado usar d'elle só, excepto onde o permittem o calor natural e a força do terreno. O seu producto será talvez dobrado, sendo misturado com a semente do algodão em uma certa proporção.

Quanto ao valor da cal não o conhecemos por experiencia. Comtudo se os trabalhos de um só individuo sobre este objecto bastaram para effeituar uma revolução na agricultura da Virginia, este objecto é certamente digno de um estudo attento da parte dos lavradores da Carolina do Sul. « Fazer conheci- « dos os vossos estrumes calcareos, e acon- « selhar aos vossos lavradores que os usem » escrevia M. Ruffin a um cidadão da Ilha de Edisto, « seria para a Carolina do Sul o prin- « cipio de maiores vantagens, do que o aug- « mento, ainda que dobrado, das producções « actuaes e do valor pecuniario de todo o « paiz. » Sir H. Davy, na sua *Chimica agricola*, faz a observação, « que a terra, principalmente « a terra carbonatada, possue um certo grau « de attracção chimica para um grande nu- » mero dos principios que encerram as sub- « stancias animaes e vegetaes. » Como o carbonato de cal é muito superior, n'esta qualidade, a todas as outras terras, quer carbonatadas, quer não carbonatadas, é quanto basta para que os terrenos privados de cal não possam ser melhorados de um modo duravel ou proveitoso, por meio dos estrumes podres, sem que tenham recebido principios calcareos [1]. D'entre dez amostras de terra da Ilha de Edisto, analysadas pelo Professor Shepard, só uma mostrava indicios de carbonato de cal. É pois conforme á opinião do lavrador pratico e do scientifico, que se não póde no Sea-Island esperar melhoramento permanente, se se não faz uso da cal debaixo de alguma fórma. Para entender isto bem convem attender que o nosso terreno é areioso, que a livre entrada do ar e da agua, que são os dois principaes agentes da fermentação, effeitua facilmente a decomposição das materias vegetaes; emfim que das substancias putridas as mais soluveis são as que mais promptamente se destroem. Por consequencia todos os estrumes que costumâmos usar têem uma acção passageira: apenas duram uma estação. O lavrador não emprega meio nenhum para impedir a evaporação dos gazes encerrados nos seus estrumes, ou para apanhar da atmosphera, considerada por muito eminentes agricultores, como o gerador de todo o estrume, os thesouros que n'ella ha em tão grande abundancia. Só pelo carbonato de cal, em rasão da sua energia chimica, se póde conseguir este fim que tanto se deve desejar. Elle attrahe e conserva os principios elementares que convem ao alimento das plantas. E é isto tão certo que na Virginia se lança nas terras novas um estrume calcareo, só para que este possa combinar-se com o estrume vegetal e fixa-lo no terreno. Com a applicação da cal neutralisam-se os acidos toxicos da terra, obtem-se uma fertilidade permanente, e como esta substancia fornece ás plantas o seu alimento de um modo vagaroso, mas regular, não ha a temer excesso de fermentação, causa principal do segundo rebentar do algodão; do que se segue que se evita um dos maiores flagellos, que podem atacar uma sementeira. Dizem que no primeiro anno não se deve esperar do emprego da cal beneficio bem sensivel. A quantidade necessaria para um *acre* é de 1,817 a 7,220 litros, e que torna a ser necessario repetir passados dez a doze annos.

(Continua.)

[1] Ruffin. *Dos estrumes calcareos.*

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

DO ALGODÃO SEA-ISLANDS NA CAROLINA DO SUL.

(Continuado de pag. 268)

Entre o pequeno numero de estrumes que contém, em pouca quantidade de materia, uma grande parte de principios fertilisantes, merecem particular menção as cinzas, a semente de algodão e as cannas do trigo. 36 litros de cinzas, segundo o doutor Dona, equivalem a uma barrica de cal. Empregando os meios convenientes póde-se em qualquer granja ajuntar, em cada anno, grande porção de cinzas. Seria um dos melhores o tirar todas as semanas as cinzas das chaminés das habitações dos negros, e guarda-las em barris tapados. A semente do algodão fresca, misturada com o lodo salgado (sempre que se podér deve-se usar de ambos juntos) na proporção de 10 alqueires de semente e de 40 carretas de lodo, constituem um estrume de uma força extraordinaria para terras altas e baixas, e especialmente para estas. Dobrada quantidade de semente de algodão daria certamente uma excellente colheita.

Segundo as experiencias de Sir H. Davy, a quantidade de alimento vegetal que ha na palha do trigo é muito consideravel: 1:000 partes de palha dão 84 partes de cinza; e 1:000 partes d'esta cinza dão 72,56 de materia soluvel. Como a colheita de algodão, que pede assidua attenção do lavrador, tem logar immediatamente depois da ceifa do trigo, epocha em que as palhas deveriam ser enterradas para conservarem as suas propriedades valiosas, tanto as saccarinas como as outras, mesmo quando em uma epocha mais adiantada o gado e a atmosphera lhes tenham tirado uma parte da sua força benefica, espalhar estas palhas no pateo do gado será um acto tão acertado como util.

Sem pretender entrar na discussão scientifica dos principios que deveriam guiar o lavrador na escolha dos seus estrumes, é conveniente notar que ainda que o algodão exige estrumes bem podres (e o fim que se tem em vista estrumando no verão é facilitar a prompta decomposição e a dissolução completa de fibra lenhosa) é necessario evitar um excesso de fermentação, cujo resultado, similhante ao da combustão, seria a destruição das partes mais uteis do estrume. Logo que o estrume está inteiramente frio, e que póde ser facilmente dividido com a enxada, a decomposição que teria devido acabar na terra, está concluida, por consequencia os principaes elementos do sustento das plantas, o acido carbonico e o ammoniaco, estão já evaporados. Para conservar, quanto é possivel á industria humana, a inteira virtude dos estrumes, e para impedir a evaporação, inteiramente perdida, das suas particulas aeriformes e gazosas, é necessario empregar absorventes tenazes. Para conseguir uma parte d'estes resultados tanto para desejar, seria bom lançar os estrumes entre duas camadas de argila, a inferior para receber as partes fluidas e a superior para guardar as materias elasticas que se desenvolvem. Segundo o doutor C. T. Jackson, no seu Relatorio sobre a geologia e a agricultura do Rhod-Island, um estrume composto de uma parte de turfa e de outra de limpeza de cavalharices equivale em força a igual quantidade d'este ultimo estrume, mas a sua acção dura mais tempo. Substituindo a turfa por lodo argiloso salgado, em que se acha grande quantidade de raizes de caniços, obtem-se um estrume composto de tão grande valor intrinseco para o lavrador de algodão de fio comprido, como é para o fazendeiro da Nova Inglaterra o tão recommendado pelo doutor Jackson. Procure-se no pateo do gado um espaço de terreno mais baixo, ou mesmo escavado: deite-se-lhe o lodo de que temos fallado na altura de um pé, e junte-se-lhe quatro ou cinco barricas de cal. Deixe-se então andar

o gado em cima dezoito ou vinte noites; e depois torne a repetir-se o mesmo até haver materia abundante. A cal, diz o doutor Jackson, decompõe a turfa, [1] neutralisa os acidos e desenvolve o ammoniaco. A turfa absorve o ammoniaco e torna-se em parte soluvel na agua. Á massa compacta se póde ajuntar sama de pinho e sal. Alem da sua utilidade como destruidor de insectos, [2] o sal empregado em pequena quantidade tem uma virtude sceptica; alem d'isso é bem conhecida a propriedade que elle possue de attrahir a humidade; por isso o recommendâmos muito para as terras altas, especialmente para aquellas em que ha muita materia vegetal. A rama dos pinheiros tem um principio acido que se corrige facilmente por meio da cal. Como a sua fermentação se opera muito lentamente, a sua acção benefica, posto que comparativamente fraca, dura muito mais tempo do que a das substancias cruas que até aqui temos indicado. É muito apreciada como absorvente tenaz.

A quantidade de materia susceptivel de decomposição, apanhada annualmente na Ilha de Edisto, é talvez em quantidade bastante para se obterem boas colheitas; mas em consequencia de estragos e applicações erradas perde-se muito tempo e trabalho. Limitar-nos-hemos a acrescentar ás observações que temos feito a este respeito, algumas considerações, que têem por fim attrahir a attenção reflectida dos lavradores. Que é necessario augmentar e não diminuir a somma de materias vegetaes dada pela natureza, ou que o homem consegue pela sua industria, é coisa tão simples que é escusado discuti-la. Ora para que é dar-se tão geralmente ao gado a rama das batatas? Esta substancia tão abundante e tão rica em propriedades nutritivas é um elemento de restauração tão efficaz como economico. Não a restituir á terra é trabalhar na destruição das faculdades productivas d'ella pelo meio mais prompto e mais certo nas suas consequencias funestas.

O uso de fazer dormir o gado no verão sobre as terras tambem é muito seguido. Quando o terreno onde dormiu o gado não é amanhado logo que o gado mudou de sitio, os lucros d'este systema de estrumar são muito insignificantes. As partes volateis do estrume, as unicas talvez qne possuem força fertilisante, logo se evaporam; na falta de sciencia bastaria o olfato para nos provar isto: só ficam os saes em quantidade tão pequena que não têem uma acção bem efficaz. Deixará de haver qualquer duvida a este respeito, se se fizer em duas porções iguaes de terreno a experiencia seguinte: uma d'estas porções seja cultivada e a outra deixe-se sem a lavrar. O crescimento do algodão no primeiro e a abundancia da fertilisação mostrarão em breve que este methodo é muito preferivel. Quando a estação estiver mais adiantada e a força dos raios solares mais diminuida, e já se possa sem perigo trabalhar na terra, a disparidade entre as duas praticas será muito mais visivel. Outro systema que se liga ao methodo antecedente, é o que consiste em activar a decomposição da materia vegetal pondo-a em terrenos baixos, onde o excesso de humidade a priva logo de uma parte das suas qualidades beneficas, e onde é accessivel á acção do ar; ou então se não se quer que a fermentação comece e acabe debaixo de terra, juntando a materia vegetal á borda das *conchas*, d'onde as partes liquidas lhe são todos os dias levadas pelas aguas. Quando chega o tempo de se tirar a materia que se juntou, a que se tira em um dia deve ser enterrada logo no seguinte. Se se segue o processo que acabâmos de indicar, 10 carradas de estrume conterão tantos principios fertilisantes como 13 ou 14 carradas de estrume que se tivesse deixado quinze dias exposto sobre a terra. Depois de tirado o gado da terra, para se defender o estrume da acção do sol, é conveniente, se não é indispensavel, cobri-lo com folhas de pinheiros ou com uma camada de ramos.

(Aqui seguem-se algumas reflexões sobre as machinas de descaroçar o algodão, que pelo conhecimento pratico que suppõe de muitas machinas, e pela sua excessiva brevidade, nos parecem de mui pouca vantagem, e depois conclue com o seguinte:)

Pelo que temos dito se vê que os recursos para fertilisar as terras á borda do mar são tão variados como abundantes. Se os lavradores quizessem perder a absurda e grosseira persuasão, que não precisam de sciencia; se elles entendessem os modos como operam os estrumes, os melhores meios de os applicar, bem como o seu valor relativo e a duração dos seus effeitos; se elles procurassem ao menos adquirir algumas noções sobre a natureza dos seus terrenos e a natureza das diversas plantas *(habits of plants)* quanto não seriam os seus trabalhos agricolas e todos os ramos da sua profissão mais interessantes, mais dignos do fim elevado a que se dirigem, mais appropriados em fim para assegurarem a sua prosperidade particular e o bem estar dos seus

[1] Parece que se quer antes referir ás substancias vegetaes que estão misturadas com o lodo.

[2] O sal em certa proporção póde ser olhado como excellente preservativo contra alguns bichos que atacam a raiz do algodão.

concidadãos em geral. Entretanto o espirito de exame tem-se desenvolvido; e se os homens corajosos, que perante o publico sustentam a causa do lavrador, e que diante d'este se fazem advogados dos deveres que este tem a cumprir para comsigo e os seus similhantes, não desanimarem em vista d'este trabalho tão honroso como patriotico, não está longe o tempo em que a agricultura, na Carolina do Sul, ha de ser estudada, não só porque é manancial de riqueza, mas ainda mais pela rasão muito mais nobre, que ella eleva, apura, alarga e fertilisa a intelligencia.

Whitemarsh B. Seabrook.

CULTURA DO ALGODÃO.

QUESITOS E RESPOSTAS.

Os seguintes quesitos foram dirigidos por Mr. Héricart de Thury, director da granja-modelo de Arbal, a Mr. de Choiseul, consul de França em Charlstown, no Estado da Georgia:

«1.º A Georgia que, assim como a Argelia, está em 35 e 36 graus de latitude N., tem como a Argelia invernos frios e humidos de 15 de Dezembro a 15 de Março; de 15 de Março a 15 de Maio tempo quente e humido; de 15 de Maio a 15 de Setembro summamente quente e secco, e tempestuoso e secco de 15 de Setembro a 15 de Dezembro?

«2.º Preço do trabalho livre; preço do trabalho escravo?

«3.º Preparação da terra para o algodão; estruma-se? preferem-se os terrenos salgados? porque preço sae a superficie amanhada?

«4.º Epocha de sementeira; methodo usado, distancia das plantas, numero de jornaes empregados n'este trabalho?

«5.º Sacha, custo; desponta-se; rega-se?

«6.º Epocha da colheita; methodo que se usa; quanto faz um trabalhador em um dia?

«7.º Qual é o rendimento bruto de uma certa superficie?

«8.º Descaroçar; faz-se em casa; rendimento por qualidade e por superficie; preço de descaroçar por quantidade.

«9.º Ensacar; preço da sacca; peso dos fardos; despezas para a venda.

«10.º Fretes para o Havre.

«11.º Preço medio da venda por qualidade.

«12.º Emprego da semente.

«13.º Como se explica: primeiro, que os lavradores americanos não cultivam todos o algodão *Georgia de fio comprido*, que se chega a vender por 10 e 12 francos o kilogramma: segundo, que na Luisiana se possa produzir algodão tão barato que apenas se vendem por 160 francos os cem kilogrammas no Havre?

«14.º Que meios se usam para obter as sementes das melhores qualidades?»

A resposta de Mr. Choiseul foi a seguinte:

«Tenho a honra de vos enviar as noticias que me pedistes sobre a cultura do algodão *de fio comprido*, chamado *Georgia*.

«*Clima.* O clima do litoral dos Estados da Georgia e da Carolina do Sul, parece ser quasi o mesmo que o da Argelia. O inverno começa pelo meiado do mez de Dezembro e dura tres mezes: é raro que a vegetação se suspenda inteiramente durante estes trez mezes. Comtudo ha algumas vezes fortes geadas: em 1834—1835 as laranjeiras foram mortas por umas geadas que duraram tres semanas. Durante o verão os calores são excessivos e humidos: começam nos fins de Maio e duram até ao meiado de Outubro: ha frequentes vezes trovoadas. [1]

«*Cultura do algodão.* Os trabalhos são feitos por escravos; o jornal de trabalho é avaliado em meio dollar.

«*Preparação da terra.* Começa-se amanhando a terra com charrua ou á enxada, de maneira que venham a ficar em linhas rectas, na distancia de cinco pés umas das outras, todas as materias vegetaes que se encontram no terreno. Fazem-se depois leiras sobre as linhas assim preparadas. O terreno é lavrado com charrua quando isto é possivel, isto é, quando não é muito cortado de vallas e regueiras. Usa-se igualmente de charruas para levantar as leiras onde se ha de semear o algodão.

«*Sementeira.* A sementeira faz-se por todo o mez de Abril: as leiras devem ser largas e de forma abahulada: esta fórma facilita as sachas. A largura das leiras obsta a que as chuvas copiosas descubram as raizes lateraes das plantas. A elevação das plantas é necessaria para fugir ao excesso da humidade, pois que talvez nenhuma planta exija menos humidade do que o algodão, principalmente quando o fructo está formado. A experiencia tem mostrado serem muito mais vantajosas as leiras largas do que as estreitas, assim nos tempos seccos como nos chuvosos. Deitam-se dez ou doze boas sementes em cada cova feita á enxada ou com outro instrumento, e cobrem-se com uma pollegada de terra. Uma parte dos trabalhadores faz as covas, outra deita as sementes e um numero maior cobre-as com terra bem leve. Começa-se a desbastar quan-

[1] Em uma noticia quasi identica dirigida ao Ministro da Guerra, Mr. de Choiseul acrescenta:
«O algodão de fio comprido requer a influencia de uma «atmosphera salgada, d'onde vem que elle não póde ser «cultivado a grande distancia do mar.»

do o tronco vae tomando uma côr escura. É necessario então tirar metade das plantas em cada moita: uns dez dias depois deixam-se só tres plantas; e passados dez ou doze dias só uma. Esta operação requer destreza e muita experiencia. A temperatura, a estação, o estado da planta obrigam muitas vezes a sair da regra ordinaria. As plantas devem ficar distantes umas das outras um a dois pés, segundo a força da terra. A primeira distancia convem ao algodão que não cresce mais de tres pés, e a segunda ao que chega a seis ou sete.

«*Sacha*. A primeira sacha deve dar-se logo que a planta está nascida. O fim d'esta sacha é attenuar a terra. Na segunda sacha raspa-se a terra dos lados das leiras, para a lançar junto aos pés das plantas, que acabam de ser desbastadas. Dão-se cinco até sete sachas em quanto é tempo, mas quando a planta se cobre de fructo deve parar-se com todo o trabalho, especialmente sendo a estação chuvosa.

«*Córte das pontas das plantas*. Se a planta está vigorosa póde convir cortar-lhe as pontas. Contaram-me o seguinte resultado de uma experiencia feita o anno passado por um lavrador do Estado do Mississipi: duas leiras de algodão cortado deram 513 libras de agodão descaroçado; e duas leiras de não cortado deram 462 libras, differença a favor 51 libras. O córte das pontas não deu occasião a que a planta filhasse. Mas deve advertir-se que esta experiencia foi feita com algodão de *fio curto* que é muito differente do de *fio comprido*, e por isso não póde ser tratado do mesmo modo.

«*Epocha da colheita*. A colheita principia no fim de Agosto, e continua em quanto a planta dá algodão. É feita por homens e mulheres. O algodão é apanhado á mão e mettido em um sacco que cada trabalhador traz preso á cintura. Quando o sacco está cheio vai deitar o algodão em grandes pannos que para isso se põem em convenientes distancias. [1] No dia seguinte é levado ás officinas da fazenda e ahi estendido n'um tablado alto para o seccar e limpar. É necessario empregar para esta operação operarios de confiança. Em um anno bom, uma geira *(arpent)* dá 100 a 150 libras de algodão limpo.

«*Descaroçar*. O descaroçar é feito em casa. Uma machina movida por um homem custa 15 dollars (quasi 15$000 réis) e limpa 40 libras de algodão por dia. Uma machina movida por um cavallo custa 100 a 150 dollars e dá 350 a 400 libras por dia; trabalham com ella um principal operario e dois ajudantes.

«*Ensacar*. A fazenda de primeira qualidade para ensacar custa a 240 réis a jarda. O peso de um fardo é de 300 a 400 libras. O sacco que serve para enfardar é suspenso em dois paus: vão-se-lhe mettendo successivamente camadas de algodão de peso de 20 libras, e vão sendo apertadas pelos pés do operario, que usa tambem para calcar de um pau que acaba em fórma de cunha.

«*Tratamento do algodão depois da apanha*. O algodão descaroçado e o não descaroçado põe-se em armazens separados. Os homens e as mulheres empregadas em lhe tirarem o que é sujo ou imperfeito, trabalham em outra casa separada, bem como os que separam as partes defeituosas e que fazem as differentes sortes de algodão.

«*Despezas*. Um fardo de algodão de fio comprido de 300 libras (tiradas de 1:500 libras de algodão não descaroçado) custa ao proprietarios 27 dollars (quasi 27$000 réis) alem das despezas de cultura.

«*Estrumes*. Os melhores estrumes para o algodão de fio comprido são: o lodo salgado de dez a vinte carretas em geira *(arpent)*; as hervas e os canniços dos terrenos baixos salgados, a rasão de umas vinte e cinco carretas por geira; uma mistura de folhas e outras materias vegetaes, excrementos de animaes e lodo salgado em partes iguaes. Se o terreno é falto de materias calcareas, vinte a trinta alqueires de cal virgem ou dobrada quantidade de cal reduzida a pó com agua: este estrume deve sempre ser misturado com materias vegetaes. De guano bastam 150 a 200 libras para uma geira, mas este estrume não convem nos terrenos altos seccos, só convem nos terrenos onde ha sempre um certo grau de humidade.

«Perguntaes-me porque não semeiam todos os lavradores o algodão de *fio comprido* chamado *Georgia?* É porque este algodão não póde ser produzido senão em certas terras e sempre na visinhança do mar. As mais bellas qualidades do algodão de fio comprido vem das fazendas que ficam no littoral da Carolina do Sul. As terras da Luisiana dão um algodão de especie differente e inferior, e dão, em igual superficie, cinco ou seis vezes mais algodão do que as que dão o de fio comprido.

[1] A nota dirigida ao Ministro da Guerra diz aqui: «Durante a operação da apanha o operario deve ter «o cuidado de separar o algodão das folhas seccas e das «porções estragadas.»

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

UMA VIAGEM DE ANGOLA EM DIRECÇÃO Á CONTRA COSTA

PELO SR.

ANTONIO FRANCISCO FERREIRA DA SILVA PORTO.

No dia 20 de Novembro de 1852 levantei do meu sitio, e cheguei ao de Guilherme José Gonçalves. Caminho plano, matos de madeira de lei, abundancia de riachos, terreno fertil; leguas andadas vinte e quatro; rumo de sul. Noto que regúlo uma legua por hora, e em consequencia das demoras que ha pelo caminho para descansar; bem como nas passagens dos rios, desconto uma hora ao tempo marcado.

A 21 continuei a viagem, e cheguei ao Quilombo, no sitio Taralla. Caminho plano, matos fechados, abundancia de riachos, terreno fertil, leguas andadas sete e tres quartos, rumo de leste.

A 22 fiquei no sitio Taralla para esperar os carregadores que faltavam.

No dia 23, pelas onze horas do dia, recebi um aviso de que se achava a guerra na margem opposta do rio Coquema, para fazer um sequestro á comitiva, por ordem do Soba. Despachei portadores para a libata grande a pedir explicações sobre tão atroz attentado, e o Soba me mandou dizer que era menos verdade elle ter dado tal ordem; mas sim, que lhe constava serem os macotas que a tinham dado. Era por este motivo necessario que eu me apresentasse na libata grande para obter esclarecimentos a tal respeito.

A 24, pelas cinco horas da manhã, segui para a libata grande, e apresentei-me primeiramente aos macotas, a quem expuz os motivos da minha visita forçada. Responderam que não tinham dado ordem alguma para o sequestro da comitiva, mas sim o Soba é quem havia ordenado o sequestro. Apresentei-me ao Soba, e este me disse serem os macotas que tinham dado ordem para a presa (já não se póde ser juiz com similhantes mordomos); e para evitar qualquer accidente triste, se tornava necessario que eu desse fazenda para se resgatarem dois filhos da libata grande, que se achavam nas Ganguellas e que eram parentes dos mesmos, que tinham obtido licença dos macotas para convocar a guerra, e seq[illegible]ar a comitiva logo que acabasse de passar o rio Coquema, caso se verificasse a minha negativa. (Contra o poder da força não ha resistencia.) Com todo o sangue frio, depois de haver reprimido os impetos da colera, pois que as circumstancias assim o exigiam, disse ao Soba, que havendo perdido mais de 3:000$000 réis com um roubo sem exemplo, não era pois a elevação da cifra que fazia transtorno aos meus negocios; mas sim a injustiça atroz que na sua terra se praticava para com os brancos em geral, era tão sómente o que me fazia repugnar em dar a fazenda exigida; mas logo que as circumstancias assim o pediam, e para evitar terriveis consequencias, me achava prompto a dar a fazenda pedida, á vista do que despachasse portadores em transporte da mesma, bem como outros para guias e para obstar a alguma novidade da parte do seu povo. Tendo-me despedido do malvado do Soba e dos seus sequazes, segui para o Quilombo, aonde cheguei ás quatro horas da tarde.

A 25 chegaram os portadores do Soba, para transporte da fazenda e resgate dos dois negros em questão, da qual ficaram de posse; bem assim outros para servirem de guia do caminho; aceitei-os para evitar qualquer incidente imprevisto da parte dos scelerados, pois que para guias, verdadeiramente ditas, inteiramente se tornavam superfluas, em consequencia da minha gente se achar ao facto do caminho. Á noite, tendo dado as ordens necessarias para a boa regularidade da marcha e para obstar a qualquer acontecimento, mandei deitar bando para se proseguir a viagem no dia seguinte.

UM ROUBO ESCANDALOSO.

Em Outubro do anno passado, tendo despachado a minha comitiva para Benguella, no regresso que fez, chegada que foi ás terras do Ambo, foi cercada pela multidão do gentio. Em terras gentilicas, quando o mesmo se apresenta em massa, ou é para roubar ou sequestrar, e em qualquer dos extremos, prefere-se o pagar-se o roubo, isto é, sendo o partido aggressor em maior numero, pois que não o sendo, recorre-se ás armas, e por consequencia, violencia por violencia, a sorte decide da contenda. Sendo pois a comitiva, em muito menor numero que o povo da guerra, o encarregado da mesma preferiu a prudencia á violencia. Perguntando o Chefe da guerra qual o motivo por que se apresentava por tal guiza á comitiva, respondeu que no Bihé se achava um Antonio Francisco das Chagas, de alcunha Quimo, o qual tinha recebido tres fardos de fazenda, exceptuando objectos de miudezas, de um morador de Gallanque, cujo agente se achava presente, e que não querendo por espaço de cinco annos dar satisfação alguma sobre a mesma divida, motivo por que a guerra se achava presente, ou para ser indemnisado, ou em contrario sequestrar a comitiva, e que verificado qualquer dos casos, o encarregado da mesma teria de haver o prejuizo do sobredito Chagas. Pagou o encarregado da comitiva o roubo exigido, mas não como o gentio allegava, pois que entre o mesmo, quando qualquer perde ou empresta cinco, quando recebe, regra geral, vem a ser o dobro. Em consequencia de que, montou o prejuizo pago ao Chefe da guerra em 600$000 réis. Chegada a comitiva ao Bihé, e vindo eu no conhecimento do acontecido, mandei chamar o sobredito Chagas por tres vezes consecutivas á presença do Chefe interino, negando-se em todas ellas ao chamado. Em seguida foi chamado á presença do Soba, e o desalmado por as mesmas tres vezes não compareceu, tomando por pretexto de que eu o queria prender. Disse-me o Soba, que visto o malvado, attenta a sua culpabilidade, usar sómente de subterfugios, que mandasse o filho d'elle á sua casa, para me pagar o meu prejuizo, pois que verificada a sua presença no domicilio do mesmo, o unico recurso que tinha a seguir era o de pagar, ou em contrario apresentar-se na libata grande. Seguiu o filho do Soba para casa do perverso, a quem expoz os motivos da sua visita, e elle antevendo os resultados da mesma, pois que de antemão os tinha previsto, se poz a dirigirlhe improperios, sendo o resultado d'elles o sequestro em oito negras que desgraçadamente nem suas escravas eram, pois que tal scelerado só vivia de dividas e roubos que commummente commettia. Verificado tal sequestro, ficou campo vasto para o malvado explorar; pois que se haviam realisado as suas esperanças e cumprido os seus desejos. Que mais lhe restava pois? Pôr-se á capa. Abandonou pois o seu domicilio, e seguiu para as Ganguellas, e na terra denominada Muatajamba executou a sua maldade perversa. Permittiu o acaso que se recolhessem do centro duas comitivas, e prevenidos os Ganguellas, ambas as comitivas sequestraram, significando ao povo da comitiva grande que era sequestrada por meu respeito; tendo a gente do Bihé a haver todos os prejuizos de mim. E a segunda comitiva, que era composta de oito pessoas e gente pertencente á libata grande, que teriam a haver o seu prejuizo do sitio denominado Cûa, por lhe haverem estrangulado as suas fazendas no tempo em que as possuira. N'este sequestro houveram mortes de parte a parte, ferimentos em grande quantidade, e um roubo escandaloso e sem segundo na memoria dos sanguexugas bihaemos. Chegada a noticia da catastrophe ao Bihé, fui immediatamente chamado para a libata grande, onde supportei com inalteravel paciencia todos os improperios que a gentalha se aprouve dirigir-me. Disse-me o Soba que o mal estava feito, e que tratasse de o remediar; o que de facto fiz. E como o não faria? Se a posição em que as circumstancias me haviam collocado eram terriveis. Não expenderei rasões em meu abono, nem me justificarei perante o leitor, por quanto á vista dos factos que tenho expendido, ser-me-ha feita justiça. Paguei as vidas de todos os negros que foram mortos, os ferimentos e todos os mais prejuizos em geral, e quiçá, a muitos que nada perderam em tal sequestro, mas que as circumstancias lhes dava jus a reclamar segundo a propensão que tinham para o crime. Montou todo o meu prejuizo a 4:000$000 réis.

UM CRIME IMPUNE OU UM MALVADO PUNIDO.

O scelerado, tendo calculado os perigos a que se expunha, não mediu as consequencias e seus resultados. Calculou os perigos, por quanto teve a lembrança de fazer liga com o Soba Ganguella e seu filho, a qual consiste em fazer um golpe no peito e beber o sangue que sair do mesmo e ambos em commum.

Concluida esta especie de juramento feroz, uma qualquer das partes commetta o que commetter jámais póde exigir cousa alguma, nem incommodar a outra. E não calculou as

consequencias e seus resultados, por quanto feito o sequestro, se o malvado até então era desprezivel, mais o ficou sendo, porque o pacto feroz era feito entre tres, e não com o geral do povo, que arrogaram todo o roubo a si e não quizeram entregar ao malvado a terça parte do espolio ou pelo menos a quinta, segundo o costume do gentio. (Igual sorte teve o malvado que fez o sequestro no Ambo que por sua desgraça de nada se chegou a gosar, pois que o gentio para não fazer partilhas lhe deu em recompensa o premio de ser amarrado.) Mas sim depois do crime consummado, se bem que tarde, todo o amargor da sua terrivel situação: só lhe foram entregues oito negras que lhe haviam sido sequestradas, as quaes, apesar de livres, os Ganguellas já fallavam em fazer partilhas, chegando a um estado de degradação tal, que causa horror narrar. Mas tudo isto para o malvado era nada! Em consequencia das mortes que houveram no sequestro, segundo as immensas superstições dos Ganguellas, e como a qualquer outro povo gentilico não existe habituado, o malvado era condemnado a viver continuamente no mato em companhia de um irmão, bem como das negras que lhe foram entregues. Mas de que maneira? O malvado, bem como o seu sequito, quando tinham fome, apresentavam-se a vinte passos de distancia das libatas do Soba e do seu filho, e bradavam a um tempo: Temos fome e queremos de comer. Em seguida se punham a dirigirlhes improperios, de que em consequencia do pacto feito entre elles lhes não resultava mal algum. Ao mesmo pacto feroz deve o malvado o ter ficado impune. O Soba ou seu filho lhes mandavam dar de comer, para o qual levavam as competentes vasilhas; pois que as suas superstições lhes prohibem comer ou beber pelas mesmas vasilhas. Quando o Soba ou seu filho se acha de mau humor, mandam-os retirar com sarcasmos, aos quaes respondiam com ameaças e tiros, e em seguida se dirigiam para o rio Honde, os Ganguellas a deitarem mandioca de molho, carregavam aquella que lhes convinha para seu alimento e retiravam-se para o seu domicilio. Os Ganguellas em geral fugiam d'elles como de empestados; porque o criminoso existia impune em seu crime, mas tinha a sua ambição punida.

CONCLUE A NARRAÇÃO.

Havia destinado a minha viagem para o dia 20 de Agosto, mas os obstaculos á mesma acabam de ser expendidos. Tendo pois concluido a minha missão forçada, destinei a viagem para 20 de Novembro, mandei despedir o Soba como é de costume, e o malvado me mandou dizer poderia seguir que não haveria impedimento, que depois appareceu. Os negros da libata grande viam, com bem magua sua (ultimamente só vieram a ficar dois amarrados, tendo fugido seis) que toda a gente amarrada no sequestro se havia recolhido das ganguellas, e pagos em geral todos os seus prejuizos, e que sendo o sequestro d'elles dirigido para o sitio do Cúa, d'este não poderiam haver nada absolutamente, e que havendo-se approximado a occasião, escapar-lhes seria um absurdo. Lançaram mão da violencia; corresponder-lhes seria horrivel; annui pois aos seus desejos, paguei. Podendo por este principio seguir a minha viagem que a Divina Providencia permitta abençoar.

No dia 26 continuámos a viagem e chegámos á margem esquerda do rio Coquema, onde se fez quilombo. Caminho plano, matos fechados em partes, e despovoado de arvoredo em outras, abundancia de riachos, terreno fertil, leguas andadas quatro, rumo de este. Finda n'este logar a terra do Bihé.

No dia 27 passámos o rio Coquema, que tem oito braças de largo, e na sua margem principia o territorio Ganguella. Proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo no sitio Quinheca, terras do Soba Mocunha. Caminho plano, matos fechados em partes, e despovoado de arvoredo em outras, falta de riachos, terreno fertil, leguas andadas cinco e tres quartos, rumo de este.

No dia 28 continuámos a viagem, passámos o rio Cunde de trinta braças de largo; vae desaguar no Quisulonga. Proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo na margem esquerda do rio Quisulonga. Caminho plano, matos fechados em partes, e despovoado de arvoredo em outras, falta de riachos, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de este.

O POVO GANGUELLA.

São robustos e de boa figura, e em geral circumcidados, são arrogantes, traiçoeiros, voluveis e perversos, se bem que fracos; porque todos estes defeitos se dão a conhecer promptamente nos seus semblantes, onde existe marcado o instincto de maldade; são dados á embriaguez em todo o rigor, e por este motivo vivem continuamente em desordem e incendios nas povoações visinhas, que são compostas de quatro a vinte casas, e á excepção da libata grande, as mais libatas não são muradas. Em superstições excedem todo o mais gentio, e estão independentes. São dados á caça, á pesca, á agricultura e ao trafico da cêra; não fazem uso da fazenda

e só a applicam para resgates. O sexo masculino usa trajar pelles dos differentes animaes bravios, e o sexo feminino cascas das arvores preparadas. As suas armas são arcos, flexas e zagaias, mas não ha negro Ganguella que não possua arma de fogo, que a maior parte das vezes carregam até ao meio, e por isso muitas vezes são victimas da sua imbecilidade. As suas lavouras são grandes, pois que cultivam mandioca, feijão, milho, massango em grande quantidade, pela fertilidade do terreno, podendo affirmar que na cultura d'estes generos excedem o povo Quibundo. Principiam a cultivar no mez de Novembro, e n'este tempo mudam das libatas para as lavouras, conservando-se ali até ao mez de Julho, regressando por este tempo a suas habitações, costume não seguido pelo povo Quibundo. O seu ferro tem grande mistura de aço, e com elle fazem bons machados, quer para enfeite, quer para trabalho, bem como flexas, pois que n'esta qualidade de trabalho não ha gentio que os possa imitar.

No dia 29 continuámos a viagem, passámos o rio Quinlonga, de tres braças de largura, vae desaguar no rio Coquema. Proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo proximo á libata grande do Soba Mocunha. Cessam n'este logar os limites da terra do mesmo nome. Caminho plano, matos fechados em partes, e despovoado de arvoredo em outras, falta de riachos, terreno fertil; leguas andadas tres e meia; rumo de este. De noite mandei deitar bando para nos demorarmos dois dias n'esta terra, para comprar mantimentos e mandar visitar o Soba Mocunha.

No dia 30 mandei visitar o Soba Mocunha, o qual se achava no quilombo da guerra, com vistas de seguir com a mesma, segundo fez ver aos meus portadores, para os contornos do rio Cuito da Zambueira. Havendo ficado satisfeito com o presente que lhe fiz, mandou-me uma cabeça de gado.

No dia 1.° de Dezembro despachei os portadores do Soba do Bihé, que me haviam servido de guias até esta terra, depois de os haver gratificado. De noite mandei reunir a comitiva para o bom regimen da marcha, em consequencia de serem terras estranhas aquellas em que íamos transitar. Depois de ter prohibido toda a audiencia publica ou secreta, tendente a ladroeiras, nomeei as pessoas necessarias para servirem de guias á comitiva, e dei a audiencia por finda, mandando deitar bando para que ninguem allegasse ignorancia, bem como para proseguir a viagem no dia seguinte.

No dia 2 continuámos a marcha, e chegámos á terra do Soba Quiengo, onde se fez quilombo. Caminho plano em partes, com pequenas subidas e descidas em outras, matos fechados e bosques, abundancia de riachos, terreno fertil, leguas andadas cinco e meia, rumo de este.

No dia 3 continuámos a marcha e passámos o rio Cutupo, que tem cinco braças de largo e vae desaguar no rio Cuanza. Proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo proximo á libata grande do Soba Quiengo. Caminho plano em partes, com pequenas subidas e descidas em outras, abundancia de riachos, terreno fertil, leguas andadas quatro e meia, rumo de este. De noite mandei deitar bando para descansarmos n'esta terra alguns dias, para se comprarem os mantimentos precisos para a marcha, e mandar visitar o Soba.

No dia 4 mandei visitar o Soba, o que agradeceu mandando-me dizer que no dia seguinte viria visitar-me ao quilombo.

No dia 5 pelas onze horas do dia veiu o Soba ao quilombo, e fez-me presente de duas cabeças de gado, algumas quindas de fuba e cabaças com mel, cujo presente retribui com alguma fazenda, pelo que ficou muito satisfeito. Depois de tres horas de conversação, acompanhado de seu sequito se retirou para a sua libata. O Soba Quiengo terá oitenta annos de idade, o que mostra pelas cans, e andar vagaroso, estatura regular e muito corpulento: é jovial e de alegres maneiras, mostrando firmeza de caracter. A sua terra é muito povoada por gente resgatada e comprada com a sua fazenda; porque toda a tendencia d'aquelle Soba é para negociar, tanto para a cidade como para o interior, circumstancia esta que não pouco tem concorrido para domar o seu povo em geral

No dia 6 fui visitar o dito Soba, que agradeceu. A sua libata é construida na margem esquerda do rio Cutupo, em um grande descampado, é toda murada de pau ferro, e tem grande extensão, porém quasi deserta, em consequencia das numerosas superstições d'aquelle povo.

No dia 7, tendo-se comprado mantimento sufficiente, mandei deitar bando para se proseguir a marcha no dia seguinte.

No dia 8 em consequencia da chuva não foi possivel marchar.

No dia 9 marchámos, caindo ainda alguma chuva, e chegámos ao sitio Dumba, margem esquerda do rio Cuanza, onde se fez quilombo. Findam n'este logar as terras do Soba Quiengo. Caminho plano, matos fechados e bosques, abundancia de riachos, terreno fertil, leguas andadas quatro, rumo de este. Logo que se acabou de fazer o quilombo dei

ordem para que a gente da comitiva fosse construir uma ponte sobre o rio Cuanza, em consequencia do tempo ter destruido a que ali havia.

No dia 10 passámos o rio Cuanza, de quatro braças de largnra n'este logar, e d'aqui á sua nascente vão dois dias de jornada. Proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo nos matos, margem direita do rio Cuanza. Caminho plano, matos fechados, abundancia de riachos, terreno fertil, leguas andadas tres, rumo de este.

No dia 11 continuámos a marcha, passámos o rio Hicoabere de duas braças de largura, vae desaguar no rio Cuanza. Proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo nos matos, margem direita do dito rio. Caminho plano em partes, matos fechados em outras, tendo de costear-se os mesmos e as margens dos rios. Terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de este.

No dia 12 continuámos a marcha, passámos o rio Lumbuambua de tres braças de largura, e vai desaguar no rio Cuanza. Em consequencia da sua profundidade tornou-se necessario a construcção de pontes. Proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo na cabeceira do rio Lumbuambua. Caminho plano pela margem do mesmo rio, e encosta dos matos, terreno fertil, leguas andadas seis e tres quartos, rumo de este. Cessam n'esta paragem todos os rios que dirigem seu curso para o poente. Todos estes contornos mostram a perspectiva mais encantadora e magestosa aos olhos dos viajantes, e muito mais aprazíveis seriam se os seus habitantes fossem doceis e pacificos, pois que só differem das féras pelo instincto que lhes deu a natureza. Existe ali uma grande lagôa em meio do Lumbuambua, a qual está cheia de folhagem e flores, que apenas deixam divisar as aguas. As folhas têem doze a quinze pollegadas de circumferencia, e são de um encarnado mui vivo no centro, e orladas de verde escuro; as flores têem dez pollegadas de circumferencia e são de um azul avelludado rematando em azul claro nas pontas, no meio são côr de oiro, concluindo por um botão similhante a madreperola. O seu aroma era agradavel e similhante ao lirio; tem aquella flôr a forma de estrella e é o mais lindo emblema da candidez.

No dia 13 continuámos a marcha, passámos pelo leito do rio Cobulai, proseguimos pela margem direita, e depois de o haver passado marchámos pela margem esquerda, e na mesma fizemos quilombo. Tem principio por estas paragens os rios que dirigem seu curso para o nascente. Caminho plano pela encosta de matos e margem do rio Cobulai, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de este.

No dia 14 continuámos a viagem pela margem esquerda do rio, e construindo-se pontes o passámos para a margem direita; tem este rio tres braças de largo, e vae desaguar no rio Cuito de Zambueira. Proseguimos a marcha, e no caminho fizemos quilombo. Caminho plano em partes, com pequenas subidas e descidas em outras, pela encosta do rio Cobulai, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de este.

No dia 15 continuámos a viagem, passámos o rio Munhona de tres braças de largo, vai desaguar no rio Cobulai; proseguimos a marcha e chegámos á terra do Soba Bango Acanuco, sitio Munjola. Caminho plano, em partes subidas e descidas pela encosta de matos e margem do rio Cobulai, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de este. De noite mandei deitar bando, para descansar n'este sitio dois dias, para compra de mantimentos e visitar o Soba.

No dia 16 mandei visitar o Soba, que agradeceu e veiu em companhia dos portadores, trazendo-me algumas quindas de fuba e gallinhas, cujo presente retribui com alguma fazenda, ficando o dito Soba muito satisfeito, e depois de algum tempo de conversação retirou-se para a sua libata. Os Quimbundos possuem toda a casta de creação domestica, mas é esta procedida dos saques que fazem nas guerras, o que não acontece aos Ganguellas que a possuem em grande quantidade. Mas o que é celebre é que em qualquer d'estas nações não matam um boi para comer, a não ser que as suas differentes superstições o exijam para as suas festas. O Soba Bango Acanuco, unico por estas paragens, tambem possue algumas cabeças de gado pelos contornos do rio Cobungo, não o tendo nas suas terras em consequencia das continuas correrias dos Ganguellas nas terras de Cangilla e Muatajamba.

No dia 17 de tarde fui passeiar pela margem ao rio Munhona que apresenta uma agradavel perspectiva principalmente na desembocadura do rio Cobulai e Cuito da Zambueira, onde ha quatro grandes oiteiros em distancia de um quarto de legua uns dos outros e pelo meio dos quaes passam os tres rios. As planicies estão cheias de habitações do povo Ganguella e são plantadas de milho e massango: os habitantes possuem grande numero de canoas e são dados ao trabalho. Pelas cinco horas da tarde recolhi ao meu quilombo e mandei deitar bandos para seguirmos no dia immediato.

A 18 continuámos a marcha pela encosta

de matos fechados e margem direita do rio Cuito, e fomos fazer quilombo no sitio Capungana. Caminho plano em partes, pequenas subidas e descidas em outras, terreno fertil, leguas andadas cinco e tres quartos, rumo de este.

No dia 19 continuámos a marcha por caminhos iguaes ao do dia antecedente e fomos fazer quilombo proximo á libata grande do Soba Bango Acanuco, que tambem fica na margem direita do rio Cuito de Zambueira. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas tres e tres quartos, rumo de este.

Mandei deitar bando para ficarmos alguns dias n'este logar, para compra de mantimentos e visitar o Soba.

No dia 20 mandei visitar o Soba Bango, e levar-lhe um presente, de que não ficou satisfeito por lhe parecer pouco; em consequencia d'isto e para me livrar de contestações, mandei-lhe novo presente de que ficou contente; constou-me que este Soba era um malvado, e que costuma praticar roubos em algumas comitivas pequenas, e vingar n'estas algum mal que as grandes lhe tenham feito; por este motivo presenteei-o segunda vez para que o malvado não fosse tratar mal alguma comitiva menor que a minha, que por acaso ali passasse. De noite mandei deitar bando para uma caçada no dia seguinte.

No dia 21 pelas dez horas da manhã partiu a comitiva para a caça, recolhendo-se ao meio dia por causa da chuva, matando tão sómente cinco veados.

No dia 22 veiu o Soba ao quilombo, e fez-me presente de uma cabeça de gado, algumas quindas com fuba e cabaças de massango, cujo presente retribui com alguma fazenda, de que ficou muito satisfeito, retirando-se á sua libata depois de algum tempo de conversação, e depois de lhe ter pedido que tivesse as canoas promptas para a passagem do rio. Este Soba terá cincoenta annos de idade, é alto, magro, e alguma cousa falto de juizo.

No dia 23 veiu o dito Soba com os canoeiros; mas como me não conviesse o preço o despedi, dando ordem á minha gente para que fossem ao mato fazer algumas canoas, o que não foi muito do agrado do Soba, e sendo isto conhecido por mim e para elle se calar lhe dei alguns panos. Pela tarde chegaram algumas canoas do mato, as quaes não eram em numero sufficiente; dei ordem para transportar estas para o rio, e para que no dia seguinte se fizessem mais.

No dia 24, depois de concluidas as canoas sufficientes, as mandei deitar ao rio; mas como não era possivel seguir, por causa do mantimento que se tinha comprado não estar ainda prompto a seguir, dei ordem para a partida ficar transferida para o dia 26, e bem assim para ajustar com o Soba os guias indispensaveis para ensinar o caminho até ao rio Caimbo.

No dia 25 mandei chamar o Soba para me apresentar os guias, o qual vindo ao meu chamado me apresentou quatro, não se fazendo estes rogar á vista da gratificação que lhes prometti. Estes guias eram inteiramente necessarios, em consequencia da minha gente não estar pratica no caminho, e terem-se perdido quando d'outra vez regressavam do Lui para a terra d'este Soba. Depois de ter pago aos guias, e dado mais alguns panos ao Soba, os preveni que queria partir no dia immediato, e mandei deitar bando para se passar o rio.

No dia 26 passámos o rio, n'este logar de doze braças de largo (cessam n'este logar os limites das terras de Bango Acanuco). Logo que acabei de passar o rio mandei entregar as canoas ao Soba, que ficou muito contente; seguimos a jornada, e fomos fazer quilombo na margem direita do rio Loaputo. Caminho plano pela encosta de matos fechados e margem do rio Cuito, terreno fertil, leguas andadas tres, rumo de este. No meio do caminho encontrei uma prova da malvadez do povo Ganguella, e consistia em doze caveiras humanas espetadas em pau ferro, e collocadas pela maneira seguinte; oito formando um quadrado tendo uma no centro espetada em um pau mais alto, signal de que era o chefe ou que tinha algum mando, estando em alguma distancia tres caveiras como sentinellas avançadas. São pois estes os quadros que estes barbaros apresentam aos viajantes.

No dia 27 continuámos a marcha e passámos o rio Loaputo, de duas braças de largura, e vae desaguar no rio Cuito. Proseguimos a marcha pela margem esquerda e encosta de matos fechados, e na sua cabeceira fomos fazer quilombo. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas sete e meia, rumo de este. Depois de se construir o quilombo foi a gente da comitiva para a caça. Foi necessario ficar n'este logar por se terem perdido pelos matos quatro pessoas.

No dia 28 espalhei a gente toda pelo mato em procura dos que se haviam perdido na vespera, os quaes se apresentaram pelas duas horas da tarde.

No dia 29 continuámos a marcha pela margem do rio Muzire, e encostas de matos fechados, e na margem direita fomos fazer quilombo. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de este.

No dia 30 continuámos a marcha e passámos o rio Coanadáre de doze braças de largo,

vae desaguar no rio Cuito. Proseguimos pela margem, esquerda e encosta, de matos fechados, e na mesma fizemos quilombo. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas quatro e tres quartos, rumo de sul. Observo que por estas paragens não encontro o caminho trilhado, e que são os rios que servem de guia aos caminhantes, bem como decidem das marchas para mais ou para menos.

No dia 31 continuámos a marcha e passámos o rio Châméte de duas braças de largo, vae desaguar no rio Coanabáre. Proseguimos pela margem esquerda dos rios e pela encosta de matos fechados, e fomos fazer quilombo na margem direita do rio Cacuti. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas sete e meia, rumo de este e sul.

No dia 1.° de Janeiro de 1853 continuámos a marcha pela margem esquerda do rio Châméte, e encosta de matos fechados, passámos ó rio Lupire de quatro braças de largo, vae desaguar no rio Caimbo, e fizemos quilombo na margem direita. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas seis e um quarto, rumo de este. De noite despedi os Ganguellas que nos haviam servido de guia até este logar, em consequencia da persistencia em quererem voltar para a sua terra, certo pois pela minha gente de que se não tornavam necessarios.

No dia 2 continuámos pela margem direita do rio Lupire e encosta de matos fechados, passámos o rio Cumseha, de quatro braças de largo, vae desaguar no rio Caimbo. Pela margem direita d'este e encosta de matos fechados proseguimos a marcha, e na mesma fizemos quilombo. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas oito e tres quartos, rumo de este.

No dia 3 continuámos pela margem direita do rio Caimbo, e encosta de matos fechados, passámos o rio Cóue de tres braças de largo, vae desaguar no rio Caimbo, e na margem direita d'este fizemos quilombo. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas seis e meia, rumo de este. A passagem do rio Cóue é pessima pela circumstancia de ter uma lagoa de um quarto de legua, que cruza o rio pelo meio, toda cheia de capim e em partes quasi da altura de um homem, e n'outras para mais, tornando-se necessario para a facilidade da passagem a construcção de pontes. Estes logares são inteiramente deshabitados, por causa da grande extensão de matos fechados, o que obriga muitas vezes a soffrer-se falta de mantimentos, sendo este supprido pela grande abundancia de caça e mel que ali ha. Os negros devoluto vão sempre caçando, e quando se reunem á comitiva trazem grande quantidade de ambos os objectos; mas é preciso obriga-los, porque de contrario deixar-se-íam morrer de fome, apesar da sua desmedida gula.

No dia 4 continuámos a marcha pela margem direita do rio Caimbo e encosta de matos fechados; chegámos á terra do Soba Catiba, sitio Buamgungo, onde se fez quilombo. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de este. Mandei visitar o Soba do logar, que agradeceu. É irmão do Soba Catiba, e tem por differentes vezes roubado e assassinado os viajantes.

No dia 5 continuámos a marcha pela margem do rio Caimbo e encosta de matos fechados; fomos fazer quilombo proximo á libata grande do Soba Catiba, situada em uma ilha no meio do mesmo rio. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas duas e meia, rumo de este. Depois de preparar um bom presente, mandei visitar o dito Soba, bem como participar-lhe que queria passar o rio no dia seguinte, por haver n'aquelle logar grande falta de mantimentos, e que esperava que elle Soba desse as suas ordens a tal respeito; respondeu que agradecia o presente, e que não havia obstaculo algum que impedisse a passagem, pois que elle seria pessoal no dia seguinte para cohibir qualquer transtorno que porventura houvesse.

No dia 6, acompanhados do Soba Catiba, passámos o rio Caimbo. Este se retirou á sua libata depois de o haver presenteado, e eu segui para o quilombo da margem opposta, levantou a comitiva para a margem esquerda do rio Cuando, o qual passámos em canoas na sua juncção com o rio Caimbo, tendo o primeiro sete braças de largo e o segundo oito, havendo n'aquelle logar quinze braças de largura, e vae desaguar no rio Riambeje. O Soba Catiba terá sessenta annos, é alto, e reforçado e muito jovial; mas é terrivel por que, de accordo com o seu povo, rouba e assassina os viajantes, cujos roubos commettem na passagem do rio; sobem com elles pelo rio acima mesmo á vista da comitiva, e quando estão em distancia matam e roubam tudo. Sendo a minha comitiva numerosa os malvados não tiveram pejo de roubarem parte dos generos; escandalo este que cohibi, ameaçando o Soba com as armas se não fizesse cessar os roubos.

No dia 7 continuámos a marcha por mato fechado, e fomos fazer quilombo em um pequeno descampado que se denomina Mueze. Caminho plano, sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas seis e um quarto, rumo de este. N'este logar foi preciso fazer grandes covas para encontrar agua, e de ve-

rão é necessario leva-la para se não morrer de sede.

No dia 8 continuámos a marcha por matos fechados e chegámos á terra de Cutí, onde fizemos quilombo. Caminho plano sem agua, terreno fertil, leguas andadas uma e tres quartos, rumo de este. Findam n'este logar as terras do dominio Ganguella. De noite mandei deitar bando para descansarmos n'este logar alguns dias, e para comprar mantimento.

No dia 9 mandei visitar a dona da terra, o que muito agradeceu, dizendo que esperava que eu fosse pessoal no dia seguinte.

No dia 10 pelas nove horas da manhã embarquei em uma canoa, e depois de meia hora de viagem cheguei á povoação denominada Muene Mutembe; encontrei a dona da terra rodeada de seus macotas. A dita senhora mandou que tomasse eu assento, e só depois é que me saudaram e me perguntaram o que eu queria. Respondi que pretendia passar para diante, por não ser aquelle o termo da minha viagem, que desejava demorar-me ali alguns dias para comprar mantimentos, e que esperava que da sua parte não pozesse obstaculo a isto. Depois de me saudar segunda vez, disse-me que dispozesse da sua terra como me aprouvesse, na certeza de que ali não costumavam praticar injustiças. Entreguei-lhe o presente que levava, e ella se mostrou agradecida, e ao mesmo tempo pezarosa, e perguntando eu o motivo de seu pezar, respondeu que era por me não poder offerecer uma cabeça de gado, pois que na sua terra o não havia, mas que me agradecia com dez quindas de fuba e dez gallinhas, unica creação que tinha. A Soba Muene Mutembe (Muene significa *Senhor*, e é o tratamento que os Ganguellas dão aos Sobas; o povo Lui costuma dar o tratamento de *Bumo*, e os Macorrollos o de *Morena*) terá vinte e quatro annos e é robusta. Fiz-lhe ver que desejava dar um passeio pelas suas povoações, ao que ella annuiu sem objecção, mandando que se me desse uma de suas canoas para este fim, e tendo-me despedido fui percorrer aquelles contornos. A terra do Cuti (todo o gentio costuma a tomar para ás suas terras o nome do rio mais proximo) antigamente era do dominio dos Sobas do Lui; mas em consequencia da perseguição que lhe faziam os mesmos, o povo Macorrollos tornou-se independente. O rio Cuti, de que a terra tem o nome, é de quatro braças de largo, e vae desaguar no rio Cuando: a planicie por onde o rio dirige o seu curso tem uma legua de largura, é alagada em todos os tempos, e coberta de caniço e capim. As habitações são construidas nas margens do rio, mas em terreno alagado; são de ruim apparencia, e podem dizer-se casas fluctuantes; para as construirem derrubam um pedaço de caniço e capim que vão encruzando dentro de um circulo de estacas de pau, deitando-lhe por cima muitas camadas de terra, e sobre isto é que construem a casa que é tambem de estacas e canas e coberta de capim.

As chilas (celleiros) são mais altas que as casas, são construidas sobre forquilhas, para preservar os mantimentos da humidade, e tambem lhes serve de asylo em occasião de inundações, servindo-se de canoas para transitarem. Quando decidem contendas ou fazem alguma festa, é tudo dentro de canoas; e só a habitação da dona da terra é que tem um espaço reservado para ella decidir as questões, não contendo este logar mais de que trinta pés quadrados. Quando morrem são enterrados em terra firme. São commummente victimas do jacaré, bem como perseguidos pelos Ganguellas do norte, Cangila, Conga e Quitembo, que os fazem andar em continuos sobresaltos e os obrigam a viver em cima de agua. Não são barbaros, mas sim francos e generosos. Tendo concluido as minhas observações regressei ao quilombo ás duas horas da tarde.

No dia 11 pelas duas horas da tarde veiu o povo da terra ao quilombo, trazendo dois ternos de musica composta só de caixas, os quaes depois de reunidos foram tocar a todos os quilombos, durando este divertimento toda a noite.

No dia 12 observei que os rios proximos creavam peixes de muitas qualidades e do melhor sabor, não tendo differença alguma do peixe do mar, e que o mantimento e criação era em grande abundancia e muito barato.

No dia 13 pelas sete horas da manhã despachei gente para irem ver se no rio Cuti se achava logar onde se podesse passar a vau, e tendo recolhido pelas tres horas da tarde me disseram que tendo percorrido mais de tres leguas pela margem do rio e procurado vau, o não encontraram em parte alguma.

No dia 14 mandei tratar com a dona da terra, para que esta me desse canoas para a passagem da comitiva, e tendo ella convencionado em dar as canoas, mandei deitar bando para passar no dia immediato para a margem opposta.

No dia 15, em consequencia da muita chuva, foi necessario transferir a passagem do rio para o dia seguinte.

No dia 16 passou parte da comitiva para a margem opposta, ficando o resto para passar no dia seguinte. Se este povo fosse perverso como os Ganguellas, tinha uma occasião

para derrotarem a minha comitiva, por se achar dividida, e roubarem tudo; porém honra seja feita para o bem.

No dia 17 acabou a comitiva de passar o rio, e logo depois passei eu com a dona da terra que tinha assistido, a qual me offereceu a sua canoa com bom modo e vontade. Apenas cheguei ao quilombo lhe fiz offerta de um pequeno presente, e agradecendo-lhe o zêlo com que ella nos tratou e as providencias que deu, pois que na passagem do rio Cuti não houve o mais pequeno escandalo.

No dia 18 continuámos a marcha e fomos fazer quilombo nos matos, margem direita do rio Bicului. Caminho plano sem agua, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas seis e meia, rumo de este.

No dia 20 passámos o rio Cumballo de duas braças de largo, vae desaguar no rio Hicului; continuámos e fomos fazer quilombo no mato, margem direita do rio Halengo. Caminho plano por matos e bosques, terreno fertil, leguas andadas quatro e um quarto, rumo de este.

No dia 21, por se terem extraviado cinco pessoas da comitiva que tinham ido caçar, foi necessario esperar n'este logar até que apparecessem, para o que espalhei parte da gente em sua procura, saindo do quilombo ás oito horas da manhã e voltando todos á uma da tarde.

No dia 22 continuámos a marcha, passámos pelo leito do rio Halongo, que vae desaguar no rio Hicului, e chegámos proximo do rio Nenda. Proseguimos pela margem direita e na mesma fizemos quilombo. Caminho plano por matos e bosques, terreno fertil, leguas andadas sete e um quarto, rumo de este [1].

VIAGEM DE ANGOLA Á CONTRA COSTA [2]

ESCRIPTA PELO

SR. ANTONIO FRANCISCO FERREIRA DA SILVA PORTO.

(Advertencia preliminar do Boletim de Angola.)

Por diversas vezes se tem tentado atravessar os sertões d'esta parte da Africa para a Costa de Moçambique, e algumas d'estas ousadas emprezas hão sido levadas a cabo, mas sem grande proveito, força é dize-lo. E a rasão tem sido que as pessoas empregadas em taes viagens não possuiam os conhecimentos necessarios para fazerem as observações que ellas devem de ter por objecto, com referencia á geographia do paiz e ás suas riquezas naturaes, aos usos e costumes dos habitantes e á possibilidade que póde haver de estabelecer com elles relações commerciaes, ou augmentar as que existem já.

O Sr. Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto, residente no Bihé, propoz-se a fazer uma similhante viagem. Era já conhecido o seu animo aventuroso por varias digressões que havia feito a sertões mui internados para fins do seu commercio. D'ellas possuia roteiros, que, se não satisfaziam cabalmente a todas as noticias desejaveis sobre os paizes percorridos, continham algumas assás interessantes. Por isso o Governo da Provincia lhe prometteu, em 1852, o posto honorario de Capitão e a quantia de 1:000$000 réis, como indemnisação de despezas, se effectuasse o projecto de ir á Contra Costa por terra, apresentando na volta um roteiro do caminho seguido, com varias condições que lhe foram impostas.

O Sr. Porto não pôde fazer esta viagem, mas mandou uns aviados seus que a levaram a effeito. Infelizmente não estavam mais nas circumstancias de colherem d'ella todo o fructo possivel e que se pretendia, de que outros que os precederam em igual empreza. D'isto dá testemunho o roteiro que hoje começa a ser publicado n'este Boletim.

Da comitiva que o Sr. Porto mandou á Contra Costa regressaram treze pretos a Benguella na fragata *D. Fernando*, que os tomou em Moçambique, tendo elles ali ido do Ibo, residencia do Governador portuguez de Cabo Delgado, ponto aquelle do littoral em que teve termo a sua viagem por terra.

Ha evidente exageração no numero de leguas que elles suppozeram ter andadas (algumas mil e duzentas!), e grandes erros nos rumos seguidos, com toda a probabilidade. Do contrario deveriam de ter chegado ao norte do Equador e por uns 50° de longitude a este de Paris, se lh'o não houvera embargado o oceano indico em que se achariam.

Como o Sr. Porto não fez a viagem, segundo já fica dito, tudo quanto d'ella refere é por informações dos referidos pretos.

Serão ellas dignas de bastante credito? É o que não podemos afiançar. Resulta sempre d'esta nova tentativa, levada a pleno effeito, que os perigos e as difficuldades de similhante viagem não são tão grandes como se hão imaginado. Algum viajante intrepido e illustrado virá que a emprehenda e ultime com

[1] Esta viagem, extrahida do Boletim Official de Angola de 1854, n.os 446 e 451 a 456, não continuou a publicar-se.

[2] Esta viagem, do mesmo auctor da antecedente, começou a publicar-se no Boletim Official de Angola n.° 562 de 5 de Julho de 1856.

toda a vantagem para a sciencia e para a civilisação.

Fica sendo todavia digno de louvor o Sr. Porto pelos seus bons desejos. Pensâmos que o Governo de Sua Magestade lhe deve alguma remuneração por estes, e em compensação das grandes despezas que sem duvida fez.

VIAGEM.

EM 22 DE SETEMBRO DE 1853

22 de Setembro. Alevantámos do estabelecimento, e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Lui. Caminho plano, pela encosta de matos fechados, e margem esquerda do descampado, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de sul.

23 Continuámos a viagem, passámos o rio Nombuata a vau, em uma lagoa de quinze braças de largo, já conhecido; proseguimos a marcha pela encosta de matos fechados, e lado esquerdo do descampado, e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Lui. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas quatro e meia, rumo de sul.

24. Falha n'esta povoação para se comprar mantimentos.

25. Falha pelo mesmo motivo.

26. Continuámos a viagem e passámos o rio Liamutinga a vau, de duas braças de largo, já conhecido; proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Lui, situadas na margem esquerda do mesmo rio. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste. Na duplice viagem acha-se notado o rio Liamutinga em um alagado de trinta braças de largo e em canoas; temos pois uma enorme differença na presente viagem, a qual procede da estação; n'aquella occasião tinhamos o inverno e na presente temos o verão. Acresce mais que na duplice viagem existe uma immensidade de rios notados que n'esta não se encontram, em consequencia de ter-se passado pelos seus leitos, ou em contrario, ficarem para leste, e parte para o oeste; seguirei pois a derrota segundo me é descripta pela minha gente, e não obstante o achar-se já mencionada até certa altura na duplice viagem, não deixarei de a não continuar em attenção á serie dos dias de uma triplice viagem.

27. Continuámos a viagem e fomos fazer quilombo em logar despovoado, lado norte da lagoa Hébino. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

28. Continuámos a viagem, passámos o rio Lui em canoas, já conhecido; e na sua margem esquerda, povoações do povo d'este nome, construimos o quilombo. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de leste.

29. Falha n'esta paragem para se comprar mantimento.

30. Continuámos a viagem, passámos o rio Mottondo em canoas, já conhecido; proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo em despovoado, margem direita do rio Namengoônna. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

1 de Outubro. Passámos o rio Namengoônna, já conhecido; continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Guétte. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

2. Continuámos a viagem, passámos o rio Lumbe, em ponto já conhecido; proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Guétte; caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

3. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Guétte. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

4. Continuámos a viagem, passámos o rio Jôngo em canoas, já conhecido; proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Guétte. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

5. Continuámos a viagem, passámos o rio Caxébe a vau, já conhecido; proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Guétte. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

6. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do povo Guétte. Caminho plano, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste. Hoje matamos um bufalo, o qual nos foi de grande utilidade pela falta que tinhamos de carne.

7. Continuámos a viagem, passámos o rio Loamba a vau, já conhecido, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar sem nome. Caminho plano, matos fechados sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste. Hoje tambem matámos um porco montez. Em geral por estas paragens, onde se não encontram rios ou mesmo lagoas, a agua encontra-se pelos descampados, sendo necessario fazer covas umas vezes profundas, outras vezes de um a dois palmos de profundidade, influindo não pouco para este effeito a estação. O viajante pois que não estiver ao facto d'esta pratica terá de succum-

bir nos rigores da sede; estou certo que poucos a quem a desgraça chegue a impellir para o centro da Africa se quererão sujeitar a similhante prova: comtudo amarga como ella é, eu a tenho tragado immensidade de vezes, não alimentando jámais na minha mocidade a idéa de pisar territorio africano. Servirá pois a minha advertencia para aquelles que o fado curvar com sua mão!

8. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar sem nome. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

9. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar sem nome. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste. Frondosa e magestosa arvore, que matou quem nos matava, serviu de util refrigerio no cansaço e sede que nos devorava; o acaso descobriu á nossa vista este benefico recurso. Era uma arvore que duas pessoas abraçavam, ôco o seu tronco e cheio de agua, achando-se esta mui bem conservada. Tambem se desencaminhou um preto da comitiva, sendo baldadas todas as diligencias feitas em sua procura.

10. Continuámos a viagem, passámos o rio Cangalla a vau, já conhecido, e na sua margem direita, em logar despovoado, construimos o quilombo. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste. Com excepção d'aquellas paragens onde noto povoações, será difficil de notar um logar que este seja deshabitado, não obstante notar ao mesmo tempo despovoado. Será pois sufficiente espalhar-se a gente de qualquer comitiva que haja construido o quilombo em logar despovoado e se dirija para qualquer dos quatro pontos cardeaes para encontrar com os selvagens, em povoações maiores ou menores. Temos tambem serras a saír d'esta paragem, até no territorio do Soba Cabingo, mas a grande distancia do caminho; não farei pois menção d'ellas.

11. Continuámos a viagem, passámos o rio Mangoaxêa em uma cachoeira, já cónhecido, e na sua margem esquerda, logar despovoado, construimos o quilombo. Caminho plano sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

12. Continuámos a viagem e chegámos ao territorio do Soba Cahingo, margem direita do rio Loèngue, onde se fez quilombo. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

13 Fui visitar o Soba Cahingo, ao qual expuz os motivos d'esta triplice viagem, concluindo por lhe pedir guias para ella, até aos limites do seu territorio, e em seguida lhe entreguei a quibanda. Depois de mandar recolher esta me respondeu que — a sua terra era minha, e que n'ella não se commettiam hostilidades contra viajantes; quando se approximasse pois o dia da partida, que o quizesse fazer sciente, para me entregar os guias para a viagem. Depois de ter dirigido as minhas despedidas ao Soba me retirei ao quilombo. Não obstante ter já notado o significado da quibanda, tornarei a repetir que quibanda e presente vem a ser a mesma cousa, dá-se aos Sobas em geral, já de estada nas suas terras, já transitando-se por ellas; são direitos a que jámais pessoa alguma se póde subtrabir. De principio não eram tão pesados, pois que qualquer Soba poderoso que fosse, com pouca cousa se contentava, mas de presente aleijam pela concorrencia no mercado. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Cahingo.

14. Falha para se comprar sal para despezas da viagem. Pelas onze horas do dia chegou o preto que se havia desencaminhado da comitiva no dia 9 do corrente; vinha em companhia de um preto Guétte, e ambos carregados de carne de caça: disse elle que tendo ferido um boi silvestre e seguido o seu rasto, o vira caír morto já a grande distancia do quilombo, voltára a este em transporte de gente para conduzir a carne, e como achasse a comitiva ter seguido viagem, voltára outra vez ao logar aonde se achava o boi morto, tendo então encontrado o preto Guétte, seu conductor, ao qual havia cedido parte da caça, em attenção de lhe ter servido de guia, carregando tambem parte da carne.

15. Falha pelo motivo antecedente. Pelas duas horas da tarde, me dirigi á libata grande, a participar ao Soba que desejava receber os guias no dia seguinte, para no immediato proseguir a minha viagem, ao que annuindo lhe dirigi as minhas despedidas; e em seguida me retirei ao quilombo.

16. Falha pelo motivo antecedente. Chegaram os guias para a viagem, e como se não offerecessem motivos para mais demoras aguardei o dia seguinte para a jornada.

17. Passámos o rio Loengue em canoas, primeira vez, e chegámos á sua margem opposta, proseguimos a marcha e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Murillo. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de leste. Mandei visitar o Soba Murillo, o que agradeceu; segundo as infor-

mações da gente da terra, o rio Loengue é affluente do Riambejé, e não dirige o seu curso para o mar, como se acha notado na duplice viagem, corrigindo este erro noto segundo as informações.

18. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Himonda. Caminho plano, com agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de leste. Mandei visitar o Soba Himonda, o que agradeceu.

19. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Capire. Caminho plano, matos fechados com agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de leste. Mandei visitar o Soba Capire, o que agradeceu.

20. Falha para se comprar mantimento para a viagem.

21. Falha pelo mesmo motivo.

22. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Camimbe. Caminho plano, com agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste. Cessa n'esta paragem o dominio do Soba Cahingo. Depois de haver gratificado os guias do mesmo Soba, os despedi para regressarem á sua terra.

23. Fui visitar o Soba Camimbe, ao qual expuz os motivos d'esta viagem, e depois de lhe haver entregado a quibanda, conclui por lhe pedir outros guias para proseguir a minha derrota. Como ficasse satisfeito com o presente me disse que os guias se achariam á minha disposição na vespera da minha partida; certo pois d'esta promessa me retirei ao quilombo.

24. Falha para se comprar mantimento.

25. Falha pelo mesmo motivo. Pelas quatro horas da tarde fui receber os guias do Soba Camimbe, e de posse dos mesmos, lhe dirigi as minhas despedidas, e em seguida me retirei ao quilombo, aguardando o dia seguinte para a viagem.

26. Continuámos a viagem e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Nhecima. Caminho plano, com agua no seu transito, matos fechados em partes, em outras despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de norte.

27. Continuámos a viagem, passámos o rio Cassongai a vau, já conhecido; proseguimos a marcha e na sua margem direita construimos o quilombo; paragem deshabitada, caminho plano, falta de agua no seu transito, por matos fechados, e logares despovoados de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de norte.

28. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Abólle. Caminho plano, com agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de norte.

29. Continuámos a viagem por um mato fechado consecutivo, e no fim, em logar despovoado e sem nome, construimos o quilombo. Caminho plano, sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de norte. A agua que nos serviu de alimento n'esta paragem foi descoberta em uma profunda cova de porco de mato, que a não ser este soccorro da Providencia teria alguma gente da comitiva succumbido aos rigores da sede, em consequencia de se não ter prevenido a mesma para similhante fim. Geralmente esta raça de porcos differe do porco montez; este é denominado pelos negros de Glube, e aquelle o que faz covas profundas Gimbo. O Glube, ou porco montez, o seu alimento ordinario são frutas e raizes. O Gimbo alimenta-se de formigas e outros insectos em reciproca convivencia com ellas; motivo por que segundo o instincto de que é dotado este animal, se vê na necessidade de fazer taes covas para extrahir o necessario á vida. Esta operação tem logar de noite, e se n'ella lhe apparece o dia, o porco Gimbo não sáe mais do seu covil; este lhe serve de esconderijo até que se approxime a noite, e logo que o presente segue para outras paragens em busca de alimento, sendo por esta fórma que os negros os apanham frequentemente, fazendo-lhes laços em circuito á cova, onde o animal é victima da armadilha. É pois nocturno, tem um focinho comprido em demazia e olhos em extremo pequenos; em quanto no mais do corpo, é similhante ao porco montez ou caseiro, a sua carne é pessima inteiramente; mas para os negros é boa, porque topam a tudo, boa, pessima ou podre, é bastante que seja carne. N'esta paragem matámos um bufalo que de grande utilidade nos foi pela falta de carne ou cousa que a supprisse para nosso alimento. Grande tambem é a abundancia de mel que pelas mesmas se encontra; aos selvagens tambem lhes serve de alimento, mas simplesmente tendo o costume de extrahir o liquido, e lançar a cêra fóra, talvez por lhe ser desconhecido o seu prestimo, ou não haver concorrencia ao mesmo genero, que é o mais provavel; se bem que n'esta altura não paga o meio da conducção. Em consequencia de uma pequena indifferença com os guias, motivada pela agua, ou talvez premeditada, estes brutos desappareceram de noite, dando-se pela sua falta de manhã.

(Continua.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

VIAGEM DE ANGOLA Á CONTRA COSTA

ESCRIPTA PELO

SR. ANTONIO FRANCISCO FERREIRA DA SILVA PORTO.

(Continuado de pag. 284.)

30 de Outubro. Continuámos a viagem por um mato fechado consecutivo, fomos fazer quilombo na margem direita do Rio Loéngue, logar deshabitado. Caminho plano, sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de norte.

31. Como nos apparecessem duas canôas de pretos da terra, os mesmos deram principio de passar a comitiva para a margem opposta: passámos o rio Loéngue pela segunda vez, e depois de haver pago o frete aos canoeiros, proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Nhóca. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de norte.

1.° de Novembro. Segui para a libata grande com a quibanda, a apresentar-me ao Soba Nhoca; e havendo-lhe exposto os motivos da minha viagem, conclui por lhe pedir guias para proseguir ávante, e em seguida lhe entreguei o presente. Mandando guardar este, me respondeu que quando quizesse seguir me entregaria os guias que desejava, pois se achavam ás minhas ordens. Certo pois d'esta promessa lhe dirigi os meus cumprimentos, e em seguida me retirei ao quilombo.

2. Veiu o Soba Nhóca ao quilombo, fazendo-me presente de seis mocatas de massa, e seis gallinhas, o que retribui com alguma fazenda e missangas; e depois de algum tempo de conversação no quilombo, se retirou á sua libata. Mocatas geralmente por estas paragens, a sair da terra do Lui, são os saccos e celleiros d'estes selvagens, e deposito ordinario de toda a qualidáde de mantimentos, quer nas suas povoações, ou mesmo quando vão tributar o senhor do paiz. São pois feitas de capim ou folhas, e mui bem entrançadas de córdas, sendo estas que constituem toda a segurança da mocata, sendo esta á imitação de uma abobora grande e chata, não levando mais de um ou dois alqueires. Espalhandose a gente pelo mato a caçar, mataram um boi silvestre.

A TRIBU BÁLUA.

O seu dialecto é similhante ao do povo Miqueselumbue, mas dádo este caso é independente; não obstante ter sido guerreado por differentes vezes pelo Soba Calingo, comtudo, sempre se tem conservado no mesmo terreno, resultando o seu prejuizo em perdas de gado que possuiam e que ao presente não possuem mais. As suas armas são arcos e flechas, e loncas ou zagaias. Seguindo o costume de as infectarem; se bem que tenham contra-veneno, algum resguardo lhes dão já por causa das mulheres por occasião de fluxo de sangue na sua conjuncção, já por causa da gente de menor idade; são pois dependuradas pelas arvores que existem em circuito ás suas povoações, fazendo uso de outras não infectadas, as quaes conservam dentro de casa, para occorrer de prompto a qualquer accidente. Segundo a sua superstição por causa das mulheres é que o veneno perde todo o seu vigor; quando ellas se acham na conjuncção será sufficiente a sua aproximação. Em geral o seu traje são pelles e cascas preparadas das arvores, tendo tambem por costume limar os dentes da bôca, e grandes buracos nas orelhas, onde introduzem pedaços de paus ou cannas. São dados á agricultura em todo o seu vigor, fazendo toda a plantação de grãos, como sejam aboboras, batatas do paiz, feijão miudo, dito especie de grão, massa, mendubi, milho, menos a mandioca, porque a não vimos nas suas lavouras. Existem situados pelas vertentes do

rio Loéngue, lados de leste e oeste: frequentes são as suas caçadas, pois que o seu terreno abunda em toda a casta de animaes silvestres, de differentes especies, mas preferem de presente a caça do elephante pela circumstancia que a acompanha do marfim, á vista da concorrencia dos Biânos e Biçânos ao mesmo genero.

3. Falha para se comprar mantimento.

4. Pelas 4 horas da tarde me dirigi á libata grande para receber os guias para a viagem, e de posse dos mesmos, depois de dirigir as minhas despedidas ao Soba Nhóca, me retirei ao quilombo aguardando o dia seguinte para a partida.

5. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, margem esquerda do riacho Hépe. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de norte.

6. Falha n'esta paragem, em consequencia dos guias que fizeram descoberta de um elephante morto, e como o achado fosse de grande utilidade para o geral da comitiva, para lhes servir de conducto, o mesmo nos impossibilitou de proseguirmos a nossa derrota no dia de hoje.

7. Continuámos a nossa viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, lado de leste da lagôa Baba-aibéva. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte. A lagôa Baba-aibéva terá em muito rigor uma milha em circuito, sendo aformoseado todo o seu espaço de espesso e frondoso arvoredo.

8. Continuámos a viagem, passámos o rio Loamára a vau, de quatro braças de largo, vae desaguar no rio Loéngue; e na sua margem esquerda, logar deshabitado, construimos o quilombo. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

9. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Nhûma. Caminho plano, com agua no seu transito, por matos fechados e logares despovoados de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de norte.

10. Continuámos a viagem, e chegámos ás povoações do Soba Macungo, tributario do Soba Gáue, onde se fez quilombo. Caminho plano, com agua no seu transito, matos fechados, e logares despovoados de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de norte. Em consequencia da reclamação dos guias feita no dia de hontem, logo que cheguei a esta paragem os gratifiquei para regressarem á sua terra, o que fizeram sem mais demora. Chegaram tambem ás duas horas da tarde ao sitio vinte e tres pessoas saídas do estabelecimento no dia 15 de Março do corrente anno para estas paragens, á compra de marfim; como vinham arruinados, isto é pelo negocio, que tinham feito, dirigiram-se a mim para seguirem viagem junto á comitiva para permutarem o marfim por generos em qualquer terra da beira-mar, para regressarem a fazer segunda negociação de marfim, para então se apresentarem a prestar contas no estabelecimento. Não fiz objecção alguma a tal proposta, pois que muito embora a fizesse, os encarregados da comitiva persistiriam firmes na sua resolução; mas sim, annuindo ao seu pedido, lhe fiz ver que poderiam seguir viagem fazendo tambem parte da comitiva. Estes tratantes, calçam geralmente pela mesma medida, quer o encarregado da comitiva, quer os auctores da proposta. Pois que parte d'estes velhacos são escravos, e outros aggregados do sobrinho do mesmo encarregado, o qual tinha ficado no estabelecimento junto comigo, entrando tambem no seu numero tres quimbundos livres. Tendo pois estrangulado a mór parte das fazendas á sua gula, não se achavam com disposição de regressar; mas sim de seguir para a beira-mar. Tinham rasão, o ensejo era favoravel aos seus intentos.

11. Continuámos a viagem, e chegámos á libata grande do Soba Gáue, situada na margem direita do rio Loéngue, onde se fez quilombo. Caminho plano, com agua no seu transito, matos fechados, e logares despovoados de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de norte.

12. Com a quibanda me dirigi para a libata grande a cumprimentar o Soba Gáue, e havendo-se suscitado uma grande questão, por me haver assentado involuntariamente em um pau que no chão se achava, em frente á porta da sua casa, d'ella ía resultando uma grande desavença entre mim, os pretos que me acompanhavam, o Soba e o seu povo. Felizmente pude não sem pequeno trabalho apaziguar o tumulto, e vim no conhecimento de que o auctor da nossa dissenção era um pau privilegiado do Soba e seu povo, e que segundo as suas superstições d'elle lhe resultava feliz successo nas suas emprezas, já de guerras, já de caçadas. Entreguei pois a quibanda ao Soba, e lhe fiz ver que não teria duvida alguma em satisfazer a competente condemnação, por seguir o contrario em harmonia com os costumes da terra, se bem que involuntariamente; que seguia pois para o quilombo, e voltaria no dia seguinte. Ficou o Soba muito satisfeito, e muito meu amigo, pela satisfação que lhe dei, e em seguida me retirei ao quilombo.

13. Com um segundo presente, me dirigi

para a libata grande, e o entreguei ao Soba, fazendo-lhe ver que era a condemnação que lhe tributava, por me ter assentado no pau dos milongos (feitiços): ao mesmo tempo lhe expuz os motivos da minha viagem, vendo-me impossibilitado de o fazer no dia de hontem, pelo accidente suscitado, concluindo por lhe pedir guias para proseguir ávante. Mandou-me o Soba entregar quatro mucatas de massa e mendubi, bem assim quatro gallinhas, e me respondeu que era o presente que tinha para fazer-me; relativamente aos guias que pedia que seriam entregues na vespera da minha retirada; depois de lhe dirigir os meus cumprimentos me retirei ao quilombo.

14. Tendo adoecido tres pessoas da comitiva, tive de adiar a viagem, e mesmo para se comprar mantimento.

15. Falha pelo mesmo motivo.

16. Falha pelo mesmo motivo.

O POVO DO SOBA GÁUE.

Em nada absolutamente differe este povo do antecedente; existe situado da mesma fórma pelas vertentes do rio Loéngue: em fórma de governo, construcção de libatas ou povoações não differe do povo Ganguella, pois que na margem opposta do rio tambem existem povoações, e dizem ser de outra jurisdicção.

17. Como se achassem restabelecidos os tres doentes, pelas duas horas da tarde fui dirigir a minha visita de despedida ao Soba Gáue, e depois de lhe rogar para que tivesse as canôas promptas, bem como os guias para proseguir a minha derrota, me retirei ao quilombo.

18. Passámos o rio Loéngue em canôas pela terceira vez, proseguimos a marcha pela sua margem esquerda, e encosta de matos fechados, e na mesma povoações do Soba Comassango, tributario do Soba Hibula Amucoua, construimos o quilombo. Caminho plano, terreno fertil, leguas andadas oito. Mandei visitar o Soba d'esta paragem, o qual agradeceu.

19. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Hibula Amucoua. Caminho plano com agua no seu transito, matos fechados e logares despovoados de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste. Anoiteceram, mas não amanheceram os guias do Soba Gáue.

20. Em consequencia da fuga dos guias tornou-se necessario falhar n'esta paragem. Dirigindo-me pois á libata grande, expuz ao Soba os motivos da minha viagem, a fuga dos guias do Soba visinho, e concluindo por lhe pedir guias para proseguir a minha derrota, lhe entreguei a competente quibanda. O Soba me respondeu que no dia seguinte me entregaria os guias que desejava, mas que se tornava necessario falhar para elles se apromptarem, ao que annuindo me retirei ao quilombo.

21. Falha em consequencia dos guias para a viagem, os quaes de ordem do Soba se vieram apresentar pelas cinco horas da tarde.

22. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo no sitio Couxito. Caminho plano, com agua no seu transito, matos fechados, e logares despovoados de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de leste.

23. Em consequencia da fuga de dois escravos, tornou-se necessario falhar n'esta paragem para serem procurados.

24. Tendo apparecido os dois escravos fugidos no dia de hontem, aguardei o dia seguinte para a viagem.

25. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo no sitio Apúri. Caminho plano, alagado em geral, em consequencia de copiosas chuvas, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de sul.

26. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Longoma. Caminho plano com agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de sul. Cessa n'esta paragem o dominio do Soba Habóla. Mandei visitar o Soba Longoma, o que agradeceu.

27. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, margem esquerda do riacho Bóhunje. Caminho plano, com falta de agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de leste.

28. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Hongarâmo. Caminho plano, com falta de agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Quiherâmba. Mandei visitar o Soba Hongarâmo, o que agradeceu.

29. Pelas sete horas da manhã, estando a comitiva em ordem de marcha, se apresentou no quilombo o Soba Hongarâmo, seguido do seu povo armado; conhecendo que se apresentava hostilmente á comitiva, fiz de prompto arrumar as cargas, em seus respectivos logares, e a gente a postos para repellir qualquer aggressão. Pedi ao Soba para que quizesse tomar assento, o que consegui com grande custo, pois que a algazarra do povo da terra era tamanha que nada absolutamente se podia entender. Chamei o unico guia que nos restàva, pois que o companheiro d'este havia fugido em consequencia de um roubo que tinha feito, e fiz com

que elle acalmasse a furia da canalha, e igualmente a do seu chefe Extincta a borrasca, dirigi a palavra ao Soba dizendo; que ignorava inteiramente os motivos por que elle se apresentava em maneira hostil no quilombo, muito principalmente havendo eu cumprido com os meus deveres, mandando no dia de hontem cumprimenta-lo com a competente quibanda, á vista d'este seu proceder esperava uma explicação. Respondeu que não obstante manda-lo cumprimentar, e elle se tinha mostrado agradecido, no entretanto mais tarde se havia apresentado parte do seu povo, fazendolhe ver que a nossa comitiva era composta de gente inimiga como elle proprio havia reconhecido, já na gente Báluvar, já na gente Bácoihongo, sendo para notar que o seu trato continuo era com a gente Bábiça, em consequencia do que a comitiva teria de regressar, não obstante achar-se presente o mensageiro do Soba Haballa, pois que elle se achava presente para nos embargar o passo. Com intervenção do guia pude, não sem pequeno trabalho, conciliar com boas rasões os animos do povo presente e do seu chefe, mediante alguma despeza, indispensavel em taes circumstancias, tendo principio ás sete horas da manhã, e remate ás sete horas da tarde, tempo em que a turba se retirou ás suas povoações. Já notei a folhas oito da minha segunda viagem que o Bá dos Quimbundos, significa o *da*, da nossa lingua. Báluvar é o povo da terra do Luvar, e agora de appellido aos Biânos; ignoro pois a que proposito é dado similhante nome, quando os quimbundos, e gente do Luvar, fazem uma differença enorme. Bácoihongo designa o povo de Zanguibar, e sua jurisdicção, sendo geralmente conhecido por este nome. Bábiça designa o povo da terra da Biça. Assim pois como nós usâmos em differentes termos de, do, da, elles com o bá, designam a mesma proposição.

30. Não havendo tomado medidas de vespera sobre a continuação da viagem, á vista do accidente occorrido de manhã, dei ordem para se falhar; mas não obstante estas resoluções, a gente da comitiva não ia ás povoações, nem a gente da terra vinha ao quilombo, annuncio certo de que a polemica antecedente não era concluida. Estava pois preparado para qualquer sinistro. Pelas oito horas do dia apresentou-se o Soba Hongarâmo, e o seu povo armado com a mesma disposição da vespera a nosso respeito; antevendo pois que a duplice viagem em identicas circumstancias havia abortado, considerando mais a terra em que nos achavamos, a sua extensão, população, e a pessima indole dos seus habitantes, tendo ao mesmo tempo em vista as informações do nosso guia, que nos fazia transitar pelos Sobas tributarios, e não pelo Soba grande, denominado Queheramba, dizendo que se fossemos á libata grande, irremissivelmente seriamos assassinados, á vista da má indole do Soba, pois que já por duas vezes tinha perpetrado extorsões e assassinatos contra viajantes da terra da Biça, e então não seriamos nós as primeiras victimas: á vista pois d'estas rasões e das expendidas usei de toda a prudencia ao meu alcance, para de uma vez acalmar os espiritos do Soba e do seu povo; o que felizmente pude conseguir pela segunda vez á uma hora da tarde, retirandose todos ás suas povoações muito satisfeitos. Em consequencia d'estas falhas superfluas, mas que as circumstancias reclamavam indispensaveis, forçoso se tornava adiar a viagem por mais alguns dias de demora, para a gente se refazer de mantimento, cuja ordem passei a dar.

O POVO BALLAVBA.

O seu dialecto é igual ao dos dois povos antecedentes, o mesmo se nota na ordem de trajar, dentes limados, agricultura e armas. Estas são tambem infectadas, mas as suas lanças differem do geral do gentio; cabo e folha formam uma só peça inteiriça, tendo de dez a dezeseis pollegadas a folha, oito na maior largura, proximo ao cabo, em grossura o dedo immediato ao pollegar. A terra é de grande extensão e muito povoada, tendo a libata grande o seu assento ao sul d'esta paragem, e d'ella a quatro dias de boa marcha. Segundo as informações do nosso guia existe situada no centro de uma grande montanha, sendo necessario subir-se esta, para se tornar a descer para o centro, onde existe o Soba Quiheramba e o seu povo.

1.º de Dezembro. Falha n'esta paragem para a compra de mantimento.

2. Falha pelo mesmo motivo.

3. Achando-se a gente da comitiva com mantimento sufficiente para a viagem, pelas duas horas da tarde fui dar as minhas despedidas ao Soba; e retirando-me ao quilombo, aguardei o dia seguinte para a viagem.

4. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Camassa. Caminho plano, com um riacho unico no seu transito, matos fechados consecutivos, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste. Logo que chegámos a esta paragem gratifiquei o guia do Soba Haballa; pois que a todas as provas se tornára digno de uma boa recompensa em attenção aos seus bons serviços, regressando a pernoitar em uma povoação situada em meio caminho. Segui pois para a

libata grande a visitar o Soba, a quem expuz os motivos da minha viagem; e ao mesmo tempo rogando-lhe me quizesse servir com guias, e em seguida lhe entreguei a competente quibanda. Havendo-a recebido me disse que a occasião era favoravel para o que eu desejava, pois que na sua libata se achavam dois pretos saídos da libata grande de Irálla, achando-se os mesmos promptos e ás minhas ordens para guias. Depois de agradecer ao Soba Camassa o seu bom serviço, lhe dirigi as minhas despedidas, e seguido dos guias me retirei ao quilombo. Cessa n'esta paragem o dominio do Soba Queherâmba.

5. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Muéne Capisso. Caminho plano com falta de agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba de Irálla.

6. Falha n'esta paragem em consequencia dos guias o reclamarem para visitarem os seus parentes.

7. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Mundo. Caminho plano, com agua no seu transito, matos fechados consecutivos, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

8. Continuámos a viagem e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Inco. Caminho com subidas e descidas, sem agua no seu transito, matos fechados consecutivos, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste.

9. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Lumbue. Caminho com subidas e descidas, terreno montanhoso e fertil, sem agua no seu transito, matos fechados, leguas andadas cinco, rumo de leste. Veiu o Soba Lumbue ao quilombo seguido do seu povo, onde esteve por algum tempo, informando-se de que terra tinhamos saído, os motivos da mesma viagem, e a que terra nos dirigiamos, mostrando grande curiosidade em todas estas perguntas. A estas fui satisfazendo segundo o devia fazer, e concluido o colloquio, lhe entreguei a competente quibanda, a qual muito agradeceu, retirando-se igualmente o seu sequito ás suas povoações. Como os nossos guias habitassem na libata grande da terra, despachei dois portadores em sua companhia, a levar a quibanda ao Soba, bem como a fazer-lhe saber os motivos da nossa viagem, isto depois de os haver gratificado.

10. Falha pelo motivo de se esperar os guias e os pretos que foram em sua companhia, com a embaixada para a libata grande.

11. Falha pelo motivo acima, e para se comprar mantimento para a viagem. Veiu o Soba Lumbue ao quilombo, onde esteve algum tempo a conversar, trazendo na sua conversação á colleção a sua naturalidade, dizendo ser da terra do Biça, ter já feito duas viagens até á beira-mar, e que não obstante ser senhor das povoações á nossa vista, que se achava disposto a acompanhar-nos até ao logar do nosso destino, sendo esta a rasão por que no dia da nossa chegada quizera obter informações sobre a nossa viagem. Fiz-lhe ver que com muito gosto aceitava a sua companhia, e com a vantagem de ser já pratico do caminho, e que por similhante motivo, revertia em seu beneficio uma gratificação que eu dava aos guias do caminho, não achando ninguem mais digno d'ella, que elle offerecido voluntariamente; retirou-se pois o Soba Lumbue a apromptar-se para a partida.

O POVO DE IRÁLLA.

O seu dialecto se bem que tenha alguma variação em differentes phrazes, dada ella se póde reputar uma só linguagem irmã á dos pretos antecedentes. A sua terra é de grande extensão e muito povoada, usam as mesmas armas infectadas, e lanças iguaes ás do povo contiguo, mas excedem-n'os na agricultura; pois que assás o dão a demonstrar nas grandes lavouras que possuem, com grande abundancia de mantimentos que plantam de diversas qualidades, menos a plantação da mandioca, pois que a não vimos nas suas lavouras.

A embriaguez é predilecta n'este e nos outros povos por onde transitámos, vicio que no estado brutal em que vivem, intrataveis os torna na verdadeira accepção da palavra. N'este e nos povos antecedentes a maneira de trajar, os dentes limados, e o modo de trançar os cabellos á imitação dos Biânos, e mais povos do Occidente, os constitue uma unica familia selvagem.

12. Chegaram os mensageiros da libata grande, dizendo que, achando os viajantes o Soba morto, era necessario segundo o uso do paiz dar mais alguma cousa para o livre transito da comitiva, e que á ordem do Soba actual a comitiva deveria passar na libata grande, por ser o caminho mais proximo para a nossa derrota, e mesmo porque o Soba desejava conhecer os viajantes que transitavam por sua terra. Fiz ver aos portadores do Soba que, dado o primeiro caso, não tinha duvida em dar mais alguma cousa, para não ter obstaculo á minha viagem. Em quanto ao segundo, não me achava disposto a tomar a derrota da libata grande, pela grande longitude;

e que no dia seguinte trataria de os despachar, para seguirem a sua jornada. De noite recebi um aviso do Soba Lumbue, em que me mandava dizer, que não annuisse a passar o caminho da libata grande, pois que era uma cilada que queriam fazer á comitiva, como já a tinham feito á gente da Biça, o que me mandava participar para meu governo. Mandei agradecer ao Soba Lumbue o serviço que acabava de me prestar e á comitiva tambem, e que no dia seguinte despachava os portadores da libata grande aguardando o immediato para a viagem.

13. Depois de haver despachado os portadores da Soba, fui á libata do Soba Lumbue a fazer-lhe ver que estava prompto a seguir viagem no dia seguinte, e elle annuindo á minha proposta, me respondeu que só as minhas ordens aguardava. Retirei-me pois ao quilombo a dar ordens para a partida.

14. Continuámos a viagem, fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Bixa ou Cabixa. Caminho plano sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas doze, rumo de leste. Mandei visitar o Soba do logar, o que agradeceu.

15. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Lendangombe. Caminho plano, com uma grande serra no seu transito, subindo-se e descendo-se a mesma, sem agua por todo o caminho, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas doze, rumo de leste.

Veiu o Soba do logar ao quilombo, e depois de o haver presenteado se retirou á sua povoação. Pelas oito horas da noite chegaram ao quilombo dez negros saídos da libata grande da terra, increpando sem mais preambulos o Soba Lumbue por haver subtrahido a comitiva ao justo castigo do Soba, e que se quizesse evitar um desastre provavel na sua povoação, que regressasse á mesma; em quanto á comitiva, que não escaparia uma unica pessoa. Respondeu o nosso nobre guia, com uma dignidade que eu por certo não esperava, dizendo que tinha tomado os viajantes debaixo da sua salva guarda, e que por esse motivo jámais os abandonaria; se elles tivessem de ser salvos, salvo tambem elle o seria. Em quanto ás suas povoações, se o seu povo fosse victima do de Irálla, que em qualquer tempo e occasião, elle saberia usar de represalias; pois que elles emissarios da libata grande, e o mais povo da terra, eram no conhecimento de que elle Lumbue era natural da terra da Biça; e foi da maneira com que despediu os malvados!! Fui dar os parabens ao nosso illustre guia, e em seguida o povo da comitiva, á vista de tão heroica resolução. Ficando com ella confundidos os negros da libata grande, se bem que isto e nada para elles seja a mesma cousa, em consequencia do seu habitual modo de dissolutos; comtudo era uma lição a malvados. Cessa n'esta paragem o territorio do dominio do Soba de Irálla.

16. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Nhafo. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, logares despovoados de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

17. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Loquero. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste. Veiu o Soba Loquero ao quilombo, o qual, segundo disse, se achava em ablativo de viagem para outra paragem, e depois de o haver presenteado, se retirou á sua povoação. Os contornos em geral por estas paragens são de grandes cordilheiras de serras; não farei pois menção d'ellas continuamente, por se acharem a grande distancia do caminho. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Cangômbe.

18. Em consequencia da chuva, não foi possivel seguir viagem n'este dia.

19. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações novas do Soba Loquero. Caminho plano sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas onze, rumo de sul.

20. Falha para se comprar mantimento.

21. Falha pelo mesmo motivo.

22. Falha pelo mesmo motivo. Chegou ao quilombo o Soba Bipanga, seguido do seu povo, situado dois dias de viagem distante d'esta paragem; vinha, segundo disse, conhecer os viajantes, e ao mesmo tempo saber de que terra eram. Depois de haver satisfeito a sua curiosidade, e feito um pequeno presente, que era justamente o que o trazia arribado, se retirou muito satisfeito ás povoações do Soba Loquero.

23. Em consequencia do mau tempo, impossibilitados ficámos de fazer viagem.

24. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Gollo. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo do norte.

25. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Himânda. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Veiu o Soba Himânda ao quilombo, e depois de o haver presenteado se retirou á sua povoação.

26. Em consequencia de mandar dar alguns tiros hontem pelas oito horas da noite pelo motivo da falta de duas pessoas da comitiva, que se tinham perdido pelos matos indo á caça, estando já em ordem de marcha, se apresentou o Soba Himânde e o seu povo a exigir uma multa por ter dado tiros na sua terra; fiz-lhe ver que os tiros tinham sido dados para encaminhar ao quilombo dois pretos que tinham ido caçar e como de facto vieram em consequencia dos mesmos tiros; estes não tinham sido dados com segundas intenções, e que por consequencia não achava justo pagar a multa que elle queria. Elle insistia pela multa, e eu em a não dar, até que ao cabo de muitas altercações se retirou ás suas povoações; como já fosse tarde aguardei o dia seguinte para a viagem.

27. Tornou a polémica do dia antecedente. O Soba Himânda apresentou-se com o seu povo, insistindo pela multa dos tiros; dei ordem para que se arrumassem as cargas, e fiz ver ao Soba que a sua exigencia não tinha cabimento algum, por quanto os tiros foram dados para attrahir ao quilombo duas pessoas dispersas, e não como insulto a elle dirigido, expondo mais rasões contra a sua absurda reclamação; todas ellas eram infructiferas, pois que o bruto a nada se movia. Em conclusão, disse, que não deixaria proseguir ávante sem que pagasse a multa exigida; e como eu visse que assim se poderia realisar, lhe entreguei alguns pannos e missangas com o que se mostrou muito satisfeito, dizendo: que tinha o caminho desempedido, que poderia seguir viagem quando bem me aprouvesse, e se retirou seguido do seu sequito á sua povoação. Aguardei depois o dia seguinte para a viagem.

28. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo na margem direita do rio Callumbangi, logar povoado. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

29. Continuámos a viagem, passámos o rio Callumbangi, em ponto de oito braças de largo, vae desaguar no rio Loanga; proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Himbulla. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste.

30. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Cáue. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

31. Continuámos a viagem, passámos o rio Loanquinga, em ponto de cinco braças de largo, vae desaguar no rio Loanga, e na sua margem esquerda; logar povoado, construimos o quilombo. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas oito, rumo de leste.

1.º de Janeiro de 1854. Falha n'esta paragem em consequencia da chuva.

2. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo no sitio Nhomi. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste.

3. Em consequencia de adoecerem tres pessoas da comitiva indispensavel, se tornou alguns dias de falha n'esta paragem, e mesmo para se comprar mantimento.

4. Falha pelo mesmo motivo.
5. Falha pelo mesmo motivo.
6. Falha pelo mesmo motivo.
7. Falha pelo mesmo motivo.
8. Falha pelo mesmo motivo.
9. Falha pelo mesmo motivo.
10. Falha pelo mesmo motivo.
11. Falha pelo mesmo motivo.
12. Falha pelo mesmo motivo.

13. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Mumavuila. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste.

14. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do primogenito do Soba Cangômba. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, de arvoredo mediano, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste. Veiu o Soba d'esta paragem ao quilombo a obter informações relativamente á nossa viagem, e tendo-se satisfeito n'este sentido, bem como, depois de lhe haver feito um pequeno presente, muito contente se retirou á sua povoação. Cessa n'esta paragem o dominio do Soba Cangômba.

15. Em consequencia da chuva não nos foi possivel seguir viagem n'este dia.
16. Falha pelo mesmo motivo.
17. Falha pelo mesmo motivo.
18. Falha pelo mesmo motivo.

O POVO DO SOBA CANGOMBA.

É central a libata grande d'este Soba, sendo de grande extensão e muito povoada a sua terra; o seu dialecto mesclado os torna familiares com duas tribus distinctas, Lua e Biça, pois que existem misturados e unidos com os povos d'estas terras. As suas armas são arcos e flechas, bem como lanças, as quaes costumam enfeitar. O seu trajar são pelles, e cascas preparadas das arvores, bem como fazenda, tendo tambem por costume limar os dentes. Em geral a agricultura não ficão áquem dos povos antecedentes, cultivando toda a es-

pecie de grãos, menos a mandioca. Em geral por estas paragens abunda toda a especie de caça, e vem a ser esta na accepção da palavra, que faz as vezes de creação domestica; as cabras e gallinhas são reservadas para producção.

19. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo na encosta de uma serra, habitada antigamente, e ao presente deshabitada, logar sem nome. Caminho plano, abundante de riachos, matos de arvoredo mediano, e na serra arvoredo corpolento, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Primeiro ponto culminante d'estas paragens.

20. Continuámos a viagem, e passámos os rios Bissombo e Lundo, o primeiro a vau de oito braças de largo, segundo a vau de quatro braças de largo; vão desaguar no rio Loanga. Proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo no sitio Murimo. Caminho plano, com excepção da serra que descemos, abundante de riachos, matos de arvoredo mediano, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Iliângo, senhor da terra da Biça.

21. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo no sitio Bumbi Marimo. Caminho plano, abundante de riachos, matos de arvoredo rasteiro, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste.

22. Em consequencia da chuva, não foi possivel seguir viagem n'este dia.

23. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Sargento Hicuça. Caminho plano, abundante de riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

24. Constando-me que o Sargento Hicuça se achava em preparativos de viagem para a terra denominada Hérua, da jurisdicção de Zanguibar, segui para a sua povoação a convencionar os meios de me aggregar á sua comitiva; e como o achasse ausente, pois tinha seguido para a libata grande da terra, deliberei esperar o seu regresso para tratar sobre este assumpto.

25. Falha pelo motivo acima.

26. Falha pelo mesmo motivo.

27. Falha pelo mesmo motivo.

28. Falha pelo mesmo motivo.

29. Falha pelo mesmo motivo.

30. Chegou o Sargento Hicuça, e com elle convencionei aggregar a minha comitiva á d'elle, fazendo-me ver que a sua comitiva já se achava reunindo, mas que só seguiria viagem por todo o mez de Fevereiro, respondi-lhe que não obstante similhante demora me achava disposto a esperar pela sua comitiva, seguindo viagem no dia seguinte para as povoações do Soba Lobunga, onde faria a demora precisa; até á sua chegada, e em seguida lhe entreguei um pequeno presente, dirigindo as minhas despedidas ao Sargento Hicuça, me retirei ao quilombo, aguardando o dia seguinte para a viagem.

31. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Lobunga, pae do nosso guia o Soba Lumbue. Caminho plano, abundante de riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de leste. De noite fugiram dois pretos da comitiva.

1.º de Fevereiro. Veiu o Soba Lobunga ao quilombo em companhia do seu filho, fazendo-me presente de uma cabeça de gado e quantidade de mantimento; o que retribui com alguma fazenda e missangas, mostrando ficar muito satisfeito. Depois de algum tempo de conversação tendente á minha viagem, e relativa tambem ao seu filho, se retirou á sua povoação, havendo-lhe dado ao mesmo tempo as informações necessarias para a captura dos dois pretos fugidos.

2. N'esta paragem estivemos estacionados até o dia 28 do corrente, em que chegou o Sargento Hicuça e a sua comitiva, que tinha mil pessoas sem exageração alguma; fui ao seu quilombo para saber, se no dia seguinte seguia viagem, e como me dissesse que sim, retirei-me ao meu quilombo a dar as ordens para similhante fim. Os pretos que tinham fugido, d'elles não tive noticia alguma, pois bastantes diligencias fiz para as obter, mas todas foram inteiramente baldadas.

1.º de Março. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Sargento Mullenga. Caminho plano, abundante de riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

2. Falha n'esta paragem, para se esperar mais algumas pessoas da comitiva do Sargento Hicuça.

3. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Lopango, filho do senhor do paiz. Caminho plano, abundante de riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste. Veiu o Soba Lopango ao quilombo, onde esteve por algum tempo a informar-se da terra d'onde tinhamos saído, bem assim dos motivos da nossa viagem, a cujos quesitos satisfiz cabalmente, pelo que se mostrou satisfeito; e depois de o haver presenteado, se retirou á sua povoação.

(Continua.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

INFORMAÇÃO

DO

DOUTOR FREDERICO WELWITSCH SOBRE OS SEUS TRABALHOS NA EXPLORAÇÃO DE ANGOLA, E NOTICIA DE NUMEROSOS OBJECTOS QUE ÍA REMETTER PARA LISBOA.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Achando-me nas vesperas de abandonar estes districtos montanhosos para ir visitar as terras de Pungo Andongo e margens do rio Coanza, julgo de meu dever informar a V. Ex.ª d'este meu intento; e como sou informado por cartas de Loanda, da saída proxima de um navio para Lisboa, julguei dever aproveitar esta occasião, para remetter ao Ministerio da Marinha e Ultramar, algumas amostras de differentes objectos do reino vegetal, encontrados por mim n'este sertão, e dos quaes um ou outro, sendo examinado e experimentado por homens com as habilitações especiaes necessarias para isso, no futuro talvez poderia fornecer um novo genero de exportação e commercio d'esta vasta e rica Provincia de Angola. Para facilitar o juizo sobre a utilidade e applicação d'estes objectos, elaborei uma synopse explicativa, em que apontei a procedencia, a abundancia ou raridade, a facilidade ou difficuldade de cultura d'elles, ou o uso que faz o gentio de alguns d'estes objectos, para fins economicos ou commerciaes. Tendo sido incumbido pelo Conselho do Ultramar da distribuição de sementes de *tabaco da Virginia e de algodão da Luiziana*, cumpre-me informar a V. Ex.ª que empreguei no desempenho d'esta incumbencia todos os esforços possiveis e com resultados tão satisfactorios, que actualmente, tanto a plantação de tabaco da Virginia como a de algodão da Luiziana já se acham assás generalisadas n'estes districtos montanhosos, e muitas plantações d'este anno já são feitas com as sementes alcançadas n'este paiz. De ambos estes generos V. Ex.ª encontrará amostras na pequena collecção de objectos que sob data de hoje remetto ao Ministerio de Marinha e Ultramar. Distribui tambem aos proprietarios d'estes Districtos uma grande quantidade de sementes de boas hortaliças que em toda a parte deram uma producção prodigiosa, e induziram muitos moradores a crear hortas, o que não deixa de tornar-se mui proficuo aos habitantes brancos d'este paiz, para os quaes o uso quotidiano de boas hortaliças é de maxima importancia sanitaria. A colheita e conveniente preparação, bem como o previo exame scientifico de todos e tantos vegetaes, que se me offerecem n'este vastissimo territorio, tem sido, desde o dia da minha chegada até hoje, o objecto principal das minhas occupações e o foco em que se concentravam os meus mais laboriosos esforços. Esta collecção, que actualmente já contém perto de mil novecentas especies, formará o herbario angolense fundamental, que um dia servir-me-ha de base para a composição e publicação de uma *Flora Angolense;* mas eu não me contento com esta unica collecção: pelo contrario trato sempre, em quanto isso é possivel, de apanhar e preparar alguns exemplares em duplo de cada especie, para d'elles, em occasião opportuna, poder formar mais dois herbarios da Flora Angolense, dos quaes desejo depositar, com a benevola licença de V. Ex.ª, um no Museu Nacional de Lisboa e o outro no Museu da Universidade de Coimbra.

A longa serie das plantas cultivadas, tanto indigenas como introduzidas, as numerosas plantas medicinaes e as drogas aromaticas, os vegetaes que fornecem ou poderiam fornecer fibras textis, tintas, materiaes para papel ou para curtir, bem como as differentes qualidades de madeiras e as varias especies de gommas e resinas têem sido e serão em todas as minhas digressões o alvo constante da minha particular attenção. Sobre todos estes objectos fiz os necessarios apontamentos, e de todos colligi amostras instructivas.

Logo que eu me achar recolhido do sertão, e chegadas todas as minhas collecções a Loanda, o que julgo poder effeituar até os fins do mez de Fevereiro proximo do anno de 1857, espero poder remetter ao Ministerio da Marinha e Ultramar as seguintes collecções:

1. — Collecção de amostras de madeiras, acompanhada de uma numerosa serie de amostras de trepadeiras, que tão eminentemente caracterisam as matas virgens do interior de Angola.

2. — Collecção de raizes, cascas, drogas aromaticas de plantas medicinaes.

3. — Collecção de gommas e resinas.

4. — Collecção zoologica, mórmente objectos entomologicos e malacologicos, e alguns reptis e passaros.

5. — Uma numerosa collecção de sementes de arvores, arbustos, e plantas herbaceas, que se recommendam pelo seu porte, raridade ou belleza das flores e horticulturas.

O meu *diario meteorologico*, apesar de se achar por vezes interrompido, por causa de doenças, contém até o dia de hoje, já muito mais de seis mil observações thermometricas, barometricas, hygrometricas e hypsometricas, e fornecer-me-ha dados sufficientes, para d'elles poder compor um quadro climatologico das regiões por mim visitadas. A lingua *bunda*, esta lingua tão original, quão rica e sonora, fallada na maior parte da Africa intertropical, excitou logo depois da minha chegada a esta Provincia a minha curiosidade e seria attenção, induzindo-me a fazer numerosos apontamentos, e a lançar as bases de um pequeno Diccionario addicional, que actualmente já contém mais de quatrocentas palavras radicaes, que *não se encontram* no Diccionario do Padre Cannecatim, unico que se acha publicado até o presente, sobre a lingua bundo-angolense.

Emfim, Ex.^mo Sr., eu não poupei nem esforços, nem trabalhos, nem mesmo despezas da minha bolsa, por vezes assás consideraveis, para bem desempenhar a importante e honrosa commissão scientifica de que me acho incumbido, e tenho só muito e muito que lamentar, que as doenças endemicas n'esta zona equinocial, como as febres, o escorbuto e as inflammações dos olhos, de que não poucas vezes fui atacado, bem como outros acontecimentos imprevistos, por vezes tem interrompido o andamento aliás rapido e prospero da exploração.

Deus Guarde a V. Ex.ª Sange em Golungo Alto, em 10 de Setembro de 1856. = Ao Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = Dr. Frederico Welwitsch.

SYNOPSE EXPLICATIVA DOS OBJECTOS DO REINO VEGETAL, QUE SOB DATA DE HOJE TENHO A HONRA DE REMETTER AO MINISTERIO DA MARINHA E ULTRAMAR EM LISBOA.

Observação. — Os numeros d'esta Synopse correspondem-se com a numeração das amostras que se acham na caixa remettida.

N.º 1. — Palha tirada da face inferior dos foliolos de uma palmeira (*Ditomberonene* do gentio) que é uma especie do genero *Metroxilon Rottb.* Esta palmeira é indigena e abunda nas margens de rios e ribeiras; a separação da palha dos foliolos é facilima, e bem conhecida á maior parte dos indigenas.

Amostra n.º 1-A — Palha.

Amostra n.º 1-B — Foliolos da palmeira *Ditomberonene*, com a palha tirada até ametade, para mostrar o modo como se tira a palha.

N.º 2. — Palha da mesma palmeira (n.º 1) desfeita em tiras e prompta para dellas fazer tecidos, que os pretos chamam *Mabella*, e a palha assim preparada — *Iimbúsu*.

N.º 3. — Iimbúsu preparado de uma segunda especie de palmeira, do mesmo genero *Metroxilon* (Metroxilon Angolense), que dá tiras mais finas mas um pouco mais curtas. Os fructos d'esta especie, que são curiosissimos, acham-se n'esta collecção sob n.º 17, e quando mandar a collecção de sementes enviarei tambem uma porção de caroços d'esta especie, para se tentar a cultura d'ella nas estufas dos jardins das Necessidades.

Tambem esta palmeira encontra-se mui frequente ao longo das ribeiras, mas ella prefere as regiões mais elevadas e não desce até ao litoral, como isso acontece com a especie mencionada sob n.º 1. Ambas as especies não se dão bem senão em sitios pantanosos.

N.º 4. — Filamentos tirados dos periodos vaginantes da *Bananeira ordinaria*; *Mahonge* do gentio.

O grande comprimento, o lustro peculiar e a grande elasticidade d'estes filamentos, junto com a prodigiosa vegetação das bananeiras n'estas regiões equinociaes, aonde ellas em toda a parte e em todos e quaesquer terrenos se encontram espontaneas, bem como a facilidade da extracção dos filamentos promettem grandes vantagens a quem tentar qualquer industria com este abundantissimo material.

N.º 5. — Filamentos tirados de uma variedade da bananeira de S. Thomé, cultivada em logar sobre secco. Estes filamentos offerecem ainda maior lustro e elasticidade do que os exhibidos sob n.º 4.

N.º 6. — Filamentos obtidos do ananaz ordinario. Rapando a superficie inferior de uma folha do ananaz, apparecem logo estes filamentos em densas camadas, e a extracção d'el-

les, mesmo da folha fresca, é facilima. O ananaz, ainda que introduzido da America, dá-se perfeitamente em todos os terrenos d'estes districtos selvaticos, e encontra-se espontaneo, fazendo impenetraveis espessuras, nas margens das matas e em roda dos campos, aonde antigamente um ou outro pé foi plantado; a vegetação d'esta planta é rapida e tão luxuriante, que as folhas d'ella chegam não raras vezes á altura de oito e mais pés, dando filamentos d'este mesmo comprimento. Estes filamentos são muito fortes, finos e elasticos e poderiam servir a varios tecidos de uso economico. Não vi fazer applicação d'elles entre o gentio d'estes districtos, mas em Serra Leoa e em Cabinda fazem os pretos quasi todas as redes e cordas para a pesca, ou dos filamentos da bananeira ou dos do ananaz, e estes ultimos são considerados como mais fortes e mais duraveis.

N.° 7. — Filamentos tirados dos caules de um arbusto trepador, da familia das *Asclepiadaceas*, que os pretos d'este sertão chamam *Mundondo*, e cujas raizes o gentio applica em cozimentos da mesma maneira como na Europa é applicado o alcaçuz.

Estes filamentos, cujo comprimento é limitado pelos *nós dos caules*, são muito tenaces, finos, lustrosos, e promettem facilima fiação; mas para extracção e applicação d'elles em grande escala ha o consideravel inconveniente de ser a planta uma *trepadeira lenhosa*, circumstancia esta, sempre desfavoravel á cultura em grandes massas (porções) por mais de uma rasão. Verdade é que a planta se encontra espontanea em quasi todas as matas virgens d'estes districtos selvaticos, mas estas matas se diminuem rapidamente com o progresso da agricultura, doação de sesmarias, e a frequencia da planta diminue na mesma proporção em que a extracção e o consummo se augmentam. Devo aqui observar, que, fóra d'esta especie, encontrei mais duas especies da mesma familia das Asclepiadaceas, que promettem dar optimos filamentos, mas não me resta tempo sufficiente para a necessaria maceração, e de mais a mais tambem ambas ellas são trepadeiras.

Amostra n.° 7-A. — Filamentos do *Mundondo*.

Amostra n.° 7-B. — Os caules da mesma planta, para se ver a camada dos filamentos, e o modo da vegetação dos caules.

Amostra n.° 7-C. — Sementes do mesmo Mundondo, para se tentar a cultura da planta nas estufas dos jardins da metropole, e do jardim botanico de Coimbra.

N.° 8. — Filamentos obtidos (por maceração) dos caules de um arbusto de seis até oito pés de altura da familia das *Malvaceas*. Este arbusto é uma especie do genero Hibiscus, do que encontrei nove ou dez especies differentes n'este sertão, que todas ellas dão filamentos para cordas, panos ordinarios, saccos etc., e como estou quasi certo que a planta se dará bem ao ar livre em Portugal, junto aqui uma porção de sementes frescas, para se tentar a cultura d'este arbusto em Portugal, mórmente em sitios abrigados dos ventos de nordeste.

Amostra n.° 8-A. — Os filamentos.

Amostra n.° 8-B. — Os caules do arbusto.

Amostra n.° 8-C. — Fructos maduros com sementes.

N.° 9. — Sementes de um pequeno arbusto da familia das *Malvaceas*, que n'este sertão é indigena, e de que o gentio se serve para da entrecasca d'elle fazer cordas. Parece-me ser uma variedade da *Urena lobata* de Linneo, planta sufruticosa, que em quasi todos os paizes intertropicaes se encontra, e em toda a parte é applicada para fabricação de cordas, etc. Dar-se-ha muito bem ao ar livre no sul de Portugal, e é por isso que mando estas sementes para o cultivar e experimentar em Portugal. Os pretos d'este sertão chamam a este arbusto — *Quibosa cafele*, e o do n.° 8, que é um hibiscus, é chamado por elles *Quibosa caiála*. N'esta occasião não posso deixar de fazer a observação, que o gentio d'estes districtos dá o nome collectivo de *Quibosa* ao maior numero das especies de *Triumfetta*, genero da familia das *Tiliaceas*, arbustos de dois até oito pés de altura, e que todas dão material para cordas, de que os pretos se servem para varios fins economicos. D'este genero de *Triumfetta* ha seis ou sete especies n'este sertão, e como ellas promettem uma cultura facil em Portugal, mandarei sementes de algumas especies d'ellas em tempo e occasião opportuna.

N.° 10. — Amostras de um material para a fabricação de papel. É esta materia o miolo (medulla) das hasteas de uma planta gigantesca da familia das *Cyperaceas*, a qual é abundantissima em todos os sitios pantanosos e nas margens de rios e ribeiros desde o districto de Golungo Alto até o de Casange. A producção d'esta planta, cujas hasteas chegam á altura de sete metros (!), é prodigiosa, e se este miolo désse um resultado favoravel, seria isso um grande bem para este paiz. No caso d'esta materia não dar papel, por si só, talvez poderia ser misturada com outras materias para a fabricação de papel.

É bem sabido, que os *antigos Egypcios* fabricavam todo o seu papel tambem do miolo de uma *planta cyperacea*, que cresce nas margens do rio *Nilo*, e foi esta circumstancia que me induziu a apresentar este material para d'elle se fazer as experiencias convenientes.

Amostra n.º 10-A. — Pedaços da medulla.

Amostra n.º 10-B. — A mesma medulla, partida em laminas achatadas na imprensa, para mostrar a aptidão do material para a fabricação de papel.

N.º 11. — Amostras de um material para tecidos de cadeiras de palhinha e obras analogas.

A planta, que fornece este material, é uma linda especie de *Maranta*, da familia das *Marantuceas*, cujas hasteas se levantam de quatro até seis e mesmo sete pés de altura; este vegetal é frequentissimo nas margens de ribeiras em todos os districtos montanhosos de Golungo Alto, Dembos, Cazengo etc., e é de cultura facilima; dar-se-ha tambem ao ar livre em Portugal, da mesma maneira como o *Hedychium gardnerianum*. Os indigenas d'este sertão chamam-a N Subi (no plural — Tim-Tubi), seccam as hasteas ou caules, e partem-os depois em tiras estreitas, de que fazem cestinhos, bandejas etc., muito fortes e duraveis, e é por esta rasão que julguei que estas mesmas tiras podiam servir convenientemente para d'ellas fazer os tecidos para as cadeiras de palhinha, ou quaesquer outras obras analogas.

Amostra n.º 11-A. — Os caules ou hasteas do *N Subi*.

Amostra n.º 11-B. — As tiras d'elles promptas para a obra.

Amostra n.º 11-C. — Amostra da fabricação de um cestinho com as tiras do mesmo N Subi.

N.º 12. — Amostra de folhas de tabaco da Virginia, variedade — *Focinho de boi*, cultivado em Golungo Alto, de sementes mandadas do Conselho do Ultramar, e distribuidas por mim.

N.º 13. — Amostra de folhas de tabaco da Virginia, variedade — *hastea quebradiça*, cultivado em Golungo Alto, de sementes vindas do Conselho do Ultramar de Lisboa, e por mim distribuidas.

N. B. Ambas estas variedades do tabaco virginiano dão-se muito bem n'este districto e no de Cazengo, aonde tambem já existem plantações consideraveis d'elle.

N.º 14. — Amostra de sementes (nozes) muito oleosas, de uma arvore vasta da familia das *Myristicaceas:* a arvore que dá estas sementes é uma especie ainda indescripta do genero *Myristica* (noz moscata) que previamente chamei *Myristica angolensis;* encontra-se ella frequentemente nas matas dos Sobados de Queta, Bango, Bumbo e Quilombo, aonde é avistado de longe por causa da grande elevação do tronco e da magnifica copa que ostenta. As sementes são tão cheias de oleo, que, uma vez accesas em uma das extremidades, *continuam a arder como uma vêla!!* Uma só arvore póde fornecer grande quantidade de nozes, porque costuma carregar muito e em grandes cachos; estas arvores podiam-se plantar com a maior vantagem aos lados das estradas em vez das *Incendeiras*, que não dão fructo que sirva, e muitas d'ellas *nem dão sombra*.

Amostra n.º 14-A. — Nozes da Myristica angolensis.

Amostra n.º 14-B. — Um ramo fructifero com as capsulas ainda não bem maduras, para mostrar o modo como esta arvore costuma carregar.

N.º 15. — Amostra de um material para tinta roxa ou purpurea. Consiste este material de fructos (bagas) de uma especie nova do genero Solanum, que chamarei *Solanum tinctorium;* os gentios dos Sobados de Quilombo e Bango, aonde esta planta cresce com frequencia, chamam-a — *Disüe*, e servem-se ás vezes do sumo (suco) das bagas d'ella, em logar de tinta para escrever, e esta se prova assás fixa. Tambem eu conservo no meu herbario angolense *rotulos* escriptos *ha mais de um anno* com a tinta d'estas bagas, que ainda hoje denotam a mesma intensidade de côr no escripto como no principio.

As bagas que mando sob n.º 15-A, talvez não cheguem em bom estado, por causa da humidade durante a viagem por mar; mas a planta é *annual*, e de cultura facilima em todo o Portugal, e por isso envio tambem uma porção de sementes recentemente colhidas para se tentar a cultura d'ella; é uma planta do porte da *herva moura* de Portugal, com flores brancas muito pequenas, mas as bagas chegam a ter o tamanho e configuração das da uva bastarda, e são turgidas de succo purpureo-sanguineo. A planta quer terra muito *forte* mas *fofa*, e exposição solar, pois não vinga bem na sombra.

Amostra n.º 15-A. — As bagas do Solanum tinctorium.

Amostra n.º 15-B. — Uma prova da tinta d'ellas sobre panno branco.

Amostra n.º 15-C. — Sementes da planta para se tentar a cultura d'ella.

N.º 16. — Amostra de algodão da Luiziana, variedade — *buena vista*, cultivado em Golungo Alto, de sementes mandadas do Conselho do Ultramar em Lisboa, e por mim aqui distribuidas.

N. B. Distribui as sementes d'este algodoeiro da Luiziana a *vinte e dois proprietarios* dos districtos de Loanda, Alto Dande, Cazengo e Golungo Alto, e da maior parte dos cultivadores d'este genero precioso já me chegaram informações as mais satisfactorias respectiva-

mente ao prospero resultado que deram os primeiros ensaios d'esta cultura, de maneira que n'este anno já estão fazendo plantações extensas com a semente alcançada pelas sementeiras originaes.

N.° 17. Amostra dos fructos (cocos) do *Metroxylon angolense*, Ditombe cafale, cuja palha se acha exhibida n'esta collecção de amostras sob n.° 3.

N.° 18. — Foliolos de uma palmeira baixa, chamada *Calólo* pelos indigenas, de que estes fazem varios tecidos para saccos, chapéus, etc.

Julgo ser esta palmeira o — *Phœnix spinosa* da Flora Nigritiana; é esta uma das palmeiras de que o gentio extrahe vinho, que chamam Maluvo iá calólo.

Amostra n.° 18-A. — Foliolos da folha do Calòlo.

Amostra n.° 18-B. — Os mesmos, partidos em tiras.

Amostra n.° 18-C. — Obra principiada para d'elles fazer um chapéu.

N.° 19. — Amostra de uma corda delgada, feita da entrecasca da *Adansonia digitata*, que os pretos ubundas chamam *Nbondo*, e os colonos portuguezes *Imbondeiro*.

N. B. A maior parte das *Herculiaceas* e *Bombaceas* dão filamentos bons para cordas e saccos.

Golungo Alto, em 9 de Setembro de 1856. = Dr. *Frederico Welwitsch.*

VIAGEM DE ANGOLA Á CONTRA COSTA

ESCRIPTA PELO

SR. ANTONIO FRANCISCO FERREIRA DA SILVA PORTO.

(Continuado de pag. 292).

4. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Sargento Ilipangulla. Caminho plano, abundante de riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste. A montanha Veênga fórma o segundo ponto culminante d'estas paragens. Soberba e magestosa é a perspectiva que apresenta este local; o rio Lumbungo banhando a base d'esta grande serra, e mansamente dirigindo o seu curso para as partes do norte, a desaguar no rio Loongo; mais ao longe um immenso descampado onde se divisam as povoações dos selvagens, e o verde escuro das suas searas, resplendente em um dia ameno da estação da vida. Dir-se-ía escolhido de proposito o local para habitação, mas o contrario se dá por esta raça em geral, poisque elles procuram as suas commodidades, e jámais local alegre ou triste para elles; uma e outra cousa vem a ser o mesmo.

5 Continuámos a viagem, e descemos a grande montanha Ueênga, a vau passámos o rio Lumbungo de quinze braças de largo, e que vae affluir no rio Loongo, e na sua margem esquerda, povoações de um filho do senhor do paiz, construimos o quilombo. Caminho, a descida da serra Ueênga, a passagem do rio Lumbungo; e parada na sua margem esquerda, leguas andadas seis, rumo de leste.

6 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Sargento Taramanguengua. Caminho plano, abundante de riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Notavel coincidencia se dava pelas terras por onde tinhamos transitado, e vinha a ser, que o povo da terra da Biça, segundo agora podémos decifrar o enigma, é denominado Báluvar, e nós com a mesma denominação, ou porque os imitamos, ou em summa pela circumstancia de viajeiros, mas não que attribuida ao povo do Luvar como de principio julgavamos. Caso differente se dava agora a nosso respeito com o dono da povoação, não obstante não sermos taxados de algum appellido depois que pisámos o territorio Biça, o não ser aquelle que justamente é dado a quem viaja, o de viajantes d'esta ou d'aquella paragem, e segundo a minha narração aos chefes das terras e povoações por onde transitavamos, ao que adheriam com vontade ou sem ella. No entretanto para o Sargento Taramanguengua devia de haver excepção. Em consequencia do seu resentimento contra o povo da terra de Capenda do dominio do Soba da Lunda, pelo haverem sequestrado em occasião que se havia dirigido a negociar na mesma terra; em consequencia pois d'este prejuizo, e tomando-nos a nós por gente saida de Capenda, por causa das nossas armas lazarinas, patronas e a maneira das quibandas em trançar o cabello, provas para elle sobejas de sermos da mesma nação, por este motivo pois havia premeditado vingar-se, usando de represalias. Felizmente foi descobrir o seu plano ao Sargento Iicuça que não ficou menos maravilhado, do que nós o ficámos quando ao facto viemos da sua existencia, desvanecendo-lhe todas as suas suspeitas a nosso respeito, e fazendo-lhe ver ao mesmo tempo d'onde eramos, os motivos da nossa viagem, e para onde seguiamos. Tudo isto foi mais que sufficiente para o espirito abalado do Sargento Taramanguengua, o qual em companhia do

seu collega, no dia seguinte me veiu dar immensas satisfações. Dado este caso em outra qualquer terra que não a da Biça, a nossa comitiva irrimissivelmente seria victima dos selvagens, e por este motivo passei a dar os meus agradecimentos pelo serviço que acabava de prestar o Sargento Hicuça, seguindo-se, para em identicas circumstancias se não verificar o mesmo caso, que os quimbundos raparam o cabello ao uso do povo Cuihongo ou Longoânna, e acondicionavam ao mesmo tempo as patronas.

7 Falha em consequencia da chuva.

8 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Quicêma. Caminho plano, despovoado de arvoredo, abundante de riachos, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de leste. Cessam n'esta paragem os limites da terra da Biça.

9 Falha em consequencia da chuva.

O POVO BIÇA.

É sem contradicção alguma que entre os dous pólos não habita povo algum como este e que mais susceptivel fosse de catechisar e levar a um certo grau de aperfeiçoamento. Selvagens como o geral da população de Africa, existem muito áquem de um estado barbaro e degradante, assás reconhecido nas mais tribus, indole caracteristica da sua organisação indomavel. Quando noto o geral, é porque não faço regra de excepção dos denominados vassallos ao mais infimo selvagem. Deixemo-nos pois de prégar no oasis. As provas verificar-se-hão de prompto em curto espaço; aquelle que se der ao trabalho de estudar os costumes d'este bom povo. Mas existe uma excepção, ella é applicada ao povo Biça; não é exageração minha, é a pura verdade que descrevo. Desejava ser um Lopes de Mendonça para poder apresentar volumes em logar de um simples volume; mas um Lopes de Mendonça não vem a Africa! Contente-se pois com o seu estado quem quizer viver socegado. Cosmopolita na verdadeira accepção da palavra é este povo; passam dois annos fóra do seu paiz, a viajar para a beira-mar ou para o centro; e logo que regressam outro tanto espaço gastam nos arranjos das suas povoações e agricultura: concluido que seja este ultimo trabalho, eis o preto Biça a viajar. Em muito rigor será sufficiente quinze dias para percorrer o seu territorio de leste a oeste, e outro tanto espaço de norte a sul; mas não obstante será bastante tanto quanto a vista alcance, poisque é raso e despovoado de arvoredo, para distinguir sómente grandes povoações e immensas searas. A libata grande da terra é central. Á vista pois do seu poder colossal a sua dignidade é mantida illesa; não ha povo por mais forte que seja, que se atreva a mover-lhe guerra, assim como elle a não promove contra povo algum: vivem pois á sombra da paz e no regaço da abundancia.

Agricultura. É exercida por elles no mais alto grau; tem as lavouras divididas como se segue, em relação á especie do mantimento que cultivam. Aboboras differentes, batatas, batatas do paiz, feijão, (este legume só o ha em abundancia, depois que se transpõem o o rio Cuanza, para o Occidente e agora em abundancia o vimos n'esta terra), feijão miudo, e feijão imitando o grão, (estas duas especies são geraes por todas as terras, mas em maior abundancia para estas paragens), mendubi, massa, arroz e milho; as lavouras d'este grão são sobre todas em ponto grande, e por esse motivo maior é a sua abundancia, bem como para o Occidente, por ser o seu principal alimento. Não fazem a plantação da mandioca, o arroz é cultivado nas margens dos rios, mas não em abundancia; sendo tambem a primeira terra a saír de Benguella onde o encontrámos.

Caracter. Cumprem justamente á risca aquillo que tratam, conservando uma notavel simplicidade que os torna iguaes ás creanças; no entretanto cada idade conserva o seu logar.

Criações. Gado vaccum casta mediana, gado cabrum de casta grande, gado ovelhum de cinco quartos, gado ovelhum casta mediana, como o geral do Occidente, menos Humbj e Mondombes, onde existe a mesma qualidade, porcos em abundancia, mas não usam capar.

Aves de penna. Gallinhas e pombos, sendo esta a primeira terra depois que passámos o Cuanza, onde vimos esta ultima creação; advertindo que são immensas as manadas que elles possuem d'estas differentes creações, prova que nem lhe movem a guerra, nem elles a promovem. Dir-se-ha pois á primeira vista, pela impressão que esta terra causa, ser ella habitada por brancos; quando similhante raça nunca por ella transitou.

Embriaguez. São dados a este vicio vergonhoso, mas é prova evidente de que perfeito só Deus.

Escravidão. A este respeito o que se dá no geral das terras africanas, n'esta tambem se encontra; existem os senhores, tambem existem os escravos: é a ordem das cousas por estas paragens.

Hospitalidade. É exercida em grande escala por este povo, e não tem nada de mesquinho; poisque bastantes provas foram dadas á nossa comitiva.

Mulheres. É seguida a polygamia por este povo; é crime entre elles o adulterio.

Povoações. São as mesmas que se encontram para o Occidente, á excepção de muro que não fabricam pela grande falta de madeira a que se acha reduzido o seu paiz, demonstrando por este principio grande antiguidade. Para construcção de casas vão dez e doze milhas de distancia das suas povoações para a sua conducção; pagando esta com a bebida de capata, á imitação dos mais povos do Occidente.

Trajo. Ambos os sexos usam igualmente fazenda; tambem fabricam panos de algodão, para seu uso, á imitação dos tecidos nos Presidios e Districtos do dominio de Loanda, e denominados geralmente tangas: usam tambem cascas de arvores preparadas, poisque os dois objectos notados não chegam ao geral da terra.

10 Continuámos a viagem e fomos fazer quilombo em despovoado, em a margem de uma lagoa sem nome. Caminho plano, sem agua no seu transito, por um mato fechado consecutivo, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo do sul.

11 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Cabandangella, situadas na margem esquerda do rio Loanga. Caminho plano, sem agua no seu transito, por um mato fechado consecutivo, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de sul. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Cúnda.

12. Falha em consequencia da chuva. Grandes são as manadas de elephantes, que percorrem continuamente ambas as margens do rio Loanga, e n'ellas se torna o seu domicilio continuo, em consequencia do arvoredo de espinheiro que as circumda, em consequencia de ser elle o seu alimento favorito, casca e raiz da mesma arvore.

No entretanto, abundando em quantidade as manadas como abundam, este povo não é habituado á caçada d'este animal, pelo grande temor que lhe consagram.

13. Falha em consequencia da chuva.

14. Passámos o rio Loanga em canôas, de quinze braças de largo, vai desaguar no Riambeje; proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Cilio. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste.

15. Falha em consequencia da chuva.

16. Continuámos a viagem e fomos fazer quilombo em despovoado, logar sem nome. Caminho plano, com um pequeno riacho no seu transito, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

17. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar sem nome. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos fechados de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

18. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo proximo á libata do Soba Cúnda. Caminho plano em partes, em outras com subidas e descidas, sem agua no seu transito, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Fui visitar o Soba Cúnda, o que agradeceu.

19. Falha n'esta paragem para se comprar ferro, e mandar fazer zagaias para despezas de viagem, isto á imitação do Sargento Hicuça e do seu povo.

20. Falha pelo mesmo motivo.

O POVO DO SOBA CÚNDA.

É habitador de ambas as margens do rio Loanga, limitando-se a jurisdicção do seu dominio até ás povoações do mesmo Soba. O seu dialecto differe dos mais em geral. Differente tambem é a linguagem do povo Biça em relação ao geral do gentio, tendo de costume ambos os sexos furar os labios superior e inferior, onde mettem rodellas de cabaça á medida dos mesmos buracos, e á proporção que vão alargando, maiores são as rodellas que lhe pôem. Tambem costumam dar lanhos dos lados direito e esquerdo proximo ás orelhas, d'estas seguem perpendicularmente até ao pescoço; e d'este vão torneando pelo corpo até o quadril ou curvas dos joelhos, segundo a vontade de cada um. As suas armas são arcos, flexas e zagaias, as quaes costumam infectar; mostrou-me o Soba quatro armas reiúnas, as quaes conservava dentro de sua casa; perguntando-lhe o effeito que fazia d'ellas, carregou uma e em seguida a disparou. Existem na ordem do povo ganguella, em relação ao povo quimbundo, que por não seguirem para parte alguma, offerecendo-se-lhe occasião de comitiva na sua terra, é que se lhe offerece ensejo de permutar os seus generos por fazenda e objectos de miudezas. No mesmo parallelo existe este povo em relação ao da Biça. Fazem as mesmas sementeiras de grãos á imitação dos seus visinhos; mas poucas são as enxadas de ferro que empregam para este effeito, e essas mesmas são obtidas dos seus visinhos quando transitam pela sua terra, tendo pois habilidade para o fabrico das flexas e zagaias, e não a tendo para enxadas; suppre a falta d'estas o pau, sendo uma unica peça com curva, a maior lhe ser-

ve de cabo, e a menor de enxada. Tambem fazem tecidos de algodão para seu uso, inclusivè fazendo os que trajam, e cascas preparadas das arvores. As suas creações são carneiros, cabras e gallinhas.

21 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Mexiôngo. Caminho plano sem agua no seu transito, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Cutumbuca. Em consequencia de uma desintelligencia entre o Sargento Hicuça, e o nosso companheiro o Soba Lumbue, este se deliberou a regressar para evitar algum incidente. A questão era em consequencia de uma comitiva da Biça sequestrada na terra de Irálla, querendo o primeiro attribuir ao segundo a culpabilidade de similhante sequestro. O Soba Lumbue defendeu-se da imputação injusta; eu, assistindo tambem á audiencia, tratava de o defender, fazendo ver aos circumstantes o que elle havia feito a nosso favor na terra em questão. Mas estas rasões não eram para attender do auditorio; queriam a entrega de quatro pretos da terra de Irálla, os quaes se achavam ao serviço do Soba Lumbue. O nosso voto, como fosse o contrario do seu, dissolveu-se a reunião sem mais preambulos, sendo este accidente motor do regresso do nosso guia, o qual havia promettido chegar a Moçambique, não sendo sem grande pesar meu e da mais gente da comitiva que fomos constrangidos á sua partida. Depois de o haver gratificado bem como aos quatro pretos que o acompanharam, dei-lhe os meus agradecimentos pelos bons serviços, e em seguida foram pernoitar nas povoações para emprehender a sua viagem no dia seguinte.

22 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Quiringue. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. N'aquellas paragens onde não especificar quibanda ou visita ao Soba, que vem a ser a mesma cousa, é porque nada dei, a não ser alguma dadiva insignificante.

23 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Marullera. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

24 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, na encosta de uma serra, logar denominado Quécenja. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas nove, rumo de leste. Quécenja é denominação posta por nós; significa lage grande ou logar de lages como o actual. A mesma serra é composta de grandes penedos, mas não despovoada de arvoredo, existindo solitaria em uma planicie com um pequeno riacho cursando pela sua base.

25 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Bindóbj. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste.

26 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Xitata. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

27 Continuámos a viagem, e depois de uma hora de marcha retrocedemos ao quilombo, em consequencia de um boato dado por gente da terra de que o Soba Cutumbuca se achava a sequestrar a comitiva da Biça. Logo que chegámos ao quilombo o Sargento Hicuça enviou os seus emissarios com um presente para o mesmo Soba para obter os esclarecimentos a tal respeito.

28 Chegaram os emissarios do Sargento Hicuça com outros do Soba Cutumbuca em transporte da comitiva, dizendo que poderiam transitar livremente pela sua terra, poisque não havia motivos para tão vagos rumores.

29 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo proximo á libata grande do Soba Cutumbuca. Caminhos planos, abundantes de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste. Em companhia do Sargento Hicuça, nos dirigimos á libata grande. Cada qual expendeu os motivos da sua missão, aos quaes o Soba respondeu dizendo: Que só desejava viajantes que continuamente transitassem pela sua terra, e que jamais se dariam motivos de queixas, quer da sua parte, quer da do seu povo. Agradecemos ao Soba as suas boas intenções, e cada um de nós lhe entregámos um pequeno presente, pelo que se mostrou muito satisfeito; e havendo-lhe dirigido as nossas despedidas nos retirámos ao quilombo.

30 Falha para se comprar mantimento.

31 Falha pelo mesmo motivo.

1.° de Abril. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Fundj. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste.

2 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Mullenga. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

3 Falha em consequencia da chuva.

(Continua.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELAÇÃO DESCRIPTIVA

DOS

DIFFERENTES LENHOS QUE SE CRIAM TANTO NA ILHA DO PRINCIPE COMO NA DE S. THOMÉ, ACOMPANHADA COM ALGUMAS NOTICIAS RESPECTIVAS.

Azeitona.—Nome pelo qual esta arvore é conhecida nas Ilhas do Principe e S. Thomé, e no commercio; ella serve n'esta Provincia para construcção de casas, e tambem de embarcações. Cria-se só nos logares montuosos, e com abundancia; porém não é sem bastante custo e risco, que hoje se consegue alcançar um pau d'esta arvore de vinte e cinco a trinta pés, com grossura regular; pois o grande uso d'ella tem extinguido todas aquellas que se encontravam em logares mais proximos. Nenhuma d'estas arvores excede a oito pés no seu maior diametro, nem a sua altura util passa de sessenta. Dura immenso tempo, com tanto que se não communique com a terra; por que esta a consome em menos de vinte annos.

Masimama ou *cativo de azeitona.*—Por estes dois nomes é esta arvore conhecida na Ilha do Principe, e na Ilha de S. Thomé lhe chamam *Zamúmu*. É madeira duravel. Tem uso na construcção de casas e na de embarcações igualmente. Cria-se nos Picos com abundancia; cresce ate quarenta pés de altura, e dois de diametro.

Socopira.—É o nome d'esta arvore conhecido no commercio; na Ilha do Principe a denominam *Ubá*, e na Ilha de S. Thomé *Muandi*. É excellente madeira para construcção naval, principalmente para cavername, e tambem para construcção de casas. Encontra-se em toda a qualidade de terreno; porém com abundancia só nos logares cultivados. Muitas ha que principiam logo a esgalhar-se a oito e dez pés; e a altura de outras (até chegar aos galhos) não excede a sessenta pés, e nem a sua maior grossura passa de quatro pés de diametro. Querendo-se aproveitar da grossura toda d'esta arvore, deve ser cortada tres dias antes da lua nova; porque torna-se duravel a parte branca d'ella que quasi sempre se despreza por ser de pouca dura; porém a melhor madeira d'esta arvore é a que se tira d'aquella que já está secca; porque consumida toda a parte branca que a circumda, o resto fica incorruptivel; todavia acontece-lhe o mesmo que á azeitona communicando-se com a terra.

Ribeira.—Como esta arvore nasce geralmente ao pé das ribeiras, deram-lhe o nome de *Pau ribeira* na Ilha do Principe; porém só abunda em logar apaulado, por isso que não vegeta em terrenos cultivados. Em S. Thomé não ha d'esta arvore. Ella é magnifica para construcção de embarcações, e a melhor que se emprega para a quilha e sobrequilha das mesmas. Tem muito uso na construcção de casas. Tira-se d'ella tábuas de trinta e cinco pés, e largura sufficiente. É abundante, cresce consideravelmente muito direita, e chega a sua grossura a dez pés de diametro.

Mastro.—Nome que deram a esta arvore na Ilha do Principe, porque se servem d'ella ali para mastros de embarcações; tem uso na construcção naval, assim como na de casas, muito principalmente para tábuas que sem ser á serra, tira-se algumas de vinte e quatro pés de comprimento, e dezeseis pollegadas de largura. Ha só na Ilha do Principe, e cria-se nos logares incultos. Cresce muito, direita, e chega á altura de mais de cem pés, e a seis de diametro.

Espinho.—Tanto na Ilha do Principe, como na de S. Thomé chamam a esta arvore *Pau espinho*, porque desde a parte do seu tronco que fica á superficie da terra, até á ultima extremidade dos seus ramos vê-se

tudo cheio de botões, e no meio d'estes uma pua. Póde-se dizer que é o espinheiro de Portugal, de que se fazem leitos, e outras obras de marceneria. As suas tábuas têem applicação na construcção tanto de embarcações, como de casas; encontra-se em todo o terreno, e com abundancia; porém as que se criam nos Picos facilitam muito mais o trabalho das tábuas, que são tiradas á força de cunhas; e alcança-se algumas de trinta pés de comprimento e dezoito polegadas de largura; e d'ella tambem se fazem canoas. Cresce a mais de sessenta pés de altura, e não passa a sua grossura de seis pés de diametro.

Gogó.—É perfeitamente o cedro conhecido em Portugal, mas com a differença que não é aromatica, nem tão rezinosa. Esta arvore é tida no commercio, na Ilha do Principe, e na de S. Thomé por este nome *Gogó*. As suas famosas tábuas, em summa, a sua madeira tem todo o uso na construcção de embarcações, e muitissimo na construcção de casas. Ella nasce, e com abundancia, só nas matas virgens; cresce muito direita, chega á altura de oitenta pés, sem esgalhar, e o seu diametro a dez pés. É tambem excellente madeira para obras de marceneria.

Amoreira.—Broeiro do Brazil, porém mais ordinario e ingrato ao trabalho. É conhecida tanto no commercio como n'estas duas Ilhas, por este nome *Amoreira*. Na Ilha do Principe ha pouca, e mesmo de má qualidade; porém em S. Thomé encontra-se em todo o terreno abundancia d'ella, e de melhor qualidade. O seu tabuado tem quasi as mesmas applicações.

Candeia.—Na Ilha do Principe chama-se a esta arvore *Pau candeia*, e em S. Thomé *Unquené*. Nasce em todo o terreno; tem pouca applicação, e rara é a vez que se fazem tábuas d'ella; porque não facilita o trabalho, e só serve para canoas pequenas. Cresce direita até oitenta pés de altura, e a sua grossura chega a vinte pés de circumferencia.

Gamella ou *Pau gamella*—como lhe chamam na Ilha do Principe; e na de S. Thomé *Pau cádella*. O seu tabuado é applicado para forros de casas, e tambem para forros da camara de navios. É muito sujeita a corromper-se, apanhando qualquer humidade. Vegeta nos logares pantanosos e incultos; cresce muito direita a uma altura talvez de cem pés para mais; e o seu diametro chega a quatro pés. Esta arvore produz todos os annos em Janeiro umas vages cotanilhosas, de que algumas pessoas fazem colxões, e certa gente usa d'esse cotão para torcidas.

Mantapasso.—Esta arvore é denominada assim na Ilha do Principe, onde nasce em toda a parte, e com abundancia em S. Thomé; mas alí lhe dão o nome de *Obá*. Serve para construcção de casas e para grandes pranchões de quarenta e cinco pés de comprimento e tres de largura; com que de ordinario se fazem as pontes na Ilha do Principe, e dura mais de quinze annos. Produz uma fructa com figura de queijo flamengo, e similhante no gosto ao ginipapo do Brazil.

Popó.—Nome que dão na Ilha do Principe a esta arvore, e em S. Thomé *Nespra*. Nasce só nos Picos com abundancia, serve para construcção de casas e nada mais. Cresce a sessenta pés de altura, e oito pés de diametro.

Urrú.—Só apparece na Ilha do Principe. Encontra-se só nos Picos com abundancia. As suas tábuas tem o mesmo uso que as de gamella, e são tambem sujeitas á mesma corrupção. A sua altura é de mais de sessenta pés, e tem de grossura cinco pés de diametro.

Puriri.—Assim se denomina está arvore na Ilha do Principe, onde só vegeta nas montanhas: mas parece ser a que em S. Thomé se chama *Bungá*; porém esta vegeta ali tambem nas partes cultivadas, e bastante. Na Ilha do Principe encontra-se pouca, e com bastante custo; porque se faz muito uso d'ella para tábuas de construcção de casas, e para canoas. Cresce a mais de cem pés de altura e a oito pés de diametro.

Batedeira.—Chamada assim n'estas Ilhas. Só vegeta nos serros, e encontra-se com abundancia. É de pouca altura, porém grossa, que a maior chega a seis pés de diametro. Empregam-se as suas madeiras na construcção de casas unicamente.

Mangue Praia.—Bem conhecida em S. Thomé, onde só se encontra. Vegeta bastante nas partes proximas ao mar. Cresce a pouca altura, e a grossura não passa de dois pés.

Possó-fede.—É a denominação d'esta arvore na Ilha do Principe, e em S. Thomé *Pau-fede*. Só nos sitios cultivados é que se encontra; ha bastante; tem um comprimento extraordinario, pois excede a cem pés e tem mais de quatro pés de diametro. Serve só para tábuas para casas.

Antonio Legué.—Assim é chamada esta arvore na Ilha do Principe; em S. Thomé *Unhe bobó*. Só nasce nos terrenos incultos e bastante. Serve para casas e muito principalmente para ripas; a sua grossura não passa de tres pés de diametro, e o comprimento de cem pés, e cresce muito direita.

Marmelo.—Nome que se lhe dá na Ilha do Principe; em S. Thomé *Moindo*. Nasce tambem nos terrenos cultivados, mas só nos incultos se encontra abundancia d'ella. As suas

tábuas e caibros só servem para construcção de casas; ha bastante; o seu comprimento não passa de cincoenta pés, e grossura seis pés de diametro; quasi todas são direitas.

Unué-bolina.—É como na Ilha do Principe chamam a esta arvore; e em S. Thomé *Uhé branco.* Ella só se cria nos bosques; e encontra-se uma immensidade d'ella; porém não tem outra serventia senão para caibros de casas: pouco comprimento e grossura, mas a arvore é direita.

Cinza.—Na Ilha do Principe lhe chamam *Pau cinza.* É arvore comprida e de grossura de quatro pés de diametro. Serve tambem para caibros e vigas de casas; é incorruptivel, e não lhe entra por nada o cupim; assim ella fosse mais abundante! e mesmo alguma que apparece é só no interior dos Picos. Em S. Thomé se não encontra.

Bandeja.—Este é o nome que chamam na Ilha do Principe a esta arvore: em S. Thomé *Pau branco.* Nasce nos Picos, e tem bastante; e tambem nos cultivados. Serve para canoas, e algumas tábuas para casas. Tem as mesmas dimensões que a *gamella*; porém mais grossa.

Umboló.—Chama-se assim na Ilha do Principe, onde só se encontra. Nasce tambem só nos Picos, e bem pouca se encontra; tem o mesmo comprimento e grossura que o *marmelo* e as mesmas serventias.

Mosquené.—Nome que lhe dão na Ilha do Principe, e em S. Thomé; só nasce nas brenhas e encontra-se bastante. Não serve senão para tábuas ordinarias, de que alguns se utilisam para construcção de casas; é em tudo o mais como o *marmelo.*

Remo.—Porque da madeira d'esta arvore se fazem na Ilha do Principe remos, a denominaram em S. Thomé *Untué do Bó.* Nasce no mesmo terreno que a antecedente, e com abundancia, e serve tambem para ripas e caibros; é muito direita e bastante alta; chega a dois pés de diametro a sua grossura.

Cata-Bruba.—Assim chamada na Ilha do Principe; em S. Thomé *Pau ama.* Serve para construcção de casas, isto é, para esteios. Cria-se em todo o terreno e com abundancia. Não passa a sua grossura de dois pés de diametro e comprimento de trinta pés.

Bebe.—É por este nome conhecida na Ilha de S. Thomé, onde só se encontra. Serve para caibros de casas; e cria-se só nos Picos, e bastante; o comprimento d'ella não excede a sessenta pés e a grossura de quatro pés.

Sangue.—É assim chamada na Ilha do Principe, e em S. Thomé por *Pau caixão*; de que se servem para tábuas ordinarias, e é de muito pouca duração. Vegeta nos Picos com abundancia; tem grossura de seis pés, e comprimento de mais de oitenta pés.

Junta. —*Pau junta* se lhe chama na Ilha do Principe, e em S. Thomé *Guegue falso.* Serve para tábuas para casas; cresce a mais de cem pés de altura, e chega a seis pés de diametro. Com as folhas d'esta arvore curam dores venereas.

Gofre.—Tem este nome n'estas Ilhas. Nasce só nas brenhas, e bastante. Serve para tabuas, para casas; porém é de natureza incorruptivel, de sorte que nem o cupim lhe chega. Cresce a mais de cem pés de altura, e de grossura chega a oito pés de diametro.

Marapião.—Nome d'ella em S. Thomé; na Ilha do Principe não ha. Nasce em toda a qualidade de terreno; porém com abundancia só nos logares incultos. As suas tábuas têem applicação na construcção de embarcações e tambem na de casas. Cresce tambem a mais de cem pés de comprimento, e a mais de oito pés de diametro.

Laranja Mucabú.—Conhecida na Ilha de S. Thomé por este nome; na Ilha do Principe não se encontra. Nasce só nos logares cultivados, e bastante. Serve para construcção de casas; cresce só até quinze pés de altura, e pé e meio de diametro.

Muindo.—É só em S. Thomé que a ha; encontra-se com abundancia nos Picos, mas tambem vegeta nos cultivados. Serve para caibros e tábuas de casas; cresce a mais de cincoenta pés, e a seis pés de diametro.

Meza.—Chama-se na Ilha do Principe a esta arvore *Pau meza*, e em S. Thomé *Belambó*, de que se extrahe o excellente balsamo de S. Thomé. Só vegeta nos logares incultos; encontra-se bastante em ambas as Ilhas. Serve só para tábuas de casas. Cresce a mais de cento e vinte pés de comprimento, e a dez de diametro. Exhala continuamente um aroma mui agradavel, e até as suas folhas são aromaticas.

Vermelho.—Esta arvore é só na Ilha de S. Thomé que se encontra, mas é conhecida por este nome, tanto na dita Ilha, como na Ilha do Principe, e no commercio. D'ella é que se fazem as tábuas conhecidas por *peralto* e *vermelho* de que se servem para a construcção de casas. Cresce a altura de mais de cem pés, e a sua grossura não excede a oito pés de diametro, e não se encontra nos logares cultivados.

Acho desnecessario tratar de outras muitas arvores, de que a Provincia abunda, por não terem applicação alguma que mereça attenção.

Francisco d'Alva Brandão.

RELAÇÃO

DE DEZESETE AMOSTRAS DE MADEIRAS DO GOLUNGO ALTO, (PROVINCIA DE ANGOLA) COM ALGUMAS NOTICIAS RESPECTIVAS A CADA UMA.

N.° 1.—*Mutenga*—Encontra-se em quasi todo o Districto com abundancia, e tem-se conseguido tirar tabuado até tres palmos de largura.

N.° 2.—*NGussuço*—É unicamente applicado para construcção de casas de pau a pique por não engrossar muito; é applicavel para este serviço pela sua rigidez.

N.° 3.—*Mucambacamba*—Encontra-se em todo o Districto com abundancia, é a madeira que mais applicam para tabuado, portas e para janellas de casas. Em 1846 foram d'aqui mandados grandes pranchões para Loanda, os quaes foram applicados em construcção naval, e não se continuaram a mandar por ser mui penosa a sua condução. Encontram-se arvores gigantes d'esta natureza em grande abundancia, e de desmedido diametro. É macia e de facil córte.

N.° 4.—*Mangue*—É preferivel para construcção de casas por não lhe dar o bicho, tem-se tirado d'elle algum tabuado, mas a custo, por o acharem os indigenas muito rijo.

N.° 5.—*Mutalamenha*—Applicavel para construcção de casas de pau a pique, e madeiramento das outras; não lhe dá o bicho, é muito rijo, não engrossa muito e encontra-se com abundancia.

N.° 6.—*Caxiqui*—Idem.

N.° 7.—*Cafaqueio*—Applicavel para construcção de casas de pau a pique e madeiramento das outras; não lhe dá o bicho, é muito rijo, não engrossa muito, e encontra-se com abundancia.

N.° 8.—*Mubuinguiri*—Idem, e tambem os naturaes applicam as hastes finas para fazer arcos que empregam com frexas nas suas caçadas.

N.° 9.—*NDulu*—Construcção de casas e d'elle se tira algum tabuado.

N.° 10.—*Muppe*—Idem.

N.° 11.—*Tacula*—Encontra-se em varios pontos d'esta Provincia, a da melhor côr é da amostra que envio. Esta rica madeira só é applicada pelos europeus em alguns trastes de uso domestico. As mulheres do paiz ralam esta madeira extrahindo uma tinta roxa com que se pintam. O gentio Mahungo proximo a este Districto (que não a tem) a aprecia muito para igual uso. Tem conseguido cortar algum tabuado.

N.° 12.—*Mubombolo*—É excellente madeira para construcção de caixas para conducções commerciaes, sendo igual aos caixotes que conduzem as amostras que n'esta data envio. Encontra-se em grande abundancia, e tem muita applicação para portas e janellas, por ser mui leve, e assimilhando-se ao nosso pinho.

N.° 13.—*Cababa*—Unicamente applicavel para construcção de casas de pau a pique e madeiramento.

N.° 14.—*Bandoa mulemba*—Applicavel para tabuado.

N.° 15.—*Quesodiamuxito*—Applicavel para construcção de casas de pau a pique.

N.° 16.°—*Qaissaca*—Applicavel para construcção de casas de pau a pique.

N.° 17.—*NGuenla*—Idem.

Quartel do Commando no Golungo Alto, 17 de Outubro de 1856.=*Francisco Alves Xavier*, Capitão e Chefe.

VIAGEM DE ANGOLA Á CONTRA COSTA

ESCRIPTA PELO

SR. ANTONIO FRANCISCO FERREIRA DA SILVA PORTO.

(Continuado de pag. 300).

4 Falha pelo mesmo motivo.

5 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações situadas na margem direita do rio Ualéro. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de sul. Geralmente por estas paragens onde noto matos fechados, estes não differem d'aquelles do Occidente, onde se encontra a madeira de pouca duração; agora como madeiras de lei para aquellas paragens, e com excepção da terra do Iui, ainda os não encontrámos em mais parte alguma. Cessa n'esta paragem o dominio do Soba Cutumbuca.

O POVO DO SOBA CUTUMBUCA.

Os mesmos habitos e linguagem que se dão no povo anterior se encontram n'este sem differença alguma. As suas lavouras são grandes, onde cultivam toda a casta de grãos, inclusivè a canna do assucar, bananeira e ananazes; são creados estes objectos, se bem que cultivados, com todo o vigor da natureza, e de que ella se mostrou prodiga n'este cantinho selvatico. Tambem possuem toda a casta de creações, e em grande abundancia, menos os carneiros de cinco quartos. Causa pasmo o ver as grandes manadas de elefan-

tes circular estas paragens, desde que se transpõe o rio Loanga, ver ao mesmo tempo como lhe desvastam as suas searas, sem que se atrevam a approximar-se dos animaes, e muito principalmente tendo a addição das armas infectadas; mas não só se não atrevem a accommette-los, como até fogem logo que os vêem a curta distancia. Tal é o temor que lhe professam!

6 Continuámos a viagem, passámos o rio Ualéro, em ponte em uma cachoeira, de vinte braças de estensão, vai desaguar no rio Nhionja; proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar sem nome. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Na passagem do rio Ualéro, foram victimas dois pretos da comitiva da Biça, que julgando pôr os pés em um pau forte da ponte, elle se achava podre, e arrebentando em seguida, os desgraçados deixaram de existir, ceifados em um momento pelas aguas.

Repercutiam medonhos os sons,
Ao abysmo o fado lançava!
Victimas iguaes á visão!!

7 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Bissamba. Terreno montanhoso e fertil, despovoado de arvoredo, abundante de riachos, leguas andadas cinco, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Quipéta. De noite fugiu um escravo da comitiva.

8 Falha em consequencia da chuva.

9 Falha pelo mesmo motivo.

10 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Nhomboxi. Terreno montanhoso e fertil, despovoado de arvoredo, abundante de riachos, leguas andadas cinco, rumo de leste e sul.

11 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Camassa. Terreno montanhoso e fertil, despovoado de arvoredo, e abundante de riachos, leguas andadas seis, rumo de sul.

12 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Opaca. Terreno montanhoso e fertil, despovoado de arvoredo, abundante de riachos, leguas andadas oito, rumo de sul.

13 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo na Lunda do Pandeira ou Bandeira. Terreno montanhoso e fertil, abundante de riachos, matos de espinheiro em partes, e em outros de arvoredo regular, leguas andadas dez, rumo de leste. Cessa por estas paragens o dominio do Soba Quipéta.

O POVO DO SOBA QUIPÉTA.

Nada tenho a acrescentar aos habitos d'este povo, a não ser que são estados republicanos com o seu chefe constituidos em maior ou menor ordem, e depois que se transpõe o rio Loanga, se póde reputar uma unida nação. Com excepção do logar onde construimos o quilombo, e algumas partes mais, pouco extensas, todo o terreno d'este povo é inteiramente despovoado de arvoredo como tenho notado: sendo raro encontrar-se um pequeno arbusto, as suas casas têem quinze a vinte pés de largura e comprimento, sendo feitas de cannos da massa e do milho, na falta de madeira, e cobertas geralmente de capim; nós tambem nos habituámos a uma especie de barracas que pouco trabalho nos davam, bastava sómente espetar as cannas no chão, enverga-las ou cruza-las, e depois de amarradas, cobri-las de capim, e concluida estava a barraca. A lenha era objecto de maior trabalho, poisque só a muitos rogos, ou a troco de alguns fios de missanga, é que a obtinhamos dos donos das povoações. É simplesmente raizes de arvoredo rasteiro, que cresce e alastra á superficie da terra, o qual depois de cavado e secco, é que fazem uso d'elle como lenha.

14 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Callunéva. Caminho plano, abundante de riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas cinco, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Guáxi.

15 Continuámos a viagem, e chegámos ás povoações do Soba Guáxi. Caminho plano, abundante de riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de leste.

Como se acha descripto na duplice viagem, os Biçanos não seguem o mesmo estylo nas suas marchas como os Biànos; levantam do quilombo por divisões, e d'esta maneira chegam á paragem da reunião marcada pelo chefe, o que por todos os principios se torna prejudicial, se não fatal, á sua destruição por factos repetidos; o seguinte é um de entre o seu grande numero. A nossa pequena comitiva formava uma divisão em separado, marchando de continuo na rectaguarda, bem como o chefe dos Biçanos, e aquellas pessoas de alguma representação entre elles. Nós nos achámos em muito rigor a meio caminho, do sitio Callunéva, e da libata grande da terra, quando a toda a pressa chegou um mensageiro da primeira divisão da comitiva, chegada do sitio da libata grande, fazendo ver ao Sargento Hicuça, que se achavam a combater com o povo da terra, á frente do qual

se achava o Soba Guáxi, tendo já sequestrado cinco pontas de marfim de lei. Acabada de relatar esta noticia, apressámos a marcha, e esta se devia ser feita em tres horas depois de meio caminho feito, concluida foi ella em duas horas, e chegados ao logar do conflicto, estava elle travado no seu maior auge. Depois das cargas acondicionadas e guardadas as mesmas, seguimos para o logar do combate, achando-se n'elle empenhada a comitiva da Biça. Já noto que esta seria composta de mil pessoas, mas não obstante este avultado numero teriam as principaes pessoas da mesma vinte armas, as quaes lhes serviam para mostra, e não para defeza, poisque se achavam arrumadas a uma casa. Faziam pois uso das suas armas naturaes, arcos e flechas, e zagaias, não sendo pêcos no seu manejo. O povo da terra, arcos e flechas, e em logar de zagaias, tinham facões grandes. As nossas armas já são conhecidas. Tomámos a nossa posição hostil ao meio dia em ponto, uns fóra e dentro do combate, os da terra a carregar os feridos e os mortos por entre as searas de massa para as suas povoações; os da comitiva da Biça a carregar tambem os seus feridos; d'esta sorte durou o combate até ás quatro horas da tarde interrompido por uma copiosa chuva que lhe poz remate. A gente da comitiva da Biça teve quatro feridos, aos quaes lhe applicavam continuadamente o contraveneno; consistia este em certa raiz d'elles conhecida, a qual mettiam na boca, e em seguida applicavam-n'a á ferida, dando principio a chupar e deitando a saliva fóra sem interrupção; mas não obstante esta operação, um dos feridos morreu ás sete horas da noite, não sendo a ferida profunda, mas sim tinha resvelado a flecha pela face do lado esquerdo, não havendo da nossa parte accidente algum. De noite faziam-se vigias continuamente para prevenir qualquer tentativa da parte do povo da terra, poisque a traição é predominante nos animos d'esta raça, e para a evitar velava-se.

16 O Soba Guáxi e o seu povo queriam por todos os meios que a comitiva retrocedesse, e o povo em geral da comitiva insistia para proseguir ávante, e n'esta porfia de odio se deu principio á luta, eram seis horas da manhã; era continuamente uns fóra outros dentro do combate, tempo que se gastava em tomar algum alimento e em seguida para o combate, poisque o povo da terra acudiu em cardumes á refrega; era pois necessario fazer-lhe frente, ao contrario a nossa ruina seria inevitavel. Pelas seis horas da tarde se lhe poz termo, não havendo vantagem de parte alguma, não obstante o Soba Guáxi e o seu povo soffrer uma quebrada até a sua libata, na qual se lhe fizeram tres prisioneiros, sendo duas das suas mulheres e um seu cunhado.

17 Se renhida havia sido a luta de hontem, a de hoje em nada lhe ficou inferior, não obstante principiar ás nove horas da manhã, depois de haver cessado a chuva, poisque por toda a noite até ás citadas horas caiu sempre sem interrupção alguma. O povo da terra havia affluido em grande quantidade, e depois de nos cercarem pelas povoações de que nos achavamos de posse, em algazarra estrepitosa gritavam que a luta cessaria quando as nossas cabeças fossem decepadas. Na realidade devo confessar que a sua attitude não era para menos! A nossa denominação tinha variado, já não eramos Báluvar, mas sim Bácecunda. O povo da comitiva da Biça era denominado Báluiça, e por causa da nossa liga com a sua comitiva achavamo-nos envolvidos no mesmo laço, era necessario rompe-lo ou desata-lo; este ultimo era impossivel! Recomeçou o combate ás nove horas do dia com toda a ferocidade da parte dos da terra, a nossa gente tambem nada lhe ficava a dever, poisque findou ás seis horas da tarde, levando o Soba e o seu povo de derrota batida até á sua libata, na qual perderam seis prisioneiros, exceptuando grande porção de feridos e mortos que tiveram n'este dia. A comitiva da Biça teve seis feridos e dois mortos, e a comitiva aggregada á nossa no caminho teve um ferido; nós não soffremos accidente algum.

18 Pelas cinco horas da manhã fomos cercados como na vespera, e o combate continuou com a mesma ferocidade. O Soba Guáxi e o seu povo entraram o nosso primeiro cerco, e a peleja tornou-se geral de zagaias e facões pelo espaço de duas horas, no fim do qual foi reconhecida a nossa superioridade levando a nossa gente o Soba e o seu povo de derrota até á sua libata, tendo dois prisioneiros, oito feridos e treze mortos. A comitiva da Biça teve seis feridos e tres mortos, e a comitiva aggregada á nossa no caminho, um ferido e um morto; nós não soffremos accidente algum. O Sargento Hicuça mandou decepar as cabeças dos feridos que se achavam em seu poder; as dos mortos no combate tiveram o mesmo destino, dando ordem aos seus para que as espetassem em paus, e fossem postadas no caminho. Fiz ver ao Sargento Hicuça que com estas medidas atrozes nada absolutamente aproveitava, ao contrario acarretava de futuro sobre os seus grande responsabilidade, pois era sufficiente para vingança as perdas continuadas de mortos e feridos que os da terra estavam soffrendo, e alem d'isto os prisioneiros que tinha em seu poder. Esta minha advertencia não serviu mais do que para o irritar, di-

zendo, que fazia o que lhe aprazia, poisque as hostilidades principiaram pelos da terra, e da mesma maneira progrediam, e que por similhante motivo se via obrigado a perpetrar atrocidades como lhe chamava; emquanto ao que notava de futuro, os caminhos eram immensos para os viajantes, quando o presente ficasse intransitavel. Observei-lhe mais que não obstante achar-me implicado e a minha gente em similhante luta, que desapprovava taes atrocidades; ella não era concluida, e que ainda se ignorava o fim que nos esperava, e então que se cohibisse, ao contrario que lhe retirava o meu apoio, se bem que limitado fosse. Prometteu-me seguir os meus dictames, e achar-se prompto a obrar em commum. A gente da comitiva da Biça que entendia de fazer flechas, achava-se empregada n'este mister, e como os cartuxos se tivessem acabado, mandei fazer balas para encartuxar alguma polvora que me restava, poisque não havia indicios de se concluir a questão.

19 Pelas seis horas da manhã recomeçou o combate com ferocidade, poisque o Soba Guáxi e o seu povo ao verem as cabeças espetadas pelos páus, ficaram inteiramente indignados á vista do espectaculo; mas infelizmente para elles a sorte estava lançada, as suas perdas eram continuadas, e a sua porfia temeraria, sem que levassem vantagem alguma; mas não obstante estes revezes, a sua obstinação não tinha limites. O ataque continuou por todo o dia até ás seis da tarde, e cessando com a entrada da noite, occupando-se n'este intervallo o povo da terra a carregar os seus feridos e mortos que não foram de mais vulto. Da nossa parte em geral, não se notou incidente algum.

20 Apresentou-se o Soba Guáxi e o seu povo pelas seis horas da manhã, para a suspensão das hostilidades, propondo em seguida, que queria quarenta enxadas para indemnisação dos seus prejuizos, e os prisioneiros em poder do Sargento Ilicuça; e que de posse de ambos os objectos entregaria o marfim apresado. O chefe da comitiva da Biça, respondeu relativamente ás enxadas, que as não tinha; emquanto aos prisioneiros, que mandasse o Soba em transporte do marfim apresado, seria este posto de um lado, e os prisioneiros do outro, e que as partes interessadas tomariam posse dos seus objectos. Esta decisão foi acolhida com um chuveiro de flechas, ao qual se lhe correspondeu com a mesma velocidade, poisque não obstante ambas as partes acharem-se em conferencia reciproca, ambas ellas se achavam tambem preparadas para continuar com as hostilidades, quando as circumstancias o exigissem, e em seguida fomos accommettendo o Soba e o seu povo até ás povoações onde se refugiaram. A comitiva da Biça teve seis feridos, a comitiva aggregada á nossa um ferido, e nós um ferido tambem; os da terra tiveram alguns feridos na descarga cerrada que se lhe deu, mas como foram logo carregados e o combate progrediu, impossivel se tornou o ver o seu numero. De noite houve conselho, e n'elle se deliberou; que logo que o Soba e o seu povo se apresentassem para o combate, a comitiva em geral sairia fóra do cerco accommettendo de subito os da terra até ás suas povoações; entradas que fossem estas, seriam arrazadas inteiramente, não se dando quartel a pessoa alguma quando as circumstancias assim o exigissem, e d'este accordo todo o povo da comitiva com impaciencia aguardava o dia seguinte.

21 Este dia de bons auspicios para a comitiva, e de derrota para os da terra, assomou bello e radiante quanto podia ser, poisque ás seis horas da manhã se apresentou como de costume o Soba Guáxi e o seu povo; mas ás onze horas iam em derrota completa. Acossados pelo povo em geral da comitiva, refugiaram-se de prompto pelas suas casas, como se ellas fossem impenetraveis, mas não o eram, porque mais depressa procuraram a sua perda, e cavaram a sua ruina. A gente da comitiva deu principio a incendiar todas as casas a um tempo, e fizeram um cerco geral; os moradores vendo o perigo imminente sobre suas cabeças, procuraram na fuga a sua salvação. Uns eram victimas, outros prisioneiros, e outros mais felizes escapavam ao furor do povo da comitiva. O Soba Guáxi entrou no numero dos prisioneiros, e com a sua prisão ficou terminada a contenda; o saque foi geral, as povoações votadas ao fogo, as searas arrasadas, e concluidos estes actos de barbaridade, o povo da comitiva se recolheu ás povoações. A gente da comitiva da Biça, teve quatro feridos e um morto, a comitiva aggregada á nossa, um ferido; e nós tambem nos tocou mais um ferido. Sendo este o desfecho de uma luta de odio e furor, que bem calculadas as consequencias não só foram fataes para o Soba Guáxi e o seu povo, como o foram tambem para a comitiva em geral.

22 Passámos o dia sem accidente algum nos preparativos da viagem, e á noite se reuniram as pessoas principaes da comitiva, na qual se fez ver que não obstante a derrota do povo da terra, bem como a prisão de seu chefe, outros da mesma raça, habitadores de um a quatro dias de viagem na distancia d'esta paragem, e para onde se haviam refugiado os da libata grande, asylado as suas familias e

transportado todo o seu gado, poderiam vir em soccorro do seu chefe e mais prisioneiros para os libertar, e n'este conflicto seguir-se nova lucta. Tornava-se pois necessario em quanto nos achavamos na jurisdicção do Soba Guáxi, de noite fazer-se vigias, e no dia seguinte a marcha da comitiva com toda a prudencia; recommendando-se pois o maior cuidado a este respeito, dispersou-se a gente aos seus domicilios, aguardando o dia seguinte para a viagem.

Breves considerações.—Não é aos da seita de Mafoma se presentes se achassem, menos aos meus escravos debaixo do dominio de seu chefe, que eu absolvo da catastrophe occorrida entre o povo da comitiva da Biça e a d'elles contra os desgraçados do paiz, que nada têem em seu prejuizo, a não ser o que se dá e encontra em geral n'esta raça, uma ambição feroz e brutal. Segue-se pois que os primeiros, não obstante a sua crença e com ella quererem passar por polidos, não são mais que uns refinados tratantes; o tempo assás m'o tem feito conhecer, poisque reputando-os selvagens, nenhuma injustiça lhes faço, e que bastantes occasiões desejariam elles para se locupletarem á custa de um punhado de miseraveis á sua similhança, como o que agora se lhe offereceu. Sobre os meus escravos assás tenho dito nos costumes e usos do seu paiz, e a querer contradita-los, seria o mesmo que dar-lhes a carta da liberdade. O povo da comitiva da Biça, e mesmo o geral d'esta nação já disse que perfeito só Deus. Mas, se a indole do meu encarregado e da gente debaixo das suas ordens fosse diversa do que não é, o Sargento Hicuça e o seu povo não commetteriam as atrocidades que commetteram; a luta teria cessado no momento em que se achava travada, não teria chegado ao auge a que chegou, e tido uma conclusão só propria de barbaros, e isto por causa de cinco pontas de marfim! As represalias são a consequencia seguida de tão tristes resultados!! No Occidente teria esta comitiva de estar invernada na primeira terra a que chegasse, e não sem pequenas despezas, para segundo as suas superstições tratar de arranjar curandeiros, para fazerem os curativos necessarios que requerem os casos de mortes, sem poder a gente da comitiva obter n'este intervallo um grão de mantimento para sua subsistencia. E quiçá se não seria victima n'essa primeira terra a que chegasse, escapando de o ser no logar da scena. Os exemplos têem-se verificado, mas elles estimulam em vez de corrigir!

O POVO DO SOBA GUÁXI.

Este Soba feito prisioneiro, e tendo um fim lastimoso como adiante veremos, segue-se que não obstante a sua falta e os motivos que a originavam, nunca são rasões bastantes para que a terra se torne um ermo. A classe baixa é abundante, e a alta abundante é; o que é escasso entre elles é a falta de bons costumes, e a preponderancia que não possuem de os imitar. Eleito pois o successor ao Estado, o povo refugiado torna a seus logares, e se n'aquelle onde foram victimas é de approvação plena o tornar a constituir-se, fazem as suas casas, e se é reprovado o logar, mudam de paragem e vão fazer novas povoações a algumas leguas de distancia do logar que habitavam. Segue pois este povo os mesmos usos e costumes que os antecedentes, o mesmo dialecto lhes é dominante, usam arcos e flechas, sendo estas infectadas, e em logar de zagaias usam grandes fa›ões. Em agricultura fazem tambem toda a plantação de grãos, accumulando a plantação da mandioca em grande abundancia. As suas creações são cabras, carneiros e gallinhas. Seguem o mesmo estylo em construcção das suas casas que o povo do Soba Quipéta, mas nunca a falta de madeira é tão sensivel n'esta como n'aquella terra; n'esta paragem sempre apparece o seu bocado, não obstante a longitude d'onde é transportada.

23 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo proximo á libata grande do Soba Cabanga. Caminho plano, abundante ds riachos, despovoado de arvoredo, terreno fertil, leguas andadas quatorze, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Cabanga. Em meio caminho estavam ainda as povoações do Soba Guáxi, mas desertas inteiramente; passámos pelas suas lavouras, e quer estas, e as suas povoações, se intactas as achámos, intactas as deixámos; ver para crer! É certo que a marcha de quatorze leguas confirma a verdade! Tal era o receio que professavam as flechas do Soba Guáxi.

(Continua.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

SOBRE

AS FEBRES DESENVOLVIDAS NA ILHA DE S. VICENTE
EM OUTUBRO DE 1851,
POR JOSÉ MARCOS RODRIGUES
CIRURGIÃO DE SEGUNDA CLASSE DA ARMADA.

INTRODUCÇÃO.

Por uma Portaria de Sua Magestade, datada de 12 de Dezembro, fui expedido para vir acudir a uma epidemia de febres que reinavam na Ilha de S. Vicente, e embarquei no brigue de guerra *Vouga*, que me conduziu á dita, onde cheguei em 26 do mesmo. Apresentei-me á Auctoridade militar competente, e á vista do facultativo aqui existente, chamado da Ilha de Santo Antão (a rogo de uma commissão de soccoros aqui creada), por nome Guilherme José Filippe de Almeida, Cirurgião de Primeira Classe d'esta Provincia, lhes apresentei as minhas instrucções e logo me foi concedido o serviço sanitario; e tratando de indagar qual a natureza e typo das febres, soube, não só pelo dito Facultativo, mas tambem porque observei os doentes nos hospitaes, que eram febres intermittentes, e ainda mais benignas que as que tinha observado na costa da Africa: á vista d'isto officiei ao Commandante do dito brigue (Schultz) participando-lhe que não eram contagiosas nem epidemicas, sim endemicas, e que podia communicar com a terra, o que fez dando-lhe eu livre pratica. O Facultativo então aqui chamado foi mandado retirar para o seu local, e logo que se retirou, tive tempo sufficiente para observar o estado lamentavel d'esta gente. No hospital estavam os doentes accumulados sem remedios alguns, sem camas nem cobertores, não havendo papeletas para servirem de guia no curativo, nem utensilios para os medicamentos; todos sujos, produzindo pelo mau cheiro que provinha dos muitos doentes que eram, bem como da sua sujidez, uma atmosphera impura e pestifera, incapaz de se respirar; modifiquei-a, mandando fazer perfumes de alcatrão amiudados, e promovendo o aceio do alojamento que estava immundo, cobrindo os doentes com mantas, que até para isto se requisitaram de bordo do dito brigue, mandando-se arranjar camas de palha; emfim os doentes desde então estavam o mais bem acondicionados possivel, e tudo melhorou consideravelmente. Formulei um livro com o numero de formulas dos medicamentos mais necessarios, para me servir de guia não só para o serviço dos hospitaes, mas tambem para a clinica civil, pois alem dos doentes nos Hospitaes, todo o externo se achava doente, porque assim verifiquei; pois levava a fio ruas e ruas inteiras, saindo de uma casa entrando em outra, acrescendo mais que todos se achavam doentes, não havendo quem os servisse; havia casa de vinte (o maximo), e de cinco (o minimo), de modo que desde Outubro até Dezembro em que aqui cheguei não havia pessoa alguma sã, e posso dizer que houve grande relaxação da parte de quem não olhou com olhos humanos e do dever da sua profissão para estes pobres miseraveis que estavam jazendo com a doença, a qual os obrigava a viver na sujidez, pois por falta de quem os servisse, a porcaria tanto nas casas como em seus corpos era a ponto tal, que o tal *pediculo* era o predominante: não se podia respirar o ar que d'estas choupanas saia, ar já mau porque eram casas pequenas, e que tinham aos cinco, e aos vinte doentes, como já disse, mas tambem por causa dos grandes fogos, que constantemente ardiam, e o estarem sempre fechadas; em summa, tudo isto foi removido o melhor possivel a pouco e pouco, até que felizmente combati esta grande desgraça,

vendo todos os dias os doentes e mortos irem diminuindo, e avanço a dizer, que se não fosse o tratamento, a vigilancia e o interesse que tive em salvar esta gente, que talvez hoje ainda houvesse doentes. Estes que morreram quasi todos tinham as febres havia tres mezes, e já com alterações organicas taes, que era um impossivel salva-los, e apesar d'isto muitos se curaram: julgo que as grandes dozes de sulphato que estava acostumado a applicar na Costa da Africa aproveitaram muito, e salvaram muitas vidas, o que comprova o pouco tempo em que terminei similhante alluvião de enfermos, que foi em menos de mez e meio, pois no dia 22 de Fevereiro já tudo estava terminado, entregues já á alegria e trabalhos, e a Igreja, que servia de hospital provisorio de misericordia, foi logo entregue para o Culto Divino; de tudo isto e em occasião de correspondencia officiei para as Auctoridades. É pois do meu dever determinar quaes foram as causas, os symptomas e o tratamento que puz em pratica em similhantes febres.

CAUSAS.

O terreno da Ilha de S. Vicente é optimo, e dos primitivos, proprio para se cultivar; porém não tem até hoje servido senão só para pastagens de gado. Todo elle está despido de vegetação, apenas esta se observa em tres sitios muito proximos, distancia de tres quartos de legua da povoação, onde colhem milho, mandioca, feijão e couve, de modo que é muito pouca, e só para dois ou tres individuos que são os possuidores; é pena que o resto (que é quasi tudo) não esteja cultivado, porque produz tudo quanto a elle se lançar. Um d'estes sitios chamado *Lameirão* tem uma bella nascente de agua que é potavel e de que as pessoas mais abastadas fazem uso; n'este sitio o agrião é basto, bem como a avenca, e nasce espontaneamente, e os outros dois sitios proximos chamados *Mato do Inglez* e *Monte Verde* tambem têem suas nascentes de agua; estas aguas, correndo através do terreno, têem formado regato que a conduzem a uma ribeira chamada do *Julião*, onde tambem ha uma porção de terreno que se cultiva e que dá tudo quanto se lhe lança. Ha tambem uma nascente de agua, em um sitio pertissimo da povoação e situado na beiramar, chamado o da *Mattiota*, onde existe um poço, e d'esta agua usa toda a gente da plebe; é potavel, mas é má, porque nas marés cheias se mistura com a agua salgada, e por conseguinte tomando suas qualidades; e basta esta particularidade para ella não se poder usar, ainda que comtudo seja nascente e potavel na sua origem, e estou persuadido que se não fosse a distancia que ha do *Lameirão* a esta, e as difficuldades no seu transporte, que todos usariam d'esta de preferencia. A povoação é situada em uma beira proxima ao mar, tendo perto de tresentas casas, todas terreas, baixas e cobertas de palha velha, secca e podre; porém haverá só cinco a seis, que se possam chamar casas, porque estão sobradadas e rebocadas, entretanto que as outras todas, melhor lhe compete o nome de choupanas, pois são terreas e não rebocadas. Ha situado em uma baixa e pertissimo da povoação dois cemiterios, um americano e outro portuguez, local este que está sempre inundado de agua do mar e dos taes regatos, e sobretudo nas marés cheias elle se torna mais, e isto em consequencia de estar no mesmo nivel e communicar com o mar.

Esta Ilha é bem arejada, e as columnas de ar sopram sempre do quadrante norte, e ha dias que são insupportaveis pela força que trazem, e mui raras vezes se dão em todos os quadrantes; por esta particularidade a Ilha deve ser salutar.

A alimentação d'esta gente consiste em milho cozido, com carne de cabrito secca ao sol, e é o seu maior manjar, e lhe chamam *Cachupa*. Tambem usam de leite coalhado.

Eis-aqui em esboço uma descripção do terreno, das aguas, dos alimentos e da povoação, a qual é necessaria para a explicação das causas da doença aqui desenvolvida em Outubro do anno passado, e para a qual fui nomeado em Dezembro.

CAUSAS DETERMINANTES.

As grandes chuvas que reinaram em Outubro do anno passado n'este local e os ardores do sol, que se lhes seguiu, fizeram sem duvida fermentar estes tectos de palha secca e podre, e d'esta putrefação resultou uma atmosphera viciada e impropria para se respirar, cujos miasmas desenvolvidos e desconhecidos na sua essencia, deram logar de serem apreciados pelos seus effeitos, esta foi uma das causas.

Estes miasmas, aguas das chuvas vindas do alto dos montes, refugiaram-se na tal baixa onde estão situados os cemiterios, misturando-se com a agua salgada, e ali estagnada, fizeram fermentar por meio dos raios solares os animaes e os vegetaes, que ali se acham em suspensão, d'onde resultou uma maior quantidade de miasmas putridos que se uniram aos antecedentes, e por conseguinte au-

gmentando muito mais a atmosphera; e hoje com os dados que a sciencia me fornece podemos dizer que estes miasmas são os mais deletereos.

Alem d'estas causas que no local se deram, acresce mais que o numero dos doentes augmentou por causa de familias inteiras, e com escravos, que vieram para esta Ilha em lanchas vindas de Santo Antão, Ilha proxima e fronteira a esta, que se refugiavam aqui, vindos doentes, fugindo da doença que então ali reinava; já se vê que esta quantidade innumeravel de doentes, com os que já aqui havia, infundiram terror panico no resto da gente sã, e d'este modo caiu tudo doente, e foi o que encontrei quando cheguei. Eis-aqui pois as causas, que segundo a minha convicção deram logar ao desenvolvimento d'estas febres; e ainda addiciono mais uma que é a povoação estar localisada em uma baixa e á beiramar.

SYMPTOMAS.

Demonstraram-se estas febres com o mesmo quadro symptomatico que os auctores apontam, apresentando os tres periodos seguintes: frio, calor e suor, comtudo algumas vezes deixaram de existir conjuntamente, faltando alguns d'elles, como observei ser quasi sempre o do frio.

A dysenteria e a diarrhea foram symptomas concomitantes da febre, e que observei constantemente, notando que muitas vezes a dysenteria terminava em diarrhea e vice-versa. Symptomas adynamicos, manifestaram-se em alguns casos, porém ataxicos nenhums.

Quasi todos eram typos terçãs, algumas quotidianas, e mui poucas quartãs, e eram estes dois ultimos typos que não havendo cuidado com elles atacando-os logo, via-se que a febre de intermittente que era, passava a remittente, revestindo os caracteres typhoides.

Emfim numéro isto em resumo e não descrevo promiscuamente os symptomas e as variedades, porque tudo quanto se encontra na leitura dos auctores sobre taes febres foi o que notei, e como não offereceram particularidade alguma digna de nota, por isso julgo escusado o descreve-lo, só sim direi que um dos que observei ser constante era vomito de materias biliosas.

TRATAMENTO.

Á vista de uma innumeravel quantidade de doentes, e estes já de tres mezes, a minha primeira indicação foi de combater a intermittente, tanto applicando logo a nosso sulphato na dóse de quarenta e oito grãos, aos que estavam mais abatidos, e a de vinte e quatro aos mais vigorosos, dado em pilulas de quatro grãos a duas e duas, de duas em duas horas durante a apyrexia, e ao mesmo tempo applicando os medicamentos proprios para combater algum symptoma predominante; assim, por exemplo, se havia vomito, davalhes um vomitorio, se havia dysenteria, ou constipação de ventre dava-lhes um purgativo; e depois d'este medicamento ter obrado, seguia-se logo a applicação do sulphato de quinino, dando-lhes sempre para bebida ordinaria algumas infusões emolientes de althea, ou semente de linho; se havia diarrhea combatia pelo opio, ou pelos cozimentos mucilaginosos, addiccionando-lhes a tintura de opio; se havia cephalgia, applicava synapismos ás extremidades, e se ella não cedia applicava-os na nuca, se se dava algum estado phlogistico em alguma das visceras importantes á vida combatio-o pelo tratamento antiphlogistico, local e geral, comtudo o sulphato de quinino era a base do tratamento, e mesmo applicava-o sem receio em presença de um gastroentrite.

Nos casos adynamicos (que poucos foram e que alguns curei) applicava, alem do tratamento antiphlogistico local e geral, e dos derivativos, por meio dos vesicatorios, o sulphato de quinino na dóse de setenta e dois grãos com vinte e quatro de camphora em doze pilulas, e vi que estes estados se desvaneciam passados tres dias. e chegavam depressa a uma terminação feliz, e escaparam sendo doentes estes que chegaram a ter parotides, que vieram á suppuração; porém nos casos em que os doentes não podiam tomar o quinino pela bôca, eu lho administrava pelo methodo endemico, e hetraleptico, porém foram mortaes.

Este foi o tratamento identico áquelle que appliquei, e de que tirei vantagem durante o serviço ultimo de cinco annos e meio na Estação Naval da Costa de Africa, e que apresentei em um relatorio ao Conselho de Saude Naval.

Porém tenho a notar uma particularidade que é, nos casos de dysenterias rebeldes a todo o tratamento cediam de prompto á applicação de um vesicatorio na região lombar. É fora de toda a duvida que o sulphato de quinino é um dos medicamentos a que se podia dar o nome de especifico, por isso que só elle foi capaz de debellar, em pouco tempo, esta alluvião de doentes, e é por mim julgado como o unico, efficaz e prompto remedio contra similhante enfermidade, e que livrou tantas pessoas de serem victimas da morte, como foram os casos que observei durante

esta commissão, pois mais de seiscentas almas que por mim foram tratadas, a todos combati as febres; porém é preciso attender que estes curativos foram devidos ás altas dóses de sulphato, pois se fosse dóse diminuta não aproveitava, porque não só não curava, mas concorria por que ellas continuando causassem a morte, e como sei que todos os facultativos d'estas possessões applicam o quinino aos grãos, não excedendo o numero de doze, pelo medo, que têem, é por isso que eu, fiado e certo do que avanço pela experiencia e pratica de similhantes febres, lhes peço que appliquem sem medo, pois hão de obter o mesmo resultado que eu tenho obtido.

Tenho ainda a notar que não se deve cessar da administração do sulphato de quinino, sem que o doente accuse surdez, e é então quando se deve parar, porque o medicamento tem debellado a febre.

ESTATISTICA.

Mappa do movimento dos doentes no Hospital da Misericordia desde 27 de Dezembro até 28 de Fevereiro.

Entrados	Mortos	Promptos
141	32	109

Mappa do movimento dos doentes no Hospital Militar desde 27 de Dezembro até 28 de Fevereiro.

Entrados	Mortos	Promptos
48	4	44

Clinica civil.

Entrados	Mortos	Promptos
439	10	429

A rasão das differenças da estatistica em quanto á mortandade é obvia; ella foi maior no Hospital provisorio da Misericordia, porque eram enfermos que já estavam doentes ha muito tempo, mettidos nas choupanas sem remedios, sem meios de subsistencia, e que foi necessario mette-los á força no hospital; acrescendo mais que o Facultativo não se importava com elles, porque não lhes fazia a visita como devia ser, faltando muitos dias a ella, e por isso estes doentes que morreram quasi todos foram por causa de estragos consideraveis, que existiam em suas visceras abdominaes, que deram logar ás diarrheas, ascites e anasarcas, e alguns por causa de ulceras nos grandes throcanters e estas gangrenosas, cujas grandes suppurações os mataram; e muitos tambem morriam, porque depois de curados entregavam-se ás fructas e ao leite, d'onde lhes provinha febre intensa e diarrhea, que os matavam em pouco tempo; e os outros doentes tanto da clinica civil, como militar, em que havia mais vigilancia, cuidado e interesse dos seus parentes, não lhes faltava nada e por conseguinte estando n'estas circumstancias favoraveis se salvaram, e por isso a mortandade não foi muita.

SOBRE OS MEIOS HYGIENICOS.

Quando cheguei as Auctoridades tinham procurado a limpeza das ruas; e prohibição de animaes pelas mesmas, o que se cumpriu sagradamente; bem como tendo tido o cuidado de fazer recolher ao Hospital estes desgraçados que se achavam mettidos n'estas choupanas entregues á sorte; porém havia um cemiterio collocado á beiramar, fóra por conseguinte das leis de uma sã hygiene, e que não distava do mar mais de trinta passos, e os cadaveres eram sepultados na areia, logo participei á Auctoridade competente a fim de cessarem ali os enterramentos, e que fossem sepultados no sitio por mim indicado, que foi localisado conforme o que a hygiene publica me ensina.

Os meios hygienicos que aconselhei para se porem em pratica, foram destruir estes tectos de palha podre, e pôr outros novos; se acaso as posses dos individuos não permittissem pôr de madeira, o que era mais salutar. Os taes cemiterios que concorrem a formar partes do pantano, bem como o da beiramar, se devem calcinar, calcar, entulhar e muralhar, dar saída quotidiana á agua estagnada, por meio de uma valla, fazer plantações, e estas medidas que deviam ser postas em pratica quanto antes, a fim de que a povoação esteja defendida das chuvas que hão de vir, para que ellas não sejam causa de igual flagello. O Ex.^{mo} Governador [1], homem de grande merito e de conhecimentos scientificos, e

1 O Conselheiro Fortunato José Barreiros.

que aqui se achou, examinou tudo, e conheceu mui bem a summa utilidade d'isto, alem de outras medidas mais, que elle ordenou, que se vão pôr já em pratica quanto antes para o melhoramento tanto da salubridade, como do bem estar da povoação; e se todos os desejos que S. Ex.ª quer pôr em pratica se preencherem, de certo a Ilha de S. Vicente tornar-se-ha a Cintra d'esta Provincia, e até por recreio se poderá viver n'ella.

Ilha de S. Vicente, 31 de Março de 1852. =*José Marcos Rodrigues*, Cirurgião de Segunda Classe da Armada.

TANGOMÃOS.

DO QUE ERAM OS TANGOMÃOS DE QUE SE FALLA NA ORDENAÇÃO DO REINO

PARA SERVIR DE NOTA PARA A HISTORIA DO TRAFICO DE NEGROS.

Em uma Provisão Regia de 15 de Julho de 1565, extractada por Duarte Nunes do Leão na sua compilação de *Leis extravagantes*, se determina: «que quando algum herdeiro de algum defunto tangomão, que fallecesse nas partes de Guiné, demandar o Hospital de Todos os Santos da Cidade de Lisboa, para que lhe restitua a fazenda, que ficou do tal tangomão, e que o dito hospital arrecadou, por lhe pertencer e lhe ser applicada, por Provisões e Regimentos de El-Rei D. Manuel seu bisavô, e de El-Rei D. João seu avô, que santa gloria hajam, por o tal herdeiro dizer que não foi citado nem requerido ou que faltou alguma solemnidade, das que conforme a direito se requerem, antes das fazendas dos ditos tangomãos poderem ser julgadas por perdidas e se poderem entregar ao dito hospital, a quem são applicadas, os juizes do dito hospital e quaesquer outros a que o conhecimento do caso pertencer, não publiquem a sentença final que no tal caso se houver de dar sem primeiro dar a S. A. d'elle e do caso especial conta [1].»

Esta disposição foi posteriormente inserta nas Ordenações Filippinas, Liv. I, tit. XVI, § 6.º, sem differença alguma [2].

Ora o que eram estes *tangomãos*, cujas heranças, por determinações regias dos Senhores D. Manuel e D. João III, foram doadas ao Hospital Real ou de Todos os Santos, como então se intitulava, da Cidade de Lisboa?

A resposta a esta pergunta tem sido não pouco varia, segundo os diversos escriptores: e para isto ouçamos o nosso mais antigo Diccionarista.

«Segundo o jurisconsulto Molina (Tangomao) é palavra que em terra de pretos significa os que vão pelas feiras e trocam mercancias por negros escravos que trazem aos portuguezes a vender..... Querem outros que tangomãos sejam os que captivam homens livres, quaes eram os que em Guiné andavam apanhando negros; outros finalmente dizem que tangomão é o que persuade ao escravo que fuja a seu senhor. (Bluteau, Vocab., V. *Tangomão*). O mesmo escriptor acrescenta depois que em vista da Ordenação que citámos, parece que por tangomão se deve entender o que foge da sua terra e deixa a patria.

O illustre auctor do *Elucidario* entende que «os que dizem que *tangomão* é o que foge e deixa a sua patria e morre fóra d'ella, ou por suas culpas, ou por seus particulares interesses, tocaram sem duvida no verdadeiro espirito da Lei; pois se a sentença pronunciada contra os bens do tangomão ha de subir á presença de El-Rei, para se decidir se elles pertencem ou não ao Real Fisco, fica manifesto que o dono morreu ausente e fugitivo. Não negaremos comtudo que havendo passado esta palavra de Guiné a Portugal, particularmente se entende dos que fogem e morrem por toda a Guiné e Cafraria.» Até aqui o auctor do *Elucidario*, V. *Tangomão*.[1]

Vê-se pois que eruditissimos escriptores têem tido idéa pouco clara do que eram os *Tangomãos*, a que se referem as Leis antigas; nem a nós nos importára muito a solução d'esta questão, se ella não esclarecesse em muita parte a historia do trafico dos negros; e só achâmos notavel que tenha escapado, sem ser notado, o seguinte passo de um escriptor bem conhecido da Historia das Missões dos Jesuitas, fallo do Padre Fernão Guerreiro nas suas *Relações Annaes*.

Este escriptor, fallando dos trabalhos dos missionarios d'aquella celebre corporação nas partes de Guiné, diz o seguinte:

«Tambem fazem muito serviço a Deus no ajudar a descaptivar muitos escravos, que sendo livres, os trazem captivos injustamente da terra firme de Guiné os mercadores portuguezes que n'isso tratam, principalmente quando consta, por testemunhas, da injustiça de seu captiveiro, que é ou furtando-os e mettendo-os por força nos navios, ou ha-

[1] Esta Lei já está impressa no Boletim a pag. 85 da Legislação antiga.

[2] Vide Boletim, Legislação Antiga, pag. 245.

[1] O Dr. Solorzano (Politica Indiana Lib. II) diz que *Tangomango* é o mesmo que *Pombeiro* ou negociante de escravos.

« vendo-os dos outros negros que injustamente « os salteiam e captivam, (porque basta virem « ás punhadas, ou arremetter sómente um ao « outro sem rasão alguma, para o que mais « póde captivar o outro e o vender por seu es- « cravo) ou havendo-os tambem dos tangos- « mãos, ou lançados com os negros, e que « andam n'este trato pela terra dentro; os « quaes são uma sorte de gente, que ainda « que na nação são portuguezes e na reli- « gião ou baptismo christãos, de tal maneira « porém vivem, como se nem uma cousa nem « outra foram; porque muitos d'elles andam « nus e pera mais se accommodarem, e com « o natural usarem como os gentios da terra « onde tratam, riscam o corpo todo com um « ferro, ferindo-o até tirarem sangue e fazen- « do n'elle muitos lavores, os quaes depois « untando com um sumo de certas hervas lhe « ficam parecendo em varias figuras, como « de lagostas, serpentes, ou outras que mais « querem; e d'esta maneira andam por todo « aquelle Guiné tratando e comprando escra- « vos por qualquer titulo que os podem haver, « ou seja bom ou seja mau, andando tão es- « quecidos de Deus, e de sua salvação como « se foram os proprios negros e gentios da « terra; porque passam n'esta vida os vinte « e trinta annos sem se confessarem, nem se « lembrarem d'outra vida nem mundo, mais « que d'isto de cá, nem tambem, inda que « se queiram confessar, têem confessor com « que o possam fazer, nem que alguma hora « acertem de o ter, quando vem abaixo ás « povoações onde ha Igrejas, é de sufficiencia « que os possam encaminhar, e declarar-lhe « o mau estado em que andam, e reduzir a « melhor vida; e d'estes confessaram os pa- « dres alguns que aqui vieram. »

É tão clara esta noticia, e ao mesmo tempo tão manifesta a sua importancia para a historia do trafico de negros, que escusâmos fazer quaesquer commentarios a este respeito; só notaremos o facto notabilissimo de como se afaziam a tão inhospitos climas, homens que abandonavam inteiramente os habitos da terra natal, para passarem a viver como selvagens, gosando de tão extensa vida, que, como diz o escriptor que acabâmos de copiar, passavam *vinte* e *trinta* annos sem se confessarem, nem se lembrarem mais que dos negocios da vida agitada e barbara que haviam abraçado. O costume de cobrirem o corpo de diversas figuras, e que os tangomãos imitavam dos negros, é ainda hoje muito usado pelos habitantes d'aquellas regiões; e muitas pessoas mesmo entre nós têem visto homens, especialmente maritimos, que principalmente nos braços, têem feito gravar algumas figuras, quasi sempre de devoção.

Em confirmação da auctoridade do Padre Fernão Guerreiro transcreveremos aqui o artigo 10.° do Regimento dado, em 15 de Janeiro de 1650, a João Carreiro, na qualidade de Capitão de Cacheu:

« Avisar-me-heis particularmente pelo Con- « selho *(o Conselho Ultramarino)* das pessoas « que andarem feitos tangomãos, e dos que « tiverem incorrido n'essa culpa, e de suas « qualidades, e que utilidade receberá meu « serviço d'elles se reduzirem e virem povoar « e viver na povoação, e se convirá ou have- « rá algum inconveniente em se lhe perdoa- « rem as culpas que tiverem, e com que con- « dições se lhes deve conceder perdão, e do « beneficio que elles d'isso receberão com o « mais que vos parecer informar. »

Esta disposição, ao mesmo tempo que confirma o que o P. Guerreiro diz dos tangomãos, nos certifica que ainda no meiado do XVII seculo continuavam os portuguezes a abraçar tão extraordinario habito de vida; e da vida inteiramente mundana e brutal que passavam os tangomãos conhecemos, que por se reputarem em regra adquiridos os seus bens por meios illicitos, eram as suas heranças applicadas a uma obra tão pia como é o tratamento da pobreza enferma. Entretanto vemos tambem que o Governo não se esquecia de os chamar, quanto isso era possivel, á vida civilisada e christã, abominando-se não sómente o esquecimento de todos os pensamentos de religião, mas igualmente os meios illicitos como os tangomãos costumavam haver os escravos, porque, e é justiça dize-lo, ainda no tempo em que o nosso Governo consentia, e de certo modo promovia a passagem de escravatura para as nossas Possessões americanas, nunca lhe foi indifferente o modo como os pobres negros eram reduzidos ao infeliz estado de escravos.

J. TAVARES DE MACEDO.

VIAGEM DE ANGOLA Á CONTRA COSTA

ESCRIPTA PELO

SR. ANTONIO FRANCISCO FERREIRA DA SILVA PORTO.

(Continuado de pag. 308).

24. Veiu o Soba Cabanga ao quilombo, ao qual se relataram os acontecimentos occorridos na terra do seu visinho, e dos quaes elle estaria mais que ao facto; mas não obstante

isto não se lhe occultou absolutamente circumstancia alguma, desde o principio até o ultimo desfecho da luta. Elle se deu por satisfeito, concluido que foi o relatorio, e respondeu, que o Soba Guáxi desejava por todos os principios os caminhos intransitaveis, mas caro lhe havia custado a sua ousadia. Que o desfecho seguido á luta era de grande exemplo para aquelles que de futuro tentarem contender com viajantes, e que se lhe quizerem entregar o Soba Guáxi, elle Cabanga se encarregava da sua punição. Quer fosse bem ou mal fundado este pedido, o Sargento Hicuça negou-se a entregar o Soba Guáxi, dizendo que elle se achava em seu poder, e que seria d'elle que receberia o castigo competente ao seu delicto, e que por esse motivo se achava resolvido a conserva-lo em seu poder. Nada mais disse o Soba Cabanga a esta decisão do Sargento Hicuça, e este proseguindo, lhe pediu para que se quizesse encarregar dos feridos que tinha na sua comitiva, ministrando-lhes os soccorros necessarios ao seu restabelecimento, poisque no seu regresso saberia recompensa-lo da sua generosidade, e em seguida lhe entregou o presente que tinha a fazer-lhe. Pela minha parte tambem lhe fiz um pequeno presente, expondo-lhe os motivos da minha viagem, no que se mostrou muito maravilhado; pois como me tivesse conservado mudo espectador ao seu colloquio com o chefe da comitiva da Biça, julgava elle que eu fizesse parte do seu sequito. Relativamente aos nossos feridos, nada absolutamente lhe disse poisque não absolutamente serem carregados com a continuação de curativos sempre teriam de ficar restabelecidos. Encarregou-se pois de ficar com os feridos da comitiva da Biça, os quaes foram logo transportados para as povoações, e depois de mais alguma demora no quilombo se retirou satisfeito para a sua libata,

25 Falha em consequencia da chuva.

26 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Gombe. Caminho plano, abundante de riachos, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de sul. Em meio caminho foi victima de uma atroz perversidade o infeliz Soba Guáxi; o desgraçado, solto por ordem do seu inimigo a titulo de liberdade, não havia dado trinta passos do logar da sua soltura quando um chuveiro de flechas lhe atravessou todo o corpo, cravado das mesmas, e sem vida ahi ficou o infeliz para servir de pasto ás feras.

27 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Sanje. Caminho plano, matos de espinheiro sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de sul.

28 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Bumbj, situadas na margem direita do rio Nhionja. Caminho plano, matos de espinheiro, sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de sul. Cessa n'esta paragem o dominio do Soba Cabanga.

O POVO DO SOBA CABANGA.

Fórma uma unica nação com as tribus antecedentes, os mesmos usos e costumes lhe são habituaes. Possuem grandes lavouras onde cultivam toda a qualidade de mantimento, sem excepção de alguma especie, inclusivè a mandioca. As suas creações são cabras e gallinhas, e nada mais; fabricam boas mantas de algodão de differentes cores e tamanhos, as quaes são de seu uso, bem como fazenda, usam arcos, flechas e facões, e poucas armas reiúnas á imitação do povo Biça, que lhes servem de reliquias. As manadas dos elephantes percorrem geralmente estas paragens, mas como não ha quem contenda com elles, podem-se reputar os proprietarios do terreno.

29 Passámos o rio Nhianja em canôas, de uma milha de largo; vae desaguar no mar dirigindo o seu curso pela terra de Inhambanj. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo proximo á libata grande do Soba Lóhungue, situada na margem esquerda do rio Nhianja. Caminho plano, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas quatro, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o Soba Lóhungue. Em ambas as margens do rio Nhianja fabricam sal refinado em grande abundancia, concorrendo a ellas de grande distancia viajantes á compra do mesmo.

30 Falha em consequencia da divisão das comitivas. As comitivas da Biça e a aggregada á nossa no caminho tomaram n'esta paragem nova derrota em direcção á terra denominada Huérua, da jurisdição de Zanguibar. Eu me dirigi á libata grande para obter do Soba guias para o caminho, e logo que cheguei á mesma, expuz ao chefe da terra os motivos da minha viagem, rogando-lhe para que me quizesse ceder alguns pretos para guias, e em seguida lhe entreguei um pequeno presente. O Soba Lóhungue me respondeu que me daria um preto para guia até á povoação de Riámaduro; este, que era um negro fugido de Moçambique, e no caso d'elle se encarregar de nos servir de guia para proseguirmos ávante, ficavamos servidos de um perito para similhante effeito. Dei os meus agradecimentos ao Soba pelas boas informações que aca-

bava de dar-me, e com o preto para guia até á povoação indicada, me retirei ao quilombo.

1 de Maio. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo proximo á povoação do preto Riámanduro. Terreno montanhoso e fertil com agua no seu transito, despovoado de arvoredo, leguas andadas onze, rumo de sul.

2 Convencionei com o preto Riámanduro para nos servir de guia até á beiramar, nas immediações de Moçambique, ou onde bem lhe aprouvesse, comtanto que não fosse a grande distancia do dominio portuguez, isto mediante a gratificação de uma ponta de marfim meão que logo lhe entreguei. Elle me fez ver que se achava prompto a seguir viagem para a terra de Quérua, mas logo que se offerecia occasião de emprehender differente derrota que se achava disposto a acompanhar-nos, bastavam alguns dias de demora, retirei-me ao quilombo destinado a esperar pelo preto Riámanduro, e segundo com elle tinha convencionado.

3 Depois de haver gratificado o guia do Soba Lóhungue, o despedi para regressar á sua povoação. Continuámos paralysados n'esta povoação despida do seu dono: no dia 5 falleceu um preto da comitiva de molestia repentina, e continuámos paralysados n'esta mesma povoação até o dia 6 de Junho. Resolvendo ou proseguir a viagem em companhia de uma pequena comitiva do Sal, isto depois de ter convencionado com o chefe da mesma sobre a possibilidade de nos unirmos, pois que o preto Riámanduro ultimamente só me dava frivolas desculpas de se ver impossibilitado de nos servir de guia. Recebi pois a ponta de marfim, e não querendo perder occasião da pequena comitiva, aguardei o dia seguinte para a partida.

7 de Junho. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Lombulla. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

8 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Birollo. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

9 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Maxito. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

10 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Quipembe. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

11 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Hamatuculla. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

12 Continuámos a viagem, passámos o rio Muamba a vau, de cinco braças de largo; vae desaguar no rio Cussangai; e na sua margem direita, logar despovoado, construimos o quilombo. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte. Encontrámos n'esta paragem um quilombo de gente Longoânna ou Bálomgoânna, com direcção para o centro.

13. Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar sem nome. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

14 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, encruzilhadas para a terra de Quiçanga na beiramar. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

15 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Lussue. Caminho plano, matos fechados, abundante de riachos, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de norte.

16 Falha para se comprar mantimentos.

17 Falha pelo mesmo motivo.

18 Falha pelo mesmo motivo.

19 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Hamatupa. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

20 Depois de haver gratificado o chefe da comitiva do Sal, seguiu elle e a sua gente, viagem para as suas povoações, situadas ao norte do rio Lómupa. Eu me dirigi á povoação do Soba para obter d'este guias para o caminho, e depois de lhe haver exposto os motivos da minha viagem, lhe roguei para que me quizesse ceder alguns pretos para proseguir ávante, e em seguida lhe entreguei um pequeno presente. Elle me respondeu que me daria dois pretos até á libata do Soba Mapemba, situada a dois dias de viagem d'esta paragem, poisque se achava a despachar a sua gente para a terra onde me dirigia; logo por consequencia occasião mais favoravel que não poderia encontrar, chamando em seguida dois pretos a quem deu ordem de me acompanhar até á povoação indicada. Havendo agradecido ao Soba o obsequio que acabava de me fazer, lhe dirigi as minhas despedidas aguardando o dia seguinte para a viagem.

(Continua).

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

DA

VIAGEM DE IDA, ESTADA E VOLTA AOS HOLLANDEZES DA REPUBLICA HOLLANDEZA AFRICANA, EXISTENTE NO INTERIOR DO SERTÃO DA COSTA DE AFRICA; POR O PADRE JOAQUIM DE SANTA RITA MONTANHA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, VIGARIO DA VARA, E PAROCHO DA IGREJA DA VILLA DE INHAMBANE.

Tendo em 18 de Maio de 1855 chegado a esta Villa de Inhambane um preto landim com cartas de correspondencia vindas da Republica hollandeza africana, dirigidas á pessoa do Governador d'esta Villa, em as quaes pedia que o mesmo Governador se dignasse enviar junto áquelle portador pessoa sua branca, a fim de tratar com elles hollandezes: e tendo o Sr. Governador de então, Jacinto Henriques de Oliveira, reunido no dia 20 alguns dos principaes moradores da mesma Villa, e fazendo ler a dita correspondencia, pedia que em virtude do estado da Fazenda não se achar habilitada de meios para poder mandar uma pessoa aos hollandezes, que todos os Srs. moradores, querendo, subscrevessem com o que cada qual quizesse, e fosse de sua vontade para tal despeza; a que todos annuiram, e subscreveram conforme a vontade de cada um, dando logo ali os seus nomes. O Sr. Governador deu por nomeado para ir o Capitão Mór Francisco Antonio Rangel; e tendo então alguem lembrado de propor, que no caso de não ir a effeito tal ida, a fazenda com que cada um subscrevia voltasse á mão de seus donos, poisque haveria algum (como a elle representante) que lhe faria bastante falta aquillo com que entrava, para alimento de sua familia; e tomando eu a palavra, disse que para segurança de similhante empreza e ida aos hollandezes, propunha que ou o Sr. Governador nomeasse mais uma ou duas pessoas para irem com o Sr. Capitão Mór, ou havendo pessoa que por sua vontade se offerecesse a ir, melhor seria, isto só para assim poder ir a effeito o que se pretendia fazer, poisque sendo uma pessoa só esta podia deixar de ir ou por molestia ou por algum outro motivo, e sendo mais, sempre alguem ha de ir adiante: houve n'esta occasião uma outra pessoa que levantou a sua voz, e disse, se eu (dirigindo-se a mim) era capaz de ir onde estavam os hollandezes; ao que respondi, que não tinha a menor duvida de lá ir, e pôr-me ao caminho, toda a vez que a pessoa do Sr. Governador me nomeasse: o Sr. Governador pegou-me logo na palavra, e disse que aceitava desde já o meu offerecimento, a que eu tornei e disse, que eu não me offerecia, porque para serviços ninguem se deve offerecer, mas só propunha o irem duas ou tres pessoas a fim de poder ter effeito o que se desejava; o Sr. Governador insistiu, e me deu por nomeado, o que aceitei de bom grado, dando a minha palavra de ir aonde se desejava junto com o Capitão Mór: houveram ditos e opposições, mostrando-se a difficuldade de se poder conseguir o passar, etc.

Na data de 21 de Maio recebi a nomeação por escripto para ir á Colonia hollandeza, a qual é do teor seguinte:

« Governo de Inhambane.—Terceiro Districto.—N.º 17.—Sendo necessario a bem do serviço nacional e real, e interesses commerciaes d'este Districto, mandar tratar com o Chefe Geral da Colonia hollandeza no sertão, e tendo-se no Adjunto de hontem mui louvavelmente prestado para esse serviço o reverendo Padre Joaquim de Santa Rita Montanha, Vigario d'esta Villa, offerta que logo aceitei, por concorrer no mencionado reverendo Padre Vigario todas as qualidades precisas para bem desempenhar tal commissão, e na qual vae prestar um relevante serviço ao Estado; tenho por conveniente ao serviço de

Sua Magestade nomear o mesmo reverendo Padre para a referida commissão, e ordeno se aprompte e ponha em marcha o mais breve possivel, sendo acompanhado pelo Capitão Mór Francisco Antonio Rangel, que faz parte da mesma Commissão. Quartel do Governo de Inhambane, 21 de Maio de 1855.=(Assignado) *Jacinto Henriques de Oliveira*=Para o Ill.^mo e Rev.^mo Sr. Padre Vigario Joaquim de Santa Rita Montanha. »

Achando-me prompto a marchar no dia 23 de Maio, e indo a tomar as ultimas determinações, n'esta hora ou pouco antes, o mencionado Capitão Mór se escusou a tal marcha, apresentando-se ao Sr. Governador com certas escusas e desculpas (bem escusadas), e então n'esta occasião foi nomeado o Alferes-ás Ordens Antonio de Sousa Teixeira para ir commigo.

Com data de 23 de Maio recebi as Instrucções do Governo, por onde me devia guiar, os quaes são do teor seguinte:

Governo de Inhambane.—Terceiro Districto Militar.—N.° 170.—Ill.^mo e Rev.^mo Sr. Incluso achará V. Rev.^ma as Instrucções para a Commissão que vae apresentar-se ao Governo da Colonia hollandeza, bem como um Officio que deve entregar ao respectivo Governador, deixando ás luzes de V. Rev.^ma quanto mais seja necessario. Deus Guarde a V. Rev.^ma Quartel do Governo em Inhambane, 23 de Maio de 1855.=Ill.^mo e Rev.^mo Sr. Padre Vigario Joaquim de Santa Rita Montanha =(Assignado) *Joaquim Henriques de Oliveira*, Major Governador.

Instrucções para a Commissão que vae tratar com o Illustrissimo Governador da Colonia hollandeza, sobre a abertura dos caminhos e trato commercial com a Villa de Inhambane, solicitado pelo dito Sr. Governador, por via do Cidadão portuguez João Albasine em Officio de 10 de Maio de 1854, que me foi apresentado em 18 de Maio do corrente anno de 1855.

1.° A Commissão é composta do muito reverendo Padre Vigario Joaquim de Santa Rita Montanha, e do meu Ajudante de Ordens e Alferes Antonio de Sousa Teixeira, os quaes reciprocamente combinarão sobre tudo que disser respeito á mesma Commissão, e o melhor modo e maneira de seguirem seu caminho, procurando evitar obstaculos, a fim de se não tornarem suspeitos nas povoações cafreaes por onde passarem, devendo desde o dia em que sairem d'esta Villa abrirem um itinerario, no qual minuciosamente vão assentando tudo quanto acharem de notavel, assim da qualidade do terreno, caminhos, povoações, rios, etc., como todas as noticias mineralogicas que poderem colher, assim na ida como na volta, cujo itinerario me apresentarão quando regressarem.

2.° Se por qualquer circumstancia algum membro da Commissão, ou ambos, não podérem seguir seu caminho, ou sejam por força maior obrigados a voltar para traz, farão que o portador que veiu com a correspondencia da Colonia hollandeza siga o seu caminho com as cartas e correspondencias que leva para João Albasine, fazendo toda a diligencia para que este portador, illudindo todas as vigilancias dos cafres do sertão, se ponha em fuga, e vá ao seu destino dar noticia das circumstancias que occorreram. Se um membro da Commissão adoecer e não poder seguir, o outro continuará a marcha.

3.° Chegando a Commissão á Colonia hollandeza procurará o cidadão João Albasine, e tratando com elle será apresentada ao Ill.^mo Governador da Colonia, ao qual entregarão o Officio que levam, satisfazendo assim aos desejos que elle tem de ver portador meu branco, ido d'este Districto, para de accordo combinarem sobre a melhor maneira de commerciar com Inhambane, os caminhos mais curtos e proprios a seguir, desviando-se dos sitios onde a mosca venenosa estraga as cavalgaduras, e emfim a necessidade que ha de com a sua cavallaria pôr o sertão do Manecussa em respeito, para que se possa transitar livremente, sem que os negros pratiquem roubos como costumam, visto que a estrada pelo caminho do Manecussa é sem duvida a melhor e mais vantajosa, por ser a mais curta e de muitos poucos dias de jornada.

4.° A Commissão fará ver ao Governador da Colonia as vantagens que esta póde tirar do commercio com este Districto, que tem o seu porto de mar aberto ao commercio, não só nacional como estrangeiro, sem dependencia de Moçambique, e que por isso podem receber por aqui todas as suas correspondencias.

5.° Que havendo boa fé, como é de esperar, podem os povos, assim da Colonia como d'este Districto, fraternisando com a mesma boa intelligencia, reciprocamente negociarem, satisfazendo suas precisões, e tirarem lucros que um commercio bem dirigido póde e deve proporcionar.

6.° A Commissão, analysando com aquelle Governador todas as vantagens commerciaes entre um e outro Districto, poderá receber do Governador da Colonia qualquer nota sobre a projectada abertura dos caminhos e commercio com esta Villa, e por elle assignada, e traduzida pelo cidadão João Albasine, não só para eu conhecer das mesmas vantagens,

como para de tudo informar o Ill.mo e Ex.mo Sr. Governador Geral da Provincia; mas em todo o caso o trato commercial poderá principiar desde já como um ensaio.

7.° Deixo á illustração da Commissão o prover em tudo o mais que acharem conveniente, e as circumstancias que occorrerem, demandarem.

Quartel do Governo de Inhambane, 23 de Maio de 1855. =(Assignado) *Jacinto Henriques de Oliveira*, Major e Governador.

No dia 25 de Maio saí da Villa de Inhambane na companhia do meu companheiro o Alferes Antonio de Sousa Teixeira, e da mais comitiva, que eram um cabo e quatro soldados de Infanteria, um cabo das terras, mas este ia só para arranjar os carregadores nas terras da Corôa, dois landins portadores das cartas, e treze pretos, indo dez d'estes com armas minhas. Pelas dez horas da manhã seguimos nossa viagem embarcados, e na conformidade das Instrucções que recebi (como se vê) comecei a fazer o meu itinerario do modo seguinte.

Itinerario da viagem da Villa de Inhambane para a Colonia hollandeza.

Dia 25 de Maio de 1855. Ás dez horas da manhã saímos da Villa de Inhambane embarcados na minha lancha grande, toda a comitiva que acompanha a Commissão que vae á Colonia hollandeza no sertão, a qual é composta de mim, Padre Vigario Joaquim de Santa Rita Montanha, e do Alferes ás ordens do Governador Antonio de Sousa Teixeira, e vão de companhia na comitiva um cabo de esquadra e quatro soldados da Companhia de Infanteria de Inhambane, o landim Bangalasse, portador da correspondencia que veiu da Colonia hollandeza, e outro companheiro, dezesete pretos meus captivos e dois do Alferes, indo dez d'estes com armas de fogo minhas e municiadas á minha custa, e um cabo das terras só com o fim de ir arranjar os carregadores necessarios para a bagagem.

Ao meio dia aportámos no sitio do Chicungue para tomar outros dois landins companheiros do portador, os quaes disseram que os fossemos receber no Mongo. Logo largámos, e seguimos viagem. Por as tres horas da tarde aportámos no Mongo, no palmar de Antonio Luiz de Aragão, e aqui tratámos de comer alguma cousa, e pernoitámos, dando-nos palhote o dono do palmar.

Dia 26. Na hora da enchente, quando se achava a meia enchente, por as onze e meia horas do dia, saímos do Mongo embarcados, e passámos a Morrombene; aqui desembarcámos havia de ser meio dia, e fomos á povoação do cabo Maócha o Corré: aqui ficámos, e logo tratámos de arranjar e procurar mantimentos para o caminho, e carregadores.

Dia 27. Domingo. Comprou-se algum mantimento.

Dia 28. Pilou-se algum mantimento do comprado Os Regulos negaram-se a dar gente, dizendo todos que tinham dado gente para o Capitão-mór conduzir suas fazendas ao Sertão, e porisso não tinham, ainda que se lhe dizia que essa gente que elles tinham dado ao Capitão Mór não era serviço do Estado. e que nós queriamos gente para serviço do Estado, assim mesmo não se resolviam; eu participei isto ao Sr. Governador da Villa, mas para evitar mais demoras, que todas podiam ser prejudiciaes, fui mandando ficar os Regulos que mais aporfiavam presos á minha ordem até darem gente; logo alguns foram apresentando alguma gente, e o Regulo Mogumbú pediu soldados para irem buscar gente. Presos, foi este Regulo Mogumbú e o Secretario do Regulo Mogoga, e como dessem sua gente, foram logo soltos.

Dia 29. Appareceu mais gente trazida por os Regulos.

Dia 30. Toda a manhã desde o romper do dia levaram a fazer cuxes, cerimonias, e mezinhas aos landins, e mais alguem . . . até ao meio dia, que nos pozemos a caminho. Saímos de Morrombone com toda a gente com que saímos da Villa, menos um preto que se deu por doente na hora da marcha, mais dois landins companheiros do portador, um outro que estava preso na Praça, e foi solto a pedido do Bangalasse, e mais cincoenta e quatro pretos Bitongas das terras, um mercador de Mamud Amad Saibú, com dez pretos de cargas. Ás quatro horas da tarde chegámos á povoação do Guione, irmão do Regulo Condulla, e aqui descansámos para comer, pois ainda nada se tinha comido, e pernoitámos; deram-nos palhote para dormir.

Dia 31. Por as seis e meia horas da manhã nos pozemos a caminho, mato grosso, caminho NO. Passámos um rio pequeno chamado Quicungulo: por as tres horas da manhã chegámos á povoação do landim Cambi, gente de Ingouna, e aqui encontrámos Manhambozes, gente do Mancoussa, os quaes nos perguntaram se nós eramos os que iamos para os hollandezes, e se lhes disse que íamos a negocio, elles nos offereceram uma ponta de marfim grosso de duas a tres arrobas, mais ou menos, e pediram quarenta peças de fazenda e duzentas enxadas, fora missangas; nós lhe respondemos que não tinhamos enxadas, e lhe offerecemos cinco peças: elles fizeram seu reparo

em nós irmos a negocio, e não levarmos enchadas, nós lhe dissemos que nos tinham dito que as enchadas as não queriam para onde iamos. Perguntaram-nos o que levavamos nas caixas, respondeu-se-lhe que missangas de toda a qualidade, e nos offereceram um dentinho de marfim e cera; não o quizemos. O dono da povoação nos deu um cabaço com pombe, e nós lhe demos uma garrafa de espirito de palmeira; beberam e ficaram contentes. D'aqui saímos, vindo elles manecussas mostrar-nos o caminho, e seguimos nosso caminho de O. Á uma hora da tarde chegámos á povoação do landim Mulamula, gente de Inguana, e aqui mandámos fazer de comer, jantamos, e toda a gente cozinhou e comeu. Por as tres horas da tarde seguimos caminho SO.: por as quatro horas e tres quartos encontrámos uma grande lagôa chamada Murraba, e aqui tomámos ao S. e fomos costeando, e a atravessámos pelo lado do S. para o SO., sendo sempre caminho de agua, até que fomos entrar em um mato a O. já de noite, aonde abarracámos e pernoitámos.

JUNHO.

Dia 1. Ao romper do dia levantámos campo, e tornámos a ir caminho de SO. e caminho de agua, lagôa, depois caminho de O. mato aberto e campo. Encontrámos outra lagôa chamada Nitemalla, e um riacho, este o atravessámos, depois todo o caminho mato, e caminhámos todo o dia; ás cinco horas da tarde encontramos outra lagôa grande, a que chamam Nitemvú, e onde havia cavallos marinhos, e fomos á povoação do landim filho do Ingoana, por nome Macondoene, onde ficámos para pernoitar, elle nos deu palhota, e fomos bem hospedados, mandando até fazer batuque defronte da porta, dansa com gaitas e tambores em nosso obsequio por pouco tempo; deu-nos um bocado de mantimento e uma gallinha, e nós demos-lhe um capotim e uma garrafa de espirito, etc.

Dia 2. Ao nascer do sol nos pozemos a caminho do S., indo o mesmo filho do Ingoana mostrar-nos o caminho que deviamos seguir para não termos encontro com a gente do Manecussa que hontem d'aqui saiu e passou. Campo, e uma grande lagôa, depois mato, outra vez campo, onde havia burros do mato a pastar, e vi uma grande garça branca; outra lagôa a que chamam Nhaliputi, e depois entrámos n'outro mato: aqui se despediu o landim, filho do Ingoana, indicando o caminho que deviamos tomar; deu-se-lhe uma braça de zuarte, e um bocado de espirito. Seguimos o caminho indicado a SO., e todo o dia andámos caminho de mato a boa marcha; no fim da tarde entrámos n'outro mato, já era sol posto, onde descansámos, e acampámos para pernoitar, e se mandou fazer alguma cousa para se comer.

Dia 3. Ao romper do dia levantámos campo, e seguimos caminho de NO. Saimos do mato, campo, lagôa, outro mato, outro campo, fins das terras do Ingoana. Entrámos nas terras de Macuacua em um mato. Ao meio dia descansámos por haver agua perto, e dizer o landim que hoje não se encontrava mais agua para se cozinhar; mandou-se fazer de comer, e deu-se de comer á gente. Por a uma e meia hora da tarde seguimos o mesmo caminho; ao sol posto acampámos no mato e pernoitámos.

N.B. Na manhã de hontem, dia 2, despedimos tres bitongas por muito velhos e por doentes.

Hoje de noite nos fugiram tres bitongas da comitiva, sendo um do Regulo Quifitella, por nome Malandella, outro do Regulo Fervella, por nome Magabane, e outro do Regulo Mata; estes, não souberam ou não quizeram dar o nome.

Dia 4. Ao nascer do sol seguimos a marcha andando até ás duas horas da tarde, que descansámos para se cozinhar e comer: ás tres horas seguimos caminho, já terras de Marive, caminho NO. encontrámos um campo com agua, chamado ou conhecido por nome Xabani-vua: ao sol posto acampámos no mato e pernoitámos. N'esta noite se ouviu gritar a Quizamba n'este sitio.

Dia 5. Ao nascer do sol, seguimos nossa marcha e mesmo caminho NO., mato, onde encontrámos um landi e uma mulher com creança, gente de Mariva, que vinham de ter ído cortar carne de elefante; fallaram seu manugo (novidades), e deram noticia de que os nhumboses (gente do Manecussa) vinham de Sofalla, e que tinham já passado. Passámos um outeiro, tudo mato, passámos uma lagôa a que chamam Inhametanga, em seguida outra a que chamam Inhatemanganhana; no mato achámos uma fructa a que chamam macilo (parecida com as nossas sorvas) com tres caroços: á uma hora da tarde descansámos no mato para se cozinhar e comer. Ás duas horas seguimos, e sendo já de noite pernoitámos no mato.

N.B. Por todos estes matos, que por a maior parte são abertos, e nos campos ha grandes quantidades de elefantes, bufalos e outros animaes que não chegam aos caminhantes.

Dia 6. Ao nascer do sol seguimos o mesmo caminho, campo por a maior parte; ao meio dia descansámos para cozinhar e comer. Por

a meia hora da tarde seguimos o caminho, e marchámos até ao sol posto, que acampámos no mato.

Dia 7. Ás cinco horas da manhã seguimos caminho de NO. e depois ONO., mato aberto, e campo, encontrámos pequenas lagôas de agua; por as 10 horas da manhã atravessámos um rio a que chamam rio Luize, e disseram os pretos que a agua era salgada. Aqui acabam as terras do Mariva e entrámos nas terras do Chicualacualla (e outros lhe chamam Chicuarracuarra); marchámos por um grande campo onde havia uma grande lagoa, e comprida, mas estreita; muitas papoulas grandes brancas e amarellas; ao meio dia já passado descansámos no mato para se cozinhar e comer. Á meia hora da tarde seguimos e marchámos até ao sol posto, e pernoitámos no meio do mato.

Dia 8. Ao nascer do sol seguimos nosso caminho NO., mato aberto; ao meio dia descançámos para comer. Toda a manhã de hoje marchámos sem encontrar agua, e só agora ao meio dia é que a encontrámos. A uma e meia hora da tarde seguimos caminho sempre de campo. Viu-se uma emma. Ao sol posto acampámos no campo em um matinho raso e aberto. Tendo nós mandado um landim com alguns bitongas a uma povoação que diziam não estava longe, a comprar algum mantimento, á noite vieram com dois capotins de mantimento, e alguns landins da tal dita povoação, os quaes traziam um dente de marfim, cera e secco para vender, que se lhe respondeu que não se queria, por estar secco, e traziam um fuso de fio de algodão torcido e fiado por elles, que se lhe comprou por lhe comprar alguma cousa, e porque nos poderia servir e o landim exigir para fazer sua conveniencia, etc. Elles estiveram algum tempo, e depois retiraram-se. Nós cozinhámos, comemos e dormimos.

Dia 9. Ás seis horas da manhã seguimos caminho NO., campo e mais campo, passámos por um mato cerrado, depois outra vez campo, mato e mau caminho; outro campo onde se viu um animal que parecia como cavallo a que chamam Congonhi; viram-se depois mais tres dos mesmos animaes, viu-se um grande passaro n'uma lagôa, onde descansamos; a esta lagôa chamam-lhe Monhembougo; aqui se cozinhou e comeu-se era meio dia. Ás duas horas da tarde seguimos nosso caminho. Devo notar e dizer que n'esta lagôa tambem havia bastantes patos, a que se fizeram alguns tiros, mas nem um ficou; seguindo caminho no mato se matou um grande pato; foi o cabo quem o matou. Ao sol posto acampámos no campo para pernoitar.

Dia 10. Ao nascer do sol levantámos campo e seguimos nosso caminho. Hoje dia de grande neblina, o sol encoberto todo o dia, os pretos carregadores pouco andavam por causa do frio que fazia. Viram-se uns bufalos, muitos patos, e uns passaros grandes a que lhe chamam trivos, e dizem que estes passaros atacam os passageiros caminhantes indo sós, matam a pessoa e comem-n'a. Ás dez horas da manhã encontrámos agua, que disseram ser um rio, o qual ficava á esquerda do caminho, e lhe chamam Samgute; caminhamos á vista d'elle, mas em distancia pequena, e entrámos n'um mato, onde descansámos para se cozinhar e comer, seriam dez e meia horas. Este rio dizem chegar até ás terras do Manecussa. Ao meio dia seguimos caminho, caminho sempre de mato fechado, e mau caminho. Ao sol posto acampámos no mato para pernoitar.

Dia 11. Ao nascer do sol seguimos nosso caminho NO., outra vez mato fechado, outro mato grosso, algumas lagôas pequenas no meio d'estes matos. Á uma e meia hora da tarde acampámos junto á povoação do landim chamado Chiqueta, para se cozinhar e comer: acampar e cozinhar foi fóra da povoação, porém jantámos dentro da povoação, por o dono nos dizer e quasi pedir que fossemos comer dentro, para o que nos estendeu uma esteira, e nos offereceu um chirando de massarocas de milho fresco; e como fosse preciso comprar algum mantimento para a companha, tivemos de ficar á espera do mantimento até ao sol posto, porque tinham o mantimento guardado no mato: e por conseguinte pernoitámos aqui fóra da povoação.

O landim, dono da povoação, nos avisou que em outra povoação ali proxima se achavam Monhambozes.

Dia 12. Antes de nascer o sol levantámos do campo, e nos pozemos a caminho, indo um landim d'esta povoação amostrar-nos o caminho que deviamos tomar para nos apartarmos do logar onde estavam os Monhambozes; fomos marchando por cima do mato sem caminho nem trilho. Ao meio dia passámos por uma machumba, onde estavam landins trabalhando: ao meio dia e meia hora acampámos para se cozinhar e comer; hoje se conservou a neblina ou nevoa ate ás dez horas do dia. Ás duas horas da tarde seguimos e marchámos até ao sol posto que acampamos no mato.

Dia 13. Dia de neblina. Ao nascer do sol nos pozemos a caminho NO., caminho de mato; ao meio dia passámos por uma machumba, onde estavam landins trabalhando na sua machumba, e logo adiante havia agua;

n'esta machumba se afastaram o mercador do Mouro Mamud, e sua comitiva, e tomaram outra direcção differente da que nós levavamos: aqui onde havia agua era mato aberto, onde descansámos para comer e cozinhou toda a gente. Aqui quando tudo estava em descanso nos appareceram uma porção de landins Monhambozes (gente de Manecussa), oito ou dez, com grande arrogancia, vindo muito suados por virem a correr, armados de rodellas e zaguins, e outra alguma gente landins que pareciam d'aquellas terras; os Monhambozes se dirigiram ao logar onde nós estavamos, perguntando-nos o motivo por que nós não tinhamos ido á povoação onde elles estavam, e porque tinhamos fugido d'elles, que elles não comiam gente, mas isto com uma oração muito comprida e fallando muito no Manecussa; respondeu-lhe o Alferes, no fim d'elles muito fallarem, que nos não fugiamos d'elles, e que não tinhamos ido á povoação onde elles estavam, porque não era nosso caminho, e que nada tinhamos a fazer ali, nem vinhamos de proposito para ali; elles disseram que sabiam que nós iamos ao nosso negocio, e que nos pediam fome (costume do mato). O Alferes lhe disse que nós tambem pediamos fome; elles disseram que nós vinhamos correndo, e que se fossemos á povoação onde elles estavam nos podiam dar alguma cousa; respondeu-se-lhe que nós não vinhamos correndo, nem fugiamos d'elles, porque nada tinhamos com elles, e para prova elles viam toda a gente sentada a cozinhar seu comer; se tinhamos vindo aqui é porque procuravamos o logar onde havia agua, etc., para esta toda gente poder cozinhar e beber. Elles nos offereceram um cabrito, mantimento e um meado, mas que haviamos de ir á povoação onde elles estavam para nos dar, e que nós lhes dessemos alguma cousa. Nós lhe démos meia peça de zuarte (quatro braças), e lhe dissemos que nós nao voltavamos para traz; se elles nos queriam dar alguma cousa do que diziam nos trouxessem ou aqui, ou ao logar onde haviamos ir dormir, que seria a primeira agua que encontrassemos; elles queriam mais fazenda dizendo que aquillo que nós lhes demos era pouco, e nós lhe dissemos que não se lhe dava mais nada, elles insistiram em que nós fossemos aonde elles estavam, e nós teimámos em negar. Deixámos a elles sentados, e fomos jantar. O chefe d'elles, que era aleijado dos dedos da mão direita, e não reparei se tambem da esquerda, e outro seu companheiro, vieram ao logar onde nós estavamos comendo, e sentaram-se defronte; depois de estarem um bocado a reparar para nós, nos pediram mais fazenda: eu lhe disse que nada mais lhe dava, e que aquella mesma, se elles fallavam muito, a mandava outra vez guardar; pediram de comer, disse-lhes que aquelle comer era para nós, pediram vinho do que nós tinhamos ali para beber, respondi-lhe que fossem beber agua, que na lagôa havia bastante; pediram missanga, disse-lhes que nem um fio lhe dava, por ultimo pediram uma touca (que é uma tira de panno branco) para mostrar que se tinham encontrado com gente branca; respondi-lhes que escusavam de estarem a pedir, que nada lhes dava mais, etc.: acabámos de jantar, arrumou-se a louça e mais trem, perguntei se todos já tinham comido, e logoque se me disse que todos já tinham comido, mandei ficar prompto para marchar.

Disseram que estes Monhambozes eram os que estavam na povoação perto d'aqui em que nós ficamos no dia 11.

Á uma e meia hora da tarde, seguimos nosso caminho, deixando os taes Monhambozes no campo, uns sentados e outros em pé a olhar para nós: caminhámos até ao sol posto, e quando iamos a chegar já perto da povoação do Madiacune, filho do Regulo Chicuallacualla, ou Chinalaqualla, nos saiu ao caminho um landim, saído ou apparecido do mato, que nos avisou perguntando-nos aonde nos dirigiamos, e se lhe disse que iamos á povoação, elle então disse que na povoação estavam muitos Monhambozes; fez-se alto, e pensou-se no que deviamos fazer n'este caso. Eu fui de opinião, havendo outro caminho que podessemos tomar sem ser o da povoação era melhor do que ir expor, e assim se assentou; e por fim se tratou com este mesmo landim de nos ir mostrar outro caminho que não fosse o da povoação, e que nos podessemos afastar d'elles; elle nos aceitou a proposta, e nos foi amostrar outro caminho por longe da povoação, retrocedendo um pouco o caminho, fugindo do logar onde se achavam os Monhambozes, porém se ouviam bem as vozes na dita povoação; e sendo já noite fechada e escura entrámos n'um mato fechado, onde fomos pernoitar, e ao landim, por nos ir mostrar aquelle esconderijo, lhe démos uma braça de fazenda: e nós aqui dormimos ao bivaque, e apertados por não dar logar o mato. Aqui n'esta noite, por estarmos muito apertados, se queimou parte da minha cama e o meu capote de pano.

Dia 14. Ao romper do dia seguimos caminho de O. Saímos do mato e entrámos n'um campo com matinho raso, encontrámos algumas lagôas de agua (pequenas lagôas); n'uma d'estas lagôas estavam bastantes elephantes. Hoje todo o dia caminhámos já em terras do Maloios, e só depois do sol posto é que acam-

pámos no mato, debaixo de umas grandes arvores, junto a um grande rio a que chamam o rio Bembe (rio do oiro); e sendo já muito de noite e tarde que se accendeu fogo para se cozinhar, porque o landim Bangalasse, nosso guia, recommendou que era preciso tudo ali por emquanto estar em silencio, até elle mandar um dos seus atravessar o rio e saber novidades, porque d'alli ao Manecussa distava poucos dias (distante dois dias); foi um a saber novidades, voltou dizendo que não havia novidade. Então o landim nosso guia tambem atravessou o rio para ir visitar seu irmão, que é o Regulo dos Maloios, e voltou com outros landins alegre e satisfeito, tendo boas novas de sua familia e de não haver novidade alguma. Arranjámos as nossas camas ao bivaque, sendo já bastante tarde (passava já das dez horas da noute) e pernoitámos.

Dia 15. O landim Bangalasse, nosso guia, logo pela manhã cedo exigiu alviçaras para si e para os seus companheiros [1]. Fomos obrigados a dar para elle um polló e um ardiam de tres braças de zuarte, e ainda queria mais; não ficou contente, e para a sua gente uma peça de zuarte para dividirem entre elles. Elle landim exigiu como por força e por certo modo arremessador, que não houve remedio senão satisfazer, uma camisa branca fina e uma calça que eu dei do meu bahú, uma camisa branca, e uma calça azul de pecotilho boa, e isto se lhe deu, só porque nós o que queriamos era ir para diante.

Por as oito horas da manhã nos pozemos a caminho, descemos ao rio, e o atravessámos para o outro lado a vau; este rio corre com grande corrente de N. a S. Do rio subimos para as terras e fomos para o S. á povoação do Regulo dos Maloios, por nome Chivandana, landins sujeitos ao Manecussa.

Disseram que o landim que figurava de chefe ou Regulo era irmão do nosso guia; elle nos recebeu muito bem, quando entrámos na povoação, muita festa de toda a gente, dansas, cantos, corridas, saltos, pareciam doidos, tudo festas dirigidas aos landins nossos guias, e ao que ía solto, e depois algumas cantigas foram dirigidas a nós hospedes. O Regulo nos deu uma boa e grande palhota, nos trouxe muito de comer já cozinhado para dar á gente da nossa companhia, outro mantimento era em dois chirandos, gallinhas, etc., depois os presentes e presentinhos eram continuados todo o dia. Demos ao Regulo de cumprimento (conforme o costume) uma peça de palló, e uma garrafa de espirito, resto do garrafão que eu levava. [1] Aqui mandámos fazer de comer e jantámos. N'este dia nada mais se fez, porque tudo era alegrias e festas, de tarde continuavam os presentes e visitas dos landins da terra, e todos a perguntarem por a gente da Villa que cada um tinha conhecido. Alguns d'estes presentes foram gratificados com missanga e coral, e outros ficaram para agradecer depois [2].

Á noite trouxeram-n'os mais quatro gallinhas e uma cabrita gorda; e quando era já tarde tratámos de descansar. O mesmo Regulo á noute mandou suas filhas a visitar-nos e cumprimentar, a quem se lhe deu um quissambe de carregação a cada uma d'ellas, que eram duas, e alguma missanga, e com ellas vinham outras raparigas.

Dia 16. Amanheceu chovendo, porém depois passou; comprou-se algum mantimento, e algum se pilou para os soldados, para o que o Regulo deu sua gente, e nos demorámos todo o dia na povoação, e tornou-se a dormir aqui. Antes de nos acommodarmos se deu ao Regulo uma peça de zuarte por despedida e agradecimento de alguns presentes que eram d'elle ou da sua familia, e outros foram agradecidos por quissambes e missangas [3].

Dia 17. Amanheceu o dia com neblina. Ás sete horas da manhã pozemo-n'os a caminho, saimos da povoação, vindo toda a gente da povoação e o proprio Regulo acompanhar-nos fóra da povoação, em boa paz e alegria, despedindo-se todos; seguimos caminho de NO., caminho de palha e machambas, porém fóra do caminho directo que deviamos tomar, mas assim era preciso fazer para enganar aquella gente dos Maloios, e depois achámos mato aberto: caminhando a margem do rio Bembe, encontrámos differentes landins no caminho, passámos por uma povoação, encontrámos outros landins que faziam mudança de habitação para outro logar. Por as duas horas da tarde chegámos á povoação do landim chamado Mudiacumue, filho do Regulo Machambo, subdito do Regulo Chicuallaqualla; n'esta povoação descansámos para se cozinhar e comer, deram-nos palhota para ficarmos, deram-nos um suppo de mantimento, uma panella de

[1] Mal empregadas alviçaras lhe démos, poisque julgando nós termos chegado ao nosso destino e estarmos livres de todo o perigo (porque elle dizia=já chegámos=) ainda não foi aqui ametade do caminho que tinhamos a andar, e ainda não estavamos livres do perigo.

[1] Aqui deu fim o garrafão; não havia mais espirito; tinham os soldados dado cabo no caminho bebendo á surrelfa.

[2] Que nos sairam caros alguns presentes porque os negros quando dão alguma cousa é sempre com bom interesse.

[3] Gastaram-se nos agradecimentos dos presentes, seis quissambes de carregação, algum coral e mungar, tudo nosso particular.

N.B. Cada quissambe são dois lenços pegados.

pombe, uma taça ou tigella de mantimento cozido: aqui dormimos a noite.

N'este dia e n'esta povoação os bitongas nossos carregadores se revolucionaram, ou se amotinaram á hora de dar a ração, dizendo que a queriam mais do que se costumava dar; foi cabeça do motim o bitonga de Morrombene Ingonane, porém fizeram-se accommodar e entrar na ordem, não houve maior novidade.

Dia 18. Amanheceu dia claro, ao nascer do sol pozemo-n'os em marcha caminho do N. Ás dez horas da manhã chegámos a uma povoação de landins de Machambo; aqui apenas fizemos um pequeno descanso, e seguimos nosso caminho. Á uma hora da tarde chegámos a outra povoação de landins do dito Machambo, onde descansámos para se cozinhar e comer.

Ás duas horas seguimos nosso caminho, encontrando caminho de pedra miuda; quasi ao sol posto chegámos a um logar de grandes pedras, onde havia grandes poços de agua nas mesmas pedras á maneira de tanques; este logar parecia ser rio em occasião de cheias, e esta tinha mau gosto e as poças eram mui fundas. Atravessámos para o outro lado, e encontrando logo mato aberto acampámos ali perto de agua, onde dormimos. Estas pedras pareciam como as de cantaria.

N'esta noite ouvia-se gritar muito as quisumbas, e muito perto.

Dia 19. Ao nascer do sol levantámos campo e seguimos caminho de O. O dia claro, algumas nuvens soltas no céu, o céu com uma côr azul claro carregado. Caminho de pedra, mato, algumas lagôas, e em uma d'ellas haviam bastantes patos grandes, e pequenos patinhos; encontrámos uns landins caçadores que estavam á caça n'outra lagôa. Ao sol posto acampámos no mato para dormir, e então é que se cozinhou logo para se comer; tendo-se caminhado todo o dia em caminho de mato raso.

Dia 20. Ao nascer do sol levantámos campo, e seguimos caminho NO. Porém ao cabo de um bom andar, perto de uma e meia hora de caminho, se conheceu e conheceram os guias que o caminho era errado, e tivemos de atravessar para SO. e procurar o verdadeiro caminho, e encontrando-o seguimos direcção O. Caminho de pedras e mato; subimos um outeiro e depois o descemos, e na descida havia uma grande cova de pedra e uma grande descida para um rio de agua doce, aberto na rocha por a natureza, e grandes alturas que mais pareciam muralhas de pedra; o chão todo de pedras soltas como seixos de calçada a maior parte, outra pedra dura e côr de ferro. Atravessámos este rio para o outro lado e subimos, e andando pouco demos com uma povoação de landins, gente de Maloios, eram onze horas do dia; aqui descansámos para cozinhar fóra da povoação e comer. Aqui se compraram dois chirandos de mantimento e uma massaroca de tabaco tudo para se dar á gente; cada chirando custou um capotim, e o tabaco um capotim, tudo medido por elles landins, que levaram toda a peça. Á uma e meia hora da tarde seguimos o caminho, subimos uma montanha onde havia grande quantidade de pedras grossas duras, e algumas como seixos: quasi ao sol posto entrámos n'uma povoação onde havia só quatro palhotas velhas e pouca gente: aqui ficámos para dormir, armámos a nossa barraca dentro da povoação defronte das palhotas.

Dia 21. Ao nascer do sol seguimos nossa marcha caminho de O, descemos uma montanha de pedras, atravessámos um grande lago de agua feito por a natureza nas pedras e com bastante fundo. Subimos outra montanha de rocha viva, e a atravessámos toda de um lado a outro, que foi caminho de duas horas a bom andar, descemos e achámos outro lago de agua, e tornámos a subir outra montanha de rocha viva [1]. N'esta rocha ou montanha descansámos para se cozinhar e comer eram onze e meia horas do dia. Observei que as pedras que punham no fogo para servirem de pôr as panellas, estalavam, arrebentando com o calor do fogo, com uma facilidade a maior possivel, e davam estouros que pareciam tiros de espingarda, e saltavam os estilhaços longe com força. Á uma e meia da tarde seguimos subindo ainda esta montanha e em todo o resto da tarde subimos e descemos seis montanhas todas de rochas vivas; e chegando ao cume da sexta ao sol posto, acampámos para dormir e descansar de tanta fadiga do mau caminho para andar. Em todas as quebradas ou descidas d'estas montanhas ha grandes tanques com agua feitos por a natureza nas mesmas pedras, e algumas descidas são com taes precipicios que só vistos.

(Continua.)

[1] Devo notar que a pedra d'estas rochas tem quasi toda a côr de ferro, como tambem a côr de cobre azebrado, o que indica haverem aqui minas de ferro e cobre; tambem se encontra rica pedra quebrada e como lavrada propria para obras.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

DA

VIAGEM DE IDA, ESTADA E VOLTA AOS HOLLANDEZES DA REPUBLICA HOLLANDEZA AFRICANA, EXISTENTE NO INTERIOR DO SERTÃO DA COSTA DA AFRICA; POR O PADRE JOAQUIM DE SANTA RITA MONTANHA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, VIGARIO DA VARA, E PAROCHO DA IGREJA DA VILLA DE INHAMBANE.

(Continuado de pag. 324.)

Dia 22. Depois de nascer o sol seguimos caminho de O., seguindo através da montanha sempre por cima de pedra, e descendo esta, subimos outras tres montanhas todas de rocha; passámos por uma descida entre duas rochas de grandes penedos que mettiam medo e respeito (hontem e hoje muito mau caminho de andar um pobre viandante).

Ás dez horas e meia do dia entrámos n'uma povoação pequena de landins, subditos dos hollandezes; esta povoação tem as palhotas quasi debaixo das pedras, que parece estão a precipitarem-se da rocha que lhe fica por cima das palhotas. Aqui descansámos e ficámos para se comprar algum mantimento para a gente. Hoje o dia esteve carregado de nuvens grossas. Gastaram-se em mantimento duas peças de zuarte, e os landins grandes impertinentes na medição da fazenda; cada capotim póde-se-lhe depois de cortado chamar *ardião*. Deram-nos uma palhota para ficar, onde pernoitámos.

Dia 23. Estando nós promptos a seguir nosso caminho, e a pôr em marcha, veiu ter comnosco o landim Bangalasse, nosso guia, e nos disse se queriamos ir por melhor caminho, que elle se offerecia a isso, mas que era preciso demorar-nos hoje aqui; fizemos nosso juizo, e depois de concordarmos um com outro, respondemos que elle como nosso guia fizesse o que entendesse ser melhor, e o que elle julgasse, assim se fizesse; então decidiu-se o ficarmos ainda hoje aqui.

O dia de hoje esteve sempre coberto sem se ver o sol.

Depois do meio dia entrou na povoação um landim dos hollandezes, que deu noticias, e disse, que da povoação hollandeza tinham saido quatro homens brancos de cavallo, e que um d'elles era o Jacob, (e nós suppozemos ser o Jacob, filho de Goa) e que estes homens tinham ido na direcção da povoação do landim Chivandana; porém perguntando nós para que fim, ou se iriam a Inhambane, não soube dizer ou não quiz dizer, e assim ficámos na duvida se elles se dirigiam a Inhambane[1].

Dia 24. Dia claro; por as sete e meia horas da manhã nos pozemos a caminho de O., ao principio encontrámos pedra, seguimento ainda da rocha, depois campo e mato aberto, e palha; encontrámos um abada, deram-lhe dois tiros de bala, e foi-se muito fresco; mais adiante encontrámos outros dois abadas, um grande e um pequeno junto, tambem se lhe atirou; ao primeiro tiro correu com impeto sobre o atirador, outro soldado tambem disparou o tiro sobre elle, e foi-se embora a passo curto: logo mais adiante encontrámos uma lagôa com agua, passámos adiante, e fizemos alto para descansar, cozinhar e comer, era meio dia e meia hora, aqui jantámos. Sendo duas horas da tarde seguimos o caminho, e ás quatro horas da tarde fizemos outra vez alto na falda de um outeiro, por não haver agua mais adiante[2], se não longe (segundo diziam os guias); armamos a nossa barraca, e pernoitámos no mato, de noite sentiu-se frio, e ouviu-se gritar as quisumbas e o leão.

[1] Depois soubemos que estes homens tinham ido em diligencia, mandados por o Commandante General hollandez Schoeman: soubemo-lo depois de chegar ali aos hollandezes.

[2] É costume dos landins, quando querem parar e não ir mais adiante, dizerem que não ha agua adiante.

N.B. N'este descanso eu me agoniei e me zanguei bastante com os guias, por pararmos tão cedo, dizendo que assim era perder horas de marcha sem necessidade, e era só demorar mais a viagem, etc.

Dia 25. Dia claro. Ás sete horas da manhã nos pozemos em marcha caminho de O. subindo e descendo nove outeiros de mato aberto e palha, encontrando alguma pedra, e sem caminho visto ou trilho de gente. Viu-se um abada, encontrámos uma lagôa pequena de agua, adiante vimos um grande rancho de elephantes, ao lado esquerdo do caminho que levavamos, passámos outro logar em que havia agua em especie de tanques no meio das pedras; em todos estes outeiros se encontram grandes pedras, e grandes veios de pedra que mostram haver rocha ali: caminhámos todo o dia até ser noite fechada, que foi quando achámos agua depois do meio dia, (porque as aguas que encontrámos foram todas cedo, antes do meio dia) e então se cozinhou e comeu: armámos a nossa barraca para dormir.

Dia 26. Dia claro. Ás sete horas da manhã seguimos nosso caminho de O., subimos e descemos treze outeiros até ao meio dia, e em todos elles se encontra pedra, e tendo passado estes treze outeiros achámos um rio de agua doce com corrente; passámos este rio a vau, e aqui perto vimos um burro do mato, subimos outro outeiro, e na baixa encontrámos outra agua, e aqui se fez alto, sendo então meio dia e meia hora, para se cozinhar e comer alguma cousa (nós os dois, arroz simples, porque não tinhamos nada mais). O céu esta hora annuveou-se. Ás duas horas da tarde seguimos nosso caminho, subimos e descemos outro outeiro, encontrámos um bonito rancho de camellos, que atravessaram por entre a nossa comitiva a todo o galope, da esquerda para a direita, e na descida ou baixa d'este outeiro encontrámos um grande rio de agua doce que corria em tres canaes com grande força, e tinha grandes pedras lisas da corrente da agua, o atravessámos a pé, e subimos outro outeiro onde se avistou um bicho da figura de um tigre pequeno, a que chamam os negros *chimba*. Ás quatro e meia horas da tarde chegámos a uma povoação de landins de Mocane, onde parámos, e pernoitámos fóra das palhotas, para o que armámos a nossa barraca. Aqui os soldados não quizeram receber a ração (de mantimento) porque queriam mais do que estavam em costume receber.

Dia 27. Amanheceu dia coberto de nuvens, ás sete horas da manhã saímos d'esta povoação e seguimos nosso caminho de O., atravessámos um rio de agua doce, onde havia poços ou olhos de agua salgada, d'onde esta gente do sertão fazem sal. Subimos e descemos dez outeiros, onde encontrámos sempre pedras, tendo por bom espaço de tempo e caminho andado á vista de um rio de grande corrente; ás nove horas da manhã atravessámos um rio de agua doce com grande corrente, a que chamam rio Tavé. Ás tres e meia horas da tarde entrámos n'uma povoação de landins; aqui fizemos alto para descansar, cozinhar e comer; deram-nos uma palhota para dormir e pernoitámos. Tambem se comprou algum mantimento.

Dia 28. Ás sete horas da manhã saímos da povoação, caminho de O., e bom caminho; ás dez horas chegámos a uma povoação de gente Feras, que passámos adiante, e logo mais adiante sobre dois outeiros havia palhotas e gente Fera que ali habitava; estes outeiros mais se podem chamar serras de pedras, porque eram de pedreira: mais adiante onde havia outras similhantes habitações sobre as serras, descansámos na baixa para se cozinhar e comer, eram onze horas, e aqui havia agua perto em um rio. Esta gente nos deram um supo de mantimento, e uns bocados em tiras de carne de camello secca. (Dizem que esta gente respeita muito aos brancos, e assim indicavam.) Toda aquella gente correu a nos ver e cortejar.

Á uma hora da tarde seguimos, atravessámos o rio que tinha corrente. Ao anoitecer acampámos no mato para dormir, armando a nossa barraca. Por as oito horas e meia da noite saltou o vento ao S. com força bastante e frio.

Dia 29. Ás sete e meia horas da manhã nos pozemos a caminho, vento fresco S. ou SO. Subimos e descemos quatro outeiros, alguns de muita pedra, encontrando agua em algumas baixas; ás dez horas da manhã entrámos n'uma povoação de Feras onde cozinhámos de jantar. Aqui o nosso guia Bangalasse pediu para dar alguns tiros, e deu alguns, com pontaria para o O.; mostrou que fazia signal para alguem saber que elle tinha chegado.

O sol hoje conservou-se todo o dia coberto.

Á uma e meia hora da tarde seguimos caminho, subimos e descemos seis outeiros, e de soffrivel caminho, á vista grandes montanhas em altura e comprimento, que passavamos por entre ellas; passámos por muitas montanhas de milho grosso, vimos pés de milho da altura quasi de dois homens, e da grossura de um pulso, com muitas maçarocas. Ao sol posto chegámos a uma povoação, passámos adiante, e logo de todos os lados corria gente gritando e cantando, tudo festas ao nosso guia Bangalasse, e logo adiante palho-

tas espalhadas no meio de machambas de milho, quatro e cinco n'um logar, e chamam-lhe povoações; havia uma palhotinha só n'um logar no meio de um machamba que pertencia ao nosso guia Bangalasse; aqui parámos no meio de muita festa e cantigas cafreaes: sendo já noite perguntámos ao landim, nosso guia, logar para ficar, e elle nos deu esta palhota, onde mandámos arranjar as nossas camas, e a gente acampou no campo.

O landim aqui foi recebido com grande alegria e festas por toda a gente da sua familia e mulheres.

N'este logar fazia grande frio. Ha curraes de gado vaccum, e grande gado em tamanho como o da Europa.

Dia 30. Amanheceu o dia claro, continuámos a ficar aqui n'este logar, porque disse o landim que havia ali ordem d'aqui esperar por um mouro que tinha recommendação de nos receber aqui, e mandar parte para os hollandezes da nossa chegada, e que elle é que nos havia de conduzir.

Pela manhã cedo appareceu a agua que ficou fóra gelada.

N'este dia veiu a visitar-nos o Regulo Fera, a que chamam Mucia. O landim nos deu de presente um chirando de milho grosso, e nós comprámos outro para se dar de comer á gente; depois nos deu mais, e á gente toda amendoim, em porção, e maçarocas de milho. Á noite muito frio.

JULHO.

Dia 1. Dia bonito de sol. De manhã cedo a agua estava gelada. Continuámos a ficar parados á espera do mouro.

Hoje almoçámos café e leite. Comprou-se o mantimento, só o sufficiente para a gente passar hoje. De tarde passou-se revista á gente. De noite muito frio.

Dia 2. Dia bonito de sol. De manhã cedo tornou a apparecer a agua gelada. Continuámos a ficar ainda aqui esperando por o tal mouro.

Tornámos a almoçar café com leite. Comprou-se mantimento só o sufficiente para a gente, etc. De noite muito frio.

Dia 3. Amanheceu dia bonito de sol. De manhã a agua estava gelada.

Logo pela manhã nos appareceu o mouro Cassimo Camal, vestido de jaqueta e calças e chapéu, que mais parecia ser hollandez, e nos fallámos e cumprimentámos, saudando, etc. Elle logo que acabou os seus primeiros cumprimentos, deu as suas ordens, e logo vieram vaccas, e d'estas matou uma, tirou um bocado de carne que deu para o dono do curral, o resto da carne nos entregou para nós e nossa gente; deu ordem para tributo de mantimento, e logo vieram com mantimento tributado que nos entregou, e nós o mandámos dividir á gente. Elle almoçou comnosco, bebendo chá, e comendo biscoito. Mandou um portador para os hollandezes a dar parte da nossa chegada, e conservou-se comnosco n'este logar até ao sol posto, que foi quando se retirou ao seu aposento.

Nós aqui mandámos fazer, e demos ao nosso guia Bangalasse, uma camisa e uma calça de zuarte.

De noite muito frio.

Dia 4. Amanheceu dia claro e bonito de sol. O mouro Cassimo appareceu á hora que estavamos almoçando, e nos deu logo mantimento para a gente, e nos disse que ámanhã haviamos de partir para diante, de manhã cedo, que era preciso ficar hoje prompto.

Dia 5. Dia de sol claro. Logo depois do sol fóra, ás sete horas da manhã, nos pozemos todos a caminho, na companhia do mouro Cassimo Camal, seguindo nossa marcha; passámos uma pequena povoação, pouco adiante a povoação do landim Bangalasse, porém sem gente, e logo mais adiante a povoação do Regulo Mucia Fera, collocada n'uma montanha ou serra de pedras, grande povoação e de muita gente, por as muitas palhotas que tinha em roda da serra, em differentes ordens, na altura da montanha; aqui tambem havia curraes de gado vaccum, carneiros e cabritos. N'este logar parámos fóra da povoação, e o mouro foi á povoação tributar gente para ajudar os nossos bitongas: estivemos mais tempo porque o Regulo quiz obsequiar, e tinha mandado cozinhar de comer para dar á nossa gente, e o mandou trazer em cousas de barro novo, do feitio de pratos, ou grandes testos de panellas; deu-nos uma cabrita, e mais adiante a mesma gente nos deram um carneiro. Por as oito e meia horas para as nove seguimos a marcha, ao principio encontrámos pedras de nascente, depois caminho soffrivel, e parte bom sem mato, encontrando sempre riachos de agua doce com corrente, e alguns rios mais fortes; encontrámos outras povoações da mesma gente Fera, e n'uma d'estas povoações tambem collocada em serra ou montanha nos deram outro carneiro. Á uma hora da tarde descansámos e almoçámos uma pouca de carne de vacca assada e cozida, que levavamos prompta, junto a uma povoação feita sobre as pedras; a gente da povoação nos trouxe primeiro panellas com agua de beber, e depois nos trouxeram massa cozida de milho trazida na mesma especie de pratos de barro, e posta á figura de broas que come-

mos com a carne, e nos soube bem: acabando de comer e de ter descansado, seguimos o caminho: encontrámos depois outra povoação e seguimos adiante, subimos um outeiro bastante alto e de grande subida: haviam então de ser quatro e meia horas, encontrámos ou avistámos dois cavalleiros bem vestidos, montados em seus cavallos, e logo que nos approximámos a elles, e elles a nós, elles se apeiaram dos cavallos e eu me apeiei da minha maxilla, e nos cumprimentámos de parte a parte, um d'elles era o Sr. João Albazine, europeu portuguez, que nos fallou em portuguez, o outro era um hollandez por nome Andrek Rensburg. Seguindo todos para diante entrámos n'uma povoação que é a praça de João Albazine, onde estava outro hollandez, rapaz de quinze annos, e dois cavallos sellados. Aqui a este logar se chama Pissam Koga, pertence ao Sr. João Albazine, e elle nos veiu ao encontro para nos conduzir.

Elle nos offereceu o montarmos nos cavallos; eu fui montado por um bocado de tempo, e o Alferes tambem foi outro pedaço, etc. D'aqui seguimos adiante, e chegámos a outro logar a que chamam praça de Lifuvo que pertencia a um europeu por nome Augusto, que morreu; aqui se achava uma carruagem de quatro rodas a que chamam carretas, puxadas ou tiradas por dez ou doze bois. Aqui parámos e ficámos era já noite, mataram-se os carneiros; o Sr. Albazine, que a carreta era sua, trazia n'ella pão fresco de trigo, manteiga, café, assucar, tabaco e rapé etc. Toda a noite estivemos sentados a uma fogueira, conversando, comendo carne assada, pão e manteiga, e a beber café. Elle me offereceu rapé, e me encheu a minha caixa, deu tabaco aos soldados e á gente toda: e sendo já tarde, talvez meia noite, tratámos de descansar e dormir; eu e o meu companheiro Alferes fomos dormir dentro da carreta, e elles dormiram ao pé da fogueira.

Dia 6. Pela manhã cedo tomámos café, metteram toda a nossa bagagem na carreta, arranjaram a cama, conforme é costume, na mesma carreta para nós irmos n'ella á nossa vontade, entrámos para dentro, metteram dez bois á carreta; elles (Albazine, o hollandez, o mouro e um preto) montaram a cavallo, o rapaz, e o piloto da carreta, que é inglez, iam na caixa da dita carreta sentados, os de cavallo passaram para diante, e tudo seguiu caminho, indo toda a nossa gente atraz da carreta, bom caminho, limpo e pouco mato; a meia distancia mais ou menos, era uma hora da tarde, parámos ao pé de agua, onde se achava outra carreta em descanso, a qual levava uma familia hollandeza, homem, mulher e filhos que recolhiam á povoação hollandeza de Zontpansberg, por causa da guerra: a nossa carreta parou, soltou-se o gado para descansar, aqui se fez café, comeu-se pão e manteiga, e bebeu-se café. Acabada que foi esta refeição tornaram a metter o gado á carreta, e a outra fez o mesmo, nós entrámos para a carreta, mandou-se marchar a nossa gente toda para diante, menos os soldados que íam atraz da nossa carreta; seguimos, indo os cavallos adiante da carreta, a nossa carreta, os soldados, e atraz a outra carreta onde ía a familia.

Tendo-se andado um pedaço bom de caminho, se avistaram uma grande porção de pessoas a cavallo que nos vinham ao encontro, e logo começaram a dar tiros com as suas armas que traziam, e logo que chegaram junto á carreta, se apeiaram de seus cavallos (tendo nós já então mandado agradecer os tiros por tiros dados por a escolta dos soldados, que deram vinte tiros); nós nos apeiámos da carreta, e nos cumprimentámos dando as mãos, e nos saudámos mostrando elles satisfação da nossa chegada: tudo eram figurões hollandezes, era o Juiz do povo, o segundo Commandante, o Commandante ou chefe do Districto, negociantes inglezes e tudo gente limpa. Depois de um pequeno intervallo, nós entrámos na carreta, elles montaram nos seus cavallos, e seguimos indo elles todos adiante das carretas brincando nos cavallos.

Quasi ao sol posto entrámos na povoação hollandeza de Zoutpansberg, onde fomos recebidos com grande quantidade de tiros de arma dados por os habitantes, tiros de artilheria do forte, muita gente reunida nas ruas por onde nós íamos em transito, e ao pé da casa de João Albazine, onde nos apeiámos, se achava uma grande quantidade de gente, homens e rapazes, que todos nos vieram a cumprimentar dando a mão, e havia tambem muitas senhoras e raparigas, e creançada, entrámos para a casa de João Albazine, onde estava na sala para nos receber sua mulher a Ex.ma D. Gertina Maria Petronella van Rensburg, e outras algumas senhoras hollandezas, que todas nos cumprimentaram, nos mandaram sentar, e logo veiu uma preta da casa, vestida com seu vestido comprido (como andam quasi todas aqui) e nos deu agua ás mãos (costume que ha a quem chega de viagem), fazendo antes e depois sua mesura, offereceram e serviram-nos de café. Começaram logo a entrar homens, e todos dando a mão de saudação e fazendo seu cumprimento em hollandez, que parecia não acabava. Depois fomos para a mesa que já estava posta quando entrámos, comida de carne de vacca, e no fim outra vez café.

O Sr. João Albazine mandou dar mantimento aos soldados e á gente, matou logo uma vacca, e deu carne a toda a gente, deram-nos uma casinha para nos recolhermos, e para lá se mandou conduzir a nossa bagagem; deram outra casinha velha para quartel dos soldados.

Demoramo-nos esta noite na casa do Albazine até passar das dez horas da noite, sempre a responder a differentes perguntas que nos faziam os hollandezes.

Dia 7. De manhã depois de almoçarmos em casa de João Albazine na companhia d'elle e de sua Ex.ma senhora, fomos com o mesmo Albazine a visitar algumas das principaes pessoas e auctoridades do paiz.

Ás duas horas da tarde fizeram adjunto ou reunião geral do povo em casa do Albazine, por chamada ou convite do Juiz do Povo (que se achava com as redeas do governo na ausencia do General) para nos receberem, para o que fomos avisados por o Albazine. Aqui estando nós presente, eu vestido com o meu habito talar (de batina) e o Alferes com o seu uniforme, quinzena que ali tinha levado, banda e espada, apresentámos as nossas nomeações que foram lidas e traduzidas em hollandez por Albazine, e explicado que aquellas nomeações era o que nos servia de passaportes, pois queriam que apresentassemos passaporte; foi então explicado que quem vae em serviço do Governo, a ordem ou nomeação para o serviço em que vae é o que serve de documento, e não precisa de outro passaporte (e tudo isto em que elles porfiavam, era porque, diz, ali é pratica que quem chega no fim de tres dias deve apresentar passaporte, e até oito dar o seu nome ao Chefe do Districto. Foi-lhe explicado que nós eramos a Commissão vinda de Inhambane, mandada por o Governo portuguez. Entreguei o Officio que levava do Sr. Governador de Inhambane para o Presidente da Colonia hollandeza, cujo recebeu o Juiz, que era o que presidia a esta assembléa; e perguntando-me se trazia mais algum documento a entregar, respondi que só trazia as minhas instrucções particulares para tratar com o Chefe da Colonia e Commandante General. O Juiz me disse que no dia seguinte era domingo, e como tal nada se podia fazer (porque esta gente guarda o dia de domingo á risca), e que na segunda feira havia de sair a gente que vae a reunir-se aonde se achava o Commandante General prompto para irem a uma guerra, e que elle lá não tinha quem lhe traduzisse aquella carta, e que assim era necessario que fosse d'aqui já traduzida por Albazine, e por isso era preciso abri-la ali na presença de todos para ser traduzida, se eu dava licença e o meu consentimento, a que eu annui, dizendo que eu a tinha entregue, e que attentas as circumstancias allegadas, era bom ser aberta, e que a podiam abrir. Abriram-n'a, leu-se e traduziu-se em hollandez por Albazine, á vista de todos que ali se achavam, e depois de bem explicado, fallaram entre elles em hollandez, tornaram com perguntas comnosco, sobre caminhos, população de Inhambane, se havia ou não caça, se podiam commerciar, etc., etc., e foram-se retirando.

Eu á noite tive um grande frio que me incommodou bastante, e deu cuidado, por que era mais que uma sesão, com um grande tremor em todo o corpo: bebi uma boa dóse de genebra, e foi preciso que outros me despissem para me deitar, porque o tremor não me dava logar.

Por alta noite repetiu outra vez o frio, e dizem que mais cuidado dei, e o frio era com maior força, e o meu companheiro Alferes se encheu de cuidado, mandou ferver agua, fez chá, e por sua propria mão m'o deu, poisque eu parecia não ter sentidos; depois soceguei, abafaram-me, transpirei a ponto de enxarcar toda a roupa da cama.

Dia 8. Domingo. Fiquei todo o dia recolhido na cama, não tinha vontade de comer e só bebi chá por vezes, de tarde tomei uma chicara de caldo de vacca, o que tudo vinha de casa de João Albazine, por cuidado que devi muito á Ex.ma Sr.a D. Gertina Rensburg. Alguns senhores tiveram a bondade e cuidado de me visitarem n'este dia, e alguns por mais de uma vez, mostrando que devia cuidado, e me offereceram os seus prestimos.

Dia. 9. Achei-me melhor.

Dia 10. Saíu a gente para a guerra.

Dia 22. Domingo. De tarde, pelas cinco horas, entrou na povoação o Commandante General hollandez Schoeman, acompanhado de outra mais gente hollandeza, todos a cavallo; estes deram primeiro tiros fóra, e logo foi cumprimentado com tiros de arma e de peça por a gente que estava na povoação, e continuaram a dar tiros, tanto uns como outros, até o General chegar, e entrar para uma casa onde entrou.

Nós tinhamos mandado uniformisar os soldados, e de calça branca, para cumprimentar o General, e o Sr. Albazine forneceu quinze cartuxos de polvora para darem tres descargas, as quaes se deram na sua entrada.

Dia 23. N'este dia entraram muitas carretas vindas da guerra. Foi hoje que tive noticia, por alem vias, que o Sr. Albazine fizera o favor de dar a cada praça dos soldados um par de sapatos, uma calça azul e uma camisa

branca ; porém elles nada me tinham ainda dito.

Dia 26. N'este dia constou que os Manhambozes (gente do Manecussa) tinham arrasado as povoações dos landins maloios por onde nós passámos, por nos terem deixado passar, estas terras estão sujeitas ao Manecussa.

Esta noticia corria por certa.

Dia 27. Hoje de noite tendo chegado a esta povoação hollandeza alguns hollandezes que tinham ido ás terras do Chicuallaqualla, mandados em diligencia do Governo d'aqui, deram noticia que a gente do Manecussa tinha vindo até á povoação do landim Chivandana, nos Maloios, onde nós passámos, e estivemos dois dias; elles chegaram ali no fim de tres dias depois da nossa saída d'aquella povoação, e que vinham em nossa procura, e nos seguiram por as pisadas pôr espaço de tres dias, sempre perguntando por nós, e nos seguiram até ás terras que pertencem a elles hollandezes, e que então desistiram chegando a passar a povoação do landim Madiacumue, gente de Muchambo.

Estes hollandezes tambem disseram que tiveram noticia de que vinham tres mangas de gente do Manecussa para os encontrar, e que por meio dia de marcha adiantada, elles se tinham escapado nos seus cavallos; e que talvez esta gente vinha para nos encontrar [1].

Conta da nossa commissão.

Dia 30. Hoje fomos convidados por uma carta escripta em hollandez, e assignada por o Commandante General Sr. Schoeman, dirigida a João Albazine, para nos fazer sciente que hoje havia reunião geral, e que nos convidava para irmos áquella reunião ás dez horas da manhã.

Á hora indicada fomos na companhia do mesmo Albazine, e tendo-nos dado cadeiras para nos sentarmos, fomos perguntados em diversas cousas adherentes á Commissão a que ali nos achavamos, e foi mais para dar conta da nossa commissão.

Depois de terem sido lidos em hollandez alguns artigos da sua lei do Paiz, foram lidas todas as cartas da correspondencia, tanto as que vieram a Inhambane, como as que foram de Inhambane; me foi perguntado se tinhamos mais algum documento a apresentar, a que respondi que nada mais tinhamos senão as nossas nomeações e instrucções.

P. Que distancia seria de Chicuallaqualla para o Manecussa?

Respondeu o Alferes Teixeira, treze dias.

P. E do Chicualaqualla para Inhambane?

Respondi-lhe que nós trouxemos até chegar ás terras do Chicualaqualla nove dias de caminho.

P. Que força julgava eu que poderia ir em commissão para Inhambane, e se oito ou dez pessoas seriam bastantes?

Respondi, que visto esta ser a primeira vez que se tentava a passar e a abrir o caminho, e o Manecussa saber da nossa vinda, e que pelas noticias que tem occorrido, que eu julgava deveriam ir em uma força que metta respeito, e que esta força deve ser para cima de cincoenta homens de cavallo: aliás seria talvez arriscar, pois que o Manecussa havia de fazer opposição forte, porque lhe não convem este correspondencia.

P. Se se poderia continuar no caminho depois?

Respondi: Logo que se faça subjugar e metter em respeito o Manecussa, poder-se-ha transitar livremente.

P. Qual o caminho que eu julgava melhor?

R. Que o de Chicualaqualla me parecia o melhor, e indo por as terras do Maziva, Macuacua, etc.

P. Se de Inhambane concorrerão ou coadjuvariam em caso de ser preciso bater o Manecussa?

R. Que todas as vezes que haja um tratado de alliança entre as duas partes contractantes, parece não deve haver duvida alguma, não só para bater o Manecussa, mas outro qualquer insubordinado.

P. Se d'aqui poderiam ir commerciar em Inhambane, e com os navios propriamente, quer fossem nacionaes, quer estrangeiros?

R. Que todas as minhas respostas eram interinas, não as dava com força de firmeza, porque tudo isto eram cousas que pertenciam ao Governo, e por ora não havia contrato feito; mas por o encargo que aqui tinha vindo, respondia e dizia, que o negociarem em Inhambane poderiam ir a negociar, e que toda a vez que no contrato que se fizesse, se assentasse e concordasse em negociar propriamente com os navios, não haveria duvida, e mais logoque ali se estabelecessem, e se sujeitassem a pagar os direitos da Alfandega estabelecidos, me parecia não haver duvida que qualquer pessoa, que ou estabelecida, ou que ainda de passagem se achasse ali em occasião de haver navios no porto, o poder negociar, e commerciar, pagando os direitos de entrada, etc.

P. Se eu já tinha estado no Manecussa?

R. Que eu nunca tinha ido ao Manecussa, mas que o Sr. Alferes já lá tinha ido.

[1] Esta gente de Manecussa soube-se depois que foram ao Chicualaqualla e fizera grande estrago ali.

P. (Então perguntaram ao Sr. Alferes) Se a gente do Manecussa tinha as povoações perto umas das outras, ou se distante; e se a gente d'elle era muita?

R. Que a gente do Manecussa era bastante, e que as povoações eram perto umas das outras.

P. Se eram tudo Vatuas ou de outra gente, e quantos Vatuas seriam?

R. Que gente propriamenta Vatua seriam uns duzentos, o mais eram landins.

P. Em que logar ficava o Manecussa, se para cá do rio Bembe, se para lá do rio, e se elle ficava distante d'este rio?

R. Que elle Manecussa fica por a banda de lá do rio Bembe; e que ficava perto com este rio.

P. Se pelos caminhos que nós trouxemos, os povos sujeitos ao Manecussa tinham as suas povoações perto ou distantes umas das outras?

R. Que nós trouxemos um caminho muito torcido, porque fugiamos das povoações, e que as que encontrámos eram distantes, e as procuravamos ás vezes mais para comprar de comer para a gente; poisque andavamos tres e quatro dias sem encontrar povoação.

Por ultimo me disse o Commandante General que se eu tinha alguma pergunta a fazer-lhe, ou agora n'esta occasião, ou em outra qualquer que me lembrasse de a fazer, a poderia fazer, poisque elle estava prompto a responder-me. Eu agradeci, e lhe disse, por em quanto nada me occorria para perguntar.

Tornou a dizer-me que elle ía a passar a tratar de outros objectos pertencentes ao Paiz, se eu e o meu companheiro nos quizessemos retirar, o podiamos fazer, visto que o que elle ia a tratar levaria muito tempo e demora, e para mim seria só de incommodo.

Tornei a agradecer o seu favor e attenção, e nos retirámos.

De tarde por as quatro horas da tarde, tornaram-nos a chamar a reunião geral, e nos disse o Commandante General, que o povo dizia que o tempo do frio estava a acabar, e que assim era já tarde para emprehender o ir a Inhambane, porque tinham medo das doenças e da mosca venenosa que mata o gado, e que por isso nos propunham duas cousas, que era virmos nós sós, os dois para Lourenço Marques, e que elles nos punham lá á sua custa, ou ficarmos aqui até outra vez chegar o tempo do frio, e que então elles nos acompanhavam para Inhambane, e que desse eu resposta de que escolhia.

Eu respondi primeiro que a isto havia muito a pensar para poder responder, que não era resposta que se desse de repente, e que então até ámanhã daria a resposta.

Porém ficando demorado no mesmo logar algum tempo sentado, porque outros do povo fallavam, me veiu á idéa o propor e dizer o meu pensar, e mesmo para que elles julgassem melhor da minha posição, e do meu incommodo (porque o sangue me subia e fervia). Pedi licença para dizer duas palavras; o Albazine que me conheceu me propoz prudencia). E eu com a devida licença (com toda a prudencia) disse, que nós tinhamos vindo aqui em commissão do Governo de Inhambane, mandados por o Governador, em consequencia dos pedidos do Commandante General, e de cartas de correspondencia dirigidas ao meu Governador; e que o mesmo Governado logoque recebeu esta correspondencia, reuniu seu Adjunto, e nomeou-nos em commissão para virmos aqui sem demora, a tratar com o Governo d'este Paiz, o que logo cumprimos: ora agora, se devia notar que nós já tinhamos feito um grande sacrificio, fazendo toda a diligencia de aqui chegarmos, fazendo, ou andando a fazer rodeios, e a trocar caminhos para alcançar o chegar a salvo, como já fiz ver, e V. S.as todos sabem os riscos que tinhamos por as noticias que aqui têem corrido, e que por isso tinhamos trazido tantos dias de caminho. Que para mim seria um grande sacrificio o ter de ir agora d'aqui para Lourenço Marques, e ter de ficar ali, sabe Deus quanto tempo, e talvez um anno, por já não ser tempo de irmos achar navio que nos conduzisse para Inhambane, e de mais eu não podia, nem devia largar a gente da minha comitiva que me tinha acompanhado até aqui, e que esta gente, era impossivel, ainda mesmo que fosse comigo até Lourenço Marques, o faze-la embarcar para Inhambane porque era muita, ou fazer outro grande sacrificio o ter de ir por terra de Lourenço Marques até Inhambane, e isso tambem seria um impossivel, porque tinha de ir passar por a terra do proprio Manecussa; e se elle nos faz espera por aqui, indo por ali era ir-me entregar ás suas garras.

Que o ficar aqui um anno seria outro grande sacrificio, porque esperar um anno, á espera da estação propria, isto era uma cousa que não podia ser, porque eu e o meu companheiro não tinhamos meios para aqui ficar e passar com decencia, e sustentar a tanta gente; e que a minha commissão tinha sido o vir aqui e d'aqui para Inhambane: e que mais dizia, que nós tinhamos vindo debaixo da condição e da promessa de nos acompanharem para Inhambane, e que nós fiados n'isto fizemos todas as diligencias d'aqui chegar: agora o General desse as providencias que bem julgasse, porque nós agora nos achavamos á sua disposição.

Foi-lhe dito isto tudo; conversaram entre

elles, e eu pedi licença para me retirar, o que me foi concedido, e retiramos-nos.

Dia 31. Reunidos em Conselho e Adjunto decidiram o ir para Inhambane, em uma commissão de tres membros, com a gente que se offerecesse voluntaria a ir (isto segundo se me disse); reunido o povo tomaram os nomes das pessoas que se offereceram, que diz foram vinte e uma pessoas que deram os seus nomes para irem; nomearam a Commissão que havia de ir, os quaes foram Abraham, Juiz do Povo, C. J. Rabi, Notario Publico e Secretario Geral, Pitte Weberes, Official de Guerra; nomearam outra commissão para fazer as Instrucções, e nomearam o Commandante da gente que havia de ir.

AGOSTO.

Dia 1. Á noite reunidos, depois de varios debates e determinações, marcaram o dia terça feira, 7 do corrente, para ser o dia da saída d'aqui.

Porém eu vendo que nada se tratava comigo, e tudo que sabia era por ouvir dizer ao Albazine, e este mesmo o dizia por certa maneira que me fazia desconfiar no pensar, deliberei-me a escrever ao Commandante General, perguntando o dia da minha partida e a maneira como, o qual Officio foi do teor seguinte:

«Commissão de Inhambane.—Ill.mo e Ex.mo Sr.—Tenho a honra de me dirigir a V. Ex.ª como Commandante General d'este Districto, perguntando, se me é licito saber, quando é o dia da minha partida para Inhambane, e qual a maneira da minha conducção para eu saber e me poder governar.

Deus Guarde a V. Ex.ª Zantzumsberg, 4 de Agosto de 1855.—Ill.mo e Ex.mo Sr. Schoeman, Commandante General d'este Districto. =*Padre Joaquim de Santa Rita Montanha*, Vigario de Inhambane e Presidente da Commissão do Governo de Inhambane.»

N'esta mesma data tive a resposta escripta em hollandez, e traduzida em portuguez por João Albazine, cuja traducção é como se segue:

Traducção.—Rev.mo e Ill.mo Sr. Padre Joaquim de Santa Rita Montanha, Padre Vigario da Villa de Inhambane. Presente em Soutpanberg.—Zoutpansberg, 4 de Agosto de 1855.—Tenho a honra de accusar a recepção do Officio que V. R.ma se dignou dirigir-me datado de hoje; e com toda a pena do meu coração, sou obrigado a informar a V. R.ma que fiz todas as diligencias que me eram possiveis para realisar uma expedição de voluntarios ao fim de acompanhar a V. R.ma com toda a segurança d'este logar até Inhambane; e ao mesmo tempo para se entender com o Ill.mo Sr. Governador, e Ill.mos Srs. moradores da mesma Villa, a respeito de um licito e bem calculado arranjamento, conforme o plano do Ill.mo Sr. Piet J. Potgnieter, Commandante General, de quem tenho a honra de ser successor; mas infelizmente não me foi possivel conseguir, e em consequencia da estação propria estar passada, se me torna impossivel a obrigar a minha gente a ir, e cuja responsabilidade não posso tomar sobre mim. Por isso tomo a liberdade de perguntar a V. R.ma, se é do seu agrado o ir em companhia do Ill.mo Sr. Albazine, até aonde o mesmo Sr. podér chegar; e de que terá a bondade de me informar, para eu fazer quanto estiver ao meu alcance, tanto para com V. R.ma, como para com a sua comitiva.

Deus Guarde a V. Rev.ma Tenho a honra de ser de V. Rev.ma obediente creado=Assignado, *S. J. Schoeman*, Commandante General.=Traductor *João Albazine*.

Tornei a officiar ao mesmo General em resposta á sua attenciosa carta official do modo seguinte:

Commissão de Inhambane.—Ill.mo e Ex.mo Sr.—Tenho a honra de accusar a recepção da attenciosa carta de V. Ex.ª, em resposta ao meu Officio datado de hoje, e tenho considerado bem sobre o seu conteudo, e por elle conheço muito bem todos os obstaculos que V. Ex.ª tem encontrado n'este povo; agora sou a dizer a V. Ex.ª que ainda que a força que acompanha o Ill.mo Sr. Albazine seja muita diminuta, porém como o meu desejo é o voltar para Inhambane, me promptifico a ir na companhia do mesmo Sr. Albazine até onde elle podér chegar, e aonde elle for, eu irei; mas ao mesmo tempo digo a V. Ex.ª que se elle no caminho voltar por qualquer motivo, igualmente voltarei na companhia do dito Senhor, pois que não posso arriscar-me a mim, e arriscar a minha comitiva ao perigo de ir caír nas mãos dos cafres de Manecussa, que de certo nos vigiam.

Tenho mais a pedir a V. Ex.ª que visto a minha gente se achar fóra d'aqui na Praça do Sr. Albazine, nos forneça uma carreta a fim de levar a nossa bagagem até áquelle ponto, ou mais adiante se possivel fosse; fico esperando todos os soccorros que estiverem ao alcance de V. Ex.ª

Deus guarde a V. Ex.ª Zoutpansberg, 4 de Agosto de 1855.=Ill.mo e Ex.mo Sr. S. J. Schoeman, Commandante General d'este Districto.=*Padre Joaquim de Santa Rita Montanha*, Vigario de Inhambane, em commissão do Governo de Inhambane.

(Continua.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

DA

VIAGEM DE IDA, ESTADA E VOLTA AOS HOLLANDEZES DA REPUBLICA HOLLANDEZA AFRICANA, EXISTENTE NO INTERIOR DO SERTÃO DA COSTA DA AFRICA; POR O PADRE JOAQUIM DE SANTA RITA MONTANHA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, VIGARIO DA VARA, E PAROCHO DA IGREJA DA VILLA DE INHAMBANE.

(Continuado de pag. 332)

N'este intervallo aproveitei o dia 5 para nos irmos despedir das pessoas com quem nos tinhamos mais dado e de quem tinhamos recebido algum obsequio.

Foi n'esta occasião que alguns senhores nos fizeram conhecer e ver o que andava occulto, e nos disseram que nós só íamos a ter um incommodo debalde, poisque Albazine não nos queria dizer, mas que elle não ía a parte alguma; elle ía só á sua caça de elefantes, com os seus caçadores, e da caça voltava para casa, e que nós íamos ter uma massada sem gosto, etc. Ora isto foi-nos dito por differentes, e em diversas casas, e todos quasi por as mesmas palavras, por conseguinte não caíram no chão estes ditos, e pensei, e pensei bem. Vindo para casa á noite pedi uma conferencia particular ao Albazine, e eu só com elle me abri; contei-lhe o que tinha ouvido, sem dizer a quem, e que me disesse elle o seu pensar, e as suas verdadeiras tenções: então elle se abriu comigo, e me disse o mesmo; que elle não ía a parte alguma mais que á sua caça, e d'ahi voltava; se o não tinha declarado era porque não se queria comprometter com o Governo do paiz; e me dava o conselho de que escrevesse outra carta ao General, dizendo-lhe que me deliberava a ficar aqui até á estação propria, e que eu ficasse, que não me faltaria de comer, etc.

Tomei mais este conselho, e deliberei-me a ficar, não me dando por achado no que tinha ouvido, e esperar a resposta do General sobre o antecedente Officio, e depois escrever.

No dia 6 recebi a resposta do Commandante General, a qual é do teor seguinte, escripta em hollandez e traduzida em portuguez:

Traducção.=Rev.^mo^ e Ill.^mo^ Sr. Joaquim de Santa Rita Montanha, Padre Vigario da Villa de Inhambane, em commissão de S. Ex.ª o Sr. Governador da mesma Villa.

Presente em Zoutpansberg, aos 6 de Agosto 1855.

Rev.^mo^ Sr.—Eu tenho a satisfação de lhe fazer sciente que a carreta com bois e todos os mais pertences, segundo o pedido de V. R.^ma^, se acha prompta para seguir viagem até á praça do Sr. João Albazine ámanhã pela manhã para conduzir o que V. Rev.^ma^ quizer.

Eu tenho a honra de ser, e muito estimarei que Deus seja servido que faça muito boa viagem; e por emquanto tenho a satisfação de assignar-me.—De V. R.^ma^ obediente e venerador C. S.—(assignado) S. J. Schoeman, Commandante General.—Traductor João Albazine.

Respondi á carta acima do modo seguinte: Commissão de Inhambane.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.=Tive a honra de receber a carta official de V. Ex.ª datada de hoje que muito venero e respeito. Sou a responder que muito agradeço o obsequio que nos faz, e sinto de ter dado tanto incommodo a V. Ex.ª em nos pôr á disposição uma carreta segundo o meu pedido; porém não nos utilisaremos d'ella, porque tendo pensado melhor sobre este caso, e conhecendo que a gente que acompanha o Ill.^mo^ Sr. João Albazine é insufficientissima para poder arrojar com qualquer força que possa apresentar-se do Manecussa, e isto seria o querer temeridades, e arriscar-nos a nós e a esta pouca gente; assim me tenho determinado antes o ficar aqui á disposição

de V. Ex.ª até haver opportunidade de poder regressar a Inhambane com segurança.

Eu me tenho igualmente determinado a entregar ao Ill.^mo Sr. Albazine quatro cartas para Inhambane de um mesmo teor, dando parte da nossa estada aqui, para serem enviadas por differentes vias áquella Villa; e ao mesmo tempo peço a V. Ex.ª que todas as occasiões que tiver de poder mandar portador, ou carta por qualquer via, me faça sciente para eu tornar a incluir igual correspondencia.

Mais rogo e espero de V. Ex.ª que visto nos determinarmos a ficar aqui até chegar occasião propria, nos mande dar os soccorros necessarios para podermos passar, e viver decentemente, assim como sustento á minha comitiva, poisque aqui não temos meios alguns de poder viver e poder sustentar a nossa gente da comitiva.

Deus Guarde a V. Ex.ª Soutpansberg, 6 de Agosto de 1855.==Ill.^mo e Ex.^mo Sr. S. J. Schoeman, Commandante General d'este Districto.==*Padre Joaquim de Santa Rita Montanha*, Vigario de Inhambane, em Commissão do Governo de Inhambane.

Dia 6. N'este dia decidiu-se o ficarmos aqui, e nos deliberámos a isso, porque a gente offerecida voluntaria se retirou a pouco e pouco, fugindo á marcha, e os membros da Commissão deram parte de doentes; e nós sós não achavamos prudente o mettermo-nos ao caminho sós, ou ainda na companhia de João Albazine, que quizesse-o fazer, que dizia se achava prompto a saír, mas ao mesmo tempo dizia que não promettia o acompanhar-nos para não faltar: e tambem algumas pessoas prudentes, como negociantes estrangeiros inglezes, e o proprio Albazine nos aconselhavam para aqui ficar [1]. Á noite fomos chamados particularmente, e nos foi dito por o Sr. C. J. Rabi, da parte do Commandante General, e em presença de Albazine, que tudo o que precisassemos de necessario para vestir ou arranjo de necessidade o podiamos tomar na loja de Albazine dando parte ao Sr. Rabi; e que de comer para nós os dois, os Srs. Weberes ficavam encarregados de nos dar o necessario durante a ausencia do Sr. Albazine, e que para a gente, os habitantes cada um concorreria com o que podesse.

Dia 7. João Albazine por as sete horas da manhã saíu para a sua caça; e nós n'este dia só chegámos a comer ao meio dia em casa dos Srs. Weberes, e os dias seguintes comiamos em a casa onde moravamos o que nos davam da casa dos ditos Weberes: alguns senhores dos habitantes foram dando algum mantimento e carne para dar á gente, mas nem sempre vinha, e algumas vezes por dias não havia que lhe dar, e foi necessario comprar; depois foi esfriando, que de todo faltou.

Dos senhores que nos ajudaram eu tive curiosidade de fazer nota, e do que davam, etc.

Devo dizer que o Sr. João Albazine desde que chegámos até saír para a sua caça deu sempre de comer aos soldados e pretos do meu serviço particular, e a nós nos dava a sua propria meza; a mais gente toda comia á nossa custa.

Sou obrigado a dizer que nós tambem não abusámos do offerecimento, antes faziamos toda a economia possivel, e não tomámos senão o que nos foi indispensavel.

Dia 13. Hoje fomos convidados por uma carta do Sr. Albazine para tornarmos a ir comer da sua mesa, a qual é do teor seguinte:

Ill.^mo e Rev.^mo Sr. Padre Joaquim de Santa Rita Montanha.

Zoutpansberg, 13 de Setembro de 1855.

Hontem tive a satisfação de receber um bilhete de V. Rev.^ma em o qual me pedia mantimento, e tambem eu mesmo conheço, isto assim não tem logar nenhum, porisso passo a entender-me com o Sr. General a tal respeito; emquanto a V. Rev.^ma e o Sr. Alferes, se se quizerem utilisar da minha insignificante mesa emquanto aqui estiverem, está ás suas ordens; a respeito de mantimentos já mandei procurar, mas ainda não tive resposta, quando a tiver darei uma solução a V. R.^ma, e para isto tudo devo entender-me com o dito Sr., o que se entende a respeito de mantimentos.

Nada mais se me offerece dizer a V. R.^ma senão mostrar que sou de V. R.^ma attento amigo e venerador e creado (assignado) *João Albazine.*

P.S. É meio dia, o comer está na mesa.

OUTUBRO.

Dia 10. Se reuniu Adjunto Geral de todo o Povo de Dorp de Zoutpansberg, a que nós fomos convidados; o Commandante General, depois de me dar uma satisfação, se despediu do povo e de nós, e me mandou dizer, traduzindo o Albazine em presença de todo o povo; que elle ía a Moirefiere, onde tinha a sua familia, e que havia de voltar aqui em Janeiro que vem, e que eu ficasse descansado, que elle me dava a certeza de que no dia 1.º de Junho de 1856 pretendia e havia de saír d'aqui na nossa companhia, com uma commissão, e uma força de quatrocentos a quinhentos homens para nos acompanhar a Inhambane, indo elle Commandante pessoalmente, se Deus não

[1] Governo de Republica é sem força sufficiente que possa obrigar.

lhe desse algum incommodo, ou alguma outra cousa que o embaraçasse. Desejaria voltar da sua visita que ia fazer, achando-nos de saude perfeita, etc. E despediu-se de todos dando a mão.

N'este intervallo fui convidado para assistir a alguns bailes de casamentos, e então como estrangeiro tive occasião de observar os seus costumes e maneiras nas suas festas. O baile começa logoque os noivos se recebem na mão e presença do Juiz e duas testemunhas a que chamam miratis, e logo n'este acto pagam as custas do auto do casamento: quanto não sei, mas tem paga certa. As perguntas aos noivos contrahentes são as mesmas que se fazem nos nossos casamentos. Chegando a casa começa logo o baile, havendo sempre quem toque rebeca, a que chamam violas; a dansa favorita é o ril, o toque o mesmo; dois ou tres pares dansam; para o homem convidar a madama, é chegando á frente d'ella ou fazendo-lhe uma cortezia com as mãos ambas, e por a maior parte tocando com as mãos nos joelhos da madama, e ella não se póde negar a saír para o meio da sala, seja de que idade for; no fim da dansa o varão dá um beijo na frente das faces á madama; e algumas vezes dansam tambem uma contradansa ingleza, mas muito antiga, e esta é de muitos pares. Na sala da dança entra tudo homens e rapazes, e senhoras de todo o tamanho, e tudo dansa querendo, e os homens no trajo que querem, ainda mesmo em mangas de camisa. Algumas vezes ouvi cantar algumas senhoras suas modinhas acompanhadas por rebeca, e os homens tambem cantam algumas vezes, etc.

1856

O dia 1.° de Janeiro para aquelle povo é o seu dia grande, dia de festa geral, todos se vestem de novo ou com o melhor que têem; andam por as ruas todas com armas, em ranchos, cantando e brincando, quando chegam a alguma porta todos disparam as armas, entram por a casa dentro fazendo muita algazarra, se lhe dão alguma cousa de beber, bem, senão sáem; parecem como gente doida, e isto desde o romper do dia até á noite.

Tambem observei que ali em sendo noite não se ouve bulhas nem gritarias por as ruas, nem mesmo nos chãos das casas, e depois das oito ou nove horas da noite apenas se ouve gritar as Quissumbas, ou ladrar os cães.

É prohibido o darem-se tiros depois de ser noite.

No dia 8 de Janeiro entrou n'este Dorp [1] de Zoutpansberg por as seis horas da tarde o Ex.^{mo} Commandante General Sthopon J. Schoeman, em seu carrinho tirado por quatro cavallos, debaixo do cumprimento do povo e habitantes, com muitos tiros de espingarda, e de peças de artilheria dados no baluarte, os habitantes o esperavam nas ruas. Chegando elle ao logar onde eu estava, o meu companheiro Alferes, João Albazine, e alguns hollandezes, tambem na rua esperando para o ver passar, elle parou e se apeiou do carrinho, e logo se dirigiu a mim cumprimentando, e cumprimentou a todos, perguntou por a minha saude e do Alferes, e disse que muito estimava ter-nos encontrado com saude; esteve um bocadinho, e tornou a entrar no seu carrinho, e logo seguiu seu caminho.

Dia 9. Fomos a cumprimentar o General em sua casa; elle me disse que tinha arranjado tresentas pessoas a mais para irem a Inhambane, até mesmo gente das colonias inglezas, e que todos estão desejosos que este caminho de Inhambane seja aberto, e que todos quando souberam da nossa vinda aqui ficaram mui contentes e satisfeitos, etc.

Dia 14. Por as dez para as onze horas da manhã veiu a nossa casa o Ex.^{mo} Commandante General a despedir-se de nós e a convidar-nos, e mais pediu que lhe fizessemos a honra de ir a Waterberg (caminho de seis dias) a assistir ao seu casamento, e nos pediu que lhe dessemos a nossa palavra de assim o fazermos. Nós aceitámos o convite e lhe promettemos de ir.

De tarde por as duas horas saíu do Dorp para Waterberg o dito General, e na sua saída foi cumprimentado por tiros de artilheria e de fuzil, e algumas pessoas o foram acompanhar até fóra do Dorp, em cujo acompanhamento fomos nós todos os portuguezes que ali estavamos, indo todos a cavallo.

Dia 15. Saímos nós do Dorp por as oito horas da manhã, acompanhados por mais alguns outros, como foi o Juiz, o Doutor Meri, e Jacob de Goa, indo nós com os nossos cavallos, e ía uma carreta para bagagens; no caminho se reuniram outras familias, que faziam o numero de sete carretas, boa sociedade e boa harmonia em todo o caminho: chegámos ali a Waterberg no dia 20, por as nove ou dez horas da manhã, e logo o General nos deu de almoçar. Aqui nos conservámos assistindo á funcção, cuja dansa durou tres dias, começando sempre de tarde, e durando até sol fóra do dia seguinte; para mais de cem pessoas entre homens e senhoras; aqui os homens dansavam com a sua sobrecasaca vestida (boas madamas.)

D'aqui saímos no dia 24 por as duas horas da tarde, e chegámos ao Dorp no dia 29 por

[1] Dorp, significa povoação, cidade ou villa, etc.

as dez horas da manhã vindo todo o caminho a cavallo.

MAIO.

No dia 31 chegou a este Dorp o Commandante General com a sua familia; logoque houve noticia de elle vir, foram umas poucas de pessoas hollandezas, inglezes, russos, e nós os portuguezes, a busca-lo ao caminho fóra do Dorp, indo todos a cavallo, e quando houve o encontro com as suas carretas foi saudado, e cumprimentado por tiros de espingarda dados por os que íam ao encontro, a que elle correspondeu com tiros de espingarda, das carretas, e com um tiro de peça de uma que elle trazia; ali se apeiaram todos, e saudaram-se; depois foi acompanhado por todos ao Dorp, vindo elle então tambem a cavallo, e a familia nas carretas, ao todo seis carretas, e os do acompanhamento vinham dando tiros até chegar ao Dorp, onde foi recebido por todos os habitantes dando tiros de arma e tiros de artilheria; os homens e rapazes se achavam formados em linha de caçadores, onde deram tres descargas de fuzil bem dadas, que pareciam dadas por tropa, descargas de alegria; depois o acompanharam em debandada até á porta da casa onde ía habitar, e aqui se achavam duas peças dando fogo, e continuaram os tiros desde o meio dia que foi a sua entrada, até ás duas horas da tarde, em grande alegria e satisfação.

Nos dias seguintes á sua entrada houveram differentes reuniões do povo na casa de audiencia (a que chamam cantar), para tratar da ida para Inhambane. Todos os dias entrava nova gente de fóra com destino para Inhambane. Porém tambem todos os dias appareciam novidades de opposição a esta ida para Inhambane; uns vinham com a novidade dizendo, que o Manecussa não tinha querido receber a embaixada que d'aqui lhe fôra, e que não recebêra o signal que se lhe mandára; outros que elle tinha tirado as suas guerras para os caminhos a esperar a gente que d'aqui fosse para Inhambane; outros que as aguas d'este lado todas estavam envenenadas; outros que para esse lado não havia caça alguma no caminho; outros que em Inhambane a gente morria como as gralhas andam no ar; outros que haviam dez dias de caminho com a mosca venenosa, que mata o gado e cavallos etc., e outras muitas cousas similhantes.

JUNHO.

A 16 chegou a desejada embaixada do Manecussa por quem se esperava ha tanto tempo, e fazia o motivo de apparecer tantas duvidas; e por ella se esperava para se decidir a ida a Inhambane.

Ouvida que foi, a qual dizia que o Manecussa estava por tudo quanto os hollandezes lhe tinham mandado propor, menos não aceitava o irem caminho de Inhambane, porque sabia que os portuguezes de Inhambane tinham vindo aqui a pedir guerra contra elle Manecussa, que a gente de Inhambane era má gente e sua inimiga; que em 1836 (fallavam em epocas) quando elle queria ir para o Norte, os portuguezes de Inhambane lhe fizeram a guerra, e lhe mataram a sua gente, e apontaram outras varias epocas e occasiões em que os de Inhambane os tinham batido e matado a sua gente; e que agora queriam dar cabo d'elle procurando a guerra para aqui: se os hollandezes queriam aquellas terras, elle Manecussa estava prompto a larga-las, e iria procurar outro logar para se estabelecer, e que elle estava prompto a pagar tributo a elles hollandezes, se elles assim o queriam, etc.

O Commandante General lhe fez ver e conhecer que a gente de Inhambane não tinha vindo a pedir guerra, mas sim a tratar e fazer amisade com elles hollandezes, e lhe fez conhecer que assim como o Manecussa precisava da beiramar para ter as missangas e fazendas para vestir as suas mulheres, assim elles hollandezes precisavam da beiramar para terem o que precisam para comer e vestir, como o panno, as chitas, as sedas etc. (apontando para o seu proprio vestuario) e que elle queria ir para Inhambane, e havia de ir.

O Secretario da parte do Manecussa disse que sim, a gente de Inhambane podia ir, e querendo ir alguem d'aqui na companhia d'esta gente, fossem; mas não fossem senão de duas até cinco pessoas, e não muita gente, porque o Manecussa tinha tirado as suas guerras para fóra, e podiam encontrar-se com a gente d'aqui em força, e julgando ser guerra podiam matar a gente branca, e depois haviam de dizer que tinha sido o Manecussa.

O General continuou nas suas tenções, e arranjou engajar gente voluntaria para ir a Inhambane, fazendo-lhe e offerecendo-lhe muitas vantagens. Tomaram os nomes dos voluntarios offerecidos, que foram trinta e tantos. Nomearam uma commissão, para que foram nomeados Abraham de Vinary, Juiz do Povo, Christiano J. Rabi, Notario Publico, e Secretario Geral, e J. Albazine, e um Supplente Lucas de tal: nomearam Commandante da expedição ao mesmo Abraham.

Eu tomei a deliberação de officiar ao Commandante General, perguntando o dia da nossa saida, o qual Officio foi da maneira seguinte:

Commissão de Inhambane. — N.º 6.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — Tendo V. Ex.ª promettido-nos que no dia 1.º do corrente mez sairiamos para Inhambane, e achando-se o tempo adiantado, e estando nós aqui á disposição de V. Ex.ª (se me é permittido saber) pergunto a V. Ex.ª quando é o dia determinado para a nossa saída para Inhambane, a fim de me preparar para tal partida e viagem; de que espero resposta, e as ordens de V. Ex.ª

Deus Guarde a V. Ex.ª Zoutpansberg, 20 de Junho de 1856. = Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Stophan J. Schoeman, Commandante General de Zoutpansberg. = *Padre Joaquim de Santa Rita Montanha*, Vigario de Inhambane, Commissario do Governo portuguez de Inhambane. = Antonio de Sousa Teixeira, Alferes em Commissão de Inhambane.

Tivemos resposta em hollandez na data de 21, em que nos dizia que no dia segunda feira 23 do corrente, pela manhã, havia de ser a partida para Inhambane, na companhia de uma Commissão; e assignada por elle Schoeman, General.

Não copio a resposta do General por ser escripta em hollandez.

Promptificámo-nos para a saída no dia 23.

SAÍDA PARA INHAMBANE.

Derrota feita na saída de Zoutpansberg, povoação e capital de uma das Colonias dos Africanos hollandezes, para a Villa de Inhambane, a 23 de Junho de 1856.

JUNHO.

Dia 23. Por as oito horas da manhã saimos do Dorp de Zoutpansberg cumprimentados ou saudados por tiros de artilheria e de espingardas, dados por os habitantes, na companhia de uma Commissão hollandeza composta de Abraham de Vinary, Juiz do Povo, e com o Commandante da expedição que marcha para Inhambane, Christiano J. Rabi, Notario Publico, e Secretario Geral, e João Albazine, negociante e proprietario portuguez; e um fulano Lucas supplente, e trinta pessoas da expedição voluntarios: vindo o Commandante General e outras pessoas por acompanhar fóra do Dorp; todos a cavallo, alguns a pé, ao todo seriam cincoenta cavallos, porque vinham alguns pretos a cavallo, por acompanharem seus amos, e cinco carretas; em certa distancia se despediu o Commandante General, e as pessoas que com elle vinham, o General fez as suas recommendações em geral, e a cada um em particular, despedindo-se de todos, e n'esta occasião se descansou soltando-se o gado, eram dez horas da manhã. Uma carreta que por ganhar dez *riqdols* vinha carregada de marfim pertencente ao Casimiro Simões, natural de Goa, estabelecido em Leydeburg, para o largar em Pissam Kop, ou no Macia, porém a carreta vinha por conta de muitos, e então a companha dos bois era de differentes donos, os bois não se ligavam e trazia só oito bois, quando as outras levavam dez, e a do Sr. Rabi doze; ficou atrazada e tinha encalhado na passagem de um rio: seria meio dia quando chegou ao logar onde estavamos em descanso, mas estes que já estavam descansados quando esta chegava, queriam metter o seu gado ás carretas, e então aqui houve grande questão entre elles, porque arguiam os d'esta carreta, que por querer ganhar uma bagatella, queria quebrar a carreta, estragar o gado, e demorar aos mais, etc. Por motivo d'esta bulha tres individuos se retiraram para o Dorp. Á uma hora da tarde seguimos caminho, sendo os que seguiam, fóra nós e a nossa comitiva, trinta e uma pessoas de cavallo e a pé, as cinco carretas de bagagens, e cousa de cincoenta cavallos.

Todos estes tinham dado os seus nomes para irem voluntarios a Inhambane. Ao sol posto chegámos á chamada praça Lifuvo de Augusto, e aqui acampámos e se dormiu, nós ao sereno.

Dia 24. Logo pela manhã primeiro correu a noticia de que a embaixada do Manecussa (que ainda se achava ali perto na praça de João Albazine) queria fallar a esta gente, portanto esperou-se [1]. Veiu aqui o Secretario embaixador do Manecussa, com outros, e propoz que toda esta gente não devia ir para Inhambane, e querendo ir, fossem só de duas até cinco pessoas, e uma carreta só; e reunidos todos os da expedição hollandeza, e ouvindo o dito Secretario que fallou o mesmo, e que o Manecussa não queria que esta gente fosse para Inhambane, e que elle tinha a sua gente fóra por os caminhos, que podiam ter algum encontro, etc.

Perguntaram quaes então deviam ir, e á vista d'elles nomearam os nomes dos que haviam de ir, e lhe perguntaram se os conhecia, elle respondeu que sim os conhecia bem. Aqui deitou-se de fóra o João Albazine; os da expedição hollandeza assim assentaram em irem só os cinco nomeados, que foram A. de Vinary, como Commandante e Presidente da Commissão, C. J. Rabi, e G. Marenito, que se offereceu, um inglez por nome James, ou

[1] Julgo ter sido manobra, e arranjo feito por alguem que aqui mesmo se achava, e que lhe convinha atrapalhar e desarranjar a marcha, etc. (J. A.)

Anci Waldeck, e um russo por nome Jannes Werbes etc., os quaes tambem se offereceram para irem.

Ora deitando-se de fóra o Albazine, todos os mais recuaram, porque, diziam, sem elle nada faziam, e como elle diz ter pratica com os cafres, indo elle, iriam todos, porque se fiavam n'elle, e mesmo por elle ser o mais influente.

Elle se deitou de fóra de tudo para poder fazer o que bem queria, e pensava no seu entendimento, etc.

Ás duas horas da tarde nos pozemos todos os mesmos da expedição em marcha, passámos um rio, subimos um oiteiro, e passámos outro rio, subimos outro oiteiro, e acampámos no campo, logar de machambas.

Porém já aqui houveram differenças e divisões, porque hontem acampámos todos juntos, e hoje uns acamparam a uma banda, e outros a outra. Era sol posto.

Aqui o Sr. Rabi nos convidou para comermos juntos no seu rancho, e dormirmos na sua tenda, e deu-nos satisfação de hontem o não ter feito por julgar que o Albazine o tivesse feito.

Nós mandámos procurar algum mantimento para a gente com missanga.

Dia 25. Depois do sol fóra seguimos caminho, subindo e descendo oiteiros, passámos as terras de Machâu, e ás dez horas acampámos, soltaram o gado e almoçou-se. Ao meio dia seguimos caminho, e ao sol posto acampámos no campo para dormir.

Dia 26. Depois do sol fóra, seguimos caminho, maus caminhos. Terras de Macia ás onze horas da manhã, acampámos n'umas machambas. Aqui ficámos toda a tarde e pernoitámos; por duvidas que se solicitam a esta gente hollandezes. Estas duvidas são postas ou inventadas (para não dizer mais) segundo bem julgo por João Albazine com certo fim.

Dia 27. Ainda estivemos parados todo o dia por os mesmos motivos de duvidas, e por quererem negros, e não os encontrarem, e os Capitães das povoações dizerem que não têem gente (historias e pantomimas arranjadas por quem as sabe arranjar) [1].

Hontem e hoje tornámos a comprar mantimentos com missanga, e este caro.

Dia 28. Depois de sol fóra nos pozemos a caminho, indo só quatro carretas, porque aqui já ficou uma carreta pertencente a João Albazine, e uma parte da gente da expedição. Caminho de mato aberto; ás dez horas descansámos ao pé de um rio que tinhamos passado. Ao meio dia á hora de metter o gado ás carretas se despediu o Sr. João Albazine, e outra gente toda. Portanto tive de tirar o meu bahú da carreta de Albazine, e outra bagagem da outra carreta, que agora aqui ficavam duas carretas, e pedi para metter nas duas que ainda seguiam. O Albazine na despedida nos disse que aquelles mesmos não íam senão até Chicundo, e que ali nos largavam.

Seguimos, indo só duas carretas, e uns doze ou treze cavallos contando com os nossos, e umas oito ou nove pessoas. Ás tres horas da tarde parámos e acampou-se para pernoitar.

N.B. Esta marcha para mim é muito triste e aborrecida, porque não se vê senão desmanchos desde o seu principio; logo no primeiro dia desordem e questões entre elles hollandezes, por cuja causa tres se retiraram, ou ao menos a isso se pegaram, no segundo dia dando novamente ouvidos aos negros e gente de Manecussa; depois novas duvidas appareceram, ora falta de negros, ora mosca venenosa, outros com medos do Manecussa, e assim cada dia lhe apparece uma cousa nova para os inhibir de seguir a marcha. Hoje o proprio encarregado da Commissão e Commandante da expedição, que é o que leva mais medos, cheio d'estes medos e duvidas diz que não vae senão ao rio Bembe (crocodillos fière) ou rio do oiro, e influe os mais a não seguirem.

Quando elle nos deu a sua palavra tantissimas vezes que ninguem iria comnosco, mas que elle só nos acompanharia no seu cavallo, e deveria não só como mais velho, mas como o encarregado d'esta expedição toda, e ser em quem o General se confiou, devia influir aos mais a seguirem adiante.

Dia 29. Domingo. Chovisco. Ás dez horas da manhã nos pozemos a caminho, os cinco, nós, e mais tres que vinham com as carretas, e duas carretas: maus caminhos, subiu-se uma serra e passou-se um rio de má passagem; ás tres horas da tarde fizemos alto, e acampámos para ficar e dormir.

Dia 30. Chovisco. Ás sete horas da manhã para as oito seguimos, soffrivel caminho, alguma pedra; ao meio dia parámos para descansar. Á uma hora da tarde seguimos subindo e descendo outeiros, passámos ao pé de um grande rio, a que chamam rio Lifuvo, que vem do rio que fica na praça Lifuvo, passámos por uma pequena povoação de macatissas, e fomos acampar no campo quasi á noite.

Aqui se mandou procurar, e comprar mantimento para a gente com missanga.

JULHO.

Dia 1. Dia bonito. Depois dia encoberto. Logo pela manhã cedo seguimos, e andou-se

[1] Me parece que todos ali podiam suppor quem era o auctor d'estes desarranjos, porque era bem calvo e claro o que se fazia.

todo o dia, e só ao meio se descansou pouco para se comer, e quasi á noite acampámos no campo. Terras de Chicundo.

Dia 2. Ás sete e meia horas da manhã seguimos caminho, e andando cousa de uma hora, mais ou menos, parámos perto de uma povoação de Landins de Chicundo, e ao pé de uma serra. Soltaram o gado, e mandaram chamar a gente do Chicundo.

Aqui se tirou uma peça de zuarte para comprar mantimento, pois que até aqui se tem gasto missanga que comprei na povoação hollandeza de Zoutpansberg. Gastou-se meia peça. Os da Commissão hollandeza ouviram as fallas dos negros de Chicundo, e novas duvidas se lhe suscitaram, fallaram e questionaram entre elles, e por ultimo desfez-se a tal Commissão que nos acompanhava, um cheio de medos e duvidas, que era o proprio Presidente da Commissão, dizendo que podia perder o seu cavallo na mosca, aindaque o J. Werbes, russo, lhe offerecia um dos seus cavallos no caso de lhe morrer o cavallo, assim mesmo não aceitou o seguir, dizendo depois que elle tinha familia, mulher e filhos, que não os podia largar (devo notar, os filhos são todos casados e estabelecidos, e com filhos); outro que era o Rabi, por doente, e este na realidade estava bastante doente, o Valdek disse pois tambem não ia, assim os mais, á excepção do M.^e Marenites, e J. Werbes, russo, que porfiaram na ida até Inhambane, e diziam que elles tinham saido com destino para ir a Inhambane, haviam de acompanhar-nos, acontecesse o que acontecesse.

Eu me mostrei aqui para os que desistiram bem agoniado e escandalisado, dizendo-lhe que aquillo não eram modos de tratar com gente, que não era nenhum negro ou cão, que se atira assim no meio dos matos sem mais modo, etc., que elles me tinham enganado, e me tiveram enganado, fazendo-me demorar um anno para mais, com promessas de me acompanharem para Inhambane, e que agora me atiravam no mato como quasi em desprezo; perguntei ao Sr. Presidente se elle no Dorp não sabia já que no caminho havia mosca e outras cousas de que agora tinha tantos medos, que isto era vergonha, e que eu mesmo me envergonhava de tal acontecimento; e que esta acção que elles acabavam de praticar, era para dar mais azas aos inglezes para critica, e que as folhas contariam, porque no Dorp se achavam bastantes testemunhas, etc. Só me deram desculpas frivolas, e que de nada serviam, a fazer-me a bôca doce.

O Jannes russo chegou a dizer-lhe que elle iria a pé, e tomasse os seus cavallos para ir, e largasse o seu, mandando-o para o Dorp. Porem a nada se moveu... Os dois Srs. Marenites e Werbes, e nós, tratámos de nos preparar para seguir adiante; tive eu de mexer novamente com a minha bagagem para a dividir por a gente, isto é da que vinha nas carretas.

Aqui pernoitámos.

Dia 3. Bastante vento, e fresco. Estivemos á espera de gente do Chicundo, dois Landins a quem já hontem se lhe tinha dado a outra meia peça de zuarte, para servirem de guias até á povoação do Chicualaqualla, e de gente para carregar a bagagem dos dois senhores.

Ás duas horas da tarde tivemos a gente, e nos pozemos a caminho na companhia dos dois senhores.

Devo dizer que me lembrou participar ao Commandante General hollandez este caso, e o fiz por escripto, o qual foi como se segue.

Commissão portugueza de Inhambane. — N.° 7. — Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — Participo a V. Ex.^a que temos sido acompanhados por os senhores que compunham a Commissão hollandeza africana para Inhambane, e tendo chegado ao Chicumdo se despediram de nós: o Sr. Rabi por estar doente, o que nós sabemos que na verdade está. Nós havemos de seguir para diante acompanhados por o M.^e Marenite, e Jannes, russo, e não sabemos se poderemos chegar a Inhambane a salvamento, ou se seremos obrigados a voltar a Zoutpansberg para V. Ex.^a dar outras providencias, mas se Deus permittir, havemos de passar a salvo. Nada mais por em quanto temos a dizer a V. Ex.^a, porque saberá a fundo tudo o que tem occorrido.

Deus Guarde a V. Ex.^a Terras de Chicundo, 2 de Julho de 1856. = Ill.^mo e Ex.^mo Sr. S. J. Schoeman, Commandante General de Zoutpansberg. = *Padre Joaquim de Santa Rita Montanha*, Vigario de Inhambane, Presidente da Commissão portugueza de Inhambane. = *Antonio de Sousa Teixeira*, Alferes ás Ordens em Commissão de Inhambane.

Este Officio fechado, lacrado e subscriptado o entreguei ao Sr. Rabi. O Juiz e Presidente da Commissão hollandeza me entregou dois Officios fechados, lacrados e subscriptados para o Governador de Inhambane, sendo um do Commandante General hollandez, e outro da Commissão hollandeza, para eu os entregar ao Governador de Inhambane.

O Sr. Rabi na despedida nos offereceu uma vacca viva, o que eu não queria aceitar por nos ir causar incommodo, e não ser possivel leva-la só, nos deu um sacco de biscouto, e outras cousas bagatellas, etc. Seguimos caminho de mato: porém andámos pouco porque não foi possivel trazer a vacca, que por fim

fugiu mettendo-se por mato, e por ser já tarde ficámos acampados n'um mato do mesmo Chicundo, onde armámos a nossa barraca.

Dia 3. Dia bom. Ás sete horas da manhã nos pozemos a caminho, bom caminho, passámos por uma povoação de Landins onde nos deram um cabrito, e um bocado de milho; ás onze e meia horas descansámos no campo para comer alguma cousa. Á uma hora da tarde seguimos; o Jannes Werbes matou uma peça de caça grossa por nome Colhú; ás quatro horas da tarde acampámos no mato ao pé de uma povoação de Landins do Regulo Minga.

Dia 5. Bom dia. Ao nascer do sol seguimos caminho, subimos e descemos uma serra de mau caminho, e muita pedra, passámos por umas machambas, e ás dez horas do dia acampámos no meio de machambas para se comer, e perto de uma povoação de Landins de Quamminga. Aqui se gastou uma peça de zuarte para mantimentos.

Aqui cobrimos os cavallos, por dizerem os guias que para diante haviamos de encontrar a mosca venenosa; á meia hora depois do meio dia seguimos, caminho de mato, e entre pedras, e não se encontrou tal mosca em todo o caminho, ao sol posto quasi encontrámos agua nas pedras, em depositos á especie de tanques redondos, e aqui acampámos para pernoitar.

No descanso da manhã fugiram alguns pretos dos que tinha dado o Chicundo para carregar as bagagens dos dois senhores que nos acompanhavam.

Dia 6. Amanheceu dia encoberto, chuviscos. Pozemo-nos a caminho, e n'esta hora se soube que tinham fugido de noite o resto dos Landins do Chicundo que carregavam a bagagem dos ditos senhores: tivemos de repartir a bagagem por os nossos carregadores. Marchámos por entre mato, e serras de pedra e mau caminho, subimos uma serra onde encontrámos agua no cimo da serra em poços nas pedras, parámos e almoçámos. Seguimos caminho de mato com bastante chuva, descemos a serra, andando sempre debaixo de chuva forte; tivemos de parar n'uma aberta que fez a chuva no mato para se fazer fogo a fim de aquecer a gente; havia de ser uma hora da tarde, porque hoje andavamos sem ver o sol, e portanto não sabiamos horas certas. Ás duas horas da tarde seguimos, caminho de mato, e fomos encontrar uma povoação onde não havia gente alguma; aqui ficámos, e nos utilisámos das palhotas, por ser quasi sol posto, pernoitámos.

Dia 7. O dia coberto. Depois de sol fóra (por supposição) pozemo-nos a caminho, mato, subimos uma grande serra de pedra, e mau caminho, descemos mato, subimos outra serra de pedra e mau caminho, descansámos no cimo da serra, eram onze e meia horas do dia, havia sol. Á uma hora, seguimos, mato, descemos a serra, e passámos ás terras de Mandalilla, encontrámos machambas, e povoações de pretos, e chegámos á povoação do Regulo Mandalilla, haviam de ser duas horas da tarde; aqui parámos, soltámos os cavallos, e comprou-se mantimento para a gente, e ficámos a tarde e a noite; já se sabe fóra das palhotas.

Dia 8. Bom dia. Ao nascer do sol seguimos caminho, mato, porém bom caminho, encontrámos umas machambas e povoações, passámos adiante para achar agua, a qual só a encontrámos ás onze horas do dia, n'uma lagoa, porém era mais lodo que agua, a gente vinha cheia de sede, e se atrazaram, e só chegaram os ultimos a meia hora antes do meio dia; aqui parámos para descansar e comer. Ao meio dia e meia hora seguimos o mesmo caminho de mato, encontrámos uma povoação de Landins, seguimos adiante, ás quatro horas da tarde atravessámos o rio Bembe (rio do oiro) com bastante agua e em dois logares, ou canaes e bastante corrente, encontrámos logo uma povoação de Landins, passámos adiante, e fomos acampar no campo, eram quatro e meia horas, e aqui pernoitámos.

Dia 9. Amanheceu bom dia, mas muito frio. Hontem de tarde (dizem) entrámos nas terras do Chicualacuala. Depois de nascer o sol seguimos, bom caminho, logo encontrámos povoações de gente, Landins do Chicualacualla, seguindo caminho todo de mato e espinho, muito espinho, passámos atravessando o rio Meneze, era meio dia, e fomos descansar no mato perto do rio. Á uma e tres quartos de hora da tarde, digo melhor, á uma hora da tarde, seguimos, e á uma e tres quartos chegámos á povoação do Regulo Chicualacualla, e aqui parámos; e aqui tinhamos de largar os guias que traziamos do Chicundo, e tomar outros aqui. Fallámos ao Regulo, então soltámos os cavallos, pedimos ao Regulo para nos dar guias para nos mostrar o caminho para diante.

Aqui se gastou uma peça de zuarte para mantimento para a gente.

Deu-se ao Regulo uma peça de palló e outros presentes, como uma lata de rapé inglez, uma navalha de algibeira, uma corrente de aço, uma boceta de folha para tabaco, e outras miudezas nossas particulares, todas estas cousas, dando cada um de nós a sua, etc. tudo para lhe agradar, e elle attender ao nosso pedido.

(Continua.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

DA

VIAGEM DE IDA, ESTADA E VOLTA AOS HOLLANDEZES DA REPUBLICA HOLLANDEZA AFRICANA, EXISTENTE NO INTERIOR DO SERTÃO DA COSTA D'AFRICA; POR O PADRE JOAQUIM DE SANTA RITA MONTANHA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, VIGARIO DA VARA, E PAROCHO DA IGREJA DA VILLA DE INHAMBANE.

(Continuado de pag. 340.)

Aqui pernoitámos fóra da povoação debaixo de uma grande arvore.

Dia 10. Dia claro, muito vento S. e forte. Tivemos de ficar aqui todo o dia á espera da gente que o Regulo nos prometteu dar para nos acompanhar, e mostrar o caminho até Inhambane, indo por o Mocuamba acima.

Tive aqui logar de escrever uma carta para João Albazine, contando-lhe da nossa viagem, e chegada ali: e os dois senhores nossos companheiros escreveram para as suas familias, e pessoas de sua amisade. Eu tambem tive logar e tempo de passeiar por aqui, e vi a grande arvore da Sinagoga, chamada da ceremonia, ou da muinha, onde os Landins adoram os seus antepassados, e debaixo d'esta arvore havia alguns dentes de marfim, perto d'esta arvore havia outras iguaes arvores, e perto estava uma palhota velha, e fóra uma porção de marfim de todos os tamanhos, e algumas pontas grossas de marfim grande, logar onde está enterrado o pae do Chicualacualla, o Regulo velho, e junto uma panella meia enterrada cheia de agua: em outro logar com um pequeno cerco estava outra ponta pequena de marfim miudo, logar onde está um filho do Regulo.

De tarde quasi ao sol posto, á hora que nós estavamos jantando, nos apresentou o Regulo duas pessoas, dizendo que aquelles eram os que nos haviam de acompanhar até Inhambane, e pedia que era preciso darmos-lhe alguma cousa, para fazer-lhes ver que íam comnosco (pagamento adiante). Nós lhe démos dois capotins, um para cada um; e tornámos a ter de ficar aqui esta noite.

Dia 11. Menos vento, dia fresco e frio. Ao nascer do sol nos pozemos a caminho, caminho de mato, e em alguns logares mato fechado; subimos uma serra de pedra, mas bom caminho de andar. Á uma e meia hora da tarde parámos ao pé de uma povoação de gente do Chicualacualla, fóra no mato para descansar, porém a agua achava-se um pouco distante. Ás duas e meia da tarde seguimos, mato aberto, e bom caminho; encontrámos agua em lagôas por tres vezes, e fomos pernoitar no mato ao sol posto.

Dia 12. Ao romper do dia levantámos do acampamento, e seguimos, caminho sempre de mato, encontrámos differentes lagoas de agua. O dia de sol coberto. Em todo este caminho desde o Chicualacualla sempre se tem visto e encontrado signaes de haver por aqui muitos elefantes, e em alguns logares signaes de bufalos e outra caça. Ao meio dia mais ou menos fomos dar a uma povoação onde havia só duas ou tres palhotas; pedi mantimento para comprar, disseram os da povoação que nada tinham, e estavam cozinhando abobora, e bem indicavam padecerem fome por a magreza em que se achavam os habitantes todos. Ás duas horas da tarde seguimos, bom caminho, mato aberto, ao sol posto encontrámos uma povoação, onde pernoitámos fóra da povoação, tendo encontrado sempre agua em todo o caminho em lagôas: n'esta povoação se compraram dois capotins de mantimento para a gente.

Dia 13. Domingo. Antes de nascer o sol seguimos, caminho de mato, e encontrando lagôas com agua, bastantes signaes de elefantes, como rastos e bosta fresca, atravessámos um rio que estava secco; todo o cami-

nho mato aberto e mato ráso, e alguns bocados mais fechados; ao meio dia parámos para se comer alguma cousa. Ás duas horas da tarde seguimos, caminho de mato, encontrámos uma povoação de Landins do Chicualacualla, e aqui parámos para ver se se podia comprar algum mantimento para a gente, para o qual se gastou uma peça de zuarte, e logo se repartiu. E por se estar á espera que trouxessem o mantimento, que o guardam fóra nas machambas, tivemos de aqui ficar até á noite, e então pernoitámos fóra das palhotas.

Dia 14. Dia claro. Depois do sol fóra pozemo-nos a caminho, mato e mau caminho, por o muito mato fechado e espinhos, encontrámos agua por tres vezes, toda má agua de lodo, viam-se signaes de elefantes; ás dez horas descansámos ao pé de agua, aindaque ruim; e ás onze e meia horas seguimos, muito máu caminho de mato fechado: ao sol posto acampámos no mato.

Uma egua que eu trazia de quatro annos, adoeceu já ha dois dias, da doença a que nos hollandezes chamam *longo sique*, é uma doença intestinal, que fica todo o interior podre inteiramente por causa de grande inflammação que se lhe fórma, e só se conhece quando lhe ataca a cabeça crescendo a parte por cima dos olhos que lhe incha, e em tres dias o muito decide, alguns escapam com remedios que lhe applicam camphorados, e sangrando, porém são poucos: esta, por ella andar muito de vagar e á mão para não chegar a agua que é preciso evitar, se não decide mais depressa, nos demoravamos mais por ficar á espera que ella viesse, e na ultima tirada que no dia de hoje fizemos ella ficou caída no mato, e quando já estavamos acampados, vieram os pretos que com ella vinham, dar parte que a egua se tinha deitado, e a não podiam levantar; mandei os meus pretos todos para ver se a podiam levantar e traze-la de vagar ao logar onde estavamos acampados, voltaram dizendo que já a acharam morta. Tive pena, mas paciencia; foi mais uma ajuda de custo.

Dia 15. Dia claro de sol. Depois de nascer o sol seguimos, caminho de mato, encontrámos um rio secco, e pouco adiante logo chegámos ás povoações da gente de Quamba-assimba, seriam oito horas da manhã, e logo passando por machambas chegámos ao logar do Regulo, onde havia uma só palhota, e aqui é aonde o Regulo recebe os hospedes, e gente de fóra; tem algumas arvores de sombra, e aqui parámos, e dissemos que queriamos encontrar com o Regulo, nos fizeram esperar, e foram levar recado onde elle estava. Aqui ouvi que elle perguntava que qualidade de gente eramos nós, poisque ha poucos dias ali tinham passado á caça de elefantes, um hollandez por nome Pitt Prée, que tinha maltratado a gente, não tinha feito caso d'elle Regulo, e tinha roubado o mantimento das machambas, e que fizera outras cousas tudo de mau agrado, e que isto mandava dizer o Regulo, e por isso elle Regulo duvidava de nos vir encontrar. Mas como elle se demorava nós queriamos agoa, e saber onde havia para mandar a gente buscar, e levar os cavallos a beber, mas nenhum Landim se atrevia a dizer nada, só corria gente de todos os lados, e se vinham assentar; o meu companheiro o Alferes Teixeira que entende bem as linguas cafreaes lhe mandou um recado em boa maneira, e dizendo quem eramos, para onde íamos, donde vinhamos, etc. e o que queriamos. Este recado lhe agradou, e mandou dizer que vinha, e mandou mostrar a agua, nos deram esteiras para nos sentarmos, e estar á vontade, e disse o Secretario que trouxe a resposta, que elle tinha gostado d'aquella bôca como se fallou, que já conhecia que era outra gente, etc.

Já depois do meio dia veiu o Regulo, e nos cumprimentou, dando os bons dias em hollandez, e dando a mão a todos, e logo nos presenteou com uma panella de pombe de maputo, e um bocado de mantimento, e se sentou ao pé de nós a conversar; contou o que tinha acontecido com o hollandez Pitt Prée, mostrando-se bastante escandalisado; nos disse que bem via e conhecia que nós eramos outra gente, que as nossas palavras lhe agradavam, disse-nos que podiamos estar á vontade, que mantimento não faltava, que haviamos de ter tudo o que quizessemos, que elle ali era Regulo, e não tinha receio do Manecussa, etc.

Nós o presenteámos dando cada um de nós sua cousa, por exemplo, eu lhe dei uma navalha de algibeira e uma lata de rapé (meio arratel), o Sr. J. Russo uma boceta para tabaco, o M.e Mareniti, uma corrente de aço, o Alferes dois anneis de cobre marchetados falsos, e lhe disse por fim que nas suas terras não havia novidade mais do que aquella que tinha feito o hollandez. Depois nos mandou dar dois chirandos do mantimento, digo tres suppos, duas panellas de pombe, uma gallinha, e um pouco de amendoim, e eu lhe dei mais dois rosarios de coral do Rio. Aqui depois appareceu mantimento para vender em abundancia; compraram-se tres peças de zuarte d'elle, e se deu á gente toda mantimento para seis dias.

Porém por causa da demora do Regulo, e da compra do mantimento perdemos o dia, e tivemos de ficar aqui, onde dormimos debaixo de uma arvore.

Dia 16. Dia claro. Com o sol já alto, haviam de ser sete e meia horas mais ou menos, nos pozemos a caminho; o Regulo deu a sua gente para nos mostrar o caminho nas suas terras, mato, bom ou soffrivel caminho, atravessámos um rio que estava secco, encontrámos as lagôas seccas, e só á meia depois do meio dia é que encontrámos agua n'uma lagôa, e má agua, podia-se dizer lodo, agua grossa: aqui descansámos para comer, e para quem tinha sede que remedio senão aproveitar da bella agua! Ás duas horas da tarde seguimos o mesmo caminho de mato, ao sol posto encontrámos agua n'uma especie de poço, passámos adiante, e já de noite fomos entrar na povoação do Regulo Bocotta, Regulo forte e poderoso, onde estavam Manhambozes (gente do Manecussa) que mal tiveram noticia nossa se retiraram; nós ouviamos cantar antes de entrar, porém depois tudo ficou em silencio, (disseram que elles fugiram para o mato). O Alferes lhes mandou dizer que viessem, que lhes queria fallar, e ter encontro com elles; elles mandaram perguntar quem eramos nós que os mandavamos chamar, e que qualidade de gente era: o Alferes (diz) lhe mandára dizer quem eramos, d'onde vinhamos, e para onde íamos, e que elle era o que em tal tempo estivera no Manecussa por mandado do Governador de Inhambane.

Elles tornaram a mandar dizer que já sabiam quem eramos, que não queriam ver taes caras, porque bem sabiam o que eramos capazes de fazer, e que elles se íam embora, e se retiravam por uma vez.

Depois appareceu o Regulo Bocotta embrulhado no seu Palló, com um chapéu redondo na cabeça, nos procurou, e nos cumprimentou apertando a mão, e tratou bem, logo nos presenteou com uma panella de pombe, uma gallinha, e um bocado de jugo; e nos deu toda a liberdade para ficarmos ali na povoação, e foi então que dessellámos os cavallos, porque até então lhe conservámos os selins por recommendação do Alferes; mandou-se buscar fóra um bocado de palha para se lhes dar. O Regulo nos disse que podiamos estar descansados ali, e ficar socegados que elle era filho dos portuguezes de Inhambane, porque se elle tinha vindo ao mundo, o devia ao facto do João dos Santos Pinto [1], e por isso se considerava filho dos portuguezes, e que era irmão do Tenente Caetano dos Santos Pinto [2] e que este Alferes era tambem seu irmão, por que era irmão do Caetano, [1] que elle desejava muito ser subdito dos portuguezes, e o queria ser, que nós tomassemos posse e conta de todas as suas terras, que não queria nada com o Manecussa, nem com os hollandezes, mas sim dos portuguezes. Disse mais que o Manecussa para elle era nada, que não tinha medo d'elle.

Nós o presenteámos com uma peça de palló n'esta noite, e cada um de nós lhe deu uma cousa, eu lhe dei uma lata de rapé (meio arratel), o Alferes, uma navalha de algibeira, o M.ᶜ Marenite uma corrente de aço, o J. Werbes Russo uma caixinha para tabaco.

Fizemos as nossas camas debaixo de uma arvore, e dormimos.

Dia 17. Dia claro. O Regulo Bocotta logo pela manhã cedo tornou a vir ter comnosco, a dizer que se offerecia a ser dos portuguezes de Inhambane, e a pedir que fossemos a tomar posse das suas terras, e dissessemos ao Governador de Inhambane isto, que elle queria ser subdito dos portuguezes. Disse mais que elle ali não tinha mantimento, mas nas suas terras não nos havia de faltar mantimento, que elle mandava ordem á sua gente que se nos désse mantimento, como de facto deu ordem a uma pessoa sua para ir comnosco com ordem de nos darem mantimento. Nós lhe demos mais um zuarte, e um dotim, o M.ᵉ Marenite lhe deu outra corrente de aço, e o Alferes uma gravata de lã. Elle deu ordem a esta sua pessoa para nos acompanhar e mostrar bom caminho. Ás sete horas da manhã mais ou menos, seguimos, bom caminho quasi todo de campo, encontrámos tres grandes lagôas de agua, e boa agua, e n'uma d'ellas bastantes patos; atirou-se-lhe alguns tiros, mas como eram de bala, e d'entro de agua, não se apanhou nenhum, viram-se duas emas, correram atrás d'ellas em seus cavallos, o James Werbes, e o Alferes Teixeira, mas ellas corriam mais que os cavallos, e foram-se; adiante encontrámos palhotas soltas no mato como destacadas; ás onze e meia horas do dia parámos ao pé, e no logar de uma palhota para descansar e comer; a gente toda cozinhou e comeu: aqui nos deram um chirundo de mantimento. Aqui íamos perdendo os cavallos por descuido dos guardas.

Á uma hora da tarde seguimos, primeiro mau caminho por o muito espinho, depois bom caminho, encontrámos agua n'uma lagôa, e logo adiante d'ella acampámos no mato, por causa da agua e duvidar de achar outra, acampámos ainda com sol, seriam cinco horas, e pernoitámos.

[1] Foi Coronel de Milicias em Inhambane.

[2] Era filho do Coronel, Tenente de primeira linha, Ajudante das terras, e morreu junto, na guerra, com o Governador Chaves em 1847.

[1] Este Alferes é neto do João dos Santos Pinto, Coronel e sobrinho do Caetano.

Dia 18. Dia claro. Pela manhã cedo ouvi gritar a quissumba. Depois de nascer o sol seguimos, caminho de mato aberto, e bom caminho, encontrámos duas lagôas de agua, encontrámos machambas, onde nos deram uma panella de pombe. Aqui por descuido do meu preto a quem tinha recommendado o meu cavallo, arrebentou o cabeção do freio, e entortou o mesmo freio. Seguindo adiante, logo encontrámos palhotas soltas no mato como destacadas, outras machambas, e fomos parar ao pé de uma palhota, gente do Bocotta, eram onze e meia horas, para a gente comer, e nós almoçar; aqui concertei o cabeção do cavallo. Aqui nos deram dois chirundos de mantimento; aqui ficou o Landim de Bocotta, que nos acompanhava, e d'aqui foi outro Landim com as mesmas ordens. Á uma hora da tarde seguimos, caminho quasi todo de campo com arvores, encontrámos sete lagôas de agua doce, e uma, que vinha a ser a oitava, era agua salgada como a do mar, onde havia patos, e era grande lagôa. Ao pé d'esta lagôa muita caça grossa, o Sr. J. Werbes, e o Alferes, e o M.e Marenite ajudou, mataram uma engonha, ou Welberta, e por esta causa acampámos no campo perto d'esta lagôa, era quasi sol posto.

Dia 19. Amanheceu com nuvens grossas, ameaçando chuva, vento fresco do quadrante S. Ao nascer do sol levantámos do campo seguindo caminho, sempre de campo, e a perder de vista hontem e hoje; por oito vezes encontrámos agua, e algumas d'estas lagôas diziam ser salgada. Á uma hora da tarde passámos atravessando o rio Luize, em logar de muito lodo, e bastante agua e canisso, e em distancia grande, levou-se muito tempo a passar toda a gente com a bagagem, e alguma se molhou. Antes de passar o rio tinhamos encontrado dois Landins do Bocotta, que não deram novidade. Este rio é de agua salgada, em parte salobra, e de mau gosto, só por necessidade se póde beber, ou cozinhar com ella. Á uma e meia hora depois de tudo ter passado o rio, seguimos caminho de mato, á margem do rio andando a leste, e sempre com o rio á vista, terras ainda de Bocotta; encontrámos machambas, e logo chegámos a uma povoação de gente do Bocotta, eram duas horas: aqui parámos para cozinhar-se e comer; comprar algum mantimento, e por causa d'isso pernoitámos junto a uma arvore. Gastou-se uma peça de zuarte na compra de mantimento.

Quando nós aqui já estavamos em descanso passaram por dentro d'esta povoação de passagem, uma porção de gente do Manecussa, que nada lhe importou comnosco, fallaram com a gente da povoação, e saíram seguindo seu caminho.

Dia 20. Domingo. Dia de nevoeiro, e depois nuvens. Aqui ficou outra vez o segundo Landim do Bocotta, e nos acompanhou outro. Ao nascer do sol seguimos, caminho de mato, e muito espinho; ás onze horas do dia encontrámos agua n'uma pequena lagôa, depois mais duas, e ao pé da terceira, parámos para descansar e comer, era meio dia. Á uma e meia hora da tarde seguimos, bom caminho de mato aberto, e campo, andando á vista do rio Luize, encontrámos agua por tres vezes; encontrámos uma pequena povoação, em que o Chefe era cego de ambos os olhos, haviam de ser cinco horas da tarde: aqui parámos para pernoitar, onde ficámos debaixo de uma grande arvore.

Aqui a gente da povoação deu novidades de Inhambane: disseram entre ellas que Inhambane estava cheio de navios, que havia muita tropa e muita gente nova, etc [1].

Aqui se despediu a gente do Bocotta. Aqui este cego deu um chirundo de mantimento e uma gallinha. O cavallo de J. Werbes já vinha doente, de longo sick.

Dia 21. Dia claro. Antes de nascer o sol nos pozemos a caminho, primeiro um bocado de mato aberto, depois campo, andando sempre á vista do rio Luize, isto á margem do rio; n'esta um dos cavallos que trazia o J. Werbes Russo, já vinha doente com a doença de longo sick, elle lhe applicou um bocado de aguardente para o despertar, e andando para diante n'outro pequeno descanso que se costuma fazer de quando em quando, o cavallo se deitou, e elle Werbes o desferrou. Á uma hora da tarde descansámos á vista do dito rio, porém á sombra do mato. Ás duas horas seguimos o mesmo caminho, porém um pouco por dentro do mato, onde achámos uma lagôa de agua doce, e boa agua; e andando sempre á vista do mesmo rio, quasi ao sol posto, n'um logar do mesmo rio haviam muitos cavallos marinhos, e fomos acampar defronte no mato. Porém por terem dado alguns tiros aos cavallos marinhos, do outro lado do rio appareceram algumas pessoas (negros) subidos nas arvores a ver o que era, e fallaram perguntando novidades, e deram as novidades de lá e de cá, e disseram de lá não haver novidade nas terras, etc.

Dia 22. Depois de nascer o sol, seguimos o mesmo caminho á margem do rio, encontrámos um grande rancho de passaros brancos e grandes. Ao meio dia atravessámos outra vez o rio Luize, e logo encontrámos uma lagôa de agua dôce, e boa agua, e aqui des-

[1] Novidades do mato alteradas; viemos depois a saber o contrario em parte.

cansámos para se comer alguma cousa. N'esta passagem do rio, boa passagem e pouca agua. Aqui já são terras do Regulo Mariva. O cavallo do J. Werbes Russo, que vinha á mão atrás, não chegou a passar o rio, porque caiu e morreu. Á uma hora da tarde seguimos, campo, e pouco mato, encontrámos outra vez o rio Luize, onde havia um logar largo, e grande, limpo de caniço; aqui haviam muitos cavallos marinhos, e por tudo ou quasi tudo correr a este logar com o sentido de caçar algum cavallo marinho, nos demorámos e parámos perto d'este logar; e tendo feito uma bandeira com um lenço para chamar os bichos ao cimo da agua, quando depois de terem dado alguns tiros, se retiraram ao logar do acampamento, onde eu me achei sempre com um dos meus cavallos á mão, lhe esqueceu o lenço; mas quando tinham corrido para os cavallos marinhos, tinham largado os cavallos por mão soltos, agora quando voltaram, ou porque a estes cavallos lhe desse o cheiro na gente dos cavallos marinhos, ou fosse por se espantarem da bandeirola que traziam solta quando corriam, o caso foi que todos os nossos cavallos partiram a toda desfillada por o immensissimo campo que foram a perder de vista, menos o que eu tinha á mão por a redea, e que serviu de o J. Werbes montar n'elle, e ir a todo o correr, assim como quasi toda a gente inclusivè o Alferes que tambem tinham em seguimento dos cavallos, e com este meu cavallo foi apanhando os mais, e vieram os cavallos todos sem terem perdido cousa alguma: depois de terem voltado os cavallos da fuga, appareceram dois Landins d'estas terras, que disseram não haver novidade nas terras, e depois seguimos caminho de mato na companhia d'estes dois Landins; d'ahi a pouco se encontrou uma lagôa de agua doce, e aqui acampámos por ser quasi sol posto, no meio do mato.

De noite appareceram Landins com mantimento, e peixe miudo secco para vender, que se comprou tudo por uma peça de zuarte e um capotim (e braças). E se ficou aqui até ser dia.

Dia 23. Dia claro. Ao nascer do sol seguimos, caminho de mato, encontrámos agua, que disseram os Landins ser salgada, e logo um grande campo, que mais era uma lagôa salgada, em que havia em partes sal. Passámos adiante, n'esta lagôa parece os guias perderam o trilho. Entrámos no mato onde os guias deram por o caminho perdido, e por terem de o andar a procurar, nos demorámos algum tempo parados, e por fim perdemos muito por andarmos toda a manhã á tôa. Á uma hora da tarde encontrámos uma lagôa de agua doce, onde descansámos para comer.

Ás duas horas seguimos, mato, os guias de vez em quando duvidavam do caminho, porque andavam errados, e tinham perdido o curso; encontrámos algumas aguas, mas todas ruins, tanto a da manhã como a da tarde, e por ultimo fomos acampar no mato por ser já noite e não acharmos mais agua, e esta noite se ficou sem cosinhar por não haver agua.

Dia 24. Fizeram-nos levantar duas horas antes de ser dia, sem necessidade, dizendo-se-nos = vamos são horas = quando ainda era muito noite e os guias se deixaram ficar á espera do dia [1]. Ao romper do dia seguimos fartos de estar á espera do dia, caminho de mato, e mau caminho, tendo largado o caminho grande, por medos do que já passou, pois diziam havia signaes de ter passado muita gente. Os nossos guias por tres ou quatro vezes perderam o curso que levavam, e assim se perdia caminho de aproveitar, por fim acharam um soffrivel caminho trilhado, encontrámos agua, e boa agua por tres vezes, e ao pé da terceira descansámos para comer eram onze horas do dia. Ao meio dia seguimos, caminho de mato, e fóra do nosso verdadeiro caminho, andando á toa, ora para o N. ora para E. e alguma vez para o S. a procurar encontrar o caminho que fosse conhecido; ás cinco horas da tarde acampámos no mato, para pernoitar ao pé de uma lagôa.

Dia 25. Dia de sol claro. Depois de sair o sol seguimos, caminho de mato, e mau caminho, ás onze horas mais ou menos fizemos um pequeno descanso ao pé de uma lagôa em um campo, e quando estavamos para seguir appareceram uns Landins, julgo gente de Mariva, e conversando com o nosso guia, e com o Alferes Teixeira, elles depois nos foram amostrar o verdadeiro caminho, que tivemos de retroceder um bom bocado, e andarmos para outro curso bem ao inverso do que o que levavamos, pois n'esta occasião iamos todo ao N. e depois elle nos levava a E.S.E. ou S.E. Passámos por umas machambas, e logo adiante encontrámos uma pequena povoacão em que havia uma bonita sombra, parecia feita a proposito; um circulo de arvores em pequenas distancias de umas ás outras que fechavam e faziam uma linda sombra. Aqui se parou sem tirar os selins aos cavallos, era meio dia e meia hora, os da povoação nos deram um cabaço de Pombe a que chamam maputo, um suppo, e um campo de mantimento, e nós lhe démos um capotim de agradecimento: não se tiraram os selins aos cavallos por teima e não sei que diga mais do meu A... T... demo-

[1] Tudo por medos do meu C... A... T... que não sei o que se lhe tinha mettido na cabeça.

rando-nos aqui tanto tempo. Á uma e meia hora seguimos, mato, machambas, uma lagôa com agua, encontrámos duas palhotas, aqui nos apeámos e tirámos os sellins aos cavallos, e se tratou de comer alguma cousa, e a gente toda cozinhou e comeu, seriam duas e um quarto.

Ás tres e meia hora seguimos.

N'este logar onde se comeu, nos deram um chirundo de mantimento que se repartiu á gente. Seguimos caminho de mato serrado, e mau caminho por o muito mato estreito. Sendo já noite acampámos no mato.

No descanso da tarde se comprou algum mantimento para a gente e este muito caro, gastou-se uma peça de zuarte.

Dia 26. Amanheceu dia de nebrina. Antes de ser dia se ouviu primeiro chamar de longe um Landim a que responderam os nossos guias, e se fallaram de parte a parte, estes perguntaram que maungo (novidade) e eu ouvi responder—Manhambozes. Depois de mais fallas vieram tres pretos só com paus nas mãos, um d'elles era o Secretario do Regulo Maziva, e se dirigiram á fogueira e logar onde estavam os guias, fallaram uns com os outros em Landim: depois soube passados dias e horas, que elle arguia da parte do Regulo, o nós não termos passado ou ido á povoação d'elle Regulo, e termos trazido o caminho por outras povoações; a isto lhe respondeu o Alferes que então já tinha ido junto d'elles, que nós não tinhamos ido ou passado por a povoação do Regulo Maziva, porque tinhamos trazido outro caminho, e porque não tinhamos nada lá a ir tratar: elle Secretario disse que o seu Regulo dizia que nós fossemos ali, que elle nos queria ver, e dar-nos alguma cousa, que elle nos podia dar algum cabrito, mantimento, etc. O Alferes lhe disse que a gente estava cansada do caminho que não podiamos voltar, que se elle Regulo quizesse podia vir aqui aonde estavamos; elle tornou a dizer que a gente podia ficar aqui com a bagagem, mas que fossemos nós sós os brancos. Tornou-lhe o Alferes que não, se o Regulo queria encontrar-se comnosco, nós podiamos ficar hoje uqui á espera: então disseram que ali no mato perto estava a gente de Manecussa acampada onde tinha ficado toda a noite, que queriam encontrar comnosco: o Alferes lhe disse que fossem dizer, que se elles vinham em guerra podiam vir que nós estavamos promptos para os receber, e se vinham para fallar, tambem podiam vir que nós ali estavamos: elles foram, e logo depois vieram dois Secretarios do Manecussa, um chamado ou conhecido por o nome Tamtam, que todos os de Inhambane o conheciam, e elle a todos, e outro por nome Mabelana, elles vieram da mesma sorte com pausinhos na mão, e fallando a todos, e logo cumprimentaram o Alferes por o seu nome Antonio; sentaram-se, e fallaram o mesmo que o Secretario do Maziva tinha fallado, e ouviram as mesmas respostas: perguntaram por novidades ao Alferes, este lhe disse que elle não vinha para dar novidades, se elles as queriam saber que as fossem saber ao Manecussa, porque para ali já tinha ido o Secretario que tinha ido aos hollandezes; perguntou quem era eu e os outros dois, o Alferes lhe disse que eu era F. Padre de Inhambane, e que aquelles eram dois hollandezes, e que todos nós íamos para Inhambane; disseram outra vez os Secretarios que queriam saber o que se tinha passado com os hollandezes e o Secretario do Manecussa, o Alferes lhe tornou a responder que já tinha dito que elle não vinha dando novidades, elles as saberiam por o mesmo Secretario do Manecussa, que já devia ter chegado ao Manecussa, mas que ainda não sabiam o que se tinha passado; agora elles lhe pediam como amigo lh'o contasse; então o Alferes, que como amigo lhe podia dizer, mas como obrigação nada lhe dizia: então o Alferes lhe disse parte do que tinha dito o Secretario do Manecussa aos hollandezes, e o que tinha acontecido nos hollandezes, etc.; elles então disseram que tudo aquillo era verdade, como elle contava, que elles já muito o sabiam, que queriam só saber da boca do Alferes, e assim ouvir para ver se concordava, etc.: fallaram e conversaram n'outras cousas, ali se lhe fez um pequeno presente, pediram um cão ao Alferes que lh'o deu com as vistas de lh'o retribuirem com marfim, etc. (porém tudo isto ouvi da bôca do Alferes passados dois dias, e por mostrar com elle um pouco escandalisado, dizendo-lhe que eu vinha como vendido, e fazendo-se menos caso de mim do que de um soldado) pois n'esta occasião que os Landins ali estavam perguntando ao Alferes então o que pertendem, e o que diz esta gente, tive por resposta, nada, zanguei-me com a resposta. Agora indo eu ao logar onde se achavam os meus cavallos amarrados para montar, vi uma porção de gente, talvez trinta ou quarenta Landins, sentados com as rodellas, e zagaias no chão; perguntei ao Cabo, e á minha gente que gente era aquella, me disseram que era gente do Manecussa. O Secretario tambem diz que dissera que hontem de noite tinha ali vindo a espionar e estivera tão perto de nós que viu e contou os cavallos, viu as nossas camas no chão, que estivera ouvindo as conversas do Alferes com os guias, e disse o que tinham conversado, etc. (valha a verdade): o que é verdade que eu ás vezes

se sabia as cousas era porque as perguntava ao Cabo da escolta, e elle me dizia o que tinha ouvido.

Depois de nascer o sol seguimos nosso caminho, ficando elles todos os Manecussas, e Secretario do Maziva ali sentados e outros em pé, e se despediram de nós, ainda dando recados para dar em Inhambane.

Fomos guiados por um Landim do Maziva, caminho de mato aberto e bom caminho, encontrámos uma povoação, onde nos deram uma gallinha, aqui se deu uma braça de fazenda ao Landim, guia do Maziva, e se despediu: seguimos adiante, mato, encontrámos outra povoação onde os Landins estavam a tecer um panno branco de algodão, outros a preparar o algodão para fiar, n'esta povoação nos deram dois cabaços de Pombe: seguimos campo, encontrámos agua em uma lagôa, e aqui parámos para cozinhar, e comer, e soltámos os cavallos era meio dia. Aqui vieram ter comnosco alguns Landins, e se comprou um bocado de feijão para nós e os soldados comermos, porque o que traziamos de rancho estava quasi tudo acabado. Á uma e meia hora da tarde seguimos, mato e mau caminho por o muito mato e fechado, e ainda com sol fomos acampar dentro do mato ao pé de uma lagoa de boa agua.

Dia 27. Domingo. Dia claro, antes de nascer o sol seguimos, primeiro mau caminho de mato cerrado e fechado, porém depois bom caminho; fomos entrar n'uma povoação de Landins, gente do Maziva, dono da povoação por nome Pachana, haviam de ser dez horas do dia, aqui estavam quatro pessoas do Manecussa; e aqui nos deram tres cabaços de Pombe, um suppo de mantimento e uma gallinha. N'esta occasião o Chefe da povoação outro cabaço de Pombe deitou n'um buraco no chão, cerimonia aos seus antepassados, o qual vieram umas mulheres se abaixaram no mesmo logar fazendo suas exquisitices, e pareceu-me que tomaram da tal bebida na boca, e depois vieram alguns outros rapazes, e beberam o resto. Tambem aqui ouvimos novas de Inhambane por gente do Regulo da Corôa o Fervella, em que não havia novidade. Ás onze horas seguimos bom caminho, mato grosso e aberto, ao meio dia encontrámos agua n'uma lagôa, e aqui soltámos os cavallos para comerem, a gente cozinhou e comeu, e nós tomámos alguma cousa. Á uma hora da tarde seguimos, mato e bom caminho, ás quatro horas entrámos n'uma povoação de Landins onde não estava ninguem; porque estavam nas machambas: demoramo-nos á espera que viessem porque os tinham ido chamar para nos mostrar a agua, e logoque vieram nos conduziram ao logar onde havia agua, que era uma lagôa, onde acampámos para dormir era quasi sol posto. De noite nos trouxeram algum mantimento para vender, que se comprou por dois capotins e se repartiu.

Dia 28. Dia de nebrina, depois sol claro. Antes de nascer o sol seguimos, caminho de mato fechado, depois matamba. Ás oito horas entrámos nas terras de Ingoana: encontrámos palhotas soltas, são no mato como destacadas, de gente de Ingoana; ao meio dia chegámos á povoação de Guloane, filho de Ingoana, grande povoação; aqui soltámos os cavallos, e para todos nós comermos: aqui nos deram um chirundo de mantimento, uma gallinha e uma porção de raiz de mandioca, e nós lhe démos um capotim de agradecimento.

Ás duas horas da tarde seguimos primeiro um bocado de mau caminho, com muito espinho, mas depois bom caminho de matamba, e campo, encontrámos agua e boa, passámos adiante d'esta agua, havia muita caça e grossa; o J. Werbes Russo, e o Alferes correram atrás da caça, e nós fomos acampar no mato (aberto) perto de outra agua em poços, ou covas, soffrivel agua. Os dois mataram uma abada grande e femea, que se foi buscar a carne, e esta se repartiu a toda a gente. Já era noite.

Dia 29. Dia nublado. Ao nascer do sol seguimos, soffrivel caminho quasi sempre campo, encontrándo agua em lagôas; ao meio dia descansámos e soltámos, e nós e a gente toda cozinhou e comeu. Á uma e meia hora da tarde seguimos, mau caminho de muito mato e este fechado, depois campo e bom caminho: ás cinco horas chegámos á povoação de Maconduene, filho do Regulo Ingoana, e aqui se acampou na povoação para pernoitar, e nós dormimos fóra das palhotas, debaixo de uma arvore.

Este nos deu um chirundo de mantimento, e uma murraba de amendoby, e um pé de elefante fresco que deu aos soldados; nós comprámos dois capotins de mantimento para repartir á gente toda, e lhe démos a elle Maconduene uma peça de palló.

Dia 30. Dia fresco, tendo-se sentido algum frio de noite. Antes de nascer o sol nos pozemos a caminho, vindo o mesmo Maconduene acompanhar-nos fóra da sua povoação um bom pedaço de caminho, soffrivel caminho, encontrámos agua em differentes logares em lagôas, e algumas grandes; encontrámos um pequeno rio, que o atravessámos com algum lodo, e descansámos logo que o passámos eram dez horas do dia; aqui soltámos os cavallos, em quanto se fez e tomámos uma chicara de café. Ás onze horas seguimos, bom caminho, an-

dando sempre ao pé de agua de uma grande lagôa, achámos outra grande lagôa, e aqui erraram o caminho tomando outro, e andámos perdidos, caminhando á toa, bem que eram terras conhecidas; andando por qualquer trilho a alguma parte se havia de ir dar, porém viemos bem, ás duas horas da tarde ao pé de uma grande lagôa, a que os pretos chamaram Chibanene, parámos por pouco tempo, mais para os cavallos beberem agua. Esta lagôa parecia um mar por a sua grande extensão; seguimos, mettemos caminho de mato, já então conhecido, até entrar nas povoações do Landim Chande, de Indonim, gente de Ingoana, aqui achámos noticias mais frescas de Inhambane, por um preto da Casa de Felicia Custodia Fernandes, moradora de Inhambane.

Seguindo adiante, ás cinco e meia chegámos á povoação de outro filho de Ingoana, aqui parámos para pernoitar, e nos deram um suppo de mantimento e um bocado de amendoby, e nós recompensámos com um capotim. Dormimos debaixo de uma arvore.

Dia 31. De noite fez frio e algum vento que incommodou. Dia claro, ao nascer do sol seguimos, logo passámos por outra povoação, e entrámos no caminho de mato, depois machambas. Ás oito horas da manhã entrámos nas terras da Corôa, fizemos descarregar as armas que vinham carregadas a bala, disparando-as; e ás oito e meia chegámos á povoação do Bytonga Guione, Cabo; antes de entrar na povoação se deram alguns tiros de cumprimento, e signal de alegria. Entrámos na povoação onde nos apeámos, soltámos os cavallos, nós tomámos chá e comemos alguma cousa; aqui já foi grande a concorrencia de gente a vir-nos cumprimentar, alguns dando tiros, e houve grande alegria e prazer (gente Bitonga das terras). Aqui nos appareceu a primeira pessoa branca, um chamado A. F. Oliveira Barreto, filho do Algarve, dando noticias da Villa, e conversou comnosco um bocado de tempo; das nove para as dez horas da manhã seguimos caminho para baixo, vindo o dito Oliveira comnosco acompanhando a cavallo, e acompanhados por grande quantidade de gente das terras, e por todos os lados corria gente a nos cumprimentar, e saudar com alegria, alguns Regulos e gente fardada á caçadora com armas de fogo, outros tocando gaitas; tudo era alegria e satisfação. Entrámos nas povoações do Regulo Condulla, e chegando á povoação do proprio Regulo, se deram mais tiros; aqui nos apeámos, e nos demorámos pouco tempo. Seguimos dirigindo-nos ás povoações de Morrombene: o acompanhamento cada vez crescia mais, era vistosa a vista de tanta gente que vinha, todos com signaes de grande alegria, já muitos a correrem com os seus pequenos presentes de offerta, como uns com arroz, outros com amendoby, mantimento e outros gallinhas, etc. Seria meio dia mais ou menos entrámos na povoação do Cabo de Morrombene Corré, filho do Cabo Maxela que já morreu ha annos, onde esteve muita gente junta á nossa espera; aqui nos apeámos, e se soltaram os cavallos. O Cabo nos deu logo uma boa palhota para ficarmos, e recolhermos a nossa bagagem. Despedimos a gente dos carregadores.

D'aqui logo tratei de officiar ao Sr. Governador da Villa, o Sr. A. C. da S. Leotte, participando da nossa chegada ali, na companhia de dois homens brancos hollandezes, ou da Colonia hollandeza, e pedindo-lhe providencias de embarcações para nos transportar á Villa, tanto a nós como bagagens e seis cavallos. Soube que ali perto se achava uma lancha do Sr. Vicente Thomás dos Santos, mandei chamar o patrão, veiu, e lhe disse que queria a lancha, elle me disse que o dono estava do outro lado do rio no Mongo na sua propriedade; fiz tambem um bilhete ao Sr. Santos pedindo-lhe a lancha ou licença para nos transportar, mas antes de ter resposta o Sr. A. L. de Aragão, que estava no seu palmar no Mongo, tendo ali noticia da nossa chegada, mandou logo a sua lancha ás minhas ordens, depois appareceu a lancha do dito Sr. Santos, e disse o preto patrão da lancha que o seu amo o Sr. Santos fôra hoje para a Villa; mandei ficar ali a lancha. Logo depois appareceu o Sr. J. A. da Guerra, que tambem nos offereceu a sua embarcação, depois vieram os Srs. F. M. Fernandes e J. M. de Miranda, que tinham vindo da Villa, e ali nos tinham encontrado, igualmente nos offereceram as suas embarcações, e ficaram ali comnosco até á noite e dia seguinte.

(Continua.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

DA

VIAGEM DE IDA, ESTADA E VOLTA AOS HOLLANDEZES DA REPUBLICA HOLLANDEZA AFRICANA, EXISTENTE NO INTERIOR DO SERTÃO DA COSTA DA AFRICA; POR O PADRE JOAQUIM DE SANTA RITA MONTANHA, CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, VIGARIO DA VARA, E PAROCHO DA IGREJA DA VILLA DE INHAMBANE.

(Continuado de pag. 348)

AGOSTO.

Dia 1. Logo ao romper do dia nos preparámos para embarcar por o favor do sr. J. M. de Miranda que nos offereceu a sua lancha; fizemos embarcar toda a bagagem n'aquella lancha, descemos á praia, fizemos todas as diligencias para embarcar os cavallos nas outras lanchas, mas faltavam-nos cinturões, ou silhões para os içar, e queriamos ver se elles entravam para dentro das embarcações á mão, porém não foi possivel. Lembraram, e eu me lembrei, que na occasião da maré baixa só a nado se poderiam passar para o outro lado, a que todos annuimos, e então se mandaram retirar os cavallos para cima entregues a pretos, para quando fosse baixa-mar os levassem até abaixo para serem passados no logar de menos agua a reboque de embarcações. Nós embarcámos nas lanchas, e partimos por o rio abaixo, e passámos ao outro lado no Mongo, e fomos desembarcar no Palmar do sr. A. L. de Aragão, indo todos os srs. que tinham tido encontro comnosco na nossa companhia. Na passagem do rio tivemos encontro com os srs. A. M. M. Arouca e M. J. de Amaral que vinham no bote do sr. Arouca; de cá se saudaram com tiros, a que elles logo corresponderam, e vieram de bordo e nos acompanharam para o Mongo. Chegados ali todos desembarcámos, tendo tenção de ali irmos por terra até ao sitio de Machicho, que fica defronte da Villa, para d'ali atravessarmos para a Villa; porém estes srs. que nos acompanhavam tiveram a bondade de nos obsequiar mandando matar um cabrito, e mandaram fazer almoço. N'este intervallo, na occasião da baixamar, se passaram os cavallos a nado, vindo a reboque das embarcações; depois fomos almoçar todos, o almoço era arroz com cabrito refugado, arroz branco, cabrito guisado e assado; chá, café, e biscoutinhos. Tendo-se acabado de almoçar nos appareceu o sr. Coronel e Commandante das terras firmes J. A. P. Loforte com alguns outros refrescos, como pão fresco, chá, manteiga e assucar, e gallinhas assadas, nos cumprimentámos de parte a parte, e elle nos cumprimentou da parte do Governador da Villa. Elle nos offereceu de almoçar, agradecemos por já termos comido, porém comemos pão e manteiga; elle nos offereceu o irmos na sua Canôa para a Villa, por ser embarcação mais ligeira, o que aceitámos de bom agrado; fez-se então partir a lancha com a bagagem, os soldados, e alguns pretos, fizemos saír os cavallos á mão de pretos por terra até ao sitio do Machicho, para ali descançarem, e d'ali virem de volta por caminho de terra á Villa; e nós embarcámos, digo, fomos embarcar na Canôa que estava no Palmar do sr. V. F. dos Santos, logo ali perto, na companhia do dito sr. Loforte; e os mais srs. que nos tinham obsequiado ficaram ali no Palmar do sr. Aragão. Chegámos á Villa de Inhambane seriam cinco horas da tarde, desembarcando debaixo do mais puro silencio, e admiravel! Nos dirigimos todos á casa onde reside o sr. Governador A. C. da S. Leote, cuja recepção foi a mais triste possivel (e para mim lhe chamarei vergonhosa), pois entrámos na casa pelo lado ou serventia de traz; a casa achava-se ás escuras e tudo fechado, era quasi, ou passava do sol posto, e não havia luzes, e tendo nós entrado na casa em uma sala que

mais parecia casa de espera de creados, que de hospedes, onde havia duas camas desarmadas, e como atiradas, e aqui esperámos em quanto se foi dar recado da nossa vinda; o sr. Loforte entrou para o interior da casa, e logo saiu dizendo-nos, que o sr. Governador se acha incommodado, diz que o sr. Padre (eu) entre para lhe fallar, e os mais srs. que agora não póde fallar, e receber. Eu entrei, e me dirigi ao logar onde elle estava na cama deitado, e assim me recebeu; eu lhe entreguei dois officios que trazia da Republica Hollandeza Africana, e elle me fez algumas perguntas sobre a minha vinda, e o motivo por que os hollandezes não tinham vindo, a que tudo respondi, e demorando-me pouco, pedi licença para me retirar, porque tinha vontade de ir comer alguma cousa, cousa que ali não havia, e tinha saudades de ir ver os meus amigos e familia; sai, e os mais srs. já tinham ido na companhia do sr. Loforte para sua casa a jantar. Os dois srs. que nos acompanharam dos hollandezes até aqui, foram hospedados, o J. Werbes, Russo, para casa do Alferes, A. S. Teixeira, e o M. G. Marenits, Hollandez, para minha casa, e com o favor do sr. Santos lhe deu um quarto e cama, mesa, e roupa lavada etc.

Esta é a pura verdade que posso, e devo relatar. Poderá ser que appareça outro algum Relatorio mais floriado e enfeitado em palavras, porque sei que o meu companheiro o sr. Alferes se acha fazendo o seu Relatorio a instancia do sr. Governador d'esta Villa, ainda que elle se tem servido dos meus apontamentos que tive o trabalho de fazer em todo o caminho para bases do Relatorio, e como elle o faz com ajuda de outro alguem assim o poderá apresentar mais bonito, e com alguma differença de fazer, mas eu pinto só as verdades nuas conforme presenciei, e ouvi.

Finalmente declaro que á minha chegada a esta, a pedido do Ill.^mo Governador d'este Districto fiz um relatorio, e posto que no sentido seja igual a este por me servir das mesmas bases, não é tão explicito por a brevidade que de mim se exigia para ser remettido ao Ill.^mo Ex.^mo sr. Governador Geral, e por isso necessariamente apresentará a differença notada pela rasão expendida, que não causará duvida.

Feito e escripto na Villa de Inhambane aos 18 de Setembro de 1856, por o Padre Joaquim de Santa Rita Montanha, Vigario de Inhambane, presidente da commissão de Inhambane que foi á Republica Hollandeza Africana.

CURIOSIDADES.

Lembranças particulares tiradas e adquiridas na Colonia Hollandeza de Zoutpansberg. em Julho de 1856.

Minhas Perguntas.	Respostas.
Em que anno principiou a emigração?	Em 1836.
Quantas mil almas se acharam da parte de cá dos limites Inglezes?	Doze mil almas.
Quantos homens capazes de pegar em armas?	Quatro mil e quinhentos homens.
De que idade podem pegar em armas?	De quinze a dezeseis annos, até sessenta de idade.
Quem é obrigado a ir á guerra.	Todos os de dezeseis annos até sessenta de idade, são obrigados a marchar para as guerras logo que sejam nomeados.
Como é chamada esta gente para guerra?	Por cartas, ou uma circular.
Quem fornece o equipamento, e armamento?	Cada um á sua custa: e áquelles que não tem o Governo lhe fornece polvora e chumbo.
D'onde sáe essa despeza, ou d'onde provêm os rendimentos do Governo para fazer esta despeza?	Dos despojos das guerras, dos presentes que algum negro traz, e das multas e licenças. Isto se vende em leilão publico, compram-se as munições, e se guardam em deposito.
Como são divididos os despojos das guerras?	Os despojos das guerras são repartidos ou divididos igualmente por todos que foram á guerra, uma parte a cada pessoa, e o Governo tem a sua parte igualmente.

Como todos são obrigados a marchar, aquelles que não vão por circumstancias, tendo sido nomeados, dão alguma cousa?

Os que não podem ir á guerra por circumstancias motivadas, dão ou um homem por si, ou um cavallo, ou bois, ou uma carreta, ou armas etc. para aquelles que não têem.

Esta Republica como está dividida?

Em quatro Colonias, ou Districtos geraes.

Qual é o Governo da Republica?

A Republica que aqui se acha estabelecida é governada por um Conselho superior.

De quantos membros é composto o Conselho da Republica?

De vinte e quatro pessoas nomeadas pelo publico; de cada Colonia seis pessoas.

Como se denominação estas colonias?

1.ª Leydenburg.
2.ª Moire fiere.
3.ª Magaalesberg
4.ª Zoutpansberg.

Quantos Generaes tem?

Quatro; em cada Colonia um.

Quaes são as primeiras auctoridades em em cada Colonia?

1.º Um general.
2.º Um segundo commandante.
3.º Um segundo official que faz as vezes de chefe de districto, e é denominado Fel Cornet.

No Civil?

Um Juiz, denominado Landrox, um Notario Publico, que serve de Escrivão, e Secretario Geral, dois ou quatro Mirates.

Os officiaes militares tem soldo ou algum pagamento?

Costumam ter. Porém n'esta Colonia de Zoutpansberg por em quanto não têem soldo, ou emolumentos alguns, em consequencia da Colonia se achar em principio, e o Governo não ter meios á sua disposição, mais dos que já atraz ficavam apontados.

O Juiz tem ordenado?

Os Juizes têem 100 libras esterlinas por anno: porém este Juiz d'esta Colonia nada tem querido receber, attendendo a isto ainda estar em principio.

Os Juizes têem emolumentos?

Os Juizes têem emolumentos pagos por as partes, assim como os tem o Escrivão e Mirates.

Em que anno chegaram aqui a Zoutpansberg?

A 3 de Maio de 1848.

Quantas familias compõem hoje a Colonia de Zoutpansberg?

Pouco mais ou menos duzentas e sessenta familias.

Qual é a população d'esta Colonia de Zoutpansberg?

Por calculo approximado serão mil oitocentos brancos.

Quantos homens póde apresentar em armas?

Serão tresentos para mais.

Que qualidades de sementes produz esta posição?

Todas.

Que qualidade de grão semeiam?

Trigo, e bom; ha duas qualidades de trigo, cevada, centeio, feijão, fava, ervilha, milho, manná, etc.

Qual é a exportação que podem fazer?

Póde-se exportar agua ardente, vinho, fructas seccas, pelles curtidas, seccas, e salgadas, marfim, pontas de abada, cavallo marino, grandes chifres de boi, de bufalo, taboas, manteiga, queijos, urzella, salsa parrilha, paus serrados, etc. etc.

Que qualidade de arvores de fructo tem?

Pecegueiros, figueiras, maçã de toda a qualidade, limão grande, lima, laranjeira, nogueira, amendoeira, marmeleiro, castanha, bolota, fructas da India, e da Costa d'Africa, damasco, bananas, uvas, etc. etc.

Pergunta	Resposta
Quantos elefantes se têem morto depois que estão aqui em Soutpansberg?	É impossivel saber-se.
Quantos arrateis de marfim terão saido de Soutpansberg?	Aproximadamente terão saído duzentos mil arrateis de marfim.
Quanta polvora consome por anno?	Vinte e dois mil e quinhentos a vinte e tres mil arrateis.
Quanto chumbo?	Quarenta mil arrateis.
Quanto estanho, ou calaim?	Cinco mil arrateis.
Quanto café consome?	Quatrocentos e cincoenta mil arrateis.
Assucar?	Dez mil arrateis.
Chá?	Pouco.
Que qualidade de chá se gasta?	Por a maior parte, preto
Qual é o limite Inglez com a Republica Africana?	O Rio Falrefier, a vinte e seis graus.

Nomes de algumas Povoações Hollandezas Africanas.

Leydenburg.
Moirefier.
Magaalisberg.
Soutpansberg (serra que tem sal).
Reynorter port (logar onde havia ar muito norte).
Waterberg. (serra d'agoa).
Platesberg (serra alta).
Ourilp, Cidade.
Rotens Rostenburg.
Spetonk.
Pissamhop.
Machava.
E outras que não pude alcançar.

Notas.

O Conselho da Republica é a auctoridade superior; e as quatro Colonias estão debaixo do Conselho; e este é composto de vinte e quatro membros, escolhidos, ou eleitos pelo Povo, de cada Colonia numeros iguaes.

Assim tambem com eleições do Povo são nomeados todos os Officiaes militares e civis.

Os Generaes das Colonias respectivas são obrigados a dar contas ao Conselho maior, da sua gerencia em dias de audiencia maior, e reunião geral.

Nota. N'estes logares existem minas de metal, como cobre, ferro e chumbo.

Em Magaalisberg ha uma mina de chumbo.

Em Pissamhop ha outra mina de chumbo; este logar pertence a J. Albazine; e eu vi chumbo d'esta mina.

Nota ou Advertencia.

O negocio da Costa, ou o methodo de negociar nos portos, não serve inteiramente para com estes povos; mas sim as maneiras do commercio europeu; em consequencia de estes estarem acostumados com os Inglezes já de muitos annos, e com quem este negocio ou especulação é antiga.

É sem duvida inteiramente necessario o conservar o credito no commercio; por exemplo nos pesos e medidas etc., por isso que no principio de qualquer arranjo, ou trato, é occasião da mesma praça ganhar nome, ou perdê-lo.

É de restricta necessidade para entabolar e continuar a receber d'estes povos todos os productos do Paiz, haver pontos centraes de distancias intermedias para facilitar a compra dos productos, por isso que nem todos são caçadores de elefantes, e nem todos se acham nas circumstancias de levar os mesmos productos até á beira-mar; e mesmo para augmentar o capital da exportação e de exportação.

Estes pontos devem ser commerciaes, e devem ser determinados pelos Governos, ou ouvido o Governo, e n'elles deve-se estabelecer Estabelecimentos, ou Feitorias de commercio, e estes auxiliados pelos Governos, para que os commerciantes possam com segurança arriscar os seus generos e fazendas; e d'esta maneira diminuir a distancia que nos separa, assim tanto de um lado, como de outro, é necessario estabelecer similhantes pontos para o mesmo fim, incurtando d'esta maneira (como acima deixo dito) a distancia entre as duas praças qne devem commerciar, e de ambos os lados auxiliados pelos seus respectivos Governos, para que d'esta maneira o cabedal publico tenha a devida segurança; sem o que é bastante difficultoso aos Negociantes arriscar os seus fundos.

Barbaridade de Cafres.

Um cafre por nome Manbilla, que tem cousa de uns duzentos cavallos, e mil e duzentas a

mil e quinhentas armas, no anno de 1854 atacou alguns passageiros, familias que íam de viagem, e barbaramente assassinou tudo, homens, mulheres e creanças, cortando-lhes as carnes, e cozinhando-a em panellas, e fazendo outras barbaridades, como espetar as partes pudendas, tanto de um como de outro sexo em paus nos caminhos, outra parte de carne, e algumas cabeças de mulheres as metteram dentro de agua de uma grande lagôa que ali fica n'este logar onde foi o assassinio.

N. B. Eu passei agora por este logar onde foram feitas estas barbaridades em 1854 (passei em Janeiro de 1856) á gente branca; este sitio chama-se Macapanas porto, é sitio medonho; para se passar hoje por ali é preciso ir em força para se reunirem differentes passageiros, tendo de esperar que se reuna numero nos pontos de cá e lá para então passarem seguros, e ainda assim é necessario a vigilancia.

Aqui me contaram que elles não só cozinharam a carne humana, mas outra a espetaram em paus, como foi partes, braços, pés, dedos, cabeças, etc., e outra a metteram na agua.

Estes cafres foram batidos por a gente hollandeza africana em Julho de 1855, porém uns fugiram para a serra onde é a sua habitação, outros esconderam-se por o mato, e por as pedras, e outros morreram, cousa de cem ou duzentos cafres.

Agora n'este anno de 1855, em Novembro, este mesmo cafre foi atacar um Regulo por nome F. arrasou tres ou quatro Povoações, matando tudo quanto encontrou n'ellas, e as creanças as espetou em roda das Povoações, postas em paus, estando as creanças ainda vivas; isto das creanças parece alguem houve que ainda achou algumas vivas.

Hoje para os Negociantes por ali passarem, que é o caminho para o Porto Natal, e para toda a parte quasi, é necessario irem escoltados por gente hollandeza, quer seja de lá para cá, quer de cá para lá. Este cafre Manbilla fica distante do Dorpe de Soutspanberg quatro dias de caminho.

No dia 7 de Dezembro saíu d'este Dorpe um negociante inglez com duas carretas de marfim, e para passar, pediu uma escolta, cuja lh'a deram, pagando elle á mesma escolta.

No dia 9 para 10 de Dezembro de 1855 por uma hora da noite saíu d'este logar de Soutpansberg a gente nomeada para ir-se reunir com outra de outros Districtos, a fim de irem bater o dito cafre Manbilla.

A 16 de Dezembro por a hora do meio dia recolheu a gente hollandeza que tinha saido no dia 10 para a guerra; fizeram o destroço que poderam, em cuja batida do inimigo morreram cento e quarenta e tres cafres grandes fóra creanças, e moleques: tomaram-lhe trinta e sete cabeças de gado vaccum, e tresentas cabeças de gado entre carneiros, e cabritos; isto feito por trinta e quatro homens de cavallo (hollandezes).

Estes cafres vivem em serras todas minadas por baixo, onde têem as suas habitações, e esconderijos; para os bater é preciso esperar que elles sáiam dos esconderijos, e desçam a culimar as terras, e aliás inutil.

Este cafre Manbilla foi ha poucos dias batido por a gente do Regulo F. onde elle tinha ido perpetrar as barbaridadds ultimas, e lhe foram mortos cento e tantos negros.

Noticia.

Ouvi que nos limites da Falrefiere passaram para mais de cem cafres do Regulo Mapella, trazendo armas, polvora, e trinta cavallos; o Fel-Cornet da proximidade teve noticia, e indo ao encontro com vinte e duas pessoas de cavallo, os negros mal os avistaram, começaram a fazer fogo sobre os hollandezes, e d'estes um homem foi ferido n'uma perna e morto o cavallo, e por este caso fugiram os hollandezes; porém os negros, seguindo seu caminho, se encontraram com quatro hollandezes que estavam á caça, estes começaram a fazer fogo sobre os negros, outros dois hollandezes que tambem andavam á caça, ouvindo os tiros, acudiram, e vieram reunir-se aos quatro, e estes seis homens bateram-se com os negros, que venceram, matando até o ultimo cafre, e tomaram todas as armas no numero de cem, e trinta cavallos, etc.

Tempo proprio de fazer as sementeiras, plantações, e hortas na Republica Hollandeza Africana.

Trigo, semeia-se no mez de Abril e Maio.
Cevada — Março, Abril, e Maio.
Centeio — Idem — Idem, e Idem.
Fructas, plantam-se no mez de Junho.
Uvas — Primeiro é preciso preparar bem a terra, estruma-la, e mexê-la.
Podas, fazem-se de 15 até... de Julho.
Melões, semeiam-se em Agosto.
Melancias — dito.
Pepinos, semeiam-se em Agosto.
Flores, — dito.
Batatas — em Agosto e Setembro.
Hortas, fazem-se em Setembro, Outubro e Novembro, e este é o melhor mez.
Milho, semeia-se em Dezembro. (Porém eu observei que em Dezembro já havia milho novo e fresco, e então colligi que se póde semear

logoque haja chuvas, ou em todo o tempo, tendo agua para rega.

Cebolas, semeiam-se em Fevereiro—Pecegos, em Maio e Junho.

Anniz, em Maio. Marmello, em Junho.

Amendoas, em Junho. Arruda, em Agosto.

Manná, em Agosto e Setembro, porém o melhor é em Agosto.

Demonstração da Povoação de Zoutpansberg.

O Dorp de Zoutpansberg é collocado ao sul de uma longa e alta serra, na planicie que está na baixa da dita serra, de cuja serra se extrahe sal, e por este motivo deram o nome á Povoação hollandeza Zoutpansberg, que significa serra onde ha sal, ou serra que dá sal. Acha-se mais ou menos a vinte e cinco graus de latitude; as ruas compridas são extensas bastante, mui largas, talvez seis braças de largura, correndo de E. a O. e contava até á minha saída seis d'estas ruas, e as transversaes, que julgo eram tambem seis, correm de N. S. tambem largas bastante; em todas as ruas corre agua em regos ou canos abertos no chão, para todos terem agua ao pé de sua casa, cuja agua vem de longe do rio que ha na serra, e se reparte por todas as ruas; em alguns logares já haviam pontes para se passar. As casas pela maior parte são pequenas, baixas e abarracadas, algumas de quatro aguas, são cobertas de palha, umas são de barro, outras de madeira e barro, e as mais modernas de tijolo; algumas não têem divisões por dentro, e só tapam o logar da cama com cortina; algumas casas têem vidraças nas janellas, e hoje todos vão adoptando a pô-las nas casas que vão fazendo de novo, e vão fazendo melhores casas com repartições por dentro, e boas janellas; quasi todas as janellas abrem para fóra as portas; porém as portas da casa abrem para dentro, e as casas antigas, e alguns por pobres ou não sei se por uso, em logar de janellas são buracos tão pequenos que apenas caberá a cabeça de uma pessoa, que mais parece para entrar e saír pombos; e alguns d'estes buracos não têem postigo, os fecham com travesseiros por dentro. Algumas casas são de duas aguas, e as cabeceiras levantadas de tijolo, que sobem acima da palha, e por isso tapam a vista da palha pelos todos das cabeças.

Observei que em algumas d'estas pequenas casas, que algumas terão quatro a cinco braças, acommodarem-se dois, tres e quatro casaes, e filhos, e n'outras numerosas familias, divisões de cortinas, e nada mais, e em outras só o quarto da cama que é do chefe de familia, fechado com parede.

Tem uma Igreja nova feita depois de eu ali estar, alta, de comprido sete ou oito braças, e de largura quatro, mais ou menos; não estava acabada, é toda de tijolo, tem quatro portas uma para cada lado em cruz, e oito janellas, quatro para o N. e quatro para o S. faltava rebocar, e portas de madeira, tem as cabeceiras levantadas de tijolo, e é de duas aguas.

A vida d'esta gente, por a maior parte são lavradores, os homens fazem tudo o que precisam por as suas proprias mãos, menos o costurar, que são as mulheres que fazem toda a obra de costura e de alfaiate; o homem trabalha de carpinteiro, pedreiro, sapateiro, torneiro, correeiro, e de ferreiro em alguns serviços, etc., ainda que têem homens de officios de profissão.

Vivem da caça em geral, e por a maior parte; comida pão e carne, batatas, verduras, e milho grosso, e café a todas as horas.

Não podem passar sem uma carreta por o menos, e um cavallo.

Devo dizer que ás ruas são bem alinhadas, e todos são obrigados a ter os seus terrenos ou quintaes fechados; não podem andar porcos por as ruas, nem gado solto, senão o que vem ou vae para serviço, ninguem póde deitar sujo das casas para a rua, etc., etc., etc.

Inhambane, ao 1 de Outubro de 1856. Padre Joaquim de Santa Rita Montanha, Vigario de Inhambane.

P. S. Peço desculpa a qualquer leitor que tenha o trabalho de ler este papel, me dispense alguma falta que haja na parte ou de grammatica, ou de orthographia etc., pois alem de ser feito á pressa, me acho ha vinte um annos n'este Paiz, e portanto tenho perdido muito da minha patria, e me feito muito aos vicios do Paiz.

RELATORIO

SOBRE A OBRA INTITULADA NARRATIVE OF AN EXPLORING VOAYGE UP THE RIVERS KUORA AND BINUÉ, IN 1854, BY W. BALFOUR BAIKIE. LOND. 1856. RELAÇÃO DE UMA VIAGEM DE EXPLORAÇÃO AOS RIOS KWORA E BINUÉ.

A expedição que fez ha dois annos o navio inglez o *Pleyadas*, no Kwora e no Binué, é uma das mais importantes das que a Africa tem recentemente sido theatro; e a relação que acaba de publicar o seu chefe scientifico, o doutor Baikie, offerece, debaixo de muitos aspectos, um vivo interesse. Os nossos leitores sabem em que circumstancias foi determinada esta expedição: Barth tinha-se internado nas regiões que ficam ao sul do lago Tchad, e, penetrando no Adamawa, tinha visto duas

grandes correntes de agua a que os indigenas dão os nomes de Faro e Binué, as quaes depois de se reunirem correm de leste a oeste em uma direcção que lhe pareceu ser a do Niger (Kwora) e do Atlantico. Por estes indicios e por algumas resenhas vagas que lhe deram os habitantes do paiz, conjecturou que o Binué devia formar o curso superior do Tchadda, o enorme affluente do Niger, e cuja embocadura era unicamente o que tinha sido visto por Europeus. No caso em que esta conjectura se achasse justificada de facto, era do maior interesse verificar se o Kwora e o Binué eram navegaveis desde o mar até onde Barth tinha visto o ultimo. Pois que n'este caso em logar de se buscar, como até então, o Sudan central pelo caminho longo e perigoso de Tripoli e do Deserto, tinha-se achado uma via que levava até á bacia do Tchad atravez de regiões ferteis, populosas, bem cultivadas, e relativamente industriosas, ao menos a julgar pela descripção que o intrepido viajante tinha feito do Adamawa. Na verdade tristes precedentes faziam lembrar que uma tal empreza não podia effeituar-se sem grandes perigos: já, desde 1830 em que os irmãos Lander tinham achado a bôca do Niger, quatro tentativas se tinham feito para subir este rio, e todas tinham abortado no meio de desastres que se podiam considerar desanimadores. Entretanto o consul inglez em Fernando Pó, M. Beecroft, um dos mais perseverantes exploradores d'esta parte d'Africa, offereceu-se para conduzir uma nova expedição, e M. Laird, o mesmo que em 1832 tinha chegado em companhia de MM. Allen e Oldfield, até Diagbo, na entrada do Tchadda, foi o director dos preparativos.

O *Pleyadas*, pequeno vapor com uma machina da força de sessenta cavallos, e exigindo mui pouco fundo, foi o destinado para este reconhecimento. Mas no momento em que elle apparecia á vista da Costa da Guiné, Beecroft acabava de morrer, e foi o doutor Baikie, um dos membros da expedição, que se encarregou de a dirigir. É para nós um prazer podermos aqui asseverar, em vista do resultado mais completo, que o novo chefe, pela sua intelligencia, pela sua actividade, e a sua moderação, mostrou a capacidade que exigia a empreza difficil de que estava encarregado.

As suas instrucções recommendavam o menor emprego possivel de gente branca; que subisse durante a estação das chuvas; e que empregasse o quinino contra a influencia perniciosa do clima. Era a sua missão explorar o rio de Dagbo avançando para leste, e procurar Barth e Vogel, e traze-los á Europa se os podesse encontrar. Entre os membros da expedição scientifica devemos mencionar: M. May, official da marinha ingleza, que espontaneamente tinha offerecido o seu serviço, e que se distinguiu pela sua louvavel actividade; o reverendo M. Crawther, que já por muitas vezes tinha explorado o delta do Niger; M. Hutchinson, medico e naturalista. A equipagem comprehendia doze europeus e cincoenta e tres homens de côr.

Foi em Julho de 1854 que o *Pleyadas* entrou pelo Rio Nun [1] no largo delta do Niger, labyrinto movel onde os enormes aterros do rio estão sempre a fechar e abrir novos canaes. Allen tinha levantado em 1834 um mappa que já não é exacto: M. Baikie cita, entre outras mudanças importantes, a formação da grande ilha de Thuesday, que em 1832 era apenas um baixo; M. Beecroft viu em 1841, no logar que ella occupa, um banco de terra e areia ao nivel d'agua, e é hoje uma ilha coberta de forte vegetação.

O delta é a parte mais insalubre do rio, e isto provém principalmente da prodigiosa fecundidade da terra. Impedindo a renovação do ar, matas de arvores gigantescas cobrem ambas as margens e corrompem a agua pela quantidade de detritus vegetaes que n'ella lançam. Nada ha tão triste como esta porção de paiz: uma delgada fita de firmamento, agua do rio, e uma verdura carregada. Graças ás precauções hygienicas, e a uma ração diaria de quinino, a equipagem não adoeceu; mas não começaram verdadeiramente a respirar senão quando o *Pleyadas* passou alem do ponto em que o rio se divide, e chegou ao logar onde se abre em uma e outra margem um valle largo e populoso.

Abundam, na relação de Baikie, pormenores cheios de interesse sobre os costumes e a physionomia dos povos que estão nas margens do rio; mas tem sido e hão de ser repetidos por outras collecções, e não obstante o seu attractivo, devemos preferir aqui as resenhas cujo caracter é mais propriamente geographico: vamos pois extrahir da obra dos nossos viajantes a lista dos povos e dos logares que a expedição visitou tanto na ida como na vinda. Eis-aqui os nomes dos paizes situados desde a bôca do Kwora até ao ultimo ponto a que a expedição chegou no Binué.

Em ambas as margens fica o Oru de que faz parte o Nimbé. Angiama, o principal logar d'este paiz, está junto ao rio: não é certa a posição da cidade de Nimbé no interior. Depois está o Igbo de que depende o Abo. É um dos paizes que M. Baikie mais extensamente descreve no fim da sua relação, e não

[1] Este *Rio Nun* é a bôca mais oriental do Niger ou Kwora.

podemos fazer melhor do que remetter para ella o leitor, se quizer instruir-se nos usos, na religião, e extravagantes superstições do povo que o habita. Ao norte do Ígbo segue-se o Igara, que fórma, segundo diz M. Baikie, um só estado com o Akpoto, o qual se estende sobre a margem esquerda do Binué. Ao soberano d'este paiz dá-se o nome de *atta*, que quer dizer *pae*, e igualmente o de *onu* que se póde traduzir *chefe*. Reside em Idda, bonita cidade, situada em uma posição pictoresca na margem esquerda do rio. O Igara não passa á margem direita; n'esta fica o estado do Ado. Alem de Idda, os principaes logares que a expedição viu, são, Agbedamma, depois Igbébé um pouco abaixo da confluencia dos dois rios. O vertice do enorme angulo obtuso que formam n'este sitio o Kwora e o Binué é occupado pelo Igbira-Panda, um dos estados mais industriosos e mais populosos d'esta região. Desgraçadamente, quando a expedição passou, acabava de ser saqueado por uma invasão de Fellatahs, Peuls ou Pulo. (É esta ultima fórma, a que M. Baikie adopta na lista das trinta e cinco variantes do nome de Fellatah, que elle dá no seu appendice.)

Panda, cidade florescente no tempo em que Lander a visitou, era agora um monte de ruinas, e os temiveis conquistadores ameaçam a mesma sorte, depois das chuvas, a Yimaba, que lhe tinha succedido como capital. Depois de Igbira Panda segue-se o Bassa, cujo logar principal é Abatsho. Dogbo, ponto a que Oldfield chegou ha vinte e quatro annos, é a primeira cidade do Doma, estado que comprehende os dois paizes de Agatu e de Keana, e fica assim como Bassa, na margem direita do Binué. A margem esquerda pertence aos Mitshi, povo selvagem, muito inferior no physico e na intelligencia aos outros negros d'esta região, d'onde elles porém não são originarios.

A expedição demorou-se em Ojogo, ilha do Binué, e cidade importante do Doma, cousa de uns dez dias pela esperança de encontrar Barth e Vogel. Desde que o vapor entrou no rio tinham sempre perguntado aos naturaes se tinham visto os dois europeus. Um homem de Ojogo fez uma tal descripção de dois brancos, que, segundo elle dizia, estavam em Keiana, que M. Baikie mandou mensageiros a esta cidade e resolveu espera-los. Todavia os dois viajantes não tinham estado n'aquelle paiz, e e a origem provavel do erro do negro de Ojogo era a pelle clara de alguns moiros ou Pulos que de passagem estavam em Keiana.

Ojogo e o paiz circumvisinho foram objecto de uma exploração especial. Os membros da expedição scientifica deram-se a trabalhos de linguistica e de historia natural; fizeram muitas observações astronomicas, e levantamentos trigonometricos, postoque esta ultima operação fosse embaraçada pelos temores supersticiosos dos indigenas, que vendo os europeus olharem ora para o céu, óra para o rio, imaginavam que eram actos de feitiçaria.

Alem do Doma ficam, na margem esquerda o Kororofora, e na margem direita a grande distancia no interior as tribus Bautshi. A expedição parou em Zhibu na sua volta. O rei d'este paiz, mussulmano como a maior parte dos chefes dos estados que ficam sobre o Binué, desde a sua confluencia, tomava o titulo de sultão: mostrou-se, diversamente dos outros, velhaco e cauteloso com os europeus: os outros fizeram á expedição um acolhimento benevolo; aindaque é verdade que em toda a parte sua boa vontade foi estimulada com vestidos de velludo encarnado ou roxo, e com outros presentes de uma magnificencia inaudita para africanos.

Depois do Kororofora e de Zhibu encontra-se o Amarawa, que occupa as duas margens do rio, e depende do reino de Sokoto (tal é o nome que M. Baikie dá ao Sakatu).

(Continúa.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

SOBRE A OBRA INTITULADA NARRATIVE OF AN EXPLORING VOYAGE UP THE RIVERS KWORA AND BINUÉ, IN 1854, BY W. BALFOUR BAIKIE. LOND. 1856. RELAÇÃO DE UMA VIAGEM DE EXPLORAÇÃO AOS RIOS KWORA E BINUÉ.

(Continuado de pag. 356.)

É bem sabido que M. Barth, em uma das suas communicações, informava que o Adamawa é um estado em que a agricultura e o commercio estão muito mais desenvolvidos do que se poderia esperar de um paiz situado quasi no centro d'Africa, e que este estado conquistado pelos Fellatahs, fórma uma especie de grande feudo dependente de Tombuctu e de Sakatu, onde residem os chefes superiores d'esta raça invasora. O mesmo parece quanto ao Hamaruwa. E por isso, quanto parece, se podem estabelecer tres divisões muito distinctas entre os estados visinhos do Kwora e do Binué: 1.°, os que são occupados por negros idolatras, desde a bôca do Nun até á confluencia dos dois rios: estes estados são numerosos, agitados por continuas dissenções, mas activos, commerciantes e mais industriosos do que se poderia crer; 2.°, aquelles que ainda independentes e idolatras, são todavia infestados pelas incursões dos Fellatahs; tal é o Igbira-Panda; 3.°, finalmente estados conquistados, onde os Fellatahs se têem estabelecido de um modo permanente; taes são o Hamaruwa e o Adamawa que com elle confina. Estes ultimos são reconhecidamente os mais bem administrados e os mais tranquillos. Os Fellatahs têem n'elles desenvolvido, em seu favor, os instinctos agricolas da raça conquistada. A maior parte da população tem ficado idolatra, e só os Fellatahs praticam o Islamismo. Talvez que o pouco zêlo que mostram na propagação de uma religião que elles seguem com fervor, tem a sua causa na obrigação que lhes impõe o Coran, de só tomarem escravos entre infieis; não querem com conversões muito numerosas seccar a fonte da sua melhor renda. Comtudo deve confessar-se que a tolerancia religiosa é muito grande em todos estes paizes, como geralmente em toda a Africa. Em toda a parte aceitaram sem custo a proposta que M. Crawther sempre fazia de mandar missionarios christãos.

Quanto aos Fellatahs, estes formam uma raça muito singular, na qual se acha a maior parte das feições distinctivas da familia caucasica: testa alta e aberta, nariz aquilino, e algumas vezes olhos azues. Só os beiços algum tanto grossos attestam a mistura do sangue negro. São de estatura elevada, seccos e nervosos. Acham-se espalhados desde a Senegambia até ao centro do Sudan. Qual foi a sua origem? Qual é a sua historia, quaes tem sido as suas migrações e as suas misturas? São grandes e importantes questões, hoje escuras, e sobre as quaes a publicação tão impacientemente esperada do doutor Barth talvez lance alguma luz.

Gurowe, pequeno porto do Hamaruwa, foi o ultimo ponto a que chegou o *Pleyadas* no Binué; não foi porém o ultimo limite a que chegou a expedição. M. Baikie fez em canôa um reconhecimento a umas vinte leguas adiante, a Lau, Djin e Dulti, tres logares habitados por homens summamente selvagens, inferiores a todos os que tinham sido encontrados no curso da expedição. É em Dulti que M. Baikie viu os homens cujas habitações eram cobertas pela cheia, e que elles proprios viviam na agua. É um facto que não é raro nas bordas dos grandes rios de Africa, e que Lander já tinha observado no Niger acima da sua confluencia com o Binué.

Em Lau poderam obter algumas noticias dos paizes ulteriores. M. Baikie viu a primeira estação do caminho que vae para Yola, capital do Adamawa: soube que estava a pouca distancia do sitio onde o Faro se junta com

o Binué, e teve pena de não poder chegar a este ponto: um principio de doença que cedeu promptamente a um bom regimen hygienico, tinha atacado a tripulação negra. Mas o que principalmente o impediu, é que se começavam a sentir os primeiros symptomas da baixa das aguas que não é menos prompta do que a subida. Foi necessario voltar para traz. A volta foi empregada em visitar muitos logares onde apenas tinham tocado, e em completar as noções de historia, de ethnologia, de geographia, de historia natural, que tornam a relação de M. Baikie uma das mais completas e das mais instructivas de que temos conhecimento. Por isto, quando no fim da estação, em Outubro de 1854, o *Pleyadas* se achava na bôca do Nun, M. Baikie, e o seu sabio estado maior poderam lisonjear-se de terem cumprido inteiramente os deveres da sua difficil missão: tinham subido no Binué umas cento e trinta leguas mais adiante do que até então se tinha ido, verificado a hypothese de Barth, mostrado que esta magnifica corrente é navegavel, muito accessivel e habitada nas suas margens por homens em geral intelligentes e benevolos; finalmente, e este resultado é o mais importante, demonstraram de um modo indubitavel, trazendo sã e salva toda a tripulação, que o clima de Africa póde ser vencido, e que d'ora em diante o seu solo mortifero deixará de devorar os seus invasores.

(JACOBS.— *Bulletin de la Société de Géographie.*)

RELATORIO

DO

CIRURGIÃO-MÓR DA PROVINCIA DE CABO VERDE SOBRE A CHOLERA-MORBUS NA ILHA DO FOGO EM 1855.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.—Tenho a honra de remetter a V. Ex.^a^ o Relatorio da commissão de que fui encarregado pela Portaria n.° 73-A, de 19 de Julho de 1855. A falta de instrumentos e de reagentes, e em grande parte a minha falta de conhecimentos especiaes sobre diversas sciencias, fazem com que eu não possa apresentar um Relatorio que corresponda ao programma dado pela Academia de Medicina de Paris, porém posso afiançar a V. Ex.^a^ que n'elle não se encontram exagerações, e que são extrahidas das melhores fontes as informações que me levaram a convencer que o cholera-morbus-asiatico foi importado para a Ilha do Fogo pela barca sarda *Corsa*. Aproveito esta occasião para significar a V. Ex.^a^ que o Cirurgião de segunda classe da Armada, José Maria de Mello Dias, muito me coadjuvou nos trabalhos estatisticos que apresento nos mappas n.^os^ 1, 2, 3, 4 e 5. Tendo cumprido esta commissão agradeço a V. Ex.^a^ o ter-me d'ella encarregado.

Deus guarde a V. Ex.^a^ Villa da Praia, 20 de Janeiro de 1856.=Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Governador Geral da Provincia de Cabo Verde. =(Assignado) *José Fernandes da Silva Leão*, Cirurgião-Mór da Provincia.

DA IMPORTAÇÃO DO CHOLERA-MORBUS ASIATICO, PELA BARCA SARDA, CORSA, PARA A ILHA DO FOGO, E DA DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE SAUDE ATÉ Á SUA EXTINCÇÃO.

A Ilha do Fogo está situada entre 14° e 42′ e 15° e 1′ norte, e 24° e 8′, e 24° e 32′ a leste de Greenwich, por consequencia tem 12′ de extensão norte-sul e quatorze minutos de leste a oeste, e é quasi redonda.

Esta Ilha tem diversos montes de pouca importancia, porém no centro apresenta uma serra muito alta, que percorrendo quasi toda a Ilha, approximando-se ao norte mais da beiramar, toma a figura semilunar, cujas pontas dizem para leste; e no centro do espaço comprehendido por esta figura, é que se eleva um monte, segundo dizem, a mil seiscentas e cincoenta braças acima do nivel do mar, em cujo pico existe a primitiva cratera do vulcão; a sua disposição e altura, pouco menor á do pico do vulcão, fazem com que este só seja visto no seu todo por leste da Ilha. Algumas planicies a que os naturaes dão o nome de=achadas=se encontram n'esta Ilha, porém em geral o seu terreno é em declive desde a base da serra até ao mar, terminando em rocha cortada perpendicularmente, seguindo-se em alguns pontos uma pequena praia de areia preta. Ao sul a Ilha é um pouco mais plana, e o espaço comprehendido entre a base da serra e a praia é maior n'este ponto do que em qualquer outro, de toda a circumferencia da Ilha. A serra em muitos sitios é de difficil ascenção, e de perigosa em alguns, principalmente pela face que olha para o vulcão.

Toda a Ilha é cortada por profundas ribeiras que dirigindo-se do cume da serra ao mar dão prompta vasão ás aguas das chuvas; em toda ella não se encontra o menor pantano, e as fontes mais abundantes, que são todas na rocha a que se segue a praia, e quasi ao nivel do mar, dão bella agua potavel, porém a que os meios de conducção, odrês feitos de pelle de cabra mal curtidos e untados internamente com oleo de purgueira, communicam um sabor desagradavel e cheiro repugnante.

As lavas que em differentes epochas, e por diversas crateras o vulcão tem expellido nas

suas erupções com mais frequencia para o norte, têem tornado esteril uma grande parte do solo da Ilha, e o desleixo a que as auctoridades competentes têem deixado chegar a antiga postura da Camara, pela qual se prohibe o corte de qualquer arvore sem licença, e sem que o requerente apresente duas arvores por elle plantadas ha dois annos, que substituam a que pretende cortar, faz com que não só em toda a Ilha não haja mata alguma, mas tambem que muito poucos tamarinheiros, espinheiros e figueiras bravas se encontram ao norte, e quasi nenhumas ao sul, circumstancia esta que provavelmente muito tem concorrido para que n'este ponto da Ilha as chuvas tenham sido muito escassas n'estes ultimos annos. Na estação chuvosa ou das aguas, como vulgarmente lhe chamam, que é desde Julho até Novembro, os ventos mais reinantes são os dos quadrantes do sueste e sudueste; e nos mezes de Setembro e Outubro algumas trovoadas se dão; e desde Dezembro até Junho, estação secca, de ordinario sopram só os ventos dos quadrantes do nordeste, e algumas vezes do noroeste, com especialidade em Março e Abril, em que as brisas são fortes. Em ambas as estações algumas vezes reina o vento leste por dois, tres e cinco dias; este vento é tão secco que os olhos, as fossas nasaes e os labios se tornam seccos e dolorosos; os objectos de madeira, estalam e racham; muitas vezes basta que elle sopre por dois ou tres dias, para seccar ou fazer dar más colheitas, e sementeiras que muito promettiam. Corresponderá este vento ao Harmatan africano, a cuja influencia nas proximidades da costa de leste, desde 15° norte até 1° sul, alguem attribue a cura das febres intermittentes, a desapparição das remittentes epidemicas, e até a falta de acção do virus variolico sobre a nossa economia durante a sua duração? É este um ponto de meteorologia sobre o qual a sciencia exige a observação dos praticos da Provincia.

O calor na estação das aguas é intenso, e mais nas proximidades do mar do que nas visinhanças da terra; porém na estação secca a temperatura abaixa á ponto de se sentir algum frio nos mezes de Dezembro e Janeiro.

A população da Ilha do Fogo, em Junho de 1855, compunha-se de treze mil cento e uma almas, divididas pelas freguezias de Nossa Senhora da Conceição, S. Lourenço, Santa Catharina e Nossa Senhora da Ajuda, vulgo dos Mosteiros. (Vide mappa n.° 5.)

A Freguezia de Nossa Senhora da Conceição confina pelo sul, leste e oeste com o Oceano, e pelo norte e oeste com a freguezia de S. Lourenço pela Ribeira do Piquinho, e a leste com a de Santa Catharina, pelo Monte Disimo. A Villa de S. Filippe é a unica povoação d'esta freguezia, e apesar de ser irregular é a menos irregular e a maior que se encontra em toda a Ilha; é n'ella que se concentra quasi todo o commercio da Ilha, por estar situada em frente do melhor ancoradouro e onde residem as principaes familias, quasi todas descendentes de europeus.

A sua população é de duzentos e cincoenta e oito homens livres, trezentos e trinta e dois escravos, e de duzentas e noventa e sete mulheres livres, e trezentas e setenta e sete escravas, que juntos a mil duzentos e cincoenta e sete homens livres, e quarenta e nove escravos e mil quatrocentas e trinta mulheres livres e quarenta e tres escravas que se achavam espalhados por toda a freguezia, compunham o Districto de quatro mil e quarenta e tres almas. (Vide mappa n.° 1.)

A freguezia de S. Lourenço, a mais extensa e populosa, está situada na parte media e ao oeste da Ilha, serviudo-lhe de balisas o mar a oeste, o cume da serra a leste, e ao norte a ribeira Ozoria, que a separa da freguezia de Nossa Senhora da Ajuda. Os seus freguezes, em numero de dois mil duzentos e setenta e nove homens livres, duzentos e trinta e seis escravos; e de duas mil quatrocentas e vinte e cinco mulheres livres, e duzentas e cincoenta e cinco escravas, que sommam cinco mil cento e noventa e cinco habitantes, formando novecentas e trinta e cinco familias, estão por tal fórma espalhadas por toda a freguezia, que em toda ella não se encontram seis fogos reunidos, formando uma pequena povoação. (Mappa n.° 2.)

A leste da serra, e do lado opposto ao da precedente freguezia, fica a de Santa Catharina, limitrophe ao norte com a de Nossa Senhora da Ajuda, pela ribeira da Balea.

Esta freguezia, apesar de ser quasi da extensão da de S. Lourenço, é apenas habitada por trezentos e cincoenta e quatro homens livres, um escravo, e por trezentos e cincoenta e cinco mulheres livres e duas escravas, sommando setecentos e doze habitantes, porque uma grande parte do seu terreno é exclusivamente applicado para a pastagem de todo o gado da Ilha. (Vide mappa n.° 3.)

Os seus habitantes acham-se tambem disseminados por toda a freguezia; apenas no sitio da Casinha que fica á beira-mar, e ao norte da Ponta do Alcatraz ha em roda da Igreja algumas casas reunidas, porém tão irregularmente dispostas, que não ha tres seguindo a mesma direcção, nem entre ellas espaço a que se possa dar o nome de rua.

Finalmente ao norte da Ilha existe a freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, cujos fre-

guezes, em numero de mil quatrocentos e quarenta seis homens livres, trinta escravos, e de mil seiscentas e dezenove mulheres livres, e cincoenta e seis escravas, sommando tres mil cento e cincoenta e um habitantes (Vide mappa n.° 4.) vivem mais reunidos do que os das ultimas freguezias; formando as pequenas povoações proximas do mar, Sumbanjo, Feijansinha, sitio da Igreja e Altraz.

O terreno da Ilha do Fogo dá não só os productos proprios da sua latitude, mas tambem muitos da Europa; porém o milho, feijão, mandioca, café, e n'estes ultimos annosa batata, tanto doce como a ingleza, a mancarra a canna do assucar, são aquelles de que maior cultura se faz: a purgueira nasce espontaneamente por toda a Ilha. Das grandes vinhas que em outro tempo tantas havia, actualmente bem poucas existem, e essas mesmas quasi que se acham abandonadas, assim como as plantações do algodoeiro. O gado, tanto cabrum como suino, é em pequena quantidade, mas o vaccum é então em tão grande numero que até nos annos ferteis o pasto dos montados escassamente chega para seu sustento; e nos escassos uma parte morre de fome, e a outra esfaimada foge do montado ou os seus donos de lá a tiram, e vão destruir grande parte das sementeiras, de sorte que não é só á escassez das chuvas que em taes epochas se deve a falta de mantimentos, mas tambem em grande parte á destruição feita pelo gado; cujas faltas hão de succeder-se emquanto a quantidade do gado de toda a Ilha não estiver na rasão directa para o pasto que produz o montado publico. Todos os naturaes da Ilha são lavradores, porém, com rarissimas excepções, pouco sabem de agricultura, e são tão ociosos que durante o anno apenas trabalham tres ou quatro mezes, arranhando a terra, e passam o resto do tempo a comer, a fumar, e a dormir; é raro encontrar-se entre elles algum que mereça as honras da actividade.

O milho, feijão, mandioca, batata, peixe, leite e a carne de cabra são os principaes generos que constituem a sua alimentação; de pão e carne de vacca só faz uso ordinario a classe mais abastada da Ilha.

A Villa de S. Filippe é o unico logar em que se encontram casas de primeiro andar, e que offereçam alguma commodidade; percorrendo todos os demais pontos da Ilha, exceptuando o de Pico Pires e suas visinhanças onde ha duas ou tres casas de sobrado, e uma tão pequena que apenas consta de um quarto em que se acha semi-hiplegico um dos mais ricos morgados da Ilha e que mais laborioso foi na sua mocidade; não se depara senão com casas baixas, quasi todas terreas, frias e humidas; umas feitas de pedra e barro, outras de pedra ensossa, geralmente não rebocadas, cobertas com palha, e bem poucas de telhas de pau; constando o maximo de tres quartos para abrigarem familias numerosas, e algumas d'estas anti-hygienicas casas não só são habitadas pela classe pobre da Ilha, mas tambem por alguns morgados, isto é, por homens que se diz terem alguma fortuna; finalmente até se encontram casas habitadas que só merecem o nome de miseras possilgas.

A Ilha do Fogo é uma das mais salubres da Provincia; é á influencia do seu clima que muitos cacheticos devem o quasi restabelecimento dos estragos feitos pelas febres palustres, e alguns tisicos a suspensão temporaria da marcha do seu padecimento, e o reanimarem-se a ponto de se julgarem radicalmente curados; porém apesar de tanta salubridade é sujeita, assim como quasi todas as d'este Archipelago, a uma constituição medica de natureza biliosa, a que os indigenas chamam lavadias ou doenças de Maio, que se manifesta por casos de febre, ourinas vermelhas, lingua um pouco amarellada, bôca amarga, vomitos e dejecções alvinas e biliosas, que depois de tres ou quatro dias de duração terminam de ordinario pelo restabelecimento sem tratamento algum, sendo rarissimos aquelles que se revestem de caracter assustador e muito mais os que terminam pela morte.

Além d'esta constituição nos mezes de Outubro e Novembro á beira-mar da Freguezia de S. Lourenço, desde S. Jorge até ao Serrado, apparecem alguns casos de febres remittentes e intermittentes, cujo numero e gravidade de ordinario está na rasão directa da maior ou menor abundancia das chuvas, porém por maior que seja o numero e gravidade d'estas febres é rarissimo o desenvolverem-se na freguezia de Nossa Senhora da Conceição, excepto no sitio chamado Correia, onde ás vezes se dá um ou outro caso de febre periodica.

No anno de 1854 as chuvas foram escassas em toda a Ilha, e muito mais na freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

O estado sanitario da Ilha foi normal, e muito poucos foram os casos de febres palustres nos mezes de Outubro e Novembro. A Ilha conservou a salubridade em 1855 até ao mez de Junho, havendo quasi desapercebidamente passado a constituição medica annual de Maio, e epizootia ou molestia alguma epiphytica se tinha desenvolvido.

Tal era o estado sanitario da Ilha do Fogo quando no dia 29 de Junho se aviston ao sul da Ilha uma barca, que durante a seguinte noite se conservou com o pharol içado bordejando entre as Ilhas do Fogo e Brava, ama-

nhecendo a barlavento do porto com bandeira içada. Á vista achava-se tambem a chalupa *Benjamin*, que no dia antecedente tinha saído do porto da Villa para o da Salina.

A barca, chegando á falla com a chalupa ao norte do Ilheo Rombo, perguntou em qual dos portos das Ilhas que se achavam á vista lhe seria mais facil o abastecer-se de mantimentos e aguada? Respondendo-se-lhe ser o da Villa da Praia, informou-se do rumo a que lhe ficava, porque dizia o Capitão não ter mappas especiaes d'este Archipelago.

Seguindo o rumo que lhe foi indicado continuou a bordejar para montar a ponta do norte da Ilha do Fogo, porém em uma das bordadas que despejou muito proximo do Val Cavalleiro o Patrão mór da Ilha do Fogo, que se achava no mar, e que já tinha tentado communicar com a barca antes d'ella ter fallado com a chalupa, atracou e saltou immediatamente para dentro, e dizendo ao Capitão que na Ilha encontraria tudo o de que carecesse, conduziu o navio ao ancoradouro.

Pelas duas horas da tarde do dia 30 de Junho de 1855, o Patrão mór, depois de ter fundeado a barca no porto da Villa, mandou para terra ao Delegado da Junta de Saude a Carta de Saude, da qual constava ser a barca *Corsa* de Nação sarda, de duzentas e setenta e tres toneladas, capitaneada por Pietro Rossano, e tripulada por vinte e dois marinheiros, que procedente de Savonna no dia 31 de Maio, seguia viagem para Montevideu e Lima; e de um manuscripto que vinha adjunto sem sêllo algum, o existirem a bordo duzentos e quarenta passageiros, o que se não mencionava na Carta de Saude, como m'o afiançou o Patrão mór.

O Encarregado do serviço de Saude n'aquelle porto julgou que para dar livre pratica áquelle navio era garantia sufficiente o ter a sua Carta de Saude limpa, segundo dizem, e assim procedeu não lhe fazendo visita alguma, desprezando a falta que havia na Carta de Saude de não mencionar o numero dos passageiros; assim como o da illegalidade, de o serem em um papel sem caracter algum official, e que podia ser feito pelo mesmo Capitão, augmentando ou diminuindo o numero dos passageiros como lhe conviesse.

Em seguida o navio foi visitado pela Alfandega, e deixou a bordo o guarda Anselmo Pires. O Capitão veiu immediatamente para terra, consignou-se ao negociante João Barbosa Junior, e pediu licença ao Delegado da Junta de Saude e ao Director da Alfandega para no dia seguinte desembarcarem os seus passageiros e bagagens, declarando que tinha arribado para fazer aguada e refazer-se de mantimentos.

No 1.º de Julho desembarcaram da barca cento e dezenove passageiros, que foram alojados entre as casas centraes da Villa de S. Filippe, e no Quartel do Presidio; e n'esse mesmo dia e no immediato, de bordo do mesmo navio, muitos colchões foram despejados no mar, e tantos que por diversas vezes a gente da Ilha viu uma grande superficie do mar coberta de palha de milho, que depois foi arrojada á praia; alem d'estes colchões muitos outros foram despejados na praia pelos passageiros no acto de saltarem em terra; e apesar de tantos colchões inutilisados era raro o passageiro que junto com a sua bagagem não conduzisse um colchão. Tantos colchões despejados de bordo da barca, outros tantos na praia, e ainda ha um colchão para cada passageiro!... A quem pertenceriam os colchões que se despejaram? Dar-se-ía o caso que a bordo houvesse mais de um colchão para cada passageiro? Não é provavel. O que é provavel é que seus donos já não existissem. Admittindo que existiam, era necessario que se désse uma causa muito imperiosa para elles se privarem dos seus colchões, tendo ainda a fazer uma viagem longa, e achando-se a palha que inutilisaram em mui bom estado como afiançam aquelles que a viram. Acresce que vendo o Capitão da barca alguns naturaes da Ilha a apanharem a palha dos colchões, disse-lhes em portuguez que não se servissem d'ella porque estava inçada de bichos; porém mostrando-se-lhe que não existiam taes bichos, respondeu que fizessem o que quizessem, mas que não faziam bem em a aproveitar. Que motivo haveria para que o Capitão assim se exprimisse a respeito de objectos de tal natureza e uso, e que tinham saído de bordo do seu navio?

Entre os passageiros que primeiro desembarcaram vinha uma mulher que trazia ao peito um filho de mui tenra idade; a creança ao desembarcar desmaiou a tal ponto, que a julgaram morta; a mãe voltou para a barca com seu filho moribundo, e com certeza não poude saber se elle morreu ou não. Qual seria a molestia que tão rapida e gravemente atacou aquelle quasi recemnascido? Já estaria elle doente?... Era tal a magreza, má côr e abatimento que apresentavam muitos dos passageiros da barca, a ponto de um e outro vir amparado pelos seus companheiros, o que denotava mais ou menos soffrimento; faziam parte d'elles tantas creanças a quem durante a viagem tinham morrido os paes ou mães, segundo diziam aquelles que os acompanhavam, haviam tantas mulheres e homens vestidos de luto; era tão intensa a diarrhea de que alguns se achavam atacados, que muitas vezes tanto a

homens como a mulheres lhes não permittia o procurarem logar escuso para satisfazerem ás suas necessidades, obrando encostados ás paredes das ruas á vista de todos: era tão intença a sede em que ardiam que por todas as casas da Villa andavam pedindo agua; todas estas circumstancias reunidas chamaram a attenção de alguem da Villa, e fizeram receiar a visita de taes hospedes.

Como uma grande parte dos passageiros andavam pelas ruas expostos ao sol ardente, e muitos com creanças, os habitantes da Villa, condoídos pela sorte d'aquelles infelizes, principalmente das creanças, deram agasalho a algumas. No numero d'estas almas hospitaleiras se contavam algumas das filhas do Sr. Alexandre José de Abreu, que vendo passar por defronte de sua casa uma pobre mulher com duas creanças, tanto dó tiveram da mãe e dos filhinhos que os mandaram chamar para casa; porém no momento em que uma d'estas senhoras affagava o seu hospede de menor idade, a creança teve rapidamente vomitos e diarrhea, caíndo em grande prostração de forças. A mãe alterou-se tanto com a molestia de seu filho que saiu immediatamente e voltou pouco depois em companhia de seu marido, e ambos por gestos exprimiam o muito receio que lhes causava o padecimento de seu filho. Tanto o pae como a mãe tornaram a sair precipitadamente, e apesar de ser o primeiro dia em que pisavam aquella ilha e de n'ella ninguem conhecerem, e de não fallarem portuguez, quanto mais o creoulo, voltaram pouco depois com o unico cirurgião que havia na Villa. O pequeno teve vomitos, diarrhea, esteve frio, chegou a estar em perigo de vida, porém em tres dias restabeleceu-se; foi em casa do Sr. Abreu que elle se tratou, foi sua filha mais velha, e a sua escrava Norberta, que mais lidaram com o pequeno doente, e foi esta escrava que lavou a roupa de que elle se serviu. Toda a familia do Sr. Abreu notou que a côr das dejecções alvinas e das substancias vomitadas era o que mais attrahia a attenção da mãe do doente!

É extraordinario que se saiba, duas das creanças dos passageiros adoeceram gravemente logo apoz o seu desembarque; uma apenas chegou á praia, e outra poucas horas depois de estar em terra. De que procederá este padecimento, e de que natureza será!

Da ilha não depende elle com toda a certeza, não só porque dos atacados, um o foi antes de desembarcar, e outro quatro ou cinco horas depois de respirar a sua atmosphera; mas tambem porque na ilha tanto grandes como pequenos gosam da melhor saude.

Por que será que apenas estas creanças adoeceram, o pae e a mãe immediatamente tanto receiaram o resultado da molestia?

A não ser o amor maternal haverá alguma circumstancia que satisfactoriamente explique este receio immediato da invasão da molestia?

Por que rasão as dejecções alvinas e as substancias expellidas pelo vomito seriam tão minuciosamente examinadas pela mãe do doente! Por meio d'ellas esperaria ella fazer o diagnostico ou prognostico da doença!

No dia 2 desembarcou o resto dos passageiros que pelo seu todo pareciam pertencer a uma classe mais elevada, e gosarem melhor saude, os quaes evitando intimas relações com os primeiros desembarcados, alojaram-se em differentes casas, alguns em communidade com a gente da ilha, onde uns residiram até ao dia da sua saida, e outros só passaram o dia, regressando de noite para bordo.

O Capitão, assim que obteve licença para desembarcarem os passageiros, encarregou o seu consignatario de dar a todos, em numero de cento e sessenta e seis, duas comidas ao dia, com a condição de que o rancho consistiria de arroz, carne de vacca ou carneiro, e de algum vinho misturado com agua; dieta esta que todos os passageiros observaram com todo o rigor, a ponto de recusarem peixe fresco e verduras que lhes offereciam, e até fructas, pedindo ao mesmo tempo que as não dessem, e até as não mostrassem aos seus filhos.

Quem tem navegado sabe a anxiedade com que se procuram e devoram as verduras, e muito mais as fructas depois de uma longa viagem: e esta gente depois de trinta dias de viagem recusa-as! Era tal o cheiro nauseabundo que saia das tres casas habitadas pelos passageiros que não só incommodava os que residiam proximos d'ellas, mas que até se fazia sentir por toda a Villa, e chegou a ser tão pronunciado, que o Delegado da Junta de Saude e o Escrivão da Administração, passou-lhes uma visita no dia 3 de tarde; encontrando os pateos e o presidio cobertos de fezes estercoraes liquidas, ordenou o que julgou conveniente, e repetiu estas visitas examinando todos os cantos das casas com a maior minuciosidade.

Seria só o mau cheiro quem levaria aquelle cirurgião a fazer estas visitas? Esperaria elle por meio d'ellas poder com mais certeza estabelecer o diagnostico da molestia da creança que tinha adoecido na casa do Sr. Abreu, e da escrava Norberta que na mesma casa acabava de caír doente com anxiedade, sede insaciavel, vomitos e diarrhea biliosos, decompondo-se-lhe immediatamente as feições!

Infelizmente elle já nada nos póde informar.

No dia 4, quatro dos passageiros offereceram-se para cantar uma missa, porém no meio d'este acto religioso um adoeceu rapidamente: o cirurgião foi chamado immediatamente, observou-o e deu-lhe não sei que preparado; o doente afflicto conservou-se na igreja, mas apenas a missa acabou, foi levado para bordo e não voltou á terra, e ignora-se não só qual foi o seu padecimento, mas tambem qual o seu resultado.

No mesmo dia 4 um outro pediu ao Sr. Thadeu José do Sacramento Monteiro, uma pouca de agua dizendo ser para seu filho que acabava de ser atacado pela molestia. O Sr. Thadeu tornou a ver o pae e a mãe do doente, mas o pequeno doente não appareceu mais, assim como algumas outras creanças que de um dia para o outro desappareciam, e quando por ellas se perguntava, respondia-se que já as tinham mandado para bordo.

Por mais de uma vez viram differentes pessoas da Villa, entre ellas o mesmo Sr. Thadeu, um ou outro passageiro sair das casas da sua residencia, levando ás costas colchões volumosos bem envoltos e amarrados, e dirigirem-se para a praia, o que lhes fazia acreditar que regressavam para bordo, porém enganavam-se porque os mesmos individuos voltavam com os mesmos colchões, mas apresentando muito menor volume.

O que se conduziria para a praia dentro d'aquelles colchões? Qual será o objecto de mais facil conducção dentro de um colchão, do que em um sacco ou atado? Quem sabe se não era por este meio que eram conduzidas as creanças que elles diziam ter mandado para bordo.

Perguntando a diversos moradores da Villa se não lhes constava ou pelo menos não tinham a menor desconfiança de que algum dos passageiros houvesse morrido em terra, muitos me responderam que tinham d'isso suspeitas, mas não certeza; porém podiam afiançar que alguns doentes tinham sido conduzidos para bordo, dos quaes nada sabiam, e mais de um me afiançou que com os primeiros desembarcados tinham vindo duas mulheres que mais lhes attrahiu a attenção, que não lhes constava que ellas tivessem voltado para bordo, mas tambem que taes mulheres não haviam apparecido mais; que ouviram dizer que ellas tinham morrido na ilha, e tinham sido enterradas; mas que a noticia corrêra tão vaga que não sabiam quem a tinha espalhado.

Agora vejamos o que officialmente me diz o Cirurgião de primeira classe da Armada, Guilherme Maria Mayer, tratando da visita que o fallecido Delegado da Junta de Saude passou ás casas dos passageiros.

« Constando ao Delegado de Saude que al-
« guns dos passageiros tinham diarrhea, e que
« nas casas onde residiam havia pouco aceio,
« passou a visita-las em companhia do Escrivão
« da Administração; e por essa occasião en-
« controu não só pouco aceio, mas ainda um
« adulto e uma creança affectados de diarrhea;
« depois de haver dado as providencias para
« que o alojamento d'esta gente fosse limpo se
« retiraram

« No dia seguinte porém passando o refe-
« rido Delegado nova visita, encontrou mais
« aceio, mas não viu nem o homem nem a
« creança que na vespera encontrára doen-
« tes; haviam recolhido para bordo, e consta
« que aquelle fallecêra e fôra de noite lançado
« ao mar, emquanto á creança ignora-se o
« destino que teve, e não só d'ella, mas tam-
« bem de alguns outros passageiros que desap-
« pareciam, havendo igualmente desconfiança
« que eram lançados de noite ao mar. »

Ao mesmo tempo que estes factos se davam na ilha, vejamos o que acontecia a bordo.

Anselmo Pires, Guarda da Alfandega que se conservou a bordo desde o momento em que a Barca fundeou, até ao da sua saida, disse-me: que a bordo havia duas classes de passageiros; que os da primeira, em numero de vinte, pouco mais ou menos, vinham alojados á ré com o Capitão, e os da segunda em muito maior numero no porão para esse fim preparado; que entre os da primeira classe alguns tinham cara de doentes, porém que entre os da segunda proporcionalmente o numero era maior, e que a maior parte tanto de uns como de outros tinham diarrhea, porque a todos os momentos íam ás latrinas; que o maior numero dos da segunda classe tinham desembarcado no dia 1, os restantes e os da segunda no dia 2, e que alem d'estes ainda haviam ficado a bordo dez passageiros da primeira classe, e quinze da segunda, isto pouco mais ou menos; que a equipagem do navio tinha o seu alojamento separado, e que de toda ella apenas o piloto parecia ter-se levantado de uma grande molestia, porque estava magro, amarello e debilitado; que alguns passageiros, tanto creanças como homens e mulheres, tinham regressado para bordo doentes, a respeito dos quaes nada sabia, porque mettiam-se nos seus alojamentos, que de ordinario eram no porão, logar que elle nunca visitou, porém que em uma noite, seriam onze horas pouco mais ou menos, á bôca da escotilha grande vira uma mulher agonisante estendida em um colchão, porém que quando se levantou de madrugada já não vira nem mulher nem colchão; que mais de uma vez viu no mesmo sitio homens e mulheres deitados bastante afflictos, e

que algumas horas depois só lá existiam os colchões enrolados. Muito gostava esta gente de ter os colchões enrolados!

Disse-me mais que depois de terem desembarcado os passageiros, muitos colchões tinham sido despejados no mar, e que todo o navio fôra muito bem lavado internamente, o porão e o alojamento de marinhagem depois de secco caiado, e que no dia cinco depois de o navio ter sido limpo, muitas pessoas de terra tinham ido passar parte do dia a bordo, e finalmente que no dia 6 de tarde todos os passageiros tinham voltado para bordo precipitadamente, e que n'essa mesma noite a barca tinha saído.

Pelo consignatario do navio fui informado que elle víra no dia em que o navio chegou, ou no immediato, á bôca da escotilha, uma mulher deitada que lhe parecia estar muito doente, mas que não sabia se era a mesma que foi vista de noite pelo Guarda, e que os primeiros objectos que o Capitão lhe pediu, apenas chegou, foram cal e vinagre em grande quantidade. Todas as pessoas que passaram parte do dia 5 a bordo foram unanimes em me afiançar que tinham visto um homem muito magro em um camarote com muito má côr, o qual o Capitão dizia estar tisico; que o navio apesar de estar muito aceiado, tinha muito mau cheiro, de que o Capitão por mais de uma vez lhes pedíra desculpa, dizendo ser devido aos muitos passageiros que tinham vindo a bordo; que o Capitão se esmerára em os obsequiar, porém que o mau cheiro, a vista do tal tisico, e as más noticias que haviam na Villa os fizeram desconfiar do navio, e que por isso se demoraram a bordo muito menos tempo do que tencionavam.

Por estas informações julgo dever-se concluir que quando o navio chegou á ilha do Fogo, já entre a sua guarnição e passageiros reinava uma epidemia de mau caracter, em que uns dos symptomas mais predominantes eram vomitos e a diarrhea, da qual alguns morreram a bordo; que dos doentes que regressaram de terra não se sabe qual foi o termo do seu padecimento; que o navio não chegou á ilha do Fogo com duzentos e quarenta passageiros, porque tendo desembarcado cento e sessenta e seis, e ficado a bordo vinte e cinco, para duzentos e quarenta faltam trinta e nove; que havia todo o cuidado em occultar a molestia reinante a bordo, porque sobre ella só uma vez foi consultado o Cirurgião da terra; e finalmente que o primeiro cuidado do Capitão, apenas fundeou, foi o desembarcar os passageiros, sustentando-os á sua custa, e desinfectar o navio.

Não seria de desconfiança o estado sanitario d'aquelle navio? Fundado nas informações das pessoas mais competentes e imparciaes da Villa, tenho relatado qual era o estado sanitario da tripulação e passageiros da barca *Corça*, á sua chegada á ilha do Fogo, as relações que immediatamente se estabeleceram entre elles e os naturaes da ilha, e as occorrencias que se deram até ao amanhecer do dia 6 entre os passageiros e dentro da barca; guiado pelos mesmos informadores mencionarei os factos occorridos durante a mesma epocha entre os moradores da Villa.

No dia 3 Norberta, escrava do Sr. Abreu, que, como já dissemos, tinha sido enfermeira e lavadeira do pequeno passageiro que adoeceu em casa do seu senhor, foi atacada de uma molestia caracterisada pelo seguinte quadro symptomatico: vomitos, dejecções alvinas, no começo da molestia biliosas, e poucas horas depois aquosas brancas, similhantes á agua de arroz; as primeiras fetidas, e estas quasi sem cheiro algum, sede insaciavel, suppressão de ourinas, côr de pelle muito mais carregada, com especialidade na circumferencia das orbitas, fossas nasaes e bôca, emmagrecimento rapido, olhos o mais encovados que se possa imaginar, completa decomposição de feições, pelle frigidissima e coberta de suor abundante e frio, a pelle das mãos e pés enrugada como se tivesse estado por muito tempo dentro de agua, pulso imperceptivel, caimbras nas pernas tão dolorosas a ponto de lhe arrancarem fortes gritos, oppressão excessiva, conservação de intelligencia, mudança de som de voz para um outro especial, e termo fatal.

No dia 4 foi atacado de igual molestia Claudio, escravo de Antonio Medines, o qual na vespera tinha visitado a Norberta, e que segundo me afiançaram, vivia em intimidade com os passageiros, e no dia 3 junto com Canuto, meio livre e meio escravo de José Joaquim Vieira e Vasconcellos, tinha deitado ao mar o cadaver de um dos passageiros, e morreu no dia 5, assim como o seu companheiro dois ou tres dias depois, em poucas horas de padecimento.

Pelo decorrer do dia 5 e noite seguinte muitas pessoas, em maior numero da classe baixa, e das que estavam em mais contacto com os passageiros, foram gravemente atacadas pela mesma molestia.

(Continúa.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

DO

CIRURGIÃO-MÓR DA PROVINCIA DE CABO VERDE SOBRE A CHOLERA-MORBUS NA ILHA DO FOGO EM 1855.

(Continuado de pag. 364.)

Ao alvorecer do dia 6 já constava por toda a Villa o grande numero individual d'aquelles que tão rapida e gravemente tinham adoecido; e todos sollicitos pediam soccorros para seus parentes, amigos, creados e escravos que tinham adoecido ou acabavam de caír enfermos.

O terror e a confusão reinava em toda a Villa na presença de uma epidemia que a assaltava.

Que molestia é esta? mutuamente se perguntavam os habitantes da Villa, duvidando já um pouco do diagnostico que d'ella lhe dava o Cirurgião, dizendo ser a doença de Maio que não se tendo desenvolvido na quadra propria, se apresentava então revestida de caracter mais grave.

Depois de lhe darem diversos e extravagantes nomes, houve alguem que tendo já presenceado uma epidemia do cholera morbus, e combinando o quadro symptomatico d'aquella epidemia com o que se dava n'esta, julgou ser a mesma molestia, e n'este sentido fallou ao Cirurgião Sousa, cujo diagnostico elle repetiu immediatamente, accrescentando que paridade alguma existia entre esta molestia e o cholera morbus.

Fazendo justiça aos conhecimentos de meu defuncto collega, estou convencido que militavam circumstancias que o levaram a proceder de tal fórma contra aquelle diagnostico. Á proporção que o dia avançava assim augmentava o numero dos doentes, e os casos de morte começavam a succeder-se uns após outros, tão grave e rapidamente que muitos dos que ao amanhecer fallavam sobre a epidemia incipiente, e dos que soccorriam os seus atacados, poucas horas depois se achavam já por ella feridos, e alguns tão gravemente que a ella succumbiram no mesmo dia.

Indecisos e aterrados andavam quasi todos os habitantes da Villa, vendo a todos os momentos caír moribundos os seus parentes e amigos, creados e escravos, esperando a cada instante uma igual sorte, quando o Sr. José Joaquim Vieira e Vasconcellos se deliberou a abandonar a ilha fugindo para bordo do patacho *Cordialidade*, que no dia 4 á sua consignação tinha ancorado n'aquelle porto, deliberação esta que foi geralmente acceita, e a que se seguiu o salvar-se quem podér, fugindo com a maior precipitação as principaes familias, abandonando os paes os filhos, os maridos as mulheres, e vice-versa, não cuidando dos meios necessarios para a conservação da vida, porque houveram muitas pessoas que unicamente com o fato que tinham sobre si se acolheram ao navio, o qual foi como por encanto por elles abordado e apinhado.

Em opposição á confusão e terror que dominava os indigenas, os passageiros da barca continuavam tranquillos a andar pela Villa, presenciando estas scenas com a maior indifferença, até que seriam onze horas da manhã, dirigindo-se alguns d'elles ao Sr. Christiano José do Sacramento Monteiro, pedindo que lhe dissesse onde encontrariam ovos para comprar; a resposta foi que tratassem quanto antes de saír da ilha, se não quizessem pagar bem caro o terem importado uma molestia da qual áquella hora já se contavam dez victimas.

Aquelles passageiros, não dando a menor resposta, immediatamente voltaram; cinco minutos depois já todos os seus companheiros tinham conhecimento da ameaça que lhes tinha sido feita, e em acto immediato todos correram para o logar do embarque com tanta precipitação que abandonaram nas casas em que

residiam, algumas roupas, largaram outras pelas ruas, não cuidaram das que tinham mandado lavar, nem das quantias que tinham dado a diversas pessoas para lhes comprarem alguns generos, e embarcaram com tanta rapidez que duas horas depois já não havia na ilha nem um só passageiro da barca.

N'esse mesmo dia o capitão, a convite do consignatario, depois de ter ajustado as suas contas, saiu da ilha não recebendo refresco algum, e dando, segundo dizem, as quantias que tinha entregue a diversas pessoas para a compra de ovos, galinhas e carneiros, protestando que a seu bordo não havia doença alguma, ao mesmo tempo que lavado em lagrimas maldizia a sua má sorte, porque em uma só viagem perdia o fructo do trabalho de toda a sua vida. E por que? Se a bordo da barca não houvesse alguma causa muito activa, de certo que o Capitão não lamentaria o seu destino. Além das provas que já ha contra o estado sanitario da barca, não será uma de muito peso a précipitação com que os seus passageiros abandonaram a ilha apenas foram ameaçados por terem importado uma molestia, não se defendendo de maneira alguma da arguição que se lhes fazia. E note-se que a barca, apesar de ter recebido muito poucos mantimentos e aguada, continuou a sua viagem, d'onde se conclue que não foi a falta de mantimentos que a fez arribar, mas sim o critico estado sanitario em que ella se achava.

Pelo decurso do dia 6 houveram mais de trinta atacados, que juntos aos que o tinham sido pela mesma molestia no dia e noite antecedentes, completavam quasi o numero de noventa, dos quaes pelas oito horas já se contavam dezesete casos de morte e alguns fulminantes.

A epidemia de momento para momento adquiria mais intensidade, continuando a atacar de preferencia os escravos, os taberneiros, e todos aquelles que em mais contacto tinham vivido com a gente da barca, e com a gravidade na rasão directa d'estas communicações. Os casos morbidos, que sem interrupção uns após outros se succediam, muitos gravemente, alguns mortaes em poucas horas, e poucos ligeiros; os choros (guisas) dos parentes e dos amigos dos que succumbiam, a passagem pelas ruas dos cadaveres d'aquelles que ainda n'esse mesmo dia se haviam levantado cheios de vida, acrescendo que esta catastrophe se passava no ponto mais saudavel de toda a ilha, onde a maior parte dos moradores são parentes, e onde todos se conhecem pessoalmente, aterrou por tal fórma alguns dos que tinham protestado não abandonar a ilha, que n'essa mesma noite fugiram tambem para bordo do patacho.

O Capitão do *Cordialidade* não tendo podido oppor-se a que o seu navio fosse apinhado pela gente da ilha, nem tendo conseguido que ao menos parte d'ella voltasse para terra, não teve remedio senão annuir ao pedido de todos, inclusivè do seu consignatario, e saiu na madrugada do dia 7 para a ilha Brava, onde chegou pelas oito horas da manhã; porém as auctoridades d'aquella ilha, receiando pelo excessivo numero de passageiros que na ilha do Fogo se tivesse desenvolvido alguma molestia de mau caracter, negaram-lhe a livre pratica, e o Capitão não se querendo sujeitar a soffrer quarentena, regressou á ilha do Fogo, onde tornou a fundear pelas quatro horas da tarde.

Por felicidade a chalupa *Benjamin* ainda se achava fundeada no sitio da salina, e emquanto o patacho foi e regressou da Brava, ella recebeu ordem para voltar ao porto da Villa, o que immediatamente fez. Debalde o Capitão do patacho se quiz ver livre dos seus passageiros, e apesar de ter para esse fim empregado todos os meios que estavam ao seu alcance, apenas conseguiu que desembarcassem quatro para terra, e uma numerosa familia para bordo da chalupa *Benjamin;* os de mais tendo recebido de terra as noticias mais aterradoras da epidemia, vendo que muitos cadaveres eram conduzidos para o cemiterio, e que fóra d'elle já se faziam os enterramentos, resolveram-se seguir viagem para a Villa da Praia. O Capitão sujeitou-se de novo á vontade dos passageiros, e partiu no mesmo dia 7 pelas oito horas da noite, e chegou ao porto da Villa da Praia no dia 9.

A chalupa depois de preparada para igual viagem e de ter recebido de terra o restante da familia do seu proprietario, seguiu o rumo do patacho no dia 8, e chegou ao mesmo porto no dia 10, conduzindo ambos a seu bordo trinta e oito homens livres, vinte escravos, sessenta e cinco senhoras, e dezenove escravas, como se vê no Mappa n.º 1.

Seguindo a sorte d'estes transfugas constame por informações que me deram alguns d'elles, que a bordo da chalupa houve durante a viagem um caso ligeiro da molestia que reinava na ilha, que um liberto de avançada idade, que morreu a bordo do patacho já depois de fundeado no porto da Villa da Praia, succumbira a um forte ataque da mesma molestia, e que este infeliz, desde o momento em que foi atacado até morrer, foi conservado incommunicavel com o resto do navio em um logar escuro, que amiudadas vezes era fumigado e logo fechado; que de muita suspeita era a doença que teve uma senhora que no lazareto teve um parto prematuro, e uma creança morta, e que finalmente houve-

ram muitos casos de diarrhea nos primeiros dias de quarentena feita no lazareto, que como por encanto Vossa Excellencia montou no ilhéu.

Ao mesmo tempo que uma parte dos moradores da Villa de S. Filippe transpunha o mar para se collocar a coberto da epidemia, a outra que ainda por ella não tinha sido ferida, tambem abandonava a Villa, fugindo para o interior da ilha, recorrendo ao abrigo das suas acanhadas e miseras casas de campo.

No dia 8 raras eram as pessoas que se viam pelas ruas da Villa; com bem poucas excepções os seus habitantes eram só os indigentes doentes, moribundos, e alguns escravos que abandonados por seus senhores andavam vagabundos, sem terem quem lhes desse o triste sustento diario, nem quem os soccorresse, quando fossem feridos pela epidemia, no centro da qual se achavam. Muitos d'estes infelizes foram encontrados gravemente atacados no meio dos quintaes, tendo por colchão a calçada, por cobertura a abobada celeste, e por enfermeiros os porcos e cães; e outros já mortos ha dias e em parte devorados por aquelles animaes esfaimados.

Que morte tão horrivel não seria a d'aquelles desgraçados que não só succumbiram á doença, mas tambem á sede e ao desespero, por se verem no mais completo desamparo? Infelizmente de igual sorte partilhou alguem que não era escravo.

As inhumações eram feitas pelos escravos, porém tendo sido muitos atacados gravemente pela epidemia e succumbido alguns quasi como fulminados no acto de conduzirem os cadaveres, ou de os darem á sepultura, o receio de que a molestia lhes poderia ser communicada pelos cadaveres se apoderou d'elles a tal ponto, que para se conseguir que não abandonassem a Villa, e que continuassem a empregar-se n'este serviço foi necessario que para isso os senhores usassem da sua auctoridade, que aos escravos abandonados se pagasse pelo preço que elles exigiam os enterramentos, e que tanto a uns como a outros se lhes desse aguardente amiudadas vezes; mas chegou uma epocha em que tendo fugido, adoecido ou morrido quasi todos, os cadaveres ficavam um, dois, e mais dias amontoados no cemiterio, ás portas das igrejas, e dentro das casas. Chegou a tal ponto a falta de braços na Villa, que muitos cadaveres foram conduzidos á sepultura em carrinhos de mão, e outros arrastados por meio de cordas amarradas ao pescoço.

Nos primeiros dias de epidemia os enterramentos foram feitos no cemiterio, que fica um pouco distante da Villa, mas logo que o numero diario dos casos mortaes chegou a vinte, as sepulturas foram abertas em frente das igrejas nas proximidades da Villa; até dentro dos pateos se enterravam cadaveres por serem encontrados em estado de decomposição tão adiantada que se dilaceravam ao menor esforço que se lhe applicasse.

Ao passo que a população da Villa passava por esta crise, a do interior não lhe prestava soccorro algum, por isso houveram familias inteiras acommettidas pela epidemia sem terem quem lhes fizesse o menor serviço, nem quem lhes fosse buscar um *barquino* de agua á fonte da Praia Ladrão, que sendo a mais proxima, dista da Villa quasi duas leguas. Havia de ser horrivel o não ter uma gota de agua para humedecer os labios na presença de uma molestia em que a sede é insaciavel! E na presença d'estas lugubres scenas, que providencias tomavam o Administrador do Concelho, e o Commandante Militar? Fugiam para a Villa da Praia, um a bordo do patacho, e outro da sua chalupa, abandonando as propriedades e povos que tinham sido entregues á sua guarda, e que então lutavam com os horrores de uma epidemia.

Custa a acreditar que taes auctoridades commettessem um acto digno de tanta censura, e que perdessem uma epocha em que podiam dar sobejas provas do quanto se interessam pelo bem estar dos seus administrados, e do quanto são dignos e sabem desempenhar as funcções dos logares que lhes foram confiados.

Honra seja feita ao Parocho da Villa, que abraçado com a Cruz do Salvador do genero humano, soube cumprir a sua missão, toda de caridade e zêlo religioso, andando de dia e noite, de porta em porta, animando, consolando e ministrando os Sacramentos aos miseros enfermos.

De não menos elogios foi digno o Delegado da Junta da Saude, que só, e no centro de uma epidemia mortifera, com poucos recursos, abnegando a sua existencia a favor da dos seus similhantes, passava os dias e noites á cabeceira dos doentes, empregando tudo quanto tinha, podia e sabia, para os arrancar das garras da morte, apesar de muitas vezes estar convicto de que infructiferos eram todos os seus esforços.

Foi este Cirurgião que, já exhausto de forças, e quem sabe se já morto moralmente pela causa da epidemia, que vendo os seus doentes exasperados pela mais ardente sede, sem terem uma gota de agua para a mitigar, nem a quem recorrer para a haver, se resolveu no dia 10 a ir pessoalmente ao Pico Pires, pedir ao morgado Francisco José do Sacramento Monteiro que mandasse alguma agua para a Villa, se não que ás victimas da epidemia se juntariam as da sede.

Este bemfazejo insulano, pungido pela misera sorte dos seus patricios, apesar de valetudinario e entrevado, teve a força de vontade sufficiente para se fazer obedecer, ordenando immediatamente que os seus escravos conduzissem agua para a Villa, e que gratuitamente a distribuissem por todos os doentes.

O Cirurgião, depois de ter feito com que a Villa fosse abastecida de agua potavel, passou a visitar os fugidos da Villa, que já enfermos se achavam espalhados pela Freguezia de S. Lourenço, regressando alta noite ao Pico Pires na firme resolução de ao amanhecer voltar para a Villa; mas infelizmente a sua hora extrema já estava proxima a soar; n'essa mesma noite elle foi atacado pela epidemia, á qual succumbiu no dia 17 como valente soldado no seu posto de honra.

Desde essa epocha a Villa ficou entregue unicamente ao zêlo do Escrivão da Administração do Concelho, unica auctoridade que não abandonou a Villa, e que tendo sido um dos primeiros atacados pela epidemia, logoque pôde foi incançavel em diligenciar o enterramento dos cadaveres, auctorisando debaixo da sua responsabilidade a paga das sepulturas pelo cofre do Municipio; é a dedicação do infatigavel cidadão Justino Antonio da Silva que andava de casa em casa, indagando e remediando como podia as necessidades dos enfermos, e que junto com os escravos acarretava e enterrava os cadaveres; oxalá que as auctoridades d'aquella ilha fossem quaes outro Justino, porque de certo a Villa de S. Filippe não seria abandonada, e muitos dos seus habitantes não teriam succumbido á epidemia, á fome, á sede e ao desamparo; e os habitantes dos mais pontos da Freguezia da Villa e da de S. Lourenço não poderiam responder quando foram intimados, os primeiros para fazerem os enterramentos, e os segundos para abastecerem a Villa de agua, que não queriam ir á Villa pela mesma rasão que as auctoridades a tinham abandonado, fugindo para a Villa da Praia.

Ao mesmo tempo que uma epidemia, absolutamente desconhecida por todos os indigenas da ilha, inesperadamente assaltava e devastava os habitantes da Villa de S. Filippe, o estado sanitario de todos os demais pontos da ilha conservava-se o melhor que se póde imaginar; logo é inquestionavel que a epidemia começou a sua marcha na Villa de S. Filippe, e que é dentro d'esta ou nas suas immediações que se deve encontrar a sua causa. Para chegar a este fim indaguei minuciosamente se tinha havido alguma mudança nos habitos, alimentação e affecções moraes de seus habitantes, ou alguns phenomenos metereologicos, reformas ou mudanças na Villa e suas immediações, como excavações, exhumações, estabelecimento de pantanos, focos de putrefacção arrojados á praia pelo mar; finalmente se por alguma mudança tinha passado tanto o pessoal como o material da Villa, que me podesse explicar a causa da epidemia; porém a não ser a communicação da gente da barca sarda *Corsa*, cujo estado sanitario tenho feito conhecer, nenhuma outra encontrei.

Logo que a epidemia começou á adquirir maior intensidade na Villa, uma parte dos seus moradores retiraram-se não só para os differentes pontos da sua freguezia, mas tambem para os da de S. Lourenço; mas infelizmente esta deliberação já foi tarde tomada por muitos, porque já n'elles se passava o periodo de incubação da epidemia, e por ella foram invadidos, uns no meio do transito, alguns logoque chegaram ao logar do seu refugio, e outros poucos dias depois; houveram familias de quinze e vinte pessoas que trez dias depois, não só lhes restavam apenas duas ou tres pessoas que não tivessem sido atacadas pela epidemia, mas tambem que já d'ella contavam tres e quatro victimas; porém ainda houveram outros mais infelizes que foram encontrados no caminho lutando com a morte, e até alguns já mortos, como o foi uma mulher nas immediações da Villa, e um rapaz na Freguezia de Santa Catharina, que não foram reconhecidos. Tanto na freguezia de S. Lourenço, como nos outros pontos da de Nossa Senhora da Conceição se gosava da melhor saude á chegada dos fugitivos da Villa, mas dias depois d'estes terem adoecido, a epidemia se espalhou por quasi todos os seus moradores, começando por aquelles que tinham continuas relações ou que moravam mui proximos dos recemchegados.

É este um facto constatado por todos os habitantes da ilha, assim como houveram familias inteiras que conseguiram porem-se a coberto da epidemia saindo da Villa logoque se deram os primeiros casos da epidemia, e que se retiraram para logares não povoados, cortando por esta fórma toda e qualquer communicação directa com os logares e pessoas atacadas, como o fez o Sr. Jeronymo José do Sacramento Monteiro com parte da sua familia e muitos outros; bem como que houveram muitas e muitas pessoas que não soffreram a menor alteração na sua saude apesar de terem tido as relações mais intimas com muitos dos mais e menos atacados gravemente pela epidemia.

Foram tantas as pessoas dá Villa que foram adoecer nos differentes logares da sua freguezia, e nos da de S. Lourenço, que sete ou oito dias depois de ter rebentado a epidemia na Villa, já ella se achava devastando toda a

freguezia de Nossa Senhora da Conceição, e uma grande parte da de S. Lourenço.

Agora vejamos quaes foram os vehiculos da epidemia para as duas ultimas freguezias, começando pela de Santa Catharina. Quatro dos escravos abandonados, dois pertencentes ao Sr. Joaquim Monteiro de Macedo, ambos chamados Jeronymos, em relação á sua idade 1.° e 2.°, um de João Gomes Barbosa por nome Beafé, e um quarto Surna, do Sr. Benjamin Gomes Barbosa, aterrados pela morte de que a todos os momentos viam caír os seus camaradas, que como elles andavam empregados nos enterramentos, no dia 8 de Julho fugiram da Villa em uma lancha, dizem que com tenção de irem para Bissau, sua patria; estes infelizes costearam a ilha pelo sul, mas ao amanhecer do dia 9, quando chegaram proximo da ponte do Alcatraz, já o Jeronymo primeiro estava tão doente, obrando e vomitando sem cessar, que os seus companheiros o desembarcaram nos braços, e depois de o terem abrigado em uma barraca feita com a vela da lancha, dirigiram-se ao logar chamado a Casinha, pedindo soccorro para o seu camarada: immediatamente algumas pessoas foram ver o doente, porém quando lá chegaram já o encontraram morto. O Jeronymo segundo algumas horas depois de ter chegado á Casinha foi atacado de vomitos, diarrhea, caimbras, e tão gravemente que morreu no seguinte dia, e tres ou quatro dias depois teve igual molestia o morador da Casinha, Manuel de Andrade, que o tinha tratado, e que havia muitos dias que não ía á Villa.

No dia 8 foi da Villa para a freguezia de Santa Catharina, o escravo Manuel dos Reis pertencente ao Sr. Marcellino Felix de Medina, o qual no dia 9 foi encontrado por Sebastião Rodrigues, no sitio da Bombardeira, deitado no chão e tão mal que o mesmo Sebastião o conduziu ás costas para sua casa; o escravo morreu, e o conductor e quasi toda a sua familia adoeceu poucos dias depois da mesma doença.

Na Cova Matinha, o primeiro atacado pela epidemia foi Henrique dos Ramos, que fugido da Villa tinha chegado no dia antecedente.

Finalmente todas as informações que colhi ácerca da causa da epidemia na freguezia de Santa Catharina são todas conducentes a que ella lhe foi communicada pelos fugidos da Villa e que lá adoeceram, porque foram elles os primeiros a serem atacados por uma molestia de muitos vomitos, diarrhea, sede, caimbras, grande anciedade, difficuldade em ourinar, olhos encovados, etc., terminando quasi sempre pela morte, e em seguida aquelles que os tratavam, propagando-se por este modo a molestia de familia a familia, e de districto a districto; até que a doença estendeu o seu dominio a toda aquella freguezia; ao mesmo tempo os escravos Surna e Beafé, depois de terem morrido os seus dois camaradas, se dirigiram para a freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, onde se conservaram durante toda a epidemia, continuando a ter as relações mais intimas com os companheiros que lá encontraram e que foram atacados, sem que a sua saude soffresse jamais a menor alteração.

Vejamos finalmente quaes foram os primeiros doentes da epidemia na freguezia de Nossa Senhora da Ajuda. Julio, escravo de José Joaquim Vieira e Vasconcellos, fugiu da Villa no dia 7, a 8 chegou ao Monte Queimado, a 9 adoeceu com vomitos, diarrheia, muita sede, anciedade e caimbras, e morreu a 10; tres dias depois adoeceu e morreu da mesma molestia e no mesmo sitio a escrava Maria, que fôra enfermeira de Julio, a qual havia um mez que não ía á Villa.

No Laranjo, logar proximo da Igreja, Sumbango e Feijamsinho, manifestaram-se no dia 10 alguns casos de igual molestia nos escravos fugidos da Villa, cujo padecimento se propagou a quasi todos aquelles que com elles tiveram relações.

No sitio da Igreja, o primeiro atacado de identica molestia foi um tal Antonio, que por diversas vezes tinha estado com os doentes do Laranjo, o qual caíu doente no dia 12, e morreu contando apenas seis horas de padecimento.

Oito dias depois já se contavam no Feijamsinho, Sumbango, Laranjo, Igreja e Altraz, muitos doentes da mesma molestia, que depois se propagou a toda a freguezia.

Quem diria no dia 30 de Junho aos filhos da ilha do Fogo, que a sua ilha, que é uma das mais salubres d'este Archipelago, em breve seria devastada por uma epidemia, a qual até ao dia 12 do seguinte mez teria debaixo das suas mortiferas asas toda a ilha, e que muitos d'elles abandonando os patrios lares, e os entes que lhe são mais caros n'este mundo, se refugiariam na ilha de S. Thiago?!

No dia 15 chegou á ilha o Cirurgião de primeira classe da Armada em commissão n'esta Provincia, Guilherme Maria Mayer, o qual no seu relatorio me diz o seguinte:

« Apenas desembarquei tratei de informar-« me do estado sanitario não só dos habitan-« tes da Villa, mas dos da ilha em geral, e « soube que quasi todos, se não todos os que « haviam ficado na mencionada Villa, se acha-« vam affectados de diarrhea e vomitos, que « nos dias anteriores havia sido grande a mor-« tandade, chegando a sepultar-se aos dezeseis

« e dezesete cadaveres por dia, que no ante-
« rior tinham fallecido oito doentes, e que n'a-
« quelle mesmo dia pela manhã se enterraram
« cinco, finalmente que alguns dos enfermos,
« que actualmente existiam, se achavam em
« perigo de vida.

« O numero dos doentes por mim observa-
« dos n'essa noite ás duas horas excedia a
« cento e seis, e achando-se em algumas ca-
« sas accumulados aos cinco e seis, pela maior
« parte indigentes.

« Descrever o estado miseravel, e de aban-
« dono em que encontrei a maior parte, seria
« difficil, não só porque não ha descripção pos-
« sivel que possa fazer bem avaliar tudo quanto
« presenciei, mas ainda porque excederia os
« limites de um relatorio; direi sómente e de
« passagem, que a par da doença que os ator-
« mentava, apparecia a fome e a sede, que
« talvez concorresse, e não pouco, para aug-
« mentar o numero das victimas.

« Em todos os doentes por mim vistos, uns
« estavam em principio da doença, outros con-
« tavam já um e dois dias de molestia, muito
« raros os que se podessem dizer em convales-
« cença; haviam dois dias que lhe não eram
« administrados soccorros medicos, pois que o
« meu collega Sousa achava-se gravemente
« doente no logar do Pico Pires, onde falleceu
« quarenta e oito horas depois da nossa che-
« gada.

« Depois de ter acabado esta primeira vi-
« sita recolhi ao meu quartel pelas duas e meia,
« a fim de preparar os remedios que deviam
« ser administrados aos doentes por mim visi-
« tados, trabalho de que só me desembaracei
« pelas quatro horas da madrugada do dia 16.

« Em seguida tratei de escolher uma casa
« para se formar um hospital provisorio, onde
« podessem ser admittidos e tratados não só
« os indigentes, mas ainda para receber e
« prestar promptos soccorros a qualquer indi-
« viduo, que vindo do interior á povoação, po-
« desse ser acommettido do cholera; assim se
« praticou, e pelas oito horas achava-se a casa
« prompta e guarnecida dos objectos de primeira
« necessidade.

« Pelas nove horas passei segunda visita, e
« por essa occasião o Commandante militar,
« que sempre me acompanhou, deu as provi-
« dencias necessarias para que os pobres re-
« colhessem ao hospital, dos quaes um falleceu
« poucos minutos depois de ali haver entrado.
« Por esta occasião encontrei alguns dos en-
« fermos, não só um pouco melhores, mas ainda
« mais despidos do grande receio que d'elles
« se havia apoderado, e sobretudo mais espe-
« ranças na sua sorte.

« O trabalho que então sobre mim só pesava,
« quer de passar visita a grande numero de in-
« dividuos affectados, quer de preparar reme-
« dios, não só para elles, mas ainda para grande
« numero do interior, os quaes apenas lhe
« constou a chegada de um Cirurgião, affluiu
« do interior pedindo remedio para a sua fa-
« milia, obstaram a que de prompto podesse
« encarregar-me de tudo quanto em taes cir-
« cumstancias se deve pôr em pratica.

« No dia immediato, pela tarde, logo que
« me desembaracei dos meus trabalhos, passei
« a examinar os differentes pontos da Villa
« onde se haviam sepultado os cadaveres, e
« então notei que as sepulturas haviam sido
« mal feitas, pois que em muitos logares, es-
« pecialmente n'aquellas que se haviam aberto
« em frente da freguezia da Villa, e Igreja da
« Misericordia, se achavam parte dos corpos a
« descoberto, servindo de pasto a porcos e
« cães! Entendi portanto que a medida a to-
« mar em taes circumstancias na occasião em
« que havia falta de braços para proceder d'esde
« logo a um perfeito aterro, era mandar co-
« brir melhor as sepulturas, lançando-lhes ao
« mesmo tempo cal e mandar ali acender fo-
« gueiras.

« Visitei algumas das casas onde havia mor-
« rido gente affectada pela epidemia, e por essa
« occasião tratei de inutilisar os objectos que
« haviam servido aos enfermos, arejando-as
« ao mesmo tempo e fumigando-as.

É inexacto o dizer-se que se haviam aberto
« vallas para sepultar os cadaveres, ao con-
« trario enterrava-se indistinctamente em um
« ou outro logar, que melhor convinha, che-
« gando a encontrar as sepulturas dentro dos
« pateos das casas, principalmente dos indi-
« viduos que abandonaram a Ilha.

« O cemiterio achava-se igualmente cheio
« de cadaveres, e em um estado immundo, jul-
« guei que devia ser mandado limpar, e de-
« pois devia ser fechado, escolhendo-se outro
« logar proprio para tal fim; no dia seguinte
« depois de haver visitado alguns dos pontos
« dos arredores da Villa, indigitei o que mais
« proprio e conveniente me parecia, já pela
« sua localidade, já pela qualidade de terreno. »

Pelo relatorio que deixo transcripto se vê qual o estado em que aquelle Cirurgião encontrou a epidemia na Villa de S. Filippe, e as providencias que elle acabava de tomar, quando no dia 21 de Julho aportei áquella Ilha dando execução á Portaria n.º 73-A de 19 do referido mez, em que V. Ex.ª me ordenava que immediatamente embarcasse a bordo da escuna *Leopoldina*, e seguisse viagem para aquella Ilha a fim de dirigir o serviço de saude e debellar o flagello do cholera-morbus que n'ella se tinha desenvolvido com grande

intensidade; e ás ordens que no mesmo sentido me tinham sido dadas pela Junta de Saude Publica da Provincia.

Apesar das informações que me tinham dado, na Villa da Praia, os transfugas da Ilha do Fogo sobre a epidemia, terem sido de tal natureza que me suscitaram a idéa do cholera-morbus e da sua importação a ponto de verbalmente o communicar á Junta de Saude e a V. Ex.ª; comtudo apenas desembarquei n'aquella Ilha desprezei quanto pude esta idéa, para livre de prevenções diagnosticar a molestia que ía observar, e fundado só sobre o que visse e ouvisse das pessoas mais competentes e desinteressadas, indicar, se possivel me fosse, a sua causa. Foi debaixo d'estes principios que comecei a minha commissão.

Em acto immediato á minha chegada visitei todos os doentes da freguezia de Nossa Senhora da Conceição, e nos dias seguintes os das restantes freguezias, e em todas ellas encontrei mais ou menos doentes atacados por uma molestia offerecendo na sua marcha a mais perfeita similhança; um dos caracteres das epidemias, como diz Schnurrer, assim como cada folha de uma arvore representa a arvore inteira, da mesma maneira uma individualidade morbida representa exactamente a marcha geral de uma epidemia; pelo que conclui com conhecimento de causa, que em toda a Ilha reinava uma epidemia, a qual pela marcha que tinha tido e pelo estado em que a observei, achava-se no terceiro periodo na freguezia de Nossa Senhora da Conceição, no segundo nas de Santa Catharina e S. Lourenço, e no primeiro na de Nossa Senhora da Ajuda.

Não querendo com precipitação formar o diagnostico da epidemia que observava, aindaque as suas individualidades morbidas se apresentavam com symptomas tão caracteristicos e pathognomonicos, que era sufficiente observar duas para a poder diagnosticar com toda a certeza, accrescendo, que não era a primeira vez que a combatia; colhi muitas informações, que segundo a sua gravidade dividi em duas classes, e encontrando tanto nas primeiras como nas segundas todo o quadro symptomatico e marcha que os melhores auctores têem observado na cholerina, e no cholera-morbus asiatico, desde a sua invasão até ao periodo cyanico, e ao da reacção incompleta ou franca, tomando algumas vezes o caracter typhoyde e o adynamico; e sendo o mesmo cortejo de symptomas que observei na epidemia que em 1833 devastou Portugal, com toda a certeza e convicção diagnostiquei a epidemia que reinava na Ilha do Fogo do cholera-morbus asiatico, diagnostico que igualmente fizeram os meus collegas Cirurgiões, que como eu a observaram, e partilharam da mesma commissão.

Tendo já relatado fielmente o desenvolvimento e propagação do cholera-morbus a quasi toda a Ilha, creio ter apresentado provas authenticas que depõem o sufficiente a favor da sua importação pela barca sarda *Corça*, e por consequencia demonstrado a sua causa na Ilha do Fogo.

Para sustentar o contrario n'este caso ainda haverá alguem que recorrerá a coincidencias?... Para mim é fóra de toda a duvida que o cholera-morbus asiatico foi importado para a Ilha do Fogo pela barca sarda *Corsa*, da mesma maneira que a febre amarella o foi para a Ilha da Boa Vista pelo vapor de guerra inglez *Eclair*, como o provei ao Governo da Provincia quando me achei n'aquella Ilha a braços com a epidemia que a devastou em 1846.

Ao mesmo tempo que formava o diagnostico da epidemia, que descortinava a sua causa, e seguia a sua marcha, soccorria os seus atacados com os meios aconselhados, e tomava diversas medidas hygienicas.

Tendo-me a pratica e a theoria demonstrado que o Facultativo encarregado de debellar qualquer epidemia grave deve não só preencher as indicações aconselhadas para fazer voltar ao estado normal as individualidades morbidas, e destruir a sua causa sendo possivel, mas tambem muitas outras do dominio da hygiene publica e privada, e que da sua omissão depende muitas vezes a maior mortalidade das epidemias, o tornar-se mais prolongada a sua existencia, e até algumas vezes o juntar-se ou succeder á epidemia reinante outra de igual ou maior gravidade, inspeccionei a residencia dos differentes empregados, que me tinham precedido n'aquella commissão, o hospital que provisoriamente tinha sido montado, e o quartel da força armada; e encontrando todos aquelles empregados amontoados em um só quarto, que conjunctamente servia de botica; o hospital comprehendendo apenas dois quartos; e os soldados aquartelados em uma casa ainda mobilada; fiz com que os empregados fossem alojar-se com commodidade, evitando assim as consequencias da sua accumulação, proporcionando-lhes ao mesmo tempo quartos em que fossem collocados ao abrigo de todos os meios hygienicos, com especialidade no caso de algum ser atacado pela epidemia; passando ao hospital dei-lhe maior amplitude, e forneci-o de meios para poder receber maior numero de enfermos, reservando um quarto para a botica, por ser mais conveniente ao serviço que ella fosse estabelecida no mesmo edificio do hospital; e

em seguida mandei retirar e arrecadar a mobilia do alojamento da tropa, prescrevendo-lhe a hygiene que rigorosamente se devia observar.

Encontrando o cemiterio totalmente cheio de sepulturas, muitas d'estas em frente das Igrejas, em roda de toda a Villa, algumas no presidio, e até dentro dos pateos de algumas casas, exhalando quasi todas cheiro cadaverico, que se sentia a grande distancia, o que denotava que se lhes não tinha dado a necessaria profundidade, o que verifiquei sondando-as com uma vara, que do cadaver á superficie do terreno me marcava dois palmos e menos, ordenei immediatamente que sobre todas ellas e no cemiterio se fizessem aterros de seis palmos de espessura, e que d'aquella epocha em diante todas as inhumações fossem feitas no local para esse fim já designado pelo Cirurgião Mayer.

Constando-me o acharem-se fechadas muitas das casas em que os cadaveres tinham sido demorados mais de um dia, e em que alguns haviam sido encontrados já em perfeita putrefacção, e que fechados se conservavam desde o momento em que d'ellas se haviam tirado os cadaveres, ordenei que todas as que estivessem em taes circumstancias fossem convenientemente ventiladas e desinfectadas. Fazendo pessoalmente cumprir esta medida prophilatica encontrei em muitas casas vasos contendo ainda substancias provenientes dos vomitos e das dejecções alvinas dos cholericos; e uma grande porção de roupas, bem como as camas que se achavam no mesmo estado em que d'ellas haviam sido tirados os cadaveres, inundadas pelas mesmas substancias; em algumas d'estas casas sentia-se um cheiro tão repugnante e penetrante que por vezes me fez acreditar que ía deparar com algum cadaver.

Depois de ter posto em andamento os aterros e outras medidas hygienicas que julguei não só necessarias mas até urgentes, encarreguei o Cirurgião Mayer de todo o serviço medico d'aquella Freguezia, e estabeleci a minha residencia no centro da de S. Lourenço, onde então a epidemia se achava no seu maior auge.

Para reanimar os não atacados, visitar e fornecer os meios curativos aos enfermos d'aquella Freguezia, espalhados por uma superficie de quasi quatro leguas de comprimento sobre tres de largo, e para lhes fazer observar a hygiene publica e privada, fiz quanto pude.

Felizmente a epidemia já tinha declinado tanto na Freguezia de S. Lourenço que apenas se contavam em toda ella doze casos de cholerina, a maior parte em via de convalescença, quando recebi uma participação do Parocho da Freguezia de Nossa Senhora da Ajuda de que os seus freguezes eram diariamente ceifados em crescido numero pela epidemia; para poder dispor de mim dirigindo-me para aquella Freguezia, fazendo-me acompanhar pelo Cirurgião de segunda classe da Armada, José Maria de Mello Dias, que acabava de chegar á Ilha; tendo previamente encarregado o Cirurgião Mayer do tratamento dos já poucos cholericos das Freguezias de Nossa Senhora da Conceição, e São Lourenço.

Não era exagerada a parte dada pelo Parocho dos Mosteiros; o cholera-morbus assolava aquella Freguezia em toda a sua extensão, e os seus moradores achavam-se por tal fórma aterrados, que apenas caiam doentes immediatamente pediam os ultimos sacramentos, e a todos os momentos aguardavam a morte, mesmo na presença dos ataques mais ligeiros; até houveram alguns que julgando-se gravemente doentes, chegaram a fazer as suas ultimas disposições, mas que não tendo padecimento algum a não ser muito medo, saíram da cama apenas se lhes disse que o seu padecimento era imaginario.

A falta de commodidade e recursos na classe indigente d'esta Freguezia, assim como de toda a Ilha era tal, que estes desgraçados tinham por quarto de cama uma pequena choça terrea, fria, humida, feita de pedra ensossa, geralmente não rebocada, coberta de palha, entrando-lhe o ar por um sem numero de buracos; cujo quarto unico servia conjunctamente de cozinha e de deposito de objectos de diversa natureza e usos; por colchão uma immunda esteira; algumas vi immediatamente estendidas no chão; por travesseiro uma pouca de palha, coberta por um pedaço de panno; por toda a roupa de cama um simples lençol, e para dieta caldo de milho!

Com a minha chegada e do meu collega Dias áquella Freguezia, parte d'estas circumstancias, que tão poderosamente concorriam para que a epidemia fosse mais mortifera, cessaram: a todos os doentes, na falta de galinhas, foi-lhes proporcionado o meio de haverem diariamente carne fresca de vacca pelo modico preço de 15 réis a libra, e aos indigentes foram-lhes fornecidos gratuitamente meios alimenticios: os não atacados pela epidemia reanimaram-se; os por ella já feridos começaram a arrosta-la com esperança de não serem suas victimas, e o numero de casos fataes desceu tanto que de cento e trinta cholericos que existiam á nossa chegada, morreram apenas dezesete, quando anteriormente a mortandade era quasi de cincoenta por cento.

(Continúa.)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

RELATORIO

DO

CIRURGIÃO MOR DA PROVINCIA DE CABO VERDE SOBRE A CHOLERA-MORBUS NA ILHA DO FOGO EM 1855.

(Continuado de pag. 372)

Logoque a cifra dos atacados começou diariamente a descer muito, e que os doentes foram reduzidos a pequeno numero, encarreguei o Cirurgião Dias do serviço de saude n'aquella freguezia e da de Santa Catharina, onde a epidemia já tinha deixado de existir desde o dia 27 de Agosto.

Depois de ter percorrido toda a Ilha para fazer perfeita idéa do seu estado sanitario fixei de novo a minha residencia na freguezia mais central, não só para debellar alguns casos de cholera, que com intervallos de tres e mais dias ainda n'ella se desenvolviam, mas tambem para me collocar em posição em que com mais facilidade podesse receber amiudadas participações do estado sanitario de toda a Ilha, para o que tinha ordenado aos meus collegas que me communicassem a miude a marcha da epidemia nas suas respectivas freguezias; e para no caso da epidemia se desenvolver, reapparecer ou recrudescer em qualquer ponto, eu poder soccorrer com mais presteza.

Após a minha chegada áquella Ilha, quando a epidemia se achava no seu maior auge nas freguezias de S. Lourenço, Santa Catharina e Mosteiros, tratei de montar um hospital em cada uma d'ellas para submetter os cholericos a um tratamento regular; porém por mais indagações que fiz não me foi possivel encontrar em nenhuma d'ellas uma casa em que se podesse receber oito ou dez doentes.

Se tivesse levado a effeito esta medida, estou convencido que com ella a mortalidade muito teria diminuido, porque os enfermos teriam sido soccorridos com mais promptidão e regularidade, as suas dietas não constariam de papas de farinha de milho, trigo e arroz; e quando convalescentes não teriam commettido erros de regimen a ponto de succumbirem a violentas indigestões de feijão, milho, e de outras substancias de igual natureza; o que em grande parte era devido ao receio que dominava tanto os doentes como convalescentes de succumbirem mais depressa á falta de alimentação do que á molestia; á convicção em que se achavam de que taes substancias não só eram innocentes, mas até uteis na presença de todas as molestias, e a muitos prejuizos a que por tal fórma se achavam arreigados, que era difficil o convencelos que com elles muito concorriam para a sua morte; de sorte que o Facultativo não só tinha quel utar contra os effeitos do cholera e contra a miseria, mas tambem contra as inveteradas e prejudiciaes rotinas d'aquelle povo.

Durante a epidemia todas as vezes que o serviço o exigiu, ou me era possivel, visitei os diversos pontos da Ilha para coadjuvar algum dos meus collegas nos sitios em que o o cholera se desenvolvia, recrudescia ou reapparecia, ou para conhecer do estado sanitario de toda a Ilha; e finalmente para inspeccionar os aterros a que mandei proceder em todos os cemiterios, em cujo serviço o meu collega Dias desenvolveu muita actividade não só aterrando o antigo cemiterio, mas tambem dirigindo e ultimando os trabalhos do novo.

O cholera-morbus, depois de ter levado o terror e a morte a todos os districtos da Ilha, exceptuando a Ribeira do Ilheu, o mais immundo, anti-hygienico e habitado pela gente mais miseravel de toda a Ilha, não tornou a apparecer na freguezia de Santa Catharina, desde 27 de Agosto, na de Nossa Senhora da Conceição, desde o 1.° de Setembro, na de S. Lourenço desde 18 de Setembro e na de Nossa Senhora da Ajuda desde 4 de Outubro,

tendo em todas ellas atacado tres mil quinhentas e oito pessoas, e morto seiscentas quarenta e tres, como se vê nos mappas n.os 1, 2, 3, 4 e 5.

A marcha da epidemia que me pareceu sempre independente de todas as circumstancias exteriores, como o maior ou menor grau de calor, os ventos, a humidade, as chuvas e as vicissitudes atmosphericas, não teve uma marcha conforme em todas as freguezias; nas de Nossa Senhora da Conceição e Santa Catharina seguiu regularmente os seus tres periodos, e terminou por uma vez; na de Nossa Senhora da Ajuda recrudesceu no momento em que era julgada proxima a finalisar, e na de S. Lourenço reappareceu por duas vezes. No primeiro e segundo os seus ataques foram sempre mais graves e mortaes, do que no terceiro, em que geralmente se davam debaixo do caracter de cholerina.

Os districtos da beiramar, e n'aquelles em que as casas se achavam mais reunidas, constituindo pequenas povoações, foram os mais atacados, e onde proporcionalmente houve maior mortalidade, como por exemplo na Villa de S. Filippe, acrescendo que foi este o primeiro ponto atacado.

De todas as classes a que mais soffreu foi a dos escravos, e com preferencia os ha pouco vindos de Guiné; n'estes a epidemia de ordinario apresentava-se revestida de caracter gravissimo e dando alguns casos fulminantes; circumstancia esta que attribue em grande parte ao pouco que andavam resguardados das vicissitudes atmosphericas, á má e pouca alimentação, ao pouco, senão nenhum, cuidado com que eram tratados no seu padecimento, e ao excessivo uso da aguardente que com facilidade e em abundancia obtinham, porque alguem competente houve, segundo me disseram, que afiançou ser ella o melhor preservativo da epidemia; o que é um facto, é que o seu uso como tal se achava tão vulgarisado á minha chegada, que os chefes de familia a davam e obrigavam a beber até ás creanças, *et in magna quantitate*.

No periodo cyanico foi aquelle em que de ordinario se dava a morte, e tanto que, passado elle, o cholerico era julgado salvo; salvo quando a reacção tomava o caracter typhoide, adynamico ou ataxico.

Durante toda a epidemia não observei caso algum em que lhe sobreviesse qualquer erupção, nem parotidas. Alguns casos de reincidencias se deram, e muitos de recaídas, quasi todos mortaes, com especialidade os recaidos.

Não fallando dos casos fulminantes que se deram na invasão da epidemia, houveram alguns por mim presenciados que terminaram pela morte em oito e dez horas, seguindo-se os periodos da doença uns após outros com uma rapidez espantosa; o que constituia uma excepção da regra geral da marcha ordinaria do cholera, cuja duração foi de tres e cinco dias.

Não me faltou a vontade nem o conhecimento das vantagens que se colhem das autopsias, porém infelizmente nunca me foi possivel abrir cadaver algum, nem aos meus collegas.

É geralmente sabido que com o fim de deparar com o especifico do cholera morbus, contra elle tem sido empregados todos os agentes de que a therapeutica dispõe, porém a experiencia tem-me demonstrado, que contra aquelle flagello da humanidade se não póde oppor um methodo de tratamento uniforme, e que deve variar segundo o apparato symptomatico com que se nos apresenta. Foi fundado sobre este principio que tratei os cholericos, usando das substancias mais preconisadas, notando que dos ensaios que fiz com a ipecacuanha e com os purgantes salinos no segundo periodo da doença, com vistas de moderar as evacuações, não colhi resultado que me faça preferir aquellas substancias ás preparações opiadas.

Era tão fóra do commum o tratamento que aquelles insulanos empregavam contra o cholera antes da minha chegada e dos meus collegas, que pela sua especialidade o menciono. Consistia o tal tratamento nos casos ligeiros no uso interno de ourina misturada com aguardente, e nos casos graves, da mesma mistura, a que juntavam fezes estercoraes, e de clysteres de folhas de tabaco, sem peso, conta, nem medida.

Dizem que os infelizes tudo bebiam, e que a cada momento pediam mais e mais da tal beberagem!

E na presença de um ataque de cholera e com tal tratamento alguns não morreram!... Quão forte não era n'estes a força medicatriz da natureza?! Excepto n'aquelles que fizeram uso dos clysteres da nicociana, porque d'esses nenhum escapou.

Felizmente a epidemia terminou a sua existencia a 8 de Outubro, e passados trinta dias de observação, eu considerei a Ilha livre de molestias epidemicas ou contagiosas, e conseguintemente terminada a minha commissão, pelo que dei execução ás ordens de V. Ex.ª, que me foram communicadas pelo Presidente da Junta de Saude, regressando a esta Ilha, onde cheguei a 17 de Outubro do preterito anno.

Termino este longo e mal alinhavado relatorio recommendando a V. Ex.ª o Cirurgião de primeira classe da Armada Guilherme Ma-

ria Mayer, e o da segunda classe José Maria de Mello Dias, pelo zêlo, caridade, dedicação e actividade com que se houveram durante a epidemia; e julgo que commetteria uma grave falta se não mencionasse igualmente digno de recompensa, pelos relevantes serviços que prestou durante todo o tempo da epidemia, o Regedor da Parochia de Nossa Senhora da Conceição, o Sr. Justino Antonio da Silva.

Villa da Praia, 15 de Janeiro de 1856.

José Fernandes da Silva Leão

Cirurgião Mór da Provincia.

N.º

MAPPA DA POPULAÇÃO DA FREGUEZIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E NÃO ATACADOS PELO

DISTRICTOS	FOGOS	POPULAÇÃO				FUGIDOS				ATACADOS			
		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
		LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS
Villa de S. Filippe	122	258	332	297	377	38	20	65	19	108	185	156	200
Corrêa	28	66	–	81	2	–	–	–	–	22	–	37	–
João da Noli	62	109	6	148	2	–	–	–	–	48	1	56	1
Somada	1	1	–	3	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Coxo	3	8	–	8	–	–	–	–	–	2	–	2	–
Contador	3	4	3	7	1	–	–	–	–	–	1	2	–
Passage	4	15	–	14	–	–	–	–	–	3	–	5	–
Cabeça de Moita	33	89	10	110	9	–	–	–	–	23	6	30	5
Salta gato	6	10	–	18	–	–	–	–	–	4	–	8	–
Maria Gomes	16	31	1	40	4	–	–	–	–	20	–	13	–
Pedra Branca	1	6	1	4	1	–	–	–	–	3	–	33	–
Fundada	5	16	1	20	–	–	–	–	–	5	–	4	–
Almada	2	2	–	1	–	–	–	–	–	2	–	1	–
Covada	4	12	5	11	7	–	–	–	–	7	–	7	–
Piquinho	26	170	6	193	6	–	–	–	–	47	–	53	1
Lagariça	28	77	–	79	–	–	–	–	–	13	–	8	–
Cidreira	11	17	–	24	–	–	–	–	–	8	–	3	–
Reganhada	14	29	1	33	–	–	–	–	–	7	–	9	–
Ilheu	9	16	–	18	–	–	–	–	–	–	–	2	–
Certez	2	5	–	10	–	–	–	–	–	–	–	2	–
Lapa cavallo	1	3	1	7	–	–	–	–	–	3	1	7	–
Laja	2	10	–	15	–	–	–	–	–	4	–	6	–
Maciel	3	6	–	8	–	–	–	–	–	3	–	4	–
Sambuda	4	12	–	6	–	–	–	–	–	3	–	3	–
Talho	1	5	–	9	2	–	–	–	–	3	–	4	–
Vicente Dias	4	12	–	6	–	–	–	–	–	3	–	3	–
Curral Ochó	52	113	1	146	2	–	–	–	–	55	–	65	–
Penteada	46	97	–	104	–	–	–	–	–	56	–	60	–
Luna Nunes	65	152	9	148	2	–	–	–	–	61	–	36	–
Patine	57	144	3	134	5	–	–	–	–	54	–	57	1
Boca Larga	6	14	–	19	–	–	–	–	–	9	–	13	1
Lambuda	2	8	1	6	–	–	–	–	–	8	–	5	1
		1515	381	1727	420	38	20	65	19	584	194	664	208
		1896		2147		58		84		778		872	
	683	4043				142				1650			

1.

A ILHA DO FOGO, E DOS EMIGRADOS, ATACADOS, CURADOS, MORTOS
HOLERA MORBUS.

CURADOS				MORTOS				NÃO ATACADOS				OBSERVAÇÕES
HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		
LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	
83	102	115	109	25	83	41	91	112	127	76	158	
16	–	30	–	6	–	7	–	44	–	44	2	
38	1	51	1	10	–	5	–	61	5	92	1	
–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	3	–	
2	–	2	–	–	–	–	–	6	–	6	–	
3	1	2	–	–	–	–	–	4	2	5	1	
3	–	5	–	–	–	–	–	12	–	9	–	
20	6	27	3	3	–	3	2	66	4	80	4	
1	–	4	–	–	–	4	–	6	–	10	–	
18	–	12	–	2	–	1	–	11	1	27	4	
3	–	3	–	–	–	–	–	3	1	1	1	
4	–	4	–	1	–	–	–	11	1	16	–	
2	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	
7	–	7	–	–	–	–	–	5	5	4	7	
44	–	51	1	3	–	2	–	123	6	140	5	
10	–	8	–	3	–	–	–	64	–	71	–	
8	–	3	–	–	–	–	–	9	–	21	–	
6	–	8	–	1	–	1	–	22	1	24	–	
–	–	2	–	–	–	–	–	16	–	16	–	
–	–	–	–	–	–	2	–	5	–	8	–	
3	–	6	–	–	1	1	–	–	–	–	–	
3	–	6	–	1	–	–	–	6	–	9	–	
3	–	3	–	–	–	1	–	3	–	4	–	
3	–	3	–	–	–	–	–	9	–	3	–	
3	–	3	–	–	–	1	–	2	–	5	2	
3	–	3	–	–	–	–	–	9	–	3	–	
46	–	61	–	9	–	4	–	58	1	81	2	
53	–	56	–	3	–	4	–	39	–	44	–	
56	–	35	–	5	–	1	–	91	9	112	2	
47	–	48	1	7	–	9	–	90	3	77	4	
6	–	13	–	3	–	–	–	5	–	6	–	
8	–	4	–	–	–	1	–	–	1	1	–	
502	110	475	115	82	84	89	93	893	167	998	193	
612		590		166		182		1060		1191		
1202				348				2251				

N.

MAPPA DA POPULAÇÃO DA FREGUEZIA DE S. LOURENÇO DA ILHA DO FOGO, [

DISTRICTOS	NUMEROS DOS DISTRICTOS	FOGOS	POPULAÇÃO				ATACADOS			
			HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
			LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS
Bernardo Gomes	1	22	39	2	53	1	13	2	23	1
S. Domingos	2	22	44	20	44	17	7	–	2	1
Pico Silverio	3	19	73	5	62	2	12	–	19	1
Pé do Monte	4	14	23	–	38	–	5	–	5	–
Nossa Senhora da Luz	5	4	13	–	14	–	2	–	2	–
Santa Cruz	6	2	8	5	3	4	1	–	–	–
Albito	7	8	23	–	12	–	12	–	6	–
Piasco	8	1	1	–	3	–	–	–	–	–
Curral Pedro	9	2	6	–	5	–	–	–	–	–
Terra	10	4	11	–	9	–	1	–	2	–
Baldaia	11	14	40	–	33	4	4	–	9	–
Lugarinho	12	9	24	1	30	1	5	1	11	1
Pombal	13	5	19	29	11	30	5	9	11	8
Frontera	14	17	46	19	57	13	10	8	13	5
Santa Maria	15	1	1	–	2	–	–	–	–	–
Monte Tabor	16	48	102	–	111	–	24	–	28	–
Cora	17	2	4	–	2	–	–	–	1	–
Santa Clara	18	1	1	–	2	–	–	–	–	–
Sequeira	19	6	8	1	12	3	2	–	5	–
Sancho	20	6	18	1	18	4	3	–	4	–
Santo Antonio	21	18	36	8	52	17	6	1	5	–
Inhico	22	68	150	7	199	2	33	–	42	–
Santa Anna	23	4	6	–	9	–	4	–	3	–
Pico Pires	24	4	6	34	15	40	1	11	2	30
Pico Lopes	25	5	11	7	14	8	3	1	3	–
Horta Villa	26	1	1	32	7	38	1	4	–	17
Zambugueiro	27	16	37	–	33	–	4	–	8	–
Netes	28	6	23	8	14	8	2	1	1	1
Chão do Monte	29	7	17	1	17	4	3	–	3	–
Ribeira Gomes	30	9	23	–	19	–	2	–	3	–
Mosquitos	31	38	85	1	90	1	12	–	17	–
Serrado	32	28	65	26	67	18	5	2	10	1
Renque	33	21	49	–	47	–	15	–	9	–
Galindo	34	7	8	–	21	–	1	–	–	–
Pedro Homem	35	3	6	–	7	–	3	–	3	–
Soares	36	1	2	–	2	–	1	–	1	–
Denesiano	37	5	9	–	18	–	3	–	3	–
Ribeira Grande	38	12	30	–	25	–	6	–	10	–
Achada Fonseca	39	1	5	–	4	–	4	–	2	–
Torta olho	40	9	15	–	16	–	2	–	5	–
Achada mentirosa	41	11	29	–	25	–	7	–	1	–
Larangeira	42	5	15	–	13	–	3	–	3	–
		506	1186	207	1276	215	236	40	236	66

2.

DOS ATACADOS, CURADOS, MORTOS E NÃO ATACADOS PELO CHOLERA MORBUS.

CURADOS				MORTOS				NÃO ATACADOS				OBSERVAÇÕES
HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		
LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	
13	2	23	1	–	–	–	–	26	–	30	–	
7	–	2	–	–	–	–	1	37	20	42	16	
11	–	19	1	1	–	–	–	61	5	43	1	
4	–	5	–	1	–	–	–	28	–	33	–	
2	–	–	–	–	–	2	–	11	–	12	–	
–	–	–	–	1	–	–	–	7	5	3	4	
11	–	6	–	1	–	–	–	11	–	6	–	
–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	3	–	
–	–	–	–	–	–	–	–	6	–	5	–	
1	–	2	–	–	–	–	–	10	–	7	–	
4	–	8	–	–	–	1	–	36	–	24	4	
4	1	10	–	1	–	1	1	19	–	19	–	
5	6	11	8	–	3	–	–	14	20	–	22	
10	8	11	3	–	–	2	2	36	11	44	8	
–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	2	–	
24	–	27	–	–	–	1	–	78	–	83	–	
–	–	1	–	–	–	–	–	4	–	1	–	
–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	2	–	
2	–	5	–	–	–	–	–	6	1	7	3	
1	–	3	–	2	–	1	–	15	1	14	4	
6	–	5	–	–	1	–	–	30	7	47	17	
19	–	36	–	4	–	6	–	117	7	157	2	
4	–	3	–	–	–	–	–	2	–	6	–	
–	11	2	27	1	–	–	3	5	23	13	10	
3	–	3	–	–	1	–	–	8	6	11	8	
1	2	–	14	–	2	–	3	–	28	7	21	
4	–	8	–	–	–	–	–	33	–	25	–	
2	1	1	1	–	–	–	–	21	7	13	7	
3	–	1	–	–	–	2	–	14	1	14	4	
2	–	2	–	–	–	1	–	21	–	16	–	
11	–	15	–	1	–	2	–	73	1	73	1	
4	–	7	1	1	2	3	–	60	24	57	17	
14	–	9	–	1	–	–	–	34	–	38	–	
1	–	–	–	–	–	–	–	7	–	21	–	
3	–	3	–	–	–	–	–	3	–	4	–	
1	–	1	–	–	–	–	–	1	–	1	–	
3	–	3	–	–	–	1	–	6	–	15	–	
6	–	10	–	–	–	–	–	24	–	15	–	
4	–	2	–	–	–	–	–	1	–	2	–	
2	–	2	–	–	–	3	–	13	–	11	–	
7	–	–	–	–	–	1	–	22	–	24	–	
2	–	2	–	1	–	1	–	12	–	10	–	
220	31	249	56	16	9	32	10	950	167	195	149	

DISTRICTOS	NUMEROS DOS DISTRICTOS	FOGOS	POPULAÇÃO				ATACADOS			
			HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
			LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS
Transporte......	....	506	1186	207	1276	215	236	40	236	66
Ramacheu.	43	9	25	–	23	–	1	–	6	–
Hortas.	44	23	49	7	49	4	11	–	8	–
Monte Travasso	45	2	11	–	2	–	–	–	–	–
Curral olho.	46	95	232	7	263	10	56	–	53	2
João Garrido	47	15	43	10	38	15	1	–	7	–
Affonso Gil.	48	13	24	–	45	–	2	–	1	–
Lomba	49	25	54	–	59	–	3	–	3	–
Aleixo Gomes.	50	44	109	–	135	–	22	–	42	–
Mira-mira	51	35	88	2	87	2	16	–	11	–
Ponta Verde	52	7	15	–	14	–	–	–	2	–
Casa Velha.	53	3	12	–	7	–	3	–	–	–
Boca larga.	54	10	33	–	32	–	7	–	6	–
Piasco.	55	11	36	–	28	–	6	–	4	–
Monte da venda	56	21	64	–	39	8	16	–	8	–
Fontinha.	57	21	57	2	67	1	12	–	10	–
Abobreira.	58	5	13	–	8	–	10	–	3	–
Galinheiro	59	42	115	–	131	–	13	–	25	–
Outra banda.	60	13	28	1	29	–	7	–	7	–
S. Jor.	61	33	80	–	78	–	10	–	13	–
Campanha.	62	22	59	–	56	–	14	–	8	–
			2279	236	2425	255	437	40	492	68
			2515		2680		477		560	
		935	5195				1037			

Villa da Praia, 15 de Janeiro de 1856.—*José Fer*

CURADOS				MORTOS				NÃO ATACADOS				OBSERVAÇÕES
HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		
LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	
120	31	249	56	16	9	32	10	950	167	195	149	
1	–	5	–	–	–	1	–	21	–	17	–	
9	–	8	–	2	–	–	–	38	7	41	4	
–	–	–	–	–	–	–	–	11	–	2	–	
50	–	49	2	6	–	4	–	176	7	210	8	
1	–	7	–	–	–	–	–	42	10	31	15	
2	–	1	–	–	–	–	–	22	–	44	–	
3	–	–	–	–	–	3	–	51	–	56	–	
21	–	39	–	1	–	3	–	87	–	93	–	
15	–	10	–	1	–	1	–	72	2	76	2	
–	–	–	–	–	–	2	–	15	–	12	–	
2	–	–	–	1	–	–	–	9	–	7	–	
6	–	6	–	1	–	–	–	16	–	26	–	
4	–	4	–	2	–	–	–	30	–	24	–	
14	–	7	–	2	–	1	–	48	–	31	8	
11	–	8	–	1	–	2	–	45	2	57	1	
10	–	3	–	–	–	–	–	3	–	5	–	
11	–	22	–	2	–	3	–	102	–	106	–	
7	–	6	–	–	–	1	–	21	1	22	–	
5	–	7	–	5	–	6	–	70	–	65	–	
9	–	4	–	5	–	4	–	65	–	48	–	
392	31	433	58	45	9	59	10	1842	196	1933	187	
423		491		54		69		2038		2120		
914				123				4158				

...nandes da *Silva Leão*, Cirurgião Mór da Provincia.

N.º

MAPPA DA POPULAÇÃO DA FREGUEZIA DE NOSSA SENHORA D'AJU
CURADOS, MORTOS E NÃO ATA

DISTRICTOS	NUMEROS DOS DISTRICTOS	FOGOS	POPULAÇÃO				ATACADOS			
			HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
			LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS
Feijoal	1	100	266	4	303	6	41	1	27	–
Atalaya	2	22	63	–	77	–	3	–	2	–
Ribeira do Ilhéu	3	70	162	1	195	1	–	–	–	–
Fonte Cabra	4	21	53	1	57	1	8	–	7	–
Sumbango	5	41	90	–	112	2	22	–	14	–
Casa Cotello	6	52	143	1	150	3	21	–	15	–
Feijãosinho	7	43	107	6	114	5	29	–	31	–
Corro	8	25	79	–	85	–	18	–	13	–
Lem	9	8	17	2	19	7	7	–	2	1
Queimada	10	30	75	–	83	1	7	–	3	–
Fonsaco	11	39	103	–	110	–	23	–	18	–
S. Miguel	12	10	25	–	26	–	9	–	12	–
Achada da Malva	13	8	23	–	23	–	3	–	3	–
Achadinha	14	23	51	–	53	–	5	–	5	–
Fonte Curral	15	7	15	–	16	3	–	–	–	–
Achada grande	16	6	13	–	13	–	2	–	2	–
Igreja	17	50	122	8	130	19	29	5	29	11
Antonio Vaz	18	15	49	7	53	8	10	3	7	2
			1446	30	1619	56	237	9	200	14
			1476		1675		246		214	
		570	3151				460			

Villa da Praia, 15 de Janeiro de 1856. = *José Fer*

...A, VULGO DOS MOSTEIROS, DA ILHA DO FOGO, E DOS ATACADOS, ...ADOS PELO CHOLERA MORBUS.

CURADOS				MORTOS				NÃO ATACADOS				OBSERVAÇÕES
HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		
LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	
36	1	22	–	5	–	5	–	225	3	27	6	
1	–	–	–	2	–	2	–	60	–	75	–	
–	–	–	–	–	–	–	–	162	1	195	1	
4	–	3	–	4	–	4	–	45	1	50	1	
18	–	11	–	4	–	3	–	68	–	98	2	
16	–	16	–	5	–	9	–	122	1	125	3	
21	–	24	–	8	–	7	–	78	6	83	5	
16	–	18	–	2	–	5	–	61	–	72	–	
3	–	2	–	4	–	–	1	10	2	17	6	
6	–	3	–	1	–	–	–	68	–	80	1	
15	–	15	–	8	–	3	–	80	–	92	–	
8	–	11	–	1	–	1	–	16	–	14	–	
1	–	2	–	2	–	1	–	20	–	20	–	
2	–	2	–	3	–	3	–	46	–	48	–	
–	–	–	–	–	–	–	–	15	–	16	3	
–	–	2	–	2	–	–	–	11	–	11	–	
24	3	23	9	5	2	6	2	83	3	101	8	
10	–	6	2	–	3	1	–	39	4	46	6	
181	4	150	11	56	5	50	3	1209	21	1419	42	
185		161		61		53		1230		1461		
346				114				2691				

...nandes da *Silva Leão*, Cirurgião Mór da Provincia.

N.° 4.

MAPPA DA POPULAÇÃO DA FREGUEZIA DE SANTA CATHARINA DA ILHA DO FOGO, E DOS ATACADOS, CURADOS, MORTOS E NÃO ATACADOS PELO CHOLERA MORBUS.

	FOGOS	POPULAÇÃO				ATACADOS				CURADOS				MORTOS				NÃO ATACADOS				OBSERVAÇÕES
		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		
		LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	
Em toda a Freguezia..	124	354	1	355	2	184	1	174	2	144	–	157	2	40	1	17	–	170	–	181	–	
		355		357		185		176		144		159		41		17		170		181		
	124	712				361				303				58				351				

Villa da Praia, 15 de Janeiro de 1856.=*José Fernandes da Silva Leão,* Cirurgião Mór da Provincia.

N.° 5.

MAPPA GERAL DA POPULAÇÃO DA ILHA DO FOGO, E DEMONSTRATIVO DO NUMERO DOS EMIGRADOS, E DOS ATACADOS, CURADOS, MORTOS E NÃO ATACADOS PELO CHOLERA MORBUS.

FREGUEZIAS	FOGOS	POPULAÇÃO				EMIGRADOS				ATACADOS				CURADOS				MORTOS				NÃO ATACADOS				OBSERVAÇÕES
		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		
		LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	LIVRES	ESCRAVOS	LIVRES	ESCRAVAS	
N. S. da Conceição	683	1515	381	1727	420	38	20	65	19	584	194	644	208	502	110	475	115	82	84	89	93	893	167	998	193	
S. Lourenço......	935	2279	236	2425	255	–	–	–	–	437	40	492	68	392	31	433	58	45	9	59	10	1842	196	1933	187	
Santa Catharina...	124	354	1	355	2	–	–	–	–	184	1	194	2	144	–	157	2	40	1	17	–	170	–	181	–	
N. S. da Ajuda ...	570	1446	30	1619	56	–	–	–	–	237	9	200	14	181	4	150	11	56	5	50	3	1209	21	1419	4	
		5594	648	6126	733	38	20	65	19	1442	244	1530	292	1219	145	1215	186	223	99	215	106	4114	384	4531	422	
		6242		6859		58		84		1686		1822		1364		1401		322		321		4498		4953		
	2312	13101				142				3508				2765				643				9451				

Villa da Praia, 15 de Janeiro de 1856.=*José Fernandes da Silva Leão,* Cirurgião Mór da Provincia.

PROVINCIA DE

MAPPA DOS DIVERSOS ESTABELECIMENTOS

MISERICORDIAS	IRMANDADES	CONFRARIAS	HOSPITAES	RENDIMENTOS NOS ULTIMOS TRES ANNOS	PROVENIENCIA DOS RENDIMENTOS	ENCARGOS LEGAES	DESPEZAS EFFECTUADAS NO REFERIDO TEMPO
Santa Casa da Misericordia.	—	—	—	1:451$035	Das cobranças das dividas atrasadas, das quotas das embarcações de gavea a 2$000 réis por cada vez que saissem do porto, (hoje abolido) das taxas dos depositos mortuarios, das rendas das casas, dos fóros dos predios, das joias e esmolas dos confrades novos, de juros dos emprestimos, e dos alcances dos Thesoureiros.	Os actos Religiosos e despezas ordinarias.	1:755$800
—	—	Do Santissimo Sacramento e outras a ella annexas.	—	3:181$676	Fóros de propriedades, terrenos e juros.	Festa do Corpus Christi, a da Senhora do Livramento, do Rosario, da Semana Santa, e Domingo da Resurreição.	829$431
—	—	De Nossa Senhora do Livramento.	—	—	Da joia de entrada dos Irmãos e 400 réis de quota annual.	A festa de Nossa Senhora, e as missas pelas almas dos irmãos.	—
—	De Nossa Senhora da Conceição e do Senhor dos Passos.	—	—	367 pezos e oitocentos e noventa pannos, em fazenda do lei.	O dinheiro provém de juros, e os pannos provêem do pagamento de covas para enterar.	A festa e a procissão na Semana Santa e as despezas ordinarias.	—

Secretaria do Governo Geral de Moçambique, 22

MOÇAMBIQUE.

PIOS QUE EXISTEM N'ESTA PROVINCIA.

POR QUEM DETERMINADA A SUA ADMINISTRAÇÃO	DIVIDAS ACTIVAS	DIVIDAS PASSIVAS	CAPITAL DADO A JUROS	COM QUE HYPOTHECA OU SEGURANÇA	A QUANTO MONTAM OS JUROS	LOCALIDADES	OBSERVAÇÕES
Segundo o Compromisso da de Goa approvado por Alvará de 23 de Fevereiro de 1633, porém desde 17 de Novembro de 1851 a sua Administração está a cargo de uma Commissão nomeada pelo Governo Provincial.	Nenhuma	117$500	537$625	Penhores de trastes de oiro e prata.	—	Moçambique.	O juro da quantia emprestada é de 5 por cento, alem de 7 por cento que se receberam no acto do emprestimo, segundo a pratica seguida nos emprestimos da Santa Casa.
Por Portaria do Governo Geral de 25 de Maio de 1852.	601$378	1:032$208	300$000	Palmar com casa de pedra em Mossuril	1$666	—	No rendimento dos ultimos tres annos, está incluida a quantia de 308$951 réis, producto da venda da prata inutil, por auctorisação do Governo. Na despeza está incluida a quantia de 298$536 réis que se mandou á India, para compra de Alfaias para o Culto Divino. A quantia de 300$000 réis foi dada a juros em 31 de Maio do anno findo, tendo portanto dois mezes de juros vencidos até ao fim de Julho.
Segundo o Compromisso pela mesa dos Irmãos escravos da Senhora.	—	—	—	—	—	Quilimane	Tem em cofre a quantia de 24$840 réis das esmolas com que os Irmãos têem concorrido para a festividade de Nossa Senhora.
Por uma mesa nomeada annualmente pelos irmãos cessantes.	—	—	1:841 pezos	Especies e fianças idoneas.	103 pezos.	Inhambane.	Em 1842 se reuniu á Irmandade de Nossa Senhora da Conceição a do Senhor dos Passos, instituida em 1827 pelo ex-Governador do Districto, Domingos Correia Arouca.

de Agosto de 1856. = *José Zeferino Xavier Alves.*

INDUSTRIA.

Maneira de extrahir a aguardente das aguas de cera.

O mel, bem como todas os corpos assucarados póde facilmente produzir a aguardente; a agua que se emprega para tirar a cera das colmêas era um residuo sem valor algum, que foi aproveitado primeiramente por Mr. Petit Poussart, agricultor das visinhanças de Troyes; e ultimamente Mr. Lemée, vendedor de mel e fabricante de cera na Bretanha, fez uso d'ella em grande escala. A aguardente que elle extrahiu d'esta origem esteve na Exposição Universal; marcava trinta graus, e não tinha gosto algum. Eis como elle opera com cem arrateis de cera em bruto: aos residuos das colmêas ainda humidos de mel, juntam-se-lhes cento e cincoenta a cento e sessenta canadas de agua, e faz-se ferver esta mistura a fogo brando durante meia hora; tira-se para fóra a cera que vem á superficie, e conservam-se estas aguas em vasos, que se devem manter na temperatura de vinte graus, pouco mais ou menos. A fermentação é ao principio tumultuosa, fazendo muita escuma, depois vae diminuindo, comtudo não está completa senão passadas cinco ou seis semanas, no fim das quaes se procede á distillação feita á maneira ordinaria. Obtem-se d'este modo entre seis e sete canadas de aguardente de trinta e quatro graus por cada cem arrateis de cera em bruto, sendo a despeza da distillação de 600 a 700 réis.

Branqueamento da cera.

Appareceram ultimamente dois processos para branquear a cera; o primeiro inventado por um inglez, Mr. Jelly, consiste em derreter a cera, e misturar-lhe uma pequena quantidade de acido sulphurico diluido com agua; juntam-se-lhe tambem alguns pedaços de nitrato de soda, e meche-se com uma espatula de pau: produz-se assim muito acido nitrico, que tira a côr á cera. O segundo processo, devido a Mr. Charles Grant, de Kingston, consiste em fazer passar durante doze horas, pouco mais ou menos, pela cera derretida uma corrente de oxygenio.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

Publicâmos em seguida uma *Relação nominal dos individuos que das Provincias Ultramarinas têem vindo para o Reino estudar á conta da Fazenda Publica desde* 1833 *até ao principio do presente anno de* 1857.

A primeira e mais obvia observação que occorre em vista de uma tal relação é a dos sentimentos verdadeiramente liberaes e civilisadores com que o Governo da metropole, não contente de ter declarado os habitantes do Ultramar cidadãos portuguezes, tem empregado os meios que pareciam mais proprios para aproveitar os talentos dos filhos das Provincias Ultramarinas, para que podessem ser uteis a si e á patria, e especialmente ás Provincias em que nasceram, sustentando, por um privilegio em beneficio d'aquellas Provincias, á custa da Fazenda Publica um consideravel numero de estudantes, esperando que acabados os estudos regressariam ás suas Provincias natáes para ali introduzirem a luz da sciencia, principalmente, pelas suas applicações, e mais ainda pelo exercicio da clinica medica e cirurgica, por se entender que só dos naturaes d'aquellas Provincias se poderia confiar que resistissem bem á acção do seu clima, em geral tão damnoso aos europeus.

Não nos pertence decidir se foi acertada a medida do Governo, ou se os alumnos ultramarinos têem correspondido, como se devia esperar, ás benevolas intenções do Governo. No entanto cento e oito são os alumnos que constam da relação: treze de Cabo Verde; dezesete de S. Thomé e Principe; dezenove de Angola; dois de Moçambique; quarenta e oito do Estado da India, e nove de Macau, com os quaes se despendeu até ao principio d'este anno a quantia de 80:750$255 réis, moeda do Reino.

Seja qual for o juizo do leitor, pela nossa parte não julgâmos mal empregada esta somma, assim porque entre aquelles cento e oito alumnos alguns appareceram de muita habilidade e applicação, como porque d'este ensaio se póde evidentemente concluir que muito mais vantajoso será crear em cada Provincia os estabelecimentos scientificos que a cada uma mais possam convir.

O Governo tem já procurado lançar no Ultramar os fundamentos da instrucção, pela fórma mais conveniente. E sem tratarmos aqui do Estado da India onde existe, já um systema de ensino, a que, segundo se diz, só falta o ser mais rigoroso, para ser mais util, por Decreto de 14 de Agosto de 1845 se estabeleceu em todo o Ultramar um systema de instrucção primaria que pouco deixaria a desejar; se tivesse sido posto em inteira execução. Mas grandes embaraços e difficuldades se têem encontrado, e não é no nosso entender a menor, o atrazo em que ainda se acha no Reino quanto respeita a instrucção primaria. Em algumas Dioceses ou se estabeleceram Seminarios ou se proveu com a nomeação de professores de sciencias ecclesiasticas. É fóra de duvida que muito falta a fazer, que muito falta que aperfeiçoar, mas é tambem sem duvida que o Governo portuguez não tem deixado de empregar os meios, que segundo os tempos têem parecido mais proprios para auxiliar os progressos dos habitantes do Ultramar, e designadamente procurando dar-lhes os soccorros da sciencia cada dia mais indispensaveis para a publica prosperidade.

RELAÇÃO NOMINAL DOS INDIVIDUOS QUE DAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS DESDE 1833 ATÉ

NATURALIDADE	NOMES	IMPORTANCIA DA DESPEZA QUE TÊEM FEITO	DATA EM QUE COMEÇARAM A SER ABONADOS
Provincia de Cabo Verde	Francisco Manuel da Cunha	368$504	Agosto de 1841
	Manuel José Semedo Cardoso	169$976	Idem
	Frederico Florencio Reicha	67$200	Outubro de 1841
	Nicolau Pereira Tavares	67$200	Idem
	Augusto Rufino Medina	166$456	Idem
	Theofilo de Jesus Neves	28$000	Idem
	João Caetano Rodrigues	227$200	Idem
	Francisco Frederico Hopffer	705$140	Idem
	Gregorio Pereira de Brito	1:458$580	Novembro de 1841
	Jorge José Rodrigues	82$320	Junho de 1844
	Marcellino Marques de Barros	157$970	Março de 1856
	Antonio Pedro de Carvalho	162$290	Idem
	Filippe da Silva Pinto	163$720	Idem
		3:824$876	
Provincia de S. Thomé e Principe	José Maria da Silva Paulet	47$600	Novembro de 1840
	João Monteiro da Cruz	570$000	Idem
	Antonio Xavier de Sá	357$120	Novembro de 1841
		974$720	

**TÊEM VINDO PARA O REINO ESTUDAR Á CONTA DA FAZENDA PUBLICA,
AO PRESENTE.**

ESTUDOS QUE TÊEM FREQUENTADO	EM QUE ANNO SE ACHAM MATRICULADOS	RESULTADO DOS ESTUDOS E DESTINO QUE TIVERAM
Consta que frequentou Instrucção Primaria e nada mais	—	Abonado até 3 de Novembro de 1846 para ser transportado á sua naturalidade.
Idem	—	Idem.
Idem	Não completou os estudos	Abonado até 16 de Dezembro de 1842, ignora-se o destino.
Idem	Idem.	Idem.
Idem	Idem.	Abonado até 5 de Junho de 1844, mandado recolher á sua naturalidade.
Idem	Idem.	Abonado até 28 de Janeiro de 1842, ignora-se o seu destino.
Idem	—	Deixou de frequentar os estudos por doente em 17 de Junho de 1844.
Instrucção Primaria e Escola Medico-Cirurgica de Lisboa	—	Por Decreto de 5 de Abril de 1852, foi nomeado Cirurgião de segunda classe do quadro d'esta Provincia.
Instrucção Primaria e Escola Polytechnica	Idem.	Por falta de aproveitamento foi mandado saír para a sua naturalidade. Consta que ficou em Lisboa. Abonado até 26 de Outubro de 1851.
Instrucção Primaria	Idem.	Abonado até Junho de 1845, ignora-se o destino.
No Seminario em Santarem		
Idem		
Idem		
Escola Medico-Cirurgica	—	Abonado até 9 de Março de 1841, dia em que falleceu.
Idem	Não completou os estudos	Abonado até 25 de Outubro de 1844, para ír para a sua naturalidade.
Idem	Idem.	Abonado até 19 de Julho de 1844, e mandado recolher á sua naturalidade.

NATURALIDADE	NOMES	IMPORTANCIA DA DESPEZA QUE TÊEM FEITO	DATA EM QUE COMEÇARAM A SER ABONADOS
Provincia de S. Thomé e Principe	*Transporte*..........	974$720	
	Clemente Fernandes dos Santos	135$040	Novembro de 1841
	Luiz José Pimentel	91$840	Idem
	José Coelho Narciso	81$280	Idem
	Leandro José da Costa	1:221$920	Idem
	Ivo José Iris da Mota	1:875$535	Novembro de 1841
	Lourenço do Espirito Santo	83$680	Dezembro de 1841
	Manuel Ramos do Espirito Santo	125$280	Idem
	João Francisco da Costa	276$960	Julho de 1842
	Pedro Sergio da Costa Vianna	1:881$588	Fevereiro de 1843
	Antonio Rodrigues da Silva Borges	1:051$763	Idem
	Manuel Raposo Tornord	1:211$923	Idem
	Christovão Xavier de Sá Lisboa	43$040	Idem
	Joaquim Xavier de Sá Lisboa	9$920	Idem
	Silvestre Pereira dos Santos	81$016	Idem
		9:145$505	

ESTUDOS QUE TÊEM FREQUENTADO	EM QUE ANNO SE ACHAM MATRICULADOS	RESULTADO DOS ESTUDOS E DESTINO QUE TIVERAM
Escóla Medico Cirurgica	—	Abonado até 14 de Fevereiro de 1844, dia em que falleceu.
Idem	—	Abonado até 14 de Junho de 1843, dia em que falleceu.
Idem	—	Abonado até 8 de Abril de 1843, dia em que falleceu.
Instrucção Primaria e Universidade de Coimbra	Quinto anno Juridico	Abonado até Janeiro de 1846, e de Fevereiro em diante suspensa a mezada, ignora-se o motivo. Novamente abonado em 29 de Março de 1851 para estudar Engenheria, e em 1852 foi estudar Direito em Coimbra, onde tem tído aproveitamento.
Instrucção Primaria e Escola Medico-Cirurgica	Não consta que se matriculasse no segundo anno	Em Outubro de 1856, foi-lhe suspensa a mezada por não apresentar certidão de matricula.
Instrucção Primaria	Não completou os estudos	Deixou de ser abonado em Junho de 1843, ignora-se o motivo e o destino.
Idem	Idem	Idem idem em 21 de Fevereiro de 1844, ignora-se o motivo e o destino.
Idem	Idem	Idem idem em 9 de Fevereiro de 1846, ignora-se o motivo e o destino.
Idem, preparatorios e Escola Medico-Cirurgica de Lisboa	Quarto anno da dita Escola	
Idem, e Mathematica na Escola Polytechnica	—	Deixou de ser abonado em Julho de 1852, ignora-se o motivo e o destino.
Idem, idem	—	Completou o curso da Escola Polytechnica. Em Abril de 1853 foi nomeado professor da principal Escola da Ilha do Principe, e partiu no vapor Duque de Saldanha.
Instrucção Primaria	Não completou os estudos	Deixou de ser abonado em 25 de Novembro de 1843, saíu da Casa Pia em 24, ignora-se o motivo e o destino.
Idem	—	Abonado até 27 de Abril de 1843, dia em que falleceu.
Idem	Idem	Deixou de ser abonado em 6 de Junho de 1844, e recolheu-se á sua naturalidade, ignora-se o motivo.

NATURALIDADE	NOMES	IMPORTANCIA DA DESPEZA QUE TÊEM FEITO	DATA EM QUE COMEÇARAM A SER ABONADOS
Provincia de Angola	Carlos Augusto dos Santos	1:253$960	Novembro de 1840
	Innocencio de Sant'Anna	785$110	Outubro de 1838 e Dezembro de 1840
	José Joaquim Geraldo do Amaral	376$640	Agosto de 1841
	Leonardo Africano Ferreira	1:542$287	Idem
	José Antonio Tavares da Silva Andrade	63$360	Idem
	Manuel Ferreira Torres	63$360	Idem
	Manuel da Costa Feio	63$360	Idem
	José Caetano Martins	63$360	Idem
	Henrique dos Santos da Silva	63$360	Idem
	Rufino Martins Vianna	63$360	Idem
	João Baptista da Fonseca Negrão	63$360	Idem
	Antonio Felix dos Santos	63$360	Idem
	José Antonio Pereira	63$360	Idem
	Manuel José Joaquim de Jesus	82$560	Agosto de 1841
	Venancio Alvaro Marques dos Santos	169$016	Idem
	Archanjo da Silva Ferreira	230$092	Idem
	Caetano Gaxeta Falcão	910$048	Maio de 1846
		5:919$953	

ESTUDOS QUE TÊEM FREQUENTADO	EM QUE ANNO SE ACHAM MATRICULADOS	RESULTADO DOS ESTUDOS E DESTINO QUE TIVERAM
Faculdade de direito na Universidade de Coimbra	Não completou os estudos.	Concluiu o curso Juridico e formou-se. Intimado para ír á sua naturalidade, foi abonado até Maio de 1849.
Escola Medico-Cirurgica	—	Deixou de ser abonado em 26 de Outubro de de 1844, e mandado recolher á sua naturalidade, ignora-se o motivo. Em 25 de Agosto de 1852, foi nomeado Cirurgião de segunda classe do quadro da Provincia de Angola.
Idem	Idem	Deixou de ser abonado em 19 de Julho de 1844, tendo-se ausentado do Hospital, em 18 dito, ignora-se o destino. É hoje Guarda Mór da Alfandega de Benguella.
Instrucção Primaria e o Curso da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa	—	Não completou o curso, pois lhe falta o quinto anno. Por Decreto de 4 de Novembro de 1850, foi nomeado Cirurgião Mór do Districto de Benguella.
Instrucção Primaria	Idem	Partiu para a suà Patria em 21 de Setembro de 1842 na Escuna Amelia.
Idem	Idem	Idem.
Idem	Idem	Idem.
Idem	Idem	Idem.
Idem	Idem	Idem.
Idem	Idem	Idem.
Idem	Idem	Idem.
Idem	Idem	Idem.
Idem	Idem	Idem.
Idem	Idem	Em 21 de Setembro de 1842, foi mandado recolher á sua naturalidade. Em Novembro foi novamente abonado, e deixou de o ser em Fevereiro de 1843, ignora-se o motivo e destino.
Idem	Idem	Deixou de ser abonado em 6 de Junho de 1854, recolheu á sua naturalidade, ignora-se o motivo e destino.
Idem	—	Abonado até 5 de Abril de 1845, dia em que falleceu.
Instrucção Primaria e Secundaria	—	Abonado até Janeiro de 1853. Partiu para a sua patria no Brigue Moçambique.

NATURALIDADE	NOMES	IMPORTANCIA DA DESPEZA QUE TÊEM FEITO	DATA EM QUE COMEÇARAM A SER ABONADOS
Provincia de Angola	*Transporte*.........	5:919$953	
	Policarpo Catumbella Falcão	911$683	Maio de 1846
	Alvaro de Carvalho Matoso Sousa e Andrade	156$750	Março de 1856
		6:988$386	
Moçambique	Serafim Simão do Rosario	213$634	Outubro de 1839 e Dezembro de 1840
	Vicente Luiz de Abranches	1:123$968	Julho de 1850
		1:337$602	
Goa	Manuel José Felicissimo de Abreu	595$330	Setembro de 1833
	Aurelianno Aleixo Leandro Mascarenhas	917$316	Idem
	Antonio José da Gama	1:610$000	Idem
	Raimundo Venancio Rodrigues	2:484$665	Idem
	Marcianno Antonio Nunes	959$840	Fevereiro de 1839
	Isidoro Emilio Baptista	1:700$000	Idem
	Pio Antonio Lobo	1:109$960	Julho de 1840
	Caetano Francisco de Sousa	1:450$240	Idem
	Joaquim Salvador Baptista	1:134$760	Setembro de 1840
	Luiz Antonio Baptista	1:025$960	Idem
		13:088$071	

ESTUDOS QUE TÊEM FREQUENTADO	EM QUE ANNO SE ACHAM MATRICULADOS	RESULTADO DOS ESTUDOS E DESTINO QUE TIVERAM
Instrucção Primaria e Secundaria	—	Abonado até Janeiro de 1853. Partiu para a sua Patria no Brigue Moçambique.
Seminario em Santarem		
Instrucção Primaria	Não completou os estudos	Deixou de ser abonado em 28 de Janeiro de 1842, ignora-se qual o motivo e destino.
Preparatorios e Philosophia Curso Juridico na Univ.[de]	Terceiro anno Juridico	Completou o curso Philosophico, e estuda Direito com aproveitamento.
—	—	Abonado até 23 de Julho de 1836, dia em que falleceu.
—	—	Abonado até 26 de Junho de 1837, dia em que falleceu.
Completou o Curso Medico-Cirurgico de Lisboa	—	Abonado até Março de 1840. Por Decreto de 13 de Abril foi nomeado Cirurgião Mór d'um dos Corpos de Goa.
Idem de Mathematica na Universidade de Coimbra	—	Abonado até 7 de Janeiro de 1844. Por Decreto de 29 de Novembro dito, foi nomeado Lente Substituto extraordinario da Faculdade de Mathematica na dita Universidade.
Idem Medico-Cirurgico de Lisboa	—	Abonado até Dezembro de 1842. Por Decreto de 20 de Novembro de 1845, foi nomeado Cirurgião Mór de Macau, Timor e Solor.
Medicina e Engenheria	—	Lente da Escola Polytechnica.
Direito	—	Em Setembro de 1847 foi nomeado Delegado do Procurador Regio na Ilha das Flores.
Superiores	Não completou os estudos	Em Setembro de 1845 suspensa a mesada por falta de aproveitamento. Em Abril de 1847 matriculou-se na Escola Polytechnica, e em Junho de 1852 suspensa a mezada por deixar de frequentar as aulas da dita Escola.
Direito	—	Acabou o Curso Juridico em 1845. Por Decreto de 15 de Maio de 1848, Juiz de Direito substituto de S. Thomé e Principe.
Idem	—	Idem. Em Julho de 1847 foi nomeado Secretario da Commissão Mixta em Loanda.

NATURALIDADE	NOMES	IMPORTANCIA DA DESPEZA QUE TÊEM FEITO	DATA EM QUE COMEÇARAM A SER ABONADOS
	Transporte..........	13:088$071	
Goa	Frederico João Baptista Pinto	1:440$800	Agosto de 1841
	Lino Manuel da Trindade	1:587$367	Idem
	Antonio Martinho dos Anjos	92$480	Idem
	Lucio Augusto da Silva	1:792$460	Idem
	Caetano Francisco Pereira	1:676$428	Idem
	Caetano Xisto Moniz Barreto	1:701$364	Setembro de 1841
	Antonio João Flores	1:701$364	Idem
	Luiz Caetano Lobo	1:380$200	Idem
	Damião Salvador Vaz	1:653$364	Idem
	João Caetano da Conceição Moniz	1:313$000	Idem
	Agostinho José de Oliveira Pegado	1 182$300	Idem
		28:609$198	

ESTUDOS QUE TÊEM FREQUENTADO	EM QUE ANNO SE ACHAM MATRICULADOS	RESULTADO DOS ESTUDOS E DESTINO QUE TIVERAM
Instrucção Primaria	—	**Em Outubro de 1847, foi estudar em Coimbra. Falleceu em 22 de Fevereiro de 1851.**
Idem e Polytechnica	**Não completou os estudos**	**Por falta de aproveitamento nos estudos foi intimado para voltar á Provincia. Abonado até 13 de Março de 1853.**
Instrucção Primaria	**Idem**	**Abonado até Março de 1843, ignora-se o destino.**
Cirurgia	—	**Em Setembro de 1842 foi frequentar estudos para Coimbra e não continuou. Em Setembro de 1843 matriculou-se na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, foi repetente no segundo anno. Completou o Curso em 1851, foi abonado até Dezembro do dito. É hoje Cirurgião de 1.ª Classe da Provincia de Angola.**
Instrucção Secundaria e Superior	—	**Idem, idem, Medicina e formou-se em 1852, abonado até Dezembro do dito anno, ignora-se o destino.**
Medicina	—	**Em Setembro de 1841 idem, e formou-se em 1852, abonado até Janeiro de 1853, ignora-se o destino.**
Idem	—	**Idem.**
Theologia e Direito	—	**Em Setembro de 1841 foi para o Seminario em Coimbra, em Fevereiro de 1844 foi estudar Theologia e Direito, e formou-se em ambas as faculdades, abonado até Junho de 1851, ignora-se o destino.**
Medicina	—	**Em Setembro de 1843 foi para o Seminario em Coimbra, estudou Medicina e formou-se em 1851. Por Decreto de 22 de Setembro de 1855 foi nomeado Cirurgião de 1.ª Classe para a Provincia de Moçambique.**
—	—	**Em Setembro de 1841 foi estudar Mathematica em Coimbra, em 1844 foi mandado excluir por ter ficado terceira vez reprovado, e mandado recolher á sua naturalidade; em 1846 matriculou-se na Escola do Commercio; em Maio de 1849 foi mandado saír para a sua patria por ter acabado o Curso. Por Portaria de 18 de Dezembro de 1854 foi nomeado Director da Alfandega de S. Thomé.**
—	—	**Foi para a Universidade estudar. Em Dezembro de 1842 matriculou-se na Polytechnica e Bellas Artes. Por Decreto de 11 de Novembro de 1847 foi nomeado Alferes da Provincia de Moçambique, era Primeiro Sargento.**

NATURALIDADE	NOMES	IMPORTANCIA DA DESPEZA QUE TÊEM FEITO	DATA EM QUE COMEÇARAM A SER ABONADOS
	Transporte..........	28:609$198	
Goa	Antonio Constancio da Silva	960$000	Setembro de 1841
	Pedro Celestino Miguel Soares	1:164$360	Idem
	Caetano Manuel Roque Alvares	348$000	Idem
	Albino Pascoal da Rocha	660$000	Idem
	Deziderio Antonio Fortunato Frias	444$000	Idem
	José Caetano Pereira	1:761$540	Idem
	Filippe Nery de Carvalho	82$200	Idem
	José Xavier da Silva	1:906$850	Outubro de 1841
	Gabriel Hilario Dias	848$120	Idem
	Augusto Cesar dos Reis	704$160	Idem
	Joaquim José Lobo de Faria	190$280	Idem
	José Joaquim da Silva Correia	145$800	Idem
		37:824$508	

ESTUDOS QUE TÊEM FREQUENTADO	EM QUE ANNO SE ACHAM MATRICULADOS	RESULTADO DOS ESTUDOS E DESTINO QUE TIVERAM
—	—	Em Setembro de 1841 foi frequentar estudos para Coimbra. Em Abril de 1848 deixou de ser abonado.
Direito	—	Foi para a Universidade estudar Direito, formou-se em 1846; abonado até 13 de Junho de 1849, foi mandado recolher á sua naturalidade na Fragata D. Maria. Por Decreto de 18 de Dezembro de 1852 foi nomeado Secretario Geral do Governador de S. Thomé e Principe.
—	—	Em Setembro de 1841 foi frequentar estudos para Coimbra, nomeado Alferes para Macau, nomeado Lente da Escola do Exercito.
—	Não completou os estudos	Foi para a Universidade estudar, abonado até Setembro de 1845, em que foi mandado recolher á sua naturalidade na Galera D. Affonso, por falta de aproveitamento.
—	Idem	Idem, deixou de ser abonado em Setembro de 1844, ignora-se o motivo e o destino.
Cirurgia	—	Sendo estudante de Pharmacia, em 1844 matriculou-se na Escola Medico-Cirurgica, completou o Curso em 1851; abonado até 8 de Julho do dito anno. Em 9 foi nomeado Cirurgião Ajudante de Caçadores n.° 5.
—	—	Foi para o Seminario em Coimbra, abonado até Fevereiro de 1842 em que falleceu.
Escolas Polytechnica e do Exercito	—	Em 1848 foi despachado Alferes alumno, abonado até Outubro de 1852, em que completou o Curso de Engenberia e passou para o Exercito.
—	—	Não completou os estudos por falta de aproveitamento, abonado até Abril de 1848 e mandado recolher á sua naturalidade.
Escola Polytechnica	Idem	Abonado até Agosto de 1848 e mandado recolher á sua naturalidade na Barca Novo Viajante pelo seu irregular comportamento e nenhum aproveitamento nos estudos.
Idem	—	Abonado até Maio de 1843, ignora-se o motivo por que deixou de o ser e o destino.
Idem	Idem	Abonado até Janeiro de 1843. Por Decreto de 27 do dito mez e anno foi despachado Alferes para Timor; era Anspeçada de Infanteria n.° 7.

NATURALIDADE	NOMES	IMPORTANCIA DA DESPEZA QUE TÊEM FEITO	DATA EM QUE COMEÇARAM A SER ABONADOS
	Transporte	37:824$508	
Goa	Francisco Maria Peres da Silva	517$620	Outubro de 1841
	Manuel Ortencio Pereira	629$720	Março de 1842
	Constancio Florianno de Faria	913$960	Junho de 1842
	Vicente Agostinho das Dores Andrade	1:600$826	Julho de 1842
	José Correia Nunes	1:528$460	Agosto de 1841
	Julio Augusto da Silva Correia	96$000	Setembro de 1843
	Arnaldo Augusto Possolo	680$000	Outubro de 1841
	Damião Caetano de Sousa	1:879$560	Setembro de 1841
	Luiz José de Mello	1:563$625	Maio de 1844
	José Vicente Godinho	867$253	Abril de 1848
		48:101$542	

ESTUDOS QUE TÊEM FREQUENTADO	EM QUE ANNO SE ACHAM MATRICULADOS	RESULTADO DOS ESTUDOS E DESTINO QUE TIVERAM
Direito na Universidade	—	Formou-se em 1846, foi mandado recolher á sua naturalidade na Fragata D. Maria, sendo abonado até 13 de Junho de 1849.
Escola Medico-Cirurgica de Lisboa	Não completou os estudos	Abonado até Setembro de 1845, e mandado recolher á sua naturalidade por nenhum aproveitamento nos estudos.
Theologia na Universidade	—	Formou-se em Theologia em 1848. Por Decreto de 11 de Abril de 1856 foi nomeado Lente extraordinario da Faculdade de Theologia, abonado até 19 de Maio do dito anno em que tomou posse.
Idem	—	Idem em 1850, foi abonado até Julho de 1853, ignora-se o destino.
Instrucção Primaria e Escola Medico-Cirurgica	—	Completou o Curso da dita Escola em 1851, foi abonado até Dezembro do dito anno. Por Decreto do 1.º de Abril de 1852 foi nomeado Cirurgião de 2.ª Classe da Provincia de Angola, transferido para 1.ª Classe de S. Thomé e Principe, por Decreto de 16 de Julho do mesmo anno.
Medicina na Universidade	Idem	Abonado até Abril de 1844, em 27 do dito mez foi nomeado Primeiro Sargento para a Provincia de Moçambique.
Polytechnica	Idem	Abonado até Setembro de 1847, em que foi mandado recolher á sua naturalidade.
Theologia	—	Em Setembro de 1841 foi para o Seminario em Coimbra, em 1844 foi estudar Theologia e formou-se em 1850. Por Decreto de 5 de Outubro de 1854 foi nomeado professor de Theologia para a Provincia de Cabo Verde, abonado até Outubro de 1854.
Escolas Polytechnica e do Exercito	—	Em Dezembro de 1848 foi despachado Alferes Alumno, abonado até Outubro de 1852 em que passou para o Exercito por ter completado o Curso de Engenheria. Foi nomeado Professor de Physica e Chimica de Nova Goa por Decreto de 31 de Janeiro de 1854.
Idem	—	Em 1848 matriculou-se na Escola Polytechnica. Por Decreto de 13 de Novembro de 1850, foi despachado Alferes Alumno, abonado até 17 de Setembro de 1853, em que passou para o Exercito por ter concluido o Curso de Engenheria.

NATURALIDADE	NOMES	IMPORTANCIA DA DESPEZA QUE TÊEM FEITO	DATA EM QUE COMEÇARAM A SER ABONADOS
Goa	*Transporte*	48:101$542	
	Marcos Antonio de Sousa Bellarmino	503$571	Abril de 1848
	Filippe Dias	574$430	Outubro de 1849
	Caetano Felicianno da Rocha	673$740	Idem
	José Manuel Francisco Cotta	299$873	Setembro de 1850
	Frederico Augusto de Sousa	667$600	Maio de 1852
		50:820$746	
Macau	Faustino Rosado Marques	612$200	Julho de 1842
	D. Antonio d'Eça	424$200	Outubro de 1841
	Manuel José de Macedo	1:626$600	Outubro de 1842
	José Aleixo Fernandes	285$800	Idem
	João Maria de Carvalho	2:065$590	Outubro de 1843
	Bernardo Antonio Esteves Carneiro	1:020$000	Julho de 1845
	Luiz Francisco Gonzaga dos Santos	1:861$150	Idem
	Jacob dos Reis da Cunha	407$600	Abril de 1853
	José Ly	330$000	Janeiro de 1854
		8:633$140	

ESTUDOS QUE TÊEM FREQUENTADO	EM QUE ANNO SE ACHAM MATRICULADOS	RESULTADO DOS ESTUDOS E DESTINO QUE TIVERAM
Instrucção Secundaria	—	Em 1848 matriculou-se na Escola do Commercio Por Decreto de 30 de Junho de 1852 foi nomeado Professor de Instrucção Primaria da Provincia de Moçambique.
Polytechnica	Não completou os estudos.	Abonado até Julho de 1853, e suspensa a mezada por falta de aproveitamento.
Idem	Idem	Idem.
Pharmacia	—	Abonado até Setembro de 1853, em que foi para o Hospital dos alienados.
—	—	Em preparatorios. A despeza com este Alumno é levada á conta do Collegio do Bombarral.
Escolas Polytechnica e do Exercito	Não completou os estudos	Abonado até Maio de 1844, e mandado recolher á sua naturalidade.
Polytechnica	Idem	Abonado até Julho de 1844 em que foi mandado recolher á sua naturalidade na Galera Affonso de Albuquerque.
—	Idem	Em Outubro de 1842 foi estudar na Universidade. Em Setembro de 1843 foi estudar Pharmacia em Lisboa. Em Fevereiro de 1845 para a Imprensa Nacional estudar Typographia. Por falta de aptidão foi mandado recolher á sua naturalidade, sendo abonado até Outubro de 1853.
Polytechnica	—	Abonado até Agosto de 1844 e falleceu em 16 de Setembro do dito anno.
Escola Medico-Cirurgica	Quarto anno	
Instrucção Primaria e Secundaria	—	Deixou de ser abonado em Agosto de 1852 por ter ultimado os estudos, e mandado recolher á sua naturalidade.
Instrucção Secundaria e Direito	Quinto anno Juridico	Em Julho de 1845 foi estudar preparatorios, em 1849 para a Universidade estudar Direito.
—	—	Está no Seminario em Santarem.
—	—	Idem.

RECAPITULAÇÃO.

	RÉIS	OBSERVAÇÕES
CABO VERDE..................	3:824$870	Na importancia d'esta despeza não se comprehende a que se fez com o transporte das Provincias a que pertencem para Lisboa
S. THOMÉ....................	9:145$505	
ANGOLA......................	6:988$386	
MOÇAMBIQUE..................	1:337$602	
GOA.........................	50:820$746	
MACAU.......................	8:633$140	
	80:750$255	

Contadoria Fiscal de Marinha, 13 de Fevereiro de 1857.=*Joaquim Dias Torres,* Contador Fiscal de Marinha.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

EXTRACTO

DO

PLANO PARA UM REGIMENTO OU NOVA CONSTITUIÇÃO ECONOMICA E POLITICA DA CAPITANIA DE RIOS DE SENNA, COM TODAS AS OBSERVAÇÕES E INFORMAÇÕES NECESSARIAS PARA O REFERIDO FIM: ORGANISADO PELO GOVERNADOR DA MESMA COLONIA ANTONIO NORBERTO DE BARBOSA DE VILLAS-BOAS TRUÃO, NO ANNO DE 1806 (DATADO DE 20 DE MAIO EM TETE).

....

....

A Capitania de Rios de Senna está situada na costa oriental de Africa entre 15° e 20° de latitude meridional, e 46° e 56° de longitude, contando esta do primeiro meridiano da Ilha de Ferro. Todas as terras, que são pela maior parte da Corôa, se prolongam pelas duas margens do rio Zambeze desde a sua embocadura ate ás visinhanças da Chicova de leste a oeste. A sua largura de norte a sul não póde ser determinada com precisão por ser differente em muitas partes, e porque desde o sitio em que o Zambeze se separa em dois braços, chamado vulgarmente Bôca do rio, até á entrada das serras de Lupata, nada possuimos na margem esquerda e oriental por serem terras de Regulos independentes, e cafres Borores e Maraves. Tres leguas distante da barra do Zambeze, na sua margem esquerda, está situada a pequena Villa de Quilimane.. . habitada por um pequeno numero de familias. As ruas não têem alinhamento algum, estão cheias de arvoredos, em parte terrenos de cultura entresachados com as casas, e todos elles alagadiços no tempo da invernada..... nem ao menos tem duas casas contiguas, antes todas estão dispersas a grandes intervallos ao menos de quatrocentos passos.

Esta Villa, sendo a chave e quasi unica entrada dos rios de Senna, e devendo em consequencia d'isso estar fortificada e defendida com um sufficiente numero de tropas e competente artilheria, não só é aberta por todos os lados, mas nem ao menos tem uma fortaleza ou bateria que a defenda, achando-se na margem esquerda do Zambeze em que está situada unicamente oito ou dez peças de pequeno calibre, com os ouvidos quasi iguaes ás bôcas, e sem reparos em estado de servir.

A guarnição compõe-se de quatorze homens, um Tenente, um Alferes, Furriel e Sargento. A casa da Feitoria onde se guardam os effeitos da Fazenda Real está em muito mau estado.

O commercio principal dos habitantes de Quilimane é o das producções da agricultura, principalmente o arroz, de que abundam muito as terras d'aquelle Districto, e muito mais poderiam dar, se uma exportação mais facil ou uma grande concorrencia de compradores segurassem o preço de todas as producções. Porém estas por falta de uma navegação equivalente á sua possivel reproducção, são restringidas unicamente ao consummo de Moçambique e de alguns navios que vão fazer escravatura ao porto de Quilimane, porque tendo-se augmentado a cultura do arroz em Senna e Tete, já estas duas Villas têem annualmente aquelle de que precisam com bem pouca differença. O commercio dos escravos e do marfim é de pouco momento na Villa de Quilimane, por estarem exhauridos os sertões onde o fazem, sendo compradas as escravaturas, que sáem pela barra de Quilimane, nos sertões visinhos de Senna e Tete, onde têem melhor preço. Este commercio dos escravos em Rios de Senna é, na minha opinião, uma das causas da decadencia d'esta colonia.

A Villa de Senna, que dista de Quilimane sessenta leguas com pouca differença, está situada na margem occidental do Zambeze em um sitio baixo, dominado por montes, pelo sudoeste e oeste. Esta Villa ainda é mais pequena e menos povoada que a de Quilimane, e como os moradores para edificarem suas casas usa-

ram sempre de adobes tirados do centro mesmo da Villa, os sitios de que extrahiram a terra deixaram outras tantas covas ou barrancos onde ficam estagnadas as aguas das invernadas. D'aqui vem que no tempo dos grandes calores, desenvolvendo-se d'estes immundos charcos uma grande quantidade de gazes suffocantes, inficcionam toda a atmosphera, e produzem as febres e molestias mais renitentes que ha em todo o paiz. D'este manancial de molestias tem resultado a progressiva diminuição da população d'aquella Villa, que tendo em outro tempo um grande numero de familias as mais opulentas do paiz, e sendo o centro de todo o commercio d'esta colonia, hoje está quasi deserta e reduzida a uma extrema miseria. Não se vê n'esta infeliz povoação senão ruinas... toda a casa que chega a arruinar-se nunca mais se repara.

N'esta Villa ha uma chamada fortaleza, a qual consiste em quatro paredes de barro ou adobes, com baluartes á proporção, tudo coberto de palha por se não arruinar no tempo da invernada. No pequeno terrapleno existem quasi cravadas na terra algumas peças de artilheria ainda mais incapazes que as de Quilimane, e os quarteis da tropa, bem como a feitoria em que se recolhem os effeitos da Fazenda Real, estão á proporção em um estado similhante ao das muralhas.

O commercio da Villa de Senna está em grande decadencia: os habitantes, alem dos escravos que tiram das terras dos regulos independentes, do marfim das mesmas, e de alguns prazos da Corôa, não têem ramo de negocio mais do que o oiro da Manica, onde mandam fazer o resgate com fazendas da Asia, pelos seus escravos chamados Mossambazes. Entretanto os prazos da Corôa do Districto de Senna são os melhores d'esta colonia, pela sua grande extensão, pela excessiva fertilidade e numero de colonos. Alguns confinam com o mar por parte de Sofala, e d'aqui vem o terem de pensão não só marfim, mas tambem oiro e ambar. Todas estas terras produzem bastante algodão, mas esta cultura não é devida aos cuidados e diligencias dos emphyteutas, porque consistindo as pensões annuaes dos colonos em milho e certo numero de panos de algodão tecidos por elles a que chamam manchilas, se cultivam aquella planta é por se verem obrigados a faze-lo para o pagamento das suas pensões. O terreno é muito proprio para a producção da canna do assucar: tanto n'estas terras como nas de Quilimane, ellas nascem e crescem espontaneamente sem cultura, como observei em muitas partes, e não obstante só em Tete se cultiva e fabrica algum.

Ao sul da Villa de Senna, e na distancia de quinze dias de marcha, fica o reino de Manica, sujeito ao rei Chicanga, tributario do Imperador Changamira. Portugal não possue ali terras a que se possa chamar uma colonia, ha tão sómente um posto mal fortificado onde residem alguns moradores para fazerem o commercio do oiro. Em outro tempo foi a Manica uma grande fonte de riquezas, hoje está em grande decadencia, porque as minas já não têem aquella fertilidade, que com o tempo costuma exhaurir-se. Se porém os negociantes não estivessem sujeitos aos caprichos e prejuizos do Rei Chicanga, se as minas podessem ser trabalhadas pelas nossas escravaturas, e se o clima, pouco favoravel a esta qualidade de trabalhos pelas continuas seccas, faltas de agua e fomes que padece, não produzisse obstaculos quasi invenciveis, poderiam aquellas minas dar ainda hoje avultadas sommas de oiro.

A Villa de Tete, capital d'este Governo, fica na margem occidental do Zambeze, sessenta leguas distante de Senna. O clima é o melhor de toda a colonia, e a situação da Villa, posto que não seja a mais favoravel por ser dominada por alguns outeiros, comtudo como não tem inundações, nem aguas estagnadas, e os ventos, principalmente suestes, a lavam continuamente, póde dizer-se que faz bem pouca differença dos paizes mais saudaveis da Europa. A população da Villa confirma esta verdade, porque não sendo possivel aos moradores de Quilimane e Senna conservarem uma quarta parte de seus filhos, em Tete pelo contrario se vê uma numerosa mocidade bem constituida.

O commercio que fazem os moradores d'esta Villa em oiro, marfim, escravos, trigo, ferro, etc. é o mais consideravel de toda a colonia. A maior parte d'elles tem escravaturas minerando nas terras da Corôa, mas como estas minas estão em grande decadencia, trabalham as que ficam nas terras dos regulos independentes, como são as minas do Mano, de Java, do Chindundo, da Mixonda, etc. Alem d'este tambem costumam extrahi-lo do paiz dos Muzuzuros, que confina pelo sudoeste com o Imperio do Monomotapa, mas este é sómente resgatado com fazendas da Asia aos nacionaes do paiz. Todos estes sertões circumvisinhos dão bastante marfim, o qual faz o ramo principal do commercio pelo grande valor que tem no norte da Asia.

O commercio das producções da agricultura, á excepção de algum trigo que se exporta para Moçambique, não é nenhum, podendo todas as terras fazer um commercio similhante ao da America. O milho faz a base principal

da agricultura por ser o alimento ordinario dos escravos, e em tudo o mais está limitada á cultura de bem poucas plantas, cujas producções têem bem pouco valor por falta de extracção.

Na Villa de Tete ha uma fortaleza de pedra que merece bem pouco este nome. É um rectangulo formado por quatro paredes sem terrapleno algum em que possa laborar a artilheria. Nos quatro angulos tem outras tantas torres circulares cobertas de palha, cujo uso ignoro, porque nem ao menos podem ter a applicação que tinham na fortificação antiga, qual era a de flanquear e defender as cortinas intermedias, o que n'estas não tem logar por falta de seteiras. Em uma das faces d'este rectangulo estão os quarteis da tropa e os armazens da Feitoria: a sua situação é tambem a mais impropria por se achar entre a Villa e o Zambeze, onde nada tem que defender, por serem nossas as terras da margem opposta, ficando assim a Villa desguarnecida da parte do Imperio do Monomotapa, de d'onde poderia haver algum perigo. Entre as poucas peças de artilheria que existem, só quatro estão em estado de servir, e duas tão sómente têem reparos.....

Ao noroeste da Villa de Tete, na distancia de oitenta leguas pouco mais ou menos, fica o Zumbo, onde ha um estabelecimento ou posto destacado nas terras de regulos independentes, similhante ao de Manica, para o commercio do oiro e marfim. Este posto está fundado na ponta de uma peninsula formada pela confluencia dos dois rios Zambeze e Aroangoa. Da parte da terra tem para defeza uma pequena muralha muito mal construida, e a guarnição composta de vinte e tres homens ainda é moderna, não havendo em outro tempo senão escravaturas dos moradores que muito mal a defenderam. O commercio floreceu muito antigamente n'este paiz, não só pela abundancia de marfim, mas principalmente do oiro que se extrahia da celebre mina de Pamba e do reino de Ahutua. Hoje as continuas guerras d'este reino, a ferocidade e infidelidade dos seus habitantes, a decadencia da população no mesmo posto do Zumbo, onde apenas existe o Capitão-mór, a guarnição e dois ou tres moradores, têem reduzido um commercio tão vantajoso á extracção de algum marfim, e muito pequena quantidade de oiro.

.... A Africa é das quatro partes do mundo aquella que tem mais falta de rios, bahias, e braços de mar; e por isso mesmo parece ter sido condemnada pela natureza a um commercio limitado, e a uma pequena e imperfeita civilisação. Porém a colonia dos Rios de Sena pela sua situação local, postoque não tenha estradas, nem animaes domesticos para cargas, possue todas as facilidades de uma grande navegação interior. Todas as terras que a Nação portugueza possue n'esta parte da Africa estão situadas nas duas margens do Zambeze desde o mar até á Chicova, no espaço de cento e cincoenta leguas. Este rio é navegavel em todo o tempo até ao Zumbo, e ainda se poderá remontar muito mais. O unico sitio que não dá passagem ás embarcações é o logar de Cabrabaça por causa de algumas pedras que impedem a navegação; mas como fica muito para cima de Tete, não serve de obstaculo ao transporte das producções da agricultura, que se tiram das terras da colonia. Mas esta navegação, para ter todas as commodidades de que é susceptivel, pede melhoramentos.......

Todas as embarcações de transporte que navegam de Tete até Quilimane, chamadas no paiz coches e balões, são construidas de um só pau, e não obstante ha algumas que carregam trezentos alqueires de trigo.

A população de Rios de Senna, como a de todas as colonias, é composta de portuguezes europeus, de filhos do paiz chamados vulgarmente creoulos, de asiaticos naturaes de Goa, das escravaturas de todas estas familias, e de cafres negros forros, que são os colonos que trabalham as terras por pensões estabelecidas de tempos antiquissimos.

O numero das familias brancas e pardas é tão limitado, que não passa de cem nas tres Villas de Quilimane, Sena e Tete, e nos dois presidios do Zumbo e Manica. Os mesmos cafres forros, que habitam as terras da Corôa como colonos, e que são os verdadeiros nacionaes ou indigenas do paiz, são bem poucos em comparação da immensa extensão de terras que precisava povoar-se, e d'aqui vem que por falta de familias brancas que as administrem com regularidade, e que saibam fazer-se respeitar, muitas não obedecem por estarem em estado de sublevação, e outras estão absolutamente desertas.

Rios de Senna, se não floreceu nunca em agricultura, ao menos teve uma população maior, e um commercio bastante interessante. Eu observo no Archivo d'este Governo que desde o tempo do Capitão General Balthazar Manuel Pereira do Lago, o primeiro que legislou para Rios de Senna, sempre foram continuas as queixas de decadencia do commercio e população, e da falta de agricultura; e não obstante o conhecimento que todos tinham d'esta decadencia progressiva, nenhum deu providencias para impedir os seus progressos, para extinguir as suas causas, ou diminuir os seus effeitos. To-

das as providencias de que lançaram mão foram remedios paliativos..... De que serve recommendar vagamente a cultura das terras, ou mandar um pequeno numero de familias que as povoem, deixando subsistir por outra parte as causas que impedem os progressos da agricultura e população?

Se não fizessem um objecto principal do commercio dos sertões, abandonando o que póde fazer-se por meio da agricultura... nem esta se conservaria no estado de infancia em que existe, nem a população teria diminuido. O mesmo commercio dos sertões foi sempre abandonado a uma rotina incerta, e feito com tanta desordem que não houve nunca quem se applicasse ás artes de primeira necessidade e á agricultura, porque todos quizeram ser commerciantes de oiro e marfim.

O commercio das producções da agricultura deve ser o objecto principal da administração da colonia de Rios de Senna.

Em rios de Senna, nas terras da Corôa e sertões adjacentes, já não existem algumas minas em outro tempo fertilissimas... Não havendo já minas de oiro abundantes no Districto da colonia, e sendo o numero dos elefantes tambem menor, é necessario ir minerar a grandes distancias pelo interior e fazer o commercio do marfim e oiro nas terras dos regulos independentes, que são outros tantos ladrões, e têem feito pelos seus roubos e tributos arbitrarios tantos obstaculos, que muitos colonos já abandonaram aquellas minas por lhe não darem interesse algum... A colonia de Rios de Senna, apesar do commercio do oiro, marfim e escravos, não só é pobre, mas está reduzida a um pequeno numero de familias, cuja diminuição faz tantos maiores progressos, quanto maior é a negligencia que se experimenta na agricultura.

Não podem as producções da America entrar em concorrencia com as de Rios de Sena. aonde vinte e cinco escravos não custam mais do que o preço ordinario de um escravo n'aquellas mesmas partes da America em que se vendem mais baratos, não fallando no seu vestuario e alimento, que está na mesma rasão, e na grande facilidade de os comprar e recrutar. De mais os escravos de Rios de Senna trabalham no seu proprio paiz, habituados sempre ao mesmo clima e costumes, sem se exporem aos riscos geraes de uma transplantação pouco favoravel, motivos assás fortes para se preferir o commercio da agricultura ao dos sertões.

Eu não pretendo que este ultimo commercio (o do oiro e marfim) seja desprezado, antes pelo contrario deve dirigir-se debaixo dos mais solidos principios pela sua importancia; mas preferi-lo á agricultura é um erro muito grande... e d'este errado systema se tem seguido a decadencia da colonia, quando podia ser uma das mais brilhantes da Nação portugueza.

PRODUCÇÕES.

Na classe dos animaes quadrupedes tem o elephante o primeiro logar pela grande quantidade de marfim que dá por todos os sertões, e mesmo nas terras da Corôa. O rhinoceronte, chamado abada vulgarmente, cujas pontas são de muito preço e estimação: o hyppopotamo, cujos dentes ainda são mais proprios para certas manufacturas, pela qualidade de dar um marfim mais branco e de côr mais permanente. Algumas experiencias feitas ultimamente em Tete, por um portuguez de bastante habilidade, mostram que a cola da pelle do hypopotamo é superior a todas as outras colas para toda a qualidade de manufacturas. O tigre e a lontra tambem podem dar um ramo de commercio nas suas pelles, que os escravos dos moradores de Tete sabem trabalhar sem o soccorro dos instrumentos e meios ordinarios. A cera ha toda aquella de que se precisa no consummo do paiz, e dó resto se exporta alguma para Moçambique.

No Reino mineral o oiro é o mais vulgar por toda a parte. Postoque as minas das terras da Corôa do Districto de Tete já estejam exhauridas, ha uma grande quantidade d'ellas nas terras dos regulos independentes, muitas das quaes são trabalhadas com mais ou menos lucro pelas escravaturas dos moradores de Tete; mas a maior parte do oiro que sáe de Rios de Senna é comprado nos sertões aos cafres com fazendas do norte de Asia, missanga, velorio, etc. Se o oiro não apparecesse quasi á superficie da terra, nem os cafres dos sertões, nem os moradores de Rios de Senna tirariam partido algum da riqueza que possuem pela sua ignorancia, e absoluta falta de conhecimentos e industria. Não obstante apparecer em estado de oiro nativo, a que chamam oiro em pó, e haver lascas de duas onças, e um arratel, sem mistura de outro mineral, comtudo acham-se muitas pyrites auriferas, em que o oiro vem unido com alguma especie de pedra, ou de outro metal. Não conhecem outra manipulação que não seja a de pilar e moer as pyrites, e concluir depois a operação com a lavagem ordinaria em gamelas. Os mais industriosos servem-se do iman quando suspeitam que o oiro está mineralisado com o ferro, e não passam d'aqui os seus conhecimentos em metallurgia.

Consta por tradição que em outro tempo se

tirou bastante prata da Chicova, mas hoje nem ao menos se sabe o sitio ou se conhece vestigio algum d'aquellas minas.

Seria muito conveniente ao serviço do Estado que se désse toda a actividade possivel á mineração do ferro em Rios de Senna, e se estabelecessem ferrarias, em um paiz onde a abundancia d'este mineral é tal que apparece mesmo á superficie da terra. O artigo do baixo preço de mão de obra, a abundancia extraordinaria de lenhas e carvão, que não seria facil exhaurir em muitos seculos, são outros tantos motivos para animar similhante empreza. Todas as terras da Coróa têem muitas minas de ferro, mas as terras dos cafres Maraves ainda são mais abundantes d'este metal. Situadas ao norte do Zambeze a dois dias de marcha da Villa de Tete, a conducção do ferro seria pouco dispendiosa até chegar a este rio, onde se embarcaria para o porto de Quilimane. Os Maraves que possuem um terreno fertilissimo e muito abundante, tanto nas producções da agricultura como em minas de oiro, são os unicos que trabalham o ferro n'estes sertões para o commercio, exportando das suas terras toda a qualidade de instrumentos agronomicos e domesticos de que se faz uso em Rios de Senna. As enxadas dão um ramo de commercio para Moçambique, Sofala, Inhambane, e outros portos da Costa, onde não ha este metal, e o seu uso e extracção é tão universal, que em toda a parte se servem d'elles, como do ferro em barra, para toda a qualidade de manufacturas. Este ferro posso assegurar que é da melhor qualidade pela sua dureza e pela propriedade que se lhe conhece de poder facilmente converter-se em aço. Os instrumentos de que se servem no paiz os carpinteiros não são temperados com aço, e assim mesmo observo que cortam tão bem como os melhores que vem da Europa.

Não se conhecem minas de cobre no Districto d'esta colonia, mas do Cazembe e de outras partes do sertão vem algum cobre em barra, de que se faz uso no commercio.

O salitre que de Bengala se exporta em grande quantidade pelos hollandezes e outras nações da Europa, tambem podia extrahir-se de todas as terras de Rios de Senna. A falta de população e de industria faz que nem ao menos se tenha tentado fabrica-lo.

O ambar é uma das producções das terras da Corôa que confinam com o mar. Os colonos o pagam a alguns emphyteutas como pensão annual.

Todas as terras de Rios de Senna são muito proprias para a cultura da canna de assucar: ella nasce espontaneamente nos Districtos de Quilimane, Sena e Tete; e não obstante apenas se cultiva e fabrica algum n'esta ultima Villa. Como ha falta de navegação directa para o Reino e para a Asia, é natural que ninguem cultive senão algum para os usos domesticos, e para uma pequena exportação nas Villas de Sena e Quilimane. Este assucar sendo bem manufacturado é da melhor qualidade, apesar da falta de conhecimentos na agricultura, e tão grande que nem procuram o terreno mais proprio, nem sabem a estação verdadeira de fazer as plantações.

O algodão é uma planta geralmente cultivada em todas as terras da Corôa, mas não se lhe dá uso algum senão em manufacturas grosseiras de pannos para vestuario das escravaturas. É para admirar que se não faça a minima exportação ao menos para Moçambique, e que seja necessario mandar vir da Asia para aquella capital todo o algodão que ali se consome. Em Moçambique ninguem cultiva algodão, e em Rios de Senna nem ao menos sabem qual é a verdadeira estação de o semear, por ser deixada esta pequena cultura á rotina cega dos cafres do paiz.

O café e o anil são plantas indigenas em Rios de Senna, de que ninguem tirou nunca partido. Apenas dois moradores têem cultivado café nos seus jardins, mais por divertimento do que para utilidade. O anil é das plantas mais vulgares em Rios de Senna; é muito ordinario apparecer pelos matos, nos valles e nos oiteiros entre pédras, e mesmo em sitios que não produzem outras plantas por serem estereis. Nas ruas de Senna e Tete apparece o anil por entre as pedras.

Todas as terras produzem muito tabaco, mas o melhor é o das terras de Tete e dos Maraves. Sendo esta planta um objecto de luxo, mesmo entre as nações barbaras, por isso o cultivam e fabricam soffrivelmente para o tomarem em pó e em fumo.

O arroz faz o principal objecto da cultura nas terras de Quilimane, e tambem começa a ser cultivado nas de Tete, de modo que a primeira Villa já não extrahe tanto arroz para esta, poisque os moradores de Tete conhecem que o seu arroz é muito superior ao de Quilimane na qualidade. Este legume tem para Moçambique uma grande saída, e todo o que se gasta n'aquella capital, onde tem um grande consummo, sáe de Quilimane. D'aqui vem que em rasão d'este consummo a agricultura do arroz tem feito bastantes progressos. A melhor exportação que póde ter o arroz de Rios de Senna é para o Cabo da Boa Esperança, onde se não cultiva nem produz esta planta. Todo o arroz que se importa para o Cabo vae de Bengala; mas o de Quilimane é mais estimado por ser de melhor qualidade.

A mandioca devia ser cultivada em Rios de Senna com preferencia ao milho para sustento das escravaturas. Apesar da funesta experiencia que têem todos os colonos de alguns annos de secca e de fome, apesar de conhecerem que a mandioca não está tão sujeita á irregularidade e vicissitude das estações como as outras plantas leguminosas, comtudo a sua inercia é tal que apenas cultivam alguma para as mezas, e esta mesma limitada cultura nem todos a fazem, mandando vir de Moçambique a quantidade de que precisam. É para admirar que sendo a mandioca de Tete superior á de Moçambique e mesmo á da America, não adiantem esta cultura para todo o consummo do paiz. As minhas admoestações e reflexões têem já conseguido algum augmento d'esta plantação e outras mais que com o tempo farão maiores progressos.

O trigo não se cultiva senão nas terras de Tete por serem as unicas proprias de similhante cultura. Como tem muito consummo nas outras Villas, e muito maior em Moçambique, onde sempre conserva bom preço pela sua superior qualidade, esta prompta extracção tem fomentado e animado bastante a sua cultura, e dado um novo ramo de commercio á Villa de Tete.

Uma das plantas mais interessantes que se conhece em Rios de Senna e sertões circumvisinhos é uma especie de canhamo, a que no paiz chamam *Boazi*, planta cuja utilidade ignoram. O linho Boazi em quanto é planta não se parece nem com o canhamo, nem com o linho ordinario, cresce em fórma de arbusto. Depois de preparado o linho tem seis palmos de comprimento e a sua consistencia e rijeza é maior que a do canhamo. Eu o fiz semear este anno para observar todas as suas propriedades e introduzir um ramo de agricultura e commercio utilissimo ao paiz.

Entre as plantas que têem a qualidade de produzir as sementes oleosas para a extracção do azeite, aquellas de que se faz uso são o gerzelim, o amendoim, e a carrapateira tão vulgar em toda a America portugueza. Se a colonia algum dia for povoada e examinada por naturalistas, saberemos aproveitar-nos de uma grande quantidade de plantas e terras, de que podem extrahir-se as melhores tintas.

Tenho mostrado que não houve até o presente o minimo esforço para dirigir a industria dos colonos, e que o commercio nunca foi outro senão o do marfim, oiro e escravos.

O commercio da Nação n'esta parte da Africa é feito em um terreno immenso, o qual tem de comprimento de norte ao sul trezentas e cincoenta leguas pouco mais ou menos, contadas desde o Cazembe até á Manica, e duzentas leguas de leste a oeste desde Quilimane até o Zumbo; mas como os commerciantes mandam as suas fazendas muito alem do Zumbo, póde dar-se duzentas e cincoenta leguas á segunda dimensão. Portanto o nosso commercio é feito em um espaço de terreno que tem oitenta e sete mil e quinhentas leguas quadradas. Postoque não seja sempre constante o producto das exportações em marfim, oiro, escravos, trigo, arroz, etc., póde avaliar-se uns annos por outros em duzentos bares de marfim, cento e vinte pastas de ouro, quatrocentos escravos, tres mil alqueires de trigo, dez mil alqueires de arroz, cujos generos vendidos em Moçambique pelos preços ordinarios darão 500:000 cruzados de marfim, 130:000 cruzados de oiro, 50:000 cruzados de escravos, 30:000 cruzados de trigo, 30:000 cruzados de arroz. O valor das exportações de Rios de Senna é de um milhão de cruzados, dinheiro provincial de Moçambique, que corresponde a 500:000 cruzados de Lisboa.

Todas as terras, exceptuando bem poucas nos Districtos de Rios de Senna, são fóros da Corôa que se tem dado sempre aos colonos com as condições seguintes: o emphyteuta nomeado no fôro será primeira vida com faculdade de nomear segunda, e esta a terceira em ascendente ou descendente legitimo. Pela Provisão de 3 de Abril de 1760, se determina que as terras que novamente se emprazarem nunca terão mais do que tres leguas de comprimento e uma de largura, não sendo em Districto de terras mineraes, porque n'este e nas que ficarem em beiramar ou nas margens de algum rio navegavel se dará sómente a cada foreiro meia legua de terra em quadro.

Porém como as divisões das terras aforadas já estavam feitas de tempos antiquissimos, com uma irregularidade e abuso extraordinario, tem continuado sempre o mesmo abuso, poisque findas as tres vidas sempre se dão as mesmas terras.

Alguns prasos, mesmo nas margens do Zambeze, chegam a ter quinze e mais leguas tanto de comprido como de largo. Outro tanto acontece com os que confinam com o mar e que encerram terras mineraes.

As causas da decadencia da população e da agricultura resultam da mesma constituição dos prasos da Corôa, e são as seguintes:

1.ª Causa — Falta de segurança no direito de propriedade. Ou as terras da Corôa devem tomar uma nova constituição que segure ao proprietario, ao emphyteuta e seus descendentes as suas possessões, ou não haverá nunca em Rios de Senna agricultura nem população.

2.ª Causa — Pequeno numero de proprietarios e grande numero de familias que não têem propriedades.

3.ª Causa — Esta causa da diminuição na população de Rios de Senna resulta dos grandes prasos possuidos por emphyteutas ausentes, que nunca viram, nem administraram as suas terras. São moradores de Goa e Moçambique, a quem se concederam estes prasos contra a mente das Leis de Sua Magestade e os verdadeiros interesses do Estado. Ainda ha outro abuso qual é possuirem prasos no Districto de Sena alguns moradores de Quilimane e Tete, que os trazem arrendados. Estes emphyteutas ausentes são os que causam os maiores damnos, não só porque diminuem a população, privando a colonia de outras tantas familias, mas porque entregam as terras a arrendatarios que as arruinam, vexando os miseraveis colonos, que não encontram outro allivio de tantas oppressões, senão fugindo muitas vezes para as terras dos Regulos independentes. Muitos d'estes arrendatarios têem chegado a vender como escravos os colonos forros e familias intèiras, augmentam as pensões estabelecidas por modos arbitrarios, e procuram mil pretextos de crimes imaginarios para castigar e muitas vezes matar despoticamente os miseraveis negros.

Os Governadores de Moçambique, ignorando pela maior parte o que se passa em Rios de Senna, não dão para a Côrte informações que tenham o caracter de veridicas e exactas. Já no anno de 1760 o numero das povoações decaia muito.

4.ª Causa — Resulta das extorsões, violencias e oppressões dos frades Dominicos, que são os Parochos das Igrejas de Rios de Senna, e mais que tudo pelos obstaculos e difficuldades que põem aos matrimonios. Estes homens avidos, avaros e dissolutos olham para as suas Parochias como para um estabelecimento de commercio de que devem tirar-se todos os interesses, todos os lucros possiveis. Têem estabelecido preços exorbitantes pelos enterros, pelas Missas, pelos Sacramentos, e esta especie de tributos é cobrada com a maior insolencia e vexame do povo. Todo o pobre que morre, se não deixa com que pagar tanto de tumba, tanto de sepultura, e tanto de acompanhamento, não se enterra na Igreja, porque o Parocho não dá um só passo que não seja por avultada paga.

Porém o que se faz mais escandaloso, e que é prejudicial á população e aos bons costumes, são os preços arbitrarios e exorbitantes que os frades têem posto aos matrimonios, mesmo dos pobres.

Um grande numero de terras da Corôa são possuidas pelos mesmos frades, como emphyteutas, mas pelo seu despotismo e pela independencia que querem ter dos Governadores, querem isentar-se dos encargos a que estão sujeitos os seculares que possuem terras similhantes. As suas terras são as mais mal cultivadas, e muitas estão de todo arruinadas pela oppressão e violentas extorsões que fazem aos seus colonos. São possuidores de terras ainda mais prejudiciaes que os arrendatarios.

Todas as Nações da Europa que têem colonias nas outras tres partes do Mundo, seguiram sempre a maxima fundamental de fazer com ellas um commercio exclusivo, para tirarem d'estes estabelecimentos todas as vantagens de que elles são susceptiveis. Postoque este systema de economia tenha muitas objecções contra si, é certo que ainda mesmo admittindo o commercio das outras Nações, a metropole deve ter o primeiro logar, e conservar com as suas colonias um commercio directo e activo de importações e exportações. Mas tem sido porventura praticadas em Rios de Senna, e geralmente em todas as Possessões portuguezas da costa oriental da Africa, aquella maxima rigorosamente observada na America por todas as Nações da Europa? Todo o consummo que se faz em Moçambique e em Rios de Senna acaso será das producções e manufacturas do Reino ou d'aquellas que tenham saído dos seus portos? Viu-se ainda que entrasse pela barra de Lisboa alguma embarcação, cuja carga seja das producções da agricultura d'esta colonia? O mesmo oiro e marfim, que fazem os principaes objectos do seu commercio, seguem outro rumo differente, e d'este modo as relações da costa oriental de Africa são tão limitadas com a metropole, como se fosse a colonia de uma Nação estrangeira, ou para melhor dizer, as Nações estrangeiras são as que tiram d'elle todo o partido, contra todos os principios que devem dirigir a sua administração. Os navios de Lisboa que vão muitas vezes fazer carregações de algodão aos portos da Asia, com menos despezas as fariam em Quilimane ou Moçambique, se soubessem que de Rios de Senna se exportava algodão, assucar ou outros generos.

Uma das instituições, e aquella de que tem resultado a ruina e decadencia do commercio e agricultura, foi o estabelecimento de uma embarcação chamada *Barco de viagem*, lembrança funesta do Capitão General Antonio Manuel de Mello e Castro, em 11 de Abril de 1786. Esta embarcação tem o privilegio exclusivo de carregar todo o marfim que sáe

pela barra de Quilimane e de Rios de Senna para Moçambique, e emquanto este navio não tem completado a sua carga, nenhum outro póde receber marfim. Depois da introducção d'este perniciosissimo monopolio tem naufragado bastantes barcos de viagem, outros têem sido tomados pelos piratas na guerra passada, e como todos os negociantes foram obrigados a carregar no barco privilegiado, não houve um só que não perdesse.

Os navios que de Moçambique vão a Quilimane carregar mantimentos, como são arroz, trigo, milho, feijão, etc., tiram d'estes generos pequenos fretes, motivo por que não vão áquelle porto, senão com a esperança de levarem tambem furtivamente algum marfim. D'aqui vem que sendo poucas estas embarcações, tambem falta quem transporte mantimentos, e é muito ordinario ficar o trigo dos moradores de Tete e o arroz de Quilimane empatado n'aquelle porto, e muitas vezes perder-se por falta de embarcações.

Estas ordens sempre deixam uma porta aberta para os abusos e nomeações arbitrarias *(dos prasos da Corôa)*. D'aqui vem o que se vê todos os dias que é terem uns tres prasos, e outros nenhum; serem nomeados alguns em moradores de Moçambique, que por principio nenhum os devem possuir por estarem sempre ausentes.

A população e agricultura certamente não fará progressos, emquanto as terras da Corôa tiverem esta constituição, e muito principalmente emquanto o direito de nomea-las, sempre controvertido entre os dois Governadores de Moçambique e Rios de Senna, não for definitivamente decidido por um modo certo e invariavel para evitar os abusos.

« O augmento dos direitos na Alfandega de « Moçambique é uma das causas da decaden- « cia do commercio em Rios de Senna. »

Sendo as fazendas dos portos da Asia e algumas da Europa, como são velorio, missanga, etc., as que servem de objecto de permuta no commercio de Rios de Senna, e pagando todas na Alfandega de Moçambique direitos de 40 por cento, seria necessario que os cafres negociantes dos sertões diminuissem na mesma proporção o valor do seu oiro e marfim para que similhantes direitos não prejudicassem o nosso commercio. Ordinariamente é o comprador quem paga este augmento de preço; mas isso é o que não acontece n'esta parte da Africa.

Os cafres que nos vendem o oiro e marfim, depois de estabelecido um certo preço, e estando habituados a elle, por principio nenhum pagam as fazendas mais caras, e são capazes de levar o seu marfim a dois mezes de viagem mais longe, na esperança de ver se conseguem um pequeno augmento de preço. Os cafres pela maior parte vestem-se de pelles de animaes, muitos fabricam panno de algodão para seu uso, outros andam em uma perfeita nudez, e a missanga, velorio e fazendas de algodão, são objectos de luxo sem os quaes passam muitas nações. Os mouros da costa de Zanguebar, das Ilhas de Zanzibar, de Quiloa, Mombaça e Melinde, entrando comnosco em concorrencia n'este commercio, exportam uma grande parte de oiro e marfim, que os mesmos cafres levam áquelles portos. Depois da infeliz viagem do Governador Lacerda ao Cazembe, ficou interrompido o nosso commercio com aquelle reino, com a nação dos Muizas e parte dos Maraves; mas nem por isso estas nações deixaram de vender o seu marfim aos cafres Mujáos, que o têem levado aos portos da costa de Zanguebar como se sabe por informações certas; e alguns d'estes cafres ainda continuam aquelle commercio por lhes ser mais interessante, como têem dito aos nossos commerciantes. O augmento de direitos da Alfandega de Moçambique em ultima analyse vem a recaír nos nossos negociantes.

Todas as fazendas que se importam n'aquella capital (Moçambique) vem dos nossos portos de Diu, Damão e Goa, são artigos de primeira necessidade em Moçambique, Rios de Senna, Sofala, Inhambane, etc.

Tem-se observado e está provado por um grande numero de factos que o oiro tem diminuido sensivelmente nas minas de Rios de Senna, de maneira que as que se trabalhavam nas terras da Corôa estão hoje quasi todas abandonadas por se acharem exhauridas; e quanto ás minas existentes nas terras dos Regulos independentes, postoque não tenham tão grande esterilidade, comtudo ellas não dão tanto oiro, e os cafres commerciantes dos sertões, ou seja por este motivo, ou por conhecerem hoje melhor os seus interesses já o não vendem pelos preços antigos, e dão pela mesma quantidade de fazenda uma terça parte de menos do que davam ha vinte ou trinta annos.

O conhecimento que tenho do modo de commerciar em Moçambique, e os factos de que tenho sido testemunha, me permittem asseverar que uma terça parte, pelo menos, das fazendas importadas e exportadas de Moçambique não pagam direitos, por isso mesmo que

n'estes contrabandos se lucra 40 por cento, e os modos de fraudar a Lei são tantos e tão faceis......

Todo o commercio da Africa, e particularmente o de Rios de Senna, abrangendo nas suas operações um grande espaço de terreno e vastissimos sertões habitados pelos Regulos independentes, não póde fazer-se sem grandes riscos. Todos estes Regulos e seus vassallos são ladrões que roubam continuamente com differentes pretextos, e d'aqui vem a necessidade de fazer-lhe voluntariamente alguns donativos a titulo de presente ou de tributo, dando uma parte das fazendas do commercio pelas não perder todas. Esta foi a verdadeira origem do regulamento para o Presidio do Monomotapa, estabelecimento feito pelo Capitão General Balthbazar Manuel Pereira do Lago, com bastantes despezas annuaes feitas ao Estado e de que bem pouca ou nenhuma utilidade se tira.

Este Imperio (Monomotapa), em outro tempo de uma extensão enorme, está hoje reduzido á ultima decadencia, depois que os portuguezes o desmembraram de todas as terras que fazem a colonia de Rios de Senna, e depois que o Imperador Changamira lhe usurpou uma grande parte para fazer um estado separado, bem como fizeram outros muitos Regulos, que sendo em outro tempo sujeitos ou tributarios, hoje o não reconhecem e são independentes. Os seus limites são pelo nascente e sueste as terras da Corôa de Tete, pelo sul o Reino do Barue, pelo sudueste as terras dos Muzuzuros e a Abutua, da parte do poente a Chicova, e pelo norte confina com as terras de Tete e com o Zambeze. Nós não fazemos commercio algum nas terras do Imperio, porque vivendo os vassallos do Imperador na mais extrema miseria, e cultivando sómente as terras para seu modico sustento, nem trabalham as minas de oiro, nem caçam ou matam elephantes com o bem fundado receio dos roubos e desordens dos Munhaes, que, com o titulo de soldados, discorrem pelas povoações a rouba-las, unico modo que têem de subsistencia. Logo a unica dependencia que temos do Monomotapa é o facultarnos a passagem livre para os Muzuzuros, e para o nosso estabelecimento do Zumbo, situado na margem esquerda do Zambeze a quinze dias de marcha da Villa de Tete. Esta ultima dependencia da passagem para o Zumbo póde muito bem evitar-se, fazendo marchar os commerciantes pelas terras dos Maraves, seguindo a margem esquerda do Zambeze, como se recommenda nas Instrucções dadas por Balthazar Manuel Pereira do Lago ao Governador de Rios de Senna, Ignacio de Mello Aboim, em 5 de Abril de 1767.

É systema ha muitos annos seguido pelos Regulos, e conhecido pelos moradores de Rios de Senna, que no principio dos Governos, emquanto se não conhece a conducta que terão os Governadores, os Regulos mais visinhos principiam a querer ganhar ascendencia e a ter pretenções inauditas para apalpar quem governa: se encontram frouxidão e indulgencia, as pretenções sobem de ponto; se conhecem energia nos Governadores, se experimentam o minimo castigo ou ameaça, logo passam da maior audacia ao maior abatimento e humiliação, e n'este estado tira-se d'elles todo o partido. Todas estas reflexões são outras tantas verdades adquiridas pela minha experiencia, principalmente com o Imperador Changara, que reinava no Monomotapa no principio do meu Governo, o qual acostumado á indulgencia e condescendencia de um dos meus antecessores, pretendeu tratar-me com superioridade, e só consegui vê-lo humilhado, prendendo e castigando os seus munhaes, quando vinham fazer insultos e roubos mesmo nos arrabaldes de Tete, e entrando finalmente no Imperio á testa de um corpo de tropas que exterminaram e queimaram quatro povoações onde se refugiavam as nossas escravaturas. Finalmente é adagio antigo n'este paiz, muito confirmado pela experiencia: *O cafre faz quanto lhe soffrem, e soffre quanto lhe fazem.*

O actual Imperador Mutua, que expulsou do Imperio ao Changara, e cujo projecto me communicou antes de se pôr em pratica, tendo a politica de pedir-me o meu consentimento, É um principe descendente de um Imperador antigo. Os seus costumes são differentes dos outros cafres, é bastante civil, e tem comigo toda a qualidade de indulgencias, estando por tudo quanto é a beneficio do Estado e dos moradores de Tete. As suas terras estão livres de ladrões, e o nosso commercio dos Muzuzuros actualmente florece muito pelo cuidado que tem de nos franquear os caminhos.

Em todas as Villas de Rios de Senna ha Camaras presididas por Juizes Ordinarios, que são os que administram a justiça civil e criminal. As Camaras não têem rendimento algum para as suas despezas, e por isso mesmo as que são mais indispensaveis são feitas á custa dos Juizes ordinarios e dos outros Camaristas.

Assim como em Rios de Senna ha duas qualidades de habitantes, que são os brancos que

possuem terras da Corôa como emphyteutas, e os negros forros que habitam as mesmas terras, que as cultivam bem ou mal; a ignorancia e um antigo inveterado costume introduziu duas legislações differentes, uma puramente barbara e cafreal para os negros, e outra para os brancos, composta da mistura das leis do Reino, e da monstruosa jurisprudencia dos cafres. Nos prasos da Corôa os emphyteutas são juizes em primeira instancia em todas as contendas movidas entre os colonos, em todos os casos decidem civil e criminalmente; e quando as partes não estão pela sentença appellam verbalmente para os Juizes ordinarios do Districto, o que muito poucas vezes praticam. Esta é uma magistratura só propria do governo feudal na rigorosa accepção do termo, cuja magistratura não sei que tenha fundamento algum na nossa legislação ou em graça e privilegio especial. Todos os crimes *milandos* são expiados por meio de multas, e quando o culpado não tem por onde pague, ou fica escravo da parte offendida, ou paga com a morte o attentado commettido.

A Capitania de Rios de Senna deve ter duas qualidades de defeza: uma da parte do mar, e outra da parte da terra. Nao havendo n'ella outro porto frequentado senão o da pequena Villa de Quilimane, não é difficil reunir ali forças sufficientes para o defender; mas para isso precisava-se construir uma fortaleza guarnecida de artilheria competente na entrada da barra, ou ainda melhor em uma das margens do rio na sua embocadura defronte de um baixo que ha no Zambeze chamado o *Banco pequeno*, pelo qual se navega em duas braças e meia de fundo no espaço de meia legua pouco mais ou menos. Se na margem opposta se construisse outro forte em pouca distancia do primeiro, julgo impossivel que as embarcações inimigas chegassem á Villa de Quilimane.

A defeza pela parte da terra não é de menor importancia a uma colonia que está rodeada por todas as partes de regulos independentes. Esta colonia não tem para sua defeza senão uma força moral que se chega a perder-se ou a dissipar-se um prestigio que nos favorece, será quasi impossivel recuperar-se sem grandes esforços. Reunindo todas as tropas dispersas nas differentes Villas e portos destacados nos sertões, como são os do Zumbo e Manica, a sua somma apenas chega a cento e setenta homens, quando precisava pelo menos de mil e duzentos, porque não é só a defeza o unico objecto das tropas em Rios de Senna, mas sim a protecção que ellas devem dar ao commercio, e comboiar as caravanas, unico meio de se fazer com vantagem.

Os Regimentos de milicias que podiam supprir ou auxiliar as tropas regulares em casos de necessidade não existem senão em nome, porque sendo muito diminuta a população, nenhum d'elles tem mais de sessenta homens negros forros, cujo numero diminue continuamente por serem os unicos de que se tiram recrutas para as tropas das guarnições. Elles em nada differem dos cafres mais brutos e pusilanimes. São, como todos os cafres, faltos de valor, de coragem e resolução: ao minimo indicio de perigo logo fogem. Se ainda possuimos esta colonia, é porque os inimigos que a cercam, além de serem igualmente timidos, não têem á resolução de nos atacarem vantajosamente, nem têem a politica de fazer allianças para reunirem as suas forças.

Todas as Igrejas d'esta conquista são servidas e administradas por frades Dominicos da Congregação de Goa, que vem para a costa de Africa com o titulo de Missionarios. Elles parochiam nas Villas de Quilimane, de Sena, e de Tete, onde possuem terras vastissimas da Corôa, mal administradas e despovoadas pelas oppressões que fazem aos seus colonos e escravaturas. Os que são Vigarios nos dois estabelecimentos ou feiras do Zumbo e Manica, postos estabelecidos nos sertões para o commercio do oiro e marfim, não possuem terras da Corôa, porque ali as não temos, são pagos com ordenados da Fazenda Real, e têem de mais os exorbitantes emolumentos arbitrados por elles, e muitas vezes extorquidos por elles com arrogancia e com ameaços, o que tambem costumam fazer os das Villas acima referidas. Uma profunda ignorancia em toda a qualidade de conhecimentos humanos, e até dos principios da moral e da Religião, cujos Dogmas costumam substituir com supersticiosas praticas de acções dirigidas a vistas de interesse pessoal, uma perversidade de costumes tão escandalosa, que nem ao menos por decencia procura salvar as apparencias, uma decisiva falta de respeito e obediencia a toda a qualidade de superiores, cuja auctoridade se atrevem a negar, e um certo tom de arrogancia, orgulho e superioridade que tudo procura abater e sujeitar, um systema seguido de insubordinação e usurpação dos direitos reaes para arrogarem a si maiores regalias e auctoridade do que aquellas que lhes competem,

tal é o caracter, costumes e comportamento dos frades Dominicos de Rios de Senna.

Toda a industria dos colonos deve empregar-se no commercio das producções da agricultura, do anil, algodão, café, assucar, tabaco, etc., que nas suas exportações dão maiores lucros ao Estado e particulares do que o oiro.

A navegação interior do Zambeze está interrompida ou difficultada desde o mez de Junho até Novembro. O Zambeze na distancia de trinta a quarenta leguas do mar divide-se em dois braços, que formam as barras de Linde e Quilimane. O braço que se dirige á barra de Quilimane não é navegavel senão seis mezes no anno durante o tempo das invernadas, em que o rio leva uma grande massa de aguas; e como a barra chamada de Linde não é frequentada, fica n'aquelle tempo interceptada a communicação por agua com a Villa de Quilimane. Apenas algumas embarcações navegam com difficuldade e grandes riscos de avarias por um canal que se communica de um braço do Zambeze a outro no tempo das luas novas com o soccorro das marés, navegação defeituosa e prolongada, que necessariamente ha de demorar os transportes dos differentes generos.

O meio mais proprio, e talvez unico, de remediar este defeito é abrir um novo alveo ou canal ao braço esquerdo do rio que se dirige a Quilimane, operação pouco dispendiosa, pois que será bastante fazer esta abertura no espaço de meia legua, profundando quanto for sufficiente para encaminhar ao referido braço esquerdo as aguas precisas para darem passagem ás embarcações no tempo das grandes seccas. D'este modo ficará navegavel o Zambeze todo o anno no espaço de cento e vinte leguas de Tete a Quilimane, e como a maior parte das terras ficam nas duas margens do referido rio, postoque algumas se estendam a grandes distancias para um e outro lado, o transporte das producções será tão facil como se houvesse um grande numero de rios navegaveis.

A Nação portugueza tira bem pouca utilidade das suas colonias da Africa oriental e dos differentes portos que possue na Asia. As correspondencias e operações de commercio com Moçambique são limitadissimas, porque á excepção da nau de viagem, ou ao muito duas embarcações que tocam n'aquelle porto quando passam para a Asia, nenhumas outras ali apparecem. Estas mesmas levam muito poucos artigos de venda para fornecer a colonia, que está sempre em continuas precisões de todos os generos da Europa, e conseguintemente tambem d'ali conduzem bem pouco para a Asia, e nada para o Reino, á excepção de alguma tartaruga. Todas as Nações estrangeiras, principalmente a França e os Estados Unidos da America, introduzem em fraude os artigos de primeira e segunda necessidade, e mais que tudo os de luxo, com o pretexto de fazerem carregações de escravos, e devendo levar para suas compras unicamente patacas, chegam ao ponto de vender em Moçambique muitos generos que podiam saír do Reino, e mesmo de rios de Senna, e que por esta concorrencia ou não se exportam ou diminuem por falta de consummo. Tal é o assucar, a cachaça, o trigo, etc.

Logo a primeira vantagem que resulta do estabelecimento de uma companhia é animar o commercio da Nação na costa de Africa e na Asia, importando ali tudo quanto vem da Europa, excluindo a prejudicial concorrencia das Nações estrangeiras, segurando, em proveito do Estado, as exportações de Rios de Senna, e que nunca terão valor algum com uma navegação tão limitada como a que fazem actualmente os negociantes livres.

Todos os negociantes que ha na costa de Africa com fundos capazes de fazer o commercio por meios licitos e uteis ao Estado não passam de quarenta.

Em Moçambique, e mesmo em Rios de Senna, é muito ordinario comprar calçado que vendem já feito as embarcações estrangeiras.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

ILHA DE SANTO ANTÃO.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Em cumprimento das ordens de V. Ex.ª, tenho a honra de apresentar os esclarecimentos que uma pratica de vinte e dois annos de serviço na Provincia de Cabo Verde póde deixar em memoria. Se me tivessem acompanhado alguns documentos officiaes precisaria com mais clareza as minhas humildes opiniões. Diligenceio não me afastar da verdade, que um velho soldado se preza de saber respeitar. Á falta de eloquencia para com argumentos persuasorios demonstrar a utilidade das diversas indicações, que submetto á alta consideração de V. Ex.ª, só posso substituir o pratico conhecimento de variados cargos, que me tem sido confiados na Provincia de Cabo Verde, taes como de Commandante de Bateria, Commandante de Batalhão, Commandante Militar, Governador de Bissau, Administrador de Concelho e Presidente da Camara Municipal da Ilha de Santo Antão; e onde igualmente exerci as funcções de Director da Alfandega e Recebedor particular, por terem fallecido durante a epidemia de 1852 os empregados encarregados d'esta Repartição.

Designarei, ácerca da Ilha de Santo Antão, cada um dos ramos que julgo mais merecer a illustrada attenção de V. Ex.ª, apontando os melhoramentos que a experiencia aconselha como necessarios ao desenvolvimento da prosperidade.

ADMINISTRAÇÃO FISCAL.

A organisação adequada ao serviço fiscal torna-se cada dia mais necessaria aos interesses da Fazenda, e á utilidade do commercio. O systema actual é summamente oneroso para os habitantes, sem beneficiar os cofres publicos. A fiscalisação não póde ser uma realidade, emquanto o quadro dos empregados se não augmentar, e se não estabelecerem novas estações. N'uma Ilha como Santo Antão, onde as povoações distam leguas umas das outras, constrangem-se os importadores e exportadores a conduzirem a um unico porto =*a Ponta do Sol*= todos os productos do commercio exterior. Este indirecto tributo, taxado implicitamente no Regulamento das Alfandegas, recáe sobre todos, e mais na infeliz classe dos agricultores. Indicarei as distancias e localidade, a fim de bem fazer sentir as despezas e risco a qne são expostas as mercadorias, em consequencia do cumprimento das ordens fiscaes. Todos os productos da Ribeira do Paul, Janella e outros pontos, para serem exportados, soffrem pelo menos um transporte de tres e mais leguas, que é quanto dista a Alfandega da Ponta do Sol. Como os trilhos existentes apenas permittem com difficuldade que as cargas se transportem á cabeça das mulheres ou ao dorso dos animaes, e mesmo assim, não excedendo em volume a uma sacca de café (de setenta a oitenta libras), a economia aconselha de preferencia a via maritima.

Tem portanto os generos de serem conduzidos das differentes localidades para o porto de Paul, ali embarcarem-se cuidadosamente, porque o caes, construido pela natureza, e sem que até hoje recebesse proveitoso beneficio artistico, não offerece a segurança precisa. As embarcações que se empregam n'este transporte, são pequenas lanchas sem bailéo, o que occasiona repetidas avarias, e mesmo não poucas vezes as perdas dos carregamentos tem sido quasi totaes; bem assim n'estes sinistros perecerem os tripulantes: para estas viagens espera-se as marés favoraveis, e que o mar não esteja muito agitado, porém nunca se gasta menos de um dia em ir e voltar da Ponta do Sol; ainda ahi as fazendas têem de ser desembarcadas, dar entrada na Alfandega, e embarcarem para o navio que aguarda recebelas. É ardua a tarefa da exportação! Ácerca dos generos produzidos na costa do sul da Ilha existem as mesmas difficuldades, acrescendo porém a distancia ser tal, que se reconhece boa viagem quando dura trinta e seis horas,

só em chegar á Ponta do Sol. Por terra são quasi impraticaveis os transportes. Parece-me porém que pela fórma que passo a indicar se harmonisaria o serviço fiscal com os interesses da Fazenda e do bem publico. A estação principal da Alfandega continuaria na localidade onde actualmente está=*Ponta do Sol*=. Os empregados ali effectivos deveriam ser: o Director, o Escrivão de receita e despeza, o Meirinho, dois Guardas de numero e tres supplentes, cujos vencimentos seriam os emolumentos marcados no Regulamento das Alfandegas, durante os dias que fizessem serviço. No Paul deveria haver uma estação fiscal onde se desse despacho a todos os generos, tanto importados das diversas Alfandegas da Provincia, como exportados para as Ilhas. O pessoal effectivo convem ser: um Fiscal, um Guarda de numero e um Supplente, vencendo este como já deixo dito. No porto dos Carvoeiros, costa do sul, é indispensavel uma estação, onde basta um Fiscal para despachar os navios de cabotagem, por emquanto, para os portos da mesma Ilha e para a de S. Vicente, que lhe fica a sete milhas de distancia, em circumstancias ordinarias, duas horas de viagem, e no futuro, desenvolvendo-se a agricultura em maior escala, ter iguaes attribuições á do Paul. Considerados os beneficios que resultariam d'estas medidas para o commercio, a principal fonte de riqueza de um paiz, e segurança na arrecadação dos impostos, a despeza com o augmento de empregados não se tornaria improductiva.

ADMINISTRAÇÃO DO CONSELHO.

A extensão do Conselho da Ilha de Santo Antão não permitte que um só funccionario cuide, sem grande incommodo dos habitantes, de todos os deveres administrativos, attendendo porém a não haver pessoal habilitado para desempenhar os cargos municipaes de dois Concelhos, e a que provinha d'esta medida um augmento de despeza infructifera, lembra-me que dividindo o Concelho em tres Bairros, Villa da Ribeira Grande, Paul, e S. João Baptista, se obteria um resultado satisfactorio. O Administrador do Bairro da Ribeira Grande seria o Administrador Geral do Concelho.

Os Administradores dos Bairros do Paul e S. João Baptista poderiam conceder passaportes, e terem as mais attribuições marcadas no Codigo da Provincia, sendo comtudo subordinados ao Administrador Geral. Quando as attribuições do Administrador Geral do Concelho não forem annexas ao Commando Militar, a Municipalidade de certo não encontrará ninguem, devidamente habilitado, que por menos de 300$000 réis exerça taes funcções.

Aos Administradores dos Bairros do Paul e S. João Baptista, como ficariam subordinados a uma Auctoridade superior, supponho bastante o vencimento de 100$000 réis annuaes, e os emolumentos marcados no Codigo. O Escrivão da Administração Geral deveria continuar a accumular o cargo de Escrivão da Camara, tendo de vencimento 200$000 réis. Os Escrivães dos Bairros do Paul e S. João Baptista o vencimento de 60$000 réis annuaes.

COMMANDO MILITAR.

Os conflictos que em frequentes occasiões se têem suscitado nas Ilhas de Cabo Verde, com Commandantes de navios de guerra estrangeiros, as instrucções das Auctoridades consulares designarem que as suas correspondencias devem ser dirigidas aos Commandantes Militares, e muitas outras circumstancias, provam quanto esta entidade é necessaria.

Sob as ordens do commando militar da Ilha de Santo Antão julgo indispensavel haver um destacamento de trinta praças. Este destacamento póde ser dado pela quarta Bateria, cujo quartel está em S. Vicente; sendo o Commandante Militar um Official de primeira linha, como muito convem para a regularidade do serviço: basta que o destacamento seja commandado por um Official inferior. Sem esta força não serão devidamente coadjuvadas as Auctoridades fiscaes, administrativas e judiciaes. O detalhe do serviço deveria ser: uma guarda na Alfandega, Ponta do Sol, outra na estação fiscal do Paul, e um destacamento no porto dos Carvoeiros. A força disponivel do serviço teria quartel na Villa da Ribeira Grande, emquanto se não remover a povoação para a Ponta do Sol. A falta de uma força regular impediu que ha dois annos fosse punido, como merecia, o Capitão de um navio baleeiro americano, que desembarcou na Ponta do Sol com a sua tripulação armada, e se dirigia para a Alfandega procurando o antigo Director para o assassinar, dando por motivo de uma tal affronta a contestação sobre pagamento de direitos, ou carta de saude, que entre os referidos tinha havido na ultima viagem do Capitão.

O Commandante Militar poderia accumular as suas attribuições, quando seja julgado competente, com as de Administrador do Concelho. Quando reunisse as funcções administrativas, parece justo perceber uma gratificação não menor de 150$000 réis, paga pelo rendimento da Camara Municipal. Esta gratificação não equivale de certo ao que em outras

Ilhas percebem os Administradores de Concelho; 20 por cento do rendimento total. Actualmente, em Santo Antão, ha um unico soldado de primeira linha, encarregado da guarda do armamento e casa do quartel militar.

CAMARA MUNICIPAL.

Acompanha-me o maior sentimento em ter de prestar esclarecimentos ácerca da Camara Municipal da Ilha de Santo Antão. O estado do Municipio não póde ser mais lamentavel. O confuso da sua escripturação attinge a ponto de se não poderem colher, ao menos, os dados necessarios para a cobrança dos seus diminutos rendimentos.

A Camara não tem verdadeiro livro de tombo; os de receita e despeza são deficientes; as Posturas municipaes são ignoradas por uns e menoscabadas por outros; os processos não têem andamento, e as multas não se recebem. A impunidade triumpha. Acontece por este tão inqualificavel desprezo ser a Municipalidade da Ilha de Santo Antão a que conta menos rendimentos em toda a Provincia. Para a Camara cuidar, como lhe cumpre, dos melhoramentos municipaes, e crear a receita que lhe pertence, convem habilitar-se com uma escripturação regular, possuir um livro de tombo, onde sejam registados todos os bens do Concelho e titulos de aforamentos. A fonte principal da receita do Municipio deve ser o rendimento dos fóros. Para esta receita é de toda a justiça que contribuam tambem os possuidores de terrenos que antigamente foram foreiros á Fazenda Publica. A presidencia da Camara Municipal entendo de muita conveniencia, para a regularidade do serviço, que continue a ser exercida pelo Administrador do Concelho, não só pela escassez de gente sufficientemente instruida, como porque, em cargos gratuitos, a pratica tem mostrado a raridade de encontrar dedicação verdadeira, especialmente n'aquella Ilha.

AFORAMENTOS.

O desenvolvimento da agricultura na Ilha de Santo Antão depende da extincção do abusivo systema de se considerarem possuidoras de terrenos pessoas que os não cultivam, nem mesmo pagaram jámais o foro d'elles ao municipio. Muitos habitantes consideram-se proprietarios, ha quarenta, cincoenta e mais annos, de terrenos que marcam leguas quadradas sem os haverem ainda arroteado. Esta infracção perpassa desapercebida pela Camara, e Junta da Agricultura, apesar da Lei em vigor e de todos os titulos de aforamento, declararem cessar o direito da propriedade, quando no praso de cinco annos não tenham sido cultivados. Os melhores terrenos de sequeiro da Ilha, chamados de norte, estão quasi totalmente desaproveitados pela posse illegal que até hoje se tem auctorisado e protegido. Nos mencionados terrenos produzem bem as diversas qualidades de batatas, milho, feijão e tabaco; já por vezes o mercado tem sido abastecido principalmente de feijão, mesmo com a diminuta cultura que ali se tem feito. A cultura do trigo já ali foi ensaiada com bom resultado. Cumpre-me confessar, que pertenço ao numero dos referidos infractores; possuo terrenos no norte, e appellido-me de proprietario d'elles. Verdade é que sou aquelle que mais cuidou em cultivar, e só desisti depois de haver ali sustentado tres familias, a quem os gados por não serem pastorados, nem a fazenda possuir defeza, estragaram todas as plantações que se fizeram. Era preciso ordens positivas do Governo da metropole, para cessar o abuso de garantir a posse de terrenos não cultivados; considerando porém que estes terrenos têem passado a segundos e terceiros possuidores por heranças e diversas transacções, entendia justo arbitrar o praso de um anno para os cultivarem e adquirirem novos titulos, ou registarem os antigos em o livro do tombo da Camara Municipal, o que não deixaria de aproveitar a muitos lavradores. Findo este praso os terrenos em questão reputar-se-iam logradouros publicos, em quanto a Junta de Agricultura os não mandasse aforar em hasta publica; no futuro todo o rigor da Lei deveria ser applicado aos infractores. A igualdade dos impostos muito convinha ser decretada, augmentando assim a receita do Concelho, concorrendo todos para os melhoramentos, a que deve ter applicação. Isto é, os terrenos foreiros á Fazenda, e hoje livres por um Decreto de Sua Magestade o Imperador de saudosa memoria, deviam annexar-se ao Concelho, não com encargos tão pesados como os que lhe foram taxados; mas igualando-os com os que actualmente são foreiros ao Municipio. Sem esta medida de incontestaveis resultados, a receita do Concelho não augmentará, e os melhoramentos tão reclamados não poderão ir á execução. Só a Junta de Agricultura julgo competente para conceder aforamentos, depois de processados os requerimentos pela Camara Municipal. Evita-se por esta fórma que os homens das localidades se sirvam da sua posição, como outr'ora fizeram, adquirindo o que lhes aprouve. Comtudo pela classe indigente convinha repartir alguns terrenos do norte, dando-lhe titulos *gratis*, e dispensando-os de requererem á Junta da Agricultura.

A gravidade do assumpto aconselha que uma commissão composta de homens independentes, de provada intelligencia, e conhecedores das localidades, tomem a seu cargo este importante serviço, garantindo assim a imparcialidade indispensavel para obter um justo resultado.

AGRICULTURA.

A fonte principal de riqueza da Ilha de Santo Antão, susceptivel de um incremento gigantesco, é reconhecidamente a agricultura. A propriedade dos terrenos d'aquella Ilha para as valiosas producções dos tropicos, faz reclamar toda a attenção para o seu desenvolvimento agricola, ainda conservado tão no estado primitivo. A ausencia de capitaes, a grande divisão da propriedade, junto á ignorancia dos aperfeiçoamentos que a civilisação tem offertado a este elemento de prosperidade dos povos, faz com que se desconheçam os industriosos esforços de coadjuvar a natureza a mostrar-se mais generosa. Entre os generos fornecidos na actualidade por aquella Ilha avultam, em primeiro logar, o café e a canna. O cafeeiro produz mui bem em terrenos de regadio, e mesmo em alguns pontos de humidade: são geralmente transplantados quando adquirem a altura de um a dois palmos: as plantações não são regulares, nem usam arrotea-las convenientemente; carece de quatro, cinco e seis annos para chegar ao estado de producção regular. A urgencia de liquidar obriga geralmente os agricultores a fazer a colheita antes do fructo sasonado, e assim levarem-no ao pilão, d'onde sáe com má apparencia, perdendo parte do peso e do aroma. Os frequentes roubos que soffrem os agricultores tambem contribuem para apressar a colheita, alem de desanimar a cultura d'este importante producto. São indispensaveis medidas rigorosas, pois não só se apoderam do fructo, como até arrancam ramos do cafeeiro para mais promptamente conduzirem os roubos, sem attenderem a que deixam o arbusto por muito tempo inutilisado. Geralmente fallando só se podem esperar novas plantações de café nos terrenos que de futuro possam tornar-se regadios; porque aos pequenos proprietarios impede a falta de meios dedicarem-se a esta cultura, que depende de grande morosidade para chegar a produzir. Em nenhum paiz a divisão de propriedade iguala a Ilha de Santo Antão; chegam a vender-se predios rusticos por 1$000 réis e 2$000 réis. A mesma gente que esmola o pão quotidiano, possue a sua propriedade, d'onde não colhe producto sufficiente nem para o sustento de dois mezes. O café é permutado no valor de 80 a 100 réis o arratel, moeda da Provincia. A canna do assucar produz abundantemente em terrenos de regadio. Ao fim do primeiro anno já colhem um pequeno producto, a que chamam *quebradura*, do qual quasi todos fabricam mel; ao segundo anno dá completa producção, durando entre seis e dez annos sem ser destacada, conforme a qualidade do terreno. O processo de fabricar a canna é defeituoso; servem-se de trapiches de madeira, porque os de ferro, que de Lisboa têem para ali mandado, estão todos inutilisados; comtudo a aguardente que fabricam é geralmente de excellente qualidade. Emquanto á fabricação de assucar ignoram o proveitoso processo. O valor da aguardente de 19° a 20°, pelo areometro de Cartier, levada ao porto de embarque, regula por 400 a 500 réis o galão (duas canadas e um quartilho). O mel sustenta igual preço. A cultura do algodão tem sido abandonada, em consequencia dos repetidos estragos que soffriam com o gado. Hoje até se importa o algodão não manufacturado para consummo. Na costa do sul os terrenos são appropriados para o algodoeiro; conviria muito animar tão util cultura. O mesmo algodão amarello que merece grande apreciação produz sem difficuldade. O tabaco seria muito apreciado se conhecessem o processo empregado na sua manipulação; apenas o colhem para consummo da classe menos abastada. A producção da mandioca em terrenos de regadio é abundante, conviria que fosse tambem mais cultivada nos terrenos de sequeiro. O augmento d'esta cultura seria de grande vantagem por ser um alimento sadio, nutriente e com que aquelle povo já se acha habituado. A batata ingleza tambem a cultivam mui pouco, apesar de produzir excellentemente. Uma outra especie de batata, *a caneca*, introduzida ali da Ilha Brava (para onde os marinheiros empregados na pesca da baleia a haviam levado), em vista dos ensaios já feitos, mostra merecer particular attenção: é muito nutriente, e produz mesmo em terrenos pouco aproveitaveis a muitas outras plantações. Não ha processo mais simples, nem terrenos mais appropriados para a cultura do milho, do que os da Ilha de Santo Antão. A colheita conta-se sempre abundante em annos regulares; o milho porém não dura muito sem que seja atacado de bicho: este inconveniente desappareceria, empregando o systema adoptado nos Estados Unidos de seccar o milho a uma determinada temperatura. O milho é um alimento indispensavel áquelle povo; o seu valor no tempo da colheita é de 400 a 480 réis o alqueire da Provincia, augmentando de modo, que tres mezes depois, já vale o dobro, forçando os proprios que o venderam por aquelle

diminuto preço, a paga-lo assim aos especuladores. O feijão produz igualmente bem em annos de chuvas regulares; o preço por occasião da colheita é de 800 a 960 réis o alqueire, devendo notar-se ser esta medida quasi o triplo do alqueire de Lisboa. A mostarda nasce espontaneamente, e vegeta desprezada de toda a cultura. O anil dá-se bem, mas não o sabem fabricar; tem comtudo consummo na tinturaria de pannos ali fabricados. As vinhas soffreram muito com o *oidium* que as atacou; mas começam a apresentar-se com caracter mais benigno. As laranjeiras dão ali excellentes fructos, que com vantagem seriam exportados para S. Vicente, onde os paquetes os procuram muito; porém têem sido destruidas em grande parte para de seus troncos aproveitarem madeira para trapiches e outras obras. Apesar da escassez de madeira que ali se sente, supponho comtudo maior o damno com este systema que o proveito. A purgueira existente não chega para o consummo; a reconhecida utilidade d'este arbusto reclama que se propague a sua plantação. Mais alguns productos conta a Ilha de Santo Antão, porém em tão pequena escala têem sido cultivados que me dispenso de os mencionar. Conviria que o Governo fizesse publicar algumas instrucções sobre a agricultura, e a adopção de instrumentos agricolas.

SILVICULTURA.

Convem olhar com seriedade para o modo de arborisar a Ilha de Santo Antão, fazendo esmerada escolha na adopção das plantações que se determinarem. Esta medida teria um duplicado effeito: fornecer madeiras apropriadas para construcção, de que ha na Ilha uma carencia absoluta, e regularisar as chuvas, tornando assim menos frequentes as lamentaveis crises de fome, que motiva similhante falta. Actualmente a lenha, mesmo para consummo, tem de ser procurada em grandes distancias; as arvores que ainda raramente se encontram são: a figueira brava, o tarafe, e o tortaolho. As plantações nos terrenos elevados, a que os nativos chamam de *meia terra para cima*, poderiam ser muito variadas; e no litoral da costa do sul deve preferir-se o tarafe. Tambem o coqueiro e o dragoeiro crescem sem difficuldade, aindaque o seu desenvolvimento é bastante moroso.

CREAÇÃO DE GADOS.

A falta de chuvas regulares nos ultimos annos e a escassez de mantimentos motivou a quasi extincção de gados. Nenhuma attenção prestam á creação de gados, nem mesmo cuidam em fazer palheiro para o tempo da secca; andam todo o anno pastando os productos naturaes que encontram, sem guarda que os des vie de invadir as propriedades, onde estragam as novidades. O gado d'esta fórma tratado torna-se mais precario que util. Devia ser pastorado, não só para não estragar a agricultura, já que as fazendas não podem ser defendidas, como tambem para lhe serem escolhidas as pastagens, e levarem-o a beber. O gado vaccum é pequeno, mas valente; na agricultura empregam-n'o exclusivamente em trapichar a canna do assucar. As vaccas são abundantes em leite, cujo alimento, junto com diversas substancias, é mui usado pelos naturaes d'aquella Ilha. O gado cavallar é pequeno, porém bastante forçoso e ligeiro. O gado muar e asinino são aquelles que prestam maiores serviços, ambos de raça pequena, mas valentes. O gado caprino propaga-se bem, e dá abundante leite. O gado lanigero não é grande, mas tambem se propaga bem. O gado suino é pequeno, a carne menos gostosa que na Europa; tem bastante consummo, póde-se mesmo dizer que é um animal caseiro. Todas estas especies de gados pertencem a raças mui abastardadas.

PESCARIAS.

As pescarias são um ramo de riqueza que a natureza offerece para ser explorado com vantagem, pela grande affluencia e diversas qualidades de peixe que se encontram nas visinhanças da Ilha de Santo Antão. Actualmente a pescaria faz-se em mui pequena escala; apenas pescam ao anzol nas pontas das rochas, junto aos povoados, ou em lanchas proximo das costas; tambem algumas vezes vão para a costa de S. Vicente e Santa Luzia. Grande proveito colheriam os habitantes d'aquella Ilha no desenvolvimento d'este commercio, não só para o consummo interior como para exportação. As praias da costa do sul permittem que a seja pesca feita com redes, o que se torna muito mais lucrativo. Todo o incremento e protecção que por parte do Governo se desse ás pescarias seria um beneficio de incalculaveis resultados. Acresce á abundancia de peixe, as salgas não serem dispendiosas, vistoque o sal é fabricado na Provincia em quatro Ilhas, Sal, Maio, Boa Vista e S. Vicente; n'esta ultima Ilha ainda se fabrica mui pouco.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO.

As vias de communicação prendem actualmente no mais alto grau a attenção dos Governos illustrados, e é ponto incontroverso que da facilidade do transito depende o valor das

mercadorias. Em Santo Antão, sou infelizmente forçado a confessar, que d'este axioma economico ainda se não colheram nem modestos beneficios. Ácerca de estradas deve considerar-se como nos primeiros dias da sua adolescencia; posso dizer, sem receiar o exagerado da expressão, que é *um archipelago contido n'uma Ilha*. Da via maritima não se faz uso por preferivel, mas sim porque as terrestres não servem para transportar grandes cargas. Existem localidades d'onde os productos agricolas não podem concorrer ao mercado, pelas despezas de transporte excederem ao seu maximo valor. Resulta do isolamento a que estão condemnadas algumas povoações, a agricultura não ter o desenvolvimento de que é susceptivel; os agricultores serem constrangidos a não permutarem o que lhes sobra do sustento dos seus familiares, e o publico privar-se de obter um mercado mais concorrido e barato. Ha em Santo Antão duas especies de trilhos que os naturaes distinguem pela denominação de *caminhos de gente* e *caminhos de animaes*. Os segundos d'estes chamados caminhos, são, em geral, escabrosos trilhos, que alem de apresentarem todas as irregularidades do terreno, não contam defeza para os viajantes. Quem percorre Santo Antão da Ponta do Sol para a Villa da Ribeira Grande, e d'ali para o Paul e Janella, e para a costa do sul e outros pontos, não soffre unicamente o risco que apresentam trilhos abertos nos seios de rochedos cortados quasi a prumo na altura de cem a duzentos metros; mas tambem, que por effeito das aguas ou de passagem de animaes, se desloquem fragmentos dos terrenos superiores. Os denominados caminhos de gente só os naturaes se afoutam a passar, pela maior parte auxiliados por lanças, bordões ferrados nos extremos. A irregularidade do solo, alem de impedir a construcção de estradas espaçosas, as precisões do commercio tambem as não reclamam. Caminhos por onde sem difficuldade possam transitar as pequenas carroças de puchar um só boi ou cavallo, como as que os americanos têem fornecido a algumas das outras Ilhas, era o sufficiente. Mencionarei quaes as vias de communicação que convem com mais urgencia e proveito tratar de preferencia. O trilho que da Ponta do Sol communica com a Villa da Ribeira Grande e d'ali até ás Pombas, entrada para as Ribeiras do Paul e da Janella, não admitte duvida ser aquelle de que primeiro se deve fazer caminho transitavel. Este trilho, apesar de bastante damnificado, contém comtudo trabalho aproveitavel. São nove milhas a distancia, calculada entre a Ponta do Sol e as Pombas; notarei porém que n'esta linha ha dois terços de terreno, onde sem grande obstaculo se construe caminho. Depois d'este, que liga as povoações e ribeiras principaes com o porto da Ponta do Sol, apontarei tambem como urgente a communicação das ribeiras da costa do sul com o porto dos Carvoeiros. A natureza dos terrenos no litoral da costa do sul offerece mais facilidade para a construcção de caminhos. O traçado que julgo mais economico, satisfazendo ás necessidades da agricultura das ribeiras do sul, é o seguinte: do porto dos Carvoeiros o caminho deve seguir em direcção da ribeira Fria, d'esta á ribeira dos Bodes e Alto Mira, continuando até á Ribeira da Estancia Velha, onde teria de construir-se uma ponte proxima do Morro Vermelho, seguindo para a ribeira das Patas e terrenos do norte, deixando comtudo um ramal para as ribeiras de Sabuga, Manuel Lopes, Baboso, Agua dos Fortes e Campo Redondo. As producções d'estas ribeiras, facilitada a communicação com o porto dos Carvoeiros, abasteceriam o mercado de S. Vicente, cujo consummo é certo, sendo a venda a prompto pagamento em dinheiro. Na costa do sul existem outros portos, o da Barca, Pedrinha e Praia Formosa, que alem de terem um ancoradouro inferior ao dos Carvoeiros, estão situados para sotavento, obstando por isso a que as viagens para S. Vicente não sejam tão rapidas, e mesmo difficeis no tempo das brisas, comtudo aproveitaveis para os habitantes das ribeiras do sul em alguns mezes. Estribado nas rasões exaradas optei por indicar com preferencia o porto dos Carvoeiros. Do porto dos Carvoeiros para a Ribeira Grande, e Villa d'este nome, tem de seguir segundo o trilho que hoje existe, isto é, ir direito a Agua das Caldeiras, Bardo de Ferro, Corda e Delgadinho: e um ramal para as Bordeiras do Paul que dista, proximamente, meia milha. Se as circumstancias dos cofres publicos permittissem, seria muito mais vantajoso que o caminho dos Carvoeiros para o Paul seguisse em direcção aos terrenos de Meza. Tambem do Bardo de Ferro convem que siga outro ramal para a Freguezia do Santo Crucifixo, a qual se compõe das ribeiras do Figueiral, João Affonso, Chão de Pedra, Bôca de Coruja, Caibros e outras menos importantes. A grande estrada do Paul aos Carvoeiros pelo lado do Ilhéu do Boi, e a cujo traçado deram ha pouco começo, alem de muito dispendiosa, julgo-a infructifera. Tiveram em vista construir uma estrada á beiramar, começando por lhe conquistar terreno, com as difficuldades inherentes aos aterros. As experiencias que ali se fizeram devem convencer ainda os mais credulos da impossibilidade economica da realisação de um tal projecto; porque alem dos ob-

staculos apresentados para a sua conclusão, ter-se-ia de proceder á construcção dispendiosissima de duas ou tres pontes nas ribeiras do Sancho, Brava e Sarafes. Das sommas consumidas na execução de similhante plano pouco se colheria, porque é difficil conceber que os productos da ribeira de Paul deixassem de embarcar no seu porto, para o irem fazer a distancia de seis leguas ao porto dos Carvoeiros. Devo comtudo notar, que muito conviria melhorar a communicação entre o Paul, Janella e Porto dos Carvoeiros, pelo lado do Ilhéu do Boi, por se achar actualmente quasi impraticavel. Depois do grande impulso que deve receber a agricultura, logoque as ribeiras Grande, do Paul e a povoação communiquem com o porto da Ponta do Sol, e as ribeiras da costa do sul com o porto dos Carvoeiros, novos meios se colheriam, para tornar ainda mais transitavel esta rica Ilha.

POVOAÇÕES.

A povoação principal da Ilha de Santo Antão está situada entre as ribeiras Grande e da Torre, exposta por consequencia aos effeitos das grandes cheias. Já em 1818, e nos dias 7 e 8 de Outubro de 1845, esteve em imminente risco de ser arrastada para o mar pelas aguas das citadas ribeiras. Esta povoação, posto seja a maior da Ilha, tem comtudo limitado numero de casas e irregulares, de fragil construcção, e agglomeradas de fórma, que contraria os bons principios da hygiene. Impedir a construcção de novos edificios, e reedificação dos que se forem damnificando na Villa da Ribeira Grande, seria uma medida muito conveniente para obstar á catastrophe que se deve esperar em algum anno, que as cheias precisem de maior espaço. A Fazenda publica apenas possue na referida Villa uma insignificante casa que tem servido de quartel militar; portanto lembrava que os edificios publicos de futuro se construissem na Ponta do Sol. Como tenha abatido o tecto da Igreja matriz que existe na povoação, entendia dever-se construir uma nova Igreja na Ponta do Sol, chamando assim o povo a estabelecer-se junto da Parochia. As Repartições publicas tambem deviam passar para a Ponta do Sol, obrigando assim os habitantes a crear necessidades n'aquella localidade. Ali construia-se uma povoação regular; tem agua sufficiente para o consummo na ribeira do Machadinho e Praia Lisboa; alem d'isso o ser junto do porto augmenta o valor, e daria uma grande importancia áquella Ilha. A occasião para executar este plano não póde ser mais propicia do que na actualidade, que o maior numero de casas da povoação se acham em ruinas, por terem sido abandonadas no tempo do flagello da fome, e ultimamente por causa da cholera. Proximo da Barreta, Ponta do Sol, devia construir-se um pequeno reducto, guarnecido com tres peças, o que, pela posição d'este em referencia ao desembarque, era o sufficiente para proteger a povoação. D'esta fórma constituiria a Ilha de Santo Antão o centro da povoação á beiramar, circumstancia que muito a engrandeceria, e da povoação actual fariam de futuro utilissimas propriedades rusticas. Na costa do sul as povoações só podem ser junto das ribeiras, onde encontram o preciso ás necessidades da vida. O porto dos Carvoeiros só tem agua potavel a uma legua de distancia, e em tão pouca quantidade, que não póde para ali ser encanada; e os terrenos que lhe ficam mais perto, susceptiveis de cultura, servem apenas para algodoeiros. Os Carvoeiros tem exclusivamente de ser o porto de embarque das ribeiras do sul, augmentando com os effeitos da agricultura e do commercio. Ao sudoeste da Ilha fica a ribeira do Sarrafal abundante em agua, porém com pouco terreno susceptivel de cultura: nunca excederá de uma propriedade particular. Mesmo quando tivesse os requisitos precisos para ali se estabelecer uma povoação, eu não o indicaria, pela localidade ser em extremo quente, e receiar que continuadas relações com o resto da Ilha tornasse epidemico um paiz tão saudavel. Em Bissau não faz certamente mais calor que no Sarrafal, onde só nos mezes das aguas os ventos dos quadrantes do sul e do oeste podem penetrar. Emquanto ao seu porto é bom; dá-se porém o inconveniente de não poder demandar-se ou saír-se d'elle senão a reboque, em consequencia da constante calmaria, e nos mezes que sopram os ventos do sul é menos seguro; saíndo do Sarrafal pela via maritima no tempo das brisas (ventos do norte e do leste), difficilmente se póde tomar o porto grande sem costear S. Vicente por sota vento, passando em Santa Luzia ou entre os ilheus. Por terra custaria uma avultada despeza o caminho que carecia construir-se; não o indico por o entender de interesse muito secundario. Nenhuma povoação regular possue aquella Ilha. As casas são construidas de pedra e barro, no geral cobertas de palha, bem poucas de telha, de pau americano, rarissimas as de telha de barro, e tambem não são muitas as rebocadas de cal.

EDIFICIOS PUBLICOS.

Nenhuma das propriedades pertencentes ao Estado, na Ilha de Santo Antão, merece o nome de edificios. A Alfandega da Ponta do Sol

soffrendo alguns reparos, ainda poderia corresponder em accommodações ás suas necessidades. O quartel militar alem de acanhado, tem o madeiramento muito arruinado; as Igrejas são cobertas de palha; a que havia com telhado de telha abateu: não ha na Ilha mais propriedades nacionaes. Á Fazenda Publica competia mandar reparar a Alfandega da Ponta do Sol; construir duas estações fiscaes, uma no Paul, outra no porto dos Carvoeiros; um quartel militar na Ponta do Sol, e bem assim uma Igreja, onde o municipio recebendo algum adiantamento dos cofres da Fazenda deveria edificar uma casa de Camara e Administração de Concelho, uma aula primaria, e uma cadeia, a fim de não acontecer, como actualmente, o permittir-se que os condemnados a prisão percorram as ruas, por não caberem n'um apertadissimo quarto do quartel destinado á guarda de presos. O longo esquecimento em que tem jazido aquella Ilha demonstrado fica pelos urgentes beneficios que acabo de indicar. Em vista dos importantes misteres a que têem de servir os mencionados edificios, não me atrevo a apontar quaes deveriam ser os preferidos.

COMMERCIO.

As operações commerciaes que se fazem em Santo Antão são quasi exclusivamente com Lisboa. D'esta praça enviam os algodões manufacturados, e alguns generos alimenticios, e recebem em troca café, aguardente e insignificante quantidade de couros, muito principalmente depois que annos seguidos de secca devastou quasi todo o gado vaccum. A falta de numerario que se sente n'aquella Ilha, obriga os agricultores a receberem todos os annos grandes adiantamentos; de fórma que o commercio torna-se incalculavelmente mais lucrativo para o exportador que para o productor. Considero que se os generos e artefactos estrangeiros tivessem uma rasoavel diminuição nas taxas arbitradas na pauta da Provincia, a permutação seria mais vantajosa.

ARTES.

Em Santo Antão o atrazo em que se acham as artes mostra, como em muitos outros ramos, o descuido que tem havido na educação d'aquelle povo. Os officios que ali se exercem com grande imperfeição são os de carpinteiro e pedreiro; actualmente nem serralheiro ou ferreiro ao menos ha na Ilha: apesar da grande falta que faz, para o arranjo dos instrumentos agricolas e outros misteres. Parece-me que o Governo dotaria a Ilha de Santo Antão de grandes melhoramentos, enviando para lá alguns mestres dos officios indicados, a fim de que fossem aperfeiçoados estes misteres tão indispensaveis, e de que a Fazenda Publica mesmo carece para o seu serviço.

INDUSTRIA.

Alem da industria agricola de que especialmente se trata em Santo Antão, nada mais existe que mereça um tal nome. Os pannos que ali se fabricam para uso dos nativos, são manufacturados em teares mui irregulares de que se servem mais geralmente os proprios fabricantes; apparecendo no mercado, nunca obteriam o pagamento correspondente ao trabalho. Alem d'esta manufactura só tenho visto pequenissimas curiosidades que me abstenho de mencionar. Supponho que todas as industrias em Santo Antão, a não ser a agricola, se devem considerar de interesse secundario.

Deixo exarados quantos esclarecimentos posso offerecer á consideração de V. Ex.ª Não são por certo concisas as minhas indicações; apenas revelam uma longa pratica de serviço, e a vontade que me anima de ser util a um paiz que tenho adoptado como minha patria. Ninguem por certo mais competentemente que V. Ex.ª poderia, corrigindo as faltas involuntarias que uma curta intelligencia deixou passar desapercebidas, dar o incremento que merece particularmente a agricultura da Ilha de Santo Antão. As não equivocas provas de desvelado interesse pelas terras d'alem-mar, que V. Ex.ª tem manifestado nos muitos ramos de administração publica confiados á gerencia de V. Ex.ª, é a maior garantia que os habitantes da Ilha de Santo Antão podiam adquirir, para segurança do seu futuro de prosperidade. O estado convalescente em que ainda me acho, resultado de um ataque da epidemia reinante que me levou á beira da sepultura, justifica a demora que tive em cumprir as ordens de V. Ex.ª

Deus guarde a V. Ex.ª, Lisboa, 13 de Dezembro de 1857. = Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = *José Antonio Serrão*, Major da Provincia de Cabo Verde.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

AFRICA AUSTRAL.

INSTRUCÇÕES EXPEDIDAS
AO DOUTOR DAVID LIVINGSTONE,
CONSUL DE SUA MAGESTADE BRITANNICA EM QUILIMANE,
PARA A DIRECÇÃO DA EXPEDIÇÃO
AO RIO ZAMBEZE.

Secretaria dos Negocios Estrangeiros, 20 de Fevereiro de 1858.

1 Senhor: — Tendo o Governo de Sua Magestade determinado mandar uma expedição a explorar a Africa oriental, e havendo vós manifestado a vontade que tinheis de dirigir esta expedição, tenho a informar-vos que foi aceito o vosso offerecimento, e por este diploma se vos dá auctorisação e ordem para vos encarregardes da dita expedição de exploração da Africa oriental central; e todos os officiaes, naturalistas e outros, que formem já, ou venham para o diante a formar parte d'ella, deverão obedecer ás vossas ordens, como chefe da expedição.

2 Tendo-se a Rainha dignado de nomear-vos Consul de Sua Magestade em Quilimane, na costa oriental da Africa, e nos districtos independentes do interior do paiz, e havendo-vos Sua Magestade Fidelissima, El-Rei de Portugal, concedido Officios de recommendação para os Governadores das colonias portuguezas n'aquella costa, embarcaes sob os mais favoraveis auspicios, e ha toda a rasão para crer, que recebereis todo o auxilio e assistencia que estiver ao alcance dos Governadores e Chefes d'estes districtos prestar-vos para o bom exito da expedição.

3 Acompanhar-vos-hão o Commandante da Armada Real Norman Bedingfield, Official de Marinha muito pratico dos rios da Africa, e que é de certo sufficientemente versado nas medições e observações astronomicas, para traçar o curso do rio e tirar a planta das terras por onde passardes; o doutor John Kirk, doutor em medicina, muito acreditado por seus conhecimentos botanico-economicos, alem de sua pericia medica; Mr. Charles Livingstone, que se diz entender de algodão e das machinas usadas no seu fabrico, o qual será o vosso ajudante principal; Mr. Richard Thornton, acreditado como geologo pratico de minas; Mr. Thomás Baines, que servirá de artista e dispenseiro, e Mr. George Rae, engenheiro naval e mechanico pratico, os quaes todos se offereceram livre e espontaneamente para este serviço, e asseguraram que querem servir debaixo das vossas ordens.

4 Tanto vós, como os vossos companheiros, sereis transportados de Inglaterra ao Zambeze no vapor a helice do Governo Colonial *Pearl*, que segue para Ceylão. Este navio ha de tambem levar desmanchada em peças a lancha de ferro movida por vapor de rodas, a qual demanda só dois pés de agua, e que vos é fornecida para o expresso fim de explorar os rios africanos, assim como tambem as duas baleeiras de vinte cinco pés, com mantimentos e provisões para dois annos. Tocareis em Serra Leoa para embarcar doze pretos cromanes, que servirão para tripular a lancha, e no Cabo da Boa Esperança para refrescar, indo depois em direitura á foz do Zambeze, aonde se espera que podereis chegar na terceira semana do mez de Maio.

5 Se houver algum navio de guerra disponivel no Cabo, os lords Commissarios do Almirantado darão instrucções ao Official Commandante d'aquella estação para o mandar em vossa conserva até ás fozes do Zambeze, com ordem de ficar n'aquellas immediações até o *Pearl* voltar de Senna e Tette, a fim de prestar auxilio no caso possivel, mas, segundo confio, muito improvavel, de acontecer ao navio algum accidente imprevisto.

6 Outra commissão importante d'este navio de guerra será levar a participação da vossa nomeação de Consul e os Officios do Governo Portuguez ao Governador subalterno de Quilimane. É preciso que fiqueis entendendo bem que não sois auctorisado a seguir por diante

no *Pearl* até ali, porque isso faria perder muito tempo, poria em algum risco o navio, bem como a saude da vossa gente, e assim podia a final comprometter seriamente o bom exito da expedição. Tanto que o *Pearl* tiver atravessado a salvamento a barra de Luabo, poderá o navio de guerra seguir para Quilimane, a fazer os cumprimentos do costume ás auctoridades portuguezas, entregar os vossos Officios, e tratar de fazer expedir os vossos futuros despachos para o Cabo por aquella via; depois do que poderá retroceder para a bôca de Luabo, a esperar a volta do *Pearl* para baixo.

7 O principal objecto da expedição, como sabeis, é estender o conhecimento já obtido da geographia e recursos mineraes e agricolas da Africa oriental central, para augmentar as nossas relações com os habitantes, e para os incitar a applicarem-se a emprezas industriaes, e á cultura de suas terras, com a mira na producção das materias primas, que poderão ser exportadas para este paiz em troca das manufacturas inglezas, sendo de esperar que incitando-se os indigenas a occuparem-se do desenvolvimento dos recursos do seu paiz, se dará um grande passo para a extincção do trafico de escravos, poisque os indigenas não tardarão em reconhecer que têem effectivamente nos primeiros uma fonte de lucros mais certa do que no ultimo.

8 Sois um viajante tão pratico d'estas regiões que não é necessario mais do que indicar os objectos geraes da expedição, e deixar á vossa discrição o leva-la a cabo da maneira mais conducente aos melhores resultados; tanto mais que o modo de proceder tem de variar segundo o estado de paz ou de guerra em que achardes as tribus indigenas. Supponho porém que as cousas se acham pouco mais ou menos no mesmo estado em que as deixastes no anno de 1856, convirá observar-se o seguinte plano do operações.

9 Em chegando ao Luabo, uma das fozes do Zambeze, da parte do sudoeste, será necessario examinar bem a barra d'aquelle rio nas baleeiras (que vão preparadas para servirem de salva-vidas), não só para obviar a algum risco do *Pearl*, mas tambem com a mira na futura navegação. Tendo atravessado a barra deveis seguir por diante, com a menor demora possivel, pelo delta do rio, para evitar o risco das febres, fazendo ao mesmo tempo um rapido exame das suas tortuosidades, e sondando o leito. Isto pode-lo-heis provavelmente fazer na rasão de trinta a quarenta milhas por dia, de fórma que em tres ou quatro dias podeis chegar a Senna, primeiro estabelecimento portuguez na margem do sudoeste do rio.

10 N'este logar será conveniente, por precaução, adquirir duas ou mais canoas para o fim de vos levarem os objectos pesados e a bagagem pelo rio acima, até Tette. É possivel que o *Pearl* esteja capaz de ir pelo Zambeze até mais acima, mas tendo em vista as difficuldades da navegação fluvial, em geral, e a absoluta necessidade que existe de não expor o navio colonial ao risco de alguma avaria, observando tambem o numero de ilhas, de que o Zambeze está semeado no vosso mappa, não posso deixar de recommendar-vos muito a maior cautela no proseguimento da vossa viagem. Póde ser que as difficuldades da subida se vençam; mas é preciso ter sempre na lembrança que o *Pearl* tem de vir pelo rio abaixo provavelmente diante de uma forte corrente, e sem muitos recursos que tem na subida; e como já disse, o navio não deve expor-se ao risco de soffrer alguma avaria. Alugareis portanto canoas em Senna, e leva-las-heis a reboque pelo rio acima emquanto este se achar desobstruido. Porém quando chegardes ás ilhas ou encontrardes baixos, escolhereis immediatamente um logar conveniente para parar (provavelmente ao longo de alguma das ilhas desertas, em que desembarcastes para dormir na vossa anterior viagem para baixo), armareis a vossa lancha de vapor, tirareis para fóra as baleeiras, poreis as provisões e a bagagem pesada nas canoas, e mandareis embora o *Pearl*, a fim de que possa, sem risco, continuar a sua viagem para Ceylão.

11 Assim ficareis reduzido aos vossos proprios recursos; mas se a lancha de vapor servir, o que é pouco duvidoso, podereis com ella e com as baleeiras proseguir seguramente pelo rio acima na mesma rasão de cerca de trinta milhas por dia, deixando as canoas fazerem o seu caminho á véla, á sirga, ou a remos, como é o seu costume. Não parece conveniente tentar levar as canoas a reboque (excepto se a força da lancha, para rebocar, for maior do que se supponha, ou a corrente mais fraca), porque, como tendes de vos demorar algum tempo em Tette, podem ir ter ali comvosco, e assim ficareis mais desembaraçado para observar o leito do rio e para avançar com mais rapidez para o paiz elevado e mais sadio, que fica acima da entrada da garganta da Lupata, donde em pouco tempo se póde chegar a Tette.

12 Como em Tette podeis estar certo da amigavel cooperação dos portuguezes, e é logar de alguma força, será conveniente que façaes n'esta villa o vosso principal deposito, deixando n'ella os vossos sobreselentes de mantimentos e provisões, até haverdes escolhido algum sitio no interior para uma estação mais

permanente. Como este é tambem o posto avançado da civilisação, cumpre arranjar a transmissão da vossa futura correspondencia e collecções para a costa de Quilimane.

13 Como nos ultimos territorios que ficam para cima de Tette o poder supremo está nas mãos de dois ou tres chefes influentes, será acertado visita-los e convida-los a chamar a attenção de seus povos para a cultura do algodão, fornecendo-lhes semente melhor que a que elles já possuem. Aproveitareis igualmente esta occasião para explicar aos chefes os objectos da expedição, para os convencer de que os visitaes como commerciante e não como espia, para lhes indicar o proveito que tirariam da permutação dos productos naturaes da Africa, como o marfim e o algodão, pelas manufacturas da Europa, e em geral para lhes offerecer todos os incentivos, a fim de os induzir a abandonarem os seus habitos de guerra e rapina, substituindo-os por emprezas de natureza mais pacifica, quaes são as de agricultura e commercio.

14 O tempo que empregardes em visitar estes chefes habilitará o Official de Marinha para fazer um exame mais completo da parte do rio acima e abaixo de Tette, o que é de importancia que elle faça; e tambem permittirá ao geologo e ao botanico formar uma idea geral dos recursos do paiz adjacente, verificar mais circumstanciadamente a natureza das aguas thermaes, cujas nascentes, que já visitastes, se acham a pequena distancia para o norte, e especialmente examinar as camadas de carvão de pedra que vós achastes existirem nas margens de Moatize, na distancia de poucas milhas para o nordeste de Tette, poisque se perto d'este logar, que póde considerar-se como o limite da navegação do rio em agua comparativamente alta, se achasse carvão que podesse servir, teria muito mais valor do que n'outra qualquer parte, e o seu descobrimento havia de compensar bem o tempo empregado em sua cuidadosa procura.

15 É de esperar que, ou em Tette, ou nas immediações, encontreis os macololos, que tão fielmente vos acompanharam na vossa anterior viagem; se assim for, isso facilitará provavelmente o proseguimento da vossa empreza, e apenas preciso dizer que, se vos aproveitardes dos seus serviços, merecerão presentes generosos, como remuneração de sua fidelidade. Não só n'este caso, mas como regra invariavel para ser observada por cada membro da vossa expedição, emquanto andar viajando na Africa, ficareis entendendo que se não deve deixar sem recompensa nenhum serviço que um indigena faça a um europeu. Todos os vossos companheiros em todas as transacções com os indigenas deverão diligenciar fazer a nação ingleza conhecida pelo seu espirito de justiça e liberalidade, e mostrar que o serviço fiel nunca ha de deixar de ter o seu galardão.

16 A vossa demora porém n'esta parte do rio deve necessariamente ser curta, porque é essencial seguir cedo para a cachoeira de Cabrabassa ou Chicova, para experimentar se é possivel subi-la emquanto a agua no rio está comparativamente alta, e evitar assim a necessidade de desmanchar a lancha em peças para transportar. Tendo vencido aquelle obstaculo, convirá visitar os chefes Baroma, Megunda, e Moasuma, para explicar o objecto da vossa vinda, convidando, como fica dito, o povo em geral para principiar a cultura e collecção das materias primas de commercio em logar de traficar em escravos, e ao mesmo tempo fazendo especial menção de quanto detestaes aquelle trafico, e do desejo que tendes de estabelecer um commercio de fazenda livre no rio Zambeze.

17 Tendo subido até algum logar elegivel alem da confluencia dos rios Cafue e Zambeze, e havendo alcançado uma elevação conveniente, o territorio em redor deverá ser bem explorado; e depois de obter o consentimento de algum dos chefes ou dos habitantes que se achar ter direito ao terreno, seria acertado assentar a casa de ferro que levais comvosco para servir de estação central. Como o local escolhido ha de ser provavelmente na encosta de algum dos montes que bordam o rio, e bastante alto para assegurar a salubridade, póde-se n'essa altura semear um pedaço de terra de trigo, e de plantas da Europa, para experimentar, ao passo que o outro pedaço em sitio mais baixo póde ser semeado de algodão e cana de assucar, encarregando do seu tratamento o chefe de alguma povoação adjacente a fim de convidar os indigenas a tomarem interesse no resultado.

18 Estabelecido o deposito central, entabolado o trato com os indigenas, e organisada a rotina diaria de occupações e observações scientificas, convirá expedir gente para explorar o paiz, e, na occasião de isto se fazer, um exame do systema do rio teria a maior probabilidade de conduzir a proveitosos resultados porque se jamais o commercio poder vir a ser introduzido n'estas regiões, os rios tornar-se-hão provavelmente as vias principaes para o trafico. A direcção que primeiro se deve tomar depende muito das circumstancias, as quaes não pódem ser agora previstas; mas se estiverdes em liberdade para escolher, uma exploração na direcção do rio para o sudoeste (marcado no vosso mappa por uma linha pon-

tuada), seria muito conveniente, porque ajudaria a esclarecer e decidir um ponto debatido entre os geographos, que vem a ser se o Leambege (Lecambye) e o Zambeze são o mesmo rio. Este caminho podia tambem levar-vos á terra dos vossos antigos amigos os macololos, com os quaes e seus chefes convem renovar conhecimento.

19 O Cafue e os rios que ficam ao oeste e norte parecem tambem reclamar especial attenção, e prometter um bello campo para explorações, a fim de verificar se a rede de correntes de aguas de que fallam os indigenas existe ou não; e, no caso de se achar praticavel, diligenciar então proseguir até á principal nascente do Leambege. Tambem se deverá indagar se a serrania elevada e saudavel proxima de Cafué se estende mais para o norte ou não. Comtudo, tanto estes, como outros pontos de interesse geographico, podem deixar-se inteiramente ao vosso proprio juizo. Só observarei que as linhas de nivel, cuidadosamente tiradas com os vossos barometros, vos hão de ser de grande utilidade muitas vezes, para desembaraçar um labyrinto de correntes e habilitar-vos a decidir a respeito dos seus cursos, e provavel connexão.

20 O geologo e o botanico da expedição achar-se-hão então habilitados para proseguirem nos seus estudos especiaes e fazerem excursões mais longas, trazendo as suas collecções para o deposito central, que convirá conservar para servir de estação principal. Igualmente se deverá fazer sem demora uma tentativa, provavelmente por meio de algumas tribus amigas, para estabelecer communicação com Kolobeng e Kuruman, que fica muito para o sul e é a estação de missionarios mais affastada da colonia do Cabo, poisque se este caminho se podesse abrir, seria o meio mais prompto de mandar a correspondencia para Inglaterra. Dever-se-hão fazer todos os esforços rasoaveis para effeituar esta communicação.

21 Aindaque estas explorações são muito para desejar, deveis observar que o Governo de Sua Magestade dá mais importancia á influencia moral, que póde ser exercida sobre o espirito dos indigenas por uma familia de europeus bem regulada e ordenada, dando o exemplo de bom procedimento moral a todos os que se reunirem em torno do estabelecimento, tratando o povo com benevolencia, e acudindo-lhe nas necessidades; ensinando-os a fazer experiencias de agricultura, explicando-lhes as artes mais simples, repartindo com elles a instrucção religiosa, tanto quanto são capazes de recebe-la, e inculcando-lhes que devem viver em paz e ter benevolencia uns para com os outros.

22 O melhor meio de ganhar-lhes a amisade é dar-lhes bons conselhos e soccorros medicos. É em parte com este fim que a expedição vae abundantemente fornecida de todos os medicamentos precisos, e, como vós bem sabeis pela vossa experiencia anterior, será bom alvitre offerecer-lhes os vossos proprios serviços, assim como os do doutor Kirk, como medicos, em todas as occasiões que forem necessarios.

23 A expedição vae amplamente provida de presentes, para que em todas as occasiões vos conformeis com os usos do paiz, fazendo os presentes do estylo aos chefes das tribus e aos principaes das povoações que visitardes, regulando-vos por vosso proprio arbitrio emquanto ao valor d'elles, mas não omittindo nunca esta pratica.

24 A expedição vae bem munida de espingardas caçadeiras para se prover de sustento, e tambem leva armas e munições sufficientes para sua defeza. Segundo a descripção que vós mesmo fizestes do paiz, é de esperar que não tereis nunca occasião de vos servirdes das ultimas; porém sempre deveis lembrar bem aos vossos companheiros que o meio mais seguro de se livrarem de qualquer ataque consiste em os indigenas verem que estaes bem preparados para resistir; ao mesmo tempo dever-se-lhes-ha dar ordem rigorosa de tratar o povo com a maior brandura, de sorte que ao passo que conservem a conveniente firmeza, no caso de alguma desintelligencia, deligenceiem conciliar-lhe os animos, tanto quanto o poderem fazer sem risco da propria segurança. Observareis sempre a mais stricta justiça nos negocios que tratardes com os indigenas, e nunca por caso nenhum consentireis que alguem da expedição illuda, insulte ou maltrate os mesmos indigenas.

25 A expedição leva cinco chronometros e todos os necessarios instrumentos astronomicos e geodesicos, bem como os precisos para as observações magneticas e metereologicas. No appendice achar-se-hão instrucções da Sociedade Real, do professor Owen sobre zoologia, de Sir W. Hooker sobre botanica, de Sir Rodrick Murelusion sobre geologia, e do General Sabine sobre o magnetismo terrestre. Chamareis a attenção de todos os vossos companheiros sobre estas instrucções, e exigireis d'elles que as cumpram tanto quanto o permittir a natureza do serviço. O Official de Marinha deverá ser especialmente encarregado de determinar a latitude, a longitude e a altitude acima do mar de todas as estações importantes, e de esboçar um mappa dos paizes por onde fordes passando.

26 Entre os livros que vos são fornecidos vão a *Africa Polyglota* de Kollis, e o *Vocabulario*

das linguas de Moçambique de Bleck. Todos os membros da expedição deverão fazer-se senhores da lingua fulimana, que é a que geralmente se falla, bem como aproveitar todas as occasiões que se offerecerem para colligir vocabulos das differentes linguas e dialectos indigenas, os quaes deverão ser escriptos com um systema uniforme, servindo-se das consoantes inglezas, mas dando ás vogaes o som que têem nas linguas italiana, hespanhola, allemã e na maior parte das mais da Europa, certos de que os seus serviços são ajustados.

27 Os membros da expedição deverão ficar bem por dois annos, comtantoque não aconteça á mesma expedição algum accidente imprevisto, porque então ser-lhes-ha livre o voltarem para Inglaterra, logoque se offereça occasião opportuna. Tambem se obrigarão a seguir as vossas instrucções como chefe da expedição, e se acaso algum individuo se recusar a cumprir as ordens rasoaveis que derdes, ficaes plenamente auctorisado para o mandar embora na primeira occasião opportuna, cessando o seu salario desde o dia que julgardes necessario despedi-lo. Se infelizmente adoecerdes, ou eventualmente vos impossibilitardes de dirigir a expedição, recahirá este encargo sobre o commandante Bedingfield; se elle tambem se impossibilitar sobre o doutor Kirk, e depois sobre Mr. Charles Livingstone, devendo porem participar-se immediatamente para Inglaterra, se for possivel, um tal acontecimento, a fim de se expedirem novas instrucções.

28 Durante a vossa ausencia fareis um diario completo do andamento da expedição; e remettereis todos os trimestres para um porto de mar, a fim de ser transmittido para Inglaterra com direcção ao principal Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, um relatorio do seu progresso, com um esboço do caminho que tiver seguido até áquella epocha. Tenciono pedir aos lords Commissarios do Almirantado que dêem instrucções ao Official Commandante no Cabo, para que mande um dos seus cruzadores a Quilimane de tres em tres mezes, para ver se acha officios vossos, os quaes elle fará toda a diligencia para remetter com a possivel brevidade para Inglaterra. Procurareis tambem mandar um duplicado relatorio para a colonia do Cabo por via de Kolobeng e Kuruman, se conseguirdes abrir esta communicação.

29 Finalmente é-vos strictamente ordenado que tenhaes o maior cuidado na vossa propria saude, e na dos vossos companheiros. A experiencia dos rios da Africa occidental tem mostrado que o livre uso do quinino é um antidoto efficaz contra a febre, e por isso ha bem fundadas esperanças de que pelo emprego dos mesmos meios se poderá gosar de uma immunidade similhante na costa oriental. Tenho fé que assim ha de acontecer. Pondo a maior confiança no vosso zêlo, e no de vossos companheiros, pela grande causa da civilisação da Africa, de todo coração vos encommendo, a vós e á causa a que servis de operarios, á salva-guarda do Omnipotente Arbitro de todos os acontecimentos.

Sou, etc. = (Assignado) *Clarendon.* = Ao doutor David Livingstone, Consul de Sua Magestade em Quilimane.

GUINÉ PORTUGUEZA.

CACHEU — BISSAU.

Ill.^mo e Ex.^mo Sr. — Tendo servido na Guiné Portugueza por espaço de quatro annos e meio, sendo Governador de Cacheu e Commandante do destacamento de artilheria de 1.ª linha em Bissau, tenho a honra de submetter á consideração de V. Ex.ª, e em conformidade dos desejos por V. Ex.ª manifestados, alguns esclarecimentos ácerca d'aquellas nossas possessões, por saber o quanto V. Ex.ª se interessa no augmento e prosperidade das colonias do Ultramar.

Cacheu, sendo uma praça circulada de povoações de gentios, algumas muito proximas, como são as de Cacanda e Picáu, julgo por isso que seria de grande utilidade que se leve a effeito a substituição da paliçada pelo muro de pedra e cal, pois assim ficará esta praça ao abrigo de qualquer tentativa da parte dos indigenas, e dos continuos roubos que os mesmos commettem no tempo das aguas; para este fim se acha em Mata-Gallinhas, que dista uma maré de Cacheu, uma grande porção de pedra comprada pelo Governo, e que no anno de 1853 o Ex.^mo Governador Geral Barreiros auctorisou para se levar a effeito similhante obra, á qual ainda até hoje se não deu começo, com grande prejuizo dos povos d'aquella praça, que continuadamente está exposta a ser atacada pelos seus inimigos; podendo a dita pedra ser conduzida de Mata-Gallinhas para Cacheu no lanchão pertencente ao Estado, que actualmente serve ali de correio para Bissau. Os baluartes que existem na linha da paliçada para defeza da praça, devem ser conservados, fazendo-se-lhes os reparos que necessitam, assim como os da casa forte, que tanto uns como outros se acham bastante deteriorados.

O quartel do destacamento, que até agora tem sido coberto de palha, convem que o seja de telha, não só para evitar a despeza que annualmente se faz com a compra da palha,

mas tambem para sua maior solidez e conservação, podendo a telha ser mandada do Reino em qualquer navio do Estado, que o Governo destine para esse fim.

Cacheu, o seu maior e principal commercio consiste em arroz, cera e coiros, que os negociantes vendem aos inglezes, francezes e americanos, em troca de outras fazendas, taes como tabaco, polvora, augardente e diversos objectos proprios para uso dos gentios.

Os negociantes de Cacheu obtem das suas feitorias em Farim a maior quantidade de producções, que trocam aos estrangeiros pelas fazendas que acima deixo dito.

De Zeguichor pouco ou nada posso informar por ficar bastante distante, e mesmo nunca ali fui pela grande despeza que ha a fazer com os presentes aos Regulos, donos dos rios por onde as canoas passam; o seu commercio é feito pela maior parte com os francezes de Carabane, de que nenhum interesse resulta para o Estado, segundo as informações que obtive em Cacheu, de pessoas competentes.

No districto de Cacheu ha abundancia de boas madeiras para construcção de navios, de que o Governo podia tirar grandes vantagens, não só mandando-as cortar na epocha competente, que é na secca, mas tambem ter prompta uma embarcação para as conduzir logo para o Reino, convindo para esse fim nomear pessoa habilitada para dirigir similhante córte, que deverá ser feito debaixo das immediatas vistas da respectiva auctoridade.

Em Bissau acha-se em pessimo estado o caes do desembarque, e a casa da Alfandega ainda não foi edificada, havendo-se mandado do Reino, ha já bastante tempo, grande porção de cantaria, telha, tijolos e outros objectos para esse fim, mas ainda se não começaram similhantes obras. Convem pois que o Governo mande edificar a casa da Alfandega, e fazer os reparos necessarios no referido caes, mandando-se do Reino um architecto ou Engenheiro Civil para dirigir estas obras, visto ter morrido o que tinha ido servir em commissão no Archipelago de Cabo Verde.

O systema ha muito tempo seguido, de serem arrematados os rendimentos das Alfandegas de Guiné, tem produzido desfalque para os interesses da Fazenda e bastantes lucros aos arrematantes; por isso julgo que seria da maior conveniencia para o Governo, que as ditas Alfandegas sejam administradas por conta do Estado, observando-se rigorosamente os respectivos Regulamentos, e cumprindo executar a maior fiscalisação nos direitos que n'ellas se cobrem, para o que muito convem que seja posta em todo o seu rigor a ultima reforma das pautas das mesmas Alfandegas, decretada pelo Governo; e assim deverão reverter a favor da Fazenda Publica os interesses que tiram os arrematantes.

No Rio Grande de Bolola, pelas muitas feitorias que ali têem os negociantes de Bissau, convem que se estabeleça um posto fiscal, pois de similhante medida devem resultar tambem bastantes interesses para a Fazenda.

Tendo sido decretado o augmento de vencimentos aos Officiaes e praças de pret que vão servir em Guiné, pela rasão de fazerem maior despeza e o clima ser bastante doentio, ainda tal medida não foi posta em execução, convindo que o Governo a mande executar por ser de grande conveniencia que estes individuos, que já com bastante custo para ali vão servir, sejam contemplados com esse augmento, e mesmo porque assim menos repugnancia terão em fazer este serviço.

As Igrejas de Bissau, Geba, Cacheu, Farim e Zeguichor acham-se providas de Parochos, mas actualmente, os padres das duas Igrejas de Farim e Zeguichor retiraram-se para Cacheu, em consequencia dos reparos que nas mesmas se estão fazendo, isto foi o que os obrigou a abandona-las; convem portanto que se concluam os reparos necessarios nas ditas Igrejas para que aquelles povos não estejam privados do culto divino, que julgo não deverão ser de grande despeza em attenção á pequena capacidade das ditas Igrejas.

Para que com mais facilidade se encontrem padres que queiram parochiar nas Igrejas de Guiné, entendo que seria de conveniencia que alguns naturaes d'ali viessem estudar para o Seminario de Santarem, e depois tomarem Ordens e assim voltarem para o seu paiz, e seriam uteis a si e aos outros.

O clima de Guiné é máu, e muito principalmente no tempo das aguas, que é de Maio a Novembro. Os europeus que para ali vão servir soffrem bastante na sua saude, e quasi sempre ficam padecendo do baço, figado e outras molestias interiores, sendo eu tambem um dos que muito padeci; comtudo, tendo bastante regularidade na vida, abstendo-se da cassimba que tanto mal causa de noite, e do ardente sol, quanto as circumstancias o permittirem, isto logo no começo da sua residencia n'aquelle clima, porque passado certo espaço de tempo que se adquira estar, por assim dizer, aclimatado, julgo que se póde existir sem grande receio, procurando fugir á pratica de quaesquer excessos sempre ruinosos.

Esta breve exposição sobre o estado das nossas possessões de Guiné, de que trato, e de alguns melhoramentos que n'ellas se devem introduzir, e que tenho a honra de submetter

a V. Ex.ª, é o quanto posso informar por alguns conhecimentos que ali adquiri dos costumes d'aquelles povos e das suas necessidades, sentindo não poder fazer igual informação pelo que respeita a algumas das Ilhas do Archipelago pela pouca residencia que n'ellas tive, o que melhor poderão fazer individuos que ali tenham residido e permanecido por mais tempo.

Deus guarde a V. Ex.ª = Lisboa, 31 de Outubro de 1857. = Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = *Ventura José*, Capitão do Exercito.

COLONIA DO CABO DE BOA ESPERANÇA.

BREVE NOTICIA POR ALFREDO DUPRAT.

Foi no anno de 1828, debaixo do excellente governo de Sir Lowry Cole, que esta colonia principiou systematicamente a progredir, augmentando de uma maneira espantosa as suas producções, o seu trafico, os seus rendimentos e a sua alta importancia como uma das Colonias mais florescentes da Corôa de Inglaterra; e como illustração d'isto bastavam alguns breves dados estatisticos relativos especialmente á sua exportação, da qual a lã, vinho, couros, formam os principaes items. N'esta colonia a exportação da lã foi assim:

Em 1833	113:077	arrat.
Em 1843	1.754:733	»
Em 1853	7.864:608	»
Em 1855	12.016:415	»
Em 1856	14.920:988	»
Em 1857	16.000:000	»

Sem duvida causa surpreza este uniforme e rapido progresso, e assim mesmo offerece esta colonia mais vasto espaço para melhoramentos. A exportação dos vinhos foi a seguinte:

	galões	valor
Em 1853	271:767	26:799 £
Em 1854	361:253	39:165
Em 1856	616:749	72:000
Em 1857	923:666	137:000

Sem contar a immensa quantidade que se consome no interior.

As minas de cobre produziram, durante os cinco annos precedentes, a saber:

Em 1853	227	tonel.
Em 1854	1:084	»
Em 1855	1:894	tonel.
Em 1856	2:669	»
Em 1857	3:500	»

Mineral, contendo 30 por cento de cobre, não se podendo transportar immensas quantidades de mineral mais inferior, por serem mui dispendiosos os meios de conducção.

Logo, a exportação d'esta colonia subiu n'este anno ao valor de £ 2.000:000, e a sua importação foi de £ 2.500:000.

Lançando a vista sobre os rendimentos coloniaes e gastos nos ultimos vinte annos passados, acha-se a mesma indicação de progresso e prosperidade.

Em 1837 foi o seu rendimento	167:037 £
Em 1847	222:013
Em 1857	400:000

Passando porém aos mappas estatisticos convem fazer algumas observações sobre o aspecto industrial, politico e social d'esta colonia.

Muitos melhoramentos se têem effectuado, dando-se principio a um novo systema de irrigação, de grandes estradas abertas através de altas montanhas, promettendo sobretudo ainda maiores interesses os novos caminhos de ferro que em breve se principiarão, dando ingresso a um continuo fluxo de immigração europea.

Sobre a posição social d'esta colonia é sufficiente dizer que geralmente são os seus habitantes pacificos, honestos e dados á religião; os crimes só se encontram nas classes as mais baixas d'esta communidade; attendeu o Governo devidamente á educação do povo, e desde vinte annos a esta parte, que o systema de educação adoptado tem preenchido devidamente o que d'elle se esperava; comtudo esse mesmo systema necessita de alguma alteração, visto o grande augmento e prosperidade d'esta communidade. Na proxima sessão do Parlamento, uma das questões mais importantes a tratar, será sem duvida a reorganisação das instituições de educação, sobre bases mais amplas, firmes e comprehensiveis.

A legislatura na sessão do anno findo adoptou varias importantes medidas para o melhoramento d'esta colonia, entre as quaes se contam a introducção de emigrados de todas as classes, especialmente trabalhadores, creados, operarios de officios mechanicos, a reducção dos direitos de transmissão nos bens de raiz e a edificação de novas prisões, a construcção de um porto de refugio, a construcção dos caminhos de ferro.

Publicaram-se valiosas obras, entre ellas o Diccionario do distincto Missionario Mr. Dohne

da lingua zula cafre, o qual, não obstante o seu valor intrinseco, é o unico Diccionario d'esta lingua africana ainda publicado.

CABRA DE ANGORA.

Commissão Mixta da cidade do Cabo.=N.° 10.=Ill.^mo e Ex.^mo Sr.=No segundo numero de uma publicação mensal *The Cape Monthly Magazine*, vem transcripta uma Memoria de Mr. Julius Mozenthal sobre a introducção do *Angora Goat*, cabra de Angora, n'esta colonia. Alguns d'estes valiosos animaes foram trazidos aqui de tempos a tempos da Asia, porém nunca em numero sufficiente para a formação de rebanhos de pura raça, nem mesmo para alterar até certo ponto o caracter d'aquelles aqui nascidos.

A cabra do Cabo, da mesma maneira que o carneiro do Cabo, a que chamam de cinco quartos, não produz lã alguma; a cabra de Angora, como o carneiro merino, produz um vello de lã de grande valor; o preço da lã da cabra de Angora anda por 1 soldo e 11 dinheiros a 2 soldos e 2 dinheiros por libra, e uma cabra crescida produz um vello annualmente de tres a quatro libras de peso no valor de 4 shillings a 8 soldos. No decurso de vinte a trinta annos, de seis a oito milhões de carneiros do Cabo se transformaram, de um rebanho destituido de lã, em outros d'ella bem cobertos, tudo pelo constante augmento ou a ccessão de animaes superiores vindos da Australia e da Europa, em pequeno numero e não com grande despeza. É mais do que provavel que uma similhante mudança possa vir a effectuar-se no caracter dos rebanhos das cabras, que aqui se contam aos milhares. Os vastos terrenos, que á primeira vista parecem estereis e sem vegetação apparente, podem dar sustento a immensos rebanhos d'estes animaes.

O valor annual da lã dos carneiros em producção n'esta colonia anda por um milhão de libras sterlinas; é pois provavel que com a mesma prudencia e prevenção os lavradores do Cabo possam addicionar outro milhão annualmente de vellos de lã da cabra de Angora.

A primeira experiencia teve logar ha cousa de quinze annos, feita por um Coronel da India, aqui com licença. O numero era pequeno, e as difficuldades de obter a raça pura muito maiores do que tinham os importadores do carneiro merino; comtudo algumas d'ellas foram introduzidas em varios districtos d'esta colonia.

No districto de Winterfeld existe um rebanho de cabras de Angora, abastardadas, de seiscentas a setecentas cabeças; o pello é mui branco e comprido, porém, não se tendo introduzido entre ellas nova raça ou novo sangue por muitos annos, tornou-se a sua lã aspera e sem valor algum. Mr. Mozenthal, negociante d'esta praça, obteve em fim, depois de grandes esforços, importar aqui grande numero d'aquellas cabras, que se venderam de 100 a 120 £ por cabeça.

Com o movimento commercial de dia para dia com os paizes aonde abundam aquellas especies, por via do Mediterraneo, Mar Roxo e Golfo Persico, espera-se que diminuirão as grandes difficuldades de se obterem, se o consummo vier a augmentar gradualmente.

A introducção de similhantes animaes, não digo só em Portugal, mas nas nossas colonias, tanto a Oeste como a Leste, deve vir a ser um dia a origem de grandes melhoramentos, e de exportação, induzindo os naturaes a entregarem-se a um cuidado inteiramente de seu gosto, pois sendo elles pela maior parte povos nomades, o cuidado de attender a seus rebanhos augmentará em proporção dos novos recursos e novas commodidades que lhes hão de provir da venda do producto de seus rebanhos outr'ora nullos.

Em separado tenho pois a honra de levar á presença de V. Ex.ª, debaixo de bandas, os dois primeiros numeros do *Monthly Magazine*, tendo eu marcado o logar onde vem descripta aquella nova especie de gado. Por esta mesma occasião rogo a V. Ex.ª queira desculpar-me se mando ao mesmo tempo um folheto que seu auctor, Mr. Bayley, me offereceu sobre a molestia do gado cavallar (Horse Sickness) que sei eu lavra com espanto nas nossas colonias de Oeste. Parece porém que aquella fatal doença é ainda um mysterio, como a cholera, a doença que dá nas batatas, nas vinhas, a ferrugem no trigo, ou a doença pulmonar no gado vaccum, que se não póde curar. Este folheto contém alguns remedios e prevenções insinuadas pela experiencia, que podem ser uteis na pratica entre nós.

Deus guarde a V. Ex.ª=Cidade do Cabo, 22 de Fevereiro de 1857.=Ill.^mo e Ex.^mo Sr. Marquez de Loulé.=*Alfredo Duprat.*

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

ASIA.

NOTICIA DOS LIMITES DO ARCEBISPADO DE GOA E DAS DIOCESES DE TODA A ASIA ORIENTAL.

(Escripta em 1775.)

A capital de Goa, fundada na Ilha de Issuáry, que na lingua do paiz significa trinta bairros ou aldêas, foi conquistada a segunda vez a 25 de Novembro de 1510, pelo Governador Affonso de Albuquerque, e em memoria da Santa, em cujo dia conseguíra o triumpho, mandou El-Rei D. Manuel, pelos annos de 1518, fundar a Igreja de Santa Catharina, nomeando-a Padroeira da cidade, e para a governar espiritualmente enviou a D. Duarte Nunes, da Ordem dos Pregadores, Bispo de Laodicéa, no mesmo anno; recolhendo-se este Prelado no anno de 1529, lhe succedeu D. Fernando Vaqueiro, da Ordem dos Menores, que chegando a Goa em 1531, governou até 1535, e falleceu em Ormus.

Pelos annos de 1532 se principiou a fundar a Cathedral de Goa, com a invocação da mesma Santa Padroeira, por ordem de El-Rei D. João III, o qual conseguiu do Papa Clemente VII a confirmação de Bispo na pessoa de D. Francisco de Mello, que falleceu em Lisboa pouco antes de navegarem as naus para a India; e nomeando o mesmo Soberano outro Francisco de Mello, não aceitou a dignidade: de sorte que no anno de 1537 foi sagrado em Lisboa D. João de Albuquerque, da Ordem dos Menores, em Bispo de Goa, confirmada tambem Cathedral por Paulo III pela Bulla [1] *Æquum reputamus*, de 3 de Novembro de 1534, fazendo-a então suffraganea do Funchal.

No tempo d'este Prelado eram os limites da Cadeira de Goa, do Cabo da Boa Esperança até á China, como diz a mencionada Bulla no § 5.° ibi: *Nec non ipsius districtum, seu territorium, ac Insulam de Goa hujusmodi, prout a fine diœcesis Sancti Thomæ, et Capite de Boa Sperança usque ad Indiam inclusive, et ab India usque ad Chinam protenditur;* e assim se conservaram até ao anno de 1557, com a excepção sómente da Ethiopia, para onde o mesmo Papa Paulo III creou em 1539 D. João Bermudes com titulo de Patriarcha de Alexandria; e, recolhido esse Prelado a Lisboa aonde morreu, foi seu successor D. Belchior Carneiro, da Companhia Ignaciana extincta, que chegando a Goa em 1555 nunca foi a Ethiopia, e depois governou o Japão.

Sendo já fallecido na Cadeira metropolitica e primacial do Funchal o Sr. D. Martinho de Portugal, e reduzida a de Goa a suffraganea do Arcebispado de Lisboa, a instancias de El-Rei D. Sebastião foi creada a mencionada Cadeira de Goa em archiepiscopal, primacial e metropolitica do Oriente pelo Papa Paulo IV, na Bulla [1] *Etsi Sancta, et immaculata*, de 4 de Fevereiro de 1557 (no mesmo dia e anno erigiu as Cathedraes de Cochim e Malaca suffraganeas de Goa por duas Bullas [2] que principiam pelas mesmas palavras *Pro excellenti præeminentia Sedis Apostolicæ)*, commettendo o Papa ao Sr. Arcebispo de Lisboa, com parecer de Sua Magestade, a assignação dos limites das referidas tres Dioceses, como se lê na dita Bulla: *Etsi Sancta ibi. Et insuper prefatum . . . . et pro tempore existentem Archiepiscopum Ulixbonensem Indium super specificatione locorum, ac distinctione terminorum, et limitum tam Provintia Goanensis, quam Malachanensis et Cochinencis.*

Por mais que me fatiguei não pude descobrir a assignação dos limites das tres Dioceses que, com o Regio Beneplacito, fez o Sr. D. Fernando de Menezes e Vasconcellos [3], Ar-

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, nas Provas da Historia Genealogica, tom. 2.°, pag. 733.

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, nas Provas da Historia Genealogica, tom. 3.°, pag. 205.
[2] Idem, tom. pag. 208, *usque ad* 215.
[3] Idem, tom. 2.°, pag. 741.

cebispo de Lisboa n'aquelle tempo; mas como tambem é evidente o conhecimento da causa derivado do seu effeito, por este sei, que se adjudicou á Cadeira Primacial de Goa o vasto districto de toda a costa da Africa e Asia do Cabo da Boa Esperança para dentro até á cidade de Cananor, que são muito mais de duas mil leguas, a saber: em Africa, Inhambane, Sofalla, Manamotapa, Sena, Moçambique, Quiloa, Mombaça, Patte, etc.; e na Asia, Ormuz, Dio, Damão, toda a costa do Norte, toda a de Gôa e toda a do Sul até á mencionada cidade, que dista ao norte d'esta capital cincoenta e seis leguas.

Todo este dilatado limite com o correspondente Mediterraneo governaram os Ex.^mos e Rev.^mos Srs. Primazes da India, D. Gaspar de Leão ou Pereira, que por duas vezes regeu o Arcebispado de Goa, e celebrou o primeiro e segundo Concilio provincial D. Jorge Temudo, D. Henrique de Tavora, D. Vicente da Fonseca, que celebrou o terceiro concilio em 1585, e todos tres foram da Ordem dos Prégadores, D. Matheus de Medina, da Ordem militar de Christo, e celebrou o quarto em 1592, e D. Aleixo de Menezes, Eremita, que celebrou o quinto Concillo em 1606.

No tempo d'este ultimo veneravel metropotano, creio, se diminuiu o territorio da Cadeira Primacial pela parte do Norte com as creações das administrações episcopaes de Ormuz (conquistado aos portuguezes pelos persas, favorecidos dos inglezes em 1622), Sofalla e Sena, dos quaes apenas existe o administrador episcopal de Moçambique, confirmado por Paulo V, na Bulla [1] *In supereminenti Militantis Ecclesiæ Specula* de 21.... de 1612; porém pela do Sul ficou inalteravel o seu limite até á cidade de Cananor, como declara o mesmo Sr. D. Aleixo de Menezes na provisão de 22 de Dezembro de 1610 [2] § 2.º (de que logo fallarei) nas palavras ibi: *Et ex hac ..... quæ tribus fere leucis a Cananorensi Urbe, in qua Goensis Diœcesis limitatur, distat, etc.*

Por este tempo era já fallecido Mar Abraham, ultimo Arcebispo caldeo de Angamale, cujo districto comprehendia sómente o Mediterraneo do Malabar; era tambem já reduzida a sua Cadeira Archiepiscopal a Episcopal suffraganea de Goa por Clemente VIII, na Bulla [3] *In supremo Militantis Ecclesiæ solio*, de 4 de Agosto de 1600; porém, a instancias de El-Rei D. Filippe III, foi a mencionada Cadeira elevada a Archiepiscopal, mudando-lhe Paulo V no anno de 1605 o titulo de *Angamale em Cranganor*, creando em seu primeiro Arcebispo latino D. Francisco Rós ou Rodrigues, catalão de nação e da Companhia ignaciana extincta.

[1] Bullar. Collect. pag. 236.
[2] Ead. Collect. pag. 231.
[3] Ead. Collect. pag. 211.

Este Prelado de Cranganor (a qual cidade pertencia antes ao de Cochim) contendeu com o Sr. D. André de Santa Maria, da Ordem dos Menores, Bispo de Cochim, sobre os limites das respectivas Dioceses, e a instancias do mesmo Filippe III, o referido Papa Paulo V, pelo breve *Cum nobis*, de 3 de Dezembro de 1609, commetteu ao Ex.^mo e Rev.^mo Sr. Primaz D. Aleixo de Menezes á assignação dos limites das mencionadas Cadeiras, e effectivamente a concluiu o referido Metropolitano por sua Provisão de 22 de Dezembro de 1610, que começa: «D Fr. Alexius de Menezes» [1]; esta assignação e divisão foi confirmada pelo mesmo Papa, na Bulla [2] *Alias postquam*, de 6 de Fevereiro de 1616, sendo já Metropolitano de Goa o Ex.^mo e Rev.^mo Sr. D. Christovão de Sá ou de Lisboa, da Ordem de S. Jeronymo.

D'estes evidentes principios se segue a conclusão, que o limite territorial da Cadeira Metropolitica de Goa é de cento e quarenta e seis leguas de costa, que tantas vão (exceptuando Dio) da cidade de Damão até á de Cananor, a saber: de Goa até Damão, ao Norte, noventa, e de Goa até á cidade de Cananor, ao Sul, cincoenta e seis; e tambem todo o Mediterraneo de Oeste a Leste que lhe corresponde.

Na praia ou costa d'esta longitude de Norte a Sul, tem o Arcebispado de Goa cento e cincoenta e cinco Parochias, e as do Norte e Sul se distribuem por oito Varas de Vigarios Foraneos, pela maneira seguinte:

Na cidade de Dio é o Vigario da Vara Prior da Collegiadá de Nossa Senhora da Conceição: tem quatro Beneficiados, e na sua jurisdicção

A Freguezia de S. Thomé.

A Freguezia de Santo André de Brancavará.

O Vigario da Vara de Damão é Prior da Collegiada do Bom Jesus: tem quatro Beneficiados, e domina

A Freguezia dos Remedios, fóra dos muros.

A Freguezia de Nossa Senhora do Mar do Forte de S. Jeronymo.

Nas terras do Norte, possuida pelo Marata desde 17 de Maio de 1739, ha duas Varas: a de Baçaim tem as igrejas seguintes:

A Freguezia do Espirito Santo.

A Freguezia do Monte Calvario.

A Freguezia de Santiago de Agaçaim.

A Freguezia de Nossa Senhora das Mercês.

A Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios.

[1] Bullar. Collect. pag. 225.
[2] Ead. Collect. pag. 252.

A Freguezia de Nossa Senhora da Graça.
A Freguezia da Madre de Deus de Palle.
A Freguezia de S. Miguel de Burim.
A Freguezia da Salvação de Caranjá.
A Freguezia de Mahim Quelme.
A Freguezia do Rosario de Trapor.

A Vara de Taná da Ilha de Salcete do mesmo Norte, conquistado pelos inglezes ao Marata n'este presente anno de 1775, governa as Igrejas seguintes:

A Freguezia de S. João Baptista de Taná, tresladada agora para o Hospicio de Santo Antonio dos Reformados.

A Freguezia da Senhora de Belem de Domgrim.

A Freguezia de Santa Cruz de Corlem.
A Freguezia de Santo André de Bandorá.
A Freguezia de S. João Evangelista de Condolim.

A Freguezia da Santissima Trindade.
A Freguezia de S. Braz de Ambolim.
A Freguezia dos Remedios de Poncér.
A Freguezia da Assumpção de Magatana.
A Freguezia da Conceição de Manapaur.
A Freguezia da Nazareth de Bainel.
A Freguezia da Saude de Versavá.
A Freguezia de S. Sebastião de Marolim.
A Freguezia do Amparo de Viar.
A Freguezia de S. Thomé de Pari.
A Freguezia de S. Boaventura de Arengal.

A Freguezia do Soccorro de Maroly.
A Freguezia da Senhora do Egypto de Caliana.

A Freguezia do Xaul.

Na Fortaleza de Tiracol ha a Ermida de Santo Antonio, cujo Capellão administra parochialmente os christãos habitantes no districto da referida Fortaleza.

Freguezias de Bombaim, quatorze.

Ao Norte da Ilha de Goa se situa a Provincia de Bardez, que tem vinte e quatro Freguezias, cujos fundadores e numero de almas é o seguinte:

A Freguezia do Collegio dos Reis Magos, fundada em 1555 pelo Custodio franciscano, Fr. João Noé, com 3:840 almas.

A Freguezia da Santissima Trindade de Nagoa, fundada pelo mesmo, no anno de 1560, com 4:343 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora da Esperança de Candolim, fundada no mesmo anno pelo Custodio franciscano, Fr. Pedro de Belem, com 3:840 almas.

A Freguezia do Salvador de Serulá, fundada no anno de 1565 pelo Custodio Fr. Francisco do Salvador, com 2:860 almas.

A Freguezia de Santo Antonio de Seolim, fundada no anno de 1568 por dois portuguezes, sendo Prelado dos franciscanos o mesmo Custodio, com 3:742 almas.

A Freguezia de S. Thomé de Aldoná, fundada no anno de 1569 pelo Custodio Fr. Fernando da Paz, com 3:917 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios de Nelur, fundada no dito anno pelo mesmo Custodio, com 1:248 almas.

A Freguezia das Chagas de S. Francisco de Coluale, fundada no anno de 1591 pelo Custodio Fr. Mannel Pinto, com 2:660 almas.

A Freguezia de S. Jeronymo de Mapusá, fundada no anno de 1594 pelo Custodio Fr. Jeronymo do Espirito Santo, com 3:854 almas.

A Freguezia de Santo Aleixo de Calangute, fundada pelo mesmo Custodio, no anno de 1595, com 7:304 almas.

A Freguezia de S. Miguel de Anjuna, fundada no anno de 1603 pelo Custodio Fr. Miguel de S. Boaventura, com 6:658 almas.

A Freguezia de S. Diogo de Guerim, fundada pelo mesmo Custodio no anno de 1604, com 2:666 almas.

A Freguezia de Santa Izabel de Oeçaim, fundada no anno de 1624, pelo Padre Provincial Fr. Antonio Fagundes, com 1:550 almas.

A Freguezia de S. Christovão de Tevim, fundada no anno de 1636, pelo Provincial Fr. Francisco de Barcellos, com 3:763 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Moira, fundada pelo mesmo Padre Provincial no mesmo anno, com 1:261 almas.

A Freguezia de Santa Anna de Parra, fundada no anno de 1619 pelo Padre Fr. João Moniz, com 3:236 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora da Victoria de Reverá, fundada no anno de 1653 pelo Padre Mestre jubilado Fr. Manuel Baptista, com 2:435 almas.

A Freguezia de S. João Baptista de Pilerne, fundada no anno de 1658 pelo Padre Fr. Diogo de Santa Clara, com 2:063 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora do Soccorro, fundada pelos gancares da dita aldeia, no anno de 1667, com 3:180 almas.

A Freguezia do Senhor Jesus de Naxonolá, fundada pelos gancares da referida aldeia no anno de 1679, com 745 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora de Penha de França, fundada na fórma em que está pelos Religiosos franciscanos em 1654, e doada á Religião, sendo Ermida com encargo de Capella, por D. Anna de Azevedo, em duas escripturas datadas em 1616 e em 1623; tem 4:533 almas.

A Freguezia de S. Lourenço de Linhares, fundada por D. Miguel de Noronha, Conde

de Linhares, Vice-Rei da India, e doada á Religião de S. Francisco pelos annos de 1634. Erigiu-se em Parochia no fim do seculo passado, sendo Primaz do Oriente o Ex.^mo e Rev.^mo Sr. D. Agostinho da Annunciação, adjudicando-lhe a christandade do palmar de Sinchirim, que antes pertencia á Freguezia de Candolim, por se formar o muro da cidadella da Aguada, que impedia de noite a brevidade da administração dos Sacramentos da sua antiga Parochia.

A Freguezia de Nossa Senhora do Mar de Oxél, fundada pelo Padre F. Franco, Vigario de Santa Luzia, em 1662, e doada pelo mesmo á Religião de S. Francisco com instituição de Capella, e para allivio da grande longitude da dita aldeia á Igreja de Siolim, sua Parochia, no caso que se lhe quizesse adjudicar a christandade, o que com effeito se fez; tem 1:115 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora Madre de Deus de Pomburpá, fundada por Luzia da Madre de Deus, Terceira Franciscana, pelos annos de 1672, e doada pela mesma á Religião de S. Francisco em Capella; tem 2:306 almas.

Ao Norte da Ilha de Goa estão as Ilhas de Chorão, Divar e Santo Estevão, com as Freguezias seguintes:

A Freguezia de S. Bartholomeu de Chorão, com 4:087 almas.

A Freguezia da Senhora da Graça, com 2:832 almas.

A Freguezia da Senhora da Piedade de Divar, com 3:215 almas.

A Freguezia de S. Mathias de Malar, com 2:360 almas.

A Freguezia do Espirito Santo de Naruá, com 1:020 almas.

A Freguezia de Santo Estevão da dita Ilha ignoro as almas que tem.

A Ilha de Goa tem as trinta e tres Parochias seguintes:

A Sé Primacial e Metropole da India, com um Cura, que administra 533 almas.

A Collegiada com Prior, 4 Beneficiados e 182 almas.

A Collegiada de Nossa Senhora da Luz, com Prior, 4 Beneficiados e 62 almas.

A Freguezia das Chagas da Ribeira, provida ad nutum com as almas que moram dentro dos seus muros.

A Freguezia de Santo Aleixo, com 58 almas.

A Freguezia da Santissima Trindade, com 32 almas.

A Freguezia de S. Thomé de Banaquiri, com 137 almas.

A Freguezia de Santa Luzia de Guirialy, com 194 almas.

A Freguezia de S. Pedro de Panelim, com 1:794 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora da Ajuda de Ribandar, com 3:092 almas.

A Freguezia da Conceição de Pangim, com 2:198 almas.

A Freguezia de Santa Ignez de Taleigão, com 1:636 almas.

A Freguezia de S. Miguel de Taleigão, com 2:374 almas.

A Freguezia de Santa Barbara de Morbim Grande, com 643 almas.

A Freguezia das Mercês de Morbim Pequeno, com 1:437 almas.

A Freguezia de Santa Cruz de Calapor, com 2:044 almas

A Freguezia de Nossa Senhora de Belem de Bambolim, com 157 almas.

A Freguezia de Santa Maria Magdalena de Serdão, com 847 almas.

A Freguezia do Rosario de Curca, com 725 almas.

A Freguezia de Santa Anna de Taladim, com 590 almas.

A Freguezia da Senhora do Loreto de Moila, com 162 almas.

A Freguezia de S. Simão de Gancin, com 299 almas.

A Freguezia da Senhora de Guadalupe de Batty, com 968 almas.

A Freguezia de Santo André de Goa Velha, com 2:275 almas.

A Freguezia de S. Lourenço de Agaçaim, com 2:925 almas.

A Freguezia de S. João Evangelista de Neurá, com 1:052 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora do Amparo de Mandur, com 1:116 almas.

A Freguezia de S. Matheus de Azossim, com 213 almas.

A Freguezia de S. João Baptista de Carambolim, com 624 almas.

A Freguezia de Santiago de Banastarim, com 158 almas.

A Freguezia de S. João de Sahagu de Corlim, com 687 almas.

A Freguezia de S. Braz de Guadaly, com 756 almas.

A Freguezia de S. José de Daugim, com 313 almas.

As Provincias de Pondá e Zambaulim, conquistadas no anno de 1763 pelo Vice-Rei Conde da Ega, tem duas Capellas ou Freguezias, com as christandades seguintes:

A Freguezia de Santa Anna, com 2:706 almas.

A Freguezia de S. José de Serudá com 1:722 almas.

Ao Sul da Ilha de Goa está a Provincia de Salcete, com 25 Freguezias e as christandades seguintes:

A Freguezia de Nossa Senhora das Neves de Rachol, com 2:632 almas.

A Freguezia de Santo Aleixo de Cortalim, com 5:068 almas.

A Freguezia da Senhora de Belem de Xandor, com 2:112 almas.

A Freguezia da Esperança de Chimchinim, com 3:758 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora da Saude de Coculim, com 3:814 almas.

A Freguezia da Senhora dos Martyres de Asolná, com 5:967 almas.

A Freguezia da Senhora do Soccorro de Caramona, com 2:676 almas.

A Freguezia de S. Miguel de Orly, com 1:338 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora da Gloria de Varcá, com 1:435 almas.

A Freguezia de S. João Baptista de Benaulim, com 3:519 almas.

A Freguezia do Rosario de Navellim, com 4:423 almas.

A Freguezia do Espirito Santo de Margão, com 6:567 almas.

A Freguezia da Senhora do Pillar de Seraulim, com 906 almas.

A Freguezia da Senhora das Neves da Raya, com 3:456 almas.

A Freguezia do Salvador de Lotulim, com 3:236 almas.

A Freguezia de Santa Cruz de Verná, com 3:379 almas.

A Freguezia da Senhora das Mercês de Coluá, com 2:805 almas.

A Freguezia da Senhora dos Remedios de Betalbatim, com 1:547 almas.

A Freguezia da Madre de Deus de Majurdá, com 3:194 almas.

A Freguezia de S. Thomé de Cansaulim, com 2:511 almas.

A Freguezia da Assumpção de Velção, com 1:944 almas.

A Freguezia de Santo André de Mormugão, com 2:392 almas.

A Freguezia de S. Francisco Xavier de Chicalim, com 1:907 almas.

A Freguezia de Nossa Senhora da Saude de Sancoale, com 1:962 almas.

A Freguezia de S. Filippe e Santiago de Cortalim, com 2:752 almas.

Ao Sul da Provincia de Salcete se sitúa a Fortaleza do Cabo da Rama, que do anno de 1764, em que entrou no dominio portuguez, até ao presente, tem um Capellão com jurisdicção parochial nos habitantes da dita Praça e seus suburbios; e ao Sul d'este sitio, por distancia de seis leguas, ha as Parochias seguintes:

A Freguezia de Seumser.

A Freguezia de Ancolá.

Ao Oeste d'esta Igreja fica a Ilha de Angediva, Praça portugueza, e n'ella está

A Freguezia de Nossa Senhora das Brotas com 832 almas.

No Reino do Canará hoje possuido pelo Aydarly Kan, tem o Arcebispo de Goa quatro Vigarios da Vara, aos quaes se distribuem as Igrejas seguintes:

Vara de Onor.

A Freguezia do Salvador do Mundo.

A Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios de Gulmaná.

A Freguezia de S. Francisco Xavier de Xandor.

Vara de Barcelor.

A Freguezia da Senhora do Rosario.

A Freguezia da Senhora do Bom Successo de Bedrul.

A Freguezia dos Milagres de Calianapor.

A Freguezia da Conceição de Gangalim.

A Freguezia de S. Pedro de Nilavár.

Vara de Moloquim.

A Freguezia de Nossa Senhora da Conceição.

A Freguezia da Saude de Sirvaó.

A Freguezia dos Remedios de Querem.

A Freguezia de S. Lourenço de Carcól.

Vara de Mangalor.

A Freguezia de Nossa Senhora do Rosario.

A Freguezia da Senhora dos Milagres.

A Freguezia do Menino Jesus do Bantual.

A Freguezia do Salvador do Mundo de Agrar.

A Freguezia de S. José de Pizar.

A Freguezia de Nossa Senhora Mãe de Deus de Magor.

A Freguezia de Santa Cruz de Bidrem.

A Freguezia de Jesus Maria José de Omozur.

A Freguezia da Senhora das Mercês de Ulala.

No rio Ulala, que deu o nome á povoação d'onde se fundou esta ultima Igreja, acaba o Reino do Canará, e ao Sul d'elle fica o Monte de Ly, em cuja ponta têem os inglezes uma fraca bateria guarnecida de sypaes, regularmente christãos, que ali moram com suas familias, e são commandados por um Sargento inglez; esta christandade vive sem Igreja e sem Sacerdote, e aproveitam-se dos que passam para confessarem as suas culpas.

Ao Sul d'este monte, na distancia de seis leguas, fica a Cidade de Cananor, ultimo termo d'este Arcebispado de Goa: tem Igreja e Parocho, e ignoro o numero das almas que contém. No anno passado me disse o Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo D. Antonio Taveira de Neiva Brum, que nunca no seu tempo provêra a mencionada Igreja; e então discorri com elle que sendo a dita Cidade conquistada pelos hollandezes á Corôa de Portugal no anno de 1662, não consentiriam que o provimento da Igreja fosse do Prelado de Goa: não obstante isto o Clerigo que n'ella parocheia é ordinariamente filho d'esta Primacial, e na dita Igreja ficou residindo quando no anno de 1772 os hollandezes venderam a mencionada Cidade por 200:000 rupias ao Aderrajá, mouro de nação, e Rei das Maldivas que actualmente a possue; porém ignoro o Prelado que confere a jurisdicção para se administrar a christandade da referida Cidade.

No Mideterraneo d'estas cento quarenta e seis leguas de costa que constituem o territorio da Cadeira Primacial de Goa, só me consta que hajam christandades em Quitur e Calapôr a que vulgarmente se chamam Gattes; e tambem em todo o Reino de Maissur: todo aquelle districto missionavam os Ignacianos extinctos, e largando os primeiros dois Dessaiados, foram providos primeiro em Religiosos Dominicos, e agora me consta são administrados por Presbyteros Seculares Terceiros do Carmo, que residiam no Seminario de Chimbel. Tive noticia que pelos annos de 1771 mandára o Ex.mo e Rev.mo Sr. Arcebispo Primaz aos referidos Clerigos Terceiros missionar no Reino de Maissur, e chegando effectivamente ao dito paiz, quizeram os Ignacianos extinctos obriga-los a vestirem-se de gentios, e praticarem na dita Missão os casamentos clandestinos, que elles até agora permittiam em defraude da Bulla *Omnium solicitudinum* de 1744; de que dando parte os referidos Clerigos a S. Ex.ª Rev.ma, mandou este, que por aquella fórma não tomassem entrega das Parochias, e saíssem logo do referido Reino, no qual creio que ainda presentemente se conservam tres ou quatro Clerigos que foram da Corporação dos Ignacianos extinctos.

Pertencem tambem ao Arcebispado de Goa as Igrejas da Ilha de Bombaim, e uma ou mais que ha ao sul de Goa nos suburbios da Praça do Piro, aonde residia o Ill.mo Vigario Apostolico Frei João Domingos; porém todas as referidas são administradas por Carmelitas descalços Missionarios do Sagrado Collegio *de Propaganda Fide*: ignoro o principio por que estes Regulares se introduziram na Igreja de Sancherim nas visinhanças do Piro, e na Ilha de Bombaim foi muito differente o motivo, que se escreve como certo para a exclusão dos Franciscanos de Goa da mencionada Ilha, em que succederam os referidos Missionarios.

NOTICIA DOS LIMITES DO ARCEBISPADO DE CRANGANOR.

Persuadido que não pertence a este logar referir a individual noticia do Arcebispado de Angamale, composto dos Christãos de S. Thomé, que bebendo os erros nas inficcionadas fontes dos seus Prelados, que colhendo-os em Babilonia d'onde procediam, os vinham derramar nas serras do Malabar, como escrevem Sousa nas duas partes do Oriente Conquistado *et precipue* part. 2.ª Conq. 1.ª Divis. 2.ª § 13.º e Frei Antonio de Gouveia no livro da Jornada do Arcebispo de Goa, e que só é do meu assumpto declarar o districto d'este Arcebispado, ainda que não descobri a Bulla de Paulo V que o creou no anno de 1605, a instancias de El-Rei D. Filippe III, comtudo na assignação de limites feita pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Aleixo de Menezes, já accusada n.º 6, plenamente consta o seu Districto.

Começa este na Ilha de Termapatão distante e ao sul da Cidade de Cananor) ultimo limite do Arcebispado de Goa) e decorrendo pela costa da Talaxeira, Mahim, Calecutte, Janor, Porpangari, Panane, Chituá, Cranganor, e o terreno até á barra velha de Cochim, que tudo faz trinta e sete leguas de praia, entra pelos rios, e incluindo quasi todas as Ilhas d'aquelle Districto, vae comprehendendo as Igrejas do Mediterraneo até ao Caidaval, que fica ao Sul de Cochim vinte e cinco leguas, e abraçando tambem as Igrejas de Coulão de Cima, Travancer e Cottenu, atravessa as serras do Malabar, e vae incluir no seu territorio a maior parte dos Reinos do Maduré, deixando ao Bispado de Cochim sómente a praia da costa da Pescaria com dez leguas de centro.

N'este dilatado ambito do territorio do Arcebispado de Cranganor é que os Vigarios Apostolicos do Malabar, com titulo ordinariamente de Bispos Assuritanos enviados pelo Sagrado Collegio *de Propaganda Fide* tem feito a maior impressão da sua rapina, pois governando n'aquelle Districto oitenta e cinco Igrejas, a maior parte são do Arcebispado, e as restantes do Bispado de Cochim; e é tambem aonde os Nestorianos e Eutychianos hereges e scismaticos que ainda reconhecem por Prelado universal ao Patriarcha de Babylonia, tem vinte e nove Igrejas.

Começando porem por Termapatão, principio do dito Arcebispado, ha n'esta Ilha e na Colonia da Talaxeira tres Igrejas, que pelos annos de 1725 fundou Domingos Rodrigues, Malabar

de nação, morador na Talaxeira, primeiro Tupai da Companhia ingleza e homem de grossos cabedaes, as quaes Igrejas apresenta hoje seu neto tambem chamado Domingos Rodrigues, e o Sr. Arcebispo de Cranganor confere jurisdicção aos seus apresentados, attribuindo-lhe o Padroado *titulo fundationis et dotationis*.

Segue-se a Colonia de Mahim dos Francezes, cujo Parocho é um Carmelita descalço da mesma nação, pago pela Companhia de França, que modernamente fundou a Igreja. Dez leguas ao sul d'esta Colonia fica o porto de Calicutte, cujo Parocho presentemente é Franciscano Observante, provido pelo Governo Secular de Goa, e do Districto da dita Parochia são as Igrejas de Tanor e Propangari, ambas demolidas, e não havendo no logar da segunda christão algum, na primeira que é Tanor, apenas haverão dez ou doze visinhos.

Em todo o restante Districto das Serras do Malabar, aonde o Arcebispado tem oitenta e cinco Igrejas, todas são servidas pelos Clerigos Surianos ou Casanares, que por turnos cada um é Parocho seu mez. Algumas Igrejas que tem pela margem do rio de Cochim até ao Caidaval são servidas por Franciscanos; porém nenhuma Parochia d'estas consta sómente do territorio do Arcebispado.

As dos Reinos do Madurê pertencentes a Cadeira Cranganorense foram sempre administradas pelos denominados Jesuitas da Provincia do Malabar, e ainda hoje as governam os mesmos Sacerdotes, supposto serem já puramente Presbyteros Seculares. O primeiro Arcebispo latino d'esta Diocese foi D. Francisco Rodrigues, dos Ignacianos extinctos; e o que actualmente existe é o Sr. D. Salvador Ribeiro, que fôra da mesma Corporação.

NOTICIA DOS LIMITES DO BISPADO DE COCHIM.

Depois da erecção do Bispado de Meliapor feita por Paulo V, a 9 de Janeiro de 1606, e da assignação de limites estabelecidos pelo Sr. D. Aleixo de Menezes na sua provisão já citada de 22 de Dezembro de 1610, ficou o Districto do Bispado de Cochim reduzido a cento vinte e quatro leguas de praia, começando ao Norte na barra velha de Cochim, e acabando ao Sul em Maniméliori distante trinta leguas da Cidade de Negapatão, aonde começa o Bispado de Meliapor: alem d'este Districto, tambem inclue o Bispado por seu limite a grande Ilha de Ceilão, a Ilha de Manar, e as mais Ilhotas circumvisinhas; tambem involve parte das residencias do Reino do Marravá, dos de Maduré e da Missão de Nemão, que distam da praia dez leguas pelo Mediterraneo.

As Igrejas do Bispado de Cochim são por todas quatrocentas noventa e seis, a saber: no Reino de Cochim quatorze, no de Changanate oito, na costa de Travancor noventa e cinco, na costa da Pescaria cincoenta e uma, na Missão do Nemão sete, na parte do Maduré e Marravá vinte e sete, e nas Ilhas de Ceilão, Manar e suas adjacentes duzentas noventa e quatro. D'esta multidão de Igrejas facilmente se comprehende a sua qualidade. O menor numero é das que merecem nome de casa de oração. Grande parte d'ellas são formadas de barro, e o altar apenas se compõe com os paramentos que leva o Missionario comsigo, quando ali chega para celebrar; e todo o resto são casinhas similhantes ás dos christãos, e só com a differença de estarem vagas do commercio profano.

Do numero d'estas Igrejas se exceptuam quarenta e tres do Reino de Cochim, e uma do de Porcá, que obedecem ao Sr. Bispo Vigario Apostolico residente no Collegio *de Propaganda Fide* de Varapole distante duas leguas ao Sul da Cidade de Cochim. Este Prelado introduzido pela Curia Romana nos dominios do Malabar debaixo das clausulas *si*, e *in quantum*, isto é, se os dominantes do paiz não consentirem que as christandades obedeçam aos proprios Diocesanos, e em quanto sómente o não permittirem, é o que vae rapinando successivamente os Districtos das Cadeiras Cranganorense, e Cochinense com o especioso pretexto, que as clausulas da sua delegação tambem se estendem aos casos em que qualquer Parochia não quer obedecer ao seu proprio Prelado, com este pretexto governa oitenta e cinco, como já disse. Para se entender isto melhor devo referir alguns exemplos: Quer a christandade *A*, v. g., expor o Santissimo na festa do Orago da sua Parochia, nega-lhe a graça o Prelado pelo justissimo fundamento de se achar a Igreja rodeada de mouros e gentios, e levantando-se a povoação vão obedecer ao Sr. Bispo de Varapole, que mandando-lhe fazer um termo que não lhe convem obedecer ao seu Prelado, e que a não serem protegidos pelo de Varapole, darão obediencia aos scismaticos, logo o Sr. Bispo de Varapole os aceita por seus subditos, e lhe concede a graça, que o proprio Diocesano lhe negára.

Segundo exemplo: pretende um christão principal e rico dispensa para casar com parenta de segundo grau, nega-lh'a o proprio Prelado em rasão de poder achar outra esposa: fórma coluio o pretendente dos parentes e principaes da sua povoação, e precedendo o referido termo, é recebido com a sua Parochia no gremio dos obedientes a Varapole; e para mais se elevar esta rapina, são logo remettidos os termos ao Sagrado Collegio *de Propa-*

ganda Fide, e sendo approvados e auctorisada, ainda os proprios Diocesanos são avaliados na Curia por imprudentes.

Nas restantes Igrejas do Bispado de Cochim me consta que presentemente ha quarenta e dois Parochos, e administram o pasto espiritual a cento vinte tres mil e nove almas, ainda que constantemente ouvi dizer que este numero era muito diminuto, pois chegariam agora a cento oitenta mil. D'estes Parochos ou Missionarios dez são Religiosos Observantes da Provincia de Goa, tres são Presbyteros Seculares Malabares, um é Presbytero Secular de Goa, quatorze são Congregados Nerys, e todos os que restam são dos Ignacianos extinctos, que servindo nas Parochias do mediterraneo do Maduré, de Nemão, do Reino do Marravá, tudo sujeito a diversos Principes idolatras, e na costa da Pescaria dominada pelos hollandezes hão de ser Parochos em quanto os dominantes respectivos quizerem.

O primeiro Prelado d'esta Diocese foi D. George Themudo da Ordem dos Prégadores, (reputo implicatoria a Lista da Politica Moral, tom. 4.°, pag. 465, em que refere D. João de Aguiar por Bispo de Cochim em 1552, pois sendo aquella Cadeira erecta por Paulo I em 1557, não podia, cinco annos antes da sua erecção, haver Prelado Sagrado com aquelle titulo) e o ultimo D. Clemente José, dos Ignacianos extinctos, que falleceu a 31 de Janeiro de 1771. Actualmente é governada por Governador Episcopal, provido na fórma do Concilio Tridentino pelo Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Sr. Metropolitano de Goa.

NOTICIA DOS LIMITES DO BISPADO DE MELIAPOR.

Na Congregação Consistorial de 9 de Janeiro de 1606, a instancias de Filippe III, Rei de Portugal, e por representação do Sr. Bispo de Cochim D. André de Santa Maria, foi erecto pelo Santissimo Padre Paulo V o Bispado de Meliapor [1], desmembrando-se do de Cochim o seu territorio: começa este ao Sul da Cidade de Negapatão na Igreja de Nossa Senhora da Saude, parochiada por Franciscano Observante da Provincia de Goa, e vae decorrendo por toda a costa de Coromandel, Oriza, Pegú, e Bengalla, incluindo no seu limite o mediterraneo que lhe corresponde: ignoro o numero das leguas, e das Igrejas, mas sei que os Parochos d'aquelle Bispado são de differente filiação, a saber: as Igrejas de Negapatão, Nossa Senhora da Luz e do Pegú são administradas por Franciscanos Observantes da Provincia de Goa; a de Trangabar, Codelur, S. Thomé, e algumas outras por Presbyteros Seculares; as da Cidade da Pudixeira com seus suburbios, por Capuchinhos francezes, e todas as restantes por Religiosos Eremitas da Congregação de Goa.

O primeiro Prelado d'esta Cathedral foi o Sr. D. Sebastião de S. Pedro, e o ultimo, que actualmente existe, é o Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Sr. D. Bernardo de S. Caetano, ambos Eremitas Agostinianos.

NOTICIA DOS LIMITES DO BISPADO DE MALACA.

Já disse no principio que esta Cathedral foi erecta pelo Papa Paulo IV aos 3 de Fevereiro de 1557 na Bulla *Pro excellenti* a instancias de El-Rei D. Sebastião, e que a assignação dos seus limites foi commettida ao Sr. Arcebispo de Lisboa, precedendo Regio Consenso. N'aquelle tempo teve esta Cadeira um Districto muito consideravel, porque alem da Cidade de Malaca, sua Cathedral, comprehendia o Reino de Trenaty, a Cidade de Macau, a China, Japão e todas as innumeraveis Ilhas, de que se fórma aquelle Archipelago; e tanto de extensão teve n'aquelle tempo, como agora é diminuto o seu governo, restricto não sómente pelas novas erecções de Cathedraes que o desmembraram, como pela perda de muitas terras que constituiam o seu terreno.

Presentemente tem esta Cathedral nos suburbios da Cidade de Malaca uma Igreja que rege alguma christandade que serve aos hollandezes dominantes, e as que ha nas Ilhas de Timor e Solor, aonde sómente póde viver o seu Prelado, porque os hollandezes o não consentem em Malaca. Creio que é muito diminuto o numero das suas Igrejas e christandades. O primeiro Prelado d'esta Cathedral foi o Sr. Fr. George de Santa Luzia; e o ultimo foi o Ill.^mo^ e Rev.^mo^ Sr. D. Gerardo de S. José, ambos da Ordem dos Prégadores. Actualmente é regida por Governador Episcopal provido pelo Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Sr. Metropolitano de Goa.

NOTICIA DOS LIMITES DO BISPADO DE MACAU.

Esta Cathedral foi erecta a instancias de El-Rei D. Sebastião pelo Santissimo Padre Gregorio XIII na Bulla [2] *Super Specula*, de 23 de Janeiro de 1575, assignando-lhe por Districto todas as Provincias da China, do Japão, e as Ilhas do Archipelago, que supposto tudo fosse anteriormente governado por outros Prelados Sagrados, como logo direi, nenhum d'elles tinha o titulo de Diocesano proprio.

Se se attender á amplitude de territorio,

[1] Bullar. Collect., pag. 216.
[2] Bullar. Collect., pag. 172.

que assigna a mencionada Bulla, é uma distancia muito superior ás forças moralmente possiveis de um Prelado; porém a erecção de muitas Cathedraes, e a repugnancia que sempre tiveram os dominantes do paiz a professarem os seus colonos publicamente a Sagrada Lei Evangelica, quasi reduziram e coangustaram o territorio d'esta Cadeira aos limites que com pouca differença, passados breves annos tiveram, e ainda tem estes Prelados, reduzida a sua jurisdicção á Cidade de Macau e aos navegantes de Cantão.

Todas as Parochias da mencionada Cidade são servidas por Presbyteros Seculares, que parochiam a dez mil almas pouco mais ou menos. O seu primeiro Prelado foi o Sr. D. Leonardo de Sá, da Ordem Militar de Christo, e o que actualmente existe é Clerigo Secular, nomeado modernamente pelo Nosso Fidelissimo Monarca.

NOTICIA DO TERRITORIO QUE TEVE O BISPADO DO JAPÃO.

Antes d'esta Cathedral ser erecta, mandou o Santissimo Padre Pio V, no anno de 1567, uma Bulla ao Sr. D. Belchior Carneiro, Ignaciano (sagrado em Bispo de Nicéa aos 15 de Dezembro de 1560 pelo Sr. D. Gaspar de Leão, primeiro Arcebispo de Goa) para que fosse governar o Japão e China, o que effectivamente executou da Cidade de Macau, antes de ser erecta em Cathedral, e aonde falleceu aos 17 de Agosto de 1583, tendo já muito antes desistido da referida intendencia, ou sendo-lhe esta extincta pela erecção da Cadeira de Macau.

Esta do Japão foi erecta a instancias de El-Rei D. Filippe II, e desmembrada da de Macau por Xisto V, na Congregação Consistorial[1] de 19 de Fevereiro de 1588, e começa *Hodie Sanctissimus*, e sendo então confirmado Bispo o Sr. D. Sebastião de Moraes, Ignaciano, foi o ultimo o Sr. D. Francisco da Purificação, Eremita de Santo Agostinho.

O territorio d'esta Cathedral eram as vastissimas Ilhas do Japão, que n'aquelle tempo incluiam mais de duzentas mil almas, e hoje quasi não lembram as verdades do Evangelho na referida região.

NOTICIA DO TERRITORIO DA CATHEDRAL DE PEKIM.

A instancias de El-Rei D. Pedro II, foi esta Cadeira erecta por Alexandre VIII, e desmembrado o seu districto do da de Macau por Bulla[2] de 10 de Abril de 1690, que começa *Romani Pontificis Pastoralis solicitudo*. O territorio d'este Bispado foi assignado pelo mesmo Soberano em Portaria de 2 de Janeiro de 1696, pelas palavras seguintes:

«El-Rei nosso Senhor, usando da faculdade que lhe é concedida pela Bulla, cujo transumpto está escripto na outra pagina, depois de tomadas informações das christandades da China, e situação das Provincias d'aquelle Imperio, assignou para Diocesi do Bispo de Pekim, as sete Provincias que se nomeiam de Pekim Honam, Xantum, Xansi, Xensi, Chuquiem, Leaotum, como tambem as Ilhas que ha nas costas das duas Provincias maritimas de Peki e Xantum e mais Reino de Coréa, por outro nome Chausien, e toda a Tartaria; e esta divisão, como tambem da que juntamente se fez para o Bispado de Macau, por Carta de 18 de Março do anno de 1695, e para constar da dita divisão se fez este assento nas costas do mesmo transumpto. Lisboa, dia *ut supra*. *Mendo de Foyos Pereira*[1].»

Ignoro o numero das christandades e das Igrejas que tem esta Cathedral, e persuado-me que ao presente não tem alguma publica. O seu primeiro Prelado foi o Sr. D. Francisco da Purificação, Eremita de Santo Agostinho, e o ultimo que acho escripto é o Sr. D. Policarpo de Sousa, dos Ignacianos extinctos, provido no anno de 1740.

NOTICIA DO TERRITORIO DO BISPADO DE NANKIM.

Tambem a instancias de El-Rei D. Pedro II, desmembrou o Papa Alexandre VIII o territorio de Nankim da Cadeira de Macau, e o erigiu em Cathedral pela Bulla[2] *Romanus Pontifex Beati Petri*, de 10 de Abril de 1690, assignando-lhe por districto a cidade de Nankim, com os mais logares, villas, etc., que creio somente consistir nos nomes. Eu ignoro se no tempo d'esta creação era permittido o uso publico da religião catholica na cidade de Nankim, ainda que o devo suppor, porque o Papa na referida Bulla menciona que existia a Igreja de Santa Maria com Sacrario e celebração do divino culto, o que certamente já hoje não existe. No 4.° tomo da Politica Moral, pag. 470, vem o cathalogo dos Prelados d'esta Diocese, dos quaes foi o primeiro o Sr. D. Antonio Paes Godinho, que não foi ao Bispado, e o ultimo o Sr. D. Francisco de Santa Rosa de Viterbo, que falleceu n'elle cheio de miserias, como todos vivem, os que ali existem. É verdade que depois d'este Prelado houve outro dos Ignacianos extinctos, que, consti-

[1] Bullar. Collect., pag. 187.
[2] D. Antonio Caetano de Sousa, nas Provas da Hist. Genealog., tom. 5.°, pag. 115.

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, nas Provas de Hist. Genealog., tom. 5.°, pag. 119.
[2] Idem tom. *et in eisdem paginis*.

tuindo-me seu Procurador no anno de 1762, recusei a incumbencia, e charitativamente a exercitou o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Taveira de Neiva Brum, remettendo-lhe nos barcos de Macau os quarteis que cobrava em Goa.

O auctor da Politica Moral e Civil, no tomo e pagina citada, fórma titulo differente dos Prelados sagrados da China, que quasi são os mesmos que serviram as Cathedraes precedentes, porém não accusa o Soberano que os supplicasse á Sé Apostolica, nem eu achei Bulla alguma que os constituisse em Cathedral distincta das mencionadas, que todas são suffraganeas da Cadeira Metropolitana de Goa pelas Bullas das suas instituições.

CERA VEGETAL.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.—Como espero obter pela attenciosa bondade de Sir George Grey uma porção da semente wax-berry ou cera vegetal, apresso-me, por agora me ser possivel, de offerecer a V. Ex.ª algumas informações que obtive sobre aquella planta tão util como interessante, reservando-me enviar a V. Ex.ª em tempo proprio a dita semente, por via de Londres.

No appendice de um folheto, a folhas 39, que já tive a honra de remetter ao Conselho Ultramarino, e com o titulo de *Florae Capensis Medicae*, ali se trata scientificamente sobre aquella planta.

Existem n'esta colonia seis especies da *myrica*, que ali vem descriptas com seus nomes botanicos; produzem todas ellas cera, porém particularmente tres d'ellas. Primeira, a *myrica cordifolia* (Lin.); segunda, a *myrica serrata* (Lamk); terceira, a *myrica quercifolia* (Lin.). O arbusto que produz a cera, e sobre o qual vou dar algumas informações tiradas do mesmo folheto, é a *myrica cordifolia*, mui commum nos suburbios arenosos d'esta cidade e em outros d'esta colonia, como o Cabo das Agulhas, e nos valles espaçosos da Alagoa Bay.

Planta nenhuma, a par de sua grande utilidade, é mais propria para sustentar as areias moventes do que esta, e diante de meus olhos tenho eu um exemplo que merece relatar-se a V. Ex.ª

Abriu-se, desde que aqui resido, uma bella estrada do comprimento de vinte e quatro milhas, para as differentes villas e aldeias que circumdam esta cidade; por ella de continuo transitam carruagens, carros e omnibus: porém em cada verão era o Governo obrigado a despender grandes sommas de dinheiro para desentulhar montes de areia, que o vento terrifico do sudoeste ali accumulava, impedindo até mesmo a communicação; deitou-se mão de varios expedientes para tal impedir, porém sem resultado algum, quando o Honorable Mr. Montagu, então Secretario Geral do Governo, emprehendeu cultivar e plantar o arbusto da cera aos dois lados da dita estrada, e a distancia de uma milha. Desde então obteve-se o dobrado proveito das areias se consolidarem, e do fructo d'aquelle arbusto; este meio, em minha humilde opinião, merece a attenção do Governo em circumstancias iguaes, mesmo para os nossos caminhos de ferro, que com tanta satisfação vejo o Governo de Sua Magestade tão empenhado em proseguir em Portugal.

Voltando á descripção d'aquella planta, direi que a cera que d'ella se obtem provém da superficie da fructa; ao tempo da sua madureza corre em estado liquido e indurece logoque fica exposta ao ar. A *myrica cordifolia*, antes de ser corada, possue uma côr verde-palido; o seu peso especifico excede ao da produzida pelas abelhas ou cera animal; é mais dura e mais fragil, e derrete-se com mais facilidade; contém igualmente uma boa porção de uma substancia peculiar mui analoga á stearina ou acido stearico, e por isso lhe dão o nome de *myricina*.

A cera das abelhas contém uma maior porção de cerina, outro constituinte da cera. A cera vegetal dissolve-se em terebentina fervente, e combinada com os alkalis fórma uma massa que possue a propriedade do sabão. Quando se manufactura em vélas, deve-se-lhe misturar uma igual porção de cebo, para que a sua luz se torne mais pura e clara.

O tempo proprio aqui, para a colheita da dita semente, é nos mezes de Maio a Novembro; a semente madura facilmente se obtem, sacudindo-se o arbusto, e pondo-se debaixo de seus ramos um panno. Semeia-se no outono, depois das primeiras aguas tornarem as areias solidas; cresce igualmente aquella planta em terrenos ferteis.

O methodo de separar a cera do fructo é facil e de pouco custo. Deita-se uma quantidade de semente em um vaso de ferro cheio de agua; quando a agua ferve, a cera se acha derretida e na superficie da agua; escuma-se, e quando fria toma a consistencia da cera. O processo de ferver e escumar a cera repetidas vezes com agua pura, e de a pôr ao sol, lhe tira a côr verde, e se torna então mui branca; calcula-se que seis a sete libras de semente da *myrica cordifolia* dão pouco mais ou menos uma libra de cera.

O pequeno folheto ao qual acima me referi, offerece as necessarias informações sobre

aquelle arbusto, sobre o terreno onde se deve plantar, sobre o melhor methodo de sua cultura, de colher o fructo e finalmente da extracção da cera. Como objecto curioso remetterei igualmente um pequeno arbusto com a semente, assim como um pão de cera bruta e uma pequena caixa, contendo um pouco do torrão onde melhor se dá a planta.

O excellente Officio, que a V. Ex.ª dirigiu de Paris o Sr. Pimentel, e que li nos Annaes, que V. Ex.ª se dignou enviar-me, sobre a planta mafurra que produz o cebo vegetal, me induziu a dar parte a V. Ex.ª da existencia aqui d'aquelle producto natural, a cera vegetal; aquella planta estou certo deve mui bem acclimatar-se, não só nas nossas Provincias do Ultramar, como em Portugal nas immensas planicies de areia do outro lado do Tejo.

Queira V. Ex.ª desculpar a minha ousadia em lhe officiar, o que faço com o mais profundo respeito e admiração, pelo interesse esclarecido que V. Ex.ª tem constantemente mostrado pelos melhoramentos e prosperidade das nossas possessões ultramarinas.

Deus guarde a V. Ex.ª=Cidade do Cabo, 14 de Março de 1857.=Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira.=*Alfredo Duprat.*

GUINÉ PORTUGUEZA.

ILHA DE GALLINHAS.

Condições ajustadas entre o Rei de Canhabáca Damião, senhor da Ilha deserta denominada — de Gallinhas — e Joaquim Antonio de Matos, seu antigo camarada e amigo, pelas quaes toma conta da referida Ilha o ultimo, que fica desde hoje sendo o direito Senhorio, em virtude da doação que o primeiro dito Rei lhe faz d'ella, por si e seus successores, para a desfructar por si, seus parentes, socios e amigos, fazendo d'ella o que melhor lhe convier, tanto em cultura, como em fortificação, como abaixo se declara.

Em Nome de Deus Grande.

1.º artigo. Desde Junho de 1828, ficou pertencendo a Ilha de Gallinhas, por cessão do Rei Damião, a Joaquim Antonio de Matos, declaração feita ante o Governador da Praça de Bissau, o Ill.mo Francisco José Moacho, Juiz do Povo, Domingos Lopes, e mais homens bons, na occasião que se tratou com o referido Rei, respeito á Ilha de Bolama.

2.º art. Em consequencia d'aquella doação e declaração em Julho do mesmo anno, mandou logo o novo possuidor da dita Ilha de Gallinhas, Joaquim Antonio de Matos, construir uma propriedade de casas, condescendendo assim com a vontade do dito Rei Damião, e tomou posse da referida Ilha, para a gosar como sua, da maneira acima especificada, mandando tambem gente para córtes de matos e lavra de terrenos.

3.º art. O Rei Damião como doador ficou obrigado a fazer saber a todos os demais Reis de Canhabáca e das differentes Ilhas do Archipelago dos Bijagós, que tem dado a referida Ilha a Joaquim Antonio de Matos, a fim de haver toda a boa intelligencia, e que por senhorio d'ella o devem todos reconhecer.

4.º art. No caso de ataque de qualquer gentio visinho, será obrigado (como fica desde já) o dito Rei Damião a repelli-lo com os seus soldados e vassallos, auxiliando o novo possuidor por toda a maneira a que não seja invadido, obrigando-se Joaquim Antonio de Matos a fornece-lo de bala e polvora para defender, no caso de desintelligencia, o que Deus não ha de permittir.

5.º art. Obriga-se mais o dito Rei Damião por toda a maneira a não consentir que estrangeiro algum possa em qualquer ponto da dita Ilha fazer casa ou estabelecer-se, e a repellir por meio de força qualquer tentativa para esse fim; declara-se que são inglezes, francezes e hespanhoes os estrangeiros; salvo se for por consentimento do novo possuidor.

6.º art. Não podendo o novo possuidor, Joaquim Antonio de Matos, possuir á dita Ilha como sua que é, sem que tenha permissão de El-Rei Nosso Senhor, declarou que na primeira occasião que tivesse para Portugal, ía pedir a Sua Magestade o Seu Regio Consentimento, pois que obtendo-o seria mais uma Possessão para a Corôa de Portugal, que com Braço Regio em breve floresceria, e será de grande vantagem para os vassallos de Sua Magestade; assim como a pedir-lhe licença para novas acquisições de terrenos n'esta parte da costa de Africa Occidental; obrigando-se o dito Rei Damião a coadjuva-lo para os obter.

7.º art. Sendo de costume, no tempo de inverno, passarem alguns gentios de outras Ilhas á dita Ilha para lavrarem terrenos, e montear elephantes, d'ora em diante o farão com permissão do novo possuidor, e este lhe designará a terra que poderão lavrar; isto em quanto o novo senhorio não tiver meios de o fazer por si, ou conjuntamente com portuguezes.

8.º art. As producções serão ali vendidas com medidas e pesos como em Bissau e Balanta, e se lhes pagarão o arroz, azeite, mancarra, anil, algodão e tartaruga, como se paga em Bissau, dando-se as fazendas pelo mesmo preço.

9.º art. Havendo, como ha, muitos elephantes na Ilha, os dentes dos que se matarem, metade fica pertencendo ao Rei Damião, e a outra metade ao novo possuidor; comtudo a

parte que pertencer ao referido Rei será obrigado a receber o seu valor segundo o costume em Bissau, sendo franca a montaria d'elles a quaesquer gentios, utilisando-se estes só das carnes, podendo até transporta-las em canoas para as suas terras.

10.° art. Qualquer pessoa que suscitar desordem, maltratar, ferir, roubar, ainda mesmo por acções, se for christão será enviado ao Governador de Bissau para ali ser punido conforme a Lei; e sendo gentio será entregue ao seu Rei para o castigar como merecer.

11.° art. Estando em começo o estabelecimento da dita Ilha, quer elle novo possuidor, que sem sua licença se não construa casa alguma, a fim de poder mandar alinhar qualquer propriedade, e fazer-se por esta maneira povoações regulares, pendendo d'esta ordem tambem a saude.

12.° art. Em quanto não houver na referida Ilha de Gallinhas os recursos necessarios para a devida e diaria subsistencia, o dito Rei Damião se obriga a mandar a ella semanalmente duas canoas com todo o preciso, e o novo possuidor a trocar o que levarem com generos do Paiz, preço de Bissau.

13.° art. O novo possuidor, depois de obter a licença de Sua Magestade, se obriga a mandar construir uma capella, e ter um padre zeloso no serviço de Deus e de El-Rei, para n'ella celebrar Missa e mais Officios Divinos, e espera que o Rei Damião se não opponha a que qualquer gentio sendo da sua vontade se faça christão, porque d'isto pende o florescimento da mesma Ilha.

14.° art. O referido Rei Damião se obriga por si, seus successores, e por quem mais direito possa ter á dita Ilha, ao cumprimento de todos e cada um dos artigos declarados, cumprindo-os e fazendo-os cumprir sem alteração alguma.

15.° art. Não podendo o Rei Damião alienar terreno algum por suas instituições, como lhe pedia o novo possuidor da Ilha de Gallinhas, a vendesse, serviu-se de aceitar em signal de gratidão do novo possuidor, Joaquim Antonio de Matos, o mimo que lhe fez.

Em firmeza do que, e para constar em todo o tempo, se fizeram dois do mesmo teor, que trocámos e assignámos em Bissau, em 12 de Março do anno de Nosso Senhor Jesus Christo de 1829. = Pour le Roi Damion Canabac, *P. B. Ducros.* = Comme temoin, *P. B. Ducros.* = *José de Araujo Sistella.* = *José Correia Veiga.* = *Delphim José dos Santos.* = Reconheço as assignaturas serem dos proprios acima conteúdos, o que hei por reconhecido. Bissau, 9 de Março de 1830. = Em fé da verdade. = Logar do signal publico. = O Tabellião, *José Francisco da Serra.*

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

ANGOLA.

VIAGEM A QUILENGUES E A CACONDA.

Ill.mo Sr. — Tendo-me V. S.ª, logoque chegou dos Gambos, encarregado de ir a Quilengues e de lá a Caconda, para tratar do rapido andamento da guerra do Nano, convocada para castigar aquelle potentado; cumpre-me passar ás mãos de V. S.ª o incluso Relatorio da viagem e do exito da minha commissão.

Deus guarde a V. S.ª = Huilla, 10 de Setembro de 1856. = Ill.mo Sr. Governador de Mossamedes. = *João José Liborio,* Alferes.

RELATORIO.

Em virtude do que me foi incumbido por V. S.ª, larguei no dia 29 de Junho do presente anno para o Districto de Quilengues, acompanhado de dez pretos com cargas de aguardente e fazendas.

Estes generos, actualmente attractivos ao gentio, deram logar a ser assaltado de noite, a dia e meio de viagem no sitio Candangombe por uma quadrilha de ladrões, que supponho gentio de Quipungo: houveram tiroteios de parte a parte, e em meia hora fiquei desembaraçado sem perigo algum.

Na manhã seguinte continuei a jornada, mas receioso de outro encontro como o da noite antecedente, mudei de caminho, tomando por veredas e espessas matas; porém em alguns logares, vi-me forçosamente privado de montar a cavallo (em boi) por o terreno ser muito alcantilado. Vencidas as difficuldades, cheguei a final a Quilengues com seis dias de jornada quando o regular é de quatro.

De Quilengues sem demora segui para Caconda no dia 9 de Julho, acompanhado de igual comitiva e cargas; durante a viagem não houve occorrencia desagradavel, apenas alguns pequenos embaraços na passagem de caudalosos rios que banham aquelle vasto e fertil paiz, e que todos vão desaguar no Cunene. Os mais notaveis dos vinte e nove que atravessei até Quigollo, são o Qué e Quando pela grande quantidade de pedras que tem nas margens, no seu leito, e dispostas em tal ordem como se fosse pela mão do homem. O primeiro faz juncção com outro denominado Cussuca, a desaguar no grande rio Cunene; alguns d'estes dão apenas passagem por pontes de madeira mal construidas pelo gentio. O paiz de Nano, comprehendendo Caconda, é bastante montanhoso; porém as margens dos rios são fertilissimas, e encontra-se, pastando, manadas de varias especies de animaes. No dia 12 entrei na primeira povoação, terras de Caluquembe; este povo, situado entre Quilengues e Caconda, é independente, porém não contende com os viandantes.

Nos dias 13 e 14 atravessei as povoações de Calundungo e Matende; aquella pertencente a Caluquembe, e esta a Caconda. No dia 15 entrei no Presidio; porém sobre o andamento da guerra n'este ponto, cumpre-me dizer a V. S.ª, que em todas as povoações de Sobas e Secculos por onde transitei até Caconda, encontrei tudo no maior descanso, ignorando-se da convocação da guerra como me disseram. Comtudo procurei orienta-los, promovendo entre elles grande movimento, e chegado á Regencia, realisei o desenlace d'este negocio que exigia rapido andamento, porquanto, apenas havia sido mandado Francisco Lourenço Borges (o Canduco) como embaixador ao arraial do Soba D. Dumba com o primeiro presente. A offerta foi aceita, porém o mencionado Borges recolheu a sua casa tres dias antes da minha chegada ao Presidio, sem decisão alguma sobre o que se propunha ao D. Dumba, o que logo soube, e mais tarde, pela bocca d'este poderoso Soba, como passo a fazer ver. Até aquella data o Commandante do Presidio não havia tomado deliberação alguma sobre o povo da sua jurisdicção, pela rebel-

dia que reinava desde os acontecimentos que tiveram logar em Quilengues. O povo a nada obedecia, e para o referido Commandante obter (segundo me confessou) chamar á sua presença o morador Borges para o fim da embaixada, trabalhou dias e dias, empenhando-se com uns e outros, até que por meio de fianças idoneas, pôde conseguir a apparição do dito morador!

Devo notar a V. S.ª, que este Borges é um preto muito acanhado e inhabil, e se gosa de algum prestigio entre o gentio, não é porque o tenha sabido grangear por si, mas sim por ser irmão do celebre Canduco já fallecido. A desobediencia formal dos povos procedia da desconfiança em que estavam de que a auctoridade lhes queria armar um laço, a fim de serem presos e castigados, em premio do que foram praticar a Quilengues.

Por outro lado, os muquilengues, supposto estarem convocados e promptos para a guerra, receiavam saír das suas habitações (libatas), em lembrança do terrivel lance que recentemente soffreram dos povos de Caconda em Fevereiro do corrente anno.

Este era o verdadeiro estado das cousas; comtudo em Quilengues, quando ali cheguei, se me disse, que tanto Caconda como a propria guerra do D. Dumba, tudo estava convocado, e por isso se tornava desnecessario que fosse mais adiante. Custa a crer que a simples noticia da ida de Borges ao arraial da guerra, e de cuja missão se ignorava ainda o resultado, fizesse todavia dar tudo por prompto e decidido. Não me dei por satisfeito com tal noticia, apesar de correr como veridica. Em conformidade das positivas ordens de V. S.ª segui para Caconda, aonde achei muitas difficuldades a vencer, como acima digo, e tomei sobre mim a responsabilidade de ir pessoalmente ao arraial do D. Dumba, tendo previamente socegado os povos de Caconda, fazendo-lhes ver qual era o verdadeiro fim da minha missão.

No dia 20, acompanhado de trinta pretos bem armados, de fazendas e aguardente, segui com o mesmo Francisco Lourenço Borges para o Quigollo, e no dia 22 cheguei a este local aonde se achava arraialada a poderosa guerra do D. Dumba, Soba das terras de Galangue, a quem todo o gentio respeita. Quigollo está situado entre Caconda e Galangue, porém é independente.

Por informações, que colhi, soube que estas terras foram já avassalladas, bem assim Hambo, Caluquembe, Ingolla e Quitata, e que pagaram dizimo á Fazenda Publica; ignoro porém as causas que deram logar á cessação de tal tributo. No arraial fui recebido com fastidiosas ceremonias gentilicas pela enorme massa de selvagens que constituiam a guerra; e findas estas, foram dar parte ao Soba da minha chegada, e este ordenou o meu agasalho defronte do seu arraial, que denominam, o Lombe, para no dia seguinte me admittir em audiencia. Passou-se o resto do dia com embaixadas de parte a parte, e depois tiveram logar as visitas das personagens da primeira ordem, uns pedindo aguardente e outros fazendas, etc., sem que me fosse permittido descansar um momento durante a noite.

Para o tormento ser maior não faltou a tocata infernal de tambores e marimbas (instrumentos gentilicos), não se me admittindo que dispensasse taes ceremonias; e assim passei a noite, rodeado de barbaros, nome bem cabido, porque até não lhes escapa a carne humana, sua favorita comida. Descreverei o ceremonial d'esta anthropophagia.

O infeliz que é sentenciado a ser devorado a infernaes banquetes pelo seu similhante, é preso incommunicavel e bem vigiado, facultando-se-lhe de tudo quanto deseja comer para engordar. Quando o Soba vê, que a sua *rez* está prompta, e que é chegado o dia da festa, ordena a reunião do seu povo, que se apresenta munido de bebidas fermentadas, alem de outras que o Soba dá. Ao infeliz é posta uma mordaça, e a um signal do Soba, feito com a zagaia que tem na mão, o preto com a graduação, *corta cabeças*, applica á victima toda a qualidade de torturas, que são sempre muito applaudidas pelos expectadores. Em seguida, depois de bem torturado, e quasi moribundo, o carrasco com uma maxadinha decepa-lhe a cabeça, que apenas cahida no chão é logo apanhada pelo Soba com os dentes, e com ella segura na bocca, escorrendo em sangue, começa aos saltos e cabriolas, representando a figura de um animal feroz, e o mesmo pratica a sua mulher, a quem dão o nome Inacúlo.

A carne do desgraçado é depois distribuida e devorada pelos espectadores, e termina esta festa canibal, com dansas, cantigas e embriaguez. N'esta distribuição cabe ao Soba uma boa parte da carne, para depois de secca ao sol servir de alimento quando lhe appetece, e mesmo de dieta nas suas doenças.

No dia immediato ao da minha chegada, pelas nove horas da manhã, recebi aviso do Soba para me apresentar em audiencia. Esta teve logar n'um grande descampado na presença de mais de dois mil negros, personagens de primeira ordem, admittidos áquelle acto. Passada meia hora appareceu o Soba acompanhado de seu sequito (Sobas, Seccúlos e Macotas) e tomando a presidencia começaram as

ceremonias medonhas, de zagaias e ó-buetes ou casse-têtes.

Seguiu-se a audiencia que foi concebida nos seguintes termos. Passei a narrar os acontecimentos havidos nos Gambos desde a sua origem, tanto da parte do Governo como do Regulo Binza, e bem assim as demais circumstancias que fazem parte integrante da questão.

Propuz-lhe a convocação das suas guerras para castigar o potentado rebellado, e a captura do respectivo Regulo onde quer que fosse encontrado, que era o essencial da diligencia. Conclui finalmente dizendo-lhe, que o exito e gloria d'esta empreza, que tanto lhe recommendava por parte de V. S.ª, seria remunerado e bem pelo Governo de Sua Magestade, e que por V. S.ª vinha incumbido de lhe entregar um presente. Ouvido tudo pelo mesmo Soba, este respondeu: que agradecia muito ao Governo a honra que lhe fez com a embaixada para o fim proposto, bem como o mimo, e que satisfactoriamente se compromettia a cumprir o que lhe fosse determinado. Que era verdade ter ali chegado Francisco Lourenço Borges com um presente e igual proposta, e supposto o tivesse aceitado, não tinha ainda dado decisão alguma, mas que tambem não se utilisára do presente, para prova do que m'o apresentava intacto e ao proprio Borges testemunha ocular. E que agora, como demonstração plena que aceitava as propostas, o ía destribuir para os seus filhos, bem como o que eu lhe levava; o que passou a executar. Que estava ao facto da questão dos Gambos e mais circumstancias havidas com o Régulo Binza, pelo que o tornava digno de severo castigo, de que breve iria tratar. Que aceitava com muito gosto e respeito o convite do Governo.

Que de ha muitos annos nutria vivos desejos de ser vassallo de Sua Magestade o Rei de Portugal, e agraciado com um posto superior. Continuou dizendo, que apesar da sua guerra estar convocada pelos Sobas de Melonde e Camba para ir ao Humbe, não deixaria de annuir primeiro ao convite do Governo, e que se compromettia pelo prompto castigo dos Gambos e captura do Régulo Binza, e finalmente pela entrega dos quintos como é do estylo. O que tudo sendo ouvido pelos espectadores bateram palmas, e o Soba deu por finda a audiencia. Não omittirei a circumstancia que o Soba D. Dumba é um preto de rara figura, com trinta e oito annos de idade, e de grande prestigio entre os seus povos.

No dia seguinte recebi convite para passeiar o arraial em companhia do seu Secretario. Andei por elle cerca de duas leguas, sem que o podesse percorrer todo em rasão de me achar bastante incommodado, e de que pedi desculpa. Comtudo pelo immenso povo que vi acampado, avaliei pouco mais ou menos em trinta mil homens, sendo para notar que por aquelle dia se esperavam os povos do Bailundo, Hambo e Bihé a reunir as guerras.

Por causa do incommodo que soffria, não tive occasião de ver o grande rio Cunene que apenas distava tres horas de viagem. Entre os povos que constituem as guerras convocadas, encontrei os Ganguellas, e no arraial d'estes fui dar com duas cabeças humanas espetadas em paus. Perguntando-lhes a rasão porque conservavam aquelle horrivel espectaculo, disseram que era costume para no fim da guerra, as entregarem seccas ao seu Soba, e com ellas fazerem os seus remedios (milongos). Parte d'este povo é da jurisdicção do D. Dumba. Concluida d'esta fórma a minha missão ao arraial, regressei á Regencia de Caconda, e d'ali para Quilengues. Porém n'esta terra recebi do Dumba a carta que abaixo transcrevo, a qual mostra bem o seu pezar pela demora que os povos de Caconda tiverão em se reunir ás guerras. Isto tanto mais comprova o que já disse a respeito do grande receio em que encontrei os povos d'aquella jurisdicção, e confirmado mesmo por Officios do proprio Regente, dos seus povos terem muita repugnancia em annuir logo aos convites que se lhes fizeram. Mas por fim, e depois da minha volta do arraial por Caconda resolveram-se a marchar como se deprehende da mesma carta. No meu regresso ha sómente a mencionar, ter encontrado os povos de Caluquembe em grandes grupos, em procura de algum infeliz desgarrado, para pelas costas lhe tirarem o coração e os figados, e com isto fazerem os seus feitiços, pratica que não podiam dispensar, para que o fogo das suas armas nunca falhasse; finalmente sem esta ceremonia não podiam reunir-se ás guerras do D. Dumba. Nada mais se me offerece narrar a V. S.ª, e só sim dizer que me darei por muito satisfeito se o serviço que fui prestar merecer alguma consideração.

Deus guarde a V. S.ª = Acantonamento na Huilla, 10 de Setembro de 1856. = Ill.mo Sr. Fernando da Costa Leal, Governador de Mossamedes. = *João José Liborio,* Alferes.

Carta a que se allude n'este Relatorio.

Ill.mo Sr. Alferes João José Liborio. = Lobando, 2 de Setembro de 1856. = Recebi a sua estimada carta cuja muito estimei por saber da sua saude, e que tinha chegado a essa terra sem novidade, pois eu tambem aqui cheguei a esta terra de Lobando sem incommodo, porém tenho estranhado muito esta demora

que tem havido na guerra da jurisdicção do Presidio de Caconda; mas com effeito aqui chegou hontem a dita guerra, pois eu aqui já estou ha quinze dias n'este acampamento, pois no dia 31 do mez passado chegou o sr. Manuel Durão de Vasconcellos, e por elle recebi um mimo de uma ancoreta de aguardente e tres bois Sobas, que de tudo lhe agradeci muito, e com os portadores do mesmo sr. Durão de Vasconcellos tambem vão os meus portadores para servirem de guia á guerra d'essa jurisdicção de Quilengues para virem com a mesma guerra até onde nos encontrarmos. A respeito do que V. S.ª me manda dizer sobre o tal Sobeta que V. S.ª diz que era bom ensina-lo, pois sou obrigado a dizer a V. S.ª, que não poderá ser na ida, porque é faze-lo voltar alguma guerra ou haver alguma demora, e então logo que elles tambem vão na guerra lá se lhe dará um ensino, ou mesmo na volta, emquanto na ida não póde ser. = De V. S.ª, amigo e camarada, *D. Dumba*, Soba das terras de Galangue.

N. B. Receba muitas recommendações do meu escrevente José Antonio da Fonseca.

Está conforme. = Huilla, 10 de Setembro de 1856. = *João José Liborio*, Alferes.

EXPLORAÇÃO DO RIO QUANZA.

Estação Naval de Angola. = N.º 19. = Ill.mo e Ex.mo Sr. = Em cumprimento das ordens que de V. Ex.ª recebi em Portaria datada de 13 de Dezembro de 1856, tenho a honra de incluso remetter o Relatorio e plano dos trabalhos de observações de sondas e mais circumstancias, feitas pelo Segundo Tenente da Armada José Joaquim Borja de Moraes, e Guarda Marinha immediato João Climaco de Carvalho no rio Quanza, a bordo do palhabote D. Pedro V. Nada mais se póde continuar, porque tendo adoecido uma terça parte da guarnição, foi necessario recolher a Loanda, para as praças serem convenientemente tratadas; e apparecendo logo depois a necessidade de empregar o palhabote em outro serviço, fica por emquanto a continuação de taes observações dependente de eu ter embarcação apropriada para um tal serviço.

Deus guarde a V. Ex.ª = Bordo da Corveta Goa, surta no porto de Loanda, 3 de Outubro de 1857. = Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Sá da Bandeira, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e do Ultramar. = *Pedro Valente da Costa Loureiro e Pinho*, Capitão Tenente, Commandante da Estação Naval de Angola.

RELATORIO

Que acompanha o traçado de vinte milhas de distancia, a contar da foz do rio Quanza, juntamente com as respectivas sondas, feito pelo Segundo Tenente da Armada, José Joaquim Borja de Moraes, e pelo Guarda Marinha, João Climaco de Carvalho.

No dia 25 do mez de Julho de 1857, pela uma hora e trinta minutos da tarde, por occasião de preamar, e estando viração fresca, entrei a barra do rio Quanza, sem o menor obstaculo, no palhabote D. Pedro V, que demanda uma braça de agua, achando ser duas braças e meia o menos fundo, na passagem dos baixos de areia movediços, formados na entrada da referida barra, devidos á corrente de agua, que durante o tempo que estive em commissão no rio achei ser de tres milhas; via-se perfeitamente toda a arrebentação de uma restinga que tem a ponta do sul, onde começa a margem esquerda do rio, e a arrebentação da restinga da ponta da ilha que existe logo na embocadura da barra; assim como vi a arrebentação da restinga da ponta do norte, onde começa a margem direita do rio, a qual actualmente se reune com a ponta da ilha do lado do norte, como está indicado no plano, ficando por este facto tapada aquella entrada, onde não póde passar um escaler; porém, segundo as informações dos pilotos da barra, outr'ora fôra ali a barra para a entrada de todas as embarcações; a ilha que mencionei na entrada da barra, e que se acha traçada no plano do rio, é toda rasa e de areia sem vestigio algum de arvoredo, e as aguas na foz do rio são esverdeadas e não amarelladas, apresentando-se a ilha e as aguas differentemente do que menciona o sr. Lopes de Lima, no seu Tratado das Possessões Portuguezas na Africa. Fundiei em frente da povoação dos Pilotos, na margem direita do rio, a um terço de milha da foz, a fim de tomar mais conhecimento da barra, e logo no dia seguinte se levantou bastante calema que durou tres dias, a ponto de não ser navegavel a barra, ficando durante esse tempo fundeadas fóra algumas embarcações que vinham para entrar, sendo devida esta impossibilidade aos baixos movediços que tem formados pelos alluviões de agua; porém mesmo sendo navegavel, ninguem póde entrar nem saír sem risco de vida, e de perder a embarcação não recebendo pilotos, o que achei rasoavel por os pilotos serem sós os que podem conhecer em todas as circumstancias o canal navegavel, poisque para isso fazem uso de umas taboas onde vão sentados, e levam uma pequena pá com que remam, e levam varas para sondar; da mesma maneira vão fóra aos barcos, quando os vão pilotar; tentei sondar o mais proximo possivel

da barra, porém havendo perigo de perder o escaler onde ía, e gente, só se sondou onde se póde, e como se vê no plano; emquanto a esta povoação dos pilotos tenho a dizer que se compõe de vinte e duas cabanas de palha, pertencentes aos mesmos pilotos, havendo apenas algum milho e mandioca plantada para sustento d'elles; em frente d'esta povoação ha um pequeno areial com uma cabana onde vem os pretos da Quissama, terra mais do sul e para o interior, fazer negocio com os pretos avassallados da margem direita, pois elles não só não são avassallados, mas são bastante selvagens; porém perseguidos pela fome trazem pequenas porções de urzella para receberem em troca uma diminuta porção de milho ou de mandioca: trazem sempre agua para beber no caminho, e logo se retiram, porém vendo algum branco largam o negocio e retiram-se. Continuou-se a sondar, levantando a planta, para o que se fez uso só de uma agulha azimuthal, bandeirolas que se collocavam convenientemente, fita graduada e prumo; ainda mesmo que houvesse mais instrumentos, não se podia fazer uso d'elles, por não haver logar para desembarcar, a não ser nas povoações, e serem por isso as observações todas feitas no escaler. Até á abertura denotada no plano por *a b* a duas milhas da foz é mangue fechado de uma e outra margem, excepto o espaço denotado por *c d*, que é capim raso, tornando-se muito saliente; em frente a essa planice de capim, e encostado á margem direita ha duas pequenissimas ilhas, rasas tambem, de capim, as quaes estão collocadas no mappa entre as sondas; a abertura *a b* é onde o rio se divide em dois ramos differentes, onde entrei no escaler, andando umas tres milhas, e não lhe achando n'esse espaço fim, voltei para o palhabote com o Guarda Marinha Climaco de Carvalho, e nos pareceu que seria uma grande ilha da qual a face que se vê do rio Quanza fórma a margem direita do mesmo rio. Subimos mais antes de continuarmos os trabalhos para vermos onde se reunia de novo, o que achámos ser na abertura *e f* a sete milhas e oito decimos da foz; antes de chegar a *e f* ha a seis milhas e cinco decimos da foz uma pequena povoação por nome Cangangue, na margem direita do rio, a qual se compõe de nove cabanas, sendo quatro um pouco mais para o interior, a qual tem poucos pretos com alguns pequenos arimos, em frente e um pouco mais para cima ha outra na margem esquerda em tudo igual á primeira, tendo só oito cabanas, e tem o nome de Cassanhe; de *c d* para cima ha alternando, tanto n'uma como n'outra margem, capim, alguns arbustos e palmeiras em abundancia, e ha alguns pequenos riachos, onde fui n'uma pequena canoa, das que usam os pretos n'esta Provincia, e não pude seguir mais que meia milha em alguns d'elles, por terem muitas arvores baixas que impedem o andamento, e a outros achei-lhe fim por serem pequenos. A entrada de todos elles é mui estreita; de *e f* para cima ha na margem direita outra povoação que se chama Tombo, distante da foz onze milhas e sete decimos, muitissimo maior que as já mencionadas: compõe-se de duzentas e vinte cabanas, sendo algumas regulares em construcção, e tem muitas espalhadas, tambem na abertura denotada no plano por *g h* que fórma a embocadura de um braço de rio, se divide em dois ramos formando outra ilha, da qual *f g*, sendo uma face d'ella, fórma a margem do rio. D'esta povoação para cima até onde terminaram os trabalhos não ha mais povoação, pois, como já disse no principio, são só vinte milhas de extensão a contar da foz, e só a trinta milhas é que está collocada a povoação de Calumbo, onde persiste um official do Exercito, que é o Chefe d'esse Concelho, que se estende da foz do rio até um pouco acima de Calumbo, tendo nas differentes povoações um Director subalterno, e nas outras apenas uns Sobas pretos. Fallo em haver Chefe na povoação de Calumbo, porque tive occasião de ir a ella por assim me ser conveniente a bem do serviço. As sondas estam notadas todas no plano; emquanto á qualidade do fundo pouco ha a dizer, pois no meio do rio é que ha algum lodo, e nas margens era areia na occasião das observações; porém segundo informações dadas pelos praticos tambem é variavel, algumas epochas ha que a grande força de corrente de agua por occasião das cheias faz arrastar areia para onde havia lodo. N'estas vinte milhas não ha baixo algum, e dizem que ainda muito mais para cima assim acontece, e claro está que toda e qualquer embarcação que possa entrar a barra em circumstancias regulares póde navegar até onde sondei, podendo-se encostar ás margens em alguns logares como o mappa mostra. N'este rio os terraes são fracos, e só pela tarde, quasi sempre da uma hora em diante, é que ha viração fresca; porém da povoação de Cangangue para cima falha a viração, e ha suas rajadas assim como recalmões; abunda em mosquitos, posto que não fosse o tempo das chuvas, em que dizem haver mais, comtudo ha muitos, principalmente no canal formado pela abertura *g h* da povoação do Tombo, a que os pretos d'aquelle rio lhe chamam o Muge, não se póde estar a não serem os pretos que já estão acostumados. Emquanto á agua tenho a dizer que logo na entrada é

potavel, porém da povoação de Cangangue para cima é muitissimo boa, e na força da corrente apenas notei trazer algumas pequenas ilhas de capim e arbustos pequenos; ha alguns jacarés, porém poucos até onde fui, mas dizem que subindo mais o rio se encontram bastantes, assim como outros animaes; ha o peixe mulher que tive occasião de o ver morto, pois os pretos de noite pescam nas suas canoas á fisga; ha tambem o cavallo marinho que os pretos matam a tiro, pois fazem uso de espingardas, isto para sua defeza, pois não comem a carne d'elle; o cavallo marinho e o jacaré vivem em terra de dia, e só de noite costumam vir para o rio; os pequenos arimos que têem os pretos são plantados pelas mulheres; elles occupam-se em pescar, havendo n'este rio pouco peixe miudo. A navegação que ha n'este rio é de lanchas e pequenos palhabotes, que andam da cidade de Loanda para este rio e vice-versa; vindo de Loanda trazem algumas fazendas como pannos, coraes e pipas vasias, e para Loanda levam as pipas com azeite de palma, cuja exportação annual, segundo dizem alguns moradores, é proximamente de tresentas pipas; algumas vezes tambem levam farinha de mandioca, tambem vão algumas esteiras ordinarias e bastantes madeiras que servem para pequenas construcções. Na saída da barra do rio, encontrei ser o menos fundo de uma braça e meia, e por isso se vê que os baixos da barra não são firmes, e mesmo ora se augmentam, ora se diminuem. Nada mais de importancia me resta a narrar a respeito do espaço que naveguei.

Bordo do palhabote D. Pedro V, surto no porto de Loanda, em 10 de Agosto de 1857. =*José Joaquim Borja de Moraes*, Segundo Tenente da Armada, Commandante.=*Pedro Valente da Costa Loureiro e Pinho*, Commandante da Estação.

VIAGEM A CAZENGO PELO QUANZA, E REGRESSO POR TERRA. PELO SR. MANUEL ALVES DE CASTRO FRANCINA

Dezembro 9, 1846.=Parti de Loanda ás cinco horas e meia da tarde com o destino a Cazengo, acompanhando vinte e quatro libertos para este Districto, e dois presos, soldados europeus para o Duque de Bragança (Presidio); ás nove e um quarto chegámos á *Camama* com fortes chuviscos, e a noite bastante escura; ahi nos achou a caravana de Calumbo, e tendo descansado por mais de uma hora, em consequencia dos libertos pequenos, levantámos ás onze; ás duas menos um quarto chegámos a *Pedra dez*, d'onde levantámos pelo mesmo motivo ás quatro; ás seis e meia chegámos ao *Embondeiro*, d'onde partimos ás sete e meia; ás oito e tres quartos a *Patrulha*, onde dei de almoçar á gente, e proseguindo ás nove e meia chegámos á Residencia de *Calumbo*, ás dez e trinta e cinco minutos.

Logoque cheguei requisitei ao respectivo Chefe oito empacaceiros, quatro soldados de linha do destacamento, e um quito de azeite para os libertos; porém tendo-me respondido que o destacamento todo era composto de soldados addidos, aindaque das Companhias de linha dos Presidios, não quiz sobre mim tomar a responsabilidade da segurança dos dois presos, que tanto me tinham sido recommendados, entregando-os a taes soldados, e por isso julguei conveniente officiar desde logo á Secretaria Geral, aguardando resposta, que chegou no dia 12, ordenando-se-me que levasse d'esses mesmos soldados, e fizesse regressar para Loanda a escolta do batalhão de linha que eu havia levado para guarda dos ditos presos e libertos.

No dia 13 foram-me apresentados os empacaceiros, soldados, e azeite requisitado, e n'esse mesmo dia fiz regressar a escolta mencionada, tencionando seguir logo para Muxima, o que não pude fazer em consequencia de grande chuva, que já havia começado na tarde antecedente, dia em que ali me encontrou o Ajudante d'ordens José Botelho de Sampaio, em companhia do padre Mathias José Rebello, que se recolhiam de Muxima. Este Districto é á beira do rio. O Chefe reside em uma grande casa propria, de pau a pique, bem construida, caiada, mas coberta de palha; em frente d'ella tem uma pequena horta, e dos lados largas e grandes ruas de arvores fructiferas, sobresaindo muito a de coqueiros. Existe n'este Districto um grande armazem do Estado, onde se recolhem as cargas de particulares, que vêem dos presidios do Quanza em canoas, e que d'ali têem de vir por terra á Cidade pela impossibilidade de passarem pela barra as canoas; e por cada carga que n'elle se recolhe percebe-se 25 réis. No dia 11 mandei sarjar um dos libertos que apresentava borbulhas em diversas partes do corpo, e que eu attribui a muita força de sangue e calor, e lhe prohibi comer peixe secco até que melhorou. Á minha chegada achei falta de algum peixe do que havia levado para os libertos, e bem assim de duas celhas que sem duvida perderam em caminho, poisque a cada passo os pequenos deixavam caír as cargas ou por cansados da marcha, ou por superiores ás suas forças; não podendo dar por taes faltas em viagem em consequencia da escuridade da noite. No dia 13 me apresentaram os dois soldados presos, que tendo sido abonados de rancho pelos respectivos Com-

mandantes, sómente até o dia 15, verificada a verdade não só pela guia do ex-furriel do esquadrão José Manuel, um dos presos, a qual me tinha sido entregue em mão, como por ter observado que durante o dia estavam sem comer, não duvidei de os admittir no rancho dos libertos desde o dia 14. A igreja de S. José de Calumbo acha-se por concluir, mas a esforços do Chefe e algum dispendio se acha a obra já adiantada. Encontrei suja a estrada em toda a jurisdicção d'este Districto.

Dia 14. Parti de Calumbo ás onze horas do dia em uma grande canoa do Chefe, toldada de coiros, acompanhado de uma maior em que iam os libertos e empacaceiros, e de uma outra mais pequena com os presos e tres soldados, que se me tinham fornecido, sendo dois da Companhia de linha de Muxima, e um da de Massangano, ambas toldadas igualmente de capim; ás tres horas chegámos ao *Muingi*, sitio de D. Maxima Leonor Botelho de Vasconcellos (d'esta Cidade) com casa e curral de gado vaccum, debaixo de chuva que havia principiado pouco depois das duas, e ás quatro e vinte e cinco minutos aportámos em *Zambela*, arimo do fallecido José Antonio Paschoal, d'onde não podémos passar em consequencia da muita chuva; ahi jantámos e pernoitámos, tendo chegado a grande canoa depois das sete da noite, e a dos soldados logo depois da minha chegada.

Vi alguma plantação de farinha, feijão, milho, tabaco e algodão, livres das inundações, porque este sitio é algum tanto elevado. A noite foi má em consequencia de muito mosquito, apesar de ter levado pavilhão, e mesmo por causa da casa do agasalho, que era mui acanhada, mas que me foi dada como a melhor do sitio pelo filho do dito Paschoal, que ali reside, e que me obsequiou quanto póde.

Dia 15. Parti de Zambela ás sete horas da manhã, ás nove e meia chegámos ao Bruto, onde reside o Napolitano Rafael Branco em um arimo da Fazenda, outr'ora da Mitra, no qual podendo ter, e com vantagem por ser mui alto, grandes plantações, nenhumas tem, só pela simples circumstancia de lhe não ter sido arrendado o dito arimo por dez annos como pretendêra. N'este sitio é de notar e admirar uma grande rocha perpendicular ao rio (na margem esquerda subindo) formando ao nivel da agua uma profunda caverna com escadaria natural, que parece feita por um habil artista; ás onze e meia chegámos a Caximba, fim da jurisdicção de Calumbo, e começa a do Icollo; á meia hora depois de meio dia entrámos no Muigiaquiria, grande braço do rio pela direita, que fórma para a esquerda com o verdadeiro curso d'elle uma grande ilha habitada e cultivada; declarou-se trovoada aos tres quartos, depois com forte ventania; e esta circumstancia tornou difficultosa a nossa entrada no Muigi, e impossivel para a canoa dos libertos, que não podendo vencer o violento redemoinho das aguas, caíu no antigo curso do rio, do qual não podia saír senão no dia seguinte, porque tinha de fazer uma viagem tres ou quatro vezes maior, do que nós, que tendo atravessado para a margem da Quissama, onde estivemos á capa em observação, resolvemos depois seguir por esta onde a força de agua não era tão forte; ás duas e meia entrámos no rio, e atravessando então para a margem esquerda, fomos aportar em Cubasa ás quatro e meia debaixo de chuva, tendo encontrado n'esta passagem do Muigi muitos e repetidos cavallos marinhos. Tomámos agasalho em casa do morador Antonio Diogo (preto), onde jantámos e pernoitámos, não só pelo motivo da chuva, como por dever esperar pela canoa dos libertos, que só me appareceu no dia 16 ás duas horas da tarde, apesar de varejada por oito pilotos, e tendo tido o cuidado de a mandar vir pela madrugada por uma quimballa (pequena canoa). Felizmente chegou sem novidade alguma, mas debaixo de chuva que havia principiado á uma hora, e que acabou quasi á noite, impossibilitando-nos de navegar. N'este sitio vi algumas plantações, especialmente de tabaco, genero este muito cultivado pelos pretos, porque alem de geralmente fumarem, com elle commerceiam muito. As duas noites que n'este sitio passei foram tambem más, em consequencia de muito mosquito, postoque nos fosse dada para agasalho uma casa grande.

Dia 17. Parti de Cubasa ás sete da manhã, ao meio dia encontrámos uma quissanga (ilha) do lado direito; á meia hora chegámos aos Pinheiros ou Ginganga (assim chamado por ter n'outro tempo pertencido aos padres da Companhia) arimo da Fazenda, arrendado por Manuel Machado Rodrigues, que o está mandando limpar para o fazer plantar, o qual me obsequiou muito; ás duas chegámos a Catenga, fim da jurisdicção do Icollo, e começa a de Muxima; ás tres e tres quartos, a Cacoba (margem da Quissama), que são tres grandes rochas esbranquiçadas, separadas um pouco entre si, que repetem tudo quanto se diz gritando; na mais alta d'ellas costuma o gentio da Quissama precipitar os feiticeiros; ahi vi de relance um peixe mulher, e ao sol um grande jacaré; ás seis horas aportámos no Quiengo, onde pernoitámos mal agasalhados em pequenos cazebres todos de palha no arimo do fallecido Silva Guimarães; a canoa dos libertos chegou depois das nove da noite, e

para o desembarque d'elles empreguei todos os pilotos das tres canoas (á beira do rio batendo com as varas n'agua, em consequencia dos jacarés, que em toda a margem do Quanza são respeitaveis); n'este sitio apenas vi pequena plantação de farinha, e indagando por que se não davam a outros e maiores cultivos, de que lhes podia resultar grandes interesses, responderam-me que viviam desgostosos, porque já estavam cansados de perder os seus trabalhos com as frequentes inundações do rio, e com effeito observei em toda a minha viagem por este rio que se tinham perdido grandes lavras, e eu naveguei entre algumas, que pareciam feitas no meio d'elle. Vi tambem muitas casinhas debaixo de agua.

Dia 18. Parti do Quiengo ás oito da manhã; ás dez encontrámos uma quissanga raza pelo lado direito; ao meio dia entrámos no Muingi á Cabemba, braço do rio na margem esquerda, que finda em uma grande lagoa nas terras dos Sobas de Muxima, Caculo, Cazengo e Quionzo; n'elle vimos muitos cavallos marinhos, trazendo em seguimento da canoa, por mais de uma hora, tres, que pareciam ou estar brincando, ou enraivecidos, poisque alem de muita roncaria, bufando atiravam de quando em quando agua á altura de mais de braça: á meia hora encontrámos uma quissanga alagavel pela direita, na qual havia pequenos casebres circulares, que se me disse serem de esperas dos cavallos; ás duas chegámos a Calende, arimo de D. Maxima, com muita casaria pequena sem plantações actualmente por causa das aguas; defronte está uma pequena quissanga, e em seguida mais tres até Mutamba, arimo com grande senzalla de forros da orfã Guimarães, onde parámos e desembarquei ás duas e meia; apenas vi alguma plantação de farinha e tabaco: ás tres horas passámos e desembarquei no Saua, sitio com casa e senzalla do morador de Muxima João Cardoso da Guerra, com grande plantação de farinha e tabaco; n'este sitio existe um Director de nomeação do Commandante de Muxima chamado Domingos Ferreira da Palma, a quem requisitei alguns pilotos para ajudarem os da canoa dos libertos, que mais tarde devia ali chegar: proseguimos na viagem; ás tres e meia passámos por Cafucala, sitio do morador de Muxima Bartholomeu Moreira e Sousa; ás quatro e vinte minutos passámos por Cahingi, onde vi a casa do soldado de infanteria de linha Rolete, administrador do arimo da Fazenda n'este sitio, com alguma plantação de farinha e feijão; ás seis passámos pelas grandes pedras de Cahingi, e não encontrando onde fizesse noite, fomos aportar na Palanga ás sete e um quarto da noite; tomando agasalho na casa e sitio da parda moradora d'esta cidade Maria Joaquina (sogra de José Maria Mergú). A noite foi má não só pelo muito mosquito, como pelo grande fedor de bagres que ali se faziam seccar n'uma pequena casa que se nos franqueou como a melhor do local.

Pouco depois appareceu a canoa dos presos, que me informaram de que a grande canoa havia parado no Saua a receber os pilotos, e que sem duvida d'ali não passaria; e assim aconteceu, poisque só me appareceu no dia seguinte depois das dez sem novidade.

Dia 19. Partimos de Palanga ás onze e meia, e quasi á uma aportámos com grande chuva e ventania, acompanhada de trovoada no Bocca do Quanza, tomando agasalho em casa do Alferes da guerra preta de Muxima, Bartholomeu Ferreira de Sant'Anna, que ali possue um arimo com grande casa de hospedagem, alem da em que reside, senzalla e plantações de farinha; pouco depois appareceu a canoa dos soldados, e as dos libertos quasi ás quatro da tarde; a chuva continuou até depois das seis. Ahi se me apresentou doente um dos presos, o soldado Paulo José, a quem mandei fazer todo o tratamento a meu alcance, com que abrandou a febre na manhã do dia seguinte, e emquanto n'este estado sustentei-o do meu rancho. Este sitio é assim chamado em consequencia de grande pedaço de terra, hoje quasi ilha, plantado de farinhas, que vem defronte do Presidio pelo meio do rio até este ponto; formando duas bôcas para os lados, sendo pela esquerda o antigo e verdadeiro curso do rio.

Dia 20. Partimos d'este sitio ás oito horas da manhã, seguindo entre a terra firme da margem gentilica e a ilha mencionada; aos tres quartos depois encontrámos uma quissanga á direita; ás nove passámos pelo sitio denominado, *Hombo Cabangue n'ingo*, com bastante difficuldade em consequencia de grande redemoinho de agua impellida por uma ponta de terra (da ilha) mui saliente, mas que o tempo vae consumindo com uma força tal que se os pilotos não forem habeis mui facilmente vira a canoa, como por vezes tem já succedido, tornando-se por isto mui respeitada esta passagem; ás onze e meia passámos pelo Zenga na margem direita, onde a gente ignorante diz ter apparecido pela primeira vez a imagem de Nossa Senhora da Conceição de Muxima, pretendendo-se fundar ahi n'outro tempo o Presidio por esse supposto facto; n'elle não ha nada de particular, apenas uma grande lage á beira do rio, e no mesmo nivel onde achei algumas pretas a lavar; descobrindo-se no alto entre mato muitas casinhas pequenas

dos Quissamas com os quaes, bem como com todos os outros habitantes na margem do Quanza, temos pela maior parte relações commerciaes; um pouco antes de ahi chegar vi um peixe mulher de relance; logo adiante encontrámos duas grandes jangadas de madeiras de Massangano; ao meio dia entrámos no Muigi Uangoma, grande braço do rio pela direita (ficando sobre a esquerda o curso natural) por onde se navega por ser caminho mais curto; a força da agua na passagem d'este Muigi é consideravel, e tal que nos arrojou com perigo na margem da Quissama aos vinte minutos depois do meio dia; á meia hora tornámos a atravessar para a esquerda, dando a canoa quasi sobre um formidavel jacaré que estava ao sol, e que logo se precipitou no rio, deixando não pequeno movimento na canoa. A canoa dos soldados teve tambem de tomar a margem da Quissama e de atravessar depois. Não sei como se houve a dos libertos porque vinha, como sempre, atrazada, mas sem duvida fizeram a mesma navegação, porque pela margem esquerda ella não poderia vencer a força da ressaca, quando nós o não podémos conseguir tendo-o tentado duas vezes; á uma e vinte minutos avistámos a igreja, e logo o forte; ás duas chegámos a Cabuigi no sitio e casas com senzala do Alferes da Companhia Movel do Presidio, Francisco Rodrigues de Carvalho, Director da Repartição d'este nome, com nomeação do Commandante, por quem fui obsequiado nas poucas horas em que ali desembarcámos para nos prepararmos; vi plantações de farinha, feijão, milho e tabaco; proseguimos na viagem ás quatro horas; depois de vinte minutos passámos pela grande Pedra Joannes, d'onde se descobre todo o Presidio, e finalmente ás cinco e cinco minutos desembarcámos em Muxima.

Este Presidio é situado á beira do rio, e n'elle nada ha de particular menção, a não ser a igreja que é bastante espaçosa, coberta de telha, na proximidade do rio, na margem de Quissama, onde foi situado o Presidio, e que por fórma alguma se deverá deixar perder, não só por ser um Templo religioso, como porque pela muita crença do gentio nos milagres de Nossa Senhora da Conceição de Muxima, que se diz ora pestanejar, ora ter apparecido um dia fóra da igreja na praia, por occasião de ter sido agarrada por um jacaré uma preta que lhe havia sido offerecida, e que fôra lavar diversos objectos da igreja, a qual appareceu logo sem damno, e o jacaré morto; e ora finalmente em diversas guerras, decidindo as acções a favor d'aquelles que mais confiavam n'ella, vem de quando em quando tributar cera e azeite; sendo um dos fortes motivos e talvez o principal que o contém, e esses receios de todo desapparecerão se ella se deixar caír. O forte d'este Presidio foi situado em 1655, pelo Capitão Francisco de Novaes, a quem haviam sido dadas todas as terras de Quissama, então conquistadas, em um alto, por detrás da igreja, cuja vista é excellente para todas as partes, e até alcança a lagôa de Saba Quizua, causa das ultimas guerras com aquelle gentio, quando Commandante do Presidio o Alferes do batalhão de linha, Francisco Alves Xavier.

Hoje póde dizer-se que está quasi abandonado, ou pelo menos maltratado, sendo aliás um rico ponto de defeza, quando guarnecido; a calçada e a praça do forte achei-a com bastante capim: tem no centro uma casinha de telha, que hoje serve de arrecadação do armamento da Companhia movel, é outra de palha que serve de corpo da guarda do forte, mas em ambas chove por arruinadas. Tem cinco peças de diversos calibres, umas desmontadas e outras em carretas de pau, alem de duas de bronze, que se acham junto da casa do Commandante, que haviam sido tomadas pelo gentio na guerra mencionada, e que depois se resolveram a mandar entregar, quando ali esteve o Major Izidro.

A Feitoria nacional é um bom edificio quadrado coberto de telha, com formidavel pateo na frente, e n'elle é tambem a cadeia e a casa da guarda; acha-se porém mui arruinado, e será sensivel perder-se, quando com a reedificação d'elle, do forte e da igreja, que tendo muitas joias, podia dispor das que fossem menos necessarias, bem pouco dispenderia a Fazenda, em vista dos recursos que offerecem os outros Presidios, como seja a madeira, que tambem ali se encontra, de Massangano e Cambambe, telha, tijolo e cal de Massangano, ferragem e pregaria de Cazengo e Golungo Alto, e finalmente os pedreiros e carpinteiros dos libertos que existem n'este ultimo Districto. Estas obras porém, inclusivè a da igreja, deviam ser feitas sob fiscalisação immediata do Commandante, porque se fosse entregue a da igreja á chamada Commissão Administrativa ou antes á Commissão dilapidadora dos bens d'ella, seria uma eterna comedela. O Commandante reside em uma grande casa do Estado, de pau a pique, e coberta de palha, feita em 1843 a 1844, quando Commandante do Presidio o Alferes do Esquadrão Manuel Antonio de Brito, em frente da Feitoria.

Junto da casa da residencia vi muita madeira de construcção (espinho e silveira), e tendo ido em companhia do Commandante ao ponto em que é cortada, achei muita já derrubada em diversos logares e em grande dis-

tancia, de differentes tamanhos e grossura: os menores paus tinham cinco pés de comprido e um palmo de diametro, e os maiores de vinte e seis pés de comprido e seis palmos de diametro: tornando-se quasi impossivel, ou pelo menos difficultosissima a conducção d'elles para a residencia, não só porque muitas vezes tambem em logares alagados, em que o jacaré é frequente, em consequencia das grandes inundações do rio que chegam até os altos da Quissama, como porque os mesmos paus não offerecem commodidade para se lhe pegar, e o Commandante, homem assás trabalhador e prudente, me disse carecer de ferramentas proprias para as falquejar, e de uma pessoa entendida: de ordinario só se aproveitam para a residencia aquelles paus que os pretos podem sem grande risco arrastar. N'este passeio encontrámos diversos Quissamas, alguns dos quaes armados, mas todos nos trataram com muita reverencia e acatamento, tirando dos hombros as armas, os que as levavam, e pondo-as embocadas para o chão, emquanto passavam em nossa frente.

A estrada que do presidio sáe para a feira estabelecida no Lelo á grande distancia apenas está transitavel por cinco quartos de hora, e mesmo assim com capim que nos tocava nas mãos.

O Commandante tem proximo da residencia uma pequena plantação de algodão, por ora pouco importante, e outra de milho.

Pelo grosso e cerrado mato que cerca esta lavra, e por entre o qual passa a estrada mencionada, bem se vê que este Commandante tem sido incansavel n'este genero de serviço.

Este Presidio divide-se em oito Repartições ou Directorias, que são NGolome, Holongo, Muxacasso, Quissanga, Calombas, Sana, Caluigi e Boca do Quanza, comprehendendo oito Sobas; Caculo Casongo, com 552 fogos; Caculo Cahongo com 552; Ucusso com 281; Quenza com 110; Quiangonga com 84; Quionzo com 46; Capata com 37; e Belle com 7; todas estas Repartições e Sobas são na margem opposta ao Presidio, onde nada mais é nosso hoje que o terreno occupado pelas casas portuguezas.

O Presidio é bastante quente e arido: n'elle não vi plantações algumas alem das do Commandante, e as faltas que de tudo se queixam os moradores e o Commandante, e que eu experimentei em dois dias que ali estive, bem comprovam a esterilidade d'elle, muito mais apoiada pela indolencia de seus habitantes; todavia se queixam das alagos. A guarnição de Muxima compõe-se de uma Companhia de linha, hoje quasi regular, e de uma movel, que, como em todos os outros Presidios e Districtos, é uma perfeita guerrilha pelo seu total desarranjo, e será sempre irrisoria a sua apparencia, emquanto os Commandantes dos ditos Districtos e Presidios não derem a devida attenção a esta tropa, e ella não for fornecida de bom armamento e correame; pondo-se-lhe á testa bons instructores tirados dos Sargentos de Infanteria de linha de Loanda. Á minha chegada requisitei ao Commandante as canôas que deviam estar promptas, segundo as ordens que com prevenção lhe haviam sido dirigidas, para meu transporte a Massangano; mas foi para mim de admirar que não tivesse uma só, vendo-me na collisão de tomar o arbitrio de seguir nas em que eu havia ali chegado de Calumbo, para não estar demorado, emquanto elle Commandante as mandava pedir ao de Massangano. Tambem lhe requisitei uma escolta de nove soldados da Companhia de linha para guarda dos presos e libertos, que me foi fornecida. O archivo d'este Presidio está pouco regular, e a correspondencia mais antiga é de 1838.

Dia 22. Partimos de Muxima ás dez horas do dia, e ás tres e meia aportámos em Ambaxi, no sitio do Capitão da Companhia movel de Massangano Pedro Paulo dos Reis e Almeida, em cuja casa pernoitámos por ter principiado a chover, e haver chegado a canôa dos libertos depois das cinco. N'este sitio vi bastante plantação de farinha, feijão, milho, tabaco e algum algodão.

Dia 23. Partimos de Ambaxi ás oito da manhã; ás nove encontrámos uma ilhota habitavel; ás nove e meia passámos pela grande pedra do Holongo (margem esquerda); e ao meio dia encontrámos junto de uma quissanga, uma canôa de Carpideiras, pintadas de encarnado, branco e preto, e cobertas de muitas penas de gallinhas, saiotes de liconde, e armadas de machadinhos, etc., as quaes iam para um obito, junto do sitio em que haviamos pernoitado. Á uma hora entrámos no Muigi a NGolome, que divide os Presidios de Muxima e Massangano, o qual finda em uma grande lagoa do mesmo nome: n'elle, áquem do Muigi, ha uma rocha que tambem lhe toma o nome, que impelle a agua com tanta força, que torna aquella passagem melindrosa, e tanto que duas vezes fomos á garra com algum perigo, primeiro que a vencessemos: ás tres horas passámos por uma grande pedra branca (na margem direita) chamada dos Feiticeiros, porque o gentio costuma ali precipitar os accusados e havidos entre si como taes, sem que nada os possa livrar de similhante castigo: ahi vi tres cavallos marinhos.

Tambem fui informado que algumas vezes os mortos são comidos; mas nem todos os Quissamas comem gente.

Ás cinco horas passámos por Canzo Cassamba, sitio com pequenas casas em um oiteiro, que não offerecendo commodidade alguma, proseguimos, aportando em Maculumbi ás sete da noite, e tomando agasalho em casa de um preto muito velho chamado Caualende, por quem fomos bem tratados, lamentando toda a noite, que quasi velei por causa dos mosquitos, a sua sorte de ter perdido suas plantações com as inundações

Pouco depois chegou a canoa dos presos, que me deram parte de que a dos libertos não passaria de Canzo Cassamba. N'este sitio deu parte de prompto o soldado que ia doente.

Dia 24. Partimos de Maculumbi ás onze do dia, por havermos esperado a grande canôa que tinha ficado no sitio mencionado. Ás tres e meia passámos pelo Lola, onde vi alguma plantação de farinha, feijão, milho e tabaco, no sitio do morador de Massangano Paschoal Gomes de Carvalho: ás quatro e quarenta minutos avistámos o Presidio de Massangano pela Igreja, e logo o forte: ás seis chegámos á embocadura do Lucalla, que trazia grande enchente e corrente; e finalmente ás sete e um quarto da noite desembarcámos no porto do Presidio; pouco depois chegou a canôa dos presos, e a grande, que havia chegado já tarde no Lola, appareceu no dia seguinte depois das dez da manhã sem novidade alguma mais do que o perdimento de uma celha, em que um dos libertos querendo tirar agua na embocadura do Lucalla lhe escapou das mãos.

O rio Quanza é talvez o principal da Provincia: elle é largo bastante, mui cheio de grandes voltas; tem consideravel altura, é assás caudaloso, e nas grandes enchentes faz immensos estragos.

As suas margens são lindissimas, offerecem muita distracção, são todas cobertas de grandes plantações de farinha, tabaco, carrapateiro e palma, especialmente na da Quissama. Este rio tem bastante peixe, muitos jacarés, cavallos marinhos e peixe mulher.

O Presidio de Massangano está situado em um alto. A casa da residencia do Commandante é ridicula e está velha; por isso tratava-se de uma nova casa de pedra e cal, em um logar lindo e ainda mais alto. Junto da residencia, para o lado direito, fica o Forte, em o qual se fizeram alguns reparos mui necessarios, e se acha bem tratado, mas não em estado de defeza, poisque n'elle apenas existem algumas peças de ferro arruinadas e desmontadas; n'elle está a arrecadação das Companhias de linha e movel da guarnição do Presidio, o calabouço e a casa da guarda, e tem na frente um bonito pateo. Á esquerda d'este Forte, mas um pouco afastado, fica a Igreja de Nossa Senhora da Victoria, Padroeira do Presidio, que está arruinada, principalmente dos tectos; o Commandante mandou fazer-lhe alguns reparos, e havia vistas de se concertar, cobrindo-se de palha, segundo as ordens da Junta da Fazenda; mas ignoro a necessidade d'esta medida quando o Presidio offerece a telha, a cal, o tijolo e boas madeiras. A casa da Feitoria nacional está um pouco retirada da da residencia; é um edificio quadrado e espaçoso, hoje coberto de telha por este Commandante, e se não foram os grandes concertos que lhe mandou fazer, ella estaria por terra, como fui informado, e os objectos da Fazenda ali arrecadados, como sejam fazendas, pedras de sal, enchadas, etc., com que se paga o pret da Companhia de linha, estariam em risco dos frequentes incendios nos Districtos e Presidios; ali é tambem a cadeia e a casa da guarda respectiva.

Em frente da casa da residencia, desde a Igreja até ao logar em que se pretende fazer a nova (distante mil passos), mandou o Commandante fazer uma linda estrada plantada de arvoredo de ambos os lados, tendo sido preciso aterrar da parte do boqueirão ou barrocão da descida para o rio uma grande altura, e amura-lo com pedra e cal em mais de braça para segurança da obra.

No dia seguinte entreguei ao Commandante os presos que íam a meu cargo, e desde logo lhe requisitei, para sustento dos libertos, seis casungueis de farinha, tres de feijão, cem cacusos seccos e um quito de azeite, por se ter acabado o rancho que de Loanda havia levado, por uma viagem de quinze dias, e no qual tinha admittido tambem os dois presos como fica dito.

Tambem requisitei uma escolta de seis homens para acompanhar os libertos a Cazengo, e logoque me foi dada da Companhia de linha fiz voltar a de Muxima. Pedi igualmente os carregadores que me deviam transportar por terra ao meu destino, segundo as ordens que com antecedencia lhe haviam sido mandadas, mas o Commandante respondeu-me que, com quanto os tivesse mandado tirar logoque recebeu ordem, comtudo ainda não haviam chegado, mas que podia contar com elles por aquelles dois ou tres dias. Assim não aconteceu. N'este dia 25 houve um jantar na casa do Commandante, ao qual assistiram os principaes moradores do Presidio, que geralmente foram bem tratados. No dia 26 foram-me apresentados os objectos requisitados. No dia 27 amanheceram doentes tres libertos dos pequenos, e á tarde houve muita chuva. No dia 28 cairam doentes mais quatro, em um dos quaes deu pela primeira vez um ataque de gota pouco

duravel; a todos fiz tratar do melhor modo possivel, mandei-os ventosar, e purguei a dois: as febres porém foram um pouco renitentes, e apenas cediam ao tratamento por vinte e quatro horas; todavia não desesperei e continuei a prestar-lhe todo o meu cuidado e attenção, pondo-os em rigorosa dieta. N'este dia instei pelos carregadores, e o Commandante á minha vista despachou dois soldados para a jurisdicção dos Sobas, a quem tinham sido pedidos, e só no dia 1.° de Janeiro d'este anno appareceram, vindo preso o Soba causador da demora, a quem o Commandante mandou metter na golilha. Pouco depois me foram entregues e a escolta, e tencionei desde logo levantar cargas no dia 2, não obstante ter ainda morrinhentos tres dos libertos que haviam adoecido, e prostrados de febre dois dos meus escravos, inclusivè o cozinheiro, cuja falta nos era geralmente sensivel; não aconteceu porém assim, porque achando-me a jantar no dia 1.° em casa do Commandante, aonde tambem houve grande concurso de convidados, não pude acabar o acto por incommodado, e recolhendo-me á casa em que elle me tinha mandado aboletar, tive toda a noite grande accesso de febre, que me prostrou até á madrugada do dia 3, em que me deixou bastante abatido; e não querendo expor-me n'esse dia ao choque da tipoia, reservei a partida para o dia 4: entretanto todos nós doentes creámos mais forças.

No dia 27 pela manhã fui ver, em companhia do Commandante, do Alferes Vianna e de Pedro Rodrigues Chaves, principal morador do Presidio, por sua capacidade, o forno da cal de pedra, e as lavras de algodão do dito Commandate. A cal é muito suja, e nem tal parece, em consequencia da pedra que, quanto a meu ver, não é calcarea: o processo seguido na quebra d'ella dá grande detrimento ao preto, porque primeiro é preciso fazer grande cova para se dar com ella, e depois quebra-la a malho, e mesmo depois de cozida no forno não se dissolve sem ser novamente batida. Se não foram as obras publicas nos differentes Presidios e Districtos que se podem fazer com esta cal, diria que não vale a pena a continuação do seu fabrico. Pelas amostras que junto vão, melhor se verá a qualidade da pedra e a cal que produz.

Uma das lavras de algodão do Commandante está proxima da residencia, áquem do rio Lucalla, e postoque seja pequena em proporção da outra de que vou fallar, comtudo abrange muito espaço e está bem tratada; a maior e a mais importante está junto do forno, alem do Lucalla, a distancia de mais de hora de viagem, e póde sem exageração ter meia legua para mais em circumferencia; está mui bem tratada, a maior parte do algodão alto e bastante carregado, e promette maior colheita; pelo mato que lhe fica em redor bem se vê o trabalho a que se deu este Commandante para vencer grandes difficuldades; o seu exemplo porém ainda não moveu os habitantes do Presidio que podia ser muito mais abundante. O Alferes Vianna, Commandante da Companhia de linha, homem de genio trabalhador, nada tem feito em agricultura, porque, com quanto tenha já á sua disposição um dos melhores arimos que a Fazenda ali possue, na grande Ilha fronteira á residencia, comtudo faltam-lhe os auxilios de braços, requisitados em seus requerimentos, que á presença de V. Ex.ª levou em 26 de Outubro do anno findo, cujo resultado até hoje espera. No dia 31 de Dezembro houve no Presidio um incendio, junto da casa da residencia, seriam onze horas da noite, que foi acudido de prompto a toque de rebate pela Companhia de linha, alguns soldados moveis, todos os Officiaes e muitos moradores, e pelo Commandante com seus escravos, que tambem não duvidou expor-se á tirada da agua do rio áquella hora; seriam duas horas quando todos nos retirámos depois de bem apagado todo o fogo, que felizmente não passou da unica cubata que ardeu.

O Presidio de Massangano tem tres cabados, que são: Guengue, Zundo e Quembi, e algumas Directorias com nomeações do Commandante, segundo a necessidade, e tem treze Sobas: Ngola Quiato, com 712 fogos; Itomba, com 659: Bamba a Tungo, com 467; Guengue, com 487; Ngolome, com 281, Zumba a quizundo, com 190; Zambi a queta, com 182; Cabuto, com 181; Canhangui, com 111; Quissala, com 108; Ngola andala, com 87; Quilonguella, com 76; e Quinguanga, com 64. Este Presidio é abundante de ferro, e dizem ser de mui boa qualidade, tanto que do Golungo Alto e Cazengo se vae ali buscar por melhor, mas não se trabalha n'elle.

No dia 1 de Janeiro apresentou-se a nova Camara, decentemente vestida, com varas, e capas de lila, sobresaindo nos peitos dos Camaristas, creio que á porfia, grandes toalhas crivadas e arrendadas. Fui mui bem tratado e obsequiado por este Commandante, durante dez dias de minha estada ali; nos quaes, não só não consentiu que eu comesse fóra de sua casa, mas até fornecia peixe fresco e farinha á minha gente; finalmente nada deixou a desejar. Outro tanto tenho a confessar do Alferes Vianna, que igualmente me obsequiou quanto estava ao seu alcance.

No dia 30 tambem choveu muito.

Este Presidio é calido bastante. O archivo não está regular, e se acha a correspondencia mui truncada.

Janeiro 4, 1847.—Partimos de Massangano ás sete horas da manhã; ás onze passámos em canôa o Lucalla, no porto Quima, e almoçámos alem no sitio Caconda, de onde se perde a vista do rio; n'esta viagem vi os grandes estragos occasionados pelas aguas do Lucalla, debaixo das quaes estavam muitas lavras; levantámo-nos ás duas e chegámos a Cassualala ás quatro e meia, com chuva, que havia começado pouco antes da quatro. Ahi jantámos, e depois de passar a chuva fui examinar a olaria do Estado: achei muita telha, tijolo feito, e bem assim uma porção de louça de barro; porém o forno está entre mato desamparado, e para cozer a telha e tijolo formam uma especie de caieira em circulo, acamando os objectos com lenha, e depois atiçam-lhe fogo por dentro e por fóra: de noite tornou a chover até a madrugada do dia seguinte, e fomos bastante incommodados do mosquito.

Dia 5. Largámos de Cassualala ás seis horas e meia; ás sete e vinte minutos principiámos a subir o grande oiteiro Ngola Camana, cuja descida é dez vezes peior por ingreme; do cume se avista ao longe o Lucalla: ás oito e meia o oiteiro Cahui, e depois de os descer encontrámos alguns paus de construcção, e vigas de dezoito pés de comprido e um palmo de diametro, já cortadas e proximas da estrada; ás oito e quarenta passámos em canôa o rio Luinha, que divide os Districtos de Massangano e Cazengo, e descansámos no Ngombe. Movido do desejo, fui ver a antiga e tão fallada fabrica de ferro de Oeiras, hoje na jurisdicção de Cazengo, e nada mais existe que os pardieiros da grande obra que outr'ora ali houve, e que ainda mostram a segurança, utilidade e perfeição com que foi feita; todas quaesquer explicações que eu quizesse apresentar ou dar a V. Ex.ª não seriam bastante explicitas, por não estar habilitado para uma perfeita analyse e descripção, ao passo que V. Ex.ª as tem de pessoas entendidas, que para isso a examinaram minuciosamente.

Eram nove horas quando para lá segui; cheguei ao ponto, onde me esperava a gente, ás onze e meia, e pretendendo levantar carga ás duas, uma trovoada secca, acompanhada de forte tufão de vento, nos privou da marcha, e nos obrigou a pernoitar aqui: e a noite não foi má, apesar da pequena casa do agasalho.

A estrada em toda a jurisdicção de Massangano até este ponto está pessima, toda coberta de capim e mato, e em algumas partes quasi intransitavel, para o que muito nos valeram tambem as espadas e podões que V. Ex.ª nos havia mandado dar, para em viagem se cortar lenha para os libertos; a estrada parece nunca ter sido limpa, porque o capim e os espinhos estão tão altos e atravessam o caminho tanto que, mesmo na tipoia, que chegou toda rota, muito me incommodavam, e em algumas pequenas distancias preferi apear-me da tipoia, e acompanhar os quatro pretos que levava adiante de mim abrindo caminho.

Dia 6. Partimos do Ngombe ás quatro horas da madrugada, d'ahi a poucos passos principiámos a subir o grande oiteiro Tolola matombe, que descemos ás cinco e cinco minutos, passando por um bosque mui fechado; ás cinco e meia montámos o oiteiro Quissanguengi, ás seis e um quarto o riacho Sembi, a vau, mui cheio de pedras, e que no cacimbo costuma seccar; ás sete e trinta passámos pela pequena banza do Soba Hango, onde encontrámos muito gado de Ambaca com direcção á cidade; a poucos passos chegámos á banza do Soba Guangua, onde fiz descansar a gente que ia fatigada das repetidas subidas; ás oito e quarenta proseguimos, depois de ter sido brindado pelo Soba com um cabrito e uma quinda de fuba, que mandei dar á gente, exortando-o a que se dê com afan aos trabalhos agricolas, dos quaes lhe podem vir muitas riquezas; depois de dez minutos de marcha passámos sobre ponte de pedra o riacho Quituri; ás nove e meia o pequeno oiteiro Quizanga-quiandanda; ás dez o riacho Muingi, sobre ponte de pedra; ás dez e um quarto o riacho Tabanga, a vau, e a poucos passos chegámos á banza do Soba Ngola Pumba, onde parámos para almoçar e mesmo descansar emquanto o sol estava muito forte; ahi vi alguma plantação de farinha, e tendo conversado muito com o Soba, por occasião de me ter apresentado um cabrito e uma pouca de farinha, que igualmente reparti com a gente, queixando-se do tempo que lhe não permittia ser mais generoso comigo; eu o interrompi, agradecendo-lhe muito aquillo mesmo que me acabava de offerecer, sem lhe ser exigido, e que eu só aceitára para não o desgostar, e, quanto ao mais, que estava em suas mãos, porque a terra era muito rica e sempre prompta a repartir as suas riquezas com aquelles que d'ella as quizessem tirar; finalmente, que se elle e seus filhos se votassem á agricultura, especialmente do tabaco, algodão, arroz e café, em breve elle mesmo desconheceria o estado actual.

Era uma hora quando largámos da banza d'este Soba, postoque estivesse ameaçando trovoada, que ao longe se sentia roncar; subimos o grande oiteiro Ubeja, tendo pela di-

reita o riacho do mesmo nome; ás duas horas atravessámos a pequena banza do Soba Pumba, e o dito riacho; ás duas e um quarto tornámos a atravessa-lo, e logo em seguida a poucos passos duas vezes mais; ás duas e meia passámos pelo cemiterio; pouco antes se avista a residencia de Cazengo, e tendo atravessado mais uma vez o Ubeja (sempre sobre pontes), chegámos á residencia ás tres menos dez minutos.

Esta está situada entre ou no centro de uma corda de grandes oiteiros, com abertura para o lado da entrada, entre os quaes se distingue o mui alto Tumba de Cassaque, do qual se avistam as lagoas de Massangano, como vi em um dia que lá fomos com o Chefe e mais pessoas; gastando na subida quarenta minutos não chegámos ao cume, e já estavamos mui cansados das pernas. O Chefe reside em uma boa casa propria, bem acabada, de pau a pique, coberta de palha, mas caída; ella é situada em um pequeno oiteiro, cujo cabeço foi de proposito cortado e arrasado, formando em frente da casa uma larga praça, onde se estende o feijão e se bate o café; á esquerda d'esta casa, na mesma praça, ha duas casas tambem de palha, que servem de arrecadação de café em casca, dispensa, deposito de pedra ferrea, ferro fundido, e finalmente para tratamento dos doentes; aos lados da residencia, e bem assim na frente (a alcance de grito), ha tres oiteiros pequenos, cujos cabeços mandou tambem arrasar para estender café, tendo em cada um uma casa para ser recolhido. Em frente da residencia, na baixa (mas ao alcance da vista), ficam as casas dos seus muitos escravos e libertos, que não têem menos de quatro quartos cada uma; a estes dá os dias sabbados das semanas para trabalharem em suas lavras, e os domingos e dias santos são inteiramente guardados. Da residencia parte pela ladeira abaixo uma larga e bem feita rua de laranjeiras, limoeiros, jambeiros e fructas de conde, que vae communicar a senzalla da gente; as mesmas fructas se acham plantadas e armadas no quadrado do cemiterio, fechado de espinhos, no qual tambem vi bastantes roseiras de cheiro e perpetuas. Tem grandes lavras de mandioca, feijão e milho, algum tabaco, algodão e arroz, e grande cannavial, sendo dignos de attenção e louvor os seus trabalhos do café, cujas lavras duas vezes percorremos, atravessando-as na sua maior extensão: ellas são importantes, acham-se muito carregadas, e promettem dobrada colheita; alem d'isso tem muito café em deposito, algum em casca e outro já prompto em todo o seu sentido: d'elle apura primeira, segunda e terceira sorte, alem do refugo. É incalculavel porém o numero de pés, não só porque algum está entre mato, como porque na plantação não foi seguido o systema, em pratica no Brazil, de o alinhar; e sem duvida a rasão é porque, sendo a maior parte natural ou espontaneo em todo o districto, elle foi só plantado nos logares intermedios, sendo porém geralmente beneficiado e tratado por elle Chefe, no que muito tem trabalhado.

Á minha chegada apresentei ao Chefe os libertos, que por minha via lhe deviam ser entregues, os quaes chegaram no melhor estado possivel, á excepção de dois dos que haviam adoecido em Massangano, que chegaram febricitados pelo excesso e algum sol que tinham apanhado em viagem; um d'estes era aquelle a quem havia dado o ataque de gota, que no dia 9 lhe repetiu. N'esse mesmo dia em que cheguei vi todos os outros libertos, inclusivè os que haviam ido por terra, em seis dias, a cargo de um fulano Lima, e igualmente estavam a brincar contentes com os escravos do Chefe, porque era dia santo, e se acham bem tratados e nutridos.

No dia seguinte lhe requisitei os carregadores que deviam transportar-me a Ambaca, e me foram dados no dia 10.

Fui ver o cacau e sucupira, e achei-a com altura de mais de palmo, e bem assim as tamareiras; a iza, a canella e a gengibre branca estão ainda em viveiros, mas tudo com muito boa apparencia. Assisti com o Chefe duas vezes aos trabalhos dos ferreiros, aos quaes via dar todas as manhãs quarenta e oito arrateis de ferro, e no dia seguinte apresentarem oito barras com vinte e quatro arrateis, pouco mais ou menos; para se obter aquella quantidade de ferro era preciso dar-se-lhes o dobro em pedra ferrea. N'este serviço apenas se acham empregados quatro ferreiros, que são rendidos mensalmente pelos respectivos Sobas, e segundo as intenções do Chefe em breve se tornará regular, o que não é desde já possivel, poisque até essa pobre gente empregada em tão violento serviço nem vencimento tem, valendo muito n'este caso, para se obter alguma cousa d'elles, a consummada prudencia do Chefe, que os sabe levar e trazer contentes mesmo com algum dispendio seu.

Deixei existentes em arrecadação 263 barras de ferro quadradas, do molde antigo, e 341 dos modernos, sendo 52 das chatas, 41 das quadradas e 248 das redondas, com tres a quatro palmos de comprido e diversas grossuras: em bruto uma porção de ferro e pedra.

Junto da casa da residencia do Chefe, na baixa, tem dois grandes tanques, feitos de dois riachos, cujas correntes distrahiu, e que

por canos lhe vão regar uma bonita horta cercada de grande mato de ananazes mui saborosos; em um dos tanques tem peixe miudo por galanteria.

O systema de administração governativa n'este Districto é inteiramente singular e diverso dos demais, o que bem observei durante quatro dias que n'elle estive. Em todo o Districto não ha senão dois moradores propriamente ditos, um dos quaes é filho de Loanda, e escripturario do Chefe; o outro é europeu, e tambem seu familiar. Existe porém uma porção de homens pretos, mal vestidos e mal calçados, que se denominam pedrestes, com os quaes se serve o Chefe para algumas citações ou diligencias, quando não queira empregar empacaceiros, que n'aquelle Districto tambem estão sujeitos a carregar tipoia. O Districto não tem Escrivão nem d'elle carece, porque todas as causas e ouvidas reduzem-se a verbaes decisões, e, pagas as custas, se retiram as partes; não ha escripturação alguma judicial, e mesmo a correspondencia official do Districto é mui limitada.

O Districto não tem cabados nem soldados, e por isso os pretos estão menos sujeitos a violencias e roubos.

Finalmente, este Chefe parece antes um senhor de engenho em sua fazenda, e o julgo o mais feliz de todos, por isso que em seu Districto não existem camundelles (brancos intitulados).

Este tem dezenove Sobas, que são: Caculo Camuinza, com 2:121 fogos; NDala Tando, outr'ora de Ambaca, com 1:780; NDanda a Cavungi, com 4:901; Caboco Cahebo, com 501; Muinza a NGoma, com 490; Hoco acassambi, com 454; Cavungi Camona, com 409; Hanga a NGolome, com 369; NGola mona, com 239; Quito Quiacabaça, com 161; Guangua, com 104; Hango aquibito, com 127; Hundo a NGombe, com 97; Quilnangi quia Cavungi, com 74; NGola móna, segundo, com 67; NGola Bumba, com 44; NGola Cafuxi, com 28; Catumbo Ca Guangua, com 29; Bumba Cafuxi, com 88; e a fazenda Colonia, proprietario o mesmo Chefe, com 74 fogos.

N'este Districto ha duas minas de ferro, sendo a melhor a de Calemba, nas terras do Soba Caculo Camuinza, e a outra, a de Quibala nas do Soba Muinza a Ngoma, como se vê das amostras que esta acompanham.

O Chefe tem feito algumas tentativas e experiencias de aguardente e assucar, como as amostras que igualmente junto remetto.

As estradas em toda a jurisdicção d'este Districto por onde passei, supposto que não tenham a largura recommendada, estão limpas, e em algumas partes feitas com grande trabalho e arte, principalmente nas descidas e subidas dos grandes oiteiros, nos quaes ella é ziguezague para maior suavidade; apenas carecia de limpeza nas terras do Soba NDalla Tando, mas já d'ella havia começo. O Districto de Cazengo é assás montanhoso, e por isso frio. Durante o tempo que ali estive residi em casa do Chefe, que me tratou optimamente, e me obsequiou quanto pôde.

Dia 11. Parti de Cazengo ás dez horas da manhã; d'ahi a vinte minutos montámos o oiteiro Quivimu, em cuja descida gastámos mei hora; depois subimos o Bambamba ou Zangala eram onze e um quarto, e d'aqui voltou o Chefe e seus familiares que me haviam acompanhado: ás onze e meia chegámos á banza do Soba Caboco Cahebo; aos tres quartos depois do meio dia á do Soba Hoco; á uma hora atravessámos o riacho Muzulo, e á uma e meia chegámos á do Soba Caculo Camuinza, onde descansámos; ás duas pozemo-nos em marcha; ás quatro atravessámos o riacho Conda em Quissecula; ás quatro e meia entrámos no medonho mato de Cabonda, cuja passagem, em consequencia do espesso bosque, pouco deixa ver o sol, e depois das cinco torna-se escuro; n'elle gastámos duas horas e dez minutos, e ás oito menos um quarto chegámos á banza do NDala Tando, onde pernoitámos sem jantar por se terem atrazado as minhas cargas.

Dia 12. Parti d'esta banza ás sete da manhã por ter esperado pelas cargas, e depois de ter conversado muito com o Soba, que me offereceu dois cabritos, e a elle fiz ver as vantagens que lhe resultariam se se entregasse com affinco no cultivo do café de que abundam as suas terras: ahi vi muita plantação de farinha, milho e tabaco. A poucos passos de marcha passámos o riacho Mumbexi, ás oito o Caringa que divide o Districto de Cazengo e Ambaca; ás oito e meia o Casongolo, ás nove o Cabiocolo, e ás nove e um quarto chegámos á banza do Soba Pari amulenga onde almoçámos; ás onze proseguimos porque não fazia sol, tendo sido brindado pelo Soba com um carneiro e um pouco de feijão fresco, depois de que lhe recommendei muito a agricultura, não só porque d'ella havia de tirar grande proveito, como porque seria muito do agrado de V. Ex.ª. Ás duas horas atravessámos sobre ponte o Mucari (riacho) com trovoada formada; ás duas e trinta e cinco minutos o Camuaxi a vau, e ás tres o Capaca sobre ponte; parando d'ahi a poucos passos em casa do morador Gabriel Monteiro, nas terras do Soba NGonga muiza, onde pensei passar a noite, em consequencia da chuva que ameaçava, porém aclarando depois o horisonte pozemo-nos em

marcha: ás quatro e vinte minutos passámos o Cabongolo, d'ahi a poucos passos o Camuandua; ás cinco e vinte minutos o Quango, no encontro do riacho Camuhala; ás seis e um quarto encontrámo-nos na estrada real, e finalmente ás seis e tres quartos chegámos a Pamba, residencia do Districto de Ambaca.

Nada tenho a acrescentar ao que tenho ou já disse d'este Districto, alem da nova estrada mandada abrir a distancia de uma legua da residencia, não só para se fugir da antiga por mui tortuosa e cheia de barrocas, como por puxa-la mais ao logar em que se pretende fazer a nova casa de residencia, que ainda é superior áquelle em que anteriormente tencionava o chefe colloca-la em Camuegi: esta estrada acha-se plantada de arvoredos de ambos os lados, com intervallos de dez a dez passos.

Fui ver a obra da Igreja de S. Joaquim da Lucamba, de que já fallei em Julho do anno proximo passado, e achei-a já forrada, e coberta de palha, e se a actual Commissão das Igrejas der a devida attenção a esta tão importante obra, em breve se concluirá. Tambem fui ver o concerto feito na canôa do Porto da Lucalla, como das ordens de V. Ex.ª, e elle consiste em duas tábuas de tres a quatro palmos de comprido e um e meio de largo, pregadas exteriormente em uma das bordas da canôa com pregos, que mais proprios estavam para pregar o convez de um navio de alto bordo, o que occasionou racha-la algum tanto, mettendo por isso mais agua do que então, por não ter sido calafetada nem alcatroada. O Chefe mandou fazer duas canôas, que se acham collocadas no porto Cunha do Zenza, e outra no porto Oliveira do rio Quiongua, e pela cobrança que se percebe n'aquellas passagens, bem se vê a importancia d'este serviço, e a utilidade que d'elle resulta á Fazenda. Achei promptas a seguir para Loanda cem tábuas tendo dezeseis palmos de comprido e um e meio de largo a maior parte d'ellas; na jurisdicção, como das participações dos Cabos do Piri e Ilari, existem cento e cincoenta ditas e cem barrotes, faceadas á maneira de perna d'az do Brazil. As estradas de Ambaca conservam-se limpas, e tratava-se de se aperfeiçoar a melindrosa passagem do Quella (oiteiro) em consequencia do grande precipicio que lhe fica ao lado, e sem duvida ter-se-ha de chamar a estrada a outra direcção torneando o oiteiro.

Estive em Ambaca oito dias, nos quaes sempre choveu mais ou menos das duas da tarde em diante até ás madrugadas dos seguintes. Fui obsequiado por algumas das muitas pessoas que me visitaram durante a minha estada ali. A 19 foram-me dados os carregadores que no dia immediato ao da minha chegada havia requisitado para o meu regresso até Golungo Alto.

Dia 20. Parti de Ambaca ás oito horas da manhã acompanhado do Chefe e de alguns amigos, alguns dos quaes e o Chefe voltaram ás nove de Quibelula, em consequencia de ter principiado a choviscar. Ás dez horas e um quarto atravessámos o riacho Quango ja com chuva, e ás onze chegámos a Camuaxi onde almoçámos em casa do morador Pedro Daniel, terras do Golungo Alto, e deixando passar a chuva, proseguimos ás duas, atravessando o riacho d'este nome; ás quatro e dez minutos chegámos a Cabinda, terras do Soba NDala seia de Ambaca, onde ha uma patrulha militar com casa de agasalho em bom estado, e ahi encontrei a escolta de Ambaca que havia sido despachada no dia 8, acompanhando 1:500$000 réis, para a Junta da Fazenda (dinheiros de dizimos): ás cinco e um quarto passámos o riacho Cazondo, terras do Golungo Alto, ainda com chuva, e tomámos agasalho no sitio do negociante Joaquim José Pacheco, onde tem uma grande casa de pau a pique, coberta de palha, mas caiada, com muita fazenda, polvora e armas e diversos objectos de negocio: ahi jantámos e pernoitámos, tendo-nos tratado mui bem. Vi alguma plantação de farinha e feijão.

Dia 21. Levantámos cargas ás sete e meia, ás oito e dez minutos passámos o riacho Calura; ás nove o NGola Luigi, cuja passagem é má, e só se póde fazer a pé; ás nove e um quarto o Canaulo, e ás nove e quarenta minutos descansámos em casa do morador Lucas Pereira Bravo. Proseguimos ás dez, e ás onze chegámos a Camilungo em casa da viuva Ramos, onde almoçámos e jantámos em consequencia do muito sol; largámos d'este sitio, onde vi algumas plantações de farinha, feijão, milho, e arroz, ás quatro; e depois de quarenta minutos de marcha passámos sobre a ponte coberta de Messo Cassuco unica que encontrei em pé n'este Districto; e ás cinco chegámos á Aldeia nova, residencia do Golungo Alto. Nada encontrei novo que mereça especial menção: as obras da residencia continuam a complicar-se: o telheiro da ferraria, sendo aliás uma obra importantissima, apenas tem feitos os pilares, e por conseguinte parados os trabalhos do ferro n'esse Districto ha muitos mezes, quando provisoriamente se podia levantar um telheiro para isso. N'esse Districto estive quatro dias, e sempre bem tratado pelo Chefe, e não menos pelos amigos ambaquenses que me haviam acompanhado, e tendo-me sido apresentados no dia 25 os carregadores

para o meu transporte ao Zenza, preparei-me desde logo para seguir no seguinte.

Ha n'este Districto duas minas de ferro: uma em Calunga Camgombe e outra em Bango Bambo; uma de salitre junto da residencia; uma de petroleo em Cauaule, e outra de caparosa em Mussengue.

Dia 26. Larguei a Aldeia Nova ás dez horas do dia, acompanhado do Chefe e de Miguel Ladislau Baima (tendo d'aqui voltado os amigos de Ambaca que me haviam acompanhado): á uma e quarenta minutos chegámos a Caxilo, onde jantámos em casa do Capitão da Companhia Movel Manuel Pereira Bravo (homem septuagenario), e deixando passar toda a força do sol, proseguimos ás cinco; e ás seis e um quarto chegámos a Trombeta, onde pernoitámos em casa do Segundo Tenente Victor dos Santos Maia, Commandante da Divisão d'este nome, por nomeação do Governo, mas sem diploma: ahi achei ter ardido a casa de hospedagem, que este Commandante havia mandado ultimamente fazer, e dentro d'ella uma porção de tabuado do Estado, que se não pôde salvar: tambem achei em deposito uma porção de pedra ferrea, como da amostra junta.

Dia 27. Amanheceu nebrinando muito, ou antes choviscando até depois das nove, e tendo-se desenvolvido sol de queimar, só nos podémos pôr em marcha ás duas da tarde, regressando d'aqui para a residencia o Chefe e o Baima: ás duas e quarenta minutos passámos pelo pequeno fundo (poizo) de pretos Quissanda: ás quatro no de Quimbamba, e ás cinco e tres quartos chegámos a Muria, onde corre um rio do mesmo nome, de excellente agua, que passámos a vau, por não estar ainda feita a ponte de que ha muito se falla: encontrei no mesmo logar em que se achavam em Agosto do anno passado, quando por ali passei, expostas ao tempo, as madeiras cortadas para essa obra, que quanto a meu ver são fracas e poucas: ahi pernoitámos na casa do Estado, que está toda arruinada, e cheia de buracos e ratos, que muito incommodam. Supponho que ha vistas de se fazer nova casa, porque n'ella achei recolhida uma porção de adobe, que o Cabo da patrulha me disse ser para isso. Muito é de desejar que uma obra de tanta utilidade e necessidade não fique em projectos. A noite foi para mim má, em consequencia de ter tido grande febre e fortes puxos.

Levantámos cargas ás oito, por o não ter podido fazer antes: ás dez e vinte minutos chegámos a Calolo, onde almoçámos na casa do Estado, que se acha no mesmo ponto de ruina; n'ella tambem achei grande porção de adobe, que se me disse ser para uma nova. N'este sitio sente-se já falta de agua; proseguimos ás duas; ás quatro e um quarto chegámos ao riacho Xixi que divide os Districtos do Golungo Alto e do Zenza; e ás cinco e meia a Canzelengo ou Muchau, onde jantámos e pernoitámos na casa do Estado, que tambem já carece de grande reparo ou reforma: aqui sente-se igualmente falta de agua, que tanto n'este como n'aquelle fundo se vão buscar a grande distancia.

Dia 29. Levantámos cargas ás seis da manhã; depois de meia hora passámos o riacho Mungolo a vau, junto do qual ha um pequeno poizo de pretos: ás oito e quarenta minutos chegámos á grande feira de Calumguembo, onde ha um Cabo de nomeação do Governo: desde logo officiei ao Chefe do Zenza para me fornecer os carregadores que deviam render os do Golungo, os quaes não tendo encontrado aqui os da muda (segundo o costume), fugiram, depois de terem almoçado, não obstante o bom tratamento que eu sempre lhes dou: dei por esta falta ao levantar cargas, ficando assás embaraçado. Requisitei ao Cabo interino que ali encontrei (por ter sido chamado a residencia o effectivo) que me apenasse gente que me fosse pôr em Tenda riaxico, ou pelo menos em Calucalla, onde o Chefe devia ter no dia seguinte os carregadores para meu transporte ao Icolo e Bengo; assim se fez, e tendo-me posto em marcha ás tres, tive de chegar a Calucalla ás sete e vinte minutos da noite, fazendo metade da viagem a pé com intervallos, poisque os quatro de reserva a tipoia em caminho fugiram, ficando unicamente os dois que a traziam, que a cada passo fingiam não poder comigo: ahi jantei, e passei a noite, que para mim foi má por incommodado.

Dia 30. Na madrugada d'este dia me appareceu o Cabo de Calumguembo com parte dos carregadores por mim requisitados, para o meu transporte a Tenda riaxico, onde devia receber os outros do respectivo Cabo: ás oito puz-me em marcha, deixando ficar aqui parte das minhas cargas, para depois as mandar buscar á ponte do rio Calucala; é excellente, tem de comprido trinta e cinco braças; duas e meia de largura, e outras tantas de altura, mais ou menos: esta obra me parece bem acabada, e duradoura por ter sido feita com boas e grossas madeiras de silveira e espinho. Junto d'ella está uma cubata de pau a pique, com patrulha, para hospedagem; e louvores sejam dados não só ao Chefe do Districto, como ao Director d'esta obra de tanta utilidade publica, o Cabo de Calumguembo João Gomes de Lima: depois de concluida a obra da ponte cobrou-se um pequeno imposto pela passagem, supponho que para resarcir a des-

peza feita com os trabalhadores, e o resto ficou á disposição da Junta da Fazenda, sob arrecadação do Chefe: hoje a passagem é livre; ás nove e meia chegámos a Tenda riaxico, onde existe um Cabo de nomeação do Governo, sob denominação de Chocolo e Damgiandamba; ali encontrei o Chefe e o morador Joaquim Feltro de Andrade. Dissertámos muito sobre as estradas que n'este Districto achei sujas, em consequencia de ter toda a gente distrahida em bonguear o rio, que tinha feito grandes estragos, sobre a ponte, sobre o corte de madeiras, e finalmente sobre a agricultura, e e os alagos: foram-me apresentados os carregadores que deviam ir buscar as minhas cargas em Calucalla, e voltaram já ao sol posto: ás cinco poz-se em marcha para a residencia do Chefe, depois de termos jantado, para acudir a diversos serviços do fim do mez: a noite foi para mim menos má. N'este sitio sente-se grande falta de agua, que se vae buscar longe.

Dia 31. Levantámos cargas ás seis e meia; ás sete e meia passámos o riacho Lucalla; ás oito e tres quartos o Camuginha, que divide os Districtos do Zenza e do Icolo; ás dez chegámos a Quicanga, onde almoçámos na casa do Estado, que está arruinadissima: n'este sitio ainda se sente maior falta de agua, e só a encontram no rio Zenza a grande distancia: proseguimos ás quatro; ás seis e dez passámos pela estrada de Ndalla Ngolle, hoje alagada com agua aos joelhos dos carregadores, em cuja passagem se desenvolveu grande praga de mosquitos. Era facil, e talvez conveniente, aperfeiçoar um trilho que fica á direita saindo da Cidade, porque occasiões haverá em que esta passagem se torna de muito incommodo, ao passo que os alagos não chegam ao dito trilho, pelo qual já passei por igual motivo em Junho do anno proximo passado. Ás sete e um quarto chegámos a Camutamba; este sitio achei-o, e quasi constantemente é alagado pelo rio Zenza, e hoje com maior rasão porque houveram grandes chuvas: n'esta passagem a rede da tipoia tocava na agua, e os mosquitos foram ainda mais impertinentes até chegar a Tenda bondo ás oito e dez da noite que passei em casa de D. Magdalena, bastante incommodado pelo muito mosquito, assás insupportavel; ahi vi na madrugada do dia seguinte alguma plantação de farinha e milho.

Fevereiro 1. Levantei da Tandabondo ás seis da manhã; depois de tres quartos de marcha passámos pelo Ganzo (poizo com casas particulares): ás sete e um quarto por Mabuco (igualmente poizo): ás oito pela ponte de Cabaia, d'onde começa a estar limpa a estrada do Icolo e Bengo: ás nove chegámos ao Foto, grande poizo com pequenos casebres e feira: e aos tres quartos depois a Quilunda, onde tomei agasalho em casa do Napolitano Biaco Cuca, que me tratou bem: não me apresentei logo como devia, porque o meu babú se havia atrasado, e pretendendo faze-lo de tarde fomos surprehendidos pelo Chefe com quem me desculpei: fiz-lhe ver a necessidade que tinha de carregadores para renda dos do Zenza; porém tendo-me elle respondido que os não tinha promptos, e que passava já a manda-los tirar, podendo contar com elles no dia 3, agradeci-lhe muito, fazendo-lhe ver que não podia demorar-me tanto, mesmo porque me achava incommodado, e então tratei de convidar os do Zenza para me pôrem na Cidade, ao que felizmente annuiram com pequena difficuldade: a noite não só foi má em consequencia do meu incommodo, mas ainda augmentado pela praga de mosquitos, que com admiração se introduziram no pavilhão ou mosquiteiro.

Dia 2. Larguei da Quilunda ás seis da manhã, e chegámos á Funda ás sete e meia: passei alem do rio a inspeccionar os meus arimos, e regressei depois das dez; ahi vi um grande jacaré agarrar um porco que ía beber, e apesar de lhe termos atirado não largou a presa: ás duas e meia levantámos cargas; pouco depois das tres passámos por Quixiquellela, divisão dos Districtos do Icolo e Barra do Bengo, até onde observei estar limpa a estrada d'aquelle Districto: ás cinco e tres quartos chegámos a Quifandongo, onde esperei pelas minhas cargas, e logoque appareceram fi-las seguir em direitura para o Caquaco, e eu para a Barra do Bengo ás seis e meia, onde cheguei ás sete e um quarto da noite; requisitei-lhe dois carregadores de tipoia para ajudarem os que já trazia mui cansados, e promptamente m'os forneceu: larguei da Barra ás dez já com lua, cheguei a Caquaco ás onze; puz em movimento as minhas cargas, e proseguindo ás onze e meia, passei pela patrulha Teba, fim da jurisdicção d'este Districto, á uma hora: á uma e um quarto cheguei ao Alto da Boa Vista, vulgarmente Gaspar, e finalmente ás tres menos um quarto á minha casa em Loanda.

As estradas do Districto da Barra do Bengo estão limpas, e nos logares alagados pelas grandes chuvas, na que sáe de Quifangondo para a Barra, está bem aterrada com pedra e areia, e com altura tal que a agua estagnada dos lados lhe não chega.

Loanda, 6 de Fevereiro de 1847.

M. A. de Castro Francina.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

VIAGEM DE ANGOLA Á CONTRA COSTA

ESCRIPTA PELO

SR ANTONIO FRANCISCO FERREIRA DA SILVA PORTO.

(Continuado de pag. 316. = Conclusão).

21 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo na margem direita do rio Lómupa, logar povoado. Terreno montanhoso e fertil, com falta de agua no seu transito, matos fechados; leguas andadas dez, rumo de norte. Cessa n'esta paragem o dominio do Soba Lóhungue.

O POVO XÁUE.

Este povo do dominio do Soba Lóhungue, situado como existe pelas vertentes dos dois rios, Ohianja e Lómupa, ajuntando-se o terreno por onde transitámos e suas immediações, se póde reputar uma tribu forte; no entretanto elles seguem o mesmo systema do povo ganguella, que quando se acham acossados do poder inimigo, e que reconhecem os direitos do primitivo Senhor do paiz, recolhendo-se á sua povoação, em cessando a cruz originaria d'este incidente, tornam-se rebeldes, dizendo ser independentes: o seu dialecto differe do geral do gentio, usam arcos e flexas, e tambem algumas armas reunas; mas estas de pouco uso para elles, poisque mui pouca importancia lhes dão. As unicas creações que possuem, são cabras e gallinhas; os mesmos animaes silvestres, mui poucos notámos por estas paragens, o que é de attribuir á sua grande população. As suas searas são grandes, e n'ellas fazem toda a plantação de grãos, bem como cultivam a mandioca em grande abundancia. O seu trajo é fazenda, usando tambem grandes buracos nos labios, á imitação do povo de alem do rio Nhianja, onde introduzem as rodelas de cabaça, e á excepção do sexo feminino; o masculino tambem usa os mesmos talhes pelo corpo.

22 Continuámos a viagem, passámos o rio Lómupa em uma cachoeira, de dezeseis braças de largo, e o rio Lofumáje a vau, de doze braças de largo; vão desaguar no rio Cussamgai. Proseguimos a marcha, e fomos fazer quilombo proximo á libata grande do Soba Mapemba. Caminho plano, agua os dois rios que passámos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte. Tem principio n'esta paragem o dominio do Soba Mapemba.

23 Fui visitar o Soba Mapemba, ao qual expuz os motivos da minha viagem, e em consequencia da noticia que tinha obtido na margem opposta do rio Lómupa, relativamente á sua comitiva, me animava a pedir-lhe para que a minha gente se aggregasse á d'elle, formando uma unica comitiva até o logar do seu destino. Elle me respondeu que era verdade achar-se a sua gente prompta a seguir viagem, que não haveria pois obstaculo á minha pretenção, e logo que se approximasse o dia, com antecipação teria de me prevenir. Depois de haver dirigido os meus agradecimentos ao Soba, me despedi d'elle retirando-me ao quilombo.

24 Depois de haver gratificado os guias do Soba Hamatupa, os despedi para regressarem á sua povoação.

25 Falha para se esperar a comitiva do Soba.

26 Fui presenteado pelo Soba Mapemba com abundancia do mantimento, duas cabras e doze gallinhas, mandando-me dizer que era supprimento para a minha viagem. Mandei dar os meus agradecimentos ao Soba, e que seria reconhecido aos seus obsequios.

27 A libata do Soba Mapemba póde-se chamar grande na accepção da palavra, não só em relação á categoria do seu chefe como tambem em harmonia com o seu fabrico; ao entrar-se n'esta povoação do dominio selvagem, dir-se-ia o seu chefe um potentado poderoso avassallado. Existe a habitação do Soba

no centro da povoação, uma casa que serve de morada, na frente e dividida em duas, tendo no seu maior comprimento, cincoenta pés, e vinte e cinco em quadro cada casa. Seguem-se as mais casas das suas mulheres, em um espaço quadrado com um forte muro que as circunda, em circuito, occupando não pequeno espaço, as casas dos seus aggregados ou escravos; poisque os primeiros poucos serão; segundo muro a circumda-las é o que põe remate á obra. Com excepção da libata grande, existem outras povoações a pequena distancia umas das outras, não influindo em nada no caracter dos seus habitantes aquelle refinado instincto de maldade, que se dá geralmente nas raças do interior.

28 Falha para se esperar a comitiva do Soba.

29 Falha pelo mesmo motivo.

30 Falha pelo mesmo motivo.

1.º de Julho. Falha pelo mesmo motivo.

2 Falha pelo mesmo motivo.

3 Falha pelo mesmo motivo.

4 Falha pelo mesmo motivo.

5 Falha pelo mesmo motivo.

6 Recebi ordem do Soba Mapemba, para que me achasse prompto para a viagem, pois que no dia seguinte seria a vespera da partida.

7 Fui dirigir as minhas despedidas ao Soba Mapemba, e entregar-lhe, para ficar na sua povoação, um dos pretos feridos no combate do Soba Guáxi, poisque o outro já se achava restabelecido. Elle, annuindo ao meu pedido relativamente ao preto, me respondeu que nada absolutamente havia feito para os merecer, e que tendo dado as suas ordens ao seu encarregado para o desempenho dos seus deveres, appetecia uma prospera viagem. Fiz-lhe a competente venia, e em seguida me retirei ao quilombo.

8 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em despovoado, logar denominado Callondéra. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de norte.

9 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Bissongue. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

10 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Hamacutto. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

11 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Hibimbe. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

12 Continuámos a viagem; e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Cenje. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de norte.

13 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Hamutulla. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de norte.

14 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Bóue. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

15 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Hungallanga. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

Cessa n'esta paragem o dominio do Soba Mapemba.

O POVO HEIÁU.

Este povo, do dominio do Soba Mapemba, em nada differe dos povos do dominio de Loanda; quem tiver viajado por aquelles Districtos e Presidios, terá uma perfeita idéa do caracter e habitos do povo da nação Heiáu.

O seu dialecto imita o da tribu visinha, e differe do geral do gentio; usam tambem as mesmas armas que os povos antecedentes, dando algum valor ás reunas, poisque conhecem o seu verdadeiro uso. O sexo feminino tem de costume furar o labio superior, em cujo buraco introduzem a rodela de cabaça e nada mais. O sexo masculino conserva o seu estado primitivo sem distinctivo algum. As suas lavouras são grandes, e n'ellas cultivam toda a qualidade de grãos, inclusivè a mandioca em abundancia. As suas creações são cabras e gallinhas; e as mesmas circumstancias que se dão nas tribus visinhas, relativamente a animaes silvestres, é verificada tambem por estas paragens.

16 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Guellengue. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte. Tem principio n'esta paragem o territorio do povo de nação Macúa ou Bámacúa; lado do norte.

17 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo nas povoações do Soba Lumbungo. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de norte. Cessa n'esta paragem o

territorio do povo da nação Macúa, lado do norte.

O POVO MACÚA

Esta tribu é numerosa e feroz; o seu territorio estende-se para leste, e geralmente infunde o mesmo terror por estas paragens, ou mais ainda, que o povo Baillúndo para o occidente. Usam armas reunas em grande escala, e as naturaes, arcos e flexas. O seu dialecto differe do geral do gentio, bem como usam trajar fazenda, sendo geral no sexo masculino uma especie de quadro no meio da testa, feito a agulha; o sexo feminino tambem usa os mesmos buracos nos labios, que as tribus antecedentes; mas o do labio inferior é muito menor, introduzindo n'elle alguns fios de missangas, que andam suspensos do labio e presos pela parte de dentro da bôca. Tambem são dados á agricultura em todo o seu vigor, fazendo toda a plantação de grãos e mandioca, tudo em grande abundancia. As unicas creações que possuem são cabras e gallinhas; mas já se encontra por estas paragens differentes qualidades de caça.

18 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo em logar despovoado, denominado Iliba Iionhuima. Caminho plano, abundante de riachos, matos fechados, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte.

19 Continuámos a viagem, e fomos fazer quilombo na margem direita do rio Lofúma, logar despovoado. Caminho plano, sem agua no seu transito, matos de espinheiro, terreno agreste, leguas andadas dez, rumo de norte.

20 Continuámos a viagem, pela margem direita do rio Lofúma, e na mesma, logar povoado, construimos o quilombo. Caminho plano, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de leste. Tem principio n'esta paragem o territorio do povo Macônde ou Bámacônde.

21 Continuámos a viagem, pela margem direita do rio Lofúma, e na mesma, em logar povoado, construimos o quilombo. Caminho plano, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Logoque chegámos ao quilombo, a gente da comitiva se espalhou pelas immediações do rio Lofúma a caçar, tendo a fortuna de matar dois bois silvestres; o que de grande utilidade nos foi, em consequencia de nos acharmos reduzidos aos ultimos apuros em artigo d'esta natureza.

22 Falha para se ir em transporte da carne, e logoque esta chegou ao quilombo, foi cedido um boi á gente do Soba Mapemba, acudindo tambem o povo da terra com mantimento a troco de carne.

23 Continuámos a viagem, pela margem direita do rio Lofúma, passámos este rio a vau, de uma milha de largo, e vae desaguar no mar, dirigindo o seu curso pela terra de Mequindâne. Proseguimos a marcha, e na sua margem esquerda, em logar povoado, construimos o quilombo. Caminho plano, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. O rio Lofúma offerece passagem a vau n'este tempo de verão; na estação do inverno passagem em canoas.

24 Falha n'esta paragem, para se comprar mantimento, chegando tambem ao logar uma comitiva do povo Lagoânna, com destino ao centro. De noite fugiu um preto da comitiva.

25 Continuámos a viagem pela margem esquerda do rio Lofúma, e na mesma, em logar despovoado, construimos o quilombo. Caminho plano, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

26 Continuámos a viagem pela margem esquerda do rio Lofúma, e na mesma, em logar despovoado, construimos o quilombo. Caminho plano, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste.

27 Continuámos a viagem pela margem do rio Lofúma, e na mesma, em logar despovoado, construimos o quilombo. Caminho plano, matos de espinheiro, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de leste. Chegou hoje a esta paragem, com destino para o centro, uma comitiva de povo Longoânna. Fugiu hoje mais um preto da comitiva. Não obstante notar terreno fertil por estas paragens, isto limita-se ás vertentes do rio, onde os seus habitadores existem domiciliados pelo centro das suas searas. Pelas suas immediações o terreno é em geral esteril, de uma areia solta e mui fina.

28 Continuámos a viagem pela margem esquerda do rio Lofúma, largámos este rio, e proseguimos a marcha por um grande bosque; no mesmo, e em logar despovoado, construimos o quilombo. Caminho plano e continuamente pelo bosque, sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas dez, rumo de norte e leste.

29 Continuámos a viagem pelo bosque, e no mesmo em logar despovoado, construimos o quilombo. Caminho plano e continuamente pelo bosque, sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas doze, rumo de norte. Cessa por estas paragens o territorio da tribu Maconde.

O POVO MACONDE.

O dialecto d'este povo differe do geral do gentio, dada a circumstancia de selvagens;

andam á discrição do tempo, e á mercê dos elementos. Elles, não obstante a sua posição territorial, existem muito áquem de um estado mais ou menos domado, que em grande escala é característico na maior parte da população central. Ao primeiro aspecto dir-se-ha que são mais feras que creaturas humanas!! Como fica dito, as suas casas são construidas em meio das suas searas, e só depois que o viajante se approxima do local, é que vem no conhecimento de que existe em povoado, poisque as immediações são fechadas por espesso arvoredo, onde a custo se póde penetrar; isto nas vertentes do rio Lofúma, e em seguida pelo bosque. Este não differe das immediações de Loanda ou Benguella, onde se encontra toda a casta de arvoredo, de todas as dimensões e optimas qualidades. Usam arcos e flexas, e nada mais; tambem seguem o costume de furar ambos os labios: no superior introduzem a rodela de cabaça, com proporção do buraco; no inferior, um buraco menor, onde introduzem um pedaço de pau ou canna. Seguem tambem o costume de fazer talhos e bordaduras differentes pelo corpo; os primeiros com faca, estes ultimos com agulha, limitando-se a estes dois artigos toda a sua sciencia. O trajo de ambos os sexos limita-se a isto: um retalho de fazenda, servindo de cinta ao sexo feminino, um retalho da mesma, que terá quando muito um palmo, a tapar-lhes as partes; e se tem filhos, estes andam dos lados direito ou esquerdo das mães, envoltos em uma pelle atada por cima do hombro, e presa pela barriga; e d'esta sorte fazem todo o trabalho caseiro. (No occidente trazem-nos ás costas, e n'esta postura fazem o seu trabalho usual.) O sexo masculino usa um pequeno saco de fazenda onde mette as partes, e nada mais. É este o trajar de ambos os sexos, se tal titulo lhes cabe, e isto nas immediações da beira-mar! No bosque não habitam nos logares da agua; esta é transportada para as suas povoações na distancia de seis a doze milhas: julgo ser esta circumstancia attribuida á inundação na estação do inverno, e então para se subtrahirem a ella escolheram as paragens de mais alguma elevação. As suas searas são pequenas, mas toda a qualidade de grãos, inclusivè a mandioca, é por elles cultivada. Tambem cultivam a canna do assucar; ananazes, bananeiras e romeiras abundam em quantidade por estes bosques. As unicas creações que possuem são gallinhas, tendo de costume fazer armadilhas por todas as paragens do bosque, para caça miuda, no que é abundante. Agora a grande é caçada nas paragens onde ella existe pelos seus habitadores,

30 Continuámos a viagem pelo bosque, largámos este e principiámos a descer uma cordilheira, que forma o terceiro ponto culminante d'estas paragens; desembocámos nas povoações do povo Longoânna, e proseguimos a marcha pelas suas searas; fomos pernoitar em outras povoações do mesmo povo. Caminho plano com excepção da montanha, sem agua no seu transito, leguas andadas doze, rumo de norte.

31 Continuámos a viagem, e fomos pernoitar nas povoações do povo Longoânna, sitio Moxâmba. Caminho plano, sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas sete, rumo de norte.

1.º de Agosto. Continuámos a viagem, e fomos pernoitar nas povoações do povo Longoânna, sitio Mungándo ou Miquindâne. Caminho plano, sem agua no seu transito, terreno fertil, leguas andadas seis, rumo de norte. Primeira paragem da beira-mar aonde chegámos.

2 Falha n'este sitio para descansarmos da nossa longa viagem.

3 Falha, fomos presenteados pelo Chefe da povoação com dois saccos de massa e algum peixe.

4 Falha pelo mesmo motivo acima notado.

5 Falha pelo mesmo motivo.

6 Pelas duas horas da tarde, fui a outra povoação onde se achava a gente do Soba Mapemba, e depois de ter dirigido os meus agradecimentos ao Chefe da mesma, bem como as minhas despedidas, me retirei á povoação onde me achava alojado, aguardando o dia seguinte para proseguirmos a viagem.

7 Continuámos a viagem pela beira-mar, e fomos pernoitar no sitio Ximbúa.

8 Continuámos a viagem pela beira-mar, e fomos pernoitar em povoações situadas na margem esquerda do rio Lofúma. Estas marchas, depois que as principiámos pela beira-mar, têem sido feitas desde o romper da alva até ao meio dia, com differença de mais ou menos hora, e segundo o local onde se offerece agua para cozinhar. Logoque se acabava de jantar, continuava-se a marcha até ás seis ou sete horas da tarde, decidindo a mesma para mais ou menos tempo, segundo o local da povoação.

9 Passámos o rio Lofúma em canoas, e fomos pernoitar no sitio Xionga. Não obstante n'esta paragem ser a desembocadura do rio Lofúma para o mar, ella apresenta de largura de margem a margem a mesma milha que lhe dei quando o passámos no interior, no dia 23 de Julho. Necessariamente na estação do inverno n'esta paragem deverá ter o dobro, pelo que mostra na extensão do terreno.

10 Falha n'esta paragem, e n'ella fomos

obsequiados com mantimento offerecido pelo Chefe da mesma.

11 Continuámos a viagem, pela beira-mar, e fomos pernoitar no sitio Rienguér.

12 Continuámos a viagem pela beira-mar, e fomos pernoitar em uma povoação de mouros.

13 Continuámos a viagem pela beira-mar, e fomos pernoitar em uma povoação de mouros. Apanhámos uma grande pancada de chuva em meio caminho, e com ella chegámos ás povoações. Isto significa que o inverno para estas paragens principia mais cedo que não para o occidente.

14 Falha n'esta paragem.

15 Continuámos a viagem pela beira-mar; passámos em uma lancha uma enseada, para evitarmos derrota maior por terra, e fomos pernoitar na povoação de uma senhora moura.

16 Falha n'esta paragem, e n'ella fomos obsequiados com mantimentos offerecidos pela dona da povoação.

17 Falha n'esta paragem.

18 Falha n'esta paragem.

19 Falha n'esta paragem.

20 Continuámos a viagem em um pangaio que a mesma senhora nos offereceu ate ao Ibo.

21 Derrota no mar.

22 Derrota no mar.

23 Desembarcámos no Ibo, e n'esta terra estivemos á espera de outro pangaio que se achava a carregar de mantimento para Moçambique.

24 De ordem de S. S.ª o Sr. Governador recebemos abundancia de mantimentos, e algum dinheiro para nossa subsistencia.

25 Falha para se esperar o pangaio que se achava a carregar de mantimento para Moçambique, e que tinha de nos conduzir de ordem de S. S.ª

26 Falha pelo mesmo motivo.

27 Falha pelo mesmo motivo.

28 Falha pelo mesmo motivo.

29 Falha pelo mesmo motivo.

30 Falha pelo mesmo motivo.

31 Embarcámos no pangaio para Moçambique.

1.º de Setembro. Derrota no mar.

2 Derrota no mar.

3 Derrota no mar.

4 Derrota no mar.

5 Derrota no mar.

6 Derrota no mar.

7 Derrota no mar.

8 Chegámos ao logar da nossa promissão, a bom porto de salvamento.

CHEGADA.

Nada mais appetecivel ao naufrago que ver o seu destino transformado á vista de um ente que lhe estende uma mão benefica, fazendo as vezes de uma segunda Providencia. Dado o mesmo incidente, se bem que por differente forma, á nossa pequena comitiva, julgavamos um sonho, e não realidade, ao cabo de um anno de uma penosa e longa viagem, ver arvorado o pavilhão portuguez na terra onde a Divina Providencia nos havia conduzido, e onde outr'ora tão famoso se tornou o seu nome! Nós o estavamos vendo, mas não o acreditavamos!

RECEPÇÃO.

Logoque desembarcámos fomos conduzidos a palacio, que fica contiguo ao cáes, subindo o nosso encarregado á Secretaria a fazer entrega dos Officios a S. Ex.ª A entrevista foi de cinco horas, no fim de cujo espaço, acompanhados de um Official Subalterno, fomos conduzidos a uma casa onde fomos hospedados. O alimento necessario á vida, utensilios necessarios de cozinha, e mais alguns objectos de serviço, tudo nos foi dado no dia em que chegámos e no immediato; e passados mais alguns dias, recebemos pannos de vestir, inclusivè o encarregado da comitiva.

MOÇAMBIQUE.

Depois que desembarcámos nas povoações do povo Longoânno ou Balongoânna até á segunda povoação de mouros, que é onde se limita o seu territorio, nada absolutamente divisámos digno de menção. A mesma construcção de casas que se observa no occidente, isto é, no interior, é a mesma que se nota pela jurisdicção d'este povo; possuem tambem grandes searas onde cultivam toda a qualidade de grãos. O trajar d'esta raça é de maior valor, segundo a classe das pessoas: uma trunfa na cabeça, uma camisola que lhes chega até aos calcanhares, e uma manta de cinco a seis covados que trazem a tiracollo se o tempo é bom; e que lhes serve de cobertura se elle é frio. Os escravos trajam da mesma sorte, mas é fazenda ordinaria. No Ibo ou Ivo, duas fortalezas, uma igreja, palacio do Governo, casa da Alfandega, construcção de pedra e cal e sotéa, sendo a maior parte terreo e poucas de primeiro andar, existindo em construcção agora algumas d'esta ultima ordem. Do lado do norte existem ainda bastantes casas de pau a pique situadas entre ruas de coqueiros, apresentando esta terra do dominio das Sagradas Quinas uma vista pittoresca. Vamos á Capital. Uma grande fortaleza possue esta Cidade com uma grande cisterna no seu centro, tudo de pedra de cantaria; alem d'esta grande fortaleza, existem mais dois fortes, um situado no meio do

mar, ao sul da Cidade, estando o segundo na mesma direcção no logar denominado Ponta. Palacio do Governo, casa da Alfandega, Casa da Junta, Arsenal, um grande Hospital, mas o tratamento que n'elle se dá aos doentes não existe em harmonia com a grandeza do edificio, tres Igrejas, um cemiterio para pessoas de distincção e outro para mediocres.

Todos estes edificios, e bem assim as casas dos particulares, tudo é de sotéa e primeiro andar; não se perdendo n'esta terra uma gota de agua de chuva, tendo todas as casas cisternas onde ella se recolhe, e para este effeito conductores a saír dos terraços, pelos quaes segue até ao deposito, sendo ella do uso diario da população. Vista pois esta Cidade da parte do mar, na distancia de cinco milhas, a sua perspectiva é magestosa, poisque todos os edificios, caídos como existem, a fazem sobresaír altiva no meio do Oceano. O seu territorio, calculo approximado, tem seguras seis milhas de leste ao oeste, e tres milhas de norte a sul; tendo, tambem calculo approximado, duas mil almas de todas as cores. Na estrada que conduz da Cidade ao logar denominado Ponta, é tudo plantado de içandeiras, que mostram alguma antiguidade, e o aceio que se conserva por toda ella em geral, bem como a moderna plantação d'este arvoredo, deve de contribuir em grande escala para a sua salubridade. Não se nota n'esta Cidade aquella animação de commercio, entradas e saídas continuadas de comitivas do interior, importando e exportando toda a qualidade de generos, que se dá na capital de Angola e Cidade de Benguella; isto em consequencia da sua posição geographica; mas as terras da sua jurisdicção supprem essa falta, onde se verifica a mesma concorrencia de commercio do interior, podendo sem exageração alguma rivalisar com as duas praças acima.

Dois mezes e meio depois da nossa chegada.—O encarregado da comitiva teve ordem de se separar de nós, isto com bastante magoa sua; ignorâmos os precedentes que motivaram similhante medida, comtudo temos a convicção de que não se deu circumstancia alguma de causa a motiva-la. Forçoso pois era submetter á ordem de S. Ex.ª Foi-lhe dado o mantimento necessario para a viagem, e embarcado em um pangaio seguiu para a sua terra, dizendo-lhe á despedida que, logoque se lhe offerecesse occasião, teria de seguir para o Bihe a fazer a sua apresentação. (Tenho a certeza de que o fará, poisque tem vencido um premio dado por mim, visto achar-se concluida esta viagem.) Á imitação de prisioneiros, fomos divididos no trabalho do Estado; os mais aptos para as lanchas, conduzindo comestiveis e agua para bordo dos navios e forte situado no meio do mar. Os nossos companheiros, que se não davam com similhante modo de vida, eram empregados na conducção de pedra e cal, recebendo cada um semanalmente 10 muçurrucos, salvo erro; e, tambem salvo erro, o valor de 400 réis. Isto á excepção da ração diaria, de milho ou massa, que recebiamos, sendo applicado o mesmo dinheiro para a nossa subsistencia alimenticia; arroz, peixe e feijão, sendo-nos dado tambem com similhante clausula.

Dez mezes mais.—Chegou a fragata *D. Fernando*; recebemos pois ordem de embarcar. A nossa ambição limitava-se a este passo; verificado elle, cumpridos se achavam os nossos desejos. O melhor tratamento possivel e unico depois que nos conhecemos, o recebemos a bordo d'este navio, e com prospera viagem chegámos á cidade de S. Felippe de Benguella. Feliz pois seja elle, o seu digno Commandante e até a mais simples pessoa de seu bordo.

Bihé, 11 de Abril de 1856.=*Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto.*

ANGOLA.

CAZENGO.

Descripção d'este districto, feita pelo Sr. João Guilherme Pereira Barbosa, e pedida pelo Sr. João do Roboredo.

Cazengo é uma lingua de terra que corre de leste a oeste, com quinze leguas de comprido, e seis na sua maior largura; demarca a leste com Ambaca, ao norte com o Golungo Alto, a oeste com Massangano, e ao sul com Cambambe, na maxima parte da sua extensão, de fórma que este Districto está situado entre dois rios; o Lucalla o fecha pelo sul em toda a sua extensão, e o Luinha pelo norte na distancia de oito leguas, até á confluencia no Lucalla na extremidade de oeste.

O terreno é montanhoso, e tem uma cordilheira, ou serra principal, que corre leste a oeste, coberta de frondosas matas; as encostas e os terrenos visinhos de um e outro lado são muito ferteis.

Fazem-se duas colheitas de milho e feijão por anno. Em quasi toda a serra se encontra o café silvestre, e em algumas partes tão abundante, que para o aproveitar basta só limpa-lo e desbasta-lo. Encontra-se tambem a borracha, ou gomma elastica, e muita abundancia de madeiras.

O que acabo de expor é relativo á parte montanhosa, pois tem tambem outra qualidade de terreno, que são as terras planas na margem do Lucalla em toda a extensão do Dis-

tricto com duas leguas mais, e menos de largura; são terras de capim pouco productivas, quasi sem mais aguas que as do Lucalla, porque alguns ribeiros que nascem da serra só em poucos mezes do anno chegam áquelle rio, o que faz com que esta linha seja pouco povoada.

Os rios principaes do Districto são o Lucalla e Luinha, e este apenas merece o nome de ribeiro. Abaixo d'este seguem-se os ribeiros Luce, que corre para aquelle, Mucnbegi, Muzulo, Conda, Calanga, Caringa Caxingi, que correm para o Lucalla. O Ilubegi, que nasce n'este sitio, não obstante receber cinco nascentes, assim mesmo é tão pobre que na estação secca apenas tem uma legua de curso; some-se logoque chega ás terras planas, e só com as aguas das chuvas corre então ufano até o Lucalla.

As chuvas aqui são regulares; principiam as primeiras do anno em Março, e aturam alternativamente até Maio; e as segundas são em Novembro e Dezembro.

Ha n'este Districto duas minas de ferro: a primeira e melhor é no outeiro chamado Calemba, terras do Soba Caculo Camu-Camuiza, e a segunda de Luibale, nas terras do Soba Muinza Angoma. Da primeira é que tenho mandado extrahir a pedra para o ferro que aqui se tem fundido, cavando buracos quasi á superficie. O maior rendimento que tenho tirado da pedra ferrea é de 25 por cento, isto é, 100 libras de pedra produzem 25 libras de ferro, prompto em barras, e isto pelo mesquinho methodo dos pretos, que apenas tenho beneficiado debaixo das idéas d'elles.

Este povo ainda ha poucos annos era bravio, habitando um terreno montanhoso, e coberto de frondosas matas no centro das duas estradas de Ambaca e Pungo Andongo, mas apartado de ambas; quasi sem industria nem commercio, poisque apenas tiravam algum partido das minas de ferro, fabricando enchadas e podões para uso proprio, e poucas mais que vendiam para supprir suas limitadas precisões, com sustento abundante, a pouco custo, pela bondade e fertilidade da terra, cultivando apenas o necessario, saindo poucas vezes dos seus lares, pois o unico giro que faziam era para as salinas de Quissama a comprar sal, unico meio circulante que entre si girava; recusavam o dinheiro, porque a maior parte o não conhecia; bizonhos, desconfiados, e pouco trataveis; indolentes para si, e quasi inuteis á sociedade: tal era esta gente quando aqui cheguei. Correu o tempo, passaram quatorze annos, e já agora se conhece differença; já cultivam em maior escala, já tem sobras, que levam para a cidade. No anno findo saiu d'aqui para Loanda não pequena porção de farinha, feijão, amendoins, e azeite; e como a farinha é o genero mais abundante, levam parte para Massangano a troco do algodão de que aqui ha falta, o qual fiam, e tecem tangas que se vendem de 600 a 1$000 réis, com que fazem um ramo de commercio; só eu comprei no anno findo mais de quinhentas, alem das que vão vender ao Golungo e Ambaca; fazem tambem boas tangas de felpa, e muito soffriveis redes de tipoia.

Tem crescido a applicação e extracção do ferro; fabricam-se porções de enchadas que aqui são procuradas de diversas partes; até o gentio de Quissama aqui vem aos ranchos á compra d'ellas; já d'aqui vae muita gente á compra de cera no sertão do gentio: e pela experiencia que tenho d'esta gente estou persuadido que é injusto quem os julga incapazes de progresso na civilisação e industria. Pobre gente! aptos são elles, o que precisam é que se lhes proporcione os meios, e que se lhe tirem os tropeços que os impedem, e os males que os flagellam: o peior de todos os males é o governo dos Sobas, que por interesse proprio fazem conservar todos os usos e abusos gentilicos, porque á sombra d'esses abusos elles conseguem chamar a si quasi todo o fructo do trabalho dos seus subordinados. Se um preto compra dois escravos, um é para o Soba; se compra uma arma paga meio valor ao Soba, se deve ou lhe devem, quando paga ou recebe tributa ao Soba 50 por cento, e até pelo primeiro filho que tem tributa, e outras muitas alcavallas; é verdade que já se acham modificados estes abusos, mas não extinctos; e até me admira que os Sobas não tenham representado repetidas vezes contra mim: mas tal é o peso da rasão que até barbaros se sujeitam a ella, e sabem comparar que assim como eu não consinto que elles roubem seus filhos, tambem os não flagello a elles; repito, porque assim o entendo, os pretos não podem prosperar debaixo do regimen dos Sobas.

Nos primeiros annos que eu conheci este Districto, podia dizer-se que entre o seu povo não havia nenhuma só cabeça que se elevasse acima das outras; hoje já se vêem muitos pretos lavados que fallam portuguez, vestidos e calçados, sabendo, aindaque mal, ler e escrever; comtudo ainda não ha um que mereça o nome de morador. A melhor classe de gente são os pretos de tanga, e d'estes mesmos aquelle que passa a vestir calças, já se torna um verdadeiro zangão, já se diz branco, e que lhe não toca trabalhar, e então já procura ser soldado ou Meirinho, ou servir qualquer emprego, que é o mesmo que carta de corso, com que se habilita para roubar, sem poupar seus proprios parentes: é pois na classe dos

pretos que me parece mais facil operar algum melhoramento, mas para isso é preciso primeiro supplantar um terrivel obstaculo, que é a sua natural indolencia, e inclina-los ao trabalho: ora é geralmente conhecido que ambição elles a têem; mas o que não têem são precisões, porque com pouco custo comem e vestem, e por isso convem crear-lhes maiores necessidades, e para reforçar esta idéa citarei um exemplo: no primeiro anno que fui nomeado Chefe d'este Districto, empenhei-me em mostrar por factos a utilidade da desmembração que se fez de Massangano, e tratei de conciliar o bem dos povos com o melhor rendimento para a Fazenda Publica; chamei todos os Sobas a uma reunião, na qual, apesar das repetidas evasivas que procuravam, consegui convence-los a que pagassem o dizimo em dinheiro em logar da fazenda e outros generos que costumavam pagar; e agora presenceio que esta pequena precisão que os pretos têem de 200 réis por cada casa annual, é origem de maiores giros, os quaes não fariam se não fosse esta precisão, e já agora gira dinheiro n'este Districto, onde ha poucos annos era desconhecido do maior numero.

Eu estou persuadido que o meio mais conducente para o melhoramento d'este povo seria o estabelecimento de Freguezias com Parochos do Reino; por este meio poder-se-ia principiar a destruir a influencia dos Sobas; os actos religiosos, que originam continuas reuniões, fariam nascer as precisões e a emulação, e por immediata consequencia maior dedicação ao trabalho.

D'esta gente muito poucos são baptisados, e não obstante esses poucos saberem alguma doutrina, não dão a isto outro valor senão o de se distinguirem entre os seus, imitando os brancos, fallam repetidas vezes em Deus, mas d'elle não esperam nem bem nem mal; toda a sua fé está empregada na mais estupida idolatria. Tem duas classes de impostores: astutos que são os adivinhos, e chinguiladores a que chamam cirurgiões, a quem os pretos recorrem em qualquer tranze; se lhe adoece um parente, se lhe morre alguma creação, correm logo ao adivinhador para lhe dizer d'onde vem o mal, e este nunca deixa de dar solução mais ou menos confusa: umas vezes lhe diz que o mal é causado por feiticeiros, e até chega a declarar quem; outras vezes que é o idolo tal que o persegue, e n'este caso chama-se logo um chinguilador do tal idolo, e procede-se ao chinguilamento, reunidos parentes, visinhos e amigos, mas para entrar no desenvolvimento dos differentes chinguilamentos, das suas fórmas e casos, isso é materia vasta para que eu não me acho habilitado.

N'este Districto não ha nenhum só homem casado, todos são amancebados, pelo meio a que elles chamam lambamentos, o que se pratica pela maneira seguinte: o pretendente vae ou manda fazer a sua proposta ao pae da rapariga, levando-lhe uma porção de vinho de palmeira ou aguardente; se é aceita, bebem todos o vinho, e o pretendente dirige depois pequenos presentes á rapariga e á sogra, e a final paga ao sogro a offerta que são vinte beirames, o que junto com os presentes faz um valor de 7$000 a 9$000 réis, e o sogro lhe entrega então a rapariga que elle trata quasi como escrava, e é por isso que a maior ambição dos pretos consiste em ter muitas mulheres, porque ellas carregam com todo o peso da cultura dos mantimentos; a maior parte tem duas ou tres, mas alguns ha que têem de seis a dez, e aquelles mesmos que têem so uma ou duas, emquanto a mulher trabalha na lavra, está o madraço na porta da cubata fiando algodão, ou fumando no caximbo; n'estes enlaces pouca attenção se dá ao gosto da rapariga, do que resulta algumas vezes o sogro entregar a noiva ao seu futuro amarrada em cordas, que n'este apparato a conduz a sua habitação; e se foge d'ella, lá vão as cordas procura-la onde quer que se asyle: quando o barregão morre, ella entra na herança, e passa a ser mulher de algum parente do fallecido; se quizer esquivar-se, tem o sogro que repor a offerta que tinha recebido; os filhos pertencem sempre ao pae. Tem mais, que se a rapariga morre nos primeiros annos do enlace, o barregão exige, e o sogro é obrigado a dar-lhe outra rapariga para o logar da defunta, sem que por isso receba nova offerta, mas tão sómente um presente; alem d'estes aviltamentos ainda a mulher tem que soffrer repetidos interrogatorios do barregão, para que lhe conte as infidelidades (o pundas) que tiver commettido, e taes interrogatorios quasi sempre são acompanhados de chicote ou libanba; se nega é levada ao mestre imbolungueiro para lhe dar o juramento que é uma beberagem que se dá á rapariga: se a vomita é julgada innocente, do contrario criminosa, e então não deixa de contar, aindaque não seja senão algum preto que lhe poz as mãos em má acção, ou que lhe puchou a tanga, e lá vae o barregão cobrar o crime ao preto que ella indicou, que n'este caso são cinco beirames, e se é o panda são quinze beirames.

Os taes mestres imbolungueiros são uma praga que origina grandes contendas n'estes povos; eu bem os tenho perseguido, mas sem resultado, porque as jurisdicções visinhas têem os mais afamados.

Colonia em Cazengo, 20 de Junho de 1847.

DISTANCIAS DE CAZENGO A VARIOS PONTOS.

CAPITAES	DISTANCIAS — Leguas	ESCOTEIRO — Dias de viagem	COM CARGA — Dias de viagem
Caxillo (fica ao norte)	3	½	1
Aldeia Nova do Golungo (ao nordeste)	7	1	2
Ambaca (ao nordeste)	10	2	4
Pungo Andongo (leste)	15	3	5
Cambambe (sul)	12	2	3
Massangano (sueste)	10	1 ½	3
Loanda (oeste)	32	5	12

PRODUCÇÕES.

Café.
Farinha.
Milho.
Feijão.
Ginguba.
Azeite do dito.
Dito de palma.
Tabaco.
Arroz.
Canna dôce.
Batatas.
Ditas doces.
Inhame.
Cará.
Mamona.
Purgueira.
Cebolas.
Alhos.
Pimentas diversas.
Mostarda.
Aboboras.
Melancias.
Diversas hortaliças.
Laranjas.
Cidra.
Limão.
Ananaz.
Bananas.
Fruta de Conde.
Mamão.
Goiabas.
Jambos.
Araçá.
Cajá.
Imbaens.

ANIMAES DOMESTICOS.

Carneiros.
Cabras.
Porcos.
Cães.
Gatos.
Patos.
Galinhas.
Pombos.

ANIMAES SILVESTRES CARNICEIROS.

Onça.
Lobo.
Gingi.
Decombe.
Muquengue.
Cimba.
Cabaia.
Bulu.
Ratos (quatro especies).
Pacaça.
Palanga.
Muquite.
Socco.
Gulungu.
Bambi.
Cexi.

ANIMAES QUE SE SUSTENTAM DE RAIZES E CAPIM.

Galla.
Porco.
Gimbu.
Luiçaca.
Succu.
Buigi.
Dibulu.
Gumbe.
Selle.
Sutte.
Dibobo.
Macacos.
Ditos Teles.
Cassulucutu.
Dibucu.
Caxiganguelle.

ANIMAES REPTIS.

Ditato.
Hacca.
Moma.
Diversas cobras.

ANIMAES AMPHIBIOS.

Sengui.
Cassuahote.
Baxi.

SOBAS E SEUS FOGOS.

Caculo Camuinza	2:121
Dallatando	2:130
Donda Davungi	901
Muinza a Goma	490
Quito Quiacabaça	161
Hoco Acassambi	454
Dallagando	142
Caboco Cahebo	501
Hanga Angolome	369
Hundo Angombe	97
Cavungi Camona	469
Golamona	67
Cassaqui Candalla	239
Gola Bumba	44
Gola Cafuxi	28
Goangoa Angonbi	104
Quiluangi Quiacavungi	74
Catunbo Cagoangoa	29
Binba Cafuxi	88
Hango Aquiheto	127

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

ANGOLA.

RELAÇÃO DE UMA JORNADA DE LOANDA AO PRESIDIO DE PUNGO-ANDONGO, PROVINCIA DE ANGOLA, NO ANNO DE 1847; PELO SR. SEBASTIÃO DE ALMEIDA SALDANHA DA FONSECA.

No dia 3 de Junho, pelas quatro horas da tarde, saí da Cidade de Loanda pela estrada da Maianga, e fui pernoitar ao sitio Camama, aonde cheguei ás seis horas e meia da noite. Não existe n'este sitio casa nem arvoredo que possam servir de abrigo ao viajante, nem é ali o ponto central do caminho de Calumbo, por ser mui proximo a Loanda; e só posso attribuir o ser logar escolhido para esse fim, a haver em tempos de chuvas proximo d'este logar um pequeno pantano, d'onde os pretos tiram agua para os seus misteres. Pelas quatro horas da manhã de 4 segui viagem para Calumbo, aonde cheguei ás dez e meia, depois de ter feito parada um quarto de hora no sitio Boa-vista, tres quartos de legua antes de chegar a Calumbo.

Todo este caminho é calculado em doze leguas: é arenoso, porém limpo, sem desfiladeiros, e providenciando-se a falta de agua (motivo por que é despovoado), é capaz para n'elle transitarem carros, ou outros quaesquer objectos para transporte ou conducções.

A 5 começou a minha viagem pelo rio Quanza, em uma canoa de tronco de mafuma, arvore que ha pelas margens d'este rio com abundancia, e que por sua brandura no fabrico e pouco peso depois de secca, é propria para este fim, sendo as mais vulgares com capacidade de carregarem de uma até tres pipas. Como estas canoas não tenham vélas nem remos, são varejadas; o que demora a navegação, e muito mais ao vir para cima, pelas voltas e pontas que a terra fórma.

Cheguei pelas quatro horas da tarde ao sitio Bruto, jurisdicção de Calumbo, onde pernoitei. Pelas seis horas da manhã do dia 6 segui viagem para o Espinheiro, jurisdicção do Icollo e Bengo, aonde cheguei ás seis horas da noite; e a 7 segui para o sitio Calende, jurisdicção de Muxima, aonde cheguei ás oito horas da noite. No dia 8 segui para o Presidio de Muxima, aonde aportei ás seis horas. (No decurso de toda a minha viagem descansava duas horas de manhã, e duas de tarde).

É o Presidio de Muxima o unico da margem esquerda do Quanza, occupando n'este lado mui pequeno espaço de terreno, por lhe ficar ao sul o gentio da Quissama, que occupa toda esta margem do rio desde a sua barra até defronte do Presidio de Cambambe, d'onde principia o Libollo.

Formam o todo d'este Presidio uma pequena fortaleza com artilheria arruinada, e dentro da mesma fortaleza um pequeno quartel; a igreja de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Presidio, feita de pedra e cal, coberta de telha, e arruinada; um edificio dos mesmos materiaes, que contém o quartel, prisões e feitoria; e umas duzentas e cincoenta a trezentas casas de pau a pique, cobertas de palha, das quaes umas vinte cinco formam uma pequena rua cortada no seu comprimento uma braça, originado das aguas que no tempo das chuvas correm dos montes para o rio, sendo o resto espargido pelo Presidio sem alinhamento.

No dia 10 segui viagem, e pernoitei na pedra de Ngolome, rocha que serve de demarcação á jurisdicção do dito Presidio com Massangano. A tiro de bala d'este sitio fica o Muigi da lagoa do mesmo nome, a maior de todo o Quanza, abundante de peixe, e de madeiras de paço, silveira, tacúla, espinho e outras qualidades, nos matos que lhe ficam visinhos.

A 11 pernoitei no Presidio de Massangano elevado á categoria de villa em 1641, por se constituir centro do governo da Provincia de Angola, e residencia das maiores Auctori-

dades, quando n'esta epocha foi a Provincia invadida pelos hollandezes.

Fica êste Presidio situado, pelo lado do Quanza, a tiro de bala do logar onde o Lucalla desagua; estendendo-se a situação pelo valle, vae findar no Lucalla acima de sua foz. Formam o todo d'este Presidio, no seu estado de fortificação, uma pequena fortaleza em bom estado, com tres arrecadações e um calabouço, com artilheria de posição inutil; e uma peça de campanha de calibre um em bom estado, uma companbia de linha e uma dita movel; a igreja de Nossa Senhora da Victoria, Padroeira do Presidio, de pedra e cal, coberta de telha, porém tudo em estado de ruina; um edificio onde tem as prisões, um pequeno quartel e duas pequenas arrecadações, e na mesma linha, mettendo-se no centro um pequeno pateo, a Feitoria Nacional, tudo de pedra e cal e coberto de telha, umas seiscentas casas de pau a pique cobertas de palha, porém algumas arruinadas, com boa apparencia e soffriveis accommodações. Parte da jurisdicção d'este Presidio é regada pelo rio Quanza, cujas margens são mui ferteis; seus habitantes são laboriosos, e estou que devem tirar vantagem de sua cultura.

Nos dias 12, 13 e 14 demorei-me n'este Presidio; e seguindo no dia 15, vim pernoitar á Feira do Dondo, aonde aportei ás seis horas da tarde. A 16, ás sete horas da manhã, segui para o Presidio de Cambambe, tendo desembarcado no porto Cambulo, tres quartos de legua distante do Presidio, sem haver procurado para o meu desembarque o logar do costume, que é mais proximo d'elle, por ficar abaixo de uma serra ingreme, em logares de passagem um tanto difficultosa e arriscada. A objecção do transito d'esta serra cessa a pouca distancia do porto; corta-se por um valle, e subindo-se a uma pequena ladeira, se chega ao Presidio.

O plano designal da situação d'este é a summidade de uma proeminencia, em fórma redonda imperfeitamente, que se ergue da terra olhando a todos os passos do Universo, norte, sul, leste e oeste.

As partes do sul e oeste d'esta proeminencia são defendidas por cachoeiras, que estrondam abaixo de altissimas serras, em consequencia da elevação em que o terreno do Presidio fica do nivel do rio Quanza, que faz ao pé d'elle seu curso; e as do norte e leste por valles, que não profundam nem baixam, tanto do plano do Presidio como do rio; porém assim mesmo, limitando-se os extremos de um e de outros valles, a leste e oeste, nas serras que amparam o Presidio nos pontos oppostos, elle se poderia considerar como ponto inaccessivel a quaesquer inimigos, se na extensão da parte que olha aos valles se empregassem outros mais cuidados e diligencias da arte, em vez de fiar da natureza só, e das operações do reducto estabelecido em um ponto não unico essencial para entrada do inimigo, a defeza da praça.

Estes valles são aridos e pedregosos. Os seus principaes edificios são o dito forte, com artilheria desmontada por falta de carretas; a feitoria e a igreja situadas dentro do mesmo forte; e o quartel para a companhia de linha, com duas prisões; todos estes edificios de pedra e barro, e os tres ultimos cobertos de palha.

É o rio Quanza desde a sua foz, ao sul de Loanda até Calumbo, que dista para mais de quarenta e cinco leguas, navegavel por pequenas embarcações, como canoas e lanchas; nas estações chuvosas, em que o rio engrossa com as aguas dos montes, por escunas, etc.

Tem algumas ilhas, das quaes as maiores, e povoadas, são Quissanga, defronte de Calumbo, Ndallan-gombe, defronte da Villa de Massangano, Quixinganga, a pouca distancia para cima, etc. Cessa o rio de ser navegavel em Cambambe, pelas cachoeiras que n'este ponto principiam, e com pequenos intervallos continuam até muito-para cima de Pungo-Andongo, as quaes não julgo possivel destruirem-se, nem mesmo evitarem-se por canaes, porque em varios pontos, como Cambambe, formam suas margens grossas montanhas de rochas, que se estendem a muitas leguas pela terra dentro; e alem d'isso, a superficie de taes montanhas, que fórma o solo do paiz gentilico nas margens do Quanza, como no Presidio de Cambambe, é tão elevada do mesmo Quanza, que é impossivel ás forças humanas o abrir canaes por taes sitios. A margem do rio Quanza; começando do Presidio de Cambambe até ao Districto de Calumbo, é povoada, havendo alguns pontos não habitados; mas como sejam intermedios de povoações e senzalas que se communicam, não são elles desertos, pelos frequentarem habitantes e passageiros.

O terreno d'esta parte do Quanza produz mandioca, milho, legumes de toda a especie, e toda a qualidade de fructas que produz todo o paiz de Angola, com a differença que a menor secca o torna arido. Todavia há logares muito bons, em que a agricultura em todos os tempos faria progressos, e com grandes vantagens, se elles se aproveitassem, sendo isso com especialidade em Massangano e Muxima; pois observa-se n'estes pontos que as cheias do rio, que são promovidas muitas vezes de chover nos paizes de cima d'elle, sem haver n'aquelles Presidios um só pingo de agua du-

rante, ás vezes, dois annos successivos, ou mais, levam a inundação por canaes feitos pela natureza a varios logares baixos, que por isso, verificando-se a chuva nas suas estações, ou successivamente se tornam pantanos, e pela mesma rasão se não podem aproveitar, e nem d'elles se precisa n'estes tempos em que toda a terra se torna fertil e abundante; porém vê-se que, sobrevindo as seccas, estes logares de que as aguas se escoam para o canal do rio, ou se absorvem para o centro, estes logares, deposito de muito boas terras para cultura, terras que o rio Quanza, e todos aquelles que n'elle precipitam suas aguas levam de outras regiões, nada mais offerecem que o testemunho evidente da indolencia dos habitantes, conservando taes logares as ditas terras sempre frescas e nunca tocadas, até novas cheias as inundarem, sem d'ellas se haver tirado utilidade alguma no decurso de oito a dez mezes que se conservam humidas, por falta de recente inundação, a qual, sendo necessario, até se podia evitar, fechando-se o canal, e onde elles fossem largos construindo bongos (marachões). No dia 21 sai de Cambambe: vim pernoitar no sitio Jong, que calcúlo em oito leguas: em todo este transito é boa a estrada em partes, porém em outras precisa de concerto.

Dia 22. Saí ao romper da aurora, e por muito bom caminho fiz a minha jornada até á banza do Soba Dumbo-Apépo. Este Soba tem um dos sobados de maior consideração da jurisdicção de Cambambe, tanto em terras como em povo, e faz mui bom agasalho a todos os passageiros: é um dos Sobas mais obedientes do interior. Depois de ali descansar, continuei a jornada; e depois de passar as terras do Soba Nhangue-Apépo, e o riacho que fórma a divisão territorial com o Presidio de Pungo-Andongo, cheguei com o crepusculo á banza do Soba Mutta, o primeiro que se encontra na jurisdicção de Pungo-Andongo vindo de Cambambe. Desde aquelle Presidio até este ponto se encontram diversas povoações e lavouras, avultando entre todas o arimo da Fazenda em Camonga, o qual, se bem que d'elle resultam alguns effeitos, mais se poderá de futuro colher, se houver perseverança, e crescer o amor do trabalho, attendido o bom terreno que tem.

Dia 23. Do Soba Mutta vim descansar ao sitio Maxinde; e d'ali entrei ás sete horas da noite em Pungo-Andongo, tendo feito nove leguas de marcha, pouco mais ou menos, por bom caminho, com especialidade desde Maxinde, onde se encontra a estrada feita segundo as ordens do Governo.

Já em Pungo-Andongo, resta-me fallar d'este Presidio[1], verdadeira maravilha, e objecto de profunda meditação para um naturalista. Ao primeiro golpe de vista só se vêem massas enormissimas de granito calcinado pela natureza em fórma de argamassa[2], que bem nos dizem serem da creação, e que talvez o diluvio, ou uma causa ainda mais remota, as separou, escavando-lhe a terra que as unia, como ainda em partes se conhece, e o que se conclue de matos gigantes que sobre algumas inaccessiveis ainda se vêem e existiram por muito tempo. Estas massas enormes occupam no logar do Presidio uma circumferencia de cinco leguas, e depois se estendem em linha da largura de legua e meia, pelo espaço de doze leguas em comprimento, que é no Lombe, onde se deixa então de as ver e pizar. A seis leguas, pouco mais ou menos, ao noroeste do Presidio existe outra igual massa em fórma e figura exacta á do Presidio, porém sem a lista de extensão d'este. É sobre as Pedras da Guinga, que assim se chamam, que vive a familia dos Marabûs, essas áves gigantes tão singulares na figura e na riqueza de suas pennas. Das Pedras de Pungo-Andongo muitas são accessiveis, e de sobre ellas se descobre o mais interessante panorama que é possivel imaginar, e onde ainda se encontram montes de pedra miuda e grossa, com que incommodaram os Gingas os nossos soldados, que debaixo das ordens de Sequeira os venceram. Porém o transito no Presidio é quasi todo sobre pedra, pois cada vez é maior a falta de terra que as aguas levam para a falda da montanha, onde estão assentes esses monstros de granito, e para onde se sobe hoje apenas por tres avenidas[3], estando a da estrada de

[1] O Presidio de Pungo-Andongo (nome que na lingua do paiz quer dizer, Côrte da Rainha, por ter sido o logar em que outr'ora esteve a da Rainha Ginga) chama-se tambem Pedras Negras, porque os cimos das enormes massas que formam as duas cadeias de pedras entre as quaes o Presidio está collocado, vistos de algumas leguas de distancia, parecem muito negros, ao passo que a sua côr natural é parda.

[2] Veja-se a copia do desenho de algumas d'estas pedras tirado pelo Sr. Fortunato de Mello em 1833, e á qual esta noticia serve de illustração. *V. a estampa.*

[3] Tres são as entradas principaes do Presidio (alem de sete pouco conhecidas e de difficil accesso), a saber: Canandua, Catéle e Funda Quilombo. A primeira do lado de oeste é uma ladeira ingreme, cujos flancos são dominados por altas rochas, formando um corredor da largura de vinte passos. A segunda a leste é igualmente um corredor da mesma maneira flanqueado por elevadas rochas, tendo tres passos na sua maior largura; para esta se passa por uma ponte firmada sobre as rochas, em baixo, de quinze passos de comprimento, feita de adobe sobre pranchões, construida em 1845 pelo então Commandante Pedro Alexandrino de Almeida; está muito bem construida e conservada. A terceira, a mais difficil na subida, porém não dominados seus flancos, senão ao chegar ao Presidio, fica situada quasi ao sul. Dentro as

Loanda já tão ingreme e esburacada, que difficilmente se sóbe de tipoia ou a cavallo: as que estão melhores são a da estrada do sertão e a de Ambaca. O Presidio tem boas propriedades, e muito boas hortas; d'estas a melhor é pertencente á viuva D. Maria Alexandrina. Esta senhora, o Capitão Manuel Antonio Pires, o Tenente Manuel José da Costa e o arrematante Manuel Antonio de Brito, e Manuel Estevão da Guerra, são aquelles que têem dentro do Presidio oito propriedades de primeira classe; algumas ha tambem muito boas, porém que porei em segunda classe, e d'ahi para baixo até cubatas, grande parte formadas sobre pedras por não haver terra. Todos os habitantes têem, mais ou menos, hortas, de que em geral ninguem prescinde. Obras nacionaes temos as ruinas da fortaleza, que só servem para recordar aos presentes e vindouros as proezas do grande Luiz Lopes de Sequeira, e que são um monumento da gloria das armas portuguezas; mas que no logar em que estão assentes, dominadas por todos os lados, não dão grande idéa dos conhecimentos de fortificação do engenheiro que a levantou; e muito mais aproveitariam tres ou quatro fortins sobre as pedras que dominam as tres entradas, bastando que cada um tivesse duas peças, ou em logar d'ellas um rodizio e doze ou vinte homens, para estar defendido o Presidio, pelo menos do gentio. Existe a residencia, bella casa feita pelo Commandante Francisco de Salles Ferreira, e o novo quartel feito por mim, que julgo durará mais do que o meu nome, e que tem duas prisões, feitoria, arrecadação das armas, e um espaço com capacidade para o parque existente; tudo debaixo de um só tecto.

Ha uma igreja muito boa para aqui, e a que chamam Ramada; tem boas alfaias, boas imagens e uma bella banqueta de prata, e tres alampadas, afóra paramentos e pallio com varas de prata.

Entre os moradores contam-se bastantes europeus, e d'estes negociantes fortes.

O Presidio está circumvallado por muitos, lindos e bons arimos e optimas casas de moradores, que, a maior parte, vivem fóra do Presidio, para estarem á testa de suas lavouras, onde têem boas senzalas e casas, sendo a melhor d'ellas a do Capitão Movel Manuel Antonio Pires, que tem o arimo arruado com cajueiros gigantes, que formam uma linda abobada, debaixo da qual se passeia grande espaço a cavallo em todas as direcções; boas hortas com laranjal, parreiras, etc., e boas casas, bem como um bom sobrado que está concluindo.

O clima de Pungo-Andongo é salubre, e o terreno fertil; os pastos bons, e os habitantes industriosos e agricolas; porém a distancia de noventa leguas, para mais, da capital, os impossibilita de para ali conduzirem os productos agricolas; e isso os torna indolentes, e limitam-se ao preciso para consummo proprio.

A religião dos habitantes, com poucas excepções, é apparente ou exterior: a Christã é a de que se servem; e em que mais acreditam é na idolatra. Têem diversos idolos; têem os seus Penates e seus Manes; e nada d'isto é exquisito, porque são acompanhados dos mesmos usos e costumes dos Romanos.

Pungo-Andongo, 27 de Outubro de 1847. =*Sebastião de Almeida Saldanha da Fonseca.*

pedras sáem cinco riachos de agua muito fria, que nunca seccam. A nascente de um d'elles é cousa pasmosa, a agua cáe de cima d'aquella enorme massa, e despenha-se por ella abaixo formando um lençol de algumas braças de largo; em baixo tem uma especie de tanque escavado pela mesma quéda da agua.

TIMOR.

Governo das Ilhas de Timor e Solor. — Repartição Civil. — N.º 2. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Em additamento ao meu Officio com data de hoje, sob o n.º 1, e aproveitando a saída da escuna da Companhia, submetto á leitura de V. Ex.ª o incluso Relatorio, confeccionado pelo Superior das Missões d'estas Ilhas o Padre Gregorio Maria Barreto. Os dados estatisticos que elle apresenta sobre a população de Dilly, e estado da christandade na Ilha de Timor, são tão certos, e o interesse do mesmo Relatorio é de tal natureza, que eu não podia deixar de o remetter immediatamente logoque elle chegasse ao meu conhecimento, enviando assim informações, que talvez se careçam no Ministerio a cargo de V. Ex.ª Pelo mesmo Relatorio verá V. Ex.ª que a minha proposta, ou exposição sobre os serviços do referido Superior das Missões, sua intelligencia e zêlo pela propagação da fé catholica era bem fundada, e que elle é merecedor de muita consideração do Governo portuguez pelos grandes serviços que tem prestado á nação portugueza.

Deus guarde a V. Ex.ª = Quartel em Dilly, 17 de Abril de 1856. = Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar. = *Luiz Augusto de Almeida Macedo*, Governador de Timor.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Repetidas têem sido as occasiões em que tenho supplicado aos Ex.^{mos}

Governadores d'estas Ilhas, os Srs. Silva Vieira e Lopes de Lima, para que fizessem chegar aos pés do Throno as necessidades d'esta Missão; pois um, e ao muito dois padres, certamente nunca poderão fazer fructificar esta tão vasta vinha do Senhor, a qual todavia terá de ficar sempre inculta, mesmo quando trabalhem com sobejo zêlo no bem espiritual d'esta christandade; porém o Sr. Silva Vieira sómente se contentou com o escrever ao Ex.^{mo} Arcebispo de Goa, corroborando a minha petição ao mesmo Prelado, em o anno de 1846, sobre esta Missão; e o Sr. Lopes de Lima limitou-se apenas em escrever simplesmente ao Governo de Sua Magestade, que esta Missão carece de alguns ecclesiasticos: agora porém, que vejo que V. Ex.ª, melhor do que elles, conhece as necessidades dos seus governados e procura a felicidade d'elles por meios mais solidos, eu, desejoso de conformar-me com as beneficas intenções de V. Ex.ª, e em obediencia ao que V. Ex.ª me ordenou, sobre fazer subir á sua respeitavel presença um succinto Relatório do estado d'esta Missão, tenho a honra de expor com toda a fidelidade o seguinte:

A Missão de Timor e Solor, que desde o anno de 1814 não tinha senão um missionario, que era o mesmo Governador Episcopal, veiu, por morte d'este em o anno de 1817, a ficar em deploravel estado, até que no anno seguinte aqui appareceu Fr. José da Ave Maria, padre novo e sem experiencia, que, tendo fallecido em 1824, ficou esta christandade abandonada a si mesma, espectadora de torpezas, immoralidades e superstições ridiculas, até á chegada do Reverendo Fr. Vicente Ferrer Varella, em 1827, o qual, não obstante os seus conhecimentos litterarios, e já bem exercitado em cura de almas em Goa, não póde aqui extirpar os abominaveis abusos n'esse meio tempo já bem arreigados; e eu encontrei toda esta christandade atolada em vicios, atropelando a moral publica, cohonestando já publicamente a polygamia, submergida em um profundo esquecimento, ou antes desprezo dos Santos Sacramentos, em lastimosa aversão ao culto divino e aos actos de piedade, de modo que nos primeiros cinco annos do meu ministerio n'esta missão não encontrei um só indigena christão, que mostrasse um só acto do culto exterior na vida, e desde esse tempo para cá ainda são poucos os que frequentam, não obstante os poderosos exemplos dos primeiros empregados publicos, dignos por isso de eterno louvor, os officios divinos, em os dias santificados; e muito menos são os que procuram os Sacramentos, porém sempre promptos para os torpes actos do fetichismo de Motael de mistura com os gentios, de maneira que, no principio do anno proximo passado, vi-me na urgente necessidade de recorrer a este Governo, que, com louvavel energia, muito cooperou para que este paiz, portuguez e catholico, não continuasse as praticas torpes do fetichismo, tanto a miudo e tão publicamente, como se fossem culto do Estado. Embora que uma tal resolução nada possa influir na sua sincera conversão, mas antes os tenha mais reservados.

O mesmo Ex.^{mo} Bispo de Pekim, tão recommendado pela sua litteratura, prudencia e virtudes verdadeiramente apostolicas, e zêlo pela salvação das almas, viu-se, no anno proximo passado, obrigado a recorrer ao Governo, que castigou promptamente a um Dató de Laculó, que quiz matar ao proprio filho, que não quiz, como lhe ordenava o impio pae, comer das viandas do torpe e infame sacrificio que elle, sendo christão, fez ao demonio. Esse venerando Prelado, não tendo podido conseguir, não obstante os seus trabalhos apostolicos, a conversão de uma só pessoa do Reino de Laculó, aonde residiu effectivamente um anno e tres mezes, a final ausentou-se para esta praça e d'aqui para a Europa Com tudo isto, e não obstante ser a corrupção geral, e ter o mal já mui profundas raizes, mui facilmente se poderá ainda obter a cura de tantos males. A historia ecclesiastica nos apresenta nações, se não mais corrompidas, ao menos tanto como a de Timor e Solor; comtudo vieram a final ao gremio da nossa Santa Igreja e foram bons christãos.

Os christãos d'estas Ilhas não conhecem a nossa santa religião, e ainda menos as vantagens que ella indica, por isso a não amam. Toda a difficuldade está em lh'a fazer conhecer radicalmente, mas para se conseguir satisfactoriamente este importante fim, é urgentemente necessario: 1.°, verter em a lingua teten (a universal de Timor) e em vaiquino (a peculiar de Sorobiam) o nosso Cathecismo da doutrina christã, ajuntando-se-lhe uma breve refutação do fetichismo, e outras superstições ridiculas que reinam n'estas Ilhas. Uma Commissão composta de dois individuos grammaticos, com mais dois indigenas dos mais versados n'estas linguas, e eu, servindo um dos dois primeiros de Secretario, seria bastante para a versão tão necessaria. Serviço, na verdade, que deixará na eterna benção a memoria do Governo que o emprehender; 2.°, muito se requer a presença de um Prelado respeitavel, um Bispo zeloso, forte e caritativo, pugnando com paciencia pela sã doutrina e bons costumes, á testa de um clero, porém não um clero ambulante, como

sempre o tenho sido, dois dias aqui, quatro dias acolá, visitando de passagem a christandade, e demorando-me apenas para o baptismo dos meninos; porém um clero fixo por tempo, de modo que tenha sufficiente opportunidade de instruir e dirigir os christãos do respectivo Districto, e conhecer os vicios dominantes e emenda-los, sem comtudo serem de algum modo Parochos inamoviveis.

Esse clero deveria antes ser composto dos indigenas, mas, emquanto o não possa ser, os mandados de Goa hajam de ser dos melhores, e que venham, não por constrangimento, mas por vocação, porque sem estas circumstancias sempre terá esta christandade, não verdadeiros pastores, mas vis mercenarios, cubiçosos do torpe lucro, pondo, como costumam, todo o seu cuidado sómente em ajuntar algumas rupias para, findo o seu tempo, irem viver com sufficiencia na sua terra: já em outro tempo alguem escreveu, e com toda a verdade, que o dachim (statera romana) era o Crucifixo dos missionarios de Timor.

Entretanto que o proposto supra se não realisa, reclamam as necessidades d'esta Missão que seja com toda a brevidade nomeado, e venha logo tomar conta d'esta christandade um Vigario da vara e superior, que seja ornado de melhor talento, virtude e outros requisitos proprios para bem rege-la; pois ha mais de quatro annos, eu, já sem vista, sem memoria e outras qualidades precisas, nem posso já annualmente, como soia, peragrar estas Ilhas, ao menos para assegurar com o baptismo a salvação dos meninos.

Tambem esta missão muito precisa de dois sacerdotes para coadjuvarem o Superior, mormente por ter fallecido no dia 21 do corrente o Reverendo Sebastião Patricio, unico Padre que tinha a Missão e que me coadjuvava; e nas actuaes circumstancias muito mais terá esta christandade que soffrer, e mui particularmente a d'esta Freguezia de Dilly, onde, louvado seja Deus, hoje, ao menos um terço dos seus freguezes, são mui dignos do nome christão; e eu só, e a cada momento doente, terei muitas occasiões de pezar de não os poder soccorrer, e ministra-los nas suas necessidades espirituaes.

A missão de Timor comprehende actualmente vinte e dois Districtos denominados =Reinos=, os quaes todos, mais ou menos, contêem alguns christãos de ambos os sexos, livres e escravos.

Principalmente da parte do poente conta-se o Reino de Ambeno, que tem a Igreja de Nossa Senhora do Rosario, no porto de Suritana, e a de Santa Cruz em Nirnucheno, ambas inteiramente desprovidas de toda a sorte de vestimentas e alfaias, e sem Sacerdote ha mais de cincoenta annos, contando approximadamente uns duzentos e vinte christãos, cujos descendentes vem receber o baptismo em Occusse, quando ahi apparece algum Padre missionario.

Naimuti, a Igreja da Senhora do Rosario, com pouco mais de trezentos christãos, tem as vestimentas precisas em bom cuidado, e algumas alfaias, como calix de prata e thuribulo, e alguns castiçaes de cobre.

Occusse, a Igreja de Santa Rosa de Lima, com mais de mil e cem christãos, tem as vestimentas precisas, mas já muito deterioradas; uma Irmandade fabriqueira com o fundo de 1:450 rupias, tem as alfaias precisas e algumas de valor, como dois calices com suas patenas, dois thuribulos, uma custodia grande, tudo de prata, e novamente uma urna do mesme metal do valor de 700 rupias.

Batugadé (Presidio) a Igreja de Nossa Senhora, contém perto de quatrocentos christãos, entrando n'este numero alguns dos Reinos de Cova, Balibó, Fialaram e Joanillo que compõem esta Freguezia; tem uma Irmandade fabriqueira com um fundo de 200 rupias, com as alfaias de mais precisão, e boas vestimentas precisas em bom uso, que se acham emprestadas actualmente para o serviço da Igreja d'esta Praça.

Cutubaba, a Igreja de Santo Antonio, destituida de toda a sorte de vestimentas e alfaias, contém trinta e cinco christãos.

Motael, a Igreja de Santo Antonio, com perto de trezentos christãos e uma Irmandade fabriqueira, cujos fundos quasi que já não existem, excepto alguns paroens e facas, pela pessima administração que tem tido; é destituida das vestimentas precisas, e não obstante estar tão perto d'esta Praça, acha-se em maior indecencia do que as Igrejas de Occusse, Batugadé e Manatuto.

Delly tinha a Igreja da Freguezia com a invocação do Santissimo Rosario, que soffreu em o anno de 1800, ou quinze annos antes d'esta era, um incendio com tudo que ella continha dentro, e está desde então até hoje servindo de Igreja da Freguezia a Capella intitulada real do Glorioso Santo Antonio, é a unica em Timor e Solor com paredes de tijolo, porém coberta de palha como todas as outras d'estas Ilhas, contém mil quatrocentos e noventa e um christãos livres, e quinhentos e cincoenta e seis christãos escravos; tem uma Irmandade fabriqueira com um fundo de 1:000 rupias, carece das vestimentas diarias, que já se acham em muito mau uso, porem tem os ornamentos e alfaias precisas para os dias de grande solemnidade, com uma boa custodia de

prata, dois thuribulos do mesmo metal, e tambem tres calices de que se servem para as Missões onde não os ha; tambem urna de prata.

Hera não tem Igreja e contém dezeseis christãos.

Lacló, a Igreja de S. Vicente Ferrer, com trezentos e sessenta christãos; tem as vestimentas precisas em boa arrecadação e as alfaias precisas; o calix e thuribulo são de cobre.

Manatuto; a Igreja do Espirito Santo; com perto de setecentos christãos, tem as vestimentas precisas, porém carece de calix e thuribulo. Esta Igreja, postoque é, como todas de Timor e Solor, coberta de palapas e folhas, é comtudo a unica que apresenta no seu interior a apparencia de uma Igreja regular, porém hoje está ao desamparo, ou antes abandonada ao desprezo, não obstante ter uma Irmandade fabriqueira, cujo cofre acha-se actualmente quasi exhausto já.

Laleia, a Igreja da Senhora do Rosario, com setenta christãos, está destituida e abandonada.

Vemasse sem Igreja. Terá quarenta christãos.

Venilale, a Igreja da invocação de S. Pedro, com vinte e seis christãos. É destituida de tudo.

Veveque, a Igreja do Senhor Ecce Homo, com perto de duzentos christãos. Tem as vestimentas precisas bem arrecadadas, e alguma alfaia.

Lacluta, a Igreja de Santo Antonio, com perto de oitenta christãos. Esta Igreja foi em o anno de 1846 toda saqueada pela invasão de Barique e Laclubar; o Major Graduado José Caetano Barbosa, sendo então Commandante de Veveque, teve ainda tempo de salvar uma imagem de Santo Antonio com a cruzinha e diadema de oiro, e a custodia, que é de prata, e que elle remetteu para esta Igreja.

Lucá não tem Igreja. Terá hoje perto de quinze christãos. No logar da Igreja ainda existem dois sinos bons. Tinha uma Irmandade com um cofre, que foi arrombado por um José da Piedade Marques, que ahi foi Commandante para se pagar das dividas particulares, de cujo procedimento elle mesmo participou por escripto ao Sr. Frederico Cabreira, então Governador, remettendo-lhe um celebre termo, que tinha por titulo =Termo de arrombamento=. Barique não tem Igreja, mas terá vinte e cinco christãos.

Dotic e dem, como Barique, terá vinte christãos.

Allas e dem tem oitenta christãos.

Bebissucu, a Igreja de S. Francisco, com quarenta christãos. É destituida de tudo.

Clacve, a Igreja da Senhora do Rosario destituida de toda a sorte de vestimentas, e alfaias; terá perto de vinte christãos.

Cairni não tem Igreja. Terá vinte christãos.

Todos estes christãos estão abandonados a si mesmos, sem nunca pretenderem ou procurarem a assistencia do Missionario, mas antes estão livre e espontaneamente imbebidos nos seus fetichismos (Pomali). É tudo isto o que entretanto posso informar a V. Ex.ª sobre o estado d'esta Missão. Elle é sobremaneira abominavel na verdade, mas é ao mesmo tempo lastimavel; porque todos estes absurdos são filhos do abandono total a que tudo em Timor tem sido sacrificado.

Deus Nosso Senhor conserve e dilate a preciosa vida de V. Ex.ª por muitos annos. = Dilly. = *Gregorio Maria Barreto*, Superior da Missão d'estas Ilhas.

MAPPA DA POPULAÇÃO DE DILLY NO ANNO DE 1856.

Numero dos fogos	LIVRES														ESCRAVOS														CHRISTÃOS				Total dos christãos	Total da população
	HOMENS							MULHERES							HOMENS							MULHERES							LIVRES		ESCRAV.			
	De 1 até 7 annos	De 7 até 15 annos	De 15 até 30 annos	De 30 até 50 annos	De 50 até 70 annos	De 70 até 80 annos	De 80 até 100 annos	De 1 até 7 annos	De 7 até 15 annos	De 15 até 30 annos	De 30 até 50 annos	De 50 até 70 annos	De 70 até 80 annos	De 80 até 100 annos	De 1 até 7 annos	De 7 até 15 annos	De 15 até 30 annos	De 30 até 50 annos	De 50 até 70 annos	De 70 até 80 annos	De 80 até 100 annos	De 1 até 7 annos	De 7 até 15 annos	De 15 até 30 annos	De 30 até 50 annos	De 50 até 70 annos	De 70 até 80 annos	De 80 até 100 annos	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
546	126	179	280	235	67	8	1	113	137	260	228	67	13	2	45	144	278	111	32	»	»	50	106	250	221	31	3	»	753	738	271	285	2047	3017

Dilly, aos 17 de Abril de 1856.

Gregorio Maria Barreto.

VARIEDADES.

NOTICIA
DO QUE RENDIAM A EL-REI AS POSSESSÕES ULTRAMARINAS
NOS PRINCIPIOS DO XVII SECULO
SEGUNDO FREI NICOLAU DE OLIVEIRA
NO LIVRO DAS GRANDEZAS DE LISBOA.

Rende a Alfandega e quintos da Ilha da Madeira com mil arrobas de assucar, 26:621$000 réis; a saber: 2:400$000 réis que valem as mil arrobas de assucar, e os 24:221$000 réis em dinheiro.

Rendem as Ilhas dos Açores 30:000$000 dos quaes descontadas as redizimas que são dos Capitães d'aquellas Capitanias e importam 3:000$000 ficam para a Fazenda de El-Rei 27:000$000.

A Ilha de Cabo Verde com as suas adjacentes estão arrendadas em 14:000$000.

A Mina rende um anno por outro 40:000$000.

A Ilha de S. Thomé está arrendada em 14:000$000.

Congo, Arda *(Ardra)* e Angola, está arrendada em 26:000$000.

O Estado da India rende a El-Rei n'aquellas partes um anno por outro 1.375:000 pardaus, e val cada pardau 3 tostões da moeda de Portugal, e assim fazem 1.031:250 cruzados, os quaes reduzidos a reaes portuguezes fazem 412:500$000 reis; a saber:

A cidade de Goa com as rendas e fóros da Ilha, e das terras de Salsete e Bardez, 400:000 pardaus.

A Alfandega de Urmuz rende 252:000 pardaus.

A Alfandega de Diu e outras rendas miudas da mesma Capitania rende 235:000 pardaus.

As rendas e fóros de Baçaim importam 125:000 pardaus.

Damão rende 62:000 pardaus.

Chaul com as praças rende 32:000 pardaus.

Cochim rende 20:000 pardaus.

Sofalla rende 40:000 pardaus.

Mombaça rende 10:000 pardaus.

Malaca rende 104:000 pardaus.

Moluco rende 50:000 pardaus.

Manre rende 37:000 pardaus.

Ceilão rende 3:000 pardaus do terço da canella que dão os Capitães.

Mangalor rende 3:000 pardaus.

Barcelor rende 1:000 pardaus.

O Estado do Brazil rende a El-Rei um anno por outro 54:400$000 réis, e cedo renderá muito mais com a conquista do Maranhão e com a do Rio das Amazonas que de novo se faz.

Paga-se a El-Rei na Alfandega de Lisboa, e em todos os mais arrendamentos que por ordem dos Védores de sua Fazenda se fazem, 1 por cento e vem a fazer 11:000$000 réis, dos quaes faz mercê para obras pias.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

ANGOLA.

Senhores da Camara Municipal:=A Commissão nomeada para redigir e crear de novo o livro=Annaes do Municipio=vem hoje perante vós dar conta do seu trabalho. Balda de luzes, falta de pratica, a Commissão reconhece a imperfeição do serviço para que foi nomeada, mas espera ser desculpada, attendendo-se aos seus defeitos, e aos bons desejos que a animam. A Commissão, lembrando-se que em Mossamedes não ha nenhuns apontamentos historicos, e que o livro em questão creado de novo póde para o futuro servir para d'elle se colligirem esses mesmos apontamentos, julgou prudente consignar n'elle em resumida memoria alguns factos anteriores á creação da Camara Municipal, a datar do tempo da colonisação d'este Estabelecimento. Tambem para melhor poder avaliar o estado e progresso da agricultura pediu informações a dois dos primeiros agricultores; e fundada n'essas mesmas informações, e nas suas observações e diminutos conhecimentos, formou a sua opinião. Apresentando perante a Camara Municipal o resultado de seus trabalhos, a Commissão pede desculpa das suas imperfeições.

Sala das sessões da Camara Municipal, 31 de Dezembro de 1856.=*José Antonio Lopes da Silva*=*Antonio Romano França.*

ANNAES DO MUNICIPIO DE MOSSAMEDES

contendo um breve resumo do principio da sua colonisação, e enumeração dos factos mais notaveis acontecidos desde aquella epocha até á elevação d'este Estabelecimento á categoria de villa, e creação da primeira Camara Municipal, e onde continuará a consignar-se os mesmos, o estado da agricultura, causas de sua decadencia, e os meios adequados ao seu melhoramento, etc., mandados crear por Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar, de 8 de Janeiro de 1856.

(Annos de 1839 a 1849.)

Mossamedes, cuja bahia foi denominada Angra do Negro pelos nossos navegadores, foi mandada visitar pelo Capitão General de Angola Barão de Mossamedes, cuja Commissão foi incumbida ao Capitão mór de Benguella que aqui veiu com forças por terra; e a este facto deve a sua denominação.

Embora a data do seu descobrimento seja muito antiga, o principio de sua povoação data de 1839. N'este anno veiu de Benguella a Quillengues, e d'aqui a Huilla, Jau, e depois Mossamedes, o Tenente de artilheria João Francisco Garcia, onde já achou fundeada no porto a Corveta *Izabel Maria*, commandada por Pedro Alexandrino da Cunha. Garcia vinha nomeado Regente.

Já então existia no local que hoje se chama *Hortas*, uma feitoria bem montada, pertencente a Jacome Filippe Torres, de Benguella, administrada por um homem de sobrenome Guimarães, que fazia muito negocio, e se achava acreditado com o gentio, o que lhe acarretou tal perseguição que foi preso na mesma Corveta para Loanda, roubando-se-lhe e destruindo-se-lhe a feitoria. Jacome protestou contra a violencia e obteve justiça, mas não reparação. Apesar d'este acontecimento, ainda assim veiu em 1840 Clemente Eleuterio Freire montar outra feitoria, de sociedade com João Maria de Sousa e Almeida, a qual acabou sendo d'aqui enviado preso o dito Freire, o qual era de genio creador, e alguns serviços prestou ao Estabelecimento. Em 1841 veiu Bernardino José Brochado estabelecer outra feitoria, de sociedade com D. Anna Ubertal, de Loanda; e em 1843 veiu estabelecer outra, de sociedade com D. Anna Joaquina dos Santos, Fernando José Cardoso Guimarães.

Algum tempo depois veiu João Antonio de Magalhães estabelecer outra feitoria de sociedade com Augusto Garrido; porém de todas estas feitorias só existe hoje a de Fernando, por se ter fundado na pesca, e dedicado tambem á cultura.

Começou pois esta povoação por um Presidio, em que alem da força militar e degrada-

dos se estabeleceram algumas feitorias, e d'entre alguns de seus administradores, taes como Fernando e Freire, bem como o Tenente de Marinha A. J. de Sousa Soares de Andréa, e o Commandante do brigue Tejo e sua guarnição, foi que nasceram os primeiros ensaios da agricultura.

A força de vegetação que se conheceu em algumas sementes lançadas á terra; a descripção feita por alguns Officiaes de Marinha, e a benignidade do clima fizeram suscitar a idéa da colonisação d'este local por gente não degradada.

Os partidos politicos do Brazil, principalmente em Pernambuco, tendo sempre por fim a maior ou menor perseguição aos portuguezes ali residentes, desgostaram estes, e muito concorreu tal perseguição para favorecer a idéa de colonisar Mossamedes; as exposições que de Pernambuco se fizeram para o Governo portuguez sendo acolhidas, este deu providencias para se transportarem colonos portuguezes do Brazil para Mossamedes.

Em Maio de 1849 sairam o brigue *Douro*, e a barca *Tentativa Feliz*, da barra de Pernambuco; e em 4 de Agosto do mesmo anno chegaram a Mossamedes, transportando familias e homens solteiros de todas as classes e idades, sendo todas as despezas feitas á custa do Governo[1].

Em 13 de Outubro de 1850 uma outra expedição deixava as aguas de Pernambuco a bordo do brigue *Douro* e da barca *Brachurense*, que se denominou segunda colonia; cujo transporte e despezas foram feitas á custa de uma subscripção patriotica portugueza, e que apesar das noticias adrede espalhadas por meio de cartas idas de Mossamedes na escuna *Maria*, que faziam uma descripção miseravel, e infelizmente verdadeira n'aquella epocha, d'este Estabelecimento, não deixou de ser numerosa; aportando a Mossamedes a 26 de Novembro do dito anno.

Estes segundos colonos, que deixando Pernambuco em um estado mais calmo do que aquelle em que o deixaram os primeiros de seus compatriotas, e que por conseguinte viviam já em melhor tranquillidade, vieram achar aquelles em um estado deploravel, e faltos de animo. Uma esterilidade espantosa, motivada pela secca, pessimo sustento composto de má farinha de mandioca, feijão podre, etc., uma nudez quasi completa, e finalmente um completo exaspero, a ponto de muitos se julgarem felizes com a praça que se lhes assentava em recompensa de tantas privações!

Quinze mezes eram passados; e n'esta epocha de esterilidade que poderia fazer-se? Alem da secca faltavam sementes; o director da colonia foi a Loanda, levando em sua companhia um colono (Francisco da Maia Barreto); este foi ao Bengo, e d'ali trouxe as primeiras sementes de canna, maniva, etc., e pouco antes da chegada d'estas, chegaram algumas sementes ao cidadão Fernando José Cardoso Guimarães, que foram plantadas (a canna) sob a direcção do colono José Leite de Albuquerque na horta d'aquelle senhor, e foi d'estas sementes que se crearam viveiros para os annos futuros.

Foi ainda n'esta epocha de verdadeira calamidade que chegaram mais colonos do Rio de Janeiro e Bahia, dos quaes ficaram mui poucos por falta de recursos; entre os d'esta ultima cidade alguns vinham que traziam capitaes e queriam ficar para negociar; o que não seria pequena vantagem; infelizmente foram d'isso despersuadidos. A este facto, e ao de terem-se escripto d'aqui pessimas noticias para o Brazil, se deve o não terem continuado a aportar aqui colonos vindos á sua custa; mas como viriam elles, se para ali se escrevia dizendo: «O clima é pessimo, é um logar de degradados, onde somos tratados como taes (e em parte havia rasão para o dizer); é peior que na ilha de Fernando de Noronha; não nos deixam d'aqui saír sem completar dez annos»; e outras muitas cousas! Dizemos que em parte tinham rasão, porque a mortandade foi espantosa nos primeiros dois annos; colono houve que foi dez e quinze vezes ao hospital n'um anno, d'onde saía como entrava, por falta de tratamento!

Como não seria grande a mortandade, se pessoas habituadas a um tratamento regular, viviam agora a meia ração, e esta muitas vezes damnificada! Se em um logar pouco salubre como o Bumbo, emquanto que a chuva caía a jorros, se achavam miseros infelizes debaixo de alguns ramos aquentando-se a uma fogueira, sem roupa para cobrir-se, porque muitos a deixaram no Estabelecimento por falta de conductores quando para ali foram; tendo tido uma penosa viagem a pé por caminhos quasi intransitaveis, sem poder supportar o calor de uma areia quasi ardente!

Examine-se um pequeno numero de artistas e outras pessoas, que poderam sustentar-se com um alimento mais saudavel, e que não passaram essas privações, e ver-se-ha que não tiveram até hoje uma baixa ao hospital, e alguns dos quaes no decurso de seis annos não

[1] Até aqui seguimos uma memoria fornecida a esta Camara pelo cidadão Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro, a qual por ser bastante extensa deixâmos de transcrever; e continuaremos a aproveitar d'ella o que julgarmos necessario e util. A dita memoria acha-se archivada n'esta Camara, onde póde ser consultada.

soffreram ainda uma intermittente; e examine-se tambem essas pessoas que aqui chegam do Reino ou do Brazil, e que não soffrem essas privações; veja-se a sua robustez e conhecer-se-ha esta verdade. Foi em consequencia d'essas privações que alguns colonos fugiram da Huilla, e que um melhor futuro fez volver outra vez a Mossamedes, porque desde o momento que os colonos poderam sustentar-se á sua custa, desappareceram essas molestias, e Mossamedes de hoje é um paraizo comparado ao de 1850.

Se nos demorámos em mencionar este facto, é porque julgámos de interesse o seu conhecimento no futuro, é porque somos portuguezes e desejâmos que se saiba no Brazil, em Portugal, e se possivel for em todo o mundo, que o clima de Mossamedes é melhor do que o de toda a Africa, superior ao de todo o Brazil, superior ao de muitos logares de Portugal, e igual ao melhor e mais temperado d'este ultimo paiz; e desejamos emfim que se desvaneçam esses restos de receio de vir aqui habitar, porque só assim, e com um bom Governo, poderemos prosperar; e para prova do que acabâmos de dizer d'este clima salutar, examinem-se ainda essas creanças nascidas e criadas aqui, a sua robustez, e sobretudo essa côr purpurina de suas faces, uma grande parte das quaes vive continuamente exposta aos raios abrazadores do sol!

Embora, á vista do disposto na Portaria do Ministerio do Reino, de 8 de Novembro de 1847, e da do Ministerio da Marinha e Ultramar, pareça estranho á presente Memoria tratar de objectos, usos e costumes de povos de fóra do Municipio; como não ha presentemente outra Camara Municipal n'este Districto, e os Chefes ou Regentes dos differentes logares do interior não tenham talvez informado o Governo dos usos e costumes dos povos onde habitam, e porque um dos membros da Commissão tem pratica por ter viajado entre varios dos ditos povos, pareceu prudente á mesma Commissão mencionar na presente Memoria tudo quanto pôde obter, no intuito de servir de informação no futuro, e actualmente ao Governo, pela intima relação que tem com o Municipio, e para mais cabalmente se conhecer o quanto se acham em atrazo os differentes povos do interior, não só em civilisação, como em trato com os europeus, que é quasi nenhum, e a necessidade que ha de Missionarios que os tirem do estado selvagem em que geralmente se acham; com o que se obteria grande desenvolvimento para o commercio d'esta Villa, que se tornaria uma das mais opulentas Cidades das possessões portuguezas d'esta parte do mundo.

Nas circumferencias da Villa todo o territorio é agreste, montanhoso e falto de aguas, sendo apenas susceptivel de cultura nas margens de alguns rios; e com tudo isso não deixa de ser habitado por algum gentio bravo, o qual se encontra mui disseminado junto ás serranias, nos logares onde as torrentes no tempo de chuvas se reunem em grandes buracos ou poços naturaes, que conservam a agua até á volta da seguinte estação chuvosa; é ahi que esse gentio se encontra ordinariamente, não se dedicando a trabalho algum, e apenas os homens são caçadores para se poderem sustentar e a suas familias; sendo porém o seu principal sustento uma fructa da apparencia de uma azeitona, de côr amarella, muito mucilaginosa e adstringente, tendo pouca polpa e muito caroço; e com effeito a necessidade os obriga a comer de tudo. Suas armas são o arco e frecha, o seu vestuario consta de duas pelles, uma da cintura até aos joelhos e outra do mesmo logar até ás curvas.

Em distancia de tres dias de viagem da Villa, na direcção de ENE., se encontra o Estabelecimento do Bumbo, e ahi começa a apparecer uma vegetação muito desenvolvida, tendo arvoredos e matas não somenos das do Brazil, e boas madeiras, tanto em qualidades, como em tamanhos. N'este local existe um gentio de raça mondombe, que cultiva, para seu sustento, milho e massamballa, cujo trabalho é feito pelas mulheres; os homens porém são pastores e criam gado vaccum e ovelhum: o seu vestuario é igual ao dos mondombes da Villa.

Sendo o Bumbo um extensissimo valle tem por E. a serra da Chella, que é assás elevada e corre NS., tornando-se, por causa da sua escabrosidade, assás difficultosa a sua subida, que se consegue passando pela beira de muitos precipicios, e do seu cume começa a ser habitada em differentes distancias, sendo o primeiro povoado o sobado da Umpata, cujo terreno é fertilissimo e abundante de aguas, tendo bellissimas campinas que são percorridas por numerosas manadas de zebras e assás grande quantidade de differentes outros animaes, taes como leões, hyenas, tigres, veados, girafas, empacaças, etc.: seus habitantes cultivam milho, massamballa, massango, batata ingleza e outros legumes, sendo este trabalho feito pelas mulheres; os homens são creadores de gado e caçadores de elephantes, e outros colhem cera com que commerciam com os brancos a troco de fazendas e missangas; não têem civilisação alguma, e algum trato que têem com os brancos é para lhes venderem cera, marfim, gado e mantimentos, e servir-lhes de carregadores.

Em distancia d'este ponto de duas e meia a tres leguas na direcção de E. acha-se o pequeno sobado da Huilla, cujo gentio é mais tratavel em consequencia de ser mais frequentado pelos brancos, e o mesmo Soba ser muito amigo d'elles: os usos e costumes não differem dos da Umpata, bem como tem bons terrenos e muitos rios; o seu commercio é o mesmo que fica dito da Umpata. Aqui estiveram estabelecidos alguns colonos dos que vieram em Agosto de 1849; porém a falta de caminhos, augmentando a distancia da Villa, alem de outros motivos, deram causa a que se retirassem mesmo contra a vontade do Governador José Herculano Ferreira da Horta.

Ao S. fica o Jau, que tem outro sobado, cujo gentio não differe do da Umpata, tendo as mesmas producções; mas os terrenos, sendo mais extensos, não podem igualar com os da Umpata e Huilla emquanto á sua vegetação.

Seguem-se outros sobados, como Mucuma, Hay e Gambos, sendo este ultimo um dos maiores em população.

A origem da raça do gentio da Huilla, Umpata e Jau é munana, enlaçada posteriormente com a muchimba, sendo a mais antiga a do Hay e Umpata; a de Huilla porém foi começada em epocha menos remota, segundo as tradições do paiz, por um bando de munanos emigrados, a cuja testa traziam uma mulher, e com o trato que tiveram com os muchimbas e gente das terras limitrophes povoaram o Jau, e este, ou em consequencia de guerras que o favoreceram, ou por outros quaesquer motivos, augmentou a população, diminuindo a de Huilla; e achando-se por consequencia o Jau mais povoado e poderoso, se tornou independente da Huilla já no tempo do actual Soba, sendo hoje o sobado que governa os de Umpata e Macuma.

A libata grande do sobado de Huilla foi primitivamente, como ainda se vê por alguns vestigios que restam d'ella, cercada exteriormente de muros de pedra e barro, e no interior de arvoredo de incendeiras, o que induz a crer que em epochas remotas soffreu grandes assaltos de guerras de outros sertões, o que provavelmente concorreu para que o Jau se tornasse independente.

Não podemos deixar de mencionar aqui uma particularidade peculiar ao gentio d'estes sertões em geral, e vem a ser a chamada festa da Géloa, que fazem depois da colheita, o que ordinariamente cáe pelo S. João, sendo a unica festa que têem. Começa por uma procissão de um boi preto e branco, que personalisa o Soba; correm com elle por todos os pontos da terra respectiva, pernoitando nas libatas onde chegam até que regressam ao logar da partida, entrando na libata grande; depois sáe o Soba fóra da libata a ver desfilar diante de si as boiadas dos seus subditos, findo o que, elle então dirige a palavra ao povo, e lhe dá parte do estado de suas relações com os Sobas seus visinhos, noticias de guerras ou probabilidades de as haver, estado prospero da colheita, esperanças prosperas da futura (pois se intitula senhor das chuvas), fecundidade das mulheres, e muitas outras cousas, que faz assimilhar-se a uma falla do throno, e depois de algumas ceremonias finda a festa, como principiou, por completa embriaguez. É para notar que emquanto a procissão anda fóra, perde o Soba toda a sua voz activa, e toda e qualquer novidade que occorre é participada ao encarregado da festa, que dá as providencias; e qualquer que se acha resentido do Soba aproveita esta occasião para lhe fazer suas arguições, que n'outra qualquer occasião lhe poderiam custar a vida. O boi que serviu para a festa jamais póde ser morto.

Seguindo dos Gambos para E. se encontram as povoações de Mulondo, Camba e Humbe na margem d'áquem do Rio Cunene, que n'estas terras descreve uma curva, e vae desaguar no Oceano. Os usos e costumes do gentio d'estas terras pouco differem dos antecedentes.

Alem do rio Cunene estão varias terras habitadas por gentio pouco tratavel, sendo a mais extensa e povoada o Coanhâma, onde poucos brancos têem ido em busca do marfim que n'estes logares abunda. O governo d'esta terra excede no poder absoluto a todas as outras, chegando mesmo a barbaridade, porquanto o Soba mata por suas mãos, ou manda matar quando lhe parece (chegando ás vezes a faze-lo por divertimento), qualquer de seus subditos. O Soba Ayimbire, que tinha já algum conhecimento de brancos, e estava em costume de lhes mandar e receber presentes, falleceu ha tres annos, e tendo outros subido ao poder todos têem sido mortos por continuas sedições, fomentadas por continuos pretendentes ao Estado; achando-se hoje no poder um muito moço, que tem andado a matar os velhos, de maneira que o paiz, acha-se, por assim dizer, defezo e perigoso para qualquer branco que se abalançasse a lá ir, e provavelmente não será facil tão cedo communicar com elles pelos meios de amisade que se haviam encetado com o defunto Soba Ayimbire.

Na direcção de ESE. do Coanhâma se acha a terra do Donga, d'onde, em distancia de quatro a cinco dias de viagem para o S., se encontram as grandes minas de cobre que abastecem todos os sertões limitrophes, e o qual fundem, fazendo um vergalhão de um quarto de pollegada de grossura e cinco pal-

mos de comprimento, de que fazem braceletes para as mulheres, e que, enrolado nos braços, a começar do pulso, lhes chega em espiral até ao cotovello, sendo este um objecto de grande negocio para elles.

O Soba do Donga é um preto de uma tal gordura, que se assevera ser quasi quadrado, sendo de estatura regular, e todo o corpo monstruoso e pesado, não podendo mesmo curvar-se, e se diz que devora uma grande quantidade de alimentos, comendo amiudadamente.

Na circumferencia de todas estas terras de S. a E., a partir da costa de O., existe muito gentio de raça muchimba, que não tem agricultura alguma, e se mantém de creação de gado. Não ha conhecimento cabal d'este gentio por ser inteiramente selvagem, sabendo-se apenas que possuem muito marfim, a que não dão valor algum, não constando que tenham sido visitados por brancos. Não têem negocio algum, e apenas aquelles que se acham mais proximos das outras terras é que têem seu pequeno trafico ás vezes; comtudo, não é isto de admirar, porquanto bem proximo d'esta Villa se acha o gentio de Croque, que d'elle se póde dizer o mesmo que dos muchimbas, com os quaes confinam e se alliam, que apenas alguns que têem vindo para esta Villa se acham mais civilisados; podendo-se dizer que havendo vontade e recursos, estes serviriam de facilitar a exploração dos ricos sertões que aquelles habitam.

A origem da raça de Croque foi primitivamente de mondombes que se alliaram com os muchimbas, e comquanto ainda conservem alguns indicios de sua origem, têem uma lingua bastante estranha pela abundancia de sons guturaes e nasaes, sendo desconhecida por isso que se ignora a dos muchimbas.

Na costa ao N. e S. d'esta Villa encontram-se os mucuissas, que é uma raça de gentio nomada, que se suppõe provir da nação mecoando, que demora ao S. do Dombe, no logar chamado a Munda do Ilambo. Vagueiam pelas pedras e rochedos da costa em pequeno numero, sustentando-se de mariscos, ou de peixe que industriosamente colhem com pregos, ou qualquer bocado de ferro, á falta de anzol, não fazendo parada certa nem demorada em parte alguma, sendo bastante trataveis.

Passemos agora a tratar da agricultura, essa fonte vital da sociedade (como lhe chama o Sr. Freire de Figueiredo), essa fonte perenne de todas as riquezas e a primeira motora do augmento de Mossamedes.

AGRICULTURA.

«Para se poder avaliar (diz o Sr. Figuei-«redo) qual o impulso que, apesar de todas as «difficuldades, tem tido n'estes ultimos tres «annos a cultura, basta referir o facto de que «mais de trinta navios têem este anno entrado «no porto, vindo unicamente em procura de «productos agricolas, e que todos têem ído sa-«tisfeitos pelas boas qualidades dos mesmos, «e pelos preços, que apesar de serem altos os «acham mui diminutos em comparação com os «dos outros pontos da costa, e muito mais os de «de Santa Helena, onde estes navios que são ba-«leeiros íam até agora comprar taes generos.»

«É do maior interesse attrahir uma tal na-«vegação, poisque ella elevará Mossamedes em «poucos annos, e fará com que a cultura, este «ramo vital da sociedade, toque o grau de «perfeição. A certeza de terem extracção os «generos agricolas, e por bom mercado, ani-«mará o agricultor a um trabalho o mais aper-«feiçoado possivel.»

A isto pouco temos a acrescentar. Em 1853 ainda o agricultor de Mossamedes dizia: «Eu planto, e quem me compra os meus productos?» Felizmente n'essa epocha principiaram a estabelecer-se as feitorias de urzella nos pontos proximos; algumas lanchas aqui vinham, e compravam esses productos por diminuto preço, é verdade, mas já infundiam alguma coragem.

Depois principiaram a exportar-se as batatas, e maior animação appareceu; e agora com os navios baleeiros o agricultor creou nova energia; praza aos céus que por qualquer motivo taes navios não deixem de frequentar este porto.

O augmento de Mossamedes não é conhecido só na cultura; o commercio tambem attesta o seu progresso: e se nos recordarmos que em 1850 havia apenas dez casas de pedra todas incompletas, metade das quaes estão hoje deshabitadas por falta de commodidades, tres de tabique tambem incompletas, e que hoje se eleva o seu numero a mais de sessenta, entre as quaes ha bom numero de soffriveis propriedades com boa apparencia, afóra um numero não diminuto em construcção; que temos uma bella Igreja com casa para Parocho; uma boa frente na fortaleza; que no Quipolla ha hoje um soffrivel numero de casas com commodidades, e que outras se estão construindo, conhecer-se-ha que os habitantes de Mossamedes não têem sido indolentes, e que os Governadores, apesar da falta de recursos, não têem ficado estacionarios.

Até agora, aindaque com imperfeição, temos historiado resumidamente os factos e casos notorios de Mossamedes em geral, com o intuito de que no futuro se achem no archivo da Camara estes esboços defeituosos, e possam servir de base a qualquer penna bem aparada que de taes negocios queira tratar: vamos

agora cingir-nos á obrigação que nos impõe a Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar de 8 de Janeiro do anno corrente, descarregando-nos assim do trabalho que nos incumbiu a Camara Municipal, nomeando-nos membros da commissão de que trata aquella Portaria, e principiaremos outra vez pela agricultura.

Da Memoria offerecida pelo Sr. Bernardino Freire de Figueiredo Abreu e Castro consta que o engenho Purificação da Luta se moveu pela primeira vez em 2 de Fevereiro de 1853; cujo engenho é montado regularmente com casa de purgar e de encaixamento, faltando-lhe unicamente casa para distillação. Apesar de que na dita Memoria não consta, sabe a commissão por testemunho ocular de um de seus membros, que a primeira safra d'aquelle engenho não correspondeu á expectativa que se esperava, porque em consequencia da morosidade das obras, só o engenho pôde moer quando a canna estava na maior parte estragada; o que não deve acontecer na safra que ora está creando, apesar das difficuldades com que tem de lutar o seu proprietario, em consequencia de se ter incendiado este anno a casa de purgar, em cujo incendio teve o dito proprietario graves prejuizos, taes como queimarem-se duas machinas de descaroçar algodão, madeira para prensas, apparelhos de farinha, e grande quantidade de algodão em caroço.

No local do Bumbo se acha o estabelecimento do cidadão colono José Leite de Albuquerque, dedicado á cultura da canna saccharina, o qual teve de lutar com grandes difficuldades, sendo uma das principaes a insalubridade do local; e comtudo isso com uma constancia e resignação pouco communs, conseguiu montar o engenho que hoje ali existe, e que já tem concorrido para auxiliar o commercio do sertão com a grande quantidade de aguardente que tem feito. Só na conducção do engenho perdeu elle para cima de trinta bois de carro mortos de cansaço pelos maus caminhos por onde tinha de passar, em cujo transito gastou tres mezes para a conducção, o que poderia fazer em seis ou oito dias, visto que não ha ainda estrada alguma, e o caminho que actualmente serve para communicar com o sertão ser assás sinuoso e designal, o que se remediaria se o Governo mandasse fazer uma picada em duas pequenas matas que existem na direcção de Capangombe, com o que se obteria ir ao Bumbo na terça parte do tempo, e por muito melhor caminho. Aquelle estabelecimento pois tem tido um tal desenvolvimento que com effeito virá a ser, como já o é, a melhor fazenda d'este Districto, não só pela feracidade do torrão, como pela regularidade das chuvas, que falta no littoral, e ali enriquece todos os productos agricolas.

Diz aquelle cidadão, em uma Memoria fornecida a esta Camara, que apesar de não ter-se dedicado a outra cultura mais do que a canna e mandioca, comtudo a experiencia lhe demonstra que o algodão ali produz bem, e que igualmente deve produzir o café, e que esta cultura ali estabelecida, sendo ajudada pelo Governo, deve ser de muito proveito para esta Villa, e para todo o Districto.

Não devem passar em silencio os trabalhos e privações d'este cidadão para montar a sua agricultura, os quaes o tornam recommendavel.

Em principio do anno corrente o cidadão José Joaquim da Costa deu começo ao levantamento do terceiro engenho no local da Boa Vista, com proporções gigantescas, e para ser movido por bois sobre um circulo, que fica superior á machina, de quatorze palmos, deixando-a por esta fórma livre e desembaraçada para a gente empregada no serviço da moagem junto a ella, systema este que, comquanto seja mais dispendioso, dará, como é de esperar, bom resultado. As machinas já estão assentadas, e é de presumir que seja experimentado por estes tres mezes.

N'este local ha bastante canna; o engenho está bem situado, e offerece bons commodos aos lavradores que ali quizerem ir moer canna.

A falta de se ter levantado aquelle engenho, e a escassez do assucar, ha seis mezes a esta parte, fez que os lavradores fizessem destorcedores, nos quaes á força de braços moem a canna, de cujo caldo têem feito assucar nada inferior, e algum muito superior, ao de Cabo Verde, com o qual se tem supprido a Villa e suas immediações.

Em resultado conhece-se que a cultura da canna tem augmentado, e o mesmo a da mandioca; tendo sido o augmento da batata muito e muito maior.

Tambem já temos algumas arvores fructiferas, bem como o limoeiro, laranjeira, cajueiro, cajaseiro, goiabeira, romanzeira, etc., sendo para notar os bellos figos de um tamanho espantoso, e que em abundancia produz, principalmente no arimo do colono Antonio Moreira da Silva e Sousa: a romã e a goiaba produzem da mesma fórma que o figo; as outras fructas porém custam mais a desenvolver, e mui poucas laranjas e limões têem produzido na horta nacional, e na do Sr. Bernardino de Figueiredo, notando-se que ainda que todas as arvores fructiferas crescem muito menos, dão comtudo o fructo muito cedo em attenção ao tamanho, principalmente a figueira, tendo-se visto uma com menos de quatro palmos de altura, e outros tantos de circum-

ferencia, e menos de seis mezes de idade, carregada com mais de cem figos!

COMMERCIO E INDUSTRIA.

O commercio tendo florescido nos ultimos tres annos, retrogradou muito este anno, em consequencia da guerra do sertão para onde se permutavam as fazendas; felizmente porém veiu em seu auxilio o apparecimento de bastantes navios empregados na pesca da baleia, e resarci-lo em parte dos graves prejuizos que lhe acarretou aquella guerra: o numerario, sendo mui diminuto, tinha completamente desapparecido, mas com a affluencia d'aquelles navios principiou a apparecer de novo de differentes qualidades e nações; e sendo a terra pequena, da mesma maneira que influiu para o mal ao principio, influiu depois para o bem.

Ha dois estabelecimentos de charquear, onde se prepara a carne pelo systema de Montevideu e do Brazil, e se salga e embarrica pelo systema americano, os quaes servem para dar extracção ao gado vindo do sertão, e cuja carne é exportada; infelizmente este anno têem estado quasi paralysados em consequencia da guerra, e pertencem a Manuel de Almeida Soares, e a João Duarte de Almeida.

Montou-se este anno um estabelecimento no logar de Giraul para o fabrico de cal, tijolo e telha, que promette bom resultado em rasão da qualidade do barro, ter lenhas perto e modicidade dos preços; pertence a João José de Paiva.

Em consequencia de se tornarem bastante caras as casas feitas de pedra, e as de tabique serem pouco duradouras, introduziu-se o systema de fabrica-las de adobe, e em virtude d'isso é que tem havido o progressivo augmento de construcções novas.

Crê-se como certo o ter-se descoberto minas de cobre, do qual já foram as amostras para S. Ex.ª o Governador Geral por intervenção do Governo do Districto, e são os seus descobridores João José de Paiva e Antonio Romano Franco; ha esperanças de serem descobertas minas de outros metaes, principalmente de ferro, de que parece haver muita abundancia.

CHUVAS E INUNDAÇÕES.

A primeira inundação periodica do rio Bero appareceu este anno em fins de Janeiro; a segunda em Março, e a terceira no 1.º de Dezembro: foram regulares, e aturaram pouco tempo.

Uma grande trovoada appareceu sobre Mossamedes nos fins de Outubro, maior que as ordinarias; mas não choveu.

No dia 30 de Novembro choveu pouco, porém no dia 1.º e 2.º de Dezembro choveu como não acontece ha muitos annos, nem mesmo em 1850: a chuva fez alguns estragos em casas de adobe, que ainda não estavam caiadas, e se continuasse seriam graves os prejuizos; deve comtudo ser muito util á vegetação.

LONGEVIDADES.

As pessoas mais velhas, brancas e naturaes de Portugal, existentes n'este Municipio são as seguintes: Joaquim da Cruz Quintas, Marcellina, mulher d'este, e D. Maria Antonia Baptista: o primeiro conta oitenta e dois annos, está ainda robusto; é degradado, e apesar d'esta idade ainda tem praça na Companhia de linha; é cabouqueiro, e empregado no serviço do Estado. Apesar de ser degradado, é bem quisto pelo seu comportamento regular, firmeza de caracter, e verdade nos seus tratos; e por isso digno de ser aliviado do serviço do Estado. A segunda está a completar oitenta e quatro annos, ainda bastante robusta, e não deixa de ser curioso o ver este par antiquario (que aqui vive ha doze annos) nos seus passeios domingueiros, bebendo a sua pinguinha, unico defeito que se lhe nota. A terceira tem oitenta e dois annos, é natural de Lisboa, vive aqui ha oito annos; conserva ainda muita robustez; dá seu passeio regular, conservando bom equilibrio no andar, e ainda em 1855 ou 1586 foi vista dansar uma quadrilha com todo o garbo e gentileza! Esta senhora tem de mais a felicidade de ver-se reproduzir em uma prole numerosa, contando já cinco lindos bisnetos.

Uma preta existe no gentio do Guipolla que presume ter mais de cento e trinta annos; o seu andar é, ora regular, ora saltando encostada a um cajado, com os labios e a cabeça continuamente tremulos, ora rindo, ora chorando, o que denota falta de faculdades intellectuaes: tem filhos mui velhos, netos tambem velhos, bisnetos e trinetos.

O Soba do Bumbo, Munimbumbo, mostra ter mais de cento e vinte annos; na sua numerosa progenie tem netos muito velhos, e filhos que apenas andam encostados a bordões. Munimbumbo é cego; raras vezes sáe de casa, e quando isto acontece é conduzido pelos seus familiares: e como se vê da Memoria de Leite de Albuquerque, existem ali muitos indigenas de avançada idade, sendo o seu sustento habitual o de que usam todos os gentios áquem da Chella, milho, feijão, leite, carne e vegetaes. São estes povos hoje mais dómitos do que no tempo em que ali se estabeleceram os primeiros brancos.

ELEVAÇÃO DE MOSSAMEDES Á CATHEGORIA DE VILLA E JULGADO.

O Governo de Sua Magestade, tomando em consideração o progressivo augmento de Mos-

samedes, houve por bem elevar á cathegoria de Villa e Julgado este Estabelecimento com a denominação de = Villa de Mossamedes = por Decreto de 26 de Março de 1855; e em 7 de Maio do dito anno foi expedida a Carta Regia que se acha archivada n'esta Camara: em consequencia do que, em Novembro seguinte, se procedeu á eleição da primeira e actual Camara Municipal.

Sala das sessões da Camara Municipal, em 31 de Dezembro de 1856. = *José Antonio Lopes da Silva = Antonio Romano Franco.*

RESUMO

DOS FOGOS, POPULAÇÃO E PREDIOS URBANOS CONCLUIDOS E EM CONSTRUCÇÃO NA VILLA E ARRABALDES ATÉ AO FIM DO ANNO DE 1856.

Fogos.

Na Villa	49
No local das Hortas	5
Na Boa Esperança	26
Na Boa Vista	2
Nos Cavalleiros e Macalla	3
	85

População livre.

Sexo masculino	164
Dito feminino	108
	272

População escrava.

Sexo masculino	475
Dito feminino	157
	632
Libertos dos dois sexos	54

Predios concluidos.

Na Villa:	
De pedra	36
De adobe	8
De pau a pique	22
Cubatas de palha	10
	76
Nas Hortas e Aguada:	
De adobe	6
Cubatas de palha e pau a pique	4
	10
Na Boa Esperança:	
De adobe	20
De pau a pique	7
	27
Na Boa Vista:	
De adobe	2
Nos Cavalleiros e Macalla:	
De pedra	1
De adobe	2
	3

Predios em construcção.

Na Villa	12
Nas Hortas	2
Na Boa Esperança	5
	19

Engenhos de assucar.

Nos Cavalleiros (montado)	1
Na Boa Vista (em construcção)	1
	2

RESUMO

DOS PRODUCTOS AGRICOLAS DURANTE O ANNO DE 1856.

QUALIDADES	QUANTIDADES	OBSERVAÇÕES
Assucar	178 arrobas	Vendeu-se de 7$200 a 9$000 réis a arroba.
Algodão	1:672 arrobas.	Regulou a 600 réis por arroba, em caroço.
Aguardente	41 ½ pipas.	Em todo o Districto.
Aboboras	400.	Sómente de um arimo.
Batatas	5:405 arrobas.	Póde avaliar-se em mais um terço.
Bananas	100 cachos.	Sómente de um arimo.
Cará	4:247 arrobas.	Póde avaliar-se em mais um terço.
Canna saccharina	14 milheiros.	Regulou a 20$000 réis o milheiro.
Farinha de mandioca	8:170 cazungueis.	Póde avaliar-se em mais um terço.
Feijão	128 ditos.	
Milho	813 ditos.	
Azeite de carrapato	Pequena quantidade.	
Hortaliças	Grande quantidade.	

PRODUCTOS DE INDUSTRIA.

QUALIDADES	QUANTIDADES	OBSERVAÇÕES
Carne secca e salgada.	612 arrobas.	Só em um estabelecimento, e até Agosto.
Couros de boi.	112.	Idem, idem.
Peixe secco.	12:600 malteles.	Maior quantidade.
Azeite de cação.........	206 pipas.	Idem.
Tijollo.	21 milheiros.	
Cal....................	56 moios.	
Adobe.	60 milheiros.	

VARIEDADES.

MACAU.

(Da primeira viagem em roda do mundo, de M. Ida Pfeiffer.)

No dia 9 de Julho lançámos ancora na rada de Macau. A Cidade pertence aos portuguezes, e terá vinte mil habitantes. Está em uma posição encantadora, junto do mar, e acompanhada de lindas cadeias de collinas e de montes. São notaveis particularmente o palacio do Governador, o convento catholico da Guia, as fortificações e mais alguns bonitos edificios situados sobre as collinas em uma desordem pittoresca.

Mal tinhamos ancorado logo muitos chinezes subiram ao convez da nossa embarcação, emquanto outros mostravam nos seus barcos muitos objectos, fructas, pastelaria, arranjando-os com muita ordem, e formando em roda de nós um verdadeiro mercado. Alguns até elogiavam os seus generos em mau inglez; mas pouco negocio fizeram, porque a equipagem apenas comprou alguns cigarros e fructa.

O Capitão Jurianse afretou um barco, e logo fomos para terra. Para poder desembarcar foi necessario pagar ao Mandarim meia pataca hespanhola. Este abuso, segundo vim a saber, foi abolido pouco depois.

Atravessámos grande parte da Cidade para chegarmos ás casas dos negociantes portuguezes. Os europeus, tanto homens como mulheres, podem andar com segurança pela Cidade sem perigo de serem apedrejados como nas outras Cidades da China. Nas ruas habitadas só por chinezes havia grande movimento. Viam-se grupos de homens assentados na rua a jogarem o dominó, e nas lojas serralheiros, marceneiros, sapateiros e outros officios: via-se trabalhar, jogar, conversar e comer. Poucas mulheres vi, e estas só do povo baixo. Nada achei mais curioso do que o modo como os chinezes comem. Servem-se de dois pausinhos, com que levam a comida á bôca com muita habilidade e delicadeza. Quanto ao arroz chegam o vaso da comida ao pé da bôca e mettem grande quantidade com os mesmos paus, aindaque algum torna a caír no vaso, de um modo pouco appetitoso. Para os liquidos servem-se de colheres redondas de porcelana.

A construcção das casas nada tem de particular; a fachada é de ordinario para um pateo ou para um jardim. Entre outros logares visitei a gruta em que o celebre escriptor portuguez Camões compoz, segundo se diz, os seus Lusiadas. Por ter feito a poesia satyrica *Disparates da India* foi desterrado em 1556 para Macau, onde passou muitos annos, até que foi chamado para a patria. A gruta está situada perto da cidade em uma elevação encantadora.

EXTRACTO DE UMA MEMORIA SOBRE A FEITORIA DE BANDEL NO GOLFO DE BENGALA, A QUAL FOI ENVIADA DE CALCUTA.

(Feito no seculo passado.)

Os Mogores de Delhi concederam á nação portugueza em Bengala algumas possessões e privilegios, que por descuido temos abandonado, como são a Cidade de Ugli e o Bandel na margem do rio Ugli de Bengala com 777 biggas de terra em quadro, em que se comprehendiam varias aldeias de christãos, gentios e mouros, com varios privilegios, como eram os do tabaco, areca e sal. Esta concessão é do anno de 1632, renovada em 1633. Os religiosos agostinhos conservam ainda no Bandel uma igreja parochial, que tambem lhes serve de convento. As cartas de privilegio por onde constam estas concessões se acham ou perdidas ou dispersas, e os inglezes se têem

aproveitado da nossa negligencia para se ajustarem com o prior do dito convento, o qual, suppondo-se senhor d'aquellas possessões, cedeu aos inglezes grande parte d'ellas.

As utilidades e vantagens que a nação portugueza póde tirar de um similhante estabelecimento em Bengala são bem manifestas, e para nos aproveitarmos d'ellas seria preciso, antes de tudo, destinar pessoa que procurasse no Convento de Agostinhos, e nas mãos de alguns portuguezes que ainda existem n'aquelle continente, os titulos dos nossos privilegios, e que o Sr. Governador e Capitão General da India, fundado n'elles, requeresse ao Mogol a renovação e confirmação dos mesmos privilegios; e não apparecendo algum dos ditos titulos se poderão supprir com o registo que na côrte d'aquelle imperio se guarda exactamente de todas as concessões e ordens que se passam, e pedir a confirmação dos privilegios concedidos em outro tempo aos portuguezes, os quaes hão de constar do mesmo registo.

Parece que com alguma diligencia se poderá conseguir do Mogol a renovação e confirmação da pósse e privilegios que em outro tempo foram concedidos aos portuguezes, por não haver exemplo até agora que n'aquella côrte se tenham revogado similhantes concessões feitas a alguma nação europea ou asiatica, sem para isso haver alguma rasão muito forte, a qual se não póde mostrar a respeito da nação portugueza.

O auctor do extracto acrescenta a seguinte noticia:

As utilidades e vantagens que a nação portugueza podia tirar de um similhante estabelecimento em Bengala são bem manifestas, e algumas d'ellas se apontam no papel de que este é o resumo.

Já Feliciano Velho intentou estabelecer uma feitoria no logar chamade Isserak, que comprou do Fuzedar de Ugli, e por confirmação do Mogol principiou um estabelecimento, de que ainda hoje se vêem os vestigios, e se acha abandonado e deserto. E considerando as grandes utilidades que a praça de Lisboa podia tirar de ter uma feitoria em Bengala, parece que inteirados os negociantes d'estas utilidades, e intervindo a approvação de Sua Magestade, não poderia haver difficuldade em se formar uma companhia ou sociedade para a Asia e suas dependencias, sobre um plano solido e seguro.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

ANGOLA.

Senhores da Camara Municipal:—Ainda este anno vimos dar conta da missão, de que de novo nos encarregastes, de redigir a Memoria que deve lançar-se no livro =Annaes do Municipio=. Ainda este anno vos apresentâmos um trabalho pouco correcto e regular; porém a escolha foi vossa, e desculpareis os defeitos que são filhos, não da indolencia e maus desejos, mas sim dos nossos diminutissimos conhecimentos. Suppra pois o voto ardente que fazemos pelo progresso d'este Municipio as faltas que encontrardes, e desculpae-nos.

Sala das sessões da Camara Municipal de Mossamedes, 23 de Dezembro de 1857.=*José Antonio Lopes da Silva.*=*João Dolbelk Costa.*

SEGUNDA MEMORIA LANÇADA NO LIVRO—ANNAES DO MUNICIPIO DE MOSSAMEDES—NO ANNO DE 1857.

Mossamedes caminha com passo firme, se bem que moroso, na estrada do progresso. Se lançarmos um simples volver de olhos para a sua industria e agricultura, reconheceremos que estes dois sustentaculos dos povos, e primeiros elementos de civilisação e prosperidade, comparados com a diminuta população do Districto, e com aquelles povos antigos que dispõem de melhores meios, e que alguns não soffrem os entraves com que nós lutâmos, veremos que não temos senão de que dar graças á Providencia, vendo crescer os recursos da terra que habitâmos. E comparando o anno de 1857 ao transacto, teremos uma sensivel differença em beneficio do progresso. Acompanhemos pois com a nossa observação os differentes periodos da Memoria de 1856 para lhe notarmos a differença, e mesmo fazer-lhe algumas correcções.

Comparando as privações por que passámos, nós, os que viemos lançar os primeiros fundamentos d'esta colonia, nós os que viemos revolver pela primeira vez estas terras virgens ao córte da enchada, com a commodidade que hoje disfructam os colonos que de novo chegam; se compararmos o mesquinho e muitas vezes arruinado sustento com que eramos suppridos, com o que hoje recebem, só ahi encontraremos uma sensivel differença. Oxalá que o Governo em breve possa dar a esses colonos ferramentas e utensilios de lavoura, de que soffrem grande mingua, pois quanto ao mais bastará lembrar-nos que em outro tempo houve uma mortalidade de mais de 20 por cento, e hoje, dos ultimos colonos vindos, ainda não morreu nem adoeceu algum, antes n'elles se vê o vigor e a saude influenciados por este clima salutar.

Aproveitaremos este logar para repetirmos o que dissemos o anno passado, que todos os esforços para civilisar os povos do interior, todos os meios que para isso podérem empregar-se, não serão baldados nem desnecessarios. Precisâmos, por exemplo, uma estrada que dê facil communicação com a Huilla, porque, emquanto a não houver, a colonia ali estabelecida não poderá progredir com vantagem. Os caminhos que para ali ha são pessimos, e os productos agricolas d'aquelle local só poderão chegar á Villa, e por consequencia ao mercado, por um preço exorbitante, e cujas despezas, recaindo sobre o agricultor, farão desanimar este; e basta lembrar que um cazunguel de milho não poderá ser posto na Villa com menos de 300 réis de despeza. A civilisação dos indigenas d'aquelle local e uma estrada soffrivel darão um incremento ao Districto, que bem compensará as despezas que com isso se fizerem.

Comparando o mappa estatistico, que em resumo apresentâmos no fim d'esta memoria, com o que apresentámos no anno proximo passado, veremos o augmento da industria e agricultura, apesar de que esta teve contra si as ultimas cheias, que estragaram grande quantidade de mandioca, batatas e cará, e

aquella luta sempre com a falta de meios tão necessarios ao seu desenvolvimento.

Emquanto que no resto da Provincia se tem soffrido falta de subsistencias, nós temos tido pelo menos o necessario relativo a farinha de mandioca, e temos exportado grande quantidade dos outros generos alimenticios. Os navios baleeiros têem affluido, e todos fazem o supprimento necessario por preço muito modico. Os navios nacionaes, principalmente os transportes do Estado, tambem exportam, e tudo por preço mais modico do que no resto da Provincia, finalmente, apesar das difficuldades e alguns contratempos o agricultor tira uma justa recompensa do seu suor e do seu trabalho; o commerciante tambem é recompensado de seus esforços e fadigas, e o artista acha tambem recompensa em bons jornaes com que lhe pagam os serviços que presta aos dois primeiros e vitaes promotores do progresso e civilisação, sem que lhe seja necessario mendigar o amargurado pão da caridade publica. Mossamedes ainda hoje não vê bater á porta de seus habitantes um só mendigo! Demos graças á Providencia.

No mappa estatistico d'este anno não figura uma avultada addição, que figurou no do anno passado, dos productos do engenho do Bumbo; porque, apesar de se terem pedido para ali e para a Huilla e Gambos os respectivos mappas, até hoje não vieram, naturalmente em consequencia das correrias dos povos do Nanno, de que logo fallaremos, e da falta de communicações regulares por falta de estradas, de que já tratámos, ou finalmente porque os Chefes d'aquelles Concelhos ainda se não compenetraram do interesse que resulta da pontualidade na execução d'estes e outros serviços de interesse geral; apenas figura n'aquelle mappa uma remessa de assucar de muito soffrivel qualidade, que veiu do Bumbo; mas apesar d'isso ainda assim excede ao do anno passado, e por consequencia uma prova de augmento.

Observaremos agora algumas causas que motivaram o não haver este anno mais augmento na producção agricola. A rosca (bixo) que corta as plantas pela raiz, quando ellas principiam a desenvolver-se, parece ter este anno augmentado, e tem causado sensivel estrago. Muito util seria a descoberta de um meio de extingui-la, sem ser necessario anda-la a desenterrar junto ás plantas, em que só se conhece existir o mal depois que se vê a planta murcha, e por conseguinte cortada. A cultura do algodão tem ido em decadencia, não só porque é a que menos paga o trabalho do agricultor, como porque tambem parece ir-se reconhecendo que o litoral do Districto é o menos proprio para esta cultura. Do mesmo que existia plantado a colheita foi má, e se conhece uma sensivel differença.

No mez de Janeiro uma d'essas correrias, que denominam guerras, e que só têem o fito na pilhagem, atacou o engenho do Bumbo, que denodadamente defenderam o seu proprietario e o seu administrador á testa de alguns escravos e libertos; comtudo foram estragados alguns cannaviaes e mais plantações; salvou-se porém o engenho que tentaram destruir.

No mez de Novembro foi atacada a Huilla por uma d'essas correrias, a mais numerosa; houve um renhido combate, e bastantes mortes dos negros, e apesar de alguns destroços e prejuizos que soffreram os habitantes, foram repellidos os aggressores, graças á valentia e providencias do Capitão Francisco Godinho Cabral e Mello, coadjuvado pelos benemeritos Officiaes Miguel Gomes de Almeida e Augusto Carlos de Sousa, bem como pelos habitantes. Ha bem pouco tempo aquelle benemerito militar salvou Quillengues tambem da pilhagem.

O Soba dos Gambos, onde ha pouco tempo os brancos achavam segura garantia, parece que se vae tornando mais hostil; ha poucos dias quiz envenenar ou chegou a deitar veneno em uma cisterna que ali fez o commerciante Manuel Almeida Soares. Estes factos têem concorrido para que o commercio não tenha tido maior desenvolvimento.

As chuvas e enchentes periodicas da torrente Bero foram este anno regulares; fizeram alguns estragos, porém recompensaram bem estes com a abundancia que resultou d'ellas, refrescando as terras.

A descoberta de jazigos de cobre e outros mineraes progride; varias minas têem sido concedidas, das quaes se têem tirado amostras, e só nos falta serem exploradas para termos mais esse elemento de riqueza e prosperidade.

As edificações novas progridem, alguns predios se têem feito, e se acham outros em construcção, tendo desapparecido, como por encanto, as cercas de palha que havia nos quintaes, e substituidas por muros de adobe. Está quasi concluida uma casa para açougue publico, de setenta palmos de frente, de terrasso, e com sete portas e janellas de arco; deverá ficar prompta até ao fim de Janeiro. Não havendo prisão civil, vão ser destinados provisoriamente dois quartos da dita casa para esse fim, na qual se fizeram os competentes repartimentos, de maneira que logoque estes se possam dispensar e haja outra prisão, será a casa toda para açougue e casa de balança.

Lançaram-se já os primeiros fundamentos para a casa da residencia do Governo, e acabou de montar-se o engenho da Boa Vista, pertencente ao cidadão José Joaquim da Costa.

Não é sem repugnancia que vamos narrar um facto ultimamente acontecido, porém somos a isso obrigados em consequencia do encargo que sobre nós pesa. O assentamento de praça aos colonos tornou-se tão odioso aos habitantes de Mossamedes, em consequencia dos factos que se praticaram nos primeiros tempos da colonia, a que nos, com tanto trabalho e privações, lançámos os fundamentos, que jamais serão esquecidos. Os habitantes de Mossamedes, laboriosos e soffredores, lisonjeavam-se que taes factos se não reproduziríam; certos da sua perseverança e amor ao trabalho, da protecção do Governo de Sua Magestade, do interesse que o mesmo Governo mostra pelo progresso das colonias, julgavam-se a coberto d'esse procedimento odioso. Firme na convicção de que o Governo do nosso Augusto Monarcha não destinava fundos para o augmento da colonisação com o fim de fazer os colonos soldados, de que o Governo do Districto não necessitaria de outro apoio mais do que o dos habitantes laboriosos, julgava-se a coberto d'esses vexames que em outro tempo nos acabrunharam. Infelizmente laborava em erro! Tres colonos, vindos ultimamente do Porto, onde tem sido tão difficil promover a colonisação, tendo chegado a este Districto, foram remettidos para a Huilla. Um d'elles, que é tecelão, padecendo ali de uma molestia de peito, e tambem em consequencia da ultima guerra, regressou a esta Villa; os seus dois companheiros seguiram-no, um dos quaes tambem é tecelão; obtiveram as competentes guias, e aqui se apresentaram. Por felicidade para elles e para o Districto o Sr. Eugenio Wehzlin estava montando uma fabrica de tecidos, que tão util deve ser ao Districto, por ser a primeira empreza d'este genero; os dois colonos foram offerecer-lhe os seus serviços, depois de se terem apresentado ao Governo do Districto; o Sr. Eugenio contratou-os a 15$000 réis mensaes cada um, e promettendo-lhes que logoque a fabrica estivesse montada lhes augmentaria o ordenado. Os dois colonos ficaram satisfeitos, e o publico tambem, por ver mais esse elemento que vinha coadjuvar o Sr. Wehzlin no seu projecto de montar a fabrica já quasi concluida. Mas qual não seria a admiração e indignação geral, vendo que logo no outro dia, 25 de Novembro, se sentára praça aos dois colonos, e para maior fatalidade no anniversario em que a segunda colonia, vinda do Brazil, descobriu as praias de Mossamedes; n'esse dia verdadeiramente nacional para este Districto!! No dia 26 de Novembro havia sessão ordinaria da Camara Municipal; e depois d'esta ter principiado os seus trabalhos ordinarios, viu affluir repentinamente, pelas onze horas do dia, cincoenta e tantos cidadãos, isto é, as duas terças partes dos habitantes, com uma representação escripta, e já em grande parte assignada, pedindo á Camara que esta os coadjuvasse para pedirem a S. S.ª o Governador do Districto a soltura dos dois colonos. A Camara suspendeu os seus trabalhos ordinarios para tomar conhecimento da representação dos habitantes, e reconhecendo que o povo exercia um direito legitimo (o de petição) resolveu coadjuva-lo. Redigiu pois uma representação, e nomeou dois cidadãos para apresenta-la a S. S.ª Um d'elles, o Sr. José Francisco da Costa Roxo, que tantos serviços tem prestado a Mossamedes, foi repellido por S. S.ª, por não ser morador no Districto, como se não fosse portuguez!! S. S.ª não attendeu, e respondeu que a medida que tinha adoptado seria mantida, e responsabilisou a Camara por qualquer prejuizo que de tal acto resultasse. Então o povo requereu que se lavrasse um protesto contra aquella responsabilidade que S. S.ª queria fazer pesar sobre a Camara. A Commissão tinha proposto em nome do povo ao Sr. Governador do Districto que se désse baixa áquelles colonos, e que o Governo receberia o importe de todas e quaesquer despezas que se tivessem feito com o transporte e comedorias dos ditos colonos; tambem foi repellida esta proposta. Então o povo requereu que se representasse ao Governo de Sua Magestade contra aquelle e outros actos do actual Governador, o Capitão Fernando da Costa Leal, o que assim se praticou.

Assistiram a esta reunião as pessoas mais gradas do Municipio; todos os commerciantes, á excepção de tres ou quatro, e entre todos o Illustrissimo Juiz Ordinario, que presenceou todo o occorrido. Esta reunião é uma prova do quanto este povo é morigerado e soffredor, e do quanto anhela o nosso progresso. Não houve um só disturbio ou tumulto; reinou a maior tranquillidade, e, apesar de não ser attendido, o povo dispersou-se ás cinco horas e meia da tarde, sem que para isso se empregassem meios de força, nem admoestações da parte do Governo! Não obstante instaurou-se um processo, por ordem do Governo, e foi sentenciada a Camara Municipal em dezoito mezes de suspensão pelo Juiz Ordinario, apesar de que faltassem apenas onze dias para findar a sua administração! Esta condemnação illegal, e que em nada affecta os interesses dos Vereadores, affecta todavia a

dignidade da Camara, que d'ella se aggravou, e se aguarda o resultado.

Dissemos em outro logar, que os colonos hoje são mais bem tratados do que em outro tempo; infelizmente temos hoje de reformar aquella asserção. Consta agora que os colonos da Huilla estão soffrendo privações a ponto de alguns terem vindo representar, e outros se estão retirando.

Tendo dois dos ditos colonos vindo reclamar providencias ao Governo, partiram outra vez para a Huilla no dia 12 do corrente; porém, adoecendo um no caminho, voltou a pedir carregadores. S. S.ª o Governador não lh'os deu, e reprehendeu-o; elle receioso seguiu outra vez a pé, e a dois dias de viagem caiu; então, o seu companheiro, que tambem se achava cansado, e em logar ermo, deixou-o e seguiu para o Bumbo promettendo-lhe voltar d'ali para o conduzir. Um soldado passava então a cavallo, o infeliz pediu-lhe que o conduzisse no seu boi, e o soldado teve a barbaridade de lhe pedir 6$000 réis, e porque o infeliz só tinha 3$000 réis não o quiz conduzir! Quando voltou o seu companheiro a procura-lo não o achou, havendo toda a probabilidade de ter sido devorado pelas feras!! Este colono era allemão e casado.

É-nos bem sensivel narrar este facto, porém infelizmente julgámos da nôssa obrigação faze-lo.

Terminámos o nosso trabalho, e vo-lo apresentâmos na ultima sessão da Camara de que fizemos parte; depois de ámanhã toma posse a nova Camara: fazemos votos pelo progresso do Municipio, e para que elle seja tão feliz na direcção dos seus negocios, quanto nós lutámos com entraves e difficuldades.

Sala das sessões da Camara Municipal de Mossamedes, 31 de Dezembro de 1857.[1] = *José Antonio Lopes da Silva* = *João Dolbelk e Costa*.

Está conforme. = Secretaria da Camara Municipal de Mossamedes, 31 de Dezembro de 1857. = *Francisco Augusto Ponce Leão*, Escrivão interino da Camara Municipal.

[1] Consta agora que o Governo vae mandar uma pessoa para a Huilla examinar o estado da colonia, e o meio de prover ás suas necessidades, bem como que aos dois colonos se tinham dado carregadores, mas que estes tinham saído a diante, e que os colonos tinham depois comprado alguns arranjos de que fizeram cargas bastante pesadas, e que não podiam carregar. Como só a verdade queremos que sáia da nossa bôca, apressamo-nos a fazer esta declaração.

Mossamedes, 2 de Janeiro de 1858. = *José Antonio Lopes da Silva*. = *João Dolbelk e Costa*.

Está conforme. = Secretaria da Camara Municipal de Mossamedes, 2 de Janeiro de 1858. = *Francisco Augusto Ponce Leão*, Escrivão interino da Camara Municipal.

MAPPA ESTATISTICO

DO MUNICIPIO DE MOSSAMEDES NO FIM DO ANNO DE 1857.

Fogos.

Na Villa	50
Na Aguada	8
Na Boa Esperança e Boa Vista	29
Nos Cavalleiros e Macalla	4
	91

Predios.

Na Villa (concluidos):	
De pedra	34
De adobe	11
De pau a pique	23
	68
Cubatas de palha	6
Na Villa (em construcção):	
De pedra	4
De adobe	14
	18
No local das Hortas e Aguada:	
De adobe	6
Em construcção	2
Cubatas de palha	8
	16
Na Boa Esperança:	
De adobe	25
De pau a pique	2
Cubatas de palha	3
De adobe (em construcção)	3
	33
Nos Casados:	
De adobe	2
De pau a pique	1
Cubatas	2
	5
Nos Cavalleiros e Macalla:	
De pedra	1
De adobe	2
	3

MAPPA

DA POPULAÇÃO DE MOSSAMEDES NO FIM DO ANNO DE 1857.

População livre. .	Sexo masculino branco. .	Maiores de dezoito annos.	115	
		Menores de dezoito annos.	17	
	Sexo feminino branco. . .	Maiores de dezoito annos.	45	
		Menores de dezoito annos.	36	
	Sexo masculino pardo. . .	Maiores de dezoito annos.	2	
		Menores de dezoito annos.	28	
	Sexo feminino pardo . . .	Maiores de dezoito annos.	5	
		Menores de dezoito annos.	9	
	Sexo masculino preto. . .	Maiores de dezoito annos.	5	
		Menores de dezoito annos.	6	
	Sexo feminino preto. . . .	Maiores de dezoito annos.	7	
				275
População escrava	Sexo masculino escravo .	Maiores de dezoito annos.	500	
		Menores de dezoito annos.	115	
	Sexo feminino escravo. . .	Maiores de dezoito annos.	190	
		Menores de dezoito annos.	32	
				837
Libertos.	Sexo masculino liberto, ao serviço de particulares	Maiores de dezoito annos.	31	
		Menores de dezoito annos.	14	
	Sexo feminino liberto, ao serviço de particulares	Maiores de dezoito annos.	38	
		Menores de dezoito annos.	16	
				99
				1:211

Recapitulação.

População branca de ambos os sexos.	213
Dita parda de ambos os sexos.	44
Dita preta de ambos os sexos.	18
Escravos de ambos os sexos.	837
Libertos de ambos os sexos.	99
	1:211

RESUMO

DOS PRODUCTOS AGRICOLAS NO ANNO DE 1857.

NOMENCLATURA	MEDIDAS OU PESO	TOTAL	PRODUCTOS DO ANNO ANTERIOR	OBSERVAÇÕES
Algodão	Arrobas	477	1:672	Sómente de dois arimos; vendeu-se a 600 réis em caroço.
Aguardente.	Pipas	21	41 ½	Sómente do engenho dos Cavalleiros.
Assucar	Arrobas	267	178	Vendeu-se de 7$000 a 7$500 réis a arroba.
Aboboras.	Total	2:073	400	Sómente de oito arimos.
Batatas.	Arrobas	11:268	5:405	Embarcaram quasi todas em navios baleeiros.
Bananas	Cachos	440	100	Sómente de oito arimos.
Cará.	Arrobas	16:140	4:247	Embarcou quasi todo em navios baleeiros.
Canna saccharina . .	Milheiros	47	14	Vendida a retalho, regulou de 18$ a 20$000 réis o milheiro.
Farinha de mandioca	Cazungueis	11:201	8:170	Regulou em todo o anno de 800 a 1$200 réis.
Feijão	»	326	128	» » » »
Linhaça	»	1		Experiencia feita no engenho dos Cavalleiros.
Milho	»	2:366	813	Regulou de 800 a 1$000 réis.
Mel.	Pipas	7 ½		Experiencia nos Cavalleiros e em outros arimos.
Cevada.	Cazungueis	9		
Cebolas.	Numero	3:400		Sómente de dois arimos.
Trigo	Cazungueis	4		Experiencia no engenho dos Cavalleiros.

N. B. — Diversas hortaliças em muito maior quantidade, algumas das quaes se exportaram.

RESUMO

DE PRODUCTOS DE INDUSTRIA.

NOMENCLATURA	MEDIDA OU PESO	TOTAL	PRODUCTOS DO ANNO PROXIMO PASSADO	OBSERVAÇÕES
Azeite de cação....	Pipas.	182 ½	206	Regulou a 55$000 réis para embarque.
Adobes...........	Milheiro.	120	60	De 14$000 a 16$000 réis o milheiro.
Carne secca.......	Arrobas.	916	612	Regulou de 2$500 a 3$000 réis.
Carne salgada......	"	282		Regulou a 12$000 e a 13$000 réis o barril de 200 libras.
Couros extrahidos da carne para embarque e para consummo............		652	112	
Cal..............	Moios.	180	56	A 6$000 e a 7$000 réis o moio.
Pedras de filtrar....		150		Regularam de 3$000 a 5$000 réis.
Peixe secco.......	Motetes.	14:852	12:600	Conservou o preço de 500 réis o motete.
Tijolo............	Milheiros.	22	21	A 18$000 réis o milheiro.
Ursella...........	Arrobas.	6:500		Sómente de duas feitorias; preço variavel.

VIATURAS.

Carros..	31
Bois de carro..................................	246
Bois cavallos..................................	54
Cavallos e bestas muares.......................	15
Gado cabrum e ovelhum..........................	53
Vaccas de creação..............................	20

RESUMO

DO MAPPA ESTATISTICO DO CONCELHO DOS GAMBOS NO ANNO DE 1857.

PESSOAS BRANCAS	PESSOAS PRETAS	NEGOCIANTES	CAIXEIROS	CARPINTEIROS	INDIGENAS	MILHO — Cazungueis	FEIJÃO — Cazungueis	MASSANGO — Cazungueis	GADO VACCUM, CABRUM E OVELHUM — Cabeças	CERA — Libras	MARFIM — Libras	ABADA — Libras	COUROS — Libras
17	1	16	1	1	7:000	120:000	30:000	150:000	20:000	5:000	10:000	2:000	2:000

N. B.—Tanto o milho como o massango e feijão é industria dos indigenas, e consumido na terra por elles.

RESUMO

DO MAPPA ESTATISTICO DO CONCELHO DO BUMBO NO ANNO DE 1857.

PESSOAS BRANCAS	PESSOAS PRETAS	AGRICULTORES	EMPREGADOS DO ENGENHO TRIUMPHO	MILHO — Cazungueis	FEIJÃO — Cazungueis	BATATAS — Arrobas	FARINHA — Cazungueis	ASSUCAR — Arrobas	AGUARDENTE — Canadas	GADOS — Cabeças	COUROS	BOIS DE CARRO	BOIS CAVALLOS	CARROS
4	1	2	3	2:130	125	50	1:500	100	1:500	450	50	20	5	5

N. B.—O engenho *Triumpho* é propriedade do colono José Leite de Albuquerque; está em principio da safra de 1857 a 1858. A população gentilica é, por um calculo approximado, de 100 pessoas do sexo masculino e 300 do sexo feminino, e o numero de fogos, pelo mesmo calculo, é de 150.

Está conforme.—Secretaria da Camara Municipal de Mossamedes, 2 de Janeiro de 1858.—*Francisco Augusto Ponce Leão*, Escrivão interino da Camara Municipal.

INDIA PORTUGUEZA.

ANNAES DO MUNICIPIO DE DAMÃO.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1858, aos 15 de Maio, n'esta Praça e Cidade de Damão, e nos paços da Camara Municipal da mesma, reunida a Commissão dos Annaes do Municipio, nomeada na sessão da dita Camara de 4 do corrente, composta do Presidente da Camara actual Avelino José Xavier da Cunha, dos vereadores d'ella Nicolau Rodrigues de Sant'Anna, José Francisco Pereira da Gama, João Antonio Telles Pereira e José Antonio de Andrade, e dos Vogaes do Conselho Municipal Roque João da Cruz e Felizardo da Piedade Quadros, a fim de redigir a nota dos acontecimentos mais notaveis do anno ultimo findo de 1857, na conformidade da Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar n.° 3:073, de 8 de Janeiro de 1856, e da do Ministerio dos Negocios do Reino, publicadas no Boletim n.° 22, do mesmo anno, de facto assentou que fossem consignados os acontecimentos seguintes, do referido anno, primeiro depois da publicação das citadas Portarias.

1.° N'esse dito anno teve logar n'esta Cidade um acontecimento, de cujo, igual, se disse que não havia memoria: foi a execução de um machim, por nome Narane Lalá, natural d'esta Cidade, o qual, accusado, entre outros, do crime de ter assassinado, no mar alto, os mouros Ibramo Dagi e seu filho Manuel Ibramo, de casta gancheos, foi condemnado a pena capital, e esta mandada cumprir por Accordão da Relação, em consequencia da Portaria do Ministerio da Marinha e Ultramar de 12 de Janeiro do mesmo anno; foi elle effectivamente enforcado nas praias de Damão Pequeno, ao oeste do Forte de S. Jeronymo, ás cinco horas da tarde do dia 5 de Maio, tendo antecedentemente renunciado ao paganismo, e recebido as aguas do baptismo com o nome de João Agostinho.

2.° A temperatura atmospherica não attingiu, no referido anno, os extremos a que ordinariamente chega, porquanto na epocha do mais rigoroso frio (desde meiado de Janeiro até os principios de Fevereiro) não desceu 85° do thermometro de Fahrenheit, quando aliás o termo medio do maior frio anda por 52°. Assim como tambem o maior calor (de Maio a Junho) não excedeu a 91°, quando aliás ordinariamente chega a 93,5°.

3.° O inverno d'esse anno foi muito irregular, e escassa a chuva. Alguns dias depois de começada a estação do inverno, a ausencia de chuvas por perto de quarenta dias destruiu uma parte das searas, e prejudicou outra, o que foi causa de não ter sido abundante a colheita dos cereaes do mesmo anno. Igualmente, tendo faltado a chuva nos principios de Outubro, não pôde ter logar a sementeira de legumes, de que tiram uma grande parte do seu alimento as classes mais pobres da população de Damão.

Não obstante porém a má colheita do anno de 1857 a elevação do preço dos generos alimenticios não chegou a carestia propriamente tal.

4.° O mesmo anno de 1857 foi dos mais prosperos para a mocidade da maior e mais populosa parte d'esta Cidade, pela creação de uma escola de ensino promiscuo em Damão Pequeno.

O Ill.^{mo} Governador d'esta Cidade, por seu Officio n.° 22, de 9 de Março do mesmo anno, dirigido á Camara, tendo demonstrado os inconvenientes e graves embaraços que difficultavam o progresso da instrucção publica, e indicando a necessidade da creação de uma Escola em Damão Pequeno, a Camara Municipal, concordando completamente nos fundamentos da indicação, e considerando as incalculaveis vantagens de se facilitar a instrucção á mocidade, creou a referida Escola á custa do Concelho, por seu Assento de 26 do mesmo mez, o qual, approvado pelo Conselho de Districto por Accordão de 22 de Abril do dito anno, e posteriormente nomeado por S. Ex.ª o Sr. Governador Geral o Professor que devia reger a Escola, foi esta effectivamente aberta, e começada a matricula aos 14 de Dezembro do mesmo anno.

5.° N'esse mesmo anno de 1857 falleceram n'esta Cidade, na Freguezia de Nossa Senhora dos Remedios, um soldado veterano, Caetano dos Remedios, e um tanoeiro por nome Caetano do Rosario, ambos attingindo a quasi cem annos de idade. O alimento ordinario d'estes individuos tinha sido arroz e peixe, e agua pura a sua bebida habitual; portanto, a uma vida campestre e laboriosa, a uma constituição robusta e abstinencia ou pouco uso de bebidas espirituosas, parece que devem elles a felicidade de terem vivido até áquella idade em perfeita saude.

6.° Este mesmo anno foi calamitoso á India ingleza pela revolta das tropas nativas, que, começada na presidencia de Bengala, se propagou ás outras, secundada pelos mouros, que tomaram n'ella parte activa em muitos Districtos. Os habitantes de Damão tiveram de passar alguns mezes em serios cuidados, pelo receio de alguma invasão dos mouros dos Districtos visinhos, aos quaes parecia ter levado a certo estado de exaltação o seu fanatismo religioso e o seu odio aos parses e aos

christãos em geral. Todavia este panico se dissipou depois do restabelecimento da ordem em Baroche, e depois da quéda de Delhi. Durante os primeiros mezes da revolta muitas familias hindus, dos Districtos visinhos, se refugiaram n'esta Cidade, e outras mandaram guardar na mesma as suas preciosidades.

7.º No mez de Dezembro do mesmo anno novamente trouxe cuidados aos habitantes d'esta Cidade a noticia de que alguns centos de salteadores e assassinos, conhecidos com o nome de *bills*, tinham descido os Gates, perto da fronteira leste da nossa Praganá Nagar-Aveli, e ultimamente que tinham já entrado na mesma Praganá. Tomadas pela auctoridade as providencias convenientes para repellir qualquer aggressão, foi á meia noite de um dia despachada da praça uma força armada, para reconhecer esses que diziam salteadores; porém no dia 28 do mesmo mez, apenas que avistaram a dita força na aldeia Vassoná, depozeram as armas e se entregaram, pedindo asylo e protecção do Governo portuguez, e declarando que não eram elles senão uns pobres camponezes que, perseguidos pelas tropas inglezas, tinham abandonado o seu paiz e casas, e vindo com suas familias procurar asylo e segurança sob a bandeira portugueza, e na verdade se reconheceu que não eram *bills*, e que entre setenta e nove individuos a maior parte se compunha de mulheres e creanças.

E como os ditos Vogaes da Commissão não tenham conhecimento de mais acontecimentos notaveis, que devessem ser consignados nos Annaes do Municipio, se deu por concluida a presente nota, de que se fez este auto que, depois de lido e approvado, se assignaram n'elle, elle Presidente e Vogaes da Commissão, comigo *Castelino Fernandes*, Escrivão da Camara, que o escrevi.=*Avelino José Xavier da Cunha*, Presidente da Camara=*Nicolau Rodrigues de Sant'Anna*=*José Francisco Pereira da Gama*=*João Antonio Telles Pereira*=*Felizardo da Piedade Quadros*, Vogal do Conselho=*José Antonio de Andrade*=*Roque João da Cruz*, Vogal do Conselho=*Castelino Fernandes*.

Está conforme com o proprio, que fica lançado a fl. 5 v. do Livro de Annaes do Municipio, do qual extrahi esta.

Secretaria da Camara Municipal na Praça e Cidade de Damão, 27 de Março de 1858.= O Escrivão da Camara, *Castelino Fernandes*.

VARIEDADES.

SINGAPURA.

A Ilha de Singapura tem uma população de 55:000 almas, em que entram 40:000 chinezes, 10:000 malaios, que são indigenas, e uns 150 europeus. O numero das mulheres diz-se ser muito diminuto, porque da China e da India não vem para aqui senão homens e rapazes.

A cidade de Singapura com os seus arredores tem mais de 20:000 habitantes. As ruas são largas e bem lavadas do ar, mas as casas não têem belleza; são de um só andar, e parece que os telhados pousam nas janellas, o que lhes dá um ar achatado. Em rasão do grande calor que ha sempre, as casas não têem vidraças, mas sómente gelosias.

No interior da Cidade pouco ha que ver, mas o aspecto das visinhanças, ou, para melhor dizer, o de toda a Ilha é encantador.

Toda a Ilha está cortada por bellissimas estradas, sendo mais frequentadas as da borda do mar. Encontram-se n'ellas lindos trens, cavallos de Nova Hollanda, de Java e mesmo inglezes. Alem de bellas carruagens europeas, usam tambem palanquins feitos em Singapura, que são inteiramente cobertos e fechados por todos os lados. São puxados por um só cavallo, e o boleeiro e o creado vão ao lado do trem. Não pude deixar de manifestar o desprazer que este uso barbaro me causava. Foi-me respondido, que o tinham querido acabar, mas que foram os proprios creados que insistiram pela conservação d'elle, querendo antes correr a pé do que irem nos trens sentados ou em pé.

(M. IDA PFEIFFER.—*Viagem de uma mulher em roda do mundo.*)

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

BREVE NOTICIA

SOBRE

O CLIMA DE MOSSAMEDES,

PELO SR. JOÃO CABRAL PEREIRA LOPES E FARO

INTRODUCÇÃO.

É Mossamedes uma possessão portugueza, que já pelo seu bom clima, já pelos seus productos, merece toda a attenção e estudo. Cumpria-me apresentar um trabalho satisfactorio no tocante a topographia, geologia, hydrologia, zoologia, botanica e climatologia d'este logar; mas emprehender e desempenhar tarefa tão ardua não é para os meus limitados conhecimentos e falta de aptidão; alem d'isto outras circumstancias concorrem a desfavorecer-me; por um lado, uma rebelde nevralgia me tem alterado a saude; por outro, não havendo pharmaceutico n'esta villa, e tendo de preparar os remedios, tanto para o hospital como para a povoação, acho-me privado do tempo necessario para poder mostrar pelo menos os bons desejos de me dedicar aos estudos referidos.

A falta de meios tambem não é pequeno embaraço: como fazer observações meteorologicas sem instrumentos, analyses sem apparelhos e reagentes, estudos sobre os tres reinos da natureza sem os livros convenientes? Não tenho acanhamento de declarar taes miserias, porque entre nós é mal quasi geral. Entretanto, para não ficar de todo em falta, escrevi algumas linhas, rogando desculpa de sua insufficiencia.

TOPOGRAPHIA DO PORTO, VILLA E LIMITE DE MOSSAMEDES.

A villa de Mossamedes está situada na costa occidental de Africa, em 15° 12′ latitude do sul, dista 177 milhas da cidade de Benguella, 390 de Loanda. Diante d'ella está o seu porto de mar, formado pela denominada =Pequena Bahia dos Peixes= ou =Angra do Negro=, o qual offerece bom abrigo e ancoradouro para poderem estar fundeados muitos navios de qualquer lotação.

A terra que fica ao sul e ao norte da entrada d'este porto é alta, cortada a pique, e assim continua até ao meio da bahia; apresenta-se depois uma extensa praia semicircular, onde principia um grande areial, que sóbe de pouco a pouco até se confundir com terreno alto e mais duro. No sul da dita praia se offerece bom desembarque, bem como ao norte, n'um sitio encostado á montanha, ao qual dão o nome de =Sacco do Giraul=; no meio d'esta mesma desagúa o rio denominado =Bero=que traz do interior um longo curso; chegando este a 10 milhas antes da sua foz, sae de uma embocadura estreita, e vae derramar-se n'um largo valle, que se extende até ao mar e que offerece grandes e bellas vargeas, constituindo quasi os unicos terrenos araveis do limite da villa de Mossamedes, digo quasi, porque junto á embocadura de um outro rio chamado =Giraul=, que fica d'aqui distante 8 milhas ao norte, existem tambem alguns terrenos aproveitaveis.

Os terrenos do dito valle devem a sua formação ás alluviões do Bero, as quaes, com as areias e lodo que comsigo arrastam, obstruiram o braço de mar que aqui existiu em epocas remotas. Estas alluviões dão-se na estação chuvosa, unico tempo em que o rio corre, depositando nas areias agua em abundancia, a qual na estação secca se acha a pouca profundidade.

A terra dos lados do referido valle é alta e alcantilada; a que fica para o norte, algum tanto montanhosa e coroada de basaltos rolados, estende-se até ao rio Giraul; a que se acha ao sul é mais plana, arenosa, offerece algumas humildes plantas, que parecem pertencer á familia dos cactos, e se dirige até ao rio Croque, que d'aqui dista 80 milhas. Em differentes pontos d'estas duas terras se apresentam algumas elevações notaveis pela

singularidade de terminarem n'um plano horisontal, circumstancia que lhes fez dar o nome de =Mesas de Mossamedes=.

O litoral d'este logar é formado de terrenos stratificados, conservando horisontalmente e em ordem as camadas de sua formação. As referidas Mesas, resultantes da elevaçã od'estes mesmos terrenos, em consequencia das revoluções por que tem passado a crosta do nosso globo, offerecem igual stratificação aos que lhes ficam inferiores; as camadas que os constituem são compostas de seixos ou basaltos rolados, de materias arenaceas, de argila, de calcareos, em que se encontra uma infinidade de conchas fosseis, etc. Alem d'isto todas estas substancias se acham mais ou menos impregnadas de chlorureto de sodio; e deve notar-se que as chuvas, dissolvendo algum d'este sal, o vão depositar nos terrenos das varzeas, e os tornam um pouco salgados.

A 10 milhas de distancia da costa começam a desapparecer estes terrenos stratificados para se apresentarem outros atravessados por serras de granito e cheios de montes cónicos.

No areal já descripto junto á praia, e a duas milhas de distancia da foz do rio Bero para o lado do sul, se acha situada a villa de Mossamedes, a qual é formada de casas quasi todas abarracadas e edificadas sobre uma baixa planicie de areia solta, onde se não vê uma arvore, ou outra qualquer vegetação a não serem dois pequenos coqueiros, que existem defronte da casa que representou de palacio do Governo. Caminhando d'aqui alguns passos para o sul, o solo sóbe, e toma altura que predomina a povoação; n'este logar elevado está collocada a fortaleza de S. Fernando, o palacio do Governo em comeco, a igreja, o hospital e algumas casas em ruinas e abandonadas.

No valle já mencionado existe tambem um numero consideravel de casas agricolas, que se devem considerar como suburbios da villa. Convem dividir o valle para mais clareza do que se seguir; a parte d'este que fica mais interior, e que mais se estreita entre as montanhas, tem o nome de Valle dos Cavalleiros; a parte que fica para o lado do mar offerece á direita do rio as varzeas da Boa Esperança, assim denominadas, e á esquerda as Varzeas dos Casados, e das hortas; entre o Valle dos Cavalleiros e estas varzeas existe ainda um areal innominado.

A villa de Mossamedes apresenta um aspecto desfavorecido tanto pela natureza como pela arte; entretanto, em attenção ao seu clima, é de não pouco interesse. Ella quasi se póde considerar para as doenças proprias da maior parte da nossa Africa occidental o mesmo que a cidade do Funchal para as affecções pulmonares dos paizes do norte. Muitos doentes, vindos tanto de Loanda como de Benguella ou de outros pontos, cansados de padecerem com as febres e suas consequencias, n'ella têem achado prompto allivio e restabelecimento.

Aqui a raça branca, mesmo exposta a trabalhos rudes, apresenta-se córada e robusta, e a sua prole não desmente a acção benefica do paiz.

Finalmente é um clima, onde ha uma temperatura que não é excessivamente quente, frio nunca demasiado, manhãs com uma fresquidão agradavel, uma atmosphera pura e livre de emanações miasmaticas, e em que poucas vezes se faz sentir humidade.

TEMPERATURA, HUMIDADE, NUVENS, CHUVAS, VENTOS, ALLUVIÕES, TROVOADAS.

Pouco ou nada poderei dizer sobre as circumstancias meteorologicas da localidade de Mossamedes, pelos obstaculos já expostos: se estes cessarem, e eu aqui permanecer, farei as minhas observações, as quaes, aindaque imperfeitas, como é de esperar, poderão talvez servir de ponto de partida para alguem organisar melhor obra. Entretanto direi alguma cousa sobre o que tenho podido conhecer com o simples auxilio dos sentidos.

A condição physica mais caracteristica e influente n'um clima é a sua temperatura; segue-se depois o seu estado hygrometrico. Esta localidade, attendendo á latitude em que se acha, deveria offerecer uma temperatura mais propria das regiões intertropicaes; porém algumas circumstancias a modificam consideravelmente, a principal d'estas consiste nas virações reinantes de O. S. E. e S. O., e tambem do S.; o ar assim trazido de logares mais frios apresenta uma temperatura pouco elevada. A radiação solar, sendo ordinariamente forte das dez para as onze horas da manhã, é logo diminuida pelas ditas virações, que começam a estas mesmas horas, constituindo para o fim da tarde, e durante a noite, uma temperatura suave.

A acção benefica d'estas virações não se limita só á diminuição da escala thermometrica. Partindo ellas do mar, e do lado do sul, onde já a evaporação é mais fraca, transportando um ar menos saturado de vapores de agua, é totalmente livre de emanações miasmaticas. Comtudo as referidas virações algumas vezes faltam para se apresentar calmaria ou vento norte, em occasião que as aguas do mar correm ao sul. É tambem frequente, durante a noite, soprar algum terral ordinaria-

mente fraco. No mez de Maio costuma vir aqui um vento leste, com tres dias de duração pouco mais ou menos, o qual é muito notavel pela sua grande elevação de temperatura, pela grande quantidade de poeira de que vem sobrecarregado, dando á atmosphera uma apparencia nebulosa, e pelo numero de insectos que comsigo arrasta; elle produz geralmente um sentimento de oppressão e mal estar, mas nunca incommodos serios, talvez pela sua pouca duração.

Nas regiões que ficam debaixo do equador ha em cada anno duas estações humidas, e duas seccas; aquellas dão-se na occasião dos equinoxios, e estas na dos solsticios; porém, nas localidades que ficam debaixo dos tropicos, ha uma só estação humida e outra secca; d'aqui resulta que nos logares situados entre o equador e qualquer dos tropicos, as duas estações humidas se vão aproximando uma da outra á proporção que os mesmos logares se afastam do equador, e finalmente se convertem n'uma só; emquanto que ás duas estações seccas acontece o ir diminuindo uma até desapparecer, e augmentando a outra. Achando-se Mossamedes na latitude referida, o sol lhe fica perpendicular nos dias 3 de Novembro e 8 de Fevereiro; é n'esta occasião que têem logar as duas estações humidas, e costumando a primeira dar menos chuva que a segunda, as têem differençado em pequena e grande estação chuvosa.

Convem notar que uma grande parte das estações seccas é distincta pelas alternativas de temperatura, como: frio de noite, e calor intenso pelo meio do dia, circumstancia que, em taes climas, é das mais prejudiciaes á saude. A este periodo se costuma dar o nome de estação fresca ou do cacimbo.

No hemispherio austral se offerece este periodo nos mezes de Junho, Julho e Agosto; sente-se então em Mossamedes algum frio de manhã e de tarde, porém nunca calor intenso durante o dia.

Muitas pessoas em Angola estão persuadidas de que o periodo do cacimbo, offerecendo mais humidade atmospherica, constitue uma estação humida, porque não consideram que então a humidade absoluta, isto é, aquella de que o ar está saturado, é minima; e, comquanto se sinta mais humidade, e o hygrometro a manifesta, o barometro não desce, e mostrará que n'este mesmo periodo a atmosphera contém menos vapor de agua.

As chuvas nas estações proprias, sendo abundantes no interior d'este paiz, são comtudo raras no litoral, e quando aqui se dão vem impellidas de leste por trovoadas, e offerecem ordinariamente pouca duração. Por este tempo têem logar no rio Bero algumas alluviões, chegando muitas vezes de surpreza, em consequencia de provirem de chuvas que longe caíram. Estas alluviões costumam inundar quasi todas as varzeas do valle descripto, depositam na superficie do solo uma grande quantidade de lodo que o fertilisa, e estabelecem no meio uma corrente talvez de 7 milhas de velocidade; porém esta força e abundancia de aguas dura poucas horas. Alguns annos ha em que estas cheias são pequenas ou faltam de todo, causando nos campos alguma esterilidade.

Qual a causa das chuvas serem abundantes no interior, e escassas no litoral? Entendo que as virações têem poderosa influencia sobre este phenomeno; estas, segundo me consta, entram 7 leguas sómente pela terra dentro, e tendo ellas uma temperatura pouco elevada, como já notei, tornam em todo este espaço a evaporação mais lenta. Alem d'isto, o ar das mesmas virações, adquirindo aqui maior calor, ganha tambem maior capacidade para receber os vapores da agua, os quaes, sendo ao mesmo tempo em pequena quantidade, não chegam a satura-lo.

Alguem pretende, que a causa da abundancia das chuvas no interior é devida á sua grande vegetação, mas direi eu tambem que a falta de vegetação no litoral depende da falta das chuvas n'este logar. Não se póde negar que os arvoredos operam como apparelhos de condensação dos vapores atmosphericos, mas não se lhes deve attribuir toda a influencia sobre tal hydro-meteoro.

Em Mossamedes raros são os dias em que durante as vinte e quatro horas a atmosphera não esteja mais ou menos nebulada, principalmente de manhã e de tarde, e alguns ha em que o sol não chega a descobrir-se. Observam-se estes ultimos principalmente na estação fresca, apresentando-se algumas vezes com nevoeiros.

OUTRAS CONDIÇÕES HYGIENICAS DA VILLA E LIMITES DE MOSSAMEDES.

A villa de Mossamedes consta actualmente de tres ruas direitas e de mediana largura; a primeira se chama rua da praia, e tem uma só fileira de casas, com a frente para o mar; a segunda tem o nome de rua dos Pescadores; e a terceira de rua do Alferes; estas ruas são parallelas com a praia do mar, cruzadas por outras tantas travessas, e offerecem um piso de areia solta algum tanto incommodo. Existem aqui sessenta e duas casas, das quaes uma grande parte são construidas de adobe, e outras de pedra ou de taipa; os seus

telhados são arranjados de cal e areia ou de argamaça; alguns ha de palha, e raros de telha. Cada uma d'estas casas tem um quintal espaçoso com o seu competente poço de agua doce. Metade d'estas habitações pertencem a pescadores, e dentro d'ellas e dos quintaes se seccam e arrecadam grandes quantidades de peixe, bem como no mesmo logar se extrahe bastante azeite dos figados do cação; d'aqui resulta que os residuos e os liquidos que escorrem d'estes preparados, se constituem em focos de infecção.

A praia mais visinha d'esta povoação tambem não é limpa; aqui se escala todo o peixe destinado para seccar, ficando muitas vezes em abandono sobre a areia não só as cabeças, pedaços e intestinos, mas tambem algum peixe inteiro. Entretanto, como este local está bem exposto aos ventos reinantes, e sendo ao mesmo tempo baixas as casas, segue-se que a renovação do ar se faz com facilidade, afastando as emanações, que n'outras circumstancias seriam muito mais prejudiciaes á saude.

Esta mesma localidade se acha a barlavento do rio, e a barlavento d'ella ficam os areiaes que se estendem até ao rio Croque; os terrenos de todo este espaço são seccos, e só n'este mesmo rio existem algumas pequenas alagoas, que eu já tive occasião de observar; porém estas nenhuma influencia podem ter sobre o clima de Mossamedes, por se acharem distantes mais de 30 milhas. Já o valle dos Cavalleiros, varzeas da Boa-Esperança, e das hortas, se acham em condições sanitarias menos favoraveis; estas localidades são inundadas pelas cheias do rio, constituindo-se em differentes pontos pequenos pantanos temporarios, onde se decompõem os detritus organicos, vindos nas aguas ou já aqui encontrados. Junto ao mar existem outros pantanos permanentes, que parecem não ser tão funestos como os primeiros.

Aqui se acham cincoenta e tres casas pertencentes aos agricultores; são tambem construidas de adobe, e geralmente situadas em logares baixos e humidos; porém os proprios habitantes já têem conhecido os inconvenientes de taes localidades, e as vão abandonando escolhendo sitios com melhores condições; alem d'isto, como se deu uma grande cheia no dia 9 de Fevereiro d'este anno, a qual lhes inundou algumas casas, deitando-as para terra, se decidiram mais depressa a tomar a dita resolução.

Agua potavel.—Esta agua, não sendo em Mossamedes de superior qualidade, é comtudo das melhores que se encontram na Provincia. Todos sabem que por estes litoraes não se offerecem outras aguas para empregar nos usos da vida senão as que provém de rios ou poços. Este logar, como não é exceptuado, tem por fonte o rio Bero. Achando-se este secco na maior parte do anno, obtem-se a agua fazendo covas na areia do seu leito; esta sabe um pouco turva, e a maior parte das vezes com um ligeiro sabor a limos ou raizes, o qual perde depois de filtrada, como se usa geralmente; ella não tem gosto que denuncie predominancia de saes, cose bem os legumes e dissolve o sabão; alem d'isto deve-se notar que não produz nos habitantes a tumefacção do ventre, que é ordinaria onde as aguas não são de boa qualidade. A agua dos poços, que existem nos quintaes, apesar de ser ligeiramente salobra, dissolve menos mal o sabão e serve para os usos culinarios, bem como para lavagem de roupa. Muitas pessoas tambem a bebem sem que d'isso lhes resultem inconvenientes. Estes poços, não obstante estarem a duas milhas de distancia do rio, são alimentados pelas suas aguas, as quaes chegam a esta distancia por infiltração que se faz nas areias.

Hospital.—Ha em Mossamedes um hospital militar, denominado de S. Fernando, situado ao sul, e a meia milha ou mais de distancia da villa, em local que offerece boas condições hygienicas. Elle não foi construido para este fim, mas para uma habitação particular. Consta de duas casas com um quintal intermedio; na anterior que tem a frente virada para o mar ha uma enfermaria que tem oito camas e mais quatro quartos, cada um com uma; a outra casa posterior é repartida em tres quartos desiguaes, o maior serve de enfermaria para negros, e accommoda oito ou dez doentes; o mais pequeno para arrecadação de roupas, louças, etc.; e o medio para a botica do mesmo hospital. A um dos lados do quintal se offerecem duas cozinhas, uma para usos ordinarios, e a outra para os da botica. No mesmo quintal existe uma pequena casa bem arejada, propria para deposito de cadaveres e para dissecções ou autopsias. Este hospital é pobre de roupas, de camas, e de outros objectos.

O serviço é feito por dois enfermeiros, que são praças destacadas da companhia, por uma liberta empregada no trabalho culinario, por um negro tambem liberto que faz o serviço externo, e pelo facultativo. A botica não tem pharmaceutico, nem homem com alguma pratica, que possa dispensa-lo; por isso o mesmo facultativo tem tambem de fazer pillulas, decocções, misturas, xaropes, etc., e satisfazer ao mesmo tempo ás necessidades clinicas da villa e dos seus suburbios.

São admittidos n'este hospital os doentes

particulares, e pagam á Fazenda 1$000 réis diarios; pelos escravos aqui tratados, se contam 400 réis tambem diarios; os pobres são curados de graça.

A capacidade do hospital de Mossamedes satisfaz na actualidade ao movimento dos doentes; porém vindo o batalhão de caçadores 3, e crescendo por outro lado a população como é de esperar, elle será insufficiente. Á vista d'isto sou de opinião que, quando se edificar o hospital para os convalescentes, como está determinado, se faça um edificio em duas secções separadas, offerecendo um quintal entre ambas, de modo que uma d'estas divisões seja accommodada ao tratamento dos convalescentes, e a outra ao das doenças ordinarias.

Emquanto ao local que acho mais proprio para esta obra, é o seguinte. Já disse que a igreja se acha situada n'um logar elevado, que domina a villa; ao norte e proximo d'esta, em alinhamento com a sua frente que olha para o mar, está em começo o palacio do governo, ficando entre estes dois edificios uma pequena praça. Do lado opposto da mesma igreja, no dito alinhamento, deverá para o futuro, como o Ill.^{mo} Sr. Governador d'este districto já tem em vista, construir-se em symetria com o palacio um quartel para tropa. Ora, o mesmo alinhamento, a uma distancia conveniente, e ao sul d'este quartel projectado, ficará muito bem collocado o novo hospital. Este ponto é alto, bem arejado, e d'aqui se contempla toda a bahia; é verdade que offerece um terreno arido, que se não presta á formação de um jardim, como se pretende para o hospital dos convalescentes, mas tambem nenhum outro logar se apresenta capaz para este fim a não ser nas hortas ou Boa-Esperança; porém estas localidades tem inconvenientes, por serem desfavorecidas de boas condições hygienicas; são baixas, humidas e expostas a effluvios prejudiciaes.

Cadeia.—Concluiu-se ha pouco na villa uma casa terrea, e construida de adobe com destino a servir de cadeia e tambem de açougue. Não é da minha competencia o demonstrar se ella poderá offerecer a segurança necessaria sendo feita do dito material.

Matadouro.—É cousa que não existe. Sangram-se, esfolam-se e acabam de preparar-se as rezes quasi dentro da povoação, porém isto entre nós não admira; onde tem sido até agora, ou até ha pouco, o matadouro em Lisboa?

Cemiterio.— Os cadaveres enterram-se em certo logar do areial sufficientemente afastado da villa, e apenas se conhece que serve de cemiterio por se verem ali algumas cruzes e inscripções; porém a camara, com os seus poucos meios, e ajudada de alguns donativos, vae brevemente mandar construir um cemiterio regular, para o que já se procedeu á escolha do logar mais apropriado.

Industria.— Existem nos suburbios da villa dois engenhos de assucar e aguardente, que se extrahem do *sacharum officinarum* (ponho de parte o engenho do Bumbo, porque me limito a descrever só o que tenho observado); um d'estes fica situado n'uma pequena elevação denominada Boa-Vista, junto das varzeas da Boa Esperança; pertence ao Sr. José Joaquim da Costa, está a concluir-se, e deve agora começar a trabalhar; o outro acha-se no valle dos Cavalleiros, e pertence ao Sr. Bernardino Freire de Figueiredo; tem produzido este engenho algum assucar de boa qualidade, mas em pouca porção por causa de transtornos que tem occorrido; a producção de aguardente tem sido mais avultada. Fabrica-se em Mossamedes bastante farinha de mandioca, porém ainda não chega para o consumo. Temos as pescarias, que, como já disse, preparam em grande o peixe secco, e o azeite do figado do cação. Existem dois estabelecimentos de salgar em barris carne de vacca, bem como de a seccar pelo processo usado no Rio Grande do sul. Ha no Giraul uma fabrica de fazer tijolo, e de calcinar pedras calcareas. Exportam-se d'esta villa muitas pedras para filtrar agua, as quaes sáem já cavadas e preparadas. Emfim montou-se aqui ha pouco um tear para fabricar tecidos de algodão; e eis tudo o que ha digno de notar-se em Mossamedes, relativamente a manufacturas.

Combustivel.— A lenha e o mato é o combustivel de que esta povoação se serve; provém de duas partes, do valle dos Cavalleiros, e das margens do rio Giraul; ali vae escasseando consideravelmente, e aqui ha uma riqueza de matas, que Mossamedes não é capaz de esgotar em cem annos. Os meios de transportar as lenhas d'este logar para a villa são trabalhosos: empregam-se carros de má construcção n'este serviço, os quaes têem de andar 12 milhas de caminho arenoso; esta difficuldade podia reduzir-se a metade, conduzindo as ditas lenhas para uma estancia collocada junto ao sacco do Giraul, que fica a meio caminho, e d'aqui a conducção se acabaria de fazer com facilidade por meio de embarcações. As alluviões do Bero tambem costumam trazer algumas lenhas e madeiras; a de 9 de Fevereiro d'este anno conduziu uma quantidade de 2:000$000 réis de valor.

Cultura.—Dos terrenos que não são cultivados os mais nocivos á saude são aquelles que, possuindo condições de fertilidade, não são devidamente aproveitados; estavam n'este

caso os terrenos de Mossamedes quando os colonos tomaram posse d'elles, e por isso foram então estes individuos bastante atacados das febres, succumbindo muitos; porém estas doenças têem diminuido gradualmente na rasão directa do augmento da agricultura; mas não se julgue por estes termos que a agricultura se acha muito adiantada, pois apenas um oitavo, se tanto, dos ditos terrenos está cultivado. Provém este atrazo da falta de braços, causada em grande parte pelas difficuldades que o Governo põe á transportação de libertos de qualquer parte da Provincia para esta colonia. Ora, se a prosperidade d'esta mesma colonia depende principalmente do progresso da agricultura, e se a agricultura em terras de Africa não se póde fazer sem os braços dos negros, não sei com que fundamento se obsta á mudança d'esta gente de qualquer ponto da Provincia para um paiz com taes nécessidades, e tanto mais para onde não ha o receio de que se façam para o Ultramar embarques de escravos ou libertos.

Viveres.—A melhor carne de vacca que ha na Provincia é a que se consome em Mossamedes; de outras carnes ha falta; o gado provém da Huilla, Gambos, etc. O peixe tambem é bom e abundante. Ha fartura de batatas e cará, tão consideravel, que se exportam em grande quantidade. De mandioca, milho, feijão, aboboras e hortalices não ha escassez. A canna do assucar, bananas, melões, melancias, apparecem de boa qualidade. Ha já uvas, e alguns productos mais que não menciono, por se acharem ainda em pouco desenvolvimento.

Os escravos e libertos são alimentados com peixe, farinha de mandioca, cará e batatas. Apesar de muitas pessoas brancas terem só este sustento, ninguem ha que passe fome.

ANIMAES, VEGETAES E MINERAES.

Dos animaes que ha no sertão de Mossamedes poucos se encontram no litoral, pela rasão d'este lhes não offerecer a alimentação necessaria; mesmo assim parece que já foram aqui mais frequentes, porque no valle dos Cavalleiros e no rio Giraul tenho achado alguns craneos e mais ossos de elephantes, bufalos, etc., e ninguem modernamente tem visto n'estes logares taes animaes. É verdade que poderiam ter sido arrastados pelas enchentes dos rios; no anno passado vieram na corrente do Bero tres zebras, duas já mortas e uma com signaes de vida; suppõe-se tambem que a mesma corrente conduzira então uma serpente gigantesca, que se viu no valle dos Cavalleiros investindo com os bois. Os leões vinham d'antes mais vezes do que actualmente; ha dois annos que não apparecem. Tres ou quatro onças visitaram ha poucos mezes o mesmo valle dos Cavalleiros, ahi se demoraram alguns dias, e, depois de destruirem um bom numero de cabras e aves domesticas, retiraram-se. Os animaes silvestres que mais povoam este logar são lobos, mas que não atacam, raposas, macacos e antilopes de differentes especies; estes ultimos convidam ao exercicio da caça, sem que a este se opponha o clima. Encontram-se tambem lebres, perdizes, gallinhas do mato e de agua, cordonizes, patos, rolas, etc. De corvos ha uma infinidade, e comquanto elles sejam uteis limpando as praias, fazem grandes estragos em certas plantações. Tambem apparecem algumas especies de viboras, porém são raras e pouco perigosas; muitos outros animaes pequenos ha, que n'esta occasião deixo de mencionar.

As especies de animaes domesticos não são muitas, e as que existem não estão muito propagadas; apenas ha abundancia de gado vaccum, este não apresenta robustez como o da Europa, empregam-se duas, tres e quatro juntas de bois para puxarem um carro, comtudo deve dar-se o desconto ao obstaculo que offerecem terrenos arenosos. Tambem se adestram estes animaes para se montarem, e assim substituem muito bem os cavallos ou bestas muares, de que ha grande falta.

Vegetaes.—As varzeas do rio Bero, sendo aliás dotadas de condições de fertilidade, estão despovoadas de arvoredos, já pela incuria que tem havido em os plantar, já pela destruição que se tem feito nos que existiam espontaneos, tendo-os reduzido a lenha. Tal incuria é sempre de esperar em individuos que não foram creados na agricultura, como tem acontecido a quasi todos os colonos que têem vindo para Mossamedes. Os primeiros que aqui chegaram, tomando posse dos terrenos ainda virgens, estiveram muito tempo sem se darem ao trabalho que este sólo exigia, principalmente emquanto perceberam a ração que o Governo lhes dava. Emfim, como a necessidade é industria, e como para muitos outro modo de vida se não proporcionava, começaram a revolver a terra com mais alguma actividade, foram tratando apenas de algumas culturas de que podessem colher prompto resultado, e esquecendo ou desprezando a plantação das arvores. Não se concluirá d'isto, que todos têem estado possuidos d'esta inercia, se se levarem em conta as difficuldades que se apresentam para obter de outros logares umas sementes, uns pés ou enxertos.

Em outra occasião darei uma enumeração de todas as plantas importantes que vivem

em Mossamedes, limitando-me por agora a mencionar as arvores e arbustos que já aqui se plantaram, e que são:

Amygdalus persica. L.—Pecegueiro.
Mangifera india L.—Manga.
Olea europea L.—Oliveira.
Pirus malus L.—Maceira. (Existe um só individuo de cada uma d'estas quatro especies, e ainda com pequeno crescimento.)
Carica papaya—Mamoeiros. (Poucos ha plantados.)
Ficus carica L.—Figueira.
Anacardium occidentale—Cajueiro.
Pessidium pomiferum—Goiaba. (Estas tres ultimas especies começam a propagar-se, e dão excellentes productos; as figueiras ganham pouca altura.)
Citrus aurantium L.—Larangeira.
» bergamium L.—Limeira.
» limonum L.—Limoeiro.
» medica L.—Cidreira. (São ainda raras estas quatro plantas, e só vegetam bem nos logares abrigados das virações.)
Cocus nucifera L.—Coqueiro.
Phenix dactylifera L.—Tamareira. (Os coqueiros, e não ha muitos, têem bom desenvolvimento, mas parece que não fructificam. As tamareiras dão algum fructo de muito má qualidade.)
Gossypsium herbaceum L.—Algodoeiro. (Dá-se bem, e já existem algumas plantações d'este arbusto.)
Morus nigra L.—Amoreira. (Algumas ha, e com crescimento, que muito fructificam.)
Musa L.—Bananeira. (Esta é das plantas mais cultivadas, offerecendo algumas quatro ou cinco especies.)
Punica granatum L.—Romeira. (Acha-se bastante propagada.)
Vitis vinifera L.—Videira. (Vegeta e fructifica muito bem. Apresenta cinco variedades: moscatel, ferral, malvazia, ainda com curiosidade de uma só pessoa, bastardo e dedo de dama, mais vulgarisadas. Todas estas variedades ou especies têem sido cultivadas para parreiras, ainda se não plantaram para vinha, o que muito conviria experimentar, porque as extensas e incultas varzeas dos Casados se devem prestar a esta cultura.)

Mineraes.—Pouco ou nada ha explorado em Mossamedes, relativamente a mineraes. Grande influencia, que já amorteceu, se desenvolveu aqui pelas minas; algumas particulas de carbonato ou de sulphato de cobre disseminadas nas pedras ou no gesso que coravam de verde, attrahiam a attenção de muita gente, que julgava ver em qualquer parte uma mina de cobre: d'aqui resultou o manifestarem-se na Secretaria do Governo vinte ou trinta minas: não pretendo com isto negar a possibilidade da existencia d'este minerio em Mossamedes, pelo contrario entendo que elle se deve suspeitar á vista de taes indicios, e conviria que se fizessem as necessarias explorações por pessoas competentes. Vi differentes amostras d'estas minas, e de todas a que mais me agradou pertencia á do Sr. Bernardino José Brochado; esta amostra consistia n'um bocado de malachite, identificado com outros de silicato branco, parecia ter sido extrahida da veia metallica.

Em certas fendas dos terrenos alcantilados apparece nitrato de potassa em estado efflorescente. O gesso é tão abundante que fórma montanhas inteiras. Existe muita pedra calcarea, resultante da agglomeração de conchas, e encontra-se algum sal gemma entre as camadas dos terrenos stratificados.

Finalmente, apresentaram-me um bocado de asphalto achado nas proximidades do limite d'esta villa: e nada mais ha aqui conhecido que seja de importancia ácerca de mineraes.

INDIGENAS DO LIMITE DE MOSSAMEDES.

Existem aqui tres tribus de negros, e vem a ser: a denominada Mini-Quipóla, que habita no valle dos Cavalleiros, e nas proximidades da Boa Esperança; a Giraul, que vive no rio do mesmo nome; e a Croque, que pertence ao rio do mesmo nome, sendo a mais afastada d'esta villa. Estas tribus terão novecentas pessoas de ambos os sexos; tem o nome de Mondembes os que pertencem ás duas primeiras, e tambem assim se chamam os individuos de mais algumas tribus do interior.

Pouca alteração têem tido os seus costumes do contacto com os brancos; apenas trocaram os vestidos de couros pelos das fazendas que usam em pannos. [1] Antes da chegada da colonia plantavam só milho, feijão e aboboras; hoje cultivam tambem alguma mandioca, cará e batatas, devendo notar-se que, não obstante o terem-lhe sido tirados os melhores terrenos, colhem hoje mais mantimentos, e têem mais gado do que d'antes; a rasão d'este augmento é obvia em relação aos mantimentos; quanto aos gados, provém o augmento de não terem sido roubados pelas guerras gentilicas, as quaes receiam os brancos aqui estabelecidos.

Um terço dos ditos Mondombes anda errante com os gados em busca de pastos. As suas habitações são miseraveis, têem toda a simi-

[1] É costume dar-se o nome de pannos a bocados de fazenda que os negros cingem ao corpo.

lhança com um forno, e são por fóra barradas com excremento do gado. Como todos os indigenas de Africa a polygamia é usada entre elles, porém o perverso costume de escravisarem seus filhos lhes é desconhecido. O seu governo pouco differe do de todos os negros; têem um sóba, que é o chefe, mas que decide as questões ouvindo os seus macotas (conselheiros).

Esta gente tem idéa de um Ente Supremo, a que chama Huco; mas pouca adoração lhe presta; o seu idolo são os gados, que ella celebra com cantigas e libações; não os vende, aproveita-se do leite que produzem; e muito os poupa por não matar. Acredita n'uma outra vida depois da morte, e que as almas lhe vem causar este ou aquelle damno.

Emfim esta mesma gente vive em harmonia com os brancos, e lhes presta alguns serviços já como carregadores, já como apanhadores de urzella, etc.

INFLUENCIA DO CLIMA SOBRE A SAUDE E VIDA DOS HABITANTES DE MOSSAMEDES.

Não é possivel por ora avaliar n'este paiz a longevidade da raça branca, porque só ha poucos annos esta o povôa. Este conhecimento não se póde colher senão entre individuos creados e expostos em todos os periodos da vida á influencia do clima em que nasceram. Apenas ha para notar que os velhos aqui existentes vivem em geral bem dispostos e gosam de boa saude. Entretanto vê-se que entre os negros indigenas se apresentam alguns velhos centenarios.

Estes indigenas são todos robustos, bem constituidos e de poucas doenças padecem; são mais sujeitos a constipações, pela circumstancia de andarem quasi nús, e de terem o habito de se aquecerem demasiadamente ao fogo.

Convem aqui fazer uma reflexão sobre a causa provavel, que concorre para a sua robustez e boa constituição. Os povos civilisados podendo dispôr de um grande numero de meios em favor da sua saude, amparam a vida a um grande numero de individuos de fraca constituição, a qual é transmittida de geração em geração, bem como as molestias hereditarias tão frequentes entre estes mesmos. Como os ditos indigenas se acham desfavorecidos dos recursos necessarios para modificarem a acção dos excitantes naturaes, segue-se que elles não podem crear e conservar os individuos, que não tenham a robustez bastante para reagir contra os agentes que lhes são damninhos.

Todos os habitantes brancos de Mossamedes apresentam boas côres e actividade nos movimentos; muitos entregam-se a trabalhos violentos sem que se afadiguem demasiado, as creanças são fortes, nutridas, bellas e alegres.

N'este limite não ha molestias endemicas graves. Depois das inundações do rio Bero apparecem nas hortas, Boa Esperança, e Cavalleiros, bastantes casos de febres intermittentes, porém benignos; no anno findo observei unicamente uma perniciosa, que atacou certa pessoa que vivia em pessima habitação e local. Na villa são rarissimas as febres miasmaticas e algumas que apparecem são adquiridas fóra della. Tambem na occasião referida se desenvolvem muitas conjunctivites, mas cedem a um tratamento simples. As cephalalgias parecem ser aqui endemicas e costumam affectar mais os individuos recemchegados. Durante a estação humida do anno anterior a coqueluche não poupou uma só creança, comtudo nenhuma succumbiu.

Febres eruptivas ainda aqui não observei (estou em Mossamedes desde Janeiro do anno findo). Fallando em febres eruptivas, convem notar que o Ill.mo Sr. Physico-Mór d'esta Provincia já por duas vezes me remetteu o virus vaccinico, recolhido entre laminas de vidro, e passei logo a inocula-lo em creanças de todas as côres, porém não produziu o pretendido resultado. Não uso por ora decidir-me a concluir se ha algum estado particular dos individuos, pelo qual se tornem refractarios á acção da vaccina, ou se a causa depende da alteração da mesma vaccina, poisque, sendo esta conservada em laminas de vidro, onde não fica hermeticamente fechada, não póde ter toda a confiança depois de passar por uma longa viagem e por temperaturas elevadas. Conviria ainda ensaiar a recolhida nos tubos inventados por Bretonuean.

As doenças do apparelho respiratorio são raras entre os brancos, e mais communs entre os escravos e libertos; estes, andando ordinariamente mal vestidos e mais expostos ao trabalho, já no mar, já na terra, são muito sujeitos a corysas, anginas, bronchites e pleurisias, as pneumonias e os tuberculos pulmonares não deixam algumas vezes de os atacar.

Os rheumatismos, hepatites, gastrites, enterites e dysentherias, tambem se offerecem tanto nos brancos como nos negros; porém sem frequencia ou gravidade, e são desenvolvidas mais por circumstancias particulares ou individuaes, do que pela acção do clima.

MEIOS DE MELHORAR AS CONDIÇÕES HYGIENICAS DA VILLA E SUBURBIOS DE MOSSAMEDES.

A cultura mais ou menos aperfeiçoada constitue um dos meios mais poderosos que o ho-

mem póde aproveitar em favor da sua especie. Um sólo sem cultura não offerece recursos para a subsistencia do homem; e de todas as modificações que esta póde imprimir na salubridade das regiões, a mais importante é a formação de arvoredos; elles operam como apparelhos de condensação dos vapores atmosphericos, purificam o ar, assimilando as emanações miasmaticas, são obstaculos naturaes aos ventos violentos ou nocivos, e oppõem-se ao desmoronamento dos terrenos.

Achando-se esta possessão ainda bastante afastada das referidas condições de salubridade, e merecendo os melhoramentos de que é susceptivel, indicarei alguns meios que convem empregar.

Como para os habitantes de Mossamedes se torna muito difficil o obterem de outra parte qualquer cousa que precisem, pela falta de relações e communicações em que se acham, conviria que o Governo prestasse auxilio de mandar sementes, pés ou enxertos de arvores proprias tanto para viverem nos terrenos arenosos que circumdam a villa, escolhendo especies de prompto crescimento e boa sombra, como para povoarem as varzeas quasi desertas, dando preferencia para este local ás especies fructiferas. Alem d'isto, não podendo a agricultura n'esta colonia progredir, sem que obtenha o quadruplo dos braços que hoje possue, deveria o mesmo Governo facilitar a transportação dos libertos de que os colonos necessitassem.

Por outro lado, á Camara Municipal do districto pertencem outros misteres. Deverá esta encarregar-se de dirigir a plantação das ditas arvores, escolhendo os sitios mais convenientes, vigiar no que diz respeito á conservação d'ellas, tomar mesmo a seu cargo e despendio o tratamento que exigirem as que forem postas em logares publicos, e impôr certas obrigações ou condições aos donos das propriedades onde tambem forem collocadas.

A estrada plana e direita, que atravessa a varzea dos Casados, e conduz aos Cavalleiros, quanto ficaria bella se fosse cercada por duas alas de arvoredo; o mesmo direi de alguns caminhos da Boa Esperança, etc.

É tambem de muita importancia o limitar por meio de arvoredos a corrente do rio, que passa pelo meio das varzeas, porque sem este obstaculo se favorece a successiva elevação do fundo sobre que correm as aguas, passando estas cada vez mais a invadir as margens. O ricinus communis, L., mamona; o populus nigra L., choupo; o salix alba, L., salgueiro, são as arvores que para isto melhor se prestam; crescem muito depressa, enraizam bem, e propagam-se com grande facilidade.

Á mesma Camara compete mandar aterrar os logares cavados onde permanecem aguas estagnadas, ou abrir canaes para dar vasão a estas mesmas aguas.

Emfim ainda uma outra medida resta a empregar mais tarde, vem a ser: o tirar do centro da villa as pescarias e colloca-las no sacco do Giraul. É este um local que reune todas as condições favoraveis para taes estabelecimentos.

Mossamedes, 15 de Fevereiro de 1858. = *João Cabral Pereira Lapa e Faro*, Cirurgião de segunda Classe da Armada, em commissão.

MAPPA ESTATISTICO DOS ACTUAES HABITANTES DA VILLA E SUBURBIOS DE MOSSAMEDES, BEM COMO DOS OBITOS QUE SE DERAM N'ESTE MESMO LOGAR DURANTE O ANNO DE 1857.

	BRANCOS					PARDOS					PRETOS LIVRES					LIBERTOS					ESCRAVOS					
	MASCULINOS		FEMININOS			MASCULINOS		FEMININOS			MASCULINOS		FEMININOS			MASCULINOS		FEMININOS			MASCULINOS		FEMININOS			
	Maiores	Menores	Maiores	Menores	Total	Maiores	Menores	Maiores	Menores	Total	Maiores	Menores	Maiores	Menores	Total	Maiores	Menores	Maiores	Menores	Total	Maiores	Menores	Maiores	Menores	Total	Total geral
Numero dos habitantes	272	42	40	36	390	2	28	5	23	58	123	6	7	—	136	80	12	23	31	156	450	207	186	92	935	1:675
Doenças que produziram a morte																										
Abcesso abdominal	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	1
Apoplexia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Ascite	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	1
Contusões de chibata	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Dysenterias	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	—	3	2	—	1	—	3	6
Epistaxis	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	1
Escorbuto	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Febre intermittente perniciosa	—	—	1	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Febre puerperal	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	1	—	—	—	—	—	1
Fracturas dos ante-braços	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Indeterminadas	1	—	—	—	1	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	5	1	—	1	7	10
Inflammações abdominaes	—	2	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	3
Pleurisia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Phtysica pulmonar	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	—	2	4	—	—	—	4	6
Syphilis hereditaria	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	1
Ulceras syphiliticas das fauces	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	1
Somma	1	2	1	—	4	—	—	—	2	2	4	—	—	—	4	—	2	5	—	7	14	4	1	1	20	37

N. B. Entraram tambem n'este mappa os militares. Os indigenas são excluidos. As doenças indeterminadas não foram classificadas por não terem sido tratadas e observadas pelo Facultativo. A maior parte das dysenterias deram-se em negros recem-chegados de Loanda, assim como algumas phtysicas. O preto livre, que falleceu com as fracturas de ambos os ante-braços, tinha tambem todo o corpo contundido. Por falta de esclarecimentos não foi possivel juntar aqui os nascimentos, que tiveram logar durante o referido anno. = ***João Cabral Pereira Lopa***, Cirurgião de segunda classe da Armada em commissão.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

APONTAMENTOS

DE UMA VIAGEM DO BEMBE A ENCOGE.
PELO SR.
JOSÉ BAPTISTA DE ANDRADE, GOVERNADOR DO AMBRIZ.

No dia 20 de Junho de 1858, sendo uma hora e vinte e cinco minutos da tarde, saí da fortaleza do Bembe, acompanhado pelo reverendo parocho José Maria de Moraes Gavião, e o tenente de infanteria Antonio Bernardo de Sousa, com trinta praças de pret, incluida n'este numero a charanga da guarnição. Seguimos para o SO. uma milha e tres decimos, e atravessámos o rio *Luqueia*, na ponte de madeira construida pelo capitão de engenheiros Eduardo Guilherme de Faria Blanc, a qual tem 29 metros de comprimento e 2,1 metros de largura; a sua solidez está provada por ter resistido, sem avaria alguma, ás grandes cheias d'este inverno: o rio n'este ponto corre para o N.4.ª NO., e não é navegavel, porque em varias partes está obstruido com enormes rochedos.

Continuámos a caminhar no quadrante de SO., e passámos no pequeno povo *Luzia*, que tem pouco mais de 20 cubatas, e fica milha e meia distante do *Luqueia*, tendo proximo tres regatos que correm a juntar-se com este rio, sendo dois antes de chegar ao povo, e um logo depois, o primeiro com 2 metros de largura, o segundo com 5 e o ultimo com 8.

Quatro milhas e um decimo para o S. d'este povo *Luzia*, está a pequena senzala *Moanda de Sangue*, que tem apenas 15 cubatas, e seguindo mais quatro decimos de milha entrámos na senzala de *Mossangue*. Esta terá umas 150 cubatas boas, e é limpa e bem arejada. Junto a ella corre o *Luqueia* para o poente. O soba chama-se D. Pedro: já nos esperava, e havia-nos destinado duas das suas melhores cubatas, aonde passámos a noite sem novidade. O caminho até aqui é excellente para tipoia, exceptuando a passagem dos tres regatos, e a descida de um monte, logo ao saír da fortaleza: todo o terreno é argiloso e coberto de capim, avistando-se muito arvoredo pelas margens do *Luqueia*, e algumas pequenas plantações de mandioca junto das povoações.

Dia 21 de Junho de 1858.—Ás sete horas e dez minutos da manhã saimos de *Mossangue*, e fomos seguindo para o S., deixando á direita uma planicie coberta de capim, e á esquerda o arvoredo do *Luqueia*, aonde fica a senzala de *Encaca*, a de *Quindingue* e outras encobertas com o arvoredo e mato. Quando tinhamos andado pouco mais de meia milha, atravessámos um charco de 15 metros de largura, e mais dois, milha e meia distantes d'este, um com 10 e outro com 15 metros de largura. Logo adiante d'este ultimo charco é a quitanda *Cando*, e ficam á direita do caminho varias plantações de mandioca, pela base das montanhas de *Engombe*. Pouco menos de uma milha adiante de *Cando* atravessa-se um pequeno regato com 2 metros de largura, e andando mais meia milha deixa-se á direita, no cume de um monte, a pequena senzala *Campete*: o soba d'ella disse-me chamar-se D. Manuel, e que, por causa de desordens com outros sobas proximos d'onde antigamente vivia, começára ha um anno a edificar esta nova senzala.

D'aqui o caminho segue por 45° SE., mesmo pela base da continuação das montanhas de *Engombe*, ficando á esquerda muito capim e algumas plantações de mandioca. Andando assim duas milhas, chegámos a *Bundo*, pequeno povo na base das montanhas: o soba chama-se D. Pedro, recebeu-nos com muito agrado, e mostrou-se triste por não nos demorarmos na sua senzala. Seguimos uma milha e dois decimos para o S. 4.ª SE., e entrámos n'um valle estreito entre as montanhas, que depressa atravessámos para um circulo formado com estas e outras montanhas, apresentando optimo caminho pela esquerda do diametro d'este circulo, parallelo ao rumo de 22° SO., até uma garganta entre as montanhas oppostas, que fica

a duas milhas e oito decimos da entrada do circulo, havendo só, quasi no fim, um regato a atravessar. N'esta garganta subimos a pé uns cinco minutos, e descemos por igual tempo para chegarmos a outra planicie entre duas ordens de montanhas, que seguem para o SE. Logo no principio d'este novo caminho está um mato pouco consideravel, com a pequena senzala de *Ihembe*, aonde descansámos ás onze horas e vinte e dois minutos para almoçar. Esta senzala tem só quinze cubatas. O soba chama-se André, e deu quantas provas era possivel da sua satisfação pela nossa chegada.

Saímos de *Ihembe* ás duas horas e treze minutos, e fomos por bom caminho entre as duas ordens de montanhas, as quaes distam entre si uma até duas milhas, correndo sempre aos rumos de 30° até 50° SE. Deixámos a senzala *Molangue*, um quarto de milha á esquerda do caminho, quando tinhamos andado tres milhas e oito decimos. O soba veiu cumprimentar-nos; chama-se *Guvo-a-Panda*, o seu povo é pouco consideravel, e parte das cubatas ficam cobertas com algum arvoredo da base das montanhas.

Continuámos pelos mesmos rumos mais cinco milhas e meia, e chegámos a *Salla-Sombe* eram seis horas e dez minutos. Esta senzala de *Salla-Sombe* é a mais importante do caminho. Um riacho de 5 metros de largo, e meio de fundo, a divide em duas partes, tanto uma como a outra com numerosas cubatas. O soba veiu esperar-nos ao caminho com grande parte da sua gente, que, dando muitos vivas, nos serviu de carregadores para as tipoias, e nos levaram até ás duas melhores cubatas, que haviam preparado para receber-nos.

Este soba já me conhecia do Bembe, aonde foi prestar vassallagem em 28 de Fevereiro ultimo. Terá pouco mais de sessenta annos; chama-se D. André *Mono* (D. André *filho*), para differençar-se de seu pae, que havia tido igual nome, dado no baptismo por um frade capuchinho que ali havia passado no tempo em que o dito seu pae era soba d'esta senzala, que então obedecia ao presidio de S. José de Encoge.

A jornada de hoje póde dizer-se que foi toda por bom caminho, em terreno bastante argiloso, coberto de capim muito mais fino e macio do que o do Bembe. Desde *Mossangue* até *Salla-Sombe* todo o caminho é visivelmente mais despovoado do que nas proximidades do Bembe, aonde para todos os lados se encontram, a pequenas distancias, importantes senzalas.

Durante a noite o padre Gavião teve bastante febre; mas pela manhã achou-se melhor, e não quiz voltar para o Bembe.

Dia 22 de Junho de 1858.—Saímos de *Salla-Sombe* ás sete horas e trinta minutos da manhã, ao rumo de 48° SE., por bom caminho em terreno elevado, deixando á esquerda um valle com uma ordem de montanhas, e á direita duas ordens d'ellas. Descida mui suave, sendo o caminho ora mais para o S., ora mais para E. Muito capim e nenhum arvoredo. Tendo avançado uma milha e sete decimos, o caminho tornou-se horisontal, e via-se só uma ordem de montanhas de cada lado, quatro a seis milhas distantes entre si, e pouco mais elevadas que o terreno por onde caminhámos ainda oito decimos, até chegarmos a outra descida suave ao rumo de 22° SO., quasi perpendicular ás montanhas da direita, as quaes formam uma cordilheira bem unida, elevando-se do valle com uma inclinação approximada de 45°, tendo grupos de arvoredos em todos os amiudados córtes, por onde escoam as aguas das chuvas.

Quando ao rumo de 21° SO. tinhamos andado uma milha, estavamos a meia milha de distancia da cordilheira, e o rumo mudou para 33° SE. ao longo d'ella, em terreno horisontal, por onde andámos mais quatro milhas e meia, até que chegámos á mata de *Mahunge*, eram onze horas. Esta mata tem duas senzalas, uma do nome d'ella, e a outra chama-se *Quimballe*: almoçámos n'esta, que tem umas quarenta cubatas, bem construidas e limpas. Appareceram-nos uns duzentos pretos e pretas, todos bem nutridos e satisfeitos. O soba d'estes chama-se D. Manuel, e o de *Mahunge*, que fica mais á esquerda e tem maior senzala, chama-se D. Matheus, o qual veiu visitar-me e pedir que fosse passar algum tempo na sua senzala, ao que não annuí, desculpando-me com o atrazo que causava á jornada.

Pela uma hora e quarenta minutos saímos da mata de *Mahunge*, e fomos ao rumo de 20° SO. por mau caminho entre capim grosso; e andando assim quatro milhas, chegámos á cordilheira da direita, que subimos n'uma quebrada, ao rumo de 20° SE., pouco mais de dois decimos de milha, e logo descemos, na continuação do mesmo rumo, igual distancia, para entrarmos n'uma grande planicie, que tem ao principio uma pequena mata com a senzala de *Quimuana*, a qual deixámos á esquerda, e seguimos mais milha e meia para SSE. até chegarmos ao rio *Ubumba*. Este rio é muito importante, tem aqui 20 metros de largura, corre para o NO., e em toda a distancia que d'este ponto se avista póde navegar qualquer lancha. Atravessámos o rio por uma especie de ponte pensil, engenhosamente feita pelos pretos com *muxinga* (especie de trepadeira que suppre bem a falta das cordas), suspensa das arvores de

uma e outra margem do rio, segurando alguns paus que fazem o piso da ponte, e tendo de um e outro lado, até mais de um metro de altura, uma especie de rede feita com a mesma *muxinga*, que livra de cair ao rio qualquer creança ou pessoa medrosa.

Passando o rio andámos mais sete decimos por mau caminho para o SSO. e O., e entre capim e algum mato, até chegarmos a *Paca* ás quatro horas e vinte e dois minutos da tarde. Aqui jantámos e passámos a noite. Esta senzala está n'uma grande e densa mata; é pequena, e as suas poucas cubatas são mui velhas e sujas. O soba chama-se D André; é subordinado ao de outra senzala que fica na mesma mata, mais para a direita, chamada *Mubanda-a-Samba de Paca*. Existem mui proximas outras senzalas importantes, como *Quanzáo de Paca*, *Massalleli* e *Banza-a-Puclo* (povoação de Portugal); o soba d'esta chama-se D. Pedro e o de *Massalleli* D. Miguel: ambos estes vieram visitar-me, e pedir que fosse dormir nas suas senzalas, por terem melhores cubatas. Não lhes fiz a vontade, por ficarem fóra do nosso caminho.

Dia 23 de Junho de 1858.—Pela manhã estava o cacimbo tão denso, que foi necessario esperar que passasse a maior força d'elle, e só então saímos de *Paca*, eram nove horas e dezesete minutos da manhã; fomos por subida suave ao rumo de 35° SE. quasi meia milha, e chegámos á quitanda *Conde*. N'esta quitanda, bem como em quasi todas as dos gentios, a reunião para compras e vendas tem logar de quatro em quatro dias, e aqui, para evitarem desordens em taes dias, é infallivelmente morto qualquer preto que entra armado no largo da quitanda.

D'esta quitanda vê-se um monte ao N. da povoação com uma casa barreada de branco, que me disseram ser a das *tintas*. Dão este nome a uma casa que muitas povoações gentilicas têem, para metterem as mulheres alguns dias antes de casarem, a fim d'ali aprenderem, com velhas mestras, as obrigações que vão contrahir.

Seguimos por soffrivel caminho, com muito capim, algum arvoredo e mandioca. Varios montes pouco notaveis, e ainda menos por não os subirmos, mudavam o nosso rumo desde 27° a 51° SO., por espaço de cinco milhas. Deixámos á esquerda o caminho, duas milhas e tres decimos distante da quitanda, o pequeno povo de *Quividiça*, que é subordinado a *Banza a Puclo:* uma milha e dois decimos adiante d'esta passámos em uma mata, com a insignificante senzala *Quiquelle*, e mais uma milha depois d'esta chegámos a *Moingo*, pequeno povo com pouco mais de vinte cubatas, ha pouco construidas n'uma planicie sem arvore alguma. O soba chama-se D. Pedro. Ainda seguimos mais meia milha, e completámos as cinco milhas aos rumos entre 27° e 51° SO. D'aqui o caminho foi por 10° SO., vendo-se na frente, sobre a direita, as serras de *Quina*, e por todos os lados muitos montes, capim grosso e algum mato. Depois de tres milhas e meia d'este caminho, chegámos a *Vungo* ao meio dia e quarenta e sete minutos, havendo na primeira meia milha atravessado um regato de soffrivel agua.

Vungo é uma pequena e velha senzala situada no principio de uma grande e densa mata. O soba chama-se D. Manuel, appareceu com bastante receio, e a sua gente, especialmente as mulheres, estavam com medo de approximar-se. Conclui d'esta desconfiança, e do que o soba nos disse, que algum preto d'este povo havia tomado parte na revolta dos do Bembe, e julgavam que a minha vinda era para tomar-lhes contas d'isto.

Descansámos aqui para almoçar, e bem depressa o receio dos gentios se tornou em alegria e confiança, porque lhes deitámos uns dois mil bagos de coral, como se deita o milho a gallinhas. Tivemos então de ser admirados por todas as mulheres e creanças, que nunca tinham visto brancos, as quaes saíram do mato em que se escondiam, attrahidas pelo enthusiasmo dos primeiros que se haviam approximado.

Eram duas horas e cincoenta e quatro minutos quando saímos da senzala *Vungo*, a caminho de S. e SE., ora por dentro da grande mata, ora deixando-a alguns passos á direita. Quando tinhamos assim andado uma milha, passámos a vau um riacho de boa agua, e, pouco mais de meia milha adiante, descemos a pé um barranco, e seguimos depois um trilho por capim grosso entre escabrosas montanhas de rocha calcarea, ao principio proximas umas das outras, e depois afastadas. Alem do barranco, os rumos foram sempre proximos ao SE., e, na distancia de tres milhas e dois decimos d'elle, entrámos em *Cua de Sousa*, ás quatro horas e trinta e cinco minutos, ficando a meio d'este caminho, n'um alto á esquerda, o pequeno povo de *Quipingo*.

Cua de Sousa é uma importante senzala, que até ao presente sempre tem pago dizimos a Encoge: o soba chama-se Pedro Dias de Sousa, e tem annexas á sua senzala a de *Quifandongo*, de que é soba Antonio Rodrigues de Menezes, e a de *Quitungo*, da qual é soba Bernardo Vaz Correia.

Não pode exceder-se o enthusiasmo de alegria com que os pretos nos receberam. Aqui jantámos, e passámos a noite n'uma espaçosa cubata.

Dia 24 de Junho de 1858.—Partimos de *Cua* ás nove horas e dez minutos da manhã, a caminho de S. até SSE. Tendo andado um terço de milha, atravessámos, por ponte suspensa, o rio *Luege*. Corre por 75° SO., e tem uns 30 metros de largura e 5 palmos de fundo. Dizem muitos ser o *Loge* do Ambriz.

Duas milhas alem d'este rio, passámos um regato com 6 metros de largo e meio de fundo: mais quatro decimos adiante está a quitanda *Conge de Cua*. Ao SSO. d'esta, fóra do caminho, fica *Cuculavo*, pequeno povo pertencente a Encoge. Perto de duas milhas e quatro decimos alem da quitanda de *Conge de Cua*, atravessámos um regato de 3 metros de largo e um quarto de fundo; duas milhas e meia depois d'este está o riacho *Vua*, com 6 metros de largo e meio de fundo. Tres decimos mais adiante atravessámos outro regato de tres metros de largo e um quarto de fundo. Uma milha e oito decimos alem d'este regato é a quitanda *Somna de Encoge*, aonde chegámos ao meio dia e quarenta minutos. Aqui estava o chefe de Encoge esperando-nos, com a maior parte dos moradores.

D'esta quitanda para a residencia do chefe são proximamente seis milhas ao S. 4° SE.; grande parte do caminho é sobre rochedo calcareo, em lages brancas e escuras, por camadas quasi horisontaes.

Logo depois de saír da quitanda passam-se dois pequenos regatos, e a meia milha da residencia atravessa-se a ponte suspensa do rio *Bamba*, que tem 20 metros de largo e uns 2 de fundo. Corre para o poente, e não se avista obstaculo algum para que deixe de ser navegavel.

Durante a tarde esteve a casa da residencia sempre cheia de visitas: esta casa é de pau a pique barreado, tem porta com duas janellas de cada lado; ao correr da frente tem tres quartos, e outros tres na rectaguarda d'estes, todos bem arranjados e com muito aceio.

Dia 25 de Junho de 1858.—Pela manhã fui ver a fortaleza e tirar a planta d'ella. É um quadrado com uma especie de meio baluarte em cada angulo, com tres canhoneiras abertas no parapeito de cada um d'elles. Tem montadas, em carretas novas, seis peças de ferro muito velhas, de calibre tres, duas de calibre um, inuteis e sem carretas, e uma de bronze, tambem de calibre um, em perfeito estado e soffrivelmente montada. O maior lado da fortaleza é o da rectaguarda, tem 70 metros e corre por 56° NO. O lado da frente é parallelo a este, e tem 53 metros e dois decimos de comprimento, comprehendendo 15 metros de abertura entre os extremos d'esta linha, e as linhas dos lados para formar os baluartes, que são salientes para a frente, e contando tambem com 2 metros de abertura a meio, para a porta: os lados são de 64 metros, comprehendendo cada um 7 metros de intervallo, para, com o lado da rectaguarda, formarem os outros dois baluartes, que são salientes para os lados. Todas estas medidas são tomadas na crista do parapeito. A banqueta tem 1 metro e oito decimos de espessura, e 2 metros e cinco decimos de altura, sendo de pedra, bem como toda a fortaleza. A maior altura da crista do parapeito ao chão, é de 5 metros e seis decimos na rectaguarda, e a menor é de 4 metros e cinco decimos na frente.

Na entrada á direita tem um quartel de pau a pique barreado, com 20 metros e um decimo de frente e 6 metros e cinco decimos de fundo. Em seguida está o calabouço: é de pedra e cal, com 80 metros e quatro decimos de frente e 9 metros e quatro decimos de fundo. Do lado esquerdo está a casa da guarda, com a arrecadação para os arranjos da companhia; tem 13 metros e dois decimos de frente e 7 metros e nove decimos de fundo, com paredes de pedra e cal. Segue-se o paiol da polvora, com 8 metros e tres decimos de frente e 9 metros de fundo; tambem é de pedra e cal, mas coberto de capim, como todos os mais edificios.

Em geral tudo necessita muitos concertos.

A posição geographica d'esta fortaleza é a seguinte:

Latitude observada S.....	7°	39′	50″
Longitude approximada E. do meridiano de Greenwich..	15°	12′	42″

Esta latitude está exacta, e julgo-me auctorisado para afiançar isto, pela longa pratica que a minha profissão me obrigou a ter de similhantes observações.

Ora, em vista d'esta latitude, já algumas leguas ao norte do Ambriz, e vendo-se mais que as terras de *Cua de Sousa*, e outras que sempre têem pago tributos a Portugal estão ao N. até do Ambrizete, ninguem poderá duvidar que os portuguezes, não só de direito, mas tambem de facto, têem sempre possuido terras para o N. de oito graus de latitude.

Quasi em frente da fortaleza fica a igreja, da qual existem as paredes. Na rectaguarda d'ella, a bem pequena distancia, corre ao NO. SE., a grande serra que faz conhecido este sitio por presidio das *Pedras Negras de Encoge*. A proximidade e a grande altura d'esta serra não permitte aos moradores gosarem a viração do NO., O., e SO., que em todos os pontos d'este dis-

tricto é tão apreciada. Naturalmente esta causa influe muito para a insalubridade de Encoge, porque são do lado dos terrenos baixos os ventos que reinam n'este local. Muitas vezes, na força do calor, não corre na povoação a mais leve aragem, mas, olhando-se para O., causa saudade ver como lá em cima dos rochedos vergam os arbustos com a força do vento.

N'este dia começou a concorrer gente para baptisar-se; mas o padre Gavião, que ainda estava com febre, só pôde baptisar dez creanças.

Dia 26 de Junho de 1858.—Fomos á senzala do soba *Muene-Dando*, que fica ao rumo de 31° SO., a quatro milhas de distancia. Parte do caminho é entre grandes rochedos, e atravessam-se dois riachos, o *Ambaia*, com cinco metros de largo e um de fundo, e o *Cassinge* com seis metros de largo e meio de fundo. A senzala tem más cubatas e mal dispostas. O soba, com mais de duzentos pretos, recebeu-nos dando grandes assobios para nos festejar. D'esta senzala fomos á de *Quingilla*, que fica mais uma milha distante, ao mesmo rumo. Esta é mui pobre e insignificante. O patrão d'ella tem praça de soldado na companhia movel de Encoge. Almoçámos aqui, e procurei informações sobre o local aonde existe n'aquellas proximidades uma rocha de que se tem tirado amostras de minerio de cobre, que o representante de Francisco Antonio Flores, no Bembe, havia obtido. Estiveram com muitos mysterios, mas a final foram buscar um preto, que, a troco de duas peças de fazenda, nos levou a uma mata, milha e meia ao SE. da *Quingilla*, aonde effectivamente encontrámos tal rocha, da qual, partindo alguns pedaços, em todos se viam bem adheridos muitos bocadinhos de sulphureto de cobre, que assim indicam merecer aquella rocha ser explorada por pessoa competente. Esta rocha é calcarea, como a grande serra a que pertence, e que atravessa todo o presidio do NO. ao SE.

Depois do sol posto regressámos á residencia, e encontrámos o padre Gavião melhor da sua febre, tendo baptisado n'este dia noventa pessoas.

Dia 27 de Junho de 1858.—Pelas nove horas da manhã armou-se em frente da residencia um altar portatil para a missa, a que concorreu muito povo, porque ha dezesete annos esperavam um sacerdote para poderem cumprir este e outros deveres religiosos. Concorreram a baptisar-se mais de tresentas pessoas; porém o padre, pelo seu mau estado de saude, só pôde baptisar cem.

Veiu fazer os seus cumprimentos o primeiro macota do *Dembo-Ambuilla*, D. José Rabo de Ambuilla. É um velho de cem annos, anda amparado por dois netos, mas responde bem ao que se lhe pergunta; mostra ser muito obediente, e aconselha a todos que o sejam, e que lhes sirva de exemplo o rigoroso castigo que El-Rei de Portugal mandou dar, ha quasi um seculo, a seu pae, que havia sido rebelde. Perguntando-lhe se já era macota do antecessor do actual Ambuilla, respondeu que não podia declarar isto, porque sendo o Ambuilla verdadeiro pae de todos os seus vassallos, elle se considerava o primeiro de seus filhos, e que portanto seria uma grande falta de respeito dizer qualquer cousa em que mostrasse ser mais velho do que seu pae.

Fomos ver a *Séca:* dão este nome a uma abertura natural, que fórma uma grande abobada na rocha que fica na rectaguarda da residencia. Tem quarenta e dois metros de largura na entrada, e não menos de altura; dentro conserva quasi a mais largura, e diminue a altura a menos de metade. Andam-se por baixo da abobada quarenta e quatro metros, para saír no mato e rochedos do lado opposto. Esta abobada em varios pontos está filtrando bem crystallina agua, que tem formado muitas stalactites, tornando mais romantico este fresco logar.

Dia 28 de Junho de 1858.—Muita concorrencia de gente para receber o Santo Sacramento do Baptismo, que o padre pôde administrar a cento e noventa creanças, ficando muitas mais por baptisar em consequencia de faltar o tempo.

Com o tenente Sousa fui ver o local da antiga senzala do Dembo Manicoge, d'onde no tempo da conquista foi muito difficil expulsa-lo, e só se conseguiu isto depois que o Dembo Ambuilla teve conhecimento dos dois unicos pontos por onde podia atacar a senzala, os quaes veiu a conhecer dando uma filha esperta ao Manicoge, a qual depois de bem pratica nos caminhos fugiu para servir de guia ao pae, que de noite foi repentinamente com a sua gente de guerra, e tomou a senzala com todos os seus habitantes, que depois de avassallados tiveram licença para estabelecer-se em terras do lado do Ambuilla, d'onde não lhes era facil fazer-nos guerra.

A pouco mais de meia altura dos rochedos que ficam um pouco a O. da residencia do chefe, fica um terreno quasi horisontal, que não pude medir, por se achar muito obstruido com mato, cattos e algum café; n'este terreno foi a afamada senzala do Manicoge. Um dos caminhos para ella é pela *Séca:* depois de atravessarmos por baixo d'esta abobada, entra-se um mato bastante espesso, entre o qual se caminha com difficuldade por espaço de meia hora; chega-se então novamente a rochedos escarpados, e entra-se por uma abertura en-

tre elles com os lados quasi aprumados em alguns sitios, e permittindo passagem só a uma pessoa por cada vez: este caminho vae em subida um pouco incommoda, e dá passagem a alguma agua, que as rochas estão filtrando. D'este modo é que chegámos á planicie em que existiu a senzala. D'aqui não se avista a povoação, nem a fortaleza de Encoge, porque a E. ainda se elevam muito os rochedos da serra, apresentando grandes precipicios, e acabando todos em agudas pontas.

O outro caminho para chegar a esta planicie, fica ao S. da *Sêca*, e offerece as mesmas difficuldades que o primeiro.

Dia 29 de Junho de 1858.—Estive entretido no archivo da Secretaria do Governo, vendo curiosos e antigos documentos. Um dos que li, foram as instrucções dadas pelo capitão general Antonio de Vasconcellos, ao capitão mór do presidio de Encoge, Francisco Xavier de Andrade, em 10 de Setembro de 1759, nas quaes manda entregar a serra do Bembe a Antonio Alves Sardinha, depois de fazer apprehensão dos desertores e escravos para ali fugidos.

Mandei chamar tres dos descendentes do referido Sardinha, que moram agora aqui perto, os quaes me disseram que são filhos de Manuel Alves Sardinha, tenente das extinctas milicias, e que este era filho de Antonio Alves Sardinha, a quem a serra do Bembe havia sido cedida: mas que as continuas guerras e roubos feitos pelos gentios de Bamba, e outros das proximidades do Bembe, resolveram esta familia dos Sardinhas e outras, a estabelecer-se mais proximo do presidio, para estarem ao abrigo da guarnição d'este, que não era menos de cento e cincoenta praças de infanteria, quinze de cavalleria, e o competente destacamento de artilheria.

Continuou a apparecer muita gente para baptisar-se, e chegou a cento e noventa e cinco o numero dos que receberam este Sacramento.

Dia 30 de Junho de 1858.—Tivemos mais este dia de demora para esperar o Dembo Amhuilla que ha dois dias estava em marcha para me visitar. Chegou pelo meio dia, e fui recebe-lo á porta da fortaleza, mandando tocar a charanga e dar uma salva á passagem d'elle. Este Dembo terá sessenta annos, é baixo, reforçado e tem agradavel physionomia. Veiu de farda azul com silvados na gola, canhões e abas. Collete de cazimira escarlate agaloado de oiro; por baixo d'este collete, que era muito curto, trazia outro muito mais comprido de seda azul, agaloado de prata, chapéu armado á Napoleão com plumas azues, sapatos chinezes de trancelim de oiro; meias de seda preta, e pannos de seda azul lavrados de branco, e agaloados de prata. Dragonas de official superior, e a espada com copos e bainha de prata. Uma cadeia de oiro suspendia-lhe na altura do estomago um relicario do mesmo metal, contendo Nossa Senhora, S. José e o Menino Jesus. Mais uma cadeia de prata suspendia uma especie de salva, em que estavam gravados varios emblemas. No peito da farda trazia a commenda de Christo bordada; nos dedos contavam-se-lhe seis anneis, uns de ouro e outros de prata.

Na frente vinham quatro musicos tocando e recuando para não voltarem as costas ao Dembo; outros quatro marchavam na rectaguarda, tocando todos instrumentos do paiz, taes como uma especie de viola, dois chocalhos de ferro, unidos e afinados como marimbas, batuques, especie de tambores estreitos com uma vara de comprido, acabando um lado em ponta aguda, e o outro coberto com uma pelle de giboia. Os mais instrumentos eram pelo gosto d'estes. Alguns macotas íam na frente limpando o caminho que julgavam obstruido com qualquer palhinha. Outros seguravam duas mui pesadas umbellas para cobrir o Dembo, que a cada tres ou quatro vagarosos passos, parava para receber as homenagens de sua gente, e dar logar ás pantomimas de dois macotas que lhe punham aos pés um arco e zagaia, que depois, com meia duzia de pulos e tregeitos, fingiam arremessar para a frente e para os lados, a ameaçar qualquer inimigo que podesse apparecer. Alguns carregavam com uma grande cadeira de braços, estofada, um tapête para pôr debaixo d'ella, e uma almofada para os pés do Dembo. Se acontece elle tossir ou dar um pequeno gemido, é isto repetido por toda a sua gente. O seu cuspo é cuidadosamente aproveitado, para immediatamente com elle se besuntarem os seus vassallos de mais consideração, pois esta fortuna não chega aos que d'elle vivem mais afastados.

Quando algum vassallo tem de fallar-lhe, ou é chamado para receber alguma ordem, ajoelha primeiro a alguns passos de distancia, beija o chão, e bate palmas; depois chega perto dos pés do Dembo, e torna a ajoelhar, esfrega a bôca na terra, indireita-se, bate palmas e torna a inclinar-se para esfregar as mãos no chão, e com ellas suja as faces de terra, e torna a bater as palmas: repete mais uma ou duas vezes esta esfregação das mãos e da cara, sendo acompanhado nas palmas por todo o auditorio. Só depois d'esta incommoda cerimonia, póde qualquer cidadão ouvir ou ser ouvido do Dembo.

Para chegarmos da fortaleza até á residencia gastámos mais de meia hora, não obstante ser caminho para cinco minutos.

O Dembo desfez-se em cumprimentos e protestos da continuação da sua fidelidade, que eu retribui, assegurando-lhe o muito apreço e estima em que Sua Magestade tem os seus bons serviços.

Depois de uma hora de conversa retirou-se á senzala proxima, pedindo-me para não retirar ámanhã, antes d'elle vir despedir-se, e trazer alguns filhos para baptisar.

N'este dia esteve de cama o nosso padre com muita febre.

Dia 1 de Julho de 1858.—Pelas dez horas da manhã veiu o Ambuilla despedir-se. A sua comitiva e apparato eram como no dia antecedente, excepto os uniformes d'elle, poisque n'este dia veiu de casaca de veludo preto, capacete de setim amarello e escarlate, pannos de seda encarnada, sapatos á mourisca de marroquim vermelho, meias de seda brancas, e florete com punho e guarnição de prata. Trouxe alguns filhos para baptisar, o que o padre Gavião fez com bastante difficuldade, porque a febre nunca o largou de todo: assim mesmo, foi tal a sua força de vontade, que n'estes poucos dias baptisou mais de seiscentos individuos, de ambos os sexos, e devo declarar, em louvor da virtude e do desinteresse d'este sacerdote, que prestou este importante serviço á religião sem aceitar recompensa dos interessados, quaesquer que fossem os seus meios de fortuna; tornando-se ainda mais saliente este valioso serviço, por não ser da obrigação do dito padre, pois o seu destino é parochiar no Bembe, aonde acabava de chegar, e voluntariamente se offereceu para ir ao concelho de Encoge, por lhe constar que estes povos ha muito pediam um sacerdote.

Quando eram duas horas e um quarto saimos da residencia do chefe de Encoge, com destino ao Bembe, e até á ponte do rio *Bamba* fomos acompanhados pelo Ambuilla, com todo o seu estado, os officiaes de primeira e segunda linha, e a maioria dos moradores, obsequiando-nos todos o mais possivel, pelo que lhes devemos e tributâmos mui sincero reconhecimento.

O nosso regresso para o Bembe foi em tudo similhante á ida para Encoge: comemos e dormimos nas mesmas povoações, e tivemos exactamente as mesmas demoras; portanto nada ha a acrescentar ao que fica dito, e concluirei estes apontamentos com a seguinte relação dos principaes Dembos e Sobas tributarios a Encoge.

Dembo Ambuilla—D. Alvaro Affonso Gonçalves: tem prestado importantes serviços, é capitão-mór de todos os Dembos, e mui respeitado por todo o gentio. A sua banza, ou principal senzala, fica a quinze milhas de distancia do presidio, ao rumo de 35° SE.

Dembo Namboangongo—Pagava de tributo dois escravos; mas com a extincção da escravatura, não se tem recebido tal tributo, e não está ainda determinado o que ha de pagar. A sua banza fica no caminho para o Alto Dande, quasi a meia distancia.

Dembo Quiguengo—Está nas circumstancias do Nahoangongo, e a sua banza fica no mesmo caminho, mas mais perto do que a d'aquelle.

Dembo Quituxe—Deve alguns annos de tributo. O caminho para a sua banza é pela esquerda do Ambuilla, a pouco mais do dobro da distancia d'este.

Dembo Dambi—No mesmo caso do antecedente, e fica na mesma distancia, mas para a direita do Ambuilla.

Dembo Ambuella (de cima)—Tambem deve bastante tributo. A sua banza fica ao rumo de 45° NO., em distancia de doze milhas.

Dembo Ambuella (de baixo)—Exactamente nas circumstancias do antecedente. Fica ao mesmo rumo, mais cinco milhas adiante.

Dembo Manicoge—Paga o dizimo por fogos. A sua banza fica no caminho para o Ambuilla, a seis milhas de distancia. Presta-se bem ao serviço de carregadores voluntarios.

Dembo Muene Luembe—D. Agostinho João. Tem pago dizimo por fogos. Fica proximo do Quinguengo.

Dembo Cabonda Cacuhi—D. Francisco Affonso da Silva. O seu tributo tambem era em escravos, e ultimamente nada tem pago. Demarca com o concelho dos Dembos, a quatro dias de caminho para o S.

Dembo Mufuque Aquitapa—Demarca com o Cabonda, e está nas mesmas circumstancias, e a tres dias de caminho.

Dembo Ndalla Cabuça—Demarca com o antecedente, a dois dias e meio de caminho, e está nas circumstancias d'elle.

Dembo Quibuxi Quiamabemba—Como os antecedentes. Fica ainda mais longe do que o Cabonda, demarcando tambem com o concelho dos Dembos.

Dembo Caculo Cahenda—Em tudo nas circumstancias do antecedente.

Soba Ngongaliango—Paga dizimo por fogos, e presta-se ao serviço de carregadores para Loanda e o Bembe, mediante ajustes livres. A sua banza fica umas vinte milhas para OSO.

Soba Quiudembe—D. Francisco Manuel. Tambem paga o dizimo por fogos. A sua banza fica para a esquerda do *Muene Luembe*, um pouco mais distante.

Soba Muene Dande—D. João Alves da Costa. Paga dizimo por fogos, e fica quatro milhas distante do presidio, ao rumo de 31° SO.

Soba Cangabondo—D. Francisco Xavier.

Tambem paga o dizimo por fogos e fornece carregadores voluntarios. Fica a cinco milhas de distancia para a direita do *Manicoge*.

Soba Mahungo Mambuigi—Está nas circumstancias do antecedente, e fica ao rumo de 50° SE., a cinco milhas de distancia.

Soba de Cua de Sousa— Pedro Dias de Sousa. É muito obediente, bem como os mais Sobas da sua dependencia, que todos pagam o dizimo por fogos, e prestam a sua gente para o serviço de carregadores por ajustes livres. A principal senzala fica quinze milhas ao N. do presidio.

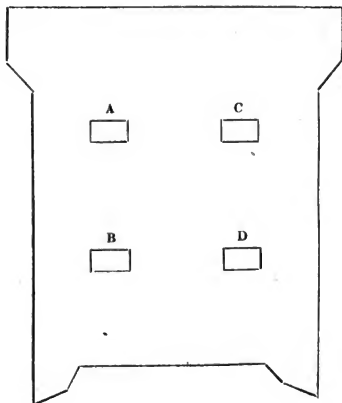
Os gentios não avassallados e rebeldes mais proximos são: para o NE., *Manja-Galungo*, que d'antes obedecia e pagava tributos; para o N., o *Mallolu;* para o NO., o gentio *Cananga*.

Todos os rumos indicados n'estes apontamentos são magneticos, e a variação, a meia distancia do Bembe, era n'esta epocha de 22° NO., e ao presidio de Encoge 22° NO.

Bembe, 6 de Julho de 1858.

José Baptista de Andrade,

Governador do Ambriz.

FORTALEZA DE ENCOGE.

A Paiol da polvora.
B Casa da guarda e arrecadação.
C Prisão.
D Quartel de pau a pique barreado.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

ANGOLA.

NOTICIA DO SERTÃO DO BALUNDO, POR CANDIDO DE ALMEIDA SANDOVAL, 1837.

O Balundo é situado debaixo de 11° 35″ de latitude sul. O Bihé e Undullo, ao oriente, limitam o Balundo: ao norte estende-se até mesmo ás hortas do Quenze; ao sul o Ambo e a Zamba; ao occidente as serras da Quipeia (baluarte natural do Balundo) o separam e defendem do gentio ultramontano.

O Balundo tem cento e oitenta milhas de comprimento, sobre noventa milhas em sua maior largura: seu clima é similhante ao clima de Portugal. Aqui os ventos são periodicos; o maximo do frio experimenta-se nos mezes de Maio, Junho e Julho, quando o vento sopra do sul. Em tempo secco a transparencia da atmosphera apresenta o bello azulado de que se gosa nas partes meridionaes da Europa, principalmente nos mezes de Março e Abril; e por isso parece encontrar-se no Balundo uma primavera perpetua.

O terreno do Balundo é fertil pela grande abundancia de saes vegetaes, que contém. Arvores, que nascem espontaneamente, crescem em pouco tempo, e formam frondosos arvoredos.

Aguas crystalinas, prados, bosques, montes e serras reunem em si muitas das bellezas naturaes que na Europa se encontram, e que a incansavel curiosidade com avidez busca e admira.

O Balundo é muito povoado: a polygamia, que em outras partes do globo é avessa á propagação da nossa especie, aqui se vê conseguir seus fins; o que sem duvida é devido á benignidade do clima.

O gentio do Balundo é forte, sobrio e corajoso na peleja; mas seu caracter é revoltoso, grosseiro, atrevido, velhaco e ladrão.

A chronologia do Balundo confunde-se com a mesma de todo o gentio de Africa, que se esconde nas trevas da antiguidade; em as quaes permanecerá, se algum espirito curioso e creador não der ao Balundo, por novidade, sua particular mythologia, em a qual Plutão represente o primeiro papel.

O Balundo, por insultos repetidos que fez a pessoas pertencentes a Portugal, soffreu em 1774 a invasão do seu territorio pelas armas portuguezas; as suas povoações foram destruidas; seu soba foi preso e levado para Loanda, onde terminou seus dias; e em seu logar foi posto um irmão do mesmo soba, o qual ficou vassallo da coroa portugueza.

O governo do Balundo é democratico. Este gentio mistura ás vís humilhações dos orientaes a desenfreada grosseria do povo inglez nas occasiões das eleições em Inglaterra. Os sobas poupam e lisonjeiam os seus macotas: estes são quem elevam um soba ao governo, e tambem quem d'elle o derribam.

O soba actual, conhecido no reino de Angola pelo nome de Quibrandongo, e hoje no Balundo pelo de Quionque-Vuque (aguia), é de gigantesca estatura; tem firmeza de caracter: elle venceu a seu antecessor com as armas na mão. Aquelle, vendo-se trahido por seus macotas principaes, preferiu a morte ao captiveiro; suicidou-se, e tragicamente terminou a sua carreira.

O auctor da precedente noticia junta a ella as observações seguintes:

1.° O rio Quanza deve cessar de ser demarcação dos Barbaros, e a Beringa, pequeno paiz alem do Quanza, e que paga dizimo: e o seu Golenbollen deve ser undado, e render obediencia ao governo, em vez de a render ao soba Zasanga, situado ao norte do Quanza, jurisdicção de Pungo-Andongo.

2.° O Haco, considerado meio vassallo, deve ser reduzido a vassallo inteiro; e seu soba, sobetas e patrões sujeitos ás leis de Portugal.

3.° No Haco, ponto central, encontram-se dois caminhos para o Balundo: o primeiro,

que deriva para oeste, vae passar pelas terras do Tamba, soba que vive da rapina; e o segundo, que se dirige pelo Mucende, por um deserto de mais de sessenta leguas; n'elle se commettem roubos pelo mesmo Mucende, assim como tambem pelo gentio do Quisengue, seu visinho.

4.° A estes gentios segue-se o Balundo, superior a todos, e a quem todos temem e pagam tributo, excepto o Haco.

Tornando finalmente as vistas para o Balundo, deveriam aproveitar-se as boas disposições do soba actual; e sem grandes sacrificios feitos pelo Estado se poderia conseguir que de novo rendesse vassallagem á coroa portugueza.

O soba do Balundo pede ao Governo portuguez um Capitão-mór. Aquelle soba poderoso deseja obedecer a Portugal; porém como a natureza do governo do Balundo seja democratica, julgaria eu que, em todo o caso, vista a divergencia de opiniões que póde existir entre seus macotas a este respeito, no caso de se lhe mandar alguma Auctoridade, esta fosse acompanhada por uma força sufficiente; e levando o ramo da paz na mão, obteria seguramente o resultado que se deseja, sem perda de gente nem fundo.

Pareceu-nos que seria interessante juntar aqui o seguinte extracto de um Officio, datado do 1.° de Junho de 1776, em que o Capitão General de Angola, D. Antonio de Lancastre, dá conta da expedição que mándou contra o potentado Balundo:

«Tendo-se insurreccionado o gentio da capitania de Benguella, a ponto de se atreverem a sitiar o presidio do Novo Redondo, matando o Capitão-mór e alguns soldados, e ameaçando o proprio presidio e fortaleza de Benguella, resolveu-se o Capitão General de Angola, D. Antonio de Lancastre, a castigar tamanha ousadia, reduzindo-os a obediencia e vassallagem: e para isso expediu por mar um corpo de cem homens, da guarnição de Loanda, commandado por seus respectivos Officiaes, e outro corpo de quarenta homens para guarnecerem o presidio do Novo Redondo, levando em sua companhia dois morteiros pequenos e duas peças de amiudar, dando a uns e outros todos os regimentos, ordens e directorios por que se deviam governar e conservar sempre unidos em boa ordem, áquelles para navegarem direitos ao presidio de Benguella, e estes para ficarem no do Novo Redondo; e todos com o preceito de marcharem em tempo devido, breve, e assignalado em seus regimentos para os sertões d'aquella capitania a encorporarem-se com a gente que já havia mandado alistar e pôr prompta, assim da guerra preta, e empacaceiros, como dos moradores, seus escravos, e aggregados de todas as povoações, e do presidio de Caconda, e todos debaixo das mesmas ordens.

E porque o potentado Balundo, que se havia rebellado havia já bastante tempo, e que arrogava a si toda a soberania d'aquelles gentios, era o chefe d'esta conjuração, e tinha engrossado o seu partido, trazendo a elle aos sobas mais poderosos da sua visinhança, e aparentando-se e familiarisando-se com outros, chegando as suas forças até ás terras mais circumvisinhas aos presidios de Loanda e continente do rio Quanza, viu-se o Capitão General obrigado a expedir ao mesmo tempo outro maior corpo de exercito para marchar por terra; e indo alojar em o presidio das Pedras de Pungo-Andongo, ali se ajuntaram duas partes das guarnições dos mais presidios, todos os pretos de armas de fogo, a que chamam empacaceiros, jagas e sobas vassallos, que pelejam de arco, com todos os mais auxiliares que se poderam reunir; e formando um grande exercito, saiu do dito presidio, levando juntamente duas peças de amiudar e dois morteiros, marchando a ir atacar o mesmo soba Balundo na sua propria côrte, e depois encorporar-se com o que havia mandado por mar.

Com effeito o Capitão General veiu a concluir com felicidade as suas expedições, obtendo o melhor resultado das suas delineações, sem vexame e sem oppressão; antes isentando a todos os negociantes de servirem na guerra, e recommendando aos Commandantes respectivos o seu auxilio e indemnidade, e mantendo aos sobas vassallos em perfeito socego, soccorrendo-os e protegendo-os em tudo, de tal sorte e com tão efficaz utilidade, que estando aquelles sertões em continua guerra, correu o commercio regularmente e de boa fé como d'antes, não tiveram os reaes direitos o menor detrimento nem quebra, e os povos se conservaram em segura tranquillidade.

Durou esta guerra o decurso de dois annos, por se encontrarem maiores fortificações do que se imaginava, e estarem os barbaros muito destros no modo de peleja, guerreando com união, fortaleza, e sem temor; usando de grande ligeireza no tiro de mosquetaria, e vivendo em guipacas muito bem delineadas, assim nos baluartes, fossos e trincheiras, como nas estradas cobertas com que se defendiam de todo o genero de tiros, e por ellas íam salvos buscar todo o preciso para a sua subsistencia.

E postoque a guerra se demorou todo este tempo, não se gastou comtudo todo elle nos combates, pelas paradas que tiveram as forças, passagens de rios que vadearam, e in-

vernadas que supportaram, alem das opposições e resistencias que encontraram no inimigo, as quaes não obstante, finalmente venceram e destruiram trinta e tantos sobas, arrasando-lhes suas guipacas, banzas, libatas e terras; em cujo numero não entram varios sobetas seus confederados, que de todos morreram alguns e fugiram outros; concluindo-se esta guerra sem despeza alguma da Real Fazenda, com grande triumpho das armas portuguezas, e com a gloria de ficarem todos avassallados e sujeitos á devida obediencia, que alguns d'elles nunca tinham reconhecido: e chegando por este modo o Capitão General não só a pôr tudo em segurança, em paz, e sem perturbação, mas ainda a abrir uma estrada segura por terrá até os sertões de Benguella, fazendo ao mesmo tempo communicaveis estes com os de Loanda, e igualmente que se vadeassem de uma para outra parte sem perigo, sem susto e sem receio, sendo até então impenetraveis, e jamais vadeados em tempo algum.

Finalmente chegou tambem o Capitão General a conseguir que fosse preso o potentado Balundo em uma das prisões da fortaleza de S. Francisco do Penedo, e seu irmão o soba Quingando; ficando de posse do seu estado, e com a investidura d'elle seu irmão Capinganna, valeroso soldado e fiel vassallo da coroa portugueza.

Por esta fórma se concluiu aquella guerra, ficando em paz os povos do reino de Angola, do de Benguella e dos mais sertões de todo o seu continente. *(Vid. Mappa junto do sertão de Angola.)*

CABO VERDE.

ILHA DE S. THIAGO.

PARTE DO OFFICIO DO GOVERNADOR GERAL
DE CABO VERDE,
SEBASTIÃO LOPES DE CALHEIROS E MENEZES,
DE 19 DE AGOSTO DE 1868.

É debaixo da recente impressão de quanto vi e observei no interior d'esta Ilha, que acabo de percorrer, que agora escrevo a V. Ex.ª.

Já ha bastante tempo que eu tencionava fazer uma digressão por toda a Ilha de S Thiago, a mais populosa, a mais rica, e sem contradicção a mais importante d este Archipelago; porém os muitos e urgentes negocios do governo, que successivamente se haviam accumulado, não me tinham até agora permittido levar á execução este projecto, aliás necessario para o perfeito conhecimento d'esta Ilha.

Na madrugada do dia 17 de Julho, acompanhado por alguns empregados, e por varias pessoas notaveis d'esta terra, saí da Cidade da Praia em direcção á Freguezia de S. Domingos d'este Concelho. Tres leguas dizem na terra, que medeiam entre a Praia e o centro da Freguezia de S. Domingos; pareceu-me porém exaggerada tal medição.

As duas primeiras leguas, ao saír da Praia n'esta direcção, apresentam aos olhos do viandante um terreno arido, inculto, e até mesmo n'esta epocha privado da verdejante capa de hervinha, que logo depois das primeiras aguas cobre a superficie de toda a Ilha. Apenas algum pequeno grupo isolado de purgueira vegeta a custo na fraca argila de um terreno pedregoso de antiga alluvião; e o velho espinheiro abrigado pela brisa quasi a tocar o solo com a sua rama rachitica, parece estar apontando no espaço qual seja a direcção dos fortes ventos reinantes n'estas regiões.

O que porém maravilha n'este paiz é a presteza com que os quadros os mais variados e da mais opposta natureza se substituem rapidamente a ponto de ser sufficiente transpor o *faite* de um monte, que no paiz chamam *cutello*, ou chegar á extremidade de uma planura, que tambem designam por *achadas* para o observador se julgar em presença de uma transformação theatral.

Com effeito depois de vencer em soffrivel caminho de pequena inclinação e em rampa duas leguas de terreno, tal como o tenho descripto, o véu corre-se repentinamente, e o viandante prolonga a vista por uma extensa e fertil ribeira, aonde as producções dos tropicos se confundem com as da Europa em pomposa profusão; ali se vêem as frondosas laranjeiras e limoeiros enlaçados com os coqueiros, bananeiras e outras arvores, destacando sobre viçoso tapete verde claro das abundantes plantações de canna, e pelos flancos das montanhas que formam a ribeira se estendem as matas de purgueira até ao cume. É esta a ribeira de S. Domingos. A formação geographica d'esta parte do paiz fornece muita clareza no seu estudo, e proporciona ao geologo e observador philosopho um vasto campo para investigar e reflectir. A analyse das rochas que em grande parte formam as vertentes da ribeira mostram a sua natureza vulcanica, e a sua disposição em numerosos estratos parallelos bem distinctos indica os differentes periodos de formação, por outros tantos jactos vulcanicos dos antigos cataclismos. Por outra parte a correspondencia das camadas parallelas em ambos os lados da ribeira, a symetria da coroação, e a identidade da especie bazaltica, mostram á evidencia que um grande esforço da natureza em antiga revolução vulcanica, abriu em terreno outr'ora compacto aquella enorme fenda, que podero-

sas correntes, como hoje não conhecemos, alargaram e profundaram.

Caminhámos uma hora por bom caminho praticado no fundo da ribeira, e nas suas encostas, descobrindo ao longe pela frente os altos montes da Freguezia dos Orgãos coroados de rochas caprichosamente recortadas, e d'onde julgo a Freguezia tirou o nome.

Fomos descansar em uma boa e commoda casa de campo, mui bem situada no centro da Freguezia de S. Domingos, e dominando a parte mais larga e mais cultivada da ribeira, proximo ao sitio em que ella se bifurca.

A casa em que descansámos e passámos a noite pertence a Pedro Semedo, abastado e industrioso agricultor, Tenente Coronel Commandante do Batalhão de Infanteria de segunda linha d'esta Ilha.

No dia seguinte saí de manhã com destino para a Freguezia dos Picos, no Concelho de Santa Catharina; porém tendo-me demorado em differentes pontos, e particularmente na Freguezia de S. Lourenço dos Orgãos, com o fim de investigar varios negocios de interesse publico, que faziam o principal objecto d'esta digressão, fui ficar ao logar da *Longueira*, ainda na Freguezia dos Orgãos. O caminho que até S. Domingos, com algumas alterações de pouca monta, póde ser excellente, por onde já hoje transitam carros, e póde mesmo vir a servir para carruagens, torna-se já pessimo e n'algumas partes perigoso, para transito a cavallo, de S. Domingos para os Orgãos, em consequencia do variadissimo accidentado do terreno e das irregulares camadas de rochas, que em partes revestem o terreno. A variedade de quadros que a natureza apresenta n'esta jornada, ora deleita o viandante pela sua amenidade e viço de sua vegetação vigorosa, ora lhe cansa a attenção pela monotonia de sua aridez, ora finalmente o aterra, mostrando-lhe o fundo abysmo onde precipitadamente vae descer e onde um fio de prata cortando sumptuosa alcatifa de verdura lhe sorri.

No dia 19 passámos da Freguezia dos Orgãos para a dos Picos no Concelho de Santa Catharina, e os caminhos cada vez mais ingremes e escabrosos obrigaram frequentes vezes os mesmos temerarios a apear-se.

Demorei-me algum tempo na igreja dos Picos, aonde ouvi *Te Deum*, e pude observar da situação da igreja, que é mui pittoresca, e domina uma grande parte da Ilha, um quadro dos mais agradaveis que o campo póde offerecer. Como a este tempo me seguisse uma numerosa companhia de proprietarios e negociantes das Ilhas e o proprietario Marcellino Freire de Andrade, o mais importante d'este Concelho, insistisse em me obsequiar em sua casa, que é mui proxima á igreja, para ali segui com todos que me acompanhavam, sendo precedido por alguns centenares de individuos do povo de ambos os sexos, que procuravam festejar a seu modo a minha chegada áquelle Concelho, com dansas e folgares, em que desempenhava o principal papel o classico batuque nacional.

Fui muito obsequiado em casa d'este proprietario.

Durante a tarde e noite seguinte caiu continuamente uma chuva miuda, que causou febre a grande numero das pessoas que me acompanhavam.

No dia 20 saimos com destino para a ribeira dos *Flamengos* a quatro ou cinco leguas dos Picos. A chuva que cessára havia deixado os caminhos mui escorregadios nos fortes declives, e com muita difficuldade e risco se obrigavam os cavallos a transpor os passos difficeis. Entrámos na ribeira do Engenho, aonde assenta o grande morgado d'este nome, e ali descansámos um pouco, podendo observar parte de uma das mais ferteis e cultivadas ribeiras de S. Thiago. Aqui ficaram alguns doentes por lhe ter augmentado a febre, e continuei a jornada seguindo em rampa por um passo mais difficil, em que foi forçoso apear-me até entrar na Achada Falcão.

A Achada Falcão é o trato de terreno mais plano, mais extenso, e mais bem situado de toda a Ilha. É bastante elevada esta planura para d'ali se descobrir o Oceano, e uma grande parte da Ilha do Fogo com o seu elevado cone vulcanico, que parece fazer parte da mesma Ilha de S. Thiago. Percorrendo esta planura para o norte da Ilha, descobre-se pela direita e a grande profundidade a espaçosa ribeira da *Boa Entrada*, talvez a mais bella e fertil de toda a Ilha, e pela esquerda a ribeira dos *Flamengos*, aonde nos dirigiamos. Na Achada Falcão gosa-se de um optimo clima, e é um logar mui proprio para uma boa povoação, e ali não obstante a terra não ser mui forte, e não ser regada senão pelas chuvas, poderá receber alguma cultura, arborisação e purgueira de que absolutamente carece. Da Achada Falcão desci á ribeira dos Flamengos aonde fui descansar e passar a noite. O clima d'esta ribeira passa por insalubre, e assim parece, porque ali adoeceram algumas pessoas da comitiva. Na manhã do dia 21 seguimos pela ribeira dos *Flamengos* para a sua foz, e chegámos ao meio dia ao porto da *Calheta*, aonde ha uma pequena povoação reunida, com algumas lojas e armazens para depositos de purgueira e outros generos de exportação, que barcos de pequeno lote ali vão receber. O porto da *Calheta* é mau pelo seu pouco fundo, estreitos limites

e difficil entrada, que só lambotes podem demandar. E pela disposição das rochas e recifes, que fecham a sua entrada, e pela grande ressaca da costa, é inaccessivel em algumas epochas. Do porto da *Calheta* seguimos pela costa de leste da Ilha para o porto de S. Thiago, atravessando as formosas ribeiras de *Germanezes*, aonde ha uma boa plantação de tabaco e de canna, e a arborisada ribeira de *Santa Cruz*, afamada pelos seus frondosos pomares de laranjeiras. Em S. Thiago descansei algum tempo, e pude observar a povoação, a qual postoque disseminada em grupos é bastante grande; ali ha muitas lojas para negociar com os chamados vadios do interior, e muitos armazens para deposito de generos de exportação, principalmente purga, que os navios ali vão receber. Os grandes pantanos que ha no centro da Freguezia e á beira-mar, alguma cousa devem prejudicar a salubridade da povoação; porém a sua malefica influencia nunca poderá estender-se até á Cidade da Praia situada a cinco leguas, como muitos têem ousado affirmar; porquanto o terreno arenoso de infiltração, em que os pantanos se formam com as aguas da ribeira que ali confluem, sendo extremamente permeaveis dão passagem subterranea para o mar ás aguas que se estão continuamente renovando. Não tendo os pantanos communicação apparente com o mar, e recebendo continuamente agua das ribeiras, não poderiam simplesmente pela evaporação conservar o mesmo nivel, como conservam, se a infiltração não estabelecesse a passagem das aguas, o que aliás se conhece pela qualidade do terreno. Portanto, como ha successiva renovação nas aguas depositadas, o effeito não é tão pernicioso como nos verdadeiros pantanos de aguas corrompidas pela estagnação, o que aqui se não observa; pois em grande parte as aguas são tão crystalinas que se vê o fundo do pantano. Seguindo pelo fundo da ribeira de S. Thiago entrámos novamente na Freguezia de S. Domingos, aonde passei a noite para no dia seguinte voltar á Cidade da Praia.

ACTO DE OBEDIENCIA, SUJEIÇÃO E VASSALLAGEM QUE AO MUITO ALTO E PODEROSO REI FIDELISSIMO D. JOSÉ O I, NOSSO SENHOR, E SEUS REAES SUCCESSORES FAZ NAS MÃOS DO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR D. FRANCISCO INNOCENCIO DE SOUSA COUTINHO, GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL D'ESTES REINOS E SUAS CONQUISTAS, O POTENTADO HOLO MARIMBA GOGE POR SEUS EMBAIXADORES D. THOMÁS PLANGA-A-TEMO, HOLO-RIA-QUIBALACACE E QUIENDA.

1.ª

Que elle dito Potentado se reconhece desde agora para todo sempre vassallo fiel de Sua Magestade Fidelissima, prompto a executar todas as suas reaes ordens expedidas pelos seus Governadores n'este Reino, sem que em nenhum caso possa duvida-las, pena de ser tratado como rebelde.

2.ª

Que por força das mesmas reaes ordens admittirá nas suas terras Missionarios, dando-lhes logar para edificarem hospicios, e exercitar publicamente o Culto Divino, sem molestia ou embaraço, e com carregadores gratuitos para se transportarem de umas a outras terras, como bem lhes parecer.

3.ª

Que emquanto a Rainha Ginga cumprir de boa fé a livre e segura passagem, pelas suas terras, de todos os negociantes e pumbeiros, não poderá elle dito Potentado fazer-lhe guerra, nem ainda debaixo do pretexto do sobrinho da mesma Rainha, que se acha nas terras d'elle Potentado; porém que se ella embaraçar o commercio, ou vedar os caminhos, e negar os carregadores, poderão elles livremente fazer-lhe a guerra, até conseguir que o caminho esteja franco e seguro para a devida execução das ordens d'este Governo, na fórma que ambos têem ajustado.

4.ª

Que o dito Potentado Marimba Goge não permittirá que nenhuma outra Nação, pelos Mobires, ou outros povos, faça commercio, e resgate de escravos nas suas terras, e que passando alguns pumbeiros com fazendas para este fim os entregará presos ao Escrivão, para proceder na fórma que lhe será ordenado.

5.ª

Que elle terá Escrivão nas suas terras, ao qual dará terreno em que possa formar feira, com todos os mais negociantes, fazendo-os juntar todos no mesmo logar para que não possam fazer nem o commercio, nem desordens estando dispersos; e que ajustará com o mesmo Escrivão preços certos e inalteraveis por que hajam de vender-lhe os escravos e o cobre, os quaes nunca poderão alterar.

6.ª

Que elle dito Potentado e seus filhos não poderão nunca embaraçar as Leis e ordens por que o Escrivão, e os mais negociantes se hão de governar no dito logar separado da feira, nem apprehender-lhe por nenhum caso, nem por nenhum crime debaixo do pretexto dos seus *Quituchis*, as fazendas do commercio; porém que no caso de commetterem os ditos brancos algum delicto contrario ás suas Leis, e á boa fé e verdade do negocio, requererão ao Escrivão para que immediata-

mente o castigue, e sendo caso maior, o remetterão preso a esta capital para ser castigado como merecer, ficando então depositadas as fazendas em mão segura, por ordem do Escrivão, até serem entregues a quem pertencer.

7.°

Que succedendo proceder mal o mesmo Escrivão, dará logo parte para ser expulso e castigado como merecer. E de como assim se obrigaram ao conteúdo em todos os sete capitulos d'este Acto de obediencia e vassallagem, se assignaram os ditos Embaixadores em nome do referido Potentado Holo Marimba Goge pelos poderes que para isso tem, depois de o haver feito o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Governador e Capitão General d'estes Reinos; os quaes Embaixadores se obrigaram apresentar no tempo de seis mezes, ratificado e assignado pelo dito seu Potentado este mesmo Acto, de que se lhe entregará uma copia autentica assignada e sellada com o sêllo grande das Armas de que usa o mesmo Senhor. S. Paulo de Assumpção, a oito de Julho de mil setecentos sessenta e cinco. = Antonio de Campos Rego, Secretario d'Estado d'este Reino, o subscrevi. = Logar do Sêllo = D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho = Signal de D. Thomaz ✕ Planga-a-Temo = Signal de Holo ✕ Riaquibalacace = Signal de ✕ Quienda = Signal + do Potentado Marimba Goge Quimena Binga, Senhor d'esta Provincia = Signal + de Marimba Hollo, segunda pessoa do Potentado. E eu que fiz os signaes a rogo d'elles, por não saberem ler nem escrever. = Vaç.^{to} Simões de Oliveira.— Registado a fol. 264 do Liv. 3.° de Homenagens = *Rego.*

TABACO DE ANGOLA.

O Governador Geral de Angola remetteu ao Conselho Ultramarino amostras de tabaco produzido em alguns districtos d'aquella Provincia, as quaes o mesmo Conselho, por assim o julgar conveniente, fez examinar na respectiva Fabrica do Contrato do Tabaco, para se conhecer da sua qualidade. E como o resultado de tal exame póde ser de interesse, especialmente para os agricultores da sobredita Provincia, que porventura se queiram dedicar á cultura d'esta planta, por isso se publica a relação que abaixo segue, das alludidas amostras, bem como o resultado que vae em frente, do exame a que se procedeu sobre cada uma d'ellas na mencionada Fabrica do Tabaco.

Relação das amostras de tabaco colhido na Provincia de Angola no anno proximo passado, com declaração das localidades em que foi produzido.	Exame feito na Fabrica do Tabaco, em Lisboa, para se conhecer a qualidade e bondade das amostras de tabaco recebidas em Fevereiro de 1857 com a relação em frente.
DISTRICTO DE GOLUNGO ALTO.	
1 Charutos..........................	Charutos bons, fortes, gostosos, mas mal feitos e de folha escura.
2 Tabaco preparado em trança..........	Este tabaco preparado em trança não póde ter n'esta Fabrica consummo algum.
3 Tabaco em folha......................	Este tabaco em folha *é de muito boa qualidade.*
4 Tabaco da Virginia (focinho de boi).....	Este tabaco em folha *é bom.*
PRESIDIO DE MASSANGANO.	
5 Tabaco preparado em trança...........	Este tabaco preparado em trança não póde ter n'esta Fabrica consummo algum.
6 Tabaco preparado tambem em trança....	Este tabaco preparado em trança não póde ter n'esta Fabrica consummo algum.
7 Tabaco em folha......................	Este tabaco em folha está sequissimo, mas não deve ter sido mau.
DISTRICTO DE AMBACA.	
8 Tabaco preparado em trança...........	Este tabaco preparado em trança não póde ter n'esta Fabrica consummo algum.
9 Tabaco em folha......................	Este tabaco em folha é só proprio para interior de charutos ordinarios, por ser folha estreita e curta.

10 Tabaco em pilão	Este tabaco em pilão não póde ter n'esta Fabrica consummo algum.

DISTRICTO DE CAZENGO.

11 Tabaco em folha....................	Este tabaco em folha *é de muito boa qualidade;* está porém secco.
12 Tabaco em fôrma	Este tabaco em fôrma não póde ter n'esta Fabrica consummo algum.
13 Tabaco preparado em trança	Este tabaco preparado em trança não póde ter n'esta Fabrica consummo algum.
14 Charutos	Charutos bem feitos, gostosos, de bom tabaco, porém fortissimos.

N. B. Todas as amostras de tabaco em folha (n.os 3, 4, 7, 9 e 11) estão seccas, mas conhece-se perfeitamente a sua boa qualidade. No caso que os cultivadores d'estes tabacos seguissem o methodo dos cultivadores de tabaco dos Estados Unidos, que é embarricar a folha com todas as recommendações exaradas no folheto que os srs. Caixas Geraes publicaram e distribuiram em 1849 a bem da cultura da *folha tabaco*, receber-se-ía aqui a folha das possessões fresca e com toda a força da fragrancia que lhe é propria. O Mestre d'esta Fabrica, o Sr. José Joannis, que cuidadosamente examinou as amostras em questão, declara que chegando a folha fresca e com fragrancia, poderia esta folha supprir *completamente* o consummo do tabaco Kentucky, tanto para rapé como para charutos.

Fabrica do Tabaco, 4 de Fevereiro de 1857. =*Rodolfo Cambiaso*, Director.

INDIA.

MEMORIAL E INFORMAÇÃO DAS FEITORIAS PORTUGUEZAS NA COSTA DE MALABAR.

Tem a mesma origem e representação da de Surrate com o direito particular e veneravel de serem os Directores de Calicut, por uma concessão antiquissima do Imperador Samorim e de Mongalor, por outra similhante da Rainha do Canará ambas devidas á indicação e politica dos jesuitas reputados os chefes, protectores e juizes privativos dos christãos de qualquer Nação que sejam residentes em seus Districtos, com excepção de poucos casos reservados ao governo dos dominantes. Esta prerogativa inestimavel, contribuia muito para o respeito e consideração que sempre teve a bandeira portugueza entre os povos christãos pelo auxilio e asylo que achavam n'ella, e entre os outros, pela emulação e assistencia que desejavam conseguir; e obtiveram muitas vezes segundo o animo e attenções de que se faziam dignos os Directores, geralmente attendidos dos Soberanos do paiz, antes da invasão de Hider Allihan.

N'esta epocha desgraçada e funesta aos Principes e povos do Malabar, gentios e mouros, e em particular aos christãos e europeus de todas as Nações, de que este tyranno usurpador, ainda mais, o monstro seu filho e successor Tipû Saab, foram aniquiladas e expulsas as mesmas feitorias e bandeira de Sua Magestade tanto por effeito da ambição, odio e barbaridade d'estes conquistadores, como por outras indiscrições e grosseria dos nossos directores que por desgraça eram n'aquella conjunctura critica e delicada de uma eleição tal, como foram tantos de Goa que foram as primeiras causas de perdermos os estabelecimentos e consideração que adquiriram os primeiros heroes da nossa conquista. E com effeito nem elles mereciam nem solicitaram, nem o estado de Goa lhes assistia com o auxilio e protecção que ainda então poderia, e por consequencia de todos estes motivos notorios se perderam finalmente aquellas feitorias de que a tradição conserva a memoria e uma justa saudade.

Pela destruição de Tipû caíu toda a costa Malabar inclusivè Calicut sua capital e Mongalor do Canará em poder da Companhia ingleza, seja por effeito da constante generosidade, civilisação e tolerantismo do Governo d'esta Nação, ou da politica e da alliança que ella ostenta com a nossa, é certo que os chamados da protecção portugueza e christãos que na phrase da India equivale ao mesmo, foram restituidos e os seus padres, missão e igrejas a toda a liberdade e igualdade que gosam os seus proprios vassallos nativos.

O exemplo que o mesmo governo, guiado pelos referidos principios, e algumas applicações amigaveis e opportunas do actual Director de Surrate, e de seu irmão, que conservavam estreitas connexões e tratos com o General Duncan e principaes membros do seu Conselho, deu na ultima revolução e conquista que fizeram em Maio de 1800 d'este principal porto do Indostão, de mandar conservar

na mesma acquisição a bandeira e privilegios da nossa feitoria, apesar da contradicção que alguns d'estes fazem, a sua actual soberania é talvez a prova mais notoria que os inglezes na India têem dado da sua alliança aos portuguezes, por ser no mesmo facto em que elles provaram a sua ambição e espirito da conquista e monopolio do commercio, resuscitando n'elle a reputação nacional no conceito de mais de duzentos mil habitantes e trinta Nações differentes de que hoje se compõe Surrate.

É fundado n'estes exemplos, e na constante e feliz harmonia que subsiste entre o Governo de Bombaim, e o nosso actual de Goa que Loureiro excitou n'este a reclamação e restabelecimento das feitorias do Malabar, seja debaixo d'esta denominação asiatica e antiquada, seja como annexas ou visconsulados dependentes do Consul Geral, segundo a nova denominação e caracter que S. A. R. lhe mandou dar a favor do mesmo F. G. Loureiro. Porém a guerra e outros obstaculos da conjunctura, e a reflexão de que conviria mais entrar em uma tal negociação depois de alguma insinuação official, e com auxilio da Côrte com a de Londres, decidiu o informante a differir esta applicação para esta opportunidade de a expor á consideração de S. A. R. por meio dos actuaes sabios, patriotas e zelosissimos Ministros, a quem tem a honra de apresentar esta Memoria e de quem espera que a façam pesar com attenção pia e paternal com que o mesmo Senhor olha e promove a prosperidade da Nação, e com tanta gloria para o seu Governo felicissimo e dos mesmos Ministros que o informam e cooperam para tão justos e venturosos fins.

Mais de quarenta mil almas christãs que existem nos sobreditos portos de Mangalor, Calicut e outros do Malabar, e que por uma tradicção e devoção gloriosa se dizem ainda e são tratados pelos seus mesmos Soberanos como portuguezes, e os seus Vigarios naturaes e os Missionarios da Propaganda que viram sempre a nossa bandeira e as nossas feitorias como o asylo, o refugio e o exemplo para que as fundou o zêlo, e o amor da gloria que dirigiu os seus primeiros instituidores, os navegantes e commerciantes que dependem d'ellas para a facilidade, communicação e segurança dos seus traficos, bemdirão todos alta e eternamente o Nome de S. A. R. peló restabelecimento das ditas feitorias e pela sua intervenção Poderosa e Real para solicitar-se com este a liberdade e exercicio da Religião Santa nas Igrejas, e propriedade que lhe usurpou o antecedente conquistador mouro e barbaro.

Uma similhante negociação amigavel e respectivamente propria e honoravel ás duas Nações, parece mesmo ser uma consequencia do nosso tratado da cessão de Bombaim aos inglezes que foi o primeiro passo ou porta que se lhe abriu para a sua grandeza actual e famosa na India, e quando se queira commetter ao Governador Capitão General da India, se não parecer assumpto digno da communicação immediata das duas Côrtes, presume o informante que o nosso actual, fazendo-se-lhe essa recommendação bem positiva, será mui capaz de a cumprir, pelo zêlo que tem da Religião, trato e boa intelligencia com os actuaes Governos inglezes de Bengalla e Bombaim.

Alem d'este motivo essencial da gloria e propagação da Religião que dirigiu os primeiros heroes da nossa conquista, e ainda occupa toda a consideração de S. A. R., e só bastaria para decidir a Sua Real Deliberação a favôr d'este restabelecimento, ha outro segundo e grandemente digno da Sua Paternal Attenção, e vem a ser o da necessidade e dependencia absoluta que têem os seus vassallos de Goa do commercio e trafico do Malabar, para se manterem, e subsistirem por sete ou oito mezes do anno do seu arroz, tabaco e outros generos e provisões da primeira classe que o nosso territorio produz apenas nos annos mais ferteis para quatro ou cinco mezes, como o mesmo General e seus Ministros reconhecem plenamente, e por repetidas e bem lastimosas experiencias que têem d'esta verdade pratica e notoria.

Finalmente, sendo incontestavel e a todas as luzes grandes e muitos interesses de rehabilitar e restabelecer estas feitorias, seja debaixo d'este antigo caracter e da annexação que S. A. R. fez d'ellas ao Consulado Geral de Malabar, seja como Visconsulados da sua Nomeação na fórma da Novissima Carta Regia confirmada em 26 de Janeiro de 1802, devem estes solicitar-se para gloria e bem publico da Nação, senão pelos meios e mediações propostas, ao menos pelos officios proprios do logar e interesses do mesmo Consul actual Francisco Gomes Loureiro, conferindo-se a este a commissão e recommendação official de S. A. R., para em seu Real Nome promover e solicitar os propostos estabelecimentos com o accordo e assistencia do mesmo General já recommendada na mesma Carta Patente e dos An.[os] que felizmente conserva no actual Governo e Conselho de Bombaim.

A este fim e de se expedirem os Officios necessarios por qualquer dos meios e expedientes que se propõem, recorre e supplica Loureiro a attenção benigna e a mediação de V. Ex.ª com o Principe Regente Nosso Senhor, e Ministro competente e do Seu Conselho.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1802.

ANNAES DO CONSELHO ULTRAMARINO.

PARTE NÃO OFFICIAL.

APONTAMENTOS PHYTO-GEOGRAPHICOS

SOBRE A

FLORA DA PROVINCIA DE ANGOLA NA AFRICA EQUINOCIAL
SERVINDO DE RELATORIO PRELIMINAR
ÁCERCA
DA EXPLORAÇÃO BOTANICA DA MESMA PROVINCIA
EXECUTADA POR ORDEM DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA
PELO DOUTOR FREDERICO WELWITSCH

(S. Paulo de Loanda, Junho 1858)

INTRODUCÇÃO

The mountain Flora of western Africa is wholly unknown; and of its probable nature even we can form no guess.
(*Sir W. HOOKER, Botany of Niger Expedition pag. 87.*)

A exploração phyto-geographica de um vasto paiz, situado todo elle na zona equinocial, como Angola, encontra não sómente no clima e na particularidade das estações, consideraveis e bem conhecidos obstaculos, mas torna-se ainda mais difficultosa pela natureza dos varios terrenos, de que a superficie do paiz se compõe, e pela qualidade da vegetação mesma, com a qual estes differentes terrenos se acham cobertos; não fallando das difficuldades embaraçosas do transporte e do trato, sempre mais ou menos melindroso, senão desgostoso, com os aborigines, os quaes, receiando prejuizos de qualquer investigação, feita nas suas terras, empregam todos os ardis possiveis para aniquilar, ou ao menos transtornar os esforços do cuidadoso viajante.

A maior parte dos obstaculos aqui apontados já não me era estranha, quando fui incumbido da tão honrosa quão ardua missão da exploração scientifica d'esta Provincia. Tambem a influencia paralysadora das doenças endemicas da zona torrida não me era desconhecida, e por isso não esperava ficar de todo isento do tributo, que forçosamente havia de pagar ás molestias reinantes, em um clima equinocial; mas confiado nimiamente na minha então assás robusta saude, não attribui áquellas influencias toda a devida importancia, e d'este meu talvez perdoavel engano resultaram-me os maiores embaraços, que não poucas vezes contrariaram os mais esperançosos planos da exploração, causando-me demoras penosas e censuras pouco merecidas.

E como embaraços analogos, aos que acabo de mencionar, se oppõem aos viajantes scientificos em quasi todas as terras da Africa tropical, não é para admirar, que tanto a *Flora*, como a *Fauna*, e bem assim a *estructura geologica* d'este mysterioso continente, sejam até agora apenas conhecidas em fragmentos, e mesmo estes restringidos aos paizes situados na costa, emquanto que a maior parte do vastissimo interior, e mórmente as terras elevadas e montanhosas, os altos planos e serranias continuavam a ficar, apesar de muitas e energicas tentativas, e de numerosas victimas de assignalados naturalistas, uma *terra incognita*.

Foi principalmente por este motivo que eu preferi, tendo apenas explorado uma limitada parte do littoral da Provincia, dirigir as minhas investigações n'uma linha transversal para as serranias e os altos planos do interior, em logar de continuar a encetada exploração ao longo da costa; e os resultados, que, apesar de não poucos revezes, d'est'arte foram alcançados, e que sobretudo na parte phytogeographica não deixam de ser assás curiosos e importantes, parecem justificar a conveniencia do meu plano, cuja execução vou aqui relatar só aphoristicamente, guardando a exposição ulterior para a narração circumstanciada da minha viagem.

Depois de haver dedicado perto de um anno á exploração das terras da beiramar, desde Quizembo ao norte do Ambriz, até á foz do rio Cuanza, na extensão de mais de cento e vinte milhas geographicas da costa, progredi successivamente, e quasi sempre nas visinhanças do rio Zenga ou Bengo, para o interior, e chegado á povoação principal do districto de Golungo Alto, chamada *Sange*, distante da costa umas cento vinte e cinco milhas geogra-

phicas para leste, e situada no centro de montanhas cobertas de variadissimo arvoredo, escolhi este logar para quartel general e centro das minhas futuras operações exploratorias, fazendo d'ahi curtas digressões nos sobados circumvisinhos, e viagens mais compridas dentro ou alem dos limites do districto, conforme as estações, os meios de transporte e a minha saude o permittiam.

Consagrei quasi dois annos completos a prescrutar este extenso territorio montanhoso, tão rico em vegetação, quão difficil de explorar, por ser pela maior parte coberto de densissimas matas virgens, e atravessado por ingremes serranias; e para augmento dos embaraços as febres endemicas não faltaram, e o escorbuto não tardou de molestar-me por varias vezes.

Quando algum tanto restaurada a minha saude, prosegui a viagem para leste, e cheguei, depois de ter visitado alguns pontos mais interessantes do districto de Ambaca, ao presidio de Pungo Andongo, cujo recinto de penedos gigantescos se levanta no meio de um vasto oceano de florestas verdejantes. Destinei este logar para o segundo centro das minhas explorações no sertão, e fiz, durante oito mezes, numerosas e cada vez mais proveitosas digressões, visitando repetidas vezes as margens do poderoso rio Quanza, a serrania de Pedras de Guiga, e estendendo as minhas viagens até ás vistosas ilhas de Calemba, e ás extensas matas entre Quisonda e Condo, situadas na visinhança da grande cataracta do mencionado rio, na distancia de perto de duzentas e cincoenta milhas geographicas da costa atlantica. Na volta d'estas terras para o dito presidio tratei de explorar as salinas do sobado de Quitage, e as magnificas matas, já arenosas já pantanosas, mas sempre riquissimas em vegetação, que se estendem na margem direita do rio Quanza, e depois de uma segunda breve estada em Pungo Andongo, durante a qual dirigi as minhas digressões principalmente aos matos ralos, situados alem do rio Luxillo, na direcção ao districto de Cambambe, regressei, atravessando outra vez o districto de Ambaca, ao meu aposento anterior em Golungo Alto, d'onde, tendo dedicado algum tempo á necessaria coordenação das minhas collecções, segui viagem para a cidade de Loanda, acabando assim meu *tirocinio triennal* no sertão de Angola.

Juntando idealmente os pontos extremos que cheguei a visitar n'estas minhas viagens, por linhas rectas, vê-se, que o territorio por mim visitado, e por parte explorado, fórma quasi um triangulo, cuja base de perto de cento e vinte milhas geographicas de comprimento, descansa na costa atlantica, e cujo vertice chega até a Banza de Quisonde, situada na margem direita do rio Cuanza, e distante umas duzentas e cincoenta milhas geographicas para leste da embocadura d'este mesmo rio no oceano atlantico.

Em todo este territorio, que abraça approximadamente uma superficie de quinze mil milhas geographicas quadradas, foram observadas e colligidas tres mil duzentas vinte e sete differentes especies de vegetaes, pertencentes a cento setenta e seis familias ou ordens naturaes, e para mostrar a maneira como estas numerosas especies, tanto as indigenas como as cultivadas, se acham distribuidas sobre a mencionada superficie, elaborei o ***mappa phyto-geographico***, que vae aqui junto, e cuja redacção não sómente tornou necessario numerosissimas averiguações no extenso herbario que fiz da Flora Angolense, mas tambem exigiu a cuidadosa revista comparativa de um grande numero de apontamentos especiaes, feitos para este fim durante as viagens da exploração.

Devendo ser reservada uma ***enumeração critica*** de todas as especies de plantas, mencionadas por ora só numericamente, como quotas de familias no dito mappa, para a occasião em que as respectivas collecções se acharem coordenadas e classificadas competentemente, resta-me todavia fazer algumas observações ácerca da disposição das materias no referido mappa, e dar as explicações necessarias dos signaes empregados nas columnas d'elle.

Como já fica dito, o annexo ***mappa phytogeographico*** é destinado a dar uma ***idéa approximada*** do ***numero*** e da ***qualidade*** das ***especies de vegetaes que compõem a Flora da Provincia de Angola***, mostrando ao mesmo tempo a maneira da ***distribuição chorographica*** das familias e especies, encontradas no mencionado territorio.

Consta este mappa de ***tres secções***, cujo conteúdo é como segue:

A secção I mostra a ***chave das divisões e grupos superiores***, ***relativos á Flora Angolense***, com as quotas estatisticas das especies inherentes, até agora por mim encontradas no territorio d'esta Provincia.

A secção II desenvolve as ***cohortes*** ou ***classes*** em que os referidos grupos superiores se dividem, mostrando tambem as quotas das especies observadas, relativas a ***cada uma*** das cincoenta e sete classes.

A secção III contém a ***enumeração de todas as familias naturaes*** de plantas, das quaes, no territorio indicado, foram encontradas uma ou mais especies indigenas ou cultivadas, e é dividida em sete columnas, que encerram as materias seguintes:

Columna n.° 1. N'esta columna se acham

dispostas em ordem systematica, e grupadas nas competentes classes, já na secção 2.ª designadas, todas as familias naturaes, até agora por mim encontradas no territorio angolense. O systema que segui n'esta coordenação é o que se acha desenvolvido na bem conhecida obra fundamental do Doutor Endlicher, com o titulo de *Genera plantarum, secundum ordines disposita.*

As alterações, ou antes modificações, que me vi obrigado a fazer tanto no seguimento como na denominação de algumas classes e familias, eram reclamadas pelas leis vigentes da nomenclatura moderna, ou necessarias em consequencia de rectificações feitas por outros phythographos, depois da publicação da mencionada obra; mas em todo o caso, onde me permitti uma alteração, juntei á denominação por mim estabelecida, os synonymos correspondentes, para d'este modo evitar qualquer equivoco.

Alem da referida obra do Doutor Endlicher, consultei constantemente o celebrado *Appendix n.º 5, to Captain J. K. Tuckey's Narrative of an Expedition to explore the River Zaire*, esta geralmente conhecida obra prima do engenhoso *Robert Brown*, obra que deve ser considerada e apreciada como o *Evangelho da Flora tropico-africana.*

Muitos e mui proveitosos esclarecimentos encontrei tambem na *Flora Nigritiana*, publicada por *Sir W. J. Hooker*, e bem assim na ultima edição do *Vegetable Kingdom* do professor *J. Lindley;* emquanto ás mais obras, que se acham publicadas sobre a Flora da Africa tropico-occidental, como as *Floras de Senegambia, de Owar*, e outras, achei-me restringido aos apontamentos que em outro tempo extrahi d'estas obras, em differentes bibliothecas e museus botanicos de Londres e París; a obra do professor *Elías Fries* sobre os *Fungos da Guiné*, e o tratado de *Afzelius* ácerca da vegetação de *Serra Leoa*, ainda não consegui have-los, nem tão pouco as varias publicações sobre as *plantas da Guiné* dos srs. *Shumacher* e *Thonning.*

A *columna n.º* 2 indica o numero das especies, tanto indigenas como cultivadas, que de cada uma das familias foram encontradas no territorio d'esta Provincia; e a este respeito mister é observar que empreguei todo o desvelo, a fim de que estes dados estatisticos sejam o veridico manifesto de todas as especies observadas e colligidas, calculando as quotas das especies de cada familia não sómente conforme as noticias apontadas durante as digressões, mas tambem mediante repetidas consultas dos exemplares conservados no herbario angolense; e postoque similhantes calculos só podem ser exactamente estabelecidos depois da classificação e revista critica de todas as especies n'elles comprehendidas, julgo todavia poder asseverar, que as referidas quotas não hão de alterar-se muito com as rectificações futuras, e talvez sómente o serão em algumas classes muito vastas, como as glumaceas, leguminosas, etc., cujas numerosas especies nem sempre se deixam distinguir sem reiterados exames e reciproca comparação.

As *columnas n.ºˢ* 3, 4 e 5, que agora se seguem no mappa, representam *tres principaes degraus ou regiões*, que se succedem no paiz, o qual, como é sabido, se vae alteando gradualmente na direcção da costa para o interior, do occidente para o oriente; e porque a observação tem mostrado evidentemente que estas *elevações graduaes do terreno* estão em relação intima com as *variações do clima e da vegetação* que n'elle se encontram, ellas podem ao mesmo tempo ser consideradas como *limites* ou *terrenos naturaes* de outras tantas *regiões de vegetação;* pois percorrendo a Provincia, partindo da costa para o sertão, como por exemplo de Loanda para Pungo Andongo, observa-se por varias vezes, e sempre em determinada proporção com o acrescimo das distancias da costa, e com o augmento da altura dos terrenos sobre o nivel do mar, uma quasi completa *mudança da vegetação circumvisinha;* e postoque estas variações nem sempre, e nem em toda a parte se apresentam repentinamente, ha todavia muitos sitios onde a transição da vegetação para outra, inteiramente differente, se denota tão rapida e tão pronunciada, que até aos viajantes menos attentos se torna evidentissima, manifestando-se não sómente na mudança da *physionomia geral* das paizagens, e nas graduações do *colorido* d'ellas, mas tambem, e talvez com maior evidencia, na *qualidade especifica*, e mesmo no *porte* e *tamanho* dos vegetaes.

Guiado por estas indicações, offerecidas pela natureza mesma, e fundando-me nos preceitos concernentes á phyto-geographia geral, julguei dever distinguir, n'esta Provincia de Angola, *tres differentes regiões de vegetação*, que são as seguintes:

A região 1.ª, a qual convem chamar *região littoral*, e que comprehende as terras da beiramar até sessenta ou setenta milhas no interior com a elevação successiva até mil pés inglezes sobre o nivel do oceano atlantico *(columna do mappa n.º 3).*

A *região* 2.ª, que se póde denominar *região montanhosa*, e que se estende desde os limites da região antecedente até cento e cincoenta milhas no interior, levantando-se até dois mil e duzentos ou dois mil e tresentos pés sobre o nivel do atlantico *(columna n.º 4 do mappa);* e finalmente

A *região* 3.ª, que se devia chamar *região alto-plana*, a qual principia n'uma distancia de cento e cincoenta milhas da costa, e se dilata para leste do continente, ainda muito alem do ultimo termo das minhas explorações, tendo já na distancia de duzentas e cincoenta milhas da costa atlantica uma elevação de perto de tres mil e quinhentos pés sobre o nivel do mesmo oceano (*columna do mappa n.° 5.*)

A *região littoral* comprehende alem do territorio submarino, em que vegetam as *Algas* ou *Phyceas*, todas as extensissimas areias ao longo da costa, por partes ricas em mui curiosas e elegantes *Halophylas*; seguem-se pois as collinas aridas, alternando com planicies dilatadas cobertas de capim rigido, ou de plantas gordas ou espinhosas, e só raras vezes interrompidas por solitarias *Adansonias (Imbondeiros)*, ou por bosques de *Euphorbias arborescentes*, e de *Acacias* e *Cappanideas* pouco viçosas; sómente nas margens dos rios a vegetação se mostra luxuriante, aindaque pouco variada.

A *região montanhosa* é principalmente caracterisada pela frequencia e singular belleza de magestosas matas virgens, em cuja sombra sempiterna numerosos *Filices (Fetos)* e multiformes *Orchideas* se occultam; e não menos pela fertilidade incrivel de extensas varzeas, sempre verdejantes, onde até varias plantas herbaceas chegam pelo seu desenvolvimento a formar nitidas florestas passageiras; esta região é tambem a patria predilecta da tão formosa, quão util palmeira do azeite *(Elais guineensis Lin.)*, cujas magnificas corôas adornam em toda a parte os valles, as encostas, e até os cumes de altas montanhas.

A *região altoplana* distingue-se sobretudo pela immensa variedade da sua vegetação, e especialmente pela multidão de plantas aromaticas e bulbosas, pela luxuriante verdura de seus extensos prados, bem como por uma particular elegancia de muitos vegetaes, tanto herbaceos como arborescentes. Os riachos, em que já a região antecedente abunda, encontram-se n'esta ainda mui frequentes, emquanto que as matas, postoque extensissimas, são mais ralas e mais baixas, deixando assim maior campo á vegetação rasteira, a qual por esta mesma rasão se torna variadissima, brilhando com toda a pompa da zona tropical.

Resumindo o que acabo de expor respectivamente ao caracter particular de cada uma das tres regiões, observa-se que a *aridez e a escassez da vegetação* caracterisam a *primeira região*; que na *segunda* reinam a *fresquidão* e o *luxo dos individuos*; e que na *terceira* predominam a *variedade* e a *elegancia* das especies.

Era aqui o logar de annotar as temperaturas médias e mais phenomenos meteorologicos particulares a cada uma das mencionadas regiões, mas como estes calculos exigem uma detida revista e comparação dos respectivos apontamentos, devo reservar este capitulo para a occasião, quando tratar circumstanciadamente da Flora e da Fauna Angolense; entretanto não posso deixar de observar desde já, que a *temperatura média annual de Angola* nunca poderá exceder 28° do *thermometro centigrado*, e talvez apenas chega a 26° ou 27° da mesma escala (ou 77-84° F.), emquanto que a da região 3.ª, em particular, por causa da sua consideravel elevação sobre o nivel do mar, de certo não passa alem de 21° do *centigrado*, ou 70° do *Fahrenheit*; deve-se por conseguinte reputar um tanto *exagerados os calculos*, que elevam quasi ao dobro esta temperatura média de Angola, publicados em algumas obras recentes, e devidos sem duvida á imperfeição dos respectivos instrumentos, ou talvez mais ainda ao methodo menos circumspecto das observações.

Acabando de esboçar as feições mais eminentes das tres regiões de vegetação, em que se divide o territorio da Flora Angolense, cumpre-me ainda explicar os varios signaes que empreguei nas tres columnas n.ᵒˢ 3, 4 e 5 do seguinte mappa, para designar com brevidade a distribuição especial das differentes familias naturaes dentro dos limites d'estas tres regiões; estes signaes são quatro, e têem as seguintes significações.

O signal < denota que a familia respectiva (justaposta) *augmenta* em *numero de especies*, na direcção da região, em que se acha collocada, para a região seguinte ou superior; e quando o mesmo signal se acha posto em todas as tres columnas que apresentam as regiões, isso quer dizer que a familia assim designada *augmenta em numero de especies gradualmente*, desde a praia até o ultimo termo das minhas explorações; como, por exemplo, acontece com as *Asteraceas*, familia n.° 84 do mappa.

O mesmo signal virado > indica o contrario do caso antecedente; a saber: que o *numero de especies* da correspondente familia *diminue* na direcção para a região seguinte.

O dito signal, posto em pé $\wedge$, designa que ou toda a familia contigua, ou certas especies d'ella, são *particulares* á região assim designada, e quando qualquer familia só se acha representada por uma unica especie, esta foi encontrada sómente nas regiões que trazem o dito signal.

O zero 0, denota, que na região com elle marcada, não foi encontrada *nenhuma especie* da *correspondente familia*, o que tambem vale respectivamente as *especies cultivadas dispostas na columna n.° 6*.

Varias outras particularidades, que dizem respeito á distribuição das especies n'estas tres regiões, acham-se apontadas na columna ultima do mappa.

A *columna n.° 6* dá a enumeração completa de todas as plantas que encontrei cultivadas no paiz, referidas ás suas respectivas familias naturaes; e tambem acham-se mencionados n'esta mesma columna todos aquelles vegetaes, cuja futura introducção e cultura n'esta Provincia julguei possivel e proveitosa debaixo do ponto de vista economico ou commercial.

A *columna n.° 7* finalmente contém observações mixtas, mórmente sobre o modo da *distribuição numerica* das familias visinhas, sobre *especies notaveis* em respeito á belleza, raridade, e applicação economica ou medicinal, mencionando tambem a maior parte das *hervas e fructas silvestres* que são comidas pelos indigenas, com a denominação d'ellas na *lingua bunda*. Ao mesmo tempo encontram-se apontadas n'esta ultima columna as differentes especies de *gommas, rezinas* e *madeiras* que são fornecidas pelas respectivas arvores, e que servem ou podiam servir para o commercio ou para a construcção de habitações e fabrico de instrumentos agricolas.

Explicando assim tanto o conteúdo das sete columnas, como os signaes n'ellas empregados, segue o referido mappa.

MAPPA PHYTO-GEOGRAPHICO DA FLORA ANGOLENSE.

SECÇÃO 1.ª

CHAVE DAS DIVISÕES E GRUPOS SUPERIORES COM O NUMERO DAS ESPECIES ENCONTRADAS NO TERRITORIO ANGOLENSE.

PLANTAS CRYPTOGAMAS.

A. ACOTYLEDONEAS (Vid. Famil. n.º 1 até 29 da secção III)				747

PLANTAS PHANEROGAMAS.

B. MONOCOTYLEDONEAS (Vid. Famil. n.º 30 até 60, secção III)		530		2:480
C. DICOTYLEDONEAS	*a.* **APETALAS** (Vid. Fam. 61–81, secção III)	124	1:660	
	b. **GAMOPETALAS** (Vid. Fam. 82–109, secção III)	664		
	c. **DIALYPETALAS** (Vid. Fam. 110–176, secção III)	872		
(*) **Especies supplementares**	*a.* **MONOCOTYLEDONEAS**	60	290	
	b. **DICOTYLEDONEAS**	230		
Somma total das especies observadas no territorio angolense				3:227

(*) Estas especies supplementares consistem, parte em exemplares ainda não examinados, ou sómente encontrados em estado imperfeito, exigindo estudos comparativos, para serem determinados, e parte em especies ou variedades, cujo valor especifico por ora ficou duvidoso.

SECÇÃO 2.ª

DESENVOLVIMENTO SYSTEMATICO DAS COHORTES OU CLASSES COM AS QUOTAS ESTATISTICAS DAS ESPECIES CORRESPONDENTES A CADA CLASSE.

A. ACOTYLEDONEAS.

Classe			Classe		
Classe I.	**Algas** — contém especies	136	Classe V.	**Musgos** — contém especies	86
Classe II.	**Lichenes**	105	Classe VI.	**Filices ou Fetos**	73
Classe III.	**Fungos**	290	Classe VII.	**Hydropterides**	2
Classe IV.	**Hepaticas**	48	Classe VIII.	**Selagines**	7

B. MONOCOTYLEDONEAS.

Classe			Classe		
Classe IX.	**Glumaceas** — contém especies	310	Classe XV.	**Gynandras** — contém especies	41
Classe X.	**Enanthioblastas**	34	Classe XVI.	**Scitamineas**	17
Classe XI.	**Helobias**	2	Classe XVII.	**Fluviales**	3
Classe XII.	**Coronarias**	68	Classe XVIII.	**Spadicifloras**	18
Classe XIII.	**Artorhizas**	9	Classe XIX.	**Palmeiras**	8
Classe XIV.	**Espadanas**	20			

C. DICOTYLEDONEAS.

Classe			Classe		
Classe XX.	**Coniferas**	1	Classe XXXIX.	**Rhœades**	23
Classe XXI.	**Pimenteiras**	7	Classe XL.	**Golfãos**	4
Classe XXII.	**Hydrotrichas**	3	Classe XLI.	**Parietales**	17
Classe XXIII.	**Amentaceas (ou Julifloças)**	53	Classe XLII.	**Peponiferas**	34
Classe XXIV.	**Oleraceas**	51	Classe XLIII.	**Opuncias**	2
Classe XXV.	**Thymeleas**	8	Classe XLIV.	**Caryophyllinas**	32
Classe XXVI.	**Serpentarias**	1	Classe XLV.	**Columniferas**	100
Classe XXVII.	**Tanchagens**	2	Classe XLVI.	**Guttiferas**	9
Classe XXVIII.	**Aggregadas**	140	Classe XLVII.	**Hesperideas**	23
Classe XXIX.	**Campanulinas**	5	Classe XLVIII.	**Samariferas**	27
Classe XXX.	**Caprifolias**	130	Classe XLIX.	**Polygalinas**	14
Classe XXXI.	**Contortas**	104	Classe L.	**Franguliformes**	32
Classe XXXII.	**Nuculiferas**	80	Classe LI.	**Tricoccas**	56
Classe XXXIII.	**Tubifloras**	84	Classe LII.	**Terebinthinas**	36
Classe XXXIV.	**Personadas**	99	Classe LIII.	**Gruinales**	10
Classe XXXV.	**Petalanthas**	20	Classe LIV.	**Calicifloras**	47
Classe XXXVI.	**Discanthas**	53	Classe LV.	**Myrtifloras**	25
Classe XXXVII.	**Corniculadas**	6	Classe LVI.	**Rosifloras**	3
Classe XXXVIII.	**Polycarpicas**	31	Classe LVII.	**Leguminosas**	288

RESUMO GERAL.

Cryptogamas	Acotyledoneas			747
Phanerogamas	Monocotyledoneas	530	590	2:480
	Dito supplementares	60		
	Dicotylédoneas	1:660	1:890	
	Dito supplementares	230		
Total das especies				3:227

SECÇÃO 3.ª

DESENVOLVIMENTO SYSTEMATICO DAS FAMILIAS OU ORDENS NATURAES, COM AS QUOTAS ESTATISTICAS DAS ESPECIES DE CADA FAMILIA E A DISTRIBUIÇÃO QUANTITATIVA D'ELLAS NAS TRES REGIÕES DE VEGETAÇÃO DO TERRITORIO ANGOLENSE.

Classes ou Cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense. 1	Numero das especies encontradas de cada Familia. 2	1.ª Região — R. Littoral. 3	2.ª Região — R. Montanhosa. 4	3.ª Região — R. Alto-plana. 5	Especies cultivadas das respectivas Familias. 6	Observações mixtas mórmente chorographicas. 7
I. Classe — **ALGAS.**	......	....	....	....	....	A maior parte das especies d'esta vasta classe habita nas aguas pouco profundas da costa do atlantico.
1. Fam. **Diatomaceas.**		>	>	>	0	As *Diatomaceas* são em geral muito raras em todo o territorio; algumas especies de *Desmidiaceas* porém encontram-se em grande frequencia nas aguas estagnadas da 1.ª região, e particularmente abundantes são — *Ceosterium Lunula* Nitzsch, e *Closterium Digitus* Ehrenb.
2. **Confervaceas.**	136	>	>	<	0	Tambem as *Confervaceas*, tomadas n'este prospecto, como as mais Familias de Algas, *sensu latiori*, são geralmente menos frequentes do que nas zonas extratropicaes; o genero *Cladophora* predomina, tanto nas aguas doces como no Oceano; as especies de *Oscillaria* só apparecem em numero limitado na estação chuvosa, mas são vividissimas relativamente ao movimento dos filamentos; na 3.ª região produzem-se varias especies de *Scytonema* em immensa quantidade e de multiplices côres, sendo uma especie d'este genero a que, prodigiosamente multiplicada, *occasiona a côr preta dos penedos de Pungo Andongo*, chamados vulgarmente *Pedras Negras*.
3. **Fucaceas.**		>	0	∧	0	A extraordinaria escassez de *Fucaceas*, em uma extensão tão consideravel da costa, é difficil de explicar. Poucas especies de *Sargassum* e nenhuma de *Cystoseira* foram encontradas. Algumas grandes especies de *Batrachospermum* povoam os riachos de Pungo Andongo crescendo em consorcio com duas especies de *Podostemon*.
4. **Ceramiaceas.**		>	∧	0	0	As *Ceramiaceas* (Rhodophyceas) são mais numerosas do que as Fucaceas (!!), e assás variadas em generos; as *Corallineas* são raras! Uma diminuta especie de *Bostrychia* habita

Classes ou Cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						nas cascas das *Rhizophoras*; e o pequeno grupo das *Escamarias* é representado por uma provavelmente nova especie de *Hildenbrandtia*, a qual abunda nos regatos da 2.ª região, tingindo as pedras ou rochas submersas com malhas côr de sangue.
5. **Characeas.**	4	>	0	∧	0	As *Characeas* não são frequentes em parte nenhuma do territorio; algumas especies de *Nitella* encontram-se nas lagôas da 1.ª região, e uma *Chara* habita nas salinas do interior, acompanhada com a *Ruppia maritima*.
II.—**LICHENES.** 6. **Caliciaceas.** (Coniothalami Fr.)		0	<	>	0	Na 1.ª e 2.ª região quasi toda a vegetação lichenosa é sómente *corticola*; na 3.ª região porém tornam-se mais numerosas e tambem mais desenvolvidas as especies *saxicolas*.
7. **Graphideas.** (Ideothalami Fr.)	105	<	<	>	0	As *Graphideas* são principalmente frequentes nos troncos de *Celtideas*, *Artocarpeas*, *Moraceas* e *Euphorbiaceas*; as especies dos generos *Graphis* Fr. e *Glyphis* Ach. são numerosas.
8. **Verrucariaceas.** (Gastrothalami Fr.)		<	<	>	0	Muitas e curiosas especies de *Verrucaria* e *Trypethelium* abundam nas cascas de troncos velhos das *Figueiras*, *Artocarpeas*, e mórmente das *Euphorbias arborescentes*.
9. **Parmeliaceas.** (Hymenothalami Fr.)		<	<	<	0	As *Parmeliaceas* da região littoral consistem principalmente em varias especies de *Ramallina* e *Roccella*, e de mui poucas *Parmelias crustaceas*. Nas matas da 2.ª região apparecem *Parmelias foliaceas*, e poucas especies de *Sticta*, *Usnea*, com algumas *Lecideas*. Das *Collemaceas* ha sómente tres ou quatro especies. Na 3.ª região abundam a *Parmelia perforata* e a *Usnea florida*, manifestando numerosas variedades. *A Urzella* (*Roccella fuciformis* Ach.) que fornece um genero tão valioso de exportação d'esta Provincia, cresce em grande abundancia nos troncos e ramos de todos os vegetaes lenhosos ao longo da costa; mesmo as *Rhizophoras* e *Laguncularias* da praia acham-

Classes ou cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						se, não raras vezes, cobertas d'este Lichen; entretanto convem observar, que elle não passa os limites da região littoral, e tanto na 2.ª *como na 3.ª região nunca encontrei nem sequer um unico exemplar!* Em uma distancia de 15 ou 20 milhas da praia, a *Urzella* torna-se cada vez mais rara, e desapparece totalmente, logoque principiam as matas virgens. Sendo este vegetal, tão importante para o commercio de Angola, quasi exclusivamente corticola, *dependerá a continuação da producção d'ella da existencia e conservação do arvoredo na região littoral!!*
III.—**FUNGOS.** (ou Cogumelos.) 10. **Uredinaceas.** (Gymnomycetes Endl. G. pl.)		<	<	>	0	As *Uredinaceas* não apparecem em tamanho numero de especies n'este paiz, como em terras extratropicaes; quasi todas as especies sómente se mostram esporadicas; porém uma especie de *Antennaria*, infesta, mórmente na 1.ª e 2.ª região, frequentemente as folhas de limoeiros e laranjeiras, sem comtudo prejudicar muito a qualidade das fructas d'elles.
11. **Mucoraceas.** (Hyphomycetes Endl.)		<	<	>	0	Mui variadas especies de *Mucoraceas*, cuja vegetação se designa geralmente com o nome de *Bolor*, abundam demasiadamente durante a estação chuvosa, e infestam com incrivel rapidez todas as collecções de Historia Natural, cansando, apesar de continuados cuidados, estragos deploraveis.
12. **Lycoperdaceas.** (Gasteromycetes Endl.)	290	<	<	<	0	Uma notavel e mui curiosa especie de *Podaxon* (*Pod. Loandense* Welw.) cresce frequentemente nos areaes do littoral; varias e por parte novas especies dos generos *Bovista*, *Phallus* e *Clathrus* encontram-se nas matas da 2.ª e 3.ª região; tambem observei duas especies de *Geaster*, mas estas são rarissimas; uma nitida especie de *Stemonitis* nasce sobre folhas vivas de uma *Jussiaeva!!*
13. **Sphaeriaceas.** (Pyrenomycetes Endl.)		<	<	<	0	Tanto as *Sphaerias* (Espherias) como outros generos d'esta familia, são muito numerosas nas matas virgens de 2.ª e 3.ª região, offerecendo fór-

Classes ou cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto plana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						mas particularmente curiosas, e ainda pouco conhecidas. Um elegante *Rhytisma* vive nas folhas de varias figueiras.
14. **Agaricaceas.** (Hymenomycetes Endl.)		<	<	<	0	As *Agaricaceas* produzem-se em notavel abundancia, mórmente na 2.ª e 3.ª região, mas as especies apparecem quasi geralmente só em numero limitado de individuos; o genero *Polyporus*, o mais numeroso em especies elegantissimas, já offerece um monstruoso representante na região littoral, aonde este Cogumelo cresce nos troncos (vivos!) das Euphorbias arborescentes, e se torna sobretudo *notavel pela vividissima luz phosphorica* que d'elle emana durante as noites da estação chuvosa; uma segunda especie de *Polyporus phosphorescente* observei no recinto de Pungo Andongo; o *Polyporus sanguineus* Fries. é muito vulgar nas matas da 3.ª Região. Entre varias especies de Cogumelos comestiveis (*Uicúa* ou *Guicúa* dos indigenas) que se encontram, aindaque não muito frequentes, em todas as tres regiões, é a mais notavel um gigantesco *Agaricus*, que cresce nas matas ralas de Panda, no presidio de Pungo Andongo, sendo um dos mais saborosos cogumelos que conheço; tambem nos contornos de Loanda ha uma especie pequena muito saborosa.
IV.—**HEPATICAS.**						
15. **Ricciaceas.**	3	0	<	>	0	As *Ricciaceas* crescem em logares argilosos ao longo de regatos na 2.ª, e em sitios humidos dos mais altos rochedos na 3.ª região; a vegetação d'ellas é muito ephemera, e sómente em annos de chuvas copiosas e prolongadas ellas chegam ao perfeito desenvolvimento; em annos de pouca chuva nem o mais pequeno vestigio d'ellas apparece.
16. **Anthoceroteas.**	3	0	<	∧	0	Duas especies (ou variedades de uma e mesma especie) encontram-se frequentemente em sitios pantanosos na visinhança de riachos e nascentes na 2.ª e 3.ª região; uma terceira especie muito curiosa e provavelmente ainda indescripta, foi

Classes ou cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						só observada em barrancos humidos de Pungo Andongo; todas as tres especies pertencem ao bem conhecido genero *Anthoceros*.
17. **Marchantiaceas.**	7	0	<	<	0	Estas *Hepaticas* bordam, como na Europa, as fontes e os regatos com luxuriante verdura; algumas especies porém chegam só rarissimas vezes ao estado de perfeita fructificação.
18. **Jungermannias.**	35	0	<	>	0	As *Jungermannias* abundam nas matas virgens da 2.ª região, cobrindo os troncos, ramos e até as folhas de arvores e arbustos; mas custa encontra-las em fructificação: os rhizomas de *Orthideas parazitas* e de *Rhipsalis*, e bem assim as hastes das *Vellosias* da 3.ª região, são muitas vezes guarnecidas de delicadas especies d'esta Familia.
V. — **MUSGOS.**						
19. **Bryaceas.**	86	0	<	<	0	As *Bryaceas* que faltam, bem como as *Hepaticas*, na região littoral, apparecem numerosas na região 2.ª e ainda mais variadas na 3.ª região. Apenas o *Octoblepharum albidum* se encontra rarissimas vezes nas palmeiras dos sitios mais elevados da região littoral. Os musgos da região montanhosa têem o porte de *Fissidens*, *Hypnum*, *Hookeria*, *Neckera*, etc.; na região 3.ª juntam-se a estas, varias especies de *Bryum*, *Polytrichum* (!!) e algumas *Gymnostomoideas*; uma especie de *Bryum*, muito similhante no *Br. argenteum* da Europa, é frequentissima nas rochas do presidio de Pungo Andongo, emquanto outros sitios dos mesmos penedos se acham cobertos de um musgo *sphagnoideo* (talvez uma especie de *Leucophanes*), o qual imita perfeitamente os *Sphagnetas da Europa!!* As *Vellosias* e as *Cactaceas* dos rochedos de Pungo Andongo, sempre cobertas de parasitas, agazalham tambem especies particulares de *Bryaceas*.
VI. — **FILICES** ou Fetos.						
20. **Polypodiaceas.**	56	∧	<	>	0	As *Polypodiaceas* são muito frequentes nas matas virgens da 2.ª e nos logares penhascosos da 3.ª região. Uma especie de *Ceratopteris* é o uni-

Classes ou cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região — R. Littoral.	2.ª Região — R. Montanhosa.	3.ª Região — R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						co féto que encontrei na Região littoral; logoque se entra na 2.ª região, apparecem a cada passo, mais numerosas e mais variadas, as especies de Filices, tanto terrestres como parasitas, e entre estas ultimas torna-se mais notavel um magnifico *Platycerium* muito differente do de Serra Leôa, e bem assim uma especie de *Polypodium* trepador, que matiza os troncos velhos das matas virgens com rizonha verdura. Uma especie de *avenca*, (*Adiantum africanum* R. Br?) muito similhante á avenca portugueza, cresce em grande abundancia á borda dos riachos, nos Districtos de Golungo Alto, Cazengo, Dembos e Ambaca. Os Filices arborescentes, de que já na 2.ª região se mostra uma pequena especie, são representados na 3.ª região por uma magestosa *Cyathea*, (*C. Angolensis* Welw.), a qual adorna com indizivel graça as margens dos regatos no recinto de Pungo Andongo. Em geral quasi todas as *Polypodiaceas* da 3.ª região são differentes em especie, e muitas até no genero, das da 2.ª região, offerecendo frondes mais recortadas ou mais estreitas, e geralmente tambem mais rijas e compactas. Uma linda especie de *Gymnogramme*, com as frondes douradas na face inferior, que cresce nas fendas de rochas mais elevadas do presidio de Pungo Andongo, é sem duvida um dos fetos mais elegantes de toda a zona tropical.
21. **Hymenophyllaceas.**	3	0	Λ	0	0	Duas especies d'esta vistosa familia foram encontradas nas matas virgens mais densas e sombrias, cobrindo rochas ao longo de regatos; a terceira especie é parasita sobre rhizomas de outros fetos maiores, mas todas ellas são plantas rarissimas, e não se desenvolvem com perfeição, senão em annos de chuvas copiosas e assás prolongadas, e em sitios onde nunca penetram os raios solares. Todas foram observadas no Districto de Golungo Alto.
22. **Gleicheniaceas.**	1	0	Λ	0	0	Um féto trepador, a *Gleichenia Hermanni* R. Br., que

Classes ou cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alloplana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						habita nas bordas de matas elevadas do sobado de ***Quilombo-Quiacatubia*** (Districto do Golungo Alto) é o representante d'esta familia no territorio angolense; esta mesma especie encontra-se tambem no interior do Ambriz.
23. **Schizaeaceas.**	5	0	<	Λ	0	Duas especies de ***Lygodium***, ambas ellas mui elegantes trepadeiras, adornam as matas virgens da 2.ª região; as tres restantes pertencem ao genero *Schizaea* e são particulares á Flora de Pungo Andongo; uma d'ellas provavelmente formará um genero novo, o que já o porte, um tanto differente, parece indicar.
24. **Maraltiaceas.**	1	0	Λ	0	0	As *Maraltiaceas* se acham representadas por um magnifico féto de 6 até 8 pés de altura, o qual apesar de ser uma planta herbacea, imita no porte uma arvoresinha, e sómente cresce nas matas mais densas e humidas da 2.ª região; se for nova deve ser chamada, conforme a patria, ***Maraltia æthiopica.***
25. **Ophioglossaceas.**	7	0	0	Λ	0	É muito notavel, que todas as especies encontradas d'esta Familia, pertencem sem excepção ao genero ***Ophioglossum***, em quanto que os generos propriamente tropicaes, como ***Ophioderma*** e ***Helminthostachys***, não foram observados. (Vid. Not. das ***Observações conclusivas.***)
VII.—**HYDROPTERIDES.**						
26. **Salviniaceas.**	1	0	0	Λ	0	Uma nitida especie de ***Azolla*** encontrei, em consorcio de ***Pistias*** e ***Ceratophyllum***, nas aguas quietas do Rio ***Cuije***, perto de ***Quibinde***, na 3.ª região, e bem assim, ainda que mais rara, no rio ***Quanza;*** ella parece ser differente da ***Azolla pinnata*** R. Br., e assim a designei com o nome de ***Azolla aethiopica;*** felizmente ella se encontrou com fructificação.
27. **Marsilaceas.**	1	Λ	0	Λ	0	A ***Marsilaea***, que habita nos riachos da 1.ª e nas aguas estagnadas da 3.ª região, é muito similhante á ***Mars. quadrifolia*** da Europa; ella porém não foi encontrada em estado fructifero.
VIII. — **SELAGINES.**						
28. **Isoetaceas.**	1	0	0	Λ	0	A unica especie de ***Isoetes*** que foi observada, não é planta

Classes ou cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						aquatica, mas sim *terrestre*, crescendo em pequenos cespédes, de altura de um palmo, nos prados arenosos, um tanto humidos, no meio de matas ralas, tambem areientas, que se estendem entre *Pungo-Andongo* e o *Rio Quanza*.
29. **Lycopodiaceas.**	6	0	<	∧	0	Uma especie de *Lycopodium* cresce em densas camadas no cume de todos os penedos do presidio de *Pungo-Andongo*, e por conseguinte em terrenos aridissimos; as mais especies habitam nos sitios humidos e sombrios da 2.ª região, e pertencem ao genero visinho de *Selaginella*, imitando mais ou menos, tanto no porte como no modo de vegetar, a bem conhecida *Selaginella denticulata* de Portugal.
IX. **GLUMACEAS.** 30. **Panicaceas.** (Gramineas Auct.)	185	>	<	<	Entre as especies cultivadas d'esta familia são as mais importantes o *Milho* (*Massa* dos indigenaas, *Zea Mays* L.), o *Arroz* (*Oriza sativa* L.), e a *Canna doce*, (*Saccharum officinarum* L.), das quaes o milho é geralmente cultivado em todas as tres regiões, emquanto a canna doce se cultiva mórmente na 1.ª região, e muito menos na 2.ª; o arroz produz sobretudo na 3.ª região, onde extensas varzeas são aproveitadas para a cultura d'este cereal. Tambem algumas variedades de *Sorghum*, que os pretos chamam *Massambala*, são cultivadas em maior ou menor porção em todas as tres regiões. O *Massango* (*Penicillaria* spec.) e o *Luco* (*Eleusine cerealis* Ehr.) são principalmente cultivados na 3.ª região, onde tambem se cultiva o *Trigo* (*Triticum*); mas esta ultima cultura deixa ainda muito para desejar, tanto no modo de amanho conveniente do solo e maneira de semear, como na qualidade do producto. Alguns indigenas curiosos, habitantes da 2.ª região, cultivam ás vezes uma	As *Gramineas* constituem uma parte consideravel de toda a vegetação do paiz, tanto em relação ao numero avultado das especies, como em respeito á multidão dos individuos, pois muitas especies são plantas eminentemente sociaes, que occupam extensissimos terrenos em uniforme espessura; uma *Eragrostis* (*Sangalolá* dos indigenas) cobre vastas extensões da beiramar; e na região montânhosa apparecem varias gramineas com incrivel rapidez em todos os terrenos cultivados e mórmente n'aquelles que resultam de matas derrubadas; as principaes entre estas são a *Mariança* (uma especie gigantesca de *Penisetum*, chegando de 10 até 45 e mais pés de altura), o *Senú* (*Saccharum* spec.?), e uma graminea toda viscosa e fetida (com o porte de *Agrostis*), a qual os indigenas designam com o nome de *Dilangála-Chimba*, e os colonos com o de *Capim* melado. Os generos mais numerosos em especies são o *Panicum*, *Andropogon* e *Eragrostis*; e os chamados matos de *Capim*, que não raras vezes têem leguas de extensão, são quasi exclusivamente compostos de differentes especies de *Panicum* e de *Andropogon*, exceptuando porém a 2.ª região onde os matos de Capim pela

Classes ou cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					especie de *Andropogon*, cujos rhizomas cheirosos lhe fornecem um, como dizem, infallivel remedio contra dores de cadeiras; elles dão a esta graminea o nome de *Sáco* ou *Sácu*. Outra especie de Capim que, apesar de não se cultivar, nasce em toda a parte, mórmente na 3.ª região, chamam *Nsoque* ou *Sóco*, e se servem dos colmos d'elle para a fabricação dos muito procurados *Balaios*, que são uma sorte de cestos pequenos de palhinha; esta graminea textil parece ser a *Eleusine indica*, ou ao menos uma especie muito vizinha. Devia-se introduzir n'esta provincia a cultura do *Sorgho sanguineo (Sorghum rubens W.)* de que os *Marroquinos* tiram a tinta encarnada para tingir os couros finos. *N. B.* Em algumas varzeas da beiramar, como p. ex., nas do rio Bengo e Dande, cultiva-se tambem o *Saccharum violaceum* Juss.	maior parte das vezes constam da acima mencionada *Marianga*. As gramineas da 3.ª região são em geral mais delgadas, tenras e brandas, e assim *mais procuradas pelo gado vaccum, o qual não se dá bem com a rigida, arida e secca vegetação graminea da região montanhosa* e da beiramar. As gramineas *arborescentes* só apparecem na região alto-plana (região 3.ª), onde uma especie do grupo das *Bambusaceas* enfeita as matas virgens á borda de regatos; os pretos chamam a este capim arboreo *Quiambungo*, e fabricam dos largos canudos d'elle as suas caixinhas de *tabaco* chamadas *N-Bungo*, que fazem um dos necessarios enfeites dos janotas pretos.
31. **Cyperaceas.**	120	>	<	<	Uma unica especie d'esta tão numerosa ordem encontrei cultivada, e mesmo esta só em diminuta quantidade; é ella uma *Scirpoidea* de alto porte que se cultiva em alguns sitios dos districtos de Cazengo e de Ambaca, por causa do seu rhizoma tuberculoso e aromatico, o qual em cozimento se dá contra dores de ventre, e principalmente contra a *colica ventosa*. Os indigenas dão a esta planta o nome de *Jinbula*, e uma variedade maior, cujas hastes tambem servem para o fabrico de esteiras, designam elles com o nome de *Ndanda (Jindanda* no plural). Uma especie de *Cyperus*, cujo rhizoma produz numerosos bolbos ou tuberculos, torna-se muito prejudicial á agricultura, mór-	As *Cyperaceas* abundam, como as *Panicaceas*, em todas as regiões, diminuindo um tanto entre os limites da 1.ª e 2.ª região, o que tambem se observa em relação ás *Panicaceas* (ou *Gramineas*). Na 3.ª região apparecem as *Cyperaceas* em tamanho numero de especies, que ellas em certos sitios predominam sobre as *Gramineas*, e desde *Pungo-Andongo* até *Condo* só do genero *Cyperus* foram observadas perto de 50 especies. Na margem dos rios *Cuije*, *Lombe* e *Quanza* ha prados extensos quasi exclusivamente compostos de *Cyperaceas*, mórmente dos generos *Fuirena*, *Scleria*, *Killingia* e *Cyperus*; o *Cyperus Papyrus* L. cresce em grande abundancia ao longo de todos os regatos e rios, e é de multiplice applicação para jangadas, tectos, esteiras e outros objectos do uso domestico, e de certo podia tambem ser-

Classes ou cohortes e Familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada Familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas Familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					mente na 2.ª região, infestando com extraordinaria rapidez as searas de *Ginguba;* outra *Cyperacea* do grupo das *Scleriaceas,* é com justa rasão muito temida dos pretos que trabalham nas matas, por ter os caules e costas das folhas tão agudas, que o mais leve contacto d'elles causa feridas; chamam esta *Cyperacea Poco ian Zambi,* o que significa *Faca de Deus.*	vir para fabrico de papel, como já em outro tempo servia no Egypto para este mesmo fim; o nome d'este vegetal mais usado entre os indigenas é *Mabú;* de uma outra especie de *Cyperus,* chamada *Jiginge,* fabricam-se igualmente muito boas esteiras.
32. Antrolepideas. (Welw. mspt.)	5	0	0	∧	0	Familia que supponho nova e intermedia entre as *Glumaceas* e *Enantioblastas,* estabelecida sobre um genero ainda indescripto de um porte particular que chamei *Antrolepis,* e do qual até agora cinco especies foram observadas. Não foi sem longa hesitação que me resolvi a introduzir esta e a seguinte familia como novas, e devo considerar ambas como problematicas, até que os mestres da sciencia, á vista dos exemplares colligidos, confirmem ou rectifiquem as minhas propostas.
X. ENANTIOBLASTAS.						
33. Dichrolepideas. (Welw. mspt.)	2	0	0	∧	0	Familia que igualmente julgo nova, fundada sobre um genero indescripto muito similhante no porte e no modo de vegetar ás *Eriocaulaceas,* mas differente d'ellas na estructura dos orgãos fructificativos. A *Dichrolepis pusilla* (Welw.) imita perfeitamente no porte e tamanho o *Eriocaulon septangulare* da Irlanda.
34. Eriocaulaceas.	1	∧	0	0	0	A escassez de representantes d'esta curiosa e elegante familia no territorio angolense, torna-se tanto mais notavel por se acharem descriptas perto de duzentas especies, quasi todas encontradas em paizes tropicaes da America, Asia, Nova Hollanda e da Ilha de Madagascar.
35. Xyrideas.	3	0	0	<	0	Habitam as margens pantanosas do rio Quanza, e tornam-se notaveis pelo lustro metallico de suas hastes (colmos).
36. Commelynaceas.	28	<	<	<	0	A multiplicidade e elegancia das especies d'esta familia formam uma das feições emi-

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						nentes da vegetação, nos contornos de *Pungo Andongo*, e do sitio de *Pedras de Guinga*.
XI. **HELOBIAS.** 37. **Alismaceas.**	2	∧	0	∧	0	Plantas aquaticas que povoam as margens das lagôas da beiramar e da 3.ª região.
XII. **CORONARIAS.** 38. **Flagellariaceas.**	1	∧	0	0	0	A *Flagellaria indica* L. foi encontradada nas matas pantanosas do Ambriz, mas não se achou nos mais districtos da provincia.
39. **Melanthaceas.**	1	0	0	∧	0	Uma unica especie d'esta familia, representando quasi um *Colchicum* em *miniatura*, cresce nos prados humidos de Pungo Andongo.
40. **Pontederaceas.**	1	0	∧	0	0	Habita as lagôas do districto de Cazengo, situadas na margem do rio *Moembege*.
41. **Liliaceas.**	63	<	<	<	O *Allium Cepa* L. (Cebola) e *All. sativum* L. (Alho) cultivam-se, mórmente no districto de Ambaca. Apesar de haver em Angola especies *indigenas de Dracaena*, a *Dracaena Draco* L. devia ser introduzida para arborisar a região littoral.	A *Sansevicra Angolensis* W. (Ifi) dá optimos filamentos para cordas. As *Liliaceas*, tão raras na 1.ª e 2.ª região, apparecem de repente em grande numero no alto-plano de Pungo Andongo. A *Gloriosa superba* L. é frequente na 2.ª e 3.ª região.
42 **Smilacineas.**	2	0	∧	∧	0	Duas especies de *Smilax* crescem abundantemente nas matas secundarias dos districtos montanhosos, e as fibras radicaes d'ellas parecem-se muito com as do *Smilax sarsaparilla* das boticas.
XIII. **ARTORHIZAS.** 43. **Dioscorideas.**	8	0	<	>	A *Dioscorea alata* L. e *Dioscorea sativa* L. encontram-se cultivadas, aindaque raras vezes, por alguns curiosos.	Ha varias especies indigenas de *Dioscorea*, cujos tuberculos são comidos pelos pretos, e algumas d'ellas são quasi tão saborosas, como as especies cultivadas.
44. **Taccaceas.**	1	0	0	∧	0	É dos grandes tuberculos das *Taccas*, que no Archipelago Indico extrahem muita quantidade de *Sagú!* Por isso estas plantas bem mereciam um ensaio de cultura em Angola!
XIV. **ESPADANAS.** 45. **Hydrocharideas.**	1	0	∧	∧	0	Uma *Ottelia* adorna as lagôas de Cazengo e de Pungo Andongo.
46. **Irideas.**	6	0	<	<	0	Varias e mui bellas especies de *Gladiolus* são o especial ornamento dos prados de *Pungo Andongo* e do sitio de *Pedras de Guinga* na 3.ª região.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
47. **Vellosiaceas.**	2	0	0	∧	0	Esta familia, até agora desconhecida em todo o continente africano, é representada por duas especies arbustivas que habitam as rochas de Pungo Andongo.
48. **Hypoxideas.**	4	0	<	<	0	*N.B.* As *Hypoxideas* até ao presente ainda não se acham apontadas como habitantes da Africa equinoxial!
49. **Amaryllideas.**	6	<	<	<	0 Encontrei a *Sprekelia formosissima* Herb. (Flor de Liz) cultivada no jardim do Sr. Antonio Lopes da Silva, em Loanda.—A mui util *Agave americana* deve-se introduzir!!	Tres especies de *Crinum*, duas do *Haemanthus*, e um novo genero, visinho a *Narcissus*, compõem as *Amaryllideas* da Flora Angolense.
50. **Bromeliaceas.**	1	∧	∧	∧	O *Ananaz* é geralmente cultivado em todas as regiões, e encontra-se espontaneo, formando densas espessuras nos districtos de Golungo Alto e Cazengo. Foi introduzido da America.	*N B.* Os filamentos extrahidos das folhas do *Ananaz* são dos mais finos, fortes e elasticos que se encontram na zona tropical (!!); e a grande facilidade com que se podia cultivar esta planta devia convidar a tirar proveito d'estes filamentos preciosos.
XV. **GYNANDRAS.**						
51. **Orchideas.**	41	<	<	<	0 A *Baunilha* (*Vanilla planifolia Andr.*) podia-se cultivar sem difficuldade nos districtos de Cazengo e Golungo Alto, e mesmo em alguns sitios mais abrigados das margens dos rios Dande e Bengo.	As *Orchideas* são rarissimas na 1.ª região; as especies *parasitas* predominam na 2.ª e as *terrestres* na 3.ª região. Os rochedos de Pungo Andongo são cobertos, em certas paragens, por *Orchideas arbustivas!!!*
XVI. **SCITAMINEAS.**						
52. **Zingiberaceas.**	7	<	<	>	O *Gengibre* (*Zingibér off.*), é cultivado por causa do rhizoma aromatico. O *Açafrão* (*Curcuma* spec.), é cultivado em Pungo Andongo para extrahir da raiz uma *tinta amarella*.	*N. B.* Os *Dongos de Congo* (conhecidos na Europa sob o nome de *Grana Paradisi*) são os fructos de varias especies de *Amomum* ou as sementes d'ellas.
53. **Cannaceas.**	7	0	<	<	0 A cultura de differentes especies de *Maranta*, que dão o afamado *Arrow-root* (Araruta), ainda não se acha generalisada em Angola.	Uma especie de *Canna* de flores escarlates enfeita as margens de riachos na 2.ª e 3.ª região. Parece ser a *Canna orientalis* Rosc.
54. **Musaceas.**	3	<	<	∧	A *Bananeira ordinaria* é cultivada e tambem espontanea (mas de certo não indigena) em quasi todo o sertão; mas as variedades	*N.B.* Uma linda e muito curiosa especie de *Musa*, ainda indescripta, embellesa os sitios humidos dos rochedos de Pungo Andongo; as fructas d'ella

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					mais estimadas d'esta saborosa fructa acham-se ainda pouco generalisadas. A *Musa textilis* das Filippinas merece ser introduzida.	contêem pouca polpa, mas vingam sempre grande quantidade de *sementes pretas !!* Descrevi esta especie com o nome de *Musa ventricosa.*
XVII. **FLUVIALES.** 55. **Najadeas.**	3	∧	0	∧	0	A *Ruppia maritima.* Lin. encontra-se nas salinas da 3.ª região! Uma especie de *Zostera*, muito similhante a *Zost. nana* de Portugal, cresce abundantemente na praia de *Zamba-grande* no districto de Loanda.
XVIII. **SPADICIFLORAS.** 56. **Lemnaceas.**	4	>	>	>	0	Encontrei as *Lemnas* só nas aguas estagnantes da 1.ª região: a *Pistia* é abundante nas lagôas e ribeiras de *todas as tres regiões.*
57. **Aroideas.**	12	0	<	<	Uma especie de *Caladium* é cultivada por curiosos indigenas, não por causa dos tuberculos, mas como planta *feiticeira !*	*N. B.* As *Aroideas*, e mórmente uma grande trepadeira d'esta familia *(Philodendron)*, com algumas especies gigantescas do genero *Amorphophallus* influem na 2.ª região consideravelmente na physionomia da vegetação.
58. **Typhaceas.**	1	∧	∧	0	0	A especie de *Typha* que encontrei parece-se muito com a *Typha angustifolia* de Portugal!
59. **Pandanaceas.**	1	0	0	∧	0	O *Pandanus* que abunda nas margens do rio Quanza enfeita de um modo singular as paizagens ao longo d'este formoso rio.
XIX. **PALMEIRAS.** 60. **Phœniceaceas.** (Palmæ Endl.)	8	<	<	>	*Coqueiro (Cocos nucifera)—Tamareira (Phœnix spc.)—Die*, Palmeira de azeite, (Elæis guineensis). Esta ultima é indigena, e cultivam-se diversas variedades d'ella, mórmente no Golungo Alto. O *Bordão* (Metroxylon spec.) é indigena e tambem cultivado.	*N. B.* Uma palmeira chamada pelos indigenas *Calolo* cresce frequente nas margens do Quanza, fornecendo optima madeira de construcção; é a *Phœnix spinosa* Schum.—A palmeira chamada *Matera* é uma especie de *Hyphæne*, cujas folhas dão optimo material para *chapéos, vassouras, etc.*, e são exportadas para o Brazil com lucro consideravel!
XX. **CONIFERAS.** 61. **Gnetaceas.**	1	0	∧	0	0 *N. B.* Entre as *Coniferas*, cuja introducção se devia tentar em Angola, julgo poder propor as seguintes: 1.ª *Araucaria brasiliana.* Lamb.	Uma especie de *Gnetum*, trepadeira sempre verde, encontra-se nas matas de Golungo-Alto; os indigenas comem as folhas d'ella cozidas e temperadas com azeite de palma, chamando a planta *N-coco.* *N. B.* A familia das *Gnetaceas* é uma nova acquisição

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					2.ª *Araucaria imbricata*. Pavon. 3.ª *Pinus halepensis*. Ait. 4.ª *Cupressus glauca*. Lam. (o cedro de Goa).	para a *Flora do continente africano!*
XXI. **PIMENTEIRAS.** 62. **Piperaceas.**	5	<	<	<	0	Uma especie de *Piper*, chamada pelos indigenas *Jihéfo*, é que fornece as verdadeiras *Cubebas;* é trepadeira, e cresce frequente nas matas virgens da 2.ª região.
63. **Saurureas.**	2	0	0	Λ	0	Plantas aquaticas, cujos rhizomas fornecem tuberculos *comestiveis* e similhantes no gosto ás castanhas!
XXII. **HYDROTRICHAS.** 64. **Ceratophyllaceas.**	1	Λ	0	Λ	0	As lagôas de *Quizembo*, o rio *Dande* na 1.ª região e o rio *Cuije* na 3.ª região abundam em uma especie de *Ceratophyllum*.
65. **Podostemmaceas.**	2	0	0	Λ	0	Duas especies d'esta curiosa familia, ambas com o porte de um musgo, habitam as ribeiras frias do recinto de Pungo Andongo.
XXIII. **JULIFLORAS.** (ou Amentaceas.) 66. **Myricaceas.**	1	0	0	Λ	0	Encontrei um arbusto de singular porte pertencente a esta familia, abundando nos rochedos aridos de *Pedras de Guinga* (3.ª região). Fórma um novo genero que chamei *Myrothamnus*.
67. **Celtideas.**	4	0	<	>	0	Todas as especies d'esta familia são arvores vistosas, fornecendo boa madeira de construcção.
68. **Moraceas.**	28	<	<	>	A *Figueira ordinaria* é cultivada, aindaque só por alguns curiosos, em todas as tres regiões, e os figos não deixam de ser saborosos, mas nem sempre chegam a bem amadurecer.	*N. B.* Uma arvore d'esta familia, chamada *Mucamba-camba* pelos indigenas, fornece optima madeira de construcção, e cresce mui abundante em Golungo Alto. É de *genero novo*, visinho ao *Morus* de Linneo.
69. **Artocarpeas.**	5	0	<	>	A *Arvore de pão*, que já antigamente existia n'esta provincia, merece ser introduzida novamente e generalisada a cultura d'ella! É o *Artocarpus incisa* Lin.	A maior parte dos vegetaes pertencentes á familia das *Artocarpeas* que foram encontrados no territorio angolense, fornecem *fructas* ou ao menos *sementes* comestiveis.
70. **Urticaceas.**	13	<	<	<	0	A celebre *Planta de relampagos* do sertão de Angola pertence ao genero *Pilea* das urticaceas, e os relampagos são produzidos pela inflammação

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região–R. Littoral.	2.ª Região–R. Montanhosa.	3.ª Região–R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						espontanea do pollen no acto da explosão das antheras.
71. **Cannabineas.**	1	0	∧	∧	*Riamba* ou *Diamba* é o nome com que os indigenas designam o *Cannabis sativa* Lin., que é cultivado em maior ou menor quantidade no interior da provincia.	*N. B.* A applicação que os pretos fazem do *Riamba* é para fumaças narcoticas.
72. **Antidesmaceas.**	1	0	∧	∧	0	Um arbusto de folhas coriaceas e flores quasi amentaceas, encontrado em Golungo Alto e Pungo Andongo, mas *sem fructificação*, exige ainda um reiterado exame.
XXIV. **OLERACEAS.**						
73. **Chenopodiaceas.**	4	>	>	∧	A *Bosella alba* Lin., trepadeira herbacea de folhas gordas, é cultivada, aindaque raras vezes, em alguma hortas; dão-lhe o nome de *Batavia*. Não menos limitada é a cultura do *Espinafre*. (*Spinacea oleracea* Lin.)	O *Chenopodium ambrosioides*, aqui chamado *Herva de Santa Maria*, encontra-se espontaneo em todas as tres regiões, e é applicado pelos indigenas como *tonico* na cura das dissenterias.
74. **Amarantaceas.**	36	>	<	<	Algumas especies de *Amarantus*, tanto indigenas como cultivadas, fornecem hervas comestiveis, chamadas *Jimbóa* pelos pretos, mas são pouco saborosas.	*N. B.* A *Gomphrena globosa* Lin. (*Perpetua Lusit.*) encontra-se espontanea em muitos sitios de todas as tres regiões, tanto a variedade de *flores brancas* como a de *flores roxas*; é indigena da India.
75. **Polygonaceas.**	5	<	>	<	0	Nos barrancos humidos dos rochedos de Pungo Andongo cresce uma grande especie do genero *Rumex!* Uma planta annual com o porte de um *Raphanus*, e de um novo genero (*Raphanopsis*), é vulgar na 3.ª região.
76. **Nyctagineas.**	6	<	<	>	0	A *Mirabilis dichotoma* cresce espontanea em quasi todo o sertão d'esta provincia; mas duvido muito que seja realmente indigena! As mais Nyctagineas da Flora angolense pertencem ao genero *Boerhaavia*, do qual uma especie chamada *Herva tostão* pelos colonos é applicada na ictericia.
XXV. **THYMELEAS.**						
77. **Cassytaceas.** (Secção das Laurineas conforme Endl.)	1	0	0	∧	0	A *Cassyta* é uma trepadeira delgada, do porte de uma *Cuscuta*, e infesta muitas arvores ao longo das margens do rio *Quanza*; é o unico representante das Laurineas na Africa tropical.
78. **Santalaceas.**	3	0	0	∧	0	Todas as tres especies lembram pelo seu porte o genero europeu *Thesium*.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						Obs.! «*Santalaceae* ex Africa tropica *plane exules*» Endl. Gen. pl. p. 325.
79. **Daphnoideas.**	1	0	0	∧	0	Uma bellissima especie de *Gnidia*, a qual considero como inteiramente nova, (*Gnidia fulgens* W.) embelleza os prados ao longo do rio Quanza.
80. **Proteaceas.**	3	0	0	<	0	Foi nas visinhanças da grande cataracta do rio Quanza onde se encontraram duas especies de *Protea*, ambas subarbustivas. Uma 3.ª especie encontrada sem flor nem fructo nas matas de Pedras de Guinga, exige um ulterior exame.
XXVI. **SERPENTARIAS.** 81. **Aristolochias.**	1	0	∧	0	0	A *Aristolochia*, que cresce á borda de ribeiras em Golungo Alto, é a unica especie d'esta familia até agora encontrada na Africa tropical. Chamei-a por esta rasão *Aristolochia aethiopica*.
XXVII. **TANCHAGENS.** 82. **Plantagineas.**	1	∧	∧	∧	0	Uma especie de *Plantago* acha-se espontanea em sitios humidos de todas as tres regiões.
83. **Plumbagineas.**	1	∧	∧	∧	0	Esta familia, tão abundante de lindas especies em Portugal, acha-se na Africa tropical só representada pelo *Plumbago Zeylanica* Lin., especie que tambem se encontra em quasi todos os paizes tropicaes da Asia. Os indigenas de Angola chamam a esta planta *Cadinga Puna*, e applicam a raiz como *caustico*.
XXVIII. **AGGREGADAS.** 84. **Asteraceas.** (ou Compostas.)	140	<	<	<	*O cravo de defunto* (especie de Tagetes) é geralmente cultivado em Angola; o *Helianthus annuus* só o achei em cultura no districto de Pungo Andongo. A *Chicoria* ou *Endivia* (*Cichorium Endivia* Wild.) e algumas variedades de *Alface* (*Lactuca sativa* Lin.) são occasionalmente cultivadas nas hortas.	*N. B.* Nas matas virgens da 2.ª região apparecem especies *arborescentes* d'esta familia!! Varias especies arbustivas, chamadas *Molúlu* pelos indigenas, fornecem cascas tonico-amargas, frequentemente applicadas em febres e diarrheas. As *Compostas* da 1.ª região são pouco variadas; mas na região 2.ª tornam-se frequentissimas, e augmentam na 3.ª região a cada passo em numero de especies e em elegancia de fórmas.
XXIX. **CAMPANULINAS.** 85. **Goodeniaceas.**	1	∧	0	0	0	A *Scaevola senegalensis* é o unico representante d'esta familia na Flora Angolense.
86. **Campanulaceas.**	4	0	0	<	0	Uma *Wahlenbergia* e tres especies de um genero visinho

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						a *Lightfootia* habitam a 3.ª região; todas são plantas annuaes muito pouco conspicuas.
XXX. **CAPRIFOLIAS.** 87. **Rubiaceas.**	130	<	<	<	*O Cafezeiro (Coffea arabica)* é *indigena* de quasi todas as matas virgens da 2.ª região, mórmente nas matas elevadas de Golungo Alto, Dembos, Cazengo e Hungo; e é d'este café silvestre, educado de sementes em viveiros, que resultaram todas as plantações agora existentes no Golungo Alto e Cazengo. É portanto erronea a asserção de um Geographo *de ter sido o Cafezeiro introduzido em Angola pelos Missionarios!!*	*N. B. As rubiaceas* não são frequentes na 1.ª região, mas abundam na 2.ª e 3.ª região, constituindo uma parte consideravel de toda a vegetação das matas virgens. As especies da 1.ª região são quasi exclusivamente arbustivas; as da 2.ª região são pela maior parte lindas trepadeiras, ou arvores de nobre porte fornecendo optima madeira de construcção; v. g. *Mangue do monte* e *Mungo;* e na 3.ª região encontra-se o maior número de especies herbaceas, mas não menos conspicuas pela elegancia do porte e brilho das flores (*Vid. nota* 12.ª das observações conclusivas).
XXXI. **CONTORTAS.** 88. **Jasminaceas.**	5	>	<	>	Um *Jasmim trepador* de flores brancas, com o aroma do *Jasm. Sambac*, é muito vulgar na 1.ª região, e merece ser cultivado em jardins.	O genero *Nathusia*, considerado por *Endlicher* como pertencente ás *Jasminaceas*, foi collocado, seguindo a opinião de *Lindley*, na ordem das *Oleaceas.*
89. **Oleaceas.**	5	0	<	<	Cultivam-se na Ilha de *Cazanga*, perto de Loanda, alguns pés da *Oliveira de Portugal;* mas até agora ainda não chegaram a florecer: aonde se devia tentar a cultura d'esta util arvore, é no districto de Pungo Andongo!	*N. B.* Tres especies arborescentes do genero *Nathusia*, e uma vistosa arvore de um genero ainda não descripto compõem as *Oleaceas* da Flora Angolense.
90. **Loganiaceas.**	5	>	<	>	0 ——— É n'esta familia das *Loganiaceas*, que se encontra o *veneno atroz* do genero *Strychnos*, e as fructas saborosas e innocentes, assimilhando-se ás laranjas, do genero *Brehmia*, chamadas *Maboca* pelos indigenas.	Uma arvore de singularissimo porte (*a Anthocleista nobilis* Don.) abunda nas florestas da 2.ª região, e fórma um dos principaes enfeites das matas virgens.
91. **Apocynaceas.**	52	<	<	<	0 ——— *N. B.* Um arbusto indigena d'esta familia, que dá fructos mui saborosos (*Jingongóno*), merecia ser generalisado pela cultura.	As *Apocynaceas* abundam na 2.ª, e ainda mais na 3.ª região em que varias especies se tornam arborescentes; mais de dois terços das especies são lindas trepadeiras, algumas com fructos comestiveis. *A gomma elastica de Angola* provém de uma trepadeira d'esta familia.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região - R. Littoral.	2.ª Região - R. Montanhosa.	3.ª Região - R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
92. **Asclepiadeas.**	35	<	<	<	0	As *Asclepiadeas* são raras na região littoral, mas frequentissimas na 3.ª região. Algumas especies fornecem filamentos tenacissimos, e as *folhas* de uma trepadeira d'esta mesma familia *(Mundondo)* formam, bem cozidas e temperadas, mui saborosas hervagens.
93. **Gentiannaceas.**	2	0	0	∧	0	*N. B.* Duas especies herbaceas, evidentemente com o porte das *Gentiannaceas*, exigem ainda exame ulterior para se poder designar com a necessaria exactidão os generos a que ellas pertencem.
XXXII **NUCULIFERAS.**						
94. **Lamiaceas.** (Labiadas Jus.)	32	<	<	<	Nos districtos da 2.ª e 3.ª região o *Alecrim (Rosmarinus off.)* é cultivado por alguns curiosos; tambem varias especies de *Ocimum* e de *Mentha* (Hortelã) se encontram cultivadas nas hortas e nos quintaes dos colonos brancos; os pretos cultivam a *Capiana*, genero novo das *Lamiaceas*.	*N. B.* As *Lamiaceas* da 1.ª e 2.ª região são pouco numerosas, e quasi todas hervas inconspicuas; mas na 3.ª região apparecem de repente com grande frequencia, representadas por typos de novos generos e de singular porte. Uma especie é arborescente, as mais são plantas herbaceas ou pequenos arbustos, á excepção de uma que é trepadeira! As folhas de uma especie subarbustiva têem virtudes antiscorbuticas.
95. **Verbenaceas.** (Inclus. Avicennia)	34	<	<	<	0	As *Verbenaceas* da 1.ª região são pouco numerosas, a *Avicennia africana* é frequente nas praias do Oceano; na 2.ª e 3.ª região apparecem muitos arbustos e até grandes arvores d'esta familia, e entre as ultimas a chamada *Muxillo-Xyllo* é a mais vistosa e dá fructos comestiveis.
96. **Cordiaceas.**	5	<	<	>	0	Todas as *Cordiaceas* são especies arborescentes de bello porte, e de luxuriante florescencia; a entrecasca de quasi todas as especies presta-se para a fabricação de cordas fortes.
97 **Borragineas.** (Inclus. Ehretiaceas.)	9	<	<	<	0	Na 1.ª região encontram-se algumas especies de *Heliotropium* e uma *Coldenia*, mas nenhuma verdadeira *Borraginea;* e mesmo na 2.ª região estas são rarissimas; mas na 3.ª região apparece uma nova e esplendida especie de *Trichodesma*, e com esta mais algumas outras especies menos conspicuas de *Borragineas*.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região — R. Littoral.	2.ª Região — R. Montanhosa.	3.ª Região — R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
XXXIII. **TUBIFLORAS.**						
98. **Convolvulaceas.**	53	<	<	<	A *Batata doce (Batatas paniculata e B. edulis)* é cultivada, aindaque em pequena quantidade, em todas as tres regiões, e conviria muito generalisar mais a sua cultura. Uma vistosa *Ipomea* cultiva-se em alguns *jardins* de Loanda.	*N. B.* As *Convolvulaceas* frequentes em todas as regiões contribuem poderosamente, tanto pela elegancia da folhagem, como pelo brilho das flores, ao encanto das paizagens do sertão angolense.
99. **Cuscutaceas.**	1	0	0	Λ	0	Do numeroso genero *Cuscuta* uma unica especie foi encontrada no recinto do Presidio de Pungo Andongo, trepando sobre arbustos baixos.
100. **Solanaceas.**	30	>	<	>	A *Batata ingleza* ou ordinaria *(Solanum tuberosum)* cultiva-se em quasi todas as regiões, e principalmente no districto de Ambaca; as que vem de *Mossamedes* são as mais saborosas. O *Tomateiro (Lycopersicum esc.)* e algumas especies de pimentões *(Capsicum)* encontram-se cultivados e espontaneos em toda a parte. A cultura do *Tabaco* adianta cada vez mais. O *Solanum Melongena* (N-Gillo) é cultivado no Golungo Alto.	*N. B.* Entre as *Solanaceas* da Flora Angolense deve-se mencionar uma especie arborescente, que chamei *Solanum saponaceum*, porque os fructos (bagas) servem aos indigenas de *sabão*. Tres especies de *Datura (Dat. Stramonium, Dat. fastuosa* e *Dat. Metel)* encontram-se espalhadas por todo o sertão, aindaque sejam de origem asiatica; tambem a *Nicandra Physaloides* apparece ás vezes na visinhança de povoações. Os fructos do *Sol. tinctorium* Welw. dão uma tinta roxa.
XXXIV. **PERSONADAS.**						
101. **Scrophularinas.**	32	<	<	<	0	Todas as especies d'esta familia, á excepção de uma trepadeira subarbustiva, são plantas herbaceas, algumas de lindas flores. Uma especie de genero novo infesta como parasita as plantações de *Jinguba* (Arachis).
102. **Acanthaceas.**	52	<	<	<	0	As *Acanthaceas* são principalmente numerosas na 2.ª e 3.ª região, e n'esta ultima apparece uma especie com o porte de pequena arvore; muitas especies adornam os sitios pedregosos e aridos com flores brilhantes.
103. **Bignoniaceas.**	8	0	≤	<	O *Sesamum indicum*, chamado *Ocóto* pelos indigenas do sertão, é cultivado em limitada quantidade na 3.ª região. A planta tambem se chama *Ricota* e em outros sitios *N-Guilla*.	As *Bignoniaceas* offerecem as arvores mais vistosas das matas virgens da 2.ª região, mórmente no genero *Spathodea*. Uma magnifica e nova especie de *Sesamum* brilha nas matas arenosas de Pungo Andongo.
104. **Utricularinas.**	7	<	0	<	0	Duas especies de *Utricularia* vivem nas lagôas da 1.ª

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						região; as mais habitam os sitios pantanosos do districto de Pungo Andongo.
XXXV. **PETALANTHAS.** 105. **Primulaceas.**	2	∧	0	∧	0	O *Samolus Valerandi* apparece ás vezes sporadicamente nos rochedos humidos da 1.ª região; outra *Primulacea*, com o porte de um *Centunculus*, abunda nos prados humidos da 3.ª região.
106. **Myrsinaceas.**	3	0	∧	0	0	As *Myrsinaceas* da Flora Angolense são todas especies arborescentes, e a maior parte do genero *Maesa*. Sómente nas matas virgens da 2.ª região é onde ellas se encontram.
107. **Sapotaceas.**	9	<	<	>	0 A *Argania Sideroxylon* R. et S., arvore espinhosa de *Marrocos*, devia ser introduzida em Angola, para arborisar os terrenos aridos do littoral, e para aproveitar os seus fructos muito oleaginosos. Não menos conviria a introducção do *Achras Sapota* L.	Todas as especies d'esta nobre familia distinguem-se pela densidade, pelo lustro, e pelas fórmas elegantes da sua folhagem; quasi todas formam arvores mui frondosas, entre as quaes uma chamada *Dicaso* pelos indigenas, dá fructo comestivel, similhante na fórma e no gosto ás *cerejas!*
108. **Ebenaceas.**	6	<	<	>	0	A excellencia da madeira das *Ebenaceas* é geralmente conhecida, e confirmada plenamente pelas especies que crescem no territorio da Flora Angolense, pois o *Dendo* (*N-Dendo* dos indigenas), e a *Silveira* ou *Musolveira* (*Mulende* dos pretos), que ambas são especies do genero *Diospyros*, fornecem mui bella e duradoira madeira de construcção, encontrando-se felizmente com muita frequencia nas matas da 1.ª e 2.ª região.
XXXVI. **DISCANTHAS.** 109. **Apiaceas.** (Umbelliferas Jus.)	16	<	<	<	A *Salsa*, o *Coentro* e a *Cinoura*, são geralmente cultivadas nas hortas, mórmente na 2.ª e 3.ª região, aonde tambem o *Funcho* se dá optimamente; a *Herva doce* é rara. Em Pungo Andongo o *Funcho* cresce frequentemente espontaneo em todos os rochedos do presidio, e mui luxuriantes pés de *Salsa* vêem-se ahi, em quasi todas as estações, nascer pelas ruas da povoação.	*N. B.* Só duas *Umbelliferas* indigenas crescem na 1.ª região; na 2.ª apparecem mais tres especies, e entre estas *uma arborescente, formando arvores de vinte até trinta e mais pés de altura, e de tres pés de circumferencia.* Os indigenas chamam a esta arvore *Calusange*, e reputam as folhas d'ella, ou em cozimento ou em cataplasma, como o *peitoral mais poderoso* do sertão. Na 3.ª região tornam-se as *Umbelliferas* mais frequentes!

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
110. **Araliaceas.**	1	0	0	∧	0	Achei representadas as *Araliaceas* por uma unica especie, mas esta é uma arvore de vinte até vinte e cinco pés de altura, e de um porte muito notavel pela fórma da sua *copa* exactamente *espherica*, sem nenhuma ramificação inferior; é indigena dos districtos de Ambaca e Pungo Andongo, e é chamada *Musassa* pelos pretos dos mencionados districtos, os quaes a empregam na construcção das cubatas; no districto de Ambaca ha matas quasi exclusivamente compostas d'esta arvore, o que imprime um caracter particular ás paizagens d'aquellas terras.
111. **Ampelideas.**	25	<	<	<	A *Videira (Vitis vinifera)* é cultivada por alguns curiosos tanto na região littoral como nos districtos montanhosos do interior; e, achando-se a planta em terreno e exposição favoraveis, as uvas sáem saborosas. Convem muito ensaiar a cultura de differentes especies ou castas da videira.	*N. B.* As *Ampelideas* augmentam em especies gradualmente desde o littoral até Pungo Andongo, aonde se encontram as fórmas mais salientes e elegantes d'esta familia. A maior parte d'ellas são trepadeiras, e algumas especies ha cujos fructos são comestiveis, ainda que um tanto acidulos.
112. **Loranthaceas.**	11	<	<	<	0	*N. B.* As *Loranthaceas* são raras na 1.ª região, e tambem na 2.ª as especies não são numerosas, emquanto que na 3.ª região até muitas arvores cultivadas, como por exemplo as figueiras e limoeiros, se acham infestadas d'estes amaveis, mas perniciosos parasitas. O brilho e a pompa luxuriante das flores dos *Loranthus* tropicaes são bem conhecidos.
XXXVII. **CORNICULADAS.**						
113. **Crassulaceas.**	6	<	>	<	No Golungo-Alto uma especie de *Kalanchoe* é cultivada pelos pretos como *planta feiticeira* com o nome de *Tuta Riambúla* (isto é, nuvem de chuva); mas apesar de reiteradas diligencias não pôde conseguir saber a *virtude feiticeira* especial que os feiticeiros pretos lhe attribuem.	*N. B.* Tres especies de *Kalanchoe*, uma de *Bryophyllum*, uma *Tillaea* e uma *Crassula* compõem as *Crassulaceas* do territorio por mim até agora explorado.
XXXVIII. **POLYCARPICAS.**						
114. **Menispermaceas.**	8	<	<	>	0	A maior parte das *Menispermaceas* habitam as matas virgens e humidas da 2.ª região, e todas ellas são vistosas tre-

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região — R. Littoral.	2.ª Região — R. Montanhosa.	3.ª Região — R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						padeiras, aindaque as suas flores são pouco conspicuas. A *raiz de Butua* ou *Abutua*, uma das drogas tonicas e diureticas dos curandeiros pretos, é fornecida por uma trepadeira quasi arborescente d'esta familia.
115. **Myristicaceas.**	1	0	∧	0	0 *N.B.* A existencia de uma especie indigena de *Myristica* nas matas do districto de Golungo Alto deixa esperar que ahi com proveito se possa cultivar a *Myristica moschata Thunb.*, arvore das ilhas Molucas, que, como é sabido, fornece a preciosa *Noz moscada* e mais drogas não menos apreciadas.	As *Myristicaceas* acham-se representadas por uma arvore gigantesca e de nobre porte, a qual só encontrei no districto de Golungo Alto, aonde os indigenas a chamam *Mutuge*. A madeira d'ella não é de muito prestimo; mas as sementes abundam em oleo volatil, e uma vez accesas continuam a arder como uma véla! Nenhuma especie d'esta familia se acha apontada, até agora, como indigena do continente africano!
116. **Anonaceas.**	15	<	<	<	Tres especies de *Anona* encontrei cultivadas em Angola, e vem a ser: 1.ª *Anona muricata* (Sapsap). 2.ª *A. Squamosa* (Atta). 3.ª *A. Cherimolia*, a qual, chamada fructa do *Conde* pelos angolenses, é a mais vulgarisada e sem duvida a mais saborosa.	*N. B.* As *Anonaceas* são principalmente frequentes na 2.ª região, e enfeitam as matas virgens pela lucida verdura da sua folhagem, e pela singular graça do seu porte; muitas são lindas trepadeiras, outras formam magestosas arvores, entre as quaes *duas especies de Monodora (Xipépe* dos indigenas) são as mais notaveis.
117. **Dilleniaceas.**	2	0	∧	∧	0	*N. B.* A *Dilleniacea* da 2.ª região é uma grande trepadeira, pertencendo ao genero *Tetracera;* a outra especie, que é frequente na 3.ª região, fórma um arbusto de tres pés apenas de altura de um genero provavelmente novo.
118. **Ranunculaceas.**	5	0	<	<	0	Todas as especies d'esta familia que observei em Angola habitam as regiões elevadas do interior do paiz, e todas pertencem ao genero europeu *Clematis*, sendo quatro especies trepadeiras e a quinta um elegante arbusto.
XXXIX. **RHOEADES.**						
119. **Brassicaceas.** (Cruciferas.)	8	∧	∧	0	*Couve, Repolho, Nabos, Rabanetes e Agrião*, são cultivados nas hortas de Loanda, e nos arimos dos districtos vizinhos: uma especie de *Mostarda (Sinapis nigra)* cultiva-se na 2.ª e 3.ª região para hervagens; os *Repolhos* de *Benguella* são gigantescos.	*N. B.* As *Cruciferas*, tão numerosas em Portugal, são representadas em Angola apenas por duas especies indigenas: na 1.ª região encontra-se um *Nasturtium* á borda dos rios, na 2.ª uma *Cardamine* nas varzeas do Golungo Alto.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
120. **Capparideas.**	15	<	<	>	0	As *Capparideas* são frequentes na 1.ª e na 2.ª região; e uma especie annual, a que chamei *Cleome oleracea*, é comestivel em hervagens. A *Maerna angolensis* Del. fórma uma arvore pequena mui vistosa, que interrompe agradavelmente a triste uniformidade dos contornos de Loanda. A casca da raiz de um outro arbusto d'esta familia, chamado *Súna* pelos pretos, é applicada por elles como *caustico* e *sudorifero*.
XL. **GOLFÃOS.**						
121. **Nymphaeaceas.**	4	>	0	<	0	As *Nymphaeaceas*, e principalmente a *Nymphaea dentata* Schum., formam o encanto das grandes lagôas da 1.ª região, as quaes muitas vezes se acham inteiramente cobertas d'este grande e bellissimo golfão. Os rhizomas tuberculosos das *Nymphaeaceas* são comestiveis, de gosto de *castanhas*, e muito procurados pelos indigenas.
XLI. **PARIETALES.**						
122. **Droseraceas.**	1	0	0	∧	0	Uma unica especie d'esta tão curiosa familia, a *Drosera indica* Lin., habita com grande frequencia as margens pantanosas do rio Quanza na 3.ª região; é uma planta annual de folhas lineares e de flores roxas.
123. **Violarinas.**	6	<	<	<	0	As *Violarinas* da 1.ª região são especies herbaceas do genero *Jonidium*; as da 2.ª são arbustos sempre verdes; e na 3.ª região apparecem duas especies arborescentes, formando lindas arvoresinhas, pertencentes ao genero *Ceranthera*, descripto na *Flora de Oware* por *Palisot*.
124. **Turneraceas.**	1	0	∧	∧	0	A *Wormskioldia heterophylla* Thon (*Tricliceras raphanoides* D. C.), planta annual com o porte de um Raphanus, representa as *Turneraceas* na Flora angolense.
125. **Bixaceas.**	4	0	<	>	*Bixa Orellana* L., chamada *Quisáfu* pelos indigenas, encontra-se espontanea e cultivada em muitos sitios da 2.ª região; as sementes d'esta arvoresinha servem aos pretos para a fabricação de *tintas vermelhas e amarellas*.	A especie mais notavel das *Bixaceas* angolenses é uma pequena arvore do genero *Oncoba* (talvez O. *spinosa* F.?), a qual nas flores, na folhagem e no porte, muito se parece com uma *Camellia* arborescente! Encontra-se sómente na 2.ª região, aonde tambem é rara!

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
126. **Homalineas.**	1	0	∧	0	0	*N.B.* Uma especie arbustiva e sempre verde d'esta familia, tão visinha das *Passifloraceas*, habita nas matas virgens de Golungo Alto.
127. **Passifloraceas.**	3	0	<	∧	0	As *Passifloraceas* da Flora angolense não ostentam o brilho e a belleza de flores das especies americanas; parecem-se mais com certas *Cucurbitaceas*, v. g., as *Bryonias*, e pertencem quasi todas ao genero *Modecca*; uma d'ellas dá fructo comestivel.
128. **Papayaceas.**	1	0	∧	∧	O *Mamoeiro (Carica Papaya)* é frequente na 2.ª região, tanto cultivado como espontaneo, e dá fructos quasi todo o anno; na 1.ª e 3.ª região encontra-se raras vezes, e não se propaga espontaneamente.	
XLII. **PEPONIFERAS.**						
129. **Cucurbitaceas.**	32	<	<	>	*Pepinos*, *Melões*, *Melancias*, *Aboboras brancas e ordinarias*, de muitas variedades, são cultivados em todas as tres regiões, aindaque por vezes com resultados pouco satisfactorios. A *Lagenaria vulgaris* Ser. *(Colombro* dos portug.), cujos fructos os indigenas chamam *Binda*, cresce espontanea em muitos logares humidos da 1.ª e 2.ª região. O *Cucumis africanus (Machiche)* cultiva-se raras vezes. Convem muito ser introduzido em Angola o *Sechium edule*. Sw. das West-Indias, por causa dos seus fructos saborosos.	*N. B.* As Cucurbitaceas formam um grande enfeite da vegetação das matas virgens, tanto pelas fórmas mui variadas da folhagem, como particularmente pela belleza e as cores brilhantes dos fructos; a 2.ª região abunda em especies lindissimas! A *Coloquintida bastarda*, especie de *Adenopus* Benth., é abundante em todas as matas da 2.ª região; outra especie, pertencente a um novo genero, e chamada pelos pretos *Bumba-Riachóle*, offerece na sua raiz napiforme um remedio efficaz contra os ataques da esquinencia. O *Cucumis chrysocarpa* Schum. adorna com seus lindos fructos côr de oiro as praias do Oceano.
130. **Begoniaceas.**	2	0	∧	∧	0	Uma especie de *Begonia* cresce nas margens de riachos em matas densas da 2.ª região, e encontrei a segunda especie (do genero *Diplodinium* Lindl.) nos barrancos humidos e sombrios do presidio de Pungo Andongo; está portanto fóra de duvida *a existencia de Begoniaceas na Africa tropical!!*
XLIII. **OPUNCIAS.**						
131. **Cactaceas.**	2	0	∧	∧	0 Obs. Os extensos declives rupestres e aridos do	*N. B.* É bem sabido que a *existencia de Cactaceas fóra do continente americano* era sempre *combatida* pelos mais

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região — R. Littoral.	2.ª Região — R. Montanhosa.	3.ª Região — R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					recinto de Pungo Andongo, aliás pouco susceptiveis de qualquer outra cultura, offerecem todavia um terreno particularmente adaptado para n'elle se tentar uma plantação da *Opuntia*, em que se cria a *Cochonilha* (*Opuntia coccinellifera* Mill. ou *Cactus cochenillifer* Lin.), em maxima escala, pois está fóra de duvida, que esta planta tão preciosa ahi se dará perfeitamente, augmentando com um novo e valioso producto os generos de commercio d'aquelle sertão.	sabios phytographos, e até modernamente por *Endlicher*, *Lindley* e *R. Brown*. Foi portanto com a maior surpreza e com summa satisfação que encontrei nas matas virgens do sobado *Quilombo - Quiacatubia*, no Golungo Alto, uma *Rhipsalis*, que pendia em longos feixes, coberta de bagas brancas, dos ramos muscosos das Sterculias e Adansonias. A segunda especie, ou talvez sómente variedade da primeira, encontrei pendente dos rochedos mais altos do presidio de Pungo Andongo, onde ella cresce abundantemente em consorcio com especies de *Sarcostema* e *Stapeliaceas rasteiras*. *Fica pois resolvido por este facto um problema importante da phytogeographia!*
XLIV. **CARYOPHILLINAS.** 132. **Portulacaceas.** (inclus. Mollugineas.)	23	>	>	<	A *Tetragonia expansa* Ait. (Espinafre da Nova Zelandia) acha-se introduzida desde ha poucos annos. A *Beldroega (Portulaca oleracea)*, a que a população preta chama *Jinbembe*, apparece em todas as tres regiões, logo depois das chuvas, com summa frequencia, cobrindo, não raras vezes, extensos tratos de terras cultivadas, infestando principalmente as searas de *Jinguba (Arachis hypogaea)*.	*N. B.* As *Portulacaceas* diminuem, em numero de especies, rapidamente com a maior distancia da praia, e só apparecem outra vez mais frequentes na 3.ª região, em que os terrenos rupestres ou arenosos de Pungo Andongo se tornam mais favoraveis á natureza d'estas plantas, que em geral gostam de viver em condições climaticas analogas ás das chamadas *Plantas gordas*. Uma nitida especie de *Sesuvium (S. Mesembryanthoides Welw.)* cobre as areias extensas da Ilha de Loanda; varias especies muito elegantes de Mollugo crescem á borda dos caminhos arenosos que conduzem para o sertão; tres especies de *Glinus* cingem as aguas estagnadas da 1.ª e 2.ª região, e milhares de individuos de um *genero novo*, com o porte do *Sedum rubens*, occupam parte dos rochedos de Pungo Andongo em tão densas moitinhas, que os rochedos vistos de certa distancia brilham com a côr de purpura.
133. **Caryophyllaceas.** (inclus. Paronychiaceas.)	5	∧	∧	0	O *Craveiro* ou *Cravina dos Jardins (Dianthus caryophillus Lin.)* é geralmente cultivado por curiosos, mas as flores só	Duas *Paronychiaceas* habitam os terrenos arenosos de Loanda e de Ambriz; encontrei a *Alcine media* espontanea nas hortas ambrizenses;

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região — R. Littoral.	2.ª Região — R. Montanhosa:	3.ª Região — R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					rarissimas vezes chegam a soffrivel perfeição.	uma notavel especie de *Drymaria* cresce nas searas de *Jinguba* na 2.ª região.
134. **Phytolaccaceas.**	4	<	<	>	0 *Obs.* A *Phytolacca dioica*, arvore que os portuguezes com justa rasão designam com o nome de *Bella sombra*, devia-se introduzir quanto antes n'esta provincia, porque o rapido desenvolvimento que toma e a densissima sombra da sua elegante folhagem tornam-a muito propria para a arborisação de praças publicas.	Duas especies de *Gieseckia*, uma *Mohlana* (talvez *Mohlana guineensis* Mog.), e um arbusto do genero *Pircunia*, compõem as *Phytolaccaceas* do territorio, até agora por mim explorado. A esta ultima planta, que os indigenas chamam *Mutonga-Tonga*, e a qual tenho por uma nova especie, chamei *Pircunia Saponacea*, porque os pretos se servem das folhas, depois de cozidas, *em logar de sabão* para lavagem de roupa.
XLV. **COLUMNIFERAS.** 135. **Malvaceas.**	54	<	<	<	O *Abelmoschus esculentus* (Quingombo dos indigenas) é geralmente cultivado em toda a provincia, e cresce tambem espontaneo em muitos logares. Outra especie do antigo genero *Hibiscus*, ainda indescripta, e chamada *Husa* pelos pretos, é cultivada para hervagens, tendo um gosto similhante ás *Azedas*. Tres especies bem differentes de *Algodoeiro* se cultivam com maior ou menor frequencia; vem a ser: 1.ª *Gossypium vitif folium* L. 2.ª *Gossyp. barbadense* Lin. 3.ª *Gossyp. herbaceum* Lin. As duas primeiras especies tambem se encontram crescendo espontaneamente nas visinhanças de povoações.	*N. B.* As *Malvaceas* são frequentissimas, não sómente emquanto ao numero das especies, mas tambem em relação ao numero dos individuos, compondo junto com as *Rubiaceas*, *Apocynaceas* e *Combretaceas* o *Mato* baixo de todas as regiões. Muitas d'ellas, como as do genero *Urenus*, *Hibiscus*, etc. fornecem optimos filamentos; outras, como certas especies de *Sida*, são applicadas com decidida vantagem em logar das *Malvas emollientes* da Europa. Uma especie elegante de *Bombycella*, que descrevi debaixo do nome *Bomb. bicolor*, cresce frequentemente nos contornos do rio Dande, e merecia bem a cultura como planta ornamental, assim como muitas outras especies dos generos *Fugosia*, *Pavonia* e *Hibiscus*.
136. **Sterculiaceas.**	12	<	<	>	A *Sterculia acuminata* Pal. de B. ou *Cola acuminata* Rob. Br. (*Muquéso* dos indigenas) encontra-se indigena e tambem cultivada nos sobados montanhosos da 2.ª região; e como as *Colas* fornecem um *genero lucrativo de exportação* para o Brazil, era para desejar, que a cultura das *Coleiras* fosse mais generalisada! A muita promptidão com que a maior parte das arvores pertencentes a esta familia *pegam de es-*	Todas as *Sterculiaceas* são arvores de bellissimo porte, e muitas d'ellas pertencem aos *Colossos do reino vegetal*, e ao mesmo tempo ás arvores mais uteis da zona tropical. As dimensões colossaes da *Adansonia* digitata (*N-Bondo* dos indigenas, *Imbondeiro* dos portuguezes) são geralmente conhecidas, e enumerar a multiplice applicação que fazem os indigenas das varias partes d'esta arvore, na economia domestica, seria escrever um longo capitulo da ethnographia

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					taca, facilita consideravelmente a construcção de tapumes, e a arborisação de vias e praças publicas, mórmente na 2.ª e 3.ª região, pois mesmo ramos ou troncos de 3 a 5 pollegadas de diametro, postos na terra durante a estação chuvosa, pegam dentro em poucos mezes, formando já no *fim de um anno* arvoresinhas soffrivelmente copadas.	ethiopica. Não menos uteis aos povos de todo o sertão angolense são as especies de ***Bombax*** (***Mufumo*** dos indigenas, ***Mafumeira*** dos portuguezes) cujos troncos gigantescos, toscamente escavados, servem geralmente de canôas. Algumas especies de ***Sterculia*** dão excellente gomma ***Tragantha*** (***Alcatira*** ou ***Alquitira***); e uma vistosa arvore d'esta mesma familia, chamada pelos indigenas ***Mabuanguiri***, dá fructos comestiveis. Todas as Sterculiaceas fornecem filamentos para a fabricação de ***cordas***, ***saccos de mantimentos*** e outros similhantes utensilios da vida domestica.
137. **Buttneriaceas.**	6	<	<	<	A ***Arvore de Cacau*** (***Cacoeiro***, ***Theobroma Cacao Linn.***), sendo introduzida e tratada com os necessarios cuidados, podia cultivar-se sem duvida em muitos sitios do Golungo Alto e de Cazengo.	*N. B.* As ***Buttneriaceas***, tão numerosas e variadas no Cabo da Boa Esperança, são rarissimas no territorio angolense; uma ou duas especies de ***Waltheria***, outra de ***Brotera*** e tres especies arborescentes do genero ***Xeropetalum***, compõem esta familia na Flora Angolense.
138. **Tiliaceas.**	28	<	<	<	0	As ***Tiliaceas*** augmentam gradualmente da praia para o interior do paiz, não sómente em numero das especies, mas tambem no de individuos. As especies dos generos ***Corchorus*** e ***Triumfetta*** são pela maior parte herbaceas, emquanto que as dos generos ***Grewia*** e ***Glyphæa*** só contêem fórmas arbustivas ou trepadeiras lenhosas. Algumas especies de ***Corchorus***, chamadas ***Quijandna*** pelos indigenas, são comidas por elles em hervagens; varias especies de ***Triumfetta***, com o nome bundo de ***Quibosa***, tornam-se muito prestaveis pela tenacidade dos filamentos, que fornece a entre-casca. Tambem uma especie do genero ***Grewia***, que fórma uma arvoresinha elegante, chamada ***Ilamba*** ou ***Mutamba*** pelos indigenas, fornece material para ***cordas*** e ***arcos***.
XLVI. **GUTTIFERAS.**						
139. **Clusinceas.**	3	0	Λ	0	0 Muito conviria a introducção da ***Garcinia Mangostana*** de Malaca, e da	Achei representadas as ***Clusiaceas***, mas só na 2.ª região, por duas especies arborescentes, e uma trepadeira sempre verde. Ambas as especies ar-

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Número das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região – R. Littoral.	2.ª Região – R. Montanhosa.	3.ª Região – R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					Mammea americana do Brazil, e ahi conhecida pelo nome de ***Abricote;*** ambas estas arvores dão fructos deliciosos, e haviam de dar-se bem á borda do rio Bengo. Tambem devia ser tentada a introducção da ***Arvore da Manteiga*** de Serra Leôa, ahi chamada ***Tallow-Tree.***	boreas formam novos generos, o ***Actinostigma*** e ***Dactylanthera*** Welw. mspt., e o ***Actinostigma speciosum*** (nob.) é a arvore mais vistosa do sertão angolense, tendo o porte de um loureiro, cobrindo-se no tempo da florescencia de grandes corymbos de flores esplendido-coccineas! A unica Clusiacea, até agora conhecida, da Africa tropical, é a ***Pentadesma butyracea*** Don. (arvore da manteiga de Serra Leôa), a qual ainda não encontrei no territorio angolense.
140. **Hypericaceas.**	6	0	<	>	0	Quasi todas as especies ***Hypericaceas*** da Flora Angolense pertencem ao genero ***Psorospermum***, e a maior parte d'ellas formam lindas arvores de porte mediano, e folhagem lucida sempre verde; os troncos abundam em uma especie de rezina côr de sangue, e a casca fornece aos indigenas um remedio muito acreditado contra febres paludosas e impetigines: os pretos de Golungo Alto chamam a estas arvoresinhas ***Mutune***, e os de Pungo Andongo dão-lhes o nome de ***M-Bulambia***.
XLVII. **HESPERIDEAS.** 141. **Olacineas.** (inclus. Balaniteas.)	4	∧	<	>	0	As ***Olacineas*** são arbustos ou arvoresinhas pouco conspicuas que se encontram mórmente nas matas densas da 2.ª região; só uma especie de ***Balanites***, provavelmente indescripta, habita exclusivamente a região littoral, e torna-se notavel por seus fructos glandiformes, côr de laranja.
142. **Auranciaceas.**	6	0	∧	∧	O ***Citrus Aurantium*** e ***Citrus Limonum*** Riss. (Laranjeira e Limoeiro) são geralmente cultivados em toda a provincia; menos vulgarisados são o ***Citrus Limetta*** Riss. e ***Citrus medica*** do mesmo auctor (Limeira e Cidreira), os quaes só raras vezes apparecem nas hortas de curiosos. Em geral a cultura de todas as especies d'estas tão valiosas arvores deixa n'este paiz ainda muito que desejar, pois a successiva perfeição das differentes	As ***Auranciaceas*** são parcamente representadas na Flora indigena de Angola; só duas especies do genero ***Claussena*** foram por mim encontradas até agora, uma na 2.ª e outra na 3.ª região; ellas são arbustos arborescentes de folhas pinnuladas, flores brancas e fructos pisiformes, muito aromaticos. O ***Limoeiro*** encontra-se ás vezes espontaneo no meio de matos, mas isso só em sitios onde havia antigamente povoações.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região — R. Littoral.	2.ª Região — R. Montanhosa.	3.ª Região — R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					variedades *mediante os enxertos* é quasi desconhecida.	
143. **Meliaceas.**	11	0	<	>	A *Melia Azederach* (Sycómoro bastardo dos portuguezes) é cultivada por alguns curiosos, e dá-se muito bem n'este clima; alguns indigenas mais civilisados chámam-a ***Bombólo-ian-Puto***, ou ***Bombólo-ia-N-Puto***, o que significa ***Melia de Portugal***, pois uma especie de Melia indigena nas matas do sertão designam elles com o nome de ***Bombólo***.	*N. B.* As *Meliaceas*, aindaque pouco numerosas em especies, tornam-se não obstante isso muito notaveis nas matas da 2.ª região, pelo seu bello porte e flores cheirosas; a maior parte d'ellas são arvores grandes de nobre apparencia, pertencentes aos generos *Trichilia, Turraea, Carapa* etc.; fornecem quasi todas boa madeira de construcção. Uma especie de *Turraea*, formosa trepadeira, abunda á borda dos regatos; uma especie ainda não descripta de Melia, chamada *Bombólo* pelos indigenas (*Melia Bombólo* Welw.), dá optimo taboado para caixotes e similhantes obras, sendo a madeira muito parecida com a das *Cedrelas* americanas.
144. **Cedrelaceas.**	2	0	Λ	0	0	Encontrei duas especies d'esta familia, ambas arvores gigantescas de 9 até 12 e mais pés de circumferencia, nas matas virgens do Golungo Alto; uma d'ellas pertence ao genero *Swietenia* (*Swietenia angolensis* Welw.) e a outra deve formar um novo genero, notavel pelas *flores 4-meras* e uma *capsula 4-valve*. A madeira de ambas é excellente, muito duradoira e de um lustro particular assetinado.
XLVIII. **SAMARIFERAS.** (Acera Endl.)						
145. **Malpighiaceas.**	6	0	<	>	0	Arvores pequenas ou trepadeiras, algumas d'estas com flores lindas violaceas e folhas de lustro metallico, compõem esta familia, pouco numerosa na Africa. O *Acridocarpus angolensis* já foi descripto por Adr. de Jussieu. A estructura do tronco de uma especie de *Heteropteris*, que habita os matos mais densos da 2.ª região, é curiosissima.
146. **Erythroxyleas.**	1	0	0	Λ	0	Uma arvoresinha elegante, do porte do *Buxus sempervirens*, representa as *Erythroxyleas* na Flora Angolense. A *madeira*, que costuma ser *encarnada* nas especies d'esta familia, é todavia *branca* na especie que encontrei em Pungo Andongo.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
147. **Sapindaceas.**	20	<	<	>	0 Entre as arvores exoticas d'esta familia, cuja introducção n'esta provincia se tornava proveitosa, julgo dever apontar as seguintes: 1.ª *Euphoria Lit-chi* Desf. 2.ª *Euphoria Nephelium* D. C., ambas arvores fructiferas da India e China, aonde as fructas se chamam *Lit-chi* e *Rambutas*. 3.ª *Sapindus Saponaria* Lin. 4.ª *Sapindus divaricatus* Willd., arvores do Brazil, chamadas ali *Sabonete* ou *Pau de sabão*, por servirem as folhas e fructos para lavar a roupa.	As *Sapindaceas* são principalmente frequentes na 2.ª região, onde se encontram nas matas humidas e sombrias dos Sobados montanhosos, mórmente nos de *Quilombo*, *Quiacatubia* e de *Alta Queta*. São variadissimas no porte, apresentando-se já na fórma de trepadeiras herbaceas ou arbustivas, já na de arvores mais ou menos elevadas e quasi sempre de folhagem lustrosa e sempre verde. Algumas especies de *Cardiospermum* infestam como hervas más as searas. Os generos *Paullinia*, *Schmidelia* e *Deinbollia* etc., apparecem já á borda dos rios na 1.ª região; a *Natalia paullinioides* Planch., com mais outra especie nova d'este genero, bem como alguns generos inteiramente novos, visinhos á *Cupania*, e uma trepadeira lenhosa (tambem indescripta) de singularissimo porte, povoam as matas virgens da 2.ª região.
XLIX. **POLYGALINAS.** 148. **Polygalaceas.**	14	<	<	<	0.	Na região littoral as *Polygalaceas* são raras, offerecendo apenas duas especies herbaceas de *Polygala*; e mesmo na 2.ª região o numero das especies não augmenta muito, mas com a apparencia dos generos *Carpolobia* e *Lophostylis* ellas se tornam arbustivas, e uma especie d'este ultimo genero (*Lophostylis floribunda* Welw.) fórma uma trepadeira gigante, cujo tronco tem dois até dois e meio pés de circumferencia, trepando até á altura de sessenta ou oitenta pés! Na 3.ª região cresce rapidamente o numero das especies, e entre estas ha algumas de notavel elegancia.
L. **FRANGULIFORMES.** 149. **Celastrineas.**	8	<	<	>	0	As *Celastrineas* da região littoral são pequenos arbustos espinhosos, e pertencem a generos *bacciferos*, ainda pouco conhecidos; as da 2.ª região são representadas por varias especies do genero *Catha*, que são pela maior parte arvores pequenas, povoando os sitios

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						aridos e desabrigados de collinas, aliás despidas de qualquer outra vegetação arbustiva.
150. **Hyppocrateaceas.**	12	<	<	>	0	Todas as especies d'esta familia são vistosas trepadeiras arbustivas, de varinda e pela maior parte *glauca* folhagem. Na região littoral uma unica especie trepa nas Adansonias; mas na 2.ª e 3.ª região varias especies de *Hippocrateà* e de *Salacea* formam por vezes tapumes impenetraveis á borda de regatos e de matas virgens. Em Pungo Andongo encontra-se uma especie de *Salacia*, cujo fructo é do tamanho de uma pera e comestivel.
151. **Rhamnoideas.**	5	0	Λ	Λ	0	Algumas especies de *Zizyphus* crescem nas matas ralas da 2.ª, e uma nas da 3.ª região; todas ellas dão fructos comestiveis, mais ou menos saborosos. O vegetal porém mais notavel d'esta familia das *Rhamnoideas* é uma *trepadeira herbacea*, pertencente a um genero novo, visinho ao *Helinus* E. Mey., com o porte de uma *Aristolochia*.
152. **Chailletiaceas.**	7	0	Λ	0	0	Compõe-se esta familia de seis ou sete especies do unico genero *Chailletia*, sendo todas ellas ou arbustos ou arvoresinhas, notaveis pela ramificação horisontal, que em quasi todas as especies se observa. Habitam as matas virgens mais densas e humidas dos sitios mais quentes e abrigados, formando, junto com *Rubiaceas*, *Anonaceas* e *Fetos*, o mato baixo das mencionadas matas; algumas d'ellas são trepadeiras. A circumstancia de só raras vezes se encontrarem com flores, e mais raras vezes com fructos bem vingados, torna a distincção exacta das especies difficilima, tanto mais porque as folhas de cada especie variam consideravelmente conforme a idade e exposição dos individuos.
LI. **TRICOCCAS.** 153. **Euphorbiaceas.**	56	<	<	<	Entre as plantas cultivadas d'esta vasta familia merece o primeiro logar a *Mandioca (Manihot edulis* Hum.) da qual uma va-	*N. B.* As *Euphorbiaceas*, não menos polymorphas no porte, do que em qualidades internas, acham-se quasi igualmente distribuidas em todas

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região – R. Littoral.	2.ª Região – R. Montanhosa.	3.ª Região – R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					riedade, descripta com o nome de *Manhiot Aipi* Polh. é cultivada extensamente em toda a provincia, e mesmo em toda a Africa tropical, formando o pão da população preta. Reservando a exposição das differentes maneiras de cultura e de preparação dos tuberculos d'este valioso vegetal para um artigo especial, todavia não posso deixar de observar; que a Mandioca é comida em *estado crú*, apenas tirada dá terra, em toda a parte d'esta provincia, sem a menor consequencia funesta, e que contém por conseguinte pouco ou nada do principio venenoso que parece abundar na maior parte das variedades d'esta planta cultivadas na America tropical. Duas outras plantas d'esta mesma familia, tambem de grande importancia para emprezas agricolas no futuro, são o *Ricino*, (*Ricinus communis* Lin.) e a *Purgueira* (*Curcas purgans* med.) chamada *Mupulúca* pelos pretos, cuja cultura em grande escala não deixará de ser muito lucrativa, por causa de sementes oleosas de ambas estas especies. Duas especies arborescentes do genero *Euphorbia*, ambas indigenas d'este paiz, e igualmente notaveis por seu porte singular e pela grande promptidão com que pegam de estaca, servem aos indigenas para as *estacadas* e *tapumes* com que cercam as habitações.	as tres regiões, com a differença porém que em cada uma d'estas, certas fórmas ou grupos predominam. Na região littoral as *Euphorbias arborescentes cactiformes* com o porte de *Cereus* ou de *Rhipsalis*, são as mais notaveis, communicando aos sitios, em que se ajuntam em matas, uma physionomia muito particular; na 2.ª região desapparecem estas *arvores sem folhas*, ou só se encontram cultivadas, e em logar d'ellas povoam-se as matas e as collinas de especies trepadeiras, de multiforme aspecto, fingindo ora *Convolvulaceas* (como as *Dalechampias*), ora *Urticaceas* (como os generos *Tragia*, *Acalypha* e *Croton*), ora *Leguminosas*, como certas especies de *Phyllanthus*. Tambem não faltam fórmas arbustivas e mesmo arvores que imitam o porte de *Malvaceas*, *Rhamnaceas* ou *Laurineas*, e até o das *Menispermaceas!* Na 3.ª região apparecem, junto com algumas fórmas arborescentes da região anterior, outra vez e com maior frequencia, as *Euphorbias cactiformes*, representando porém n'esta região, com preferencia, as *Opuncias achatadas* da cohorte *cactacea*. A *Euphorbia prostrata* Ait. e a E. *hyperici-folia* Lin., bem como a maior parte das especies de *Phyllanthus*, estão espalhadas por todas as tres regiões. A *Jatropha gossypiifolia* cresce só no littoral: as *Bridelias* e *Alchorneas* adornam a 2.ª região, e uma *Euphorbia* arborescente, muito similhante á *Euphorbia Nereifolia* Lin., encontra-se exclusivamente nos bosques arenosos á borda do rio Quanza. A madeira das especies lenhosas é quasi geralmente muito prestavel.
LII. **TEREBINTHINAS.** 154. **Anacardiaceas.** (includ. Spondiaceas.)	15	<	<	<	A *Mangueira* (*Mangifera indica* Lin.), e o *Cajueiro*, (*Anacardium occidentale* Lin.) são geralmente cultivados em toda a provincia; mas a Mangueira já	*N. B.* As *Anacardiaceas* indigenas da Flora Angolense compõem-se mórmente dos generos *Sorindeia*, *Odine* e de tres ou quatro especies arbustivas de um genero visinho ao

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alloplana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					não se dá muito bem na 3.ª região. Uma arvore mui vistosa, do grupo das *Spondiaceas*, que os indigenas chamam ***Muguenga***, e que dá fructos comestiveis, é muito vulgar, tanto silvestre como cultivada, em todas as tres regiões.	*Rhus*, e todas ellas são habitantes das regiões elevadas, bem como a maior parte das varias especies de *Spondias*, que abundam nas matas da 2.ª região, fornecendo uma d'ellas (o ***Mussondo*** dos indigenas) fructos comestiveis, imitando a *Uva ferral* na fórma e na côr, mas pouco saborosos.
155. **Burseraceas.**	1	0	∧	∧	0	Uma arvore de altura mediana, raminhos ferrugineo-tomentosos, e folhas pinnuladas com duas estipulas grandes na base de cada folha, representa as Burseraceas angolenses. O tronco d'esta arvore contém uma resina aromatica, e os fructos são oleosos. Parece ser uma especie de *Canarium*, e estou á espera de ver e examinar as flores, para então poder designar com exactidão o genero a que pertence.
156. **Connaraceas.**	8	0	<	<	0	As *Connaraceas*, constando pela maior parte de arbustos ou trepadeiras lenhosas dos generos *Cnestis* e *Rourea*, fórmam um grande enfeite nas matas virgens da 2.ª e 3.ª região, por causa de seus fructos singulares, quasi sempre cobertos de um velludo coccineo. Duas ou trez especies ha, que no seu porte muito se parecem com o genero *Averrhoa* das *Oxalideas*. O velludo escarlate, que reveste os fructos de algumas especies, excita na pelle a mesma forte *comichão* que as *Urtigas!*
157. **Ochnaceas.**	4	0	<	>	0	Esta familia das *Ochnaceas*, postoque pouco numerosa em especies, todavia se torna notavel pela elegancia do porte, lustro particular das folhas e brilho das flores e fructos, e não menos pelo grande numero de individuos, em que algumas especies arbustivas apparecem, formando em certos sitios da 2.ª região, junto com *Chailletias*, *Rubiaceas* e *Filices*, o mato baixo das florestas.
158. **Zanthoxylleas.**	5	0	<	>	0	Compõe-se a familia das *Zanthoxylleas* quasi inteiramente de arvores grandes de magnifico porte, que dominam a vegetação circumvisinha com as suas formosas copas de lucida folhagem; os troncos d'estas arvores são quasi sempre arma-

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região – R. Littoral.	2.ª Região – R. Montanhosa.	3.ª Região – R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						dos de tuberculos ponteagudos, e a madeira de todas as especies é excellente, e não raras vezes de côr amarella assetinada. São mais frequentes na 2.ª do que na 3.ª região, onde diminuem rapidamente em numero de especies e de individuos. O famoso *Paco bólo* de Golungo Alto, uma das arvores mais valiosas de construcção, é um *Zanthoxyllon*.
159. **Zygophyllaceas.**	3	Λ	0	0	0	As *Zygophyllaceas* da Flora Angolense constam de algumas especies do genero *Tribulus* e do *Zygophyllum simplex* Lin., crescendo todas ellas na região littoral. Uma elegante e nova especie de *Tribulus* (*Trib. micans.* Welw.) embelleza com grandes e innumeraveis flores côr de oiro e muito lustrosas, as praias arenosas de Loanda, e principalmente as extensas areias da ilha *Cazanga*.
LIII. **GRUINALES.**						
160. **Cochlospermaceas.**	1	0	Λ	Λ	0	A familia das *Cochlospermaceas*, modernamente estabelecida e bem caracterisada por *M. Planchon*, conta por ora só um unico representante na Flora Angolense, o qual é uma linda arvoresinha com o porte malvaceo, ornada de grandes e brilhantes flores amarellas. Habita as collinas aridas de Golungo Alto e Ambaca, e bem assim as margens arenosas do rio Quanza. Os indigenas chamam-a *Borotuto*, e fabricam da entrecasca d'ella umas cordas grossas mas fortissimas. O tronco abunda em succo amarello! Fórma uma nova especie de *Cochlospermum*, que descrevi com o nome de *Cochlospermum angolense*.
161. **Linaceas.**	3	0	Λ	Λ	O *Linho* (*Linum usitatissimum* Lin.) cultiva-se, postoque em limitada porção, nos contornos de Pungo Andongo, mórmente por causa da applicação das sementes oleosas para cataplasmas.	As *Linaceas* indigenas consistem em duas ou talvez tres especies do genero *Hugonia*, cuja verdadeira collocação systematica ainda é um problema dos phytographos. São as *Hugonias* formosas trepadeiras arbustivas, de um porte muito particular, ora trepando nas arvores, ora cobrindo com densas moitas os declives de rochedos; as suas flores amarellas parecem-se algum tanto

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região–R. Littoral.	2.ª Região–R. Montanhosa.	3.ª Região–R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						com as do *Linum flavum* Lin., mas a folhagem lustrosa composta de folhas largas, coriaceas e sempre verdes, é muito differente da de todas as *Linaceas*, das quaes as *Huganiaceas*, depois de se acharem descobertas em maior numero de especies e talvez de generos, provavelmente hão de ser separadas, e elevadas a familia autonoma.
162. **Oxalideas.**	3	0	∧	∧	0	Uma especie de *Oxalis* abunda em sitios cultivados, e terrenos um tanto humidos da 2.ª região; as mais especies de *Oxalideas* que encontrei, pertencem ao genero *Biophytum*, e são particulares á 3.ª região, onde habitam nos declives cobertos de capim curto, na visinhança de regatos; uma especie é sem duvida o *Biophytum sensitivum* D. C., mas a outra é nova (B. *Umbraculum Welw.)*, e ambas ellas tornam-se curiosissimas pela grande sensibilidade das folhas, que é igual se não maior á das *Mimosas*.
163. **Balsamineas.**	3	0	∧	∧	A *Impatiens Balsamina* Lin. *(Papagaios dos portug.)* é cultivada por alguns curiosos, e não desgosta do clima angolense. (Synon. *Melindres.)*	*N. B.* Foram encontradas duas especies do genero *Impatiens;* uma, e a mais vistosa, de grandes flores violaceo-purpureas, á borda de regatos e lagôas em Cazengo, Golungo Alto e Ambaca, e outra de flores menos conspicuas, em barrancos humidos do recinto de Pungo Andongo. A familia das *Balsamineas*, até agora ainda não tinha sido introduzida na Flora da Africa tropical.
LIV. **CALICIFLORAS.**						
164. **Combretaceas.**	28	<	<	<	0 A *Terminalia Catappa* Lin., vistosa arvore das Antilhas, cujos fructos encerram uma amendoa mui saborosa, merecia bem a introducção em Angola; já se acha introduzida em algumas ilhas de Cabo Verde, onde se dá soffrivelmente.	As *Combretaceas*, que formam um dos maiores encantos das regiões elevadas do territorio angolense, acham-se só parcamente representadas na região littoral, aindaque uma especie (*Laguncularia racemosa* Gaertn.) é a fiel companheira da *Rhizophora Mangle* em toda a costa d'esta provincia. Mas na 2.ª e 3.ª região multiplica-se rapidamente o numero das especies, e tambem o dos individuos, ornando, em fórma de multicolores trepadeiras ou de ar-

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						vores com o *porte myrtaceo*, os campos abertos, as margens das matas virgens, e os sitios pedregosos. Um grande numero de especies trepadeiras cobrem-se de tamanha quantidade de flores escarlates, dispostas em corymbos largos ou penachos verticillados, que tingem espaços consideraveis de mato baixo de brilhantissima côr de fogo. Na 3.ª região ellas apparecem ainda mais frequentes; mas em logar de trepadeiras de flores coccineas, encontram-se agora arvores de flores brancas ou amarellas, que por serem notaveis por suas copas redondas e mui frondosas, formam uma feição caracteristica dos matos ao longo do rio Quanza. Muitas especies, mórmente as raizes e cascas d'estas, entram na mysteriosa *Materia medica* dos curandeiros pretos, e a madeira da maior parte das especies arborescentes é sem duvida excellente material para construcções domesticas, bastando nomear o *Guçusu* do Golungo Alto e a *Muéia* de Pungo Andongo, arvores muito estimadas pelo valioso prestimo de suas madeiras.
165. **Rhizophoraceas.**	1	Λ	0	0	0	O *Mangue* (*Rhyzophora Mangle* Lin.) é muito vulgar em toda a costa da provincia, formando em logares pantanosos da praia e á borda de rios, que conduzem agua salobra, densissimas e sempre verdes espessuras ou mesmo matas altas. A madeira dos *Mangues* é considerada como muito util para varias construcções, e a casca abunda em principios adstringentes, proprios para cortir coiros. Este *Mangue*, a que dão o nome de *Mangue da praia* ou *Mangue vermelho*, não se deve confundir com o chamado *Mangue do monte*, ou *Paco*, o qual fórma um novo genero da familia das *Rubiaceas*, fornecendo uma das mais estimadas madeiras que produzem as matas virgens da 2.ª região (*Corynanthe* Welw.).

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região —R. Littoral.	2.ª Região —R. Montanhosa.	3.ª Região —R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
166 **Oenotheraceas.**	7	<	<	<	0	Todas as plantas d'esta familia, descobertas até agora n'este territorio, são especies herbaceas do genero *Jussiaea*, e costumam crescer em logares pantanosos e nas varzeas ao longo de rios; augmentam em numero de especies e de individuos gradualmente, desde a costa até ás regiões superiores; a maior parte são vegetaes pouco conspicuos, que nada participam da elegancia e belleza das *Oenotheraceas americanas* tão admiradas nos generos *Oenothera Godetia*, *Clarkia* e *Fuchsia;* mas apesar de tudo isso as *Jussiaeas* se tornam curiosissimas e bem apreciadas de todos os que cultivam a *Sciencia amabilis*, porque eternisam o nome do engenhoso fundador do *Methodo natural*, *Antonio Lourenço de Jussieu*.
167. **Halorageas.**	1	∧	0	0	0	Encontrei no rio Dande uma especie de *Halorageas*, pertencente provavelmente ao genero *Myriophyllum;* mas achando-se os exemplares sem fructificação, é só mediante uma cuidadosa comparação com as especies actualmente descriptas, que esta poderá ser classificada com a necessaria exactidão.
168. **Lythraceas.**	10	<	<	<	0	As *Lythraceas* consistem todas em humildes plantas annuaes; assás raras na 1.ª, e pouco frequentes na 2.ª região, mas frequentes nos terrenos pantanosos e prados humidos ao longo do rio Quanza, desde Pungo Andongo até Quisonde. A maior parte das especies pertence aos generos *Ammannia* e *Ameletia*, e posto que sejam plantas tão pequenas, que com rasão podem considerar-se como *pygmeus da Flora Angolense*, algumas não deixam de ser elegantissimas, empuanto que outras se tornam muito notaveis pela côr rubra ou coccinea, de que se tingem os caules, as folhas e os calices na epocha da fructificação, apparecendo ás vezes em tão grande numero de individuos muito juntos, que vistas de longe fingem de alcatifas purpureas, estendidas sobre os prados verdejantes.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
LV. **MYRTIFLORAS.**						
169. **Melastomaceas.**	15	0	<	<	0 Obs. Uma liada arvoresinha d'esta familia (do grupo das *Memecyleas)* indigena das florestas de Pungo Andongo, dá por fructo umas bagas azuladas, as quaes não deixam de ser saborosas, e tingem quando comidas os beiços *de côr preta*, indigitando assim a origem da palavra *Melastoma*, a qual, como é sabido, quer dizer *Bôca preta.*	O numero, proporcionalmente muito limitado, em que as *Melastomaceas* até agora foram encontradas no territorio angolense, apesar dos cuidados que empreguei na sua investigação faz-me crer, ou que ellas em geral são menos frequentes na Africa austral, do que ao norte do equador d'este continente, ou que o maior numero d'ellas só se encontra no alto-plano do Songo, Duque de Bragança e outras terras a léste do territorio, por mim até agora explorado.
170. **Myrtaceas.**	9	0	<	<	A *Guiaveira Psidium Guaiava* Radd.) e o *Araçareiro (Psidium Araçá*, Radd.) são cultivados geralmente em quasi toda a provincia, e este ultimo cresce tambem espontaneamente nas visinhanças de povoações. A *Pitangueira (Eugenia uniflora* Lin.) e a *Romeira (Punica Granatum* Lin.) é cultivada só por alguns curiosos. O *Jamboeiro* (*Jambosa vulgaris* D. C.) tambem não está muito vulgarisado n'este paiz, e eu ainda não consegui provar d'elle fructos saborosos, pois os Jambos, cultivados em Golungo Alto, não são muito perfeitos, aindaque não lhes falta o *cheiro* de *rosa*, que caracterisa esta fructa, originaria da India. Entre as muitas arvores, tanto ornamentaes como fructiferas da cohorte das *Myrtifloras*, cuja introducção n'este paiz se tornava proveitosa, julgo dever lembrar principalmente o bello *Castanheiro do Maranhão*, *(Bertholletia excelsa Humb.)* e duas especies de *Lecythis*, chamadas pelos brazileiros *Sapucaias (a ordinaria* e a *Sapucaia branca)*. Os fructos de todas estas arvores encerram grandes amendoas, mais ou menos similhantes no gosto a castanha.	*N. B.* As *Myrtaceas* verdadeiramente indigenas de Angola, não são numerosas, a não ser que nas terras situadas mais para o Oriente da provincia talvez se tornem mais frequentes. Uma especie do genero *Syzygium*, magnifica arvore de cem e mais pés de altura, e com uma magestosa copa sempre verde, enfeita as margens de riachos em Golungo Alto e Cazengo. As mais especies indigenas pertencem ao genero Eugenia, e são só arbustivas. O que porém me parece digno de mencionar n'este logar, é a immensa quantidade de *Guaiaveiras (Psidium Guaira Raddi)*, que se encontram, formando não raras vezes densas matas, em muitas ilhas, situadas no rio Quanza, e principalmente nas de *Quitage*, *Bumba* e *Calemba;* os fructos são iguaes em côr e cheiro ás Guaiavas geralmente cultivadas, mas muito maiores e mais saborosos. Só uma investigação circumspecta, no interior mais remoto deste continente, poderá resolver o problema, se estas arvores, que actualmente se reputam originarias da America, tambem são indigenas de Africa, ou se ellas só resultam da cultura anterior, e por conseguinte da sua introducção em tempos remotos. Quasi as mesmas duvidas, respectivamente á sua verdadeira origem, se me offerecem em relação a uma es-

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
						pecie arbustiva do genero *Jambosa*, que encontrei á borda de regatos de Alta Queta, (serrania alta de Golungo Alto), a qual ahi cresce em tamanha quantidade e em sitios tão desertos e remotos de habitações, que parece ser realmente indigena d'aquella região.
171. **Napoleonaceas.**	1	0	∧	0	0	O genero *Napoleona*, estabelecido por *Palisot* na Flora de Owar, encerrava até agora tres especies arbustivas, originarias todas dos paizes ao norte do equador entre os rios Senegal e Niger. Uma quarta especie que encontrei na serrania de Alta Queta em Golungo Alto é *arborescente*, de doze até quinze pés de altura, assimilhando-se no porte e na lucida folhagem a uma luxuriante Camellia; as flores d'esta especie são brancas no principio, passando depois a côr de rosa, e tornando-se finalmente amarellas. (*Napoleona angolensis* Welw.) Obs. O *Asteranthos brasiliensis Desf.*, o qual como agora dizem, é mais provavelmente de origem africana, foi por mim *debalde* procurado.
LVI. **ROSIFLORAS.**						
172. **Rosaceas.**	2	0	∧	»	*Uma Roseira (Rosa gallica* Lin. Var?) é cultivada nos jardins e arimos dos colonos em muitos sitios da provincia; não gosta muito do clima littoral, mas dá-se bem na 2.ª região e perfeitamente na 3.ª mórmente nos contornos de Pungo Andongo. *N. B.* Seria muito conveniente introduzir em Angola a *Brayera anthelminthica* Kunth, arvore da Abyssinia, ahi chamada *Cusso* ou *Cabotz*, e muito celebrada por fornecer na infusão das suas flores um remedio certo contra a *Tenia* ou *Solitaria*. Tambem a cultura dos *Morangos (Fragaria vesca* Lin.) merecia bem uma tentativa nos arimos humidos e sombrios da 2.ª e 3.ª região, e mesmo na	*N. B.* A falta completa de *Rosaceas* na *Africa tropico-occidental* já foi estranhada pelo sabio collaborador da *Flora Nigritiana*, *S. G. Bentham*, e os resultados pouco satisfactorios das minhas cuidadosas investigações a este respeito parecem confirmar, se não a falta absoluta, ao menos a summa escassez de vegetaes da familia das *Rosaceas* no territorio angolense. Só uma especie do genero *Rubus*, formando uma trepadeira arbustiva, foi encontrada nas densas matas do sobado *Quilombo* em Golungo Alto, e parece ser identica ou pelo menos visinha do *Rubus apetalus* Poir., descoberto na *ilha de França*, pois as flores da planta angolense são tambem perfeitamente *apetalas*, e as folhas *pinnuladas*, etc.

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região – R. Littoral.	2.ª Região – R. Montanhosa.	3.ª Região – R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
173. **Chrysobalaneas.**	3	Λ	Λ	0	1.ª, nas margens dos rios Bengo e Dande. 0 A *Moquilea grandiflora* Mart., arvore pernambucana, cujos fructos são muito estimados para sobremesa (chamados *Guiti* ou *Oiti* pelos brazileiros) recommenda-se por isso para ser introduzida e generalisada n'esta provincia, mórmente nas margens dos rios Bengo e Dande.	O *Chrysobalanus Icaco* Lin., (*Jingimo* ou *Jinginro* dos indigenas) cresce em abundancia ao longo da costa, ora em fórma de um humilde arbusto de dois pés apenas de altura, como, por exemplo, nos territorios do Mossulo e do Ambriz, ora formando elegantes arvoresinhas de seis até oito pés de altura, como se encontra nas ilhas de Loanda e Cazanga. As folhas d'este vegetal, mórmente quando recentes, abundam em materia adstringente, e por isso os pescadores d'esta costa se servem d'ellas, ou pisadas ou em cozimento, para tingir as redes, que assim se tornam mais duradouras e fortes. Os fructos do *Jingimo*, que quando bem perfeitos e maduros chegam ao tamanho de uma pequena tangerina, são de côr rôxa ou negro-purpurea, e não deixam de ser saborosos, aindaque pouco succulentos e um tanto adstringentes; ha-os tambem de côr amarella, e esta variedade é provavelmente a que foi descripta por Sabine como *Chrysobalanus luteus*, no tratado que publicou *sobre os Fructos comestiveis da Africa tropical*. Nenhuma especie de *Parinarium* foi encontrada até agora; mas nas matas virgens da 2.ª região achou-se uma linda arvore de um novo genero de *Chrysobalaneas*, o qual se torna curiosissimo pelo que respeita á estructura das flores, cujos numerosos estames unilateraes, reunidos em uma especie de semicylindro e incluindo o estilete, mostram com a maior evidencia a intima relação d'esta familia com a visinha cohorte ou classe das *Leguminosas*; chamei a esta arvore *Dactyladenia floribunda*.
LVII. **LEGUMINOSAS.** 174. **Robiniaceas.** (Papilionaceae Auct. pr. pte.) (Fabaceae, Sub-Ord. I Lindl. V. K.)	230	<	<	<	Entre as plantas cultivadas, em maior ou menor escala, pertencentes á familia das *Robiniaceas (Papilionaceas)* merecem a principal menção as seguintes:	Esta familia, a mais vasta de todas quantas se contam no globo terrestre, e a mais numerosa em especies da zona equinoxial, acha-se por conseguinte tambem na Flora an-

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região–R. Littoral.	2.ª Região–R. Montanhosa.	3.ª Região–R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					1.ª *Feijoeiro (Feijão)*, (*Phaseolus vulgaris* Lin.): cultiva-se em toda a provincia, e mais de vinte e cinco variedades, differentes na fórma, côr e tamanho das sementes; uma variedade branca, de fórma elliptica e casca fina, é tida como a mais saborosa. 2.ª *Feijão espadinho* (*Phaseolus lunatus Lin.*): é só raras vezes cultivado. 3.ª *Jinguba*, (*Arachis hypogaea* L.): é cultivada em grande escala, mórmente no districto de Ambaca, tanto para consummo em grão, como para extrahir o azeite. 4.ª *Feijão macundi* (*Vigna unguiculata Walp.*): cultiva-se em abundancia, mórmente em terras um tanto húmidas. 5.ª *Jinsonge* ou *Quinsonge* (*Cajanus indicus*, Spr.): é cultivado geralmente, mas não em grande escala como merecia. 6.ª *Viélo* ou *Jinguba de Cambambe* (*Voandzeia subterranea*, *Arachis africana Burm.*): cultiva-se mórmente nos districtos de Pungo Andongo, Cambambe e Ambaca, e devia ser mais generalisada a sua cultura. 7.ª *Ervilhas* (*Pisum sativum*): cultiva-se a ervilha ordinaria e a ervilha *torta*. 8.ª *Favas* (*Faba vulgaris* Mch.): cultivam-a só poucos curiosos, e raras vezes chega a perfeição. 9.ª *Cafoto* (*Tephrosia inebrians*, Welw. n. espec.): arbusto ou arvoresinha elegante, tambem indigena de Angola; é cultivada para apanhar peixes, pois as folhas e ramos d'este arbusto, bem pisadas e deitadas nos rios, embriagam os peixes, tornando assim o apanho d'elles facillimo. 10. *Muxiri* (*Muxiria utilis* W.): arbusto pequeno, indigena das margens do Quanza, é ás ve-	golense representada em grande abundancia de especies, e igualmente de individuos. Já na região littoral os generos *Crotalaria*, *Indigofera* e *Tephrosia* predominam, cada um d'elles em numerosas e multiformes especies, nos prados e areiaes, nas collinas, e á borda de rios e aguas estagnantes; varias especies de *Desmodium*, de *Sesbania* e *Aeschynomene* povoam os terrenos humidos; o *Drepanocarpus lunatus* e a formosa *Herminiera elaphroxylon* (Guill.) adornam, juntamente com lindas especies de *Vigna*, as margens dos rios *Bengo*, *Dande* e *Lifune*. E gradualmente, conforme a elevação successiva do paiz, multiplicam-se as especies, tornando-se estas cada vez mais arbustivas, ou mesmo arborescentes, de maneira que na 2.ª região varias arvores, e todas ellas muito vistosas, d'esta familia, constituem uma parte consideravel das matas virgens, nas quaes os generos *Milletia* (*Mutalla-menha* dos indigenas), *Pterocarpus* (*Tacula* dos indigenas), e varios generos ainda indescriptos, principalmente se distinguem. Uma *Erythrina* arborescente enfeita os campos pedregosos, e uma multidão de lindas trepadeiras de brilhantes cores e variadissimo porte adorna as margens de riachos, enlaçando-se em fórma de roscas nas arvores gigantescas até á copa d'estas, d'onde pendem depois em florigeras grinaldas. Esta grandiosa exposição de tudo que ha de mais bello e de mais curioso no reino vegetal não pára, mas continua e até augmenta na 3.ª região, na qual, com a pompa luxuriante das arvores e trepadeiras, outra vez apparecem numerosas, e na 2.ª região desconhecidas especies *herbaceas e sub-arbusticas* d'esta familia, as quaes estudadas com a necessaria exactidão, offerecerão uma copiosa colheita de generos novos ou apenas conhecidos. Não menos variada é a applicação e o uso que os habitantes fazem,

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					zes cultivado, porque as raizes servem, juntamente com as sementes de uma especie de *Eleusine*, chamada *Luco* pelos indigenas, para a fabricação de uma especie de cerveja, chamada *Odla*. *O Anil*, espontaneo em muitos logares, (*Indigofera anil* e *Indigofera tinctoria* L.), é cultivado sómente em pequenas porções, bem como a *Dongaluta* (*Hedyscroideae?*), cujo rhizoma carnoso-fibroso, reduzido a pó, é considerado como o mais proficuo remedio da angina gangrenosa.	principalmente das raizes, da casca e da madeira das *Robiniaceas*, como isso é notorio a respeito da *Erythryna* (*Mulungo*), da *Tacula*, da *Mutala-menha*, e do chamado *Páo quisecua* (esp. de *Milletia*), cujas madeiras etc. são muito apreciadas em todo o sertão angolense.
175 **Caesalpiniaceas.** (Fabaceae Subord. II. Lindl. V. K.)					O *Tamarinheiro* (*Tamarindus indica* Lin.) é cultivado frequentemente na 1.ª região; mas apesar de se encontrar em varios sitios, crescendo espontaneamente á borda de rios, é certo que foi introduzido da India; na 2.ª região não o encontrei muitas vezes, e ainda mais raro se torna na 3.ª região. A *Poinciana pulcherrima* Lin. cultiva-se geralmente em toda a provincia, e dá-se muito bem em todas as tres regiões, chegando ás vezes, como por exemplo em Pungo Andongo, a formar arvoresinhas bem copadas, as quaes cobrindo-se de innumeraveis flores do mais vivo escarlate tornam-se formosissimas. O cozimento das raizes d'este arbusto é administrado pelos curandeiros pretos nas febres intermittentes, e a infusão das folhas faz, como affirmam, as vezes das folhas do senna ou senne. Entre as especies d'esta familia, cuja introducção se devia tentar, mórmente na arborisação dos contornos de Loanda, julgo dever nomear: 1.ª A *Alfarrobeira do Algarve* (*Ceratonia Siliqua* Lin.) 2.ª A *Olaia* (*Cercis Siliquastrum*). 3.ª A *Gleditschia tria-*	*N. B.* As *Caesalpiniaceas* são muito raras na região littoral, e sómente representadas por algumas especies dos generos *Cassia* e *Bauhinia*; a *Parkinsonia* e bem assim a *Guilandina*, apontadas como arvores vulgares na costa d'Africa tropical ao norte do equador, devem ser rarissimas, ou faltam talvez inteiramente no littoral angolense, pois ellas foram por mim debalde procuradas até agora. Na 2.ª região porém apresentam-se repentinamente numerosas e mui curiosas especies d'esta familia, tanto arbustivas como arborescentes e trepadeiras; a elegante *Cassia mimosoides* Lin., com mais tres ou quatro especies não menos vistosas, e uma arborescente, d'este mesmo genero, enfeitam as matas virgens; os generos ainda mal determinados *Mezoneurum*, *Berlinia*, *Baphia* e *Anthonota* apresentam varias e pela maior parte novas especies, e uma *Afzelia*, com a copa em fórma de chapéu de sol, acompanhada de duas especies arborescentes de *Bauhinia*, encontram-se cada vez mais frequentes, aindaque por ora sómente misturadas com as variadas arvores de outras familias. Na 3.ª região muda tudo isto; pois se multiplicam ahi os individuos das *Caesalpiniaceas* arborescentes de tal maneira, que chegam a formar, ao menos em certos sitios, quasi

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região—R. Littoral.	2.ª Região—R. Montanhosa.	3.ª Região—R. Alto plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					canthos, que é o *Espinheiro da Virginia*, Todas estas arvores são de bello porte, contentam-se com terrenos menos substanciosos e até um tanto seccos e pedregosos. • *N. B.* Uma especie arborescente do genero *Cassia*, cujas vagens de dois até tres palmos de comprido muito se parecem com as da *Cassia Fistula* Lin., encontra-se, aindaque raras vezes, nas matas do presidio de Pungo Andongo, tornando-se mais frequente nas terras do Songo e do Congo oriental, aonde os indigenas a chamam *Mossambe*, e aos fructos *Mósua;* estes ultimos apresenta-los-hei á Sociedade Pharmaceutica de Lisboa, para serem examinados e competentemente avaliados por esta distincta corporação scientifica.	exclusivamente as matas do alto plano de *Pungo Andongo*, conhecidas ahi pelo nome de *Matas de Panda*, cuja *physionomia* e *caracter phytographico* são totalmente differentes dos das matas virgens de Golungo Alto e de outros districtos pertencentes á 2.ª região. A madeira da maior parte das arvores, comprehendidas na familia das *Caesalpiniaceas*, fornece bom material para varias construcções domesticas, e a do *M-Pundo* (especie de *Afzelia)* é muito procurada pelos indigenas, para obras de mimo, v. g., *vaquetas* para o toque de *marimbas*, instrumento principal de musica dos indigenas d'este sertão. Entre as plantas medicinaes d'esta familia, merecem ser mencionadas: o *Mutólo (Bauhinia* sp.), cujas cascas em cozimento limpam promptamente as ulceras impuras, e a *Mudianhoca* (especie herbacea de *Cassia)*, cuja raiz muito amarga é com bom resultado empregada contra as febres intermittentes.
176. **Mimosaceas.** (Fabaceae. Subord. III. Lindl. V. K.	28	<	<	>	Uma unica especie d'esta tão vasta familia se encontra postoque raras vezes, cultivada pelos indigenas, e é a bem conhecida *Esponjeira (Vachellia Farnesiana Wigth.)*, que tambem se cultiva em Portugal por causa do cheiro muito agradavel das suas flores; os pretos porém cultivam esta arvoresinha por motivo dos seus fructos ou vagens, que entram como material principal, na preparação de tintas pretas, com que tingem os tecidos, chamados de *Mabella* ou *Mabéla*, feitos de folhas de palmeira. *N. B.* A *Parkia africana* Br., arvore vistosa d'esta familia das *Mimosaceas*, indigena da costa ao norte do equador, desde Serra Leôa até ao Gabão, bem merecia ser generalisada em Angola por causa da grande quantidade de se-	A familia das *Mimosaceas*, com justa rasão collocada no tope da multiforme serie dos vegetaes, encontra-se representada com mais ou menos frequencia em toda a provincia, distribuida porém de maneira que é mais escassa em especies na região littoral, augmentando-se gradualmente para o interior do paiz, e apparecendo na 2.ª região em tamanho numero de individuos arborescentes, que chega a constituir a feição mais eminente d'esta região. No littoral predominam em sitios humidos algumas especies arbustivas de *Mimosa*, e em terrenos seccos ha frequentemente espessos matos baixos compostos exclusivamente da elegantissima *Dichrostachys nutans Benth*; emquanto que as collinas mais elevadas em muitos logares estão cobertas de matos ralos de *Acacias espinhosas*, chamadas *Espinheiros*. Na margem inferior da

Classes ou cohortes e familias naturaes da Flora Angolense.	Numero das especies encontradas de cada familia.	1.ª Região–R. Litoral.	2.ª Região–R. Montanhosa.	3.ª Região–R. Alto-plana.	Especies cultivadas das respectivas familias.	Observações mixtas mórmente chorographicas.
					sementes comestiveis que fornece. Encontrei nas matas de Pungo Andongo uma especie de *Parkia;* mas não cheguei a poder colligir as sementes, porque os macacos, tão numerosos n'aquelle territorio, comiam todas as vagens mesmo ainda sobre verdes.	2.ª região, uma segunda especie de *Dichrostachys (D. platycarpa* Welw.) constitue extensas florestas de pouca altura, mas de admiravel elegancia, e de ahi por diante apparecem varias especies de *Inga*, *Acacia* e *Zigia* a cada passo em maior numero de individuos, ora só matizando as florestas, compostas de *Sterculiaceas*, *Figueiras*, *Celtideas*, etc. com verdura mais clara e mais resplandecente, ora constituindo a parte principal e caracteristica d'aquellas matas. Nem faltam entre as *Mimosaceos angolenses* as fórmas trepadeiras, pois uma especie de *Entada* com vagens de tres até quatro pés de comprido, e uma linda *Acacia* de *tronco pentagono* pertencem ás trepadeiras mais gigantescas das matas virgens do Golungo Alto e Cazengo. Na 3.ª região as Mimosaceas ainda são frequentes, e mesmo representadas por alguns generos novos, nos contornos de Pungo Andongo e de Pedras de Guinga; mas de lá para léste ellas diminuem pouco a pouco, mórmente em numero de individuos, sendo ahi substituidas, como já fica dito, pelas *Caesalpiniaceas*, as quaes predominam na composição, e por conseguinte tambem na physionomia das extensas matas, que acompanham as margens do magestoso Quanza. A maior parte das *Mimosaceas* largam gommas de varia qualidade e em abundancia; e as cascas de muitas d'entre ellas, principalmente a da arvore chamada *Muzemba (Inga sp.)*, fornecem optimo material para curtir coiros; a madeira d'estas arvores só é proveitosa quando procede de individuos bem adiantados em idade.

OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS.

Depois de haver exposto, em serie ascendente, desde as infimas *Algas* e humildes *Musgos* até ás sensitivas *Mimosaceas*, todas as ordens naturaes, cujas especies mais ou menos numerosas compõem a variada vegetação d'esta provincia de Angola, não parece inconveniente indicar, aindaque por ora sómente em traços rapidos e geraes, alguns dos resultados, que, mórmente debaixo do ponto de vista phyto-geographico, se tornam mais notaveis, e os quaes, pela revista da exposição feita no respectivo mappa, espontaneamente se manifestam.

Antes de tudo cumpre-me observar n'esta occasião, que todos os *dados*, tanto *estatisticos* como *chorographicos*, que se acham mencionados n'este esboço, são documentados por exemplares bem preparados das respectivas especies, conservados no Herbario Angolense, podendo d'este modo ser examinados e verificados em todos os casos duvidosos; e foi principalmente para este fim, que tratei, durante as viagens da exploração, não sómente de arranjar a collecção, que me é indispensavel para a futura publicação da Flora d'este paiz, mas de preparar sempre que foi possivel, alguns exemplares sobrecellentes, no intento de assim poder coordenar, e pôr á disposição do governo portuguez, um Herbario assás completo da Flora de Angola, alem de algumas collecções parciaes, destinadas a outras corporações scientificas, cujo benevolo auxilio na elaboração da referida Flora mister será solicitar, a fim de se poder esta publicar com a desejavel brevidade.

Garantido d'est'arte o valor dos dados apresentados, progrido na enumeração d'aquellas familias ou ordens naturaes, que não se achando até agora introduzidas nas varias publicações sobre a Flora tropico-africana, devem ser consideradas como uma nova conquista para o mencionado territorio. E porque asserções d'esta natureza forçosamente devem apoiar-se em fundamentos solidos, tomei por base e norma a supra- indicada *Flora Nigritiana*, publicada por Sir W. I. Hooker, visto ser esta obra o catalogo mais moderno dos vegetaes da Africa tropico-occidental, considerando todas as familias, n'ella ainda não apontadas, como novo acrescimo á referida Flora; submettendo todavia a rectificação d'estas minhas asserções ao juizo indulgente d'aquelles Phytographos, que, relativamente a meios litterarios, se acham em circumstancias mais favoraveis, do que um viajante no sertão africano.

ENUMERAÇÃO DAS ORDENS NATURAES DE VEGETAES ATÉ AGORA NÃO MENCIONADAS NAS PUBLICAÇÕES CONCERNENTES Á FLORA DA AFRICA TROPICO-OCCIDENTAL, E ENCONTRADAS EM ANGOLA.

A. ACOTYLEDONEAS.

Esta numerosa secção, designada geralmente com o nome Linneano de *Cryptogamas*, e da qual consegui colligir em Angola perto de 750 especies, acha-se inteiramente desattendida em quasi todas as publicações concernentes a este objecto, e assim tambem na Flora Nigritiana, pelo motivo, como dizem os auctores d'ella, de serem as especies colligidas, tão escassas em numero e tão pouco curiosas, que não podiam dar idéa nenhuma da vegetação cryptogamica do paiz.

Entretanto devo notar, que uma synopse de certo numero de *Fungos* de Guiné foi publicada com o titulo de Fungi Guineenses por E. Fries, e que algumas especies de Algas da mesma costa se acham commemoradas no *Species Algarum* do Dr. Kützing. Sobre Lichenes, Hepaticas e Musgos da Africa tropico-occidental não me consta de publicação particular nenhuma. No já mencionado Appendice á Viagem do Capitão Tuckey, encontram-se apontados sómente os *Filices* (Fetos) colligidos durante aquella viagem pelo Dr. Chr. Smith, e que consistem em 22 especies. Conforme demonstra o mappa annexo a este esboço, o numero dos Fetos, que foram observados e colligidos em Angola, chega (incluindo as *Lycopodiaceas)* a 82 especies, pertencentes a 10 familias naturaes, entre as quaes as seguintes são novas para a Flora tropico-africana.

N.º 20 * — Cyatheaceas. (? Tribu das Polypodiaceas) (Vid. nota 1).
» 21 — Hymenophyllaceas.
» 24 — Marattiaceas.
» 25 — Ophioglossaceas. (Vid. nota 2).
» 26 — Salviniaceas.
» 27 — Marsilaeaceas.
» 28 — Isoetaceas.
» 29 — Lycopodiaceas.

B. MONOCOTYLEDONEAS.

N.º 32 — Antrolepideas. (Vid. nota 3).
» 33 — Dichrolepideas.
» 39 — Melanthaceas.
» 42 — Smilacineas.
» 46 — Irideas. (Vid. nota 5).
» 47 — Vellosiaceas. (Vid. nota 4).
» 48 — Hypoxideas.
» 54 — Musaceas. (Vid. nota 6).
» 56 — Lemnaceas. (exclus. Pistia) (Vid. nota 7).

C. DICOTYLEDONEAS.

N.º 61 — Gnetaceas.
» 65 — Podostemaceas.
» 66 — Myricaceas. (Vid. nota 8).
» 78 — Santalaceas.
» 80 — Proteaceas. (Vid. nota 9).
» 81 — Aristolochias.
» 82 — Plantagineas.
» 89 — Oleaceas. (Vid. nota 10).
» 99 — Cuscutaceas.
» 105 — Primulaceas.
» 106 — Myrsinaceas.
» 110 — Araliaceas.
» 115 — Myristicaceas.
» 130 — Begoniaceas.
» 131 — Cactaceas. (Vide nota 11.)
» 144 — Cedrelaceas.
» 163 — Balsamineas.

Nota 1.—Um Feto arborescente, do grupo das Cyatheaceas, cresce exclusivamente, mas com abundancia, no recinto do presidio de Pungo Andongo, mórmente nas margens dos numerosos regatos, e nas encostas humidas dos penedos mais elevados do lado do norte do dito presidio; e como os troncos d'este vistoso vegetal, apesar de terem uma circumferencia de dois pés e meio ou mais, raras vezes excedem a altura de quinze pés, tendo muitos só dez até doze pés de alto, offerece esta circumstancia a mais opportuna occasião de se poder admirar muito de perto toda a singular belleza das suas largas copas, compostas de numerosas e recortadissimas frondes, de seis até oito pés de comprimento, e grupadas em fórma de palmeira; e tanto mais realça esta mimosa arvore Cryptogamica as paizagens summamente pittorescas do mencionado sitio, por se encontrar ali quasi

* Os numeros que precederem ás familias, referem-se á numeração correspondente ao mappa, secção 3.ª

sempre associada com uma robusta especie de *Musa*, cujas folhas glaucas e largas contrastam de um modo particular com a lucida verdura das frondes delicadas do Feto arboreo.

Nota 2.—A existencia de não poucas especies de *Ophioglossum* na 3.ª região da Flora Angolense, torna-se assás curiosa debaixo do ponto de vista phyto-geographico, porque até agora julgou-se todo este genero de Fetos estranho á zona da Africa tropical (confer. *I. Lindley, The Vegetable Kingdom*, pag. 77). Todas as especies observadas habitam o recinto de Pungo Andongo, crescendo em prados de solo arenoso-argillaceo dos valles estreitos entre os altos penedos; a maior parte das especies encontradas são plantas minimas, pouco ou nada maiores do que o *Phylloglossum Drumondii* Kunze, e por conseguinte ainda menores do que o bem conhecido *Ophioglossum lusitanicum* Lin., ao qual uma ou duas d'estas especies angolenses são muito similhantes no porte.

Nota 3.—Julguei dever estabelecer esta familia de *Antrolepideas*, que considero como inteiramente particular á Africa tropical, sobre um genero novo *(Antrolepis)* de plantas glumaceas, cujo porte, aindaque um tanto similhante a algumas *Cyperaceas cephalophoras*, offerece comtudo em algumas especies tanta extravagancia e discrepancia do typo *cyperaceo*, que já por isto só parece justificar a separação d'elle das mais *Cyperaceas*, formando um grupo novo, cuja collocação no systema deverá ser no tope da classe das *Glumaceas*, e na visinhança immediata das *Centrolepideas*. Emquanto não poder dispor de meios litterarios e de instrumentos aptos para elaborar uma descripção exacta d'esta curiosa familia e dos representantes d'ella, devo contentar-me em dar só uma breve noticia das especies que compõem o genero typico, que chamei *Antrolepis*. Todas as cinco especies até agora observadas são plantas paludosas, crescendo em pequenos cespedes, e emittindo numerosos caules gramineos (ou colmos), de um palmo ou palmo e meio de altura, bolboso-entumecidos e guarnecidos de folhas estreitas na base, lisos, direitos e não ramificados até acabar com a flor, a qual porém se parece mais com as flores de certas *Compostas* (ou *Asteraceas*) do que com as das *Glumaceas*. Representa esta flôr um disco convexo de côr alva, amarellada ou aurea, em que numerosissimas florinhas carnoso-glumaceas se acham densamente aggregadas, fingindo em tamanho e configuração, ora a flor da *Bellis perennis*, *flôre pleno*, ou de uma *Santolina*, ora a cabecinha raiada de uma *Anthemis*. Designei as cinco especies que encontrei, conforme a côr ou fórma das flores, com os nomes de *Antrolepis leucocephala*, *A. sulphurea*, *A. santolina*, *A. anthemiflora*, e á mais robusta de todas chamei *A. elata*.

Nota 4.—Ambas as especies de *Vellosias* são arbustos de dois até quatro pés de altura, tendo no apice dos ramos escamosos um pennacho de folhas estreitas, glaucas, coriaceas e viscosas, de cujo centro surgem as flores azues; a estructura das capsulas seminiferas differe um pouco da das especies brazileiras, e sendo exactamente examinadas, as *Vellosias* de Angola formarão talvez um novo genero. Crescem estas *Vellosias*, formando largas espessuras, nos declives mais ingremes e aridos dos altos penedos de Pungo Andongo, sendo-lhe disputada esta elevada mas sobria habitação, só ás vezes, por uma *Orchidea arbustiva* de folhas distichas e gordissimas, com flores racemosas côr de laranja, muito cheirosas. As *Vellosias* ainda não foram observadas até agora em nenhuma parte do continente africano.

Nota 5.—As *Irideas* da Flora Angolense, postoque não numerosas em especies, predominam comtudo entre as mais plantas florigeras da 3.ª região pelo immenso numero de individuos, e pelo brilho particular de multicolores *Gladiolus*, que enfeitam os prados dos contornos de Pungo Andongo. Achei em março de 1857 os declives aliás aridos das chamadas Pedras de Guinga (Penedos de Escorpião), cobertos de um lindo *Gladiolus* de flôr branca, emquanto que as varzeas verdejantes na base dos mesmos penedos se mostravam adornadas com uma segunda especie d'este bello genero, muito similhante ao soberbo *Gladiolus natalensis*. Outra *Iridea* que formará provavelmente um novo genero, visinho da *Montbretia* D. C., orna de innumeraveis flores azues os sitios agrestes e pedregosos, situados ao norte do presidio de Pungo Andongo, offerecendo, em consorcio com varias especies de *Indigofera* e *Tephrosia* de *fulgidas flores* coccineas, uma vista admiravel.

Nota 6.—A formosa especie de *Musa*, indigena da 3.ª região e frequente no recinto penhascoso de Pungo Andongo, torna-se muito notavel pelo seu tronco *engrossado na base, em fórma de bolbo gigantesco*, o qual não raras vezes tem dez e mais pés de circumferencia, e foi por isso que julguei dever chamar esta nova especie *Musa ventricosa*, não obstante o proverbio romano que diz: «Plenus venter non studet lubenter.» Cresce esta interessante especie, quasi sempre acompanhada com Fetos arborescentes, nos declives de penedos á borda de regatos, e junto ás numerosas cataractas que no dito presidio se despenham em toda a parte. Já no logar competente do mappa observei que as fructas d'esta bananeira não são muito saborosas, por conterem pouca polpa, e no mesmo logar tambem indiquei que ella *é sempre seminifera;* as sementes são pretas, de fórma e tamanho de uma pequena avelã, contendo um embryão fungiforme no centro do albumen farinaceo, o qual porém nem em todas as sementes se encontra bem desenvolvido. Os macacos, que nos mencionados rochedos habitam em tamanho numero que não raras vezes devastam extensas plantações de milho dentro em poucos dias, são tambem muito avidos das fructas d'esta bananeira, que os indigenas chamam *Quila-langoma*, emquanto que a bananeira ordinaria, que em toda a parte se cultiva, por elles é chamada *Dihonge*, e no plural *Mahonge*.

Nota 7.—Entre as *Lemnaceas* que foram observadas, alem da *Pistia Aratiotis*, no territorio angolense, uma pertence ao genero *Lemna*, formando uma especie muito distincta, por ter, apesar de outras particularidades, as *frondes na face superior carenadas;* ella cresce abundantemente em quasi todas as lagôas ao longo da costa, e nas aguas estagnadas á borda dos rios Quicombo, Loge, Lifune e Bengo, e convem designa-la com o nome de *Lemna equinoccial (Lemna aequinoctialis* Welw. mspt.); encontrei a segunda Lemnacea sómente no territorio do Ambriz, e esta parece-se muito com a *Lemna hyalina* Delil., que habita nas aguas do rio Nilo; a terceira é provavelmente identica á *Lemna globosa* Roxb., indigena da India oriental, e pertence como esta á secção das *Lemnas arrhizas*. Nunca encontrei nenhuma das tres especies fóra dos limites da região littoral, emquanto que a *Pistia* é vulgarissima em todos os rios, lagôas e aguas estagnadas de todas as tres regiões.

Nota 8.—O arbusto da familia das *Myricaceas*, encontrado em declives pedregosos do sitio chamado Pedras de Guinga (3.ª região), e que descreverei com o nome de *Myrothamnus flabellifolius*, offerece a particularidade de ter os *ramos* e *folhas oppostas*, em logar de *alternas*, como isso era de regra em uma especie *Myricacea!* As *espigas das flores masculinas*, e bem assim as *antheras*, parecem-se com as da *Comptonia asplenifolia*. De todas as partes d'este singular arbusto emana quando queimadas o mais agradavel cheiro, que imita o do incenso. O nome que lhe dão os indigenas é *Caxindeca-Ndange*.

Nota 9.—Duas especies das *Proteaceas*, observadas em Angola são sub-arbustivas, e pertencem sem duvida ao genero typico *Protea;* ambas ellas crescem em grande abundancia, formando largos cespedes nas collinas um tanto aridas da visinhança da grande cachoeira do rio Quanza desde Bumba até perto de Quizonde. Como ainda não tive occasião de examinar a *Protea abyssinica*, nem tão pouco a *Protea Paulina*, que foi ultimamente descoberta na Nubia, não posso por ora decidir, se as especies angolenses são identicas ou diversas, devendo contentar-me de haver assignalado a existencia d'esta familia na Africa austro-tropical.

A terceira especie de *Proteaceas*, marcada no mappa, é arbustiva, ou antes uma arvoresinha, e foi encontrada nas matas de Pedras de Guinga, mas sem fructificação, e por isso deve ser considerada problematica, até que uma observação ulterior rectifique esta indicação. Não posso deixar de acrescentar n'este logar, que a *existencia* de *Proteaceas*, dentro dos tropicos do continente africano, já foi prophetisada ha quasi meio seculo pelo eximio Phytologo *Robert Brown*.

Nota 10.—O genero novo de *Oleaceas*, mencionado no mappa, é assás visinho do *Noronhia* Pet. Th.; mas a corolla da especie angolense não é globulosa, e o caroço parece sempre unilocular; o porte d'esta arvore é perfeitamente o de uma oliveira de folhas largas, e mesmo os fructos imitam pequenas azeitonas. Parece ser um genero intermedio entre os de *Noronhia* e de *Olea*.

As tres especies de *Nathusia*, das quaes duas habitam nas matas ralas da 3.ª região, indicam, não menos do que as *Proteaceas*, certa analogia da Flora Pungo Andonguense com a da Abyssinia, pois uma das *Nathusias* andonguenses é até *identica* com a *Nathusia alata* Hochst, descripta como Abyssinica; é ella uma arvore de mediano porte, que no aspecto geral muito se parece com o Freixo da Europa, emquanto que as flores têem a estructura, configuração e o cheiro agradavel do Jasmim; as outras duas especies d'este genero, ambas tambem mui lindas arvores, são sobretudo notaveis por não terem as folhas *recortadas*, como a *Nathusia alata*, mas sim *inteiras*, aindaque relativamente a fórma, côr e cheiro suave das flores, e bem assim na organisação dos seus fructos lenhosos e pyriformes, concordam perfeitamente com a especie typica. O aroma delicioso que exhalam as flores d'estas vistosas arvores, desenvolve-se principalmente de tarde e durante a noite, perfumando as matas onde ellas habitam a grandes distancias. Tenho por muito provavel que ao menos duas especies de *Nathusia* se hão de dar menos mal ao ar livre nos jardins de Portugal, onde tratarei de introduzi-las mediante as sementes, que d'ellas colligi nos districtos de Golungo Alto e Pungo Andongo.

Nota 11.—A respeito da existencia de *Cactaceas* indigenas da Flora Angolense, já observei, no respectivo logar do mappa, que ambas as especies por mim encontradas, e que talvez só são variedades de uma especie polymorpha, pertencem ao genero *Rhipsalis*, e habitam as regiões elevadas do interior do paiz, em sitios caracterisados por uma vegetação particular, como o são os cumes de montanhas do sobado de Quilombo-Quiacatúbia no districto de Golungo Alto, e os elevados penedos de Pungo Andongo. Por esta circumstancia devo por emquanto considerar *problematica a asserção de alguns viajantes, que pretendem haver encontrado plantas d'esta familia nos areiaes da região littoral*, onde sómente abundam varias especies de *Asclepiadeas* e *Euphorbiaceas*, ás quaes por terem na configuração alguma similhança com as *Cactaceas*, o vulgo erroneamente chama Cactos. A existencia de *Cactaceas*, *indigenas do continente africano*, é um facto tão *curioso* e *importante em relação á phyto-geographia geral*, que n'esta occasião não posso deixar de chamar toda a attenção dos naturalistas, que no futuro visitarem este continente, a fim de acertar com a necessaria evidencia, se fóra das especies de *Rhipsalis* acima mencionadas, realmente se encontram no territorio da Africa tropical mais algumas especies de outros generos d'esta familia, quasi exclusivamente americana.

Nota 12.—(Confer. *Rubiaceas.)* Antes de concluir estas annotações seja-me permittido accrescentar ao que deixei dito no logar competente ácerca da familia das *Rubiaceas*, uma breve noticia sobre uma pequena arvore assás curiosa d'esta vasta ordem, que gosa de grande reputação entre os indigenas do sertão angolense, os quaes a reputam inviolavel aos raios, e costumam por esse motivo collocar alguns raminhos d'ella no tope das suas cubatas (habitações), julgando-as mediante estes guarda-raios perfeitamente preservadas dos effeitos destruidores dos mesmos. O nome que os indigenas dão a esta arvoresinha, é *N-day* ou *Unday*, e a madeira d'ella, que pucha um pouco para o amarello, é de grão finissimo, muito compacta, pesada e de rijeza extraordinaria; e será talvez por causa d'esta ultima qualidade, que os pretos lhe attribuem a referida virtude anti-fulminea. Cresce este famigerado Unday em collinas seccas, e em declives pedregosos e desabrigados da 2.ª e 3.ª região, mas com maior frequencia no districto de Golungo Alto; e postoque raras vezes chega a exceder sete, ou quando muito nove pés de altura, o seu tronco todavia engrossa até á circumferencia de um e meio ou dois pés, offerecendo d'este modo sufficiente diametro, para se poder aproveitar esta preciosa madeira em todas as obras de torno, que na Europa costumam fazer-se do buxo. Tanto a ramificação principal, como os ramos e raminhos secundarios, e as mesmas folhas do Unday, são dispostas em *verticillos ternarios;* as folhas são oblongas, inteiras, lustrosas e coriaceas, emquanto que as grandes e mui cheirosas flores amarellas têem a fórma de trombetinhas, e vingam fructos do tamanho de um ovo mediano, um pouco achatados, de côr verde, tendo dentro do pericarpo lenhoso numerosas sementes tambem achatadas. O tempo mais conveniente para cortar a madeira do Unday são os mezes de junho e julho.

Mas o Unday não merece sómente menção, como uma das mais bonitas e duradouras madeiras do sertão de Angola; torna-se ao mesmo tempo summamente notavel no ponto de vista organo-graphico, pois as suas flores são perfeitamente *decameras*, e por conseguinte o typo de um genero curiosissimo e inteiramente novo de *Rubiaceas*, o qual deverá ser inserido no grupo supremo d'esta familia, a saber, nas *Gardenias*. A respeito da mencionada *estructura decamera* das flores d'este vegetal, devo de mais observar, que ella não sómente se refere ás *dez divisões* do calice e da corolla, e ao numero dos *estames*, mas que igualmente o *stigma* e o *germen* mostram geralmente *dez divisões*, postoque este numero em algumas flores varie entre oito, nove e onze, e que o germen com a madurução, durante a qual uma parte das paredes-meias é absorvida, se torna *unilocular;* á vista d'estas e de outras particularidades, que apresentam os orgãos fecundativos da arvore *Unday*, parece que não se póde desconhecer n'esta organisação o symbolo de um novo genero da ordem das *Rubiaceas*, o qual portanto designei com o nome de *Decameria;* e para tambem não deixar sem lembrança a virtude, postoque ficticia, attribuida á referida arvore pelos sertanejos, dediquei a especie d'este genero ao poderoso *Deus dos trovões*, *Jupiter*, chamando o Unday em linguagem scientifica *Decameria Jovis tonantis*.

Não é nem podia ser do meu intento n'estas paginas, o entrar em mais especialidades ácerca dos numerosos vegetaes d'esta provincia; porque uma exposição descriptiva de todos os generos e especies de plantas n'ella

observados, deve formar o assumpto de uma Flora do paiz, cuja elaboração aqui na Africa, e na falta de todos os meios litterarios, que um trabalho d'esta natureza exige, por ora não se torna exequivel. O que porém, terminando este ensaio, julgo não dever preterir, é fazer algumas breves observações a respeito da designação phyto-geographica do territorio de Angola, indicando ao menos approximadamente, o logar ou a posição que este territorio relativamente á sua vegetação deverá occupar na divisão geral da Flora universal do globo terrestre, conforme os principios para este fim estabelecidos nos tratados fundamentaes sobre a geographia phytologica.

Conferindo as trinta e quatro familias addicionaes, que como accrescimo á Flora tropico-africana, resultaram da exploração de Angola, com a distribuição chorographica d'ellas, marcada nos logares competentes do mappa, observar-se-ha que quasi *todas estas familias supplementares* sómente foram encontradas na 3.ª *região ou alto plana;* tomando além d'isso em consideração, que tambem a maior parte dos generos e especies das familias restantes, geralmente espalhadas e observadas n'esta região, se distingue notavelmente das que habitam as regiões inferiores (Região 1.ª e 2.ª), e ponderando varias outras particularidades, apresentadas pela physionomia das paizagens e pelo porte singular de muitos vegetaes da dita 3.ª Região, parece innegavel que esta terceira região ou alto plana constitue um *territorio de vegetação particular* e bem caracterisado, um novo *reino da Flora africana*, differente de todos os que até agora foram assignalados n'este continente pelos Phyto-geographos.

Bem sabido é que o insigne auctor da obra mais celebre ácerca da Geographia dos Vegetaes, Fr. Schouw, dividiu toda a superficie do globo terrestre, conforme a diversidade da respectiva vegetação, *em vinte e cinco* departamentos particulares, chamados por elle *reinos da vegetação*, e consignou *quatro* d'elles *ao continente africano*, deixando porém sem designação o territorio da Abyssinia e as regiões elevadas do interior d'este continente, n'aquelle tempo ainda quasi desconhecidas. E é justamente este vasto territorio elevado do interior da Africa, limitado pelos tropicos de Cancer e de Capricornio, (ao qual tambem pertence a 3.ª Região da Flora Angolense), que deve ser, pelas rasões acima apontadas, considerado como um *departamento particular da Flora universal*, formando o *quinto reino da vegetação da Africa*, o qual julgo dever propor e introduzir na Phyto-geographia geral, com o nome de *Reino Ethiopico da Vegetação.* Tenho todos os motivos para persuadir-me, que as explorações futuras, emprehendidas nos mencionados terrenos, não deixarão de confirmar a conveniencia do estabelecimento d'este novo reino de vegetação, o qual todavia deverá ser subdividido em duas secções (ou provincias de vegetação), comprehendendo uma, as terras elevadas de Darfur, Kordofan, Abyssinia, Nubia, e em geral os alto planos da Africa tropical ao norte do equador, com o nome de Reino Ethiopico *superior ou boreal*, e a outra, que poderia chamar-se *Reino Ethiopico inferior* ou *austral*, as serranias e planicies elevadas d'este mesmo continente, situadas ao sul da linha equinoccial, até ao tropico de Capricornio.

Ponderando o que acima deixei exposto, fica evidente, que a 3.ª região da Flora Angolense deve ser incluida na *provincia austral do Reino Ethiopico*, emquanto que as regiões inferiores d'este paiz, relativamente ao caracter da sua vegetação, devem ser annexas ao reino XIV da divisão geral de Fr. Schouw, ou ao IV da Africa, chamado por elle *Reino tropico-africano*, mas que mais correctamente poderia designar-se com o nome de *Reino tropico-littoral de Africa*, restando todavia ainda saber, se as costas orientaes d'este continente, incluidas nos mencionados tropicos, e que por ora se acham pouco exploradas, não fornecerão talvez bastantes caracteres distinctivos na sua vegetação, para no futuro se poder estabelecer com a Flora d'ellas um reino particular.

A exacta designação phyto-geographica de qualquer paiz fórma não sómente um capitulo principal da Physiographia do mesmo, mas torna-se não menos importante a varios outros respeitos praticos; pois *a Geographia das plantas*, essa engenhosa creação do *Alex. de Humboldt*, não se deve considerar como uma sciencia meramente especulativa; é pelo contrario uma doutrina eminentemente pratica, que aproveitando o immenso material fornecido por numerosas explorações emprehendidas por toda a parte, dentro em pouco tempo se elevou á importancia de dictar leis proveitosissimas á agricultura e horticultura, á jardinagem e á cultura florestal; e a maravilhosa rapidez com que presentemente extensissimos terrenos estereis e aridos de varios paizes, se transformam em risonhos campos e aprazíveis jardins, deve-se principalmente a uma bem dirigida applicação das doutrinas praticas da *Phyto-geographia.* Conforme os principios d'esta sciencia, a multiplicidade de productos agricolas de um paiz tropical é ainda susceptivel de augmentar-se na mesma proporção, em que o territorio d'elle se acha variado em relação ao caracter da vegetação; e como julgo ter mostrado, que em Angola se encontram tres regiões bem differentes na vegetação, e por conseguinte tambem variadas em clima, exposição e solo, quero persuadir-me que este paiz, uma vez vencidos ou ao menos diminuidos os embaraços e difficuldades que a agricultura *nascente* mais ou menos em toda a parte do mundo encontra, tornar-se-ha um amplo theatro de multiplices e proveitosas emprezas agricolas e commerciaes; pois a visinhança immediata, ou, para assim dizer, a existencia simultanea de climas e exposições tão differentes em um paiz situado todo na zona equinoccial, não deixa de favorecer e facilitar poderosamente a vantajosa cultura de variadissimos generos, tanto de consummo como de commercio; e o grangeio e aproveitamento cuidadoso de tão numerosas plantas uteis, espontaneas umas, outras já agora extensamente cultivadas, e augmentadas ainda com a introducção de novos generos de culturas tropicaes, offerecem aos lavradores entendidos e ás especulações mercantis um campo immenso, assegurando á agricultura da provincia de Angola um esperançoso futuro.

S. Paulo de Loanda, em 7 de junho de 1858. — *Dr. Frederico Welwitsch.*

CARTA DO DR. WELWISCHTZ AO SR. BENTO ANTONIO ALVES

S. Paulo de Loanda, em 27 de Novembro de 1858. — Ill.mo Amigo e Sr. — Pelo vapor *D. Estephania*, que ámanhã deve saír d'este porto, foi expedida pelo Governo d'esta Provincia, e dirigida ao Ex.mo Sr. Ministro, Visconde de Sá da Bandeira, uma caixa com sementes de plantas do sertão angolense, e no Officio que acompanha esta minha remessa, tomei a liberdade de propor ao Ex.mo Ministro, a V. S.a, como distribuidor d'estas sementes, mórmente porque tambem as remessas anteriores analogas que fiz, foram distribuidas pela bondade de V. S.a com geral satisfação dos que foram considerados. Venho portanto rogar a V. S.a o especial favor de ir procurar o Ex.mo Sr. Ministro Visconde de Sá, logoque esta minha carta chegue a suas mãos, a fim de poder com elle combinar pessoalmente ácerca da dita distribuição, e permitta-me de lhe expor a este respeito os meus desejos e a minha opinião.

O meu desejo principal é tornar proveitosos ao paiz os resultados da minha commissão de que o governo me incumbio, e por conseguinte devo desejar que as differentes collecções que remetto á capital cheguem ás mãos d'aquelles que, *querem*, *sabem* e *podem* aproveita-las. Sei muito bem que a primeira instancia, para assim dizer, o primeiro tribunal, a que me devia dirigir com as remessas de sementes, era uma sociedade horticola; mas não tendo recebido nem convite nem informações quaesquer sobre o andamento da sociedade de Flora e Pomona, foi mister dirigir-me áquelles estabelecimentos, de cuja vida e progresso tenho noticias animadoras, e para os quaes ao mesmo tempo me acho penhorado por gratidão. A marcha gradual de aclimatar os vegetaes de Angola na Europa, e mórmente em Portugal, seria mediante uma previa cultura d'elles na ilha da Madeira; mas como o Governo de Sua Magestade ainda não chegou a estabelecer o projectado jardim de aclimatação n'aquella ilha, tão eminentemente propria para similhante fim, póde tentar-se entretanto esta aclimatação nos jardins de Portugal e dos Açores, e para isto se conseguir julguei ser o *Real Jardim das Necessidades*, o *Jardim Botanico da Universidade de Coimbra*, e os estabelecimentos horticulás do *Sr. José do Canto, dos Açores* (S. Miguel) os logares mais adequados, apresentando pelas suas respectivas situações, certas gradações climatericas, mais ou menos analogas (aindaque *nunca iguaes)* ás variedades do clima d'esta Provincia de Angola, cuja divisão no sentido phyto-geographico tentei expor, aindaque summariamente, nos *Apontamentos phyto-geographicos sobre a Flora angolense*, ensaio este bem imperfeito, que tive a honra de remetter ao Ex.mo Sr. Visconde de Sá, em Agosto d'este anno corrente, e em que V. S.a póde encontrar um esboço geral das tres differentes regiões de vegetação que n'este paiz equinoccial se observam, partindo da costa atlantica para as terras interiores, na direcção do oeste para leste. Porém estas indicações têem só um valor *geral*, e são sujeitas a numerosas excepções, como acontece na milagrosa Flora dos contornos de *Pungo Andongo* e de *Pedras de Guinga*, aonde não raras vezes se encontram crescendo promiscuamente, vegetaes da India oriental e do Brazil, da Abyssinia, e do Cabo da Boa Esperança, de Madagascar e do littoral ardente do golfo de Benim, offerecendo esta estranha união de vegetaes tão differentes no porte, tamanho, qualidades, etc., um enigma phyto-geographico, que só prolongados estudos locaes poderão resolver.

Entretanto julgo dever observar a V. S.a, que conforme as observações meteorologicas, que fiz em Pungo Andongo, e guiado por algumas experiencias na cultura dos vegetaes d'aquelle sitio, em Loanda, sou de opinião que *as plantas da Flora Pungo Andonguense* (3.a região, 2:500 até 3:600 pés de elevação sobre o nivel do Atlantico) poderão ser mais facilmente aclimatadas em Portugal, mórmente em sitios não expostos ás ventanias ardentes de leste, que lá costumam soprar no fim do verão; todas as circumstancias favoraveis ao prospero desenvolvimento de *Fuchsias* e de *Begonias*, o são tambem para a *cultura* dos vegetaes angolenses dos contornos de *Pungo Andongo*, dos quaes se compõe a *maior parte das sementes*, que presentemente remetto; e convem advertir que a maior parte dos vegetaes tropicaes não se desenvolvem na sua pompa e belleza, mesmo sendo annuaes, logo no *primeiro* ou *segundo anno*, mas só depois de já acostumados ás differenças climatericas, e influencia de terrenos artificialmente preparados. Muitos vegetaes tropicaes não chegam a florescer, mesmo aqui, na sua patria, *todos os*

annos; muitas especies de arbustos e arvores ha, mórmente nos districtos montanhosos, que durante dois annos nunca vi florescer; e mesmo no caso de chegarem a desenvolver flores, d'estas só raras vezes vingam fructos, e mais raras vezes ainda sementes, o que observei tanto em *annos de muito poucas*, como em *annos de abundantes* chuvas; e assim por vezes me aconteceu, gastar duas, tres ou mesmo mais horas em assistir ao córte de uma arvore carregada de fructos, a qual porém depois de caída, mostrou as sementes todas estereis, dentro de fructos de boa apparencia. Mas se não é sem difficuldade que se alcançam sementes boas n'estas regiões equinocciaes onde tudo trepa, ou se *propaga* e *multiplica* por *tuberculos* ou *rebentões*, ainda mais difficil se torna a conservação das sementes apanhadas, mórmente das que têem *cotyledões carnosos* ou oleosos; e foi só por experiencias e observações repetidas, que consegui conservar sementes tropicaes n'um estado soffrivelmente satisfactorio, durante muito tempo, como V. S.ª terá occasião de observar nas sementes que presentemente remetto, cuja maior parte sem duvida chegará em optima condição, no caso que o calor dos fornos do vapor não influa desastrosamente. Dito isto, cumpre-me fallar ao Ill.^{mo} Amigo da maneira como desejo que sejam repartidas as sementes que remetto. A caixa contém 114 *numeros de sementes*, e mais dois numeros (115 e 116) de tuberculos; dos 114 numeros de sementes, 62 especies (ou numeros) se acham em saccos soltos na caixa, e os numeros 63 até 114 estão já separados em um embrulho, porque estes ultimos só são destinados ao Jardim Botanico de Coimbra; mas dos numeros 1 até 62 inclusivè, que vão em maior porção, peço a V. S.ª que faça quatro collecções, sendo uma para o Real Jardim das Necessidades, a segunda para o Jardim Botanico de Coimbra, a terceira para o sr. José do Canto, em S. Miguel, e a quarta para V. S.ª dispor ella ou para si, ou para qualquer outro jardim conforme melhor lhe parecer com respeito á qualidade herbacea ou arborescente das especies, facilidade e difficuldade da cultura d'ellas, etc. O *numero* 115, que é de tuberculos da bellissima *Nymphaea Lotus* (Pal. de Beauv. Flora Benin.) é destinado principalmente para os Jardins das Necessidades, onde julgo haver os apparelhos indispensaveis á cultura de grandes plantas aquaticas, podendo V. S.ª, não obstante isso, ficar tambem com alguns tuberculos para dispor d'elles. A remessa do *numero* 116, que contém tres batatinhas da *Gloriosa Superba* Lin., é uma tentativa minha temeraria; e se uma ou outra d'estas batatas chegarem em bom estado, rogo a V. S.ª de as collocar logo em um vaso grande com terra preta, enterrando-as cousa de duas pollegadas, conservando o vaso a meia sombra na estufa, com pouca humidade, ou talvez melhor em abrigo conveniente fóra da estufa, mas sempre tratando-as com todo o cuidado; pois esta planta merece a todos os respeitos o epitheto de *superba*, que o nosso pae Linnéo lhe deu. Outrosim rogo a V. S.ª o obsequio de elaborar um catalogo seguido, do numero 1 até 116, acrescentando a cada especie as observações (em bom portuguez) que eu fiz em mau latim nas capas dos respectivos numeros, pois parece-me sempre ser conveniente que o conteudo d'esta remessa tambem seja publicado, como isso se tem feito em occasiões anteriores.

Vão todas as especies de palmeiras *(indigenas* de Angola), e em geral posso affirmar a V. S.ª que todas as especies, comprehendidas nos numeros 1 até 62, são sem excepção plantas summamente raras e ornamentaes, e até a maior parte d'ellas nunca vistas em jardins europeus. A minha classificação deve considerar-se só como *preliminar*, quanto ás especies e generos novos, pois sobre isso não se póde decidir aqui em Africa. Entretanto affirmo, que nunca deixei de empregar os mais serios estudos e a possivel comparação das descripções que tinha á minha disposição, antes de proclamar as respectivas especies como *novidades;* mas todas as obras botanicas a meu alcance não passam do anno de 1851, e assim não pude consultar as publicações posteriormente feitas sobre a Flora da Africa equinoccial.

Peço a V. S.ª de chamar a attenção do Ex.^{mo} Sr. Ministro da Marinha e Ultramar sobre os numeros 46 e 49 da presente collecção, porque ambas as especies cujas sementes vão marcadas com os referidos numeros, são arvores magestosas da familia das *Cedrelaceas*, e fica por isto demonstrada a existencia d'estes magnificos vegetaes no sertão de Angola. Não menor attenção merecem as sementes da especie *Monodora Myristica* Dun., com o numero 44, arvore cujas sementes rivalisam em aroma e virtude medicinal com as da noz moschada *(Myristica moschata)*, e cuja patria até agora se julgou ser a India occidental, emquanto que ella de certo é *indigena* de Angola, é só *introduzida* nas Antilhas pelos negros, exportados d'este reino para o novo continente; uma segunda especie d'este mesmo genero *Monodora*, que chamei *M. Angolensis*, e que encontrei nos sitios mais elevados da penedia de Pungo Andongo, talvez se prestará a ser aclimatada em Portugal, e esta tentativa bem

merece a pena, pois as *Monodoras* são das arvores mais formosas da Africa tropical. Para melhor regular a educação das plantas angolenses, convem observar que as estações do anno n'este paiz são diametralmente oppostas ás de Portugal, principiando aqui a primavera em *setembro*. As chuvas cáem em Angola exactamente na mesma epocha que em Portugal, isto é, desde setembro até fins de abril, d'onde resulta a notavel differença que estas chuvas coincidem aqui com as estações mais quentes, e em Portugal com as estações mais frias do anno; circumstancia que forçosamente deve ser tomada em consideração na cultura de vegetaes d'este e dos mais continentes no hemispherio austral. Como actualmente não me é possivel escrever separadamente a cada um dos estabelecimentos, que desejo sejam considerados na repartição da presente remessa carpologica, rogo a v. s.ª o favor de pedir ao ex.^{mo} sr. ministro, Visconde de Sá da Bandeira, a mercê de mandar acompanhar as respectivas tres collecções com os convenientes officios de remessa, a fim de tudo correr regularmente e em proveito da horticultura lusitana, á qual de certo convem apresentar no grande mercado horticola alguns vegetaes vistosos das colonias portuguezas, em troco de tantos outros que continuadamente está recebendo do estrangeiro.

As mysteriosas palavras do oraculo romano *Ibis redibis non morieris in bello*, phrase cujo sentido *feliz* ou *fatal* depende unicamente da posição da *virgula*, redibis, non morieris ou redibis non, morieris, têem, tambem a sua applicação á *minha* sorte; e a collocação decisiva d'esta virgula dependerá principalmente do modo como os meus fracos esforços serão acolhidos. Rogo a v. s.ª o obsequio de transmittir as minhas mais cordiaes saudações a todos que com amigavel indulgencia se lembram de mim, e acreditar os sinceros protestos de inalteravel estima e perpetua amisade com que sou de v. s.ª muito obrigado amigo e venerador,

Dr. Frederico Welwitsch.

CATALOGO DAS SEMENTES A QUE SE REFERE A CARTA ANTECEDENTE

N.º 1. Regio I (littoralis) (Phænicaceæ) Welw. Apont.
Districto: Barra do Dande et Libongo.
Hyphæne coriacea Gaertn.
Palma curiosissima, *trunco more Dracænæ Draconis* repetito dichotomo, coma sphærica, foliis flabelliformibus fibras textiles prestantissimas præbentibus. Fructus edulis.
Habit. freq. in littore Oceani ex Ambriz usque Loanda.
Fruct. matur. Sept. 1858 ad Dande. leg. W.

N.º 2. Regio II (Phænicaceæ)
Districto: Golungo Alto.
Raphia textilis Welw. mspt.
(Metroxilon textile W. olim).
Palma speciosa, foliorum pinnat. petiolis longis, foliolis elongatis, filamenta textilia præbentibus, baccis ovato-ellipticis vertice obtusis. A Raphia vinifera Flor. Nigrit. omnino *diversa* species.
Ad rivulos in Distr. Golungo Alto et Dembos.
Fruct. bene matur. 1857. leg. W.

N.º 3. Regio I et II. 0-2:000 ped. altit supra Oceanum. (Phænicaceæ.)
Districto: Icolo et Bengo.
Elaeis guineensis Lin.!
Variet. *macrosperma* Welw. mspt. Nigritis—*Dihôhô!*
Palma egregia, monoica, coma formosa non raro caudicem 30 pedalem coronante, fructu flavo-aurantiaco, oleo diviti, ubique culta, excepta III regione, ubi ob noctes frigidas vix prosperat. Vinum jucundum largitur, *Maluvo* dictum, omnesque totius stirpis partes Nigritis in vita domestica utilissimae.
Semina 1858 leg. W.

N.º 4. (Phænicaceæ.)
Districto: Icolo et Bengo.
Elaeis guineensis Lin.
Variet. microsperma Welw. Nigritis — *Disombo!*
Palma spectabilis, monoica, *oleifera* et *vinum* optimum præbens, *indigena* et freq. culta.
Semina 1858 leg. W.

N.º 5. Regio II et III. 1:800-3:500 ped. altit. supra Oceanum. (Meliaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Melia æthiopica Welw. mspt.
Arbor pulchra, coma dilatata, foliis compositis ad *Melia* Azederach similibus maximis 2—3 1/2 pedalibus, floribus albis fragrantissimis, fructu *(drupa)* pruni domestici more monopyrena, pyrena cylindrico-elliptica. Stirps egregia cultura dignissima!
(Lignum fere Cedrelacearum!)
In sylvis Golungo Alto. 1857. leg. W.

N.º 6. Regio II.
Districto: Libongo inter Ambriz et Dande.
Spathodea campanulata. Pal. de Beauv. Flora Bennin.
Bignonia tulipifera Schum. et Thon. Plant. guineenses etc.
Arbor mediocris, habitu Fraxini, et dum floret ex pulcherrimis totius Africæ tropicæ!
Folia pinnata, intense viridia; flores racemoso-cymosi, Tulipa maxima imo paulo majores, rubro-aurantiacei campanulati, limbo corollæ crispulo aureo-marginato.
Habit. non infreq. in sylvis primitivis Districtorum editiorum juxta flumina, usque regionem littoralem ast raro descendendo.
In sylvis editis Distr. Libongo Sept. 1858 cum fructu leg. W.

N.º 7. Regio I.
Districto: Libongo.
R. (Congo littoralis.)
Pterocarpus tinctorius Welw. mspt.
Arbor spectabilis habitu Ceratoniæ, foliis pinnatis semper virentibus, floribus amene fragrantibus, paniculatis, aurantiaceis, legumine *monospermo* latissime alato!
Lignum pretiosum, rubro-sanguineum tinctorium.
In sylvis Distr. Libongo non freq.
Sept. 1858 leg. W.

N.º 8. Regio III.
Districto: Pungo Andongo.
Acacia pentaptera. Welw. Herb. Angol.
Acacia sp. aff. A. pentagonæ Hook. fil.
Trepadeira de caule pentagono, 20-30 pés longo, folhagem das Mimosas, flores amarelladas em cabecinhas.
(Flores ex albido pallide flavescentes!)
Trepa nas arvores e sobre as rochas.
Pungo Andongo 1857 leg. W.

N. 9. Regio II circa 2:000 ped. elevata. (Robiniaceæ Welw. Apont. phyt. Sectio Diocleæ.)
Districto: Golungo Alto.
Dioclea reflexa Hook. fil. in Flora Nigrit.
Frutex altissime scandens, foliis trifoliolatis, floribus racemoso-spicatis, speciosis, violaceo-purpureis.
Genus ob semina ab iis *Dioclearum diversa* forsan reformandum.
(Trepadeira mui formosa.)
Ad flumen *Muria* prope Trombeta in Golungo Alto.
Sept. 1857 leg. W.

N.º 10.
Bignonia Ferdinandi. Welw. Herb. Angol.
Arbor magna, 30-40 pedalis, coma dilatata dense frondosa foliis imp. pinnatis, floribus maximis fasciculatis, ex aurantiaco-rubentibus speciosissimis.
Mart. Apr. floret.
Capsulæ pendulæ, frequens 3 pedales!
Habit. rarius in sylvis primit. Distr. Golungo Alto.
Semina init. Julii 1857 leg. W.

N.º 11. Regio III. 3:500 ped. altit. sup. Oceanum. (Convolvulaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Calonyction muricatum Don?
(?Calonyction speciosum β muricatum. Choisy in D. C. Prod.)
Herba late scandens, floribus magnis nunc albidis nunc amene purpureis, nocte imprimis fragrantibus, caule, petiolis et imo calycibus hinc inde muricatis.
In dumetis Præsidii Pungo Andongo *rarior*.
Semina Maio 1857 leg. W.

N.º 12. Regio I et II. (Convolvulaceæ.)
Districto: Golungo Alto, Cazengo et Benguella.
Ipomæa Mendesii Welw. Herb. Angol.
Frutex volubilis altissime scandens, sylvarum primitiv. margines District. montos. eximie ornans.

Dixi in memoriam claris. Doct. jurisconsulti *L. J. Mendes Affonso*, qui inter Loandenses primus stirpem hanc speciosam coluit.

Semina hæc a plantis cultis collecta W.

Species affinis Ipomeæ tuberculosæ, ast tubera radicalia hucusque *nulla* vidi, nec capsula, uti in Ipomæa tuberosa dicunt, *operculata* est. Welw.

N.º 13. Regio III. (Rubiaceæ.)

Districto: Pungo Andongo.

Gardenia bignoniæflora. Welw.

Frutex vel arbuscula, ramis elongatis subsarmentosis, foliis latis oppositis, floribus magnis figura Bignoniarum, ex aurantiaco et purpureo variegatis, corolla crasse-coriacea.

Habit. in dumetosis Distrit. Golungo Alto et Pungo Andongo.

Semina Pungo Andongo 1857 leg. W.

Obs. Hæc unacum duabus alt. speciebus arborescentibus, in sylvis Golungo Alto obviis, probabiliter qua genus *novum* considerari debent. Fructus elongato-ellipticus 1—1 1/2 poll. diamet. 3—3 1/2 poll. longus, unilocularis.

N.º 14. Regio II.

Districto: Golungo Alto. (Robiniaceæ Welw. Apont.)

Giganthemum scandens. Welw. Herb. Angol.

Frutex validus, alte scandens, foliis pinnatim trifoliolatis, floribus albis speciosissimis, omnium Leguminosarum, quas hucusque novi, maximis, plusquam semi-palmaribus. Obs. An affin. Generi *Macranthus*. Loureiro?

In sylvis primitivis District. Golungo Alto.

Serra de Alta Quita 1857. leg. W.

N.º 15. Regio II circa 1:800—2:000 ped. altit. supra Oceanum. (Verbenaceæ.)

Districto: Golungo Alto.

***Vitex**, species arborea* vix descripta, forsan *genus alienum.*

Arbor pulchra, coma dilatata, foliis more viticis generis palmatim 5—7 foliolatis, floribus violaceis, drupis magnis, *edulibus*, in vivo amene purpureis, a Nigritis et passeribus avide investigatis.

In sylvis primitivis District. Golungo Alto.

Fructus pyrena 1857 leg. W.

N.º 16. Regio I, II et III. (Cæsalpiniaceæ.)

Districto: Loanda et Pungo Andongo.

Poinciana pulcherrima Lin.

Frutex arborescens omni respecto speciosus, et certe Zonæ æquinoctialis summum decus.

Circa habitationes freq. spontanea et in hortis fere ubique culta!

12 Nov. 1858 semina leg. W.

N.º 17. Regio III. (Sapotaceæ.)

Districto: Pungo Andongo.

Sapota cerasifera Welw. Herb. Angol.

Arbor spectabilis, habitu aliquomodo Laurum indicum mentiens, forsan novi generis, fructu eduli, cerasiformi saporis admodum grati, cultura dignissima!

Habit. rarior in sylvis densis pr. Pungo Andongo.

Semina 1857 leg. W.

N.º 18. Regio III.

Districto: Pungo Andongo.

Ipomæa prismatosyphon Welw. Herb. Angol.

Suffrutex 4—6 pedalis ♃ *erectus*, pluricaulis, foliis magnis albo-tomentosis, floribus maximis (5—pollicaribus!!) roseo-purpureis, vel albido-roseis subnutantibus.

Anne forsan Ipom. verbascifolia Choisy in DC. Prod?

In sylvaticis District. Pungo Andongo.

Semina Jun. 1857 leg. W.

N.º 19. Regio I. (Chrysobalanaceæ.)

Districto: Barra do Dande.

Chrysobalanus Icaco. (Jinjimo dos abundos.)

Frutex vel arbuscula, sempervirens, elegans, fructu eduli, pomiformi purpurascente.

In dumetosis maritimis Praia de S. Thiago.

Sept. 1858 leg. W.

N.º 20. Regio I et II. (Commelynaceæ.)

Districto: Libongo.

Commelyna sp.

Herba annua, ascendens, foliis late-lanceolatis, ramis rubescentibus, floribus cæruleis.

In dumetis ad flumen *Lifune* District. Libongo.

Sept. 1858 leg. W.

N.º 21. Regio III.

Districto: Pungo Andongo. (Linaceæ Flor Nigr.) (Chlænaceæ Sect. Hugoniaceæ Endl.)

Hugonia macrocarpa Welw. Herb. Angol.

Frutex validus, sempervirens, floribus magnis aureis insignis, late diffusus fere scandens.

Ad rupes in sylvaticis Præsidii Pungo Andongo.

Obs. Hugoniæ omnes eximiæ decoris et facilis culturæ.

Maio 1857 leg. W.

N. B. As capsulas devem ser estratificadas em areia molhada durante 4 ou 6 dias antes de as semear.

N.º 22. Regio II. (Olacineæ Sect. Balaniteæ Welw. Apont.)

Districto: Icolo et Bengo.

Balanites ægyptiaca Delil. DC. Prod. I p. 708. β angolensis Welw. mspt.

Obs. Drupæ arbusculæ angolensis *ellipticæ*, utrinque sunt nec acutæ ut in specie ægyptiaca; anne species propria?

Arbor parva 6—10 pedalis, trunco recto, foliis bifoliolatis exacte ac in Zygophyllaceis, a quibus tamen reliquis notis abunde differt.

In campis dumetosis Icolo et Bengo 1857 leg. W.

Obs. Semina certe optimæ conditionis ut ex examine instituto texturae habeo.

(Arbuscula habitu valde singulari!)

N.º 23. Regio I, II et III. (Robiniaceæ Welw. Apont.)

Districto: Golungo Alto, Barra do Dande et Bengo.

Milletia speciosa Welw. Herb. Angol.

Arbor spectabilis, nunc 25 nunc 60 pedalis et altior, habitu Robiniam mentiens, foliis impar. pinnatis, floribus racemosis violaceo-purpureis creberrimis, ligno albido tenaci durabili.

Habit. in sylvis humidis editis, juxta flumina usque Regionem littoralem descendens.

Semina leg. Sept. 1858 ad flumen Dande W.

N.º 24. Regio I. (Robiniaceæ Welw. Apont.) (Fabaceæ Sect. I. Lindl.)

Districto: Loanda.

Sesbania pubescens DC. variet?

(Sesbania sericea Welw. Herb. Angol.

Suffrutex 3—4 pedalis, elegans, floribus flavis.

In humidis District. Loanda 1858 leg. W.

N.° 25. Regio II circa 2:000 ped. altitud. (Napoleonaceæ Welw. Apont.) (Belvisiaceæ Lindl. V. K.) (Napoleoneæ Flor. Nigrit.)
Districto: Golungo Alto.
Napoleonea Angolensis Welw. Herb. Angol.
Arbuscula 15–20 pedalis, trunco gracili, ramis sub verticillatis, foliis sempervirentibus, lucidis, floribus albo-roseis. Obs. A *Napol. imperiali* et *N. Vogelii* diversa videtur.
Decus reapse imperiale sylvarum primitivarum Distr. Golungo Alto, ast avis rara!
E paucis fruct. 1857 Aug. leg. W.
N. B. Fructus eos Punicæ granatæ simulantur.

N.° 26. Regio I, II et III. (Capparideæ.)
Districto: Loanda a Pungo Andongo.
Cleome (Gynandropsis) pentaphylla Lin? ou
Cleome (Gyn.) oleracea Welw. Herb. Angol.
Herba annua, patentim ramosa, 1–2 pedalis, floribus pro more generis sat magnis albo-violaceis.
N. B. Herba recens Nigritis Spinaceæ more edulis et salubris!
Ubique circa habitationes ex Loanda usque Pungo Andongo. Semina Mart. 1858. leg. W.

N.° 27. Regio I et III. (Robiniaceæ Welw. Apont.)
Districto: Libongo.
Abrus precatorius.
Frutex 5–6 pedalis scandens.
In dumetis densis District. Libongo.
Sept. 1858 leg. W.

N.° 28. Regio II et III. (Fabaceæ Sect. I. Lindl.) (Robiniaceæ Welw. Apont.)
Districto: Pungo Andongo.
Tephrosia Vogelii Benth. in Flor. Nigrit.
Frutex arbusculiformis 8–10 pedalis, fastigiato-ramosus, pulcherrimus, foliis pinnatis, floribus crebris violaceo-purpureis speciosis.
In dumetis Præsid. Pungo Andongo 1857 leg. W.

N.° 29. Regio III. (Asteraceæ Lindl.)
Districto: Pungo Andongo.
Gynura miniata Welw. Herb. Angol.
Herba 2–4 pedalis, radice tuberosa, caule ramoso, foliis moschum fragrantibus, floribus splendide aurantiaco-miniatis. Habitus generalis Emiliæ sonchifoliæ.
In dumetis District. Pungo Andongo 1857 leg. W.
N. B. Species nec omnimodo cum generis descript. a cel. Cassini exhibita conveniens, ast certe ab ejusdem auctoris genere *Emilia* longius distans, etiam si habitu similis! Welw.

N.° 30. Regio III. (Proteaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Protæa Angolensis Welw. Herb. Angol. cum descript. Conf. Prot. abyssinica, quam necdum vidi.
Fruticulus (potius suffrutex) bipedalis, caulibus cæspitosis monocephalis, floribus albidis, involucri squamis purpureis, mox rubro-fuscis.
In dumetis aridis a Sobato Bumba usque Quisonde non procul a fluminis Quanza ripis. Mart. 1857 leg. W.

N.° 31. Regio III. (Proteaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Protea micans Welw.
Fruticulus 1–2 pedalis cæspitosus, foliis argenteo-micantibus, floribus albidis.
Condo-Quisonde 1857 leg. W.

N.° 32. Regio II. (Robiniaçeæ Welw. Apont.) Leguminos. Sect. auctor.
Districto: Golungo Alto.
Cyanospermum Angolense Welw. Herb. Angol.
? Anne Cyanospermum calycinum Flor. Nigrit.?
Suffrutex scandens, 3–5 pedalis, cultura digniss.
In dumetis Golungo Alto, ast rarior.
Julio 1857 leg. W.

N.° 33. Regio littoralis. (Portulacaceæ.)
Districto: Loanda et Barra do Dande.
Sesuvium crithmoides Welw. mspt.
Herba (ut videtur ♃) caulibus intense sanguineis, in orbem prostratis, foliis carnosis, glaucis, semicylindricis, floribus amene roseis, pro genere majusculis.
Habit. in arenosis maritimis Praia de S. Thiago in District. Barra do Dande. Pulchra planta!
(Semina nigra et nitida.)
Sept. 1853 leg. W.

N.° 34. Regio II. (Asteraceæ Lindl. Sect. Eupatoriaceæ.)
Arbor parva, 15–20 pedalis, trunco gracili recto, coma hemisphærica, tempore florescentiæ *floribus albidis* omnino obtecta, revera floribunda, stirps insigniter decorans, cultura dignissima.
Habit. in sylvis primitivis, ad earum margines in Distr. Golungo Alto. Aug. 1857 leg. W.

N.° 35. Regio III. (Cæsalpiniaceæ Welw. Apont.)
Districto: Pungo Andongo.
Afzelia Quanzensis Welw. Herb. Angol.
Arbor admodum singularis ob comam depresso-dilatatam exacte *umbraculiformem*. Flores, vel potius corolla *tripetala!!* Legumen lignosum durissimum 6–9 spermum, *multiloculare* seminibus ovoideis atris lapidis ad instar duris, arillo splendide-miniato vel aurantiaco-miniato cupuliformis excepta.
In sylvis ad flum. *Quanza* pr. Candumba 1857 leg. W.
N. B. Ab *Afzelia africana* Sm. foliolis multijugis aliisque notis, distincta; ab *Afzelia bracteata* Vog. toto cælo diversa!

N.° 36. Regio III 3:500 ped. elev.! (Pandaneæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Pandanus (Candelabrum Flor. Nigr.?)
Arborescens, 10–15 pedalis, parce ramosus, denso agmine juxta ripas fluminis Quanza crescens, in limo ab inundationibus relicto nascens, prima juventute Bromeliæ ananasæ plantationes extensas simulans.
Inter Candumba et Lombe ad flum. Quanza 1857 leg. W.
N. B. As sementes são de duas pinhas que mandei vir do Quanza no fim do anno passado, mas mesmo as que colligi em Março do mesmo anno, consegui conserva-las em muito bom estado; a prova d'isso vae dentro. Bom é semea-las em lodo molhado depois de as ter tido de molho durante um dia.

N.° 37.
Districto: Golungo Alto.
Cyperus Ginge Welw. Herb. Angol.
Glumacea elegans, perennis, culmis cæspitosis 2–3 pedalibus aphyllis, apice floriferis, una cum bracteis sive involucris quasi Palmam minutam fingens, Nigritis N-Ginge dicta. Stirps ad *ornanda aquaria* ante cætera idonea.
Habit. in palustribus totius District. Golungo Alto, ubi semina leg. Aug. 1857 W.
N. B. Dos colmos d'esta Cyperacea fazem os pretos do sertão mui bonitas e duradouras *esteiras*.

N.° 38.
Districto: Novo Redondo.
Anona (muricata?)
Arbor fructifera in hort. clariss. *Alb.-Schut.*
Novo Redondo culta.
Fructum solumodo vidi, et acidulo-dulcem inveni, in climate tropic. non ingratum. Junio 1858 W.

N.° 39. Regio I. (Robiniaceæ Welw. Apont.)
Districto: Barra do Dande.
Drepanocarpus lunatus Meyer!
(Sommerfeldtia obovata Schum.)
Frutex arborescens, floribus violaceis.
In humidis ad flum. Dande.
Sept. 1858 leg. W.

N.° 40. Regio III. (Cæsalpiniaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Cassia psilocarpa Welw. mspt.
Arbor elegans, coma dilatata, (floribus??) leguminibus cylindricis, 2–3 pedalibus pendulis.
In sylvis District. Pungo Andondo. Junio 1857 leg. W.
N. B. Cassiæ Fistulæ sp. affinis, ast certe imo etiam seminum figura diversa.

N.° 41. Regio II. (Dioscoreaceæ.)
Districto: Golungo Alto.
Genus probabilit. novum, certe non in *Flora Nigritiana* clariss. Hooker indicatum!
Suffrutex scandens, trifoliolatus, foliolis latis canescentibus. Flores necdum examinavi.
Dumetorum sylvestrium decus eximium!
In sylvestribus District. Golungo Alto 1857 leg. W.

N.° 42. Regio III. (Polypodiaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Cyathea æthiopica Welw. Herb. Angol.
Filix arborescens trunco 3/4 ped. diam. 12–15 pedal. coma formosissima, palmiformi.
Habit. in montosis editioribus ad rivulos District. Pungo Andongo. Sem. 1857 leg. W.
N. B. Esta Cyathea é a primeira especie de fetos arborescentes até agora apontados da Africa equinoxial.
Obs. A educação dos fetos por meio de sementes não é tão difficil, como muitos acreditam.

N.° 43. Regio III. (Anonaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Monodora Angolensis Welw. mspt.
Arbor speciosa, 15–25 pedalis, coma late-frondosa, foliis tenuiter coriaceis herbaceo-viridibus, floribus magnis, variegatis pendulis, capsula elliptica, pugni maxima magnitudine.
In sylvis editis Præsid. Pungo Andongo.
Semina leg. Maio 1857 W.

N.° 44. Regio II. (Anonaceæ.)
Districto: Golungo Alto.
Monodora Myristica Dun. monogr. Anon.!
Arbor procera, sempervirens, glaucifolia, floribus magnis ex aurantiaco, rubro et flavo variegatis, longe pendulis, fructu lignoso, capitis humani mole, polysperm. apice irregulariter rumpente, seminibus gratissime aromaticis, aroma nucis Myristicæ mentientibus.
(Aestate, i. e. Jan., Febr. et Mart. floret.)
In sylvis primitivis District. Golungo Alto.
Semina leg. Aug. 1857 W.
Nigritis ait. N-pepe, in plur. Jipepe.
Obs. I. Arbor hæc, hucusque qua *Indiæ occidentalis* cives habita, revera sylvarum primitiv. Angolæ incola et decus eximium, et in *Americæ* insulas solumodo una cum Nigritis ex Angola eductis transplantata fuit.
Obs. II. Semina *albumine* sic dicto *ruminato* gaudent, qua propter nimis *lævia* videntur, ast bona sunt, et imo nunc in meo horto germinant. W.

N.° 45. Regio III. (Musaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Musa ventricosa Welw. Apont. phytog.
Stirps mirabilis, scitaminearum Africæ regina, Angolæ *indigena*, caule prope basin sæpius 3–4 pedes diametri!! florum bracteis in fructu seminifero persistentibus.
In rupestribus ad fontes Præsid. Pungo Andongo 1857 leg. W.
Obs. Semina Musarum *nunquam* in Lusitania, et vix a paucissimis Phytographis totius Europæ visa!

N.° 46. Regio II. (Cedrelaceæ.)
Districto: Golungo Alto.
Swietenia Angolensis Welw. Herb. Angol. et mspt.
Arbor excelsa, sempervirens, floribus paniculatis albis, fructu 5–valvi oblongo.
In sylvis District. Golungo Alto ad margines rivuli Quango.
Arbor speciosa, ligno præstantissimo.
Autumn. 1857 leg. W.

N.° 47. Crescit in I, II et III regione. (Cæsalpiniaceæ.) (Fabaceæ Sect. Lindl.)
Districto: Golungo Alto.
Alvesia Bauhinioides Welw. in Ord. plant. Floræ Angol. mspt.
Arbuscula gracilis in II et III regione, in regione littorali (I) frutex 4–6 pedalis, virgato-ramosus, foliis Bauhiniarum more *bilobis*, floribus magnis intense sulphureis, petalis campanulatim conniventibus, et Hibiscorum more intus ad basin macula purpurea notatis.
Stirps insignis, culturæ probabiliter facilis, dumetorum Angolæ imprimis regionis montanæ decus eximium!
Ad sylv. margines District. Golungo Alto. Jun. ad Aug. 1857 leg. W.

N.° 48. Regio II et III. (Phænicaceæ Welv. Apont.)
Districto: Pungo Andongo.
Phœnix spinosa Schum.
Palmeira elegante, que dá excellente vinho e optima madeira de construcção!
Margens do Quanza 1857.
» do Dande 1858 leg. W.

N.° 49. Regio II. (Cedrelaceæ.)
Districto: Golungo Alto.
Garretia anthoteca Welw. mspt. in Herb. Angol.
Arbor excelsa, aspectu nobili, trunco recto diametro 2–4 pedali, coma ovata lucide-frondosa sempervirente foliis pinnatis subcoriaceis, floribus paniculatis albis typice *tetrameris;* lignum Cedrelacearum pretiosum.
Fructus capsularis, ovoideus, lignosus, ovi gal. mole, ab apice septifragus 4–valvis, valvis bilamellatis, una cum *axi persistente* septifera acute *tetragona* quodamodo florem tulipiformem fingens.
Habit. in sylvis primitivis *District.* Golungo Alto, imprimis in Sobato Mussenge.
Semina optima et adhuc omnino viva Jun. 1857 leg. W.
Obs. Genus e *Swieteniarum* Tribu, a *Swietenia, et Khaya* Adr. Juss. præter reliquis notis jam capsula 4–*valvi* diversum.

N.° 50. Regio III.
Districto: Pungo Andongo.
Indigofera sp.
Pequeno arbusto de 3 até 4 pés de altura, mui ramoso, de folhas pinnuladas.
É esta a *especie de Anil* com que os indigenas das terras de Longo e no Bihé tingem seus pannos!!
N. B. Achei quasi sem folhas o arbusto fructificante, e não vi as flores.
Quisonde, margens do Quanza Março 1857 leg. W.

N.° 51. Regio I et II. (Robiniaceæ Welw. Apont. Fabaceæ Sect. Lindl.)
Districto: Libongo.
Sesbania sp. (an ne S. aculeata auct.?)
Suffrutex 4–6 ped. altus, ramosus, elegans, floribus flavis.
In humidis District. Libongo ad flum. *Lifune.* Sept. 1858 leg. W.

N.° 52. (Cæsalpiniaceæ.)
Districto: Zenza do Golungo.
Locellaria Bauhinioides Welw. mspt.
Arbuscula 6–12 pedalis, multiramosa, habitu et foliis bilobis Bauhiniam fingens, a quo genere tamen legumine suberoso-spongioso, fructo indehiscente, (non uniloculari sed 80–100 loculari!) transversim plurilocellato aliisque notis abunde differt.
Obs. Forsan *Bauhinia tamarindacea* Delil. e Nubia huc qua altera species, vel imo qua synonymum referenda??
In dumetis fere omnium District. mont. Zenza do Golungo.
(Calunguembo) Sept. 1857 leg. W.

N.° 53. Regio II usque 2:500 ped. (?Bixaceæ.)
Districto: Golungo Alto.
Heptaca? Loureiro Flora Cochinch. pag. 807.
Frutex arborescens, ramis elongato-virgatis, folia coriacea magna obovata-oblonga, floribus e trunculis erumpentibus *speciosissimis*, albo-roseis, 8–10 petalis, diametro 3 pollicaribus! Capsula magna dense echinata (uti in Bixa Orellana) 5 valvis polysperma.
Stirps culturæ dignissima!!!
Habit. rarius in sylvis edit. District. Golungo Alto. Junio 1857 leg. W.
Obs. Genus *Heptaca* a clariss. Loureiro in Flora Cochinchinensi pag. 807 creatum, *certe non est Oncobæ* synonymum, uti praetendit cel. Planchon in Flor. Nigrit.!!
Flores Heptacæ hujus nostræ quasi Camelliæ florem magnam polypetalam fingent.!
N. B. Semina forsan non omnia sed *pleraque* bona sunt!

N.° 54. Regio III circa 3:500 ped. elev. (Rubiaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Ancylanthus rubiginosus Desf.
Frutex amabilis 4–5 pedalis, habitu *Azaleam* (!!) fingens, floribus aurantiaco-rubris, velutino-tomentosis.
Stirps ornamenti causa pretiosa.
In dumetosis District. Pungo Andongo 1857 leg. W.
N. B. As capsulas devem ficar por algumas horas de molho, para poder tirar as sementes com a necessaria cautela.
A planta viva nunca foi vista na Europa.

N.° 55. Regio III. (Apocynaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Arbor parva, formosa, 12–15 pedalis, foliis magnis coriaceis lucidis sempervirentibus, floribus albis, magnis hypocraterimorphis, amœnissime fragrantibus; fructus follicularis geminatus, mole, forma et colore fruct. citr. aurantiæ.
Obs. Semina membranis suberosis involuta (in optimo statu!)
In sylvis primitivis rupestr. Pungo Andongo. Maio 1857 leg. W.

N.° 56. Regio III. (Verbenaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Stachytarpha elegans Welw. Herb. Angol.
Suffrutex 2–3 pedalis ramosissimus, floribus violaceo, albo et purpureo-variegatis.
In dumetis prope Quitage inter Pungo Andongo et Cassange.
Martio 1857 leg. W.
Stirps rarissima unico loco a me observata!

N.° 57. Regio I. i. e. littoralis. (Convolvulaceæ.)
Districto: Loanda.
Ipomæa arachnosperma Welw. mspt.
Herba ⊙ longe lateque scandens, hirsutiuscula, foliis lobatis discoloribus, subtus argenteo-tomentillis, floribus vix pollicaribus roseo-purpureis, seminibus arachnoideo-villosis.
In dumetosis District. Loanda Junio 1858 leg. W.

N.° 58. Regio II. (Bixaceæ.)
Districto: Golungo Alto.
Bixa Orellana.
Arbuscula 12-pedalis et imo altior, pulchra, floribus roseo-purpureis sat magnis.
In sylvestribus District. Golungo Alto. Julio 1857 leg. W.

N.° 59. Regio III 3:500–3:600 ped. altit. (Bignoniaceæ Sect. Sesameæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Sesamum Angolense Welw. Herb. Angol.
Herba 3–5 pedalis, erecta, parce ramosa, floribus speciosis magnis digitaloideis violaceo-purpureis.
Habit. in dumetis arenosis prope Lombe.
1857 leg. W.
Obs. Certe nova et omnium hujus generis longe nobilissima species!

N.° 60. Regio III. (Solanaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Solanum (*Saponaceum* Welw. ad inter.)
Arbuscula 6–10 pedalis, sæpius frutex 4—5 ped. altus, tortuosa ramosa, foliis discoloribus, floribus albis fructu ovi columb. mole, nitido-sulphureo, a *Nigritis* cum aqua cocto *saponis instar* usitato!
In dumetis apricis prope Candumba District. Pungo Andongo.
1857 leg W.

N.° 61. Regio III. (Cæsalpiniaceæ.)
Districto: Pungo Andongo.
Cassia spec.!
Frutex (arborescens in sylvis primitivis, multicaulis in sylvis secundariis) foliis pinnatis, floribus racemosis magnis aureis. Stirps formosa culturæ dignissima.
In sylvaticis editior. District. Pungo Andongo.
1857 leg. W.

N.° 62. (Robiniaceæ Welw. Apont. Class. Leguminos. Sect. auct.)
Districto: Barra do Dande.
Canavalia Moneta Welw. mspt.

?Forsan Canav. miniatæ Dec. var. floribus purpureis et legumin. polysp., nam in nostra 5 – 6 sperm.!

Herba ⊙, late procumbens, floribus purpureis foliolis fere circularibus (obovato-rotundis).

Praia de S. Thiago.
Sept. 1858 leg W.

Semina plantarum rariorum vel minus cognitarum Regni Angolensis
Horto botanico cel. Universitatis Conimbricensis
Offert. gr. an. Frid. Welwitsch.

Numeri 63 usque 114 continent 52 species annis 1857 et 1858 lectas.

Obs. Numeri 1 — 62 qui imprimis arbores et plant. ornament. continent, seorsum sequuntur.

Loanda Africæ æcquin. 20 Nov. 1858.

N.° 63. Districto: Barra do Bengo. (Cucurbitaceæ).
Cucumis (chrysocarpa) Schum?
Herba ⊙ late diffusa, asperifolia, foliis pinnatifidolobulatis, fruct. elliptico, echinato et intense sulphureo.
In arenosis prope Cacuaco Aug. 1858 leg. W.

N.° 64. Districto: Loanda. (Convolvulaceæ).
Evolvulus Glechoma Welw. Herb. Angol.
Herba (perennis?) prostrata, hederæfolia, floribus.... luteis, calycibus fimbriatis.
In arvis æstate inundatis, agris Loandensis rarior.
Prope Quicuxe Maio et Junio 1858 leg. W.

N.° 65. Districto: Calumbo. (Ehretiaceæ.)
Heliophytum indicum. Flor. Nigrit.
Herba ⊙, 2 – 3 pedalis, patentim ramosa, floribus heliotropioideis pallide violaceis.
In humidiusculis inter Camama et Calumbo August. 1858 leg. W.

N.° 66. Districto: Icolo et Bengo. (Mimosaceæ.)
Dichrostachis sp. (aff. D. nutanti Benth.)
(Dichrostachys nutans Welw.! Apont. phytog. ast forsan a specie clar. Benth. diversa.)
Frutex arborescens, divaricato-ramosus, *ramis albidis,* floribus elegantissimis aurantiaco-roseis nutantibus.
In collinis pr. Foto. Sept. 1857 leg. W.

N.° 67. Districto: Barra do Dande. (Malvaceæ.)
Bombycella bicolor Welw. mspt.
Suffrutex erectus, parce ramosus, floribus albo-roseis nutantibus, gratiosis.
In palmetis ex Hyphæne coriacea compositis, ad Praia de S. Thiago. Sept. 1858 leg. W.

N.° 68. Districto: Libongo. (Brassicaceæ Lindl.)
Nasturtium (Clandestinaria) acaule Welw. Herb. Angol.
Herba ⊙ tenera, foliis pinnatisectis, rosulatis, pedunc. radicalibus; floribus racemosis minimis albovirentibus.
Stirps valde curiosa!!
In arenosis ad flumen Lifune. Sept. 1858 leg. W.

N.° 69. Districto: Libongo. (Leguminosæ Sect. auct.)
Psophocarpus Mabála Welw.
Herba late scandens, certe hujus generis nisi Diesingiæ species, floribus cæruleis, seminibus edulibus.
Legumina atro-fusca, alis latis fimbriatis tetraptera!
Herba et semina Nigritis *Mabála!*
In dumetis humidiusculis ad ripas fluminis Lifune.
Sept. 1858 leg. W.

N.° 70. Districto: Libongo. (Acanthaceæ.)
Frutex 3 – 4 pedalis, erectus, ramosus, rigidissimus, foliis junioribus sulphureo-tomentosis.
Denuo observandus!
In dumetosis sylv. editior. supra Banza de Libongo.
Sept. 1858 leg. W.

N.° 71. Districto: Icolo et Bengo. (Myrtaceæ.)
Psidium (guineense) Sw.?
Frutex arborescens; fructus parvi, Sorbi mole, extus flavo intus *albido*, sapidissimi, Fragariæ vescæ aroma mentiens.
In fruticetis District. Icolo et Bengo rarior.
Mart. 1857 leg. W.

N.° 72. Districto: Golungo Alto. (Tiliaceæ.)
Glyphæa Teucrioides Hook. fil. Flor. Nigritiæ 238.
Frutex arborescens, 8 – 12 ped. altus, habitu generis Grewia, ast certe optimum genus distinctum. Flores lutescentes marginali.
In sylvaticis District. Golungo Alto leg. W.
N. B. Semina cautissime e capsulis fructulisque extrahenda!

N.° 73. Districto: Ambaca. (Borragineæ.)
Trichodesma Ambacensis Welw. Herb. Angol.
Herba ♃ 2 – 2 1/2 pedalis, e basi ramosa, glancescens, floribus speciosis azureis, horticultoribus valde recomendanda!
(*N. B.* Est e sectione Friederichsthalia.)
In editis montosis District. Ambaca 1857 leg. W.

N.° 74. Districto: Angola. (Convolvulaceæ.)
Ipomœa oleracea Welw. Herb. Angol.
Herba prostrata 1 – 2 uncis sub-succulenta, Nigritis edulis, caules prostrati 5 – 10 pedales; flores cyanei.
In inundatis exsicantibus reg. litt. Julio 1858 leg. W.

N.° 75. Districto: Loanda.
Ipomœa multisecta Welw. Herb. Angol.
♃? Caulibus numerosis ramosissimis flagelliformibus stellatim procumbentibus; foliis tenuissime-laciniatis, corollis albis parvis campanulatis.
In stagnis exsiccatis prope Loandam Jun. 1858 leg. W.

N.° 76. Districto: Loanda. (Oenotheraceæ.)
Jussiœa spec.
Suffrutex 2 – 4 pedalis, palmatim ramosus, angustifolius, floribus luteis.
Habit. in humidis agri Loandensis. Aug. 1858 leg. W.

N.° 77. Districto: Loanda.
Cyperus spec.
In arenosis subhumidis regionis littoralis.
Stirps palmaris, umbellis compositis fulvo-aureis, elegantia insignis.
Junio 1858 leg. W.

N,° 78. Angola. (Convolvulaceæ.)
Evolvulus spec. affin. *Evolv. linifolio* Lin.
Herbula ⊙ elegans, ramosissima, floribus cyaneis.
In apricis collinis District. littoralium.
Cacuaco Julio 1858 leg. W.

N.° 79. Districto: Loanda. (Convolvulaceæ.)

Ipomœa geminiflora Welw. Herb. Angol.
In arvis neglectis agri Loandensis.
Herba ⊙ volubilis, parviflora. Junio 1858 leg. W.

N.° 80. Districto: Golungo Alto. (Tiliaceæ.)
Triumfetta spec.
Frutex validus, multicaulis, 5 – 8 pedalis, foliis lobatis flore flavo. Liber fabricandis cordis inservit. (Fructus echinati.)
In dumetis ad rivulum Quango District. Golungo Alto. Aug. 1857 leg. W.

N.° 81. Districto: Loanda. (Robiniaceæ Welw. Sect. Hedysareæ.)
Genus novum?
Suffrutex arbusculiformis annuus! 1 – 3 pedalis! trunculo ad basin semipollic. crasso, mox attenuato, toto spongioso! folia pinnata sensitiva, flores solitarii papilionacei flavicantes; legumina hedysaroidea! stirps curiosissima.
Ad paludes exsiccatas District. Loanda prope Alto das Cruzes.
April. 1858 leg. W.

N.° 82. Districto: Loanda. (Robiniaceæ Welw. Apont.)
Sesbania sphærocarpa Welw. Herb. Angol.
Anne forsan Sesbania pachycarpa DC. Prodr.??
Suffrutex gracilis 3 – 5 ped. altus, in humidis altior, flores flavi, legumina linearia apice subulata. Semina, quod rarum in genere, perfecte spherica!
In collinis dumetosis agri Loandensis *rara!*
C. flore et fruct. Febr. 1858 leg. W..

N.° 83. Districto: Ambaca.
Gossypium barbadense Lin. var. hirsutum.
Benth. Flor. Nigrit. p. 229.
Frutex 3 – 5 pedalis, ramis purpureis, nigro-punctatis molliter villosis, fere hirsutis.
In cultis relictis hinc inde spontaneum, non indig.!
In dumetosis olim cultis prope *N'gombe*. District. Ambaca 1857 leg. W.

N.° 84. Districto: Loanda. (Solanaceæ.)
Datura alba Nees ab. Es.
⊙ omnino a Datura Stramonium Lin. *diversa*.
In arvis neglectis territor. Loandensis.
Quiconxe Julio 1858 leg. W.

N.° 85. Districto: Barra do Bengo. (Robiniacea Welw. Apont. Legumin. Sect. auctor.)
Lablab (cultratus?) D. C. Prod. 2 p. 402.
Herba scandens, floribus violaceo-purpureis.
Habit. in dumetis prope Cacuaco. Julio 1858 leg. W.

N.° 86. Districto: Libongo. (Robiniaceæ Welw. Apont.)
Herba ut vidi perennis 1 – 3 pedalis; caule ramoso volubili, foliis pinnatis, floribus magnis solitariis albidis.
Habit. in arvis ad flumen *Lifune* District. Libongo. (non examinavi) Anne gen. nov.?
Sept. 1858 leg. W.

N.° 87. Districto: Pungo Andongo. (Oxalideæ!)
Biophytum Umbraculum Welw. Herb. Angol.
Herba ⊙, tenera, 1 – 2 pollicaris, elegantissima, maxime *sensitiva*, observatione ulteriori dignissima, ab unica hujus generis specie, B. *sensitivo* in DC. Prod. descripta, toto cælo diversa.
Habit. in apricis herbidis District. Pungo Andongo.
Semina quæ minima, caute enucleanda.
Plantulas quasdam integras cum capsulis maturis transmitto, ineunte autumno 1857 cultas W.

N.° 88. Districto: Ambaca. (Cæsalpiniaceæ.)
Cassia spec. Cass. *gracillima* nobis.
Suffrutex basi lignescens 2 ½ – 3 pedalis erectus, foliis multijugis, foliolis minimis lineari-oblongis basi inæqualibus glabriusculis.
In sylvestribus District. Ambaca rarissima 1857 W.

N.° 89. Districto: Golungo Alto. (Asclepiadeæ.)
Genus vix descriptum.
Herba frutescens alte scandens, lactescens, floribus speciosis violaceo-purpureis, foliis magnis cordatis *Spinaceæ* more *edulibus!* folliculi lignosi elongati ovati obtusi. Pulchra planta. In sylvis humidis 1857 leg. W.
Rarissime fructificat! (Valde recomendatum velim!)

N.° 90. Districto: Golungo Alto. (Asclepiadeæ.)
Herba late scandens, volubilis, lactescens, foliis cordatis, floribus albis, folliculis divaricatis aculeis herbaceis obsitis! In dumetis District. Golungo Alto. 1857 leg. W.

N.° 91. Districto: Barra do Dande.
Ipomœa Pes Capræ R. Br.
In arenosis maritimis Praia de S. Thiago.
Herba spectabilis, sarmentis succulentis floribus roseo-purpureis majusculis. Sept. 1858 leg. W.

N.° 92. Districto: Golungo Alto. (Apiaceæ Lindl. Umbelliferæ auct.)
Alvardia spec.?
Herba 3 – 4 pedalis superne ramosa; folia composita.
Habitus Alvardiæ arboreæ nob.
In umbrosis ad rivulos District. Golungo Alto. 1857 leg. W.
N. B. Umbelliferæ in Africa æquinoctiali rarissimæ!

N.° 93. Districto: Golungo Alto.
Crotalaria arborescens Lam.?
Frutex valde ramosus 4 – 7 pedalis, foliolis 3 obovatis, floribus magnis flavo aurantiaceis, legumine cylindrico dense longique albo-hirsuto.
Habitus exacte Spartii!!
In dumetosis sylvaticis District. Golungo Alto. Aug. 1857 leg. W.

N.° 94. Districto: Loanda et Barra do Bengo.
Gossypium vitifolium Lin.
Frutex 6 – 8 pedes altus, ramosissimus.
Habit. spontan. in cultis relictis et circa habitationes ast certe non Floræ Angolensis indigenum.
Quiconxe Martio 1858 leg. W.

N.° 95. Districto: Golungo Alto.
Solanum tinctorium Welw. mspt.
Herba ⊙ decumbens, ramosa, foliis lato-ovatis, floribus albicant. baccis magnis cerasiformibus succo purpureo tingente persistente scatentibus.
In cultis neglectis District. Golungo Alto.
Cum fr. mat. hyeme 1857 leg. W.

Districto: Zenza do Golungo (Rubiaceæ.)
Arbuscula 10 – 15 pedalis nonisi in statu quasi *aphylle* et solumodo fructifero a me visa.
Obs. Capsulæ, placentæ, seminumque structura curiosissima absque dubio *novum genus* indigitant, ast flores desunt. Certe a Rubiacearum familia!
In collinis sylvestribus ad sinistram rivuli Chixe District. Zenza do Golungo Sept. 1857 leg. W.
N. B. Semina et *placentas* separ. junxi.
Capsula lignosa-crustacea in apice . . . calycis coro-

nata, bivalvis, bilocularis, loculis 5–7 polyspermis, seminibus late membranaceo-fimbriatis, obovato-ellipsoideis; albumen parvum embryonem rectum cingens; cotyledones planæ!

Stirps ob generis determinationem culturæ maximopere recommendandum. W.

Districto: Pungo Andongo. (Cæsalpiniaceæ!)

Anne *Cassiæ spec.* arborescens.?

Arbor mediocris, sæpius arbuscula 10–15 pedalis, foliis pinnatis glaucescentibus.

Flores necdum vidi, nec fructus caute examinandi tempus . . . fuit observanda!

Habit. in sylvestribus ad flumen Quanza, prope Sanzamanda 1857 leg. W.

Obs. Unicum arbusculnm parce fructiferum inveni, ast semina quæ transmitto in optimo statu conservata.

Nigritis *Mucombe!*

N.° 98. Districto: Loanda.

Heliotropium micranthum Welw. Herb. Angol.

In graminosis æstate inundatis agri Loandensis.

Herba ⊙ pedalis, erecta, angustifolia, floribus albidis minimis.

Maio 1858 leg. W.

Obs. Genus verificandum! Anne Heliophyti spec.?

N.° 99. Districto: Loanda. (Zygophyllaceæ.)

Tribulus cistoides Flor. Nigrit.

Herba prostrata floribus magnis aureis.

In apricis pr. Loanda Junio 1858 leg. W.

N.° 100. Districto: Pungo Andongo. (Panicaceæ Welw. Apont. Gramineæ auct. pl.)

Eleusine Luco Welw. ad interim.

Gramen in herbidis inter Pungo Andongo usque Cassange etc. spontaneum, et etiam frequens *cultum*, incolis istarum regionum utilissimum, ciborum et cerevisiæ materiam præbens.

?Anne forsan *Eleusine cerealis* Ehrbg.! quæ in Nubia et Egypto cultur? Aput Nigritis vocatur *Luco*.

Legi seminiferum prope Pedras de Guinga omnino spontaneum 1857 Welw.

N.° 101. Districto: Golungo Alto (Caryophyllaceæ.)

Mollugo bellidifolia Ser.!

Herba annua 3–5 pollicaris erecta, foliis radicalibus rosulatis, obovato-spathulatis, floribus albis parvis.

In cultis neglectis prope Canquezadange District. Golungo Alto 1857 leg. W.

N.° 102. Districto: Golungo Alto. (Convolvulaceæ.)

Calonyction speciosum Choisy!

Herba volnbilis, floribus albis speciosis nocte imprimis fragrantibus.

Ad rivulos in sylvestribus 1857 leg. W.

N.° 103. Districto: Pungo Andongo. (Acanthaceæ.)

Genus vix descriptum.

Herba perennis, 2–3 pedalis, ramosa, floribus majusculis albo-roseis, Gladiolum fingentibus, subnutantibus.

Habit. in dumetis sylvestris totius District. Pungo Andongo 1857 leg. W.

N.° 104. Barra do Dande. (Ehretiaceæ.)

Coldenia Angolensis Welw. mspt. in Herb. Angol.

Planta ⊙ admodum singularis, nervis foliorum *sinubus vel dentibus* correspondentibus. Confer. D. C. Prod. IX p. 558.

Obs. Genus necdum hucusque in *Africæ totius continente* observatum habitu quodammodo heliotropiis simili; species nostra forsan solummodo Coldeniæ procumbentibus Lin. variet., ast *nuces* diversæ videntur.

Ad margines lacus prope Bombo, Barra do Dande, nec non aliis locis in regione littorali Sept. 1858 leg. W.

N.° 105. Districto: Ambaca. (Byttneriaceæ.)

Xeropetalum (spec. probab. nova.)

Arbuscula vel frutex arborescens 8–12 pedalis, floribus speciosis albo-roseis.

Ad rivulos District. Ambaca rarius obviam!

N. B. Stirps pulchra culturæ valde comendanda!

Autumno 1857 leg. W.

N.° 106. Pungo Andongo. (Polygonaceæ.)

Diplopyramis æthiopica Welw. in Semin. ad h. bot. Univ. Conimbr. mis.

Herba ⊙ plerumque ascendens, parce ramosa habitu Raphanum mentiens, floribus albis, antheris cæruleis, fructu utrinque pyramidato-acuminato.

Habit. in arvis neglectis totius District. Ambaca et Pungo Andongo.

Genus certe indescriptum! Cum fructu aestate 1857 leg. W.

N.° 107. Golungo Alto. (Liliaceæ.)

Albuca Angolensis Welw. Herb. Angol.

Herba bulbosa, longifolia, scapo 3–4 pedalis, floribus racemosis intense flavis.

In herbidis sylvestribus District. Golungo Alto 1857 leg. W.

N.° 108. Pungo Andongo. (Taccaceæ.)

Tacca Quanzensis Welw Herb. Angol.

Herba radice tuberosa farinacea, pedunculo scapiformi, floribus involucro 6–phylto cinctis. Stirps curiosissima; folia omnia radicalia iis aroidearum (Amorphophalide) similia.

In pratis humidis ad flumen Quanza nec alibi a me visa!

1857 leg. W.

N.° 109. Pungo Andongo. (Robiniaceæ Welw. Apont. Fabaceæ Sect. I. Lindl.)

Sesbania spec. (probabilit. nova.)

Arbuscula *annua*, 10–12 pedalis, elegantissima, foliis pluri-jugis, floribus racemosis luteis, racemis nutantibus.

Habit. in dumetis subhumidis ad flum. Quanza.

(Legumina pedalia!) Paucissima solummodo semina legi Martio 1857 W.

N.° 110. Districto: Pungo Andongo. (Euphorbiaceæ.)

Phyllanthus (scoparius Welw. ad inter. in Herb. Angol.)

Herba ⊙, erectiuscula, 1–2 pedalis, gracilis, scoparie-ramosa foliis lineari-oblongis, subglaucescentibus.

In arenosis ad flumen Quanza 1857 leg. W.

N.° 111. Pungo Andongo. (Verbenaceæ.)

Lantana spec.

Herba radice lignosa perennis, prostrata vel erectiuscula 1–1 ½ pedalis, habitu Lantanæ, floribus roseo-violaceis, albo-roseis vel purpureis, baccis violaceo-purpureis *edulibus!* Hab. in dumetis apricis petrosis pr. Candumba.

Planta et florifera et fructifera æque elegans. Baccæ (i. e. drupæ baccatæ) gratiss. dulci acidulæ. 1857 leg. W.

N.° 112. Districto: Loanda. (Crassulaceæ.)

Kalanchoe spec.
Anne K. crenata Haw.
Suffrutex carnosus glaucescens, floribus luteis.
In petrosis District. Loanda rarior 1858 leg. W.

N.º 113. Pungo Andongo. (Anonaceæ.)
Genus affine *Uvariæ* vel novum!
Frutex validus alte scandens, foliis coriaceis insigniter nitentibus, floribus axillaribus flavescentibus.
Stirps amabilis sylvas primit. valde decorans!
In sylvis primit. District. Pungo Andongo. 1857 leg. W.
Albumen, uti typice in hac familia, *ruminatum*.
Semina in optimo statu! cautissime a fructu tenacissimo separanda!

N.º 114. Pungo Andongo. (Liliaceæ.)
Herba 2 pedalis vel sesquipedalis, habitu *Antherici* foliis cylindr. fistulosis, scapis erectis racemosis.
Flores nondum vidi?
In sylvis Pedras de Guinga District. Pungo Andongo.
C. fructu. 1857 leg. W.

N.º 115. Barra do Dande. (Nymphæaceæ.)
Nymphæa Lotus. Pal. de B.!
Omnium specierum hujus generis pulcherrima; foliis diam. *pedali* et magni, floribus maximis violaceis.
Habit. in lacubus ad ripas fluminis Dande.
Tubera radicalia Sept. 1858 leg W.

N.º 116. Pungo Andongo circa 3:500 ped. elevat.
Gloriosa superba Lin.!
Herba scandens vel stans, foliis carnosulis lucidis apice cirrhosis, floribus speciosis.
É a rainha das Liliaceas da Africa tropical
In montosis apricis humo diviti prope Pungo Andongo.
Tubera Martio 1857 leg. W.

N. B. Achei sob este numero um embrulhinho contendo tres tuberculos da planta envolvidos em musgo e com a recommendação seguinte: Offerecido ao sr. Bento Antonio Alves, para multiplicar os tuberculos e depois distribui-los como julgar mais conveniente para a conservação *da especie*. Welw.

RELAÇÃO DAS PLANTAS NASCIDAS DA COLLECÇÃO DE SEMENTES DA FLORA ANGOLENSE REMETTIDAS PELO DR. FREDERICO WELWITSCH EM 27 DE NOVEMBRO DE 1858

Familias	Numeros da collecção	Jardins em que nasceram
Cyperaceas	37	Lumiar.
Commelynaceas	20	Coimbra, S. Miguel e Lumiar.
Phœnicaceas	1, 3, 48	Necessidades, Coimbra, S. Miguel e Lumiar.
Liliaceas	116	Estufa no quintal de Bento Antonio Alves.
Asteraceas	34	S. Miguel.
Convolvulaceas	11, 12, 57, 64, 74, 75, 78, 79, 102	Coimbra, S. Miguel e Lumiar.
Ehretiaceas	65, 104	Coimbra.
Solanaceas	84, 95	Coimbra.
Bignoniaceas	59	Coimbra.
Verbenaceas	56, 111	Coimbra e S. Miguel.
Bixaceas	58	Coimbra e S. Miguel.
Malvaceas	83, 94	Coimbra.
Byttneriaceas	105	Coimbra.
Oxalideas	87	Coimbra.
Cappardeas	26	Coimbra, S. Miguel e Lumiar.
Brassicaceas	68	Coimbra.
Portulacaceas	33	S Miguel e Lumiar.
Oenotheraceas	76	Coimbra.
Myrtaceas	71	Coimbra.
Leguminosas	7, 8, 9, 23, 24, 27, 28, 32, 50, 62, 69, 81, 82, 85, 86, 93, 109	Necessidades, Coimbra, S. Miguel e Lumiar.
Cæsalpiniaceas	16, 40, 47, 61, 88	Idem, idem.

OBSERVAÇÕES

Na Real Quinta das Necessidades a sementeira fez-se em Maio, as plantas notadas estão em bom estado e conservam-se na estufa onde nasceram; as outras sementes da collecção, semeadas na mesma occasião, ainda não nasceram: 15 de Outubro de 1858.

No Jardim Botanico de Coimbra a sementeira foi feita a 12 de Maio ao ar livre, e as plantas, até 4 de Novembro, achavam-se em bom estado e já convenientemente abrigadas: 4 de Novembro de 1859.

No Jardim e Estufa do sr. José do Canto, na ilha de S. Miguel, effectuou-se a sementeira logo no fim de Fevereiro, nascendo em Março 19 especies, 1 em Abril e 2 em Junho. As 22 especies nascidas estão robustas e conservam-se em bom estado; o jardineiro espera que ainda nasçam outras, porque encontra algumas sementes muito sãs: 31 de Outubro de 1859.

No Jardim do Lumiar fez-se a sementeira em principios de Março, e no 1.º de Abril encontrámos nascidas 15 especies; em uma segunda visita em 3 de Julho, mais 3 especies, e finalmente, em 4 de Novembro, mais 3 especies. Das 21 especies acham-se muitas expostas ao ar livre, e algumas trepadeiras com 2 a 5 metros de altura: 4 de Novembro de 1859.

Privados dos meios precisos para exercitar uma cultura mais apurada, apenas podémos conseguir as plantas dos numeros 8, 23, 26, 28, 47, 48, 61 e 116, conservando-se as especies arbustivas ainda em bom estado.

Nunca esperámos que germinassem algumas das sementes d'esta collecção preciosa que o Dr. Welwitsch remetteu depois de minuciosamente examinada, e ter contestado o seu estado são; taes eram as dos numeros 19, 21, 43 e 44, que encontrámos perdidas na occasião de effectuar a recommendada distribuição; este lamentavel estado foi tambem reconhecido pelo sr. José do Canto, e sem duvida o acreditâmos devido á alteração occorrida durante a viagem; não obstante e apesar d'este prejuizo, de que talvez nos não possamos indemnisar, vemos com satisfação apparecerem nos nossos jardins mais 29 especies, pela maior parte novas, esperando comtudo que algumas outras venham, poisque se conservam enterradas as sementes ainda em bom estado tanto no jardim do sr. José do Canto como no do Lumiar, e naturalmente nos outros jardins.

Lisboa, 15 de Novembro de 1859.

Bento Antonio Alves.

Nota.—Motivos independentes da redacção do Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino, demoraram a publicação d'este numero.

Esta circumstancia permittiu que n'elle se inserisse o catalogo da interessante collecção de sementes enviada de Angola pelo sr. Dr. Welwitsch. Não tendo porém elle sido ordenado para a imprensa, foi necessario organisa-lo para ser publicado, sem que, pela estreiteza de tempo, podesse ser consultado o illustre auctor.

Junta-se tambem a noticia dos resultados até agora conhecidos da cultura d'aquellas sementes.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.